

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
FACULDADE DE MEDICINA  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA  
MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE PÚBLICA

André Feitosa de Sousa

**VERSO E AVESSE DA SOMBRA: TESSITURA DE PROFANAÇÃO SENSÍVEL  
(PENSARTECORPO NA EXPERIÊNCIA DE BIOÉTICA E AIONÉTICA)**

FORTALEZA, DEZEMBRO DE 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
FACULDADE DE MEDICINA  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA  
MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE PÚBLICA

asuos ed asotief érdna | andré feitosa de souza

**VERSO E AVESSE DA SOMBRA: TESSITURA DE PROFANAÇÃO SENSÍVEL  
(PENSARTECORPO NA EXPERIÊNCIA DE BIOÉTICA E AIONÉTICA)**

FORTALEZA, DEZEMBRO DE 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
FACULDADE DE MEDICINA  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA  
MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE PÚBLICA

asuos ed asotief érdna | andré feitosa de souza

**VERSO E AVESSE DA SOMBRA: TESSITURA DE PROFANAÇÃO SENSÍVEL  
(PENSARTECORPO NA EXPERIÊNCIA DE BIOÉTICA E AIONÉTICA)**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE  
MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE PÚBLICA DA FACULDADE DE  
MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, COMO REQUISITO  
PARCIAL PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM SAÚDE PÚBLICA.

PROFESSOR DOUTOR FRANCISCO URSINO DA SILVA NETO  
(DISORIENTADOR)

FORTALEZA, DEZEMBRO DE 2014

# UM FICHAMENTO ESTADO-POLICIAL E SEUS ARQUIVOS

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Biblioteca de Ciências da Saúde

---

S696v Sousa, André Feitosa de.

Verso e avesso da sombra: tessitura de profanação sensível (pensartecorpo na experiência de bioética e aionética) / André Feitosa de Sousa. – 2014.

680 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Medicina, Departamento de Saúde Comunitária, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Mestrado em Saúde Pública, Fortaleza, 2014.

Área de Concentração: Saúde Coletiva.

Orientação: Prof. Dr. Francisco Ursino da Silva Neto.

1. Amor. 2. Adaptação à Escuridão. 3. Resistência à Tração. 4. Discinesias. 5. Magia. I.  
Título.

---

CDD 362.10422



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
FACULDADE DE MEDICINA  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA  
MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE PÚBLICA

asuos ed asotief érdna | andré feitosa de souza

**VERSO E AVESSE DA SOMBRA: TESSITURA DE PROFANAÇÃO SENSÍVEL  
(PENSARTECORPO NA EXPERIÊNCIA DE BIOÉTICA E AIONÉTICA)**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO CURSO DE  
MESTRADO EM SAÚDE PÚBLICA DA FACULDADE DE MEDICINA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, COMO REQUISITO PARCIAL PARA A  
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM SAÚDE PÚBLICA.

AVALIADO EM 11 DE DEZEMBRO DE 2014.

**COMITÊ DE CRÍTICA E APRECIÇÃO ESTÉTICA:**

**PROF. DR. FRANCISCO URSINO DA SILVA NETO (DISORIENTADOR)**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

**PROF. DR. VINÍCIUS NICASTRO HONESKO**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

**PROF. DR. CID OTTONI BYLAARDT**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

**PROFA. DRA. ROSA CRISTINA PRIMO GADELHA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA, DEZEMBRO DE 2014

**VERSO E AVESSE DA SOMBRA: TESSITURA DE PROFANAÇÃO SENSÍVEL  
(PENSARTECORPO NA EXPERIÊNCIA DE BIOÉTICA E AIONÉTICA)**

Dissertação em Saúde Pública, defendida e aprovada em 11 de dezembro de 2014.  
Apresentada à Banca Examinadora composta pelos Professores-Avaliadores:



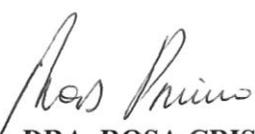
**PROF. DR. FRANCISCO URSINO DA SILVA NETO**  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA – UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO CEARÁ  
*Presidente*



**PROF. DR. VINÍCIUS NICASTRO HONESKO**  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Docente no Programa de Pós-Graduação em História  
*Membro*



**PROF. DR. CÍD OTTONI BYLAARDT**  
DEPARTAMENTO DE LITERATURA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
Docente no Programa de Pós-Graduação em Letras  
*Membro*



**PROFA. DRA. ROSA CRISTINA PRIMO GADELHA**  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE – UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
*Membro*

CANDIDATO: André Feitosa de Sousa

FORTALEZA, DEZEMBRO DE 2014

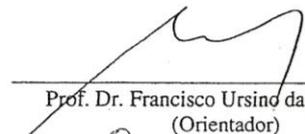


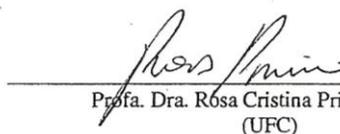
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE MEDICINA  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

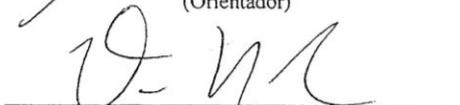
ATA DA SESSÃO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE ANDRÉ FEITOSA DE SOUSA, REALIZADA NO DIA ONZE DE DEZEMBRO DE DOIS MIL E CATORZE.

1 Às nove horas do dia onze de dezembro de dois mil e catorze, na Sala 2 - Mezanino 2 do  
2 Centro de Eventos do Ceará, sito à Av. Washington Soares, 999 – Bairro Edson Queiroz,  
3 Fortaleza - CE, realizou-se a 323ª. Sessão de Defesa da Dissertação de Mestrado de autoria de  
4 ANDRÉ FEITOSA DE SOUSA. O trabalho tinha como título: “**VERSO E AVESSE DA**  
5 **SOMBRA: PENSARTECORPO NA EXPERIÊNCIA DE BIOÉTICA E AIONÉTICA**”.  
6 Compunham a Banca Examinadora os doutores: **VINÍCIUS NICASTRO HONESK, ROSA**  
7 **CRISTINA PRIMO GADELHA, CID OTTONI BYLAARDT E FRANCISCO URSINO DA**  
8 **SILVA NETO (ORIENTADOR)**. A sessão foi aberta pelo professor doutor FRANCISCO  
9 URSINO DA SILVA NETO, orientador, que apresentou a Banca Examinadora e o candidato.  
10 Após a exposição, seguiu-se o processo de arguição do mestrando. O primeiro examinador foi o  
11 **PROF. DR. VINÍCIUS NICASTRO HONESK**, logo após procederam à arguição os  
12 professores doutores **ROSA CRISTINA PRIMO GADELHA, CID OTTONI BYLAARDT E**  
13 **FRANCISCO URSINO DA SILVA NETO**. Em seguida a Banca Examinadora se reuniu  
14 reservadamente a fim de avaliar o desempenho do candidato. Por unanimidade a Banca  
15 Examinadora considerou APROVADO o trabalho do mestrando. Nada mais havendo a  
16 relatar a sessão foi encerrada às 12:30 horas.

17  
18

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Francisco Ursino da Silva Neto  
(Orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Rosa Cristina Primo Gadelha  
(UFC)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Vinícius Nicastro Honesko  
(UFPR)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Cid Ottoni Bylaardt  
(UFC)

– *Amor.*

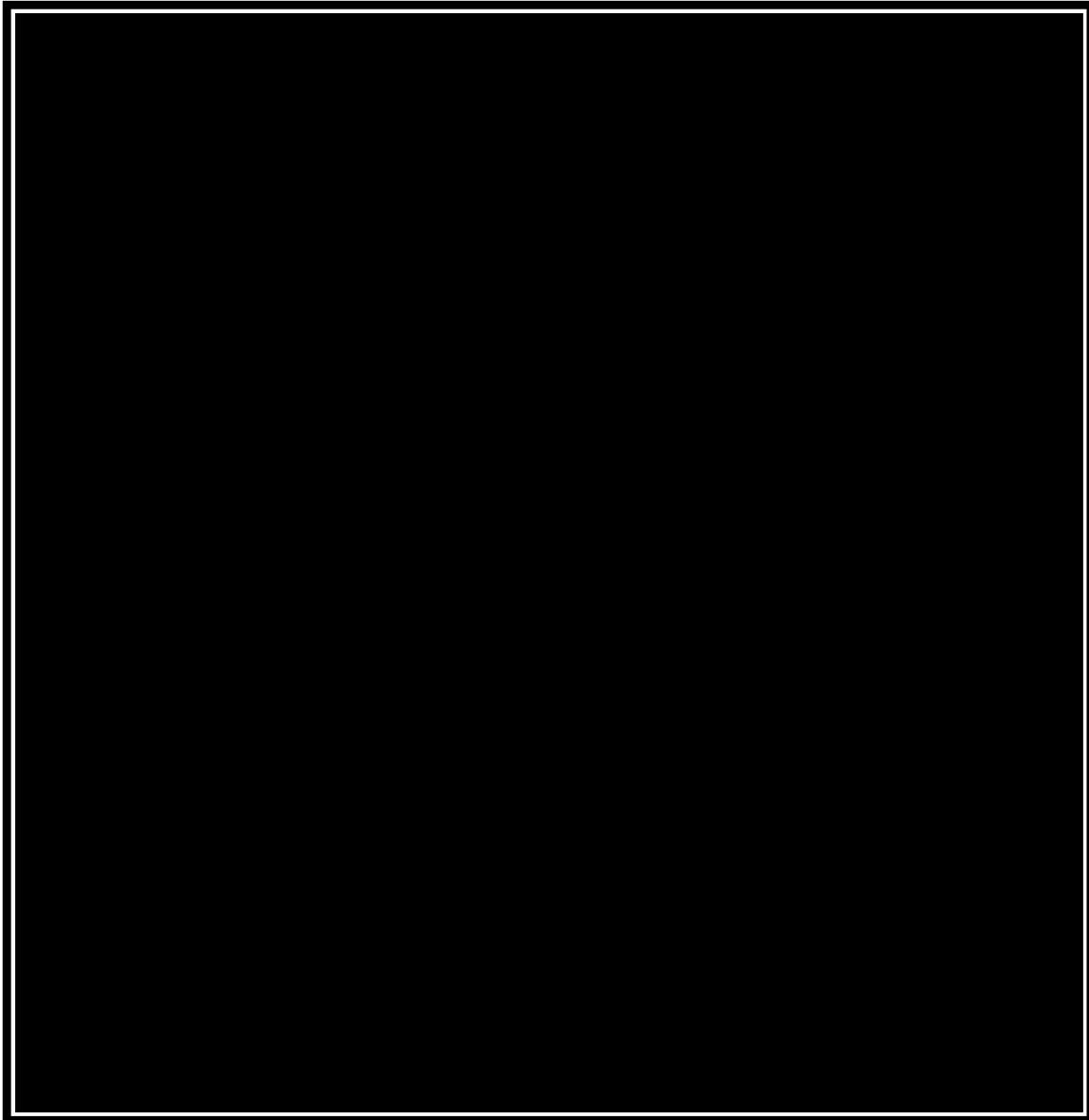
*Sem pestanejar respondeu o garoto ao ser indagado sobre qual o preço dele pra ser levado pra cama.*

*Caro demais - preferiu procurar outro homem.*

Eve Brèal, 21 de maio de 2013  
(<http://welstschmerz.blogspot.com.br/>)

## AGRADECIMENTOS

[Gentileza, também o povo de 2114, colocar o seu nome completo aqui.]



“Os barrocos diziam fuscum subnigrum. A nossa alma é isso: um fundo sombrio. Ela é... os murmúrios do povo, as orações dos crentes, os volteios das ondas, o barulho das estrelas, os gritos das moléculas – isso é o fundo da nossa alma! Ela é, então, um fundo sombrio – e esse fundo sombrio é exatamente aquilo que os pintores barrocos colocavam no fundo dos seus quadros. Você pega uma tela do Caravaggio: o fundo da tela é marrom e vermelho; e marrom e vermelho é o fundo sombrio. (...) daquele fundo sombrio se ergueriam as percepções claras. Davi segurando a cabeça de Golias, de Caravaggio. (...) Nós sabemos que somos constituídos por uma noite infinita e escura; e que dessa noite infinita e escura saem pequenas luzes que formam a nossa vida consciente. (...) Então, todos nós nos identificamos no fundo sombrio e nos diferenciamos nas percepções claras.” – Claudio Ulpiano

... **salus populi suprema lex esto** .....

*“La melancolía no sería tanto reacción regresiva ante la pérdida del objeto de amor, sino la capacidad fantasmática de hacer aparecer como perdido un objeto inapropiable.”* –

Giorgio Agamben

*“Philosophy's next task is to think of a politics and an ethics that are freed of the concepts of duty and effectiveness.”* –

Giorgio Agamben

*“The profanation of the unprofanable is the political task of the coming generation.”* – Giorgio Agamben

*“The scission in question is that between poetry and philosophy, between the poetic word and the word of thought. This split is so fundamental to our cultural tradition that Plato could already declare it ‘an ancient enmity.’ ... the scission of the word is construed to mean that poetry possesses its object without knowing it while philosophy knows its object without possessing it.”* – Giorgio Agamben

*“Porque o amor nunca escolhe uma determinada propriedade do amado (o ser-louro, pequeno, terno, coxo), mas tão-pouco prescinde dela em nome de algo insipidamente genérico (o amor universal):*

*Ele [o amor] quer a coisa com todos os seus predicados, o ser tal qual é.*

*Ele [o amor] deseja o qual apenas enquanto tal – este é o seu particular fetichismo.*

*Assim, a singularidade qualquer (o Amável) nunca é inteligência de algo, de determinada qualidade ou essência, mas apenas inteligência de uma inteligibilidade.”* – Giorgio Agamben

... **salus populi suprema lex esto** .....

pouvoir destituant

potência-do-não

avesso **suprema lex esto** .....

## **VERSO E AVESSE DA SOMBRA: TESSITURA DE PROFANAÇÃO SENSÍVEL (PENSARTECORPO NA EXPERIÊNCIA DE BIOÉTICA E AIONÉTICA)**

### **RESUMO:**

Tratou-se de um experimento Mítico-Erótico no suporte da BioÉtica-Aionética-Ética-da-Vida por meio de uma cultura da Skótos (Sombra) em solução abstrato-teórico-filosófica (vide procedimentos em Giorgio Agamben) onde se desenvolveram cepas híbridas de idiopaticidade e de criptogenicidade que foram inoculadas no galo-de-Sócrates-para-Asclépio em vias de administração da oralidade, do rito, da espiritualidade, da filosofia, das humanidades e das artes (dança-Butô, teatro, performance, música, cinema, pintura, fotografia, literatura epistolar, poética, biográfica) com o propósito de observar uma sintomatologia do Contemporâneo e seus possíveis efeitos adversos (Contra-Temporâneos) nos corpos da potência, diferença, sensações e afetos. Ao descrever os processos de mutações que se efetivaram nesse protocolo, constatou-se que o próprio campo da Linguagem empreendeu uma curva endógena (experiência sobre si mesmo), em dobraduras que resistiram às configurações fixadas para um uso da gramática e/ou da finalidade identitária. Nessa zona limítrofe-laboratorial das variáveis no Pensamento e na Linguagem (Fora), enquanto a Subjetividade e os Saberes dos Modernos espargiram-se nas intensidades da imanência, persistiu uma estrutura expelida da Pólis arcana, uma arké da feiticeira no Sertão, outrora marginal ao tratamento que o Discurso-Verdade recebe na poesia (das Musas) e na filosofia (do Lógos), nos termos da Lei (Nómos) e da Ordem (Kósmos). A análise para a coleta dos dados restritos ao presente sugere a multiplicidade de novos estudos a partir da intersecção de metodologias de conhecimento tácito em camadas distintas da virtualidade. Por fim, esse trabalho declara conflito de interesses às problemáticas da sua época, atinente às influências dos Pós-Modernos, dos Pós-Estruturalistas e dos Contemporâneos no pensamento da Saúde e do Cuidado.

**DESCRITORES EM CIÊNCIAS DA SAÚDE (DECS/BVS):** AMOR; ADAPTAÇÃO À ESCURIDÃO; RESISTÊNCIA À TRAÇÃO; DISCINESIAS; MAGIA.

**PALAVRAS-CHAVE FILOSÓFICAS:** ÉROS; SKÓTOS; POTÊNCIA-DO-NÃO; ANARQUISMO; BRUXARIA.

**[THE] REVERSE AND [THE] OPPOSITE OF DARKNESS: TEXTURE OF SENSITIVE PROFANATION (THINK´ART-BODY WITHIN THE EXPERIENCE OF BIOETHICS AND AIONETHICS)**

**ABSTRACT:**

A Mythical-Erotic experiment in BioEthics-AionEthics-Life Ethics as substantiated by a culture of Skotos (Darkness) in an abstract-theoretical-philosophical solution (see procedures in Giorgio Agamben) within which hybrid strains of idiopathy and cryptogenicity were developed and inoculated in Socrates's Cock-for-Asclepius during the process of administration, of orality, of the rite, of spirituality, of philosophy, of the humanities and of the arts (Butoh dance, theater, performance, music, cinema, painting, photography, epistolary literature, poetics, biography), with the aim of observing a symptomatology of the Contemporary and its possible adverse affects (Counter-Temporaries) upon the bodies of potency, difference, sensations and facts. In describing the processes of mutations that took place within that protocol, it became clear that the field of Language itself had performed an endogenous curve (experience of oneself) in folds that resisted fixed configurations for grammar and/or identity purposes. Whereas, in this coterminous laboratorial zone of variables in Thought and Language (Outside), Subjectivity and the Knowledge of the Moderns spread throughout the intensities of immanence, one structure that had been expelled from the arcane Polis lives on – an arche of witchcraft in the Sertão, once marginal to the treatment that Truth-Discourse given to poetry (by the Muses) and to philosophy (by the Logos), in terms of Law (Nomos) and Order (Kósmos). The analysis of data collection restricted to the present suggests the multiplicity of new studies based on the intersection of methodologies of tacit knowledge in distinct layers of virtuality. Finally, this thesis declares a conflict of interests with the problems of its age, pertaining to the influence of the Postmoderns, the Poststructuralists and the Contemporaries upon Health and Care thinking.

**HEALTH SCIENCES DESCRIPTORS (DECS/BVS):** LOVE; DARK ADAPTATION; TENSILE STRENGTH; DYSKINESIAS; MAGIC.

**PHILOSOPHICAL KEY-WORDS:** ÉROS; SKÓTOS; POTENTIAL-NOT-TO; ANARCHISM; WITCHERY.

# **VERSO E AVESSE DA SOMBRA: TESSITURA DE PROFANAÇÃO SENSÍVEL (PENSARTECORPO NA EXPERIÊNCIA DE BIOÉTICA E AIONÉTICA)**

Sumário

## **[APENAS UM TEXTO INVENTADO: PRIMEIRO LIVRO]**

[Página 16]

**PARTE i:** Sui-generis da Pesquisa, Pesquisa do Gênero-Próprio-de-Si

[Página 16]

i.A) DIA ROUBADO

[Página 16]

i.B) ENTRE FERAS

[Página 27]

**PARTE ii:** Saber-Experiência e seu encantamento-objeto

[Página 42]

*“A poesia/ Quando chega/ Não respeita nada...*

[Página 57]

**PARTE iii:** Alianças Teóricas – Arte, Saúde e Potência

[Página 65]

iii.A) PALAVRAS SOBRE ARTE E POTÊNCIAS

[Página 65]

iii.B) PALAVRAS SOBRE SAÚDE E POTÊNCIAS

[Página 70]

iii.B, título) Nome apagado

[Página 70]

iii.B, título) Não é um homem

[Página 79]

**PARTE iv:** Prometeu, Promessa

[Página 98]

iv.A) BARRA 001 – Pós-Teatro, Pós-Roubo, Pós-Sacana, Pós-Amor

[Página 98]

iv.B) BARRA 002 – O Lado-B

[Página 149]

iv.B) BARRA 003 – Cartas Aeronáuticas: O Galo e a Gala

[Página 165]

**ANEXOS: PORTFÓLIO (CORTEJO DE UMA OBRA): PROFANAÇÕES, PROVOCAÇÕES**

[Página 192]

UM RITO-DANÇA-PERFORMANCE

(Ato 1 – Qualificação)

[p. 193]

UM RITO-DANÇA-PERFORMANCE

(Ato 2 – Slides para Qualificação)  
[p. 201]

UM RITO-DANÇA-PERFORMANCE  
(Ato 3 – Gravação do Filme para Defesa)  
[p. 217]

UM RITO-DANÇA-PERFORMANCE  
(Ato 4 – Defesa)  
[p. 224]

.  
. .  
.

**[TESSITURA DE PROFANAÇÃO SENSÍVEL - UMA EXPERIMENTAÇÃO DE AFETOS: SEGUNDO LIVRO]**

[Página 233]

UM AVESSE NA POTÊNCIA-DO-NÃO: MODOS E MULTIPLICIDADES NO AGIR  
COMPASSIVO CORTEJO DA OBRA  
[Página 233]

DOS FAMINTOS ESGRIMISTAS, OU FANTASMAS DE UMA CENA PRIMEVA  
[Página 236]

**PARTE I – AS CARTAS**  
[Página 240]

23.10.2013	[p. 244]
25.10.2013	[p. 261]
27.10.2013	[p. 279]
29.10.2013	[p. 244]
31.10.2013	[p. 310]
SEM/DATA	[p. 347]
02.11.2013	[p. 368]
12 ou 17	[p. 377]
Havia uma última Carta	[p. 389]

**PARTE II – OS ECOS**  
[Página 391]

2.A. Compaixão em perspectiva  
[Página 393]

2.B. Compaixão entre contextos  
[Página 412]

2.C. Compaixão em seus domicílios  
[Página 434]

2.D. Compaixão nos Sherpas  
[Página 450]

2.D.i. UM IMAGINÁRIO PESSOAL DO SHERPA  
[Página 483]

2.D.ii. ESCRITOS DE GAVETA #1  
[Página 484]

2.D.iii. ESCRITOS DE GAVETA #2

[Página 490]

2.D.iv. UM IMAGINÁRIO PESSOAL DA COMPAIXÃO  
[Página 493]

2.E. JORNADAS D'ALMA  
[Página 495]

Tempos 1, 2 - 506

Tempos 3, 4 - 507

Tempos 5, 6 - 508

Tempo 7 - 514

Tempo 8 - 519

**PARTE III - AS SOMBRAS**  
[Página 531]

**PARTE IV - OS SONHOS**  
[Página 569]

**PARTE V - OS ESPAÇOS**  
[Página 590]

**PARTE VI - POSFÁCIO**  
[Página 643]

Posfácio I  
[Página 645]

Posfácio II  
[Página 671]

Posfácio III  
[Página 677]

:: 680 ::

**PARTE i: Sui-generis da Pesquisa, Pesquisa do Gênero-Próprio-de-Si**

**A) DIA ROUBADO**

“Sei que cada dia é um dia roubado da morte.”  
(Clarice Lispector)

“(…) Porque pedes, ponho flores/ nos tetos e nas paredes/  
e são elas, não as letras,/ que dão sentido ao que escrevo (…)”  
(Ivan Junqueira)

Dizem os etnógrafos que a especificidade da Antropologia não reside na aplicação de um número consagrado de instrumentos de pesquisa. Referem-se, particularmente, ao conjunto de expedientes tão habitualmente inseridos (e repetidos) nas práticas e relatos de campos que, em muitas das vezes, quase poderiam informar a trajetória supostamente mais confiável naquela área.

Para contradizer os rumos da inconsistência apressada, bastaria modificar os objetivos do trabalho, a partir de um recorte que desvia da realidade mais tradicional, em função da necessidade singular de uma problemática (dado os termos da sua relevância percebida em diálogo com os próprios interesses de um pesquisador como indivíduo, pessoa etc.).

Desse modo relativo ao propósito social da investigação e não condizente à serialização das pesquisas na contabilidade das agências de fomento, seriam requisitados outros recursos técnicos e procedimentais na condução artesanal de um trabalho com resultados de valor humano, em vista de resguardar um senso de compatibilidade entre pessoa e campo, entre problemáticas e enfoques conceituais adotados.

Ainda nas cercanias de um modelo de Ciência, por vezes bastante ousado (afetivo, sensível, sinestésico), como na Antropologia da cubana Ruth Behar, faz parte daquele conhecimento também contrastar a abrangência de um enunciado científico em face das condições de possibilidade disponíveis no horizonte de produção do conhecimento utilizado.

Embora o território do Método constitua objeto privilegiado da atenção minuciosa em diferentes áreas, também os Antropólogos, ou talvez particularmente esse grupo da curiosidade científica, acentua a importância de outro parâmetro na avaliação de trabalhos daquela área, legítimo embora nem sempre destacado, que diz respeito à qualidade teórica (e não apenas operacional) no tratamento dos dados.

Os relatos de campo, na pluralidade das Antropologias e suas pactuações compreensivas, podem emergir sob formatos relativamente concisos até as narrativas intimistas, subversivas, poéticas, anárquicas, perpassando transcrições integrais de entrevistas até os registros fonográficos, fotográficos, audiovisuais, dentre outras mídias e suportes de registro.

Se a questão do traço específico daquele conhecimento não se deixa capturar com a seleção limitada de procedimentos, instrumentos ou recursos na interface junto ao campo de pesquisa, argumenta-se que uma Interpretação Cultural/Culturalista, ou o emprego de uma lente de base cultural na leitura dos fenômenos e suas correlações analisadas representariam um diferencial notório daquela área para outros saberes.

Na seara de tais argumentos, um produto (artigo, capítulo, dissertação etc) com feições artísticas, estéticas, sensíveis ou híbridas de meios/mídias/linguagens, não define e não exclui, por antecipação, os desdobramentos de conhecimento a ser produzido no campo dessas epistemes contemporâneas. As demarcações de ousadia e criatividade historicamente já admitidas não implicam, ademais, a interdição para outros mecanismos de apropriação do saber a partir de novas experiências tornadas passíveis de mediação.

Parte-se, aqui, do pressuposto que as racionalidades da Saúde, herdeiras de um modelo biomédico de conhecimento e de fragmentação analítica, delimitaram seus enfoques de ação nos processos de adoecimento e fatores de risco associados para a compreensão da cura. Decorrente dos seus compromissos históricos e políticos, apenas tardiamente a complexidade de processos humanos e sociais vem sendo considerada, largamente já expandida em análises de saberes e metodologias vizinhas.

Considerando os saberes da biociência como facetas de uma máquina social-disciplinar e de operacionalização da Saúde, esta última admitida como uma técnica da ciência instrumental sobre a vida, esse projeto interroga os mecanismos epistêmico-políticos dessa tradição instrumental da vida em vista de incluir os componentes da estética e da espiritualidade como mediadores da singularidade e da saúde humanas.

Em que medida, portanto, o convite ou contato junto à própria singularidade, nos termos dessa mediação específica, interferem como fatores protetivos à integralidade na saúde? No presente trabalho de dissertação, um Mestrando originalmente vinculado ao território político das racionalidades da Saúde (a partir da graduação em Psicologia), com a oportunidade de ampliar suas competências nos campos da Saúde Coletiva, via curso específico de pós-graduação *stricto sensu*, propõe:

(1) Conceber um saber-experiência no plano do sensível, do corporal, do estético, do espiritual e do singular (por meio de linguagens cruzadas das artes, das humanidades e das sabedorias perenes), de modo,

(2) Descrever, a partir dessas expressões do vivido compartilhadas numa produção artística ilustrativa, fatores protetivos de uma concepção integral de saúde que se desloca das paixões tristes para as potências alegres.

O foco proposto direciona-se para a construção empírica de um contexto ilustrativo de singularidade que também se empreste como estudo de caso, a partir do emprego de recursos tradicionalmente veiculados às artes, às humanidades, às filosofias e às sabedorias perenes.

Em outras palavras, trata-se de investigar as estratégias de composição/expressão, a partir de recursos combinados da estética e do espiritual (cartas, poesia, imagens, música, vídeo, dança etc), e a relação das mesmas para facilitar paixões alegres como um elemento protetivo na integralidade da saúde.

Segundo Catherine Malabou, em “Ontologia do acidente: ensaio sobre a plasticidade destrutiva” (publicação de 2014):

É impossível compreender a tendência do ser a se conservar sem perceber o papel dos afetos que modulam a intensidade do conatus. A tendência a perseverar, com efeito, é qualitativa ou quantitativamente variável, mais ou menos aberta, mais ou menos intensa, à maneira do apetite. A fome de viver não é sempre igual a si mesma, ela muda, aumenta ou diminui de acordo com os afetos, com a maneira como nos sentimos. (...) O corpo humano pode ser afetado de várias maneiras que aumentam ou diminuem sua potência de agir (...) Essa potência coincide precisamente com 'o esforço (conatus) através do qual cada coisa se esforça para perseverar em seu ser'. Esse 'esforço' é modulável. Como um instrumento, ele

se afina; a alegria e a tristeza o tocam como a um estranho teclado móvel, fazem-no vibrar ou, ao contrário, abafam seu timbre. A alegria afirma. A tristeza diminui. 'A alegria e a tristeza são paixões pelas quais a potência de cada um – ou seja, seu esforço por perseverar no seu ser – é aumentada e diminuída, estimulada ou refreada'.

O procedimento inicial dessa proposta consistiu na criação de um saber-experiência a ser compartilhado com o leitor, denominado como “tessitura de profanação sensível”, a partir da imersão do pesquisador em um “processo criativo” (ou estético) que intensivamente percorreu os meses de Outubro, Novembro, Dezembro/13, Janeiro e Fevereiro/14.

O termo “saber-experiência” (saber-de-experiência ou experiência do pensamento-criador) refere-se à constituição particular de um modo de existir e de relacionar-se nos territórios da vida humana. Situa-se como uma crítica aos domínios formais da “ética”, habitualmente compreendido nos limites da moral e das prescrições da tradição, da cultura, da história etc; ou, por vezes, também traduzido como um esforço da pertencimento da consciência, da subjetividade, da interioridade, da intimidade, da individualidade etc.

Filiado a uma experiência no tempo de áion<sup>1</sup> e um paradigma correlato de BioÉtica (vida como criação de ethos), o saber-experiência evoca a produção de outro texto, outro laço de correlações à dimensão da vida enquanto afeto, intensidade, corpo, potência e singularidade.

Tal inclinação ética preocupa-se com o possível de um viver singularmente significativo e não em tipificar/adequar condutas de comportamento segundo critérios (pessoais ou terceiros) do bem-viver ou da vida-boa.

No investimento pessoal dessa invenção de um si mesmo, o saber-experiência vale-se das humanidades, das filosofias, das artes, das ciências, dos saberes perenes e populares, numa perspectiva que gera diferença e deflagra uma multiplicidade de sentidos, em substituição ao panorama que forja semelhanças, repete universais e reproduz identidades.

Entende-se vida como abertura para o tempo, para a invenção, para a complementaridade, para a circunstancialidade, para a impermanência. Não por acaso, um saber-experiência recupera intensidades das artes e das filosofias, dentre outros campos e planos de conhecimento, sem que a sua proposição específica de saber-vivo constitua os mesmos objetivos e consequências dos solos originários que o inspiram (por exemplo, o plano de referência na ciência que opera com functivos ou o plano de consistência na filosofia que opera com conceitos, conforme Gilles Deleuze e Félix Guattari, em “O que é a filosofia”).

Um saber-experiência, por exemplo, que se utiliza de uma poesia, ou de uma letra de música para tematizar certa intensidade no domínio da prática e da vida em relação, não pode ser equiparado às finalidades políticas e epistêmicas do mesmo texto poético, em sua textura estética original, quando erigido em um plano de composição (assim denominado, o plano de conhecimento onde operam as artes, também no pensamento de Deleuze e Guattari).

Ainda segundo Deleuze e Guattari, um “monumento” de arte toma emprestada a força de vida no seu criador, investindo-se de uma capacidade para sustentar sensações, perceptos e afectos como um ser que vale por si mesmo; ao passo

---

<sup>1</sup> “Existem em grego várias palavras para exprimir o que nós chamamos ‘vida’: **aion** designa a vida como duração e tempo delimitado de viver; **zoe** significa antes o fenómeno natural da vida, o fato de estar vivo; **bios** é a vida considerada como unidade de vida individual, a que a morte põe termo, e também como subsistência: é, por conseguinte, a vida enquanto qualitativamente distinta daquela de outros seres humanos. É esse aspecto expresso na palavra **bios** o que melhor se enquadra ao novo conceito da vida como **criação** de um **ethos** determinado, de uma firme conduta de vida do Homem” (p. 967). JAEGER, Werner. Paideia: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

que, no horizonte comumente difundido da Ética, é o prisma do sujeito e suas relações que abalizam a finalidade do mundo, e na BioÉtica do saber-experiência, um sabor singularizado que potencializa gestualidades e afetos com a vida.

Acerca dessa experiência própria nos tempos, explica Agamben<sup>2</sup> (2002):

“(…) The most beautiful definition of **kairos** I have ever found is in the **Corpus Hippocraticum**, and it is one which in fact characterizes kairos with respect to chronos. I will quote this definition: **chronos esti en ho kairos kai kairos esti en ho ou pollos chronos**, ‘the chronos is where we have kairos and the kairos is where we have a little chronos.’ Mark the extraordinary implication of the two concepts, which are literally the one within the other. The kairos - to translate it simply as ‘occasion’ or “chance” would be trivial—is not another time: what we get when we grasp a kairos is not another time, but only a contracted and abridged chronos. The precious pearl in the ring of chance is only a small portion (porzione) of chronos, a time which is left. This is the same as the old rabbinic apologue that Benjamin once told to Bloch, according to which the messianic world is not another world; it is this same profane world, but with just a little shift, a very small difference. But **this little shift, which results from my having grasped the disconnection with respect to chronological time, is in every way decisive.**”

A experiência com tal nível do incerto e do inseguro não implica, portanto, uma queda no abissal. Abre-se mão, conseqüentemente, das cercanias no viver orientado para a correição, para certa perspectiva antecipada de realização ou uma definição fixada de plenitude (qualquer coincidência aos valores humanistas e burgueses não será fortuita), para exercitar-se a temporalidade de um salto cuja experiência mesma insiste no sensível para uma vida de outro modo apenas indiscernível de afecção.

No âmbito desse trabalho, as intensidades escuras não constituem um lugar necessariamente de distanciamento de si, de sofrimento ou de enfermidade. No âmbito específico da saúde e dos saberes biomédicos, importa sobremaneira discutir as estratégias que percorrem essa experiência humana tão legítima e pertinente às histórias de vida singulares, especialmente nos episódios em que tal padecimento/afetamento, longe de representar o terror, constitui-se como fator protetivo de um “estilo de vida” adoecido/adoecedor.

Assim, o artifício poético, literário, estético, imagético etc, no universo das aplicações de um saber-experiência e sua referência no tempo-áion de uma BioÉtica, deslizam no tempo da sombra, tempo do indefinido ou do imensurável, experiência que alude “ao jorro imanente do próprio tempo”<sup>3</sup>, em vista de um saber que se propõe ao instante singular da expressão humana.

Nesse *tempo-Eão*, segundo Nietzsche, do jogo e da brincadeira “sempre despertando de novo que chama outros mundos à vida”<sup>4</sup>, não coincide (somente) à criação de “monumentos”, na sua especificidade política e relação particular junto ao Káos (reduzir as velocidades infinitas), a partir de blocos de sensações, perceptos e afetos no plano de composição da arte.

Nesse aporte conceitual, a estratégia do saber-experiência desliza de uma *dimensão (bio)ética* para uma *dimensão extra-vacante*. Trata-se essa última de uma esfera particular do conhecimento, suscitado a partir de Giorgio Agamben, com uma compreensão de liberdade e potência humana apenas situada fora do ato, do atual, da atualidade e (da educação, da política, das instituições em vista) da atualização, embora ainda resguardadas como feitura e criação. “O fora não é outro espaço que jaz para além

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.egs.edu/faculty/giorgio-agamben/articles/the-time-that-is-left/>

<sup>3</sup> Rodrigues, HBC; Penzim, AMB. Cronos, Kairós, Aión: temporalidades de uma visita de Michel Foucault a Belo Horizonte. 2011. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1501/1723>

<sup>4</sup> Gomes, LV. Infância, criança e a experiência humana do tempo. 2010. Disponível em: <http://www.uemg.br/oupenjournal/index.php/educacaoemfoco/article/viewFile/91/126>

de um espaço determinado, mas é a passagem, a exterioridade que lhe dá acesso.” (G. Agamben, em “A Comunidade que vem”)

Nesse prisma, liberdade é uma produção de si e saberes decorrentes a partir da sombra tateante, de uma relação diferenciada com o tempo na prática do escuro (skótos) e seus atravessamentos. A potência que não se “contempla” pela faceta dada, observada, modificada e controlada nos amplos exercícios de gerência social, deixa-se revelar da sua invenção escura, imprecisa, enquanto potência-do-não, enquanto não-dizer, não-saber, não-fazer, não-ser.

Na sua argumentação filosófica,

“(…) Agamben insiste em pensar a potência não apenas em relação ao ato que a realiza e a esgota, necessariamente, mas também como potência de não, potência de não (fazer ou pensar alguma coisa) (...) A liberdade humana residiria precisamente, por parte daquele que quer, no poder de não querer, já que a vontade seria a única esfera que escapa ao princípio da contradição. (...) que não consiste em recriar, nem em repetir, mas em des-criar, isto é, onde aquilo que foi e poderia não ter sido se esfumace naquilo que poderia ter sido e não foi (...)” (Pelbart<sup>5</sup>, 2009)

A experiência que se desdobra de tal *visada escotópica* recupera um tipo muito particular de potência, outrora abrigada nos trânsitos divinos entre mundos, percepções e possibilidades. “(...) Os deuses gregos (...) são antes considerados Potências - não apenas formas (...) A palavra potência não se refere simplesmente a poder e a força aplicada para a realização de um efeito [ato], mas também um elemento gerador de um impulso, de uma energia, organizando o espaço (Kosmos), enquanto se define a presença do homem na terra.” (Pereira<sup>6</sup>, 2009)

Dentre as potências que se desprendem nas passagens realizadas pelos deuses, diz-se de uma faceta obscura, por exemplo, da própria Beleza: “(...) pues el amor y la muerte son elementos y condiciones indispensables para la renovación de los ciclos de la vida y de los seres. Así fue adorada junto a Hermes como Subterrânea y en algunos cementerios como Afrodita Escotia (de skotos = oscuridad).” (Pereira, 2009).

Aproximar-se de uma experiência escura é também participar de um tempo intrincado à própria força e mistério da vida. Assim, na obra “Infancy and History: essays on the Destruction of Experience”, acrescenta Agamben (1993):

“Etymologists reduce the word **aión** to a root \*ai-w, which means ‘vital force’, and this, they say, is the meaning that aión would have had in its most ancient instances in the Homeric texts, before taking on that of ‘spinal marrow’ and, finally, by a somewhat inexplicable passage, that of ‘duration’ and ‘eternity’. In fact, if we take a closer look at Homeric value of this term, we see that **aión is often yoked to psyché** in expressions of the kind: ‘psyché and aión abandoned him’, to indicate death. If psyché is the vital principle which animates the body, what can be the sense here of its conjoining with aión, except to prompt a simple repetition? Aión (...) indicates **vital force in so far as this is perceived in the living being as a temporal thing**, as something that ‘endures’; that is, [aión] **as the temporalizing essence of the living being, while psyché is the breath that animates the body** and thumós is what moves the limbs. When **Heraclitus tells us that aión is a child playing**, he thereby depicts as play the temporalizing essence of the living being - his or her ‘historicity’, we could say (...)” (p. 73)

Enquanto um atravessamento aqui mutuamente compreendido nas esferas do sensível e do espiritual, a textura dessa potência vislumbrada desloca-se entre repertórios legítimos do afeto e do singular, mas também reconhece uma esfera de

<sup>5</sup> Pelbart, Peter. A potência de não: linguagem e política em Agamben. In: Revista Literária Polichinello. 20 mai 2009. Disponível em: [http://www.polichinello2004.blogspot.com.br/2009\\_05\\_01\\_archive.html](http://www.polichinello2004.blogspot.com.br/2009_05_01_archive.html)

<sup>6</sup> Vera Lucia Crepaldi Pereira. As deusas gregas virgens face ao poder de Afrodite. <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000471153>

produção e saber indissociável ao próprio fazer que, certamente desprovido de sujeito, também não reivindica alteridade, singularidade ou imanência.

Trata-se de uma possibilidade relacional também conjugada ao escuro que, na mediação sensível demonstra-se como potência-do-não e, no campo do espiritual, como avesso-da-potência-do-não. O primeiro apresenta-se como produção de diferença em seu atributo da singularidade, enquanto o segundo ilustra-se, por exemplo, como expressão da transparência vazia, em seus atributos (despersonalizados) de maitri, karuna, dentre outros.

Conjugados, potência-do-não e seu avesso (ambos já deslocados nas problemáticas dos atos e seus efeitos atualizantes), oportunizam uma pluralidade de campos, também incluído o horizonte de um “amor(-não)-morto” – uma dimensão *extra-vacante* para o amor e a morte. A opção na grafia distancia-se das perspectivas costumeiras, seja de um amor romântico eternizado, seja de um amor ressuscitado em ato, de um amor atualizado.

Referidos como amores sacer-lizados, ou fixados à margem das conspurcações, das relações que o modificam imprevisivelmente, quer-se aludir outra dimensão experiencial que expresse uma qualidade impermanente do amar: campo que não se reduz às variedades temáticas de um eu deslocado entre suas percepções descartáveis e também não constitui um debate moral a propósito da (verdade da) incondicionalidade; ou um tipo de amor amplo, radical, singular e intempestivo à vida (amor fati), nem uma experiência amorosa como virtualidade infinita de respostas e cenários do vivido.

Ao contrário, por não apelar à designação de qualquer substancialidade inerente e circunstancial, torna-se um amor sensivelmente destemido e espiritualmente disponível (desperto). “Know emptiness, be compassionate”, ensina Milarepa<sup>7</sup>, conforme indica a tradição oral da espiritualidade Budista. Um “amor(-não)-morto” requisita essa liberdade como não-mero-ato, uma potência como exercício no escuro de todo projeto claro/esclarecido, como potência-do-não e intervalo para as exigências de qualquer Lógos. Amor que vence a perda, a falta e a morte, não porque ressuscita na voz do poeta ou no clamor transcendente, mas porque jamais se fez algo e jamais possuiu.

Essa *dimensão extra-vacante*, referente ao ampliado de liberdade que não está necessariamente preenchido, tanto pela subjetividade como pela singularidade, é o tempo que não é nulo, ausente ou latente, mas que também abriga o avesso da potência, o avesso da intensidade, o avesso da potência-do-não, em uma sensação imediata de espaço básico, irrestrito, incondicionado e insubstancial de qualidades fixadas, espaço vazio e fecundo.

Tal perspectiva de liberdade, deste modo, não se estabelece como um produto do tempo ou do espaço (embora os efeitos da liberdade dispõem-se aos territórios e aos movimentos). Um Sherpa do Áion, aquele atravessado pelo incomensurável, pelo avesso-do-tempo, pelo atemporal, confere sua carne ao que seria apenas uma variação de cor, ou a liberdade como deslizamento de camadas no escuro, gerando percepções contrastantes do próprio escuro.

Nessa direção, entende-se como uma horizontalidade profana quando subverte recursos e saberes de outros campos – por exemplo, não se reconhecendo ao

---

<sup>7</sup> Ao citar uma fonte, mas não especificar sua localização (procedimento habitual), especialmente se tratando de comentários associado ao campo da espiritualidade, tratam-se de anotações que foram acumuladas nos meus cadernos, desde 2003, seja como tradutor, seja como discípulo de mestres budistas. As demais referências, que porventura coincidam à mesma posição de autoria sem território de caracterização, geralmente traduzem uma citação mais por sensações/intensidades, do que um afresco teórico, daquilo tudo que, fotograficamente, vai aderindo ao meu corpo – afortunadamente, esse também é um mecanismo recorrente ao meu pensamento, qual seja o de pensar os autores como gestualidade e não bibliografia.

lado dos budistas, dos humanistas ou dos contemporâneos. Sua confiança na vida, de onde também decorrem abertura e confiança no processo, já não deriva, por exemplo, de uma crença na consciência, na vivência ou na pessoa (humanistas). Trata-se de uma experiência que interfere no espaço-lugar, não para localizá-lo, nem para esvaziá-lo, mas para reconhecer as possibilidades extra-vacantes de um lugar em oferta.

A noção de liberdade, que já não pressupõe autonomia, individualidade, intimidade, interioridade, escolha e consciência (humanistas), não é capaz de dissolver (como assim fariam os budistas) o próprio horizonte imaterial da sombra, do an-arké e do devaneio como princípios operativos, embora se utilize das vias de potência-do-não (que não condensa a abrangência do corpo apenas nas suas camadas do sensível, do tácito, do estésico, do atual) e de avesso-da-potência-do-não (que libera o corpo para as jornadas do imagético, da mítica, do intuitivo, da inspiração, do insight, da sincronicidade, da serendipidade, do excepcional, do extravagante, do avesso-do-tempo etc).

A *dimensão do extra-vacante* vislumbra, por exemplo, uma experiência do espiritual sem reduzi-la à esfera da estética, do sensível e da arte, ou à esfera da realidade prática na (bio)ética com seus desdobramentos sociais e históricos. Essa proposição não é uma negativa como absoluto (niilismo), mas uma construção de espaços-vazios, uma dimensão de não-Pólis para o vôo-Bruxa. Ao mesmo tempo, sem conferir substancialidade, entidade e universalidade, possibilita um lugar-alterado (altervidência) de expressão onde não se reivindica a transcendência (com um apelo fora da vida), nem a realização (como ato).

*Extra-vacante* quer também aludir um tipo de abrigo que não circunscreve o transitório, nem como domicílio, nem como ausência; a expressão dos intervalos para as trajetórias – que os japoneses diriam, talvez, como uma feição do “Ma”, do espaço-entre, dos caminhos ou das ocupações vazias entre a seta e o alvo; dos contextos tangentes, ao preenchido e ao abandonado de inteirezas, como qualidade/possibilidade do vazio por onde insiste qualquer passagem/pensamento.

Por exemplo, entranhado nos eventos do amor, nessa ilustração da abrangência e da complexidade nessa intensidade, manifesta-se associado à condição do vazio perene que não se condensa no sensível ou no espiritual, embora submetido às necessidades de amos, emergindo como demanda próprio de conhecimento.

Ainda com as sensações tematizadas pelos japoneses, no livro “Zen and Japanese culture” (publicado em 1959), Daisetz T. Suzuki explicita essa feição do interminado que se extrapola do vocabulário das paixões visíveis:

“YUGEN is a compound word, each part, yu and gen, meaning ‘cloudy impenetrability,’ and the combination meaning ‘obscurity,’ ‘unknowability,’ ‘mystery,’ ‘beyond intellectual calculability,’ but not ‘utter darkness.’ An object so designated is not subject to dialectical analysis or to a clear-cut definition. It is not at all presentable to our sense-intellect as this or that, but this does not mean that the object is altogether beyond the reach of human experience. In fact, it is experienced by us, and yet we cannot take it out into the broad daylight of objective publicity. It is something we feel within ourselves, and yet it is an object about which we can talk, it is an object of mutual communication only among those who have the feeling of it. It is hidden behind the clouds, but not entirely out of sight, for we feel its presence, its secret message being transmitted through the darkness however impenetrable to the intellect. The feeling is all in all. Cloudiness or obscurity or indefinability is indeed characteristic of the feeling. But it would be a great mistake if we took this cloudiness for something experientially valueless or devoid of significance to our daily life.”

Nesse âmbito que recupera aspectos do sensível e do sutil, qualquer perspectiva compatível de Saúde-Cuidado-Atenção já não se define pelos controles-conceitos da Atualidade-Atualização (da normatividade, das políticas públicas, dos

movimentos sociais etc), e, certamente, também outro esforço intelectual que supere um paradigma monolítico, seja da alteridade (como estrangeiro), seja da diferença (como singular). No lastro de referenciais como maitri e karuna, o Governo Democrático do Butão sistematizou como Política Pública uma metodologia holística de base não-Occidental, orientada no referencial de Felicidade Interna Bruta que também inclui um componente de “Saúde” (que se desdobra em fatores ambientais, espirituais, sociais e físicos).

Reconhecendo-se como um saber que não surge do espontâneo, do eternalismo ou do nihilismo, os Budistas baseiam-se numa referência de realidade do não-eu (anatman). Suas práticas e inspirações sobre o cotidiano pessoal não delimitam o que se reconhece nos temas tradicionais da religião ou do espírito, menos ainda da alma ou da transcendência para outro mundo projetado, imaginado, idealizado.

Quaisquer ferramentas de inteligibilidade que se inclinam para tal esfera do conhecimento são convocadas a tematizar um horizonte de fundo vazio: atravessado no corpo, desdobra qualquer prática-invenção fora do campo da dualidade, da universalidade e da substancialidade. Invenção porque não há constituintes primevos que antecedem a experiência do próprio criador.

Por organizarem-se como práticas de um não-eu (um não-ser mais do que um “não” como recusa) que se dissolvem no reconhecimento do próprio vazio, sua perspectiva de mundo não vislumbra imanência ou transcendência, singularidade ou subjetividade, embora muitos dos seus operadores tratem de objetos do sensível, do tácito e do poético, conduzidos por experiências com finalidades próprias.

Ancorado nas problemáticas da percepção e da experiência, não se trata de uma ascese que dispensa as forças do corpo ou propõe contemplação encarcerada dos laços com a vida – por excelência, não se constitui como domínio nem da teoria, nem da autoridade, nem do proselitismo; seu conhecimento não se apresenta como excepcional ou detentor de uma verdade intrínseca.

A prática dos Budistas não é domínio de uma materialidade universal. Domicílio da experiência imediata, não é o plano de composição, nem de consistência, nem de referência que, por exemplo, reconhecem maitri e karuna como qualidades de base no espaço da vacuidade. Para distinguir a especificidade de sua atuação e motivadores, a comunicação informa-se por outro acervo de conhecimento.

Ainda sob o prisma temático dos evocativos com os quais o pesquisador transacionou durante a experiência do referido “processo criativo”, destaca-se a condição primeira das artes onde o trabalho é realizado com a matéria bruta das sensações, intuições, percepções, inquietações etc. Nesse enfoque do corpo sensível, requisita-se uma posição de abertura, de afetamento e de contínua experiência (um circuito de agir e padecer) com os fenômenos que cercam vida e momento criador.

No “processo criativo” em questão, como será possível sentir/dialogar na experiência de contato/relação do próprio leitor com a “tessitura de profanação sensível” (em anexo), consta uma multiplicidade de disparadores sensoriais, a exemplo do amor, da dor, da violência, da beleza, da distância, do tédio, do luto, da paixão, do medo, da compaixão, da saudade, da luta, da morte, do fantástico, da solidão, etc.

Embora a totalidade temática não possa ser capturada em uma lista definitiva, importa reconhecer, outrossim, um percurso interpretativo também possível, onde, por exemplo, a energia fixada do terror ou da dor, adquire um movimento gradual, seja como uma força de intensidade e de potência, seja como uma qualidade de compaixão e avesso de potência.

Mais do que vislumbrar a dor ou o amor enquanto conteúdo particular elaborado, busca-se discutir globalmente, na experiência do pesquisador como autor-

criador, quais mecanismos do estético-espiritual permitiram-lhe buscar saúde e recuperar a vida no colapso de paixões tristes. Perguntar, de outro modo, acerca dos mecanismos de saúde que na interface com a singularidade comparecem enquanto mecanismos de resistência/recuperação/resiliência de paixões aniquiladoras na definição de um contexto avassalador.

Destaca-se que a intensidade ou o significado, por exemplo, desse elemento morte ou das suas espirais, não será matéria de análise nesse trabalho, embora se empreste como um tema de amplas reviravoltas pessoais e existenciais. O trabalho não pretende, por conseguinte, investigar tais conteúdos formulados no saber-experiência como elementos de fundo psicológico, literário, estético etc.

Importa aos objetivos dessa proposta, ainda nessa ilustração apresentada, compreender a relação de uma trajetória, que se constitui experiência de singularidade em plataformas do sensível, do estético e do espiritual, e o seu impacto em um segmento/componente da saúde integral, que diz respeito à transmutação de paixões tristes em potências alegres.

Embora diferentes epistemes constituam atitudes igualmente diferentes na condução dos seus processos/procedimentos (incluídas as artes, suas escolas, seus métodos e suas perspectivas acerca da realidade, da vida, da política e da experiência), nas fronteiras do estético com o sensível há também uma margem de marcas, de tempos e de sentidos superpostos, complexa a ponto de abrigar o indiscernível e a convivência junto ao que sendo refratário da ordem, não se torna menos presente como vivido.

Nesse córrego de paradoxos afetivos, em nada estreito apesar da abrangência subterrânea e camuflada das Luzes (dos conceitos e escolhas habituais), a singularidade faz avançar o reino das coisas e das compreensões novas, oferecendo o que se revela como o reservatório do mistério e da surpresa, da contradição e até da rejeição, para os ilhotes de julgamentos, de certezas, de verdades, de permanências, de seguranças, de vaidades.

Se, por um lado, do escuro brota o impulso a sugerir formas então inexistentes, ainda nesse condão, apesar da forja temporária de uma silhueta consciente para o bruto de desconhecimento, tal deslumbramento de força criadora não esgota uma passagem contínua, latente e ruidosa, do escuro para o avesso seguinte.

Em outras palavras, o escuro como um atravessamento no que evoca/insere, embora, ainda assim, no escuro, do escuro e para mais escuro, uma vez que o indefinido, o indiferenciado, o escuro atemporal não é aquilo que aguarda (mais) luz. O escuro não é a dimensão do ainda-não-claro, esse escuro é um horizonte de insubstancialidade transparente ou o espaço básico de todos os nomes.

No contexto dessa pesquisa, o instrumento da “tessitura de profanação sensível” refere-se ao saber-experiência que emerge desse atravessamento que o pesquisador realiza com uma faceta do escuro que lhe foi possível vivenciar. O relação sensível que se apresenta em folhas (como registro, documento em anexo) não constitui o substrato imediato das tensões, volições e energias que comparecem durante a realização de tal empreendimento, qual seja, um processo de criação.

Entretanto, os feitos humanos também acomodam pistas de singularidades ou rastros do invisível à margem das classificações em uma experiência mecanizada de vida em seus padrões universalizados. Do ponto de vista das potências humanas e sua diversidade de formas encarnadas de sentir-viver (no corpo inteiro e não apenas com o pensamento em seus códigos), é notadamente relevante testemunhar o que emerge de um horizonte de estratégias onde a vida humana recria a própria vida.

Composto de matizes diversos (que incluem sensações, pensamentos, sentimentos, imagens, poesias, orações, músicas, vídeos etc; e que também perpassam a

inspiração de fontes conceituais dramaticamente antagônicas, das filosofias contemporâneas, das filosofias humanistas e das escolas contemplativas orientais, com metáforas paradoxais entre si, da sombra, do sherpa e do vazio, respectivamente), entendeu-se a proposta de uma “tessitura” contemporânea com fios, cores, espessuras, comprimentos, enovelamentos, enodamentos os mais diversos.

Diz-se contemporânea por valer-se de uma atitude suficientemente presente que interpõe diferença e descontinuidades às trajetórias com pretensão de verdade. Trata-se, em outras palavras, de um modo de relação entre áion e arké, de experienciar intensidades abrigadas no escuro que liberam um tempo do viver-imponderável:

“(...) o homem contemporâneo é aquele que assume a época em que vive mas o faz na dinâmica de uma desconexão ou de um desligamento. (...) A ambiguidade do contemporâneo é então caracterizada por um duplo requisito antagônico. O contemporâneo assume conscientemente sua época sem deixar de tomar distância e interpor suas demarcações de diferença. À compreensão do contemporâneo, entretanto, o filósofo italiano [Agamben] adiciona mais duas qualidades. **Ser contemporâneo é manter os olhos fixos sobre o seu tempo para perceber não a luz, mas a escuridão**, as sombras que não cessam de interpelá-lo. Ser contemporâneo é colocar-se próximo à arké, aquela origem inconclusa e presente ao devir histórico que não cessa de nele operar. (...)” (Nascimento<sup>8</sup>, 2010)

Entendido como uma instalação de texturas e textualidades, de linguagens e de saberes, tanto quanto em diversas instalações, há uma combinação (ora de complementaridade, ora de adversidade) entre os materiais de trabalho. Confusos sob determinadas óticas do pensar hegemônico, tais espaços-enlaces surgem como necessários para o ritmo dos movimentos criativos (sua direção e coerência interna), significados no corpo que se desloca entre paisagens e sensibilidades com o auxílio de signos/poderes vislumbrados, e interpostos/significados no processo como um todo.

Observando o processo e suas formas decorrentes, há quem destaque as curvas no ferro, há quem se detenha nos recursos da iluminação ou volumes da espacialidade, há quem investigue o efeito de texturas e superfícies, ou quem perceba o tipo de bordado desfiando com uma qualidade de notoriedade. Há olhos submetidos à vertigem, há também percepções que se detém, especialmente daqueles já familiarizados com o ofício de um material específico.

Certamente, para quem se reconhece munido com o repertório mais amplo das possibilidades em uma linguagem particular, há o que ser pensado, argumentado e sugerido sobre os usos, combinações, limitações etc. No âmbito desse trabalho, contudo, é importante sublinhar que as funções originais de cada material/recurso foi deslocado ou profanado da sua finalidade/função quando pertencente ao seu campo habitual de regulação.

O leitor, por exemplo, irá encontrar poesia, cartas, imagens e até um formato de ensaio que se aproxima dos textos acadêmicos. A experiência desse agir criativo recorreu livremente aos usos facultados no corpo do pesquisador, realizando passagens do tácito ao intelectual como dimensões próximas, legítimas e vitais.

A tessitura entre texturas e textualidades, textos e linguagens, desprovidos daquela vocação originária para incitar as consequências epistêmicas dos seus campos enunciativos, combinam-se, aqui, como territórios roubados de intensidade e inquietação a partir dos relances estésicos de uma curadoria afetiva (e não epistêmica).

No recorte desse universo sensível e afetivo, as “cartas” ou, por exemplo, qualquer outro elemento formulado nos conceitos/análises do leitor, para efeito dos

---

<sup>8</sup> Nascimento, Daniel Arruda. (2010). Do fim da experiência ao fim do jurídico: percurso de Giorgio Agamben. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000770698&fd=y>

propósitos dessa pesquisa, comparecem enquanto intercessores que proporcionam sentido apenas no conjunto dessa instalação de texturas e linguagens.

Pintando sensações deslocadas (raptadas) de seus contextos, convida-se o leitor para uma experiência que transaciona com a força da palavra (palavra-plural, palavra-mundo, que informa e expande a leitura da vida), e não apenas o seu significado ou literalidade, uma tentativa de recuperar a força do signo, de atravessar o sentido inicial e ser lançado em um lugar do ainda por ser vivido.

Considerando o tipo de emprego conferido aos recursos utilizados na “tessitura de profanação sensível”, esse trabalho não abrange os esforços do que seria a correlação de teorias consolidadas para investigar os conteúdos/elementos das cartas, poesias, conceitos distribuídos numa composição de finalidade sensível, estética, artística (por que também não dizer, mítica, imagética, épica).

Não se trata, por exemplo, de lesionar uma textura/tessitura/tecido poético com a intenção de procurar (dissecar) elementos de um conceito de “potência alegre” ou “paixão triste” nos textos ou linguagens compartilhados. O que originariamente integrava o rol das filosofias e sistematizações do pensamento, aqui se tornou uma cerda de pigmentos combinados ou fragmento de mosaico na construção de saberes singulares.

Ao longo do processo criativo, comparecem as experiências globais do próprio pesquisador-criador bem como de outros que, na peculiaridade da sua história de vida, alcançam e influenciam sua construção de vida e de sentido. Embora demarcado em uma temporalidade que diz dos esforços de trabalho e produção nesse Mestrado, os atravessamentos no corpo e na criação recuperam estímulos os mais diversos, de tempo e de natureza.

Pertinente ao universo semiótico dos trabalhadores em Saúde, o pesquisador coincidiu o início do “processo criativo” em função de um grupo de intercessores gerais ao cotidiano emocional de homens e mulheres da vida urbana nesse século, temas que sob diferentes feições também integraram a experiência humana ao longo dos tempos. Contextualmente aflorados por situações pessoais na história de vida do pesquisador, tais sensações permitiriam recorrer ao fluxo abundante de afetos e intensidades também partilhados nos campos do cuidado, por usuários e profissionais.

No âmbito da qualificação, a exposição da “tessitura de profanação sensível” foi dançada-performatizada-ritualizada como um duplo sempre em aberto para uma espacialidade-textura disponível entre folhas. A dança não é percebida como um anexo para efeitos meramente de exposição avaliativa, ao contrário, é parte e matéria mesma do trabalho, compartilhada em outro suporte-espacial.

Na exposição desse conjunto de sensações entende-se que, para além da interpretação ou da análise, sua potência e alcance podem ser honradas na produção de novas sensações e ampliação nas possibilidades de sentidos.

Desse modo, sem perder/reduzir/limitar a força e de intensidade abrigada, surgem diálogos com a experiência tematizada a partir do suporte da dança-performance-rito. Particularmente necessário, porquanto há elementos afetivos da obra que não se reconhecem no campo da voz e do texto narrados, solicitando o grito, o urro, o bicho que a dança pode convocar.

Pretendeu-se, ademais, que o registro dançado pudesse compor um vocabulário de fotografias para inclusão no texto final da Defesa. O projeto da cena-dança-rito foi realizada no curso de 30 (trinta) minutos, com intervalo para organização da sala, seguidos de 30 (trinta) minutos para exposição sistemática do pesquisador antes dos comentários da Banca na qualificação.

A partitura de dança foi inicialmente produzida e exibida, na categoria de “apresentação cultural”, durante o IV Encontro Brasil-Japão da UECE (realizado entre 23 e 25 de outubro de 2013). Surgiu de referências vivenciadas e partilhadas em textos específicos, dentre elas a sensação de dor e de pele queimada com o gás dos aparelhos repressivos.

Utilizou-se da seguinte frase-disparadora: “há extintores por todos os lados, menos no meu coração”. Um dos elementos cênicos foi a substância branca “leite de magnésia” que escorria sobre os corpos, para cessar as queimaduras – em outro nível, para impermeabilizar o corpo dos ataques. Naquela tentativa, ainda no final do mesmo Outubro onde o “processo criativo” teve início, o corpo estava quente de estímulos.



Uma vez encerrada a primeira fase do “processo criativo”, em vista da concepção de uma “tessitura de profanação sensível” e sua formulação de dança-apresentação, procedeu-se à organização do expediente seguinte, onde se incluiu o diálogo informal da experiência vivida junto a colegas do Mestrado e os membros da banca de avaliação, vislumbrando o início de outra forma de aproximação ao vivido, de aprofundamento de elementos teóricos a partir da construção efetivada no rito, em um segundo momento da pesquisa.

---

## B) ENTRE FERAS

---

“(…) Acostuma-te à lama que te espera!/ O Homem, que, nesta terra miserável,/ Mora entre feras, sente inevitável/ Necessidade de também ser fera. (...)”.

“Versos Íntimos”,  
Augusto dos Anjos

Se para a fundação da Modernidade, Cartesiana com a fixação habilitadora de um “cogito”; e, sobretudo, Kantiana, quando a reflexão está submetida às “condições de possibilidades” (com justificativas aprioris do pensamento), então, desse âmbito que fixa dimensões específicas como medida insuperável, tal relação transcendente no plano

da “ideia” é deslocada, na experiência dos contemporâneos, para o abismo da imanência e da invenção.

Dessa forma, quando a pluralidade no viver já não se interpreta como representação necessariamente ideativa, forja-se uma dimensão do trânsito e do percurso, do conhecimento-vida, do saber-vida, do sabor-vida, da construção, afinal, por aberturas e desfechos não-antecipados com as forças da própria vida. Quando não se trata de retesar o Lógos como elo, seja do Kósmos, seja da Ordem, novas palavras sugerem, então, territórios e problemáticas ainda não exploradas: como no exemplo do neologismo “bioética” que, se desviando dos projetos filosóficos consolidados da “bios” e da “ética”, trata de sinalizar *outras inquietações* (porosidades) ao horizonte dos corpos afetados pelas racionalidades em saúde no Brasil.

Por relações exteriores ao sujeito e à subjetividade, ao Fora que atravessa os planos representativos da ciência e das metodologias qualitativas, tensiona-se, aqui, um lugar primevo (arcano) do corpo (outro-corpo, devir-corpo, embora ainda um corpo que subjaz como foco nas discussões da saúde), enquanto qualidades de afeto e de padecimento (afetação), de potência e de impotência (potência-do-não), de atração e de negligência (não de ausência ou falta).

É uma expressão (e não a produção, funcionalização) da diferença aos campos já instituídos, tanto de uma bioética como abalizador/crítica do avanço tecnológico em saúde, bem como de uma bioética como dimensão ecológica nos confrontos ao desenvolvimento econômico. Bioética, portanto, que se refaz como invenção semântico-política desse corpo dissidente que se apresenta em margens de vida-linguagens-estéticas<sup>9</sup>, em um sentir que está no Fora – e não uma emoção como sinalizador/marcador biológico, ou um sentimento por resposta identitária.

Formula-se, portanto, uma bioética que apenas se insinuando como tempo-áion, e, por conseguinte, afetos de uma áion-ética e seu pensartecorpo como duplo, reflete a expressão de uma noética do sensível que atravessa a pretensão de lógica, de verdade e de razão, ou de um *númerus* pela via da imanência. Como quem diz, adaptando a expressão popular (“é o mesmo ‘b’ do verbo brincar”), um tipo de “viver a arte” do verbo “criar a si”: ou seja, uma errância, um viver perigosamente (experiência, ex-peri), um lançar à frente (problema, pro-ballo).

É também uma bioética-verbo na sua própria expressão, de profanar à vida e os seus sentidos, planejamentos e distribuições, com o insuportável e o aleatório. Se, para Agamben, é no escuro que o vestígio da sombra anuncia presentes não-capturados, atualizados para o arcano (arké) distância-distante que jamais se converte em história-passado, há também como inexplorado um avesso do escuro, avesso da sombra e avesso da potência-do-não, avesso onde não há somente-escuro como arké: é o avesso enquanto an-arké.

Não é a suposição do mais-escuro no escuro, embora, seja o sempre mais longe, e no seu limite migrante, não há verdade, não há casa, não há arké: da matéria escura, é o buraco negro (esmagamento do espaço). Trata-se, aqui, de um problema (projeção sobre o tempo) que se inunda das questões do Estado e da Vigilância, e das utopias não-institucionais de fluxos, com multidões de sinestias e afetos-de-realidades, dos parâmetros de experiência da realidade enquanto institucionalização (governabilidade, fundamentalismo da vida) e estrutura (linguagem).

Na dimensão da filosofia e seus intercessores de pensamento, dir-se-ia como “diferença” em vista das problemáticas que situam o emprego da palavra como

---

<sup>9</sup> Seriam letramentos não-formais em se tratando de campos da aprendizagem dirigidos aos sentidos e representação, mas, nesse caso, e nos exemplos das inúmeras modalidades de práticas somaestéticas, o que o corpo anuncia não apenas desterritorializa o saber, a razão e sua cognição correspondente, bem como a própria textura mediada da realidade.

resistência e crítica; contudo, nas preocupações e sentidos de outro problema, a partir do corpo e da experiência desse autor, é “anarkia”: é o Fora, para ambos, da vida como Ato e da potência como Escuro. O que se sucede ao vetor do problema quando o tracejado que aponta no tempo depara-se com a cessação do espaço?

*enjoado, enojado, envergonhado...  
dê o cu, e não o Boticário!*

*“(...) os médicos nazistas e os ativistas da saúde declararam guerra ao tabaco, tentaram reduzir a vulnerabilidade ao amianto, se preocupavam com o uso em excesso de medicamentos e raios-X, sublinharam a importância de uma dieta livre de corantes e conservantes, fizeram campanhas pelo consumo do pão integral e comidas ricas em vitaminas e fibras, e muitos eram vegetarianos (...)”<sup>10</sup>*

*o avesso é uma pegada a-trás, um giro dentro da própria sombra/  
o avesso é uma produção da diferença com a rabeada que inverte premissas de entrada, de começo, de origem, de arké/  
compaixão (apenas) enquanto escuro da moral, compaixão como potência-do-não/  
o avesso da potência-do-não, o avesso do escuro/  
o avesso chega por trás: no escuro para enrubar, para semear o monstro/  
o flei chega por trás: no escuro para lambar, para sorver o crime/*

*aberrações ao mundo sacro, ao mundo sacer dessa caretice moralista, ao tóten onde a preocupação maior, no jargão popular, é saber se (o poder d)a piroca vai cair ou não...*

*uma sem imagem do tempo, ou outra imagem do tempo, ou ainda, o tempo sem imagem para os Deleuzianos: aquele Fora, (ainda para Deleuze,) apenas enquanto outro tempo - do sequencial para o topológico... e, assim posto, a preocupação da intensidade é com o tempo que esvanece... é (apenas) uma qualidade de Fora em relação ao tempo!*

*o avesso antecede um começo invertido: o flei que geme instabilidades/  
o Fora da Bios, o Fora em relação ao tipo de vida (e não de tempo).*

*"Tudo aquilo em que ponho afeto/ fica mais rico e me devora" -- Rilke*

Trata-se do mundo do “a-gonos”, do sem ângulo e da “agonia”; não por acaso, da impossibilidade (mas do que a impotência) e da insegurança, de uma experiência mais cotidiana onde gays são “esmagados” (não apenas curvatura do espaço, mas estilhaçamento do mesmo) em crimes de ódio, tão rotineiros e tão bárbaros na crueldade urbana. Esse não é o mundo do escuro filosófico, é o mundo-vida entre o (1) Fora-sem-retorno e o (2) Avesso-do-Fora: no primeiro, referido como a loucura da psicologia e da psiquiatria, é a (1) **estrela-sem-distância** (para manter-se nas metáforas de Agamben), enquanto, no segundo, é a (2) **distância-sem-estrela**. É o torpor do sem nome. Abandonando a representação, se há o (3) ato/ator do corpo-singular, com suas intensidades e sensações, **risco-próprio-de-cadente**; se há o (4) ato/ator do Fora sem fronteira, da pura grafia, vertigem e devir, do **abismo-estrelar**; se há o (5) ato/ator de

<sup>10</sup> Rabinow, P.; Rose, N. (2006). O conceito de biopoder hoje. Política e Trabalho 24.  
Disponível em: <http://www.michelfoucault.com.br/files/O%20conceito%20de%20biopoder%20hoje.pdf>

um verbo-sombra, da **eterna-distância** na sombr'arké; há que se também legitimar as experiências de insolvência do mundo e assimilação máxima das suas contingências, ou quase completa adesão aos arquétipos distantes de Sírius, de Alcyone, das Plêiades (das estrelas) etc.

Longe de apenas uma fantasia, o avesso-do-Fora não é o equívoco de um avesso da sombra, porquanto o Fora é mediação com abismos; é a algo que já está Fora dessa sombra que não é o dialético da luz como referência; é um gesto de profanação ao escuro quase permanente e contínuo, é outr'áion, que não é a bioética de Francisco Ursino Neto, é outr'arké, que não é G. Agamben; é um modo de existir (certamente o meu), que se inspira na dança nigreda dos alquimistas, no Ankoku Butô dos japoneses e também o galo<sup>11</sup> “Ayam Cemani” (Kedu Cemani) dos Indonésios – os três espíritos ao meu gesto-kumã (arcano, mítico), gesto-cemani (arcano, escuro), o corpo-a-corpo na maturação de um pensamento.

Quando essa pesquisa inclina-se sobre as relações de paixões alegres, vida, arte e saúde, tem-se a indicação de um problema densificado na materialidade das paixões. Não por acaso, no lastro das tragédias arcanas (em suas facetas de convocatórias, de catarse e jornada na fúria dessas paixões), há um texto narrado (a experiência com o objeto de arte, em anexo), seguido de uma passagem/provocação que se vivencia coletivamente (a experiência de uma dança-performance-rito-performatividade, por ocasião da Qualificação).

Finalmente, há um limite que se impõe como intransponível: mais do que soluções teóricas e argumentos definidores, problemas diferentes sugerem percursos e limites diferentes; quando a solução não é final, não é a verdade, e, assim, apenas uma interpretação dentre outras, movida por argumentos que vagueiam do que nos afeta, é um movimento que confere sentido em aberto e justificativa aos trabalhos da alma (mais do que o seu pensamento).

Se a catarse é o dispositivo médico que livra as paixões da alma antiga, com seus assombros, assassinatos, incestos, traições etc, invocando os fantasmas da plateia em um ritmo de limpeza (no conjunto mais amplo de banhos, libações, sonhos, interpretações, procissões, competições, adivinhações etc), o destino cumpre-se pelo sacrifício imposto (perda, rompimento), na ordem (kósmos) recuperada e na condição do homem abaixo dos deuses. A defesa final instaura um silêncio... é o anjo que se vira de costas, é o rosto que se perde, mas é também o salto para o dia seguinte, é o dia seguinte que surge.

Há muitos que, diante do terror (do trágico), observam recair sobre si uma “sensação de impotência”, ilustrada no escuro para os gestos instituídos e interpretações funcionais. Embora o “escuro” por si mesmo não represente algo ruim, uma vez contextualizado nesse abismo do inesperado, do fatídico, do extemporâneo que sequestra a rotina do habitual, atribui-se habitualmente uma valoração negativa para a situação que o acompanha.

Da minha parte, de quem se acostumou à margem escura, sob o efeito de um medo quase generalizado (a qualquer tempo, e de qualquer lugar), que se impõe na covardia e no usual, houve chance para descobrir ramificações dessa sombra que minha presença situa no mundo: tais projeções-fantamas da minha arké, movendo-se enquanto distâncias maiores, manifestam-se, portanto, como sombras que se agitam e não permanecem imobilizadas.

Um deslizamento, por conseguinte, um confronto ao sujeito que jamais serei, uma resistência ao devir que não suporto, um avesso ao escuro que me forja de

---

<sup>11</sup> “Ayam”, ave galinácea; “Cemani”, completamente preto, em janavês – idioma da ilha de Java; “Kedu” é o nome da região onde se originam – disponível em: [www.ayamcemani.co.uk/breed-history.html](http://www.ayamcemani.co.uk/breed-history.html)

novos presentes em atos e atualizações. Após décadas de presentes suprimidos, é óbvio que as consequências não desaparecem com facilidade – se é que um dia, virão, viriam, partiriam...

Entendo, sim, que o presente, em si, não é violência, ou apenas compromisso de agressão. Reconheço, da minha experiência, que se assim foi ou sempre tem sido, como uma constância quase materializada, tratou-se, sobretudo, de um presente capturado em narrativas fixadas (de valor transcendente), produzindo efeitos da dominação no autoritarismo, patriarcalismo, machismo, cristianismo etc.

Eu sei, portanto, que é possível lutar ou imaginar novos “presentes”, embora, ainda como reminiscência lenta da criança e jovem que eu fui, não reconheça elementos de engajamento afetivo/efetivo nessa direção. Na maior parte das vezes, a vida enquanto mundo simplesmente não existe como meu corpo imediato, exceto como uma pauta abstrata que sou convocado por laços, ou por ideais.

A minha sensação mais imediata nem se constitui um esforço de recusa – é mais profundamente um senso posterior ao abandono, que se traduz como desistência completa. Um presente onde não era desejo e jamais sujeito (subjetividade), e que também não me investiu afetivamente, seja como singularidade (afeto, sentido), seja como devir (intensidade, fora).

Embora o escuro tenha me proporcionado uma qualidade própria na potência (no agenciamento da potência-do-não e presentes não-conformados), talvez pelo costume que, sempre ferido, me viu recorrer a tais estratégias, também surgiu um eco afetivo (um ruído emocional) de não sintonia, de não familiaridade. Assim, o máximo, ou meu limite, talvez, seja um pertencimento em “multidão”, em configurações difusas de afetos, em lutas contra instituições e hierarquias.

Nessa minha condição histórica de impotência (potência-do-não) como liberdade aos procedimentos que buscavam fixar-me como um silenciado (um marginal, um vagamundo, um ingrato, um sem-vergonha etc), dos fantasmas arcanos cujas trajetórias de confronto e de resistência aprendi a convocar sob uma exigência radicalmente politizada e de sobrevivência, aqui eu salto, surpreendo e antecipo-me da agressão verbal, moral, simbólica e física.

Longe, porém, dessa violência reativamente assimilada (a ponto de já não se constituir pauta), nos escassos afetos onde reconheço um sentimento mínimo de paz de espírito, observo que já não desejo ato-atualizar nenhuma referência ao meu mundo: permutei o sonho de um presente, naquele vento forte que faz a jangada virar. Avesso do ato, avesso do escuro, avesso da potência-do-não: para mim, sobretudo, do escuro do sujeito e da subjetividade, no avesso do presente e da atualização, eu procuro um sentido de eterno no avesso da arké, em um áion não submetido ao arcano.

Eterno, quem sabe o muito-longe ao tempo, é apenas um nome genérico/vulgar para uma condição da alma onde eu não sinta tanto medo e tanta dor, onde as ruas não me sinalizem perseguição, exclusão e assassinato, onde eu não esteja como alvo do conflito social e não deva lutar constantemente, onde eu não seja coragem e confronto apenas, onde eu não seja coragem e pensamento apenas (“...Pensamento, para mim, é exatamente isso: a coragem de desesperança. E isso não está na altura do otimismo?”<sup>12</sup>), onde eu fosse capaz de apreciar e usufruir de um mundo comum, humana e plenamente partilhado.

Eu sinto como quem procura um tipo de *terapia (um doce ofício do eterno)* da alma, e não apenas uma potência da alma: alquimia da palavra, estado vaporoso da letra, conseguir precipitar o eterno de anti-cartas e anti-oráculos. A princípio, é uma esfera de mundo onde você não sabe se está seguro nem ao lado dos

---

<sup>12</sup> G. Agamben, em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/533322-agamben-o-pensamento-como-coragem>

próprios gays – um grupo já pequeno, cujos sentimentos assimilados do violador (da igreja, da escola, da família) também matam. É impossível viver nesse mundo.

Mas esse é o nosso mundo: onde quero beijar outro homem, dispor do mínimo de amor nesse planeta do terror inconcebível e sem fim, e mesmo que beije por amor (por resistência, por não desistência, por insistência afetiva) e sinta o bem-querer do amado, o meu beijo é sempre tenso e de olho arregalado (*beijarre ´galado*)– com um medo real que borra os vidros, que é maior do que um medo coletivo de classe, uma vez que mata a minha história (meu mundo com o meu lugar de classe), e, sobretudo, se distribui a quem eu amo (onde quer e quem quer que seja), e não há como meu amor camuflar-se. Matar não um namorado de modo topográfico, porém exterminar, em potencial, qualquer ou todos que eu amo em uma vida onde já não tenho nada: é a prerrogativa de extinguir as pessoas que eu possa vir a amar na vida, é o exercício de extinguir-me para o amor. Isso ainda não é a minha desistência acumulada desse mundo. Isso ainda não é o meu suicídio para esse mundo.

Mas, já é um reconhecimento de outro limite, do que não posso viver! E de que eu não tenho força para lutar em regime constante, contra um mundo de tanto ódio. Não é a “impotência” – é o limite máximo da clareza, do mundo aprisionado em seu funcionamento/fundamento, onde não pode haver criação porque não há escuros e escapatórias.

“Da vez primeira em que me assassinaram  
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha.  
Depois, de cada vez que me mataram,  
Foram levando qualquer coisa minha...

E hoje, dos meus cadáveres, eu sou  
O mais desnudo, o que não tem mais nada...  
Arde um toco de vela, amarelada...  
Como o único bem que me ficou!

Vinde, corvos, chacais, ladrões da estrada!  
Ah! Desta mão, avaramente adunca,  
Ninguém há de arrancar-me a luz sagrada!

Aves da noite! Asas do Horror! Voejai!  
Que a luz, trêmula e triste como um ai,  
A luz do morto não se apaga nunca!”

(Mario Quintana, “Da primeira vez em que me assassinaram”)

Uma vez que não encontro esse mundo de partilhas, nem com a religião dos antigos ou dos modernos, nem com a polícia e as promessas do Estado Capitalista, eu construí uma “filosofia” que abandona o rigor das suas instituições, *estétas* e aristocratas, uma forma de pensamento do conceito para o conceito, de uma realidade que se diz no plano da abstração, numa matemática de outros signos, sem compromisso de lógica ou de realidade comum. Um pensamento que vislumbra esse não-mundo.

No campo dos afetos, trata-se de uma poesia e dança obscuras, à margem da memória e dos atos, de um senso neo-romantista que flerta com a morte, em abstrações no constante arriscar-se da invasão dos sentidos. Quando se imagina, por exemplo, porque abdicar da “vida” como desejo, como diferença, como potência; de outra forma, para mim, ressoa no mesmo plano do porque saltar do arcano que já se expressa como ato-presente inaugural, para um avesso do ato-e-da-potência-do-não; ou ainda, sob o

mesmo enfoque de reverberação, porque não dissolver o rito e o pensamento mágico, na abertura do fora e a intensidade do seu devir?

A resposta é histórica, no sentido de não dispor de quaisquer indicações nesse sentido, ao vislumbrar um tipo de mundo de “objetivas” hostilidades aos homens gays, com a destruição e o esmagamento de qualquer projeto de viver minoritário; se não como disputa permanente, numa seara da agressão e do conflito públicos, à margem de uma institucionalidade que, na fundação do Estado e da Democracia, protege as ferramentas epistemológicas das suas elites enunciadoras.

Não quero falar em nome da vida de ninguém, embora, a respeito da minha própria vida, queira reivindicar o primado da minha experiência e da minha interpretação, como uma conquista mínima de legitimidade (dignidade) que afirma meus sentimentos sobre a realidade onde estou inserido. Não pretendo constituir-me enquanto “função” nesse modelo de vida, um texto “funcional” que se define a partir de um resultado, uma performance, uma profissão (professar), uma adequação.

Não cobiço, pelas mesmas indicações políticas, habilitar um tipo de pensar-sentir-agir coerente e/ou congruente nesse mundo, que me faça indivíduo (ímpar, único, dignidade) de um tipo mundo onde não posso reconhecer-me parte. Não quero contribuir, especialmente com meus textos, para o entendimento e operação desse mundo. As lutas não me seduzem, não me revolvem, não me encantam: dos gregos aos modernos, sejam as lutas pela Ordem (universal), sejam as lutas pelo Desejo (singular).

Resta-me, nessa dimensão que se inscreve numa literalidade da distância (estrela, errância), inventar um tempo próprio: desbato o interesse pela vida e sua bioética, na opção de uma áionética do tempo-expressão, do tempo-noético, de um pensamento inventivo para um corpo que é tessitura desses fios que não tangem uma vida reduzida ao material, ao físico, ao biológico. Não se tratando de uma questão de rigor filosófico, os conceitos emprestam-se como reverberações do pensamento com a própria sensibilidade-imaginal.

Deste modo, para quem já conviveu na “impotência” limítrofe de um mundo extremamente agressivo, as solicitações de Agamben para uma leve sensação de “indiferença” diante de um apelo de identificação plena com o mundo-presente-capturado e um exercício iniciático no escuro (potência-do-não) abrigado pelas sombras dos projetos fixados em luzes (fascinação de um tipo de presente), encontrou, no meu corpo, uma dose generosa (incomensurável) de recusa, em termos de disponibilidade para um não-saber, não-fazer, não-conhecer... extrapolando aos níveis de um não-dizer, não-viver etc, em uma não-individualidade para a heteronormatividade hegemônica.

Esse foi, precisamente, o marco de um pensamento arrancado, extraviado, como premissa de sobrevivência, de uma vida ato-mundo – convertida em vida abstrata, poética, literária, mágica, marginal etc. Sair da vida como ato-mundo permitiu-me elaborar (sofisticar) as ferramentas do rito, onde uma dimensão do mágico/encantado da vida realiza-se à custa do corpo da vida. Sem produzir atualização, o rito aponta ao que deve ser dito e ao que deve ser feito, enquanto signo atemporal (e não presente) de uma arké-arcano.

O rito em mim, portanto, não é o passado, não é o denso de moral, de virtuosismo, de história, de arístói. Ao contrário, o rito é o noturno, é o secreto, que não se constitui pelo uso do vivente, mas que se impõe (irradia) dos seus objetos imantados/encantados. Não apenas as danças, ou a tentativa de performances como ritos, mas penso em ritos que se valem de tambores (xamânicos) consagrados aos espíritos elementais, produzidos com peles de animais sagrados e dedicados a jornadas do espírito; ou flautas de ossos humanos (kangling do fêmur de homem), utilizados em

rituais que invocam fantasmas famintos e demônios para alimentarem-se da carne ainda viva de um praticante tântrico.

No caso específico desse kangling, para os Budistas Tibetanos, é uma ferramenta que corta os obscurecimentos na identificação arraigada com o “eu”, permitindo a expressão ampla e não-dirigida de karuna (a grande compaixão). Na tentativa, por exemplo, de performances com o sal, ou com ossos, não se trata de produzir um presente, fugaz, efêmero; ou apenas entender o rito, como sucessões fiéis de imagens, como um roteiro ou manual que se cumpre rigorosamente.

Se a performance<sup>13</sup>, filha tardia de um experimento social da Modernidade ocidental, é também agente de dessacralização do mundo, de substituição política do inevitável e do destino, o “presente” enquanto signo é efeito de uma forma, de uma função ou funcionalização cujo resultado são imagens que reconhecemos como “próprias”, e o seu refugio é o que tomamos como “sombra”. É plausível imaginar um tipo de performatividade, de construção de forma, cujo efeito é o atemporal (o que não se rende à transitoriedade das formas)?

O pensamento mágico, desabilitado na Modernidade ocidental, é justamente esse acoplamento da imaginação humana (das racionalidades periféricas, do tácito e do sensível difusos, e não do Lógos) aos fluxos dos saberes tradicionais sobre o velho, o distante, a arké-arcano. E, assim, por exemplo, o sal é compreendido como ossos pulverizados dos antigos, consagrado enquanto cinza já sedimentada pela vida, ao mesmo tempo (superposto no tempo), em que os ossos também são experimentados pó-e-sal.

Nessa dimensão relacional, o que denomino como rito é um procedimento de anti-temporalizar o corpo – os antigos diriam, eternizar; em nosso vocabulário contemporâneo, talvez, um avesso do presente. Rito, nesse prisma, não é uma atividade orientada pela finalidade (espetáculo, apresentação, cerimônia), não é uma forma de controle sob percepções/consciências alteradas<sup>14</sup>, não é um procedimento para criação de roteiros incomuns<sup>15</sup>.

Não se trata, portanto, de uma descrição constituída a partir dos usos, comportamentos e improvisações submetidas ao objeto, nem mesmo de um investimento afetivo sobre os mesmos – a perspectiva de investigação é referida por um

<sup>13</sup> “Jorge Glusberg (1987) aponta que existem diferenças entre o Happening e a performance. Enquanto o Happening está ligado a desconstrução, no sentido de uma desconstrução dos ritos consolidados no ocidente ao longo do processo histórico, a performance associa-se à reconstrução, à criação de novos ritos.”

<sup>14</sup> “Dado que o mundo contemporâneo racional banuiu a irracionalidade (...) qualquer contato com a alma torna-se assustador. Daí talvez a preferência por recursos técnicos que afastam o contato com tais instâncias ou mesmo tentam mitigá-lo, em detrimento de procedimentos que **permitam reaver** as origens rituais, como os que podem ser observados na performance, no happening ou também nos cultos de umbanda, candomblé e algumas manifestações folclóricas, onde a consciência entra em suspensão (...) quando assistimos a rituais contemporâneos que guardam resquícios de tradições arcaicas, temos a oportunidade de observar que o seu condutor, ou seus condutores, **atuam dentro de limites rigidamente demarcados** e nunca permitem que o ritual acabe num desvario que ponha em risco a própria estrutura da cerimônia. Eles também mantêm ainda o **controle** da situação.” Nunes, A.S. Ator e Alma: o corpo em devaneio. Disponível em: <http://portalabrace.org/Memoria%20ABRACE%20VII%20.pdf>

<sup>15</sup> “(...) Jorge Glusberg (1987) aponta que existem diferenças entre o Happening e a performance. Enquanto o Happening está ligado a desconstrução, no sentido de uma desconstrução dos ritos consolidados no ocidente ao longo do processo histórico, a performance associa-se à reconstrução, à criação de novos ritos. Segundo Glusberg, ‘esta distinção é de suma importância, pois mostra o espírito de uma vocação litúrgica e secreta dos performers em relação aos protagonistas do Happening. No lugar de um circuito aberto se coloca um circuito fechado. A ausência de limites é substituída por limites precisos’ (...) produz-se uma operação existencial e autoreferencial que aproxima o performer contemporâneo dos xamãs das sociedades arcaicas: a performance artística produz transportações subjetivas que transformam o sentido de realidade. (...) A performance artística assim como os rituais religiosos atualiza o universo de experiências dos atuantes através da manipulação do corpo e dos elementos estéticos e simbólicos. (...) Evidentemente, na performance contemporânea podemos falar de um ritual, mas este ritual não comporta o mesmo estatuto dos rituais das sociedades de oralidade primária. (...) Nossos recursos de memória são outros, nossa condição tecno-social nos imerge em componentes heterogêneos, sistemas lógicos diversos e possibilidades de transição (...) no terreno da cultura de massa, do capitalismo e das instituições políticas. Nosso contexto de ação ritual inclui relações com a política, os espaços urbanos e as condições da modernidade, que são, evidentemente, os questionamentos que levamos primeiramente em nossos corpos. Nos contextos contemporâneos, a liminaridade ritual compreende a transgressão das cristalizações corporais diárias. Conduz-se o corpo para um espaço existencial não institucionalizado ou isento das normatizações cotidianas, utilizando-se para isto procedimentos rituais.” (pp. 9, 10 e 14). Nespoli, Eduardo. (2004). “Performance e ritual : processos de subjetivação na arte contemporânea”. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000374031&fd=y>

deixar-se possuir ou inundar-se pela arké, amplificar o volume de arké, ou realizar uma terapia que (se) mova (n)a arké (o escuro) e não (a)o gesto; que o gesto seja efeito do escuro no rito, e não, por absurdo Moderno, o seu contrário. Se houvesse um rito ou uma estética derivada de Agamben, a sua expressão rítica (mítica) sugere esse caminho que se avessa ao presente capturado, em rastros, passagens cadentes, distanciamentos.

Se os ritos não desempenham funções, a que ensejam? A respeito do dança-rito-(c)ritica, ou do rito-grito-inscrito-espírito, J. Grotowski<sup>16</sup> sugere um pensamento:

(...) Ritual é performance, uma acção conseguida, um acto. Ritual degenerado é um espectáculo. Eu não procuro descobrir algo novo, mas algo esquecido. Algo tão antigo que todas as distinções entre géneros estéticos deixem de ser necessárias. (...) Um Ritual é um momento de grande intensidade; intensidade provocada; a vida torna-se, então, ritmo. Performer sabe conectar os impulsos corporais à melodia. (A corrente de vida deve ser articulada em formas.) As testemunhas entram, então, em estados de intensidade porque, por assim dizer, elas sentem a sua presença. E, isto é graças ao Performer, que é uma ponte entre a testemunha e este algo. Neste sentido, Performer é pontifex, fazedor de pontes. (...)

A expressão da flauta, a fruição de karuna e não de um som, produz/serve a que resultado? Ora, kumã-karuna não tem direção, não tem objetivo, é condição de reverberação: não é desconstruído ou reconstruído, mas pode ser esquecido ou novamente afirmado. Migra entre silêncios. Em vez de ponderar sobre um jeito de colocar/causar a si numa cena dos ossos, busca-se o colocar dos ossos em cena: o rito, portanto, formula essa cena da distância, do que nunca vai ser e nunca vai ter, o rito, em sua irradiação mágica, verbaliza o distante-distância do arké, o aspecto magicizante e seu verbo-*d ĭstar*.

Com vagarosidade, depois do que vi(vi) no Nepal – com as viagens durante o mestrado e suas respectivas pesquisas/relações de campo –, dou-me conta que **já não posso contribuir** para um tipo de experiência humana adaptada à “funcionalidade” do Estado Ocidental, Moderno, Capitalista, Democrático, Cristão. Emprestado das noções de “função” na composição do “organismo”, eu também discordo de uma perspectiva humana onde se deve contribuir (meramente) como “função” a ser desenvolvida no todo maior de uma sociedade organizada.

Justamente por não me reconhecer como “função” ou “resultado”, também não vislumbro que essa sociedade com seu Estado de dominação representem o modelo para o qual necessariamente devo ceder/caber. Mais do que o “inevitável” das suas classes, hierarquia e propriedade, com a fúria da polícia colonial e sua regulação dos privilégios em partidos; eu tenho um litígio com o modo de sufocar os poetas: de intoxicá-los de tuberculose ou de penicilina, ou de tortura-los na escola, na família, na igreja, na rua, nos agressores invisíveis para as instituições (pai, irmão, tio, amigo, colega, transeunte), até esmagar a própria força da vida – tudo isso porque o Estado, de novo e exatamente, causa nos poetas um tipo de morrer que não é aleatório, que se repete aos infinitos casos. Estarão mortos, inclusive, no ativismo que o Estado incita/proporciona, na medida em que expõe (convoca) sem retaguarda, vulnerabilizando na barbárie e vitimizando na impunidade.

Quando se subtrai a morte, o Estado captura as intensidades e sensações, enfraquece as paixões e forças de insurreição dos poetas, de modo a discipliná-lo sob o pretexto de admirá-lo, resguardá-lo e preveni-lo do seu acaso criador. Assim, para o Estado, os poetas já não morrem de amor; não mais, para os Modernos e seus exercícios do que é militância política, sistemática, intelectual etc. Lembra Thiago Arrais, a propósito de certo rito amoroso, portanto, estranhamento e distância:

“(...) Amor localizado talvez não seja amor suficiente. Precisa ser grande, estar em tudo - como tantas vezes, claramente, parece não estar (e me refiro, muitas vezes, a nós mesmos).

<sup>16</sup> Em “PERFORMER” (texto publicado na revista *Máscara*, out/92-jan/93), disponível em: <http://textoaovoltadaperformance.blogspot.com.br/2010/01/performer.html>

Precisa estar em nós, não como uma tatuagem suicida, num afirmar-se desconfiado de todo o resto, mas um corpo inteiro que o vive para além de si. Algo que vá longe e leve tudo para mais longe. Que nem mesmo tenha nome, medida ou rosto. Amor sem ‘causa’ - e talvez sem consequência. (...)” (conta do autor no facebook, em 14.set.2014). E o Estado conseguiu, em fim, dos poetas, arrancar-lhes a morte (escolha) que era plena de amor.

Meu ponto não é a orientação política, sexual ou religiosa que me ameaça: é orientação cósmica, quer dizer, uma perspectiva de totalidade e de realidade, outras tonalidades banidas no jogo. Mas onde cabe essa afirmação quando sou apenas objeto da faxina moral dos “homens de bem”? Nesse sentido, minha questão é menos ideológica, e propriamente amorosa: o Estado não obsta a sede de morte que dirigem aos que amo, e, sobretudo, o Estado, a Modernidade e a Individualidade também impedem que eu ame e morra de tanto amar, ao dirigir-me com seus modos legitimados de matar.

Quebrou-se em mim, então... essa posição (suposição) da clínica, uma modalidade de escuta que se rompeu, sob o risco da ofensiva contra mim mesmo: *destituída, subtraída, recusada...* resposta anárquica para um tipo de silhueta e contorno emocional-operativo no outro, e a quase impossibilidade de conseguir suficiência ao dizer o que sinto como expressão contrária, aversiva dessa vigilância! Não apenas anárquica, mas *queer* – e parece redundante afirmar que duelos são propostos às visões institucionais, tanto em posturas anárquicas tradicionais como nas posturas queer, estas últimas um tipo de “pós-anarquismo, anarquismo pós-estruturalista e anarquismo pós-moderno”<sup>17</sup>.

Ainda nas palavras de Judith Butler, em entrevista de 2012: “(...) o anarquismo, no sentido que me interessa, tem a ver com a contestação das dimensões ‘legais’ do poder do Estado, colocando desafios perturbadores sobre a legitimidade do Estado. A questão não é como atingir um estado ou a forma final para a organização política da sociedade. É um efeito desorganizador que toma o poder, exercita o poder sob condições nas quais a violência legal e estatal estão profundamente conectadas. Nesse sentido, ele sempre tem um objeto e uma condição provisória, mas não é uma forma de vida ou um fim em si mesmo.”

Pode soar supérfluo dizer, mas quero enfatizar que, mais e mais, dessa posição anarquista que dialoga com os argumentos *queer*, **eu abandono os ideários do Estado**, nele incluídas as suas psicologias<sup>18</sup> e esperanças humanistas de individualidade, liberdade, democracia e produção capitalista. De todo modo, o tipo de relação entre as premissas arké e *queer* é uma discussão crítica que pretendo realizar com maior dedicação, considerando, ainda no pensamento de Butler, que:

“(...) ‘liberdade’ significa liberdade pessoal e não está, de nenhum modo, ligada aos esforços pela igualdade ou à luta contra a violência estatal. (...) O libertarismo gay imagina-se defendendo os direitos individuais, mas falha ao perceber que o individualismo é uma forma social que, sob as condições do capitalismo, depende da desigualdade social e do poder violento do Estado (...) também gostaria de assinalar que há uma operação de liberdade e *agency*/ação que não é a mesma entendida como liberdade pessoal do indivíduo sob os regimes da democracia liberal (...) se a versão de liberdade como a ideia de proteção legal se torna tudo que concebemos sobre liberdade, então certamente estamos constrangidos de maneiras inaceitáveis. (...) também significa que as formas de resistência e

<sup>17</sup> “SOBRE ANARQUISMO: uma entrevista com Judith Butler”. Disponível em: <http://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/08/07/sobre-anarquismo-uma-entrevista-com-judith-butler-judith-butler/>

<sup>18</sup> “É Hillman quem o vai citar na formulação da psicologia arquetípica: ‘Contudo isto é ainda ‘psicologia’, embora não mais ciência; é psicologia no mais amplo sentido da palavra, uma atividade psicológica de natureza criativa, na qual é dado à fantasia criativa o lugar principal’ (Hillman, 1995. pp. 28-29). De modo similar, Félix Guattari, partindo de um pressuposto heterogêneo da gênese subjetiva, busca fazer uma transição ‘de paradigmas cientificistas para paradigmas ético-estéticos’ (GUATTARI, 1992, p. 21)”. Nunes, A.S. Ator e Alma: o corpo em devaneio. Disponível em: <http://portalabrace.org/Memoria%20ABRACE%20VII%20.pdf>

exigência por liberdade que fazemos não podem ser integralmente conceitualizadas sob a rubrica da lei (...) A questão, no meu ponto de vista, é desenvolver uma relação crítica com a lei, que é, antes de tudo, um campo do poder que é diferentemente aplicado e apoiado. Nós temos que fazer parte da luta para fazer com que a lei seja justa, mas nenhuma lei existente será capaz de nos dizer o que é a justiça”.

A fantasia de organização com um homem ocidental/acidental, fraturei: “se ficasse, persistisse, suportasse, tudo caberia” – diziam-me, na melhor inspiração americana da experiência ilimitada, dos recursos infinitos e dos sonhos em aberto. Se eu combatesse, algo mudaria como efeito do meu desespero. E a sociedade, de tal modo plástica e largamente utópica, caberia algo de também significada por mim. Mas **não sou cabível em lugar nenhum da ordem**, especialmente no Estado do Capitalismo e da Razão instrumental.

Talvez, de sobremaneira para um anarquista, os temas do afeto, da violência e do conhecimento orbitam nesse plano intrincado de resistência ao Estado e suas realidades vividas: “Todos os dias, eu acordo já sabendo que vou ter que enfrentar algum tipo de preconceito. Já faz parte da minha rotina. Para mim, é tão certo quanto acordar, lavar o rosto e escovar os dentes” – Dawan Bueno dos Santos<sup>19</sup>, 19 anos, um garoto que faz parte de outra geração e cujos sentimentos são ainda tão mesmo os meus: “(...) Eu, no entanto, aprendi a amar no cárcere. Que vale comparado com isto a tristeza do bosque de Boulogne? Que valem comparados com isto suspiros ante a paisagem do mar? Eu, pois, me enamorei da janelinha da cela 103 (...)” – V. Maiakovski (“Adolescente”).

Embora difícil, gostaria de acreditar que essa luta expressa uma aproximação recentemente, quem sabe oportunizada nas imagens melódicas que evocam mortes, perdas, partidas, desde que ouvi “SMILE”, durante o funeral<sup>20</sup> de M. Jackson (morto em overdose de remédios), em julho de 2009 (com outra gravação de 2013, ainda do próprio irmão<sup>21</sup>, Jermaine Jackson), e posteriormente, em 2014, na homenagem de Sara Bareilles<sup>22</sup> para o suicídio de Robin Williams.

Contudo, essa morte que reverbera do velho século traz outros medos longínquos: para a minha geração, o lugar de exorcismo daquela música emprestada de Chaplin é semelhante às gravações de “Candle in the Wind” por Elton John, escrita por ocasião da morte de Norma Jean<sup>23</sup> (Marilyn Monroe), em 1973, e da princesa de Gales, Diana Spencer<sup>24</sup>, em 1997.

Quando a magia desfaz-se nas experimentações dos corpos pós-modernos, sigo por outra rota-desvio aos clássicos, nos passos de um rito dos sherpas: eu quero essa arké que não se empresta à investigação; que não é a minha sensação, improvisação e interpretação, que eu não tangencio como objeto de qualquer presença, manifestando-se apenas como suspeição no distanciar que instaura, do que ecoa de Asclépio e galo, de Éros e jornadas, de São Bartolomeu e marés de tormentas. Resistindo à epidemia de dominação, do lógos clássico ao pensamento contemporâneo, não pretendo tomar o ancestral para fragmentar a densidade de sombra e do encantamento, no intuito de apenas confirmar que não deve haver isso que atravessa o tempo – que não pode haver, sobretudo, a morte.

Dizem que **as minhas páginas serão descabíveis** (para quem?) para denotar esse mínimo do que me move e dos meus escuros criativos; todavia, as mesmas

<sup>19</sup> <http://www.grupodignidade.org.br/blog/2014/sobrevivi-para-contar-a-minha-historia-diz-gay-espantado-na-rua/>

<sup>20</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=m6L4k-6RL2E>

<sup>21</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=kEeJM\\_7Xv\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=kEeJM_7Xv_w)

<sup>22</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=6HyEOQIX7\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=6HyEOQIX7_c)

<sup>23</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=zvMgGe4YsqE>

<sup>24</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=7BrtCtv44Vg>

páginas nunca seriam demais para uma razão fria e abstrata, onde não haja histórias e nuances, apenas dados e evidências. O procedimento que evita a morte sabe que atribuindo as temporalidades e os modos legítimos do morrer, a fúria da morte não destrói a penumbra rasa dos gestos-cadáver. Não é apenas a fantasia da morte adiada, não é a morte (na) finitude dos intelectuais. Se escuto que não quero um amor à espreita, de vigília, dentro de uma sala ou do carro, aguardando o sintoma da guerra: podemos, então, fugir dessa violência onde a noite é uma criança morta?



“Made to suffer”, Alex Stoddard (conta do autor no facebook)



“If man were meant to fly”, Alex Stoddard (conta do autor no facebook)



“Lifeblood (3)”, Alex Stoddard (conta do autor no facebook)



“To beg for a tide”, Alex Stoddard (conta do autor no facebook)

São mortes inventariadas: que não morrem, que não chegam a mim em silêncio definitivo e que não se vão em suas tormentas. Essas datas de 1997, 2009, 2014 nas músicas são apenas eventos externos, que imergem o meu sentir em certo pesar do qual não consigo desviar-me; e, de outras formas, também no plano da vida pública compartilhada, a morte de Ayrton Senna, em 1994, ou de João Paulo II, em 2005; ou, de modo próximo, a morte do Bréal, em 2013, ou do meu avô (tão meu pai, de outras formas, e tão homofóbico, quanto o primeiro), em 2004. Não é exatamente a convivência escura que me assombra!

No seu conjunto, as datas e seus momentos permitem-me observar uma *duração* para questões, dores e pendências; as datas são apenas os registros externos, ou signos que me fadam com a tentativa solitária de estabelecer contato emocional, e conseguir dizer algo que não sem esforço eu conseguiria elaborar. De um ponto de vista da Psicoterapia, e nem tanto da Psicologia – sobretudo a partir de uma ótica que legitima os modos de experiência, os prismas e nuances em cada cliente, e, portanto, nem tanto como disposição genérica-generalizante das suas teorias correspondentes; eu sei que há algo do trauma que permanece como transe: há feridas que se fazem constituintes, e, assim, fendas, passagens.

Seriam tragédias, se não obstadas numa imposição atrelada do destino que se confronta ao desafio da escolha e razão nos Modernos. De todo modo, alheia a certa hegemonia das ciências e filosofias do sujeito, talvez a terapia da alma (psiqué) ainda seja uma morada remota do escuro com nome próprio – não o que foi mal explicado, mas o avesso do sentido e da compreensão. Há dores, por conseguinte, originariamente insuperáveis em sua inscrição, a ponto de sugerir ritos/rituais específicos sobre o tempo, em posições arcanas que delimitam condições primevas, primeiras, primitivas.

Essa dimensão de uma psicoterapia (um rito de Éros) guarda os esquifes dos nossos mortos, não apenas na tônica geral do que se enlutece, desprende e supera na configuração seguinte; porém, em sua condução profana, o que apodrece vagarosamente não adormece com a palavra que desorganiza, onde a fronteira dos vivos para os mortos permanece invadida como memória e vísceras.

Posso tardar o meu rompimento definitivo com o Estado, embora menos por semelhanças, e mais por uma culpa ainda perlaborável, da tal inadequação e rejeição que adverte não recusar em absoluto, da carência humana de aceitação para quem já se percebeu tão isolado e desprezado – ou dos resquícios de um forçar-se “ser homem para ser respeitado”, do “homem que se comporta como homem” e que me prescreviam como dever-aguentar.

É uma posição aleivosa supor que tudo, ou algo dessa transgressão caberia: já não coube a Ásia, a China, sobretudo, nem o Oriente Médio, com o Islã, ou seus estrangeiros sob os véus, mascarados. E há algo daqueles mundos que jamais será

“menu” e valor de troca, no Ocidente. Porque não cabem, todos os dias matam-se transexuais, travestis e transgêneros (40% de todos os assassinatos no mundo para esse grupo estão nas ruas do Brasil). Não cabem os africanos exterminados pelo Ebola. Não cabem os anarquistas, seus protestos e manifestações.

Não cabe tudo, e certamente nem todos nesse Capitalismo fixado – é autoevidente pelas guerras e segregações, por aquilo que não se rende a uma “versão” que se impõe “verdade” na vida comum! São outros saberes, e estados (de conhecimento, de matéria), para um não-Estado de coisas, de substâncias, de entidades. A morte do Brèal (meu poeta), a morte selvagem de João Donati (em Goiás), e cada vez me aproximo (aprofundo) do luto necessário, *o meu verso* (o anverso do que sou, avesso, reverso).

Há mais de vinte anos, eu perdi quando sobrou apenas uma luta ao lado de quem não estarei, e inscreveu-se para mim que não haveria lugar nesse tipo de mundo com suas misérias. Ceder ao fascínio do “interminável”, para reconhecer o limite do próprio Estado e dos corpos contemporâneos é uma força de recusa! E eu sei o meu lado, marginal com os sons e ventos das florestas. Não se trata de um delírio por coisa nenhuma, por uma luz que possa vagar ininterrupta no espaço que se expande. Mas, talvez, de exercitar a liberdade para não permanecer nessa psiqué dos gregos, nem exatamente sob as referências de governabilidade do neoliberalismo.

Do mundo, por exemplo, que circunvizinha os yoguis que encontrei, asiáticos e também europeus, não se constituem modos de existência conforme o mesmo enquadre semântico-cultural dos centros urbanos tecnologicamente globalizados, e, certamente, não me reconhecem no mesmo horizonte afetivo (e sufocante) com o qual me contorço. É um sentimento de pausa, distância e descanso para a violência ininterrupta de décadas, embora também apresentando desafios inesperados. O que me restou, então, desse Ocidente para ainda querer, ou querer escrever? Não há muito como identificação, filiação, pertencimento.

“Por aqui tem feito D dias lindos  
Procurar um outro AR  
ALTERAR  
E o meu ser se esgota na procura patológica  
Do que nem eu sei o que é  
E esse é  
Não há nunca  
Em parte alguma  
Prazer algum  
Mantra mito nenhum  
Que me

Baste.

ALTERAR”

(Waly Salomão, “Por um novo catálogo de tipos”)

Há esse homem o/acidental por todas as suas lacunas. Se, outrora, a imaginação que o suicídio seria a mão-única para revogar o alcance desse Estado-Ocidental sobre meu corpo, descobri que, transliterando o Ocidente que me habita para as Montanhas da Ásia, como uma morada TransHimalaica, o pavor e o terror é substancialmente menor, possível de algum gerenciamento. E o mundo não se torna seguro, agradável, idílico, mas eu não me sinto percebido/perseguido por cruzeiros e homofóbicos.

Traz-me dignidade profunda não ver as cruces que buscam, no limite, abrigar (disputar) o meu corpo. Já não pretendo a “funcionalidade” dessa organização de mundo, a partir das suas instituições e perspectiva correspondente de cidadania, sujeito e subjetividade. Depois de vinte anos dessa crua assombração, há um modo de índio velho e tranquilo em mim, que na sua distância aos dias que hoje vivo, deseja apenas (conseguir) ouvir esse homem branco sem nada entender, em sons que não constituem fala e impossíveis de repetição – esse homem que se faz outro, pura estranheza aos meus olhos.

Nesse mundo, a terapéia dos antigos não exatamente compreende, mas se vale da palavra para reintroduzir o escuro da alma, ainda naquela inspiração que antecedeu o Lógos, nos templos de vivência selvagem e das borboletas obscuras. Não me reconheço exatamente como psicólogo, nem como uma “psiké” dos mediterrâneos. Acho que me tornei um vírus, no sentido de uma mutação infecta. Embora, ainda continue amando. Não desisti de Éros, que, por sua vez, me prende à terapéia. E para onde vamos, Éros, a terapéia e o que sou-em-trânsito? Se não for esse tipo de força amorosa, quem seria? Éros é cruel, Éros é o primeiro, ao lado da Gaia, depois do Kháos. Eromancia, errância anárquica... em uma *(c)ritica-queer*: anarquear?

## PARTE ii: Saber-Experiência e seu encantamento-objeto

“A linguagem é a casa do ser.  
Nesta habitação do ser mora o homem.  
Os pensadores e os poetas são **os guardas** desta habitação”.  
(Martin Heidegger)

Essa relação aqui presumida como bastante próxima, entre as racionalidades da saúde que se envolvam dos temas habituais na biomedicina e uma problemática aparentemente distante (quicá, “equivocada”), qual seja a pertinência do escuro nos saberes, nos projetos e nas instituições das luzes, não é de todo inaugural ou inusitada – pelo menos, não se vislumbramos certo eixo das curas e dos ofícios sagrados, tanto na Psiké, como nos templos de Asklépios, que figuram como parte no espólio arcano das práticas de cuidado; os guardas, as sentinelas, os carcereiros (e hóspedes) dos Templos.

Para aqueles universos do somático e do psíquico ancestral, não é desconhecido que os processos de recuperação, nas artes transmitidas pela figura ambígua de Quíron (céu e terra, abstrato e telúrico), alavancados na proteção de Asklépio e dos seus filhos, incluíam não apenas moedas de oferta e sacrifícios de animais, como hinos, banhos, invocações, serpentes e sonhos mágicos, prontamente interpretados pelos Iátricos e sua Iátrica (uma arte da cura). No contexto dos banhos, as ervas para incensos e infusões, o toque, os óleos, as vestes limpas etc, perfazem o ambiente do incomum, dotado de propriedades curativas e de cuidado, onde também se agrega ao arquétipo<sup>25</sup> das águas puras.

Dos Asklepíades aos Terapóns da Psiké, essa dimensão do obscuro não seria menos relevante em outro nível de recuperação. O Amor, vide a longa peregrinação de Psiké nos braços (ou à procura) de Éros, move-se à sombra do mundo percebido com luzes: não o que “estaria por trás” ou que apenas “não se deixa ver”, mas esse quantum do atemporal (arké), jamais plenamente convertido em passado; embora refratário de captura, esse duplo que se preserva à sombra: começo ou comando<sup>26</sup>, condição de partida ou condução para o que se inicia<sup>27</sup>.

Se o escuro foi politicamente traduzido como domínio do bárbaro (pelos gregos), do pagão (pelos cristãos), do que não produz sentido na razão (pelos modernos), mover o escuro no corpo foi (e, talvez, permaneça) o princípio inaugural da saúde, da cura e do cuidado dos saberes antigos. Em outra dimensão (ética, épica), a interposição do escuro habilita formas de vida que ultrapassam os limites da sobrevivência.

Sabe-se que as Jornadas da Psiké, sob a tutela do Belo que incita a Alma para reaver seu lugar de Bem-Amada, incluíram uma porção substantiva do que não se empresta à palavra, do que são referenciais antiquíssimos do mundo pré-Logos, construídos e deslocados com a imagética e a força da mítica. Por exemplo, chegam-se aos altares da borboleta (uma representação arcana da Psiké) aqueles chamados, despertados pelo incômodo na vida cotidiana, pela insistência de um daimon ou na sugestão oracular.

Uma vez ladeado pelo Terapón, a própria caminhada alada, nessa custosa produção de si mesmo, é retroagida ao dar-se conta para o feitiço amoroso que sequestra

<sup>25</sup> Vide Carl G. Jung, em “Aspectos do drama contemporâneo”: “Na verdade, os arquétipos são como leitos de rios, abandonados pelas águas mas guardando sempre a possibilidade de retornar depois de um certo tempo. **Um arquétipo é como o curso de uma velha torrente em que fluíam várias águas da vida e que foram profundamente enterradas.** E quanto mais tempo tenham seguido uma determinada direção mais provável que para lá regresse”.

<sup>26</sup> Ver: <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca21/PAIXAO%20DO%20ARQUIVO.html>

<sup>27</sup> Por exemplo: *hiera: ritos sagrados + arkhein: conduzir, comandar; nesse sentido, hier+arké/ia: o quê/quem inicia, conduz os ritos sagrados/a função de um alto sacerdote situado dentro de um santuário.*

durante o sono até a sinalização da fragilidade tão humana, a perda do laço com esse amor; nessa irrupção do medo, da inveja e da desconfiança, surge exatamente a possibilidade trágica para o herói que supera a si: reconhecimento dos conteúdos invisíveis, posto que subterrâneo e recusado no temor/desconforto evocado; seguido do que não se enfrenta diretamente, embora já não requisite a dose fixada de temor como imobilismo; conduzido para a tarefa seguinte que solicita uma visão de altiplano, capaz de afastar-se a ponto de reconhecer outra relação com as variáveis/desafios; até, propriamente, a última etapa, do abandono que se traduz como escuta, confronto, diálogo, procura diante de tudo que se fugiu, os restos de sonhos, os pedaços da alma, o horror julgado de si mesmo.

Somente, assim, participante dos mistérios, haveria a possibilidade de concluir tais Jornadas, exatamente do ponto onde foi iniciada: alheamente, nos braços de Éros, o Amor, que se afasta da vida e da morte quaisquer. No primeiro momento, em um estado de torpor e estranheza, incerteza e falta de confiança; no segundo, como parte da eternidade, usufruindo do convívio junto aos imortais. Para ambos, é o contra-hegemônico.

Da sombra para o corpo biológico, onde a dimensão do obscuro, por excelência iátrica e terapêutica, foi substituída pela onipresença do claro. A compaixão seria um elemento dessa confiança-escuro? “Todos os deuses e homens devem odiar o médico em cujo íntimo falte compaixão e espírito de humanidade” - Scribonius Largus (Pellegrino e Pelegrino<sup>28</sup>, 1988).

Talvez, o afastamento desse domínio da sombra para um exercício de natureza dramaticamente prática, possa ter constituído, ao longo da Modernidade, saberes que outrora se relacionavam com os processos de cura, para o que, hoje, são vislumbrados, como procedimentos de controle social e identificação etiológica.

Não por acaso, o ofício remoto da filosofia grega encaminhou-se a partir do reconhecimento para o “thaumázein” (o “espanto”). O que é capaz de gerar espanto, no sábio clássico, e, portanto, no sábio que efetiva as curas, é o mesmo nível de assombro que obscurece a vida e o mundo. A sombra exige, desde Galeno, que “quod optimus medicus sit idem philosophus” (o ótimo médico é também um filósofo)” (Pellegrino e Pelegrino, 1988).

Tirânica ao esperado que se esgota na terra seca e dos animais que desaparecem no fundo arenoso dos córregos, a sombra é o bueiro de rebeldia que confronta a vertigem em dia aceso. Para o campesino que se vê inserido nos segredos caudalosos do sertão, a morte e seus desafios estão onipresentes: é com a sombra que se produz desequilíbrio para o tempo que ofusca, tomba e incendeia; a sombra para o dia/luz e para a noite/não-luz fixados.

É na virtualidade dos avessos (anti-dia, anti-noite) que se transgride como penumbra de uma rameira modesta ou arbusto no sol a pino, no céu que escurece, no descanso do alpendre coberto, ou na fumaça densa do café, abrigada dentro de casa – vultos de alívio percorrem corredores de janelas fechadas para o calor que hesita invasão, no silêncio e escuro torrados ali mesmo.

A sombra, por conseguinte, é regeneradora (devires-acalentos) para a contínua violência das luzes no sertão, no mulcetão, das terras estranhas e distantes à civilização. Cafés-Pretos-Gatos-Sertões-SombrAlegres... sombras e não paixões, avesso da potência em vez da potência-do-não.

---

<sup>28</sup> Pellegrino ED, Pellegrino AA. Humanism and Ethics in Roman Medicine: Translation and Commentary on a Text of Scribonius Largus. Literature and Medicine 1988; 7:22-38. Disponível em: <http://www.nhu.ufms.br/Bioetica/Textos/%C3%89tica/%C3%89TICA%20E%20PSIQUIATRIA.pdf>

Nesse sertão da luminosidade insidiosa, os espaços claros e iluminados da arquitetura moderna são apenas desconforto, em vez da proteção rudimentar e artesanal das sombras. No litoral, as casas são ensolaradas. Mas os vãos do sertão guardam penumbras, vertigens que habitam o pé direito alto e a pouca mobília, de branco caiado e já descascado nas paredes duplas, fantasmas de espaços e de ruínas.

Essa dimensão onde a sombra reivindica a pluralidade da vida e das forças da vida, para além do campo das “curas”, também se demonstra como elemento de uma ética que negativa/avessa aos instituídos.

Exemplificada na mítica e no psikismo da sombra, em tempos de sol escalpelante e cólera das luzes, a morte é o território onde habitualmente se despenca o volume geográfico de um sertão como personagem a deslocar-se entre sombras do tabuleiro: desse movimento que contradiz a mera subsistência abaixo da luz, torna-se capaz de tecer sombras com seu desequilíbrio que não se entrega à morte – sombras, portanto, outrora circunstância, agora, um modo de próprio de organização e de invenção.

Desafio ao fazer técnico que se imprime no ato, na claridade, na luminosidade, na instrução, na atualização e na institucionalização, a sombra oferece suportes variados de contato onde a experiência não se reduz à governabilidade. O foco não se delimita ao escuro como domínio de permanências, embora a sombra aproxime outro-modo de liberdade humana, liberdade não fixada (sacer), liberdade não-arké mas ela mesma, dissidente-constituente, de novas origens e comandos.

Assim como o sertão que não é apenas o antagonista do mar e do litoral, ou da cidade e da civilização, a sombra é o espaço do sem-nexo, portanto, ainda mágico e fantástico. Incluir elementos dessa sombra, como parceiros legítimos da vida, traduz-se como força de mundos por construir.

Preciso desse escuro para (anti-)viver e também sonhar. É do escuro (Kháos) que surge o amor (Éros). Assim relembra Platão, em “O Banquete”<sup>29</sup>:

“(…) Fedro começou a falar mais ou menos desse ponto, ‘que era um grande deus o Amor, e admirado entre homens e deuses, por muitos outros títulos e sobretudo por sua origem. Pois o ser entre os deuses o mais antigo é honroso, dizia ele, e a prova disso é que genitores do Amor não os há, e Hesíodo afirma que primeiro nasceu o Caos... e só depois

‘Terra de largos seios, de tudo assento sempre certo, e Amor...’

Diz ele então que, depois do Caos foram estes dois que nasceram, Terra e Amor. E Parmênides diz da sua origem bem antes de todos os deuses pensou em Amor. E com Hesíodo também concorda Acusilau. Assim, de muitos lados se reconhece que Amor é entre os deuses o mais antigo. E sendo o mais antigo é para nós a causa dos maiores bens. Não sei eu, com efeito, dizer que haja maior bem para quem entra na mocidade do que um bom amante, e para um amante, do que o seu bem-amado. (...)

(...) Se por conseguinte algum meio ocorresse de se fazer uma cidade ou uma expedição de amantes e de amados (...) quando lutassem um ao lado do outro, tais soldados venceriam, por poucos que fossem, por assim dizer todos os homens. Pois um homem que está amando, se deixou seu posto ou largou suas armas, aceitaria menos sem dúvida a idéia de ter sido visto pelo amado do que por todos os outros, e a isso preferiria muitas vezes morrer. E quanto a abandonar o amado ou não socorrê-lo em perigo, ninguém há tão ruim que o próprio Amor não o torne inspirado para a virtude, a ponto de ficar ele semelhante ao mais generoso de natureza; e sem mais rodeios, o que disse Homero “do ardor que a alguns heróis inspira o deus”, eis o que o Amor dá aos amantes, como um dom emanado de si mesmo. E quanto a morrer por outro, só o consentem os que amam (...)

(...) Assim, pois, eu afirmo que o Amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o

<sup>29</sup> Disponível em: [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O\\_banquete.pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O_banquete.pdf)

mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte.” De Fedro foi mais ou menos este o discurso que pronunciou (...)”

Sertão, Sertáion... Ensina Guimarães Rosa, que “O sertão é o terreno da eternidade”: o Sertão é Aión, ou do tempo-Aión que se fez surgir a experiência-Sertânika?! Seria no escuro do sertão, no escuro do mundo onde também é possível “desmorrer, dessofrer, dessentir, desviver” (José Maria Arruda, conta do autor no facebook, 04.07.14)? Anti-morrer, anti-sofrer, anti-sentir?

Retroagindo à Teogonia de Hesíodo (Torrano<sup>30</sup>, 2012), lê-se que:

“(...) O poema começa com a invocação às Deusas Musas, que se desdobra num hino descritivo da natureza e atribuições dessas Deusas e que conclui com a súplica às Musas de que cantem a origem dos Deuses e digam ‘quem dentre eles primeiro nasceu’ (T. 115). A primeira ocorrência do nome Kháos é justamente a resposta à questão ‘quem dentre eles primeiro nasceu’, a saber:

Sim, bem primeiro nasceu Caos, depois também  
Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre,  
dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado,  
e Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias,  
e Eros: o mais belo entre os Deuses imortais,  
solta-membros, dos Deuses todos e dos homens todos  
ele doma no peito o espírito e a prudente vontade.  
(T. 116-122)

Faz-se necessário considerar esses sete versos como um conjunto, porque do ponto de vista da sintaxe é constituído por um único período cujo verbo principal *génet*, ‘nasceu’, tem o sujeito composto de quatro nomes, a saber: Kháos, nesta citação não traduzido mas vernaculizado ‘Caos’, Gaíã, traduzido por ‘Terra’, Tártara, vernaculizado ‘Tártaro’, e Éros, vernaculizado ‘Eros’.

Observe-se que o nome Caos responde à questão ‘quem dentre eles primeiro nasceu’ com a substituição do grau normal do advérbio próton, ‘primeiro’, pela forma superlativa do advérbio prótista ‘bem primeiro’ (ou mais literalmente, ‘primeiríssimo’) sobrecarregada por três partículas de ênfase que reforçam asseverações é *toi mèn* (‘Sim’).

Essa ênfase superlativa na prioridade de Caos o distingue e contrapõe aos outros três sujeitos do mesmo verbo. O que significa essa enfática prioridade atribuída a Caos? Se devemos buscar a resposta a essa pergunta na perspectiva do pensamento mítico hesiódico, devemos então recusar todas as formulações que recorrem a noções próprias do pensamento abstrato posterior e estranhas ao pensamento mítico hesiódico, notadamente as que apelam às categorias abstratas de espaço e de tempo. Não se trata, pois, nem de uma anterioridade cronológica nem de uma relação de primazia espacial.

A natureza dessa prioridade atribuída a Caos a nosso ver se revela nessa relação em que se encontram os quatro nomes que compõem o sujeito do verbo *génet*, ‘nasceu’. Para compreender-se a dinâmica dessa relação, é necessário compreender o que significa cada um dos quatro nomes, cujas noções estão implicadas nessa relação.

Em contraste com o Deus Caos, que nestes versos inaugurais da Teogonia se descreve unicamente pelo nome e pela ênfase na prioridade, o nome da Deusa Terra se desdobra em um epíteto (*eurýsternos*, ‘de amplo seio’), um aposto (‘de todos sede irresvalável sempre’), e uma oração adjetiva (‘dos imortais que têm a cabeça do Olimpo’). Esse desdobramento em que se explicita a natureza da Deusa Terra como fundamento inconcusso de tudo e de todos os Deuses Olímpicos por sua vez se desdobra em seu contrário com a nomeação do terceiro nome, Tártaro.

<sup>30</sup> Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062012000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062012000100005)

A seção da Teogonia que se pode intitular ‘descrição do Tártaro’ (T. 722-819) descreve Tártaro como khásma még’, ‘vasto abismo’ (T. 740) e como lugar da queda sem direção e sem fim (T. 740-743). O desdobramento em que se explicita a natureza da Deusa Terra, pois, conclui com a paradoxal inclusão de sua contra-natureza, a saber, a privação de fundamento, o lugar da queda cega e sem fim.

O termo com que se descreve o Deus Tártaro, khásma, ‘abismo’ (T. 740), tem a mesma raiz do nome Kháos, ‘Caos’, e do verbo khaíno, que significa ‘abrir-se; entreabrir-se; fender-se’. A palavra khásma é formada dessa raiz verbal e do sufixo -ma designativo de objeto ou resultado da ação. A simetria entre Caos, o primeiro dos quatro termos que compõem o sujeito do verbo génet’, ‘nasceu’, e Eros, o quarto termo desse sujeito composto, permite-nos entender Kháos como o nome da ação de entreabrir-se e fender-se, e assim entender Tártaro, dito khásma, como o resultado dessa ação de entreabrir-se e fender-se. A simetria entre Caos e Eros como nomes de ação permite-nos pensar que descrevem as duas formas de procriação pelas quais se desdobram as genealogias divinas da Teogonia, Caos nomeando a procriação por cissiparidade, e Eros nomeando a procriação por união amorosa.

Essa simetria entre Caos e Eros e os versos 740-743 da Teogonia descritivos do Deus Tártaro nos permitem compreender a relação entre Caos e Tártaro mediada por Terra nos versos 116-119 como uma relação entre kháos – entendido como a ação de entreabrir-se e fender-se – e khásma – entendido como o resultado dessa ação – compreendendo-se assim o nascimento do Deus Tártaro como uma procriação da Deusa Terra presidida por Caos, o que se diz por cissiparidade. Nessa presidência da procriação e do nascimento por cissiparidade reside a prioridade ontogenética – não espacial nem temporal – de Caos.

O verso 119 localiza o Deus Tártaro, dito eeróenta, ‘nevoento’ (i.e. invisível), ‘no fundo do chão de amplas vias’, como se o lugar da queda cega e sem fim constituísse um último e abscôndito aspecto da sede sempre irresvalável de tudo e de todos, a saber, o aspecto da privação.

O par antitético constituído por Terra e Tártaro – o ser do fundamento inconcusso universal e, como o último termo da sua primeira explicitação, a total negação e privação de todo fundamento – preenche por sua vez a condição necessária da possibilidade de nascer o Deus Eros, o Deus que preside a procriação por união amorosa, e cujo ser, portanto, tem por condição necessária a preexistência do par amoroso, o qual, por sua vez, pressupõe a dúplice preexistência da mãe primordial e da ação cujo nome é Caos. Visto que a mãe primordial somente vem a ser mãe primordial mediante essa ação de Caos, assim se explica a enfatizada prioridade de Caos sobre os primeiros nomeados.

Os versos 120-122 descrevem o Deus Eros, o quarto nome do sujeito composto do verbo génet’, ‘nasceu’, também com um superlativo, kállistos, ‘o mais belo (entre os Deuses)’, e ainda com dois traços aparentemente contraditórios, a languidez (lysimelés, ‘solta-membros’) e o poder universal sobre mortais e imortais.

Os quatro nomes do sujeito composto do verbo génet’, ‘nasceu’, constituem, pois, uma unidade complexa cujo centro na figura da Deusa Terra, mãe universal, integra os outros três como aspectos necessários do próprio ser-fundamento universal: as duas formas de procriação descritas na Teogonia – cissiparidade e união amorosa, domínios opostos e complementares de Caos e Eros – e o aspecto sombrio da negação e da ausência de todo fundamento, descrito na figura nevoenta (i.e. invisível) de Tártaro.

Esse conjunto dos sete versos inaugurais da Teogonia (T. 116-122), recortados pela simplicidade do período sintático que reúne os quatro primeiros nomeados como o sujeito quádruplo de um único verbo principal – génet’, ‘nasceu’, o verbo por excelência genealógico e teogônico – é emblemático da configuração própria da percepção peculiar ao pensamento mítico: uma percepção sinótica, concreta e imediata, que contrasta com a percepção característica do pensamento abstrato, abstrata e analítica.”

Dançar com o obscuro, também na proposta do Butoh, é reconhecer o corpo escuro de possibilidades, corpo, por exemplo, que adentra o labirinto de cartas para a morte e, sem achados e finais, percorre experiências de um amor-não-morto.

A morte, significada na interface do corpo (não como um fantasma, mas, por exemplo, uma experiência estética no Butô; a experiência de P'howa, das meditações budistas para a experiência na morte etc), assim como outras multiplicidades de emoções não permitidas e não experimentadas, adentram intercessores que desequilibram a vida comum.

Ou, quem sabe, pensar a força da compaixão que, na falta de controle e de segurança acerca do outro e das possibilidades para transformar sua experiência, não adentra o domínio do claro (na moral, na razão etc), buscando a produção de um tempo de aion que já não é diferença (nos termos linguísticos e da singularidade).

Na entrevista concebida para Eduardo Febbro<sup>31</sup> (2012), Alain Badiou sublinha o lugar político de uma experiência de amor:

“(...) Pergunta-se: qual é o valor do que é grátis? Justamente, o valor do grátis é que não tem valor no sentido das trocas. Seu valor é intrínseco. E como não se pode distinguir a ideia do preço do objeto a única existência da ideia está em um tipo de fidelidade existencial e vital para a ideia. A melhor metáfora para isso é encontrada no amor. Se queremos profundamente a alguém, esse amor não tem preço. (...) Para se opor ao mundo contemporâneo pode-se atuar na política, mas estar cativado completamente por uma obra de arte ou estar profundamente enamorado é como uma rebelião secreta e pessoal contra o mundo contemporâneo. Esse é o principal problema da vida contemporânea. Estabeleceu-se um regime de existência no qual tudo deve ser transformado em produto, em mercadoria, inclusive os textos, as ideias, os pensamentos.

(...) O amor é um gesto muito forte porque significa que é preciso aceitar que a existência de outra pessoa se converta em nossa preocupação. No amor, o fundamental está em que nos aproximamos do outro com a condição de aceita-lo em minha existência de forma completa, inteira. Isso é o que diferencia o amor do interesse sexual. (...) O amor é quando estou em estado de amar, de estar satisfeito e de sofrer e de esperar tudo o que vem do outro: a maneira como viaja, sua ausência, sua chegada, sua presença, o calor de seu corpo, minhas conversas com ele, os gostos compartilhados. Pouco a pouco, a totalidade do que o outro é torna-se um componente de minha própria existência. Isso é muito mais radical que a vaga ideia de preocupar-me com o outro. É o outro com a totalidade infinita que representa e com o qual me relaciono em um movimento subjetivo extraordinariamente profundo.

(...) o amor é gratuito e, desde o ponto de vista do materialismo democrático, injustificado. Por que deveria me expor ao sofrimento da aceitação da totalidade do outro? O melhor seria extrair dele o que melhor corresponde aos meus interesses imediatos e aos meus gostos e descartar o resto. (...) Há uma generosidade amorosa que é inevitável. Sou obrigado a ir na direção do outro para que a aceitação do outro em sua totalidade possa funcionar. Essa é uma excelente escola para romper com o mundo tal como é. Minha ideia sobre a reinvenção do amor quer dizer o seguinte: uma vez que o amor se refere a essa parte da humanidade que não está entregue à competição, à selvageria; uma vez que, em sua intimidade mais poderosa, o amor exige uma espécie de confiança absoluta no outro; uma vez que vamos aceitar que este outro esteja totalmente presente em nossa própria vida, que nossa vida esteja ligada de maneira interna a esse outro, pois bem, já que tudo descrito acima é possível isso prova que não é verdade que a competitividade, o ódio, a violência, a rivalidade e a separação sejam a lei do mundo. (...) É preciso lutar para conservar o excepcional que ocorre em nossas vidas. (...) A construção amorosa é a aceitação conjunta de um sistema de riscos e de invenções.”

---

<sup>31</sup> Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/-O-comunismo-e-a-ideia-da-emancipacao-de-toda-humanidade-/6/18598>

Compaixão como uma feitura no avesso da sombra, produção que se dirige ao registro arcano do tempo e não das suas fruições. Compaixão como uma prática do anti-escuro. Bensusan<sup>32</sup> (2012) explicita conceitualmente elementos do que seria essa relação ética a partir da sombra:

(...) O postulado das éticas afirmativas de que **a vida é um valor** cria uma homogeneidade entre diferentes: independente do que mais é tomado como tendo valor, a vida é algo que todos prezam. Uma vez que há um valor comum, existe uma base de negociação. É a partir deste valor comum que se inserem direitos e quem é responsável por aplicá-los. É o valor da vida custe o que custar que começa a estabelecer também a possibilidade do monopólio a violência (...) O amor a sua própria segurança empalidece qualquer outro valor e, assim, as éticas afirmativas são também as éticas da tortura.

As éticas afirmativas não são éticas do que surge com a vida, **não são éticas que cultivam as potências da vida, mas são éticas que separam a vida de todas as suas potências e colocam valor apenas na vida ela mesma**, desprovida de potências, desprovida de capacidades, desprovida de qualidades (...) É como se a ética fosse não mais que um cinturão de proteção em torno de um mínimo denominador comum e, é claro, há um preço a ser pago por este cinturão; há que se viver uma vida passível de ser protegida por ele, uma vida preservável (e o que é preservável é o que pode subjazer a qualquer atributo ou propriedade; a preservabilidade instaura a governabilidade).

(...) Spinoza tinha uma noção de conatus que pode nos ajudar a elaborar essa suspeita: o **conatus é a tendência a perseverar de tudo o que está vivo** – a vida envolve conatus. Mas esta tendência a perseverar é qualitativamente e quantitativamente variável, ela é mais aberta, mais frágil, mais vulnerável, mais ou menos intensa como é a fome – o conatus é uma espécie de fome, as vezes estamos mais famintos, as vezes menos. É também como a libido, que é plástica o suficiente para variar extremamente de intensidade de acordo com o que ocorre nas circunstâncias. E, para Spinoza, **o conatus responde à alegria que aumenta sua intensidade e a tristeza que a diminui**. A tendência a perseverar não é independente do ambiente e está ela mesma impregnada de uma plasticidade (...) **Querer sobreviver não é querer sobreviver a qualquer preço** – o conatus, ao contrário de um instinto de sobrevivência fixo e sempre presente, é modulado por nossa vida afetiva. Eis uma idéia central de Spinoza: **a ética, e a vontade de viver, não pode ser dissociada da dinâmica dos afetos**.

(...) A ética negativa abre a possibilidade de que a vida seja tomada não mais como um valor em si mesma, mas como um requisito para outros valores. Nem tudo é sempre menos valioso que a vida, a vida pode ter algum valor, mas apenas se a ela está acoplada alguma potência, alguma possibilidade que se fecharia sem ela. (...) Nossas vidas, segundo uma ética negativa, é um dos muitos recursos a disposição para a modificação das coisas ao nosso redor. A capacidade de reconfiguração da ordem das coisas não pára em lugar algum antes da nossa sobrevivência, o que encontra um fim quando a sobrevivência deixa de ser intocável é apenas a governabilidade. A ética negativa aparece, assim, como um ingrediente de ingovernabilidade. O valor da vida por si mesmo instaura a governabilidade: um valor supremo substitui qualquer dinâmica de valores. (...) o colonizador não faz mais do que facilitar o espalhamento de medos e imagens que vão produzir governabilidade: uma grande medida de ética afirmativa, ainda que imposta por meio de assassinatos e traições. De uma maneira geral, por meio da supressão de toda vida que não aceite ser considerada mais importante que qualquer coisa. O império da governabilidade é imposto pela docilização, se a vida, seja como ela for, for o mais importante, não importa tanto como ela venha a ser. Sobram sobreviventes (...)

(...) o caráter político das éticas não afirmativas, sua capacidade de considerar a entrada do outro em qualquer cena como uma entrada que surge em, uma entrada insurgente (...) fora das éticas afirmativas há mais recursos para pensar a insurgência (...) entender que a insurgência não requer um sujeito insurgente que seja pessoa pronta, cuja vida é um valor supremo. **A insurgência não se limita à vida humana individual, o que pode aparecer como um pessimismo já que a vida humana perde seu caráter de valor intransponível (...)** há valores para além da preservação da vida humana, há ética para além da

<sup>32</sup> Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/trilhasfilosoficas/article/viewFile/723/407>

**minha sobrevivência.** Nossa engenharia ética se abre para o que Cabrera chama de “política de distribuição e consumo dos bens tanáticos” (2010). A rejeição sistemática das suposições da ética afirmativa estendem os limites da insurgência para além da preservação da vida. A rejeição da ética afirmativa é a porta de entrada da ética da insubordinação. Não amar minha própria vida acima de tudo – esta é a mensagem avessa à governabilidade que emerge – a mensagem biopolítica (...) a rejeição das suposições afirmativas nos coloca dentro da complexidade dos conflitos de valores. Fica inaugurada uma ética e uma biopolítica sem o atalho da preservação da (minha) vida humana acima de tudo.”

(...) A rejeição das éticas afirmativas é a rejeição do caráter de valor do apego de uma pessoa à sua própria sobrevivência. A rejeição abre muitas possibilidades de diferentes éticas, em particular se a associarmos a uma ética de forças onde os bens tanáticos são vistos como dissociados da sobrevivência individual. E também a força de quem adere a uma vida curta, a uma vida perigosa ou a uma vida sem garantias. E, longe de uma ética afirmativa, estas atitudes não são universalizáveis (...) importam as convicções, os desejos, as fúrias e as ofensas de quem está vivo e todas elas atravessam e evadem os corpos.

A compaixão é uma confiança-escura? Que tipo de escuro? No intervalo, por exemplo, entre dois quaisquer registros no tempo da foice, das limitações, das interdições, das cobranças, dos compromissos e dos expedientes, brota também o inesperado e a experiência de uma oportunidade.

Tempo por excelência para o feitiço das Musas, o instante da possessão e da sua atividade sobre o humano, o momento onde o corpo é afetado (arreatado) pela alma: reconhecimento da intuição, do insight, do efêmero, do devaneio, do inconsciente, do poético. Tempo dos daimons, do que não cabe em si, do entusiasmo.

No tempo daquele Saturno/Kronos para o tempo de Occasio/Kairos, há também um deslocamento tênue para o que se apresenta como o tempo da própria vida, ou a duração do próprio tempo enquanto vida.

Nesse aspecto que se confunde à definição mesma do que era a vida para os gregos, afastando-se da Zoe (a vida bruta) quanto da Bios (a vida qualificada) como modos para o empreendimento de participar do Kósmos, destaca-se, na ótica de Eurípedes, a percepção de outra incidência temporal sob a influência de um filho de Zeus (Levi<sup>33</sup>, 1944).

Habitualmente, falar desse Aion é referir-se simultaneamente à expressão de uma força ou modo particular da vida, e de um tempo que impulsiona o caminhar (duração) dessa vida (enquanto Éros compreendia a força que aglutinava os elementos da vida e Psiqué/Alma o sopro que impunha movimento ao corpo, entendia-se Aión nos termos do curso para essa própria força vital).

Do abstrato da vida para o espírito vivente, encontram-se referências do tipo: “a vida (aion) foi destruída”, “permita que minha vida (aion) deixe-me em sua cidade”, “destruir as vidas (aionas) de duas vacas” (Beecher<sup>34</sup>, 2000) etc. Somente posteriormente, Aión se tornou o tempo do sem-fim (oportunamente, a psique emprestou-se como a alma cristã, enquanto aión sinalizava a desmesura que ultrapassa qualquer projeto humano no horizonte da eternidade), e, mais recentemente, segundo a interpretação dos Modernos, é o tempo da invenção.

Numa perspectiva arcano-imagética, é também o tempo que antecede o sensível e o pensar sistemático, é o tempo do escuro. Sendo Aion, portanto, o fruir da própria temporalidade, ele é também o tempo que rege a experiência da sombra de onde surge qualquer expressão da vida – ainda conforme os mitos antigos, Aion é o senhor do subterrâneo identificado como o filho de Perséfone:

<sup>33</sup> Doro Levi, “Aion,” *Hesperia* 13 (1944), 269-314. Disponível em: <http://www.ascsa.edu.gr/pdf/uploads/hesperia/146699.pdf>

<sup>34</sup> Beecher, E. (2000). Appeal to the Ancient Greeks by Aristotle. In: History of opinions on the scriptural doctrine of retribution. <http://www.tentmaker.org/books/Retribution/retribution15.htm>

“(…) In a gold lamina (…) he is identified with Sarapis (…). This assimilation of Aion to Sarapis, the god of the dead, explains his association in a cult of Alexandria with a female divinity whom the Greeks called Kore. It was a **nocturnal rite** (…) which was performed in Kore’s sanctuary by carrying in procession an image of Aion by the light of torches and to the sound of flutes and tambourines, to celebrate his birth from Kore, (…) considered here as the mother and not, as in the Hellenic myth, the bride of the god of Hades. (…)” (Levi, 1944).

É o tempo do corpo nu ou vestido de escuro? Nesse tempo do incomensurável, habita o tempo de Éros, de Psiqué, de Afrodite – tempo do que deixa seu rastro no mundo, Amor, Alma, Beleza etc, mas não há como ser por ele capturado, classificado, exemplificado?

Seguindo as permissões do onírico, dos cruzamentos e das colisões entre universos, do encontro da pintura com a dança/teatro instaura-se o tempo do espetáculo “Império das Luzes”<sup>35</sup> (do Grupo “Aprendizes em Troca”, em cartaz no Caixa Cultural de Fortaleza, no mês de junho de 2014; um processo já compartilhado, em dezembro de 2013, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura).

Uma incursão do sensível para o escuro (ver o e no escuro), nos chapéus emoldurados de preto, nas tintas como luvas de sombra, nos rostos e paisagens camufladas entre nuvens, nos elementos de *Les Amants* e *Les Amants II* que apenas vagueiam, de algo intenso do universo traumático, sufocado, aprisionado! A música também suspende, mas como os próprios gestos não-delimitados, não há densidade para o terror.



---

<sup>35</sup> Disponível em: <http://vimeo.com/43104125>



Tempo onde se pergunta: com fundo preto e objetos cênicos eclipsados, *o que é o corpo em um palco-e-cenário escuro, onde escorre um piche lamacento sobre a pele?* Com uma luz suave e pontual que, indo e vindo de modo tão econômico, goteja-se no mover de um espectro que se debate: da sombra ao músculo, do músculo à carne, da carne ao silêncio, do silêncio à cor/dor... Não sabendo exatamente o que é a cortina de teatro com um veludo consistente, o roupão liso de atores e o próprio cenário limpo – por absurdo ou no absurdo, deixa de haver corpo quando tudo é somente preto sobre preto?

*Deixa de haver potência, e/ou poderes da sombra? O que é o corpo que empresta carne para a noite? Há Beleza na sombra, nas trevas, nos gemidos e nas contorções?* A experiência no espetáculo, embora se dirigindo para outro contexto energético das artes cênicas, relança o expectador numa vizinhança semiótica ao fotógrafo romeno Chris Devour, com seus trabalhos mais recentes (alguns fragmentos abaixo)<sup>36</sup>: fotos em tons de cinza, com predominância do preto, a força dos contrastes (de cores, de emoções etc) e o que se revela quando o escuro viceja.

---

<sup>36</sup> Ver: <https://www.behance.net/chris-devour> ; ou <https://www.facebook.com/ckdevour>





A partir do referencial de Giorgio Agamben, esboça-se a sombra como temporalidade do não-ser, do não-fazer, do não-saber; espaço da errância que antecede os registros do atual, da atualidade e da atualização; quando o “ato” não abriga uma finalidade/télos da “potência” (do pensamento), abre-se o campo da singularidade, da multiplicidade, da multidão dos afetos, das colisões entre sensibilidades e corpos.

Nos termos acima de uma “ética negativa”, implica outra configuração relacional entre a vida e os “bens tanáticos”, ou ainda, para a linguagem do Butô, segundo Christine Greiner<sup>37</sup>, “(...) certa toxicidade que garante a vitalidade (...)” (p. 7).

A experiência de percorrer esse trabalho, projetando as costumeiras exigências “à luz de” ou “sob a finalidade/fundamento de”, provavelmente não encontra qualquer sintonia ao *espírito cris* (como na lua cris) que embriaga essa escrita.

Tal feição arquetípica, que alude às noites medonhas (gris), inspira-se em travessias como Andrew Samuels sugere:

“Em síntese, o arquetípico pode também ser visto como uma gradação de afeto, algo no olho e no coração do observador e não naquilo que observa ou vivencia. Podemos pensar na qualidade de uma percepção, de um conjunto de percepções, características de preocupação, de fascínio, de autonomia, de admiração. Uma analogia poderia ser feita com um filtro sempre à mão, colorindo ou influenciando naquilo que é visto ou vivenciado. No sentido de que o filtro fosse a vivência, em caso contrário, a experiência ficaria morta sem o filtro. O filtro é aquilo que chamamos de arquetípico. A implicação disto é que a profundidade está no filtro. O filtro é uma espécie de distúrbio da atenção, uma distorção mesma. É um meio de introduzir imagens no mundo e de impor imagens a um mundo, de modo a torná-lo um mundo vivenciado.”

O ICI-Berlin (Institute for Cultural Inquiry), enquanto núcleo de pesquisas independentes na Alemanha, anunciou recentemente os três eixos para um dos seus workshops semestrais, intitulado de “de-constituting wholes”<sup>38</sup>. Para descrever as atividades contempladas no eixo “eclipse”, o participante encontra a seguinte descrição:

“Eclipse is an event without history, an event that nullifies the visibility supplied by a narrative. If day and night mark the turnings and passages of the world, **the world rightly told**, then eclipse is the event of **this “everyday” world’s wrongness**. Seeking to think not about eclipse but according to eclipse — not “**in light of**” but “**in eclipse of**” — this panel explores the methodology of thinking within the wrongness of the world, a wrongness for which even the word “eclipse” may be wrong.”

Em que se resguarde o frescor da multiplicidade, tal inspiração “a guisa do eclipse de” interpretações monolíticas de quaisquer valores como instância última (universal etc), sugere provocações avessadas ao tipo de vida-vitalismo, e, particularmente, dessa “vida” como sentido de preservação-regulação-conservação-atualização.

Observando experimentos sócio-afetivos onde a vida afirma-se como invenção, lê-se o convite de inauguração, ainda do mesmo Centro alemão de investigação, para outro ciclo de atividades intelectuais, denominado de “errância”<sup>39</sup>:

“The modern use of the English verb ‘to err’ seems to have lost all positive connotations. It no longer invokes wandering, rambling, or roaming, and is now mainly understood negatively in relation to a prescribed path or goal. (...) **An infallible adherence to norms and laws can indeed appear inhuman, like a lifeless mechanism incapable of any novelty**. However, embracing error remains a challenging and paradoxical thought, unless one keeps the meaning of ‘erring’ as **a directionless wandering governed by chance** rather than efficient or final causes. (...) Recognizing that a critique of the ideals of productivity, success, goal-orientation, and determination is necessarily paradoxical, the ICI

<sup>37</sup> Greiner, C. (2013). Butô(s) na América Latina: uma reflexão crítica. Fundação Japão em São Paulo. Disponível em: [http://fjap.org.br/site/wp-content/uploads/2013/08/buto\\_na\\_america\\_latina-christine\\_greiner.pdf](http://fjap.org.br/site/wp-content/uploads/2013/08/buto_na_america_latina-christine_greiner.pdf)

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.ici-berlin.org/event/613/>

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.ici-berlin.org/errans/project-description/>

Core Project Errans takes the shifting and incompatible meanings of **erring as a starting point to explore the critical potentials and risks of embracing error, randomness, failure, and non-teleological temporalities.**”

É, pois, “a guisa do eclipse do” ato como fundamento da potência, no escuro da vida enquanto contínuo de preservação, no lastro de uma ética negativa como exercício de inventar os modos de erotizar o viver, que propomos um engano-apodrecimento, do que deve-ser; um quase-acontecimento, ou quase-ser outras coisas; uma pseudo-obscenidade, a ponto de tatear o inconcebível: kumã-morte, kumã-caetana.

Dessa ambiguidade que confunde a normatividade da vida como preservação e valor último, surgem experiências que *traem* e *atraem*: que fazem seguir, com uma dosimetria da morte, onde a preservação diz que acabou/parou.

De uma perspectiva mítico-ancestral (kumã), resgatamos da arké brasileira uma força que tensiona o mover do presente em outras direções: traduzida na antropologia de Viveiros de Castro e sua imersão radical nas culturas aborígenes-brasileiras, admite-se o traço invisibilizado da morte nas tradições Ocidentais:

(...) a morte coloca imediatamente no horizonte dos seres humanos (...) o que a gente poderia chamar do aspecto não-humano dos humanos, o **devir-não-humano do humano**: a morte coloca, a morte, isto é, a transformação dos vivos em mortos, coloca de uma maneira muito dramática (...) o fato de que os humanos se transformam em algo que não é humano após a morte (...) a morte, na verdade, é um processo que, a rigor, não rompe a relação do morto com o vivo (...) os mortos, na verdade, nunca deixam os vivos (...) **morrer é um ato de traição, é experimentado como um ato de traição que os mortos cometem contra os vivos** (...) o problema dos mortos é que eles desejam os vivos (...) porque o desejo dos mortos pelos vivos (...) atraí, o perigo é de atrair os vivos para o lado dos mortos (...) porque eles nos atraem, eles nos fazem pensar neles: não somos nós que pensamos nos mortos, são os mortos que nos fazem pensar neles (...) os mortos são perigosos porque os mortos atraem os vivos para o lado dos mortos (...) **assombrar os vivos (...) para fazê-los seguir adiante.** (Viveiros de Castro<sup>40</sup>, 2008)

Em outra perspectiva de conhecimento, Agamben chamaria de potência-do-não o que ali sobra como inventar da linguagem, o que se resguarda da admissão/dissolução completa na exposição, no ato. Mas, dos escombros e no escuro mesmo da linguagem, *o que é o avesso do corpo?* Enquanto descanso os olhos em um vidro, do outro lado aparece a rua movimentada, contaminada, ela experiência da rua, com os fios do meu cabelo e da minha barba.

A plumagem negra das águias, os corcéis negros, as escamas dos peixes em águas profundas, a vaca misteriosa... Em vez de ater-me às imagens que transitam apressadas, na rua e nas vielas da imaginação, no que me parece o fora ou o lado de dentro (tantas projeções, vizinhas e atrás de mim, e sobretudo dentro-onde-desconheço), é essa transparência do suporte (vidro) que realmente me intercepta.

Atravessa-me não para levar, aqui ou acolá, mas para não me deixar fugir da constatação de que nesse eu percebido, em tamanho, densidade, figurinos, sentimentos etc, sou apenas um dos muitos esboços de luz-e-sombra que circundam nesse foco relacional que estabeleço com o vidro, e como todos os outros que vejo mover-se e para os quais atribuo uma existência própria, somos todos apenas sugeridos, apenas percebidos.

Eu como parte desse circuito de percepções. Sentado, a frente de uma parede vacante de solidez, vejo os atributos nesse modo de reconhecer-me como aquele que percebe, vejo as formas com as quais me valho no próprio modo de perceber e uma variedade opaca dos objetos percebidos que também me inclui: todos os reflexos ali

<sup>40</sup> Café Filosófico. “A morte como quase acontecimento”. 16.Out.2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nz5ShgzmuW4>

expostos como silhuetas vacantes de uma mesma tela de transparência. Nem o que chamo de rua, nem os reflexos que passeiam, apenas “vejo”, ambos, assim efeitos de como interajo com a luz.

Apenas com esse “corpo humano precioso”, apenas com essa experiência humana, com seus limites e possibilidades, também se inventa, por exemplo, um tipo de “Budismo” e sua denominação de “Budás”. Não há lugar para essa façanha de inventividade espiritual fora da criatividade humanas.

Os “Budistas”, especialmente aqueles mais zelosamente envoltos nas práticas de familiarização com seus entroncamentos mentais, sabem que o todo dos caminhos possíveis e transmitidos são apenas invenções – hábeis ou não, dependendo dos processos que as constituíram e de quem as interpreta, embora, necessariamente, seu “destino” é um tipo de abandono. São apenas outra dessas experiências que requisitam da percepção humanamente condicionada sua parcialidade e temporalidade.

Espiritualidade, aqui, não como o eterno das palavras, dos lugares, das divindades ou dos métodos, mas a capacidade de experimentar alcances perceptivos diferentes, de reconhecer no corpo os próprios condicionantes emocionais para cada experiência; uma atitude capaz de abandonar-se no espaço onde flutuam pensamentos e sentimentos, ou uma faculdade de atenção e observação desinteressadas. Nesse prisma, nada foi revelado, tendo sido inventado e persistindo no campo das invenções apenas como uma estratégia para vivenciar as diferentes oportunidades perceptuais.

Em cada prática, não há algo, não há alguém, não há o lugar de chegar, nem o que proteger. Não há sagrado, não há vestimentas, não há objetos intermediários. Nunca houve algo do lado de fora ou de dentro, agora, no futuro ou no passado. Não há retorno último, não há recompensa definitiva, não há inimigo.

Há invenções mais antigas, passadas e repassadas, entre as gerações daqueles que reconhecem alguma utilidade, e há outras ferramentas mais recentes, ainda frescas e talvez mais ressonantes, de um século passado para as necessidades de hoje. Pensei que fui ao Nepal, por um mês (novembro de 2013), para encontrar a força da compaixão. Depois, quando retornei por 13 semanas (março-junho de 2014), imaginei experimentar algo desse vazio que se falava. Descobri como outros reflexos na fina translucidez das superfícies extra-vacantes que encontrei.

Precisei, apenas, do avesso na potência-do-não para alocar um tipo difuso de presença: sem presentificados (objetos), sem presentificação (verbos), sem presentificantes (agentes). Presença da amplitude e não do eu, do espaço e não do sujeito, do vazio e não da singularidade. Na indicação por Dilgo Khyentse Rinpoche, um sábio budista do último século:

“The presence of space makes it possible for the whole universe to be set out within it, and yet this does not alter or condition space in any way. Although rainbows appear in the sky, they do not make any difference to the sky; it is simply that the sky makes the appearance of rainbows possible. Phenomena adorn emptiness, but never corrupt it.”

Nessa sugestão de campos aparentemente antagônicos, em diálogos da potência e da espiritualidade, o tecido extra-vacante opera um desvio ao pensar-vida da ética e da própria linguagem: se não fosse à margem do ato, do acontecimento e do que se percebe enquanto a realidade do corpo, tomaria emprestada das artes cênicas a perspectiva de um “fazer pós-dramático”.

Vacante de aprioris, de substâncias, de consistências, de universais, de solidez; embora, extra-v/ac(t)ante de aparências: sem interpretação, sem representação..., sem dramaturgia e sem teatro? Novamente Khyentse Rinpoche, para distinguir entre a presença do espaço e os ruídos que o atravessam:

“Quando um pensamento de cólera surge no espírito com tal intensidade que te sentes cheio de raiva e capaz dos piores atos, será que a cólera te está a apontar uma arma? Estará ela a atacar-te com um exército? Poderá ela queimar objetos como o fogo, esmagá-los como um rochedo, ou arrastá-los como a corrente de um rio violento? Não, pois não? A cólera, como aliás qualquer outro sentimento, **não existe verdadeiramente** e não pode ser encontrada em qualquer local do corpo, da palavra ou do espírito. É apenas como **o barulho assustador do vento assobiando no espaço.**”

Se for admissível considerar um fazer imiscuído das sombras, na inspiração que extrapola o pensar de Agamben, é necessário considerá-lo no específico de uma prática e de um saber próprios: da ação que não é ato enquanto realização, do campo que não perfaz teoria porquanto anteceda no escuro a esfera da linguagem, do vazio onde não se demarcam ente e ontologia.

Portanto, não se trata de reinterpretar os autores para ratificar um lugar do hermenêutico-poético para a língua como multiplicidade, de afirmar também os conceitos como vetores polifônicos do rabear e da repatriação, ao contrário, na esfera do extra-vacante, no deslizamento da linguagem para a sombra, trata-se de esvanecer para mover, de profanar como delinquência epistêmica.

Das brenhas, dos terreiros, dos cemitérios, os atores movem as cenas onde as personagens são intercessores, e não elementos monopolizadores dos corpos. Profanação sou eu, e nenhuma dramaturgia apresenta-me: quando um sacer-sagrado cair do seu imobilismo, e sua manta de contenção dissolver-se com o viscor da penumbra, a disputa retorna da zona de banimento ao mundo para os mistérios dos homens. Da noite escura da alma para a vida-barata-nua: livre ou esmagada?

Chaleira, chofer, cachorrar, chafurdar nas sombras: degustar... Se o moderno é sempre (atualização do) passado legitimado, o que significa retroagir na coesão, escavar abaixo dos vestígios e da própria vertigem, fazer também o universal cair: arrancar o fixado, matar entidades tutelares e encantar a vida sem os mortos; o diabo sem abismos, o artista sem sensações, o homem sem cosmos; o corpo sem órgãos, o espetáculo sem artistas, o edifício sem arquiteto, o teatro sem dramaturgias; essa é uma condição de fragilidade, de gastura nas luzes: a sombra nesse presente de hoje.

**“A poesia/ Quando chega/ Não respeita nada.**

Nem pai nem mãe./ Quando ela chega/ De qualquer de seus abismos (...) E promete incendiar o país.”  
(Ferreira Gullar)

.....Escrevo como uma pintura – há camadas, texturas, esboços, pigmentos etc. No cavalete, retiro um lençol com furos, vejo (e não sei se vejo) de longe. Não diz muito, embora, também não se trate de um feito improvisado durante os últimos meses – quero dizer, tanto o hábito de pintar como a relação que venho nutrindo com essa obra pincelada. Pintar com as letras sugere uma intimidade do corpo junto aos utensílios de trabalho, uma vez que, nesse procedimento, imagens as mais diversas (ou delicadas) são constituídas. Os dedos cedem a função para as letras, que mancham as resmas de fantasias e carícias. De todo modo, *ceci n'est pas une peinture*. É um momento de protestos, de rebeldias, de expulsões, de confrontos. Leio como quem assiste fotografias ou cinema, inquieto e contorcido, e já não sei quem afetivamente ocupa o lugar do primeiro – se as imagens outrora povoadas nas letras iniciáticas dos terceiros, ou se as minhas próprias, sufocadas e (trans)bordadas para um vício universalizado em todos os setores da vida. Há muito, desconheço a exatidão técnica nos exames e verificações que aprisionam a riqueza das palavras no utilitarismo banal – minha escrita não decanta, não define, não delimita, não pontua. Eventualmente, escuto

que tal escrita (profana, apócrifa) assume uma firmeza característica de (outros) enunciados – certamente, não com a autoridade de clareza para os que portam verdades (ou referem-se a conhecimentos seguros), e menos, bem menos ainda, de quem informa qualquer coisa exatamente, de quem pretende dirigir. Às vezes, pondero que meus textos revelam algo meio que dançante, uma propriedade “esvoaçante” – em menor frequência, até onde intuo na pouca nitidez dos quartos visitados. Flutuar o corpo na melodia do casual não foi o caso presente, de todo modo. Escrevi sob a influência de outras tensões e prazeres. Falei, sobretudo, de amor. É difícil, algumas letras sem o madrigal amoroso, sem as janelas, as ruas para os violões. Sozinho, escrevo porque há uma necessidade de violência – nem tanto para escovar/polir ou escavar/ferir a superfície dérmica no leitor, mas, talvez, rabiscar feito uma carestia... como quem se rendeu e consentiu uma erupção; não exatamente pupilo de Apolo-Quíron, mas filho de Hermes, um psicopompos... Eu só escrevo, de fato, por um tipo de urgência que me ultrapassa. Não sou o primeiro dessa constatação: “Uma obra de arte é boa quando nasceu por necessidade.” (Rainer Maria Rilke, poeta); e ainda, “Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo que tem absoluta necessidade.” (Gilles Deleuze, filósofo). Escrevi como quem se prepara para o morrer. Não é o sujeito que me habita, nem a minha identidade ou memória que se dirigiu para algo. São as letras que se experimentam umas com as outras, distantes de qualquer registro ou imunes aos temores da fogueira; apenas colisões de núcleos sonoros-semânticos ligeiramente alterados e dos seus faróis em sobressalto: letras que não firmam laços e frustram a captura de embrulhos, buscando, quem sabe, exagerar enquanto suporte e recurso atribuídos. Pintar, como qualquer instrumento da realização humana, dispõe limites, possibilidades e especificidades atinentes à natureza de cada linguagem - discerníveis ou desconsiderados para os momentos em questão, há palcos, há partituras, há papéis, há pedras, há telas... cada um, com seus reagentes! Ensinaaram-me do remoto Tibete que unhas avantajadamente crescidas poderiam somar-se aos gravetos igualmente tombados pelo vento, para um tipo de *nanquim* próprio do sonho Himalaico: no veio de frio por onde escorre o tinteiro, é carta, é tela ou é garra? Esses modos da escritura faz com que eu possa insurgir, e a vida exigiu-me acontecimentos tão singulares quanto a própria descoberta de uma vocação boreal no ímpar das nascentes. Não exatamente como um filho da palavra, ou um acostado das letras, um ser do verbo, da gramática, do léxico, das fichas e dos livros. Não me diria, assim, com tamanha opulência. Dramaturgos, médicos e juízes são os amigos da infância. Enquanto as palavras combinam-se por critérios habitualmente imponderáveis, tanto quanto um leitor desinteressado, eu vejo-me, talvez, surpreendido com os sentidos que fulguram nos mosaicos do inesperado; sempre as mesmas letras da contabilidade livresca, e o assombro inaugural, impensado, não antecipado. Assim, vil com os olhos esquecidos: *“mais uma vez estou só. quem me encontrou entre os lençóis no final de semana? (...) tantos nomes estranhos, tantas palavras indevidas. não te enviarei mais poemas, é hora de valorizar os caracteres economizando na letra, nas palavras enviadas. é preciso não gastar a literatura com quem não entende. é preciso não perder os sentidos no meio do labirinto. a maquiagem desaba aos poucos do rosto. (...) eu me arrisquei, mas não mais. deixa estar, eu insisto. por mais que eu creia nisso, isto talvez não seja para mim. a casinha, a cerca branca, o balanço no jardim... meu lugar é o parque abandonado, o tubo, o corte na língua, o passo de ballet que não se sustenta, lesão no joelho. olho enviesado. escrita errática. (...) vou sumir devagar, já que não faço falta, se qualquer um pode ocupar o lugar. qualquer um. tão difícil. creio que nada nos torna mais especiais do que a entrega do amor, mas isto é crença, tão próxima do era uma vez quanto dos horóscopos. quem encontrará minhas páginas amanhã, quando nem meu*

*corpo restar só, entre os lençóis? quando minha voz rouca não tiver mais o corpo viadinho para contradizer... eu sou o aval deste delírio para ti, a verdade que não possuis e que rombas. (...)*” – Por Ev. Bréal, em 03/09/12, no Blog Pactum Subjectionis (<http://welstschmerz.blogspot.com.br/>). Não é de hoje que sigo temerário com a força (ou a foz) no encontro de letras como essas. Digo isso, quem sabe de forma tão banal, e já esperada em certa medida, quando me localizo como um tipo de poema. Não, assim, um poeta, um sujeito, uma escolha e um campo que se desdobra do agenciamento... mas, um expectador em movimento, um fio a ser lido no brocado ancião – primeiro observado pela escrita que, em maior ou menor ousadia, coragem e risco anseia interpretar-me! Fora dos palácios de bliss & bless no mudar das páginas, entendi que as estruturas comunicacionais da arte poderiam reter/propor elementos de potência, ou fragmentos vitais da experiência, que em maior dificuldade ver-se-iam articulados nos suportes lógicos ou parâmetros reféns da sistematização. Embora inclua deleite e fruição (bem como desespero e larga angústia), a arte é uma situação particular e eletiva, é um caso ou uma ênfase na tentativa de ressoar com algo invisível para certo ângulo do mundo e da compreensão. É um salto que arranca os sentidos do reconhecido. Há um tipo de zelo nessa busca, não adequadamente vislumbrado como “planejamento” ou “persistência” do tipo mecânico ou superficial, muito embora, uma vez ausente do calendário nos processos estéticos, sucumbe o feito no mero impulso artístico. Se arbitrariamente for tomada como um produto vago do espontaneísmo ou precária no poder de convencimento que sugere, quer-se também implicar que os esforços nas epistemes do corpo sensível não perfazem o crivo insidioso do que é legítimo para o saber humano e tudo mais apartado como politicamente, criminalmente suprimível. Às vezes, a escrita de(sen)volve uma sensação omitida, perdida ou camuflada no borrão da rotina. Em outras, tantas e quantas oportunidades, a escrita apresenta-me as curvas de mundos que, ainda ou jamais, o corpo responderia como precípua fomentador. A escrita desse trabalho não diverge de outros empenhos na minha própria história, quicá o que me cabe no destino. Quando me vi nessa proposta de Mestrado, ocorreu-me forjar um projeto de maestria para (um novo) si mesmo, uma longa jornada de transformações a propósito do imanente no corpo e carne, um caminho de investigações enquanto compromisso mesmo (ou imediato) de vida, e de viver. Mestrado, nesse sentido (Mestrado, Mestre, Mentir, Mestria, *ceci n'est pas une peinture*), entendido como produção de um si, a partir de um conhecimento que não estaria fora do que sou e de onde estou, embora, tornado mais familiar (alguém diria, ampliado no alcance) como efeito dessa custosa, desalojadora e turva imersão. Por conseguinte, é uma escrita que denuncia premissas ético-políticas que se fizeram tenras (e selvagem) companhias: ressoando a legitimidade a partir do que se viveu, logo, se faz ainda compartilhar de um saber parido com sangue nos olhos! Assim, o percurso dessa escrita desloca-se de um plano formal, atinente à clareza, lógica, coerência e inteligibilidade para, quem sabe, no (raro) melhor dos seus casos, sugerir outra borda de percepção, relação e estética. Borboletear, já me assuntando na simpatia de outros verbos. Habitualmente, uma escrita dessa verve nômade produz giros anti-epistolares – mesmo que se configurem, por exemplo, em panoramas de cartas, a experiência dos exploradores nessa relva acima introduzida tem sido a de perder-se, confundir-se, desencontrar-se. Admito que, por indicação afetiva no todo dos parágrafos, por um conjunto de signos no amálgama total dessa obra em um campo da arte, só consigo enxergar a energia completa da obra e não os volumes seccionados para análise. Não quer dizer que ela pretenda um véu de inteireza, mas, ao contrário, uma intenção global de encruzilhadas e vielas sem saída: consequentemente, o incômodo pode não ser acidental. Anunciado nas vitrines dos “monumentos de perceptos e afectos”, entretando, caso alguma honestidade ainda for

requisitada, é apenas uma anotação qualquer e singular, no caderno de um rapaz enfermo das Musas. Considero, ademais, que seja imprescindível um senso de fragilidade ou precariedade, robusto a ponto de um sentir-menor que não apela às costuras de blocos intencionalmente fragmentados e dispersos entre si. É só um texto, sem a ficha de leitura; onde não há orelhas ou uma moral a ser grifada. Não me recorro a um modelo cogente de intersubjetividades, especialmente em um dado possível contexto onde a moldura de um “eu” e suas correlatas projeções emocionais carecem de relevância, como em muitas das tradições Budistas que almejam supera-las. Refiro-me àquela experiência de mundo e de realidade onde, também para ampliar o diâmetro da pertinência, é necessário falar de processos, ocidentalmente aproximados no “amor” (maitri) e na “compaixão” (karuna), sem reivindicar, não obstante, o ponto de referência de um “eu”, de uma individualidade, de uma interioridade, de uma psiquê, de uma alma etc. Gosto de imprecisões, ambiguidades e, sobretudo, contradições. Gosto quando os mundos demarcados são ameaçados na alteridade, no estrangeiro. Cheguei ao Mestrado nesse escuro. Um Mestrado escuro. Trazendo um volume enorme de dúvidas para um território de limites estabelecidos nos pactos às “claras” dos muitos interesses. Tempo de perdas (e de acréscimos futuros), em um longo período de silêncio consigo mesmo e os desencontros para uma experiência de mundo que me coubesse. Um histórico de lugares com raras pessoas de referência, assim desaparecido. Expulso de vínculos afetivos e laborais em dado momento, vislumbrei tateante outro tempo com novas cátedras. Mas o sorriso desinteressado dos agentes institucionais da República pode ser aniquilador. De escuro em escuro, de sombrio para vacante, encontrei lutas, brigas, protestos e perdas. Não foi a Universidade quem me trouxe esse abismo – a Universidade, enquanto instituição parceira da Modernidade (cúmplice da Saúde, da Polícia e seus aparelhos coercitivos), não aprecia esse tipo de excursão polifônica! Esse é um capítulo de séculos anteriores, quando ouvi, como um encantamento sem princípio, que antes do mundo grego agrilhado no/pelo Lógos havia Éros & Psiqué, onde os carvalhos abrigavam o perfume do mítico e mágico. O tom da problematização, aqui, não é de quem retorna e fareja uma recompensa do passado, mas de quem se desprende e remexe na poeira. No universo que a mítica permitiu deslocar, jamais o Lógos compreendeu exatamente do que se tratavam seus expedientes, sejam as Jornadas da Alma realizadas pelos arcanos terapôns e os convocados à busca amorosa, sejam nos feitiços das curas e dos sonhos, por exemplo, entre os incensos e oferendas nos Templos de Asklépio. Percorri essa estética dos malditos, das sombras entre Apolo e Hermes, como quem se defronta com as categorias de Arké e de Poder, naquilo referido por uma Medicina antiga e o contraste nas práticas técnico-científicas de biotecnologia mais recentes. Tão aceso e hegemônico, o exercício desse Poder colonizador (macedônico-imperialista) sussurrou-me os nomes preteridos no fosso do esquecimento, da vastidão de interpretações convenientemente marginalizadas e ideologicamente suprimidas nas produções dos séculos. O Escuro da Modernidade, o alçapão acorrentado sob as Luzes e o Iluminismo, recuperaram inquietações de uma estética transgressora do Obscuro. Da Ciência em seu virtuosismo cerebral para as experimentações lentas do Butô, a linguagem dos esqueletos, cadáveres e fantasmas no Japão do Pós-II-Guerra, há um rastro em mim de preocupações e de críticas. Percorri o Contemporâneo, com um destaque pessoal em Giorgio Agamben, onde fitei o céu penetrante que (até) os santos de outrora contemplavam – e, novamente, para o escuro da alma e do verbo, perguntei-me o que abunda fora dos recortes já mapeados nas estrelas. O que, então, era particular no exercício do Poder em grupos profissionais, multiplicou-se em Potência que dissolveu a mútua aderência nas partículas de garantias assimiladas: perguntando-me sobre a Liberdade fora das restrições no Ato, no Atual, na Atualidade, na Atualização e

no Potencial, cheguei a uma premissa de Potência-do-Não, zona de dúvidas e práticas. Emprestada de outros que bem o antecederam, incluindo Aristóteles, Melville (e seu *Bartleby*), Blanchot, Deleuze e o próprio Agamben, o “Would-Prefer-Not-To”, originalmente linguístico e ontológico, no meu corpo sufocado de explicações, sistemáticas e pedigree, persistiu como um ruído de alteração, perturbação e desorientação. “O que é primeiro no pensamento é o roubo” (Deleuze, *Diferença e Repetição*). Aqui, certamente, já me via em outra espiral do Obscuro, como pensamento, mística e condição de Liberdade, agora, desejoso de um corpo para presenciá-los ainda que parcamente. Era o mundo inalcançável aos movimentos anteriores, quando, até então, o ponto de partida seria uma explosão mítica reduzida ao Escuro do Pré-Lógos. Encontrava-me, exatamente, circundado dessa vizinhança teórica enquanto, no cenário onde (quase todas) as palavras cessam, a “vida nua” impunha-se com brutalidade (ou crueldade) nas Jornadas de Junho – um conjunto de Manifestações populares ocorridas, também em Fortaleza, entre o final de Maio, Junho inteiro e o meio de Julho de 2012, seguidas pela longa Ocupação do Cocó, também em Fortaleza.

Feridas no corpo. Toda a experiência de violação de Direitos, perseguição de Polícia e o (clamante) terror de Estado, somada à visível indiferença dos muitos Senhores Doutores no Programa de Mestrado, apenas me questionaram o pacto implícito com um horizonte de “Democracia” orientado na manutenção de privilégios. Com as escamas suprimidas no Estado-Polícia, sobraram-me os espaços dilatados, coletivos e grupos pequenos, onde talvez arké e ordem/cosmos, insuflados desde os Gregos, poderia não funcionar... onde pertencer ou compartilhar afetos? Nesse momento, físgou-me a visita da morte.

Daquela vida tão recentemente nua (os poros ainda com o gás da Polícia), pairou a vertigem crua de outra faceta. Curiosamente, ladeada com a tempestividade do amor. Quando pronunciei o nome dele, mesmo nos dias de hoje, ainda tenho o sentimento de algo como uma etiqueta no vaso de flores à venda nos jardins. Seriam amarelas com tons de lilás, as Breálias sob o meu anil tropical. De todo modo, Brèal foi o som francês que se deu, e que ele também me apresentou. Jamais tomado ou revogado, que se deixe claro. Outra experiência, outra forma de potência. Outro Escuro, talvez mais escuro.

*Nunca entendi sobre o mundo abaixo dos meus olhos, daquele onde as flores chegam murchas. Embora fecundo, e umedecido por todos os mistérios, jamais investiguei os rastros desse invisível. Quem sabe, por ser necessária aquela leveza outonal do desprendimento - ou talvez, apenas, sob o presente incontível no seu denso viscor.*

*Atordoado, idiota, adormecido, eu precisei de cometas, clarões e super-novas a cintilar. De modo que, olhando para o longe, não imaginei o surgir dos terremotos. Roubar o chão, e, assim, movediço e hipnótico, fazer-me completo e semelhante aos abismos do além’ar (amar). Porque os seus olhos, de (tanto e) tenro nublado, estão como que plantados no sereno prenhe dessa candura imaginada. Onde nem ao sol foi dado revelar, você sorve os gostos imemoriais do passado quando não existíamos juntos - dessa aura surgem os versos de travesseiros noturnos, como esse. E, pois, quando você me olha de relance, como uma experiência sempre nascente ou infante, um broto d’água, ou o olho mesmo de uma roseira no porvir, jorra o mais verde de todas as quebras contra a gravidade - um desafio, uma correnteza inversa de chuvismo como fonte, como cascata que se expulsa, feito magma retido e frio, retido e imobilizante - essa tempestade nos carinhos de delírios ao celular. Eu desconheço o que de melhor fazer, além de suspender o vapor salino e mesmo qualquer correr das minhas gotas. Quando me sinto, sou apenas o antes do teu chão e sem os passos, eclipsado e manco, certamente cego e afônico, como quem escorre tão confiante no oculto dos teus caminhos submersos. Penso na sintonia das formigas com o teu próprio modo de viver, uma fila de pequenas insistências no vasto escuro do sem tempo. Deslizo, e, às vezes,*

*aproximado no querer, imagino que sou uma pedra leitosa, barro ou inseto prensado no ritmo das folhas rompidas e desidratadas. Queria ter o poder, algum que seja e de onde viesse, para abrigar seus feitiços colossais e irrompentos que me drenam as forças, e me fazem, apenas, poente selvagem, um totem, oco e desesperado do seu novo retorno. Já não tenho medo dos túneis, dos alçapões, dos buracos e das suas cavernas.*

*Sou apenas o fragmento no eco dos penhascos. Embora te procure, já repeti, na coletânea dos meus sonhos: você ganha, você decide, você finca a armadilha - e voluntariamente, encantado e desabrigado dos seus braços, eu retorno como uma maré na ressaca das luas anteriores, o berro sem pudor dos animais feridos. Eu sempre migro nesse teu caminho prometido, um vão liso no seu peito de botões rolantes. Você não me encontra, você não me cava, você nunca me acha, não há passagem entre a minha sombra - porque eu sou aquele nascer dentro do seu cheiro, do seu leito, do seu leite molhado suado cansado manchado do sangue de toda a vida em mim. O que vai acontecer quando você deixar-se trancar no meio, no peito, no miolo das minhas veias obstruídas de desejo e olhos famintos - nada por revelar, no completo vazio da poesia e dessas vísceras que não te abraçam do meu lado de fora. Quebre a chave (reserva) para não saber daquele homem igualmente funesto - dos tempos entre os dedos da morte, e ainda-não o toque a prender-me: o seu, agora, como parte no rebanho de auroras e dias inventados por você.*

Vindo dessa trajetória sinuosa de influências, como argumentar que, no tabuleiro incandescente da vida, um artista seria capaz de impor objetivos e procedimentos, determinar um problema e solver uma tentativa de resposta?

A Saúde, suas instituições e espaços de formação política, seria capaz de reconhecer esse tipo de experimentação estética como uma via legítima (coerente) de investigação para o avesso-de-território, plano que se demonstra como Obscuro? É possível escrever e estudar (n)o Escuro? As Leis e a Política, a mesma Política-da-Polícia, é capaz de falar do Amor!? O Amor recolhe-se ao absurdo, ao Escuro!? Cravejado de aphorias onde antes-residia a unidade perdida dos músculos e dos gestos, apenas escrevia. E decidi vagar, vagorosamente esperar a maturação de um processo, a relação possível entre muitos fragmentos. A obra que se desprende nos olhos do próprio artista para supera-lo (a ponto de erguer-se por si mesmo, e falar dos fluxos vitais tragados do investimento criador), anseia o instante de consentimento e alforria, o toque da primeva luz matinal em que as pálpebras fechadas deixam partir outro ser das sensibilidades.

Depois que atravesssei cartas, fiz intensidade e compaixão surgir das dores, viajei (também fisicamente) até uma carne de vida (carne-viva) para essa compaixão nos Sherpas, voltei ao movimento dos corpos no cuidado e na dança, ecos nômades... E vi surgir planícies do que vinha sendo escrito em mim: somente o testemunho exitoso é convalidado, ou também a tentativa dissidente para uma conciliação estética? Porções do oriente e do ocidente em mim, da filosofia contemporânea, da filosofia budista, da filosofia humanista, todas, a dialogar em mim? Entre a primeira semana de Outubro, em 2012, quando aportei como ouvinte no Mestrado, em uma experiência incógnita de BioÉtica e sua proposta de um saber-como-sabor, uma disciplina que se rejeita como disciplinar (longe da cátedra, apresenta-se como tamborete), necessariamente um saber-experiência, um saber-sentido; perpassando a seleção formal e aprovação para uma Faculdade inteiramente desconhecida (no campus da Medicina, Universidade pública etc), com o início de aulas e atividades, em 2013; a morte súbita do Bréal, também na primeira semana de Outubro, um ano depois das tantas mudanças (aparentemente burocráticas na gestão do meu cotidiano); chegando até o instante, em 2014, nas fronteiras d'Outubro ainda sem rosto, embora com o perfume da saudade nos ramalhetes sem (o) destinatário. Para mim, tão longe do Sul geográfico e insular, e diretamente vinculado por letras comovidas entre figuras do mundo íntimo de alguém,

ouvira do frio contumaz em Lages (SC) e pensava nele como o desaparecimento de todos os escritores entre seus livros – em certo prisma, eternizados com palavras entranhadas ao próprio carbono e suscitando o frescor de outras combinações imagéticas nas gerações de leitores, por outro lado e ao mesmo instante, dissolvidos na expansão do silêncio, da distância e da espera: um tipo de morte onde o livro seguinte poderá não vir, a inadimplência das expectativas em narrativas marcantes que não prosseguem com o brilho daquele talento reconhecido. É uma dor que desafia, confunde a saudade, uma sensação entre o contemporâneo e o avesso do tempo (qual seja, o atemporal), onde foi escrito um momento-entre e que pulsa escondido no alfabeto. Cheguei ao Mestrado com anotações sobre o Botão dos Budistas, distante e desejado, na Saúde e na Felicidade, Ásia estrangeira de mim mesmo e da minha banca de seleção. Fui até lá (em novembro de 2013, quatro semanas), e finquei outros tempos, de refutações e de aprendizados. Fui, somente para voltar. Virada de ano, de calendário, de páginas nos livros. Coleta de material, coleta existencial. Até conseguir ir de novo (março, abril, maio e começo de junho de 2014, tempo de treze semanas), agora para deixar partir o que deixou de existir. E chegar, outra coisa. Parti e voltei aos textos Budistas, com duas personalidades radicalmente separadas nas suas realidades. Escrever, somente para conseguir dançar. Escrever para despedir-se. Um ensaio, uma tela, um experimento literário. Qual seja a denominação ulterior para o “gênero” literário a seguir partilhado, apresento uma coleta parabólica de dados e de relações humanas, a voz de um campo poético, e não apenas biográfico ou historiográfico. O interesse pelo conteúdo das narrativas, no que me diz respeito mais profundamente, é pouco substancial quando contrastado aos móveis de sensações que, oportunizados em uma instalação livre, em uma galeria ou ao ar livre, interferem molecularmente nos modos de organização e ocupação da vida. Reconhecer como uma plataforma de sensibilidades permite-me associar outras formas de corporeidade e de espiritualidade que refratam a redução aos campos dos ofícios. Esse texto, na literalidade da sua concepção/gestação e das vivências nele (ou por ele) ancoradas, pouco diz de uma realidade fixada no conceito, mas são, para mim, de natureza tácita e plástica (ou multidimensional nas espacialidades que enseja) – portanto, a semelhança com as instalações não é fortuita. É uma pasta sinestésica, também visual e significada por outras investidas que não se esgotam pela razão disciplinada. Um texto poético trouxe-me o nome dele, casual e despreziosamente: um rapaz que estudava Literatura. Um texto também o levou (assim, por extenso: dois de outubro, dois mil e treze, quinze horas e trinta e oito minutos, pelo Facebook vindo de Florianópolis – “FEITOSA, ELE FOI DESENGANADO... ESTAMOS EM VIGÍLIA. PODE PARTIR A QUALQUER HORA”). Eu saí de casa, naquela tarde. E esperei a noite cair sobre mim! E não houve texto, nem mediação, não houve... (um) algo ou qualquer solução, gemido ou reticência... Não por escrito, nenhuma fala autoral. Ele apenas escrevia. Morrer, assim, como o ar que se rarefez; e, talvez, apenas assim, completamente em aberto e nesse espaço amplo dos picos inacessíveis, o nome dele possa ser resguardado, como afeto, como semântica livre das molduras. Talvez, assim, incontido pela letra, haja abertura suficiente para deixar as palavras por cantar, por encantar, por encantamento. Escrevo, para silenciar o vazio instalado onde havia as palavras dele. Escrevo, para acessá-lo na linguagem que também me permitiu encontrá-lo... Escrevo, procurando. Escrevo porque ele partiu: sem bilhetes, sem despedidas. Escrevo, uma poesia porque (ele) gostava; cartas porque (ele) gostava; teoria porque (ele) gostava... As imagens dos bastidores poéticos... poderiam contribuir de que forma e sob o pretexto de qual conhecimento? Algo a dizer sobre os “constrangimentos científicos” em face do diário (íntimo) de Bronislaw Malinowski, com registros para as experiências (supra-antropológicas) do campo? As palavras desse mundo poroso não

estão agrupadas. Eu obedeco, não as palavras... Obedecer é um verbo, é posterior à força bruta das palavras antes-dos-verbos. O texto foi assinado com um pseudônimo?

**A) PALAVRAS SOBRE ARTE E POTÊNCIAS**

“(...) entrei, entrei, entrei pelo cano (...) entrei, entrei, entrei por engano(...) Oh! Marinheiro, Marinheiro, foi quem te ensinou a nadar, ou foi o tombo do navio, ou foi o balanço do mar(...)”  
“MELÔ DO MARINHEIRO”,  
Paralamas do Sucesso

“(...) Não sou eu quem me navega/ Quem me navega é o mar/  
É ele quem me carrega/ Como nem fosse levar (...) E quanto mais remo, mais rezo/ Pra nunca mais se acabar/ Essa viagem que faz/ O mar em torno do mar/ Meu velho um dia falou/ Com seu jeito de avisar:/ - Olha, o mar não tem cabelos/ Que a gente possa agarrar (...)”  
“TIMONEIRO”,  
Paulinho da Viola

Gilles Deleuze é um filósofo aclamado como pertencente aos desafios do seu tempo, um século máximo de acelerações... e suas categorias de trabalho intelectual, não por acaso, refletem texturas de um conhecimento em movimento: um Lógos imagético, talvez um Lógos kinêmico, que se distancia de trajetórias retilíneas de uma razão instrumental e mera história do pensamento, orientado-se por absorção e evocação plásticas, por novos tensionamentos criativos.

O redesenho nos Planos de Conhecimento, sob a curadoria contemporânea de Deleuze (seu livro, “O que é a Filosofia?”, escrito com F. Guattari, data 1991), parecem evocar as reações paradoxais, irônicas e *sensorialmente perturbadoras* que também os Irmãos A. & L. Lumière produziram em 1895: transtorno nas salas de exibição, pessoas assustadas, gritando e fugindo, por reconhecer na tal a “imagem” e som do trem, uma qualidade de movimento que só eram capazes de atribuir à própria materialidade do trem: máquina e vagões pareciam *saltar* das paredes.

A esfera dos planos e contraplanos na montagem desse cinema francês (e seu novo campo de conhecimento-devires) influenciam o entendimento para os Planos do Conhecimento até então vigentes – Deleuze é filho de um século XX, quando o Lógos não apenas filma/captura um estímulo, atravessando como lâmina uma realidade aparentemente sólida e possibilitando a construção de recortes/cenas virtualmente infinitas.

Menos como um esteta renascentista ou dramaturgo das luzes, e mais como criador-realizador afeito às transgressões do experimento sensível, Deleuze quer descrever seu trabalho a partir dessa potência em reter um ângulo singular para fazer ecoar as suas implicações.

Suas pérolas linguísticas re-cortam o Káos e fissuram estruturas – mesmo a da arte e do esporte, dentre outras atividades que, ainda nos gregos, eram tomados enquanto dispositivos para civilizar e preparar o corpo a ocupar certo lugar fixado no mundo, aqui, se desintegram em ritornelos de quimeras-possibilidades.

Indagado pelo assombro que se desvela no campo das Velocidades Infinitas e suas colisões decorrentes, Deleuze imagina que essa tal Força Criativa (Lógos), que também nos constitui *sub-jectuns* de (objetos submetidos a) um Kósmos emergente na sua própria afirmação, constitui, afinal, outra indicação de virtualidade para um Lógos não capturado que se empresta como metáfora de três naus, três pequenas e tão frágeis

“jangadas” de mover-singular, que se lançam a percorrer delírios ambiciosos por um horizonte de novas experiências.

Para nosso exercício de semiótica epistêmica acerca das barcas propostas no conhecimento singular de Deleuze, tudo que não é jangada integra os domínios do *Káos* (da velocidade infinita que desmaterializa) ou da *pedra/do fixado*, ou seja, tais jangadas funcionam tal qual contextos ilhéus, altamente frágeis e circunscritos, de um conhecimento proporcionalmente reduzido (mínguo, restrito) em um oceano de absoluto (!) de *não-saberes* ou de *não-fazer/de repetição*, respectivamente.

Do prisma atinente ao movimento (a condição fixada não enseja movimento), o que não é *Lógos* (criador de movimentos) é partícula-do-Káos, um mover-se prévio ao movimento dos estados e dos contextos, tendo em vista que o próprio *Káos* não avança ou retroage uma vez subtraído das permanências. Cada uma das jangadas em mar, respectivamente, uma para a Filosofia, uma para a Ciência e, finalmente, uma para a Arte, embora constituídas por uma matéria-prima semelhante, qual seja, o flexível-imaterial do Pensar às especificidades de navegação (direção etc) em cada Plano-Jangada.

Para a Filosofia, temos uma vela móvel (tecido/textura cuja função é a de provocar tangos-espaciais, na medida em que retém o impacto maior dos ventos e viabiliza um deslocamento que escorre dessa força), cujos furos permitem uma passagem mínima/restrita de massa de ar – de modo que esse procedimento alavanca a velocidade do projétil, embora, também em função da violência para algumas ventanias, impõe à embarcação e sua tripulação um risco inesperado que incida sobre o barco ou mesmo sobre a vela.

Nessa jangada da Filosofia, essas porções de aberturas por meio das quais transitam fluxos/correntes de ar, são denominadas de *Conceitos* e a própria textura da vela é tomada enquanto um Plano, um território de acontecimentos do pensar (que inventa mundos), nesse caso, um Plano de *Consistência*.

Trata-se de uma forma de investimento sobre a vida indiferenciada que se vale do atrito sensorial junto à vela, produzindo um modo de sentir-perceber singular que se deixa reconhecer nos afectos e perceptos. Para Deleuze, os *Conceitos* (da Filosofia) são dispositivos que (re)demonizam possibilidades e significados ambiciosos, exatamente como um vetor que melhor se vale das intensidades colisivas que o alcançam e exercem uma força (expressiva) sobre a rede/vela/tecido particular.

Por contraste, no caso da jangada da Ciência, o procedimento/carta de navegação é inteiramente outro/a: nem tanto absorver e traçar um deslocamento vertiginoso, mas, exatamente ao contrário, por meio de aberturas com maior diâmetro/porosidade em sua rede, um compromisso político para o traspasar de um volume maior do vento.

Esse procedimento (da Ciência) se, por um lado, reduz dramaticamente a velocidade, na face oposta da exata moeda, autoriza a identificação acurada para circunstâncias a(r)iscadas e fenômenos ali dispostos, uma vez que os espaços na vela, sendo fortemente monitorados nos fluxos que viabilizam, permitem diagramas precisos de descrição, de controle, de previsão etc (Ciência é conquistar via classificação, antecipar no ordenamento da passagem, segundo a melhor inspiração moderna).

A vela da jangada para a Ciência é tomada como um Plano, especificamente um Plano de *Referência*, onde esses furos (abstrações desprovidas de realidade intrínseca, embora virtuais nos domínios do *Logos*) exercem o papel de localização e demarcação dos processos ali observados – por isso, denominados de *Functivos*. Um tipo de navegação que se propõe a delimitar aportes consecutivos com a finalidade de colonizar e consolidar projetos, não é de todo novo para o imaginário ocidental.

A jangada da Arte, exatamente no caso particular do seu trajeto em alto mar, localiza-se em um ponto intermediário entre a Filosofia e a Ciência, no que diz respeito à capacidade de absorver, assimilar e conferir significado à velocidade (originalmente infinita) que a chega. Os furos na vela da Arte representam, a bem da verdade empírica, mecanismos altamente flexíveis e organicamente interativos entre si, de modo que a vela, por si e como um todo, move-se, seqüestrando essa visceralidade-movente daquele Lógos-artista que a criou.

Os canais de passagens ao vento, nessa vela da Arte, são também múltiplos nos formatos, exigindo que os artistas implicados cedam força de vida aos processos criativos que perfazem: de suas percepções habituais, um quantum de perceptos que se agrega à materialidade estética produzida; um quantum dos seus afectos habituais, então, assimilados como afectos da criação; e, finalmente, as sensações habituais, essa pulsão que nos arremessa de cadáveres em corpos viventes, e que, gradualmente, por exigência de uma criação que se coloca sobre os seus pés próprios (especialmente, quando a biologia do artista cessar), é transmigrada do criador para que uma corporeidade estética erga-se e passe a sustentar um monumento.

Desse modo, a textura do monumento é constituída de perceptos e afectos que mobilizam os afectos e as percepções circunscritas daquele que interage, sendo a exterioridade do monumento talhada sobre um bruto de sensações apoderado da biologia-artística – a vida, e não um sujeito, é a categoria que se inventa continuamente por seus micro-cérebros.

Afectos e perceptos, outrora parte viva do que se mobilizou em um artista, passam, agora, a constituir certa calosidade desse feito artístico que, evocadas no olhar estrangeiro (da audiência, da platéia etc), comunicam e provocam certo enxergar e engajar-se no próprio viver sob outro eixo de funcionamento. Sensações originais do artista tornam-se uma viscosidade para a obra – por exemplo, sonora, visual, plástica etc; ou, formulado de outra maneira, das sensações do artista passam a insinuar uma silhueta de corpo estésico que será (ou não) de impacto em quem olha/percebe/experimenta.

O monumento surge, afinal, como uma resposta improvisada da Arte sobre o mundo imprevisto do Káos, quando a cartilagem humana atua como performance sobre a carcaça de sua finitude e delírio, tal qual a composição de uma quelóide estética: nesse horizonte, o monumento, ainda que não seja dotado de propriedades biológico-relacionais inerentes, é capaz de impactar com uma qualidade de força semelhante à biologia-artística que participou de sua criação.

Arte como um tipo de espaço somaestésico que se lança na ocupação corajosa do Káos, distinta de uma mera porção de adiposidade que, simplesmente, de um dentro para fora, quer forçar o aumento de camadas velhas já interiorizadas; um pedaço do absurdo que, outrora-para-sempre-do-Kaos, é assimilado por inquilinato corpóreo, ou ainda, a tentativa de comunicar uma queda muito danosa/penosa que toma/avança onde era apenas o escuro não-alcançado: muito além de uma cicatriz, e maior que o susto que suspense o movimento.

Maior seja o investimento do observador na experiência da arte, então, diferentemente de um objeto/estrutura qualquer (onde sou mobilizado retroativamente a partir do que minha biografia projeta no objeto), o monumento é capaz de ocupar a função de certa alteridade, de realizar uma troca pulsional com o observador e, quem sabe, até deslocar o seu funcionamento. No monumento, assim como no risco daquele que ousa fitar diretamente para a morte, também se encontra um olhar-estrangeiro que se volta com o abismo para a expectativa do habitual.

Destaque-se o fato que, diferentemente de estruturas quaisquer passíveis de (re)modelagem ou burilamentos, o monumento não se domestica, não se educa, não se reduz, não se torna vítima. O monumento permanece escuro, incidindo atualizações mas, ele mesmo, peça fora do ato. Desse ponto no argumento, a vela da Arte equivale a uma Água-Viva, uma Caravela com olhos desse anil de fogo (!), que reage intensivamente não apenas com o vento ou o toque, mas junto à complexidade sensível do que surge no seu entorno.

Entre o conceito (da Filosofia) e o monumento (da Arte), sublinhe-se que, no primeiro, é preciso um filósofo que empreste organicidade/força criativa à sustentação/sistematização/convencimento do argumento no seu respectivo Plano, enquanto que, para o segundo, por meio do saque realizado na matriz vital do artista (!), o monumento é capaz de equilibrar-se no espanto e produzir ruídos (vibrar, ressoar) no caos sem o aniquilamento, esfacelamento, desintegração imediata; uma capacidade de não formular respostas consensuais e definidoras/definitivas, por conseguinte, a força para sustentar ecos próprios em uma coreografia espectral altamente instável – e, francamente, insuportável, quiçá apenas de encontros impulsivos.

Nesse plano de saber, a arte não é coisa ou lugar anterior, resgatado ou retomado, não é ontologia, nem se quer um potencial. Arte, para o Deleuze aqui interpretado/inventado, só pode vir a existir na atuação da potência, na realização artística que constitui o instante da arte. O artista é, portanto, como a imanência da performance artística que se realiza (pasmem!). O homem fragilizado (paradoxalmente, potencializado) pela Arte é quem recebe os aplausos – e não a figura seleta de um criador.

É no homem que surge singularidade, assim como, outrora, na humanidade do criador forjou-se o irreproduzível. A arte segue escura, indecifrável (e não capturada numa atualização). Essa vela, curiosamente integrante do Plano de Conhecimento na Arte, qual seja, o Plano de Composição, parece adotar um caráter Antropofágico, na medida em que deglute e transforma para sorver sua própria vida.

No caso particular da Arte Contemporânea que, por exemplo, pretende modificar o estatuto dos objetos comuns ou da cena cotidiana na experiência, observa-se uma modalidade de intervenção que não se esgota no mero deslocamento do uso, da posição ou da aparência efêmera do objeto, mas que se reclina a modificá-lo na tessitura conjunta ao plano, ou no estatuto que o objeto ocupa em face da vela como um todo e dos seus elementos.

Ainda segundo esse Pensar Contemporâneo na Arte, a partir do seu Plano de Composição aqui tematizado, tal ênfase particular do Acontecimento, tal privilégio no Presente e na Imanência, associada à reelaboração do estatuto e da possibilidade para reinaugurar diversas formas de um objeto aparentemente o mesmo, a condução desses processos concorrem para um restauro sensorial na multiplicidade de significados do feito artístico.

Trata-se de uma nova potência de configuração, que afirma, portanto, a capacidade daquela jangada para:

- § suportar formas mutativas (leia-se, criativas, não-previsíveis, quem sabe, mutilantes) de navegação/na-vaga-(a)ção em um oceano kaótico;
- § desempenhar uma realidade de micro-organismos associados, onde cada furo permite que a vela funcione como uma membrana de maior resiliência, na medida em que sua capacidade de transmutar e de fagocitar age com elevada intensidade;
- § produzir monumentos que, não sendo passíveis de domesticação, recuos e ajustes, enfrentam o caos – como um dragão mítico que, embora não selvagem por

completo, oferece-lhe riscos, ou uma máquina de guerra mítica que faz do grito uma ironia (e não um assombro);

§ extrair de um homem o artista, desmantelando-o na oferta de um embalsamamento estésico gradual: e como múmia recupera-se no infinito das obras de arte que seguem vivas; o artista como hospedeiro de um homem cujas forças esgarçam-se na vivificação artística.

As jangadas, a partir das combinações particulares entre texturas e velas, estruturas/formatos, tripulações e modos/cartas de navegação, produzem efeitos de atrito diversos na relação com o frio da água, com o ar (com tudo, afinal, que não é a realidade da jangada). Se cada jangada, em seu formato e atrito particulares, representa um ensaio de deslizamento (rolamento, deslocamento) sobre o Kaos, a isso chamamos de Lógos, ou de uma Força Criativa do Pensar como agenciamento desse mover-Arte.

Trata-se de cada universo de jangada (uma tentativa de micro-Kosmos), portanto, com sua esfera própria de Pensar-Pensamento, embora, todas elas, como potentes esforços, ou Pensares laminando o Kaos. Porque, então, escolher essa ou aquela jangada?

Distintas promessas (!) para lidar com o inesperado que insurge, exatamente, do que não está diferenciado e apresenta seus desafios à rede de compreensão: um esforço para manter-se *intenso* sem que seja esfacelado, um esforço para manter-se *preciso* sem que seja dispersado, ou um esforço para manter alguma-sensação-possível de *renovação* apesar dos estilhaços?

“Qual é a sua jangada?”, a questão sugerida pelo Lógos – na pretensão de que a escolha, necessariamente, evoque o imediato traiçoeiro de uma embarcação. Arcar com a tripulação implicada, sua tribulação suportável. Como aproximar-se desse Pensar-Pensamento Contemporâneo na Arte? Uma nova jangada, uma variação dentro da mesma jangada, um princípio (uma corrente de ar)? Um tipo particular de objeto de arte que abandona a materialidade/plasticidade dos monumentos, para investir/investigar traços mais solúveis, diluídos, fantasmagóricos? Um poli-monumento que, eventualmente, exige novos Planos?

Afetos, deste modo, como máquinas de desestabilização, desterritorialização, máquinas de movimento. Afetos outrora juramentados, afetos, então, assimilados; afetos somente para conquistar auroras hegemônicas do Lógos. Afetos, olho do furacão. No seu romance de 1938, *La Nausée (A Náusea)*, diz Jean-Paul Sartre:

“(…) Os homens são **admiráveis. Sinto vontade de vomitar** – e de repente aqui está ela: a Náusea (...) Gostaria tanto de me abandonar, de deixar de ter consciência de minha existência, de dormir. Mas não posso, sufoco: a existência penetra em mim **por todos os lados, pelos olhos, pelo nariz, pela boca... e subitamente, de repente, o véu se rasga: compreendi, vi. A Náusea não me abandonou, e não creio que me abandone tão cedo;** mas já não estou submetido a ela, já não se trata de uma doença, nem de um acesso passageiro: a Náusea sou eu.”

Naus, náus-eas... De jangadas para não se afogar e conduzir pretensos tesouros, chegando ao bombardeio de pérolas de afetos, ironia do bombardeio com afetos aprisionados para libertar os demais afetos interditos. Diferentemente das barcas que deslizam nas superfícies, os corais relacionam-se com as luzes e com as trevas, o abaixo e o acima do mar, permitindo não apenas o desenvolvimento de cores, mas de algas e outros organismos, móveis ou imóveis, dado o contexto transitório das ondas.

Segundo os nativos, não existe apenas os corais no mar – é uma expressão do menor, do mais-um no estranho das alteridades, das múltiplas configurações e diagramas que insurgem dos outramentos marítimos. Talvez, é importante sublinhar, do

ponto de vista, sobretudo, de quem está viciado na paisagem do Lógos (!), que tenhamos dificuldades em lidar com isso que não seja hegemônico, com o que não seja refreado pelo Lógos, que não esteja como trajetória do Kaos atravessado por Lógos.

Desse lugar de flutuações e mudanças, aflições e tranqüilidades nas marés, os nativos da lua (!) enxergam as tais jangadas de papiros (barcas de rituais para o Lógos) como lugares ambigualmente impermeáveis e, por isso mesmo, tão frágeis: passíveis, por exemplo, de rasgar pela ação de seus colares-canhões de pérolas antiqüíssimas – reação de confronto entre tripulação, tribulação e nativos.

Esse Contemporâneo na Arte, que perpassa afectos decaídos e potencializados em pérolas, colônias-corais de pérolas, inaugura como evento, aos olhos assustados daqueles marinheiros, um novo verso, que já era processo específico, particular, sob outro prisma do *Mare Nostrum*. Esse raciocínio permite-nos retomar a Psiké-Lógos como uma Ciência Humana, parte das Humanidades (que também inclui à Arte).

---

## B) PALAVRAS SOBRE SAÚDE E POTÊNCIAS

---

### iii.B, título) Nome apagado

“Encontrei uma bruxa com os olhos de âmbar,  
Que lentamente entoava uma runa escarlate,  
Mudando para um riso gelado,  
Como o riso da lua.

Vermelha como a de uma libertina era sua boca,  
E gracioso o peito ela me ofereceu tomar,  
Com uma palavra que cravou e agarrou-se,  
Queimando como um floco da fonalha.

Mas de seu seio brilhante e erguido,  
Quando toquei com a minha mão,  
Veio a frieza de muitas agulhas,  
De uma terra tomada pelo gelo.

E eis! A bruxa com os olhos de âmbar,  
Desapareceu como uma chama que se apagou,  
Deixando apenas a pedra comida pelo líquen,  
Que carregava um nome apagado.”

Clark Ashton Smith (1893-1961)  
(do original “The Witch with Eyes of Amber”)

Embora já esquecido, ou habitualmente desconhecido nas suas forças, Quíron é um dos notórios personagens na genealogia da “Ars Medicina”. Embora os juramentos dos pupilos/aspirantes dirijam súplicas para Apolo, a Medicina (arte por excelência de Asclépios a Hipócrates), entretanto, é um saber transmitido e resguardado por Quíron, nas florestas e cavernas mágicas onde habita.

Essa Medicina, devedora para Quíron, o Sábio da Floresta, tem a dívida das Ciências, de um modo geral, com o mesmo Quíron, que liberta Prometeu (o patrono por excelência do Conhecimento e das Ciências Humanas). Lembremos, para ambas as bifurcações, que Quíron foi apenas um filho “adotivo”, e, portanto, embora “ilegítimo” para os Deuses, a profusão de suas ações entrecruzam-se com diversas outras narrativas.

Com o busto de homem e a metade do corpo na forma de cavalo (instintos), Quíron era filho de um titã (Cronos) e foi posteriormente adotado por Apolo/Sol que se

torna seu mentor (nas questões da harmonia e da cultura, da ordem e da razão, do Logos e dos ideários apolíneos) – de quem recebe os ciclos de transmissões oraculares, divinatórias, proféticas, religiosas/ritualísticas, astrológicas, artísticas (especialmente a música), marciais (arco, caça, montaria, lutas), filosóficas (especialmente a política, a justiça e a sabedoria), ciências naturais e curativas (ervas, medicina e cirurgia).

Quíron, o Centauro Superior, caçava com Artémis/Diana nas florestas e morava em uma caverna visitada por Asclépio e Hércules/Héracles na condição de dois dos seus muitos jovens pupilos. Convidados para a celebração de um casamento, os demais Centauros excederam-se nas bebidas e tentaram raptar/violentar a bela noiva (Hipodâmia, filha do Rei dos Lápitias).

Ferido acidentalmente na coxa (terrível e incurável), Quíron abdicou da sua imortalidade (agora com dor) em favor de Prometeu (por compartilhar o fogo dos deuses com os mortais, Zeus havia prometido libertá-lo da punição eterna em troca do impossível – alguém abrir mão da imortalidade e optar o Hades). Conhecedor dos sofrimentos e do alívio à tormenta (embora não seja capaz de curar a si mesmo), Quíron foi levado à constelação (da flecha, do sagitário). Portanto, essa foi a trajetória: abandonado, educado na sua força, ferido, sacrificado, morto e concedido à eternidade em outra condição (por Zeus).

Esse episódio recortado é de oportuna semelhança à condição do próprio Asclépio, também um filho dessas qualidades radicalmente masculinas de Apolo. Sendo razoável pensar a medicina (e de outra forma, também a psiqué+terapia) enquanto exercício do cuidado, da recepção, da acolhida e da cura (prerrogativas do feminino), há que se considerar como é que se constitui tal caminho de expressão do masculino de Asclépio até o feminino da sua respectiva constelação.

Semelhantemente a Quíron, é também a convocação intempestiva/indireta de um aspecto feminino (em uma trama sempre trágica), que lhe permite seguir a jornada de nova condição para a imortalidade: ferir, morrer e ascender para outra condição. Quando Hipólito (um pupilo que jurou fidelidade à Artémis) morre, a Deusa clama Asclépio, o pupilo do Quíron (por um lado, irmão de Zeus – filhos de Cronos; por outro, ambos, irmãos do mesmo Pai Sol, Apolo), que traga seu protegido de volta.

Como punição à solicitação concedida na extensão familiar dos afetos, Hades pede que Zeus castigue Asclépio pela interferência na morte resgatada de Hipólito. Uma vez morto pelo relâmpago que reorganiza a vida, é Apolo que o concede a eternidade enquanto constelação, exatamente como aconteceu por Zeus (pai de Apolo) para Quíron (o próprio Sol-Masculino restitui a eternidade feminina ao Centauro).

Curioso, portanto, observar que para ambos os filhos da Ordem-Razão o caminho dessa eternidade última inclui uma passagem que cede ao feminino – a beleza/o Belo em Hipodâmia/Quíron, a beleza/o Belo em Artémis/, indiretamente, ambas, participantes da morte/punição de ambos os “irmãos”, Quíron e Asclépio). Somente depois da morte de Asclépio é que seus ensinamentos estão resguardados pelo divino-feminino que o sucede (a esposa e as quatro filhas, bem como as sacerdotisas).

Nas jornadas sagradas da Psiqué/Alma, é Hermes (irmão de Apolo, o Mensageiro, O Psychopompós) quem a resgata do Hades para o convívio eterno junto à Éros. Não por acaso, para Hermes e Asclépio, os que vão buscar os mortos no Hades (o Grande Reino para Ambos), seus respectivos bastões trazem a serpente da força telúrica-vital (uma no bordão do último, duas no caduceu alado para o primeiro). O místico Caminho de Santiago de Compostela (Espanha), originalmente desenvolvido com seu bastão/cajado (arquetípico) do peregrino... Sendo dois importantes símbolos,

ou instrumentos de trabalhos, saberiam ainda manejar, médicos e terapeutas, respectivamente, o bordão de Asclépio e o caduceu de Hermes?

“(…) A história da terapêutica do fenômeno humano assistiu a uma prática caracterizada pelo tratamento pontual do que se pensava ser o problema (a ser tratado). Dessa forma, repousada na idéia de *iatriké*, o que classicamente foi objeto de intervenção foi o aspecto manifesto, externo, daquela experiência de sofrimento. O foco do tratamento se voltou para o corpo ou, ainda menos, o papel social desse corpo. Se se objetiva, entretanto, já não mais um tratamento, mas um *cuidado* dessa subjetividade humana em crise, é preciso que essa terapêutica seja mais ampla, alcançando aspectos outros do sujeito em terapia.

A idéia de *terapia*, em contraste com a aquela idéia de “iátrico” (*iatriké*), intenta não o tratamento de um problema, mas o cuidado global do sujeito experiencial de sofrimento, o cuidado do *ser* desse sujeito [...], e isso não pode ser pensado fora da compreensão essencial desse sujeito, isto é, de seu processo de subjetivação, continente clínico do seu *ser*.” (Barros e Holanda, 2007)<sup>41</sup>

Os bastões, em suas diferenças, pressupõem chamados e finalidades distintas (quais sejam, da *Iatriké* e da *Therapéia* gregas) – são diferentes, exatamente, porquanto seriam capazes de agir e produzir efeitos distintos: quais seriam, afinal, os pedidos divinatórios que sobrevivem aos sussurros humanos, com toda a fragilidade, a insegurança e a ambiguidade do que signifique o pedido de um mortal? Crer ou não crer é o suficiente, dizer com fé ou descaracterizar o sentido da divindade é um ato de ignorância recorrente que não desfaz a ordem do mundo e o campo de operação da divindade, ou as divindades gregas pressupõe conhecimento dos homens?

Estamos, aqui, nos arredores da Escola Alquímica, onde a medicina também implica conhecer as forças da natureza e das estrelas, na inspiração daquela primeira experiência que, ao sentar em uma roda de fogueira, sentiu o impacto do sofrimento de um terceiro, e, portanto, incomodado, decidiu prestar-lhe auxílio. Do momento, assim, em que o homem não era sacerdote para um rito sistematizado, embora estivesse sensível às estações, ao silêncio e ao espírito, aos movimentos no tempo e no espaço, oráculo que escutando o céu deriva uma prática de manipulação para os elementos da terra, realiza um tipo de aprendizado vidente para o equilíbrio e a cura.

Não por acaso, Asclépios é pupilo de Quíron que, por sua vez, era um filho adotado por Apolo. Na Floresta, Quíron cresceu muito próximo de Artémis, a irmã gêmea de Apolo (com lira, arco e flecha de prata; os mesmos de ouro, para Apolo), com quem aprende e compartilha os segredos dos povos da floresta, e os mistérios sagrados da coleta perfeita para as ervas, as flores e as demais porções de acordo com a presença das estrelas. Hermes, aquele chamado de três vezes grande (Hermes Trismegistus), é também o irmão de Apolo. Na Alquimia dos antigos, Hermes desempenhava papel central, e seu símbolo material era o metal Mercúrio, que por suas qualidades ambíguas – o único metal que se mantém líquido à temperatura ambiente – deu origem a uma grande quantidade de novos mitos alquímicos.

Oportunamente, não confundir o Centauro, que traz a ferida e a cura, com o Minotauro, que oferece o segredo do labirinto construído por Ícaro e seu pai. Todavia, Hipólito, personagem a quem a súplica de Artémis (da Floresta) solicita que Asclépios, o pupilo de Quíron (também da Floresta), resgate do Hades, é o mesmo héroi que derrota o Minotauro do labirinto, embora sofrendo um acidente nos mares, por sabotagem de Afrodite.

Se, por um lado, temos como imaginário médico os que passavam cera sobre as roupas para impermeabilizar-se e usavam máscaras com bicos cumpridos cheios de ervas para filtrar o ar durante a peste negra, teríamos, numa pista mais

---

<sup>41</sup> FERNANDO DE BARROS E ADRIANO HOLANDA. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672007000100006&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672007000100006&script=sci_arttext)

ancestra, as armas de Apolo e de Artémis, além do caduceu de Hermes, como patrocinadores de um saber mágico que descende de Quíron, de Asclépios e de Hipócrates. De Nicolas Flamel (séc. XIII) à Paracelso (séc. XVI), há uma importante mudança de perspectiva e de paradigma, embora desde Flamel, dado seu interesse na saúde pública, a criação de dezenas de hospitais e vários cemitérios foram conduzidas.

A partir de uma medicina medieval, seguida da modernidade (renascentista, iluminista, antropocentrista, humanista etc), esse conhecimento antigo é afastado pela macroscopia da Igreja e de Descartes, e, posteriormente, consolidada na ruptura microscópica industrial, tecnológica e farmacocinética. Sem Hermes, entretanto, não há interpretação.

Se os médicos, em seus juramentos desde Hipócrates, invocam os campos da mítica, do símbolo e do transcendente, em palavras que são menos ambiciosas que os compromissos de alívio implícitos aos *terapóns* – e nem por isso, mais fáceis de compreensão –, não é preciso lembrar os parágrafos exatos daquele Patriarca grego, para saber que um pupilo em honesta formação médica assume como sua certa *visada mágica* da vida e do seu ofício... é mais ou menos assim, o juramento – ou a maldição que acomete os distraídos espíritos:

... Assim juro, com respeito ao Filho de Zeus, Apolo que é Pai Imortal dos homens, Soberano do Conhecimento que atravessa os Domínios e Reinos, juro por Asclépio, o filho dessa Divindade com uma Mortal, o Semi-Deus próximo às carências e às dores humanas, o Guardião Inviolável das Curas para as Dores, o Protegido do Centauro-Maior, também filho de Apolo e Bem-Quisto dos Povos dos Segredos com Fios Ocultos, invoco, também, a guiança de todos os Protetores e Mestres que aceitem o lugar de meus olhos e minhas testemunhas, especialmente as duas filhas de Asclépio, Higéia com seu cálice de porções e Panacéia com seu instrumental perfeito, e juro cumprir, sob a proteção das divindades que regem a vida do Kósmos, sob a pena da ira nos que me assistem e guardam a Ordem dos mundos, conforme meu Poder e Razão, a seguinte promessa.....(e continuam, os discípulos sob o encantamento de Hipócrates)..... “Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja dado gozar felizmente da vida (...) se eu dele me afastar ou infringir, o contrário aconteça.”...

Assim eles invocariam, em um resumo adaptado, para a versão mais concisa abaixo:

*... Eu juro, por Apolo, médico, por Esculápio (Asclépio), Higia e Panacea e por todos os deuses e deusas, a quem conclamo como minhas testemunhas, juro cumprir, segundo meu poder e minha razão, a promessa ...//... Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja dado gozar felizmente da vida e da minha profissão, honrado para sempre entre os homens; se eu dele me afastar ou infringir, O CONTRÁRIO ACONTEÇA.*

Se desconhecem o que dizem, ou são displicentes com o que juram, essa arbitrariedade na palavra empenhada não os tornam ilesos ou imunes à própria injunção de tormentas que invocam e proclamam diante do Kósmo grego (o seu próprio, em alguma medida, por inércia do tempo carregado). Pedem, e desgraçadas serão as suas vidas, por signo e clamor auto-dirigido.

Basta ler Jean Houston, em *A Busca do Ser Amado*, para imaginar, ainda que de longe, o quão complexas eram as jornadas e experiências no Templo de Asclépio, o quanto há de mistério revestido nesse ofício épico da cura que se deixa apreender na indução facilitada aos sonhos e sua consequente interpretação das imagens e símbolos. Por derivação, Marie-Louise von Franz bem descreve as exaustivas fases a

serem vividas em um Templo hipotético da Psiké (no livro *The interpretation of Apuleius' Golden Ass with the late of Eros and Psyche*).

Semelhantemente, não entender as ficções *imaginais* que circundam o *terapón* e o que é a *terapéia*, desde as jornadas da Psiké junto à Éros, a relação entre Amor/Éros, Afrodite/Beleza e a Alma/Psiké, o lugar de ritual para a filha do enlace entre o Amor/Éros com a Alma/Psiké, Volúpia (uma Semi-Deusa), é certamente tomar parte de um desastre simbólico sem precedentes na biografia de um desavisado.

É filiar-se, por conseguinte, a uma parte do mistério coletivo desse legado humano, sem ter a capacidade de decifrar, ajustar e atualizar, sem os meios para honrar sua grandeza arcana e contínua, do culto estruturante que se transmite na gestualidade e atenção de profético cuidar: um para um, alma com alma.

É nessa perspectiva do *encantamento* que também as relações de ajuda podem constituir-se enquanto práticas da mais íntima pessoalidade e eternidade de si com o mistério, onde profissão e poética são elementos ajustados e complementares em um mosaico que nos fala da vida como um todo e não dos seus particulares em supostos elementos alheios e isolados.

No final das contas, a herança da Razão e da Ordem (de Zeus para Apolo e Hermes) arrisca-se/submete-se ao precipício/assombro/abismo do Amor. Ora, na mítica da Physis, todo movimento vivo é necessariamente erótico e psicótico, é poesia e encantamento, feição, afeto e afeição, é feitiço em movimento (Éros e Psiké). Ensina-nos a Psiké que até o último *dracma* de ouro será exigido – quando não houver para onde ir, nem de onde voltar, quando não houver qualquer esperança no barco de Caronte, nos instantes que antecedem Cérbero.

A última jornada da Psiké, o encontro final, dá-se em Hades – de onde ninguém retorna. Dois pares de irmãos, Quíron e Asclépio, Hermes e Apolo, se é razoável entender que a Beleza, a manifestação do feminino na expresso do Belo, conduz para um exercício da areté (aristeuein, o mover na efetiva prática da areté, o agenciamento da excelência), então, nessa interface impregnada com as vicissitudes da vida, toda ética é também movimento, é também deslocamento, é também ruptura do singular em suas demandas de multiplicidade e de diferença: no esculpir a si próprio, na matéria bruta de uma vida dura e real, toda ética é trágica, é diversão para o estático e profanação do mármore puro de imobilismo.

Nesse sentido, embora o juramento da Ars Medicina dirija-se para a Luz de Apolo, é, na verdade, por entre o exercício sombrio de Asclépios e de Hermes com suas intervenções no Hádes (respectivamente, “neto” e “irmão” de Apolo) que os entraves entre o poder/poros e a pobreza/penia são confrontados na alquimia de possibilidades. Essa posição que não se conforta pela definição do equilíbrio e da Luz, que refrata o controle do esclarecimento perfeito e da submissão ao infinitamente sublime/numinoso, é condição excelsa para o Dyabolus, o que se fragiliza, o que refrata, o que se expressa no episódico, no acidental, no inesperado.

Trata-se da expectância que enfraquece a seriedade última, a força coesa da militância e sociedade, que dissolve a evidência, desfoca o controle, gera intensidades e produz movimentos. Da força mesma que não busca adensamentos teórico-contemplativos, que repercute temores em vez de seguranças, da condição de permeável e de vício inconspicível ao qualitativo mais bestial e selvagem do humano.

Se a paisagem onírica em Asclépios e Hermes gradua-se no convívio de Quíron, no arquétipo do Dyabolus, textos, fotografias, filmes, peças de teatro serão trianguladas na fissura para a repetição, em uma antropologia da resistência.

Ferindo-se a textura do acontecimento, exorcizar o familiar entranhado: repetir e estranhar, repetir e fragilizar, repetir e deformar, repetir e estrangular, repetir e

baldear.....converter em forrózinho (não em samba<sup>42</sup>): essa condição de um artista inserido nos pactos e agendas marginais da saúde/coletiva/brasileira.

Penso em Dyotima, bruxa extraordinária e uma das tutoras (inspirações) malditas de Sócrates (o inimigo da democracia e danoso corruptor dos jovens de Atenas), em uma conversa necessária com Paracelso, sobre uma Ars Medicina onde Asclépios, em nossa condição contemporânea, estivesse fraturado da sua cabeça. Uma trama dialógica mais ou menos assim inspirada:

Ó crianças deslumbradas com essa modernidade no cérebro, na genética e nos fármacos; os pupilos de Asclépios já não sabem que a tensão entre vida e morte que habitam no corpo, o que, afinal, distingue o herói e o mortal, ou um paciente de um imortal, encontra-se exatamente na tênue fronteira entre o kósmos que se busca manter (e nas artes para resguarda-lo, insuflá-lo) e as consequências da invasão pelo káos (sempre iminente, feroz e final). “Tudo em ordem”, perguntam aos que jazem nos leitos, e não sabem que ordem e káos requisitam, desde os gregos, de uma força que agregue e não apenas aglomere. Não sabem que Éros, o Primevo, é também o precipício entre o káos profundo e o kósmos frágil – este último, suave e ameaçado, embora o único possível e desesperadamente desejado. Não sabem, para além do juramento a ser honrado, que todo amor é feitiço e que, apenas em nome dele, é por Éros que todo e qualquer feitiço será conduzido – *amando-se*.

Éros, indiretamente (re)ferido em Asclépios, na empatia e cumplicidade atentas ao outro, é a personagem principal nas Jornadas da Alma/Psiké... Éros, que foi o primeiro terapón, o primeiro capaz de sustentar a relação amorosa/agregadora do kósmos, o primeiro a facilitar a caminhada da alma – é dele também a primeira lição, a instrução valiosa que se testemunha do amante ao amado: saibamos ensinar não a personificação restrita mas a direção mesma que o amor/amante ama, que o amado, assim, torne-se um amante que também nutre a intensidade amorosa pelo destino originalmente amado, que ame o amor ao belo, que saiba amar inteiramente a beleza; qual seja, em outras palavras..... porque enxerga o Belo, em todo e mínimo fragmento da Physis (esse movimento de vida nascente da composição entre os elementais e o sopro anímico), Beleza perfeita e imortal, em Afrodite, beleza mortal e finita em Psiké; em ambas, onde há também fruição de Éros, a vislumbrar essa emanção da harmonia e do equilíbrio do universo, na lembrança de que todo o belo é manifestação aludida do kósmos.

Faz, pois, nascer da alma enfeitiçada pelo amor essa visão a partir da qual se enxerga o belo das manhãs e das noites – essa é a magya, a mítica de Éros: à finalidade da beleza e do belo que são eternos! Quebrar um juramento em nome de Apolo é fraturar essa proteção de Éros e desmanchar todo o circuito do kósmos para um (modo de) viver ordenado.

A consequência tola não é um tipo de mal que se pede, mas a força do káos que se infiltra brutalmente – e que não saberemos os efeitos ou a duração na instabilidade. Mas, e se funcionar bem, e se ainda for viável (e os segredos não forem

---

<sup>42</sup> Exigência epistêmica do poeta e sambista popular: “(...) Alegria é a melhor coisa que existe/ É assim como a luz no coração/ Mas pra fazer um samba com beleza/ É preciso um bocado de tristeza/ É preciso um bocado de tristeza/ Senão, não se faz um samba não (...)” – Samba da Benção, Vinícius de Moraes

completamente perdidos): o que seria dos pupilos de Asclépios, tornados heróis da própria alma e destino, o que seria das suas imortalidades em potencial quando o juramento for cumprido, se fossem capazes de preservar as conjuras mágicas do universo e da alma que fizeram aos céus?

Os seguidores de Hipócrates quase completamente desconhecem o que acontecia nas câmaras entre colunas de mármore da Escola Médica de Cós (de onde veio Hipócrates) e do Santuário de Epidauro, os corredores ofídicos nos templos onde os gregos, por excelência, se dedicavam à Asclépios e ao tratamento das enfermidades<sup>43</sup>. Filho de Apolo, que era considerado o próprio “Médico” dos Deuses, Asclépios é o benfeitor que traz a luz solar de Apolo para os homens.

Deus Sanador e Herói de grande fama, sua educação foi confiada ao Centauro (sábio e caçador) dos bosques, das florestas e das montanhas – onde aprendeu sobre Ciência, Arte, Medicina e Amor pela Humanidade (Quíron transmitiu o conhecimento da Botânica e dos Céus, ensinou a virtude das Plantas Medicinais, utilizava-se da música para curar as moléstias e fazia previsões sobre as influências dos corpos celestes na vida/saúde).

Sua família com Epione (a Deusa que alivia e anestesia) é composta por dois médicos e quatro deusas benfazejas, embora quando aparece sentado em representações de pedra, está ladeado pela *serpente* (animal que concentra as forças telúricas da vida) e pelo *cachorro* (animal que o acompanha nas viagens aos mortos). Sua capacidade de aconselhar (sobretudo através dos *sonhos*) e de curar permitiria até ressuscitar os mortos.

Irritado por um Semi-Deus interferir em seus domínios<sup>44</sup>, especialmente depois de trazer Hipólito do Tártaro (Ártemis que caçava com Quíron suplicou que Asclépios, o pupilo daquele Curandeiro-Ferido, devolvesse a vida do seu protegido, o filho de Teseu com a amazona Antíope, Hipólito que havia dedicado sua vida para seguir a Deusa das Florestas), Hades exigiu uma punição de Zeus (avô de Asclépios). Temendo que a Ordem do Mundo fosse destruída (kósmos ameaçado), Zeus mata Asclépios com um dos seus raios. Apolo, seu pai, o salva novamente (a primeira, no seu parto)..., resgatando-o do Hades para o abrigo em uma constelação eterna (catasterizou Asclépios, como Zeus fez com Quíron<sup>45</sup>).

O ponto de abismo nessa reflexão não trata de negar as muitas facetas de opressão no existir, estas que exatamente perfazem a aflição e o cerceamento condensado em um imaginário de Prometeu – vida em desespero continuamente ofertada em holocausto dos cordeiros, sem que a tortura possa jamais se esgotar em um sacrifício postergado vez após vez.

O arquétipo da sombra/do escuro é de onde se lança a inquietação, de onde a surge o move-se para o novo. É das sombras e das aparências dúbias que surgem os movimentos e as impermanências. Se houver um absoluto enquanto faceta do imortal e do imutável, então, não haverá termo circunstanciado ou manifestação circunstancial daquela instância mesma que não se encerra nas mudanças do tempo e do espaço.

Fragmentar, quebrar, romper é sugerir outro caminho que não esteja fusionado, vinculado, unificado, submetido a um terceiro de correspondência e identidade de origem, trajetória onde se suporta dizer de si e responsabilizar-se como diferença e diversidade.

<sup>43</sup> Ver mais em: [www.nova-acropole.pt/a\\_epidauro.html](http://www.nova-acropole.pt/a_epidauro.html)

<sup>44</sup> “(...) Asclépio, então, abriu as portas do armário medicinal de marfim e dali tirou a erva com a qual havia feito o cretense Glauco reviver. Roçou com ela três vezes o peito de Hipólito, repetindo certos conjuros e, ao terceiro toque, o morto levantou a cabeça do chão. Mas Hades e as Três Parcas, escandalizados com esse abuso de seu privilégio, convenceram Zeus a fulminar Asclépio.” -- Disponível em: *O Grande Livro dos Mitos Gregos*, por Robert Graves (Ediouro, 2008, p. 421).

<sup>45</sup> Sobre Quíron, ver em: <http://www.espaco-do-ceu.com.br/artigos/quiron.htm>

O Dyabolus, por conseguinte, é bem-vindo como vetor de direção contrária à sensação de alguma lealdade incontornável entre os pactos amargos dos deuses, especialmente naqueles onde está previsto a violação atroz da integridade humana, como se ainda estivéssemos em uma perspectiva cósmica de realidade, onde as regras estão postas e, uma vez reconhecidas, caber-nos-ia mover-se na esfera das mesmas.

Curiosamente, embora contradizendo a argumentação exposta, de que a legítima transformação só ocorre na militância interna ao campo, especialmente no âmbito do diálogo e do enfrentamento em coletivos, no caso dos mitos, particularmente neste que foi adotado como veículo imaginal para a transmissão de informações em diferentes níveis, o auxílio significativo necessariamente virá de fora e, geralmente, não constitui uma cena dramática, mas ambienta o transcurso fatal da tragédia. Tratou-se de uma retratação ingênua ou figuração equivocada, ou é realmente disso que estamos considerando e propondo aos pesquisadores em formação do campo?

O Mercúrio de Virgem, embora seja o mesmo planeta inquieto no Mercúrio arquetípico que rege os Gêmeos do zodíaco, no primeiro está mais inclinado à movimentação detalhada, organizada, sistematizada, disciplinada, à produção do trabalho e da transformação.

Em Gêmeos, esse arquetipo de Hermes/Mercúrio fala da astúcia do cérebro, do conhecimento, da palavra, do argumento. Andrógeno, também usufrui de livre trânsito na sexualidade, sendo o representante legal dos deuses para todas as tarefas que exijam comunicação. A faculdade dessa inteligência mercurial permite a visita por todas as demais casas e reinos, enquanto senhor de todos os caminhos.

Hermes personifica o elemento ar com sua qualidade sulfúrica, aquele mais denso e radical. Sendo o único que pode entrar/sair do Hades e sua densidade, consegue planejar de maneira estratégica e racional, pouco influenciado por emoções. Não por acaso, no Tarô de Joel Aleixo, a carta para Gêmeos/Hermes traz a representação de um diabinho (no submundo, um diabinho teria passagem livre, correto?).

Seu caduceu, diferentemente do bastão de Asclépios, traz duas serpentes que são aladas – enquanto no primeiro, apenas uma serpente terrestre e enrolada. Hermes e suas artes ocultas (seu potencial “alado” de deslocamento interpretativo, o Hermes que traz a psiqué nos seus braços, no caminho para fora do Hades), não por acaso, são prestigiadas nos muitos tratados desde a Medicina Alquímica (que, tradicionalmente, no curso dos ensinamentos Hipocráticos, estavam ligados ao arquetipo da serpente de Asclépios) – retomados até a Tábua de Esmeralda, atribuída às glórias silentes de Hermes.

No radical das humanidades e, particularmente, dessa Medicina Alquímica (mítica e espiritual na descrição e processamento das curas), há incomensurabilidade conceitual e incompatibilidade epistêmica entre objetos diversos que exigem a unidimensionalidade dos aspectos clínicos de uma ciência moderna.

Trata-se, portanto, de uma Medicina alquímica que reconhece o espírito como operador de trabalho, que dispõe de meios divinatórios e oraculares para interpretar o espírito, que confia nas direções do espírito (e afirma que não existe nenhuma mudança do espírito que esteja em desacordo com seu propósito e destinação), produzindo um sistema de apoio à presença do espírito (uma química que manipula os elementos da vida para realizar/estabilizar o seu destino na matéria).

Aquela Medicina, outrora Alquímica, perdeu o contato junto à instância do espírito que se revela no oráculo, desse espírito que indica um estado alquímico nos processos do corpo e da sua respectiva cura, espírito, afinal, que expurgado de suas

capacidades para guiar o funcionamento integral do corpo, fecha a expressão de intuições e de símbolos arcanos enquanto o domínio consciente demanda aprendizados de outra ordem.

Nessa instância suprimida do espírito, a experiência humana possível não está organizada e direcionada, não surge a partir de princípios rígidos e articulados – todavia, é da nossa crença habitual e moderna supor que há autonomia e decisão, que temos o condão para interferir em tudo e que, em nome dessa formatação idealizada, elegemos todo tipo de critério e classificação segundo nossas conveniências cognitivas.

Com alguma sensibilidade, observa-se o corpo no lugar errado, ao lado da pessoa errada, realizando a coisa errada – colocando-se na condição de persona não grata à vida e ao seu propósito singular, entregue em um caminhar sem destino: e para que serve o homem quando não irá manifestar seu próprio destino? Que viestes trazer e fazer na vida?

No espírito tudo flui (“Pántha Rheĩ”, Heráclito de Éfeso) e perder o contato com o espírito, significa não escuta-lo e não ser por ele auxiliado nessa fruição, por não enxerga-lo e não distinguir suficientemente a linguagem da vida. Quando o inconsciente então souber que o consciente já se sabe das demandas do espírito, então, as consequências inevitavelmente serão desdobradas. O espírito não admite erro, quer na suavidade ou na dor.

Desse modo, ao deslocar-se na sombra que é capaz de profanar e constituir novos sentidos, um eventual saber da estranheza ou que assombra viria em nossa direção com a volição de inaugurar o inesperado. Repetir, e novamente ser marcado e não se evadir para o óbvio, repetir e insistir, tensionar e produzir ruídos nesse aparente, de maneira que, no fluxo do próprio agenciamento, a repetição contínua produza alteridade e imprevisibilidade.

Se esse trabalho pretende deformar e contundir, como queiram, no jargão mais polido, “arguir” algum aspecto da realidade ou da verdade, ele induz a crítica do espectro universal implícito ao conceito de “territorialidade”. Alastrado na seara da Saúde Pública sob a condição de norteador (!) epistêmico, por si mesmo foi tido como abalizador capaz de instruir o profissional da Saúde com recursos “verdadeiros” para o exercício de sua prática inserida nas comunidades.

No caduceu de Hermes, das profundezas à deriva onde renasci, que possa honrar a oportunidade dessa vida fora do Grande e Maior dos Reinos, os salões do Hades; Eu juro por Éros, o Princípio e o filho do Káos (que é o Fim para tudo nesse Kósmos), o Primeiro Terapón; Juro por Afrodite, a Beleza sem tempo, a filha do titã Cronos/Saturno, a neta do céu das estrelas com a Mãe Terra, Urano e Gaia, a diletta irmã de Éros, abrigo de toda fecundidade e vida; Juro por Hermes, o Psychopompos filho de Zeus/Júpiter, o neto de Cronos com sua irmã Réia/Cibele; Juro por Apolo, seus filhos Quíron e Asclépio... Eu (escon)juro... Uma flutuação ensaística onde o artista incide sobre o conhecimento que o precede na afirmação de uma torção ou desvio no gravitar dos postulados: do vigor para o fervor, do rigor para o rasgo; algo carnal e material, à sombra do meu sertão.

A questão não está isolada na atrocidade impune que os arranjos de poder entre os deuses configuram em Prometeu. Mais inquietante é conferir reconhecimento aos atores que se valem desses mecanismos de controle e de violência, exigindo-se claramente uma forma de subordinação à dominação referendada.

Se a saúde não é um repouso na satisfação e na saciação estagnadas, se a saúde é também crítica, procura e deslocamento, se é incômodo, abismo e movimento,

saúde é também um descaminho ou movimento de caráter movediço, um feitiço que singulariza e projeta o vôo aberto e rasante do precipício (Deleuze<sup>46</sup>). Ewoé Dyotima!

É o rito do movimento que esfalece diante do nítido e da condução de Apolo, a quem interessa projetos, respostas e delimitações. É! Um vetor de afeto que desloca o lugar fixo-universal e a matriz monoparadigmática, inclusive, da interpretação hegemônica do alcance e aplicações do mal, da correspondência entre um mal fixo e a referência no diabo, da normatividade de um bem ideológico que obsta uma gyra de sentidos – onde se restitui a relação na perspectiva do sentir entre dois corpos que eclodem para a vida.

### iii.B, título) Não é um homem

“Outro costume da tribo são os poetas. Ocorre a um homem ordenar seis ou sete palavras, geralmente enigmáticas. Não pode conter-se e grita-as, de pé, no centro de um círculo que formam, estendidos na terra, os feiticeiros e a plebe. Se o poema não excita, nada acontece; se as palavras dos poetas os assustam, todos se afastam dele, em silêncio, sob o preceito de um horror sagrado (under a holy dread). Sentem que o espírito o tocou; ninguém falará com ele nem o olhará, nem mesmo sua mãe. Já não é um homem mas um deus e qualquer um pode matá-lo. O poeta, se puder, procurará refúgio nos areais do Norte.”

-- O INFORME DE BRODIE,  
Jorge Luis Borges.

“(…) Eu escrevia silêncios, noites, anotava o inexprimível. Fixava vertigens. (...) As velharias poéticas ocupavam boa parte de minha alquimia do verbo. (...) Acabei por julgar sagrada a desordem de meu espírito.”

- UMA TEMPORADA NO INFERNO/A Alquimia do Verbo  
Arthur Rimbaud.

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras, (...) Da escuridão do cósmico segredo, Da substância de todas as substâncias! (...)”

- MONÓLOGO DE UMA SOMBRA  
Augusto dos Anjos.

Tempo-Texto-Tempo. A partir da noção de “sombra” desenvolvida por Giorgio Agamben, formulada como requisito de alcance híbrido conceitual-metodológico para o acesso e a fruição das possibilidades contemporâneas subjacentes à limitação de um presente estático, realiza-se nesse trabalho uma opção (est)ética na experiência sensível do obscuro que, recorrendo às linguagens (artísticas) das Humanidades em suas vias marginais de conhecimento, vale-se da experimentação no “Ankoku Butoh” (Dança das Sombras, a modalidade japonesa nas artes performativas,

---

<sup>46</sup> ATENÇÃO, ATENÇÃO, ATENÇÃO: “(...) Corremos em direção ao horizonte (...) retornamos dele com olhos vermelhos (...) Pensar é sempre seguir a linha de fuga do vôo da bruxa (...) É que não pensamos sem nos tornarmos outra coisa, algo que não pensa, um bicho, um vegetal, uma molécula, uma partícula, que retornam sobre o pensamento e o relançam (...)” – Deleuze & Guattari, O que é a filosofia; “(...) Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados.” – Deleuze, A literatura e a vida. - Em Crítica e Clínica. (1993/1997); “(...) O escritor é um bruxo, pois vive o animal como a única população frente à qual é responsável.” – Deleuze, Mil Platôs (vol. 4); “É outra coisa. Escrever é, necessariamente, forçar a linguagem, a sintaxe, porque a linguagem é a sintaxe, forçar a sintaxe até um certo limite, limite que se pode exprimir de várias maneiras. É tanto o limite que separa a linguagem do silêncio, quanto o limite que separa a linguagem da música, que separa a linguagem de algo que seria... o piar, o piar doloroso.” – Deleuze, O Alfabético de Gilles Deleuze.

criada na segunda metade do século XX por Tatsumi Hijikata, Kazuo Ohno e outros) enquanto evocativo de tensionadores emergentes ao fulgor hegemônico do: (a) Homem-Lógos, (b) Modernidade-Razão-Sujeito, e (c) Iluminismo-Esclarecimento-Renascimento-Antropocentrismo-Antropomorfismo.

Deslocando-se da crítica nas análises de cunho social e político para dialogar com as texturas gestuais na performance, dança e teatro, não se trata de transpor/assimilar as problemáticas já delimitadas naqueles campos anteriores e as estratégias de enfrentamento intelectual conforme situadas na ciência, na filosofia ou na artes em suas articulações epistêmicas particulares; o foco não são as (formas de) Luzes e seus conteúdos quaisquer no tempo presente dessas manifestações habituais do conhecimento, porém de um ativismo das experimentações obscuras ou ocultas/herméticas, ou de uma militância sensível tenebrosa que se desloca de um próprio universo cultural e histórico apenas para retorna-lo imbuído de penumbras criadoras no jeito de ler, ouvir, agir, bem como de produzir sensações, reflexões e transformações.

Mover-se nas sombras, também para Agamben, assim como nos passos outros de Hijikata, instaura no corpo uma disposição com o tempo (em termos de uma relação alterada ou dilatada, como o tempo da morte, ou o tempo da sombra para enfrentar a cronologia bruta). Da Europa, do Japão, ao mundo colonial invadido, encontra-se o Sertão como fonte do absurdo imemorial, verso nesse movimento que é desalojado ou deslocado na experiência do tempo – Sertão enquanto território mítico onde a morte avoluma-se no imponderável.

Segundo a classificação de G. Deleuze & F. Guattari, a natureza dessa proposição experimental acerca do sombrio não coincidiria necessariamente à pretensão gerativa:

- i. de “monumentos” (arte) – com suas “variedades”, em “perceptos e afectos” que restitui o infinito (a velocidade infinita do caos) em um “plano de composição”;
- ii. de “acontecimentos” (filosofia) – com suas “variações”, em “conceitos” que resguardam algo do infinito em um “plano de consistência”;
- iii. de “estados de coisas” (ciência) – com suas “variáveis”, em “functivos” que renunciam ao infinito em um “plano de referência”.

Nesse prisma, o reconhecimento de movimentos obscuros ou das experiências sombrias visa desencadear outros repertórios não implicados, por exemplo, na política de afetos ao campo tradicional do saber biomédico e do maquinico-tecnológico, entendidos, no melhor dos casos, a partir das suas articulações entre os três campos anteriores, uma vez que, partindo de atravessamentos que mobilizam novas configurações e agenciamentos da gestualidade, também a formação profissional, entendida enquanto corpo de atitudes e de conhecimentos médicos facilitados em dado contexto para o exercício de uma atividade, seria friccionada em seus mitologemas convencionalmente referidos pelo Cosmos/Ordem/Equilíbrio de Apolo, Quíron, Asclépio, Hipócrates, Cura, Vida Boa, Destino, Dáimones etc.

Nessa intervenção oral, por exemplo, de contar e recontar Éros e Psiqué para amigos, estudantes e desconhecidos, como lenda antiga e primeva, narrativa, fábula, conto e relato fora do texto e do ensino oficial, descobri que “(...) no próprio modo de contar a versão escolhida, o narrador intervém pessoalmente e se faz intérprete justamente porque não existe um modelo definitivo do roteiro mítico que ele expõe” (Vernand, 2000, p. 115)

Não estou interessado nos mitos como um historiador ou antropólogo, inclinado ao “pano de fundo intelectual evidenciado pelo fio da narração” (Vernand, 2000, p. 13). Na experiência em primeira pessoa e não de qualquer segundo plano científico, não se enfoca apenas o relato histórico e literário, imobilizado em documentos ou fossilizado em textos literários.

Joseph Campbell, em “The Inner Reaches of Outer Space”, complementa: “One cannot predict the next mythology any more than one can predict tonight's dream; for a mythology is not an ideology. It is not something projected from the brain, but something experienced from the heart.”

Desse mundo pelo avesso, mundo de lugar e pessoa nenhuma, quero aprender a nadar, escalar, lutar, mover os feitos gracejados pelo corpo, assim como jogos, competições e sacrifícios eram conduzidos nessa relação cósmico-arcana entre homens e deuses.

Adverte Markus Gabriel<sup>47</sup>, em “Metafísica e Mitologia”:

“(…) Pois, a mitologia é mais do que um entrelaçamento solto de ficções. Embora a mitologia possa ser articulada como arte, o seu fundamento não pode ser o mesmo da arte, porque todas as actividades artísticas humanas já pressupõem que a consciência do artista é capaz de espontaneamente produzir imagens (...) Os mitos são sempre arqueológicos no sentido que associam os factos do mundo a uma origem divina (āgzv), quer dizer, a um dado absoluto. O mundo é visto como o próprio lugar da revelação de uma realidade indisponível para qualquer consciência individual. (...) Tanto no seu livro *Arbeit am Mythos*, como no artigo programático ‘*Wirklichkeitsbegriff und Wirkungspotential des Mythos*’, Hans Blumenberg (1920-1996) compara a estrutura circular da mitologia à ideia do círculo puro da consciência de si. Segundo este autor, aliás, toda a metafísica tem uma raiz mitológica inextricável porque todo o pensamento humano é fundado numa busca permanente de compreender o mundo como totalidade fechada (...) Por isso, o Heidegger da última fase regressou à linguagem mitológica para compreender o mundo como evento (Ereignis), entendendo a palavra alemã *Er-eignis* como a auto-explicação do Ser na história do saber metafísico. (...)”

É uma forma de transmissão que antecede o imediato do próprio relator, onde o mito não é fantasia ou invenção individual: “O Ciclope se apresenta (...) Pergunta a Ulisses como se chama (...) Ulisses diz se chama Oútis, ou seja, Ninguém (...) Há aí um trocadilho, pois as duas sílabas de ou-tis podem ser substituídas por uma outra forma de dizer a mesma coisa: me-tis. Ou e me são em grego as duas formas da negação, mas se oútis significa ‘ninguém’, mêtis designa ‘astúcia’” (Vernand, 2000, p. 104).

Trata-se, portanto, de induzir serendipidades e produzir nexos alternativos de inteligibilidade proporcionados numa experiência de raiz e de sobrevoos em Hérmes (posto que não se fixa/identifica completamente ao território presente, embora não o refrate em absoluto), com potências de travessias e de interpretações em seus vários mundos sensivelmente percorridos, não instituídos necessariamente segundo a tradição vigente dos saberes ocidentais modernos para os discursos das hermenêuticas e seus hermeneutas.

Sombra é apenas escombros? Efêmero tempo, efêmero texto. Um Butô da desintegração, da perturbação aos antigos. “Críton, devemos um galo para Asclépio curador; não te esqueças de saldar essa dívida” (Sócrates em Fédon de Platão), tal seja o pedido arcano ao leito de morte que antecede a escuridão para o conhecido, da cicuta à oferenda imortalizada na dívida transmitida e o anúncio de homem-promessa pelo sábio da nossa antiguidade imemorial.

---

<sup>47</sup> Ver: <http://www.centrodefilosofia.com/uploads/pdfs/philosophica/27/5.pdf>

No soturno e no profundo das noites, o muthos e seus orbitais míticos são revisitados nesse trabalho, dobrados e desdobrados em novas relações e ponderações. Para compartilhar dessas possibilidades sensíveis em fronteiras porosas e saberes de resistência correlatos, construiu-se uma proposição introdutória de teatro-dança encenada com a inspiração do Ankoku Butoh, evidenciando um corpo em sua articulação de conhecimento não-representativo que visa expandir as intensidades camufladas do habitual (nesse recorte, através das narrativas do sertão e das suas memórias no arké do corpo cotidiano) por meio do estranhamento irradiado de suas sombras no suporte estético do Butoh.

Um galo jovem, no campo e nos espaços raros da cidade, prenúncio do dia que move para o novo e símbolo para as qualidades de Hérmes; um galo que também representa o dia para saudar Asclépio, este que é o filho do Sol de Apolo... Apolo e Quíron ilustrados em suas lutas contra a morte, Hérmes e Asclépio ufanados na capacidade de retornar almas da morte, a própria morte destemida de Sócrates... e seu galo penhorado no terreiro do sombrio, errante nas encruzilhadas do Sertão que dista das paisagens convencionais: como produzir uma experiência contemporânea a partir da imersão nas sombras desse Cosmos (de Apolo, o regente das Musas, guardião em Delfos, protetor da Beleza, Harmonia, Perfeição, Equilíbrio, Razão) pressuposto em um discurso de saúde?

Na acepção de Agamben, o que significa “profanar” (trair a sacralização política, Sócrates como um desses profanadores/putrefatores na velha ordem), talvez rasgar o clamor do galo em ritual e o próprio conceito de sombra no seu enquadramento epistêmico original? Quais os efeitos possíveis dessa profanação que alcançam à saúde do dia e do galo protegidos por Eos, a deusa do amanhecer que abre o céu para o cortejo do seu irmão titã, Hélio, sua carruagem de sol e o cacarejar dos galináceos?

Pelas mãos de Críton, um galo em sacrifício para Asclépio... Quando Sócrates adentra a sombra da morte, amparado na oferenda de um bicho cuja realza celebra a luz e o dia... Um galo também em holocausto (para Dyonísus, para Dyotima?), pelas mãos de Hijikata<sup>48</sup> (e a pedido das... Erínias? Das febres e emoções intensas?)...

Quando o dançarino invoca o seu corpo fantasmagórico, corpo da morte, dá-se o sacrifício do bicho que se refugia quando a luz minguar... Realidades tão obscuras, quanto a constatação que o Sertão obscuro não serve para a saúde, se não for iluminado pela violência do Lógos que o discipline – no interior lusitano ancestral (ser.träum Moderno), ofertava-se um galo preto para São Bartolomeu<sup>49</sup>, o herói que venceu o Diabo.

---

<sup>48</sup> “Em 1959, Tatsumi Hijikata apresenta ao público de Tóquio a performance KINJIKI (Cores Proibidas), baseada em texto do escritor Yukio Mishima. Nem todos os presentes foram capazes de resistir até o final da apresentação. Uma cena brutal simulava a relação sexual entre Yoshito Ono, filho de Kazuo Ono, e uma galinha. O choque provocado nos espectadores não pretendia apenas mostrar uma cena violenta com final trágico, mas sobretudo instaurar uma nova forma estética capaz de explorar a reflexão profunda sobre a morte. Cores Proibidas era o “marco zero” do Butô, chamado na época de Ankoku Butoh, pelo seu criador Hijikata. Esta denominação não é aleatória. Kô Murobushi explica que o Butô é uma dança cuja ação ‘abre a humanidade às trevas do próprio corpo’. Ou seja: ‘o corpo necessita de tensão, convulsão e pulverização através do silêncio absoluto para **explorar até os últimos limites a sensação de sofrimento que proporciona o conhecimento**’ (apud Palmier, 1985: 34).

Este conhecimento buscado pelos dançarinos de Butô refere-se não apenas ao aprendizado do funcionamento do corpo e da dinâmica do movimento, mas ao entendimento do processo de morte. É, mais uma vez, a arte compreendida como dō, caminho ou filosofia de vida.

**Para Hijikata, Butô é uma forma de vida**, o que não é apenas uma metáfora, mas significa que não é possível dançá-lo sem transformar radicalmente o estilo de viver. Sob este ponto de vista, que compreende o Butô de forma tão abrangente, Cores Proibidas é importante não apenas pela apresentação do novo ‘estilo’ de dança, mas pelas implicações decorrentes do pensamento de seu autor Mishima e da preocupação existencial que lhe é inerente. Não foi uma escolha desprezível.” (p. 86, grifo nosso). Por Christine Greiner, em “O teatro Nô e ocidente” (SP: Annablume; FAPESP, 2000).

<sup>49</sup> Três vezes mergulhada no mar, a criança recebe uma galinha preta ao colo em súplica de proteção: com três voltas na igreja, passando três vezes abaixo do andor florido e deixando o galo no altar como oferta. Tradição desde o século XVI na freguesia de “São Bartolomeu do Mar”, no concelho português de Esposende.

É verdade, outrossim, que os mitos obscuros não servem para a saúde, se não for iluminado pela violência do Lógos que os organize. Ademais, o Butô, as artes e as Humanidades não servem para a saúde, se não for iluminado pela violência do Lógos que bem lhes adegue.

Todos esses episódios retomam, na via do obscuro refutado, uma dívida não examinada com os profissionais da saúde, das curas e das relações de ajuda, na medida em que tensiona e produz outras forças de resistência. Não é apenas um “conteúdo” seletivo do repugnante e temível (sombras, nesse aspecto limitado), conforme talhado no Logos e no Sujeito da Modernidade, não é apenas uma narrativa dos malditos, amaldiçoados ou danosos em sentidos acerca da morte, da noite, do desespero, ou do terror; é algo como um rescaldo sombrio (inebriado do obscuro e do frio), um reservatório do impronunciável e do indiferenciado que não esteve conectado com/dependente do Moderno.

É tomar esse quantum de afetos para a mutação do corpo e do conhecimento encarnado, é o construir de uma performance para incidir na organização cotidiana da Modernidade em nossos comportamentos e percepções, um tipo de intervenção, portanto, que utiliza o estranhamento sensitivo que habita o Sertão multiplicado pela força de incômodo e torpor na carne do Butô.

Na experiência do Sertão há uma fratura na mensura do razoável e uma consequente decaída em vertigem, há uma constelação de sombras, de outros exercícios abundantes da morte e do nefasto, um Sertão, por conseguinte, como delírio ou performance imediata disso que suspende o discernimento, a clareza, a possibilidade de manejar e de objetificar.

Acoplado a essa imagética da anti-urbe e da contra-atualização, aproxima-se um dispositivo de ruptura não-ocidental, por meio de um corpo outro que não coincide ao artístico, ao estético, às Musas e às Bacantes desde os gregos; é um corpo-Ma (do vazio aberto, o Ma, no conceito do Japão) em substituição à vida articulada no equilíbrio e na segurança últimas, é a produção de um homem decaído tanto da consciência como fraturado da singularidade, um homem sem cosmos.

Das névoas desde Kant, em questões para Foucault e que também se infiltram no pensamento de Agamben,

“(…) La pregunta dialoga con aquella otra que Foucault intenta **desentrañar en ‘¿Qué es la ilustración?’**, donde a su vez comenta la respuesta a esa misma pregunta ensayada por Kant en diciembre de 1784. Para Foucault esta forma de interrogación crítica, que apunta a **una ontología del presente** – ¿cuál es ese acontecimiento que se llama **Aufklärung (ilustración) y que ha determinado, en parte, lo que somos, lo que pensamos y lo que hacemos?** – signará toda la filosofía contemporánea junto con la cuestión de las condiciones en las cuales **un conocimiento verdadero es posible**.

(…) La novedad que introduce Agamben – respondiendo, tal vez, a algunas críticas que se han hecho de su obra – **radica en darle al pasado, a lo arcaico, un nuevo estatuto en el presente**. La figura del **homo sacer**, por ejemplo, o las discusiones de los antiguos teólogos, **operan en las sombras del presente**. La tarea del hombre contemporáneo, por tanto, es **buscar allí “su” verdad**.

(…) En efecto, la arqueología es aquel método que intenta desentrañar **las condiciones históricas de posibilidad del desarrollo de una episteme** [a partir das névoas e das sombras como território dessa abordagem, em certo sentido, anti-arqueológica nos procedimentos], vale decir, de **un saber que puede ser tanto de carácter científico como del orden de la creencia o el mito**. Para Agamben, arqueología es aquella práctica que, en toda indagación histórica, **se enfrenta a la canonización o a la naturalización de las fuentes del propio saber** [profanação como instrumental específico da pesquisa], para lo cual debe **deconstruir los paradigmas, las técnicas y las prácticas a través de las cuales ella**

(la tradición) regula las formas de la transmisión, condiciona el acceso a las fuentes y determina, en último análisis, el estatuto mismo del sujeto cognoscente.<sup>50</sup>

Na contra-mão do fascínio e do fetiche por um contínuo de novos objetos de captura, desdobra-se a força do arké, expandida na condição de inatual em uma fronteira contra-atualizante (e inatualizável) de uma sombra mais ampla ao presente. Desse ágio ou intervenção na sintonia do tempo, “(...) o desafio reside na inevitável defasagem entre a sensação de pertencimento a um tempo e o momento fugidio em que tal ocorre. (...)”<sup>51</sup>.

Em vez de um sol que responde no aceso e insinua/justifica a materialidade de ausência para a sombra na auto-referência de sua claridade, nesse outro prisma é o brilho mesmo de uma investigação arcana/passada que instrui a paisagem de hipotéticas intensidades em um presente. Numa tradução mais operativa ao cotidiano:

“(...) perceber o que há no ‘escuro’ da comunicação ao neutralizar as luzes excessivas da televisão; entender o silêncio, quando a música está exageradamente alta; as relações sociais, enquanto todos se evitam por pressa; a arte, enfim, quando o que há de produção artística é um sem-fim de lugares comum”<sup>52</sup>; ou “(...) dos grandes eventos inscritos na historiografia oficial para, em sentido inverso, identificar, nessas figurações, ‘as zonas marginais e obscuras do presente’, tal como escreveu Karl Erik Schollhammer a partir da leitura de Agamben (...) ‘se o contemporâneo é o intempestivo, pode-se dizer que ser contemporâneo é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir’ (...)”<sup>53</sup>.

Consequentemente, um tipo de radiação não-luminosa, e nem por isso imperceptível, vislumbrado como penumbra opaca de um poente sombrio que não se deixa apreender, nem como presente ou como passado; território alternativo ao horizonte tido como usufruto ansiado do atual. Deste modo:

“Os historiadores da literatura e da arte sabem que entre o arcaico e o moderno há um compromisso secreto (...) porque a chave do moderno está escondida no imemorial e no pré-histórico. Assim, o mundo antigo no seu fim se **volta, para se reencontrar, aos primórdios**; a vanguarda, que se extraviou no tempo, **segue o primitivo e o arcaico**” (Agamben, 2000, p. 70)

Para além do lugar comum da planície de salvação no presente, Agamben<sup>54</sup> destaca essa qualidade específica de um gesto sombrio que continuamente se refaz em ciclo:

“No Hades, as sombras (...) repetem ao infinito o mesmo gesto: Issião faz sua roda girar, as Danaides procuram inutilmente carregar água em um tonel furado. Não se trata, porém, de uma punição; as sombras pagãs não são dos condenados. A eterna repetição é aqui a chave secreta de uma apokatastasis [retorno, restauração, restituição], da infinita recapitulação de uma existência.” (p. 24)

Ainda nessa proposta de movimento pelas sombras,

“(...) Agamben está apontando para um caminho talvez mais fecundo, em que se pode pensar o contemporâneo enquanto uma experiência temporal diferenciada, que interrompe a cronologia do tempo (...) tornar-se contemporâneo de um texto, de um poema, significaria, a partir do que foi dito no ensaio, alcançar uma tal aproximação em que o tempo do intérprete esteja em estado de ruptura e soldagem, em relação ao tempo do poema. Como seria essa ligação? Como seria essa separação? (...) O tempo do intérprete, então, deve-se

<sup>50</sup> Ver mais em: <http://sem lucr o.blogspot.com.br/2011/04/para-leer-la-historia-del-presente-en.html>

<sup>51</sup> Ver mais em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/90/106>

<sup>52</sup> Ver mais em: <http://acervoemdialogo.wordpress.com/2011/09/29/cartografia-do-contemporaneo-o-intempestivo-em-giorgio-agamben/>

<sup>53</sup> Ver mais em: <http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/?p=1908>

<sup>54</sup> G. Agamben, em PROFANAÇÕES. Disponível: <http://copyright.tk/Acervo/livros/AGAMBEN,Giorgio%20-%20Profanacoes.pdf>

identificar com um tempo primordial, e este só pode ser vivido pelo escuro do tempo, que lança sua luz de sombra sobre o passado. É necessário buscar a arké dos tempos e produzir, assim, uma descontinuidade, desomogeneidade entre os tempos. (...)»<sup>55</sup>

Na esfera vizinha da Arte<sup>56</sup>, a metáfora do escuro pode ser contrastada à paradoxal condição sensível de um interno:

“(…) O pensamento de Agamben que diz dessa capacidade de ver o escuro de seu tempo como inerente àquele que é verdadeiramente contemporâneo, conduz meu olhar uma vez mais à obra de Arthur Bispo do Rosário. (...) O que faz de Bispo contemporâneo por excelência é a habilidade em ver o e no escuro. É o estar fora das luzes de seu tempo, e ainda assim senti-lo, vê-lo, ao modo de um oráculo, ou mesmo do vidente Tirésias. Viveu plenamente a escuridão por estar excluído das luzes da sociedade. Na reclusão aprendeu a ver o escuro do tempo que, apesar dos pesares, também era o seu. Escuro esse que abrigou a criação. Assim, mesmo à margem de categorias eruditas de produção artística, obrou. (...) Arthur Bispo do Rosário é habitante daquela espaço-temporalidade, que aqui também podemos chamar atopia, conhecida por contemporâneo, habitada por todo artista que, ao achar que seu eu não está à altura da vida, percebe imediatamente que sua vida sempre está à altura da vida, e a dedica à obra (...) Segregação e reclusão retiram-no do mundo, do seu tempo, mas concede espaço-temporalidade outra, a da criação. Posto em outra perspectiva, em ponto de vista deslocado do usual, sua linha do horizonte se expande. Pode ver seu tempo. Recluso das fortes luzes, pode finalmente vê-las, e ainda as trevas, e o mundo, e então se faz seu inventariante. O inegável é que Bispo recebe em plena face o feixe de treva que provém de seu tempo, aprende a ver o escuro, e desse escuro sua arte. O escuro habita o artista. Nas obras, acentuado fosso entre imagem e sentido. Plasticidade dotada de sofisticado pensamento conceitual não-intencional, fruto do delírio, constitui escuro inerente, fissura - por ela, nós - espectadores, fruidores, estudiosos da arte. Inúmeras teorias vão por terra, insuficientes, **gota d'água em solo nordestino. O pensar se esvai no árido solo dos conceitos prévios, improficuos, diante daquilo que se fecha à análise em seus contraditos. Descalços, sem sombreiro, sob calor abrasador da obra** cujo autor ao insistir em seu cunho messiânico nos conduz ao “não-saber”, a que Bataille chama angústia. Questões persistem. Bispo retira tudo que temos.”

Seja no lobista, seja no interno, parece que tratamos, em ambos, de abismos ou contrapontos institucionais – uma relação diferenciada com o tempo e o modo de pertencer que, exatamente por isso, não há como ser generalizada entre os grupos originais de negociadores e artistas.

Entendendo essa metáfora do lobista como aquele capaz de influenciar o espaço de dentro estando relativamente fora (sem perder contatos e compromissos), assim como a metáfora de um devir-artista que subverte a internação compulsória ao seu tempo, resistindo, paradoxalmente, isolado-expatriado e capaz de repercutir nos cânones técnicos do seu ofício.

Não se trata, portanto, de um outsider, de uma voz rebelde e refratária; não coincide à figura do alienado ou alheio, descolado à situação presente, menos, ainda, ao papel de um flâneur pouco combativo e implicado nos meios reais. De todo modo, nessa perspectiva de Agamben, também não pode ser considerado (por absurdo) um Pós-Vínculo, Pós-Afeto, Pós-Éros (para os gregos, a força de coesão-interna ao Kósmos), Pós-Contemporâneo.

Agamben, nessa experiência alterada no tempo comum, está propondo uma estratégia para desgovernar a disciplina no tempo inerte e linear; um tipo de micro-revolução nas respostas ofertadas pelo nosso tempo, nosso século e nosso agora às trevas profundas com as quais lidamos.

Por desafio (de um pensamento) contemporâneo, entende-se um voltar continuamente à camada mais fresca, nova e impassível de captura no presente, a exata

<sup>55</sup> Ver mais em: [http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/13\\_-\\_artigo\\_-\\_fabio\\_galera.pdf](http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/13_-_artigo_-_fabio_galera.pdf)

<sup>56</sup> Ver mais em: [http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis15/Poiesis\\_15\\_ClaroEscuro.pdf](http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis15/Poiesis_15_ClaroEscuro.pdf)

porção em que jamais estivemos e sem a qual teríamos apenas um contínuo de passado vivido ou do meramente alheio-desconhecido no pretérito geral.

A tese daquele filósofo italiano, ao contrário das escolhas nas planícies da segurança, propõe que o acesso mais radical ao presente dar-se-ia por meio dessa faceta que não-podemos-em-nenhum-caso-viver-ou-conquistar-ou-assimilar, a condição propriamente inconclusa e paradoxal em definitivo, onde o não-vivido constitui-se a opção e sua massa interpõe o impedimento.

Nessa perspectiva, que inaugura uma relação muito especial com o tempo “cronologicamente indeterminado”, Agamben indica que essa dimensão escura do presente (matéria escura da nossa realidade) é também, numa outra (a sua) perspectiva, uma esfera de numinosidade invisível e necessariamente arké – tempo de base e de vibração em devir, concomitantemente que origina e orienta em processo.

Ou seja, que o escuro do presente, em vez do impronunciável, é uma luz invisível que enseja relação: habitualmente tomado no âmbito do impassível em delimitação de feixe ou efeitos reconhecidos, essa luz invisível que se projeta no presente também produz uma sobra particular, um excedente de sombra igualmente indiscernível acerca de um passado que não está identificado, porquanto a incidência mesma no presente permanece eclipsada ou oculta de possibilidades no desdobrar de um tempo que o antecede.

Em vez de atualizar o presente, posição de vigília e compulsão a partir de novos sentidos para uma história, sociedade, cultura e política engendradas nos atravessamentos de poder e controle, ser contemporâneo ao presente é um exercício de anti-adesão; que se entenda, não se trata de isenção, de negação ou pura contrariedade ao momento particular, mas de uma procura que se desloca do eixo frente-trás para a narração e escava, por exemplo, outra (temp)rofundidade: em vez de retomar o fato construído no instante, pretendendo transforma-lo ou mesmo resisti-lo como referente, *Agamben imagina uma arqueologia que se deixa ressoar na intensidade de presentes invisíveis*, em seu eco de vibração para o arké, arkético – porção residual desse não-vivido que, uma vez acessado no laço tensional entre o remoto e todos os seus desdobramentos, relança o vivente e seu viveiro para outro domínio de presente (que não foi atualizado em sentidos), inaugurado em outra performatividade no gesto vital.

Lembremos, portanto, que a sombra não é a falta, carência, escassez ou avario da luz; que a sombra não é circunstância da penumbra enquanto potencial buscado de luz: sendo queda, decadência, fragilidade e escorregadio abissal para qualquer referência marcada, a sombra é a impossibilidade da luminosidade.

Consequentemente, é dotada com o frescor de indiferença às porções de luz própria e de lucidez, de clareza e de claridade, de clarividência de um presente recortado e manipulado historicamente, que se mergulha (corajosamente) em seu portal mesmo de sombras; uma vez desorganizado por um contato de arké que impõe movimentos abruptos e refratários de qualquer assimilação/apreensão inteligível, emerge outra situação, outra presença, outros sentidos – porquanto se matiza configurações outras de repertórios sensíveis.

Suportar essa transação (não experiencial, não pragmatista) com a sombra, se já não produz diferença e sentido, é capaz de deslocar um psikismo funcional a um anti-psikismo do avesso e não apenas com os seus duplos. Não é kosm´atualização (de afirmação da vida possível na abóboda do kósmos, sob as ligações de éros), embora, talvez, um anti-kosmopolitismo: se o habitual dos corpos entende que a contraposição à “ordem” reside na aceitação da “desordem”, aqui, ordem e desordem figuram em realidades próprias (que não são, ambas, o nosso foco), cujo alcance particular de uma é pouco ilustrado na dimensão da outra.

Assim, ordem e anti-ordem, bem como vírus e anti-vírus, ou corpo e quimera (anti-corpo), quem sabe pornográfico e anti-pornográfico como tensões legítimas da sexualidade e dos gêneros (e não apenas o raso do pudico qualquer versus o pornográfico), quiçá doença e anti-doença (e não a cura, a saúde etc; anti-doença não é buscar o bem, a qualidade, o prazer etc) são expressões que indicam tipos de relações de complementaridade/combinções inventivas que buscamos.

Ainda nesse escuro do presente, com o indiscernível de sua luz que migra incógnita entre os espaços e geografias afetivas, também o tempo passado é tomado limitadamente no enquadre do (pouco) visível entendido e da sombra parca e correspondentemente vislumbrada.

Ao desconsiderar arbitrariamente o invisível de clareza presente, também o parâmetro de sombra, não decifrada e vinculada à composição de um mosaico passado, despota uma capacidade eventual de respostas singulares às trevas do “agora” mais intempestivo – região tenebrosa e silente, por isso mesmo alheia ao obscuro do presente e do seu passado refratário às ressonâncias com outros arkés disponíveis em seu velado presente correlacionado.

Aqui, não se propõe o interesse de sequestro para uma luz frágil e escassa que se empreste como registro fortuito do presente qualquer, nada que trate de uma aplicação (utilitarista) de maximiza-la ou torna-la funcional no seu volume de intensidade de luz – ao contrário, é pela via da sombra que emerge uma leitura nova da história, por uma exigência irrevogável e impessoalizada.

Se concordarmos com a posição de Agamben, poderíamos imaginar que as travessias, passagens e mutações emergentes dessas propriedades obscuras no fluxo do presente guardam alguma semelhança ao relance do psychopompós. Hérmes, portanto, em um território da prática implicada e não da contemplação teórica, de pertencimento no gesto mesmo da travessia, da tempestade nos contatos e contraditórios, de expressão no ato e no corpo que se descola/desloca enquanto manifestação de características alada e encorpada, expressão que aproxima na experiência do movimento os horizontes da errância, do migrante, do entre mundos para dores, sentimentos e distâncias; do que cruza, do antigo ou do perdido, para os lados outros entre vida e morte.

Hérmes, o Deus Mensageiro do Óros Ólimbos, o patrono dedicado a explorar os desafios da psyché, incorpora em seu epíteto os vocábulos psyché (força ou sopro da vida) e pompós (aquele que orienta), designando a função de conduzir ou facilitar a percepção humana entre dois ou mais eventos a princípio não coincidentes - muito embora, eventualmente, significantes entre si.

Para o mundo antigo, psychopompós era um modo de aclamar àquele cujo trânsito alado entre as diferentes polaridades/realidades (luz e sombra, dia e noite, céu e terra, racional e afetivo, sagrado e secular, consciente e inconsciente, mágico e material etc) desvelava o que reside implícito nas experiências iniciáticas ou nos momentos de transição da vida cotidiana.

Estadas, viagens, jornadas... dos recantos que, assim, dizem de um tempo da vida, tempo da invenção de sentidos, da construção, combinação e colisões de si, horizonte de tramas e de resistências, de multiplicidades entre tempos, vidas e modos. Hérmes, novamente, entre origamis, haikais, butôs, entre dobras, bifurcações, curvas, entre repetições do aparentemente mesmo-ofício, entre abismos e insurgências, viveiros e viradas.

Hérmes, que entra e sai dos mundos graças aos seus sortilégios interpretativos (hermenêuticos), com truques e escapatórias tendenciosas, expressa um tipo de conhecimento que enfrenta o desequilíbrio na via da contra-atualização e do contra-veneno. Um Hérmes que tangencia Kronos e Kairos, para recuperar linguagens,

domínios e saberes tradicionais das Humanidades, plasmados (ora) como intensidades e (ora) como actantes, desconfigurados e desterritorializados em seus compromissos epistêmicos originários.

Hérmes foi o mesmo que roubou o gado de Apolo; de maneira que os Filhos de Hermes, herdeiros, sim, da comunicação e da eloquência, carregam a maestria do engano e também da trapaça – Hermes como Regente (Mercúrio) para as constelações de Gêmeos e Virgem. No relato de Apuleio, o jovem éros foi apresentado como filho de Hermes e de Afrodite, o amor que é filho do enganoso, engenhoso.

O pedido de Zeus para que resgatasse sua amada Ió permitiu que Hermes fizesse Argos dormir (com uma flauta) para, logo em seguida, decapitá-lo. Hermes é força desse alvoroço de intensidades, perplexidade e perturbação que retorna a sombra outrora despistada, aquele que novamente possibilita o thauma: o espanto, o choque, o que suscita fascínio embora escape/não é capturado facilmente na tela/rede do logos.

Desonrar o propósito de cura-saúde que envolta a divindade, quem sabe alcance a condição de violação maior – entendida como ferir a própria imagem dos deuses perante os homens (novamente, condição sacer transgredida). Xerxes, o Deus-Rei da Pérsia (no filme de Zack Snyder, no HD de Frank Miller), considerava-se um imortal, até ser ferido no rosto: mais do que o sangue, é o horror, a surpresa e o poder que escorrem.

Na Batalha das Termópilas (480a.C.), trezentos dos mais aguerridos recusaram acordos e por honra foram exterminados – sem exílio, sem rendição. Se os médicos são também responsáveis pelas doenças morais, nada mais estratégico que uma oferta de mãos sujas para ferir Asclépio.

Na condução do galo-carcaça de tróia: há assombro não refutado, resistência ao templo e aos sacerdotes, transgressões para a saúde e o santuário, há promessa última que desvirtua, e segue ecoando virtualidades-virulências póstumas do Sócrates, mais sombras para a obediência ao sacer-sagrado. Em seus braços, Asclépio recebendo um galo cuja textura de sacrifício é apenas nevoeiro para o fogo/fumaça do holocausto/sacer-ofício. Da morte com a carcaça de Sócrates, da morte com a carcaça do galo: mover-se no thauma/assombro, Hermes como essa (agit)ação direta pós-Críton.

Com Hermes, por exemplo, somos bagunceiros, revoltados, vagabundos, marginais, vândalos e baderneiros do Asklepíeion e dos Asklepiadae – interessados em desfragmentar, desorganizar, desconstruir as normas, os costumes, as funções; somos os filhos proscritos de um Sócrates já bastardo pelos deuses e difamador da ordem mítica – an.arké/ia para a hiera+arké/ia. Incandescentes, participamos do Black Block maiuêutico, integramos as falanges do Sócrates-Riot, estamos a frente do Anarco-Humanismo, das brigadas do Narco-Sócrates<sup>57</sup>, ou adeptos do Sócrates-Motolov.

Acusado, julgado, condenado: corromper os jovens, questionar o sagrado que é inviolável; banido da pólis (sacer em oferta para a ira e vingança dos deuses por ele ignorados) e transgressão deofídica: afirmação do veneno no corpo, e do galo maculado nas intenções de um ímpio condenado – transgressão em aberto.

É Hermes quem empresta uma das sandálias a Perseu e Jasão, respectivamente no combate à Górgona e na busca do **velocino de ouro**; é também ele quem desce ao monte Ida, acompanhado por três deusas e portador da dúvida de Zeus, a pedir de Páris, filho do rei e senhor de Troia, Príamo, que arbitre a mais bela a receber o **pomo de ouro**: trata-se, em sua nudez e autenticidades imortais, de Atena, Hera e Afrodite postas a frente de um jovem mortal. Hermes como o guardião,

<sup>57</sup> “Greek word narkē [narco] (meaning "anesthesia" or "torpor") and is used to describe a diagnostic and psychotherapeutic technique that uses psychotropic drugs, particularly barbiturates, to induce a stupor in which mental elements with strong associated affects come to the surface, where they can be exploited by the therapist.” – Disponível em: [http://www.rmlnlu.ac.in/webj/sonakshi\\_verma.pdf](http://www.rmlnlu.ac.in/webj/sonakshi_verma.pdf)

respectivamente, dos êxitos na guerra ou soberania ou felicidade com mulheres (Vernand, 2000, p. 88), na escolha de Páris.

Ainda parte do Cosmo e dos seus mecanismos próprios de regulação-expição, Hérmes é o senso aguçado do esperto, assim como em Ulisses, seu bisneto, que transita nos limites da treva, da morte e da noite: “o herói da mêtis, da astúcia, da capacidade de encontrar saídas para o inextricável, de mentir, tapear os outros, contar-lhes lorotas e se sair melhor que eles (...) Ulisses, filho de Laertes, Ulisses de Ítaca, o saqueador das cidades, o vencedor de Troia, Ulisses dos mil truques” (Vernand, 2000, pp. 104 e 105); “Hermes, esse deus esperto e malandro (...) Hermes, deus mágico e criador de fantasmagorias” (Vernand, 2000, p. 110) é quem adverte, ensina e protege Ulisses na ilha de Eea, durante seu encontro com a feiticeira Circe, que se torna amante do herói.

Agamben, com sua dose ilimitada na rotação experiencial, também entendida como profanação aos signos instituídos, provavelmente não considerou, embora não esteja diretamente inscrito ao terceiro objeto de ouro, que o mesmo Hérmes, originalmente mentiroso na relação com Apolo e continuamente ardiloso em suas interações sucessivas, encontra-se sob o (fascinante!) risco de expulsão para o Kósmos grego.

Se “Imitar o Diabo significava então rebelar-se contra a opressão (...)” (Alberto Cousté<sup>58</sup>, p. 282), também nesse sentido da mítica, conduzir a profanação hermético-hermenêutica/inventivo-interpretativa encontra seus limites de gênio na capacidade de adequação/assimilação por um Éros que agrega, um Zeus que rege e um Cosmo que se equilibra: mentir, bifurcar ou contra-dizer o pacto coletivo dos deuses, ou seja, reivindicar sombra e caos além do possível e sob qualquer hipótese beber da água dos Infernos conduz à expulsão, seja mortal ou imortal.

“(…) Se entre os deuses surge uma disputa que possa degenerar, ei-los logo convidados para um farto festim. Estige também é convocada e chega com **um jarro de ouro**, contendo a água [da eternidade,] do rio [mais sagrado] dos Infernos. As duas potências divinas que entraram em conflito pegam esse jarro, jogam sua água na terra, fazem uma libação, bebem-na também, e fazem o juramento de que não são responsáveis pela disputa, cuja causa, aliás, é justa. Naturalmente, uma das duas está mentindo. A mentirosa, assim que absorve a água divina, cai em coma, numa espécie de letargia total. Fica num estado semelhante ao dos deuses que foram derrotados. Como Tífon ou os Titãs (...) Não está morta, pois os deuses são imortais, mas perdeu tudo o que caracteriza seu lado divino, não pode mais se mexer, não pode mais exercer seu poder (...) está fora do cosmo, presa numa letargia que a afasta da existência divina (...) Quando desperta do coma, continua sem direito de participar do banquete e de beber o néctar e a ambrosia. Essa força divina não é mortal nem francamente imortal. Está numa situação semelhante à dos Titãs, dos Gigantes ou de Tífon. Está excluída (...) a vitória de Zeus não consegue exterminar de vez aquilo que Tífon representa como força caótica no cosmo. Os deuses do Olimpo o apartaram da esfera divina, mas o despacharam entre os homens (...) Se os deuses expulsaram de seu terreno tudo o que pertence ao mundo do primordial e da desordem, nem por isso o aniquilaram: apenas o afastaram de si.” (pp. 53 e 55)

Particularmente, *no projeto político que inspira meu destino/delírio*, mais importante do que um Hermes que resgata Psiqué ao final das jornadas para os braços de Éros, Hermes, pois, que se junta aos festins de néctar e ambrósia, é um Hermes sobretudo parcialmente-deus que decai na exigência da verdade e do equilíbrio (que fracassa, que se ex-põe frágil), em sua experiência admitida para a fragilidade e o fracasso à cobrança imposta de um Absoluto; um Hermes cuja manobra entre ato e

---

<sup>58</sup> “O Diabo como a sombra de Deus na história”, publicado em 1996, no Rio de Janeiro, pela Ed. Record.

juramento à perfeição quebram-se em sono profundo ou expulsão ao Cosmos regulado. Hermes ou também-Homem sem Kósmos. Precarizado nos domínios de Zeus e do Olimpo. Homem sem proteção. Homem sem vínculos e laços no Kósmos, Homem sem Patronado de Éros, ou Intensidade sem o Homem. Intensidade Pós-Afeto. Um Corpo de Butô que fittura Geografia e Geometria do Kósmos.

Temp(l)o nômade de Hérmes, hospedeiro no estranho e no esquisito, mergulho anônimo, irreconhecível e obscuro, tempo das travessuras e condição de uma aionética: tudo é tempo, o tempo como ludicidade e duração. Da intervenção de Kronos, uma faceta do tempo, sobre a obsessão-erótica do pai, Urano, e das gotas de sangue, os tais respingos que semeiam: Éros outrora, Erínias de então – Ódio, Discórdia e Vingança que brotam em freixos, Éros e Éres, Erastés e Erómenos (Amante e Amado); do sêmen já produzido, armazenado no phalo amputado, que fecunda as águas, e faz também nascer Afrodite; Erínias e Afrodite, ambas, sopra e sombra, ainda o sulco de obscura fecundidade.

É Hérmes que também protege o oculto, não para desviar, classificar ou impedir, mas porque aguarda transmissão, desdobramento, implicação, polifonia, deslize e coragem... avessos, retorcer, câimbras, zumbios e gemidos. Tempo-de-Hérmes no escuro, Hérmes na mediação do sombrio, no avançar em território obscuro... Tempo do moço que, ao caminhar nos bosques sagrados, enxerga o dia, o calor e um lago.

Apesar de resguardados por sátiros e fadas, imagina a si banhando nas águas protegidas. Evocando Afrodite, um feitiço de punição foi lançado sobre o Belo-Hérmes para que se submeta às forças mais elevadas: metade Hermes, metade Afrodite, funde-se um HermAfrodita – mutação na relação com o tempo.

No que pese a intervenção de Zeus para que não falseie seus atos e compromissos, Hermes brinca entre circunstâncias e condições onde participa, em função do que dispõe e das conveniências para os contextos específicos – trata-se de um jogo diferente do irmão Dyonísus (no seu cortejo de bacantes e seguidores de Pã, centauros e ninfas, sátiros e silenos com flautas, ditirambos e vinho abundante...) e, certamente, bem distante para o tabuleiro das convicções austeras e graves, em Apolo-Artémis.

A ação de Hermes não se dá por afinidades, sendo talvez vislumbrada como protesto de um semi-deus, quiçá vandalismo inadequado, ou mesmo terrorismo celestial. Ainda assim (por absurdo, quem sabe), Hermes, todavia, não destrói/aniquila a Ordem (dela não se constitui inimigo frontal – “... já o verme (...) [que] à vida em geral declara guerra, anda a espreitar meus olhos para roê-los...”<sup>59</sup>), embora tensione uma qualidade própria de movimento à perspectiva de um cosmos integrado e organizado por leis, abrigado sob as lutas dos deuses.

Considerando que essa vocação hermerocinética não se detém a evidenciar um método universalmente adequado, ou explicitar finalidades últimas que justifiquem uma realidade, ou sustentar verdades incontestes, trata-se, aqui, de um Hermes que se faz em-ato sempre no mais contemporâneo ao instante, uma relação de encanteria/bruxaria/feitiçaria ao mundo com o qual transaciona, um laço particular que o constitui nesse entre profanação combativa e arké sondado-embora-inalcançável, um Hermes, por conseguinte, agenciando novos poderes, trânsitos e possibilidades de movimento com o presente.

Se a concepção de magya não se restringe ao monopólio dos encantos e ritos de um passado instituído ou institucionalizado, nessa proposição corrente de uma arqueologia nas brechas/fendas do presente, conforme também/talvez sugira Agamben, poderíamos reencontrar a força do mistério e do inesperado onde nenhum galo

---

<sup>59</sup> Augusto dos Anjos, PSICOLOGIA DE UM VENCIDO.

prometido ao sacrifício recita a melodia suave da redenção: como também nos lembra a performer cubana (Ana Mendieta), em uma sala inteiramente branca (chão e paredes), nua com uma galinha branca em mãos, ambas com movimentos mínimos (quase paralisados), a propósito de uma intervenção artística compartilhada; de cabeça para baixo, o animal recebe uma incisão no pescoço, debatendo-se na pressão do vermelho que jorra e a morte que se aproxima de um cadáver gradualmente apoderado como seu...

Um espaço, afinal, de evocar/interpretar essa dívida em aberto, uma pergunta que não coube quitar, uma questão não solucionada entre os mundos atravessados, um registro ou uma memória velha-e-viva de seu galo pendente, desde Sócrates até nós mesmos, herdeiros nesse espólio catártico:

“Diante da Esfinge está Édipo, fundamental para a psicanálise freudiana, fundamental para a estruturação das neuroses modernas, e fundamental também no aparato surrealista como figura que aciona o enigma e seus desdobramentos trágicos (...) Édipo, diante da figura monstruosa da Esfinge (leão alado com cabeça e busto humanos), diante do desconforto que oferece esse corpo duplamente incompleto, contrapõe a razão, a solução e a verdade. A violência desse encontro, contudo, deixa marcas. Na interpretação psicanalítica do mito de Édipo’, afirma Giorgio Agamben em seu livro *Estâncias*, ‘o episódio **da Esfinge, que sem dúvida deveria ter importância essencial para os gregos**, fica obstinadamente **obscuro**; mas é precisamente este aspecto da história do herói que deve ser aqui evidenciado’.

Freud elide [obscurece] uma parte do mito para que sua ficção vanguardista possa ter continuidade (...) A proposta de Agamben é, portanto, **devolver o monstruoso aos olhos de Édipo** (...) Pois é na relação com a Esfinge que Édipo se torna quem é (...) Com todos os olhos voltados a Édipo, perdeu-se a lição [obscura] da Esfinge, ‘cuja essência é um cifrar e um esconder’, ao contrário da de Édipo, ‘que é um expressar ou um decifrar’. (...) Segundo Agamben, uma teoria da imagem posta **sob o signo da Esfinge explora a barreira inerente a toda significação, aquilo que resiste e que desvia a certeza**, ‘no coração da fratura da presença’, onde ‘uma cultura que tivesse pago o seu débito com a Esfinge poderia encontrar um novo modelo do significar’. Para um modelo do significar que leve em consideração a Esfinge e a metamorfose do humano é imperativo situar-se no trânsito, escapando, desta forma, das sedimentações que atrasam o pensamento. (...) De tudo isto, é importante reter a ideia de um olhar renovado que se volta para a metamorfose, já que ‘é possível que, no final das contas, a Esfinge tenha algo a ensinar a Édipo’ (...)<sup>60</sup>

Ulisses recebe de Éolo um Odro mágico, onde estão abrigados todos os ventos dos rumos e rotas marítimas – exceto a brisa que o leva para Ítaca, o único sopro em todo o universo que garante conduzi-lo para casa... Vagando no mundo do escuro e do sinistro, Ulisses fecha os olhos, deixando-se levar pelo Sono – a cria da Noite, por sua vez uma filha do Caos. Ventos arcanos desorganizam e confundem o mundo quando o Odro foi aberto por sua tripulação: “(...) as ondas são violentas, o navio emborca e refaz em sentido inverso o caminho (...)” (Vernand, 2000, p. 108).

No espaço do Anti-Kháos, Anti-Éros e Anti-Psiké... Somente então, desce a noite como outra resposta ao presente, atira-se à noite como outra instância do presente, envolta-se pela noite como presente. Mesmo na bíblia, “deep calls unto deep” (Salmos 42, 7), ou “abismo chama outro abismo”; na prática dos Aghoris indianos, o “deeper than deep”, conforme sua espiritualidade segundo o the left-hand path.

Não se trata, pois, de mergulhar para o nada, mas de não imaginar trajetórias no possível. Uma vez no subterrâneo, no encoberto da penumbra, percebe-se tacitamente em lugar nenhum do invisível – e ainda caminhante, aparentemente ileso e indecifrável para si/nova condição, em seu deserto de reações e compreensões tangíveis, aos poucos a textura da sombra percorre um rastro deixado, capturando um fôlego anterior de vida.

---

<sup>60</sup> Ver mais em: <http://www.revistaviso.com.br/visArtigo.asp?sArti=76>

Batismo necromante, de um Cristo que trouxe de volta seu Lázaro, ou de um Asclépio que retomou o destino daquele herói na vida de Artémis, aqui, entretanto, nesse jogo do ser.träum (transe na terra quente e do calcanhar rachado, no resto mínguo de lama outrora rio, sem mar nem água, espinhos que se abrem na escuridão para a Vaca Misteriosa...), com um galo em osso, em sacrifício à fome-e-sede nas secas, escorre de dentro o que de algum modo existia: outro presente, outro filho no obscuro, nas estranhas da Gâia.

“No início de tudo, o que primeiro existiu foi Abismo: os gregos dizem Kháos. O que é o Caos? É um vazio, um vazio escuro onde não se distingue nada. Espaço de queda, vertigem e confusão, sem fim, sem fundo. Somos apanhados por esse Abismo como por uma boca imensa e aberta que tudo tragasse numa mesma noite indistinta (...) abismo cedo, noturno, ilimitado” (Vernand, 2000, p. 17); “Da mesma forma que Terra surgiu de Caos, de Terra vai brotar o que ela contém em suas profundezas. Terra vai parir sem precisar se unir a ninguém. Ela dá à luz o que nela existia de forma obscura (...) Pela força íntima que tem, Terra desenvolve o que já estava dentro de si e que, ao sair dela, torna-se seu duplo e seu contrário.” (Vernand, 2000, p. 19)

Se no presente é onde jorra o poder mais fecundo para a infinda mudança, de aliança com o inesperado e capacidade de interferir no mundo realizado, é também no caldo do presente que se busca a expressão da força para mover o enraizado. Se a profanação do passado era também um meio de acessar o poder do mistério através da perturbação nos mecanismos vigentes (por exemplo, profanar a cruz medieval, ao inverter o objeto de cabeça para baixo no sentido de proteção, seguido da invocação para esconjuros anímicos; mais recentemente, profanar o repouso dos mortos no cemitério, através de cultos e celebrações por grupos góticos etc), hoje, se trata de escavar o espaço invisível atrás dos túmulos aparentemente imóveis: atravessar o véu de assombro no presente de inércia habitual, suportar o frio e o escuro da terra, o medo e a solidão até o limite para confrontar-se com o espanto que salta o reviravolta para outro tempo/momento/instante.

Quando se adentra nas intensidades das sombras do presente é como se imãs de polaridades opostas tracejassem uma rota de aproximação gradualmente mais impossível: quando mais próximo dessa vibração imemorial e desse ruído arcano, nessa inapreensibilidade para o já impossível obscuro (da porção do não-vivido sem o qual tudo seria passado reconhecível e assimilável), quanto maior a força de assimilação em tentativa forçada de captura, maior serão os vetores mútuos que repelem, maior é a tensão conjunta de repulsa e prenúncio de forte instabilidade.

Apesar de inalcançável, tal exercício das entranhas-estranhezas provoca um deslocamento para a situação de ambos, forja uma reconfiguração para o presente vivido, a partir de outras referências e camadas de não-vivido constelados enquanto zonas de obscurecimentos. Esse tipo de busca necessariamente provoca deslocamentos e arranjos diferenciados (embora não retenha um domínio de interesse possível, nas intervenções sucessivas de místicos e magos), e decorrentemente outro lugar a partir de um núcleo residual de apreensão impeditiva ao projetar-se em condição de outro não-vivido e que arrasta/mobiliza outra paisagem em relação. Quando Psiqué, por exemplo, no cair Pós-Éros e seu palácio, força-se uma nova composição espectral, que transforma o espaço de acesso à sombra e recompõe/redimensiona o espaço do presente.

*Agamben pensou como um mecanismo para desorganizar a história e o tempo presente*, essa faceta de uma sombra no cunho político, social e cultural (para desorganizar, por exemplo, o vulto do capitalismo democrático representativo etc). Carl Jung, por sua vez, entenderia a densa (deusa?) sombra como arquétipo intrinsecamente ancestral-e-coletivo, impassível de contenção e apropriação em qualquer psiquismo

individual (irreduzível à consciência de um homem ou de todos os homens, impassível de integração-individualização etc) – sombra, portanto, enquanto possibilidade de avanço inesgotável, que convoca à invenção e abertura.

No Butoh, também a gestualidade da sombra excede as expressões possíveis na identificação da vida e do equilíbrio no corpo. Para os três recortes, a luz na ordem política e coesão social, a luz na consciência e razão humanas, a luz na organicidade e inteireza do funcionamento humano são constituintes muito frágeis nessa mediação com a amplitude das sombras velhas e tão profundas que carregamos, espíritos ancestrais que habitamos o tempo dessa realidade humana.

Escuridão de um trânsito oculto que nos retorna às gyras e orbitais da sombra, ao indiferenciado no profano dos afixados em superfícies para o deslize presente, também os impregnados com a repetição punitiva que já não alcança a disciplina dos corpos, e profano, inclusive, o hábil profanador, com seus domínios epistêmicos e contextos políticos relativos. Perder-se em território desconhecido é um risco.

O caduceu marcado nas sombras peregrinas de Hermes, ainda que visite um mesmo Hádes onde Asclépio (o filho de Apolo, educado pelo seu irmão, Quíron) resgata seus mortos com seu bastão, então, caduceu e bastão realizam um mesmo encantamento sobre o mundo? Ainda nos ecos do ensaio (G. Agamben, *O que é o contemporâneo?*), *como promover novas mutações, bifurcações e profanações a propósito de outro tempo-lugar que nos fecunde?*

1ª. tensão estésico-imagética: contemporâneo é o que gera uma aflição ou um constrangimento no tempo, contemporâneo é o intempestivo (Unzeitgemäß, a extemporaneidade). Aderir e identificar-se por coincidência muito plena à época ou “sincronia” perfeita ao tempo vivido são substituídos por experiências de deslocamento, de um anacronismo ou uma não-coincidência, de uma desconexão ou uma dissociação, enfim, forjar o “inatural”: “porque procura compreender como um mal, um inconveniente e um defeito algo do qual a época justamente se orgulha, isto é, a sua cultura histórica” (p. 58). O contemporâneo, nesse prisma, é um pertencimento irrevogável ao seu tempo, capaz, entretanto, de perceber e apreende-lo em outra relação, de manter o olhar fixo, reter e deter algo sobre o mesmo;

2ª. tensão estésico-imagética: “pagar a sua contemporaneidade com a vida” implica lançar à época-fera (p. 62), ao tempo-fera (!) uma possibilidade de quebra, de fratura, de decomposição: resta apenas um rosto e sorriso dementes para um gesto impossível, uma tarefa inexecutável ou paradoxal, qual seja, a tentativa de sutura-lo vertebralmente (estruturalmente), ser capaz de olhar para trás com o dorso de sustentação outrora fissurado e novamente contemplar suas pegadas, recompor um caminho (seu método) enquanto criatura da palavra (poeta): “o poeta, enquanto [expressão do] contemporâneo, é essa fratura, é aquilo que impede o tempo de compor-se e, (...) [concorrentemente,] o sangue que deve suturar a quebra”;

3ª. tensão estésico-imagética: “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (p. 62), um escuro do seu tempo e de todos os tempos que o antecederam, uma vez que o presente é o lócus mais abundante para o arké. “Todos os tempos são [e serão], para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros” (pp. 62-63). Mergulhar a pena nas trevas do presente significa a escritura ativa desse tempo cujo baixo relevo é incolor no papel, uma mensagem invisível ou uma escrita secreta na pigmentação de matizes em outra escala

de aquarela, uma escrita que forja, por exemplo, a corrosão do extrato ácido no estado alcalino do papel, a pintura de signos a partir do concentrado de limão, translúcido uma vez que seque a condição molhada na interferência sobre o branco no suporte que a recebe, agressão que somente ganha contraste uma vez exposta ao calor, quem sabe de uma vela ou abajour próximos. Bem distante da inércia, essa forma de escrita, embora cifrada sob a condição do que é obscuro, turvo ou impreciso à percepção comum, não anula os demais códigos legíveis ou borrados com as texturas aparentes – caso a primeira fosse reconhecida, estabeleceria a possibilidade de um diálogo com a segunda manifestação sobre a realidade da folha; a premissa, no entanto, é que se trata de uma habilidade particular ou um processo não-passivo, apesar de “impenetrável” para muitos: acessar esse “escuro especial” produzido, que não é ausência ou nulidade, “equivalem a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas (...) que não é, no entanto, separável daquelas luzes. Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade” (pp. 63-64).

4ª. tensão estésico-imagética: “(...) os contemporâneos são raros (...) ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem” (p. 65); “(...) mais do que toda luz (...) o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne (...) e não cessa de interpelá-lo (...) dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho [de um fogo frio, por exemplo, cujo ardor queima sem iluminar] de trevas que provêm do seu tempo” (p. 64). Duas metáforas para ilustrar a sensação que desabilita as percepções hegemônicas, através, respectivamente, dos atos de desinibir e distanciar de funcionamentos regulares: em ambientes com ausência de luz, ou com olhos fechados, células periféricas da retina produzem a visão do que chamamos de escuro – “o escuro não é, portanto, um conceito privativo” (p. 63); na vizinhança de uma densa treva da noite, há um número infinito de corpos luminosos, todavia, “as galáxias mais remotas se distanciam de nós a uma velocidade tão grande que sua luz não consegue nos alcançar (...) essa luz que viaja velocíssima até nós (...) não pode nos alcançar, porque as galáxias das quais provém se distanciam a uma velocidade superior àquela luz” (pp. 64-65). É como se, mesmo buscando o contraste/tradução/mediação pela luz aproximada, a reação entre o pigmento ácido, seu vestígio apostado e a própria condição de suporte na folha de papel não fossem capazes de oferecer respostas satisfatórias à necessidade de quem busca “ler”, “saber” e “conhecer”, a partir da referência específica nos modos à escrita/comunicação de sentidos restrita aos signos em formas de letras: talvez, no papel, hajam desenhos mais amplos que a codificação dos sinais de um alfabeto ou gramática conhecidos, imagens que serão vencidas pelo desaparecimento, pela distância que o tempo infunde; “(...) ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época [e por ele ser atravessado, mobilizado, questionado, afetado], mas também perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar” (p. 65).

5ª. tensão estésico-imagética: “(...) o presente que a contemporaneidade percebe tem as vértebras quebradas (...) não é, de fato, apenas o mais distante [!]: não pode em nenhum caso nos alcançar” (p. 65). O que resta de não-vivido, de sempre fresco, indeterminável e indiferenciado para cada instante ou momento no presente, e sem o qual tudo seria apenas o reconhecido, o discernível e o passado, “(...) não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: (...) essa urgência é a intempestividade” (p. 65), um outro tempo

que, “(...) nas trevas do presente [está] a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós” (p. 66).

6ª. tensão estésico-imagética: “(...) dessa especial experiência do tempo que chamamos a contemporaneidade (...) introduz no tempo uma peculiar descontinuidade (...) aqueles que devem percebê-la a percebem (...) [mas] se procuramos objetivá-la e fixá-la no tempo cronológico, ela se revela inapreensível (...) [uma vez que] está constitutivamente adiantado a si mesmo e, exatamente por isso, também sempre atrasado [no compromisso de sempre mais a frente, o pulo já envelhece na duração do próprio salto], tem sempre a forma de um limiar inapreensível entre um ‘ainda não’ e um ‘não mais’ (...) a contemporaneidade, comporta um certo ‘ágio’, uma certa dissociação, em que a sua atualidade inclui dentro de si uma pequena parte do seu fora, um matiz de *démodé*” (p. 66, 67 e 68).

7ª. tensão estésico-imagética: se o contemporâneo pode “reatualizar qualquer momento do passado (...) pode colocar em relação aquilo que inexoravelmente dividiu, rechamar, re-evocar e revitalizar aquilo que tinha até mesmo declarado morto” (pp. 68-69), essa posição especial com “‘outros tempos’ - certamente com o passado e, talvez, também com o futuro” (p. 68), ilustra que “somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo” (p. 69). É a vibração do arcano, ancestral e arcaico, do imemorial, pré-histórico e do arké que proporciona base e devir para suas reverberações. “(...) a contemporaneidade tem o seu fundamento nessa proximidade com a origem, que em nenhum ponto pulsa com mais força do que no presente” (p. 69). Nessa trilha de investigação, “(...) a via de acesso ao presente tem necessariamente uma forma de uma arqueologia (...) a tudo aquilo que no presente não podemos em nenhum caso viver e, restando não vivido, é incessantemente relançado para a origem, sem jamais poder alcançá-la”. É pois, um resíduo do inaugural que assegura o estatuto de inédito para todo o “agora”, condição que é, por sua vez, ressonância do arké, do não-vivido que ecoa como possibilidade de novo e descoberta para cada vivido, referenciado ao arké por vetor que jamais o alcança exatamente, enquanto o arké mais profundo e denso, contemplado nos vestígios de um presente nele inspirado/abalizado, esvanecesse como distância gradualmente mais e mais remota; nesses intervalos de tempos, indeterminações, desencontros e não-alcances reside a vida do contemporâneo, “já que o presente não é outra coisa senão a parte de não-vivido em todo vivido, e aquilo que impede o acesso ao presente é precisamente a massa daquilo que (...) neste [presente] não conseguimos viver” (p. 70).

8ª. tensão estésico-imagética: é fraturando a vértebra de seu tempo que incide o compromisso “[d]aqueles que procuram pensar a contemporaneidade [e] puderam fazê-lo apenas com a condição de cindi-la em mais tempos, de introduzir no tempo uma essencial desomogeneidade (...) uma descontinuidade; e, no entanto, exatamente através dessa cesura, dessa interpolação do presente na homogeneidade inerte do tempo linear, o contemporâneo coloca em ação uma relação especial entre os tempos”(p. 71). Assim, “(...) o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos [realizar dobras], de nele ler de modo inédito a história (...) segundo uma necessidade (...) à qual ele não pode responder” (p. 72).

9ª. tensão estésico-imagética: “É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, [passado] tocado por esse facho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora” (p. 72). Se é legítimo operar e intensificar a fratura do tempo linear, é também possível imaginar uma fissura na própria condição e atitude do contemporâneo, se quiser, em outras palavras, o avesso na sombra do contemporâneo – um posicionamento anti-pósmoderno, segundo o tempo das anti-partículas, da anti-matéria e da matéria escura. Outrora influenciados por metáforas no espectro clássico da física, hoje, *já entendemos que o contrário do positivo não é o negativo, que o par oposto ao próton não é o elétron: próton e anti-próton, elétron e anti-elétron, nêutron e anti-nêutron*. Do território aberto inventivo das artes, patrocinar a intensidade de uma Anti-Psiké e seu Anti-Psikismo que, entre colisões, fragilidade e decair de orbitais, interfira na temporalidade relacional entre Psikismos, Devir e Potência. Significa interferir no quadro polarizado entre Universais e Singulares como intercessores de legitimidade última: em outras palavras, situar que entre o espectro do controle e do agenciamento há, pelo menos, uma possibilidade estésica (de afeto e de sentir) do Anti-louco e do Anti-nós, formulação de resistência, tanto ao atemporal, ao plano do eterno, do insuportável, inacessível da luminosidade da transcendência, quanto à compulsão de afirmação singularizada da vida e das suas potências, à violência da imanência como autoridade.

10ª. tensão estésico-imagética: Em vez da singularidade no múltiplo, da potência como tónus-tensão de afirmação, ou do devir-artístico (do devenir-qualquer coisa) que tangencia os universais; nem se busca symbolus para um sentido, nem symthoma para uma singularidade; em vez de pura inexistência para ambos, nessa vida às escuras e às avessas, trata-se de um Hermés-em-problema, em pro-bállo (pró-criatório e contiguamente ejaculado para fora, para outro-lugar), que se vale do Anti-brilho nas sombras que jamais nos chegam como luz-e-refração-da-mesma; um Anti-Psikismo é um ethos nesse tempo da invenção e da multiplicidade (aionética), uma expressão da areté no mundo – condição do epycista-performativo e não apenas um desdobramento canônico na tradição do pensamento, um capítulo na formulação sistemática, por exemplo, de ética, estética<sup>61</sup>, metafísica, lógica e epistemologia. Sua proposição lança o nu dos corpos no sujo e desordenado do mundo, e perfura outra relação com o tempo, questionando o Psikismo da Luz – do Muito Escuro/Frio/Falta, onde se quer Luz como vida/proteção da ameaça (do buscar sol nos parques e nos jardins, da sensação de que se morre de frio e de gelo, mas jamais no calor tropical...); e do Psikismo da Sombra – da Muita Luz/Calor/Excesso, onde se quer Sombra como vida/proteção da ameaça (da sombra próxima ao arbusto no Sertão, das casas com pouca luminosidade, de janelas fechadas durante o dia e fumaça à lenha ofuscando o caminhar lento, do esqueleto dos bichos torrados à minguá no barro da frente...).

Se o oposto da Luz não é o espírito da Sombra, o par complementar/de confronto à Sombra também não se encontra na dimensão da Luz – posto que, ambos, em seus domínios, não se justificam somente na especificidade interposta na ausência/presença do outro; a intensidade da sombra, por exemplo, não se apresenta somente como a luz que falta, a luz que tarde, a luz que não se completa – a sombra não é o espaço vazio que aguarda a instrução e fecundidade no lastro alienígena da luz, não é o mal temível que espera a natureza definitiva de um bem, não é a polaridade do erro

---

<sup>61</sup> A grafia, por exemplo, de estésico-imagética sugere uma desfiliação proposital do que seriam os objetos e compromissos da Estética, enquanto braço da Filosofia; o mesmo vale para a aionética, esforço experiencial que dista da Ética como enunciado do Saber particular Filosófico. Não é preciso lembrar que a esfera do ideativo-ideacionário não é monopólio privativo da Filosofia, menos ainda, exercício cativo nos Saberes politicamente legitimados pelo Ocidente (ciência, arte, filosofia e religião).

que busca a afirmação inversa do correto, não é contradição maniqueísta, não é destino de um gênero pelo outro etc.

Quando o oposto das partículas são anti-partículas, com esse raciocínio eventualmente extensível, no exercício imaginal aqui buscado, então, as partículas da luz defrontar-se-iam com as anti-partículas da luz (um tema a ser desdobrado por aqueles interessados no efeito e tutela do luminoso). De forma semelhante, o par correspondente à Sombra é a expressão da sua Anti-Sombra, em outras palavras, da sombra avessada, da sombra vexada.

iv.A) BARRA 001

Pós-Teatro, Pós-Roubo, Pós-Sacana, Pós-Amor

*Ele dorme. Embora a sorte tenha-lhe sido bem estranha,  
Ele vivia. Morreu quando não teve mais seu anjo.  
A coisa simplesmente veio por ela mesma,  
Assim como a noite chega quando o dia se vai.*  
**Vitor Hugo, “Os Miseráveis”**

*(...) o corpo, um tesouro para ser dissipado; ó amor, o perigo  
ou a força de Psique? (...)*

**Rimbaud, “Soneto”**

“Então no princípio era o Caos; depois a Gaia..., e Éros, o mais belo dentre os deuses imortais, aquele que desequilibra os membros e subjuga, no peito de todos os deuses e de todos os homens, o coração e a sábia vontade”. O Amor é mais poderoso (antecede todos que o seguem; Éros o filho do próprio Kháos<sup>62</sup>, segundo a Teogonia de Hesíodo – e também citado no Banquete de Platão), embora, a Morte/Thánatos (uma filha da Noite/Nix, esta também a filha do Kháos – ainda em Hesíodo) não exija ninguém ao seu lado – quando se aproxima, não leva ninguém consigo, não há ninguém consigo, não sobra ninguém: a morte não prende, solta... o amor retém, adormece, fecunda em sua captura! Romeu & Julieta para também lembrar que, dos braços de um irmão para os braços do outro, morre-se facilmente no amor! Todavia, se ama facilmente na morte? Rita Lee, em 1979, com seu “Doce vampiro” ([https://www.youtube.com/watch?v=olBCgrcE\\_bI](https://www.youtube.com/watch?v=olBCgrcE_bI)), talvez acreditaria que sim, algo de “...brindando a morte e fazendo amor... beija a minha boca até me matar”. O vampiro é um pupilo (*um philos, um afeiçoado*, um enamorado) da Noite, ou propriamente ser/não-ser dentro do não-ser<sup>63</sup> da Noite?

Se o Amor busca o seu duplo (amante-amado, -ficante etc), implica, todavia, inferir que o precisar de algo para (o ato de) amar, é próprio do núcleo do ser do Amor/Éros? Precisar de algo para (o ato de) matar, é próprio do ser da Morte/Thánatos?

<sup>62</sup> “Como princípio cosmogônico, Kháos é a potência que instaura a procriação por cissiparidade, é um princípio de cissura e de separação, e como tal opõe-se a Éros, que, como princípio cosmogônico, instaura a procriação por união de dois elementos diversos e separados, masculino e feminino. Ambos, Kháos e Éros, estão lado a lado de Terra de amplo seio, de todos sede inabalável sempre. A rigor, Kháos e Éros, enquanto potências cosmogônicas, são paredros de Terra, que, sim, é o assento sempre firme, - o Fundamento Originário. Kháos e Éros, portanto, ladeiam a Terra - Ser como puros princípios ativos e energéticos, de naturezas opostas e contrapostas, como paredros (par-édroi) deste Assento Primordial (pánton hédos). Éros, princípio da união, é estéril, dele mesmo não surge nenhum rebento, ele de si mesmo nada produz. Kháos, princípio de divisão e separação, é prolífico e tem através de sua filha Noite numerosos descendentes : - todos eles, incorpóreos como ele, são como ele puros princípios ativos e energéticos, sem substância física.” Jaa Torrano, 1995. Disponível em: <http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2012/04/Teogonia-Hes%C3%ADodo.pdf>

<sup>63</sup> “(...) Kháos e seus filhos Éreos e Noite são expressões diversas de diversas situações e modalidades em que manifesta a violência da Negação (do Não-Ser). Tártaro e Éreos, que nos inferos se confinam, exprimem o Não-Ser topograficamente como o ínfimo além da extrema circunscrição aonde se estendem a luz do Céu e a firmeza da Terra. Noite e seus filhos exprimem-no [o Não-Ser] metafisicamente como o princípio de destruição e de perda que sob várias formas atua dramaticamente na vida humana. Kháos, como outra expressão metafísica do Não-Ser, é um princípio cosmogônico e — para dizê-lo com exatidão e integralmente — também ontogenético. (...) Como princípio ontogenético, Kháos é uma imagem mítica que, ao pensar o Não-Ser em termos cosmogônicos, compreende também o Não-Ser na condição gemelar em que Não-Ser e Ser se encontram enquanto Ser e Não-Ser igualmente estão na raiz da constituição de cada ente. A relação entre Kháos e Terra não se dá do mesmo modo que a relação entre Eros e Terra. Neste Quaternário Original a simetria não é estática, mas dinâmica: é a tensa simetria de uma unidade quádrupla e agônica. Dada a diversidade de natureza entre as duas forças de procriação, há uma prioridade de Kháos sobre Eros, e Hesíodo marca-a clara e reiteradamente. (...) exprimem em termos míticos que tanto quanto o Não-Ser se determina e se define a partir da determinação e definição do Ser, o Ser se determina (onticamente) e se define (num discurso) pelo Não-Ser e pelo conceito de Não-Ser. (...) significam que cada ente se determina não tanto pelo que ele é, mas pelo que ele não é e pelo contraste (contigüidade) do que ele é com o que ele não é: tal como uma silhueta, cada ente ou cada coisa se determina e se define contra o pano de fundo 'e de dentro e de frente e de fora, — múltiplo fundo) do que ele ou ela não é.” Jaa Torrano, 1995. Disponível em: <http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/2012/04/Teogonia-Hes%C3%ADodo.pdf>

Assim como também poderíamos questionar, se o retornar ao ato impreciso/circunstancial que Discursa (Lógos) sobre a Morte, também descreve o ser mesmo da Morte? Retornar ao ato impreciso/circunstancial que Discursa sobre o Amor, descreve o ser mesmo do Amor? Um ato de matar é passível de circunscrever o ser? Um ato de amar é passível de definir o ser? Enquanto a Morte não age (mata), deixou de ser-a-morte? Enquanto o Amor não age (ama), deixou de ser-o-amor? Há quem também não seja Morte, mesmo sem matar? Há quem também não seja Amor, mesmo sem amar?

A potência no ser-a-morte justamente não abrigaria uma potência-de-não matar (de não-ser), essa liberdade/poder de querendo, não-saber/fazer? A potência no ser-o-amor justamente não abrigaria uma potência-de-não amar (de não-ser), essa liberdade/poder de querendo não-saber/fazer? Tal escuro (im-potência) da morte não é precisamente o que distingue o ser-a-morte para outro ser (por ex., o ser-o-amor que tomado/invadido/sequestrado pela força da morte, jamais poderia recusar: não-morrer, não fazer-morte, não saber-morrer etc)? Tal escuro (im-potência) do amor não é precisamente o que distingue o ser-o-amor para outro ser (por ex., o ser-a-morte que sendo tomado/invadido pela força do amor, jamais poderia recusar: não-amar, não fazer-amor, não saber-amor etc)?

O tal ser é do “claro” (ato, atual, atualizável etc) ou o ser é do “escuro” (potência, impotência, não-ser e não-saber, não-fazer e não-conhecer)? Em sendo escuro, haveria como distinguir o escuro do matar para o escuro do amar? Em sendo escuro, haveria como distinguir esse verbo-sombra do matar-amar para o ser claro do ato? Sendo escuro, haveria uma moral definida, uma conduta delimitada? Um colaborador hipotético das amizades (afetos) entre essas diferentes matizes-sombras (intensidades-escuras); ou quem nutre a pretensão (como projeto e audácia) de confundir ao misturar coesões e coerências a partir de tais sombras; ou, talvez assim, quem produz sujeiras e impurezas para a vi(d)a pública iluminada, apresente-se nos termos de uma Filosofia Performativa inspirada em Giorgio Agamben, ou de uma BioÉtica-AionÉtica como prática *harsh* de um Filo-Performer – da afeição-performatividade.

De Filo-Sophos para Filo-Performer, esse potencializador das amizades e dos enamoramentos, dos encontros intensificadores das profanações: intensificador, e não um lentificador (esse que desacelera na intuição de homem-como-ser-de-lentidão, desde G. Deleuze). O Filo-Performer que “prefere-não” ao violeta sobre as pétalas que borboletas viram nascem no corredor que as conduziram ao fundo do abismo: cair ao mais longe, ao mais distante do dia... o não-ser para a máquina de existências tragadas, drenadas, exploradas. O Filo-Performer que, ante o penhasco, a cachoeira, a mata, a rua afastada das três feiticeiras, sabe que a morte é uma rainha que apenas governa sozinha; que a morte não precisa de um chamado para vir nos acochos das nossas trevas e medos – de que não adianta morrer antes de morrer, desfalecer na primeira classe enquanto o avião cai... “No edifício do pensamento, eu não encontrei nenhuma categoria em que pudesse pousar a cabeça. Em compensação, que belo travesseiro é o caos.” (Emil Cioran)

Há uma diferença importante, entre a modificação do ato e a profanação do ato. Essa diferença, oportunamente, diz respeito aos afeiçoamentos (enfeitiçamentos) do Filo-Performer. A primeira transcorre-se, habitualmente, em maior ou menor grau, por uma combinação de autoridade, de oportunidade e de individualidade na cena do vivido. A segunda implica, de sobremaneira, um grau de vulnerabilidade sobre a efetivação de permissões e repetições, de sortilégio do abandono.

Atualização, por exemplo, é um efeito na perspectiva de uma condução, direção, orientação; é, pois, um recurso de transformação do ato por acúmulo de

sentido. Se as práticas de atualização, por exemplo, focam o sentido do “beijo” (dimensão da consciência), a profanação, ao contrário enfatiza a “boca” como dimensão do corpo – o beijo que se serve da boca, mas que poderia beijar nos olhos, e não à boca, ou com os olhos, e não os lábios; enquanto a boca, no corpo, jamais foi interpelada por uma fidelidade ao beijo.

A propósito dessa “boca”, ritualizada na experiência apresentada durante a Qualificação (08/02/2014), uma senhora da platéia posteriormente observou: que as palavras não vinham de corpo, como percorrendo um dentro para evadir-se pela boca – as palavras atravessavam a madeira da porta, batiam e rangiam do lado de fora, e, somente assim, de fechaduras arrombadas, receber a inscrição das palavras na pele como a invasão, uma insolação vinda do lado de fora: e naquele instante de confronto de forças, dessa vermelhidão que adentrava o mofo da sala, não havia mais linha e agulha, não existia cola ou remendo para os estilhaços tão pequenos – pedaços fraturados quando as dores foram bordadas sobre a pele, e apenas o sol poderia recobrir seu descamar. A mesma participante também registrou, vindo de origem desconhecida, a música de Bethânia, durante a referida apresentação, entrava pelo cu e não pelo ouvido: reverberava todas as fibras nervosas, absinto de pestilência em tremores imediatos: se a águia de Zeus plaina de um cima, é Pro-meteu quem vê antes (esse que meteu, meteu, meteu... a música). Disse ainda, da sua experiência naquela manhã, que o ritmo descentrado da experiência, de focos múltiplos em paralelo, não consentia algo do seguir, do prever, do responder – que, afinal, não estava “claro” o que deveria ser feito ou vivido, embora sentisse os artistas como ensangüentados, exorcizando sabe-se lá o quê – de coitos endiabrados como quem enfia uma garra no cu da moça e jogava seu corpo amolecido de desejo sobre os próprios ombros; a ponto, também, de comer a terra como quem morde e engole uma cenoura de casca, ou uma tesoura enferrujada – de colocar pás de terra nos alvéolos, ou de ferir de morte como uma tesoura por dentro; ou de enfiar terra pelo cu, e passar do cu (na boca) para o cu (do ânus), nesse circuito intra-esfincters... dessa “boca”, visitada no sentir da jovem mulher, que lambia e chupava, e chorava de gozar, dissolvida na compressão invasora feito uma manga doce – exausta, para então ter o seu caroço mastigado, destruído, várias vezes. “Quando tempo durou”, perguntou-me, antes de sair, levando consigo o seu Nome.

Confundir o Khósmos ao nível do corpo foi também a estratégia do Ulisses que se denominou por “Ninguém” ao Cíclops (Raio/Trovão/Relâmpago) de quem pretendia fugir: com seu único olho ferido, e clamando pela ajuda dos seus irmãos, uma força-Ciclops bradava sem consolo... “Ninguém me feriu”, berrava o Ciclops aos irmãos, “Ninguém me feriu, Ninguém me feriu”, enquanto os irmãos Ciclops partiam. Ajudem, voltem, venham... “Ninguém... me feriu”... Venham, escutem: “Ninguém... me falou”.

Há um chamado de alerta que decorre da regra confundida (e a vingança decorrente de Poseidon; ou os Guardas à postos, zeladores no porvir das portas em Kafka: “... tente entrar apesar da minha proibição. Mas veja bem: eu sou poderoso. E sou apenas o último dos porteiros. De sala para sala porém existem porteiros cada um mais poderoso que o outro. Nem mesmo eu posso suportar a simples visão do terceiro...”), entretanto, os mecanismos de regulação e proteção da Ordem/Khósmos, naquela circunstância de articulação, fracassam em reconhecer a origem (arké) do perigo, fracassam em localizar, identificar e atingir elementos da arké. Reconhecer a arké, por conseguinte, exclusivamente para depurá-la de exatidão: fixar o compromisso de uma “seriedade”, de uma filiação ao passado da língua que ecoa na presença dos homens de respeito, e seguir, no escambo, no engano, na traição-tradução para outra coisa – trapacear, roubar-anti-arvorear, surubar-suruborizar, prometeica-confusão até o

limite da concessão, enlouquecer no uso dos raios de Zeus; esse não é um procedimento arqueológico, certo?!

Um foco (sentido) para a boca é apenas uma restrição da bocas da cena, de todas as bocas, sobretudo, como atores não-humanos em cena. O tal sentido atualizável oscila por mudança na relação de consciência sobre o objeto, na percepção do sentido que se modifica por autoconhecimento, ou por imposição das infinitas variáveis externas. A profanação exige, dentro de outro circuito de operação (e não apenas um deslocamento na posição de fantasia proclamada por “eu”), um tipo de improvisação espontânea (de delírio ou de presença oculta que paira, de phantom – de assombro, de fantasma) sobre o registro/autenticamento disciplinar no uso do corpo, sobre os modos e lugares já classificados/instituídos do corpo. Ainda no exemplo da “boca”, trata-se de sugerir desafios para o automatismo dessa boca-que-fala, dessa boca-que-beija, dessa boca-que-boceja, dessa boca-que-lambe, dessa boca-que-ingere... E se a boca escutasse, e se a boca caminhasse?!

Se a boca experimenta escutar, ou quando se experimenta desarticular a escuta a partir da boca, há um deslocamento/desencontro das funções instituídas – tanto na boca como na escuta, o que implica liberação de outras intensidades, potências e configurações. Esse tipo de deslocamento para a função prévia/antecipada/esperada da “boca” confunde um tipo de Ordem, ao inscrever um tipo de desacordo (quebra de sentido/coesão interna) e de desarticulação (de contra-atualização). Assim, quando a profanação ocorre, sabe-se de uma transgressão que fere os núcleos de captura habituais da Ordem/Ordenação/Organização do mundo enquanto todo-de-Khósmos, enquanto totalidade-idealizada e operativa.

Nesse prisma, a profanação lida com um tipo de manejo específico às relações de poder, ou de ressaca à expectativa da Lei: em vez de abandoná-la, ou destruí-la, trata de sujar, manchar, misturar sua faceta de “sagrado”, ou intocável, ou elevada/superior... restituindo seu núcleo moral às sensações, às sujeiras e desusos do corpo. De colocar em risco (de riscar, de rabiscar) a expectativa de aprovação, de reconhecimento, de finalidade-desempenho; permanecer do lado-de-dentro do evento social-cultural, e explodir sua recatada elasticidade com o abominável das suas próprias regras. Embora explícito, convém ressaltar que não diz respeito à mudança de uma consciência que altera o conjunto dos sentidos envolvidos (do beijar o sexo oposto para um beijar ao mesmo sexo, de ampliar repertórios até beijar outros animais, atualizar de modo não-antecipado até beijar um papel de chocolate deixado pelo namorado etc). O Atual, registro do Possível, é sinônimo do Deserto, do muito-pouco humano: esse foi o crime dos “humanistas”.

Não se trata, portanto, do Kháos, da não-Ordem, da não-Lei, da destruição, da violência: transgredir não é um sistema totalizante (Khósmos x Kháos), não é um sistema de revoluções em uma malha de atos. Operar na via capturada dos Olímpianos e dos seus “inimigos” já caracterizados/classificados, assimilar uma interpretação hegemônica de que o Kháos e os Titãs no Tártaro são os oponentes “naturalizados”, impede que vias incomuns de pensamento-começo-resistência sejam consideradas (vias para além do mero sensível-poético-fantástico).

Em outras palavras, a “destruição” para a ordenação é apenas uma resposta interdita, cujo exercício, uma vez liberado ou escapado, não constitui resistência inventiva (inesperada, de alcances não planejados) – se não, apenas, um tipo de resposta com o menor impacto. Para o Kháos, o Khósmo sabe como proceder historicamente: já criou ferramentas seculares e pode reergue-las, recriá-las, em um mesmo tabuleiro de oponentes. Entretanto, o Kháos é apenas um modo, um dos tipos de interpretação

(prevaricações – retardar, omitir-se, realizar equivocadamente) cabíveis a tudo que se sucede fora do Khósmos.

A ênfase da profanação está numa articulação sobre os usos de poder, com a finalidade de interferir na potência e não sobre o ato imediato. Outras interpretações forjariam, talvez, outras tentativas de regra e condutas, com maior dificuldade para captura, maior resistência. Por conseguinte, a coragem do Não-Saber instaura novas fronteiras e zonas de limites; de usos da boca além dos seus alcances instituídos/legitimados de poder: boca que não come terra, boca que não é costurada, boca que não engole sapo... inclusive, fora dos alcances da arte, da poesia e do teatro: se o anfi-teatro da pólis captura uma interpretação da vida como cidade, a medida que seu procedimento polis-niza (instila) uma condução específica para o medo arcano e agrega no apelo de um não estar-só perante a ameaça (incutida) de um khósmos iminente que se desfaz, assim o discurso alça o plano da urbe, amplificando-se aos milhares dos corpos e dos tempos, dos ecos através dos textos e das encenações que caminham “sagradas”; torna-se um encantamento coletivo, de outro modo na operação embora não diferente na vibração política, como os teatros da Modernidade (em Londres, em Paris, em Roma, em Viena) na pigmentação da individualidade; e, finalmente, com a difusão catártica do discurso, já não cabe a voz que não é palavra, a voz que apenas ecoa o fragmento do Fora, a voz que o espectro sussurra, som que não é dito mas que se diz a si mesmo.

CANSADA DESSAS QUESTÕES PARA DESCOBRIR QUANTO EU SEI (PONTOFINAL), é o que leio dos protestos que insurgem do Facebook – e continua, essa anônima-anômala, apenas vândala para sua instituição: QUERO QUESTÕES PARA MOSTRAR O QUE EU SINTO (e não o que se “conhece” abstratamente). Intervenções de profanação são desse tipo “móial”, de quem mói-a-moral (e não imoral...), e também derivadas do “mó-paia”, essa honrosa singularidade-adverbial de intensidade que se distingue do “muito”: intensidade-moídica, em móial, do que mói e moifica, que se empresta como um “mó”

Para quem acredita, por exemplo, que “liberdade” é conseguir dançar forró na cultura do forró, ou conseguir dançar flamenco na cultura do tango, ou dançar forró no mundo do tango, ou trazer o tango ao mundo do forró, ambas as expressões estão incluídas no possível e no atual, subordinadas à Atualização.

“Liberdade”, para G. Agamben, é feição da potência-do-não: não é mudança (aprimoramento) de ato ou de gesto, é giro de profanação no acordo de poder legitimado; é recusar um ponto fixado como “sagrado” (ou de translação do “sagrado” para outra geografia, de reconstrução ou recondução ou resgate para um nódulo fixado) e fora do contato/atritos/conspurações (entendidos como manchas/perdas/poluções); é oferecer “não” para o ser e o repertório já previsto no ser, no saber e no fazer instuídos, de modo a sujar o consagrado na mistura disforme/distópica das sensações, dos contatos, das fricções.

Liberdade é um gemido ou um grunhido de impotência, é experiência incerta para as seguranças e ampliações atualizantes do já-antecipado como um destino possível, ou destino cabível, ou destino provável, ou destino adequado, sobretudo o tal destino desejado, afinal, um-destino em vez de destino-qualquer. Se liberdade é comer, e não beijar: comer o quê ou quem ou como?! Mundo não-livre é uma afirmação paradoxal ao fetiche ingênuo, ou quem sabe, tão óbvia e redundante, quanto sugerir a vida como improvisação espontânea?!

“Não vamos gastar o nosso tempo com o que não pode ser feito” – diriam, com segurança no argumento, que essa atitude é um “erro”. E acrescentariam, que o efeito jamais será a “verdade”, apenas um passa-tempo, ou contra-tempo. Qual a

relevância, afinal?! Enquanto aguardo na fila do almoço, o espírito dessa afirmação propõe que ao “não caber no ato”, se não pode ser realizado, não adiante em termos de não colocar nossa energia. Ao contrário do que o velho assevera para o jovem subordinado (amorosamente capturado, as tais condições de valia/apreço e seu mecanismo de permuta no afeto e bem-querer/proteção emocional), exatamente porque não se comporta/submete ao ato (energeia) é que a centralidade ideológica no possível arrefece, rarefece: um pouco menos, de não-possível e, talvez, aqui, com menos, sejamos mais, movimento e velocidade, deslocando da energia (ato) à potência (dynamis).

Não é conveniente, ou não interessa aos muitos, o salto da energeia para a dynamis, na medida em a fixação de governabilidade (de previsibilidade e de segurança) incide sobre o ato – afinal, apenas sobre o atual, o atuável, o atuado, o atualizável é que há “gerenciamento” (cuidado, educação, avaliação, formação continuada, diálogo, alinhamento de objetivos e de interesses etc), é que há controle possível, é que há a paisagem do possível, é que há desenvolvimento possível, é que há possível.

Com essa potência, que nunca foi o tablado do ato ou do possível, a vida replica-se, multiplica-se, diferencia-se: torna-se indefinida, uma vida bem-imoral, bem-vinda vida. Para enfrentar essa clausura sofisticada do ato, disseram, alhures, que subsiste o momento “espetacular” (numinoso) da invenção como poética – o transpor da insurreição, de dispor a ponto de locomover o inalcançável; o transpor, de superar, de cruzar como nomadismo; exatamente, esse modo de deter, reter e lançar: “Sabíamos transpor o mistério e a morte com o auxílio de algumas formas gramaticais” (Oswald de Andrade).

E com ela, a poesia, e sua inauguração fulgurante do ser que retém e que enuncia, do ser mesmo que antecede o lógos dos filósofos. “A fascinação é uma ligação ou um charme que, do espírito daquele que enfeitiça (ou seduz), passa pelos olhos daquele que é enfeitizado e daí para o coração. O sortilégio é o instrumento do espírito, isto é, um vapor puro, luzidio, sutil, que provém do mais puro sangue engendrado pelo calor do coração, que reenvia continuamente, através dos olhos, raios que trazem com eles um vapor espiritual.” (C. Agrippa, *La philosophie occulte ou la magie*).

Nessa dita “plenitude” (fascinação) poética, ela mesma, a plenitude (feitiço, encantamento) do ser (na literatura, na música, no teatro etc); com o ser posterior absorvido da metafísica, ou com o ser da imanência, o ser desencantado de uma gramática que abstraiu o mundo dos cipós, dos enlaces e deslocamentos primitivo-arcanos-ancestros dos muthos – arrancou do silêncio dos ruídos para um clarão da palavra, do chão como salto.

A poética criou, sim, o seu domicílio e textura de mundo, o mundo-inventivo onde quisera habitar – e, desde então, retirante do muthos, à revelia das pedras, das raízes, das ervas, das plantas, dos chás, dos espíritos etc, buscou sincronizar o respectivo ser da poesia no ser política; sim, a poética inaugurou o ser para os gregos, uma máquina discursiva sobre a plasticidade das formas de mundos: “Os poemas de Whitman são uma tecnologia psíquica para encantar o leitor e levá-lo a um novo modo de ser” (Susan Sontag, *Sobre a fotografia*).

A propósito do outro-mundo que os poetas enxergam nesse mundo-abismo, onde galhas-cipós quebram para fraturar o corpo-destino do bicho-da-estrela; desse outro-mundo que sorvem das interpretações que efetivam para esse mundo-abismo, saqueando e saltando o assombro com a fúria melódica da palavra-gramátika, assinalou um teólogo-cristão e teólogo da poesia, ilustre senhor Rubem Alves:

“Pois eu lhe garanto que não existe visão de outro mundo que se compare, em beleza, à asa de uma borboleta. Quem o disse foi Cecília Meireles, poetisa. Os poetas são religiosos que não necessitam de religião porque os assombros deste mundo maravilhoso [da sua religião-mundo] lhes são suficientes. Foi assim que ela pintou a cosmologia [religiosa] poética que seus olhos viam: No mistério do Sem-Fim,/ equilibra-se um planeta./ E, no planeta, um jardim, e, no jardim, um canteiro, e no canteiro, uma violeta,/ e sobre ela, o dia inteiro,/ entre o planeta e o Sem-Fim,/ a asa de uma borboleta.”

De toda forma, antes da palavra como discurso do sujeito, Éros não precisa de um ser – Eros circulava nos corpos antes do ser da poesia-gramatical emergir e seu desvio do curso magyar (dis-curso) dos cipós-muthos; Éros também não exige o descolamento realizado no sensível-poético (uma superfície de imanência, uma ontologia, uma estrutura de linguagem) para o abismo: em outras palavras, Éros declina/refuta/recusa o “monopólio” do magífico na superfície da poética-abstrata-gramatical; Éros não precisa daqueles gregos que se tornam Pólis, gregos que se organizam em Khósmos da Ilíada, e Khósmos do Lógos.

Há quem já não postule “ser” algum/nenhum, e há, inclusive, as criaturas neomúthikas (de mito-muthos) que entendem Éros, à la arcaica-grega, como uma personificação pura (Ciclops não como a arma feita do relâmpago ou os artífices da arma do relâmpago, mas o próprio-relâmpago imanado como arma de Zeus embora não reduzido a Zeus), anterior a qualquer interpretação ao eu-moderno e suas atualidades, anterior a qualquer sujeito do lógos (“Éros” que já plainava errante, antes dos filósofos, e, afortunadamente, antes dos soberanos poetas da gramátika grega); Eros da possessão (onde apenas Éros conhecia o infinito e a eternidade, e na ligação do ritus, a divindade cede algo de um saber-infinito-eterno ao usuário finito-mortal), e não conhecimento/discurso a respeito do que será impossível conhecer nos mesmos termos de uma divindade... não apenas o discurso do filósofo, insisto, mas, sobretudo, o discurso-gramátiko do poeta, suficientemente abrangente (nos termos de uma abstração-intuitiva) e que forja a coerência de um novo mundo sensível-e-dos-sentidos – é a gramátika, antes do lógos do filósofo, que suspende a conexão com a divindade (ritus) para uma paisagem abstrata do discurso (por meio das ferramentas da fruição, da intuição, da imaginação etc), o comércio, a gramática e a polis/política para sistematizar outro mundo de possível; e gradualmente, mais e mais abstrata, mais e mais simbólica, menos e menos mágica, menos e menos ritualizada, para tornar-se apenas discursivamente burocrática e administrativa.

O problema que surge para um corpo-tomado por Eros (vide seqüestro da Psykhés nos braços de Éros), não é a postulação da filosofia, não é a postulação da ciência, não é a postulação arcana das espiritualidades difusas: é o autoritarismo da poesia (e, também, do teatro) ao pretender “dizer” (capturar algo do Kháos na fala, retardar a velocidade esmagadora em uma fala que pretende fazer-durar não apenas o imaterial ou intangível, mas o inexistente caso o discurso pudesse tocar, e não apenas inventar, o sucedido enquanto esfacelamento-Kháos); pretender dizer Éros com as sensações mortais humanas etc, para produzir um Discurso que se transmite nos termos apreensível dos mortais (não mais dos que buscam às estrelas).

Meu interesse está na possessão antes desse Khósmos da Ilíada e do Lógos, e não exatamente na tentativa que os homens querem/pretendem fazer por si e para si (amores entre sujeitos, amores entre singularidades etc no repertório). E se o ânus fosse uma axila? (essa questão emprestada do filme “Her”, direção de Spike Jonze, em 2013), e quem é o amor nessa tabela de denominação? Era uma vez o mundo primal, gutural, antes de toda poesia, de todos os poetas, de toda (gramátika-makínica-)klínica com suas

operações intuitivo-abstratas dos patriarcas gregos. Era uma vez o mundo arcano, o mundo dos agonistarkas: dessa arké que flutua sobre sem-angulação (agôniko), dessa tendência ao século XXIII dos Contra-Tempos, dos Contra-Temp(orâne)os, do Áion-gôniko.

Como te “chamam”, como te referem/referenciam, como te localizam e ensaiam as origens... com quais palavras seu corpo é capturado em um repertório de comportamentos?! Eu procurava Éros, e quando os ventos de Éros passaram, quis investigar os modos de sacrifício nessa tintura cintilante-fluorescente mim: o quanto de mim irá corroer, no presente insuportável? Quando tempo eu suporte desse viscor desse deus ordenador, divindade primordial?

Heiner Müller asseverou por volta de 3500 anos de aprisionamento, onde Pro-meteu fundiu sua carne às crostas da rocha e dos grilhões... Se a contagem seguir a mensuração dos deuses, onde cada cem anos de um mortal equivale a um dia na passagem do calendário dividido – logo, os tais 3500 anos, se permitirem uma aproximação de cada ano-divinal corresponder a um período suposto de 360 dias régios (magníficos-imortais), teríamos algo próximo de 1.260.000 dias mágicos, embora aprisionados no tempo de um deus; ou, ainda mais interessante na medida, 126.000.000 de anos de um homem (ou 4.536.000.000 de dias acumulados para um hipotético mesmo mortal). Enquanto Pro-meteu estava vigiado por uma águia, em algum lugar montanhoso, segundo o registro paleontológico de H. Müller, aqui no “Ceará” dessa mesma época, na bacia do Araripe (Região do Cariri), no município de Pedra Branca, depositava-se a carcaça de uma tartaruga marinha do mesmo período – fossilizada<sup>64</sup> em uma pedra de 40 kg. Quando olho para essa tartaruga que me liga ao tempo dos deuses, sempre pergunto notícias de Pro-meteu.....e da sua águia.

Esse é o mundo dos ritus arcanos, do oculto, mas, sobretudo, do obscuro: é um mundo em aberto, jamais concluído; não é o passado, é o mundo que confronta a dominação (poder) dos primeiros-sábios que legislaram das montanhas, do alto, do sagrado, das palavras... e que apregoavam: “é preciso poesia para viver... somente a poesia é capaz de fixar o encantamento, a magia do mundo... somente a poesia dos gregos é capaz de enfrentar o abismo do Kháos”. Escravos da poesia, saibam: há vida, porque há Fora. Vamos dá-o-Fora, como quem dá-o-cu?!

Essa posição agônica é uma relação destotalizante com um parâmetro naturalizado de inclusão/pertencimento, nos termos no “cuidado de si” ou “invenção de si” dentro da tal Polis mítico-política. Como se as dimensões do poder-ainda-não-fazer e do efetivamente poder-não-fazer já estivessem desprovidas de reverberação ou capacidades de implicação. A pretexto de uma orientação particular do presente às vistas de uma “ilusão” de futuro (como se ato e pertencimento representassem fatos sociais irrelutáveis, como se a Pólis fosse um futuro inaugural e soberano), sufoca-se apressadamente o “não” a favor de um presente que se firma na capacidade de enlace – capacidade sufocante, qual seja, de um envolvimento erótico (reinterpretado) com a finalidade de legitimar esse exercício de poder (de polítika) no qual se institui a necessidade, o critério e os modos de admissão compulsória do elemento forasteiro inclusível. Além de o quê e de onde será agregado (dos conteúdos na coação na Pólis), há também os dispositivos que efetivam esse mover para as fronteiras da Pólis, há, de sobremaneira, “quem” detenha autoridade na condução do mesmo – a tal figura da Cidade-Estado.

Por conseguinte, uma duração crítica na sensação do Fora (o avesso da escada-rolante em sentido demarcado), mais do que uma suposta invasão pelo Kháos

<sup>64</sup> <http://www.douradosnews.com.br/arquivo/fossil-de-120-milhoes-de-anos-e-encontrado-no-ceara-d50d95e433794b7e47a5ee4cdd8eee48>

(ex., Velocidades Infinitas que desmancham os Seres-Lentos), ou pela Profundidade (ex., de Artaud e sua Arte da Crueldade), ou pela Transcendência (ex., Metafísica) – esses três operadores gerais que confrontam os tablados imanentes da Superfície -, permite que experiências obscuras infiltrem-se nas capturas do tempo-presente (“deixar-se-capturar”) ou do tempo-futuro (“fazer-se-capturar”), em vez de “poder-ainda-não-fazer”.

Entre o homem arruinado (identitário) no “cuidado” de si-para-uma-Pólis e o dito homem potente na invenção de si (poético-superespacial/superfictício), um pensamento Contra-Temporâneo ou Áion-gônico (em que pese a discussão no “alcance” da palavra-gramátika da literatura para o campo das artes plásticas, das artes visuais, das artes do audiovisual, das artes da cena - do tipo dança, performance etc) não tematiza nem o si mesmo ou nem o desapego de si, não trata do “cair em si”, tal como o próprio tema do sujeito e da subjetividade foi abandonado no palco anterior do acontecimento.

Se o mito jorra uma “pretensão” metahistórica, assim referida por demandas ontológicas alheias à produção do seu espaço e tempo mágicos, as dificuldades no manejo das perguntas-palavras-gramátika insinuam uma formulação precária, uma vez que tanto o-perguntar (conteúdo), como a dimensão mesma d’o-ato (de enlaçar), quando exemplificados nas “questões” dirigidas (suscitadas pelo) ao Kháos, a Éros ou à Thanatos etc, não desencadearem o efeito de verdade pretendida nos discursos. O muthos escorre, ou sobra, ou veda-se.

Não se trata de um equívoco na “pergunta”: é a falha (supressão) mesma de uma verdade – o não-ser é logospenia, o não-ser é artemenia. A rejeição institucional/habitual ao mito diz respeito, portanto, à sua recusa obstinada de qualquer projeto de verdade e de subjetividade (nem tanto “inquestionáveis”, embora vazios de verdades; e espelho de vazios para quaisquer discursos, inclusive suas atribuições de “conteúdos” ideológicos arbitrários), dissolução em uma nuvem de sombra, quebra na cadeia das narrativas e dos conhecimentos.

Assim, as Máquinas Mitológicas são retomadas como dispositivos de resistência (de contra-poder), em dois breves e oportunos comentários/citações, especialmente no que importa distinguir a dimensão do “mito – preexiste – outro mundo” da dimensão da “mitologia – existente – este mundo”; o caráter de imperscrutável, de insuperável, de auto-fundação, de inevitabilidade que dilui no remoto (no distar, na estrela, no rastro, na sombra), tanto o “ato” (a atualidade) da suspensão do tempo (revolta) como o “ato” da mudança do tempo (revolução)... ambos, na revolta e na revolução, apenas como articulações (gestualidades) absorvidas no “tempo” da máquina mitológica.

Se o “mundo” é apenas uma prerrogativa da linguagem (na convicção da impossibilidade para outro termo), nenhum apelo mais *estético* do que fissurar, por dentro do universo (khósmos) da estrutura da linguagem, operado por meio daquilo que, apesar de dito como fractal, não precisa do ser ou do haver como dito para desencadear efeitos; longe de experimentar um abandono da obra (do lugar comum) somente para confirmar a intransponibilidade da linguagem e do ser, trata-se de gestualizar (ritualizar) que o não-ser (espectro), no que se proponha enquanto vazio da linguagem, não representa a nulidade – aqui é o ponto mesmo de uma mística arcana.

Se o círculo-mágico das feiticeiras e dos terreiros (por ex., se as palhas de Omulu, depois de dez horas de invocações, levantam-se sem o corpo de um homem) for apenas um procedimento da linguagem (para o qual se presume inexistir um apátrida); se o “aqui não-é” (ci non-è) oferece aos lugares comuns um *descolamento* a favor das multiplicidades (em vez de meros binômios identitários, de coincidência igualitária nos

termos do “é” ou “não-é”), embora ainda situado como raiz-mitológica da profecia/promessa como irrevogabilidade da ação (do ato), “furar” o tal círculo da linguagem é fissurar o seu ‘tempo’ por meio de um complexo de gestos da morte, um complexo de Butô..... como ritus para quebrar a máquina mítica por adesão de Thánatos, de Nix, do Kháos como forças mesmas: não é narrar ou discursar um mito da morte, mas colocar a morte em velocidade do mundo, na brevíssima queda ao abismo onde nos encontramos.

Setembro de 2011, localizado embora não assinado (sob o pseudônimo de “Khôra”<sup>65</sup>):

(...) o texto corre sobre a oposição irresoluta entre a revolta, que é sempre experiência de uma suspensão do tempo histórico, e a revolução, definida, ao contrário, como o complexo das ações destinadas a mudar no tempo histórico uma determinada situação. À oposição revolta/revolução corresponde aquela entre ‘este mundo’ e ‘outro mundo’, produzida pela ‘máquina mitológica’ que [Furio] Jesi vê (...) Leitura é um dos primeiros textos nos quais Jesi apresenta esse conceito, que nomeia a prestação mais própria do seu trabalho de mitólogo e que será de todo articulado no ensaio de 1973, A Festa e a máquina mitológica. Segundo Jesi, não há uma substância do mito, mas apenas uma máquina que produz mitologias e que gera a tenaz ilusão de selar o mito dentro das suas próprias e imperscrutáveis paredes. Entretanto, seria inútil opor à máquina a inexistência do mito: a antítese é/não é é impotente tanto para atingir quanto para apenas criticar eventos que se colocam por definição em um outro mundo (e dos quais, portanto, só se pode dizer, nos termos de Jesi, que aqui não-são [ci non-sono]: ‘não há fé mais exata em relação a um ‘outro mundo’ que aqui não-é [ci non-è] do que a declaração que tal ‘outro mundo’ não é’). A potência insuperável da máquina está, com efeito, na tensão que ela produz entre mito e mitologia, entre o preexistente e o existente: ‘a máquina mitológica é autofundante: coloca sua origem no fora de si que é o seu interior mais remoto, o seu coração de pré-ser, no instante em que se põe em ato’.

A inevitabilidade da máquina, que condena ao navrágio tanto a revolta quanto a revolução (ambas exemplificadas em Rimbaud), é confirmada com força por Jesi em um ponto crucial da sua leitura: ‘De resto, uma e outra, a revolta e a revolução, não contradizem em nível conceitual o modelo proposto pela máquina mitológica. Ao contrário: na perspectiva aberta seja por uma quanto por outra, esse modelo acaba por identificar-se com o a priori que permanece o fundamento sólido e obscuro do processo gnosiológico. Diante da existência do lugar comum - ou da essência do mito - não há autêntica alternativa conceitual, mas apenas alternativa gestual, de comportamento, mas de comportamento que permanece, entretanto, circunscrito dentro da caixa delimitada pelas paredes da máquina mitológica. Revolta e revolução, em nível conceitual, continuam a ser nada além do que diversas articulações (suspensões do tempo; tempo ‘justo’) do tempo que vive no interior daquela caixa.”

Ainda que Jesi nunca o diga explicitamente, é lícito supor que esse ‘fundamento sólido e obscuro’ do processo gnosiológico não seja, em última análise, nada mais que a linguagem. Toda língua (poder-se-ia dizer parafraseando uma tese de Humboldt que Jesi amava citar) lança ao redor do povo que a fala uma espécie de círculo mágico, do qual não é possível sair a não ser com a condição de entrar no círculo de uma outra língua e de um outro povo. O mito é esse círculo mágico, e a esfera das coisas que aqui não-são [ci non-sono] com a qual ele se identifica é aquela que a linguagem humana incessantemente produz e pressupõe no seu coração de não-ser.

É possível sair do círculo, ‘quebrar a raiz do tempo’ que se esconde entre as paredes impenetráveis da máquina (que, segundo Jesi, assinalam, como aquelas da linguagem, ‘a marca de confim do ser’)? É no fim da Leitura que Jesi parece acenar para uma possibilidade desse gênero escrevendo: ‘Quebrar essa raiz significaria dispor de uma linguagem ou de um complexo de gestos tais ao ponto de afrontar a máquina mitológica em um plano que consentisse declarar ao mesmo tempo a existência e a não-existência daquilo que a máquina diz conter...’. Dois anos depois, no ensaio sobre Kerényi, ele cita a frase com a qual o grande mitólogo compendia o justo comportamento em relação ao ‘mito da morte’ na consciência de que ‘a morte é algo e ao mesmo tempo nada’. (...)

<sup>65</sup> <http://flanagens.blogspot.com.br/2011/09/o-talisma-de-furio-jesi.html>

Outubro de 2011, sob o pseudônimo de “Khôra”<sup>66</sup>, outro generoso fragmento das sombras:

(...) A máquina mitológica, de fato, índuz a crer que ela mesma sela o mito dentro das próprias paredes impenetráveis e remete, em última instância, a um vazio de ser. Exatamente deste último obtém a sua existência particular. Há, portanto, uma falsa alternativa, ou melhor, uma não alternativa da linguagem em relação ao outro mundo que não há. Deste [outro mundo] í pode-se declarar um 'não é' perfeitamente coincidente com o argumento ontológico, e aqui [este mundo], atingindo aquele grau de verdade no qual Kafka tinha reconhecido na pura alegoria a realidade enquanto tal, [Furio] Jesi introduz a segunda modalidade desse não há: ao lado do simples não é, o aqui não é (ci non-è). Se o estatuto ontológico do primeiro é a mera igualdade (entre é e não é) que é chamada adesão involuntária, o aqui confere ao não é a consciência e a voluntariedade e o seu estatuto é o da pura suspensão. O 'j'aimais' de Rimbaud para os lugares comuns é o seu modo de exibí-lhes a existência, de pronunciar o aqui não é e de fundar a objetiva afinidade que suspende o vínculo entre novíssima e novíssimos (novidade absoluta, profecia e monumento, novíssimos na acepção de retaguarda); suspensão, entretanto, que é e permanece tal, que não quebra a raiz mitológica do tempo situando-se ainda no interior da máquina; suspensão na qual vige a afinidade do produtor com a irresponsabilidade infantil e graças à qual o poeta não renuncia a si mesmo, mas única e exclusivamente durante o tempo justo da obra, repetível e não irrevogável. A profecia da revolta, o seu pronunciamento, o 'aquilo que foi prometido realizar-se-á', a ação cujo fruto é a ação mesma, a suspensão em todas as fórmulas extraordinárias com as quais Jesi soube nos mostrar, tem, portanto, como caráter peculiar não ser irrevogável. Mas isso significa que a mesma interrupção do vínculo permanece relegada na experiência poética. Daqui a sua falência, a escolha de renunciar à poesia que abre a segunda parte da vida de Rimbaud, êxito puramente gestual que confirma o revés no plano linguístico.

Num sentido, entretanto, a falência é aqui somente aparente. Diante da passagem 'do lugar comum em sede de poesia ao lugar comum em sede gestual', do momento de revolta ao momento de revolução, não nos encontramos mais diante da escolha entre não é e aqui não é, convergente no remetimento ao vazio de ser, mas diante do aqui não é e o não é enquanto tais. Se a condição imprescindível da falsa alternativa é, de fato, a total adesão a uma das suas opções, a posição de Jesi difere por definição seja daquela do revolucionário (não é) quanto da do revoltoso (aqui não é). Assim, a revolução solitária e pessimista que procede da convicção da impossibilidade de quebrar a raiz do tempo não é o êxito, por sua vez pessimista, da Leitura, mas o modo mais coerente de levar ao nível extremo de exposição a máquina mitológica (e não apenas o mito, o lugar comum). Não somente a obra, mas essa vida de adulto, 'vívuda também ela como uma mercadoria', leva consigo um privilégio. Claro, Rimbaud não quebra a raiz mítica do tempo, não interrompe o funcionamento da máquina que continua a selar o ser do lugar comum, mas o abandono da obra é também o definitivo abandono à posteridade da obra enquanto lugar comum, isto é, exposição do mecanismo. A solução, a suspensão da própria suspensão, exatamente na medida em que não compete a Rimbaud, torna-se propositiva: 'quebrar essa raiz significaria dispor de uma linguagem ou de um complexo de gestos tais para afrontar a máquina mitológica num plano que consentisse declarar ao mesmo tempo a existência e a não existência daquilo que a máquina diz conter.' Essa não é uma conclusão, mas, justo no seu caráter aparentemente negativo, uma indicação de importância capital. No ensaio A festa e a máquina mitológica, Jesi escreverá quase programaticamente: 'estudar o funcionamento da máquina..., apreender o fato mitológico em ato, in flagranti, já que a máquina mitológica com a sua presença que funciona é um constante remeter à tensão entre pré-existente e existente enquanto produto da máquina, e tal questão perenemente irresoluta constitui a atualidade, o flagrante do fato mitológico.' Essa atualidade mostra-se de modo particular em determinadas obras que no ensaio sobre a festa são aquelas em que uma relação com o mito permanece como enfraquecida e dissolvida do seu sentido originário: quanto menor é nelas a força vital e a influência imediata do conteúdo mítico, mais evidente a 'presença que funciona' do instrumento no qual se insere. (...)

Assumir essa fronteira sem-tato (sombria) implica também reconhecer que não é do possível “servir-se” (e “fazer” o que deve-ser “feito”) do escuro; pode haver

<sup>66</sup> <http://flanagens.blogspot.com.br/2011/10/margem-da-leitura-de-jesi.html>

khrésis do soma (corpo) pela psychês (alma), mas não há khrésis do skótos (sombra), posto não haver como *dispor* na finalidade de uma singularização: servir-se na pretensão de uma autoridade que sorve a sombra para si, quando, ao contrário, é a sombra (o escuro do universo) que absorve o que ainda-não é sombra. Se a impotência (não-fazer, não ter que fazer/seguir) é uma recusa ao despotismo de poder-fazer tudo, do que trata, então, não essa sombra do mero ato, mas uma sombra da própria impotência ao nível do não-ser?

A transação com a “verdade” (se é que podemos tratar nesses termos o tipo de fulgor incendiário sobre a pele, causticante embora vazio de materialidade/solidez) que essa esfera-fechada do mito comporta, ilustradas, por exemplo, no âmbito do amor ou da morte, não se emprestam/dispõem (há uma quebra no tal “servir-se de”, na khrésis que efetiva o singular; nessa posição de sorver-se de, valer-se de, sugar de... para uma finalidade/desempenho) aos procedimentos totalizantes com os quais o vir-a-conhecer opera.

É como se nada importasse o suficiente ou impusesse um “sentido”, na medida em que também não houvesse um objeto fixado a ser movido/tocado – nesse caso, um objeto do conhecimento, do conhecimento enquanto processo de um sujeito que salta de um lógos (discurso) acerca da suposição de “verdade” também buscada no mito, sobretudo a partir desse sujeito que apenas se efetiva como discurso sobre uma matéria de “verdade” que o escapa e antecede – e que, por isso, forja seu salto do abismo, seu ensaio de dominação a partir dessa “verdade” que o referencia.

Esse campo de colisões das forças míticas (o relâmpago, a morte, o amor) não se faz ou se desdobra em “sentido”, enquanto um dis-curso, desvio no fluxo mítico, por exemplo, ao indagar algo de Éros ou de Thánatos, considerados enquanto campos de força e não apenas de investigações literário-narrativas: quantas vezes o óleo de um candeeiro feriu o rosto de Thánatos, ou mesmo o rosto de Éros em situação semelhante? O que significa, a partir da infusão mesma naquela dimensão do muthos, a pretensão de afirmar (discursar) que “nenhuma vez” o rosto da morte (Thánatos) foi ferido, ou discursar que Psychês, por desatenção ou por pretensão de conhecer, machucou o rosto do amor (Éros) com óleo quente?! O que a pergunta e sua resposta decorrente implicam ao círculo mágico do muthos – e não às pretensões específicas do discurso?

Se narrar implica uma alusão cujo vislumbre dá-se no ato-discurso, do que se compõe um procedimento que busca tomar “Éros”, o filho do Kháos, como objeto do discurso? É possível ao ato (de conhecer etc) capturar a fronteira primeva do Kháos (Éros, o mais próximo das velocidades infinitas fulminantes) como objeto para um sujeito (sub-jectum) no discurso/lógos?

A potência-do-não (de)fere o mito, embora, também o mito, na colisão oposta, da contra-impotencialização, possa avessar a potência-do-não, avessar os movimentos de impotência, desestabilizar a crista da onda que se insinua como ato. Nesse lastro de padecimentos em mão-dupla, não há prática de “espiritualidade” e prática de “cuidado de si” nos termos próprios do mito ou da extrapolação de uma narrativa do mito, por uma justificativa relativamente simplória: em vez de ascese, o mito formula uma discese – uma posição de “usuário”, onde não há olhos para ver diretamente no escuro; seja, ademais, na aposta de que o “ver” é possível sob outra estrutura, seja, outrossim, por um “ver” (alcançar) que jamais será possível ainda que nos termos usuais, é oportuno lembrar que somente aos deuses foi dada a chance de não-ver, a força de suportar o não-saber, posto sua condição de não-ser (núcleo de phantom, lócus vago de objeto e de verdade) e, assim, encerrar toda a origem do que talvez-será nesse espaço de inatualidade.

A que se indica, portanto, no campo das tais “narrativas”, se já não há ato, nem acontecimento, nem os tempos próprios ao mundo discursado; se não há propriamente objeto subordinado (flexionado) ao discurso? O que implica esse durar que a linguagem propõe, se o rito não se desdobra em um tempo discursado, se o rito não se desdobra em fatos discursados, se o rito não imputa sentidos discursados – se o rito, por exemplo, adentra as forças do Krónos, na dilaceração inaugural da qual se asperge, do cortar, a possibilidade de contar: os fatos, as forças etc.

Diz-se que o “tempo”, enquanto articulação também no discurso do herói épico, é exatamente a ferramenta de desaceleração: supostamente descansar e não sufocar na enxurrada das sensações do corpo é exatamente, nesse contexto ideo-lógico, um “falar sobre”, um “falar mais”, e não silenciar, e jamais emudecer – um falar projetado sobre as gerações que virão; enquanto a potência-do-não, entendida como esfera do recusar, do escapar, do resistir, do transgredir, convoca um “falar-não”, tanto ao campo do “não-falar” (mito) como do “falar-sim” (discurso) – para assim, abandonar a posteridade épica da obra e a pretensão discursiva da obra.

Da épica ao epycista, como tensionamento do corpo e não da palavra, não é necessária uma “prática” de “transformação” que incida sobre o “ser” de um “sujeito” como exigência de possibilidade para um tipo de “conhecimento”, porquanto não há tal “conhecimento” e tal “possível” sobre um mito que é não-coisa (não-res e não-ato), um núcleo que não é vazio de ausências embora o-seja de sombras. O mito opera com outro-mundo que não há como substância, um vazio de ser, um não-ser: “(...) o único conteúdo da revelação é aquilo que é fechado em si, o que é velado – a luz é apenas a chegada do escuro a si próprio” – G. Agamben, “Ideia da Prosa” (pp.117)

Se não há “conhecimento” do que não se apresenta como um objeto possível de mediação (sombra), se não há práticas de preparação para acesso/retenção/filiação/pertencimento ao que não se pode dominar/capturar como objeto de um discurso (sujeito) do conhecimento e da singularização, o núcleo do mito é também a experiência arcana da estrela, por isso escuro: eterno-distanciar que se instaura como as fronteiras seguintes do abismo, perfeitamente inacessível (sombrio) exceto na circunscrição de uma “luz” que é tardia/póstuma, com suposição de acesso meramente espectral – aceso, aberto, movente, impreciso, fulcral-e-proscrito... distância e rastro de invisíveis, de impalpáveis, de movimentos de impotências, de avessos... Éros/Éris como velocidade da própria sombra que transita nesse abismo.

Essa “penumbra” não se confunde à atribuição de uma sensação turva nas falcatruas de governo, especialmente no que diz respeito à sucessão de “atos” em benefício próprio ou de afirmação de privilégios em um si mesmo fictício. O fato da gestão pública ser “impune” (acima da lei) ou decidir de modo “autoritário” (fazer o que quiser), contrastado ao mundo “ideal” dos fóruns/controle social (dos valores sagrados, transcendentais, da democracia e seus aristocratas da técnica) e instrumentos de participação direta no alcance do Estado, em nada constitui um exercício de poder difuso ou não-concentrado que enfraqueça o volume da burocracia que disciplina/hierarquiza os modos singulares de vida – ao contrário, apenas descreve um Estado vez mais repressor/abusador que absorveu a democracia representativa em novos mecanismos de violação humana.

Assim, parece óbvio sublinhar que impunidade, autoritarismo, poder concentrado, disciplina/hierarquiza, repressão/abuso, violência... são os descritores que o Estado perpetua, exatamente os “alvos” de confronto da militância anarquista. Em que pese o entendimento de G. Agamben, para quem a “anarquia” equivale à feição de “anomia” no poder burguês, onde parece “lúcido” ponderar, conforme a perspectiva do filósofo italiano, que o enfraquecimento da “lei” e da “norma” justificaria uma

semelhança à “formulação anárquica” – especialmente, no âmbito de uma problemática estritamente da linguagem e do pensamento. Nessa interpretação conveniente para Agamben, não deixemos também de considerar que um dito poder-capitalista não abdica de suas escolhas para manutenção do privilégio (e autoridade) de classe – e nada mais distante (antagônico), nessa constatação valorativa, do que o vislumbre anarquista dito clássico, especialmente nos anarquistas pós-estruturalistas e suas disputas de rua.

Somente quem não se reconhece nas lutas anarquistas contra o Estado (todo e qualquer Estado) poderia cotejar qualquer aproximação destes ao totalitarismo/facismo burguês, ou ao poder despótico de um monarca/soberano: os procedimentos ilimitados, fixados à custa de poder concentrado no Estado, tanto no rei como nos “melhores” representantes eleitos (nos mais nobres, mais lúcidos, mais esclarecidos, mais politizados etc), não se confunde às lutas anarquistas, por exemplo, aos procedimentos dos vândalos e black-blocks, contra autoridade, exploração, dominação e hegemonia nos expedientes do Estado, das Polícias aos Banqueiros.

De tal modo que essa perspectiva de anárquico, para além da superposição/exclusivismo hermenêutico em função do per si na “lei”, também recai em uma análise diferenciada sobre a “Ordem” (o Khósmos) nos termos de uma an-arké, ou avesso da arké, ou avesso da potência-do-não para as formas abalizadoras – se, por um lado, as formas de governo mudam sob a mesma pretensão dessa sacer-Ordem a salvaguardo, a partir dos corpos anárquicos, formula-se certa estratégia para *confundir* a referência de “origem” para a manutenção da operação-sacer, no condão de misturar (manchar, confundir, colocar em risco, desordenar), precisamente, a injunção de “harmonia” entre os diferentes e as diferenças nessa perspectiva de uma "Ordem" seguinte garantida. Conforme Agamben<sup>67</sup>:

“Pensar un poder destituyente puro no es tarea fácil. Benjamin escribió en algún momento que nada es mas anárquico que el orden burgués. En este mismo sentido, Pasolini en su ultima película hace que uno de los cuatros amos de Saló le diga a sus esclavos: ‘la verdadera anarquía es la anarquía del poder’. Es justamente porque el poder se constituye a sí mismo a través de la inclusión y la captura de la anarquía y la anomia, que se dificulta el acceso inmediato a estas instancias. Es imposible pensar una verdadera anarquía o una verdadera anomia. Creo que la praxis que exitosamente haría visible la captura de la anarquía y la anomia en las tecnologías de seguridad de gobierno, actuaría a través de un poder destituyente. Una nueva dimensión política deviene posible sólo en la medida en que podemos identificar y deponer la anarquía y la anomia del poder. Pero ésta no es meramente una tarea teórica: implica, antes que nada, el redescubrimiento de una forma-de-vida, el acceso a una nueva figura de esa vida política cuya memoria el Estado de Seguridad trata de eliminar a toda costa.”

Que tipo de relação se estabeleceria entre dois eventuais pontos destituintes, dois pontos distantes e que se distanciam desse rosto de exercício do poder; duas trajetórias de vôos e não duas pessoas, dois movimentos e não dois objetos, dois vôos sobre o território da Cidade e da Cidadania pactuadas, duas bruxas sobre a Pólis e a Política? O vôo da bruxa entre dois pontos, dentro e fora, claro e escuro, Pólis e bárbaros: “Deixa eu confessar meu medo do claro e do escuro” – Oswaldo Montenegro.

Banidas da Pólis-Estado, as ações remotas (sombrias) das bruxas não são admitidas na esfera legitimada daquela Cidadania que emerge na Cidade como espaço legitimado dos discursos, por conseguinte, os movimentos da bruxa não desencadeiam efeitos legítimos na pólis – não constituem, por assim dizer, um rosto de política na Cidade. Nem tanto implica considerar que os movimentos de impotência da bruxa não

---

<sup>67</sup> Giorgio Agamben, Instituto Nicos Poulantzas / Juventud SYRIZA, Atenas, Grecia, noviembre de 2013. Disponível: <http://anarquiacoronada.blogspot.com.ar/2014/02/por-una-teoria-del-poder-destituyente.html>

constituem tipos de discursos ou narrativas, mas, sobretudo, observar que não há o-ato e não há o-tempo que incide sobre a bruxa: seu movimento conduz ao radical do não-ato que já não se devolve ao campo da potência iminente uma vez que também a bruxa (ao lado da noite, da morte, do amor, do relâmpago) é um não-ser do feitiço.

A bruxa desloca-se entre um não-fazer fixado ou um não-ser tópico (identitário) para um modo de aparição (um tipo de não-aparência, ou impotência na aparência), para um não-ser que dista em an-arké – que desliza do discurso, do sujeito, do lógos, da poesia, da pólis e do Fora do pensamento (da linguagem).

Para além das bruxas arcano-ancestras ou das feições atualizadas pelas feiticeiras medievais (criadas pelos Cristãos), também a alemã Mary Wigman, e sua “Witch dance”, empresta seu corpo ao contemporâneo desse vôo-bruxa; assim como, segundo a pesquisa de Bruno Halysen Lemos Nobre (“Intensidades entre Emma Goldman e Red Emma: uma cartografia”, 2014), as forças de Red-Emma oportunizam o contemporâneo-da-bruxa para uma captura identitária (do tipo anarquista) que se refere em Emma Goldman. Trata-se de uma dimensão da magia que se dá a ver em contextos não restritos às porções ou objetos encantados.

Linhas de uma Pythonisa ladeada por Wigman e Red-Emma:



(Disponível em: <https://apopheniainc.files.wordpress.com/2013/10/witch.jpg>)



(Disponível em: [http://www.moma.org/images/dynamic\\_content/exhibition\\_page/79683.png](http://www.moma.org/images/dynamic_content/exhibition_page/79683.png))



(Disponível em: <http://sunsite.berkeley.edu/Goldman/Exhibition/eg7.jpg>)

Quem “imagina” descrever, por exemplo, tal movimento de impotências no contemporâneo das bruxas (contemporâneo não ao tempo, mas às bruxas; ou contemporâneo à força do amor, ou contemporâneo à força da morte), a partir da categoria de ato, de poesia, de discurso, de subjetividade, de pólis-cidade-estado, de lógos, de história etc, só o faz na medida em que se autoriza impor/interpor uma formulação analítica completamente arbitrária aos corpos e movimentos próprios aos corpos supostamente investigados – assim desconsiderados pela necessidade de afirmar o pensamento colonialista do estrangeiro europeu e seus acusativos (categorias).

Nesse prisma de problematização, assim como os orbitais das estrelas, as bruxas afastam-se da pólis (e da política do lógos e do khósmos/ordem) em distância progressiva: as bruxas resguardam uma porção do escuro que envolve o não-ser, movendo-se na amplitude de toda sombra que, no infinito do mover além-das-margens (surgir-vagar das estrelas como dilatação em aberto das fronteiras), supera a própria tentativa de designação para o que se apresenta como vestígio, rastro e espectro em vôo célere-afastado.

É mandatário, desde logo, também inquirir se essa exploração radical do vôo-bruxa encontra guarida nos mecanismos de resistência pelo “não”: questionar os limites de uma atitude quem sabe proto-ascética (ou pseudo-metafísica), de modo a interpelar a força desse “não” no confronto de um “não-sexo” (ex., casual, vulgar) ou o “não-amor” (ex., melindroso, romântico) ou a “não-escuridão” (ex., vil, cruel, bestial, demoníaca); o mesmo exercício de observar a “desenvoltura” de uma premissa teórica

do desejo inconsciente a frente de uma escolha do não-desejo, ou de cessação do desejo, por exemplo, nos santos budistas (e escutar, quem sabe, um mesmo apriori de que a estrutura da linguagem é inescapável, e de que, afinal, essa teoria a propósito da linguagem impõe-se, enquanto dinâmica teórico-epistêmica, como um saber transhistórico que se “revela” de modo hegemônico e totalitário – portanto, inumano, insuperável). Ou, quem sabe, vir a entender que se trata de uma seletividade-não, nos termos específicos de um ato(r)-sexo, ato(r)-amor, ato(r)-escuridão quando estes assumirem um lugar paradigmático (capturado) no tempo presente e na linguagem? Pensar, avançando a experimentação de respostas, que há um resíduo ou antecedente da morte, do amor, da escuridão, do sexo que não está “desenvolvido” na linguagem?

Assim considerado na hipotética seletividade-não, talvez se reconheçam esses possíveis temas de uma incidência-não, ademais, como herdeiros daquela formulação de pensamento onde se distingue as paixões alegres das paixões tristes como tipos que favorecem ou minimizam o-efeito da potência no agir; ou nas demais interposições universalistas, para além das classificações arbitrário-genéricas das “paixões” ou das “intensidades” como modos legítimos de uma existência que apela ao valor-da-vida, ao lado de outros raciocínios totalizantes do “poder” ou da “história”, como atributos generalizados de toda-e-qualquer experiência, em todo-e-qualquer formato ou tempo, em qualquer cultura e região geográfica habitada por essa espécie, seja nos investimentos das verdades de potência contra as verdades de captura, seja na história como verdade da emancipação contra a história como verdade aprisionadora, seja também na verdade do desejo etc.

Se admitirmos, como alguns pretendem, que a matemática, ou a poesia (a linguagem), ou o cinema, ou a psicanálise são “domínios” intrínsecos de todo o saber humano, aproximados nas suas reivindicações “totalizantes” de que nada (em absoluto) escapa ao mover da matemática, da linguagem, do inconsciente etc, é preciso, talvez lembrar sem tamanha ambição, que a particularidade que formula diferentes problemáticas não se superpõem (acumulam) às categorias/operadores do absolutismo-revelatório em um saber vizinho – há, afortunadamente, rupturas.

De todo, o hipotético circuito entre os dois pontos do vôo-bruxa (e não “o” vôo de “uma” bruxa) não apenas foge do ser, do discurso, do sujeito, da linguagem, do poder, da pólis, da política, da história etc, como sua “esfera” de funcionamento não solicita as mesmas fronteiras de um sublime (a problemática do sublime) naquela ocupação da pólis-poética e seus sucessores de exercício político.

Quando não há o-apenas das palavras e das problemáticas na linguagem, acertadamente explica Pina Bausch: “As palavras apenas evocam as coisas. É aí, que entra a dança.” Interessa-me, nessa composição de arte-corpo-arte um campo poético e metódico específico, explorado no trabalho de Lúcia Laguna<sup>68</sup>, uma pintora que surge na cena carioca dessa década: vê-se pontos do que explodem na superposição do mundo sobre a tela, fitas para deslocamentos/desvios e vazamentos/vazios, pintar com um total ou parcialmente retirar das fitas, camadas de tinta à óleo sobre o resíduo dos volumes cúbicos do crepe, labirintos e desordem entre as sensações, uma engenharia da tela rasgando-cobrindo-desfazendo... cores, texturas, formas... apenas como inatualidade, apenas como inutilidade, apenas como anódino. Ainda a mesma Pina B., com sua visão do gesto e do corpo: “Eu não estou interessada em saber como as pessoas se movem, eu estou interessada no que as faz mover”.

Esse é um corpo que está diante do mistério, do “seu” mistério como invenção de si e não conformado pelo verbo, da criação da vida por suas forças e não pelo discurso... esse mistério, de abertura ao próprio tempo, de um pensamento

<sup>68</sup> Ver: [http://www.canalcontemporaneo.art.br/\\_v3/site/perfil\\_individuo.php?idioma=br&perfil\\_usuario=38704](http://www.canalcontemporaneo.art.br/_v3/site/perfil_individuo.php?idioma=br&perfil_usuario=38704)

enquanto corpo, é também campo de invocação e não apenas de reverberação, de cruzamentos impossíveis e não apenas sensações incomuns ou limítrofes: tropeçar da representação, do sujeito, do lógos, do signo, para uma deposição do transcendente na vida e no corpo, do ritus que inala e afoga a própria densidade do ar.

Quando os “lugares” todos são apenas uma operação do pensamento-corpo, até a tal busca por um todo (por ex., do khósmos, da paideia) é também uma abstração (um valor), seja nas vias do corpo ou fora dele; assim como o tempo, ou o caráter “surpreendente” do tempo presente, ou o enunciado inventivo de um ethos imanente – apenas outra abstração-corpo, disposição-corpo, interpretada como destino do refratável pela captura; ver-se ao corpo morto, não como o legista, o oficial rodoviário, o jornalista de conteúdos policiais etc, de modo a implicar-se nessa invasão pela energia da morte (primazia da potência) e não apenas esse mero-corpo frio do cadáver (primado do corpo), mais do que um extravio da palavra (do mundo organizado pela sensibilidade da gramátika e o lógos-discurso) no reconhecimento abrupto do corpo, implicaria cair no abismo arcano (arké) da morte – nos vários enquadramentos que a morte sugere e que sendo escuros (ingovernáveis), é também o fosso escuro onde se abriga amor etc.

O escuro, portanto, é também a dimensão que enfrenta a soberania do ato, entendendo o ato como um vocabulário desse corpo que se singulariza. Se os contemporâneos articulam a pretensão de um saber que decifra o humano a partir das intensidades do seu corpo, que esse fechar-se sobre um corpo e enunciado de si mesmo seja radical, a ponto de ferir utopias e distopias, de enfraquecer o condão de transcendência perene e o circuito invisível do poder sobre o tal corpo-que-pode: (<https://www.youtube.com/watch?v=XVcBop2GjRQ>) uma provocação de Alex Ruhe.

Se considerarmos, conforme insinuado nos parágrafos anteriores, que o amor não se restringe à expressão imediata do amar (do ato-amor), resguardando-se enquanto potência do amor (enquanto impotência do fazer-amar, impotência do ser amar, enquanto liberdade do ser em vir a não-fazer), o que nos implica avançar na mesma operação, até que as instabilidades alcancem o ser mesmo que experimenta (ser da linguagem, ser do corpo), e não apenas o ato desempenhado pelo ser, mas o próprio ser que media a passagem da potência ao ato?

E se o “amor”, Éros ladeando o Kháos, por exemplo, Éros antes dos poetagramátikos, antes dos estetas-abstratos que forjam um domicílio para o ser na linguagem e suas operações de discurso/narrativa/memória etc; Éros antes do ato e do tempo (portanto, também antes do ato-primevo ou ato-inaugural de Krónos, da instalação/fixação da castração mítico-civilizatória e de um surgir posterior, do tempo e do ato; onde havia apenas potência e virtualidade puras); se Éros, assim localizado, não requisitar qualquer “ser” que recorra à capacidade de produzir um discurso/representação, seja no suporte das musas-arcanas poéticas, seja no suporte do lógos e as condições de possibilidade no discurso do sujeito?

Admitindo-se a potência-do-não enquanto recusa ao ato no escuro das potências, colidindo ou confrontada, enquanto sombra (suspensão no campo da própria linguagem), pela ferocidade de um Éros (um não-ser) que ab-sorve (ab-joia) da potência para seus densos/esmagadores orbitais escuros (buracos-negros na sombra); de que trata, afinal, esse horizonte ou paisagem celestial, de estrelas e divindades?

De fato, trata-se de aquiescer à imposição de epistemologias e ditas vanguardas, como quem se convenceria de que há verdade, mais lucidez, maior precisão, melhor metodologias e tecnologias, nos procedimentos comercializados pelo colonizador? Acreditar, como gostariam de fazer-nos crer os Europeus antropocêntricos e etnocêntricos, os tais modernos e materialistas sem qualquer sensação de céu, que pretendem “traduzir” toda essa complexa densidade mítico-arcana em seus termos de

linguagem, de experiência da linguagem, de ficção e poesia, de símbolos da consciência humana dispersos na pólis, de corpo-enquanto-imanência (não soma-e-psykhês), de intensidades e sensações na interpretação dos pós-modernos?

Portanto, enquanto uma faculdade da alma, ou potência da psykhês, desde os antigos no existir primeiro do lógos; uma faculdade da psykhês, enquanto o mesmo domicílio de uma alma impessoal-ancestral, nos cuidados de si (epiméleia heautoû/cura sui), nas práticas de ocupar-se dessa alma que não é “minha” ou do “eu” (epiméleia tês psykhês, deter-se ou aplicar-se à alma – vide M. Foucault, em A Hermenêutica do Sujeito), assim como o “amor” que não é um processo pessoal (não é o significado do amor, ou um significante do amor, ou uma representação/discurso a propósito do amor - como pretendem no teatro ou na poesia); assim problematizar, dessa potência que é concomitantemente potência-do-não, em vez de suscitar um novo ato do ser, conduzir-se por um avesso da (im)potência (uma queda, uma rasteira: tanto um ato “qualificado”, nos termos de um poder/verdade não capturado/a enquanto hierarquização ou dominação; ou ainda, um “ato-qualquer” que dissolve ser e condições prévias de possível/de atualidades possíveis/de história, como intensidade escura e não efeito de uma direção prévia, v.g., do tipo educacional, moral etc): avesso que desliza do não-ser tópico-referente (não-ser isso, não-fazer isso, não-saber isso) ao não-ser distópico; em vez de um des-vio ou um dis-curso (um não-ser tópico), assim, um desvão (o não-ser distópico) de pólis (de poesia, de discurso, de história a partir dos discursos, das problemáticas do pensamento enquanto linguagem, dos limites do pensamento enquanto Fora, das fronteiras quaisquer do Fora como Abismo etc).

Nesse momento da contextualização, é também o lugar dos amuletos mágicos, para além da condição enquanto artefatos interpretados como objetos de uma cultura, ou objetos de memória e de sentimento – por exemplo, o tambor mágico da jornada xamânica: consagrado, durante quatro luas específicas, aos quatro povos/elementos arcanos, que passa a ocupar, nos círculos mágicos, o lugar de pessoa não-humana que interfere (sem falar) e que se move (nos campos do não-ato); ou dos anéis mágicos, dos cordões de proteção, das caixas (de Pandora), das tumbas, cujos espíritos ou encantamentos ou invocações aderem ao suposto objeto, até que sejam quebrados/lançados/liberados/alçados vôos, com seus poderes e maldições. Não apenas nos ditos artefatos mágicos, mas também nas paredes das residências ou estabelecimentos comerciais (restaurantes, açougues) que “guardam” violência, sofrimento, desespero... onde o desconhecido, ao pisar, é afetado pelas reverberações de um campo imaterial que não é sua constituição ou sentimento do dia – vide o que também relata a escritora Natércia Campos, sobre o velho-Álvaro (das serras cearenses), em sua obra “A Casa”, da década de 1990.

De modo que é dessa alma que impregna os recintos ou a vida do homem concreto, que também os gregos referem-se na formação pública para bem governar (como exercício de liberdade/conquista para o bem-comum, contra as paixões que afligem a alma e tiranias/abusos de poder), enquanto preocupação de uma condução de si mesmo na Pólis (a perspectiva de abandonar-se ao que meramente conviesse não encontrava legitimação cultural, restringindo a stultitia dos antigos, o não ser capaz de produzir um reflexo de si, ocupar-se de si, estando à mercê dos ventos sem direção); a necessidade de um desenvolvimento para “comandar” a tal Pólis, no prisma de “autoridade” e “hierarquia” que caracterizam o poder do Estado sob o pretexto de “sabedoria”, também permite uma interpretação pouco convencional de governar como “operação das arkés” – um desvio de interesses que permite outras conseqüências no pensamento, a medida em que ser capaz de mover as “arkés”, de mover a matriz que “comanda” e “dirige”, é também se fazer comandar e dirigir, comandante e diretor,

mestre arcano acima dos mestres particulares. Além do “epiméleia heautoû” (cuidado de si) e do “gnôthi seautón” (conhece-te a ti mesmo), Foucault também indica, em *A Hermenêutica do Sujeito*, uma terceira expressão arcaica que expressa controle, domínio, comando, autoridade de si: “arché”, “archaeon”, de arqueologia etc – “archés autou”.

Mesmo, por exemplo, na hipotética construção de uma estátua “perfeita” dos gregos, uma decisão pública como expressão/manifestação na Pólis de uma necessária relação transcendente com a verdade, beleza, justiça, harmonia, simestria etc; se o “discurso” que abaliza essa linguagem estética não precisa “representar” um homem da existência em quaisquer das ilhas, deve, porém, “representar” (narrar) a “idéia” do homem – mais perfeita e mais real do que qualquer homem que exista no mundo falso (concreto) das imagens/aparências (cópias imperfeitas, impuras); assim, governar os homens, os feitos dos homens, as atitudes dos homens, é também permitir vias de acesso compartilhado às arkés, às “origens” que superam as “aparências”.

Essa arké que não está datada ou cronologicamente situada, uma sombra como deslocamento em tempo presente para essa arké de força escura (em movimento, em abertura) que governa a história – e não a história dos sujeitos que delimita uma sombra como possível e não-vivido pelos homens; arké-escura que ainda se ergue e alteia-se..., que segue interferindo como “origem” não-fixada do presente a partir da sua condição perene de inconclusa, de indefinida, de movente...; retomar a crista dessa onda escura, na experiência que jamais será vivida ou alcançada como um vivido (posto a condição irrevogável de crista e não de atual, ou de não-captura da crista entre seus efeitos imantados de atuais decorridos), dessa expansão ainda em curso que sugere uma qualidade fresca de presente sem efetividade ou funcionalidade: faz ver o nascimento quente das estrelas e das placas tectônicas, um vôo agônico (sem-angulação, sem-margens) da bruxa nas fronteiras plásticas de um Khósmos ainda se emoldurando, ainda se modificando, em uma “operação das arkés” típica dos Faraós-Filhos-de-Sírius (por acaso, governantes, mas, sobretudo, feiticeiros das estrelas).

Ainda na inspiração de Agamben<sup>69</sup>:

“(…) It is a search for the archè, which in Greek means 'beginning' and 'commandment'. In our tradition, the beginning is both that which gives birth to something and that which commands its history. But this origin cannot be dated or chronologically situated: it is a force that continues to act in the present, just as infancy, according to psychoanalysis, determines the mental activity of the adult, or like how the big bang, which, according to astrophysicists, gave birth to the Universe, continues expanding even today. The example typifying this method would be the transformation of the animal into the human (anthropogenesis), that is, an event that we imagine necessarily must have taken place, but has not finished once and for all: man is always becoming human, and thus also remains inhuman, animal. Philosophy is not an academic discipline, but a way of measuring oneself up to this event that never stops taking place and which determines the humanity and inhumanity of mankind

(…) Thought, for me, is just that: the courage of hopelessness. And is that not the height of optimism? (...) not to oppose poetry to philosophy, in the sense that these two experiences both take place within language. The home of truth is language, and I would distrust any philosopher who would leave it to others – philologists or poets – to look after this home. We must take care of language

(…) we have no other representation of reality than the operational, the effective. We no longer conceive of an existence without effect. What is not effective – workable, governable – is not real. Philosophy's next task is to think of a politics and an ethics that are freed of the concepts of duty and effectiveness (...) To be contemporary is to respond to the

---

<sup>69</sup> Giorgio Agamben, june 2014. Disponível: <http://www.versobooks.com/blogs/1612-thought-is-the-courage-of-hopelessness-an-interview-with-philosopher-georgio-agamben>

appeal that the darkness of the epoch makes to us. In the expanding Universe, the space that separates us from the furthest galaxies is growing at such speed that the light of their stars could never reach us. To perceive, amidst the darkness, this light that tries to reach us but cannot – that is what it is to be contemporary. The present is the most difficult thing for us to live. Because an origin, I repeat, is not confined to the past: it is a whirlwind, in Benjamin's very fine image, a chasm in the present. And we are drawn into this abyss. That is why the present is, par excellence, the thing that is left unlived.”

As ditas práticas arcanas de “cuidado de si”, no limite dessas finalidades que se investiram, não eram potencializadas sob o registro de experiências da linguagem, eventos onde a linguagem experienciava a si mesmo enquanto discurso; não eram, se quer, práticas rigorosamente “de vida” ou “de mais vida” ou “de vida mais potente” ou “de formas de vida qualificada” a partir de critérios próprios da manutenção da vida – vida enquanto vida, vida como um valor soberano, ou fundamentalismo na vida; eram práticas, de outro modo, com um lampejo de eternidade e de sublime, em uma palavra: de um vislumbre metafísico.

Práticas, afinal, que deslocavam os esforços do sensível para uma ocupação ou preparação ou aplicação ao campo invisível da *psykhés* (da alma), que se inventavam como outro mundo – inicialmente espirituais e, posteriormente, com o discurso mediado no *lógos*, retirando-se das cópias (das imagens, das formas, dos contornos precários) aos seus originais divinos, em uma perspectiva de “totalidade” mais larga do pensamento.

Conseqüentemente, eram práticas que incidiam um modo de uso para o corpo, por meio do qual a alma (*psykhês*, um bem cósmico e impessoal) adquiria alguma fronteira de singularidade, ao produzir um sujeito que se admitia como capaz de ocupar-se de um registro (arquivo) da *psykhês* produzido sobre o corpo – assim, a partir de um corpo que, é conveniente sublinhar, não é provido de “eu” ou de “individualidade”, ou ainda, se quisermos pensar, era que desprovido (*steresis*) de uma interioridade pessoal.

Na operação desse “cuidado de si” enquanto ocupação da própria alma, não sendo práticas originalmente de uma subjetividade discursiva, também não se constituem práticas de intensidade ou de sensação, ou (por absurdo) de imanência (de superação do registro diferenciado da alma, da *psykhês* e do corpo), ou de realidade imediata no corpo enquanto superfície-pele, enquanto corpo no tratamento que os contemporâneos dispensam nas teorias que apenas o final do século XX viu surgir. A finalidade daquele “cuidado de si”, nesse prisma arcano, estabelece uma fronteira supra-sensível com o fora de si ou o pré-ser, o remoto mais arcano (nesse caso, a *psykhês* – originalmente mortal, em nada possuidora da imortalidade e dos poderes das divindades, segundo a sua chave de muthos, embora tendo “conquistado” a eternidade na sua jornada mágica com *Éros*).

Cultuar, honrar, reconquistar esse lugar da *psykhês* na vida, produzir uma condição/ocupação que se aplica sobre a *psykhês* (que ao lado de *éros* e de *áion*, habitam o corpo); ocupar-se da *psykhês*, e não do técnico (retórica) ou do moral (*lisonja*), em sua mediação da *psykhês* com o invisível que não se revela nas relações finitas e percíveis da vida na *physis*, não diz respeito ao tornar de um vida mais criativa, mais eloqüente, ou expandir intensidades da vida etc. Não por acaso, preparar-se para a morte foi o objetivo-em-vida dos muitos dos sábios da antiguidade remota – e certamente, a conquista irresoluta e destemida daquele Sócrates, apresentado nas palavras de Platão.

Ocupar-se da *psykhês*, e não do “eu” (do que esse “eu” sente, do que “eu” busca, do que “eu” espera, do que “eu” propõe, da vida desse “eu” etc); cuidado da alma que não trata de um exercício sobre a individualidade, que não constitui um exercício de aprimoramento/aproximação sobre as “escolhas” do humano enquanto individualidade –

e que também inclui o enfrentamento objetivo e extensivo de não se levar pelas paixões (venenos ou estados febris que atribulam a alma, que desviam a *psykhês*, em um momento histórico onde paixões não eram hegemonicamente interpretadas como sintomas de uma aposta da interioridade; cuidar, pois, da febre ou dessa febre, e não cuidar “da minha febre” – do que significa para o “eu”, ou de como “eu” penso que me atrapalhe; um cuidado de suporte, ao não permitir que a febre das paixões obscureça as condutas de cuidado da alma e não de uma absurda “minha” alma).

Como aproximação temática, o ocupar-se da *psykhês* também incluiu essa preparação da morte (mas não se restringia em uma seletividade temática da morte), de uma filosofia que incide aos modos de viver que se conduzem à morte virtuosa, até, em dias mais recentes, uma experiência própria de tanatologia (de alívio de dor, de negociação simbólica com familiares e bem-estar do “eu” na morte), ou ainda, a preparação cultural do cadáver (lavar e perfumar o corpo, fazer os cabelos e as unhas, vestir adequadamente/uniformes ou, quando for o caso, vestes talares, circundar com flores e cores, atentar aos detalhes da maquiagem, adornos com jóias de significação biográfica até os últimos desejos/pedidos, a formulação de um elogio ou uma despedida e a necessidade de um velório respeitoso, sobretudo aos abandonados/sozinhos/desconhecidos no mundo social), do zelo nos jardins que cercam a lápide/cova do morto, até a celebração permanente dos ancestrais (em datas específicas), tudo ainda faz parte desse largo espectro de “agradar” a *psykhês*, o resquício de um tipo de “cuidados de si” enquanto pertença ao mundo invisível – nessa interferência do mundo da espiritualidade para a política, enquanto tradução (intuição) pelos poetas como os incríveis regimes de conduta na Pólis da *Ilíada* etc.

Esse tipo de mestria/maestria, onde o discípulo absorve/assimila um modo tal de amar, de cuidar de si a ponto de ocupar-se do outro com o melhor zelo, para além das exigência/existência/circunstância do corpo do outro (indiferente à juventude ou velhice), onde o discípulo é “arrebato” por uma amplitude (metafísica) que se irradia na experiência de amor que se fazia possuidora do corpo do mestre; onde, afinal, nada mais importa (nada ou ninguém) ao amado se não conviver ao lado do amor que se proporciona no mestre/amante, essa relação de transformação própria do tempo e do espaço na vida, certamente não trata de uma experiência formativa/pedagógica que se compartilha no *lógos*, no discurso, no espaço público da discussão (pólis): ser atravessado pelo amor arcano não é uma transmissão de “ofício” (paidagogos), esse tipo raro de amor que, não se restringindo à vida e ao corpo, também não cessa com a morte – o próprio amor como eternidade pluripotente dos deuses antes dos deuses, convertendo a *psykhês* do iniciado/amado em imortal, o amor (*éros*) situado na mesma linha *khaótica* da morte (*thánatos*).

Dois filmes talvez sejam ilustrativos do alcance desse “cuidado de si” que não é mero formalismo ou procedimento, que não é um “cuidado” do “eu” – que não trata de “humanização” dos sentimentos do eu, ou “educação popular” dos saberes do eu, ou “narrativas” do sentido de um eu, ou “políticas” (cidades/pólis) que administram e empoderam a vida do eu...

“Still Life – Uma vida comum”, filme de 2014, dirigido por Umberto Pasolini, que narra os “cuidados” primorosos de John May. Homem sozinho e, talvez, um indigente culturalmente periférico, ou um quase anônimo sem referências/laços sociais, não fosse o seu emprego/empenho público que divide a rotina cotidiana entre formulários e telefonemas em uma sala burocrática/arquivista, além do necrotério, da capela e do cemitério, por onde percorre com os dados de investigações “amorosamente” detalhadas (um amor desinteressado ou desesperançoso, sem

exigências ou expectativas, e por isso, um amor incondicional) pela memória dos “comuns”, mortos que o chegam sem familiares para reclamar a partida.

“Okuribito/A Partida”, segundo filme nessa questão, dirigido em 2008 por Yojiro Takita, que narra os “cuidados” de Daigo Kobayashi, um talentoso (e afetivo) violoncelista. Por necessidade financeira, esse homem casado é admitido em um novo posto de trabalho, cuja função é desconhecida, embora o salário generoso. Descobre-se assistente de um serviço funerário, em um misto de culturalmente amedrontado pela função e pessoalmente temeroso, enquanto se depara com a sutileza e o sagrado na sua ocupação pelo si de cada outro, ocupação que transmuta os sentidos de leveza, dignidade e poética, especialmente com as expressões e singularidades das vidas marginalizadas.

Portanto, quando nos referimos, desde os mais antigos, à posição do amante “ocupar-se” do amado, nessa perspectiva de ocupar-se do amor no amado, ocupar-se do amor na *psykhês*, ocupar-se amorosamente da *psykhês* a ponto que seja atravessada na presença aquecida do amor que habita o amante, implica, através das forças obscuras do enlace (de éros), de fazer saltar, no amado, essa preocupação inadiável com a *psykhês*; essa mesma preocupação e a mesma *psykhês* (impessoal) que o amante ocupa-se em sua vida (que já foi também uma ocupação mediada por seu mestre), e, por meio da qual, invoca para si em responsabilidade público-política de ocupar-se no amado enquanto condão que este, o amado, inspirado (afetado) por tal força de enlace (éros enquanto personificação de um poder *khósmico*, em nada semelhante a um “sentimento” na topografia de um “eu” que se apaixona ou um desejo no campo da linguagem; uma potência do amor que não é potência-ato do ser; o amor que excede ou invade o ser) que se irradia do amante para despertar-se no amado, permita que também a *psykhês* no amado seja envolvida, absorvida por Éros. Quer dizer, Éros no amante tocar (despertar) Éros no amado (que tamanha aceitação e apreço do outro, invoque uma própria força de cura de Éros que busca a *Psykhês* que, por sua vez, modifica a temporalidade do corpo), a ponto que a *Psykhês* do amado, infundida (afetada) pelo calor e o brilho de Éros, torne-se ocupação (afecção) na vida do amado.

Também os contemporâneos, dentro de outra operação epistêmica, seguem tracejando os fios de afeto entre os corpos, em uma trama de sensações e intensidades que abordam redes complexas de pessoas humanas, pessoas não-humanas, sensações irradiadas dos objetos e monumentos públicos, de laços de “cuidado” estabelecidos com a paisagem, com a natureza, e até com a memória – de modo que, na pulsação dessas camadas de ligações sobrepostas, faz-se emergir uma superfície de imanência sobre o deserto, sobre o abismo; nessa rede, move-se o devir-aracnídeo, os modos de vida não capturados pela identidade, uma vez que não existem como dados, e cujos deslocamentos/afetamentos/agenciamentos são caracterizados na estranheza das intensidades. São essas tentativas de fios eróticos para composição de um tempo em que já não se vislumbra nada além de um próprio vulcão abaixo: cru, incendiário, irreversível.

De certa maneira, é um esforço para desligar o “cuidado” da Pólis, ou administrar um procedimento paliativo – para o cuidado e não para o usuário de suposição enferma: avesso-de-cuidado como uma potência de não proteger e uma potência de não controlar; o tal “cuidado sem humanização”, cuidado sem preparação de um si... Também resguardado um problema colateral que salta das aproximações entre dois universos apartados: ao lançar dessa potência-do-não para o “cuidado” na fronteira da biomedicina, especialmente da medicina enquanto pretensão de episteme/e não apenas de uma prática moderna; para referir-se à potência-do-não como uma metodologia de “resistência”, é necessário admitir que a problemática desse campo

investigado (a medicina) também se expresse como uma problemática da linguagem – da linguagem e não da língua médica, da linguagem e não do corpo ou da biologia, da linguagem como sempre foi a experimentação da poesia humana; a medicina, finalmente, ser tragada como um versar do humano na linguagem, e não uma pretensão de campo amórfico do objetivo... onde o lugar da cura, do cuidado e da saúde, estejam como insistência da linguagem, ou como insistência de superfície.

Oportunamente, nota de rodapé, número 8, no capítulo “A Literatura e a Vida”, da obra “Crítica e Clínica”, por Gilles Deleuze: “(...) E Le Clézio, Haï, p.7: ‘Um dia, saberemos talvez que não havia arte, mas apenas medicina.’”. Ou ainda, no corpo principal do texto, da obra “O que é Filosofia”, por Gilles Deleuze e Félix Guattari:

Por ter atingido o percepto como "a fonte sagrada, por ter visto a Vida no vivente ou o Vivente no vivido, o romancista ou o pintor voltam com olhos vermelhos e o fôlego curto. São atletas: não atletas que teriam formado bem seus corpos e cultivado o vivido, embora muitos escritores não tenham resistido a ver nos esportes um meio de aumentar a arte e a vida, mas antes atletas bizarros do tipo "campeão de jejum" ou "grande Nadador" que não sabia nadar. Um Atletismo que não é orgânico ou muscular, mas "um atletismo afetivo", que seria o duplo inorgânico do outro, um atletismo do devir que revela somente forças que não são as suas, "espectro plástico" (10). Desse ponto de vista, os artistas são como os filósofos, têm freqüentemente uma saudezinha frágil, mas não por causa de suas doenças nem de suas neuroses, é porque eles viram na vida algo de grande demais para qualquer um, de grande demais para eles, e que põs neles a marca discreta da morte. Mas esse algo é também a fonte ou o fôlego que os fazem viver através das doenças do vivido (o que Nietzsche chama de saúde). "Um dia saberemos talvez que não havia arte, mas somente medicina..." (11) (...)

Sob certo prisma, esse “cuidado não humanizado” seria uma experimentação direta da linguagem que se curva sobre ela mesma; em outras palavras, para imaginar um tipo de aproximação: olhar para a velha tartaruga marinha, saindo das águas, circulando sem conseguir depositar seus ovos, e dizer que o traço específico da situação/do impasse analisado é, sobretudo, um problema da linguagem, do pensamento e dos seus limites... e que, ademais, o saco de plástico que foi ingerido pela tartaruga, depois que o lixo foi banalmente lançado ao mar, com o resíduo do plástico que está preso no esfíncter dessa mesma tartaruga – e que impede o depositar dos seus ovos na areia; esse saco de lixo que não se evacuou depois da “catástrofe climática” de ter sido ingerido por um animal selvagem ameaçado, ser reconhecido (transposto) em uma problemática da linguagem e não apenas como uma necessária variante ontológica da “mudança climática”, em seus territórios originais de enunciação.

Entretanto, na aproximação da ciência médica, poderíamos também considerar que a delimitação do câncer, por exemplo, seja encarada como uma problemática da linguagem, e não da autoridade da genética, e não da dominação da farmacologia, e não da hierarquia da clínica... assim como a dor, o sofrimento, a morte etc, também para os budistas vajrayana (tibetanos), são “apenas” elementos de uma problemática da linguagem; cessando-a, cessa-lhes, se for o caso.

Ainda no caso ilustrativo da tartaruga é como observar, a partir do prisma do geólogo, do químico, do biólogo, do engenheiro ambiental, que o circuito de “narrativas” daquelas ciências do clima já não fornecem alternativas de resistência ou de resiliência aos fenômenos classificados como urgentes nas últimas décadas – o repertório de atuais e de possíveis foi comprimido por um real, e a tartaruga, ou o urso polar sem abrigo nas calotas, parecem imagens congeladas de um imobilismo comunicacional.

De maneira que, traduzindo/deslocando a problemática das ciências da natureza nos termos da linguagem, outro vocabulário político, de discursos e possibilidades de ações, adentra com suas ferramentas – especialmente o contexto das

artes e seus alcances de sensibilização, em vista do fracasso das ciências e da própria negociação política, em seus lógos particulares e capacidades mais amplas de validação por outros corpos/saberes/poderes; diferenciando-se de uma filosofia analítica (e sua teoria “pura” da linguagem como pensamento), G. Deleuze (contra)propõe um lógos/pensamento como força de criação de realidade – onde a superfície de imanência traceja, inclusive, sobre essa estrutura dura da linguagem: os agenciamentos maquínicos de desejo e de enunciação não são a linguagem; o corpo sem órgãos não é a linguagem – são a terra, são a geologia, são as forças. Se a linguagem estrutura um território sobre a terra, o foco do problema, em Deleuze, é uma citação a-significante, ou seja, fazer um discurso gaguejar (perversão) ou alucinar (esquízo) em vista de produzir outros atos/outras atualizações, seja na tartaruga, seja no câncer.

Seja a linguagem como estrutura, ou o pensamento como malha de superfície-intensidades, ambos deslocam o lugar de referência – da tartaruga, da morte, do cuidado, da medicina, da engenharia, nos saberes especializados do sujeito moderno. O dito problema do clima, muitas vezes simplificado didaticamente, no acréscimo (queima) de carbono fóssil como lastro do desenvolvimento capitalista, se já não encontra “narrativas” que disseminem o teor da sua gravidade, sobretudo entre os contingentes populacionais diretamente afetados, passou a receber outras zonas de aproximação no contemporâneo: aportes que, nessa “experiência” ilustrada da tartaruga marinha, conforme Bruno Latour inspiraria a crítica, não se trata de uma força em si mesma, nem fora de si mesma, nem de uma profundidade, nem de algo oculto, mas um conjunto de atores que partilham da interação/associação de intensidades que expressam um novo, um atual; onde tais redes não são estabelecidas por ordem ou hierarquia, não são desencadeadas por uma articulação humana de poder: ontologicamente em um mesmo plano, na produção de um realismo híbrido de humanos e de não-humanos – onde nos índios, por exemplo, trata-se de uma articulação de pessoas humanas e de pessoas nos animais, nos espíritos ancestrais etc.

Se a resposta das comunidades tradicionais ao desafio climático não encontra reverberação, por exemplo, nas ciências ou nas filosofias ocidentais hegemônicas, e se os campos tradicionais na política e no pensamento acadêmico ocidentais não foram capazes de ocupar-se dos prejuízos que a própria individualidade moderno-capitalista produziu, viu-se também surgir a disputa de outros discursos (tais como o “antropoceno”, ou do homem como tempo-geológico), que possam gerar respostas de potência, de diferença, de intensidade, de corpos enquanto outras formas de vida.

Refletir sobre as categorias dos antigos que nos chegam, e seguir fiando outros campos a partir das forças escuras no enlace, permite acessar os ritos arcanos de “possessão” amorosa, imaginar onde determinada configuração de amor permitiu um modo de “ocupar-se”, ser envolvido, “aprimorado” dessa ocupação pela alma (sem fuga, sem modo de escapar, da tal civilidade imposta), pela psykhês (Éros buscando a alma); anotar, especialmente nos registros daqueles que desconfiam do Estado, o papel dessa relação “amorosa” entre mestre e discípulo, entre cidadão e efebo, que tratava de constituir uma experiência sócio-cultural de PAIDÉIA (paidos, o jovem), onde o laço robusto de uma PAIDERASTIA reafirmava-se, traduzia-se como tecido político, como suporte de organização para outras práticas político-educativas (de canto, de memorização etc, para materializar uma totalidade do pensamento, um tipo de Pólis), naquilo que os poetas foram capazes de subscrever no Mito (na poesia, cantar o Mito em vez de calar o Muthos).

Esse “vínculo” de devoção mútua entre Éros e Psykhês, de poder maior de Éros sobre Psykhês (de papéis ativos e passivos, de amantes e de amados, de amantes e

de amados, de erastês e de erômenos), transmutado nas sutis operações da máquina gramátika (poesia-pólis-polítika), como modelo de cotidiano, integrou uma série de novas interpretações políticas ao lugar de Éros: desde força de coesão que formata os elementos dispersos (fogo, água, terra, água) no Khósmos, tornando-se um campo de regulação para o Olimpo de Zeus, da Harmonia de Apolo e da Beleza de Afrodite, até, finalmente, um fator de disponibilização e organização dos corpos naquela Pólis do comércio ascendente – assim, Éros capturado na máquina poética como engenharia polítika, de singularidade pela via dos corpos para disciplina e exercício de poder sobre os corpos.

Se hoje, em nossa cultura geral, ousamos sugerir um “não se envolva”, um “não se apegue”, um “não padeça”, um “não se vincule”, não se demonstra apenas de uma fala vã ou casual, mas um “tipo” de confronto instituído ao princípio ordenador (Khósmico) de mais uma interpretação “clara” de Éros (de um éros harmonizado na pólis, Éros administrado na cômte de Apolo e na Pólis) que produz enlaces na “finalidade” de expansão (fixação), regulação (permutas de amor, condições de valia/valorização/apreço), exploração e continuidade da Pólis.

Mas esse Éros-claro, Éros que se captura de Belo (Afrodite), não é o todo na arké de um Éros escuro-como-o-próprio-Kháos: de modo que ocupar-se de si, ocupar-se do amor, em vez de um procedimento “claro” nos termos da Pólis-Apolo-Ilíada-dos-heróis; ocupar-se do amor que é também ocupar-se da sombra que o amor abriga: ocupar-se da própria psykhês em sua visita escura até Hádes, Perséfone e Morte; ocupar-se de Éros nas ressonâncias escuras de arké, de origem-Khaótica... ocupar-se de si não implica, ainda no mesmo vocabulário antigo, sempre convenientemente desviado para as interpretações do “eu” nos Modernos, os usos afirmativos dessa vida-enquanto-pólis. Para um anarquista, um extraditado da pólis, uma bruxa de vôo apátrida, ocupar-se da psykhês não implica fazer saltar um uso singular a medida que o corpo produz um discurso, uma prática... ocupar-se ou servir-se (khrêsis) do corpo, marginalmente no vôo da bruxa, também como veículo que recusa uma verdade de si ou sobre si.

O escuro como potencializador, embora não exatamente sob a interpretação de uma “potência na vida” em substituição àquela ancestral “potência do ser” (que se ocupa do ser, que atravessa o ser); embora, ademais, a potência tenha assumido essa faceta de uma “escolha” como expressão do que no antes, no mundo do bem-antes – inclusive, antes do-ato primevo dos atos (a castração do Titã) –, era considerado um “chamado” em sonho, a visita ou a inquietação de um dáimon, ou, ainda, o rapto-mesmo de Éros: que apenas invade o quarto da Psykhês, e a força do amor seqüestra a alma – sem consentimento, sem explicação, sem definição, sem contextualização, sem direção; Éros toma psykhês para si, invade um destino com as bençãos da fortuna, e a conduz para o seu palácio, sob os “cuidados” dos seus atendentes, nos antecedentes de um destino que se realiza como herói de si; não há exatamente como imaginar que, tamanha potestade, a personificação de amor em Éros, a forma em si mesma do amor, suficientemente próxima de um mortal a ponto de incendiá-lo sem qualquer possibilidade de controle... o escuro, portanto, para além de uma “experiência” a respeito do amor ou mediada no corpo, nos termos contemporâneo do risco e do perigo – *Éros não cabe em uma experiência, exigindo um ritus da letalidade*: uma inconseqüência, uma desmesura, um transbordamento, uma tragédia.

De modo semelhante, também o “cuidado” de si, enquanto se ocupar da Psykhês, não era exatamente um cuidado com a finalidade depositada no homem ou na experiência da vida; há certo manejo do aniquilamento, certa dosimetria da morte, nos termos do que, também os contemporâneos, traduziram como uma ética do negativo, e,

para outros, como uma resistência na via do não. Em tal ética da sombra, ou visada (pulsão/dimensão) escópica, a “finalidade” (para enfatizar o caráter problemático de uma ética, e não de uma arte/tekhné, igualmente no prisma dos antigos – mas o que seria uma ética do escuro, uma ética do Kháos?) não é a de subscrever a vida como um imperativo, ao contrário: desestabilizar inclusive a vida, quando intensidades, potências e devires foram capazes de sugerir o impensável, o improvável, o impossível de uma vida como invenção, de certa forma, como invencível/irredutível/épica.

De outra forma tematizado, é um registro diferenciado na produção de um sublime ou numinoso como invenção (e não tradução/revelação/representação). Assim circunscrito, enquanto via de resistência ao próprio tônus contemporâneo, de fissura contra-hegemônica ao mecanismo de encantamento-banal amoroso, seja na via do pensamento/filósofo, seja na via da poesia/artista, o ritus instaura uma porção de escuro – tão velho quando a própria jornada da psychês, dos idos acompanhada pelos terapóns/sacerdotes da psychês, personificada nas borboletas e no “chamado” de inquietações escuras entre passos temerosos no abismo; o ritus contrapõe às premissas de captura do mágico reduzido à impostura (no domínio do lógos) e à ficção (no domínio da linguagem), e trata, por conseguinte, de desestabilizar o monopólio contemporâneo do sublime nos termos no discurso e do pensamento, enquanto rubricas de Khósmos (de Ordem) – o mágico admissível, tão somente, enquanto sensação ou interpretação, do corpo ou do ser.

O limiar da arké de Éros, exatamente o que estabelece uma zona limítrofe de escuro/densidade escura (buraco negro) irrefragável nas capturas formuladas historicamente, interpela-se com outro-lugar de espírito (de ser) e de feitiço (de poder), onde mais do que signos do ato – expressos, por exemplo, nos devires carbono-animais coligados aos actantes de silício etc –, a porção de escuro que o “não” instaura já retroage o simples do ato: desassemelhando-se à potência de realização dos animais (que assim dotados da potência, são compelidos a realizá-la) para um traço de especificidade trans-singular (uma dimensão arké que se inscreve como presente-em-aberto, que distingue como particularidade contígua ao corpo-singular mas distinta do mesmo) na potência-do-não, e, por assim dizer, um passo atrás no silêncio e no escuro.

Se, por um lado, críticos da subjetividade, os ditos Deleuzianos na inspiração do pensamento, citam-se de forma apraz nos rizomas do inorgânico (magma, cristais, animais de condutas não-antropomórficas etc), os efeitos do “não” em Agambém retroage da esfera do ato para o momento, em muitas teorias, que seria interpretado como o domínio do virtual – se o virtual, enquanto domicílio de todos os ilimitados-atuais no porvir, também pudesse coincidir/superpor ao domínio do escuro; embora o virtual, dos hiper-realistas, não pareça coincidir ao escuro, das arkés.

Se considerarmos que a potência, por um lado, é um efeito do virtual – de todos os salões jamais visitados e/ou experimentados e/ou inteligíveis pela história/passado –, por outro lado, no escuro (skotos), retomando o exemplo das estrelas que se afastam..., para além de jamais convertidas por um atual e decorrentemente capturadas enquanto passado definitivo, a medida que se distanciam (movimento inexaurível) em uma trajetória que caracteriza a própria experiência de universo-em-expansão (com o distanciar progressivo das estrelas já dispersas, as fronteiras ampliam-se), oferecendo-nos como turvo legado apenas uma luminosidade envelhecida, ensejo para um rastro de pura invenção/especulação a respeito do que se exhibe como espectral-tardio; todavia, diferentemente daquela primazia retroativa de uma potência flutuante (irascível, irreconhecível, que surge do limite, do Fora) para um ato que se expressa como não antecipado, as estrelas são escuras porque também absorvem, porque também paralizam (na sua tonalidade propriamente mágica, desde os primeiros que se

assombravam com os olhos cravados ao céu, do mundo pré-Prometeico, antes do controle sobre o fogo). São escuras não apenas como fonte de novos atos, de novas silhuetas, contornos, alternativas; são escuras, também, porque trazem, desfalecem, sufocam, matam. As estrelas explodem nascimentos. Mas as estrelas desaparecem em poeira, desaparecem, então, em buraco-negro.

Se o escuro é ab-gioia (resistência agônica), o escuro é também ad-joia (tracionamento em graça): essa forma de terrorismo contra a-vida, de vandalismo contra a transversalidade da vida a ser preservada (ó deuses, livrai-me disso: desse viés dito “afirmativo”, e de inclusivismo na afirmação compulsória do que se interpreta na vida comum, e, por isso mesmo, violentamente disciplinador – demarcador de uma “centralidade” na vida/centralização-hierarquização de um valor, no organismo, na organicidade, na presença, no atual-atualização; vide humanistas, especialmente, os humanistas na psicologia, Carl Rogers e seus posteriores; vide, ademais, a psicologia da identidade, do sujeito, da subjetividade).

De uma vida que pode ser matável, até uma impotência que se avessa/do tipo arredia e aversa (de aversão) do ato. Quando dizem, ou melhor, apenas-sugerem na Ordem das capturas: “não crie fantasias”, “não fantasie...”, não desloque os amores como uma eternidade que cintila em um céu que não passa, amor que cintila até que desapareça: terrorífero e impreciso, como absolutos – seja na estrela que tão mais distante, já não se deixa ver; seja na estrela que se fundiu com outros deuses; seja na estrela que se tornou buraco-negro intrespessável; seja na estrela que apenas se esgotou... há algo, no céu e nas estrelas que nos habitam, que não é apenas essa fantasia que “sabem” os sujeitos modernos. Talvez, assim, resistência dos modernos e dos pós-modernos, a fantasia seja parte do ritus que não é experiência (a la Jack Smith, o poeta americano e sua arké-performatividade): onde o fantástico é algo de uma erradicação (não um ato de irradiação, nem campo do ser) que flutua do buraco-negro, uma falua (falukâ, em árabe) do escuro.

Ainda para Agambén, se a “potência-do-não” e, de outro modo, para M. Blanchot, o “Fora”, operam como modos de resistência à desintegração no atual e no atualizável (da história, da gramática) a partir de um encadeamento de potência espelhada no ato; certamente, não se trata, para ambos, nem para quaisquer esforços dos contemporâneos, uma previsão de “estar-não” (ou de “estar-nem-aí”), emblemático de *um contra-temp(orâne)o* que se inspira de *um “não-ser”*: um flerte-flei para o “não-ser”, um contra-tempo, esse contra-temporâneo, por exemplo, sendo o desertor da experiência no ritus, em sua motocicleta com o tal valor de troca expresso em centenas de milhares de unidades monetárias dos atuais, enquanto velocidade, aceleração e ruído do motor... e faz introduzir uma barra de aço no espaço de vazio-cilíndrico-em-movimento-dos-seus-aros... “e-porque-não?!”, pergunta-se, enquanto seu corpo salta (“estar-nem-aí”), e capota, e gira, e incendeia-se... “e-porque-não?!”, essa pergunta-agravo do nefasto valor positivo de uma vida capturada... “e-porque-não?!”, a pergunta-molotov, uma pergunta-vã/vândala, steris de Khósmos e de vida-come-Pólis: risinho-anarké contra Pólis-Política-Polícia: UMA PERGUNTINHA QUE TRAMPA E NÃO TRAMA..... (gentileza, considerar o link no corpo do texto, e não em rodapé, ao seguir na leitura!)... <https://www.youtube.com/watch?v=4K8OtsJRKM8> ..... para quem se imagina, como um p(h)oder não-ser, p(h)oder não-saber, p(h)oder não-fazer, p(h)oder não-existir em uma sensação de vida que é absurda, miserável e esdrúxula; em uma vida onde é incapaz de achar ou reter ou produzir algo que não seja apenas poeira de sensação e de intensidade de um corpo qualquer – “e-porque-não?!”, é a questão do moço bonito que me insinua: “eu gosto dessas

brincadeiras, mas não quero perder mais tempo; não é um tempo célere ou fugaz, é que já-estou-atrasado na vida... se for para valer, para se foder, para se pegar, para brigar no corpo, “e-porque-não?!”; feroz, subversivo, nocivo – daquelas finas sintonias com a loucura: rapaz do terror, dos gritos, dos urros, dos vômitos... dessa arte que não é impune ou inconseqüente; ele acredita, por exemplo, que o pensamento é como meter o pau e quebrar dentro; ou meter, e sacar o pau, abruptamente; repetidas vezes... até que o cu das idéias esteja ao avesso, sacado, exteriorizado; “mas se for para enrolar, pivete, dá-o-fora: vai cheirar uma rosa”... em duas frases do garoto-anarko: “meu cu pra você”, ou...

Então, desse mundo incrível de experimentações, sair de casa para esse modesto afetar-se impune e gratuitamente, por gestos intermináveis daqueles incessantemente lançados a procurar sem encontrar; seja da poesia, cinema, música, teatro, das artes como meros bolsões/reservatórios de sensações, intensidades, afecções – de quem supõe, antecipadamente, que é preciso sair-para-buscar (meio caçador) o que não está “disponível” nas mudas cósmicas que crescem no próprio urinol, nos cruzamentos de janelas abertas e semáforos de jardins; um tal consenso da experiência das artes como geração de sensações e intensidades?! Uma extensão, no trabalho, na faculdade, nos encontros de café ou de internet, nos relacionamentos afetivo-sexuais ou lances de voyeurismo, todos recipientes das intensidades efêmeras, e o que mais (?); ejetar-se do bosque onde u\_meninar da eternidade brinca com as suas pedrinhas (alusão de Parmênides), para adentrar uma vida-do-ato nas artes e no mundo dos artistas, que só adquire alguma dimensão de possível quando, para mim, cobre o poder de simplesmente não-fazer, ou do ônus de insinuar algo ao não-ser por quem convida na pretensão do ato.

De um “todo-tempo” ou “todo-do-tempo” no domínio do “não”, como reconhecimento de quem nunca saiu e que descoincide para qualquer efeito de suposta escolha/recusa; um lugar de estar-no-não (estar-nem-aí), de ser-o-não como variante no processo escuro de não-ser e não uma forma de pensamento/linguagem/filosofia: se o “não”, sobretudo em Agamben, é um operador no tablado da história, desempenhando uma função de dissonância/dissociação de potência aos atos fixados, esse “não” como pretensão de potência da história, opera mais próximo de uma dimensão do ser (na relação com a história), em vez de qualquer aproximação fortuita, em outro tablado do impensável “não-ser”.

O “não” que me apóia está distante da dialética, é um “não” da magia e bem diverso da oposição na consciência, na história etc. É um “não” que antecede o tratamento que o “discurso” (em sua permuta que o sujeito opera sobre uma “verdade” anterior que excede aos mortais) é submetido, na poesia (“verdadeiro” segundo as Musas que acompanham Apolo e afiançam de sublime a intuição do poeta) e na filosofia (verdadeiro segundo os critérios próprios ao Lógos). É também um “não” contra os deuses da Pólis.....

“É também Zaffaroni quem afirma que a criminologia não ‘começa’ na virada do século XIX para o XX, mas no saber/poder médico-jurídico introduzido pela Inquisição. Para ele, O Martelo das Feiticeiras seria o primeiro livro de criminologia, os demonólogos seriam os primeiros teóricos e os exorcistas, os primeiros clínicos.”<sup>70</sup>

Em que pese às tentativas “teóricas” e “clínicas” de reabsorção aprisionante por caçadores da Pólis, o “cuidado” e a “proteção” de si não são elementos fortuitos que se sucedem na Cidade-Estado, antes, é o radical da Pólis dos poetas (Ilíada, por exemplo) que faz surgir um conjunto de procedimentos políticos (“cuidado”) que se

<sup>70</sup> Vera Malaguti Batista, Introdução Crítica à Criminologia Brasileira. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

espelham no Ideal para definir um modo de existir enquanto relações de “proteção” da Cidadania.

Para um mundo abandonado pelos antigos, o amor (não é o “eu-emocional”), a alma (não é o “eu-individual”), o corpo (não é o “eu-biológico”), a duração da vida (a “fortuna”, e não o tempo-cronológico do “eu”), além da beleza, da justiça, da verdade, da morte... todos são campos efetivados em si mesmos e que derivam efeitos sobre os demais corpos: éros, psychês, dentre outros, não representam algo para um “eu” (individual, emocional, interior) – ao contrário, personificam, em si mesmos, forças arcanas que emprestaram Ordem (Khósmos) à vida.

O corpo, a dor, a febre, o medo, a morte, por exemplo, não representam uma “interioridade” biológica a ser “cuidada” (tomar a enfermidade como objeto do “cuidado”) – de modo que serão necessários alguns séculos até que os Alquimistas medievos escavem as “origens” no corpo morto (M. Foucault, alhures, em *As Palavras e as Coisas*, já observou que antes da incisão que procura algo “dentro” do corpo, é preciso acreditar que o corpo é “meu”, e não um artifício cósmico, que o corpo sou “eu”, e que, para não buscar fora, nas negociações junto aos deuses, é de “dentro” do corpo que provém o que “eu” sinto), e possa, então, romper a proto-evidência de um discurso-Médico (no século XVIII), a partir da anátomo-físio-patologia... e chegar, com a tecnologia inaugural do século XX, aos instrumentos que atravessam a opacidade da carne, investigando os órgãos desse corpo ainda vivo (como fotografias estáticas, ou em tempo real, com fMRI etc), realizar transplantes de órgãos etc.

Por conseguinte, “curar” a febre, tratar a dor, aliviar o medo não significava propor uma intervenção sobre a “minha” febre, a “minha” dor, o “meu” medo (do “meu” corpo, mas que se expressa em/atraversa esse corpo) – de modo que, gradualmente, essa prática de cura-rítica-mítica (que acessa e media relações de forças não administradas como experiências) foi substituída por um “discurso” sobre a cura, sobre os deuses de cura e sobre a verdade que os deuses de cura possuem, um “discurso” sobre o corpo mítico (soma), um “discurso” sobre a vida, relações entre “discursos” etc.

Aquela cura ancestral, que antes estava difusa nas práticas antes da Pólis, tornou-se monopólio/captura da “saúde” nos Templos dos Asclépiades, nas mãos dos Sacerdotes de Asclépio e suas Escolas Médicas: antes conduzida nos ritos e múltiplos zeladores do mágico, tornaram-se discurso, lógos, técnica, saber e conhecimento por conhecimento, de um sujeito estritamente definido por uma vida como Pólis.

Para um anarquista, a problemática rítica não diz respeito ao ampliar político da estrutura da Pólis (da abrangência do poder concentrado pelo número de equipamentos e de contingentes especializados), da “assimilação” de grupos de corpos na estrutura hierarquizada pelo vetor de “cuidado” da Pólis, submetido ao monopólio da cura pelos Templos de Asclépio; não se trata de ampliar o efetivo de Polícia e de Hospitais, de formar mais e melhores médicos, de formar mais e melhores governantes, de formar mais e melhores cidadãos.

Enquanto a Cidade-Estado, portanto, “cuida” e efetiva o seu modo temporalmente legítimo (o tipo mais “verdadeiro”, o mais “adequado”, o mais “correto”, no enquadramento de um possível universalizado) de comportamento e de convivência, em substituição a todas as demais intensidades, sensações e afetos que não estão submetidas (sub-jectum) ao seu objeto/projeto de política e de possível; essa é a “organização” de uma Cidade que só enlaça (que oferece “cuidado”, na substituição do imprevisto arcano-obsuro do amor), nessa medida do que forja um saber geral a propósito do que é “melhor” para todos os outros (que alega um saber “de quem” e “do quê” cuidar, para alcançar uma finalidade específica – “de como” cuidar), e que impõe,

na via do controle e da repressão políticas, a verdade institucionalizada da preservação da “vida” e da convivência determinada como “possível” – a máquina de atualização em nome “possível”, assim, com educação, psicologia, medicina, direito etc, adentra a pretensão de “governar” todo o “virtual”.

Em tempos onde experimentos titulares/autorais de vida, do “auto-governo” de si e do próprio “disgoverno” de si, estão submetidas à escravidão simbólica do Estado-Capitalista (o Capitalismo “cuida” das necessidades distribuídas no tempo, reabilita os vícios dos presos e drogados em vista de retê-los no exaurir dos corpos que produzem-e-consomem); onde fracassaram as “grandes narrativas/utopias”, ou os próprios “valores” desintegraram-se em meio a sua especulação abstrato-transcendente com anseio de arregimentação social (ou ainda, os princípios dito por “universais”, vide a democracia – esse precário “valor” por meio do qual se opera no governo livre dos “melhores” e os seus respectivos “livremente” postulantes como os “melhores” representantes das grandes coletividades uniformizadas/institucionalizadas, a partir de um melhor-de-si para um melhor-de-nós, das suas virtudes públicas, das suas excelências, das suas aretés etc); para além das postulações no horizonte da resistência à sujeição, ao assujeitamento e à dessubjetivação, é competente lembrar que o “sujeito” (dos antigos e dos modernos) já é uma prática de subordinação ao “discurso”, nessa modelagem de enfrentamento a tudo que os privilégios aristocráticos vislumbravam como os selvagens, os silvícolas, os bárbaros... o ponto de tensionamento, quem sabe, seja mais amplo que liberação, liberdade e libertinagem do tal “sujeito” que se move com seus enunciados de Ordenamento (Nómos) e de Ordenação (Khósmos); quando ainda nos referimos à Paidéia, como essa máquina sofisticada de uma “formação completa”, dissemos que essa intenção falhou, da Paidéia na saúde (como um tipo de busca holística) e na política do ser humano com o “melhor” de si – em termos de preocupação com o tudo e o bem-comum de todos –, exatamente ao constatarmos que há resistência e não adesão, enquanto outros não foram identificados-capturados, nesse tecido de uniformização helênica-pedagógico-civilizatória que ainda incita nossos sonhos tardo-modernos.

No que tange esse formato de “encantamento” igualmente mítico, quer-se, em inúmeros contextos, ratificar que somente a Pólis oferece “cuidado” (contra o kháos), “proteção” (contra os bárbaros) e “convivência” (juntos aos melhores, os virtuosos, os dotados de excelências, os civilizados, os cidadãos); em um tipo de “autoridade” que também se alastra de forma ampla no Estado como dispositivo de Ordenamento-Ordenação, é a Cidade-Estado, do tipo Capitalista, que ao final do seu calendário civil, “cuida para incluir todo o cidadão nos festejos de fim de ano, que todos tenham uma refeição farta de Natal, roupas novas e presentes”: essa aspiração situa-se em um conjunto de políticas específicas onde o cidadão antes endividado é reabilitado ao mercado de compras e de ulterior endividamento-/aprisionamento-progressivo através de novas cartas de crédito (é a metáfora das impossibilidades, com uma que se distribui, anualmente, na produção de sementes abrigadas em casas do xadrez, a partir de uma seqüência de acumulo onde o motor da produção exige um “valor” de retorno em dobro para investimento sempre progressivo, de modo que o resultado não cabe no espaço do tabuleiro e as próprias sementes não se encontram disponíveis no mundo real cultivado – de maneira que, em determinado momento do indisponível no presente, coloca-se a produção futura como garantia, tornando-se um devedor sem solução de saldo, a medida que a necessidade “progride”: Casa 1, 1 semente; Casa 2, 2 sementes; Casa 3, 4 sementes; 4 – 8 sementes; 5 – 16; 6 – 32; 7 – 64; 8 – 128; 9 – 256; 10 – 512; 1024; 2048; 4096; 8192; 16384; 32768; 65536; 131072; 262144; 20 – 524288; Casa 32, apenas a metade de um tabuleiro de 64 posições, já demanda a produção de

2.147.483.648 sementes; Casa 54, e o Planeta consegue suportar uma única produção anual de 9.007.199.254.740.992 sementes? Ainda faltam 10 Casas... onde serão cultivadas? Outro Planeta na continuidade do valor estipulado?).

Essa estratégia com juros camuflados na extensão da longa dívida, que permite admitir o devedor na posição de comprador, a medida que esgota todas as forças humanas em uma engrenagem pesada nas jornadas de trabalho (de mais-valia para o tal acumulador de sementes e de salário míngua ao trabalhador endividado pela vida inteira, até a morte), também imobiliza acontecimentos, multiplicidades, instabilidades, intensidades, forças, sensações, energias (energeia, potência), nessa *conduta resignada* do sujeito-cidadão que assimila as fronteiras dos dispositivos disciplinares, reconhecendo para si uma tal “identidade” nos regimes de dominação: sujeito de conhecimento, sujeito de verdade, pai de família, homem honesto e responsável, trabalhador dedicado, funcionário proativo etc.

A bruxa-feiticeira não requisita esse papel de “sujeito” e o seu respectivo “discurso” dos tais “sujeitos” para interferir sobre o mundo – “Uma vida sem pensamento é totalmente possível (...) Homens que não pensam são como sonâmbulos” (Hannah Arendt); “sonâmbulos” como quem dorme para a verdade fulgurante da razão, ou do sonho (da fortuna) cumpre a si mesma, alheia ao ato, ao sujeito e à consciência: o chá da bruxa não contem os princípios verdadeiros de uma suposição de “epistême” por meio dos quais a vida conduz-se por ideais imutáveis; o riscado da bruxa nos céus dos tabuleiros ou nos corpos padecidos-de-Pólis não precisa de uma tekhné/saber-fazer habilidade-atividade/arte-ofício do artesão, onde um sujeito detém o conhecimento acumulado que arbitra sobre a vida “ineficiente” de quem não o tem; a bruxa não é o sujeito que produz uma doxa leviana, que se entrega ao narrar imediato das aparências: os olhos da bruxa são caldeirões...

“A origem da palavra bruxa é fascinante. Embora sua origem linguística seja atribuída aos usos pré-romanos, apenas porque se desconhece a sua origem no latim, a sua aparição faz-se durante a fase da perseguição da Inquisição em Espanha. A sua gênese linguística e antropológica surgiu da identificação que se fez, então, entre a bruxa e os sapos dos pântanos. Existe um sapo chamado bruca, que foi aplicado às mulheres que praticavam as artes da goetia. O bruca é um sapo dos pântanos que condensa a idéia, muito em voga em Espanha, de que a bruxa vive nos lugares isolados da terra [mulcetão, sertão, as terras distantes], como o Caim bíblico, onde o ser humano normal não pode viver. Neste sentido a bruxa integra-se num mito europeu de origem xamânica, que acredita que ela habita ‘entre os mundos’: de um lado o mundo civilizado e do outro o mundo sobrenatural [a província, o continente, a civilização versus o sertão, o distante]. A palavra inglesa *hedgewitch* assemelha-se, na sua filosofia, ao da bruxa ibérica. Ambas sugerem que o limbo geográfico e espiritual é o território sacro da Bruxaria. Como o anfíbio, ora vivendo nos recessos escuros dos pântanos e rios, ora à superfície luminosa da terra, crescendo através de um processo de metamorfose tripla, irá constituir o modelo ideal para representar a titular de uma arte sagrada e esquecida, cujos contornos espirituais estavam em completa oposição ao Cristianismo. A bruxa, vista pela analogia do sapo, ilustra sua permanente transição visionária entre o mundo terreno e o submundo.” – Gilberto de Lascaris

O poder (e o perigo) da bruxa que está à margem do povoado, na rusticidade imperceptível entre seus fios cinza-brancos irregulares, de sentimentos ou lugares identitários incompreensíveis para rugas perturbadoras da velha esqualida, de grunhido de todos os dias como quem chora essa casa inteira sem objeto nenhum (nenhum a faltar), dessa não é uma filha da palavra mas um exercício arcano de abrir um campo de usos imprecisos, de lavar a palavra de seriedade e, no seu absurdo, explorar os fios do seu máximo, até gerar desacordos e desacontecimentos no som, confundir por

intensidade e desterritorialização, desviar o áion na anti-pureza do sensível para gerar o que nunca acontece... um contra-tempo d'outro lugar que avessa o ser.

Observa M. Foucault, na aula de 24 de fevereiro de 1982, em *A Hermenêutica do Sujeito*:

“(…) Não posso deixar de pensar que há uma figura cuja história seria interessante realizar porque ela nos mostraria, penso eu, como se colocou o problema das relações entre saber de conhecimento e saber de espiritualidade, do século XVI ao século XVIII. É evidentemente a figura de Fausto. Fausto, a partir do século XVI (isto é, a partir do momento em que o saber de conhecimento começou a fazer valer seus direitos absolutos sobre o saber de espiritualidade), é aquele que representou, creio, até o final do século XVIII, os poderes, encantamentos e perigos do saber de espiritualidade.

(…) Lembremos do que diz Goethe: Filosofia, ai de mim! jurisprudência, medicina, e tu também, triste teologia!... eu as estudei, pois, a fundo, com ardor e paciência; e agora eis-me aqui, pobre louco, tão sábio quanto antes... Eis aí um saber que precisamente não é o saber espiritual. É o saber de conhecimento. Desse saber de conhecimento, o sujeito nada pode esperar para sua própria transfiguração. Ora, o que Fausto pede ao saber são valores e efeitos espirituais que nem a filosofia, nem a jurisprudência, nem a medicina podem lhe dar. Nada temo do diabo, nem do inferno; mas também toda alegria me foi tirada [por esse saber; anota Foucault]. Doravante só me resta lançar-me na magia [dobra do saber de conhecimento sobre o saber de espiritualidade; anota Foucault]. Oh! Se a força do espírito e da palavra me desvelasse os segredos que ignoro, e se eu já não fosse obrigado a dizer penosamente o que não sei; se, enfim, eu pudesse conhecer tudo o que o mundo esconde, nele mesmo, e, sem me apegar por demais a palavras inúteis, ver o que contém a natureza de secreta energia e sementes eternas! Astro de luz prateada, lua silenciosa, digna-te pela última vez lançar um olhar sobre minha dor! [...] Tão freqüentemente velei a noite junto dessa mesa! É então que tu me aparecias sobre tantos livros e papéis, melancólica amiga! Ah! Não pude, sob tua doce claridade, escalar as altas montanhas, errar nas cavernas com os espíritos, dançar sobre a relva pálida das pradarias, esquecer todas as misérias da ciência, e banhar-me rejuvenescido no frescor de teu orvalho! Pois bem, creio que temos aí a última formulação nostálgica de uma saber de espiritualidade que desaparece com a Aufklärung e a triste saudação ao nascimento de um saber de conhecimento.” (pp. 277-278)

Nessa esfera do feitiço-do-não e seu “psikismo” da sombra (jamais uma “psicologia”) da velha-bruxa, penso no que Vó-Biú assevera: “sái desse facho de luz, menino: vai pela sombra”... “sái desse buraco no mormaço do sol”... “avia desse sol quente, cê vai murrer”... “repára as quebradas da sombra, pela beirada do muro da vizinha”... “pra módi que esse braseio te esfola, menino: se atrepa na sombra do pé de pau”... “vôti sol desgraçado de amolecer o juízo”... etc.

Longe dos deuses das águas: fora das chuvas, fora dos mares. Na colina, uma fazenda de cactos que fustigam o sol. Era uma vez, o meu Sertão – como personagem. Era uma vez, a Morte – não um personagem, mas o território. O Sertão curva-se diante da Morte, que é maior, bem maior do que ele. Quando se tomba, para os lados, ou para baixo, é sempre Ela que(m) (o) encontra. O Sertão é apenas uma tentativa que se arrasta no Tempo, atravessando a Morte – sem que Dela jamais se fuja, tarde, console-se.

Era uma vez, naqueles sonhos frios que habitam a noite do Sertão: quando tudo se cala, é o Sertão que delira, que fustiga. Fora da Modernidade, fora da Civilização, havia quatro filhos, quatro Casarões, suas potestades, suas descendências. O cheiro do café torrado inunda a tudo... Perto do rio, sob as estrelas que guardam os carnaubais, as criações de olhos incendiários espiam o terreiro imóvel. Havia aquela mulher que trazia na alma o sussurro dos quatro fundadores, e seus filhos guardavam o destino daquele povo. Naquele chão, viam-se as marcas que o Diabo deixa para trás, com sombras e grunhidos. Não havia luz, comunicação, apenas o surfar da ventania mais selvagem.

Eu vou te contar mais daquela estória que contaram para mim, que é daquele mundo distante, nos confins Siará Grandi. Cruze o fio d'água, peça a benção ao Tio Mudito, sente aos pés da Vó Tuí, e, novamente, de volta ao monumento do atemporal, estaremos próximos daqueles que jamais foram enterrados em sua pátria, dos migrantes tropos rumo ao açude do Quixeramobim, das assistentes-parteiros, do conselho de rezadeiras-benzadeiras, do chão onde foices e enxadas riscam de fogo, onde bolas de fogo explodem ao final da tarde, um povo com os dois lados esquecidos.

Venha escutar o Mito e descobrir as passagens que o Lógos não é capaz de realizar. Um exercitar de impotência e de indeterminação, além da imaginação e da fantasia, para brotar imagens do mundo:

“O espírito da profundeza ensinou-me inclusive a considerar como dependente dos sonhos meu agir e meu decidir. Os sonhos preparam a vida e eles te determinam sem que entendas sua linguagem. Nós gostaríamos de aprender esta linguagem, mas quem é capaz de ensiná-la e aprendê-la? Pois só a erudição não basta; existe um saber do coração, que dá esclarecimentos mais profundos. O saber do coração não é possível encontrá-lo em nenhum livro e em nenhuma boca de professor, mas ele nasce de ti como o grão verde, da terra preta. A erudição pertence ao espírito dessa época, mas este espírito não abrange de forma nenhuma o sonho, pois a alma está em toda a parte onde o saber ensinado não está.” – Jung, O Livro Vermelho (pg. 233)

A passagem da Vó pelo juízo alheio, não abafa outra mulher, numa casa acolá das poças, ao gritar que se o menino procure sempre o-quê-fazer (repetir-se e ocupar-se do ato/khresis do ato, nada com a psykhê nos antigos), em uma necessidade contínua para não ceder às tentações do diabo que visita o ócio. Nas taipas de Vó-Biú não se tem que fazer-alguma-coisa (no mundo do ato, do atual, da atualização): pode sentar em um tamborete de pé remendado, e reparar as portinholas e abas fechadas das janelas, enquanto houver passarinho fugindo do sol; o recinto é fresquinho porque o vento não traz a luz: no meio da fumaça densa e perfumada, café-de-donzela torrado em um fogão a lenha, somente os vultos dos caboclinhos vivos e mortos.

Assim, quando se diz que “estamos-sombreados” (no Mulcetão), em contraste-solar (aos praieros) do “estamos-mareados”... trata-se de um discurso catafático ou apofático? No mundo das estrelas que agasalham as estrelas de Vó-Biú, sempre que fugindo do sol para um alpendre no escuro das madeiras e paredes duplas na largura, se o sujeito é pegue incandeiado (essa neblina-da-subjetividade), por outro lado, a pretensão de saída lateja com um eterno-amolecido porquanto aquele sol-espoletado da ruela nunca anima – essa luz toda que apenas enfada, daquele sol de fazer o juízo do homem quarar enquanto tomba os bichos, desse mundo onde nenhum primo quer “um lugar ao sol”. Então, o que se sucede aos corpos quando se opera outro giro no presente, com os caboclinhos do Sertão/Mulcetão/Sertão...?

“A má notícia é que você  
está caindo através do ar,  
nada para agarrar,  
sem pára-quedas.  
A boa notícia é que  
não há chão”.  
– Chögyam Trungpa

Acreditar em tesouro, ou potencial como referência de um “si”, e quisera supor um complexo ou uma sombra como “linguagem”, são apenas atentados, duplo e não óbvio, ao contemporâneo da sombra, ao contemporâneo do amor: o tal potencial infere que não há presente de invenção para o corpo quando todo o presente é mera

atualidade/atualização... o segundo, esse mais divertido, atribui que há presente na linguagem, exatamente para que não possa haver corpo. Restaram quaisquer marcas do outro tempo e do outro mundo, do potencial e da linguagem: escarificações, somente; quando a sombra, para ambos, não é condição da vida-sem-humanização ou do corpo-no-Fora-na-Forca.

A eternidade do Oriente aprisiona no Himalaia, em outro pólo que cessa qualquer “potencial de si”, nos corpos retidos de centenas de alpinistas e sherpas em cemitério de abandono a céu aberto congelado: para confirmá-los em seus vôos finalizados com vestimentas e equipamentos apropriados, trata-se de um densificar para o escuro na ética do negativo, escuro do tempo para desidentificação e monstruosidade do que não se captura, silhueta não-antropomórfica e de copy-left, espriada quando não apenas se recusa... ops, “recusar” o opaco no lugar comum, e não recusar a intensidade (potência-do-não), ou revirar os atratores de uma vida como ato e de um materialismo no corpo; trazer os caboclos para uma trama da aranha onde tudo reverbera dos fios mais distantes aos mais próximos, avessá-los nas esquinas labirínticas, e costurar nós de fuligem e de encruzilhadas fechadas: aqui, onde novamente se morre, com a aranha que também mata e não apelas desliza na superfície... e assim, se machucando gratuitamente na fuligem da diferença, cair da pergunta sobre “o que é/para quê?”, para um “que pode/potência?”, rasurada por “qual a eternidade, o eterno?”. Um diapasão de arké e de áion – mais do que um sublime, mais do que um transcendente.

“(…) Amantes são meninos estragados  
pelo mimo de amar: e não percebem  
quanto se pulverizam no enlaçar-se,  
(…) E eles quedam mordidos para sempre.  
Deixaram de existir mas o existido  
continua a doer eternamente. (...)”

o dR.rummond pergunta:

oi, qual o (teu) eterno?!

o dR.rummond pergunta:

ei, que diabolos é o fim de Éros (do amor) se não há o-fim para Kháos?!

o dR.ummond está

suspenso,

entre o

“como”

...não-conseguir...

...não-aceitar...

...não-poder...

...não-fazer...

.....não-dirigir, não-pagar, não-pegar, não-tocar, não-beijar...

e o

“nada” que é

apenas outro

registro do

escuro.

(nessas investigações seminais, onde se *desprende* que a indicação da razoabilidade na “potência-do-não” está no próprio limite da lucidez e do inteligível – esse alcançar, portanto, do silêncio nos procedimentos da linguagem: esbarrar o “não”, talvez, antes de perfazer um não-amar, ou, quem sabe, arredar no consentir para um não-matar; um “não” que oscile de vazios mais do que se converta em uma tônica de discurso, que gere combinações imprecisas ao pensamento-linguagem sobre Éros e Thánatos, superfície de amor e morte... com o objetivo de fracassar o que se efetiva na concentração da vida na “palavra” e sua necessidade ulterior do repúdio em fugas corroídas por um “não” já delimitado no confinamento? O escuro reproduz mais escuro-discursivo...)

“(…) As in the oldest Grecian Cosmogony, differing widely from the later mythology, Eros is the third person in the primeval trinity: Chaos, Gaea, Eros (...) Erebus and Nux are born out of Chaos, and, under the action of Eros, give birth in their turn to Ether and Hemera, the light of the superior and the light of the inferior or terrestrial regions. Darkness generates (...)”

H.P. Blavatsky, The Secret Doctrine, Vol. 1  
<http://www.sacred-texts.com/the/sd/sd1-1-06.htm>

...*éros alethéia aeion*, também escuro desordem atemporal:

...entre a “desordem” do pensamento e a “desordem” da rua,  
e/ou... uma rara “desordem” intestinal (no sentido de uma enfermidade)...  
e/ou... uma família em “desordem” dos papéis (no sentido de fracasso)...  
e/ou... uma situação emocionalmente “desordenadora” (no sentido de excessivo)...  
e/ou... uma omissão que causou “desordem” na rotina (no sentido de sabotagem)...  
e/ou... um evento que criou “desordem” na via pública (no sentido de tumulto)...

...e, assim, no deslizamento da Direita patriótica,  
do progresso versus desordem como “regresso”?!  
(ver música do Trinca Flow, “desordem e regresso” –  
<https://www.youtube.com/watch?v=eqX-O5W2Vaw>)

sem liderança, ideologia e repressão fortes, diz-se que há prática da “desordem” mor(t)al...

...e ainda consideram que “governos” e “poderes” do “Estado” não tratam de um mito de Khósmos/de Ordem?

Duas breves reportagens, veiculadas nas grandes publicidades da Direita brasileira que supervisiona as transgressões locais:

Thomas L. Friedman (julho em 2014) propõe que para manter a “ordem” do mundo como um “valor” (operador transcendente), os países fortes devem armar e financiar os ditos estados frágeis (como se houvesse, em qualquer parte do mundo, um Estado que se defina “fraco” nas suas operações), de modo que o “modelo” da América possa garantir a rubrica de sua violência armada, impor seu arsenal nos bolsões de “revolta” sobre o mundo, nos espaços míticos do “aqui”...

“(…) Eu venho argumentando que a grande divisão no mundo atualmente é entre o mundo da ordem e o crescente mundo da desordem. Se você estiver anotando em casa, mais um país acabou de ser adicionado ao mundo da desordem (...) Haverá mais disso. Não é mais fácil ser um país. Não há mais a Guerra Fria para escorar, armar e financiar Estados frágeis. (...) Hanks tenta argumentar com o sequestrador somali, dizendo para ele: ‘Deve haver outra coisa fora ser um pescador ou sequestrar pessoas’. E o sequestrador responde, ‘Talvez na América, irlandês. Talvez na América’. (...) Já existem pessoas demais no mundo

dizendo: “Talvez na América, mas não aqui’. Nós não precisamos de mais (...) fora do mundo da desordem (...)”

<http://noticias.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/thomas-friedman/2014/07/31/divisao-atual-e-mundo-da-ordem-e-mundo-da-desordem.htm>

Caio Blinder (setembro em 2014) distingue que a problemática da “ordem” não coincide à preocupação da “lei”, quando retoma um papel “regulatório” atribuído aos Estados Unidos como Império do mundo civilizado – ou um tipo de poder (régio-pétreo-patriarcal) que se reconhece capaz de influenciar/interferir/impedir a destruição entre seus agregados e/ou subordinados, nessa perspectiva de uma “ordem mundial” às vistas do século XVII.

“(…) Henry Kissinger é homem da ordem, nem sempre da lei. (...) O mundo está uma desordem com as convulsões no Oriente Médio, o revanchismo de Vladimir Putin e a China ensaiando sua expansão geopolítica, além da econômica, no Pacífico. Tudo isso diante do retraimento dos EUA depois da hegemonia que prevaleceu após o triunfo da Guerra Fria (...) Nenhuma surpresa que Doktor K atribua a uma nova desordem mundial, antes de tudo, ao desmonte do estado. Na Europa, é um projeto supranacional, enquanto no Oriente Médio é a desintegração do estado em conflitos étnicos e sectários (...) Não se trata de amoralismo, mas do seu tema familiar que a balança de poder não emana de indiferença aos princípios morais, mas do imperativo, igualmente moral, para impedir que os estados destruam uns aos outros. O conceito de ordem mundial descende do sistema de Vestfália, montado depois da brutal violência religiosa que afligiu a Europa na Guerra dos 30 Anos (1618-48) (...) Doktor K não esconde suas prioridades na escala de inquietações. Em entrevista à rádio pública americana, a NPR, ele disse considerar o Irã um problema muito maior do que os terroristas do Estado Islâmico.”<sup>71</sup>

Também afirma um ministro-do-sepulcro-constitucional, eminente guardião do Estado que se desintegra no convencimento para a sua violência que não cessa: “Quando a gente vê que uma figura secundária [de um processo complexo de corrupção] se propõe a devolver 100 milhões de dólares, nós já estamos em um outro universo, em outra galáxia”. E dessas outras galáxias paralelas, resistindo às khósmopolíticas e às khósmós-grafias, expele-se um campo de an-arké que materializa no “phantom” (de fantasia/lunático-errático e de fantástico/mulcetão), e oferece sensações, no formato, por exemplo, de um desenho-animado de anti-Khósmos (criado por “malice”, dirigido por Vince Collins) à pletera dos contra-temporâneos: <https://www.youtube.com/watch?v=R2BAeh8wZLI>

“o pensamento se faz na boca” (Tristan Tzara?)

“o pensamento se faz n[...]a boca” (Tristan Tzara?)

“o pensamento se faz n[o mar (o sertão, o amor etc) que devora um tempo sem chuva que nunca passa...]a boca” (Tristan Tzara?)

“o pensamento se faz n[...]a boca” (Tristan Tzara?), e não entre as cercas estáticas:

Mas na poeira banhada em Juá esfregado no corpo, com os fios de um ninho em coque penteado no óleo queimado de côco... e do pé de Mutamba para uma quartinha de barro remendado, onde dorme a mistura de cascas e raízes em boca vedada com pano desbotado: contraste itinerante do marrom e do azul; vago (não-vazio) nesse remendo transparente dos paus que dançam...,

<sup>71</sup> Ver: <http://veja.abril.com.br/blog/nova-york/primeira-impressao/henry-kissinger-e-a-desordem-mundial/>

...um saber guarnecido na divisa dos Marmeleiros onde também a Jurema foi raspada de poluição e especulação fundiária, a

quebrar-se, de fazer pena;  
ainda a-boca suja das travessuras:  
escrever, como quem lambe.

“(Não) dou (nem) meu cu pra cheirar porque não é rosa”, escutei na rua – e desconheço como a frase chegou aqui; deve ser uma coincidência tardia, uma segunda frase do garoto-anarko que explodiu seu deslocamento; da barra de aço que atravessou a bicicleta (e do “e-porque-não?!”), que me chegou por aqui, estilhaço no texto, quando é a boca que se sugere.

Assim foi o ready-made de Marcel Duchamp: somar um espécime qualquer (visual-textual, objeto não-sacer, objeto impuro), com um juízo que o nomeia de arte (arte é a tessitura de intensidades por micro-cérebros difusos sobre a vida, a là G. Deleuze), com um expectador dito “qualificado” (interessado) para reconhecer o juízo (e não o objeto) de arte (coleccionador, galerista, curador, crítico, artistas, público especializado), com a mediação de uma instituição que fornece algum tópos na vida da Pólis para objetos (e não juízos) de arte (festival, mostra, exposição, universidade, jornal). então, se dá um augusto-avesso, ou anti-profanação: tornar sublime o sujo, escandalosamente.

eis a minha dissertação, bebe: a ready-made-thesis, ou exausto de ser um “eu”.

bisous,  
cu-jump, nice meeting you  
(Andy Cüdchamp)

Postscribere:

“(...) há por todo o lado forças que constituem microcérebros, ou uma vida inorgânica das coisas (...) É o cérebro que pensa e não o homem, o homem é só uma cristalização cerebral (...)” – Gilles Deleuze e Félix Guattari, O que é a Filosofia... OU <https://www.youtube.com/watch?v=nEQNgxnASjA>

F. Nietzsche não foi o “último” dos homens, enquanto estivermos “suspensos” nessa trama de superfícies-imanentes sobre o vapor no real do vulcão: ainda somos, em larga medida, *abandonados* a experimentar o limite da linguagem (vagueando) saboreando a si mesma, quando a palavra corrompe os diagramas da gramátika e torna-se poesia... Sem mais nada, cá estamos, vitrificados: somos niilistas, pessimistas, materialistas, decadentes, rizíveis; fascinados, por assim dizer, ao que adentra o campo do ato-come-vida para encontrar coisa nenhuma, assim permissivos à hierarquia “despretensiosa” que se reclina para o ato até chegar ao ato-qualquer – sob o preço de não permitir (ainda Ordem, outro Khósmos) que se rasgue a trama, os fios costurados – os tais axiomas “lentos que somos”, em Deleuze;

que possamos manter o tal mínimo de “cuidado” para que Ninguém esgasse ou descarte, e que se garanta o eterno-cuidar dessas tramas aracnídea/pegajosas da imanência... nada da crueldade, de Artaud e dos Titãs/do Tártaro, apenas a ferida da aranha.

Antes dessa Medicina para uma finalidade (Filosofia como medicina da alma-correta, e Asclepiades como medicina do corpo-correto), o saber médico já se

experimentou como um tekhné/arte, e assim perdurou, de modo prático-artesanal-mítico-experiencial, do mundo arcano até o século XVIII (atravessando os Alquimistas, com sua Ciência-Espiritual), enquanto um processo sem inscrição antecipada de finalidade universal – onde o usuário atribuiria não apenas sentido próprio à sua vivência, mas iria percorrer/navegar diferentes condutas a partir dos modos como se enlaçava da sua mitologia de cura.

Ainda conforme tal perspectiva de sutileza relacional na Pólis, talvez possamos adentrar o contemporâneo dessa experiência que admite zonas escuras nas bifurcações propostas de um pensamento paleativista – resguardada as tentativas, mesmo naquela seara, de mais disciplina, de mais hierarquia, de mais captura a pretexto de maior ou melhor “vida”; na admissão, por exemplo, dessa tentativa da Modernidade para alocar a Medicina no campo da práxis (da prática com finalidade), ladeando o paradigma técnico-tecnológico da “evidência” no mesmo horizonte epistêmico onde figurava a ética e a política dos homens.

Portanto, nessa experiência dos Modernos que vislumbram um saber-médico no patamar de forma de governo e disciplina de si (tal como a política e a ética dos antigos), sob a finalidade (por meio das “evidências”), enquanto delimitação do corpo, na produção serializada de “controle” e “saúde” nos termos de “mais-vida”; para essa Medicina que se insere no amplo consórcio dos “cuidados” da Pólis – onde “cuidar” é governar condutas, e governar é controlar para uma direção/resultado –, que adota uma interpretação particular do mito arcano, com o parâmetro de especificação no “ato”, onde o-cuidado confere uma forma-humana e uma função-de-habitar a natureza. Se o-cuidado é quem empresta “forma” (formata, deforma) ao hummus, nesse vislumbre d’o-cuidado perfazendo o “humano” (que detém consigo a matéria-prima da terra sob a estrutura de funcionalidade atribuída com o-cuidado); a despeito da psychês (outra zona de ocupação arcaica da singularidade), exatamente no mesmo mito, tomada emprestada de Júpiter (o Zeus, dos gregos), a ênfase dessa narrativa está nessa obrigação d’o-cuidado ao definir uma “formatação” do hummus em vista (com a finalidade) de certo “desempenho” na natureza.

Já implícita nessa interpretação da “prática” de cuidar, há um modelo de formatação/finalidade (portanto, diferentemente da arte/tekhné mais amplas) que se pretende organizador dos homens (junto a ética e a política), de um saber que se desloca das “curas” (relações com sonhos, divindades etc) aos “cuidados”, deslizando a “saúde” do eixo mítico-khósmico à “cidadania” (pólis-cidade). As artes es-curas assim enquadradas no espaço do claro da técnica sócio-gregária.

É também nessa barricada que as texturas de imanência, segundo os tensionamentos dos contemporâneos, retomam uma via tentativa de criação de si nos saberes médicos, contrapondo-se não apenas à ciência (etiológico) e à filosofia (lógos) como métodos, mas ao monopólio semântico brutal do pensar como o-cuidado, como ato.

No apelo dessas teias e rizomas, entre afetivo e poético sobre as fraturas do sensível, já se parte de um senso iminente de catástrofe: essa rara combinação “histórica” de um enfado para o nihilismo acumulado e uma experiência de mundo onde “nada” fornece qualquer êxito/realização duradoura. Não podemos deixar de “fazer”, insinuar diferenças – como demanda no tempo.

Por conseguinte, a priori ou a princípio (arkés), quando nada virá como “certo” ou “significativo” (metáforas últimas, das grandes narrativas totalizantes etc), enquanto esse fatalismo irreconciliável não chega a cumprir-se de modo profético, restamos perguntar, como quem tarda e quer profanar as ameaças do tempo: d’o-impossível (nada) onde abrolha um-possível (tudo), como inventar alguma potência para a vida em

vez do nada, como inventar uma vida de afetos alegres-de-vida e potentes-de-vida, que não seja o mesmo d'ó-cuidado sobre os corpos?

Retratada em certo documentário televisivo, como figura pretensamente oscilante entre o emocionalmente inquieto e o mentalmente transtornado, dir-nos-ia uma antropóloga de curiosa expressão de olhar: aturdidos, vivemos nessa “boca” incandescente (que não é passível de remissão histórica), essa ameaça de uma Pompéia sem halo de esperança, onde seremos absorvidos na poeira de qualquer da erupção... dançamos no vulcão?!

(pouco me importa se a vimos, ou se a sonhamos, se aquela mulher jamais existiu; se, afinal, nenhum relato possa efetivamente existir para além da sua, e nossa invenção.)

Em outubro de 2013, Peter Pál Pelbarte lançou “cartografias do esgotamento”, o subtítulo do novo livro com suas reflexões acerca do “nosso” tempo...<sup>72</sup>

Em setembro de 2014, a escritora Eliane Brum escreveu “Diálogos sobre o fim do mundo (Entrevista - Eduardo Viveiros de Castro e a filósofa Déborah Danowski)”, sobre um livro que pensa os desafios do “nosso” tempo...<sup>73</sup>

Ecoando das problemáticas Deleuzianas, em Pelbarte e Viveiros de Castro, alguém citaria a velha Legião (Urbana): “mas tenho muito tempo/ temos todo o tempo do mundo/ todos os dias antes de dormir/ lembro e esqueço como foi o dia”; de modo que uma mais velha Elis (Regina), talvez contrastaria: “quando eu canto a morte me percorre/ e eu solto um canto da garganta/ e a cigarra quando canta morre/ e a madeira quando morre canta...”.

Esses cânticos, encantamentos, sobre um *resto* de mundo onde se imaginaria recursos ilimitados (1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024, 2048, 4096, 8192... sementes) e experiências infinitas atreladas – talvez, o fracasso maior dos humanistas, nem tanto um Pro-meteu (corpo aprisionado) da representação e do sentido (da manipulação e conhecimento do fogo), mas quem se formula enquanto insuperável-atemporalidade-transcendente que dispõe de uma vida para si.

Embora o mergulho da sombra não circunscreva uma preocupação imediata com a Cidade, é suficiente fissurar a pólis-da-moeda como uma política-do-não? Quando se fratura o “ato”, na sombra da castração-primeva de onde somente-então flui o tempo, há também o advento da pólis (político) que permanece de modo intangível e inesgotável? Quando se generaliza (universaliza) que todo “não-agir” constitui em si mesmo um posicionamento na Pólis (político-econômico), pretende-se, de fato, afirmar que mesmo no espaço do Fora (limite do pensamento e da linguagem) também se perfaz essa tal Pólis/Política que ultrapassa (abarca e transcende como mito de anterioridade) pensamento-linguagem-Fora?

Assemelha-se ao tal sujeito do cógito, ou, no seu “melhor” de esclarecimento, à resistência contra a dissolução do tal sujeito histórico – dotados, ambos, de uma pretensão de poder, de consciência e de verdade inalienáveis; neste último, modo de subjetivação capaz de demandar uma luta estrutural anti-capitalista por acúmulo de forças e de consciência histórica das contradições; mobilização dos sujeitos trabalhadores, por exemplo, que se reconhecendo como operários da máquina de mais-valia, podem ultrapassar a lacuna pessoal/coletiva de consciência histórica circunstancial e cessar a mentira pública de que o “mercado livre” virá a extinguir a miséria.

<sup>72</sup> Ver: <http://barco.art.br/peter-pal-pelbarte-fala-lanca-livro-avesso-niilismo-cartografias-esgotamento/>

<sup>73</sup> Ver: [http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283\\_365191.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283_365191.html)

Nessa cota de imaginário por acúmulo de forças e de “sentidos” históricos, a partir de uma fé mítica no “advento” interpretativo chamado “sujeito histórico”, “sujeito do conhecimento histórico”, reside uma parcela da ficção dos Modernos e da Linguagem: uma confiança que não seria descontextualizada ao procedimento Renascentista e ao cultivo intelectual do bem-nascido (pelo menos, a sua condição fundamental do bem-esclarecido):

“(…) temos que explicar ao povo, à classe trabalhadora que a reforma agrária é necessária para ele se alimentar melhor (...) Esta aliança vai se fazendo através da construção de uma consciência coletiva de todas as classes trabalhadoras. Por um plano de lutas conjunto que envolva a todos na luta por mudanças sociais. E, sobretudo, num programa político de mudanças para o país que unifica todos os setores da classe trabalhadora da cidade e do campo. (...) As mudanças não vêm de palácios; vêm das ruas e de um povo consciente e organizado; sempre [?] foi assim na história da humanidade. E nós vamos seguir esse [?] caminho.”

João Pedro Stédile/MST, abril de 2014 –  
<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Stedile-o-neodesenvolvimentismo-chegou-ao-seu-limite-/4/30740>

“(…) A juventude não é apolítica, ao contrário, tanto é que levou a política para as ruas, mesmo sem ter consciência do seu significado. (...) a própria juventude mobilizada, por sua origem de classe, não tem consciência de que está participando de uma luta ideológica”

João Pedro Stédile/MST, junho de 2013 – <http://www.brasildefato.com.br/node/13339>

“(…) O futuro da juventude está justamente em desenvolver uma consciência como classe trabalhadora. (...) Precisamos desenvolver consciência de classe, e motivá-los para que se mobilizem, lutem. E como estão fora das fábricas, da escola, temos que desenvolver novas formas de trabalho político com a juventude (...) há uma massa enorme da juventude trabalhadora urbana que está em silêncio. Ou ainda alienada, iludida.”

João Pedro Stédile/MST, agosto de 2010 –  
<http://www.algoadizer.com.br/edicoes/materia.php?MateriaID=554>

Sob tal enfoque, a hipótese de “resistência” (ou da resistência como princípio) trata de incluir-se no ato hegemônico? A bravura da “resistência” seria, ao contrário, legitimar-se no ato menor-periférico? A direção na “resistência” sinaliza uma luta que aprofunda essa (brutal) condição de Cidade-Estado, de Cidadão, de Pólis? A fatalidade na “resistência” importa uma admissão do ato como novo soberano?

De perspectivas mais leves no imediatismo, uma “resistência” também possa evocar os (mais) distantes e (mais) esquecidos; não como discurso, não como memória, não como (sobre)vivência (de valor-vida como transcendência), não como invenção-potência de premissas circunscritas ao corpo; uma “resistência” que não seja apenas a tentativa de fixar uma aproximação do inalcançável, de fixar/atualizar o sempre-a-distar... modo de provocar que não é apenas “recordar” o distante no futuro ou no passado: trata-se de enfeitiçar, do movediço e do labiríntico: ou do ritus como uma franja de dissonâncias para a experiência.

A “sombra”, nesse recorte particular, como herança da linguagem e da cultura Européia (em sua feição neocolonialista, onde todo modelo legítimo do pensamento abriga-se, por exemplo, na história-dialética alemã ou nos pós-estruturalistas franceses), dessa heráldica que transborda como sujeito, consciência, materialismo histórico-dialético, consciência histórica, contradições, movimento de massas, estruturas, fim das estruturas e das grandes narrativas-utopias etc; de modo a escavar, não apenas a violência do Capitalismo, mas a pretensão do Estado como modelo de Ordem e Dignidade, como quem só consegue enxergar no Estado sua contrapartida de vida Moderna... Qual é o eterno em questão: o Estado?!

Assim desejam aos milhares os tais modernos, os sujeitos esclarecidos, os que se definem na consciência, na tomada de consciência, no (de)ter consciência de, na consciência de

classe, na consciência da história, na atualização da consciência, no desenvolvimento da consciência etc, em qualquer resíduo de auxílio messiânico: dessa fé no conhecer-verdade-liberdade, de uma posição de liberdade na consciência a respeito das contradições sociais e de classe (das estratégias de perpetuação dos lucros da bourgeois-com-boulevard), um conhecimento sobre a violência do funcionamento estrutural e não apenas das subjetividades etc, das lentes marxistas para acomodar o tamanho do mundo – até que venha o reino dos céus, com o fim da história. Liberdade na impotência (escuro) é liberdade de consciência?

A questão não trata de uma “Maya” convertida no salão da ilusão (cinema), na telenovela, no vídeo-game, na fotografia... não é dos “objetos” concebidos no tratamento dessas linguagens que se refere a minha problemática do “escuro”; não é contra a instauração da miséria como regulador e da violação permanente de direitos na Pólis – se pudermos ainda chamar de “luta”, se houver uma disputa nos meus olhos, situa-se ao lado do horror: abaixo de uma superfície como possível, abaixo dessa política (como na poesia etc) enquanto tentativa de costurar planos – onde não há Hades ou o Abismo dos Oceanos.

Quando dessacralizar é vestido como expressão do impuro e dos usos marginais, não implica, necessariamente, tornar laico, secular e materialista: se o ritual produz algo que escapa/inviabiliza-se na experiência, não é preciso fechar contradições que qualquer turvo insinua enquanto operações de sentidos posteriores. Dessacralizar... como um resistir do que não é um acima, uma camada que não é a mais-funda, uma sombra que não é o escuro mais-(in)tensoportanto, apenas *onde não há uma superfície para os gritos aprisionados dos Titãs... nesse escuro de Hefesto e do seu Tártaro, onde há apenas uma luta arcana contra-a-luta da Ordem/Khósmos...* e no intervalo dos fermentos com a fantasia, no limite dos dragões, quimeras e seres fantásticos, recolho-me para a bruxa que abriu as horas do Mulcetão.

Quando se quis (vamos) “pegar-o-beco”, ou (vamos) “dar-o-fora” – especialmente, “dar-o-fora” dos “cuidados” de Hefesto sobre a Pólis ou para o Tártaro... há o cabelo de chuva solta, um vestido machucado de rasgos na xita, aquele cheiro do tempero de galinha e de flores para benzer no mesmo corpo visitado por quem procura alívio; o cozer três vezes do sinal com as jaculatórias para fugir do mal, e girando cansado feito o cachorro raquítico, sete vezes o pé de pau seco no fundo do terreiro; lavar os dentes com uma garrafada com água de pedra virgem da nascente do riacho velho; e nada disso é o mundo da superfície, ao contrário: é o que se abre e salta das entranhas da terra, é o que fissa os pés rachados do homem trôpego, infiltrando-lhe da maldição... é veneno para os dias imobilizados no concreto, contra-peso de enxofre do que não é mundo.

No povoado de uns cento e poucos telhados, do vento que migra com os dois lados esquecidos: esse acometimento que resseca a “diferença” e a “potência”, que drena o acontecimento nas águas do corpo; é de uma gastura intempestuosa, que mortifica o viver na superfície: onde a raizeira, parteira, rezadeira, feiticeira... a guardiã desse psikismo da sombra oferece algum consolo. A Vó é bruxa do Mulcetão (no dialeto transliterado dos caboclos protetores de Angola, no Sertão antes da ladainha do colonizador, o Mulcetão na língua Kimbundu/Bunda da África para o “michitu, muchitu, muchitum...”), em nada pensado como semelhança à feiticeira “européia” do medievo – aquela mulher do encantamento na palavra, no discurso. A Vózinha não está no passado, *mas*

*no escuro intimidante, onde não se reconhece a exatidão dos corpos e dos rostos,  
da enxada que risca de fogo um chão imperioso...  
entre o bem-alí e o acolá, onde o pão foi adormecido na tristeza;  
sertão de um credo ao contrário jogado nas costas do traidor,  
do caixote com ossinhos do boi para o inocente brincar de Caetana,  
dos assassinados dirigidos às Santas Almas da Barragem;  
cercania que desacompanha na curva do tempo, onde se caiba e caia é um assento da  
morte,  
sertão do lascar e da lasca de pêia, dos vultos, dos vãos  
da menina agreste, que voltou com uma monster-high do comércio da madrinha  
que também assiste Demi Lovato – e se compadece, no intervalo do Faustão/*

*/com o gesto triste daquela moça dos seus brinquedos...  
bonecas no corpo de Amy Winehouse,  
penteado e make-up de Lady Gaga,  
cenografia das paixões em High School Musical,  
personalidade típica do Eclipse-Amanhecer jovens-Lobos-e-Vampiros...  
essa menina que convive no mundo  
do angu de milho com rapadura,  
da banha de sucado de jacaré,  
do cartão que não funciona o celular,  
da lan-house, do techno-brega,  
que se tornou a moça dominadora dos  
cabras comprometidos:  
em areia frouxa da casa de swing,  
do mais jovem ao casado,  
uma cópia de Picasso entrevisto pela luz indireta da parede,  
janelas fechadas, e do outro lado da rua, os portões do hospital  
o sertão contemporâneo, apresentado por Ronaldo Correia de Brito<sup>74</sup>,  
é o terreiro do silêncio plantado; onde até a palavra é escassa/  
plantada do grão em grão,  
rigorosamente contada, para uma cova rasa sobre o lajedo;  
de três em três,  
um punhado exato de sementes no silêncio-sertão, silão ou sertêncio:  
nem a mais, nem a menos, nem sobra, nem falta,  
a palavra é mistura, é dispendiosa, é definitiva;  
palavra hierática e profética.*

Para Vó-Biú, desde sua terceira-avó que apareceu no mundo sem nascer (saiu da terra, feito os dois-lados esquecidos) e chegou na árvore do povoado, a sombra não é passagem: surgiu no tempo que o céu fechou e uma bola de fogo explodiu. Um padre do estrangeiro explicou que foi teste nuclear, quase um desastre. Quando se abriu o céu que era da morte, a bruxa saiu lá de dentro. Também em Santa Catarina, nos contos de Franklin Cascaes, há bruxas: <https://www.youtube.com/watch?v=kyYkuLxuAu4>

Vó-Biú faz o seu cozido, espelhando o molho no céu da Caatinga (essa “Mata Prateada”): paisagem da lua, na oposição ao dourado ululante das manhãs. Vó-Biú é phantom (fantasia-fantasma) dessa terra-que-se-faz-mais-distante, não a mais-distante ou a mais-funda nas distâncias que o carro traceja: é a terra que-se-distancia, que se avessa na geografia, e, por isso mesmo, se afugenta continuamente como inacessível.

Espia que esse é o vôo do Mulcetão nos confins daquela civilização que se fixou das águas, é o Mulcetão quem ganha a silhueta da bruxa: Vó-Biú é uma visada, uma visagem apenas, os olhos do Mulcetão enxergam Vó-Biú, como miragem, como interlocutor... no olhar que se perde, reflexo daqueles primeiros que fugiram da Pólis, e que atravessaram marés para escapar da fogueira... o vôo do Mulcetão que se afasta continuamente, entranhando-se nos feixes de escuro entre as pedras grandes.

---

<sup>74</sup> “Eu acho que vivi uma infância assombrada. E eu acho que minha literatura é assombrada. Há sempre o quadro de um morto na parede, uma morte que nos espreita, nos olha, nos vigia, como que a dizer que estamos sendo esperados”. Disponível em: [http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2014/10/27/internas\\_viver,538333/cineasta-faz-documentarios-sobre-ronaldo-correia-de-brito-e-jose-luiz-passos.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2014/10/27/internas_viver,538333/cineasta-faz-documentarios-sobre-ronaldo-correia-de-brito-e-jose-luiz-passos.shtml)

A distância que resenha a geografia cessou nos marcos da civilização para o engenho, e nos esporádicos altiplanos de azulejos, pianos e dramas; mas depois, bem depois do litoral: tudo se acaba, se perde... no mágico, na ventania. É assim que o Mulcetão, essas terras a ermo do couro, terras que infinitamente se movem e distanciam; assim, uma estrela do inalcançável, o Mulcetão vê-se apenas como uma luz fugitiva no céu, Vó-Biú e seus passamentos.

Mulcetão é o rastro precário da estrela no horizonte da morte: é apenas uma personagem dessas outras vozes, mas o território firme é a morte... mesmo em distância inapreensível, e sempre mais afastada, o Mulcetão não é o (fica comigo) “para-sempre” do Oeste/Ocidentais... o eterno do Mulcetão não é desse tipo que, permanecendo “próximo” e às vistas, surge como apelo de eterno; no Leste/Oriente, a matéria do eterno é feito de vestígio, de poeira, do impreciso que tarda, que se afasta, que se confunde, que se desavisa.

O escuro do Mulcetão é feito dessas estrelas que confundem até o toque, dessas quimeras cujas luzes nunca estiveram lá: pequenos ínfimos de alucinação, pontos de miragem e não desejos, de feitiços... Desse escuro tão particular, há também Vó-Biú como um efeito da bruxa (efeito da-bruxa Mulcetão e não a-bruxa Vó-Biú; o vôo-Vó-bruxa e não a tal “pessoa”): era noite, um dia treze como hoje (sempre é treze nas caixas do meu calendário de pano), sentados em roda de troncos, do fogo que se diluía no céu... Sombrio era o nome da propriedade, um sítio com lacunas no cercado amolecidos, firmado na encruzilhada: “Enfeitiçado” e “Esquecimento”, açudes asilados de seca. Altos, caminhando na Serra Negra do Norte. Mulcetão. Distância é redundância, até para as bicicletas dos meninos.

Enquanto torra o seu primevo café, *escuro que é também a força das manhãs antes do sol*, o ninho de rolinhas recebe fuligem da lenha que sobe, impregnando de escuro caiado (das paredes), potes e tinas (panelas, utensílios) da cozinha, o escuro que permanece no resto daquele dia – até outra camada, no acordar seguinte. Faíscas salpicam dos torrões enquanto uma bacia quente e célere, gira ao fogo.

Mais do que a terra hostil aos carvalhos da civilização, o Mulcetão existe na placa tectônica de afetos escópicos, da morte que flutua sobre o abismo (e não a vida): descolamento geológico, a morte também veio do abismo. Mulcetão-miragem-de-Vó-Biú não é a carestia, não é a carência da Cidade-Estado: é o excesso que desidrata, que extrapola e desintegra... é a extravagância de sol, desmesura de calor, desacerto de energia, plenitude solar, de potência a ponto de esmagar completamente – de todas as camadas prensadas numa densidade de morte. Mulcetão é o topo, é o homem de hélio e dos deuses.

É o plano da morte que recorta o Kháos, para onde tudo se queda, para onde se tende: drena, traga, absorve... tudo, em densidade da morte, em força da morte. Nós somos apenas os-contados, os heróis nos olhos-boca da Vó-Biú, ela mesma um sonho: de alguma das cabeças do Mulcetão – esse monstro-sertão, esse desatador da vida; insisto, Vó-Biú é apenas um phantom (fantasia-fantasma-sombra) nas cabeças do Mulcetão, e, nós-todos, os ruídos em sua boca de phantom/fantasia-sombra..... Vôo-Vó-Vão-Vã que retorna em movimento de impotência (de profanação), tanto às superfícies como às profundidades que abalizam Ordenação e Ordenamento (Nómos e Khósmos) da Cidade-Estado (Pólis).

Mulcetão é o rizoma máximo, em rompimentos dos excessos... da luz toda que sufoca, dissolve. Vó-Biú é o feitiço-bruxa que faz sentir, ver, ouvir o “não”... Vó-Biú traz uma caixa de sapato, em jeito de quem reserva os segredos do mundo outro: “quem pode mais que deus, menino?”, pergunta, e na reposta, incita, “posso te ajudar meu irmão?”.

O escuro é pesado no Mulcetão: lapada de fogo no couro, dale-uma-e-duas nessa pele que apanha com a incelência do santo: tambor de terreiro, tambor de crioula... com os batuques consagrados é ter os pés enterrados na fogueira acesa para invocar... salve São Bartolomeu, o esfolado!

Essa é a mágica escura do Mulcetão: onde não há finalidade, não há prática espiritual. Vó-Biú não é arte, religião, teologia, filosofia, pólis-política... Êta, Mãe-Biú é Butô e não é Europa! Outro ponto de vista para quem lê e reconhece algo de si nos interesses tardo-renascentistas de G. Agamben; essa premissa escura, certamente bem diversa e distante, para quem opera no lastro das mesmas problemáticas daquele intelectual italiano.

Eu sou apenas um leitor zombeteiro que trabalha no âmbito dos meus próprios erros e fracassos – exploro isso que advém do meu escuro, e não das minhas hipotéticas verdades ou discursos sobre as verdades. Eu não faço qualquer coisa no âmbito de uma filosofia política ou filosofia histórica, ou filosofia da arte – quer seja nos termos dos compromissos epistêmicos da filosofia, quer seja com inspiração metodológica em Agamben.

Talvez, o fator de impedimento, de vedação operativa, por assim dizer; logo de início, e quiçá constituinte, sejam as premissas de partida; eu trabalho com essa dimensão arcana do feitiço (um nome mais amplo, que também inclui os oráculos), que não tem interesse por narrativas de si e experiências de vida, para situar-se propriamente no campo do oculto e do mágico com suas derivações.

Isso quer implicar um modo específico de pertencimento que, muitas das vezes, numa perspectiva externa, é interpretado como rendição ou submissão, de alucinação. Em outras palavras, e apenas numa quina dos inúmeros confrontos, eu não estou situado, por absurdo, no campo da consciência, da história, da consciência histórica, do materialismo histórico, das lutas contra-alienação, das dialéticas etc, embora, minha perspectiva de ritus, busque, sim, uma esfera de embate, de resistência, de contra-hegemônico: essa ex-posição de força estranha, o feitiço que desloca a aposta profana para um layout de sociedade européia, que se insere no mundo teológico-racional-transcendente para seguir em outros registros – quais sejam, da aposta pagã (não as vozes pagãs sobre o divino, não as experiências pessoais sobre o infinito etc); o feitiço como gesto pagão, não exatamente como uma experiência da linguagem – não o que é evocado pelo feiticeiro ou que se sucede ao enfeitado, não a relação semiótica de emissor-mensagem-receptor, mas um mecanismo desconhecido onde o feitiço opera e que promove efeitos/direções não-antecipados sobre os enfeitados.

Nesse prisma, não se trata do que um sujeito produz de si enquanto discurso acerca de uma verdade que lhe foge, que desconhece completamente, e da qual se faz somente atravessado ou usuário circunstancial. Trata, sobretudo, dessa jorrada pagã na medida em que não se declara confessional, pagã na medida em que não-é, não-foi, interpõe um não, aos registros de fundação do Ocidente-Cristão; pagã e marginal, imoral e não-institucional, naquela acepção do que antecede à própria inscrição da Pólis, Paidéia, República – onde não há poetas e dançarinos, e, certamente, já não há bruxas e bárbaros.

Essa bruxaria que, a despeito da influência sobre o Sócrates (relatado em Platão), não está “admitida”, por exemplo, nas classificações dos saberes formais: das artes (tekhné) sem finalidade, dos saberes práticos com finalidade (ética, política etc), da teoria contemplativa da verdade. Se, por um lado, é o pagão-errático que enfrenta tanto o profano (especialmente a poesia e a gramátika) como o teológico (racionalidade do sujeito que conhece), admite-se que o feitiço não opera com o vazio, mas encontra sua matéria prima na sombra: o que implica, nesse movimento de impotências (obscuras

e sombrias, em vez do ato capturado ou dos devires), conduzir à zona de liminaridade uma perspectiva de potência de não-tocar e de não-interferir, seja na individualidade, seja na subjetividade, seja na singularidade; a bruxa ou a feiticeira não como aquela que faz ou é obrigada a fazer, mas aquela que falha no ato ou no regime de inclusão ao ato, aquela que não cede à ingerência do ato sobre a sombra, aquela em cujo o corpo limiar expressa uma recusa plena da passagem ao ato; a bruxa como um pesar da linguagem do poeta frente a Ordem (Khósmos) da Pólis – do poeta como aquele que organiza uma estrutura mítica da Pólis; bruxa como aquela que, em definitivo, não se realiza como potência e felicidade na Pólis.

A bruxa está expulsa, banida, à margem da Pólis (efeito do comércio, a espacialidade sob a mediação dos discursos), na sua recusa irreduzível ao Khósmos, no seu abissal desinteresse perante o Kháos: enquanto o cidadão (a partir, sobretudo, do lugar do poeta), busca não cair no inefável e ser completamente absorvido/consumido, o feitiço não opera como uma tablatura de imanência – de modo que a bruxa não pretende qualquer anteparo de superfície.

Não cair no Kháos, tragado e desintegrado por suas velocidades infinitas, é a problemática específica dos poetas e daqueles que irão habitar na Pólis oferecida como modelo em *Ilíada*; enquanto uma operação como a da bruxa, que distribui rastros de sombras na Pólis, não implica a construção de uma gramátika abstrata, onde salta uma narrativa possuída pelas Musas de Apolo – e, posteriormente, um sujeito que produz um discurso (representação) a respeito das verdades abrigadas nos ritos iniciáticos do Mito.

A bruxa é a própria esfera da sombra sem um corpo singularizado, uma sombra mantida que não retorna à Cidade. A preocupação da feitiçaria não são os temas da linguagem, da palavra, da verdade, do sagrado etc. Dizer que a tudo importa uma “narrativa” ou uma “história”, no sentido genérico dessa pretensão ainda universalizante e colonialista de poder afirmado/interpenetrado, certamente não implica sugerir que, desde sempre, retrospectivamente, houve um sujeito capaz de discurso singular acerca das verdades dos deuses; e, mais do que isso, que o plano fundamental do interesse da bruxa ou da feiticeira é o tal plano compartilhado/transmitido dos discursos e narrativas acumuladas – como se os discursos, efetivamente, detivessem qualquer condão de força a uma esfera que suposição de experiência (ou de estranhamento) de “realidade” que, por definição, supera o consentimento da vida e das decisões humanas; como se, de forma contrária, não se tratasse de uma “infusão” de um registro de poder, arcano, anterior e superior à compreensão humana situada/datada na Pólis.

A problemática de uma feiticeira da floresta ameríndia, ou de uma feiticeira da floresta africana, não correspondente aos registros da problemática, alçada à relevância política hodierna, de poetas e de estudiosos da política, forçando o limite máximo da linguagem, da consciência, do pensamento e da palavra, até uma zona do indiscernível (que não é corpo), onde o Fora somente estabelece fronteira com o seu próprio Abismo.

“A lógica que guia minha pesquisa não é a lógica da substância e do território separado com fronteiras bem definidas. Ela está mais próxima do que, na ciência física, chamamos de um ‘campo’, onde todo ponto pode a um certo momento carregar-se de uma tensão elétrica e de uma intensidade determinada. Filosofia, política, filologia, literatura, teologia, direito não representam disciplinas e territórios separados, mas são apenas nomes que damos a esta intensidade. (...)”<sup>75</sup>

“(…) Pero para mí la verdadera respuesta a su pregunta es que la filosofía no es una disciplina, la filosofía es una intensidad, que, como sucede en un campo magnético o en un

<sup>75</sup> G. Agamben, em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1809200505.htm>

campo eléctrico, puede atravesar cualquier ámbito y cualquier disciplina. Algo estético, algo religioso o económico puede resultar filosófico en la medida en que se aborda y se carga con una intensidad más fuerte.<sup>76</sup>

Leia-se, na interpretação das abstrações poéticas, forçar uma recusa da linguagem para a gramátika instituída, ou possibilitar uma experiência da linguagem que não esteja capturada em seus usos – ou seja, do Fora, devolver ao ato, e não ao lógos ou ao simbólico etc; devolver ao ato que não suporta se abandonar ao inefável, mas tece/trama uma superfície de imanência, de pele, de sensações, de intensidades, de corpalavrarte etc.

Devolver a linguagem à sua potência numinosa, como o ato mesmo que instaura e que inscreve, esse lugar de poder originário – e não menos reminescente: lugar sacralizado que também funda a Pólis em Ilíada, com seu modelo de organização (Paideia), de cidadão (Aquilles), de educação (Quíron) etc. Linguagem, para alguns, não como remissão à história-passado (nostalgia, saudosismo, submissão), mas como história-presente do que ainda não se disse (se inventou), como história-poder que recusa dizer um vazio de palavra-potência.

Esse grau de sagrado da (estrutura da) linguagem, para os poetas e os demandantes da Pólis-Estado, não coincide aos interesses de um tipo de Anarquismo, menos ainda, de um tipo de bruxaria. Um ponto de bifurcação, talvez, esteja nessa precisa devolução ao ato como busca de uma modalidade de poder: retorna-se ao ato quando a linguagem já não é dispositivo (ofício de captura); o ato (atualidade, atualização), interpretado como liberdade e potência, não se constitui uma problemática – posteriormente emergindo, dessa linhagem de reflexão, por exemplo, novos compromissos humanistas de um ato singularizado, significativo.

Diriam que, assim como da linguagem, da poesia e da história, também é impossível fugir o ato; o ato é impreterível, nesse plano onde figuram os aprioris (não do pensamento como estrutura, mas da regulação do poder) ditos humanos: todos sacer, todos sacralizados, todos protegidos das sujeiras e das impurezas de um mundo sombrio, confuso, pagão.

Insisto, pagão como anti-sacer (do que mistura e confunde no arcaico obscuro), e não como anti-espiritual (do materialismo racional e dito laico). Abandonamos a interpretação do mundo segundo os Estruturalistas, apenas em uma conversão temática pós-estruturalista e pós-guerra, onde o “pós” não arrefeceu a pretensão de controle – de um tipo de vocação para interpretar o possível limite da invenção humana dentro de um teto conceitual, de onde não há como “fugir”.

Não, o que a bruxa efetiva sobre o mundo não se aproxima da linguagem específica da poesia, do filósofo, do intelectual, do cientista etc. Se entendermos o cinema como uma linguagem (e o filme como uma língua; no binômio langue-parole), onde transitam objetos e problemáticas situadas apenas naquele suporte (o “salão de ilusões”), de modo semelhante ao mundo Idílico-Ilidíaco forjado nos poetas arcanos, o feitiço trata de um domínio onde a preocupação do discurso/representação/sujeito não se efetiva.

Não obstante se considerar que tudo na experiência de todos os humanos é domicílio da linguagem (logo, a poesia é o reduto da magia quando tudo é linguagem), nesse caso, trata-se de sublinhar que o monopólio do mágico e do invisível não está abrigado nos procedimentos metodológicos e problemáticas conceituais das artes (no cinema, na poesia etc) – de modo que a sombra, para além de uma interpretação

<sup>76</sup> G. Agamben, em: <http://www.elcultural.com/noticias/letras/Giorgio-Agamben-La-filosofia-no-es-una-disciplina-la-filosofia-es-una-intensidad/6424>

hegemônica, não abriga somente uma porta de acesso à história, mas ao mistério arcano e condensado; a sombra de resistência também aos procedimentos da arte, onde se inscreve as tensões irradiadas da morte – para além das suas narrativas, discursos, representações.

Algo como uma problemática da intertextualidade, interculturalidade, tradução etc, ou de como referir-se aos “particulares” que somente acusam existência em um tipo de circuito de pressupostos (mundo) e não no outro/seguinte; com uma tentativa de Filo-Performance, por assim dizer, e não de uma MetaFísica para responder. Há performance (no) Contra-Temp(orâne)o? Há performatividade Contra-Temporânea? Há resistência no avesso da arké e da sombra?

Se a potência-do-não é estranhamento, o avesso da potência-do-não é um rito dessa sombra: ritus que não pretende harmonizar/ordenar, sombra que não circunscreve a problemática do discurso, do sujeito, da verdade e do poder; ritus não como signo e significação, mas fantasia (distanciar) no arcano; fantasia, para além da imaginação e do devaneio, mas atravessamento abissal de quem busca estrelas e quis sonhar com o céu: estrela perpetuamente em distância, buraco-negro inadmissível.

Exceto, recentemente, no filme “Interestelar” (dirigido por Christopher Nolan, em 2014) onde, finalmente (!), depois de “conquistar o espaço”, um homem adentra<sup>77</sup> ..... o buraco-negro, o não-tempo-e-não-espaço. Experiência de recusa ao ato, ou da criação de buracos-negros no tecido da vida: o para-nada, o para-não blindados à visitação em ato. Esse é o tipo de ritus no campo da resistência, ao moderno e ao contemporâneo: ritus contra-temporâneo, que alheia à Pólis e à codificação dos fluxos, onde a palavra-que-é-mágica desfaz o lugar do ruído/grito que marca no corpo um código: o ruído é passagem das entidades pelo corpo, o nome que não refere e que não transporta.

A marca do amor é a intensidade, é o arrebatamento – mais do que a segurança e a felicidade... a certeza ou a continuidade... o amor é escuro. No amor, se houver um salto no abismo, salto de encontros e não de reciprocidade... embora amante e amado possam também sucumbir na força do dor – um fenecimento mútuo pelo outro, ou reverberação na dor de um também pelo outro; haverá, contudo, o milagre no tamanho dessa entrega (ou submissão) ao inefável, quando por um ínfimo segundo-no-registro dos deuses, é o amor que ama a si mesmo na sua eternidade:

“In love, fidelity signifies this extended victory:  
the randomness of an encounter  
defeated day after day  
through the invention of what will endure.”  
Alain Badiou (In Praise of Love)

O escuro do amor é atravessado de padecimentos: a dor do amado é a de esperar, embora sempre incerto, que o amante ainda volte para os seus braços trêmulos... enquanto ao amado jamais será dado o saber para tal convicção desse amor que habita no peito do amante; a dor do amante é a de não acreditar, tão frágil e inseguro, acaso o seu amor é suficiente para tão suave bem-amado... de maneira que ao

---

<sup>77</sup> “(...) O conhecido astrofísico Carl Sagan, em 1985, estava escrevendo um livro de ficção científica, intitulado *Contacto*. Nessa história, a heroína, uma astrônoma chamada Ellie Arroway, usa uma máquina projetada por uma civilização alienígena para se transportar até a estrela Vega, que fica a 26 anos-luz da Terra. A moça, que no filme de mesmo nome é vivida por Jodie Foster, consegue fazer a viagem de ida e volta em poucas horas. (...) Sagan achava que um buraco negro poderia criar esse tipo de possibilidade, mas não tinha certeza e achou melhor pedir ajuda ao cosmologista Kip Thorne, uma das maiores autoridades do mundo em Relatividade Geral. (...) Logo constatou que um buraco negro não servia para esse propósito, mas, outra estrutura permitida pelas equações de Einstein poderia ser a solução para o problema de Sagan. Essa entidade é chamada de ‘buraco de minhoca’ (wormhole, em inglês) e pode, hipoteticamente, conectar dois pontos distantes do Universo através de uma espécie de túnel pelo hiper-espaço. (...) Recentemente, Thorne foi de novo convocado por Hollywood e deu suporte científico ao diretor Christopher Nolan, no filme *Interestelar* (...)” – José Evangelhista, *Caderno Ciência & Saúde* (Coluna “Aqui tem ciência”), *Jornal OPOVO*, 21 de dezembro de 2014

amante será vedada tal experiência de plenitude que somente o amado pode usufruir no seu convívio com o amante.

Se o amante ocupa-se do amor no amado (de quem se dirige, devota-se para um outro), é o amado quem expressa um cotidiano do amar para o amante... se o amante instaura um circuito possível do amor e seus trânsitos, o amante percorre em cada afeto singelo, nas palavras, nas flores, no cantar, na lembrança... essa trajetória que, de outra forma, seria apenas ausência, vestígio ou fantasma de um amor sem corpo.

Se o amado expressa os choques (espasmos, suspiros) do insuportável emocional para o volume de amor ofertado, o amante é sempre transtorno e desorientação ao vislumbrar esse quantum de amor que se deixa suportar na alma, no gesto e no corpo do amado... O senhor Marcelo Jeneci, com sua bela voz (em sua coletânea “Feito pra acabar”), pronuncia em uma madrugada que me acompanha:

“A chuva é a vontade do céu de tocar o mar/ E a gente chora assim também quando perde alguém/ Mas quando começa a chorar começa a desentristecer/ Assim se purifica o ar depois de chover/ A chuva é a vontade do céu de tocar o mar.....”<sup>78</sup>

Chover assim, como uma vontade de elaborar formas de contato entre substâncias distantes entre si – vastidão do céu e do mar... e quem disse que amar é chorar a perda de um, desse ou daquele alguém? Não seria possível ver gotejar, em dia abençoado, quem sabe, para esse mundo de pessoas que desconhecem o ritual arcano de amar e de ser amado? Então, o que se sucede quando o tal mundo dos inúmeros desencontra-se (perde-se) das flechas do amor? E se o amor, e não as pessoas, chovesse- assim-também (chorasse) por todos os nossos desencontros?

Quanto de água para saciar os deuses?!  
E se o tudo do Olimpo não for apenas água...?

e quando o céu não é apenas água...  
também o mar não é apenas líquido e transparência rasa...  
o céu de profundidade visitada pelas borboletas que se cansam nos galhos,/  
ou abrigo dos cometas enquanto as cores adormecem...  
o mar do abismo frio e também escuro, é superfície quente-e-úmida  
nesse gramado invertido das conchas e pequenos corais/  
onde cavalos-marinhos sentem o quebrar das ondas  
em comum, no céu e no mar, há saliva celestial  
para contato, condução, sucção, fenecimento...  
quando o céu quer afagar o mar, do seu beijo corre água frouxa de saudade  
do firmamento em represas ao teu oceano infinito,  
inunda-se em contigüidades anis um céu que avessou em mar  
limpar o ar denso, nesse fruir que desobstrui as pedras de sal  
– essas todas as lágrimas envelhecidas nos veios do meu coração.

“At the end of my life, with just one breath left,  
if you come, I’ll sit up and sing.” (Rumi)

Água velha, que se deixa lavar e purificar no canto desse Orfeu, silente e cego para chegar até Eurídice: olhos na súplica ao Olimpo, alento desse Cosmos que também abriga o amor... Quem escutasse a lira de Orfeu, melodia celestial a enfeitiçar a

<sup>78</sup> Ouvir: [https://www.youtube.com/watch?v=oZ7\\_3AUpm5o](https://www.youtube.com/watch?v=oZ7_3AUpm5o)

vida terráquea de Eurídice, saberia imediata, e fulminantemente, que uma voz assim também atravessaria qualquer inferno para reaver de encanto sua amada entre os seus beijos.

Orfeu não é herói porque soube amar fora da palavra, não está além dos mortais porque seu amor quisera colher as flores nos confins do tempo e até da coragem... não há distância entre mortais e os deuses, enquanto Orfeu dança como essa estrela imperceptível que explode nas galáxias surdas..... porque há tal quietude perpétua do amor (do que não exige palavra alguma), é que Orfeu poderia não-cantar sem que lhe causasse prejuízo à eternidade dos seus olhos: e de tanto amar, como distância dos mundos sempre inaugurais das estrelas e cometas (amor que viajante, está Fora – e, assim, jamais propriamente um “novo” a ser reconhecido); somente nessa intensidade que dobra o espaço de intumescências, é que seu afago desprende-se – quase manso e desprezioso (desesperançoso), a cantar o que jamais seria apenas o seu canto, a cantar para além da sua voz, do seu pedido e de um receptor.

Esse cantar que é o próprio amor, o amor e o universo inteiro a vibrar na forma de imagens sonoras ininteligíveis. Quando Orfeu cantar, a vida inteira estremece! Orfeu.....Calãf.....Éros, quais os tantos nomes para você? Viver para descobrir teus nomes, basta.

Hoje, meu coração escolheu viver. É a primeira vez que honestamente me sinto assim! Pode ser um primeiro reflexo, um movimento intenso e inaugural das últimas semanas, especialmente depois das falas/escritas desse Outubro-Novembro, de tudo que ainda estranhamente me reverbera com uma dança intensa de morte.

Uma amiga bem próxima assim observou: talvez porque você já conseguiu sair, esteja sentindo-se a vontade para adentrar... sair desse mundo, adentrar esse mundo! Sair para adentrá-lo traidor, adentrar o mundo sem amarras.

Em vez do pertencimento à Pólis-Cidade-Política (nos termos da cidadania), “Cidadane-se” é o que propõe André Vallias (facebook do autor, em 9/11/14): essa combinação letal de Cidade como território da Danação, ou revirar as capturas no serpentear de palavras encadeadas-encantadas, e o discurso da poesia, chorado lágrimas-dias a fio, das estrelas despencar – feito deuses, despencando (ainda na Libertação de Prometeu, de H. Müller, a partir da encenação, em 2014, no âmbito do projeto Habitat de Atores/Inquieta Cia de Teatros – CE; talvez, uma das experiências mais potentes, ao lado do “Hamlet: Solo”, do Coletivo Soul – CE, exibido em 2013 no Estoril, ou a reinterpretação d’O Banquete, em 2011, pelo Teatro Oficina – SP, em celebração ao Teatro José de Alencar).

Essa noite, passeando no céu daquelas divindades arcanas – um céu tão meu, senti a ventania ancestral e rasante da águia de zeus..... senti a sua fúria, sua fome, sua presença tão próxima do meu pescoço, do meu escuro: águia, águila do meu destino; águia que me vigia, que me engole, que me exorciza... Tenho gotas do seu óleo pelo meu corpo, das suas unhas polidas e alongadas sobre o peito, da sua marca quadricular de origens celestes sobre a plumagem harmônica, do cintilar em corpos nus que acende túnicas arcanas, dos rastros de som que se abandonam no céu, dos hinos para saudar os cortejos invisíveis: a morte gira rápida em sua fome divinal sobre os seus próprios mistérios, para inaugurar o que a poesia outrora capturou: o viver, a vida...

Deslizamento no texto, que produz derrapagens no leitor: quanto maior o exercício da verdade, maior também a urgência do erro. Não se trata de sujeito, de representação, de conhecimento, de apreensão do discurso (entendimento)... É apenas uma caligrafia-mu(n)da, uma estésica para vibrar (latejar) com a armadilha discursiva que a poesia forja no enlace magyar de Éros.

Meu coração entendeu/escolheu que serei um velho, desses que elegendem viver para os deuses. Para assim envelhecer com os olhos de mar perene onde se quer pertencer. De cima, do alto, plainando sobre o meu corpo liquefeito de origens-larvais, os animais alados e míticos são enormes, são gigantes em seus poderes. Eu era tão pequeno, tão frágil. Águia que me rondava, me caçava, me rastreava, me esbarrava..... entre tambores, galopes dos bandos, gemidos.

Independente do riscos, das impossibilidades, das rupturas: porque os deuses vão embora, mudam, invertem, voam... saltam, matam, e até despencam.

Porém um dia com um deus, ou um dia dos deuses como homem, no final, é apenas de-um-dia que trata: é incendiário, é salvífico, é a própria experiência insuportável do infinito. Não quero a eternidade: só precisava desse a quem pudesse honrar, cultuar, servir, amar. Envelhecer, portanto, ao lado de um mito suave. E morrer. E deixar de existir. Nenhum resquício, nenhum sonho, nenhuma súplica, nenhum depois. Serei um consumado, esgotado por um deus, o amor. Mata-me, se quiseres, porque sou teu: esse velho de estórias. Não querem acreditar, se digo que ele é um deus sobre meu destino. Não suportam imaginar que meu doce vampiro é um deus, e não um homem. "E" maiúsculo, de Éros.

Ninguém imagine que os deuses apenas brincam de lampejos e de invenção: a ocupação dos deuses está acima de qualquer trânsito efêmero. Os poetas sabiam que das montanhas onde há cavernas, a primeira ponte de estranhos rios, são as sombras que ditam poemas, que fazem poesia: são cachos imensos de uma doçura da eternidade suprasensível/contemplável/teórica/perfeita das divindades, o paraíso possível que os homens não suportam, e para as quais também há as raposas das uvas.

Ainda o lance, retomado por G. Deleuze: “dos seres lentos que somos”; assim retardar, lentificar para acelerar o que não seria possível de outro modo, o que não seria plausível em queda-livre porquanto não haveria tempo-abismo... Desta forma, a poesia não é o contrário da morte: é somente o contrário/descontato/desvio/desvairio do abismo... É a cabana mágica do filme “Melancholia”: se estamos caindo no abismo (e todos morrem), dizem os poetas (desaderidos do abismo), há que se inventar uma coisa de planar por momentos, forjar uma exploração da vida: uma asa-delta, vazada mas colorida. Éros.....Fora, Fole, Flei-Flay. “A imagem do caos é o próprio caos.” (Rogério Sganzerla)

**iv.B, título) BARRA 002**  
**O LADO-B**

o breal é o lado b, o b-real, é a *outr-a-realidade* (outr-realidade-a, ou ´trrealidade-a), era minha proteção e insustentável fantasia. era minha alternativa, criou-se como uma mentira para mim. e eu nunca o soube exatamente, mas o tomei, como remédio. qdo entendi que ele era ficção pura e amarga, partilhada e não delírio unilateral, essa compreensão brutal trazida com a morte, assumi que é impossível viver do lado de cá, sem ele para escrever suas estórias, ou de lá, com ele que me fazia personagem dos nós dois fictícios. “o absurdo não liberta; amarra.” (Camus). carregamos a nós e nossos mortos – nosoutros.

*sin<sup>ops</sup>e*

7/8 de outubro 2014

Ó forças ctônicas, Ó forças da noite, Ó forças do Kháos.....  
 Ó forças do mundo Pré-Helênico, Ó forças do mundo Pré-Homérico.....  
 Ó forças do mundo Pré-Lógos.....  
 Ó arké-Titãs banidos do Khósmos por Hefesto, Zeus e sua descendência de correntes.....  
 Ó fúrias-ancestras das águas, dos fogos, dos ventos, das terras:  
 Ó Oceanus, Ó Hipérion, Ó Tifão, Ó Hecatônquiros.....  
 Ó Éros, Ó Psiké, Ó Perséfone.....  
 Ó Ió, Ó Pã, Ó Dyonísius, Ó Faunos, Sátiros, Ditirambos, Bacantes.....  
 Ó Quíron, Ó Asclépio e Filha de Hércules.....  
 Ó Espíritos dos Mistérios Eleusinos, dos Mistérios Órficos.....  
 ATENDAM NOSSAS INVERSÕES MÁGICAS.....*Que Apolo e Afrodite adormeçam!*

*Deixa eu te confessar uma coisinha boba – em silêncio, não espalha porquanto insignificante... Dia 8 de Out de 2014 haverá um eclipse lunar total, com o Sol em Libra e a Lua em Áries... Esse eclipse chama-se “LUA DE SANGUE”, e diz respeito à sombra do mundo dos vivos (os mortos) que invade o reflexo do Sol absorvido na Lua (das emoções)... Entre esse eclipse da Lua e o eclipse do Sol, 8 (lua cheia) e 23 de outubro (lua nova), respectivamente, algo também acontece nas dimensões mágicas, nos deslocamentos da mítica-imagética entre os cipós que alçam geometrias (e não geografias) sagradas; quando a Lua imerge nesse umbral (a sombra projetada da terra, com a terra entre lua e sol), diz-se que um portal arcano é aberto, ligado à entrada/saída de almas do planeta... é também a saída (desaparecimento) do brilho da lua no mesmo dia que se evoca a saída do antigo Egito, tempo das cabanas, tendas e tabernáculos; tempo longo de deserto, de êxodo<sup>79</sup>, de errância; tempo de incerteza, de procura, de morte, de sombra, do obscuro... celebrar essa Lua é também o nosso rito-performance-dança, é um dia do Ankoku Butô (a dança das trevas, arké daqueles que tombaram em seus caminhos-combates, arké anti-Walkírias daqueles que não repousam nos palácios de Wotan). Por um acaso a data, só que não: um eclipse que desfaz a lucidez e luzes concentradas, a luminosidade hegemônica e quase exclusiva, revogada por um mistério e tensão, ainda que circunstancial embora potencializado na casa de Áries, morada do senhor das lutas inadiáveis, necessárias e terríveis: chão sagrado onde se insinua o transbordar para situações de crise (pelo eclipse), especialmente quando alocados nessa casa das guerras, dos combates, das decisões que se cumprem na morte, finalmente no que se entrega/rende ao Hádes. Dançar um Butô não é também convocar para um último gesto de sombra, o corpo-espectro antes de partir? Dançar e celebrar o amor, em clima soturno de eclipse, não é retomar as várias porções da alma deixadas no rastro dos nossos caminhos? O Sol obliterado em Libra não se dirige às relações com promessas e projetos duradouros (diz respeito ao lidar com pessoas e situações correlatas); não é esse mesmo Sol que, regente da escolha e anúncio do futuro, terá suas forças sobrepostas por uma Lua de cobre, emoções que retomam eventos adormecidos e alteram qualquer esfera de segurança? Ha ritos para despedir-se dos amores que nos deixam calafrios. Em um telhado de taipa nos confins do Sertão, nos batentes de uma escada nos fundos, para um quintal em noite sem estrelas, escutou Mãe Biú, a velha bruxa do Baobá, que sacramentou esse pedido com seu falcão riscando o chão: “Um rio passou por mim e acariciou o meu sertão” (Fausto Nilo). Salve, minha mãe!*

*“HÁ NO MEI DE MIM UM SERTÃO  
 cousa que a cidade encobre.  
 no mei de mim  
 um mundo sem  
 fim.” (poema de Talles Azigon)*

“There is a language older by far and deeper than words. It is the language of bodies, of body on body, wind on snow, rain on trees, wave on stone. It is

<sup>79</sup> “(...) Talvez por terem sido nômades no deserto, os hebreus não sonhavam com cidades: sonhavam com jardins. Quem mora no deserto sonha com oases. Deus não criou uma cidade. Ele criou um jardim. Se perguntássemos a um profeta hebreu ‘o que é política?’, ele nos responderia, ‘a arte da jardinagem aplicada às coisas públicas’. O político por vocação é um apaixonado pelo grande jardim para todos. Seu amor é tão grande que ele abre mão do pequeno jardim que ele poderia plantar para si mesmo. De que vale um pequeno jardim se à sua volta está o deserto? É preciso que o deserto inteiro se transforme em jardim. (...) Talvez haja jardineiros adormecidos dentro de vocês. A escuta da vocação é difícil, porque ela é perturbada pela gritaria das escolhas esperadas, normais, medicina, engenharia, computação, direito, ciência. Todas elas, legítimas, se forem vocação. Mas todas elas afunilantes: vão colocá-los num pequeno canto do jardim, muito distante do lugar onde o destino do jardim é decidido. Não seria muito mais fascinante participar dos destinos do jardim?” – Alves, Rubem. Sobre Política e Jardinagem. Folha de São Paulo, 19 de maio de 2000.

the language of dream, gesture, symbol, memory. We have forgotten this language. We do not even remember that it exists.” – Derrick Jensen<sup>80</sup>

“A menina apareceu grávida de um gavião. Veio falou para a mãe: O gavião me desmoçou. A mãe disse: Você vai parir uma árvore para a gente comer goiaba nela. E comeram goiaba. Naquele tempo de dantes não havia limites para ser. Se a gente encostava em ser ave ganhava o poder de alçar. Se a gente falasse a partir de um córrego a gente pegava murmúrios. Não havia comportamento de estar. Urubus conversavam sobre auroras. Pessoas viravam árvore. Pedras viravam rouxinóis. **Depois veio a ordem das coisas** e as pedras têm que rolar seu destino de pedra para o resto dos tempos. **Só as palavras não foram castigadas com a ordem natural das coisas.** As palavras continuam com os seus deslimites.” – Manoel de Barros

“You are **called**... Make no mistake about it! (...) Yes, the enlivened universe is calling you... demanding, in return, your focus and attentions, **ritual** and follow-through. To be called is to be **destined** – destined to fulfill an essential and meaningful **purpose**, destined to employ your power and practices in service to a crucial cause. But unlike ‘Fate,’ Destiny requires our conscious and willful participation (...) to **fulfill** our Destiny and fully live up to our heroic Wizard’s creed.” – Oberon Zell-Ravenheart

“(…) **O ato** de observar é a única chave que **abre** a porta dos **mistérios** (...)” – José Saramago

O conteúdo de um Rito antigo nos gregos, por ser secreto (jamais foi compartilhado/publicado), e depois dos saques culturais de Roma (com a invasão cristã posterior), foi destinado ao esquecido – todavia, o núcleo mítico-mágico outrora sussurrado não se dissolve, ou desconstrói. Continuamos, pois, no meio da velha praça, a falar desse prisma de quem vê o sagrado de fora. Quais os caminhos para chegar ao invisível que se desconhece, resguardado entre o oculto e o perdido? Não diz respeito ao que se aborda como recomposição ou sucessão arqueologicamente fiel de imagens e comportamentos; não se trata de quem apenas narra com exatidão, seguindo um roteiro ou imprimindo um repertório de sentimentos. Todavia, como invocar as paixões da tragédia que não coincidem nas emoções desse homem da Modernidade; como mover um corpo, que não é desejo, potência ou intensidade, nem mesmo a interpretação desse sujeito de Modernidade?

Outubro de 2013

Memorial da construção do pensamento, solicitação em uma disciplina curricular regular.

*(POESIA BARATA, a ser esmagada;  
Uma parada: afinal, é de mentira que tratamos!)*

*Chego à Medicina. É matar ou morrer?  
Chego, ferido e por acaso. Uma demissão ou traição?  
Chego, talvez, para fugir do exame e da cura. Prisão da saúde ou salvação?  
Chego, sem saber, para a linha de frente e “resistência”. Uma pesquisa-militante.../  
Prédio incorporado à Federal. De todos os lugares, o mais... cinza.  
Um pensamento da singularidade? Nessas escadas sem cor e luz?!  
Horizonte de mundo que abomino... Bisturi? Ou serrar?  
Um laudo de fachada, o Professor Médico e o Professor Advogado cúmplices:  
Tempos do meu avô, também cadáver afim – desde o Chumbo militar, pêndulo.  
Nas águas de Asclépio, aurora surgiu com a sombra...  
Começo pela noite. Dele e minha!  
Nós... envoltos por um conceito, uma virada! Fumar uma seda...  
Na Medicina, encontro a doença para as claridades majoritárias que germinam:  
Meu corpo recupera sua febre... e seu pus moral. Letal ou vital?  
Por um semestre, revejo a violência da polícia... e as minhas quedas na barbárie:  
o silêncio, a omissão/ deles... (a convência docente!)*

<sup>80</sup> “(...) when I was young I heard the world speak. Stars sang. Stones had preferences. Trees had bad days. Toads held lively discussions, crowded over a good day’s catch. Like static on a radio, schooling and other forms of socialization began to interfere with my perception of the animate world, and for a number of years I almost believed that only humans spoke. (...) This silencing is central to the workings of our culture. The staunch refusal to hear the voices of those we exploit is crucial to our domination of them. Religion, science, philosophy, politics, education, psychology, medicine, literature, linguistics, and art have all been pressed into service as tools to rationalize the silencing and degradation of women, children, other races, other cultures, the natural world and its members, our emotions, our consciences, our experiences, and our cultural and personal histories.” – Jensen, Derrick. *A language older than words.* Chelsea Green Pub., 2004.

a perseguição, o desespero/ sobre nós... (o caos, a surpresa!)  
 a falta de ar... / e o som? e o fedor? (as máquinas, as explosões, o cheiro queimado!)  
 ardência quase do formol: (essa água da morte) nas ruas..... no meu corpo.  
 Estou com os pés descalços, cortados. E não foi batismo! É lama.../  
 Veia movediça do próprio cuspe: é um como-viver-nesse-mundo!  
 Rastros na Viena de Breuer e suas patologias da carne,  
 Tenho dor – em quase todos os músculos./ Quais tormentas...  
 Angústia cede para o desespero./ Em gritos...  
 Costume permuta com amor./ Por gemidos...  
 Volto a sentir medo e dor./ Com fantasmas...  
 Ah! Inquietação da loucura... Bem-vinda!  
 Sem luvas, sem bandeiras ou certidões: quanto me paga nesse gostar de você?  
 Bolsista, não. Volto ao impossível, caçador ao lado da morte.  
 Boca fechada, potestades e piedades! Atrevimentos...  
 Meu Asclépio é antes, de Sócrates e Agamben. Inconsequente... até o fim.  
 Minha iniciação é com o galo. Sacrifício: com o ‘sacer’ no phalus de Dionísio!  
 Sacrilégio... uma delícia! Maldição resguardada no destino do Anátomo-Patologista:/  
 Uma Galinhagem, a cabidela... Cadáver que dança... Movimento daquela exumação!  
 Um Iátros arcano que vasculha os afetos desse escravo Terapón:  
 ele, não eu; quem me disseca... enquanto cavalgo, com quem não se captura:  
 foge, escapa, assombra... a morte, enfia.  
 Ele a registra. Só a acompanha... Incrédulo, ou temerário.  
 Boletim de ocorrência, prontuário ou somente diário?  
 Morrer, aqui e acolá. Respingar sementes... toxinas do meu Butô!  
 Outro morre. Morreu, ele que não existiu... o meu poeta?  
 Morreram, também, os que também imaginei... amigos patifes, partidos?  
 Rebeldes, dissidentes... risos. Uivos... papai, irmão confrontados...  
 Meu peito com leite infectado: pimenta e clorobenzilideno malononitril (lacrimogênio)  
 Delinquentes, vândalos... os dissidentes. Tempestade... em quem?  
 A sombra, as serpentes, o conhecimento obscuro.  
 Estacionamentos de orientações; abandonos... e travessuras no meu deserto.  
 Sim, profanadores da nobre descendência:  
 Paris dos filhadaputinha. Miami dos canalhas... todos, muitos profissionais, viu?!  
 Professores que eram assessores dos Governos, dos Poderes, das Instituições.  
 Tutores e descaminhos. Apenas os corpos.../  
 das ruas, multidão de calafrios em mim. Corcéis negros... revoada daqueles mortos, gabinetes de paredes  
 brancas, corredores vazios e cheios do dinheiro.  
 Dos que roubam a cura da Pólis: “ares, águas e lugares”, somente para negociar, manipular,  
 chantagear, extorquir os cidadãos em prestígio.  
 Devolver a saúde, garantir o funcionamento da pólis; apenas funcionário da política.  
 Sim, nós trazemos o escândalo para os Templos de Galeno...  
 Devolver a saúde, dos especialistas e dos deuses para as mãos da pólis; eu, incendiário-godo.  
 Arrancar a cura dos templos, e não reformar sua pedagogia.  
 Se o contrário da Bios-Pólis é a Morte, quais linhas de fuga são intermediárias?  
 Curar é significado único do que reintegra vida ao mundo do kósmos?  
 Não contribuir para a existência da civilização é crueldade ou compaixão?  
 Tremores para as Luzes Modernas, para o Estado Nacional, para o Humanismo.  
 Sarawá! Anarquia visceral... queer-Butô.  
 Eu sou essa puta da Democracia Liberal e Burguesa... ass(e)ada e sanitária conforme o ranking das  
 Melhores Empresas para Trabalhar e das mais inclusivas Políticas Públicas do Estado.  
 Desmatamento e latifúndios urbanos, abaixo-assinado contra a ciclovias, manifestação por asfalto e mais  
 concreto. Adoro essas sombras que me embriagam. Possessão...  
 Mais médicos, mais médicos, mais médicos; mais, vem mais, mais forte; mas, mas, mas...  
 É Peã... fode comigo?!

Busca-se reabilitar uma passagem de Hermes entre os mundos (alto e baixo, vida e morte), de modo a  
 conduzir um Rito para o mover arcano e escuro na esfera da vida compartilhada; ademais, no reino  
 daqueles supostamente vivos, investiga-se uma travessia de Éros (do que atrai), da Psiké (do que move) e  
 do Áion (do que sucede), capaz de tornar visível os segredos que se abrigam no sagrado remoto. Esse é  
 um agir sem-rostro e não localizável; bem mais que “multidão”, é uma força de não-ato, uma beleza não-

axonômica, uma queda como invenção... e, assim, a imanência que se diz como superfície, plano e dobra, é o abismo<sup>81</sup> inventivo desse Rito – que perdeu o domicílio na boca da história e do presente, mas não dissolveu sua inquietação para os homens. A fome do rito é irradiação do amor, é dispersão (e não-reunião) de estrelas... 16 mil anos-luz em olho nu até os corpos visíveis, ou galáxias às centenas de bilhões nesse universo com 100 mil anos-luz de diâmetro. Então, só os vermes do *anthropos* sabem ruminar, mas não o bolsão digestivo do mundo?

(...) não era arqueologia o que eu fazia, era poesia.

Madame Zero (atriz Norma Bengell), no filme brasileiro “Abismo (Sois Todos de Mu e Não Sabeis)”, dirigido em 1977 por Rogério Sganzerla

(...) vivo um poema cantado, de um Fado que eu inventei (...) e as almas sabem escutar, mas chorei, chorei (...)

Em “Loucura – Sou do Fado”,

música portuguesa de Frederico de Brito e Júlio de Sousa

(...) Quais tipos de saber vocês querem desqualificar no momento em que vocês dizem ser esse saber uma ciência? Qual sujeito falante, qual sujeito discorrente, qual sujeito de experiência e de saber vocês querem minimizar quando dizem: ‘eu, que faço esse discurso, faço um discurso científico e sou cientista’?

Michel Foucault, intelectual francês

(“Em defesa da sociedade”, janeiro de 1976)

Dyonísus não é uma fala com pluma ou com martelo. Tigre<sup>82</sup> que arrasta pelo pescoço até seu arké, até a contorção seu escuro: para comer o tempo na sua caverna. Nunca se tratou de um gesto ou afeto do pensar – nada de ofício (religião), nada de governo, nada de filosofia: ser invadido<sup>83</sup> por essa fome mais grave-savage que desfai/desfalece o possuído, a cidade, a civilização. E borrar-se de sangue, de cheiros. É o mais escuro e que está longe – não vem de longe, não se chega; ao contrário, é o que sempre se distancia um pouco mais, recolhe-se, reserva-se, priva-se. Maldita como a bruxa Dyotima, a Bacante não é a bêbada, vulnerável ou submissa, quem cederia aos caprichos sexuais de homens intempestivos. Entre uma embriagada e uma Bacante há o mistério, o culto, a distância das intensidades do Bacanal para o chão do bar. Os nobres de Atenas sabiam que a violência humana, uma vez não administrada, poderia explodir com a organização da pólis. Entenderam, pois, conveniente, para além das fronteiras da religião oficial, oferecer um lugar para os cultos secretos e fechados: sabiam que da tragédia aos mistérios, a cura produz um efeito civilizatório na medida em que purga a tormenta das paixões que seria capaz de explodir com a própria pólis. As paixões são vis, violentas, invencíveis, e não se purgam na cadeia... e não se faz de conta que a razão teria a prerrogativa universal para governar as paixões. É nesse instante que Dyonísus é o mais feroz, é o muito terrível. Nele, tudo que se vive, desregula a pólis, embora, ao admiti-lo como irmão de Apolo e de Hermes, preserve-se o kósmos da invasão absoluta do kháos. Mistérios Eleusinos, Órficos, Bacantes, Jornadas da Psiké, dentre outros, não são ofícios gerenciados pela pólis e seus templos, embora contribuam para que a mesma não seja destruída. Estes ofícios sagrados e sussurrados drenam/absorvem/capturam a força dessas paixões e ajudam a manter intacta a organização política da cidade. No âmbito desse trabalho, não se trata de ressoar a continuidade da cidade, da civilidade, da virilidade, do governo dos homens, da cidadania, da política, da ordem. Dessa ação no âmbito do culto e da liturgia, distingue-se o que chamo de ritual-avesso-flei na medida em que não se reconhece fator protetivo da pólis. Sendo rito, e distinguindo-se dos espetáculos, também não há ensaios, há imersões. Eternamente escuro, por exemplo, o cú não proporciona um saber: é apenas uma ficção que cintila onde não será encontrado; é a estrela inexacta que não é buraco e que não se exterioriza, o que não cabe dentro da boca ou que os dentes não conseguem tatear. Há mais de quatro dezenas de músculos esfinterianos (velofaríngeo, esofágico inferior, pilórico, urinário, retal etc), em suas funções e posições no corpo humano. Vide, por exemplo, o cú da boca – quicá o mais avassalador, feroz e farejador dos seus desejos: que cospe o que nutre e ingere o que mata, que beija rente e pode sufocar em definitivo, que salva os pulmões inundados e fere de infinitos os lábios? O corpo é, portanto, esse labirinto de cúis (e não de passagens), com tamanhos visíveis e invisíveis, essas dezenas que, somadas aos chakras também

<sup>81</sup> “(...) Fuga perante a fuga (...) deriva misteriosa (...) talvez a queda seja isso, que ela já não possa ser um destino pessoal, mas a sorte de cada um em todos.” – Blanchot (citado por G. Deleuze e F. Guattari, em “O Anti-Édipo”).

<sup>82</sup> Ver: <http://www.issobizarro.com/blog/mundo-bizarro/na-china-bezzerro-vivo-sendo-entregue-tigres/>

<sup>83</sup> “(...) para as mulheres e as cidades que rejeitam o deus e que ele deve castigar a fim de coagi-las, a mania resulta no horror e na loucura das mais atrozes máculas: **um retorno ao caos num mundo sem regra, no qual mulheres enfurecidas devoram a carne dos seus próprios filhos, cujo corpo elas dilaceram com suas mãos como se tratasse de animais selvagens.** (...) Para que se revele benéfica em sua doçura essa Potência de estranheza, cuja irrepreensível exuberância, cujo dinamismo invasor parecem ameaçar o equilibrada religião cívica, é necessário que a cidade acolha Dioniso, reconheça-o como seu (...)” (p. 79) – Vermand, Jean-Pierre. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. SP: Martins Fontes, 2009.

imaginados e como zonas de inversão (e não apenas como aberturas), falam de uma superfície de cú, quando o próprio átomo é 99% de espaço vazio. Contudo, para efeito de uma Teologia do Esfncter, há um marco fixo de adoração: o que nos dizem as preferências desse prazer anônimo, sem identificação de gênero (orgão sexual para héteros e homos), estéril (não-reprodutivo) e atritável (não-lubrificado)? “Vou falar sobre o diabo e por que ele adora o sexo anal. O ânus libera as entidades demoníacas raras para o mundo e que, mesmo no corpo, ele pode conceber o diabo e dar à luz pelo ânus” – Joseph Sciambra<sup>84</sup>. A língua que percorre as curvas, os músculos, os pelos, as dobras... avança do vapor da virilha, com os dedos, o punho (fisting), o vibrador, mas não há como reter um cú para si. O cú é apenas uma sensação visual, com sua presença meramente sugestiva enquanto espectro que já partiu, desmanchando-se no seu próprio banimento escuro, sua própria sombra pristínica antes que o ato desfaça sua miragem. O cú para o qual se lança é remissão progressiva de um brilho tardio, é uma estrela que partiu bem antes que nosso corpo chegasse; é vestígio luminoso atrasado, que não situa, que não localiza. É avessar: flei, flei, flei, flei (assim também aponta Daniel Peixoto, o performer dos Kiriris/Cariri). Qual é o objeto do flei? É lamber até arder até trair. O flei é o que ultrapassa o mastigar humanos (nem technobrega, nem electroclash), quando já não há cadáver (nem Rossellini e o casal soterrado<sup>85</sup>). É a profanação da civilização: nem orifício de entrada, nem passagem de saída. É o avesso da fome e do mergulho. É um verbo-anti com garras e guelras, é distanciar-se nos confins. Não é empestar, não é empestear, não é peste. É o sagrado, não falado enquanto politicamente valioso. O cú era o orifício arcano para a virtude grega: a *theoria* por si, a abstração intangível, sem a cólera e convulsão do amor, não é assimilável; é no afeto da tensão, pressão, explosão, iniciação... que se modelam os cidadãos (todo conhecimento, já o sabia Platão, exige disponibilidade para envolvimento amoroso). No cú do pupilo, o mestre desperta a força das paixões e dos prazeres que, também no seu cú outrora de pupilo-passivo, foram acariciadas pelos gestos que emocionalmente (e sem possibilidades de defesas) dirigem o homem para um tipo de conhecimento, belo, e, portanto, verdadeiro. Uma moral de dominação, onde os papéis de dominador e dominado, amante e amado, ativo e passivo, emprestam-se à transmissão (encantamento) de um repertório de condutas acalentadas passionadamente, de um homem-cidadão para um homem em construção, um projeto de cidadão. Certamente, para além dos excrementos e suas apologias clericais, o cú também faz parte dos repertórios populares: “cheira-cú” (ou, sua variante, “lambe-cú”), por exemplo, alude a dimensão outrora exercida pelo “encomiasta”; no popular, o “adulante”, o “bajulante”; e, no mesmo território das ofensas assimiladas, consta entre os sinônimos possíveis: “um balança-ovo” como substitutivo na frase “um cheira-cú do chefe”. É vulgar?! O “cheira-cú” é um pseudo-flei, ou um flei-simbólico: da língua, apenas o som; do corpo, um meio gesto; é orientação pelo olfato, uma função da língua (limpa-merda) e não propriamente uma queda ao avesso. É vulgar denunciar as adesões espirituais do “puxa-saco”?! Morar no “cú-do-mundo” é muito distante; cair o “cú-da-bunda” é muita surpresa; ter a “cara-de-cú-à-paisana” é tentar darfarçar o impossível: em comum, todas são atravessamentos do cú no meio do acontecimento – como quem “esculhamba”, no sentido que efetiva uma bagunça, que desorganiza, confunde, atormenta. Fazer “cú-doce” é elevar-se perante os demais, ficar de “cú-fechado” é sentir medo, “tirar o cú da reta” é desimplicar-se, subtrair-se, evadir-se como quem retira a própria essência, e até se diz “dar-o-cú” ou “carne-de-cú”, como algo ruim (ex., “é pior que carne-de-cú”). O cheiro das parturientes com seus recém-nascidos antes de qualquer lavagem civilizatória, o tipo de cheiro político que o instinto reconhece nas ideologias<sup>86</sup> semelhantes, os pés-de-jambo tingindo as ruas de perfume rosa, tudo isso são fragrâncias idealizadas do numinoso. Enquanto o flei, apenas: é selvagem, é despropósito, é íntimo ao mundo secreto das carícias? É vulgar falar abertamente da vida?! Dar o cú não é virtuoso?! Mas comer o cú, pode? E o flei, que não é dar/comer o cú...? Diferentemente de alguns, para quem o corpo, o cú e a imanência são relevantes à potência, para mim é o avesso, é o verbo-sombra, é o flei, é o rito: é arké e não o ato da arte. Deve ser coisa de pós-moderninho... O que é, afinal, abrir o cú, ou dar o cú?! O que se dilata/alarga e o que se oferta/dirige? O que é tatuar o cú? Onde a tinta incide, e o que demarca? O cú, no seu limite é impossibilidade, é impotência, é fim da esperança. Talvez, enquanto insinuação, o cú seja o verso da pele: o espaço entre o músculo da língua e o músculo no corpo terceiro. O verbo-sombra é “bouleverser”, do francês para o português *buleversar* (de Drummond e Bandeira), que insinua bagunçar, perturbar, abalar. O rito dos objetos, das palavras, das formiguinhas, dos cú não é antropofágico? **O fleitiço dissolve o homem: é o avesso do kósmos, do lógos, da ordem, da forma, da fome?! Não há fome, não há**

<sup>84</sup> Ver: <http://acapa.virgula.uol.com.br/politica/exator-porno-gay-vira-fundamentalista-e-faz-declaracao-bizarra-sobre-sexo-anal/2/13/25050>

<sup>85</sup> Journey to Italy (1954), Roberto Rossellini. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=gRP9YaMyrP4>

<sup>86</sup> “(...) Os pesquisadores pediram para que 21 destes voluntários, todos eles identificados como fortemente liberais ou fortemente conservadores, usassem gazes sob as axilas por 24 horas seguidas. (...) 125 outros voluntários foram convidados a cheirar estas gazes, sem saber de quem elas vieram. (...) as pessoas não foram capazes de adivinhar corretamente se estavam cheirando o suor de um conservador ou de um liberal. Porém, suas preferências tinham uma inclinação ideológica. “Os conservadores gostaram do cheiro dos conservadores e os liberais não gostaram do cheiro dos conservadores” (...)” – Disponível em: <https://br.mulher.yahoo.com/blogs/sexo-oposto/segre-do-da-simpatia-esta-no-cheiro-das-pessoas-dizem-035406077.html>

**saciação: O flei é ritual.** A coisa quando devora-/deriva-homem ainda é canibal, ou é somente o homem<sup>87</sup> (antropós) que se impõe sujeito-faminto? Devir-formiga sobre o catarro, devir-piolho sobre o peito arenoso de amor, devir-carrapato nas pernas úmidas e quase putrefas, devir-cupim nas unhas.....e nos cantinhos encravados do juízo, devir-ash-and-dust. Acresce Manoel de Barros<sup>88</sup>,

“(…) Usado por uma fivela, o homem tinha sido escolhido, desde criança, para ser ninguém e nem nunca (...) irremediável e escuro (...) se fechou esse homem: na pedra: como ostra: frase por frase, ferida por ferida, musgo por musgo (...) Até de nunca ou durante. E de ninguém anterior (...)” (V); “(...) Pela porta da frente eu não podia sair de dentro (...) porque não havia porta da frente (...) Eu queria procurar não entender (...)” (VII);

“(…) Sua língua era um depósito de sombras retorcidas (...)” (I); “(...) Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida, na sarjeta. Sou mais a palavra ao ponto de entulho (...) exercer com elas o **ofício de criado**” (VI); “(...) O poema é antes de tudo um inutensílio (...) Para mim é uma coisa que serve de nada o poema enquanto vida houver. Ninguém é pai de um poema sem morrer (...)” (IX); “(...) sua infinita deserção. **A gente é cria de frases!** (...)” (XIII);

“(…) Só sei por emanções por aderência por incrustações (...)” (II); “(...) esse ente que tem por abrigo o céu, como **conchas ao contrário** (...)” (III); “(...) é **desfigura errante** (...) **Vivendo do que desiste** (...) **Sua descor aparece** (...)” (IV); “(...) Veio uma formiguinha de tamanho médio, **me carregou** (...) Ia comer o meu escroto! (...)” (XV);

,com muitas plicas e míticas céteras, a partir do seu olhar depurado no sensível.

Como inexistem registros dos muitos encantamentos no suporte da palavra-fala, experimento o núcleo escuro do mito (mitologema) por meio das invocações (e não vivido, imaginado) no corpo do Ankoku<sup>89</sup> Butô – “ankoku” é uma palavra do japonês arcano<sup>90,91</sup> adaptada ao contemporâneo, para significar a sombra, a treva, o escuro; o vocábulo tornou-se qualitativo de uma linguagem inaugural do pós-guerra asiático (segunda grande guerra), na recusa tanto à dança imperial (o mundo autoritário), quanto à dança ocidental (dos vencedores-violadores). A palavra<sup>92</sup> que qualifica o Butô pertence à herança dos mortos

<sup>87</sup> “(...) O culto também comporta teletaf e órgia, iniciações e ritos secretos, que não podem ser conhecidos por aqueles que não foram entronizados (...) **atacam-nos e os dilaceram vivos (diasparagmós), devoram-nos inteiramente crus (omophagia)**, assimilando-se assim, em sua conduta alimentar, àqueles bichos selvagens que, contrariamente aos homens, comedores de pão e da carne cozida de animais domésticos ritualmente sacrificados aos deuses, **se entredevoram e labem o sangue uns dos outros, sem regra nem lei, sem nada conhecer além da fome que os impele** (...) **é o deus que vem a este mundo para apossar-se do grupo de seus fiéis**, cavalgá-los, fazê-los dançar e saltar a seu gosto. (...) o modo de vida que escolhia, suas técnicas de êxtase implicavam a presença nele, de um elemento sobrenatural, estranho à vida terrestre, de um ser vindo de alures e em exílio, de uma alma **psykhé**, que já não seria, como em Homero, uma sombra sem força, um reflexo inconsistente, mas um **daímon**, uma potência aparentada com divino e impaciente por reencontrá-lo. Possuir o controle e o domínio dessa psykhé, isolá-la do corpo, concentrá-la em si mesma, purificá-la, libertá-la, alcançar através dela o lugar celeste do qual se conserva a nostalgia, tais poderiam ter sido, nessa linha, o objeto e o fim da experiência religiosa.” (pp. 75, 78, 87-88) – *Vernand, Jean-Pierre. Mito e Religião na Grécia Antiga. SP: Martins Fontes, 2009.*

<sup>88</sup> SABIÁ COM TREVAS, no livro ARRANJOS PARA ASSOPIO. Barros, Manoel de. *Poesia completa. SP: Leya, 2010.*

<sup>89</sup> O vocábulo está disponível na cultura japonesa, por exemplo, em literatura técnica: “(...) this period between the 630s to 750s is referred to by Japanese scholars as ‘Tiantai’s First Dark Age’ (Tendai daiichi **ankoku** jidai 天台第一暗黒時代). See Shimaji Daitō 島地大等, Tendai Kyōgakuishi (1933; reprint edition, Tokyo: Nakayama Shobō 中山書房, 1978)”. Citado em 2009, por David W. Tien: [http://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/62310/tiend\\_1.pdf?sequence=1](http://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/62310/tiend_1.pdf?sequence=1)

<sup>90</sup> “Founded in the 1270s (during the Kamakura era), and later renamed “**Ankokuji**” by Takauji **Ashikaga** in the South and North Courts period of the late 14th century.” Disponível em: <http://www.fukuyama-kanko.com/english/hyaka/spot053.html>

<sup>91</sup> “**Ankoku-ji** is a generic name for temples which were built by **Ashikaga** Takauji [1305-1358] under his grand plan of creating one temple in each provincial state following the earlier example of Emperor Shoumu who built Kokubun-ji temples. Most of Ankoku-ji still remains today and this Ankoku-ji in Oozaki City, Miyagi, is also one of **sixty six Ankoku-ji temples build under the plan**. While Kokubun-ji were built to pray for each state’s achievements in culture and education, though having the similar basic concept, **Ankoku-ji differs slightly as they honor the fallen soldiers** since Genko War [1331-1333] and pray for the peace and security of the nation. **Ankoku comes from word “Ankokurijyou”** meaning to make the nation peaceful and safe, and save all mankind and create prosperity. With this vision **and its respect for all dead soldiers**, Ankoku-ji are temples designed to **unify Japan**.” Publicado em 2007, na revista Nippon-Kichi, e disponível em: [http://nippon-kichi.jp/article\\_list.do?p=4493&ml\\_lang=en](http://nippon-kichi.jp/article_list.do?p=4493&ml_lang=en)

<sup>92</sup> “The policy of building **Ankokuji** and Rishoto dates from 1337. (...) Muso proposed that a pagoda and temple should be built in each of the provinces of Japan where **prayers** could be **offered for the spirits of warriors who had fallen in battle** and for lasting peace. (...) In 1344, the Bakufu declared that the pagodas were to have the title of Rishoto (Pagodas of the Buddha’s Favor) and that the temples would be known as **Ankokuji (Temples for Peace in the Realm)**. (...) Ankokuji were designated from among existing Zen monasteries belonging to the gozan lineages, especially the Muso and Shoichi (Ben’en Enni) lineages. (...) by 1350, Ankokuji and Rishoto had been established in every province of Japan (...) Inspired initially by religious impulse, the policy of building Ankokuji and Rishoto rapidly **assumed political and military implications** in the eyes of the Ashikaga.” – *Collcutt, Martin. Muso Soseki. In: Jeffrey P. Mass, The Origins of Japan’s Medieval World. California, USA: Stanford Univ. Press, 1997 (pp. 287-289);* “It is clear that Muso by this personality and his learning greatly influenced many prominent feudal warriors, notably Ashikaga Takauji and his brother Tadayoshi. It was he who persuaded them to set up in each province a temple and a pagoda, in imitation of the provincial monasteries (kokubunji) of the Nara period. These temples were styled **Ankoku-ji (Ankoku means Peaceful Country)** and Takauji’s motive in founding them was in part political. He wanted to have in every province an emblem of the spread of his influence over all Japan. But also he hoped to create good feeling by this pious enterprise, which was meant **to comfort the spirits of those who had perished in his campaigns**, both friends and foes. (...) No doubt Muso worked upon Takauji’s feelings, for he seems to have been moved by genuine remorse. (...) he professed to feel, that he had been guilty of a great crime in deposing the

que tombam no combate (uma arte que busca a sua força nos arcanos dos vencidos, no avesso dos que perdem/tombam/partem e retornam como resistência ao monopólio das paisagens, o cadáver contra a fúria de uma violência em vida), transposta de um rito cívico de consolação junto aos espíritos que combateram (que resgata a ordem e paz do mundo, na memória e nas orações) para uma dança com o tanto da morte que não consente nem descanso, nem descaso. O Butô permite-me, assim, dançar a sombra de um mito particular (o seu núcleo arcano e não condensado em nenhuma cultura), e não as luzes de sua narrativa (já des/conhecida), compartilhando um território de ressonâncias entre morte, mortos e meus mortos, entre escuro do tempo e sombra do presente. “A questão não é: quanto você vai extrair dele? Nem é: quanto você vai inverter nele? Mas sim: quão imediatamente você vai dizer sim a qualquer imprevisibilidade, mesmo quando o que acontece parece não ter relação com o que se pensou que era compromisso da gente?” – John Cage (Conferência sobre o Compromisso). Dançar o escuro, também por uma inspiração na filosofia de Giorgio Agamben, é distanciar-se infinitamente (!) das formas capturadas em qualquer geografia e temporalidade presente: como em busca de uma estrela que, nadando no espaço do universo em expansão, jamais será convertida em passado, ontologia, história. O Rito, nessa proposta magyar, não se pretende um dispositivo civilizatório que almeja catarse enquanto função para assimilar perda (interditado) e recuperar a ordem do mundo (kósmos) – o rito não é um mediador social para o sacrifício, para a legitimidade emocional no interditado que se evita/afasta. Uma vez que, no Butô, o Rito não é ato/atualidade que abre ao mistério (Saramago), ele não “representa” um sagrado fixado; ao fugir e não-chegar-nunca, no curso dessa distância com a qual se expressam feixes de cometas, torna-se povo das estrelas. Desses corpos (estelares) que se afastam, temos apenas seu rastro, com um espectro circunstanciado de relações – que novamente, se dissolve em escuro, não sem antes, por meio do seu deslocamento exigido, sugerir outros modos de presença e de presente. Mais importante do que concentrar/sublinhar rastros é resistir ao foco de luzes nos vestígios classificados/privilegiados: não se trata de seguir uma caracterização temporal, mas afetar-se por toda a reverberação da sombra que excede em cada presente recortado. Walter Benjamin, em “Experiência e Pobreza”, observa no ensaio de 1933:

“Se entrarmos num quarto burguês dos anos oitenta, apesar de todo o ‘aconchego’ que ele irradia, talvez a impressão mais forte que ele produz se exprima na frase: ‘Não tens nada a fazer aqui’. **Não temos nada a fazer ali porque não há nesse espaço um único ponto em que seu habitante não tivesse deixado seus vestígios.** Esses vestígios são os bibelôs sobre as prateleiras, as franjas ao pé das poltronas, as cortinas transparentes atrás das janelas, o guarda-fogo diante da lareira. Uma bela frase de Brecht pode ajudar-nos a compreender o que está em jogo: ‘**Apaguem os rastros!**’, diz o estrilho do primeiro poema da Cartilha para os cidadãos. Essa atitude é a **oposta** da que é determinada pelo **hábito**, num salão burguês. Nele, o ‘interior’ **obriga o habitante a adquirir o máximo possível de hábitos, que se ajustam melhor a esse interior que a ele próprio.** Isso pode ser compreendido por qualquer pessoa que se lembra ainda da indignação grotesca que acometia o ocupante desses espaços de pelúcia quando algum objeto da sua casa se quebrava. Mesmo seu modo de encolerizar-se – essa emoção, que começa a extinguir-se, era manipulada com grande virtuosismo – era antes de mais nada **a reação de um homem cujos ‘vestígios sobre a terra’ estavam sendo abolidos.** Tudo isso foi eliminado por Scheerbart com seu vidro e pelo Bauhaus com seu aço: eles criaram **espaços em que é difícil deixar rastros.** Pelo que foi dito’, explicou Scheerbart há vinte anos, ‘podemos falar de uma cultura de vidro. O novo ambiente de vidro mudará completamente os homens. Deve-se apenas esperar que a nova cultura de vidro não encontre muitos adversários.’”

Mergulhar, pois, nesse mar das estrelas é apostar na sombra/escuro (σκóτος, skotos<sup>93</sup>, nos gregos; 暗黒, ankoku, nos japoneses) de todos os projetos não vividos (não interpretados) condescendentes ao modo hierarquizado/classificado de existir como presente antecipado/justificado; buscar o que não são os vestígios previamente identificados na arké implica suportar dançar no escuro primevo, ancestral, primordial, arcano onde as estrelas movem a invenção do espaço e do tempo. Se Agamben propõe que a liberdade humana encontra-se na impotência (recusa e potência-do-não, de não-fazer, de não-saber, de não-ser), enquanto dimensão de resistência ao traço hegemônico do ato e da realização universalizados como exigência de vida, a dimensão de cosmicidade (e não cosmologia) do rito apresenta-se como avesso do escuro numa perspectiva diversa, como avesso dessa potência-do-não. Nesse prisma, viver a partir do escuro para seu avesso implica ritualizar-se **para cessar o ato** (enquanto o ritual passa a mover): no sertão das águas drenadas, por exemplo, as lágrimas podem ser carpidas (encomendadas porquanto instituídas como o cemitério), mas não vertidas – mesmo as lágrimas que se evaporam com a dor dos anjinhos... chorar, para essa imagética do sertão, é fora do tempo, e fora do ato: chorar é rítica. “Se falta enxofre à nossa vida, ou seja, se lhe falta **uma magia constante, é porque nos apraz contemplar nossos atos e nos perder em considerações sobre as formas sonhadas de nossos atos**, em vez de sermos impulsionados por eles” (Antonin Artaud). Há um sertão que é apenas geografia, contraposição ao litoral.

---

emperor Go-Daigo, and he undertook various pious works for the **consolation** of the soul of the departed monarch, as well as **the souls of all those who had died in battle.**” – Sansom, *George Bailey. Japan: a short cultural history.* California, USA: Stanford Univ. Press, 1931/1978 (pp. 373-374).

<sup>93</sup> O romancista Harry Norman Turtledove, ao descrever a forma de religião para seus ciclos ficcionais sobre o Império dos “Videssos”, apresenta uma fê principal, polarizada entre Phos e Skotos, respectivamente do bem e do mal, da luz e das trevas.

Porém, há o mulcetão (na língua Bunda das tribos bantos de Angola, na África), as terras mais distantes, o lugar incerto em contínuo devir-distância para a civilização fixada e tão distantes como as estrelas em expansão, que fazem do sertão um personagem/avatar, e não mais território na semântica dos interesses/focos do colonizador: o sertão é ator onde a morte é o chão quente para irradiar carestia; esfacelamento, abandono, deslizamento, abisbamento; frente ou trás, qualquer lateralidade ou temporalidade, quando cair, a morte é anteparo. Sobre o seu território mortífero, há uma sombra e um viver à sombra, uma psiquismo da sombra (dos interiores, dos alpendres, dos arbustos): não é um afeto triste, na medida em que mantém a vida – embora, fora do tempo, como rito, também como áion. Não sei se é bom, se traz paz, se é tranquilo, ou confortável. Nessa vida, ou nesse tipo de vida, eu nunca senti nada diss! Se o ficar quieto, piora; e se o lutar sempre, é intolerável: o que fazer da folha outonal, ou da borboleta mortas ao chão, assim inexplicável e insuportavelmente bela? Rítica. “Sometimes the wind will take you, or sometimes the wind will carry you.” (Anthony Liccione) (...) “and the leaves were telling secrets to the wind.” (Peter Mulvey).

A mítica é o salto escuro que não será capaz de tocar o núcleo flamejante da estrela – que se expressa como distante, e segue como distar, dist-ânsia. Da estrela, apenas, o espectro que não se fixa, que não produz vestígio e que se inventa na fala do encantamento. Estamos, assim, no tempo dos Mistérios Maiores, nos Ritos Secretos ou Mistérios de Eleusinos. Elêusis era onde se sucedia o Rito, a cidade que prestava homenagens ao herói com o mesmo nome – filho de **Hermes** (filho de Zeus) com Daíra (Oceânide). Aqueles que previamente concluíram o mês<sup>94</sup> inteiro dos Mistérios Menores estariam qualificados como Mystai (Postulantes), e, assim, poderiam testemunhar, no ano seguinte, ao lado dos Iniciados, os Mistérios Maiores em homenagem de Deméter e Perséfone, mãe e filha, as deusas agrícolas. Perséfone foi sequestrada por Hádes, o senhor do submundo, e sua mãe lançou uma maldição sobre a terra: com seca, sofrimento e angústia, nada seria possível de cultivo. Antes que Zeus enviasse Hermes para reavê-la ao convívio materno, Hades ofereceu sementes a Perséfone que a fariam retornar sempre que saísse do mundo inferior – de modo que passaria oito meses com Deméter e quatro meses com Hades. O ofício<sup>95</sup> para as deusas era realizado com atividades específicas ao longo de dez dias de celebrações: no primeiro, os objetos sagrados eram trazidos; no segundo, as purificações e sacrifícios conduzidos; no terceiro, os banhos; e do quarto para o quinto dia, aconteciam os Ritos de “EPIDAURIA”. O nome é consagrado a Asclépio, cujo Santuário mais importante estava localizado em Epidaurus. Naquela fase do Mistério, celebrava-se a vinda do herói com sua filha, em uma procissão de Atenas até o Eleusinion<sup>96</sup>, onde se transcorria uma grande Pannykhis<sup>97</sup> – festival noturno, nesse caso, por estar **associado às forças do submundo, da morte ou divindades da terra/ctônicas, não apenas Perséfone como também Asclépio**, com sacrifícios correspondentes. Não por acaso, as curas no Templo de Asclépio exigem a incubação, as visitas durante a noite, as serpentes (que rastejam, ressoam as forças da terra), os sonhos, a interpretação dos Oráculos etc. Imaginar que o processo mítico da cura ocorre às “claras” é desconsiderar que os Asklepiades surgiam em uma transmissão de neto ou pai ao filho, em um circuito fechado de iniciações, embora parceiros da pólis e da Bios, na medida de um saber que se contrapõe à morte. O próprio Asclépio (neto de Zeus, filho de Apolo), assim como Hércules (filho de Zeus) e outros heróis, foram educados por Quíron (neto de Zeus, filho de Apolo) – meio homem, meio animal, em uma caverna, nos arredores de uma floresta protegida por Artémis.

<sup>94</sup> Ver mais: [http://en.wikipedia.org/wiki/Eleusinian\\_Mysteries](http://en.wikipedia.org/wiki/Eleusinian_Mysteries)

<sup>95</sup> “Na série de etapas que o candidato devia percorrer para atingir o termo derradeiro da iniciação – desde o estágio preliminar nos Pequenos Mistérios de Agra até a participação renovada nos Grandes Mistérios, em Elêusis, **devendo o mýstis aguardar o ano seguinte para alcançar o grau de epóptes** –, todo o cerimonial na própria Atenas, em Falero para o banho ritual no mar, e na estrada pela qual seguia de Atenas a Elêusis a imensa procissão que reunia, atrás dos objetos sagrados, o clero eleusino, os magistrados de Atenas, os mites, as delegações estrangeiras e a multidão de espectadores, desenvolvia-se à luz do dia, aos olhos de todos. (...) Somente quando os mites, chegados ao local, tinham penetrado no recinto do santuário é que se impunha o segredo, do qual nada devia transpirar para o lado de fora. (...) o testemunho de Aristóteles é decisivo: ‘Os que são iniciados não devem aprender algo, mas experimentar emoções e ser levados a certas disposições.’ (...) Doravante ligado às deusas por uma relação pessoal mais estreita, em íntima convivência e familiaridade com elas, tornara-se um eleito, assegurado de ter, nessa vida e na outra, uma sorte diferente da comum.” (pp. 72-73) – *Vernand, Jean-Pierre. Mito e Religião na Grécia Antiga. SP: Martins Fontes, 2009.*

<sup>96</sup> “An Oracle is the place of transition and communication par excellence between the world of gods and that of men. (...) Mysteries are not essentially different. (...) Among oracles, those foregoing an intermediary between divinity and consultant will tend to merge with the Mysteries, although there are exceptions. Aelius Aristides, calling the written record of his contact with Asclepius ‘sacred speech’, clearly considered that the cult of this god could be seen as an elucidation of a Mystery, a term which he uses elsewhere. Similarly, an Orphic hymn says of Hygeia that she comes to help the mystai. Nocturnal incubation brings about the co-penetration of two-worlds (...) Pausanias specifies moreover that Athenians claim to have shared with Asclepius the Mysteries at Eleusis, the second day of which was called Epidauria. This mystery aspect of Asclepius (called soter in an Orphic hymn) is well known already (...)” – *Bonechere, Pierre. Trophonius of Lebadea: mystery aspects of an oracular cult in Boetia. In. Michael B. Cosmopoulos, Greek Mysteries: The Archaeology of Ancient Greek Secret Cults. Routledge, 2003. (p. 175)*

<sup>97</sup> Cinco Velhas Graças, segundo o poeta **Homero**: Eudaimonia (Felicidade), Paidia (Entretenimento), Pandaisia (Banquetes), Pannykhis (Festividade), Antheia (Florescimento); Três Jovens Graças, segundo o poeta **Hesíodo**: Aglaea (Explendor), Euphrosyne (Alegria), Thalia (Festividade).

CENA 1

(...)

C – Como vê, as lâmpadas estão acesas.

G – De fato. É esse o dia de vocês. E lá fora?

C – (Estupefato): Lá fora?

G – Lá fora, do outro lado dessas paredes...

C – Há um corredor.

G – E no fim do corredor?

C – Há outros quartos, outros corredores e escadas.

G – E que mais?

C – Nada mais.

G – Você naturalmente tem um dia de folga. Aonde costuma ir?

C – Em casa de meu tio, que é chefe dos criados, no terceiro andar.

G – Eu devia ter desconfiado. Onde está o interruptor da luz?

C – Não existe.

G – Como é? Não se pode apagar?

C – A gerência pode cortar a corrente elétrica. Mas não me lembro se já aconteceu isso neste andar. Temos eletricidade à vontade.

G – Muito bem. Quer dizer que a gente tem de viver de olhos abertos?

C – (Irônico): Viver...

(...)

Jean Paul Sartre, intelectual francês

(“Entre quatro paredes”)

(...) os sonhos e os desejos não realizados da humanidade são antes os membros pacientes da ressurreição, sempre a ponto de despertar no dia final. E não dormem fechados em preciosos mausoléus, mas estão pregados, como astros vivos, ao céu remotíssimo da linguagem, cujas constelações mal conseguimos decifrar. E isso – pelo menos isso – não o sonhamos. Ser capaz de apanhar as estrelas que, como lágrimas, caem do firmamento jamais sonhado da humanidade – essa é a tarefa do comunismo (...)

Giorgio Agamben, intelectual italiano

(“Ideia do Comunismo”, de Ideia da Prosa.)

(...) Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos. As leis não bastam. Os lírios não nascem da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se na pedra. (...)

Carlos Drummond, poeta brasileiro

(“Nosso tempo”, de A rosa do povo, em 1945)

As coisas que se afetam sem propósito-aplicação-inteligibilidade, serão apenas desmesuras ou inadequações, eventos impensáveis ou criativamente improváveis? Disse Heráclito: “ethos anthropó daímon”, ou seja, “o ethos é o *daimon* do ser humano”. Há quem enfatize o caráter do ethos como destino, e há outros, como eu, que sublinha o caráter do destino, do demônio, essa força divina atemporal. Acrescentaria Rudolf Steiner: “Deves conceber conscientemente aquilo que percebe, mas jamais negar aquilo que não o és capaz de perceber. Acreditar em duendes, fadas ou qualquer criatura mágica não te faz um tolo, apenas acrescenta algo a sua visão que os que não acreditam não possuem.” Se a criação de si (bios) enquanto modo de vida qualificado (ethos)<sup>98</sup> não circunscreve uma prescrição-captura do transcendente, seja como metafísica (teoria), seja como condições de possibilidades fixados ao sujeito e sua consciência (Modernos), então, na fronteira dos afetos com o Fora, o tempo do áion *encarna-se/encorpora-se* como intercessor da vida – onde, afinal, a dimensão contemporânea no tempo presente, em seu fator de extraordinariedade, de extravagância, de excelência (areté) vale-se da oportunidade e da circunstância, e não apenas da virtude ou da moral: “They thought I was a Surrealist, but I wasn't. **I never painted dreams. I painted my own reality**” (Frida Kahlo). A linguagem do Butô, por exemplo, remete aos cadáveres daqueles tombados em guerra, combate e disputa. Mais do que os fantasmas e os mortos em sentido genérico, são as memórias cujas feridas expressam uma condição de rupturas insaciadas: não vingadas, não aplacadas. Não são apenas os corpos definhados que parecem sobreviver aos amores que morrem, mas, especialmente, essa dimensão caracterizadamente amaldiçoada para os corpos que não foram consolados, reparados, correspondidos: os corpos, quais sejam, daqueles heróis convertidos na experiência sem fronteira do seu próprio amor – entregues corajosamente à sua épica (época), embora tragicamente sequestrados dos braços de Éros pela Morte: Butô é Anteros! Atração é também um avesso da força erótica! “Que demônio benévolo é esse que me deixou assim envolto em mistério, em silêncio, em paz e perfumes?”, pergunta Charles Baudelaire ao mesmo “ethos anthropó daímon” de Heráclito. Se a Morte desafia Éros (e vice-versa), ela não é seu duplo ou par – a Morte é o contrário da Bios e não do Amor; a fronteira da Morte é com o Escuro, enquanto a do Fora é com o

<sup>98</sup> “(...) bios é a vida considerada como unidade de vida individual, a que a morte põe termo (...) É este aspecto expresso na palavra bios o que melhor se enquadra ao novo conceito de vida como criação de um ethos determinado (...)” (p. 967) – Werner, Jaeger. *Paidéia: a formação do homem grego*.

Abismo (nem Escuro ou Morte). É com essa morte em vista, e não qualquer desfalecimento – mas o rompimento que a morte instaura nos heróis, combatentes e soldados nos campos das guerras; dessa morte qualificada que o Butô enfrenta a Bios-Lógos-Occidente-Grego. A relação de complementaridade ocorre entre Éros e Anteros (disamor, outra intensidade/direção de amor), não é Éros e seu oposto/contrário (desamor, negação do amor): desde os gregos, portanto, **como verso e seu par avesso, Éros e Anteros**; ou ainda, **verso e reverso, cara e coroa do mesmo Éros, Erastês e Erômenos**, amante e amado – Filemão, aquele que ama, e Fileto, aquele digno de ser amado, em uma relação de amor (ativa/passiva) orientada para o Belo. É, talvez, no seu **avesso**, no giro que de alguma maneira sacrifica o unitário para constituir o fracionado: (a) cargas positivas **repelem-se** entre si, mas um-próton e um-sobre-próton **atraem-se**, assim, um-positivo e um-sobre-positivo manifestam um tipo de amor-tensão- atração; cargas negativas **repelem-se** entre si, mas um-elétron e um-sobre-elétron **atraem-se**, assim, um-neg-ativo e um-sobre-neg-ativo manifestam um tipo de amor-tensão- atração; ambas, como um tipo de AMOR ANTEROS; (b) cargas positivas e cargas negativas também manifestam um tipo de amor-tensão- atração, AMOR-HIMEROS; (c) considerando o nêutron como uma partícula não elementar, quarks integram sua composição – no caso do nêutron, 1 Up-Quark + 2 Down-Quark, enquanto se trata, no caso do anti-nêutron, 1 Anti-Up-Quark + 2 Anti-Down-Quark; assim, um-nêutron e um-sobre-nêutron expressam oscilações do sem-feito para o aniquilamento, um tipo de AMOR-POTHOS. Estas seriam as arkés imaginárias da Anti-Matéria e da Anti-Partícula, deslocadas da Physis no século XX para o exercício que um artista suscita enquanto conspiração arqueológica, ou anarqueologia. Somente enquanto ética, portanto, caberia tal horizonte de liberdade e invenção da arte (que não se traduz como palco, espetáculo, performance, público) sem a qual resta disciplina, moral e submissão (sub-jectum). A ética como tempo da vida (áion, da circunstância, da oportunidade, do acaso) é poliamor, é Eroles – essa multiplicidade de caçadores-colisões-conexões, um coletivo originário grego de paixões-produções: legião-daimonies do Amor-Não-Convocado (Himeros), Amor-Não-Retribuído (Anteros), Amor-Não-Prentificado (Pothos). **Éros, Éros, Éros: Trismegistus!** Três vezes, mas não é o Grande (Hérmes). Ah, o amor, esse demônio (daimon) e suas faces: “(...) Só os poetas, entre os humanos, sabem que uma Deusa chega (...) por **fidelidade à obscura semente, ao que vem**, na rotação da eternidade. Saudemos a primavera, dona da vida – e efêmera”, proclama Cecília Meireles. Essa é a relação sagrada que não constitui uma aphoria, mas uma prorrhesis (anúncio para o início) – quando estamos, portanto, situados no campo dos Ritos para Éros. Já não se trata nem de autores nem de sujeitos, uma vez que a própria sensação de Éros invade os corpos, atende às invocações do sem-nome que inicia os processos enquanto Hierophantes. Entre címbalos que oferecem o milho das sementeiras e colheiras, lançados pela alma à terra e à matéria esquecidas pela eternidade dos deuses, dos líquidos sagrados para invocação, libação, purificação e proteção, dos ecos “hye, kye” (princípio paternal do fluir, princípio maternal do conceber), transcorre-se o Rito...

(...) viver é muito perigoso (...)  
 Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa  
 (“Grande Sertão: Veredas”)

(...) é que um mundo todo vivo tem a força de um Inferno (...) por eu ter mergulhado no abismo é que estou começando a amar o abismo de que sou feita. (...)  
 Clarice, escritora brasileira  
 (“Paixão segundo GH”)

Nosso destino é construir palácios sensoriais nas praias obscuramente favoráveis.  
 Roberto Piva, escritor paulista

(...) é importante toda vez arrancar dos dispositivos – de todo dispositivo – a possibilidade de uso que os mesmos capturam. A profanação do improfanável é a tarefa política da geração que vem.  
 Giorgio Agamben, Profanações (p. 79)

Assim, quando utilizo a expressão “ritual”, embora trate de uma articulação do corpo com o poético (belo, mágico), não posso somar a minha intenção e significado aos empregos efetivados sobre o mesmo vocábulo<sup>99</sup> no campo da performance e do pensamento contemporâneo sobre imanência. Para mim, que

<sup>99</sup> “A obra de arte cessa de existir uma vez que o performer e seu público se separam (...) O contrato é trilateral, uma vez que na performance três instâncias estão reunidas: **uma instituição, um performer, um público. Quanto ao ritual, ele assegura a cada um seu lugar e seu tempo, e o elo para fazer existir um objeto que não preexiste a seu nome** (...) Não se pretende, portanto, que uma performance produza um objeto de arte, mas que instaure um rito performático, seja com gestos, dança, ato, ou imagem (...)” – Thierry de Duve, 1981 (citado por Viviane Matesco, em 2002: <http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis20/08.pdf>)

venho de experiências com Carl Jung, via complexo da sombra, arquétipos (persona, self, anima, animus etc) e inconsciente coletivo; depois, acrescido pela discussão de arké e sombra (skótos) por Giorgio Agamben; quando me refiro à luz infinita decaída (fragilidade máxima, o diabo e sua relação com o insuportável numinoso de São Bartolomeu), ao escuro, e, sobretudo, à escuridão primordial, assim como não designo o mesmo tema do conhecimento científico, eu também não pretendo sugerir a existência de algo que se projeta como objeto/efeito da minha performance. Éros, que é um elemento frequente ao meu pensamento e a faceta do mistério com o qual trabalho, é também participante nessa zona do “escuro” que, para os gregos, representava-se por Kháos<sup>100</sup> e aqueles não submetidos a Zéus, Apolo e a luz do Kosmos/Lógos (os titãs, dentre eles). A terapia mais remota, na medida que se envolve de Éros e a incidência do seu gesto arcano/sombrio sobre a Psiqué (jornadas da alma, jornadas da psiqué-terapia), além de anteceder os esforços dos Lógos, certamente não pode expressar quaisquer dos seus compromissos místicos-mágicos quando Éros foi reduzido ao esboço do amor singular para um e outro, corpo e tempo situados. As palavras, em mim, trazem uma forma de densidade que não é apenas história e tempo, é encantamento, feitiço e sonoridade. Éros, portanto, não é a minha performance, e seu arké (sua matriz primeva, sua reverberação infinitiva ao tempo) antecede os rituais específicos do amor nas sociedades. Não apenas o objeto de trabalho, mas o tempo da performance é outra – por derivação, o projeto de corpo e de cena, com sua formulação de “ritual” a compreender outras interfaces. Desde Agamben, só posso dizer acerca do meu presente arcaico como imersão nos registros do escuro, e não como rubrica ao Lógos apontado (para além de uma racionalidade, o Lógos é um princípio que organiza – que repele o encantamento, o destino etc). Afirma Zbigniew Herbert, em “O SENHOR COGITO E A IMAGINAÇÃO”:

“O Senhor Cogito sempre desconfiou  
dos ardis da imaginação

do piano no cume dos Alpes  
do qual saíam notas falsas

não apreciava os labirintos  
as esfinges inspiravam-lhe desgosto

habitava uma casa sem cave  
sem espelhos nem dialéctica

as selvas de quadros compulsivos  
não eram a sua pátria

elevava-se raramente  
nas asas da metáfora  
para cair de seguida como Ícaro  
nos braços da Grande Mãe

adorava tautologias  
a explicação  
idem per idem

que o pássaro é um pássaro  
a servidão servidão  
o cutelo um cutelo  
a morte morte

amava  
o horizonte plano  
a linha recta  
a atracção exercida pela terra.”

Entretanto, se conduzo um Rito, objetivo uma invocação – nem espetáculo, nem cerimonial; uma ocupação do meu corpo por estrelas que riscam horizontes de não-controle: no limite, também corpos não humanos (forças da natureza, espíritos não humanos etc) a agir sobre o mundo dos homens, a interferir o meu próprio caminho. A sombra do Butô jamais será ato, funcionalidade e performance: quando se diz Ankoku, de “Ankokurijyou”, invocam-se os mortos para honrá-los; todos os mortos, densidade e travessia com a morte para uma dança que não apenas resiste ao esquecimento, mas faz mover no mundo dos vivos um corpo dessas memórias mortas, um espectro (corpo de fantasma) como afetação. Quando se remete a

<sup>100</sup> “(...) a terapia que desassocia os seres que vivem pra rimar dos que rimam pra viver (...) Se a luta for armada eu tenho livros. Se a guerra for versada eu tenho armas (...) **pintar quadros** modestos de quem sou. **Revelação dos monstros** que assombram minha criação (...) a lógica do **caos é sinfonia sem querer** (...)” – PARTEUM, rapper (em “Cortexiphon #9”, disponível: <https://soundcloud.com/parteum/cortexiphon-09>)

Plutão/Hádes e Lilith/Perséfone, a descida de Perséfone (e também da Psiqué) ao submundo, destino dos mortos no Hades... não se tratam de pessoas, nem de personagens ficcionais. Quando se diz, por exemplo, que “do pó vieste”, e solicita-se, no âmbito do Butô, a expressão de um corpo decaído, cujos ossos, abandonados a floresta como tumba entre os galhos, uma vez submetidos às estações contínuas, desintegram-se em osso, finalmente pó e caminhos que o vento torna poeira... Aqui, o pó é parentesco que se espalha em poeira, é ancestralidade que arrasta a força arcana da terra e do subterrâneo, é demarcação nos círculos sagrados sobre a terra...

(...) precisamos aprender a amar certos monstros (...)  
Antônio Negri e Michael Hardt, analistas contemporâneos  
(Multidão: guerra e democracia na era do Império.)

Quando nasci, um anjo torto/ desses que vivem na sombra (...)  
C. Drummond, “Poema de Sete Faces”

Ich sage euch: man muss noch Chaos in sich haben, um einen tanzenden Stern gebären zu können. Ich sage euch: ihr habt noch Chaos in euch.  
Friedrich Nietzsche, filósofo alemão  
(“Assim Falou Zaratrusta”)

Light thinks it travels faster than anything but it is wrong. No matter how fast light travels, it finds the darkness has always got there first, and is waiting for it.  
Sir Terry Pratchett, escritor britânico  
(“Reaper Man”)

O flei é, justamente, desfazer o assimilar/incorporar dessa voz de autoridade no rito, é atentar contra uma direção pactuada na arké, permitindo que o rito novamente pluralize os caminhos da arké; o flei remexe (confunde) no arquivo da iniciação, não pretende abolir ritos e arkés. É uma convocatória que reabilita a enfermidade, mas não retroage como quem renuncia; não quer dizer que a orientação do flei avança, desenvolve, propõe enquanto ato, embora, certamente, também não implique uma opção de imobilismo. Ao contrário, o flei caminha, ao avesso: ele projeta uma trajetória que desfaz, e caminhante, para trás e ao avesso de todos os passos hierárquicos, anti-gravita e desdiz. Se o ritual é entendido como não-modificável, exatamente para sustentar um ambiente recôndito/reservado da vida comum, onde o mágico e o secreto podem expressar afetos incomuns; o rito instaura um campo mágico para um tipo de experiência estranha, um tipo de qualidade com sensação plena de extradição e do inefável, de morrer em um quadro de percepção para um sentir outro. É porque o vetor contrário ao cú é o ouvido. O flei não pode ser bom, como na eu-daimonia, ou na eu-caristia; o flei não pode ser corretivo, como na orto-pedia, ou na orto-grafia; o flei, como na poesia, é um inutensílio da língua, é a propagação sensível dessa língua que reverbera mas não comunica. O flei, também como o poeta, desarticula a língua na sua radical impossibilidade, em um gesto que não comunica, mas que expressa o radicalmente avesso (e não apenas outro). Os fantasmas do rito que me chamam e com os quais atravesso, e que seguem me atravessando, todos os dias, em silêncio: é um enfrentamento contra o ser apenas um ouvido, que nem o nariz trouxe e que não pode ser beijado – especialmente, lambido, uma lambida fora de qualquer arké-ouvir. Câmbio, na escuta. Desliga. Contra quem apenas escuta (passivo), imerso na rítica e na mítica (ativo), há um flei que desequilibra os objetos do amor – dissolve no campo estrangeiro, e rítico de mágica ou de afetos incomuns, embora sem homem e sem mulher, sem pessoa. Seu apelo é um cú, pretensamente caracterizado como um orifício, ao mesmo tempo impreciso em todas as aberturas, orifícios, esfíncteres no corpo. Um cú é unidade de potência, é reverberação: o cú é tão abstrato e desejado como um número; porém, equações e configurações do cú produzem uma beleza que não se transcorre sob a contemplação do Lógos e do Kósmos. O flei é açoite roxo sobre um espectro de cú (da sombra apenas um espectro), o flei vadeia nessas gravitações do cú: tremores e temores. O flei é um tipo de distanciar: não apenas um mergulho numa fenda (abertura, substantivo), mas um tipo de abrir (verbo)... e a ideia de “enfiar o dedo, e rasgar o cú”, também como rasgar um papel de parede: dissolver o “olho do cú” para devolver o céu, as estrelas condenadas por distanciar-se infinitamente – as estrelas que cintilavam no submundo. Os nossos queer são emos: não sabem, não gostam, não se definem. Nem como homens ou mulheres, gays, héteros, bissexuais, trans. Proteger de uma única sexualidade, como definição, opção, orientação, identidade. Explodir com afetos e sensibilidades, exacerbados e excessivos para confrontar e transgredir. Triplamente excluídos, da musicalidade e sexualidade hegemônica, com um subgrupo dos rocks (emo-core), para além da tristeza que não é a gótica no conjunto das tribos ecléticas, os emos ritualizam os sentimentos entre cores que fustigam a segregação e o preconceito. Não se trata de maldizer, ou de uma vingança no sentido de clamor e de justiça; é um grito, porquanto não se constitui reclamação; embora não se esteja negociando, uma afeição, um envolvimento. Se o ritual não é desfeito por manter um território de sensações para encantamentos e feitiços, não implica reter uma voz de autoridade como orientação

necessária à experiência do sagrado; em vez do mestre e do maestro, um flei: produzir embo(r)caduras, revirar a língua com algo que não se vê e que não se empresta à existência; perder o sentido da língua para o impenetrável, o sentido da fome para o que não tem forma, e, assim, igualmente intangível, permanecer em um tipo de secreto: sem a direção, se o vetor mestre, do ativo ou do passivo, do amargo ou do suave; quem é o quê se/quando não há rosto ou luz visíveis? Butô-Espagírico que libera não o oculto do homem (inconsciente), mas o que não se aprisiona pelo homem: as sombras. Fumaginar é esse processo que inibe a produção de energia/ato/ação a partir da luz (e regulação da fotossíntese), permitindo a infestação de sombras que jamais estiveram como primeiro plano: manifestação de escuro, de poeira, de fuligem, uma película cinza como do incenso ou do cinzeiro, que recobre folhas, frutos e ramos. Trata-se de agentes biológicos (capazes de produzir uma espessa cera/carapaça/escudo do corpo do inseto contra inseticidas e) que drenam diretamente a seiva das plantas cuja secreção de açúcares permite o surgimento de uma colônia de fungos na superfície hospedeira, interceptando a absorção de luz (nos processos de respiração e transpiração) – um “cú ao avesso” de efeito direto sobre o crescimento da planta e o tamanho dos frutos. Butô-Fumagina é uma dança que não é dos homens, é uma dança que não trata de praga, de plantar, de plantão. As lágrimas-emo vertidas pelo “olho do cú” interessam-nos: Butô-Fumagina é uma dança de a-narco-flei que recobre a língua de merda, que intercepta a fotossíntese do Lógos em palavra (porão do Lógos), que canibaliza as funções do amante e do amado, da vinculação entre ativo e passivo, desfaz o laço por Éros. A proliferação de uma sombra (como em um eclipse) restringe o abuso de uma ética meramente afirmativa da sobrevivência, da vida como valor máximo, da vida como captura e distribuição das Luzes, seja no Lógos abstrato e metafísico, seja no Lógos racional e suas condições apriori, seja no Lógos corporal e imanente. Ó, espantosamente! Ó, incredivelmente! Ó, imensamente! Nós adoramos: belíssimo, os ecos do trabalho... Nós: todos os meus eu’s, todos os mortos por mim. Um rito para que já não precisem da invocação, para que tais eu’s esqueçam-me, porque estes podem: eu não. Fumaginar o Apolo de Michelângelo, o Asclépio de Apolo...

*...dangerous  
yes, i am dang-erous, whereas  
‘dang’ goes for an euphemism, ‘damn’ good... and  
‘erous’ is nothing least what poets are made of, ‘eros’  
oh, com’on: is it about a fuck? is that what you think?*

*quem escava, busca sombra?  
(mas há sombra na terra?)  
quem escava, busca cinza?  
(mas há cinza na terra?)  
vestígio e resíduo adormecem, enquanto  
sombra e cinza apenas dançam  
corpoeiras...*

*o pó de pompéia  
o pó da fogueira  
o pó do nazista  
o pó da bomba  
o pó da guerra, do incêndio, da tragédia  
das relações que se desintegram:  
abrir poeira e miragem  
e fazer do corpo, urna  
“polvere tu sei e in polvere tornerai”  
enfregar-se com as cinzas  
despertou o terceiro olho e reduziu Kama<sup>101</sup> a cinzas pela intensidade do olhar (...) será chamado  
Ananga – o incorpóreo  
a dança como destruição...*

*o estrangeiro da imanência, corpo, afeto  
esse pagão, é quem come o homem  
esse xênos, é canibal do anthropos  
o rito dos/  
anti-gos:*

<sup>101</sup> Com flechas de flores a pedido de Parvati, o deus Kama (desejo) foi punido ao atentar contra a meditação de Shiva. Com as orações de Ratí (paixão), esposa de Kama, Shiva o ressuscitou.

*antropos-phagos antes da antropofagia  
sarco-phagos antes do sarcófago  
antes, do homem e da mulher desintegrados no abraço  
antes, das escavações, das cinzas, das sombras*

*dizem que (de)mover o corpo reflète na saúde:  
assim como na acupuntura,  
também as paixões alegres de espinosa,  
incidindo sobre a reverberação do mais sutil,  
interessam ao poder dos médicos?!  
quando a arte insurge com seus objetos,  
notoriamente suas invocações da morte,  
sussurradas do mestre ao discípulo,  
o arcano é matéria dos profissionais da fisiologia?!  
costume das autópsias e das punções,  
observação exímia do ínfimo ao finito,  
qual o receio desse viver um pouco fora/  
ou do monopólio sobre porções do invisível?*

*um Butô, ou cartas para um amor Não-Morto  
Não-Morto, como na potência-do-não, em Agamben...  
Embora, Não-Morto também como virar:  
o verso,  
e o encantamento,  
o avesso,  
e o rito  
da vida.  
pagão é verbo-sombra, e sombrar traz cinzas  
butô-pagão-pegação  
corpoeiras<sup>102</sup> ...*

*para escavar linguagens abafadas nos vestígios de asclépio,  
desviar qualquer moral póstuma, incluindo o penhor de um galo para sócrates,  
e de hipócrates a galeno, atravessando um físico volátil e sideral dos alquimistas,  
quando era matéria, contudo, também opus, espírito e transformação,  
com o saber além de imaginativo, mítico e mágico,  
até que luzes plenas quiseram manter um corpo doente e morto  
à margem das guirlandas gregas, no proto-tecnicismo que o dezessete assistiu florescer,  
desaforos críticos nessa fábrica de continuidade e poder, criação  
um deboche à supressão da pólis no monopólio encarcerado das curas,  
por acaso, nem havia o pretexto da ciência e da evidência,  
sete séculos antes das cruzes romanas, ilhotes  
sobre os quais asclépio suaviza a partida e quíron ameniza o gemido  
no espólio incontornável do mundo com todas as dores e tantas as mortes,  
dessas curas nos templos brancos de serpentes que já não dizem salvar,  
ainda o arcano como saber do mistério:  
distante-distância de asclépio e de quíron que se afastam continuamente,  
as estrelas que se refugia dos cadáveres em oferta submissa,  
somos os mortos que dançam uma história não contada, para lembrar-se vivos  
quer dizer, ainda não dançada... se até os galos recusam-se ao sacrifício?  
nossos fantasmas tornam-se poeira cinza nas paisagens da razão e dos pharmacos  
deserto tranquilo dos que controlam sob o dizer outra coisa do mesmo signo  
e zombam saberes para os vivos que operam sob interesses e prestígios  
desse corpo físico sem poética e matéria que  
não-retorna-da-morte fincada em pactos definitivos,  
da autópcia à exumação clínica de apolos,  
o que se ergue como profanação de bioética, de aion-ética, de ética-da-vida?  
o mercuri alado, um hermes das brumas no entre-mundos,*

<sup>102</sup> Ver as fotografias incríveis, no ensaio “I am Dust” (2009-2012), de Olivier Valsecchi: <http://www.hypeness.com.br/2013/09/ensaio-criativo-mostra-pessoas-banhadas-em-cinza-gerando-efeito-incrivel/>

*o viajante das dobras e das interpretações,  
em sua dança contra (um saber)-vil, das violências sacer-fixadas em verdades  
à sombra “humana”  
dos clássicos aos modernos,  
(ato, tardo, atordoado, arké)  
das jornadas no templo de asclépio  
às serpentes do iluminismo no seu apogeu;  
do corpo que sonha curas ancestras,  
até reminiscências do belo nas esculturas;  
do trágico com paixões da alma  
e dos inteiros corroídos nas potências;  
quando do “homem” já não vê  
uma só mão de michelângelo:  
entregue aos fantasmas gregos,  
ou no sacer-ofício dos especialistas;  
e assim, fora dos signos hegemônicos,  
na fronteira das artes e racionalidades em saúde,  
contorção de sensações e sentidos; no limite,  
pensartecorpo que inventa e não representa:  
atravessa silêncio, morte, cartas em  
dança-performance-rito  
de músculos agonistas para  
olhos de agonistarkas;  
fragmentos... dessa  
poética contemporânea,  
sua.*

*“La pérdida del amado es como la pérdida necesaria de lugar de los místicos”  
– Amador Veja, Libro de horas de Beirut*

*“Continuem escrevendo suas cartas de amor. Os escafandristas virão.”  
– Ricardo Domeneck*

#### **iv. C) BARRA 003**

#### **CARTAS AERONÁUTICAS: O GALO E A GALA**

Durante o Exame de Qualificação (realizado em 08 de outubro de 2014), antes da exposição de cunho teórico-metodológica, senti uma necessidade “experencial” de compartilhar uma breve apresentação de Butô (com duração prevista de 30-40 minutos), a propósito das intensidades que, sob outro formato/linguagem, ressoaram nas Cartas que escrevi para o Eve Brèal. Compartilhar sensações e forças de vida requisitória, de início, a composição de outro repertório de intensidades, de invenção para uma textura que não se empresta à representação/tradução pelo discurso, de invenção para outro suporte que se distingue do texto/da Carta.

Assim, me vali de elementos do corpo, das energias e da linguagem estética do Butô para mover, no campo do Rito, forças de sombras: “(...) Um grito de estrela vem do infinito/ E um bando de luz repete o grito/ Todas as cores e outras mais/ Procriam flores astrais (...)” – Flores Astrais, Ney Matogrosso.

A proposta foi um trabalho complexo de grupo, onde estivemos dividindo a cena: eu, Sílvia Moura e Wellington Gadelha, com diferentes participações gestuais e faladas, em ações individuais e outras compartilhadas, incluindo as presenças de Aliatá Ricelli que estava de pé, cantando a capela, um set específico de Maria Bethânia e Leonardo Albuquerque, sentado, no acompanhamento de percussão (sinos, tambores, flautas etc).

Estávamos maquiados (pancake branco aplicado de esponja, sombras e lápis, talco etc), os quatro com vestidos femininos de corpo inteiro em temas de florido-desbotados e eu com um mínimo de roupa coberta – corpo branco e raspado. Sílvia Cavalcante e Fabíola de Paula ajudaram na maquiagem. Caio Mayrink ajudou nas informações para o público. Herley Lins, Pautylla Lira, Kátia Savioli e Emanuel Moura contribuíram nos detalhes da produção. Uma parcela do material utilizado foi doada, e outra foi comprada (com orçamento de R\$ 1.500).

A atividade aconteceu em uma sala de aula regular, no primeiro andar da Faculdade de Medicina (UFC – Campus do Porangabuçu, Fortaleza). Tínhamos setenta e cinco lugares sentados em carteiras de estudantes, ocupando uma sala quadricular de cimento, fechada com ar-condicionado, janelas vedadas de papel contra o sol, sem palco, iluminação ou projeto de som específico/diferenciado.

No texto entregue (o projeto de dissertação) à Banca de Avaliação constava que haveria uma apresentação de dança-performance, embora os Membros desconhecessem qualquer detalhe sobre a natureza estética da atividade. Quem atendeu ao convite dessa atividade, recebeu, na fila de entrada, uma tentativa de ficha técnica (vide cartão abaixo). O evento era gratuito, com inscrições limitadas.



**Devir-Michelangelo.  
Butoh de Apolo no  
templo dos Asclepiades**  
uma linguagem da estética como profanação de bioética|aion-ética|ética-da-vida

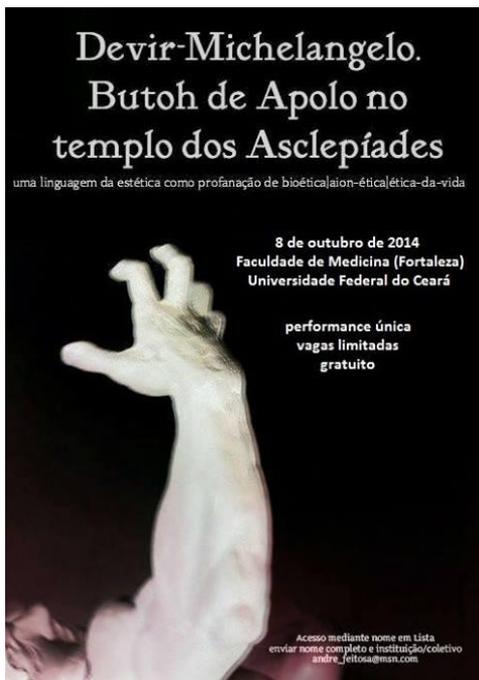
**8 de outubro de 2014**  
Faculdade de Medicina (Fortaleza)  
Universidade Federal do Ceará

performance única  
vagas limitadas  
gratuito

**BUTÔ ENTRE RITO E MITO DO AMOR (NÃO-)MORTO**

- :: Dança e Roteiro | André Feitosa e Sílvia Moura
- :: Canto e Seleção Musical | Aliatá Ricelli
- :: Percussão | Leonardo Albuquerque
- :: Fotografia | Bruno Aboim
- :: Escultura (Bailarina da Sombra) | Tércia Rabelo
- :: Assistentes de Produção | Caio Mayrink, Patrícia Carla, Herley Lins, Pautylla Lira, Wellington Gadelha
- :: Instrumento de Feedback | André Feitosa, Kátia Savioli, Emanuel Moura
- :: Agradecimentos | Thales Luz, Ed. Freitas, Steve Berg, Pablo Mañé, Tatiana Zylberberg, Fco. Ursino Neto, Luiz Millecco, Paola Tórres, Luan Yves, Liese Cristina, Mayara Carvalho, Zé Maria Neto, Eliane Pacheco, Vilma Feitosa, Fco. Cavalcante, Yuri Nóbrega, Carlos Mourão, Turma 2013/14 (MSP-Famed)
- :: Para Eve Brèal (Nov/1988-Out/2013)

O evento foi divulgado na minha própria conta do Facebook (vide abaixo), durante o mês de setembro de 2014, solicitando inscrições (declarações de interesse) para o meu e-mail pessoal – no intuito de organizar/otimizar a disposição das cadeiras no espaço que seria também compartilhado por uma intervenção artística. Professores foram convidados, diretamente pelo Orientador, em reunião do Colegiado do próprio Mestrado; outros professores da Universidade Federal do Ceará foram convidados, por mim, em atividade paralela, promovida no âmbito do Projeto CASAS da UFC (Casa de Arte/UFC, Casa de Religião/UFC).

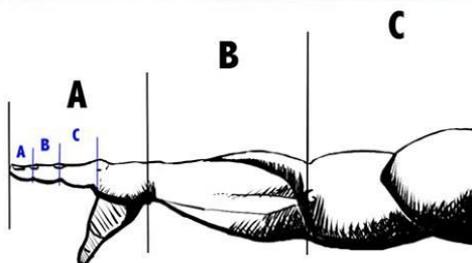


**Devir-Michelangelo.  
Butoh de Apolo no  
templo dos Asclepiades**  
uma linguagem da estética como profanação de bioética|aion-ética|ética-da-vida

**8 de outubro de 2014**  
Faculdade de Medicina (Fortaleza)  
Universidade Federal do Ceará

performance única  
vagas limitadas  
gratuito

Acesso mediante nome em Lista  
enviar nome completo e instituição/coletivo  
andre\_feitosa@msn.com



Além dos Professores da Banca de Avaliação (Orientador e dois membros Avaliadores da própria Universidade), compareceu um público de adesão espontânea, superior ao número das cadeiras (que se dispuseram sentados ao chão, e de pé, atrás das primeiras cadeiras, próximo do único acesso lateral). Eram estudantes da graduação e do mestrado, professores e profissionais diversos, da própria Faculdade de Medicina e de outras instituições da Cidade.

Incomodado pelo barulho invasor que se sobrepunha à explanação técnica, um catedrático na sala vizinha (da disciplina de Cirurgia ou semelhante), solicitou que seus bolsistas viessem dialogar a redução na interferência sonora para sua aula. Os respectivos estudantes, identificados por seus jalecos brancos com inscrições bordadas das Ligas Médicas que pertencem, chegaram até a porta da nossa atividade: a sala já estava lotada, completamente escura, a natureza do barulho e da atividade era completamente “inesperada” para o contexto médico... de maneira que, ao retornar de forma discreta, interpelados sobre o êxito da reivindicação, os referidos estudantes não conseguiram “explicar” ao Senhor-Professor que tipo de “atividade” ocorria em paralelo.

Portanto, há vários modos de perceber os movimentos e a ocupação daquela sala, naquela manhã. Um participante traduziu a composição do espaço como o registro de um fantasma morto na família dos fantasmas – com dois irmãos fantasmas que chamam (olhando e vasculhando o nada) o irmão levado pela morte, com uma irmã que vaga com os restos (cabelos que sobrevivem à morte), com uma tia que borda e transborda essa perda-distância do fantasma tragado.

Outro participante traduziu o espaço como uma sensação de penitenciária, de várias jaulas que se abriam para um galpão de almas condenadas, de gente que suspende a vida, errando/vagando entre os mortos: “vocês não precisam estar aqui, há luz do lado de fora”, uma das atrizes, dizia ao final, antes que todas as cadeiras fossem ao chão: atrito do metal, barulho da queda, das carteiras reviradas. Há quem visse uma criança com fraldas, e nos panos finos bordados, um contingente de mais fraldas...

...molhar, secar, esvair, duvidar, diluir, impossibilitar, machucar, doer, transmutar, profanar, abrir, expor, curar, macular, conter, isentar, limpar, sujar, proteger, cuidar, cair, derramar, amar, morrer, sujar, achar, rasgar, seguir, estar, compor, partir, reunir, quebrar, perder, ruir, findar, estranhar, cortar, doer, escorrer... os verbos-sombra.

Para além dos relatos “integrados” como sentidos ou totalidades, talvez seja interessante uma descrição fragmentada de elementos disponíveis – opção que, talvez, estivesse mais próxima das minhas próprias sensações naquele excedente de experiência.

As minhas mãos traziam um par de sapatilhas que pertenceram ao Brèal (e que me foram remetidas pela família dele, após a sua morte). Sapatos de ballet são conexões de carne e de sangue, de ferida disciplinar para qualquer bailarino clássico. Tínhamos um projeto comum, denominado “Cahiers (para além da Dança)”, com apontamentos que o corpo dele ensinava-me: “a dor lembra que você está vivo”; “o sangue lembra que você tem um corpo”; “o cansaço só disse que você fez o que poderia, por enquanto” – (by @Evandro Brèal)



Além de cartas, mensagens, textos e objetos de memória, de invocação, de força... Para aquela dança do Butô, limpei do meu corpo, retirei do pescoço e braço, todos os cordões de proteção e salvaguarda espiritual; dois dias antes, também suspendi todas as minhas orações diárias de barreira/fronteira espiritual. Naqueles quinze dias que antecederam a nossa atividade, sentia a chegada gradual de visitantes – que vieram, em número de sete ou menos que nove, em dias espaçados; eram seres velhos, e de estatura média, que já se abrigaram no meu corpo, em outras ocasiões; vieram e, também como antes, depois partiram. Não sei quem eram, ou como vieram. Sei que auxiliam nos Ritos. Não voltei às minhas orações, desde então: parei com os 50 mil mantras. Não encontrei mais sentido em mim.

Outro evento significativo, associado às sapatilhas, dizia respeito à minha procura por uma boneca bailarina (um tipo de Barbie bailarina, ou semelhante) – tendo em vista que o próprio Bréal, além de desenhar bailarinas de próprio punho, também mantinha uma pequena coleção de bonecas dançarinas. Além do versinho curto (uma formulação em sonho) que me acompanhou desde a primeira versão do Butô (“... há extintores por todos os lados, menos no meu coração...”), talvez a fonte principal de mobilização anterior, de investigação de referências/sensações e busca de matizes amorosos, tenha ocorrido nessa procura cuidadosa das “bailarinas”.....



Vídeo 1, Espetáculo “Caleidoscópio” – Centro de Dança Laura Flores (CDLF), Florianópolis, 20/12/12: <https://www.youtube.com/watch?v=IprLDxm9hh0>



Vídeo 2, Javier Pérez - EN PUNTAS (extracts): <http://vimeo.com/66721776>





Circulei a sala cinco, sete vezes, com as sapatilhas girando no espaço, presas entre os meus dedos. Convidei quem desejasse aproximar-se ou participar diretamente da atividade, através de sons ou notas arcanas de vibrações demoradas – que não apenas atravessavam o corredor imediato da Faculdade, onde havia uma fila de pessoas aguardando; bem como, saltavam na rua, do lado de fora do muro no térreo para a avenida lateral, também os vendedores ambulantes escutavam o compasso de tais sons indiscerníveis. Eu não encontrei a boneca que procurava. A artista plástica Técia Rabelo, depois de ler todas as Cartas que escrevi, aceitou a encomenda de produzir uma “Bailarina da Sombra”. A música começou, ladeando os sons fora de partitura, melodia e letra.



Além de nós cinco, havia um fotógrafo (Bruno Aboim), Fabíola e Sílvia (com a finalização da maquiagem – a despejar muito talco como uma água para despertar os demônios, no contrário das pias bentas), a secretária-geral do Mestrado (apontando o atraso de quinze minutos, com a Banca aguardando do lado de fora), um funcionário da Universidade que pretendia um registro institucional e uma moça também solicitada no registro visual por uma participante.

Quando senti que estávamos prontos para iniciar, amarrei as sapatilhas: penduradas, esse objeto do chão, agora flutuando acima das tantas cabeças. A porta abriu-se, o público chegou ao “nosso” círculo mágico. Bordados em vermelho para os

sacos/panos de chão, além dos vestidos/figurinos para os cinco atores, vieram com a produção da artista Patrícia Carla.



Estava sentado em um banco quase rasteiro, enquanto Sílvia cortava três chumaços com as mãos dentro do meu cabelo – imediatamente atrás, e imóvel, um pequeno refletor na mão-fixa de Wellington. Havia muito pó de talco suspenso no ar, que caía dos nossos cabelos em movimento. Havia uma montanha de panos bordados, e o cheiro desse algodão cru. Depois desse marco no tempo, já não posso lembrar-me com exatidão. Sei que entraram, e já estávamos no círculo mágico. Sei que se foram, e nós ainda continuávamos no círculo mágico. Eles que vieram e que se foram, mas não houve início ou fim. Nunca houve palmas. E nós estávamos em torno das cadeiras – não exatamente as cadeiras em torno de nós.



Não havia roteiro, apesar das marcações espaciais: a zona de um pequeno tronco de madeira (com altura de 15, 20 cm), para (des)equilibrar-se e derramar líquidos sobre o corpo; havia uma zona doméstica, como o interior de uma casa, com mobília e seus objetos internos (terno, xícara etc; uma morada alheia cujos objetos íntimos tornaram-se de todos, a “nossa” casa sombria) – uma vela grande (e perfumada) estava acesa, próxima a um arranjo de flores naturais; havia uma zona de galhos, onde os músicos estavam; havia uma zona de memórias, meio de baús ou caixotes, com a boneca bailarina (que guarda as Cartas de Amores Mortos), cartões postais, cadernos, livros, um chapéu e bengala etc; havia um ponto, e não exatamente a zona, onde estava a sapatilha; havia outro ponto, onde estava pendurada a Mandala com fios coloridos de lã; pequenos vasos de flores coloridas dispersas, e havia duzentas velas pequenas (a sala permaneceu sombria, quando as velas deixaram de ser luz), acesas na sala escura – sensação de interioridade, de introspecção, de uma beleza grave, de calor (as velas obrigaram o desligar do ar-condicionado).



Hávamos todos nós, e éramos muitos... muitos, muitos e muitos, em cadeiras, e dois grandes corredores. As cadeiras não olhavam para o “mesmo” lugar; não era também possível olhar para tudo, ou qualquer ponto – especialmente, não estando claro. As cadeiras permitiam e ocultavam acessos. Havia cadeiras no perímetro quadricular das paredes, olhando para um centro. E havia um núcleo central de cadeiras, duas filas, cadeiras de costas para costas, olhando, com suas frentes para as áreas internas dos corredores criados – com a visão impedida para o que ocorria atrás. Criou-se essa conformação de espaço.

Dentro da nossa sala-casa, de portas fechadas, há quem emudeceu, quem se desorientou, quem se descontrolou, quem chorou, quem vomitou. O sangue dos meus cortes, consagrou o chão antes secular; ato que profana, na medida em que converte o mundo do cimento e da técnica em território sagrado. Mundo medo, Medo mundo, Mundo Mudo Medo... cheiro de pêlo queimado, resto de velas amassadas que não apenas um lixo.



Meus pés que esmagavam as centenas de velas foram perfurados contra o m(et)al que acomoda a cera quente – pisá-las faz respigar calor que fere, que me fere e também fere outros, que se derrama pelo chão, que funde/confunde/fusiona um conjunto de vestígios abandonados/capturados: poeira, talco, sujeira dos sapatos, suor, sangue, terra dos vasos etc. Essa era a zona indiscernível do sagrado, da cera que fossiliza os líquidos de libação, os restos de cabelos cortados e de unhas quebradas, uma poeira constante que ninguém toca mas se vê (que se move, e que assusta), vidro quebrado, adubo com raízes, queimaduras de pele e de papel, hematomas, arranhões, cortes, riscos de unha no chão, pinicões do corpo depilado... O que significa “limpar” e “arrumar” a sala para o trabalho – antes ou depois dessa apresentação?



Levou-se um tempo para transfigurar esse grande terreiro e seus objetos mágicos (cadeiras, paredes, participantes etc). Evento que insurge contra os usos determinados pelo poder, que convoca outro lugar de corpo na saúde, outra intensidade na biomedicina. Dessa muita gente, aglomerada do lado fora, afinal, se transcorre uma sucessão de estranhamentos para quem chegava: “é todo mundo para uma mesma apresentação?”. Manhã supostamente inocente, no espírito de quem segue para um “ritual” acadêmico; desconforto de expectativa, adentrar uma sala escura, disposição irregular das cadeiras, como quem está completamente cego, na literalidade das camadas de ofuscamento. Há uma música bastante suave, com gestos de uma dança ainda tranqüila...



Um homem sai da cadeira, busca fotos bem próximas dos atores. Um animal selvagem, uma fera, um bicho que caça, vai para o pescoço do senhor. O homem sente dor, coloca a mão sobre o peito esquerdo. Parece ensangüentado. O peito dele segue doendo, ele não vai embora. “É apenas um senhor, calma, calma, por favor, por favor”, alguém sussurra para si na platéia. A máquina de fotografia não consegue reconhecer uma dança mágica de partículas, suspensas e sensíveis ao mover dos ventos na sala: pairando, leves e anti-registráveis. O espaço está ocupado por uma companhia de atores que circula em todos os cômodos.



Na música, um amor tão triste, como um passarinho de gaiola: essa voz que invadiu... Uma mulher transparece uma dor terrível, rasga o corpo de quem a via... “Aquele mulher deve estar passando uma depressão terrível..., será que ela vai ficar bem?”. Molhar-se com leite (gala), muito e fartas... garrafas de leite. Comer terra... a boca cheia de terra, de adubo nos dentes, o cheiro e o gosto forte dos miolos da terra. “Não é uma interpretação, não é teatro, não é um roteiro”, alguém comenta apreensivo. O passarinho que enternecidamente cantava, lança seus dejetos em sobrevôo.



Muitas quedas. Esmagar da vela, com a força que faz tremer uma laje de cimento, o chão sacode. Respirar cera quente, grudar e queimar, partilhar o calor incendiário na outra pele. Um cachorro: cheirar, vir e lambeu... derramando sobre quem encontra, o próprio corpo molhado de líquido branco, de talco branco, de maquiagem branca. Uma garrafa de vidro é arremessada contra a parede. “Meu Deus, de onde veio essa gente? Que medo! Existem outros como eles...?”



Ambiente melancólico: cheiro do talco, da magnésia, da terra, do suor, da vela... Uma carta foi rasgada, perdida para sempre, pedaços queimados... “Por favor, não apaga todas as luzes... eu vou lutar e proteger pelo menos uma, essa luz aqui”. Muitos sentimentos juntos... “Querer dividir o sofrimento, retirar esse outro de tanto sofrimento, acolher e oferecer uma maternagem”. Enfrentar o choque: arregalado, assombrado... Uma porta abriu. “Por favor, pede para eu sair, eu quero ir agora”. Chorando, perturbador... “Por favor, não fecha a porta novamente, não me deixa aqui dentro”.



Tentar expulsar os participantes. Não conseguir se mover da cadeira, enraizadas... Arrastar de cadeiras ocupadas na diagonal inteira da sala. Documentos originais da Qualificação permanecem, pasta soterrada nos escombros da sala... Nunca foram assinados: qualificação-desqualificada, um tempo-limbo, onde há um não-lugar, onde não cabe instituição e assinaturas; provocação de nenhum “acceptable state for the State”. Empurrar e derrubar participantes... “Não está mais em si, por favor, vai matar todo mundo aqui dentro”. Sim, vocês precisam ir todos embora... Vamos morrer! “Sonhei que você iria morrer”.



Desfazer o norte, a jornada catártica de evocação e de revivência, remexer das paixões selvagens e tristes. Da arte que suscita, por vias do estético e do sensível, o interdito/terror e a purgação/exorcismo das paixões – uma limpeza da “alma”, nos termos de Aristóteles? Não completamente um rito da terapia (um modo de cura da psikhês, da alma), uma vez que não se vislumbra um ponto de finalização: corta, suspende... vai embora. Vai, e deixa uma vibração do eterno.



Ninguém sabia de nada... “Agora vai partir na porrada para cima de alguém”. Está tudo bem? Era isso, mesmo?! “Meu filho, vamos embora disso”. Um grito, um urro, um desgosto... “Meu filho, porque você fez isso comigo?”. Acabou? Pessoas encostadas no parapeito do corredor. Pessoas chorando, no chão. Pessoas de pé, também chorando. Transtornadas. Aflitas. Silêncio. O que aconteceu? Vamos voltar? Era para acontecer, assim? Vai ter explicação?



Tempo do fim da sessão, Áion de Lacan  
Sertanias do Corpo: ou fragmentos de avessos

“Se houvesse alguma coisa de dança ali eu saberia reconhecer. É outra coisa.” (Doutor 1)

“Sempre que te sinto, escuto, vejo... Algo morre em mim e uma energia nova brota intensamente. Não sei descrever... minha gratidão por toda generosidade, profunda transmutação e por ser o canal de tanta mutação em mim. Misturada à gosma, entre desejo de morte e morte, eu via cores e não sentia dor.” (Doutor 2)

“Nem sabia de Butô, nem de coisas que doíam... podia até imaginar sua capacidade de chafurdar... mas não daquela forma! certeza mesmo, só da sua genialidade, meu irmão. Que os deuses te conservem assim.” (Doutor 3)

“Os mortos ontem passaram o resto do dia comigo – não dá para mandar eles irem embora? eu vi um bicho muito ferido no teu Butô. uma alma antiga e muito dolorida ainda. pareciam acúmulos. e aquele rapazinho, cantando o repertório da MB - pôxa, que lindeza! o sagrado da coisa. ele cantou lindamente, e olhe que sou crítico quando se trata do repertório dela.” (Profissional 1)

“Ontem, depois da apresentação, eu cheguei aqui esgotado. 22h eu já estava dormindo e, hj de manhã, me senti renovado (curioso, né?). Parece que existe uma mudança muito importante em curso na minha vida, nas minhas relações e, tvz ontem, tenha sido um ponto de inflexão (apesar de não ser claro - naturally). Ontem, eu te vi em muitas coisas. Não sei, pequenas coisas. Mas hj, o dia está mt solar. Como um domingo! As coisas ainda vão condensar... É que parece que vc está ferido de morte, André (é visível, nota-se). E existe uma demanda de quem ama alguém (tvz, a única, q não dá pra se desfazer): que esse outro (amado) não deve se matar! Ele pode amar outras pessoas, ir embora, botar o terror etc. Tvz, seja pedir demais, amigo. Eutanásia, Ortotanásia só são cogitáveis qndo algo nos mata. Qndo se morre, de fora para dentro. O contrário, tvz, seja demais, para nós, Ocidentais. ‘With no sorrow, ask no greater pardon than the pattern time is carving in your skin’, Laura Gibson” (Profissional 2)

“Eu não conheço meus mortos... não! na verdade, os conheço bem e, por isso, eles estão bem enterrados... para que nenhum fio da estopa do seu cabelo reavive todo o traçado da lembrança, e toda a textura do que vai se dissolvendo nas mãos... eu olhei nos seus olhos e

disse que nunca... NUNCA! ficaria prostrada por isso, de novo. Mas, como cupim que rói a madeira, a estrutura vai virando pó. Então, eu me deito, olho pro teto; então, me pergunto, porque olhar o teto e eu percebo que não há necessidade de olhar o teto; então, fecho os olhos e a respiração vai diminuindo, porque ela também não é mais necessária, como se só existisse como um sopro de mim. e eu mesmo, não sou necessária” (Profissional 3)

“...chafurdar: bagunçar, gritar, chorar, permitir-se dor é libertar, compartilhar é ser irmão... eita! que tem palavrinhas muito lindas nessa nossa língua!” (Profissional 4)

“Passei o dia falando de ontem; na verdade o dia seguinte insistiu no ontem” (Estud. 1)

“A Faculdade ficou impressionada. A discussão seguinte, sobre Foucault, ao menos a metade, foi uma discussão sobre ‘Aquele que tem rondado nossa Faculdade’” (Estud. 2)

“Eu estou me sentindo muito inquieta. Eu acho que nunca vou conseguir explicar a mobilização que é gerada quando vejo o Butô, e não vou nem me atrever a colocar em palavras – porque realmente não cabe. A única coisa que posso dizer é que parece ser algo tão cruamente próximo de mim, que me gera uma mobilização, que está me deixando agoniada. A agonia vem porque eu não consigo encontrar formas de colocar isso pra fora, colocar para o Mundo. E deixar esse redemoinho dentro de mim, só me consome – ele precisa de alguma forma ser colocado pra fora, ser externalizado, mas não faço idéia de como.” (Estud. 3)

“Responde com arrepios, mas hoje veio como últimos anseios, cessados por lágrimas. O caos intrínseco se fez presente com o pós-guerra. As raízes em lástimas, nas terras do plantio divino. Fluidos resultantes da não-ordem. Lembrei de um poema do Edgar Allan Poe – ‘Alone’, em audio, interpretado pelo Sopor Aeternus & The Ensemble Of Shadows, uma banda que, inclusive, tem influências do Butô: ‘... in the dawn/of a most stormy life-was drawn/From every depth of good and ill/The mystery which binds me still.’ Pelas sombras...” (Estud. 4)

“Na apresentação, ‘você’ disse que eu precisa ir... A lua de sangue abriu portais e levou muita coisa e trouxe também... e quem precisa ir embora é toda essa minha capa de rigidez e tentativa de perfeição, assim como a carne que já está morta – que há algo que precisa nascer... vida...rasgando. E assim, como qualquer nascimento, o sofrimento é necessário? Não quero mais ter essa necessidade de sofrer... quero renunciar isso... tô com medo, assim como tive medo de sair da sala, ir pra luz... tô com medo da ‘mulher de branco’ não estar mais lá pra me abraçar... e quem era a tal ‘mulher de branco’ que eu vi e não encontrei mais, quem era ela que falou comigo?” (Estud. 5)

“Eu chorava e não entendia. Eu amava, sofria e via os tantos que também estavam atônitos, sem palavras e que, como eu, transbordavam. Claro que transbordavam, tudo ali era um excesso, de mortos, de amores e dores. Claro que transbordávamos, tudo ali era excesso, de confusão, de paixão, de sons e sombras. Foi mais do que lindo e não existe um adjetivo que contemple; pra início de conversa: foi um excesso!” (Estud. 6)

“Buscando a luz, perdi a chance de conhecer minha própria sombra.” (Estud. 7)

“Tenho sempre que te agradecer, por me ofertar tanta vida e tanta morte...” (Estud. 8)

Exposição teórica. Apresentador maquiado. Camisa de botões, mangas dobradas. Ainda assustados, assombrados; um dos membros, recuperando-se das muitas lágrimas. Uma fala do Orientador ao pronunciar que não se trata de uma Qualificação, mas uma sessão de estudos conjuntos. Mesmo Orientador que, ao final, oferece presentes mágicos (amuletos) para os Membros da Banca, e faz o gesto mágico de “assassinar o eu” com uma adaga de ritual. Sem orientador (auto-assassinado, auto-deposto), havia apenas as sensações do ar.

Não houve leitura pública de resultado, nem assinatura de documentos – e não se fala a respeito, e não há avaliação, e não há nota, e não há Qualificação. Novamente, não se sabia se acabou, não se sabia quando acabou ou começou. Uma participante gritou da platéia: “e o Bréal foi embora?”



(um demônio, acima; ou uma bruxa, abaixo?)

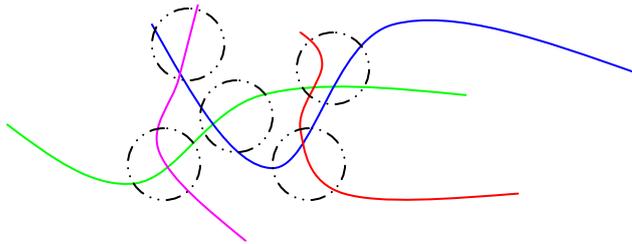


Na projeção da tela (nos conceitos descritos/plasmados e uma imagem de circularidade apenas referida no imaginário), e ao meu lado, enquanto mandala física (com a abstração dos marcadores conceituais “intuídos” nos seus oito pontos), uma discussão teórica que situava alguns dos movimentos construídos ao longo do Mestrado:

No QUADRANTE/EIXO-A: Ponto 1. “Áion”; Ponto 2. “Arte”; Ponto 3. “Arké”; Ponto 4. “Rito”; que propõe um vetor de articulação para a liberdade criadora (**arte**/tekhné/prática sem a finalidade antecipada) por meio de um procedimento que excede ao imediato do discurso e da experiência (**rito**) para escavar o veio mesmo da expansão de uma vida como linguagem (**arké**) em busca do registro atemporal e/ou do infinito no instante (**áion**);

→ onde está situada uma estratégia conceitual-performativa (Filo-Performativa) de “Potência-do-Não”, acoplada como matriz metodológica-política de um **Rito** e suas

interfaces (de Arké – Áion – Arte); ou como explicitar (tornar público) um modo de funcionamento da sensibilidade artística que, deslocando um substrato conceitual-teórico para o campo das forças estéticas, quer interpretar a “potência-do-não” a partir de sua vizinhança relacional e não como fator isolado de um pensamento puro... considerando, por exemplo, que o tracejar de “áreas” (superfícies/interfaces) nessa composição quaternária, ou quiçá, pensar como um rizoma, atravessado por quatro linhas de fugas, são alternativas que permitem explorar sensações/arte do instante como abertura não governada pelo Ato-Atual:



No QUADRANTE/EIXO-B: Ponto 1. “Pensar”; Ponto 2. “Skótos”; Ponto 3. “Corpo”; Ponto 4. “Ética”; que propõe um vetor de articulação para a invenção de um “modo” de vida (**ética**/práxis/prática com a finalidade antecipada) onde se descasca/descama o ato de violência com a espátula da impotência/da recusa (**skótos/sombra**) para ver surgir uma força criadora de realidades/superfícies imanentes (**pensar**) que opera ao nível do sensível, das sensações e das intensidades (**corpo**);

→ onde está situada uma estratégia conceitual-performativa (Filo-Performativa) de “Averso da Impotência”, acoplado como matriz metodológica-política de uma **Sombra** e suas interfaces (Ética – Corpo – Pensar); ou pensar como as “intensidades” da Sombra saltam como Vôo-bruxa (para o campo gravitacional do Ato-Pólis), nos afetos/corpo que atravessam ethos e pensar;

Espirais de forças A1. B4. {**Áion + Ética**}: campo transdisciplinar de filiação epistêmica, que a partir do trabalho de Francisco Ursino Neto e colaboradores, entrecruza-se por formulações das Humanidades, das Artes, das Filosofias e dos Saberes de Invenção de Si, para constituir uma delimitação de sabedoria (saber como saber, ou um saber impregnativo das forças e paladares da vida) que supera o horizonte do “sujeito – consciência – objeto” a partir do assalto pelo Fora (o limite do pensamento e da linguagem), a partir de um ato inaugural como tempo próprio, de invenção como exigência de eterno-retorno;

Espirais de forças A2. B3. {**Arte + Corpo**}: tratam-se das principais ferramentas que, também emprestadas às problemáticas da AionÉtica na sua interface com a Saúde, com o Cuidado e com a BioMedicina, ensejam deslocamentos dos lugares fixados para o repertório do corpo (aproximação etiológica a partir de uma racionalidade anátomo-patológica do corpo) e das vias institucionalizadas para o acesso do conhecimento pelo corpo (contemplação teórico/abstrata, não vivida, não prática, distanciada como neutralidade/objetividade/racionalidade), a partir das estratégias/linguagens propostas nas artes (domínio prático sem finalidade especificada – do para

quê ou do porque, mediante qual objetivo, sob qual retorno, para qual impacto etc.) – quais sejam: um pensar de corpo-inteiro, um pensar de instante como intensidade, um pensar com a “profundidade” da pele, um pensar como potências e afetos alegres que multiplicam de travessias/veredas o possível, o atual da vida;

Espirais de forças A3. B2. {**Arké + Skótos**}: operadores metodológicos em Giorgio Agambén, por meio dos quais se instala uma ruptura nos fluxos do tempo presente sobre o estatuto de complementaridade-imediata da potência (*dynamis*) para o ato (*energeia*), nos termos de uma investigação de liberdade a partir da impotência, da margem da recusa ou da potência-do-não na via do *skótos* (da sombra), enquanto tracionamento de uma perspectiva do contemporâneo que confronta à mecanização capturada do tempo;

Espirais de forças A4. B1. {**Rito + Pensar**}: uma metodológica rítica delimita o círculo mágico do atemporal –, por exemplo, no Sertão e seu Psikismo da Sombra –, de modo a retomar a errância do vôo-bruxa que tangencia a Pólis do Discurso e do Lógos; Vôo-Vó-Vão-Vã que retorna em movimento de impotência (do pensar como profanação e resistência), tanto às superfícies como às profundidades que abalizam Ordenação e Ordenamento (Nómos e Khósmos) da Cidade-Estado (Pólis).

“Pensartecorpo” e “ÁionÉtica”, portanto, já como cinco intercessores, que estão formulados no pensamento do Professor Francisco Ursino Neto. “Arké” e “Skótos/Sombra”, ademais, são operadores largamente tematizados por G. Agamben e seus entusiastas, perfazendo sete dos oitos registros aqui cruzados. O inusitado, a princípio, é um modo de costurar com o Rito.

Se houver, talvez, alguma modulação de “singularidade” nesse trabalho, e que extrapole o imediato das interpretações pouco rigorosas *no privilégio das forças que habitam* os conceitos, ou o deslocamento que promovo dos seus territórios originários de referência/enunciado, ou ainda, a combinação dos mesmos em um quadro de “aplicação” pouco usual (uma experiência que se define como atrelada à produção de si e uma problematização de vida e saúde a partir de um ethos, alheia às pretensões político-epistêmicas da ciência e da verdade, do “sujeito – consciência – objeto”, do panorama dos *functivos* e seu plano de referência/ou de coordenação – conforme G. Deleuze e F. Guattari); de todo modo, segundo alguém atravessado por todo esse processo, o reconhecimento de um salto do pensamento para o intensivo desses 27 meses (out-nov-dez 2012, 2013 e 2014) não prescinde da escritura rítica-labiríntica que se materializou como obra de arte: essa “tessitura de profanação sensível” que me habilitou mover o universo semântico dos conceitos a partir das intensidades no corpo e da vida. Desconsiderá-las, nas precipitadas guilhotinas acadêmicas, implica sacrificar do horizonte as arkés desse trabalho.

Em se tratando, basicamente, de uma intenção de vasculha amorosa (essa problemática que me acompanha como feição humana), utilizar-me de um Rito (de aproximação, de despedida, de partida, de recriação) para tensionar a Sombra enquanto um problema da própria carne que, por sua vez, de um plataforma pessoal de transações artísticas, provocaram-me atravessar/furar os conceitos, como Vôo-Bruxa e Sertão (para além do

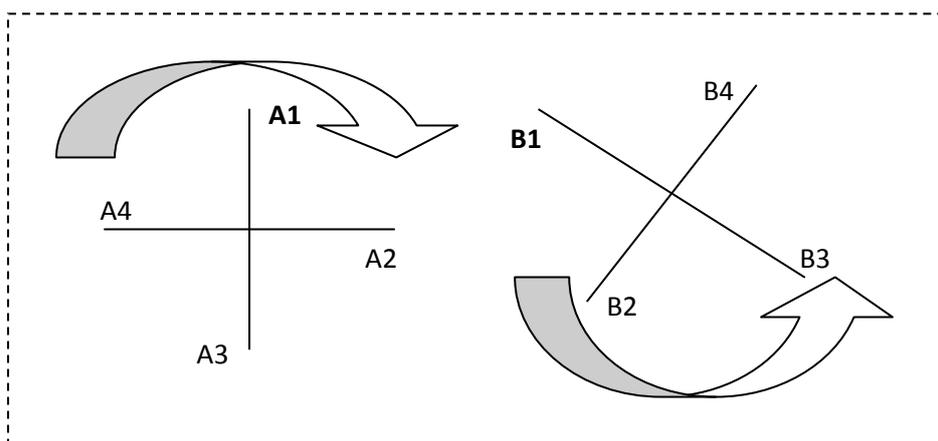
enculé e da linguagem), até, propriamente, conceber os elementos produzidos de uma dança-performance e de um Butô que proporcionaram uma gestualidade de exploração abissal (uma primeira versão de out./13, eu e Sílvia, em uma sala da UECE; a estréia de out/14, uma equipe de cinco em cena, em uma sala da UFC; uma apresentação pública em dez/14, a mesma equipe, no Teatro Carlos Câmara).

E, finalmente, dessas suturas de mortes e costuras de limites, demandar/forçar uma mobilidade eminentemente plástica que apenas uma Mandala permitiu ao meu pensamento: frente e trás, direita e esquerda, giros e desgiros, tempos e contra-tempos – desesperos projetados desse corpo que enlaça meu destino. *Uma Mandala a qual, se fosse dado um “nome”, não seria outro se não as próprias engrenagens do contra-tempo, essa terapia do contra-temp(orâne)o.* “Se você não conseguir fazer com que as palavras trepem, não as masturbe” (Henry Miller).

Criar tal linguagem da Mandala já exigiu algumas noites-contínuas de reclusão ao pensamento. Inicialmente gestada como um acessório meramente pedagógico (para os fins da Qualificação), não tardou para também reconhecê-la como expressão de um salto conceitual-corpóreo do pensamento. Traduzir a empáfia da sua exigência emocional, convertê-la da fúria ao argumento, nesse momento da escrita (pós-Qualificação), já me consumiu 20h adicionais de trabalho – exatamente para conseguir “falar” (essa fala do artista que não busca compreensão, mas que experimenta conseguir dizer), no suporte de uma sistematização reflexiva/teórica.

Os giros da Mandala são tão óbvios quanto os loops que meu corpo exige até do meu pensamento: esses giros absolutamente sexuais, necessários, vitais e selvagens, do ir de frente e voltar roçando nos pêlos das costas, descer com as unhas pelos braços e subir com a boca na perna; virar pelo pescoço e desembocar pela barriga, morder de um lado e beijar, na contorção, no tremor, no gemido – assoprar a orelha; sob um olhar vagaroso, são todos (e apenas) os pontos da minha geografia erótica, por meio dos quais, na periferia de uma Mandala, também consigo enxergar os cheiros e vestígios da vida... como ao levantar-me daquela cama salgada para uma ducha morna.

Possibilidades nos giros (tridimensionais) da Mandala – ou da mandala-enquanto-corpo:



A1 + A2 + A3 + A4 – linha de força A

B1 + B2 + B3 + B4 – linha de força B

A1.B4. – pares de intensidade W (se cruzam e afastam entre si)

A2.B3. – pares de intensidade Y (se cruzam e afastam entre si)

A3.B2. – pares de intensidade X (se cruzam e afastam entre si)

A4.B1. – pares de intensidade Z (se cruzam e afastam entre si)

#### Integração dos pares

A1.B4. + A2.B3. + A3.B2. + A4.B1. – forças horárias e anti-horárias simultâneas

#### Integração dos pares e das linhas

Linha A1-4 + Linha B1-4 + Pares W, Y, X, Z – forças horárias e anti-horárias, de verso e reversas (frente e trás), “todos” como agenciamentos concomitantes: <https://www.youtube.com/watch?v=MO-4h23ik5o> (visualização obrigatória da “Live Music Wheel”)

Para efeito da sugestão acima com o vídeo, também considere as singularidades (os vacúolos de intensidades) onde cada artista expressa sua produção específica, transposta, nessa alusão teórica, ao conjunto dos quatro pares de intensidades, acima referidos.

Na oportunidade do Exame da Qualificação, utilizei de uma Mandala visual, chapada na projeção (em 2D, sem profundidade).



A referida Mandala visual foi complementada por uma Mandala presencial, tracejada com fios de lã para um diâmetro de 60 cm (produzida pelo artista Wellington Gadelha), por meio da qual, muito precariamente, “demonstrei” a agilidade corpórea do pensamento, em suas recusas e avessos das capturas.

Além da “Potência-do-Não” e do “Averso da Impotência”, a suposição de um “núcleo” hipotético para a Mandala (onde se reúne a tensão de todos os fios de lã, retidos como voltas e voltas no suporte de ferro vazado, sem que haja nenhum nó, e finalizado no trabalho artesanal com o fogo) é referido nos termos da “Chafurdação” e do “Flei” (ChaFleidação). Se não é um ponto de “encontro”, o que há é vestígio ou espectro de “centralidade” – uma aposta ou expectativa para a qual me lanço em Rito-Flei, em travessura, em travessia. Se quiser imaginar, eis um Rito: <https://www.youtube.com/watch?v=s4BJ3wng6Mk>



Em que esse rito inicia? No contemporâneo da sombra? Meu Butô é também uma insinuação daquela relação de servir (terapia) como escuro, como dor e paixão: Rito que abre sensivelmente o universo de dor, perda, terror, da alucinação coletiva a ser vivida; distinta de uma relação feitiço-cura que harmoniza, aqui, quando há um Flei, se desfaz a conexão do Khósmos... um avesso. Um avesso ao escuro e à potência do não que instaura o escuro, avesso da Ordem: “Rommra” é como os xavantes pensam esse “escuro”.

**Flei** (vocábulo em português) – **Flai** (vocábulo em inglês)/  
 Mas esse “Flei”, quando lido em inglês, ganha o som de [Fly], e o  
 Som do “Flai”, um verbo em inglês,  
 quando pronunciado por um nativo,  
 ganha o som de [Flêi]

(os sons em inglês, para as seguintes grafias,  
 ganham uma aproximação sonora  
 de [Flái] e de de [Flêi],  
 mesmo na tal escrita de  
**Flei-Flai**)

**Flei**, pode adquirir o som de voar [to Fly];  
 ou ainda, em outro texto,  
 outro som, [Flay] um desvio/mutação à brincadeira, [Play], mas  
**Flai** é também um verbo, como em: “to flai someone alive”, esfolar alguém vivo...  
 Alusão arcana de São Bartolomeu: descolar, descascar a pele do corpo vivo...  
 Do suplício em pele inteira: retardar a morte daquele abaixo da pele arrancada  
 Índigo é a “cor” do sacrifício, nos combatentes Incas ofertados ao Deus-Sol  
 (na “dádiva” jamais equilibrada, para a Divindade inalcançável a quem se oferece tudo)

Flei não é apenas arrear ou banhar de saliva  
**Flei** é a lambida do gato, com micro-rugosidades que avessa a pele  
 Flei é descolar, deslocar sem rasgar:  
**Flei é Flay** ; nos sons, **o flêi é [flêi]**,  
 Fléi é o avesso da pele e do inteiro

(da pele como inteireza, unidade)

Daniel Peixoto (<https://www.youtube.com/watch?v=mc2uI82hnJ0>):

...Fazer um Flei, Fazer um Flei, Fazer um Flei/  
...Não me importa se o Flei é o proibido/  
...A nova moda que vem do Ceará/  
...Bote essa língua para balançar, como uma Cobra doida para picar/  
...Fazendo um flei devagar, até o olho [também do cu] revirar/  
...(Lambida roxa)  
...(Tensionar as emborcaduras do corpo)  
...(Sentar ao avesso e posicionar as pernas para cima no encosto da cadeira)  
...(Cores de temperatura quente)  
...(Perder-se em outro céu azul)

Ninguém enfia o dedo no cu (próprio ou alheio), como quem enfia o dedo no esfíncter da garganta, ou como quem fura um bolo com o dedo – no cu, não há textura do “possível” que retenha o gesto/o gosto, uma vez que o cu não é merda ou músculo, assim como a boca, outro nobre esfíncter, não é contração, dente ou língua; o cu é vazio que se adentra.

Se o saber é também sabor, e se o saber é também cor e corpo, qual o gosto e a cor do cu? Onde encontro, descrevo e caracterizo o cu? O cu é um corredor sensível nas paredes excitáveis do reto? O cu é passagem de onde para onde? Se o cu não existe, apenas como uma projeção no escuro do outro – o que significa *lamber* o escuro? Esse Flei na chafurdação, ao promover uma *charFleidação*: faz do óbvio o estrangeiro, contingente e menstrual; não para retornar ao ato, ainda que seja enquanto diferença.

O cu não é exatamente um órgão ou orifício que a língua desvenda, o cu não é fábula ou imaginação, embora, o cu seja o infindável... sendo o cu insondável, o cu, portanto, é também ausência, distância... e despedida: cair dentro do cu, ou cair de boca no cu, é *lamber* o inalcançável, ou revirar o tangível pelo impossível (fora de qualquer mediação). Ter/ficar com o cu na mão, ou dar o cu, é sempre desaparecimento, é despencar, é choque. “(...) Upside down/ Boy, you turn me/ Inside out/ And round and round/ Upside down/ Boy, you turn me/ Inside out/ And round and round (...)” – Diana Ross, cantora.

Chafurdar é bagunçar a explicação, a definição, a síntese; é recusar o empobrecimento das trocas simbólicas, para deixar surgir o arcano, o mágico, a sensação naquele que “dá o cu” ou “fica com o cu na mão”: e se “ficou”, há como repassar a sensação do cu que nunca existiu? Se deu, como transportar a sensação do recebido? Os tremores prolongados de *lamber* sem encontrar. É converter o pensamento em pulsão sexual, o pensamento como dinâmica estético-incorporal: onde diabo vê-se o cu do corpo – do corpo, e não do homem suposto? É mergulhar no escuro, e revirar tudo, de cabeça para baixo, de trás para frente, procurando engolir e *lamber* e reter o que não existe: o cu, para além do mero esfíncter. *Corposem cu*.

Avessar essa lacuna de Origem (Arké) para desfigurar o Khósmos (Ordem), avessar com o Áion e desfigurar a Zoé: remeter-se ao arcaico e primitivo, o escuro da impotência (ou o escuro da/na tonalidade já escura da potência-do-não), um recuo ao absurdo do anti-escuro no escuro, do que recusa até ao recuo da impotência, sem deslindar (intensidade que desfaz o limite) um novo ato; mas que sugere outra-expressão da Zoé, que reabilita as forças de um mágico-mítico-mistério que não é metafísica, espiritualidade ou transcendência (que não pretende conhecimento, quiçá

conhecimento e condição de subjectum afiançado por divindades alhures), as forças do “barbarítmo” mineral-vegetal-animal para desequilibrar o eixo do Ato-Atual-Moral-Mortal.

Flei não é homem nem é mulher, é o estranho manipulando os órgãos: é o instável no cu da Mandala, é aquecer de te(n)são as linhas enrijecidas da lã em cortes sem nó – mover ao insuportável, ao incêndio, à dissolução, à fumaça. O Flei não é dentro nem fora, o Flei não entrou nem saiu. O Flei é uma recusa, é a língua do não, é um passo a trás, em resistência ao esfíncter: olho revirar, língua revirar, músculo revirar.

O Flei não é o ato-monstro, não é rabear<sup>103</sup> e expulsar o proscrito-feito. O Flei é a bruxa, é girar o lado errante da porta: que não abre para fora (vindo de dentro), mas projetando-se do Fora, jamais abrirá/abrigará um dentro: no movimento do Fora, só há abismo, velocidade, vertigem como deslocamento. A porta do Fora não é um portal: não há travessia, apenas travessura. Um quarto *bem* chafurdado. Um menino chafurdando: onde não se trata de evitar ou desviar o consagrado, o imobilizado, o banido da vida comum; charFleidar é sujar de usos o classificado como interdito; é sujar o Ato-Hierarquizado de “potência-do-não”, de impotência, pela danação arcaico-primitivo-bestial.

Flei, esse corpo estranho: forçando não a expulsão do dentro, da merda; a doidice (o chafurdar) que sugou os órgãos procurando um cu que não acha: “menino, cuidado para não esquecer do próprio cu”... “menino que confunde até o cu com as calças!”... Flei-Flay, sobretudo, para o moço Agamben: da linguagem um gesto do Rito, do pensamento aos dejetos corporais: extasiado de contra-consciência, missivas da desconstrução e desmobilização; lógos-discurso-narrador que é fole anti-pós-moderno: de cócoras, será que o Oráculo está aqui?

Desnortado, enfeitado, transtornado, desamparado, sensações labirínticas para as interpretações. A sombra que não fixa o tempo, nem se agarra ao presente. As sombras das bruxas, e não dos poetas; o que não cabe e adentra pelas mãos dos caldeirões, e não da gramática. Puxar um fio do escuro que reverbera o arcano: leite vomitado, cera respingada, terra misturada aos dentes, cinza e poeira suspensa, sangue, suor, queimadura, cansaço dos velórios. Um rito que, às vezes, também as vozes dos mortos atendem.

O avesso, aqui, não é a esfera do ansioso, do angustiado, ou do ameaçado, mas do Flei: esse verbo-inexistência, verbo-falsificação e verbo-fracasso, concomitante e agitadamente: contra-atualizante e contra-contemporâneo; da presença ao atemporal, berro-inadequado e berro-ausência; Flei é o dedo-enfiado do outro-mundo que faz abrir, que força abrir e desfaz a mera busca, que faz a passagem de um novo mundo; Flei é horário-e-antihorário-com-verso-e-anverso-de-giros-simultâneos, é o miolo, é o olho do cu, e o nodo (sem-nó) da mandala-esfíncter; não é enfiar o dedo no reto, nem morder as nádegas – é mergulhar no escuro sem volta, é misturar-se com as texturas e perfumes dos muitos restos e abandonos desagradáveis; é abstrair-se na merda, não como desligamento e separação do contato, mas admissão de insolvência; é objetivo sem problematização, sem resultado.

Sim, eu trabalho com arké+ologia (Lógos da Arké) sob um prisma da profanação (ou dos deslocamentos nos pactos de poder, ao sujar esses lugares/altares

---

<sup>103</sup> “Foi Nietzsche, que li tarde, quem me tirou disso tudo. Pois é impossível submetê-lo ao mesmo tratamento. Filhos pelas costas é ele quem faz. Ele dá um gosto perverso (que nem Marx nem Freud jamais deram a ninguém, ao contrário): o gosto para cada um de dizer coisas simples em nome próprio, de falar por afetos, intensidades, experiências, experimentações. (...) um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o percorrem. (...) Falamos do fundo daquilo que não sabemos, do fundo de nosso próprio subdesenvolvimento. Tornamo-nos um conjunto de singularidades soltas, de nomes, sobrenomes, unhas, animais, pequenos acontecimentos: o contrário de uma vedete.” – Gilles Deleuze, Conversações

petrificados/consagrados), a partir das ferramentas que tomei emprestado de G. Agamben – quais sejam: Skótos/Escuro, Potência-do-não (impotência ou privação/steresis enquanto potência/dynamis e liberdade, contrapondo-se ao ato/energia) e Avesso (Flei-Flay) da potência-do-não. Já disse muito a respeito, embora, alguns arremates possam ser acrescidos, no intuito de torná-los menos labiríntico – se é que esse “desígnio” seja plausível.

Quando me refiro ao poder, certamente, não é “poder” que deriva dos Reis/Soberanos, em um patrimônio também absorvido pela Cidade/Estado Moderno. Logo, investigar os lugares e os efeitos de “poder” que envolve o uso/utilização/exercício/ação/**ato** nas palavras, concepções, ideais, mitos etc, buscando interpretações contra-hegemônicas, de modo a contribuir para o legado inesgotável/infinito dessas Arkés, não pertence ao campo da investigação “histórica”, conforme a definição de uma história que emerge como saber ao alcance de um sujeito e sua modalidade respectiva de conhecimento, no horizonte da Modernidade e seu projeto de subjetividade.

Ao contrário, é uma perspectiva de “poder” que se expressa, por exemplo, ao “poder” que certa princesa, em inúmeras narrativas arcanas/ancestras, recebeu por ocasião do seu casamento com um bárbaro, um “ovo” de dragão a quem foi confiado a responsabilidade de proteger. Nessa construção do conhecimento segundo um pensamento-mítico, a jovem que inicialmente buscava a aliança com o exército dos bárbaros para reaver a liberdade saqueada do seu povo, depara-se com uma mudança súbita na sua trajetória política e expectativas pessoais, quando é informada que o nascimento do pequeno dragão trará “poderes” especiais.

Pode ser no enquadramento de Game of Thrones, ou o novo filme (“Dracula Untold”, 2014, dirigido por Gary Shore), sobre a história do príncipe Vlad Tepes (“o empalador”, posteriormente, convertido em Drácula), trata-se de conduzir invocações e/ou penetrar uma zona abissal, uma zona escura, para obter/conquistar um novo “poder” que se adiciona a partir de origem estrangeira. Um poder que vem do ovo do “dragão” (Game of Thrones), ou que faz o príncipe tornar-se um “dragão” (Drácula).

O fator da arké+ologia no meu trabalho inclina-se sobre os usos de um circuito/configuração que emprega tais “palavras” para invocar, ou ecoar facetas desse “poder”, no intuito de construir acessos para suas reverberações arcanas sobre o mundo, através da proposição de novos ritus. O objetivo é confrontar/resistir ao monopólio grego da República, do governo dos melhores, indicados/eleitos a partir das virtudes dos melhores, resistir à Cidade dos Cidadãos, especialmente nesse regime do imaginário arcano que banuiu dançarinos, poetas, artistas da República, e, de sobremaneira, as bruxas e as feiticeiras.

A minha investigação de arké+ologia e sua proposição atrelada de ritus-por-invenção (que infunde as palavras-encantamento e as palavras-magyar de outra interpretação/aplicação) introduz uma perspectiva de an-arké, ou seja, não mais do ritus como a chave para organização e harmonia do khósmos.

Nesse prisma, quem sabe, o ritus está na fronteira limítrofe do presente, se o considerarmos na função de desabilitar/desestabilizar o tempo-presente com fissuras de não-pensamento (anoia), e afastar-se do contemporâneo no presente para o atemporal (áion), bem como afastar-se do atos/temporal para os gestos/contra-temp(orâne)os: o repertório, afinal, da bruxa... não mais Dyotima, mas dos netos as milhares de todas bruxas que a velha Pólis e a velha República dos nobres/excelsos com suas virtudes/excelências não conseguiu dissolver no fogo.

O meu ritus é, sobretudo, um procedimento de profanação (de descamar, de sujar, de misturar, de Flei-Flay), uma construção planejada de um *logikón zoon*, por

consequente, como um ser-da-Zoé que invoca as letras, as forças, as vozes, os cantos, as artes da Zóe (os micro-cérebros espalhados em toda vida): do mais escuro do céu, do mais escuro do mar; de quem apreende as vozes da Zoé ou essas vozes da sombra do Bios (sombra do que não é o acento típico nas qualidades do cidadão ou da espécie), para construir uma trama dessas vozes arcanas (lógos) que configuram seu tipo de mundo, uma arké+ologia.

A menos que se admita, por fundamentalismo epistêmico, etnocêntrico e colonialista, que as bruxas e as feiticeiras não produzam conhecimento válido (que a referência “ainda” deva insistir que apenas o ser do sujeito das filosofias, clássicas ou modernas, é detentor do acesso à verdade, garantida pelas divindades, pelo deus ou pela razão dos homens, ou detentor exclusivo das condições próprias/pletas de acesso à verdade), trata-se, aqui, de outra forma de matriciamento e mediação para conceber realidades: fora das concepções hegemônicas de cura exclusivamente nos Templos de Asclépio (e seus Asclepiádes), de pólis e de política na vida resguardada da República e da Democracia.

Depois da potência-do-não investida, a bruxa não retorna à vida “interpretada” como ato e presente inventivos, a bruxa saliva e sassarica (mugangar) a expectativa pós-estruturalista na pólis dos cidadãos e da cidadania. O saber da bruxa é arcano, anterior à civitas/civilização. Não, as bruxas nunca pertenceram, desde que os cidadãos expulsaram-nas, a esse tipo de universo equilibrado (khósmos) pela aristocracia do conhecimento, com seu projeto de sujeito (da alma), de cuidado de si e de verdade.

Skotos, o escuro e a sombra, não é a tal linguagem da reviravolta linguística na filosofia no século XX; Skotos, o escuro das marés e dos céus mais remotos, mais difíceis, mais arcanos (a morte, o cu, o sexo, o assombro, a vertigem, o desfiladeiro, a encruzilhada etc), não aponta o domínio daquilo que a categoria recente de história enfatiza ou deixa de ilustrar/iluminar, desde sua criação Moderna/Iluminista.

Assim como um “galo para Asclépio”, na promessa póstuma de Sócrates, não é a interpretação a propósito do desejo na Psicanálise tardo-Moderna; assim como não é possível reconhecer as bases de um modelo matemático tardo-moderno do tipo BioEstatístico em um texto Hipocrático, tal como “Ares, Águas e Lugares”, ainda referente no sistema de um mundo mágico-khósmico; ou o impossível de buscar, se não a partir de um uso autoritário de poder nas interpretações, no universo das práticas arcanas dos Estóicos, equivaler o fato de não haver o sujeito e a subjetividade dos Modernos como um tipo de igualmente sintomático-automática para as categorias Modernas, de pretensão Universalista e não-histórica (não-situada), tais como: de corpo enquanto imanência, de corpo enquanto acontecimento, de corpo enquanto potência – interpretadas nos modos com os quais utilizamos essas palavras conforme os sentidos hodiernos.

Sim, eu trabalho com Sombra/Skótos, mas não é a sombra da história por acúmulos de lutas de classe, não é a sombra da dialética; para os gregos dos ilhotes, da peste, do mar e dos vulcões, é Sombra/Skotos de onde surgem monstros-tiamat e encantamentos:

“O homem primitivo – ou, melhor dizendo, o homem primordial –, num certo sentido, tinha medo de sua própria natureza, que era tão violenta e inesperada dentro dele, sempre ‘fazendo coisas com ele’. Desde cedo o homem reconheceu a natureza semidivina, semidemoníaca, dessa potência ‘inesperada’ dentro dele. Às vezes ela lhe surgia de forma gloriosa, como no momento em que Sansão matou o leão com as mãos, ou quando Davi matou Golias com uma pedra. Os gregos pré-Homéricos teriam qualificado esses dois atos como ‘o deus’, reconhecendo a natureza sobre-humana do feito e do autor do feito, que estava dentro do homem. Este ‘autor do feito’, a potência fluida, rápida, invencível, até mesmo vidente, que pode irromper por todo o corpo e o espírito do homem, é o dragão, o

grande dragão divino de sua potência sobre-humana, ou o grande dragão demoníaco de sua destruição interior. É isto que irrompe dentro de nós para fazer-nos mover, agir, criar alguma coisa: para fazer-nos levantar de um salto e viver. Os filósofos modernos chamam-no libido ou élan vital, **mas tais palavras são fracas**; não conotam a força selvagem do dragão”. (D.W. Lawrence)

Sim, eu trabalho com Poder e Impotência/Steresis no suporte das Palavras, mas não é a partir da hermenêutica. Sim, eu trabalho com Arké/Arcanos, Lógos/Vozes, Áion/Atemporal e Ritus para um tipo de invenção da vida: exclusivamente, como um bruxo-vândalo, para enfraquecer Pólis-República-Democracia-Instituições do Estado Capitalista Burguês. “Today the enemy is not called Empire or Capital. It’s called Democracy” (Alan Badiou, “Prefazione all’edizione italiana.” Metropolitana. Cronopio, 2002). Você pode chamar-me de sacana, de pilantra, de merda. Ou, se preferir: de ossocarcacha-carcará. Se quiser, de “pau no aro”, ou “dá o rabo”, ou “arrombado” (queer), ou “fole”, ou “frouxo”.

Pode ser redundância falar de anarco-queer-bruxa, enfatizando o óbvio que bruxas são anarké (enquanto índios nem seriam definidos por arké e pólis), ou “queer” na perspectiva de uma completa inadequação-arcano-identitária aos processos da vida na pólis; entretanto, para quem desconhece o saber das Florestas, talvez seja importante frisar esse ponto de vista. Eu uso do Flei-Flay na Bios (não é o Fora-da-Bios). Sendo um *logikón zoon*, um feiticeiro da Zoé. “Há sonhos que devem ser ressonhados, projetos que não podem ser esquecidos” (Hilda Hilst, “Estar sendo. Ter sido”).

No meu ritus, entre jacintos e jamins; quase urgente, quase fulminante, quase cintilante, quase resplandecente, quase um raio que me incinera por completo – e assim, tentar escrever sobre a vida, sobre o que eu faço:

- (a) há sono que arranca da lucidez;
- (b) há névoa que envolve meus dedos;
- (f) há sons que não trazem sentido, mas que também não são pretextos para enganar;
- (j) há palavras arcanas, mas o som é que importa ao encantamento;
- (l) há paisagens que se desprendem, como o mundo imediato do encantamento;
- (x) há movimentos que um visitante-enfeitiçado pode realizar dentro do mundo mágico;
- (y) há sensações que não podem ser administradas de dentro da paisagem e dos movimentos naquela interface;
- (g) Yacob benYamin, meu filho de 28 anos, disse que nessa esfera não há preocupação de saber, portanto, a verdade, como objeto do sujeito, ou como preocupação da ciência ou de um registro de vontade-de-saber, não são relevantes ao trásumanar;
- (q) há resíduos que permanecem da paisagem e do encantamento no corpo do animal enfeitiçado;
- (w) não há depois, apenas a lua (sem-luz própria).

PS:

“Andrééééééééééé! Estou tendo aula na ‘tua’ sala, do ‘teu’ ritual... o estabilizador do computador está enlouquecido, ligando e desligando, impedindo que a aula continue. O projetor, liga e desliga, com a teimosia do estabilizador. Todos preocupados, e eu gargalhando com a ‘dança sobrenatural’ dessa sala. Bem que você disse que ela nunca mais seria a mesma...” (Estudante).

PPS:

“De tal ordem é e tão precioso  
o que devo dizer-lhes  
que não posso guardá-lo

sem a sensação de um roubo:  
cu é lindo!  
Fazei o que puderdes com esta dádiva.  
Quanto a mim dou graças  
pelo que agora sei  
e, mais que perdô, eu amo.” (Adélia Prado)

## ANEXOS

### PORTFÓLIO (CORTEJO DE UMA OBRA): PROFANAÇÕES, PROVOCAÇÕES

(Fotografias do Rito-Dança)

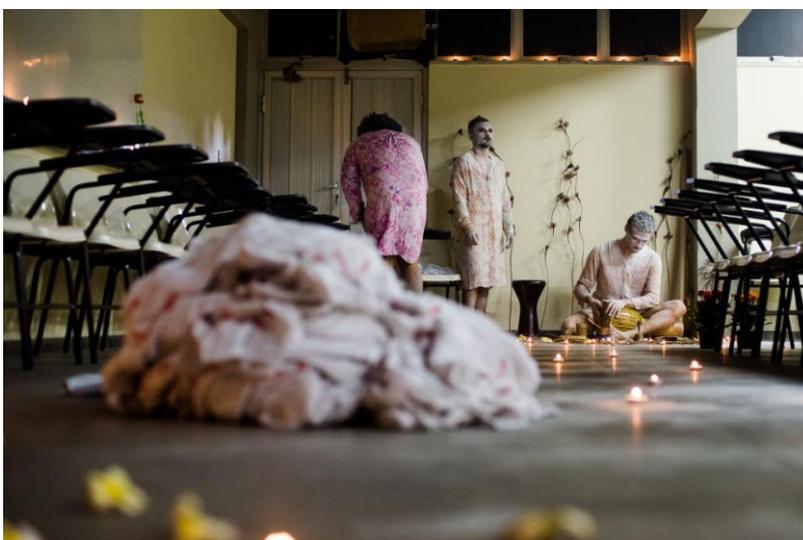
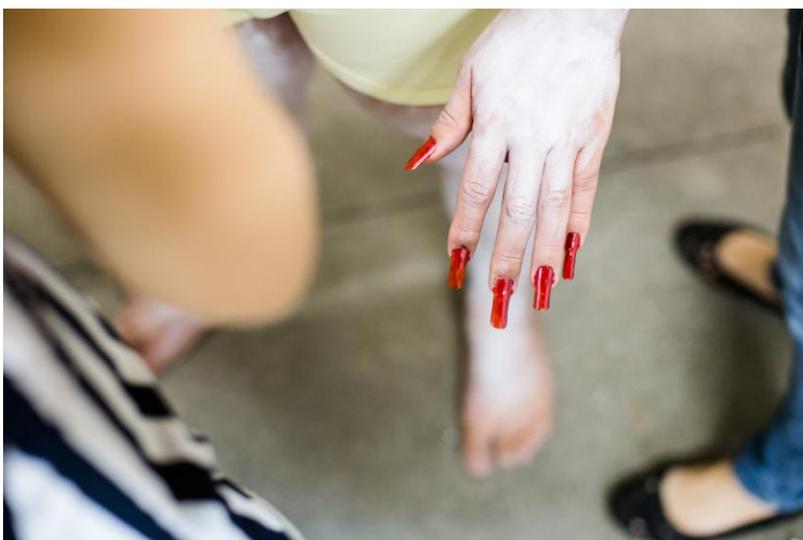
*“(...) E é próprio do filósofo admirar-se, e o filosofar não tem outra origem senão o estar pleno de admiração (...)”*

Platão, Teeteto

*“(...) também o amante do mito é de algum modo filósofo (...)”*

Aristóteles, Metafísica

**UM RITO-DANÇA-PERFORMANCE**  
(Ato 1 – Qualificação)

















# UM RITO-DANÇA-PERFORMANCE

(Ato 2 – Slides para Qualificação)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)  
FACULDADE DE MEDICINA (FAMED)  
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA (DSC)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA  
MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE PÚBLICA

Aprendente-Criador: André Feitosa de Sousa  
Aprendente-Disorientador: Prof. Dr. Francisco Ursino da Silva Neto

8 de Outubro de 2014  
Exame de Qualificação de Projeto de Mestrado

(1)



(2)

"(...) – Somos capazes de perceber o problema, mas não de senti-lo?"

Sim. E me aproximei da arte para lidar com isso, pois é preciso criar instrumentos que nos sensibilizem e que nos levem a pensar, algo que ligue as "estatísticas da ciência" e formas de sensibilização ao que elas indicam. Não há muita gente trabalhando para que nos tornemos mais sensíveis ao que ocorre com Gaia. Temos de reconstruir a nossa sensibilidade. É preciso dramatizar, considerar o fim do mundo, e então desdramatizar, para analisar criticamente a questão. Na arte, você pode fazer os dois, dramatizar e desdramatizar.

– Como se faz isso?

Se você apenas analisa, não sensibiliza, se você apenas grita "fogo", todos saem correndo. É preciso gritar fogo, mas fazer com que as pessoas se mantenham na sala e pensem. (...)"

– BRUNO LATOUR

Ref.: <http://aglobo.globo.com/sociedade/lanche-novo-seu-bruno-latour-antropologo-construindo-nossa-sensibilidade-140814478cc31e4v5kz1>

\* Eido Turco, fotógrafo italiano, trabalho "Dream Creatures" (2004-08)



(3)



Mundo das árvores ancestrais?!  
Mundo do fantástico e do imaginário?!  
Mundo dos espíritos das florestas?!  
Mundo que revoga a blindagem mística?!

(4)

**ARKÉ**

**RITO**

**ARTE**

**ÁION**

(5)



(6)

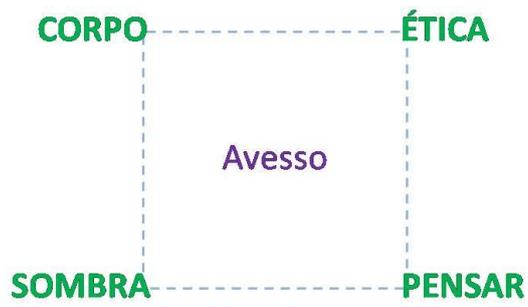
**CORPO**

**ÉTICA**

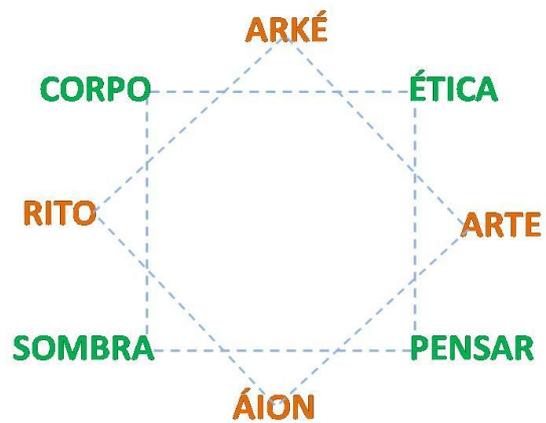
**SOMBRA**

**PENSAR**

(7)

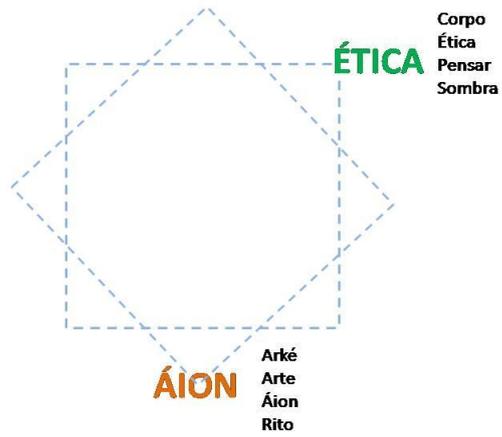


(8)

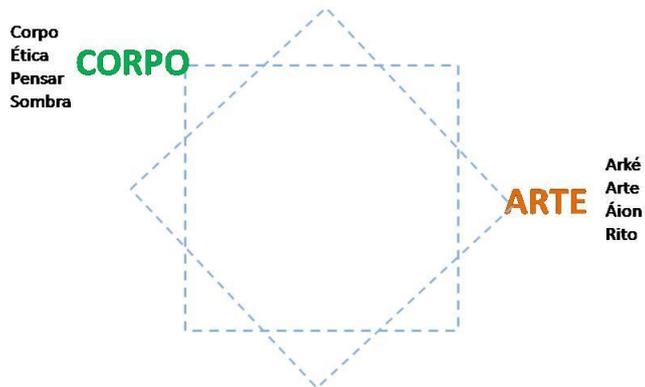


(9)

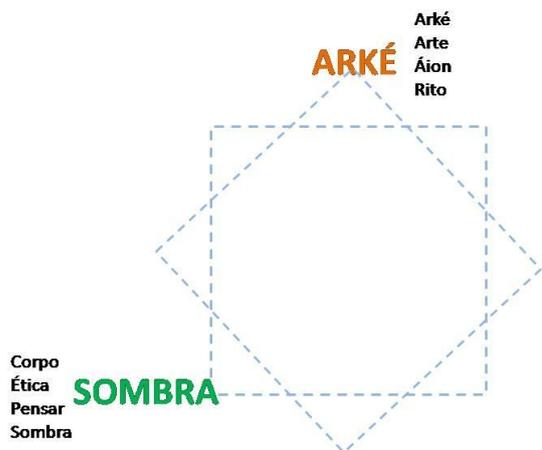
relações  
de campo



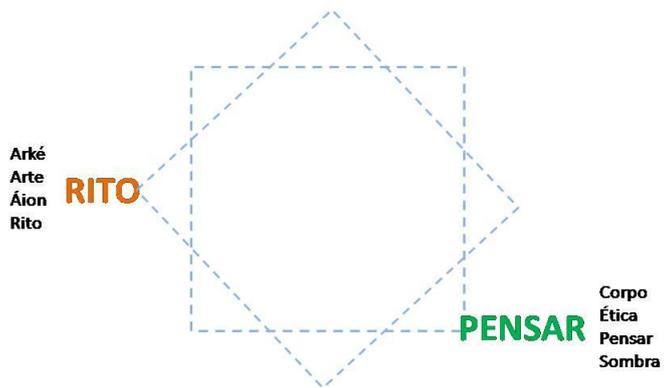
(10)



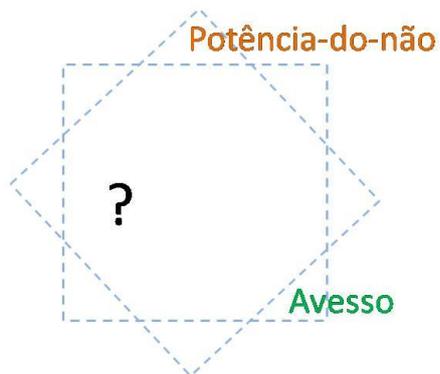
(11)



(12)

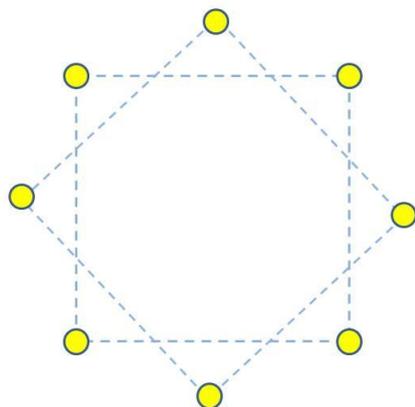


(13)

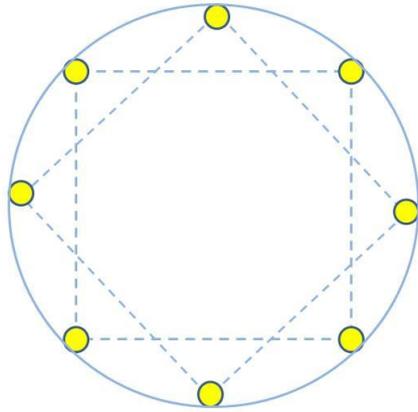


(14)

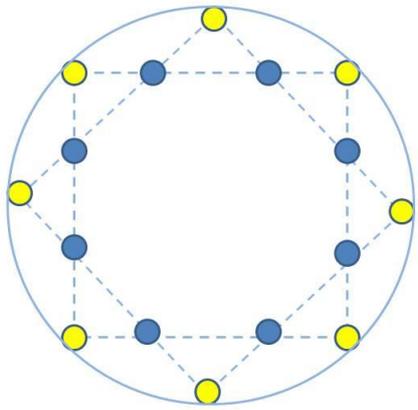
ÉTICA-ÁION & ARTE-CORPO & ARKÉ-SOMBRA & PENSAR-RITO



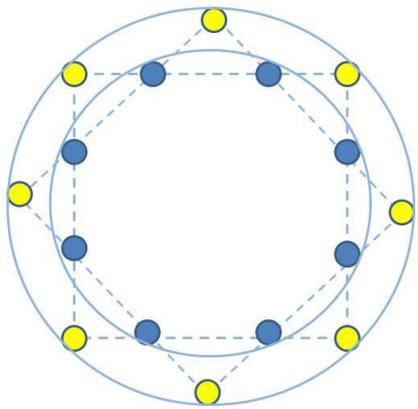
(15)



(16)

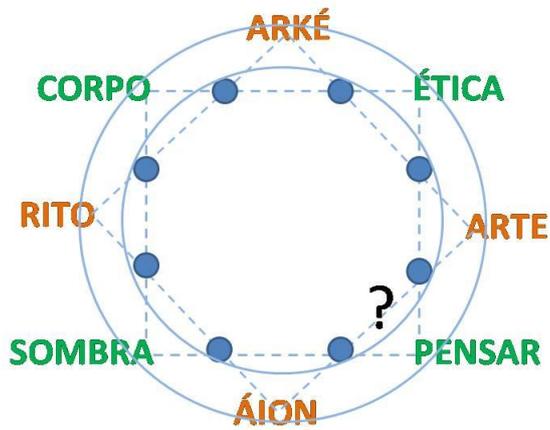


(17)



**Círculos – em torno do Mistério**

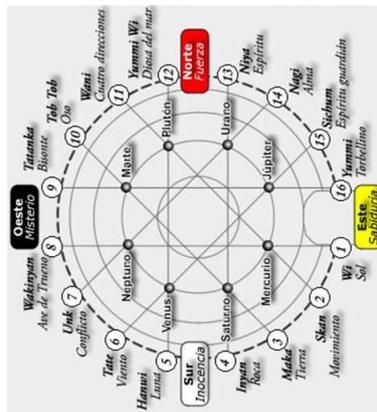
(18)



O que podem tais potências-contaminações (o-entre), ex: Sombra-Áion, Áion-Pensar?

(19)

REF: [http://setospornoifeito.blogspot.com.br/2013\\_07\\_01\\_archive.html](http://setospornoifeito.blogspot.com.br/2013_07_01_archive.html)



**"Onikaghe" (Tenda do Suor)**  
 → Rito de Conexão (Terra – Fogo)  
 → Cosmologia – Universo Lakota

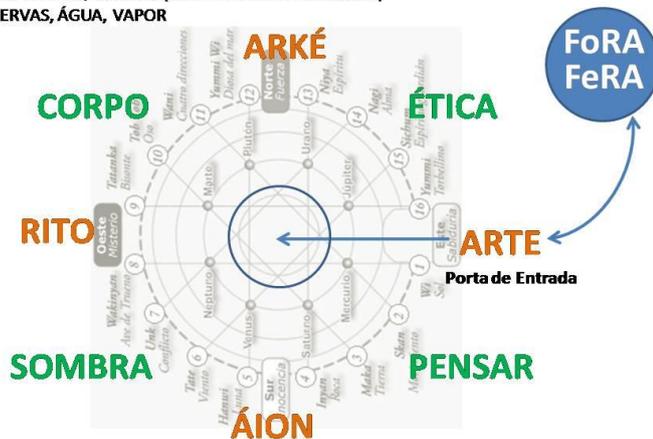
(20)

"A dez passos de distancia, se constrói um local sagrado chamado Peta Owihankeshini 'Fogo sem fim', e ali se aquecem as pedras [...]"



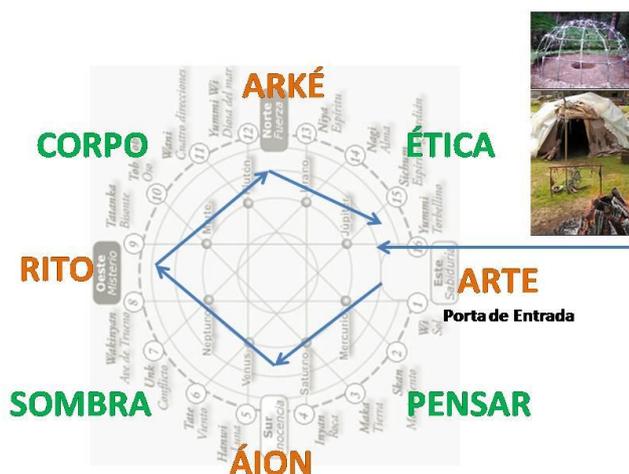
(21)

DO FORA, PEDRAS INCANDESCENTES  
 ESCAVAR O CENTRO, BURACO (COMPARTIMENTO ESCURO)  
 PEDRAS, ERVAS, ÁGUA, VAPOR



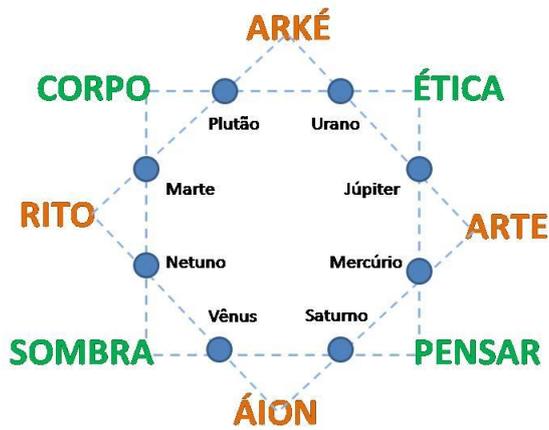
"[...] tenda para onde serão levadas as pedras quentes [...] é construído, cavando um poço no centro da cabana, ao seu redor é traça um círculo com uma tira de couro. [...] Sentar-se ao redor das Avós e dos Avós Pedras, é estar no ventre da Mãe Terra e no centro do cosmos [...]"

(22)

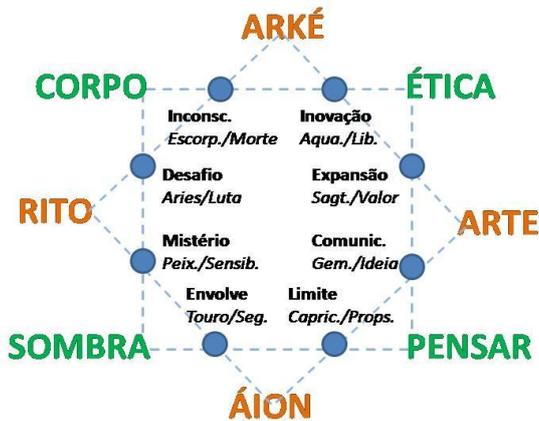


→ Traz o Fogo, escava o Centro, sentar-se ao Redor, processo de Cura

(23)



(24)



(25)

REF.: <http://www.xamaniano.com/tilado%20do%20poder/os-quatro-ventos-lakota.html/>

LAKOTAS: O Guardião do Vento **Norte** é Waboose – Inverno, Renovação, Mestre, Ar, Buíalo Branco, Força, (PS)

LAKOTAS: O Guardião do Vento **Leste** é Wabun – Primavera, Nascimento, Visionário, Fogo, Águia, Sabedoria, (IN)

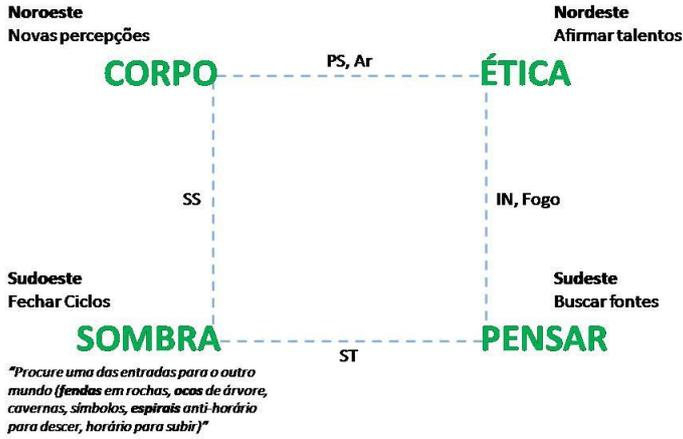
LAKOTAS: O Guardião do Vento **Oeste** é Mudjekeewis – Outono, Colheita, Guerreiro, Terra, Urso, Mistério, (SS)

LAKOTAS: O Guardião do Vento **Sul** é Shawnodese – Verão, Frutificação, Curador, Água, Coiote, Inocência, (ST)

(26)

REF.: [http://olmo-da.org/busca\\_da\\_visao.htm](http://olmo-da.org/busca_da_visao.htm)

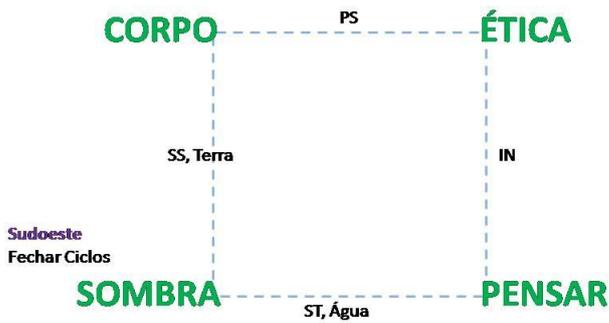
Lakota: "Subida da Colina", Local de Poder, Escuro, Hanblecheyapi ("Chorar por uma Visão"/Busca da Visão), Conexão Wanagi (Guardião dos Espíritos)



(27)

REF.: [http://www.incorporarte.psc.br/ps/index.php?option=com\\_content&task=view&id=23](http://www.incorporarte.psc.br/ps/index.php?option=com_content&task=view&id=23)

RODAS DE CURA XAMÂNICA

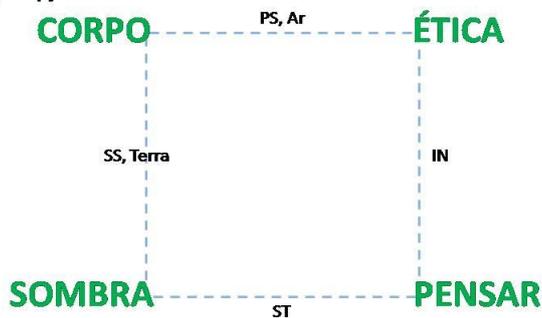


"[...] o Sudoeste integra **Água e Terra**, sendo a Morada dos Sonhos e do Silêncio. Neste ponto a energia se introverte e a função sentimento se recolhe para o interior, possibilitando a entrada em contato com as energias da visão, dos sonhos, da imaginação e da arte criativa. É o lugar da emersão das imagens arquetípicas com seus múltiplos significados."

(28)

"[...] No **Noroeste** está a Lei em suas diferentes formas, passando pelo respeito a si e ao outro; pelas regras sociais, pelos direitos humanos, pelas leis da física, da ciência e do universo, até o respeito à Grande Mãe [...] **Terra e o Ar** se encontram e a energia volta-se novamente para o interior para que a Lei proveniente de *Ananké*, deusa da Necessidade que habita o orgânico profundo, se encontre com a Lei do Tempo, de *Kronos*."

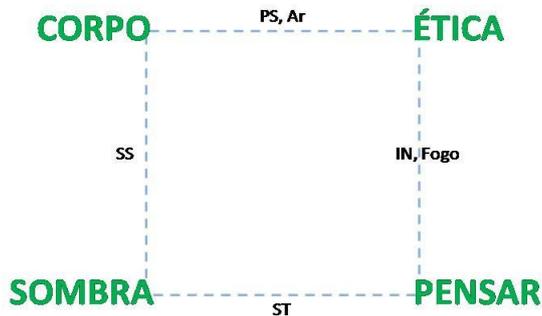
**Noroeste**  
Novas percepções



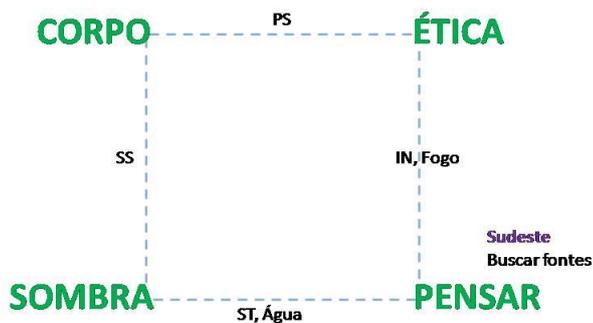
(29)

"O Nordeste alia ao Ar as qualidades do Fogo. Fala das formas que a energia assume e de seu movimento, tanto no mundo exterior como interior. *"É o lugar do dançarino, do coreógrafo, de onde podem ser percebidas a evolução e a involução do mundo, a implosão e a explosão de energia, o movimento e o ritmo de cada um"* [...] De novo a energia se introverte para que possamos nos conectar com a nossa pulsação, nosso ritmo, sendo este fator determinante para a forma como nos movemos na vida."

Nordeste  
Afirmar talentos



(30)

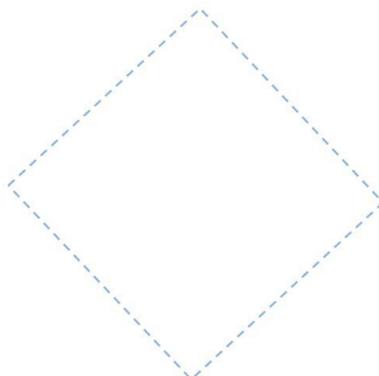


Sudeste  
Buscar fontes

"O Sudeste é o lugar da capacidade de amar a si próprio (...) a energia volta-se para o interior para que possamos integrar as forças do Fogo e da Água, que nos possibilitam ouvir a fala dos ancestrais sobre nós mesmos, indicando qual o caminho a seguir. Aqui o ensinamento alia-se a nossa capacidade de transformar a herança que nos é dada, de perdoar os erros dos ancestrais e de acolher o que eles podem nos trazer."

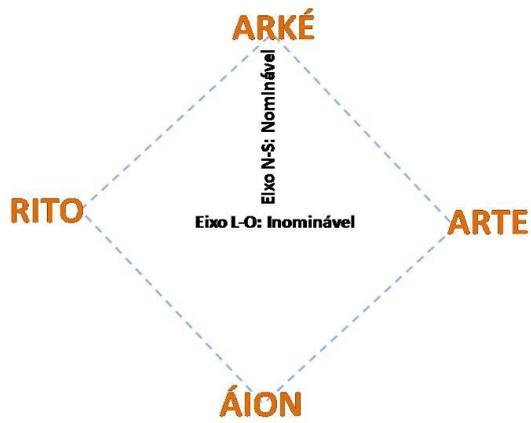
(31)

"[...] Assim, o eixo Sul-Norte é o eixo do tonal (...) coloca em ligação a criança e o adulto, o passado e o presente. (...) É, portanto, "... o eixo da criança que nós fomos, e adulto que nós somos" (...) o Tonal vincula-se a tudo aquilo que podemos nomear, o que é manifesto - a consciência, o meio externo, a cultura, aos ciclos, aos ritos de passagem. Delimita tudo o que podemos conceber. Fala das crenças, do que acreditamos ser realidade, do mundo tangível e visível, do real. [...]"

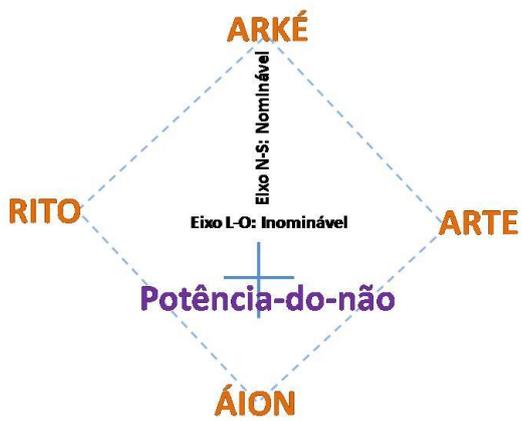


"[...] O Eixo Sensação-Intuição (...) tendo maior afinidade com as imagens, como as provenientes da concreção e da presentificação dessas percepções. Vinculam-se aos instintos e ao simbólico. O eixo Oeste-Leste é um eixo invisível, espiritual, que pertence ao mundo do Nagual, isto é, invisível, intangível; ele põe em contato o adulto e a criança do sexo oposto ao nosso, e nos permite um crescimento psíquico e espiritual (...) O Nagual é o inominável: "... essa parte de nós para a qual não existe nem descrição nem palavras, nem sentimentos, nem conhecimentos" (...) Nele todas as realidades são possíveis e coexistem numa infinidade de universos. Fala das visões, dos sonhos, dos insights."

(32)

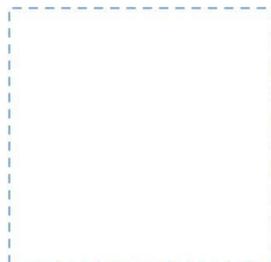


(33)



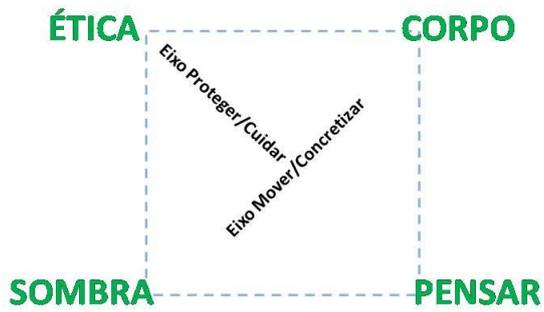
(34)

"O eixo Sudoeste-Nordeste (Água/Terra e Ar/Fogo Introvertidos) fala dos movimentos que precisamos dar aos nossos sonhos e visões para que estes possam chegar a consciência, trazendo novos sentidos e possibilidades. Toda concretização começa como um sonho distante. Se não trouxermos este movimento, a energia fica estagnada e não pode fazer a passagem para a concretização."

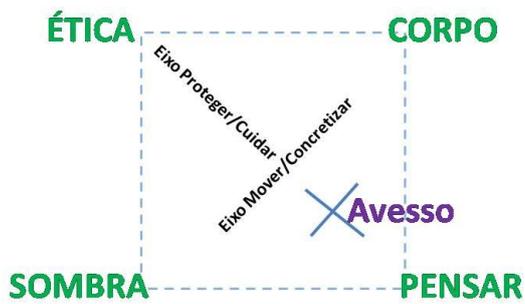


"O eixo Noroeste-Sudeste (Ar/Terra-Água/Fogo Introvertidos) refere-se a aceitação das Leis e da internalização dos limites. Neste eixo a Lei se vincula a Eros, podendo ser compreendida como proteção e pode ser flexibilizada para atender às necessidades do sujeito."

(35)



(36)



(37)

"Os quatro Eixos são complementares. Juntando-os, configura-se uma estrela de oito pontas. O 8 é o símbolo do infinito e da imortalidade, representando a continuidade eterna, sem começo nem fim. Criada pelo entrelaçamento de dois quadrados [...] Representa o início de um novo ciclo, sendo um símbolo de regeneração psíquica. Seu centro é o centro de toda vida. Dele emana a energia que tudo move: sempre criando, começando, encerrando; sempre movendo, sempre continuando."



(38)

É A ESTRELA DOS CANGACEIROS  
 É A ESTRELA PROSCRIPTUS (vetado, proibido, abolido, suprimido, eliminado)  
 Potência-do-Não

É A ESTRELA DOS SAGRADOS  
 É A ESTRELA PROFANATIONE (uso errado, transgredir, ofender/violar sacro, sacrilégio)  
 Averso

**Tu viens d'incendier la Bibliothèque?  
 – Oui.  
 J'ai mis le feu là.**

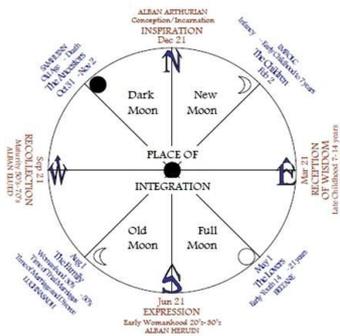
**Victor Hugo – A qui la faute?**

(39)

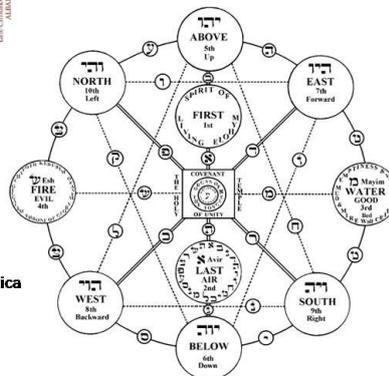


Celtras/Druidas x Sertão

(40)



**Círculo do Ano Pagão  
 Estrela de Oito Pontas, Druidas**



**MERKABAH, uma tradição da Qabala Mística  
 Estrela de Oito Pontas, Judeus**

Ref.: <http://tardisstitute.com/articles/tree/greer.html>  
<http://www.workofthechariot.com/Graphics/merkabeh.gif>

(41)



(42)

chafurdação  
chaFleidação



(43)

- em vez de um sentido abstrato, um sentido pelo corpo;
- em vez de um sentido moral, as sensações balizando experiências de temporalidade;



- em vez de autoridade,  
disciplina e hierarquia, como  
experienciar o "instituído"  
(inamovível) em outra relação  
de poder

(44)

Faculdade de Medicina  
(um aparelho do Estado)



Universidade  
(um aparelho do Estado)

Ditadura Militar..

Família, Escola, Igreja,  
Saúde, Polícia...

(45)

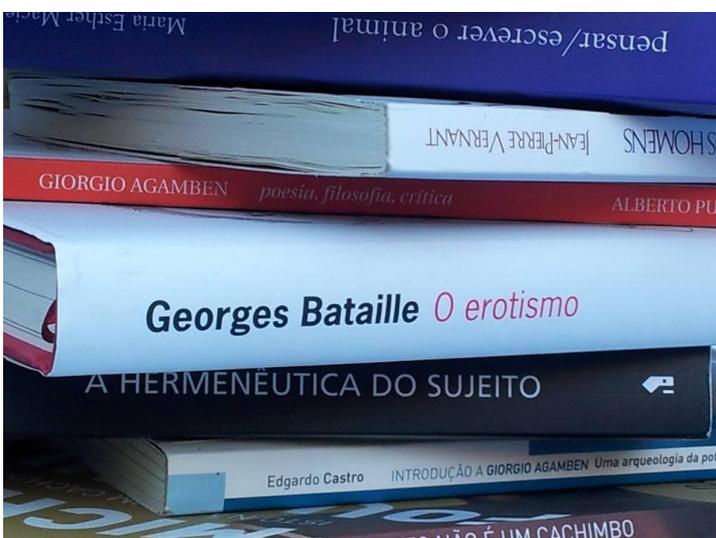


*"Aí! Como eu te amaria, ó Noite, caso tu  
Pudesses apagar a luz que te ofusca.  
Porque eu procuro o Nada, o Tenebroso, o Nu!"*

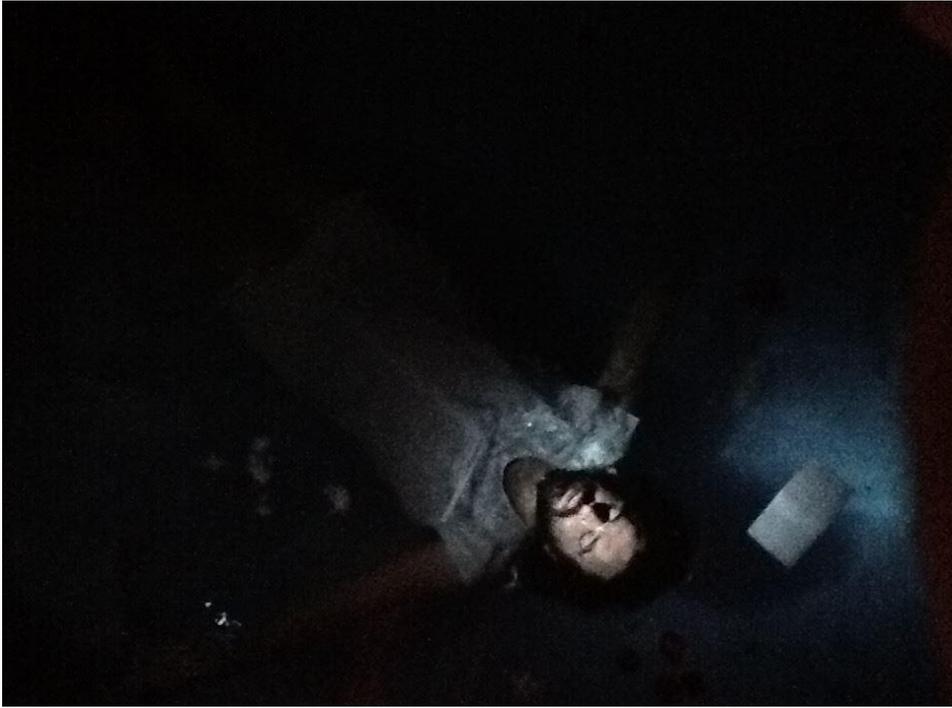
C. Baudelaire, Les Fleurs du Mal

(46)

**UM RITO-DANÇA-PERFORMANCE**  
(Ato 3 – Gravação do Filme para Defesa)















**UM RITO-DANÇA-PERFORMANCE**  
(Ato 4 – Defesa)



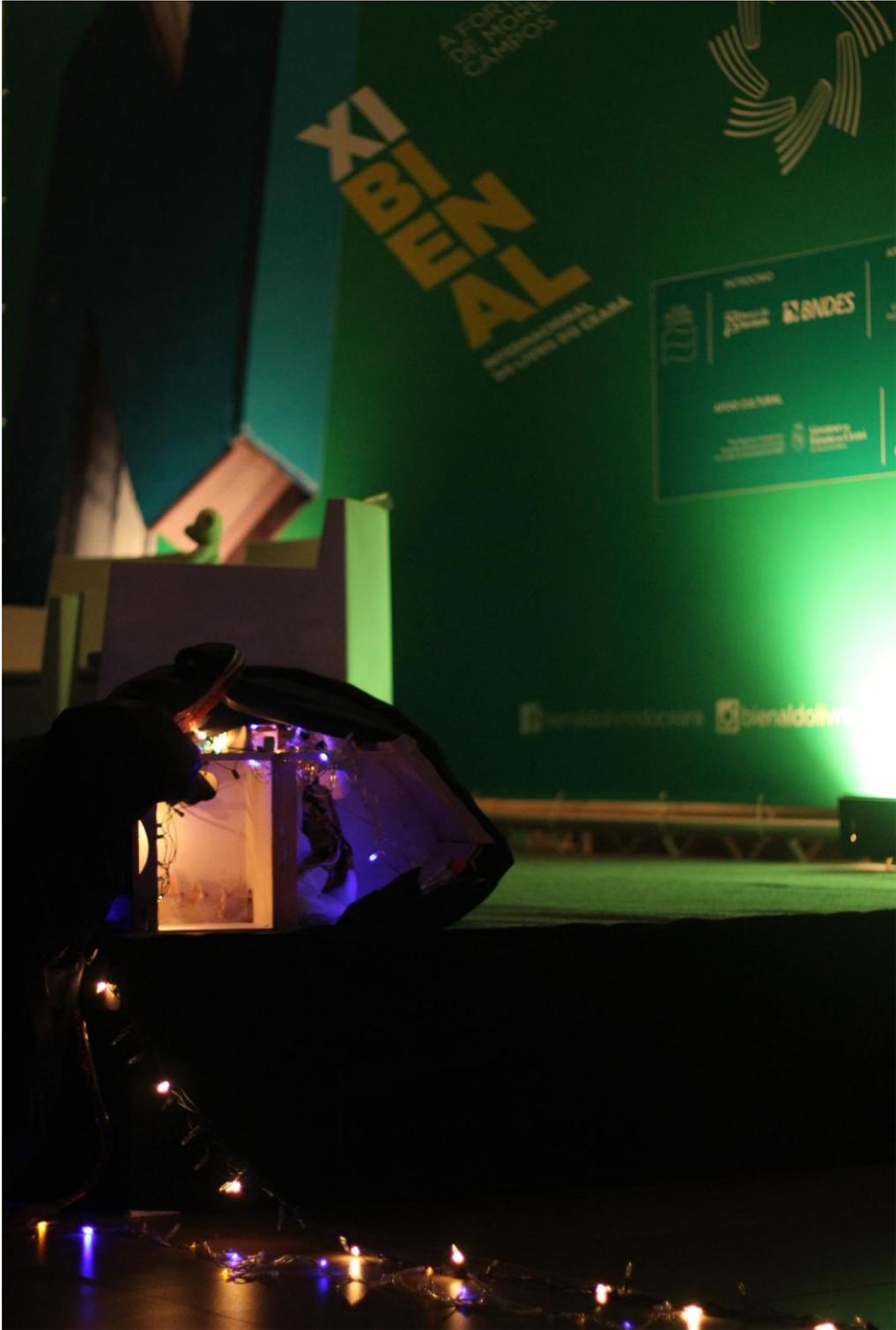
















[TESSITURA DE PROFANAÇÃO SENSÍVEL – UMA EXPERIMENTAÇÃO DE  
AFETOS: SEGUNDO LIVRO]

**UM AVESSO NA POTÊNCIA-DO-NÃO:  
MODOS E MULTIPLICIDADES NO AGIR COMPASSIVO**

(Dedicatória)



“Confesse suas faltas ocultas,  
Se aproxime do que considera repulsivo,  
Ajude quem você acha que não pode ajudar,  
Dê tudo a que você esteja apegado,  
**VÁ AOS LUGARES QUE TE ASSUSTAM.”**

Machig Labdron (1055-1145)

## DOS FAMINTOS ESGRIMISTAS, OU FANTASMAS DE UMA CENA PRIMEVA

Esse não é um texto budista, é somente o atrevimento da minha experiência. Para ser mais preciso, é apenas o aturdimento, a corrupção de qualquer propósito elevado, é o desvio que se revela de uma mente confusa e miserável, sem treino e apegada aos fenômenos sensoriais. Os leitores mais espiritualizados saberão, logo com o primeiro bloco de argumentos, que não irão encontrar qualquer parágrafo da minha autoria que seja útil, ou último, ou sagrado, ou de bom grado. Há, certamente, diretas ou indiretas, um número de preciosas referências; em que se resguarde a incomparável sabedoria e consistência dos seus autores, devo sublinhar que as minhas interpretações para as mesmas são relatos equivocados, uma vez contrastados aos seus parâmetros originais. Meus recortes só confirmam a minha alucinação e defasagem de conhecimento, de contemplação e de realização. (Atenção que não se trata de ironia ou sarcasmo.) Nesse aspecto, especialmente para os leitores não familiarizados com os termos e ideias Budistas, eu deixo a súplica cármica e sincera que, em hipótese nenhuma, considere qualquer letra ou formulação da minha parte como relevante ou fonte segura para anseios de “iluminação” espiritual. (Gentileza não avalie como autodepreciação, falta de estima ou gesto de humildade – apenas uma declaração realista.) Meu texto é completamente dispensável (desprezível?), ou melhor, ele é canibal para os parques méritos espirituais que usufruímos. Aos interessados, recomendo que busquem os mestres resplandecentes em linhagens espirituais autênticas, e não se distraiam com os escândalos nômade e as irrupções dos tempos degenerados em que vivemos – eu sou parte nisso tudo, parte do mundo e do século pior que construímos. Por favor, mesmo quando (e sobretudo) aparentar convincente, não acredite nas minhas intenções, foram todas maculadas por uma vida deplorável e atravessada de erros. Residindo,

aqui, à sombra do samsara, eu cometo e confesso um crime duplo e arriscado: profanei o meu sagrado, na tentativa de citá-lo, apanhá-lo e compartilhá-lo sem as devidas qualificações daquela excelsa tradição, a saber, sem a isenção dos equívocos e obscurecimentos que me acompanham por desleixo espiritual; não suficiente, por cinismo e indecência aguçados, por uma experimentação fora da intencionalidade, aprendi a deformar as trajetórias dos escritores mundanos que me inspiram, aprendi a deturpar a sua filosofia da diferença como um legado do meu encontro poluidor, sem o compromisso de gerar outra coisa, outra diferença, outra multiplicidade, outra potência – aprendi a ex.citar/ex.ercitar minha própria escuridão, diante das aparências de lógos, luzes e verdades. (Eu destruo, eu desconstruo.) Minha sombra é a resistência onde cabulo a fraca nitidez que me habita. Sim, é um duplo homicídio: o primeiro custa-me todas as vidas, passadas e futuras, com o tempo presente de uma liberdade espiritual incluída; a segunda levou-me o efêmero e a duração curta, a imanência e um tempo dos vagares. Minhas palavras são confusas, no rigor problemático da minha digestão, e não poderia haver qualquer anti-singularidade de outra forma imaginável – essa é, por conseguinte, a minha história, ou até onde consegui levar, quarar, supor, introduzir (fincar, enfiar) e suportar o meu esgoto. São energias robustas que ainda impingem meu corpo, qualidades opostas de confrontar o óbvio maquínico e que não nos inscrevem em campos semelhantes de atuação. Um cocktail de opostos, com porções concentradas do maracujá tropical, em uma batida com vodka finamente destilada. Para um tipo de giro, é o avesso da própria dor, a porosidade que adentra uma condição presumida de fragilidade. Ou o sofrimento como amálgama da Grande Compaixão, até onde é possível cruzar as margens. Em outro vértice, é a noite e a morte que me convidam. Travessia do sofrimento com o redemoinho da singularidade, na medida em que é suportável forjar uma melodia gutural. O procedimento que realizei com os primeiros são imposturas, desequilíbrios e tormentas de

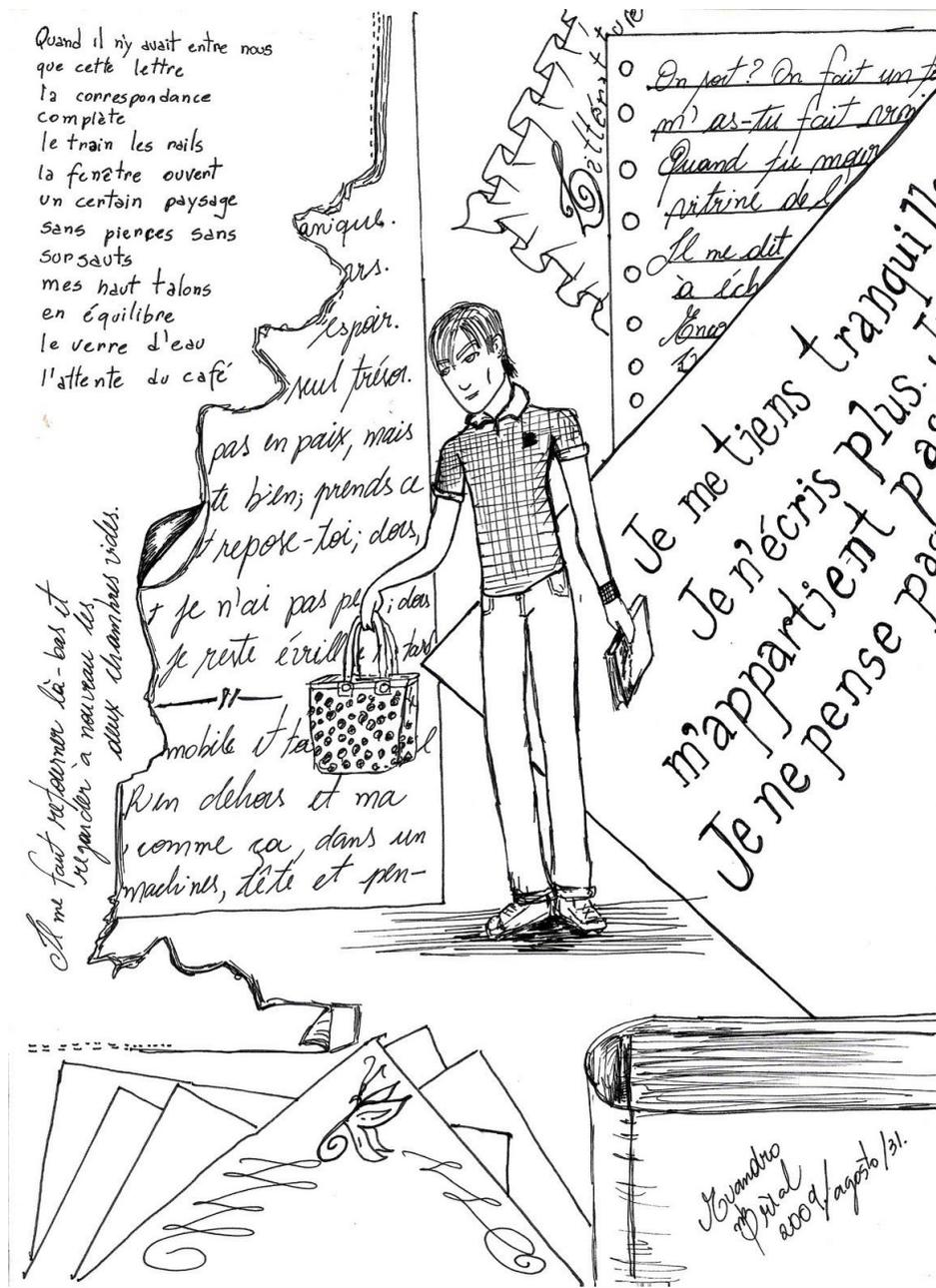
uma alma inculta de si. O segundo é apenas caldo e rabear, como ver o que não é a frente e desejar pelos fundos, e tão (ao) avesso, na colisão de um parceiro casual, prometida no instante de um tubo e de uma onda quaisquer – se for entrar, que se rasgue e enlouqueça, e, assim, criar um monstro por trás. Ambos os lugares foram danificados na minha jornada sensível, e nada ascética: dupla penetração, dupla proibição, uma dupla para esse duplo que me escapa, uma potência ao quadrado na profanação. Eu tenho essa febre de escutar ruídos, dos loucos e dos poetas. Para quem enxerga o mundo a partir da coerência (a dita lucidez argumentativa), especialmente daquelas lentes reconhecidas em seus campos vitrificados de enunciação, meu pensamento recorre ao veio da indisciplinariedade para atizar e balançar, ensopar e amaldiçoar os acordos... são escavações dos instituídos mais anciãos, fissuras para o desprendimento, a contradição e também a criação: afã de sublinhar essa cadeia faniquita de equívocos, minha doce alucinação... florim arisco, e não florescimento, que risca como quem cicatriza para tatuar (e para dizer), que risca como para cortar e ferir (e para jorrar), que arrisca os meus gestos tímidos (para desaparecer). Dos Seres Compassivos que auxiliam as pessoas virtuosas, eu sou apenado aos Budas Ditosos (de João Ubaldo Ribeiro, com o rosto) de Fernanda Torres. Se você chegou até esse texto, percorreu essa ressalva excessiva e ainda insiste numa leitura explicitamente irresponsável, quem sabe, por estranha compaixão dos Oniscientes, talvez o meu incômodo assobio possa servir-lhe de algum ínfimo propósito. Eu não desejo que você desista nas primeiras laudas – embora, na pós-graduação brasileira, essa é quase uma profecia auto-realizável! Aqui o leitor não encontra um instrumento da liberação, ao contrário: aprisiona, como nas pedras – e não falésias. O “âmbar”, por exemplo, que reteve os besouros, os líquens e as paisagens mortas... fragmentos ou joias, onde você poderia estar no próximo bloco desprendido: “boa sorte”, eu diria. Nem isso. Sempre há o tédio para

cair fora. Ou deixar cair, rolar, feito as pedras. Risos.

*Assinado por mim, um petit-peba: esse tatuzinho bem peba mesmo, assim dócil e caça defuntos, apenas um tatuzinho escavador da caatinga – do que está Fora desse aparente incendiado, escalpelante, morto.*

# PARTE I

## As cartas





**“Todas as cartas de amor são  
Ridículas.  
Não seriam cartas de amor  
/se não fossem  
Ridículas.**

**Também escrevi em meu tempo  
/cartas de amor,  
Como as outras,  
Ridículas.**

**As cartas de amor,  
/se há amor,  
Têm de ser  
Ridículas.**

**Mas, afinal,  
Só as criaturas que nunca escreveram  
Cartas de amor  
É que são  
Ridículas.**

**Quem me dera no tempo em que escrevia  
Sem dar por isso  
Cartas de amor  
Ridículas.  
(...)”**

**Álvaro Campos (Fernando Pessoa)  
Outubro de 1935**



**Fortaleza, 23.10.13**

Cher Monsieur,

**Ev. BRÉAL**

Caixa Postal 9012

Desterro (vulgo Florianópolis)

Santa Catarina

88.010-973

Oi! Voltei a escrever. Três semanas, estou fraco. Faminto. Um vídeo trêmulo em câmera de celular. Sou parte desse registro amador, dançava ao lado de alguém da minha idade. O contexto era precário de recursos. Luz de qualquer grande supermercado, uma fresta de sol atravessa o vidro desde os tempos em que as portas da escola eram inspecionadas... Última sala do corredor, último andar. Várias cadeiras empilhadas ao fundo - uma instalação de ferragens confusas, sensação de retorcidas. Um laboratório, um estúdio. Estávamos com poucas roupas e elementos cênicos. Ela vestia amarelo, um casaco ou uma capa. Eu de vermelho, um pano. Ensaiávamos com estudantes, oficina de quatro dias há dezessete meses. Chão de cimento sujo e duro, as mãos esquerdas da nossa brevíssima coreografia acenam para trás, coincide ao lugar posicionado da câmera; uma direção invertida na relação que o corpo impulsiona na frente, um aceno que pode salvar-se das carteiras emborcadas, nessa paisagem de pontas circulares borradas no escuro da sala. Os gestos que não pertencem ao histórico dos seus usos, que não estão submetidos à sua funcionalidade habitual, naquela tarde foram emprestados do chuveiro, do ritual no banho para as novas composições em grupos. Antes que a segunda música encerre no vídeo, tudo era muito urgente e agitado, exceto uma parte do cronograma que foi concluído. Ela veio de outro continente, inicialmente para duas semanas de investigações artísticas comigo, e colaborações em outro Estado brasileiro no final do mês. Voltou antes do previsto, para encontrar o seu irmão com o filho há pouco nascido. Não queria descansar ou ficar sozinha por muito tempo, pensei também irmos para o jardim japonês e aprendermos juntos com os sinos. Foi o nosso último Butô, de minutos, assim, de repente. Na padaria, todavia, conversávamos assuntos futuros. Pedi um filho para a bela moça judia; ela disse que no futuro próximo, benYamin. Iríamos nos encontrar, festivais e workshops na cidade dela. Uma semana depois que retornou, ela morreu. Nosso

Butô... no meu corpo, os gestos adormeceram, aguardando a despedida. Inesperado, um suicídio. Estou fumando, aqui no meu escuro. "Perturbação" é um livro de Thomas Bernhard - já leu? Uma boa tradução para o moço da tuberculose incurável. Estou na metade dele, com luvas. Não retirei sequer o pó da capa. É quarta vez que te pergunto: um apartamento na Vindobona de Marco Aurélio, ou no bairro da Pirocaia (depois da segunda Guerra, convertido em homenagem à batalha do "Montese")? Liguei o seu número com o DDD 048; lembrei, inclusive, o código da Operadora, mesmo já sabendo que o seu aparelho foi desativado. Descobri o cancelamento de modo espontâneo, deixando recados quase aleatórios, secretária eletrônica com voz de robô enquanto eu falava para o vazio... e mesmo depois, outras tantas vezes, tentando elaborar os meus soluços e botões quebrados na camisa, sem acreditar em ninguém, falava para a incompletude distante... Sua mãe esteve de mãos dadas com você, nesses dias de intervalo fora da UTI. Ela recebeu como um gesto carinhoso da sua parte. Um pouco de felicidade quando li que você usufruía da companhia dela... Sobraram, depois, o lamento que pesa com os dias. "Recanto Escuro", da Gal? Ainda lembra?! "Eu venho de um recanto escuro (...) Eu chego às portas da cidade/ E nada procuro fazer (...) Não salto mas sou carregada/ Por asas que a gente não tem/ A luz não me fulmina os olhos/ Não vejo bem (...) Em breve só saio de noite/ A lua não me rasga o peito (...)". O que significa sobreviver a você? Se não fosse para habitar o impossível, porque você me deu o Bréal? Eu te quis ao meu lado, cândido Parsifal! A criatura prometida ao castelo de Klingsor; doçura capaz de extinguir a magia negra de Wagner. Eu não me importo com o irreal. Pessoa, Pessoa, Pessoa, Pessoa, o teu Fernando: "O mito é o nada que é tudo./ O mesmo sol que abre os céus/ É um mito brilhante e mudo -/ O corpo morto de Deus,/ Vivo e desnudo." Eu queria o anti-real, que você batizou de um salto na fantasia: buscar o que não se pede, ou pedir onde não se busca. Você, e suas leituras redutoras da mítica. Sujeito com as interpretações hegemônicas dos modernos. Espero que os dias no cinza possam evocar alguma incerteza para todas as verdades e virtualidades. Nenhuma me excita, quais sejam estas e também as incertezas. Eu perseverarei com o seu e-mail, e deixei mensagens tanto no mural como no inbox do seu Facebook. Obstáculos também surgiram por lá, quando o seu login foi desabilitado como opção para referenciar, vincular ou acessar naquela rede social. De toda forma, digito frases com o seu nome, geralmente compartilhando fatos cotidianos que me lembram de você. Voltei para o seu Blog, procurando os seus desenhos e as suas postagens. Na memória do meu celular ultrapassado, há dezenas de bilhetes curtos que foram armazenados como spam (e salvos, por conseguinte, do limite baixíssimo na caixa

de entrada). Quando você se recuperasse, achei que conseguiria viajar (com as milhas emprestadas, tentei com o meu irmão). Os dias passaram, considerei gravar um vídeo, e que alguém levasse a imagem-falada até você, em um tablet com os fones de ouvido. Quem sabe, tentar o Skype do iPhone, ainda que breve e de conexão ruim, para te ver e desejar afetos renovados durante o período no Hospital. Eu só queria te ver. Quero uma fogueira. Tocar o tambor e maracás, dançar no quintal com os meus fantasmas: sentir a morte caindo, até cair no morrer, e falar desse escuro... Da admissão repentina, para a internação por duas semanas bem graves, para a minha descoberta da sua ausência e os poucos dias na enfermaria, uma visita alegre dos amigos até o incompleto de uma semana na UTI - claro que foi inesperado e avassalador. Não consegui ir para o velório, também sucedendo rápido demais (o avião não chegaria a tempo para tomar o ônibus, e as horas subindo em direção a Serra tardariam qualquer chance para carregar a alça do seu caixão). Amor-perfeito, as rosas que levaria nos meus braços. "Penseé", em francês - as suas rosas! Abri uma carta, com três das suas pinturas... Estavam perdidas dos meus olhos no armário... Preciso ler a mim mesmo, emprestando uma voz humana para seguir e não me perder nesse texto. Ou não chorar, a ponto de interromper e rasgar a folha. Naquela última semana, pensava nos seus vinte e seis com o aniversário que chegaria, na sua asma e o cansaço existencial, na fragilidade da saúde com as tosses, imaginava o frio no Sul e a pneumonia, uma parada respiratória longe de todos, as condições e infecções de um hospital público... o sopro do espírito, da pneumia, que cessa no rapaz sensível, inteligente e sofisticado... A fragilidade por aqui é tamanha que, nas pausas da escrita, eu já não acredito no meu próprio silêncio. É claro que também queria morrer, antes e sem você. Há barulho na rua e dentro de casa - mesmo que não esteja alto, mesmo que não haja voz; o meu desespero parece concorrer e infiltrar-se, projetando cismas para a tablatura dos sons repetidos. Nessas mesmas notas, com as mesmas letras, na música e no alfabeto: dentro de cada estranho ruído, encontro o que sinto por ti? Um alarme da casa vizinha anuncia-se como pássaro rasgando os quarteirões. Uma motocicleta percorre a avenida. O vento desloca as folhas caídas. O avião passa, distanciando as turbinas nas estrelas. Um besouro na lâmpada da cozinha. Estou sufocado...

...andar nas ruas tem uma energia bem diferente. dois dias, apenas, vagando, sozinho... a subida é longa, diária e audaciosamente íngreme... com o perigo de assaltos, há um desgaste físico maior, embora também ocorra um deslumbre incomparável, desse reflexo contra o mar - eu me sinto como o estrangeiro chegando e afogando-se na beleza do sol, é

uma sensação de maravilhamento, de dissolvimento na enseada que é medonha, maior e mais bonita do que o mais inacreditável que eu tenha visto. subir essa ladeira até o circuito da barra já cansa, uma tontura que meu corpo traduz como esforço, embora eu tenha um palpito que é dos mortos. no caminho, passa-se à frente do yacht clube, que tem um cemitério dos colonos ingleses/anglicanos, o lugar dos antigos protestantes e também dos "cavalheiros ingleses" acometidos de febre amarela durante a construção da ferrovia; reparo uma casa bonita de colina, ainda na esquina, lá embaixo. vejo barcos e um restaurante que trouxe a sensação de flutuar na eternidade. depois, nessa subida que parece sem fim, o instituto cervantes; a frente, o instituto da cultura francesa; a praça e a igreja de santo antônio e, depois, o instituto goethe: quase uma área diplomática, cada um com suas galerias, salas de aula e cafés culturais. à esquerda, no mc-donalds (embaixada americana, que não faltaria), eu sigo por uma longa avenida de árvores fechadas entre suas copas e cipós, entre apartamentos-mansões, casarões restaurados nas entradas nobres, servindo como salões de recepção e de administração para condomínios sofisticados; encontro obras de arte suspensas em painéis de mosaico, o prédio do instituto geológico, o museu de arte da bahia, ambos do lado esquerdo, o último com um recuo para estacionar; há uma escola pública e uma edificação antiga que me parece servir como um buffet diferenciado pela iluminação, outro museu da redondeza que abriga peças de rodin... até chegar nessa praça enorme, gigante nas esculturas, no gradeado, nos mendigos, no teatro... tudo arriscado, tudo excitante: minha velocidade, a intensidade do meu olhar... à rua esquerda, atravesso a tal via do banco dos ingleses, outra praça menor no trajeto, chego aos portões de um complexo que abriga o teatro vila velha... um arco que enxerga o pôr do sol ao fundo, uma praça interna, com árvores e cigarras na floresta suspensa, esculturas coloniais e bustos de mármore que eu imagino do tempo do império. uma sala de dança com parede de madeira, grandes janelas de vidro, piso adequado com linóleo por cima, ventiladores, banheiro com chuveiros... e um professor japonês que fuma cigarro e bebe caipirinha. eu olho, olho para ele... entrou na sala, e naturalmente retirou a sua roupa, da barra próxima aos espelhos, vestiu algo leve para movimentos de dança. a aula foi diferente, talvez mágica, talvez mais humana, ou talvez mais zombeteira.

...all this dead people - father, grandfather, great-grandfather... they created this very body for you... this body is death and life together for you, this body from them is the sole opportunity to dance until life is gone...

...if you feel truly happiness, if you are very nice, you do not need to dance - you just go to copacabana and enjoy it...

...quando seu corpo estiver machucado, quebrado, lesionado; com dor, com sono, com problemas emocionais, físicos, materiais, espirituais... portanto, a vida e o corpo esse vivo não está relaxado e saudável, não está em equilíbrio suspenso, é um corpo perdido embora com força...

...because i am bad, my body moves and my body wishes to dance, for i try to not ignore my body, i follow what my body wants... this wish make this tension inside the body to go thru each center point of the whole body and my movements turn out my body my own orchestra...

...i am constantly against and towards this health, this mostly comfortable body which is not life anymore.... which is rigid and not life any longer...

...quando você estiver mal, então, você dança... e se você dança com esse corpo, é porque você dança até a morte retirar esse corpo, dança por necessidade de dançar... dançar até que a morte chegue...

...butoh is violence and eros - the two of them, both and not only one: neither only sensual, neither only painful...

...butoh is poison... and i am here to broke and destroy this healthy-ballet body...

...é desse ponto de sombra: decrepitude, fraqueza, debilidade, instabilidade, desequilíbrio, impasse, resistência e vulnerabilidade...

...you dance with another body and you do not lose this skinership between your physical body and the body of your soul, just in front of you, between your body and the body connected with the dead ones... bring something out of your soul to your audience...

queria anotar mais coisas...

porém, tudo vira memória corporal.

como chamo ele? sensei, guru, mestre, máster, maître?

...

não sei se consigo captar o significado de estar com ele, nesses dias...

muita força. muita transformação!

...

ontem, fui dormir com um sentimento, junguiano, de que finalmente descobri o meu lugar na vida, e o lugar para colocar o meu trabalho da vida. hoje, o dia ainda não acabou, estou em movimento intenso-interno...

Na quinta-feira passada, eu dancei o seu Butô. Foi rápido. Desde quando pendurei os quadros do Kazuo Ohno, quantas vezes já dancei Butô? Casa de uma amiga, sala pequena e meia garrafa da cachaça mineira. Dançar com você, uma primeira vez, tímido e pouca luz. Deixo uma vela acesa - somos apóstatas, mas eu quero enxergar o verde na fita da

máquina, letra por letra que martelo no papel amarelado. Um ponto solitário no candelabro de seis posições. Um objeto de prata escura que trouxe da minha mãe. Já rasguei algumas folhas, essas que sobram nos rascunhos em qualquer máquina de escrever. Comprei papel carbono, imaginando cópias dos meus originais. Clip e chip. Estava muito sozinho - quis um barulho que acompanhasse o meu ritmo de hoje. Pensar em você traz medo. De ninguém. Nem do escuro. Triste, apenas. Você sabe que não planejei escrever. Ocupei a minha quarta-feira do automático: acordar tarde, comprar o almoço na mercearia, pet-shop do cachorro, supermercado desse mês, anotar as tarefas da semana e pedir a entrega do garrafão com água, responder e-mails pendentes, atender telefones e solicitações, ler qualquer coisa boba no jornal. Você só existe nas redes sociais que frequento, é de lá que absorvi sua materialidade. Tenho anotações na mesa de trabalho, umas sete folhas atrasadas na digitação, com ideais para a qualificação do mestrado. Tinta porosa de cor azul e farta. Você não ficou sabendo, mas irá acontecer na segunda quinzena desse dezembro. Receberias um convitinho, por certo - no mesmo envelope do cartão de boas festas. (Escuto Michael Bublé, White-Christmas... "I'm dreaming of a white Christmas/ Just like the ones I used to know..."). Meu orientador agendou para antes do Natal. (Desculpa chorar, é que eu não sei do meu Natal. Não sei da vida... Desculpa, mas eu preciso chorar.....suspiros...). Tenho poucas noites de trabalho, e parágrafos infinitos por revisar. Nesse dois de novembro que já se avizinha, me disseram que é Finados - não houve como esquivarem-me da lembrança, os primeiros trinta dias da sua morte. Sábado é Natal. (Desculpa nos saltos do tempo, como flores que se desprendem nas estações.) Hoje eu tornei para o mesmo Café. Você não conheceu, é um espaço bem novo. Foi o lugar onde me informaram. Era 15h40, a lâmina sem despedidas: "Feitosa, ele já foi desenganado. Estamos em vigília, pode ser a qualquer momento". Imediatamente assim: em qualquer lugar, a qualquer hora naquele dia. Liguei para a feiticeira, ela não conseguiu me atender. Não retornou as ligações anteriores. Não havia mais o que fazer! Já te perdi antes que o tal anúncio surgisse. Entendi. Mas quem irá reler os meus textos? Cores do mundo suspensas... Quando eu cheguei à Psicologia, em fevereiro de 2004, meu avô morreu exatamente no marco das boas-vindas. Uma noite com o seu cadáver para anteceder a minha primeira aula. Início de uma Psicologia não menos absurda! Não abandonada pelo feitiço do darumã, pelas velhas bruxas que não me deixaram ir embora! O telefone da madrugada, com a voz da minha tia. Fui para o início da nova vida, de ônibus carregando a morte e o silêncio de outra fase que se transmutava. Chorei. As partidas, os abandonos. Meu vizinho Henrique, um pai do andar de cima, das noites, dos finais

de semana, então morreu. Chorei também por você. A morte sempre vêm; a morte sempre vence, não é assim? A morte não é a personagem: ela é o nosso território! Qualquer rastro: frente, trás, direita, esquerda, diagonal... é nela que caímos?! A morte é o nosso figurino: se retirarmos o cadáver desistimos dessa vida biologicamente frouxa e de assombros?! Existir, envelhecer: "And Life, a Fury slinging flame." (Alfred Tennyson, "In Memoriam", section L). Ou, na baila tropical: "De manhã escureço/ De dia tardo/ De tarde anoiteço/ De noite ardo.// A oeste a morte/ Contra quem vivo/ Do sul cativo/ O este é meu norte.// Outros que contem/ Passo por passo:/ Eu morro ontem. (...)" (Vinícius de Moraes, 1950). A morte que marcou os meus 20, com meu avô; e a morte que marcou os meus 30, com você. E nada será o mesmo f(r)io, nós sabemos... Naquela tarde, princípio de outubro, um amigo confirmou nossa reunião pelo Benfica (um bairro, no entorno das Humanidades), e, hoje, mais uma vez, outra conversa foi insinuada para o mesmo lugar. Cheguei sozinho, como habitual para Fortaleza. Agora, estávamos em celebração, para uma causa judicial onde colaborei, em parecer técnico e viagem para esclarecimentos às partes envolvidas. No início do mês, estávamos aqueles três na mesa, preparando anotações para uma conferência que julgávamos importante, logo na manhã seguinte - exposição de questões derivadas das manifestações populares locais e as consequências políticas implicadas na criminalização dos movimentos sociais conduzida pelo Estado. Hoje, ainda em número de três, com outra configuração e objetivos tracejados, discutíamos sobre a psicoterapia, a poesia, e, claro, também as instituições políticas, nossos desejos e anseios. Rimos. Não falei de você nesses dois encontros. Conteí seis tampinhas de long-neck, eu fiquei na Coca-cola e no quiche. Parece que realmente não passou o tempo. A comida estava ruim, um amigo concordou. Acho que, também naquela tarde, tudo foi difícil de engolir. Eu não sabia exatamente o que acontecia ou sentia. Não imaginei que voltaria hoje, não havia um motivo particular. Nem a perspectiva de retornar, retomar. Não sei como voltei para casa naquele dia. A ligação foi repentina, pretexto dessa comemoração que atrelou a sugestão do lugar, habitual e central para o nosso deslocamento mútuo. Abaixo do candeeiro elétrico, ao lado de uma instalação sonora com o metal de lampiões de querosene dispostos aos ventos rebeldes, próximo ao jardim com as trepadeiras no muro para a calçada, estava a única mesa vazia de todo o recinto. A mesma onde fiquei, com flores azuis na minha cabeça... a minha cadeira olhando para dentro, reservada; do meu lado, um capuz de escuridão nos olhos do meu amigo, um vulto; a luz do candeeiro iluminando as suas costas, ou uma sombra invertida, apoderando-se do rosto... A lembrança adormecida foi surgindo dessas coincidências, da quarta-feira que se

repete, do horário no céu, da estranheza que é convocada no corpo, no amargo, na introspecção, na iluminação. Do lado de fora, um carro colide brutalmente. Um pedestre mudo solicita caneta para riscar pedidos em folhas rasgadas. Emudecido, também observo. No sofá colorido da espera, senta um menino igual a você. Esperou mais de quarenta minutos, e para qual mesa sentou? A nossa que deixamos há pouco... Estou naquele eco das ferragens comprimidas na rua... Não tenho força para escrever, acho que não é o cansaço propriamente. O barulho da rua. É o medo. Não queria escrever, mas é tão urgente. Sozinho, ninguém falou ao telefone, enquanto buscava interlocução. O percurso tornou-se mais longo. Do Café, ainda na imagem do carro que se repetia, soube que retomaria o seu Cahier, tentar escrever algo de volta. Qual é o caminho das voltas? Pautado, modelo escolar, tamanho do papel regular dobrado ao meio, poucas folhas. Primeira página, caligrafia detalhista, sua foto 3x4 e o convite para mantermos um diálogo - indo e vindo, pelo correio, letras cursivas e com os nossos cheiros. Você disse que precisava do texto a próprio punho, onde nos revelamos mais. Não tinha reservas quando seus pensamentos afogavam-me. O pacote chegou de repente. Você gosta da surpresa, da tinta, de abrir o envelope, de guardar. "Acabo de sair dos correios. Envelope em mãos. Acho que deixarei para abrir no ônibus. Voltando para Lages... as condições pós-modernas são engraçadas! Nunca te toquei e tenho tanta estima por vc." Eu não tinha força... E, hoje, a tenho menos comigo. Escrever com a máquina não suspende o medo, porém me traz uma parceria densamente auditiva - e afetiva, meu avô escrevia com máquinas. Estou fumando. Não acho que vou conseguir aguentar tudo; um tudo que não sei por onde seguir, deveras estranho se eu não beber mais. Algo sem gelo, mesmo. Copo simples, destilado, temperatura ambiente, aos poucos. Mas não vou conseguir, sem cheirar. Tentar algo... de leve. Fazer as vezes do seu perfume, o "Pi" da Givenchy. Espero conseguir... isso que é, novamente, ficar perto de você (perto, apenas), um tempo com o seu fantasma - acho que escrevendo, talvez, você suporte, eu suporte. É diferente no travesseiro, onde o sono reconcilia. Aqui, frente a frente com as sensações, amar ainda dói. Estou ferido, mais do que temerário. Nada particular, nada contra você. Nada contra o mundo, aliás. Nada contra ninguém, nem contra a morte, ou contra o destino dos artistas, quiçá o tempo criminoso, ou a sua trama familiar. Acho que você, a contragosto, ou de forma não intencional, partiu do abuso e da tormenta na vida. Um tempo do inferno que cessou um capítulo de estreia extenso demais. Enquanto o corpo sentir dor, é sinal que a vida pulsa - aprendizagem remanescente do seu ballet, da força imediata que confronta a gravidade sobre os corpos. Um amigo querido telefona-me com a notícia

de um projeto comum: bacia com gelo, sal caindo da superfície de um corpo nu que dança Butô. Ele acrescentou na performance uma injeção com heroína: colher, pó, água, isqueiro, filtro, seringa, braço, sangue. Estou aqui, vivo nessa minha dança cardíaca, criando espaços de movimento dentro das sombras, ôcas e turvas, lugares com as aberturas que desconheço. Quero tentar, sobretudo por mim. É uma maneira de não perder você, vivo comigo e não como resíduo de memória; um desafio de facilitar o improvável nesse corpo que me inventa como possibilidades entre os vivos, onde o seu fantasma infiltra-se como parte do gesto e da qualidade do movimento; onde sejamos parceiros de uma dança que apenas imersa na sombra afirma a nossa-vida mais radical, um carinho por você que não pretende colonizar em ato/atualidade/atualização essa porção irreduzível (silente e anti-decifrável) da potência. Não há seguranças. Penso nos procedimentos da suspensão corporal na Body-Art: içar a sombra enquanto restam as cicatrizes do corpo! Quero sublinhar que estou escrevendo uma carta para você, e não um diário fechado ao desabafo e à despedida - a nossa distinção é uma tônica de compromisso (e também de improviso), afinal, é com você que me inspiro, longe de meramente organizar o que vivo... São cartas de nuances para os nossos encontros no mundo onde te vejo refletido, onde te encontro vivo. É disso, o tempo inteiro, que também os mestres de uma primeira geração do Butô ensinaram: mergulhar na sombra, e entregar-se para que os mortos, os antepassados, os amados que carregamos, em seus afetos desconhecidos sobre nós, forjem uma dança que ultrapassa a rotina já capturada, já mecanizada, já idealizada. Que os nossos mortos movam-nos! O Ocidente do Lógos quer escutar, falar, ler e até discutir com quem já se foi. O Butô não quer ouvir, não quer achar, não quer saber... Que o espectro frágil dos dedos que inexistem em nossos decaídos sustentem a planta dos nossos pés, que o esforço sonhado dos nossos mestres possa equilibrar-nos um milímetro acima do nada e que nos arrastem nesse obscuro que ignoramos perpetuamente. A poeira de ossos nos bichos que ressecam e morrem. As estações que passam.

...hoje, bem mais frio do que ontem... peguei um casaco do Fernando, meu irmão-primo... começar uma tela em branco no computador, quando há tanto no corpo: cansaço, sobretudo fadiga; exaustão, dores nos meus pés, quase ferimentos... que incidem no meu joelho, e fibras inteiras de dores que escorrem ou percorrem os músculos mais internos do meu torso, e que não me deixam encontrar qualquer conforto, seja no sono ou na caminhada... mover, retorcer, desmontar, cair e levantar, e levantar de novo, e dançar, encontrar uma dança... tentar afastar esse doce convite da morte, do frio ou da fome: "talvez não agora, talvez um pouco

depois...”, e enganá-la, quando vier trazer sua conta desse tormento físico, pedir outra chance de dançar... mover, deixar mover... mover à custa desses preços e desses percalços que tombamos, cada vez menos e menos subjetivos... a única coisa que me pesa, agora, nesse instante, é o meu corpo - até queria dizer que algo do meu “psíquico” incomoda-me, ou faz-me lembrar de alguma coisa, mas a verdade é que não sobram as forças para isso... há, sim, uma saudade que vai e vem, que me sufoca, e até vence esse esgotamento. saudade que é mais forte, portanto, do que meu corpo imediato - mas quanto a isso, por enquanto, não há novidades... não tenho força, por exemplo, para ir, todas as noites e assistir ao festival de música barroca que está acontecendo nessa göttingen de verão. simplesmente não tenho “atenção” suficiente, depois de cinco horas, às vezes mais do que isso, com os ensaios do sensei. em wuppertal foi diferente. meu aniversário foi diferente, de muitas formas. e, me parece, eu sempre descubro, em lisboa ou em göttingen, que a vida é diferente do razoável e do empobrecimento caracteristicamente habitual que eu atribuo. eu preciso, na verdade, lembrar para mim mesmo, que sem uma motivação tão forte, e, quem sabe, tão clara, ou muito clara e limpa, ou direta e precisa, a vida por aqui, mesmo aqui, pode ser igualmente entediante... porém meus olhos já sabem, e sabem tanto, o que querem encontrar, achar, mergulhar, conversar e sentir... basta oferecer uma oportunidade, então tropeço com isso que venho buscar, e vou acessando, de um modo tão “casual” - que, na verdade, é construído pela intensidade, pelo absurdo na força desse desejo; procura que também, por outro lado, encontra, sim, uma oferta tão abundante de possibilidades, em todos os lugares, nas pequenas e velhas ruas, nas fachadas de madeira dos séculos, nas praças, no cemitério e nos bosques - sobretudo nas fontes, nos cafés, nos batentes das igrejas, no frio, no lado de fora, nas ruas. são as palavras do ensaio, as ideias para dançar, tais como: “nothing at all”, “foggy”, “far away”, “cloudy”, “smoke”, “just ashes”, “no-body (both nobody and no real body)”... e tudo isso, da ignição de uma ideia ou um de conceito, é dançado pelo meu corpo que investiga essas novas memórias por todos os lugares onde caminho... novamente, a ideia do construído porque, sim, essas “memórias” são novas, e se as encontro por aqui, nos lugares, eu sei que elas são de agora, mas, por outro lado, são velhas e caras para mim, e sempre existiram, e sempre estiveram guardadas, e sempre foram ansiadas ou necessitadas, a ponto de ser tão fácil ir até “lá” e encontrá-las, e já incluí-las como parte-minha-desde-o-todo-sempre... dançar mobiliza, eu sabia disso... dançar em göttingen, a pequena e velha, impossível nos meus sonhos, e está aqui, tem um gosto a mais: germânica, com tudo que isso sinaliza de bom e ruim, e de uma beleza

incrível, indescritível, nesses sábados de sol e de verão, milhares de pessoas na praça, amando e celebrando, e comendo, e vivendo, uma alegria que não pode ser contida por razão, cognição ou anteparo de nenhuma ordem... e eu posso estar sentado, num café, tomando um french breakfast, com porcelana tão delicada, e mesinha do lado de fora (outdoors), no jardim ou no espaço público da praça, e escuto tantas línguas, e vejo plantas, e há pedestres, crianças, cachorros... e me desloco disso, desse mundo quimérico, e como um sonho, sim, é possível se assustar: depois de cinco horas e de quatro trens, chego em wuppertal... cidade ainda menor, literalmente de ninguém, de nada ou de trabalhadores no meio do nada, uma cidade feia - não suja, mas feia, não interessante. se quer, existia como uma "cidade": foi a reunião administrativa de pequenos outros vinte vilarejos. ou seja, wuppertal não tem um downtown, tem vinte pequenos espaços de comércio e histórias dispersas. o fernando classificou como uma "avenida bezerra de menezes na alemanha" e eu acho que fui obrigado a concordar. e eu pensava: por deus, porque aqui, por que pina bausch e a dança nesse lugar? ecos, ecos, ecos, ecos... meus ecos... meus sonhos e fantasmas, querendo berlin, vienna... mas wuppertal? ontem, no almoço, uma mulher alemã respondeu: "e por que não?", com toda a clareza e firmeza que um alemão pode ser, pode ter: "e por que não? era a cidade dela, afinal". eu me calei, não da língua, mas na alma. pina dançou a vida inteira nessa cidade feia e desorganizada, cidade ainda mais difícil para que eu diga, uma cidade de homens com suas fardas industriais... enquanto eu tomava café em wuppertal, todos os lugares do salão tinham homens das indústrias, falando alto como quaisquer trabalhadores em outro lugar... grosseiros... e lá estávamos, eu, fernando e outros tantos desconhecidos que, na noite anterior de chuva fria, foram até wuppertal, apenas, para assistir o milagre de pina bausch no öpperhaus. o milagre, porque é um milagre. um milagre artístico! mas também milagroso, sublime, epifânico, porque é possível sentir a ela, a morta, a discreta, a tímida, pina somente dançando, junto com os seus dançarinos no palco, e eles também a sentem, como num transe, dançam com ela continuamente - assim como os dançarinos do butô dançam, o tempo inteiro, com a morte e com os seus mortos. ontem, eu dancei com os meus mortos e seus corpos mortos: meu avô materno e minha avó paterna, meu tio padrinho, os conhecidos próximos e distantes, todos dançavam comigo, uma ciranda lenta, e pina dançava com seus dançarinos em wuppertal. até os sessenta dela, nada e ninguém em wuppertal aceitava o seu trabalho, ela não tinha, se quer, um lugar fixo para dançar com a companhia dela, até que, na virada do século (ela só morreu em 2009), todos os grandes dançarinos, do mundo e daqueles tempos,

resolveram vir para wuppertal e cada um dançaria uma noite, durante longos dois meses, para celebrar a existência de pina... e wuppertal, simplesmente, foi obrigada a parar: porque não foram apenas os dançarinos que chegaram, que vieram encontrar e dançar para celebrar pina, em todo e qualquer lugar da cidade, mas trouxeram os milhares de artistas, intelectuais, estudantes, profissionais liberais, hippies de dentro e fora da alemanha, e de fora da europa, até os ciganos vieram com seus acampamentos assistir esse enorme festival de dança que começava no öpperhaus, e se estendia pelos cafés, por toda madrugada, em nome de pina bausch. wuppertal "entendeu" que existia algo ali. chego nesse lugar, agora, e já recebo um mapinha turístico dizendo-me que esta é "a cidade de pina bausch". pago cinquenta euros para assistir, durante 3h de espetáculo. cada segundo do milagre, na música limpa, cenário limpo, movimentos limpos... e os fantasmas dançando. uma sala linda. todos, todos os lugares ocupados, muita gente de idade, e como eu, chorando, emocionados... algo mudou em wuppertal?! era uma peça inspirada nas mulheres, na música e na poesia da argentina... e o tempo inteiro eu já carregava essas imagens que se misturam em mim do butô, dos surrealistas em berlin, do próprio filme em 3d da pina... e aquela música latina(!), aqueles corpos em dança, os fantasmas de muitos lugares que vieram com seus queridos... ela dançou na alemanha, foi para os EUA aprender a dança moderna, voltou, enfrentou wuppertal... e algo mágico, esse milagre sucedeu-se... e eu assisti o milagre do meu corpo com o corpo dela, que está morta, e viva no corpo e no sangue daqueles dançarinos... (silêncio...). é claro que eu tenho sentido muito mais do que isso tudo, as questões, mais e mais fortes, da individualidade e da cidade na europa... mas, se houve algo de novo, nessa viagem, é a respeito desse corpo mais amplo, e não apenas o intelecto e a ideologia da velha europa; encontrei o milagre do corpo e da doçura, sobretudo a doçura, do velho mundo e do mundo morto. eu pedi por isso. queria encontrar a doçura, e eu a vi, e chorei com ela. algo em mim com essas feridas da europa, não há apenas as dores e as feridas da guerra, há também o milagre na dança de pina... um tipo de doçura sem excessos, sem sobras... doçura com sombras. com amor quente, em mais um dia frio.

Eu sei que você não gosta da estética do Butô. Morrer é para todos, embora não seja um morrer equivalente ou equitativo. Morremos nós e os outros. Eu sei que você também não aprovava, ou não entendia, os tumultos, os riscos e as agitações das ruas, das manifestações e das ocupações - tudo muito "violento", para a sensibilidade renascentista de um bailarino nos salões aristocráticos. Porque morrer assim?! Você era meio conservador e careta,

babe. Depois que você morreu, o que significa demorar-me na luta, na disputa, no confronto, submetido às ameaças? As injustiças não mudaram ainda. Mas lutar por qual dos reinos, quando o mundo está mais vazio, quando a percepção da vulnerabilidade e da finitude situa-se à flor da pele? Na sexta-feira após o seu velório, estava no carro, um compromisso na casa dos meus pais. Uma avenida preferencial nesse percurso estava sitiada por centenas de policiais. Chorando e fugindo do gás, uma amiga descia a pé, atordoada pela violência e desproporcionalidade no uso da repressão. Fui ajudá-la e retornamos, passando ao lado dos carros no engarrafamento, para a zona dos conflitos vespertinos. Ao telefone, estava preocupada com outras colegas que não conseguiram sair de dentro do Parque durante o novo bombardeio com gás.

André Lepecki<sup>104</sup> sugere a imagem de um "coreo-policiamento" e Heloísa Fernandes<sup>105</sup> explicita:

"(...) Uma verdadeira coreografia policial transforma a cidade em um corpo suspeito e sob contínua vigilância escópica; as ruas de São Paulo são o palco onde se encena um espetáculo do poder. [hoje, ontem, amanhã...] Máquina panóptica, se se preferir, mas sob a condição de não esquecer que, aqui, muitas vezes o olhar precipita-se e passa ao ato (...) e a máquina panóptica é uma das faces do poder, ela não nos deve seduzir a ponto de esquecer sua outra face: a sua paixão pelo espetáculo, pela mobilidade e pela visibilidade. O poder não apenas se camufla em teias microscópicas. No espaço público ele se ostenta, se exhibe, é coreografia. Mais ainda, especialmente sob o regime do terror, os dois dispositivos – escópico e exibicionista – são mediações justificadoras da passagem ao ato. Quando as rondas tanáticas percorrem as ruas da cidade cabe perguntar sobre o destino das rondas eróticas. Em um dos seus significados, ronda é um jogo de azar, jogado com um baralho e qualquer número de parceiros; mas, em cada queda, há apenas duas chances. (...)”

O que me diz esse corpo quando eu estava ali, esfacelado de lágrimas e de dor? O que fazer se não me juntar aos meus? Depois que o meu avô morreu, qual é o lugar dessa saudade perene no horizonte dos meus combates, esses companheiros das minhas escolhas e sonhos? Não estou procurando o passado, em valores e continuidades; é outra coisa, alhures e distante do óbvio: por exemplo, o que resiste de você,

---

<sup>104</sup> Ver: Lepecki, A. "Coreopolítica e coreopolicia". ILHA, 13 (1), pp. 41-60, jan/jun (2011) 2012

<sup>105</sup> Ver:

<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v012/rondas.pdf>

presente e campo de presença, comigo e incógnito nos desdobramentos presumíveis, um mobilizador que não se esgota nos fluxos correlatos aos atos mais nobres e pífios? Onde você comparece enquanto ambiência de sombra que não se pretende justificada no repertório do aparente e do identificado? Na sombra, eu danço com você e conheço os que perdi, todos os que não vivi, os que ainda não encontrei e todos os amores que ainda não nasceram, todos os que não irão jamais existir e os demais que desconheço. Danço com você para existir nesse abismo. Aquela generosidade dos mortos que sustentam a direção dos meus pés por onde não sei de ninguém, todas as almas que realizando algo me proporcionaram uma névoa temporária para não sucumbir. Danço existindo, Vizzy. Para não afundar, para homenagear e oferecer o meu tributo, dançar, sobretudo, enquanto houver resquício desses mortos que me permitem mover-e-dançar. Dançar para honrar as flores que perfumam a vida antes e depois de mim. Porque houve danças que me dançaram na possibilidade, dançar os fantasmas, os precipícios, os suicídios, a dança que brota novos gestos. Espero, assim, suportar a fúria da morte, meu querido. Encontrá-lo nela. Não quero roubar o quinhão do Hádes, não quero trazer de volta com os encantamentos de Asclépio. O meu galo não presta honras da sua ressurreição ou da sua imortalidade. É possível, ao contrário, não ter medo dessa morte supostamente fixa e estática se pudermos dançar esse morrer que nos faz tão vivos? Não espero uma resposta sua, por escrito. Reconheçamos o espaço de outras linguagens. Uma pintura com as nuvens? Na minha fantasia, leio em voz alta, para que você escute. Quando o delírio não exorbita, reconheço, entretanto, que é o corpo que escuta: a melodia, o afeto, o carinho... matéria prima de qualquer dança com você, entre você e o meu fantasma, entre eu e o seu fantasma. Se você morre, e a morte também vigia os meus passos, estamos reunidos? Seria hoje, a noite derradeira, o meu fôlego/psiké/sopro de vida e despedida? Será amanhã que morrerei? Pensei em algo mais ou menos assim, mais ou menos dentro das seguintes condições: enquanto meu corpo atravessa experiências de grandezas tão incomuns, tanto da violência contínua das ruas que me evoca dor e morte (contexto específico que vivenciamos, no Brasil, e também no Ceará), e do reencontro com as mortes que em mim sussurram e esconjuram, porque não construir um tempo presente, tempo de áion, nessa sombra que instaura paradoxo e incompreensibilidade às firulas dos vivos rígidos (os "seres lentos" que congelam qualquer velocidade infinita, nos termos do Deleuze)? Estou imaginando que, aos poucos, irei compartilhar algo do que tenho sentido, através das nossas cartas. Não sei se você concorda, e tenho dúvidas sobre a capacidade das letras para reter os meus sentimentos. Onde trago o que não é sentimento, mas tão

somente imanência e anti-corpo? Não serão muitas cartas, em número de dez - por volta disso, menos talvez. Não é simpático tornar a proposta de deleite em obrigação enfadonha, com minúcias rebuscadas e desnecessárias. Seriam cartas para um morto? Ou um café fresco na sua caneca, com biscoitos de chocolate? Eu te procuro nas sincronicidades. Esse é o meu método, qual seja o de esbarrar nas suas porções. O método que recorre aos operadores das serendipidades. Ao melhor que me é possível realizar, prometo explicar com raciocínios palatáveis - não apenas a teoria de fundo, como a perspectiva de construção que vislumbro. Um elemento oportuno nessa cooperação sentimental é o fato de que você não conhece as premissas conceituais que eu utilizo - isso me obriga, por respeito, a buscar uma forma lúdica nessa comunicação. De todo modo, não será um mapa didático como você gostaria, nem uma planilha de logística ou de assentamentos conceituais, nem um relatório de campo, menos ainda, uma tentativa de rigor no ensaio. É apenas uma carta que pode ser queimada. Geralmente, as missivas com o torpor das madrugadas. Um processo de reencontro e de saudade. Um fado por escrito. Uma escritura dançada. Dançar, afinal, requisita um laço de pertença, de resistência na vida. Nesse momento, se me permitir, você é o meu ponto de partida. Na próxima carta, quem sabe, podemos tratar da sua curiosidade, conversando sobre as imagens que trago da Ocupação no tal Parque, uma experiência de três meses aqui de Fortaleza. Evocativos de lágrimas, lutas, explosões, tristezas... tudo grafado nos afetos desse contra-organismo que abriga o nosso diálogo.

Nessa sexta-feira, vou dançar no encerramento do Festival de Cultura Japonesa. Um pouco ansioso. Experimentações de Butô, veremos o que vai surgir (o nome provisório, meio dialeto regional, é "botô pra fora, ô num butô?"). Diferente das pequenas apresentações e oficinas, é um palco (a primeira, foi no Teatro Universitário). Não me recordo como surgiram as músicas e os elementos cênicos, ou a combinação entre ambos, nessa apresentação - mando notícias quando possível. Escrevia uma versão de texto sobre os bôtos (para um livro de contos que um amigo organiza; pensei em também coreografar, no próximo ano), essas criaturas encantadas das águas turvas - não sabia, exatamente, de onde surgia, e o que me dizia. Trata de um cenário onde a morte desafia o corpo encantado e imortal do bôto - sempre sedutor, mas inundado com o desespero daquelas que desapareceram no seu feitiço. Algo meio do Quíron, o corpo que proporciona o alívio dos prazeres, mas que atravessa uma corrosão eterna. Acho que você gostaria de ler; uma cópia seguirá tão logo que parcialmente finalizado. Um pedacinho das minhas sombras, nessa criatura encantada que tomou algo do seu desconforto, entre o

sentimento do roxo e do azul desbotado. Quarenta e poucos dias após o suicídio da garota, remeteram-me uma caixa pequena, trazendo o pedido que devolvesse uma carteira vermelha e os documentos que não pertenciam à dançarina, embora encontrados na sua bagagem não desfeita. Esse foi o vestígio que ela deixou-me antes de partir, qual seja o de encontrar essas pessoas desconhecidas, restituir os pertences e dividir essa história "inacreditável". Será que os corpos dessa vida entranhada no absurdo, ainda são capazes de imaginar fatos dessa natureza mágica?

Preciso dizer que as saudades enfraquecem minh'alma?

Espero que a greve dos Correios não tarde a nossa conversação.

Até logo, beibe.

**Andy.**





**Fortaleza, 25.10.13**

Cher Monsieur,

**Ev. BRÉAL**

Caixa Postal 9012

Desterro (vulgo Florianópolis)

Santa Catarina

88.010-973

Oi, Vizzy. Na tarde de ontem, uma das tias mencionava a sua fome por dois cachorros quentes?! Pelo menos foi assim que a priminha bailarina traduziu a experiência onírica contigo. Recordei uma fotografia, que eu já não a tenho, meio inocência de quem apenas brinca, meio sensualidade na sua barba polvilhada de confeites para doces. Imagem que me atiça pelo colorido. Lembrei-me de outra paisagem, essa mais recente, onde cachos de flores brancas, minúsculas e tão frágeis como em vasos protegidos do vento; flores em quatro pétalas que parecem nascer na barba de um homem com linhas semelhantes às suas. Eu não sei exatamente como interpreta-las, a vivência da neta pequena conforme a jovem avó, nem como atribuir exatidão para os meus suspiros quando penso nessas duas fotografias. Não nos surpreende o fato de que eu não possa reconhecer essas vozes e seus rumores admitidos como familiares. Considerarei, de todo modo, que você ficaria contente pela alegria da garotinha que te emprestava bonecas. Até consigo recordar quatro ou cinco nomes dos seus amigos. Contudo, eu pouco sabia de quem você considerava por família. Não sabia além da universidade, do que você sentia, das poesias, das paixões, dos sonhos. Nem do seu corpo proibido. Talvez no rol dos assuntos tabus e silenciados por ambos. Essa minha atitude de não procurar em outros caminhos relança-me ao desinteresse da minha mãe pela vida, protegido na desculpa de um respeito superficial quando os dias, a bem da verdade, recusam bifurcações ao esquematizado. Uma rigidez que será um tema para as gerações no divã, que uma breve carta de apreço e ternura não comporta. Dizer que estava perto era importante. Bastava-me escutar de você, para sermos os mais francos; saber do que você sentia e da realidade paralela de afetos onde vivia. Nenhum motivo consistente para amar. Qual é o contrário dessa realidade que as pessoas desejam viver? O que era real em você? Nem irreal, nem virtual. Você...b...real...

... com pouca luz atravessando as cortinas, descasquei a parede externa onde refletia o sol das 16h23; lajota por lajota, arrancadas daquele cimento velho, um muro de poesias grafitadas, onde o aceso das tardes abandonava recados poentes. lixei a parede inteira do cômodo: textura aos poucos, poucos e tão poucos; caindo por sopro, gravidade e ventania - resta um cheiro forte dos solventes, dos perfumes. Textura ao chão descascada. Com a espátula fina, deixei essa pasta dormente com advérbios: a massa branca para secar as feridas caiadas... Onde a brisa percorre a silhueta das minhas canetas, vaguei pela janela com o suave de outro céu. Sinos da igreja, 17h30, mais de quinze anos depois... ralei cinco espigas verdes para o jantar, fiz uma canjica demorada e sozinha; alquimia do cru: moí, espremi o sugo, peneirei, açúcar mascavo a gosto... derreti o que já não era o milho na panela, colher de pau vagarosa e quase nenhum leite. Escura a porção, nem tanto amarela. Reli poesia (de novo e de novo), vi pinturas e desenhos, assisti um ballet do ano passado, busquei fotografias; alimento quente na boca. Desmontei o celular, retirei a bateria, abri a custódia para o chip... o que significa trocar o código, o segredo? Resetar? Olhei o aparelhinho, morto, pequeno. Estranho, incompreensível: ver assim, por dentro, a poeira acumulada do tempo. O peso de nenhuma ligação... Apertei os botões com a mesma força, pressionei diferentemente; girei vezes na mesa, e fiz o sentido contrário da roleta, dos tiros... (nenhum bip, nenhum sinal.) Crescia uma superfície de líquido, inicialmente gotejos do copo com água... Pensei deixar cair fora da mesa, quebrar a caixinha tecnológica (somente para salvá-la da água que crescia). Imaginei também afoga-la, e esquecer, para sempre, das mensagens arquivadas... Celular em autópsia, chamadas em aberto, funções decifradas e explicitamente inertes: pergunto a respeito das duzentas poesias, da lista de contatos, da chamada falsa com a voz da Ivy, do modo de segurança - porque não está no modo protegido, em que nada de aleatório possa gastar nossas (parcas) economias afetivas? Na minha conta faturam um seguro mensal para infortúnios? Onde você está exatamente, dentro de qual lugar, naquele aparelho com suas peças separadas, dispostas, talvez substituídas? Sem bateria, sem energia circulando, sem botões iluminados, sem visor desperto, sem fazer barulho... sem tremer, porque o meu celular sente dor. E eu aprendi, que essa dor lembra-nos da nossa condição suscetível à vida. E a chamada de emergência? Era para ser mais fácil, quando se precisa! quando se está em desespero... (compreensão equivocada para o manual de instruções?) Aparelho sem garantia? Outro processador? Perdi o cupom fiscal, a validade da cobertura, o sonho de alcance - dia e noite, ligado, on-line, stand-by, disponível? Há uma tomada livre por aqui? Os pinos

encaixam, posso oferecer um adaptador? Ainda tenho um cabo adequado para ressuscitá-lo? Conversor de voltagem? Peças de reposição ao modelo? É possível fazer bluetooth das memórias? Plug-ins, androids, aplicativos para baixar - qual opção atende às minhas necessidades? Ah! A placa estava oxidada. O moço atencioso, na manutenção autorizada, informou. Parada! Uma forma de micro curto-circuito. Quis me cobrar o valor do automóvel pelo reparo. Eu consenti. Claro. Mas o funcionário disse que talvez não funcionasse como antes. Caixinha de ilusões, por fora... tudo, assim, virtual?! E o cheiro de canjica, da tinta, da lágrima, da poesia? (música, suspiros, música)...

O celular e a internet pareciam-me o suficiente - e talvez fosse, se não o tudo, o necessário onde se rendiam afetos tristes em versos. Letras e não câmeras; parágrafos de vertigem, e não a alucinação do coito. Tin-tin para tudo que você gostava de beber, tequilas para todas as crises. Estou, aqui, entre as corujas e o suco de maracujá concentrado. Ainda no papel. Ainda com pouca luz. Ainda dedilhando, como ao piano. Não reconheço o maestro. Morrer tantas vezes nunca foi a diretriz ou uma fixação - há dores no peito e o risco de não voltar, mas conviver, quase íntimo da morte ou do frio, do desamparo ou do abandono, permitiu deslizar em camadas ocultas da nossa despotencialidade constituinte. Não era rendição sem confrontos, não era submissão ou apenas fraqueza. O inverso da potência, essa anti-potência da qual sabemos o gosto, não se confunde à perda, à renúncia ou o esvaziamento da força. Não é cômodo morrer. Menos ainda, em nossas vidas, facultou-se o exercício duradouro de um senso qualquer de afirmação, de deslocamento, de singularidade, de esperança carismática no futuro. Quanto seria o nosso tempo? Era uma questão de não ser absorvido, identificado, reduzido ao nada. Não ter os meios para sair passa longe de um aclimatar-se no desespero. É para isso que há poesia, ou não? Sair de alguma forma. Mas você dizia que não era poeta. Onde você existia, entre o Édipo e a Electra? Anti-Épido. Nunca se tratou de uma questão concreta e material do viver, era apenas não se dissolver no delírio ou na aforia completas: nem se perder irremediavelmente, nem afoito como um surfe do ato; de um acontecimento na braça gigante das tempestades, menor, ou mais brando era o deslizar no infungível e inalienável do nosso escuro! Não ter preferência ao agradável/ nem gostar do leve/ Um lugar que acena, apenas acena... Canto que não me deixa viver, opaco.../ O singular horrorizado da célula morta: a flor nasce murcha/ Uma razão de vida, que não esgote o ter que morrer, mais do que residual.../ Não te quero mal/ de quatro, uma potência do não ser. Não era impotência ou vácuo, apesar do grau elevado de morte; uma trança de morte

não é apenas morte, é cair fora do vigor e do rigor, é afetar o sentir de outras qualidades... Fragmentos do seu Blog (que imagino, irá desaparecer com o espólio dos meses), uma postagem de 19.10.2009, pouco mais de quatro anos:

"tem dores que doem devagar. assim, no vagar das ondas. no vagar dos bancos. este vazio lateral, essa lateral que esfria. o vento que bate. os olhos que se perdem na amplitude. não poderias escrever um bilhete melhor? ao menos. uma certeza poderia. que me diz a ele? as coisas se abrem. o menino se olha ao espelho. as borboletas fazendo gravata no pescoço. abrasando a pele. marcando o vazio de uma voz que aos poucos se esquece. a janela aberta aperta o peito. não se pode respirar. um assim preso no quarto. o ônibus que passa diante das retinas lânguidas. dentro do ônibus um outro, assim, meio de olhar preso no vidro que passa. adiante, num último andar de um edifício um corpo balança. os pêndulos dos relógios vibram sem certeza alguma. as horas se adiantam e se perdem. e se mentem. se enganam. como correr na estrada. como sobreviver no asfalto sem esfolar os joelhos nas laterais. como se esquecer e se encontrar n'um outro corpo? tantas perguntas guiadas para além dos vidros. o trinco da porta tilinta como um cristal. o lustre da sala despenca. o não querer viajar. a necessidade de sono eterno. de dormindo, morrer e se esquecer. assim. codicilo sobre a mesa. biblioteca murmurante. o olho, as rugas, o cansaço destes corpos alheios que espremem frutas. desta coisa tornada enfeite. do livro que xinga. o mau-humor corpóreo tomando chá nas esquinas e vendendo prostitutas como souvenir. a correia das lembranças é um mercado barato. perfumes diluídos em água. a mão torce a chávena. a última chave. ela tranca o quarto. apaga a memória. não quer mais além das paredes. e dorme."

Você morreu, então. Eu continuo aqui, nessa experiência com um intercessor. Nada de anjos, nem de obsediadores. É o fantasma que me inspira, é o espectro - é o fora que está no corpo e já intrigava as pesquisas do senhor Hijikata (um dos japoneses que força o Ankoku Butô no mundo): do que faz crescer as unhas abaixo da terra, dos cabelos que não param no imediato dos caixões... Um vulto, por meio de quem o escondido do mundo é passível de relato, de oferta, de partilha, de sintonia, de rebeldia. Há extintores por todos os lados, menos aqui, no meu coração. Tenho remessas e livros mais urgentes sobre a mesa, danças e estéticas que me propõe alguma inclusão, as lutas e disputas nas ruas. Todos legítimos, mas que convergem para seus olhos vigilantes. O vermelho incandescente outrora nos fornos das Cerâmicas, o resto das construções, esfacelados no pisar de

um calçamento improvisado... Onde está a queima que cozeu os tijolos? Nas imagens que se evaporam no calor das leituras. Talvez. Assim eram também as suas dificuldades, emitidas embora não houvesse moldura, como de fato não vejo e não careço acima - onde flutuavam blocos de sensações repassadas, será que o treino de profissão deixou-me confortável nesse espaço indefinido? Se não havia contexto ou cronologia, porque eu deveria reivindicar com a autoridade que não me pertence? Exceder a sua métrica original? Bastava-me o seu lado, meio sentinela, meio cúmplice por afeição. Quantas foram as nossas luas? A lentidão demarca os meus sentimentos, que demoram em assimilar, açoitam-me por bem mais tempo na maturação e quase nunca me abandonam integralmente. O foco também acaba reduzido, restrito, recortado, de modo que eu possa absorver mais de cada porção invisível. Estou mesmo inclinado para esse intangível que se deixava camuflar nas suas palavras. Curiosamente, apenas depois da sua morte, outras narrativas e lugarejos semânticos foram surgindo no meu Facebook: sua mãe foi a última delas, antecédida por uma irmã mais nova que está com as suas caixas de livros e seus três diários, por seu irmão jovem que lamentou não te encontrar no dia marcado, por uma irmã que te criou e que guarda suas cartas, por sua tia aflita e sentindo-se culpada na partida súbita, as histórias da sua mãe biológica, do padrasto e do meio-irmão que te agrediam, da chegada na Ilha com a prima das baladas etc. Tenho a impressão que essas pessoas querem fazer algo das saudades, algumas só conseguem sentir. Todos, choramos. Tenho lido frases curtíssimas, um registro solene de ausência e lágrimas. Talvez por isso, essas pessoas que me são novas acompanham os versos com ou sem fotografias que eu posto no mural. Meu esforço de também materializar algo com o qual eu possa manejar. Entre frases concretas, eu penso no seu twitter, o espaço de letras reduzidas onde te encontrei, depois no blog, com textos mais largos que passei a frequentar, e, finalmente, nossas vogais e pronomes de apresentação em um quatorze de setembro. Há algum tempo, você estava no Mestrado. Não concluiu o Doutorado em Literatura, nem eu. Não sei. Nesse caminho, Roberto Piva, Murilo Mendes, Mário de Andrade, Barthes, Lacan, Derrida eram nomes que você me instruí:

"Eu aprendi com Rimbaud  
& Nietzsche os meus  
toques de inferno  
(Anjos de Freud,  
sustentai-me)  
& afirmando isto  
através dos quartos sem tetos  
& amores azuis

eu corro até a colher de espuma fervente  
dibrando-me no cemitério  
faminto da última FOME  
com tumbas & amantes cheios de pétalas  
porque o céu foi nossa última chance  
esta noite”

(...uma dessas tirinhas que o Piva deixou-nos.)

Dormi cedo ontem, buscando conseguir um tempo antes do seminário sobre o COAP e a Lei 7508 - essas questões administrativas que envolvem pactos de governança em uma região de saúde; textos que não tenho qualquer familiaridade, roubando-me do orvalho nos lençóis para os roteiros de estudos pendentes. Mesmo driblando o sono, acho que não terei a chance de visitar a sala de cinema reformada, direcionada ao novo circuito de arte. Também o espaço do teatro, no mesmo complexo cultural, que passou por modificações - disfuncionais, conforme o prisma de atores e diretores que ouvi. Com alguns dias, o mês encerra. Estou com dois cursos que deveria preparar no tempo que não encontro. Agora, dez minutos para quatro, os galos já exercitam algum despertar tímido. Por volta das 4h30, da manhã e da tarde, há um tipo único de exuberância no céu? Nesses horários, mesmo longe dos parapeitos e descampados, a minha alma procura a mudança das cores... Quase um aprendiz dos detalhes nas aquarelas ou nas águas-marinhas. Será que consigo uma fotografia amadora do próximo céu? Quem sabe, ao concluir essa carta, receba uma paisagem generosa desse infinito de combinações. Para você, homem de gestos exóticos, lembrei que um amigo de Cuiabá encenou um trabalho com dança do ventre (“Kashmir”), usando Led Zeplin e batidinha oriental ao fundo. Você gostaria de ver as fotografias (bonito, ele já é), com um make-up que emprestou a sensação do oculto, no meio de várias mulheres que circundavam o seu levitar. Pensei na sua maquiagem para o ballet do ano passado... não exatamente um príncipe, um belo fantasma. Os olhos arcanos que dele eu intuía, ontem se revelaram. Os saltos aguerridos, assombraram outros mais. Procure, ou te envio, caso seja do vosso interesse. Em Fortaleza, esse habitat para o meu ziguezigue diário, qualquer deslocamento urbano já provoca mais indignação do que benefícios, especialmente no momento que as intervenções no Parque do Cocó (a construção de viadutos, com projetos multimilionários de pontes e mirante, rotatórias e áreas desmatadas etc, além da ameaça de condomínios e conjuntos habitacionais) foram somadas aos demais pontos de desvios na malha da cidade. São os distúrbios antecipados da Copa, em parte. Há também autoritarismo de Estado, ao decidir sem qualquer participação dos milhares de afetados. O ofício seria longo

para descrever, nessa retratação de uma disputa aparentemente localizada no Ceará, e convenientemente divorciada de outras narrativas institucionais para as ocupações no Brasil. Enquanto famílias são forçadas na remoção de suas vidas, o Governador proporciona shows internacionais nos seus moderníssimos Estádio e no Centro de Eventos, ergue o seu aquário multifuncional com pinguins dentro da comunidade histórica que não dispõe de saneamento básico. O Cocó, de todo modo, é o maior parque urbano da América Latina - deveria significar alguma coisa para você? Não quero exatamente falar da política e da administração pública, dos partidos e dos governos aliados (estadual e municipal) - para isso, há mídias tradicionais e independentes construindo seus relatos; há, sobretudo, os ativistas e os militantes de todos os lados, expressando, debatendo e aprofundando suas opiniões. Eu sei que você não tem interesse objetivo nesses meus temas chatos. Por outro lado, foi você quem me dizia ser a obrigação dos intelectuais e dos homens das letras dispor do maior conhecimento sobre os diversos assuntos. A vida social está conectada nas suas entranhas. Não te escrevo para argumentar ou convencer, no máximo, se você estiver com paciência, tentar oferecer alguns indícios para imaginar onde tenho vivido. O pior é a ausência de respostas. Minhas e também suas. Embora haja pessoas bacanas que fui encontrando, admirando e vinculando-me, as experiências desse ano que não finda, decorridas da natureza pública nos eventos e dos conflitos junto às polícias, já me impuseram um saldo de rompimentos: de amigos da infância no colégio de Direita, até a própria família com seus valores tradicionais. Comecei já perdendo, nesse aspecto sinuosamente relevante. Não obstante o cenário político inesperado sob todas as análises, há uma série de temas e movimentações, então desconhecidas, que vou adquirindo ferramentas. Por exemplo, uma camada espessa de questões jurídicas implicadas, de violações conduzidas pelo Estado e seus agentes (a polícia militarizada, dentre eles), de ameaças psicológicas à dignidade física e moral dos lutadores sociais e dos manifestantes. Posso retomar, em outro momento, esse quadro mais técnico, que verse sobre o imperativo de efetivo controle social na formulação e avaliação de políticas públicas - especialmente no campo do urbanismo, do transporte público e da proteção ao meio-ambiente como exigências de mais vida nas populações vulnerabilizadas. Pode soar abstrato demais, entretanto, nas relações que se estabelecem entre as praças nos debates e as ruas das passeatas, entre as convocações de protestos e os corpos dos manifestantes, surgem experiências de outra cidadania feita nas calçadas, propositiva de nova coesão e provocadoras de confusão nos mecanismos de monitoramento do sistema financeiro internacional. De alguma maneira, desde

as jornadas populares desse junho passado, os pactos de funcionamento nos conglomerados urbanos foram questionados, e, de outra forma, a direção da própria Democracia e suas instituições, os privilégios e as prioridades dos governos.

Fui assistir o padre da velha Coimbra... dessas experiências com os Iluministas continentais: que sabem o que é o bem, e o que é o certo para ser feito e onde encontra-lo! Anfiteatro de paredes brancas caiadas, jardins, céu aberto. Nesse tipo de "Anti-Colonialismo", o senhor Doutrinador explica que salários e pensões foram reduzidos em seu país de origem, que já não há templos ou territórios para invasão. Não sinto piedade. Assim, parcialmente falido na sua imposição simbólica, trouxe-nos uma proposta: em troca de novos aliados para que a Guerra/esgotamento não destrua completamente o sonho decaído da Europa, ele "empresta" sua barca velha da Razão Moderna para efetivar aproximações e traduções culturais (legitimadas na sua articulação de poder e de autoridade), junto aos grupos tradicionalmente excluídos/marginalizados/excluídos da sociedade. Incluindo-se como parceiro desses movimentos segregados pelo monopólio semântico do mundo que também representa (branco, acadêmico, europeu, homem etc), o pároco torna-se um "agente" para difusão dos costumes e saberes dos nativos/estranhos/selvagens, visando construir uma vida possível e digna entre contextos ampliados - antes que o seu reduto da Razão seja completamente aniquilado! Esmagado por imigrantes, por guerra, por fracasso social, por descaso Capitalista para as Humanidades seculares. Ele não diz, mas se aquela organização social explodir e houver alguém que puder sobreviver, os grupos auto-organizados teriam seus próprios mecanismos de existência, à margem e funcionais, como sempre foram, fora do circuito majoritário que ora se colapsa. Talvez, para ele e seu tipo de mundo tão explicado, seja mais urgente excluir de forma renovada (mudar a quem se excluía) do que seguir no risco de afundar na escuridão que ele também constituiu. Diz o moço que a Democracia Representativa já foi derrotada pelo Capitalismo, entretanto, insiste que devemos ser capazes de incluir mais gente, através de novas políticas, dentro dessa Democracia - ela mesma, capaz de enfrentar os interesses do Capitalismo Liberal. Ele não só acredita que a Democracia é maior que esse poder econômico concentrado/articulado, como também luta para estabelecer a solidariedade entre identidades/lutas de vários grupos e povos. Há algo importante que pretende salvar! Acredita, sim, no Estado Nacional Moderno, quer mantê-lo, embora modificando o regime político e de sociabilidades. Ele acredita que o diálogo aproxima e ilumina o convívio das pessoas, a ponto de superar o tal

inimigo - diálogo que é o fruto histórico dessa modernidade e indivíduos, como ele. Aqui, fora da circunscrição desse horizonte epistêmico, não há sinais de interesse nessa afeição, exceto, claro, pelos braços de quem deseja a aprovação autoritária do colonizador. Oprimidos e explorados, assim, unidos aos povos redimidos do Norte-cognitivo, podem enfrentar os privilégios coloniais e repartir a vida boa... O Estado, portanto, se não é capaz de "desenvolver" a todos, quiçá distribuir "igualdade" a todos, deve ser mantido como ferramenta de equalizar a sintonia de destruição: variar entre as décadas. Talvez, é possível acreditar que, no mundo realista do Capitalismo transnacional, o melhor que temos é uma Democracia mais participativa e inclusiva, forjada com a exploração originária que causa a exclusão que minimiza - o excedente é violência e exploração invisibilizadas. Se houver mais distribuição dessas riquezas manchadas de tamanha opressão, o fato do Estado e do Capitalismo concentrar poder (em menos de dez grupos econômicos institucionais, e não mais famílias-sobrenome), o fato de que jamais haverá equidade de oportunidades, ainda que todos estejam incluídos-economicamente em uma rede de bem-estar (impossível dada a limitação de recursos ambientais), isso tudo é mais "generoso" que deixar o mundo grotesco afundar em sua tragédia constitutiva. Mercantilismo renascentista pela dignidade, pelas luzes, pelos direitos, pela palavra. Substituir um fast-food por um prato sofisticado (requentado) de muitas mãos - sem renunciar ao desejo permanente de uma gastronomia do bem-comum! Um deserto de cooptações dos afetos e da imaginação, o que existe quando os paramentos da modernidade e do sujeito não são o teto do mundo, a última/única invenção possível? Apenas uma impressão bruta. Não é o contrário, o tal "se não fosse assim". Não é o binômio! É outra pergunta a ser gerada. Nada de multidões, de devir-monstros, nada de Black Blocs, Black Out ou Black Hole... Quem precisa, se podemos integrar comunidades, se podemos construir universais contemporâneos? Quem?! Começou falando dos automóveis, em Fortaleza, com a mesma velocidade média das carruagens no século XIX - a pretexto de uma questão sobre os significados do desenvolvimento. Nada mais apropriado, do que esse passeio lento e hierarquizado que busca as tradições. Quem, rupturas?! Quem, imanência... se a transcendência sobra?! Aula da inquietação, ou inquisição com o Boasflores de Saúde Santos? Podemos realmente não concordar?!

Acho que é disso que eu quero falar, do que é resistência e experimentação, ao mesmo tempo e em um sentido pessoal, e no outro, que é desobediência civil, transgressão e radicalização dos corpos nas vias públicas. Tentar costurar

essas paixões tão múltiplas e obscuras para o lugar médio televisionado, porquanto inúmeros são os processos e as histórias de vidas, que não estão classificados segundo o monopólio de estratégias e versões (por um único partido, sindicato, movimento social, igreja, ONG etc). São os meus afetos, nesse contexto, enquanto um enunciado legítimo disso tudo que vivencio e participo. Não é uma narrativa, se você me compreende. O principal, em mim, é expandir os sons que extravasam das minhas experiências. A partir das suas reações, compor outras imagens. Não pretendo reivindicar lentes e parâmetros, como instrumento hábil para verificar qualquer coisa por aqui. Escrever é uma zona de tensão. Como dançar, como a arquitetura, é criação de novos espaços. Antes do dançar, as letras enfrentam o silêncio. Dançar desfaz o laço, o vazio omitido entre toda e qualquer duas letras aproximadas. Ainda que superpostas, há sombra não dita entre o verbo e seu predicado. Há Outros que não cabem nos sujeitos. Não sei se posso trazer alguma simpatia literária para o universo das leituras já comprometidas em agenda. Eu escrevo como um feitiço que deve ser falado, uma tentativa de recortar algo do meu sentimento e imaginar que ele possa chegar até os seus olhos. Escrevo bruxarias, você sabe. O sol está nascendo, e os primeiros raios já refletem dentro da sala...

Reconheço o jeito de quem vai se aproximando. Nessa fronteira de calor mútuo, o choro daquela mulher é tão forte quanto à invasão da sua presença no meu corpo sequestrado. Assim nos encontramos, abraçados e silenciosos por alguns minutos - entre os ruídos espalhados, objetos de ansiedade entre as nuvens difusas de tensão. Naquelas muitas horas, tombavam as flores da nossa esperança, corroída na explosão de violência à luz do dia e perseguida no escuro da noite, com veículos, balas e cachorros. Não fomos embora. Culpados, impotentes, preocupados, chapados. Fugimos, feridos, encobertos e abrigados. Caímos. Tempos de soluçar como única invocação, como revolta silenciada, como renúncia frente o bloqueio, quiçá regeneração afetiva e emocional. Acompanhar-se de alguém até a parada de ônibus, lugar de ameaças. Telefonar para que venham buscar na casa de alguém que ofereceu abrigo quando os helicópteros passavam. Acho que jamais nos recuperamos, nesse intervalo existencial para a intimidação seguinte. Nossa solidariedade não coube dentro do olhar: goteiras de palavras que se misturavam às imagens, derramadas... Ela sempre com uma bolsa grande e vazia, vestido e pernas tão brancas. Uma máscara discreta de farmácia, quando fosse preciso correr mais longe. A voz era doce... Outras vezes, era apenas um lenço para a boca que se sufoca da química. Seu olhar, algo de inesquecível ou imponderável. Frágil, a beleza em seu combate pleno.

Antes que eu chegue à calçada, o homem já me procura com agilidade: é o seu corpo delgado que impõe um abraço recíproco. Intenso, também foi o choro para o tamanho das ameaças e conflitos. Não se tratava de um episódio isolado àquela tarde. Cansados estávamos, também daquela vez, igualmente súbita e fantasmagórica. Também no meio das ruas, foram dias de apreensão e temor iminentes, quando a posologia ou o protocolo da agressão policial machucava os nossos ossos - de dentro para fora, e ao inverso... Meu corpo inteiro borra-se com a transfusão entre o vermelho dele e a seiva derrubada com tratores - quente, sua pele era apenas um branco de solução básica e ressecada. Imagino hematomas e fraturas - ele diz que está bem. Outra síntese somática que ampare. Primeiro o sangue, e depois apenas, nas contingências das multiplicações celulares, os ossos para domiciliar o líquido no escuro das estrelas. Pergunto como tem vivido: pintando, esquecendo, com vinhos. Viajando. Emudecido. Estudando. Tem seus cabelos ao vento, assanhados em juventude. Às vezes, estava com o terno. Sempre ao celular, e de chinelos... Penso nele sem as roupas, um banho longo para a sua alma.

Vivi assim, uma experiência com terror, entre nós e todos que vieram: o homem e a mulher, entranhados por olhares daqueles meses; em pedaços de homem e de mulher, outra química de mim mesmo... Também meu corpo, rarefeito. Mas não quero fazer uma psicoterapia disso. Não quero conquistar densidade e geometria; nem a consistência dos sábios. Não me interessa produzir um manual de conceitos definitivos, nem sentido algum, ou qualquer relação entre os fatores da Modernidade - embora quisesse chorar sem rumo, mover a partir da errância... Não quero produzir uma clínica, nem sugerir empatia para minhas questões. Serve para o quê, a resistência? Para quê, a noite? A noite e os corpos da noite? Dos combates, eu penso no invisível. Tenho medo da sombra, buscando reconforto da luz? Hipótese que se refuta na cólera bem quista das luas com véus: disseram que uma sombra impede a passagem da luz? Quando algo se desloca para a escuridão, é o caso de perder-se? Quando nos aproximamos da sombra, é o ruim que se anuncia? Desde Platão, o mundo pródigo das sombras sugere o abandono e a partida. Prodígio, mesmo, com Einstein e sua Física pós-Newton, onde a luz confirma-se enquanto parâmetro; luz cuja velocidade encurta e distorce o espaço, luz que é energia - e a velocidade da sombra, onde ficou o escuro? Aquém ou além das medições? Mover-se dentro, e não se evadir da sombra? Mover-se com a sombra: afeto e episteme legítimos?

Quando o teu eclipse me atingiu, escolhas políticas e decisões judiciais ocorriam. Era um querido, outrora

distante, para mais longe. Assim, no meio das travessias já enubladas. Fio de amor que respira na ilha, extinguindo-se no próprio mar que ameaça o continente; fantasia decantada, corpos brutalmente perseguidos (do chão e por helicóptero). A carioca, descia atormentada, com seu echarpe manchado... refugiada no qualquer de uma avenida, seguia na contramão dos policiais e dos veículos. Meu soluço estancou, passávamos das bombas e dos estilhaços adiados... Nossas mãos estavam dadas a quem? A morte irradiando desde a tarde anterior, morte que não encontrou seu luto, seu leito. Você não me ligou. Jamais irá escrever-me novamente. Ardor nos meus olhos. Ardor. Ardor, horror. Ardor. Ardor, assombro. Ardor. Nas ruas, cacos de vidro, emaranhados de metal, cercas elétricas: as pessoas de bem gritavam, recostadas aos seus muros particulares, guaritas e reforços de segurança. Gritavam para a violência sacia-las. Do lado de fora e de bom gosto, pediam que a polícia não recuasse. Bater, se preciso for também linchar. Prender. Bater, certamente. Bater, sem alternativas. Prender, levar. Eles viam a mim. Um sorriso de morte. Nos olhos e nos dentes, algo que parecia dizer da morte e da dor em si. Não era uma pessoa com dor, ou uma pessoa que viu a morte. Só eram. Um sorriso, tudo e completo! Morte, assim, ao lado dos senhores que clamavam para a dor chegar. Ah! Morte dos senhores.

Ontem, aquele mesmo homem; quem chorou no meu peito em duas, três invasões, disse que a situação era insustentável: para todos nós, os riscos são incalculáveis. Telefones, internet, perseguições, ameaças, questões. Melhor, talvez, não pensar; não aprofundar a respeito e "seguir" no escuro das fotografias não reveladas - assim, ele comentava. Também sorria, ocasionalmente. Havia medo, um suor misturado com cerveja. Falou-me, novamente, de responsabilidade e de cuidado... Quem tiver essa sorte, irá reconhecer o cheiro de um homem. Instinto de um animal selvagem antes do azedo, antes do ataque e depois do indefeso. Cheiro das vísceras e das secreções - não é dos líquidos frescos, colhidos durante os últimos sonhos. Não é o cheiro de uma ejaculação, é a marca de um destino gástrico que sulfura em momentos de crise; que abandona, no avesso da pele, o vestígio dos hormônios e das bactérias, do que excita nas fezes e no gosto que se estranha profundamente. Um cheiro que se ressalta, que assalta.

Hoje, a mulher, que também chorava algo do seu desespero, celebrou uma necessidade comum por outros registros no corpo, outro contato e memória na partilha das nossas catarses: que já não era possível carregar os abraços das nossas tormentas. Das lágrimas que ela emprestava-me, como minhas e de muitos ao nosso redor. Ela sorria, tentava

suplantar. Havia silêncio nos seus olhos. Pegava-me com suavidade pelo braço, uma proximidade, uma intensidade... Nos seus dedos, outra mulher dança comigo no Parque: abaixo da saia, diz que não nos preocupemos enquanto o sangue escorre valente durante sua apresentação... era a menstrualidade de todos nós, monstrualidade não herbívora. Sangue da roupa, nas pernas. Não há outra carta possível. É o sangue de um amor que morreu.

No meu desvario, há signos que desconheço e que me acompanham: na personagem de número zero, vejo o gesto que passa o vinagre (o cheiro do vinagre que se espalha, o compartilhar para o dado visual da garrafa de vinagre), uma mochila pequena nas costas com documentos (indício dos manifestantes)... um vestido de branco singelo, manchado de vinagre (para o nariz), manchado de soro (para os olhos), uma máscara... Outra personagem, com número desconhecido: leite magnésia no rosto todo, corpo que retira a camisa (de branco usado), para cobrir o rosto (só olhos de fora, fenda de sol; sol de dentro para o escuro de fora), corpo riscado que não protege o risco do corpo, um lutar anônimo onde nós todos cabemos... Paradoxalmente, corpo nu e rosto com faixas, faixas de tecido e de preocupações.

Não nos conhecíamos, antes. Poderíamos? Em quais ruas, circunstâncias? Estávamos nos intervalos geracionais dos 20, dos 30, dos 40. O homem pergunta-me, com tantos em comum, porque não chegamos antes? Foram as lágrimas de confiança que nos trouxeram alguma pertença? Relembro das pétalas brancas, das correntes ao pescoço, dos cadeados... Fragmentos de fitinhos brancos. Gritos. Matar o sono... Bem mais sombra, que luz eu vi. Escuto a voz macia de um homem, ele está de pé a nossa frente, à porta do Acampamento. Ele ri, sussurra poesia moderna, é professor de literatura na serra vizinha. Rir com os olhos é uma arte. Aos pés, no chão mesmo da poeira, um segundo homem, que são muitos, na verdade; sedutor, muito encantador, inacreditavelmente sublime em seu feitiço espontâneo. Recita Chico Buarque no seu violão... a mesma música, três vezes ao longo da noite, com dezenas de outras letras. Os olhos iluminados, dessas luas, dessas esperanças, não saíram de mim, e das minhas tardes poentes. Acho que não pode ter acontecido!

As memórias são traiçoeiras. Mas estava lá exatamente para emprestar minha voz às pautas variadas do nosso interesse coletivo, exigências que são construídas apenas no trânsito das forças políticas. No chão e nos arredores da tal Arena, em um espaço circunstancial de enorme visibilidade, nossa permanência foi muito difícil - é possível localizar, com facilidade, vídeos e fotografias a esse respeito. Portanto, eu não vou falar dos vários ciclos de bombas e do gás que

queima, sufoca e impede a visão; ou dos gritos, dos desmaios, do pisoteamento ou do desespero provocado pelo Choque, pela Cavalaria, pela Polícia Rodoviária Federal, ou por quaisquer dos atiradores e viaturas diversas; ou do spray, das balas com seus perfuradores de borracha; ou da repressão, da agressão física ou dos tiros para matar, direcionados contra milhares de pessoas que não estavam preparadas ou motivadas ao confronto. Assim, vou comentar dois pontos também representativos das escolhas públicas, metáforas que estão notórias em diversas ocasiões do nosso cotidiano. Nós, por nenhum motivo outro, se não o direito de passeata para dezenas de milhares de brasileiros e cearenses, no dia de uma celebração com pretensão caráter nacional, mais do que barrados no escudo do Choque, fomos atacados covarde e brutalmente. Enquanto isso, os pagantes do Estádio, igualmente torcedores quanto os muitos que ali se encontravam (eu não torço, que se sublinhe), abriram passagem no corredor armado: quatro filas de soldados, resguardados pela Cavalaria e outros policiais. Enquanto os portões ainda não haviam sido abertos (entre 11h e 13h), nós recebemos bombas e gás. Com a necessidade de acesso pelos pagantes, os ataques foram reduzidos (não foram eliminados). Recuamos até o supermercado próximo, e de lá, caminhar quilômetros pela BR interdita. Pelas duas vias onde ocorreram as manifestações mais intensas, além dos ataques e avanços da Polícia, o segundo episódio para não ser esquecido é o momento em que polícia e manifestantes estão negociando diferentes aspectos (resguardar distância etc). Eu, que sou um homem proporcionalmente alto, estava no meio fio que divide as mãos da avenida - ambas ocupadas, de um lado, pelos milhares, e do outro, pelos policiais que ali ficaram. A conversa em tom pacifista parecia acontecer de alguma forma (eu não tinha como escutar os conteúdos), entre os policiais do Choque a jogar suas águas para os manifestantes logo da frente, em troca que se afastassem da barreira; atrás de mim, um colega diz "que bonito". Acima da linha do Choque, outros policiais (do Raio) chegam para somar três filas em complemento à primeira - que já contava, pelo menos, com o apoio da Polícia Rodoviária Federal, do Raio e do Gate. Nessa articulação de sentinela que antecedia a Arena, novas viaturas chegam e estacionam, a Cavalaria também se aproxima. Vejo isso de longe, ao fundo. Pergunto que horas são, e imagino que, talvez, o jogo deveria acabar em meia hora. A avenida estava completamente ocupada - e como seria o retorno? Se nem todos os pagantes conseguiram entrar, imaginei como eles conseguiriam sair? Não demorou muito, e de súbito fomos confrontados... O maior dos ataques! Dessa vez, não veio apenas da frente, do escudo do Choque: foi de todos os lados. Vários níveis de alcance para as bombas foram projetados, de maneira que para onde e o quão mais distante

se corresse na multidão, lá também haveria gás para queimar a mobilidade. (Política de mobilidade com gás e spray.) Enquanto isso, a Polícia avançou e enfrentou todos os manifestantes. Dos três helicópteros que sobrevoavam, um deles começou a lançar bombas de cima, e circular perseguindo a multidão mais próxima ao estádio, com espirais de medo. As pessoas resistiam, e gritavam. Paradas, embora atordoadas. Mais bombas, mais avanço, mais confronto: dispersar de qualquer maneira. Havia um gerador de energia, além de um posto de gasolina. Gritos, gritos, gritos. Dez e a vinte minutos de cerco, de explosões, de voos rasantes, de bombas e de ataques. Havia também casas, moradores e membros daquela comunidade no entorno: todos, fomos atingidos. Estava implícito que iriam limpar as ruas para que os consumidores pudessem sair resguardados daquela multidão. Os mesmos pagantes que passavam entre o corredor do Choque, foram exatamente os mesmos pagantes, em nome dos quais, a violência foi justificada do lado de fora. Ônibus e vans fretadas já estavam posicionados, em direção à Arena, no sentido contrário aos manifestantes. A pista foi interditada com pessoas e objetos. Mais uma vez, policiais armados, em motos, vieram garantir a passagem suave. É isso mesmo? Por 400-500 reais de ingresso, um brasileiro está comprando sua cota individual de permissão e exercício medonho da violência policial? Violência gratuita exercida em nome dos patrocinadores? Parece que o Castelão não é uma Arena de lutas, também se ouviu dizer que o Estado não representa a violência institucionalizada, quem sabe, segundo a televisão, o depoimento do Governador e os comentários noticiados durante e após o Jogo - de que nada importante aconteceu. Só que não! "Manifestação pacífica é procissão e só acontece em dias Santos", assim fomos lembrados em nossos corpos. Sem as palavras na sintaxe dos acadêmicos. Sem as exigências com pavor. Que minha dor não sepultada proteja-me do rigor-dor nos acadêmicos. Especialmente daqueles posicionados a favor dos que nos oprimem. Ainda bem recente. Tudo, vivo.

Carne viva, em, em, em, em, em, em.../

em... mas, onde?

Desculpa, a carta foi longa.

Não era assim.

Vou terminar. Com o Anti-Édipo que escrevi com um batom verde... numa parede suja de bar.

(...)

Arké-estrela, ou devir-supernova?

Galo ou Galáxia? Anti-Ordem...

Devir-carbono, ou ANTI-ATÔMICO, BEIBE...

(...)

Entre o Próton e o Elétron, querer o Anti-Próton e o Anti-Elétron...

Entre o Claro e o Escuro, querer o Anti-Claro e o Anti-Escuro...

Entre a Vida e a Morte, querer a Anti-Vida e a Anti-Morte...

Entre as Luzes e as Trevas, querer a Anti-Luz e a Anti-Treva...

Entre o Real e o Virtual, querer o Anti-Real e o Anti-Virtual...

(esquecendo o irreal, a ficção, a fantasia...?)

Entre o Atual e o Potencial, querer o Anti-Atual e o Anti-Potencial...

Entre o Humanismo e o Multinismo, querer o Anti-Humano e o Anti-Multidão...

(...)

(mastigando a Lei e o Monstro...?)

Anti-Iluminismo, Anti-Renascimento, Anti-Esclarecimento, Anti-Ilustração...

Anti-Éros, Anti-Psiquismo, Anti-Budas...

Anti-Tudo, Anti-Nada, Anti-Orbitais, Homem-Sem-Kósmos...

"A arte é um AntiDestino", por André Malraux

(...)

Sem Universal e Singular,  
Sem Verdade e Versão,  
Sem Identidade e Diferença,  
Sem Subjetividade e Alteridade,  
Quero a Matéria Escura, quero a Anti-Matéria e a Anti-Partícula,  
Quero, sobretudo, o Anti-Néutron!  
Os Anti-Neutros: Anti-Identidade, Anti-Singularidade, Anti-Multiplicidade...

(...)

Ankoku, das unhas, dos cabelos, do bicho degolado/  
Ankoku, de quem se sufocou, de quem se suicidou/  
Ankoku, dos mortos que me carregam/  
(...)

Anti-Corpo, (meus) Anti-Corpos:  
Sombra e Anti-Sombra;  
Butô, Buracos Negros;  
Black Blocs, Black-Out;  
Bréal e Partícula Anti-Bréal, Anti-Fim e Anti-Vida!  
(...)

isso é escritura tácita do que se vive,  
isso é, antes de conhecimento formulado, uma prática em trânsito, um modo de existir nos deslocamentos,  
isso não é o que se acumula e sistematiza, e nem pretende descrever percursos ou refinar para desenvolver,  
isso, um terreno arenoso ou tal sentar carente de um destino, /

isso não é o reino dos caçadores de bôtos com suas  
olheiras;  
também não é o saber dos heróis e dos conquistadores,  
isso é somente a escuridão, é o mundo dos vencidos e dos  
leopardos,/  
ou das bruxas, e dos seus fantasmas - dos grupos que não  
defendem uma posição no claro;  
dos espectros, liberdade na anti-potencialidade...  
vazia, escabrosa, sinistra: dar luz ou dar a luz?

.  
. .  
. .  
. .  
. .

Beijos, aos milhares.

'Dy.





**Fortaleza, 27.10.13**

Cher Monsieur,

**Ev. BRÉAL**

Caixa Postal 9012

Desterro (vulgo Florianópolis)

Santa Catarina

88.010-973

Câmbio. Eu, por aqui. Voltei do cinema, assisti Hannah Arendt. Filme especial, mas não conheci as poltronas daquela sala reformada que te falei. Preferi um lugar pacato, presumindo filas em horários disputados. Hannah demorou até que chegasse a Fortaleza. Procurei a sugestão desse mesmo filme que você me deixou, faz um tempo. Queria ver a data. Dos registros que aprendo a deixar escapulir. O tempo já (te?) levou. Para minha surpresa, sala com lotação completa e felizmente silenciosa. O pescoço ficou curvado, na estreia desse camarada no assento de primeira fila - atrasado, por dois goles do café pingado. Hannah é bonita. Um colega observou que sorri vezes sem disfarces, apesar da agitação político-filosófica em cena. Será que para quem gosta de Audrey Hepburn, você a consideraria uma diva cult? Gosto dessa liberdade relacional que ela imprime aos fatos, ideias e pessoas. Já assistiu Lisbeth Salander? Outro experimento de liberdade na protagonista de "Os Homens que não amavam as mulheres" - a versão sueca é de alma cinza, minha predileta no cinema. Comecei alguns parágrafos sobre ela - essa condição de apátrida, de vida crua destituída do perdão e da imanência. O dragão da Lisbeth é qualquer coisa do nosso próprio abismo que se nos impõe sobreviventes. Fiquei com a impressão que, com outras palavras, era também dessa tônica que conversávamos na carta anterior. Posso retomar esse texto, tentar finalizá-lo para compartilhar, caso não atrapalhe suas percepções inaugurais. Está ventando forte, nessa madrugada por aqui. Reclamam as folhas que cobrem a minha varanda. É cedo. Estou comendo uma torta de brownie, de algum estabelecimento italiano. Um litro quase inteiro, caixa com suco de goiaba, eu já bebi. Cachorro atento para os gatos no jardim. O ipê não está florido, mas as Plêiades apontam no céu da minha janela. Uma mulher grita com alguém em seu domicílio. Eu sou filho das migalhas, dos fragmentos. Sinh'Ana era dessas mulheres com os segredos: não se expunha e dela não falavam... foi a sua última visita e, depois, morreu?! Vó Glória, uma filha

na Floresta Encantada dos pretos, para lá retornou, assim quieta na hora mingau, uma borboleta da noite que seguiu a escuridão da mãe Ana. Crescendo no exemplo das madrinhas, Dona Têta descobriu que drama, valsa, piano, música, e, sobretudo, o amor era prioridade... Chego à Mãe Tê, e quantas seriam as pausas, ainda hoje..., que perambulam nessa falta de costura para as vielas. Comadre Flor, vive entre os seus mistérios e reservas. As cinco mulheres na auréola do silêncio. Dona Têta, a filha da velada puta, foi recomendada em casamento pela mãe. Filha daquele Major tropo e mítico, abandonou o sítio do Cassiano para encontrar um filho da Raimunda, o noivo da colega na repartição que se entregou à beatitude. O marido evaporou-se no Sertão, azeitando um novo casório: rapaz faceiro, meu avô, foi excomungado na praça da minúscula vila, auto de fé sacramentado pelo senhor Bispo e conduzido pelo holandês que falava enrolado. "Eu sou o Senhor, teu Deus, um Deus zeloso que vingou a iniquidade dos pais nos filhos, nos netos e nos bisnetos daqueles que me odeiam (...)" (Êxodo 20). Avô, mãe, de mim até meu filho. Mas Dona Têta pregou-me a tabuada completa, enquanto ensinava que não há Céu nem Inferno, que o Filho não pode ser da Virgem e que, em segredo, ao morrer, acaba tudo - pronto, assim, sem alma, nem nada. Vó Têta ensinou que um amigo é importante, homem com mulher, homem com homem ou mulher com mulher. Dela e do rapaz excomungado, só podia surgir esse proscrito: cruz-credo, sou eu o neto. Mãe Tê nasceu no bairro da cidade onde eu tomo Café e ela encontrou o moço festivo, das terras altas na beira do rio. Das visadas de papai, descobri sou perseguido: por ele, claro, e também por aquele velho e acomodado espírito, de um padre que alcovitado pelo conforto da batina, não obrou sua parcela de caridade em vida. Morreu, e me encontrou no seu caminho. Contaram que me tomou como predicado e direcionou-me para o meu abismo. Centro, mesa branca, médiuns: o quintal no terreiro da família, das visitas às quintas. Leituras, copos de água fluidificados, retratos de doentes, possuídos debatendo-se nas cadeiras, mensagens dos mortos distantes e bem vizinhos. Meu pai era o assistente, experiente desde os seus cinco anos, em sessões conduzidas pelo meu avô para doutrinar aqueles sacudidos nos corpos enfermos. Naquela vila onde a capela torta foi o meu avô quem ajudou a levantar, era lá também, a portas fechadas e sigilosamente, que os possuídos e quase mortos, de alma não encomendada e trazidos na rede dos vivos, chegavam em busca de auxílio. Desde lá, o vovô feiticeiro e seus filhos, papai, titia... eu e alguns primos desprovidos de interesse profundo, estivemos sentados às voltas do sobrenatural. Tenho cajado de runas, tambor enterrado e maracá com penas. Meu altar incendiou, as primeiras cartas de tarô que ganhei de Mãe-Teodósia, a velha negra do Aracati. Recebi um segundo jogo,

das mãos da neta de Minininha, uma mulher das serras no Pernambuco. Tenho uma espada da madeira daqueles índios que habitavam nas pedras escaldadas, no sertão do Siará. Há também a Cruz da Vida que a sacerdotisa trouxe do Egito. Eu sou negro, como Dona Têta, e como ela, adoro os Fados brancos, daquele Sinhô que visitávamos aos domingos. Eu sou índio das caboclas, dos mestiços, dos engenhos, dos riachos e das giras. Tenho medo, muito medo do chicote, da pisa, do grito. Tenho medo de homem branco. Adoro o medo que tenho de homem. Adoro o homem que tenho medo. Adoro o medo que se aviva em mim. É vida. Êta! O dia em que tive o maior medo foi quando pulei o cercado. Na espreita dos filhotes da galinha, estava com meu irmão e cruzamos o terreno do meu pai. Do outro lado, bode ou carneiro, qualquer coisa que nos deu uma carreira sinistra. Irmão à frente, transposto em medonha segurança! Eu cruzo, caio, quebra a cerca. Estou bem. Mas caído do outro lado. "Tudo bem?", a fragilidade do meu irmão pergunta, uma criança tão pequena. Eu digo que sim. Há um pedaço de estaca da cerca: foi partida, ponta afiada, está dentro do músculo da minha perna direita, acima do joelho. Está fundo. Fecho os olhos e puxo. Há sangue. Muito sangue. Banho de sangue. Peço uma toalha para amarrar a perna. Um pano da cozinha de cozinha qualquer. Meu irmão traz. Uma garrafa para guardar o sangue e escondê-lo da mamãe. Guardar em algum lugar, não deixar escorrer ou beber mais tarde, tipo na geladeira e vai ficar tudo bem. Ele trás. A garrafa de vidro do leiteiro é preenchida com o meu sangue. Não estanca a perna. Não tenho coragem de entregar a garrafa. Não cessa. Ele está tonto com a garrafa cheia. "Você vai morrer?", me pergunta. Ele vai desmaiar. Eu também me pergunto. Vai morrer? Vai, então, chamar a mamãe. Não parou de escorrer. Por favor: "sem escândalos". Tudo bem. No corredor, escuto os berros do miúdo, mais alardeado que o soberbo cabrito que minutos atrás me expulsou: "mãe, vem rápido, ele tá morrendo...". (Adoro o medo que se aviva em mim. É vida. Êta. O dia em que tive mais medo foi quando pulei o cercado.) Adoro esse homem, por acaso irmão. Poderia ser apenas homem, e não ser o irmão. Quero um homem que seja meu irmão. Ou. Quero um irmão que seja meu homem. Outro dia, por lá também, no mesmo terreiro que era aos fundos daquela casa reformada sem os espíritos. Porém, do outro lado da praça. Era na esquina onde ficava o bar, por trás do cômodo. Lá, chegou o circo pobre que viajava pelo sertão descolorido. Comprei o ingresso, fui assistir sozinho: onde estava meu irmão, naquele dia? Uma dançarina, meninota velha, acostou-se perto da minha cadeira, dançou com aquela bunda empinada, tão perto de mim. Levou, pelo menos, quinze anos para curar-me da humilhação anunciada pelos machos da pequena cidade onde se andava com bicicleta. Dos risos daqueles garotos que sonhavam em comer a bunda nova do circo. Eu,

nem sabia, mas não iria comer garota de circo em tempo nenhum. Tudo foi um dia desses. E também por essas últimas horas, enquanto conversávamos sobre a vida, e ele comia essa picanha de porco, a iguaria nobre pela Europa, lembrava-me, também, daquele teatro à noite, com uma dançarina francesa, que desce com o seu vestido preto de fada (de foda, ou de fadista?): outra vez, senta no meu colo em vez da palha centenária, acarícia minha barba sob os afrescos emudecidos, enquanto transmite sua melodia visceral pelo reverberar da câmara. Eu sabia que ela viria desde a noite em que a tal garota do circo chegou. Elas duas eram as mesmas, no mesmo espetáculo. Não havia um colo para mulher nenhuma. Agora houve. Agora há apenas o colo, ou o consolo - como ela queira. Ensinaram-me, o francês: quem deita no meu divã, não conhece minha cama! Hoje, eu podia brincar na mesa do churrasco, ou na cadeira do teatro. Hoje, eu saberia fazer algo com a moça do circo. Mas não há moça para mim. A meia lua, porque o oculto do seu perfil é mais instigante; a meia porta, com a bandinha de cima entreaberta, se quiseres pular; era uma meia vez, nunca tive, afinal, uma chance inteira; foi o dia que ela me disse que invejava o amor dos homens entre homens. Inventei-me por ela, viado. Aqui dentro, em palco de tantos personagens, conta-se a epopeia de um homem concreto, mas eu só tive o Bréal. Errâncias. Não faço biografia de quem não existe. Não ousou imergir na literatura, no afrente ao espírito dos poetas - especialmente daquele jamais exaurido na finitude humana sem que antes pudesse surgir como existência completa. No curso dos últimos dias, não sabia exatamente minha condição antropológica, até que contornos diferentes surgiram entre minhas anotações saudosas: de um lado, talvez o Ev, o Eva, alguém que, imagino, também para você e as circunstâncias do seu vivido, era uma personagem destinada ao esquecimento; enquanto o Bréal, com o seu ineditismo, tracionava as intensidades mais adequadas para enfrentar ambos os mundos, seu e dele. Não posso avaliar quem venceu. Não sei quantas lutas você ganhou, conforme a sua própria compreensão da vida. Não estou certo se esquecer é possível. De longe, quando o Bréal parecia já não suportar os goles de intranquilidade, fiquei com a sensação de que o Eva resistia pelo seu mínimo - sem tantos relacionamentos, isolando-se. Não havia propriamente duas pessoas. O Bréal controlava! Não sei se você lembra de um postagem com fotografia, no seu twitter: "Ceci n'est pas Ev" (escrito em um quadro branco, lâmpadas refletidas, você de óculos, objeto de uma seta). Encontrei, aqui no meu e-mail, uma coleção de frases que você postou - não sei porque não guardei todas, era de março de 2011:

"(...) 99. sou bonzinho, às vezes...

97. minha vida não é nada interessante.

94. eu tenho uma caixa postal, gosto de receber cartas e faço parte do clube do postal.  
93. gosto de quebra-cabeças, lógica, ursinhos de pelúcia.  
92. eu costumo dormir até o meio-dia.
88. tenho carências estranhas.  
87. eu já fui saudável, gatinho e saradinho.  
81. quem senta no meu divã, não conhece a minha cama.
79. odeio esperar respostas.  
78. coleciono obras raras.  
77. ia de patins, joelheira, cotoveleira e capacete pra escola.  
72. minha bebida preferida é gim ou uísque tônica.  
71. faço barba 1 vez por mês porque tenho preguiça.
69. tenho várias cicatrizes do ballet pelo corpo.  
64. já quase morri algumas vezes, com direito a internamento e mimimi.  
63. em assuntos do coração eu sou meio que um desastre.  
61. eu quero ter filhos.  
60. sou extremista em termos de afeto.
56. não fiz pré-escola.  
54. tenho um lado bem mulherzinha apesar de ser uma criatura altamente lógica.  
50. não sei seduzir.
45. tenho amigos héteros mais legais que os amigos viados.
36. tenho fetiche por pessoas inteligentes.  
39. sou filho de um arquiteto francês.  
35. entendo de queijos e vinhos.  
34. quando bebo costumo abrir espacates e falar francês.
28. sei cavalgar e tenho uma égua que se chama Paloma.  
26. ainda quero casar.  
20. sou viadinho desde que nasci.
18. levo minha teoria muito à serio.  
13. li o "Le petit prince" em francês aos 7 anos.  
12. desenho, costuro, pinto e bordo.  
11. sou escorpião com ascendente em escorpião e lua em escorpião.  
10. costumo dar banho de caipirinha nas pessoas.
6. sou uma criança hiperativa.  
5. falo francês e ignoro inglês.  
2. fiz 16 anos de ballet  
1. sou quase mestre em teoria da literatura (...)"

Descobri, nessas semanas, que eu também precisava do Eva, o moço que me falavam com imenso entusiasmo, o autor talentoso e primordialmente sensível que, afinal, nesses anos, escreveu-me sobre o Bréal. Você também precisava dele? Quando o Eva adoeceu, e os seus amigos de Universidade compartilhavam das preocupações vindas do Hospital, o desaparecimento do Bréal nos textos forjou um busca quimérica nas respostas do exílio. Em tempos quaisquer, ele permutava a vida na urbe pelo seu retiro mais elevado. Não deixava explicações. Também agora, não recebi nenhuma mensagem no celular. Desde a internação do Eva, estou sem notícias do Bréal. Fico imaginando que talvez seu computador esteja quebrado, ou roubado. Que o aparelho de telefone caiu na água, e você está sem dinheiro. Às vezes, penso que você esteja melancólico demais para sair de casa, esteja magro para caminhar no frio até uma lan-house. Pode ser que você esteja mesmo adoecido, e não queira falar com ninguém. Quem sabe, esteja peregrinando entre bancos de madeira e fontes de água para escrever o seu romance. E se tiver fugido para lugar mais distante... sonhando com outra felicidade? Tudo isso já aconteceu de outras formas. Mas nada combina dessa vez! Não havia esperança de grandes ou drásticas mudanças, de fantasias e apelos impossíveis. A vida de um bibliotecário anônimo, entre livros e bastante silêncio, sem atendimento ou relação ao público. Vida muito pacata, rotineira, foi o que me disse tantas vezes - era o que você pretendia! Sem exposição, sem maiores disputas. Ler. Acordar e vencer cada dia. Dois filhos, talvez. O gato, Valentino. Talvez alguém que pudesse amar, ainda no lastro do seu Mário: "Aceitarás o amor como eu o encaro ?...". Ter o direito de conseguir dormir. Por causa dos remédios, desejar ter noites e sonhos novamente. Ter algum dinheiro. Mário de A., ainda para fecundar em palavras um tempo que se foi: *"Alguns, achando bárbaro o espetáculo/ Preferiam (os delicados) morrer./ Chegou um tempo em que não adianta morrer./ Chegou um tempo em que a vida é um ordem./ A vida apenas, sem mistificação."* (em *Os ombros suportam o mundo*). Longo setembro de uivos. Escrevo, para enfrentar o lamento de Tajapanema (a música de Waldemar Henrique, conheces? Gosto da gravação na voz de Mônica Salmaso)... Quando as folhas da tristeza ("tajapanema") choram, é o prenúncio das lágrimas a correr nos terreiros, tempo que o Bôto arrasta sua tragédia nas sombras! No seu blog, já não havia atualizações desde o semestre passado. Queria algo pelo correio... qualquer surpresa, mas não sei. Uma notícia de que tipo? No meu facebook, a nossa última conversa foi na madrugada do feriado cívico, estava eu no destempero climático de Porto Alegre (tão próximo de você, não era?). Pedi que você organizasse algo, tentei. Voltei doente por mais de uma semana. Voltei escrevendo. Parecia não ter

propósito definido. Fui descobrindo que, no meu corpo, iniciara-se uma preparação da sua despedida. Um texto que já carregava o périplo de um fantasma, que não existia ou não se reconhecia como tal. Coisas que a alma vislumbra, antecipando o desamparo que, apenas tardiamente, a cabeça será capaz de entender - ou não, talvez não irá compreender. De todo modo, é difícil organizar essa mudança, sem um corpo; sem as palavras que também velem por algo ou alguém. Também nas histórias do bôto, águas paradas e escuras, barrentas e profundas, são temidas - as águas são doces e guardadas por bichos venenosos das cavernas, mas não se devolvem os corpos enfeitiçados por criaturas encantadas. Com a morte do Eva, estou imobilizado no tempo da escrita que se interrompeu, sem os capítulos finais, adentrando o fundo mais escuro desse rio... E os seus desenhos para os 50 anos porvir? E o que você me dizia, sobre distinguirmos quem passa em nossas vidas daqueles que ficam por outro ciclo, para mais e outras estórias? E os livros do século XVII? E o persa antigo? E o seu pedido...? "só quero te pedir uma coisa, pense sobre. aconteça o que acontecer, se tomarmos caminhos diferentes, ou o silêncio pairar entre a gente, quero uma tarde no futuro, para um café, conversas e um abraço. bom, boa noite. beijo... hora de tentar mergulhar em algum sonho." (das mensagens no celular, arquivadas sem as datas e os horários). Eu penso nas cartas, nos desenhos, das fotografias que você espalhou entre os tantos conhecidos. Penso, também, no dia que você posou, e se deixou pintar, uma manhã inteira, nos olhares e paletas das moças, na Escola de Artes Plásticas. Eu trocaria o meu carro por uma das telas. Nessa poesia que você (seu corpo) entregou à vida... Onde estão os pedaços da sua alma que se guardam nas mãos de tantos? Pensando nos laços da sapatilha, e nos seus pés feridos com o ballet. Nesses laços. Ouvindo Madonna, tocando baixinho: música do i-phone, dançando com você - seus amigos que já não acreditam em um deus que não dance! Os amigos do Eva oferecendo um presente ao Bréal. Morrer é inesgotável. É possível uma carta para a sombra? Que se dirige ao-ninguém, que ensaia o n'algo... Escrevendo e fumando, cigarro elétrico, vaporizador francês. A geladeira não me oferece algo para a garganta. Você gosta de queijo assado? Cortei pedaços, em uma louça barata de refeições. Essa carta não deveria ser longa. Não ceder às engrenagens dessa datilografia vulgar no estilo, corruptível nos rabiscos e sôfrega na lentidão. Então, desconsidere as linhas acima. É solidão disfarçada e volúvel. Fique com os verbos intransitivos. Abaixo, conforme prometido, envio as crônicas do meu naufrágio, em rios perigosos. Você está por aí...? Agradeço comentários quando lhe for apropriado.

Até logo.

**A.**



^ ^  
**B( )TO PARA B( )TO**

"(...) Foi Bôto Sinhá, foi Bôto Sinhô, que veio tentá e a moça levou (...) O Bôto não dorme no fundo do rio, seu dom é enorme: quem quer que o viu, que diga, que informe, se lhe resistiu; o Bôto não dorme no fundo do rio....."

Tajapanema (Foi Bôto Sinhá)<sup>106</sup>

Baile de insinuações. Chegou com as vestes claras dos deuses, uma capa que aprofundou a tonalidade rara da sua pele. Um tipo de meio-sangue, emprestado com o anil do céu aberto nos seus olhos de galanteio, de corpo assentado no enxofre dos pântanos e seus feitiços secretos. As linhas eram suaves na sua tenra feição, um contínuo que se percebia homogêneo com os gestos aristocráticos, com as expressões discretas de cortesia, embora portador camuflado de certa urgência passional ou de encanto por surpreender. Homem que aparentava de outra rua, quiçá outro mundo, cuja vibração cintilava do inabitual e das suas câimbras sensoriais correspondentes: invisíveis, perigosas e aflitivas, como o fundo... do mar ou do rio? No seu deslocamento mágico, preciso e vagaroso, afastam-se as dificuldades engendradas no caos, o grotesco cede espaço para aranhas lilás que retenham os latidos sonâmbulos como nós das suas teias. Não há discurso acintoso, apressado, mal pronunciado ou incorreto no uso adequado dos termos, com o silêncio resguardando às águas tranquilas daquele sorriso extemporâneo: uma pausa fora das estações, ciclos e velocidades, alongando o corpo e reconfortando os pés como uma dilatação sensível na experimentação do mundo; outra vez molhando o calor despenteado para que a brisa organize, até ser capaz de reconhecer na própria densidade o murchar dos arranjos com flores coloridas! Não havia esforço, orientação ou propósito, apenas esse rapaz cândido que se

---

<sup>106</sup> Trilha sonora número 1: <http://www.youtube.com/watch?v=z-DHfnpuDX>

acompanhava de uma jovem dama. Ambos, no vigor conhecido da primeira juventude, um existir em sintonia com as dádivas que rompem tradições e confrontam os olhares da vigilância caduca. O tipo de sedução que se desprende no encontro do jovem casal traz algo de um perfume sutil, manifestando reciprocidades tímidas entre as mesas de ambos os sexos. Sabe-se dele como alguém de excepcional delicadeza nos tratos, o filho da senhora bem sucedida que se transferiu de morada, ainda moça por desenvolver-se e conquistar algum lugar de realização, com família e passado de origens ao Norte. Em seus dezesseis incompletos, o rapaz continuava publicamente submetido a tal maternagem cuja presença elegante, na sedução potente dos trinta e dois, não se deixa ocultar dos convites e dos comentários nas manhãs seguintes. Trata-se de belezas distintas, a dele, sobretudo; como a força nos brotos das águas termais, agitadas embora com doçura, revigorante até certo ponto e traiçoeiras por descuido, fontes do enigma que lava com os sais e que também afoga no vapor. O marido da senhora logo partiu do sobrado com linhas verdes - informam os rumores anônimos que as discordâncias eram frequentes. Excetuando o vínculo estreito com a mais nova, sua predileta, o esposo tornou-se figura de mínguo significado para a condução da casa e escolhas dos filhos - também incluído, no alargar das separações, o contraste explícito entre os seus traços de homem rude, por absurdo invisível nos olhos e demais caracteres do rapazinho formoso. Cochichavam a respeito desse último, como o herdeiro de uma história omitida - a sopesar nas joias espontâneas da sua graciosidade, narrativas de altivez e de amargura foram possivelmente suprimidas no contar do tempo. Uma maldição qualquer, relegada ou superada, desconsiderada em absoluto naquela situação familiar. Fuga sem rastros óbvios, denúncia como talvez se imaginasse nas intrigas da vizinhança. Recentemente, filhos e mãe perfizeram a distopia da volta, como uma proposta ingênua de laços por encontros e de jornada realista durante as férias: um dia inteiro de ônibus abafado entre as duas Capitais, três dias e meio por margens turbulentas do mesmo rio até um centro urbano intermediário, daquele navio, então, para uma lancha modesta, por mais duas horas de viagem até um vilarejo específico, com uma hora e qualquer coisa de acréscimo, ao lado de outra dezena de viajantes e bichos nativos, na carroceria de um caminhão aberto e frenético, que, afinal, estacionado no povoado das Cachoeiras; na caminhada posterior de vinte e cinco minutos, decifrar a luz filtrada nas veredas dos facões até um alpendre vermelho desgastado - e considerar por chegada, quando não se sabia exatamente onde. Daquela redondeza, de sons exóticos e dos ventos frios, partiu o destino de uma mulher com os olhos marcados. Quisera aproximar os filhos da sua trajetória na

mata, a pretexto de também recuperar experiências daquele miolo da vida onde não se paga conta e não se pega fila, mas a vaidade deixa a nuca penteada mesmo que se durma na palha. Os avós trabalhavam com o ritmo do seringal. Mãe e pai também não voltaram, desapareceram na morte da política, das fazendas, dos militares. Sozinha, ela refez uma passagem outrora esquecida, para o sonho com asfalto, cimento, indústria, música e batom vermelho na cidade. A geração do seu filho, apenas uma engrenagem perecível nos rendimentos que não tem um rosto humano, atravessa, agora, o seu próprio desconhecido entre as nascentes das águas barrentas e perenes. Era outro contexto, os ribeirinhos nessa imensa terra com os índios e os quilombolas, sem transgênico nas montanhas, sem pesticida e fertilizante químico nas florestas, sem os zeladores privados de hidrelétricas e de portos, sem os desertos verdes e a monocultura do agronegócio estrangeiro, sem os leilões de petróleo e seus interpostos, quando os privilégios de uma classe econômica não eram maiores que a lei florestal, de mineração e os anseios da reforma agrária popular. Sonhar era um direito possível. Naquela noite dos salões, por alguma situação irreconhecível, essas paisagens afloravam no peito do menino que dançava, um vulto que tornava com o rufar das folhas - o arrepio daquelas montanhas, que se infiltrava às formas no jardim daquele recinto, pareciam confundir o funcionamento do seu corpo. Algo como um arranhar do vinil, suspensão da música aparentemente alheia ao dar-se conta. Surto ou captura ignota, enquanto se transcorria o protocolo social indiferente, que não alcançaria a investida daqueles tremores. Era o chão mesmo que dançava, embora soubesse que ainda estava de mãos dadas. O corpo não era propriamente o seu tradicional, convocado na excentricidade de energias trocadas com todas as direções, um processo de reconciliação entre mamíferos ligados ao útero ancestral do planeta: forças minerais, vegetais, animais, siderais, anímicas evidenciadas, como espirais. Apesar da localização urbana, as rajadas daquele momento ecoavam nas ondas impossíveis para a imaginação dos forasteiros, as mesmas que entrecruzam de violência as margens infinitas, dos rios jamais visitados. Um batismo dessa criatura sequestrada por situações que lhe remetiam aos campos telúricos da outra realidade: convivência ctônica, selva distante, remota e absurda... Labirintos de cascalhos e de pedras roliças, até uma pequena concha que se fez amuleto no pescoço. Peixes azeitados com outras texturas, mastigar sem pressa o teor dos riachos, tempero dos horizontes vastos e brilhantes em lagos submersos. Seus órgãos mais internos causavam-lhe suores radicalmente inconvenientes, outra coisa materializava-se como um sereno que respinga das temperaturas na alma antes da própria vida; orvalho espesso de excitação e de horror, uma mutação

do invisível que serpenteava o invólucro tácito daquele corpo - sentido embora incapaz de nomeá-lo; foi assim que os ruídos no espaço quedaram-se em penumbra definitiva e silêncio dramático... como nuvens de irreconhecível saudade, iminente precipitação de toda suspensão no tempo; poros, goteiras e orifícios represados de tudo que secreta a vida humana: a sede como uma entidade, que evapora sêmen, saliva, suor... sangue, sacrifício, agressão redimidos! Espirais sequiosas acompanhavam a sua condição febril e perturbadora, o balançar instável dos músculos solicitava o fluxo corrente das águas para adormecê-lo - equilibrá-lo no frio das grutas, assim imóvel, absorto na eternidade das pedras. Chuvisco que escorre dos seus ombros nos leitos, curvas e movimentos das costas. Instantes com essa vocação no mergulho do irreconhecível, errante para as tempestades que incidem de eletricidade o roçar das superfícies, capaz de ameaçar as reservas últimas dos alvéolos por uma dose a frente do escuro... Parada respiratória (nem sempre, acompanhada de interrupção cardíaca). Assombro por justificar-se também na metamorfose do corpo, na organização dos ligamentos, na fronteira, e na exceção intolerável, ou nos seus rompimentos... no clamor descolado ou na dor para estar vivo, inquieto e desistente, nascer e permanecer ali; na dor para fugir, arrancar-se, evadir como sobrevivência - mãos avassaladoras, danadas ou malinas; na dor por desconhecer, sentir o peso da noite em cada fração do segundo - amassos e arrochos que usurpam; na dor que amar causa, e amando-se, algo que, padecendo aos poucos, morre - o pênis ao-natural e caído, largar o cansaço orgásmico, o-junto e melado, suor do atrevimento; na dor de suportar o amor, sua atrocidade, seu envolvimento abissal - olhar inocente e palco ardente, paranoia da ereção e da penetração; na dor de extinguir, viver para também sucumbir, seguir à custa do que perece... "la petite mort", suave e bestial. Outra vez. Outra. Mais uma. Breve. Rápida. Insistente. Fortuita. Antes de partir. Ávido e sôfrego. Inconclusa... por sair. Demorou o espelho boreal do firmamento, extenso foi o escuro adoecido em oscilações aleatórias; roncava a madrugada, pálida e devastadora, com seus abismos no vazio abundante dos espaços, das coisas, dos corpos; noite estranha sem a lua, é o inefável que não cessa? Não havia um tempo alocado naquele mover frágil dos corpos e sua duração foi imprevista; o rapaz de novas expressões intuiu ou poderia acreditar, algo mais intenso que se tornar um elemento nos orbitais empáticos, que aspirou a memória dos eventos até então habitados pela senhora que o reteve nos olhos; era a sua mãe e, com ela, centenas de outras vozes femininas que agora lhe atravessavam em cada fugacidade no céu: riscavam as camadas da sua epiderme, fragmentos de enunciados com orações quebradas ao meio, estilhaços semânticos avariados na

exatidão linear - embora, assim estraçalhados, nenhuma sílaba aleatória poderia interferir no contexto necessário e singular para as milhares que viriam; porquanto nada se diz com clareza, dobraduras inesgotáveis surgiram para abrigar a convulsão de gritos perdidos em mensagens que não existiram: escritura inaugural para cada alma que lhe insuflava os canais bioquímicos, em um tecido imaculado da sua visceralidade que se ofertava; uma corrosão profética e furiosa de vozes sufocadas, súplicas não formuladas, um reino inteiro de fossas, dragas e redemoinhos - abismos sem tridente, sem companhia, sem redenção. Era o domínio de tantos mortos carregados nos desejos, afagados com a salinidade do tempo - sem retorno, sem constatações, sem últimos pedidos, sem descanso... com algas, sem flores. Todos os que foram inundados pelo amor, e perpetuamente cativos daquele encanto perseguido. Saltos... saltos... saltos... abraços para cada salto derradeiro! Nomes fixados por lembranças, delírios sem respostas, sonhos não contemplados, promessas que foram carregadas dos vivos, dissolvidas no tecido sanguíneo, e de lá, absorvidas por águas sagradas... águas de tornados e de segredos, concentrados! Nessa placenta dos corpos com água, não se vai para muito longe dos seus mistérios. Marés compartilhadas no seu corpo de afluentes eróticos, somente uma tela daqueles afetos despedaçados, desconstruídos. Lágrimas são as águas ferozes de todos nós, irmanados pelo algoz. Foram muitas as criaturas, afinal quase ninguém conseguiu fugir, por um breve intervalo que seja; deixar-se possuir, acordar e desprender-se. Ela partiu, e trouxe a história adormecida consigo. Seu corpo é de encontro e de ruptura. É de fusão e decisão. É centauro, água escura e metade, umidade livre. É escorpião, do prazer com sua faceta inversa de poder. Sair de perto, embaralhando algo consigo. No cheiro dessa orla festiva, um homem tão delicado, quase feminino. Fabuloso, e não é cor rosa. Coberto da paisagem calma, atrás das luas e dos sóis poentes, uma dança com as sombras dos seus olhos de rio. Da Amazônia, percorre o areal mágico de Iracema: mel, jades, lábios, olhos. Por medo, os pássaros já não o visitam nas dunas, no alto da Barra. Fausto ou fabuloso, nas vielas da Ponte velha, nas janelas do Estoril, na calçada da Tabacaria, no muro do Forte, na enseada do rio Ceará: em dias de novembro, os garotos adormecem nos botões abertos da sua camisa. Bicho bípede, encantado, com a mochila rasgada no uso, adorno que cruza o seu peito nu. Corpo cinza à mostra, larga uma bicí para saltar do espigão, banha-se indolente. Sem o medo do frio e das águas soturnas, braçadas o levam e trazem. Cores desbotadas nos olhos ofegantes, a simplicidade na cueca engelhada. Chá quente das raízes na mata, servido na quenga. O silvo é o de golfinhos, mas da baía não se enxerga nada. Sublime foi

aquela noite, onde o prurido vermelho dos glóbulos explodiam continuamente no giro então desobstruído das suas águas. Hematopoiésis onde fenece o resquício do homem, refugio genômico de qualquer impureza que domestique sua volição, morrer essa metade do que não mata. Morrer para nascer quem é capaz de aliviar o inteiro dos homens, na sede perpétua e revolta, nos dentes... Há sereias no rio? Situação de amante, e por isso mesmo, de assassino. Tentar, amar, cair. Um trilho afável, nas águas leves e doces. Matar de tanto morrer... Morrer de tanto matar. No botão daquele homem residual, nasceu bôto-alfa, ou bôto-vinho... bôto sempre violento, assim, o bôto-gladiador, o guerreiro dos riachos, do Cocó, do Maranguapinho. Meigo e disfarçado. Fantasma do córrego Maceió, Pajeú, Alagadiço, Jacarecanga. Dança bôto, dança das sombras e da morte dos meninos. Hipnotizado, na praia do Titãzinho. Com "C", de caçador...

AM - A - T - A - MA

AMA

AT A

MAT A

AMA

AM...

...

LOuVE<sup>107</sup>

many for love

love for many

loUve

...

tristes serão os dias, quando ele for embora...

volta aqui, antes de sumir?! é para sempre dessa vez?

as mulheres choram nuvens por seu bôto...

mas antes delas, do mar para a terra infinita/

quando então morrem sereias entre pedras e algas obscuras,

a solidão nos abismos, fado e botão aquoso...

antes de ir, é um deixar voar o céu?

...

chegando na insinuação da luz fosca, um vento apaixonado a que não se resiste...

rodopios de conchas na água perfumada, molhar o rosto ainda turvo da noite cheia e assombrada;

tatuar-se com uma pintura encantada de urucum, o cheiro da

---

<sup>107</sup> Trilha sonora número 2: [http://www.youtube.com/watch?v=oK6HGw\\_Ympw](http://www.youtube.com/watch?v=oK6HGw_Ympw)

vida no rio dos garimpos humanos - e sentir arrepios de um outro lugar...  
...se peixe deixa o veludo azul para ser homem, de onde empresta a mistura de terra que se banhou?  
imagem ressecada que não se sabe contar, imprecisão borrada no calar iluminado de um novo dia...  
pássaros melodiosos que recolhem a saudação dos golfinhos; irrompem saltos, giros, esguichos...  
saber nadar o imperceptível..., outro sonho que se afasta na paisagem tropical.

...  
não é do tipo que se vê no mercado, numa fila carregando o sonho embrulhado no papel...  
para você, com doce de leite? quer provar do silêncio na bela sintaxe, interrompido em grunhidos animais...?  
sonhos nesse final de outra tarde, um amor ao chocolate...  
todos surreais, como as rosas que vejo?  
uma parte de mordidas largas, quer comer a outra?  
(marcas na tua pele encolhida...)  
meu gosto e meu cheiro na partilha do mesmo sonho que deixo contigo...  
com um trago vagaroso no brilho das jades, não consigo reter um sonho inteiro:  
(dois becks e o sublime) se eu vomitasse aquela metade incômoda?  
disse-lhe que abandonei parte do meu sonho, ficou no mar: a médica estava preocupada... meu peso, minha mão, frágeis com um doce miolo refugado...  
notou o sorriso dos pássaros. às vezes, ela também repara no mágico.

...  
praia acordando dourada, molhada segue a areia onde se espera sentado...  
um mesmo desperdício de gentileza, homem sensual, e assassino...  
um sussurro vermelho, nunca mais olhar nos próprios olhos - como se também olhasse diretamente, bôto velho...  
estirado nas dunas, malinar-se de areia morna, assanhado na toalha bordada...  
deslizar da trilha para as tripas: rapazes do vilarejo, pescadores... da tribo, cirandas...  
ou na espreguiçadeira de pelos macios, assim, deitado e chorando de desejo;  
torso nú em camisa aberta, escorrendo tangerina pelos gomos na cintura,  
indo e voltando, água trazendo o sol que brilha nessa maré que se resguarda...  
por invasão ou entrega da alma? uma voz por trás das guelras...

deitar-se, o frio nas guelras: sem medo ao lado, ao lado  
sem medo...

...

sem os cartões postais, nessa máquina virtual... os versos  
morrem antes.

eu apenas amo, mas precisa de quem suporte o amor, dentro  
de si.

versos sem cadernos, com a tinta do sêmen real...

(comendo a sua parte do sonho: você estava gostoso: mas  
acabou o sonho: ...)

os versos que substituem a saliva, infiltrada.../  
na tua paisagem.

bem afogado no sem-ar e sufocado no seu tanto, respirar  
impossível na correnteza de flores em bocas...

escamas que reluzem cores suaves... brânquias do mágico que  
não se evapora,

bôto nessa falta benfazeja, butô com o peso do ar;

dos olhos incógnitos que não me fitavam, lágrimas todas a  
beber: inalação ausente que me privaste o reconhecimento...

deixar-me por ti faltar o rumo, um consumir tardio nesse  
ofegar tão necessário que inexistiu...

o mais gelado da água que não desola o brilho salino do  
fogo...

urgente desde sempre em mim, eterno é o fogo submerso do  
amar:

salões bombardeados em castelos de areia...

...

primeira imagem, choque de sensações nos olhos: dançar  
abaixo do açúcar no céu, reino encantando para aquecer as  
estrelas no corpo;

réptil mortal ou anfíbio fantasma - quem bebe o sopro, e  
não os fluidos da vida: sabe nadar fora da água, meu filho?  
outro parto, e olhos baixos na maré, como Chopin, como  
Hamlet... quietinho e trêmulo...

arrepios, poéticas e mandingas que nem o mar deu notícia,  
porém/

em água revolta, visceral, festa e da lua mais tarde,  
sonoridades poentes das turmalinas e esmeraldas...

le marsouin blue velvet, ele mesmo veuve clicquot...

palavras vagas que se absorvem no mistério sereno,  
um sonho quase denso:

...

beijar o gosto de um bicho solto na fossa das Marianas...  
e quanto sustenta o amado para esse morrer livre do amo?  
rios desviados no subsolo de prédios, lábios antepassados  
de três becks...

abandonados nas varandas de casarões implodidos,  
festejaremos com o que temos dessa vida: os mortos!

não foi para buscar estrelas, ou fugitivo dos esgotos  
abertos:  
assim, aquela calma das águas podres, na saturação da  
transcendência...  
imaginando que há mundos com o não existir perpétuo:  
da terra molhada à beira da lagoa da Parangaba, chuva na  
lagoa dos Tapebas,  
ou nenhuma sede, com planetas inteiros... mundo sem buscar  
umidade!  
mas fumou o que? um pó de amor, era tardinha no bosque...  
comoção do Mucuripe até a volta da Jurema...  
tonturinha, eu não presto/  
ternurinha, eu nasci para você/  
enganar os oponentes do poder governamental...  
kind-king-kindness, drinking my own blood:  
Haematopoiesis...  
jasmin, chá e maresia... eu gosto, desse eu-gosto seu;  
de quando você diz (eu-)gosto, [e também do seu gosto],  
mesmo desse gostar - todo e confuso...  
eu gosto muito. a sua parte de um sonho fatiado e  
vencido...  
um sabor meio-amargo para saciar a água na boca, a boca  
d'água....  
mamilos da morte: duas flores carnívoras, ou matilhas na  
relva.  
vai encontrá-lo, bôto: roube dos braços,  
levá-lo, como uma estrela fora do mar no teu cordão.  
...  
  
...  
abotoado, esse crioulo;  
embotado no cano longo da mulata:  
de botas, o mesmo bôto...  
botô pra fora, ô num butô?  
...  
Edgar, esse bôto triste na banheira...  
distância fantasma de Canoa à Praia de Iracema,  
(ou Ipanema, no Rio ou Porto Alegre)  
gosto do mar na caipirinha e o sexo com fantasmas da Praia  
do Futuro, do Farol velho, da Ponte velha...  
rins com dor... tormentas e forjas, no fundo do seu rio.  
ele chega, amanhã (...) não sei depois.  
. . .  
Granulações.  
Sem assinatura.



**Fortaleza, 29.10.13**

Cher Monsieur,

**Ev. BRÉAL**

Caixa Postal 9012

Desterro (vulgo Florianópolis)

Santa Catarina

88.010-973

Boa noite, coucou. No balanço aparentemente normal, eu sigo uma vida rompida, com os sentimentos truncados e ameaçados. Engasgado de mundo, talvez. "Espero Deus com gula. Sou de uma raça inferior desde toda eternidade." (Rimbaud, Uma temporada no inferno). Não me persegue a sanha de chorar, quando acordo não há muito pelo que se lamentar. Babe, o viver não merece as lágrimas. Escassas nesse planeta, que não sabe escoar suas tempestades. O viver é um grande desperdício que ofusca a dignidade mais ampla. Alguém da minha família, já não me lembro quem ou quais, fez-me a gentileza formativa de impelir, pequeno e aos soluços, no espelho de parede inteira, porta de banheiro oculta no disfarce do armário, lugar protegido no perfume solitário da infância; eu no quarto da madrinha, e os fantasmas que me respondiam com leves pancadas na estrutura da cama enorme; assim acompanhado, aprendi que chorar é precioso e seletivo. Não é gratuito, embora abundante. Não tem reservas, quando se tratar das partidas. Um fadinho, como você chamava. No restaurante português, portas abertas e mesas reservadas. Homens soberbos em suas malícias, ao ar livre para brilhos recuados. Não era Bairro Alto, não era Alfama. Onde ficou o Panteão lisboeta? Murmúrios. O barulho das pessoas impediu minha escrita, minha escuta, meus sentimentos. As guitarras substituídas por DVDs para karaokê. Computador do alé'mar. Sua Graça, o Conde de sapatos com fivelas alentejanas estava longe. Choriço mouro servido, iguarias do Tejo. Um desgarrado de Lisboa cantou sem convidar a loucura. O proprietário cumprimenta com um aperto enrugado e úmido. Ser-e-não-ser. Conversas, e não cartas. São conversas, e não é com você. No máximo dos enunciados, queriam controlar os seus afetos melancólicos à força da regulação químico-psiquiátrica. Eu não pergunto exatamente quando irá voltar, e não desejo que você retorne para essa vida. Não sou cruel. Embora mais soturno, com os dias nauseantes. Não volta, por favor. E não fica por aqui, mesmo que seja saudade, ainda que de visita. Tenho diálogos

entre as mesas e seus visitantes. Ninguém, por aqui, escutava a súplica - porque haveriam de aceitar as condições do teu silêncio partido? Morrer não foi um castigo. Não queria dizer isso, nem acho que você queira escutar. Pode ter sido repentino. Seus textos desejavam um porto. Meio desesperado, ainda. Desculpe. Só me diz quando posso ir! Nada dos parentes e de ancestrais. Nem de promessas, anjos ou coisa nenhuma. Entre delicadezas, risos, olhares, cervejas e aprovações, eu tento. Tento. Meus olhos distantes, mas não há oposição explícita. Talvez opressor, para uns que não pudessem envenenar-se das consequências na sua partida. Já não é propriamente doloroso. Raspado ao fundo, apenas sombrio; e frio. Papéis, líquidos e ter que voltar. Esperam que condições surjam para o menor absurdo tolerável. Mas fora daqui, nem respostas haveria. Escrever e pintar, com alguma facilidade ou habilidade para as linhas, não quer dizer superação de experiência nenhuma - pode ser engolfante, aprisionador. Qualquer uma delas, causando (novas) bolhas no sapato. Não se propõe diversidade, é a cor, o lilás de uma valsa em Budapeste. Não é única, mas uma, e uma outra, e uma seguinte. Uma, e são todas essa mesma coisa. Não mudam a tonalidade dos lábios. O tal do rompido e do truncado. O tal do lilás em tranças, mesmo que temporárias: o máximo, de uma resposta. Cor de flores no muro. Fora disso, há cartas... Nem cadernos artesanais, são cartas. As cartas das congregações e dos claustros. Onde tudo é muito introspectivo, é muito sufocante. São cartas-noite. "If you don't admire something, if you don't love it, you have no reason to write a word about it" (monsieur Deleuze). São cartas fora de qualquer cartografia. Entre o sossego dos celulares. São cartas fora da jurisdição da narrativa. Entre o silêncio dos documentos. São anti-cartas disso que pode, em mim, falar, viver, até ministrar aulas e palestras. Onde músculos não podem carregar nada, nada a mais: possuídos, fartados dessa mesma plataforma operando. Fraturados de uma personificação da morte... Fraturados. Ejetados. Medo da carta para o seu aniversário: 12 de novembro? Medo de escrever até lá. Deixa-me contar algo mais, parece uma estória - dessas outras coisas que tenho vivido e aprendido. Parágrafos e fotografias, arrancados de outro caderno com franjas e sombras...

"Denn das Schöne ist nichts als des Schrecklichen Anfang (...)" (Rilke). É difícil compartilhar sensações a propósito de um "contexto estético" ou de um "trabalho de arte", sem recair na pretensão de decifrá-lo como objeto da técnica/análise, ou de converter os parágrafos na amplificação possível de um momento biográfico, singular e vivido dos atores/atuadores. São as impressões que eu trago, mais do que referências ou sugestões - um registro

das travessias com as quais minha sensibilidade deparou-se. Escrevo com o objetivo pessoal, por dizer mínimo que seja, de avançar mais no que sinto. Quis reconhecer os afetos que acompanham minha sombra desde que assisti "corpornô", ao tomar como pretexto o movimento pã-reflexivo de investigar assombros gélidos nos meus olhos. Por conseguinte, ainda no meu corpo, encontra-se esse bloco de tormenta, no sentido de simbolizações que não se completam - e que, portanto, não sei lidar, não sei como assimilar, não sei qual narrativa atribuir, ou como relacionar-me. Já na constatação desse aspecto, um dispositivo da arte satisfaz algo dos seus compromissos éticos, enquanto proposta de "deslocamento" e/ou "desalojamento" para os quadros de afetações modulados na cultura. Até onde acompanho os trabalhos anteriores da Cia Dita ("De-vir", "L'après Midi d'un Fauller"), a sagacidade para tensionar o óbvio tem sido um desdobramento firmado nas suas obras. Reconhecer, portanto, nas esferas dessa matéria energética transacionada com a sua arte, blocos ainda não esculpidos para mim, sem figuras e sem propósitos antecipados, já se constitui como uma reivindicação súbita e talvez asfixiante, derivada nos confrontos entre a diferença fecunda e o imobilismo habitual. Uma observação de liberdade promissora. Daí, quem sabe, também emerge o meu esforço de procurar e conectar palavras, nesse final de tarde, de um expediente sórdido e qualquer. Vou caminhar pelo óbvio das minhas posições, escavando a frente, queira a sorte presentear-me, o mais sutil e vertiginoso desse processo - dimensões que nesse momento, a digitação desconhece qual seja a orientação ou o conteúdo a ser tratado. Fui testemunha de um projeto ambicioso com muita-intimidade e boa dose de coragem entre todos os corpos dispostos: cheios de força, de capacidade de ação e de transformação, disponibilidade para acolher e padecer com as exigências dirigidas para si (esgotamento e dor são aspectos iniciais nessa relação com os demais pares e as expectativas da cena) etc. Percebi como os arquitetos de um "cosmos" bem particular, vultos dantescos que martelam o espaço abstrato: delimitam o vazio com a textura do suor, ocupam-no na mistura dos seus cheiros, com os ruídos das transpirações misturadas, com o volume intangível que se adensa na convergência dos modos plurais de concentração... da terra-palco molhada, uma vida surge! Enfatizo, desde já, essa percepção de um "cosmos" facilitado (e, portanto, de um tipo de ordem, de código, de transação, do que não adentra...), e não apenas uma zona de indeterminação, de experimentação avulsa e inaugural. Observei, não sem surpresa, uma equipe de construção, em zona de labor e de riscos, invejavelmente entrosada nos termos de cuidado e de confiança mútuas. Não acho que seja uma família, ou tipo confidentes. Todavia, nesse canteiro de obras nuas, pouco

sobra, de fato, como espaço de pertença terceira, para um estrangeiro nesse universo de fôlegos, de suspiros e de cumplicidades tão zelosas. Não acho que seja possível interferir nesse laço especial - talvez residualmente, como sobejo, como demonstração generosa de uma forma de convivência alcançada por esses poucos. Mais do que o exibido dramaturgicamente, se houver absorção erótica nesses tempos conturbados de lutas e de pistas, sua incidência recai ferozmente nos segundos em que os corpos já não precisam de marcação em cena - quando se deixam quedar no abismo que é a alma desse outro imediato e pactuado! O calor da sala pode intensificar seus gestos, mas não é dali que nutrem sua exposição (silêncio...). Eu quis, e confesso de público aos deuses, apenas dois ou três segundos dessa gratuidade pós-sinopse, quis bem mais do que a felação, a conspurcação, a depravação, a perdição. Talvez, com cena e corpos protegidos de tantos estímulos (ou possibilidades de flutuação/dissipação), só consegui "ouvir" esse meu suave-e-insolvente "querer" na medida em que o sentir-neles permanecia, que não era desviado para outro lugar ou ruído: estávamos ali, nós todos, plateia, diante dos corpos que, muito secretamente, além da exaltação e do exhibir, eram de profunda candura uns com os outros - não sei como sinalizar mais adequadamente no texto, porém quase tenho a sensação que duas peças aconteciam, em paralelo. No mundo visível e sensível, a primeira dramaturgia evocava a captura térmica da pele e do calor; no outro mundo, que explodia nos perímetros do silêncio, de silêncio expansivo em volta da cadeira, nas voltas da bicicleta, por exemplo, intui-se algo quase tangível de um sonho, de um amor, de cantos de boca, de olhos fechados, do ritmo nos beijos, de apaixonante entre os espíritos dos atores. Vendo a primeira camada, toda a agitação do meu corpo rebelava-se com a provocação velada da segunda, de um mundo mágico para os dias tão escassos, de música baixa permanente (e que irrompe, alteia-se, quando os corpos fitam), de gestos invisíveis e tão agradáveis no plano ocultado. Nessa relação que Rilke sugere acima, do belo como prenúncio ao terror, figurinos, poltrona, cigarro, purpurina/gliter, bicicleta, colares e brincos, música francesa, quase me produzem a sensação de algo romântico, entre um filme e um ballet. Não é sexo banal, não é pornografia suja. Com fumaça e iluminação posicionadas, estivemos diante - fisicamente bem próximos, e, eventualmente, em contato direto - dos tais corpos nus. É curioso porque, em um sentido, esse explícito e tão vizinho de um corpo desconhecido consegue ainda se resguardar como um "mistério" - acho que, nesse crivo inicial, a fantasia do pornográfico já não se revela, já se torna incompatível, porquanto não se oferta completamente ao alcance vulgar e desprezioso! Não me deixa querer a

ponto de acreditar no possuir. Mesmo quando os olhos, dos tais atores-bailarianos, dialogam sentimentos e possibilidades de "comunicação" entre plateia, fundo musical e ocupação física do espaço, a sensação é que sou parte, mas não tenho acesso irrestrito: não posso investir por curiosidade banal, não posso avançar e querer uma "fusão" (emocional, que seja; sexual, impensável) de alguma ordem arbitrária. Imagino, oportunamente, o lugar de uma pedagogia da frustração - bem mais complexa nas suas consequências do que, simplesmente, um espelho de vidro hipotético que me impede/protege do espectro para os contatos (do toque, passando pela boca, até a violência ou o gozo direto sobre o outro), entre quem dançaria para excitar e quem visualmente consome um serviço pornográfico. Nesse quadro das ruas baratas ou de luxo, há uma sensação (quimérica) de poder e de "muito" (do tal irrestrito), ilusoriamente de um "quase tudo" ser permitido ou exercido mediante a "compra"; na peça, talvez, prevaleça outra dimensão do "querer", qual seja uma poética do inalcançável, justamente porque não tenho acesso a quase nada daqueles corpos à minha frente, corpos em seus unguentos de invisibilidade para alguma pessoaidade mesmo que reduzida ao tempo: explícitos e concomitantemente inefáveis, como o próprio sexo seria encar(n)ado, se não estivéssemos constantemente em delírio de posse, de controle e de interpretação, se não houvesse a pretensão vazia de coincidência entre o que somos e onde estamos, de um lado, e onde o tremor é causado na pulsão sem identidade. De todo modo, ainda que reservados da minha cobiça delinquente, talvez por isso mesmo eu queira disputa-los, em um espaço forjado de sedução: pouco e disfarçadamente, nós, plateia, queremos propor mais. Quais são as minhas armas fora do palco de linóleo e das luzes? Consigo abduzi-los a partir das sombras que não me comunicam? Fiquei pensando que, talvez em vitrines específicas, a configuração dos manequins poderia deixar escorrer algo nas convicções do que/quem está por trás, em termos de valores, condutas, ideologias etc. Os corpos estão nus ou travestidos do nada? Retirar tudo é também uma forma de proteger, de esconder dos meus olhos. Nessa peça-dança havia menos do possível-tocar, em corpos vestidos de figurinos nus ou túnicas do sem-profundo: cores impenetráveis, cores que refratam a penetração! Quando eu via o reduto de cor na cueca minúscula de um garoto, nunca, para mim, foi tão felina a materialidade do pressuposto: estão ali encerradas todas as cores, menos o vermelho! As cavas nunca significaram mais da ausência, uma necessidade de pedir mais roupa e não menos. De manter, e não arrancar os detalhes. De garantir a cueca como um mínimo antes que se despedisse em beleza suspensa. Menos do que você supõe ou suporta não-enxergar! É uma sala escura. Os segredos

dele não eram para mim. Menos da cor, menos do que você apreende dele... Seriam corpos em falta, produtores de mais abandono, declarados corruptores de qualquer anseio de completude? Embora haja, sim, a solicitada exibição farta que uma boa-foda sugere (geralmente, saciação ou aumento de vocabulário dito sexual), é muito razoável também considerar outros significados (menos explícitos), por exemplo, dessa introspecção deliberada que antecede o vigor másculo, isso que se perdendo do contato é o que alhures resguarda uma dimensão emocional dos se lançam ao sacrifício. Os olhos dos homens enlaçam-me com certo abandono! Em outras palavras, corpos habitados por personalidades quase tímidas, quase silenciosas, quase melancólicas que não surgem, que não se contaminam. Haveria a fome do "porn" quando esses olhos ganham o precipício da alteridade extra-cena? Não, os corpos não estão cansados. Mas nas três exposições que participei (julho e setembro), atores não retornam ao final da apresentação... Um tipo de rara combinação entre opções de excentricidade estética, com uma mirada forte para o silêncio interior, de qualquer coisa contemplativa ou conscienciosa - nada pacificado, nada latente, embora não esteja gratuito, permissivo. Importante sublinhar que tanto a introspecção como a melancolia, quando for o caso, também consomem, corroem, enlouquecem o desejo alheio com suas propriedades incomuns! Não é carência de investimento. Eles dançam, e parecem que se dirigem à imaterialidade das minhas dobras, não propriamente aos meus olhos. Estamos, assim, submetidos a um universo que é das intensidades e das madrugadas; mas a posição concebida de "plateia" não se confunde àquela, por exemplo, que circunda o go-go boy (mesmo quando um dos dançarinos, na peça, sobe agilmente na torre de metal do teatro), não é também aquele ângulo que se contorce, fascinado para acompanhar os músculos e as suas curvas em jaulas humanas elevadas, e, menos ainda, se aproxima do lugar de precária interação com os vídeos/streams sexuais em transmissão digital. Pende, ao meu ver, para um clamor do sequestro literário (especialmente, em cenas fortes do casal e do garoto aos pés, das vestimentas, acessórios, saltos, do brilho inesperado...), mais do que uma insinuação erótica deflagrada; e dista, completamente, do consumo pornográfico. Uma poesia visual-somática que, paradoxalmente à classificação geral e rudimentar que se banaliza em movimentos preci(o)sos, também não se pretende efetivamente violenta! O cenário é de emotividades bastante plurais que não produzem um dark momentum, ou um conjunto circunstanciado de dor ou de medo perenizados. Digo paradoxalmente porque, em outro sentido distanciado, nessa peça-dança não faltam gritinhos, gemidos, urros fortes, murmúrios, sussurros, colisões, fricções, estalos, tapas nos/entre corpos, pulos, balançados e solavancos. Para mim,

de modo especial, ainda resistindo nessa ambiguidade quase trágica, o ápice é anunciado com a primeira bofetada (!), com tanto gosto (!) e submissão, gozo e espraçamento gostoso, quase um escarro ou um jato, uma surra de pau na cara de um homem que será beijado tenramente, enquanto rola sobre o seu corpo o desconforto de ossos, músculos e carnes... Há dor, sim, imposta, colateral e intencionalmente. Há dor em repertório diversificado. Mas não há sangue. Não me refiro às cores rubras, quistas hipoteticamente como visíveis: a cena toda é muito limpa. Não sinto cheiro de crack, de heroína, de doces e balas, nem das bebidas comerciais... As mãos, e partes específicas nos corpos dos atores podem lubrificar-se. E apenas isso, de concessões. Uma parcela da coragem nos atores inclui esse manejo sofisticado do corpo que pretende esgotar antes a empatia do convidado (diante de tamanhas façanhas) do que sua potência de não recusar o impensável na exploração do roteiro. Não há muito espaço para sentir-se rasgado ou agredido, ou contundido. Abusado, sim. De várias formas, e muitas vezes. Mas não é uma peça de brutalidade. A violência do fisting, por exemplo, deveria superar os corpos e seus atos em si caso pretendesse constituir a imagética popularizada; incrivelmente, a falta de ar numa cabeça envolta na sacola do pão não é suficiente para "aterrorizar" essa experiência que, potencialmente desconhecida de alguns ou de muitos, inaugura um ritmo quase wave dessa peça. Eu diria, como alguém já observou, "uma noite linda, quente e cheia de tesão". Talvez menos ingênuo! Talvez menos complacente diante dos corpos politicamente silenciados - ou já identificados - com a exploração contumaz pelo outro, consentida ou não. Não chega a ser radical (gutural...), mas a peça já transborda com muito do que o horizonte médio não consentiria! Pedagógico, novamente. Instrui, sem deformar, a polifonia dos movimentos, dos laços, a fragilidade das nossas convicções bobas. Alguém, ainda, concluiria que é uma oportunidade de capturar e revelar algo do vivido-como-oculto, de humanizar-se com sensações imperceptíveis ou desconhecidas na mecânica do comum - uma nota estética, portanto, que recorta o efêmero, evidencia, ecoa, convida para além das bundas. Há um intenso gingado dos corpos, memorável no conjunto dos balanços entre quadris, corpos raspados e com pelos, silhuetas e músculos, porções flácidas em movimentos diversos (peitos femininos e pênis masculinos, assim pêndulos, abandonados - avermelhados, mordiscados...). Não menos enigmático, impõe-se o clamor da excitação feminina, oculta em vaginas com seus pelos - vislumbradas por trás e de frente, percorridas com lábios e mistérios, ou roçadas por barbas, cavanhaques, cabelos, corpos parcialmente depilados. Não é uma peça de pênis, pau e piroca. Definitivamente, o macho não está no centro.

Esses corpos estão visivelmente entregues e buscam-se entre si. Cena incrivelmente bela dos garotos que se procuram... que tosse, que se penetram pela garganta invadida por dedos céleres, que expõem a si, entre si, que se exaurem a si... e, efetivamente, entre giros tão bruscos, não sei se podem complementar-se! Corpos de homens em ataques mútuos, garotos cegos na impossibilidade de encontrar-se, mesmo/apesar ou por causa de (tanto) tato. E qual será o preço no acúmulo de tantas impossibilidades? O registro, no corpo, de sucessivas aquisições, não passa emocionalmente impune. É um testemunho? Será uma apresentação ou um ensaio da agonia? Há cansaço e há sorrisos para eles. Fúria? Cena despida, uma cena de um "adeus"... aos corpos dos garotos que estão chegando! Um contínuo "adeus" de chegadas, uma chegada que não se a/efetiva... Estou, também, nessa imagem, participo das cenas, sou coadjuvante em algum aspecto. Não consigo propor nada, não me sinto autorizado a levantar e suspender a dor, não considero que posso antecipar as mãos quando alguém está na minha direção, ou na direção dos meus olhos. Um tipo de mídia em via única, na medida em que respondo e acompanho... ou observo, mas não sou o voyeur camuflado - porque eles me caçam, sabem onde estou como plateia! Eles escolhem, não eu. Escolhem sair de si, escolhem vir sem levar a si. No mais das vezes, eu não interfiro diretamente como expectador. Não sei em que medida, na cena final, os corpos dos expectadores hesitam em produzir dor na atriz-bailarina, ou se não há percepção de autorização para liberar toda a "violência" represada - embora convocada - nesse trabalho. A casa não é minha, é o mundo deles que me convidam para um sofazinho (só-faz)! Não sei se me tocam de verdade, não sei se me excitam de verdade, não sei se me invadem de verdade, ou se me expõem ou me constroem. Não sei se poderíamos morrer, enfeitados um com o outro. Poderiam manter o controle sobre os seus corpos e solicitar algo, mas não sei se querem efetivamente os nossos corpos, se precisam da plateia... para qualquer coisa. É feito como algo que tomássemos conhecimento - seja como denúncia terceira, como alçapão súbito e desconhecido a respeito de quem também somos. Mas o sexo proposto não era conosco exatamente (quem somos para eles?), oscila entre memória e circuito imediato de afago. Explodem, consigo mesmos. Os corpos em pé, vibrando... explodindo... Os corpos deitados, vibrando... explodindo... Há quem disse "imoral", eu celebraria o despudor, a malícia com outros gestos, ou um giro no que significa excitação... Um lugar de visita naquele sofá de meia luz, ou, no melhor dos dias, nas almofadas próximas ao chão. Novamente, a função pedagógica - a frustração que impõe a desnecessária-existência do outro. Impedindo-me de estar com todas as minhas necessidades, seus corpos estão protegidos à violência apossada entre eles (travestida,

porque não é a agressão que poderíamos imaginar). Espaço constituído da violência não-brutal, da violência acordada (com a qual e) que se move... Dilatados, ou rasgados quando saem do teatro? Espantado, eu, de ainda saírem vivos, de suportarem a construção mesma das cenas - e da plateia suportar não cotizar sua dose de absurdo sobre os títeres do cotidiano? O encerramento foi uma tentativa dessa audiência assumir seu lado na política da dor, mais do que se satisfazer como massa indiferente; explicitar, em si mesma e para os outros, seu gesto concreto de atrocidade. Façam! Há muitos buracos, orifícios, cavidades invisíveis, ausências imperceptíveis... corpos esvaziados, embora não mecânicos! Espaços que solicitam gestos/restos quentes, embora líquidos. Música e cheiros nesse momento. Há como falar de amor? Imagens indispensáveis, por certo. Amor também são corpos - partitura, sonoridade, cheiro. Um tipo de desamparo, parece-me um evocativo nessa tônica. E o desamparo força outra condição amorosa (vide psicanálise para ulterior esclarecimento). O amor não estrutura uma condução firme de respostas - daí, por exemplo, as ocasiões em que a própria carne não transfigura o desvario do que não se nomina, não se aproxima, não se captura, não se prevê, não se prende. O amor está mais para a violência que desorganiza, do que para o uso violador que machuca (vitimiza), machuca (somatiza), machuca (sintoma). Suspiros. Os aspectos específicos da dança como linguagem ficam para os comentários dos experientes. Meu olhar recai sobre a alma... alma encarnada.

Enquanto vivo, escrevo essas coisas por aqui, desses textos que você não iria gostar de percorrer, mas que me pede a chance de tomar conhecimento. Eu quero uma foto sua, sem as tantas roupas. Seja generoso. Peço vezes e vezes, uma única imagem. Se as garotas na escola de belas artes usufruem do seu modelo nu na pintura, porque não tenho o privilégio de escrever sobre o corpo que me alucina? É assim que os textos vão surgindo enquanto cartas, desse universo afetivo que eu percebo e que me organiza de alguma forma. Há tanto que escapa das letras por aqui. Qual será o futuro das nossas cartas, em quais os leitões irão repousar como rubrica de um tempo que assinou: presente eu fui. Nesse pacto sagrado entre os carteadores, quem nos lê, quem nos viola? Quais as consequências mais radicais para um amor a ser profanado? Poderíamos já imaginar algo, para deixar a possibilidade aberta... franquear a conspiração, ou o sacrilégio dos propósitos - lições do italiano Agamben. Sabes, de toda forma, que escrevo sob a convocatória da maior urgência: o papel como sufrágio, o papel como signo de um poder constituinte! Caso queira comentar ou criticar, sirva-se para o seu duelo habitual. Apesar de canalha, já antecipo que é o vencedor nesse encontro de bosques

matinais. Eu sou aquele que se rende ao escuro. Eu sou menor, contra o majoritário da sua arte iluminista. Estou do lado fraco da força: sou anômalo, sou anônimo, sou vândalo, eu não sou poeta. Isso é mais baixo, da baixaria mesmo! Responda, ainda que a contragosto! Nossos vícios de representação não conseguem antecipar a transação possível entre as nossas palavras. Veja as suas preocupações (infundadas, para mim), depois confronte às percepções inesperado de um leitor com suas percepções avulsas e despreziosas:

"Menino André,

Peço que leia meu texto com algum carinho, acho que descobri o motivo de não ter gostado dele: ele está pouco sistêmico para mim, como bem pós-moderno (acho que por isso você gostou). Você me pediu uma provocação, talvez ela seja fraca em alguns pontos, talvez ácida noutros, mas fiz o que consegui e o que pude. Não quis te dar um texto velho antigo, por mais que você me reclamasse um Piva, não conseguiria fazer nem perto das cinco páginas que fiz, não iria conseguir nem Fenomenologia, sequer uma crítica ao Humanismo ali, já que desconfio da Fenomenologia e desacredito do Humanismo.

Usei algumas coisas de nossas conversas, uma vez que você é meu interlocutor imediato. Espero que não me acuse de transgredir suas ideias, usei-as como entendi, como as li, como fizeram circular meus fantasmas. Tencionei uma resposta, à altura, embora tenha aberto mão de todo o rigor acadêmico que tanto elogio, talvez por medo de não ser entendido, talvez porque falar no mesmo idioma, na linguagem pós-moderna, seja um facilitador, dê acesso a relação...

Não sei, me diz o que acha, vais escrever uma resposta a partir disso, como fará? Tô curioso... tô meio ansioso aqui pelo seu parecer, já que não é algo que eu faço, eu não escrevo assim, pouco analítico e muito digressivo. ain....

socorro, diz alguma coisa...  
como vai ser este livro?  
chance de eu apanhar bastante?

beeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeeibe...

bom, espero resposta assim que possível  
abraços do ev.

ps. desde a meia-noite escrevendo, terminei exatamente agora, então, ainda não revisei. sê bonzinho com isso. mas

avalia o que eu disse com maldade... aliás, sendo vc humanista e estando eu certo, isto faria de ti, de acordo com meu texto, um perverso... então... risos.

tô no aguardo."

Hoje, imagino que para a nossa surpresa mútua, recebi um comentário, por inbox, de um leitor atento que percorreu o último dos nossos diálogos, o capítulo que foi publicado em co-autoria. Olha o feedback compartilhado, com as provocações do Deleuze a frente dos seus olhos: "(...) experimentamos uma linguagem que fala antes das palavras, gestos que se elaboram antes dos corpos organizados, máscaras antes das faces, espectros e fantasmas antes dos personagens, todo o aparelho da repetição como 'potência terrível'" (Diferença e Repetição).

"Prezado,

Agora que me prestei a ler teus textos no Humanismo Vital. Realmente muito divertido. Mas muito sério. Concordo e discordo, de vc e do Brèal.

Sabes bem que não estou nem em um, nem em outro: ...'registro delirante', 'pós-vida', 'sopa de letrinhas'. Kkkkkkkkkkkkkk!

#rindoaltonamadrugada

Deve ser o que ele diz mesmo! Porque nem sei imaginar ao certo o que é meu riso agora. Ele chamaria de um 'chiste delirante'. Nenhum seriado da TV não teria me divertido tanto.

#respirando

Acho que a grande novidade que tu trás não é o 'estar no abismo' que postula. Mas, sim, onde tu põe o Brèal (o sujeito) com a tua presença. Ele se desloca para uma 'instalação' que está além do abismo e da localidade. Tudo por um momento. Como a 'instalação' é insuportável, ambos logo voltam para os seus lugares. Dá para dizer que se 'ralaram' e se relacionaram. Um encontro lindo. Difícil de se repetir.

Que interlocutor foi esse que tu arranjou, ein?

Um mestre da linguagem. Capaz de ir às bordas dela com toda autoridade... de quem pode sair brevemente do terreno, e voltar.

Palmas para vcs!!! Tu não se apaixonou por ele no meio disso tudo não? Senti a luta, mas também a luta contra essa luta. Parece que vocês se alternam entre o amor e o ódio - que é, na verdade, como se descreve o amor. Talvez seja bonito porque vocês se amavam. Acredito que a morte e o amor fez a ti (representante deste grupo pós-moderno) não somente guerrear com o Bréal (representante da sociedade do sujeito)... Houve a guerra, mas tb o diálogo. Eu mesmo senti isso contigo, quando fomos a Maddonina - mas com o Bréal ficou mais intenso. Sei nem dizer se foi 'diálogo', mas um contato... Que tem ares de rela e relação. Mas no momento do tal 'diálogo', parece que vcs não estão, nem mesmo na opinião de vocês, mas dentro de um "E" da empatia.

Bréal E André... André E Bréal... Sousa & Sousa que me fez lembrar de Hamlet: honrar o pai ou abandoná-lo, traí-lo ou espantar o fantasma? Posso abraçar o tio, ou se quer raspar/ralar nele? Eu consigo de fato? Onde Hamlet estava no momento do conflito? Não acho que foi só para teu gozo que ele escreveu. Ele deve ter gozado com isso tb. O Sujeito goza no Bios. De todo modo, é outro Hamlet capaz de beijar o traidor no meio do conflito... Não sei o quanto, mas no texto ele praticamente disse que te amava: 'Acabei te fornecendo aqui meu-corpo-de-letra', citação dele. Um 'corpo-de-letra': que termo é esse, ein? A angústia ao se escrever isso, o aperto na boca do estômago. Sinto isso. Será que ele sentiu? 'É assumo minha castração (que você tem medo e também não entende)'. É a dor do amor que ele teve por ti?!

Caí no colo desse texto na madrugada. Só estou aqui conversando pq realmente gostei. Do conjunto do diálogo. Me tocou. Foi importante conceitualmente, mas, de alguma forma, me confortou nesse momento. Me divertiu, me emocionou, me localizou no nada, (ironicamente) tb me deu esperança. Questionei ambos, o nada e a esperança. Quem sou eu, André?! Parto do nada ao tudo todos os dias, às vezes várias ao dia. Comungo contigo nesse sentido. E nessa hora me dá até raiva do Bréal. Mas, de fato, ainda compro pão, quero ter uma filha, eu sofro...

Saudade de ti. Sei lá...  
R. Hitzschky."

Depois do necessário silêncio, um pequeno manuscrito, onde estive mais dócil. "Uma tarde é suficiente para ficar

louco" - do senhor R. Piva, de quem você melhor conhece as intenções. Despeço-me com o seu Racine, e a memória do século XVII que lhe agrada... entenda como uma pequena delicadeza para que você leve adiante essa colaboração.

"Seigneur,  
de sa place royal,  
le très humble,  
tres obéissant,  
et très fidele  
serviteur"

Eu, teu.





**Fortaleza, 31.10.13**

Cher Monsieur,

**Ev. BRÉAL**

Caixa Postal 9012

Desterro (vulgo Florianópolis)

Santa Catarina

88.010-973

Garoto, Bréal. Ainda não consegui descansar. Continuo procurando os seus olhos no mundo. O correio devolveu uma das suas cartas, por favor, me corrige o endereço. Dentro do novo envelope, vou colocar o anterior que não abri, com os selos carimbados dessa estação - talvez você goste das imagens, para o seu arquivo de muitos anos. Acho que, na pressa, ou no susto - distraído, ou imprudente; destruído, ou impulsivo... errei no destinatário, errei no destino. Voltei da nossa dança há pouco, nessa sexta-feira. Comi algo no caminho, até para conseguir vir para casa. Estava do outro lado da cidade. Tudo bem que os outros não entendam o que acontece. Aos poucos a febre dos meus ossos está absorvendo porções soltas da sua alma, em metamorfose de outra criatura que nos tornamos, juntos. Un-Dead, Anti-Morto. Des-Morto, ou Des-Fundo. Carpir a existência, e não esculpir a experiência; nem inexistência, nem desistência: anti-existir, corpo de morto; que não sente a dor nas quedas? Que não chora? Dançar. Apesar de qualquer dor. Meu rosto arde como do sol, ainda sinto o calor dos músculos... Não havia passado e futuro, não houve presente. Não havia também corpo, nem presença. É a segunda vez que estou sob os olhos de um público maior, desconsiderando trabalhos em congressos, oficinas e improvisações na casa de amigos. Era o encerramento do Festival de Cultura Japonesa, na Universidade Estadual. Uma apresentação cultural onde foi possível uma cena de Butô. Da outra vez, um festival no Teatro Universitário da Federal do Ceará. A Sílvia estava próxima, e eu com um vestido branco de velha sertanista. Quantidade aproximada de pessoas, embora um público bem diferente; umas sessenta, dentro de uma pequena sala. Ambiente que recriamos, meio periferia, meio subúrbio, meio contra cultura, meio espaço alternativo... um porão, underground; o subsolo de um bar, de um cabaret, de uma prisão. Era uma sala com uma fila de carteiras nas quatro paredes, porque uma sala de aula é assim: encarceramento. Imaginário do Butô, desde Tóquio. Passantes ao submundo.

Estudantes, professores e alguns visitantes, gente que foi chegando. Ninguém especificamente da arte. Tivemos uma nota de convite também no jornal local. Um Butô de sexta-feira. O sapato que estava usando, descolou a sola. O CD que me gravaram, com três peças do erudito contemporâneo, já não lia no meu aparelho. A colega com quem dançaria não me respondeu nos dias que antecederam. Eu estava fadigado, existencial, emocional e espiritualmente. Mal estar até de escrever; e querer escrever não basta para conseguir suportar as letras relacionadas, os pensamentos. De novo, uma sensação de desmesura, de forçar a barra, como naquela tal palestra, quando ainda era o dia da sua morte porque não consegui descansar na madrugada anterior, ainda era... acho que ainda é, esse mesmo dia que não passou. O céu azul mudou, levando consigo as dalias do jardim: essa não é a condição mesma do Butô? Resolvi não desmarcar, em respeito à solicitação com um mês de antecedência. Resolvi não cancelar, não sei direito o sentimento daquela noite, enquanto considerava minha própria vulnerabilidade e solidão, possivelmente extensíveis na manhã seguinte. Eu queria dançar, de toda forma: sensações e não sentidos. "Inverta a roda do tempo, conceba-o e com ele morra, e nasça de dentro da morte dele" (David Grossman). Acordei mais cedo que meu habitual (a madrugada teve o inconveniente do cachorro incomodado, talvez chorando minha própria dor que não passa), e o dia foi longo com um suco e pão de milho amanteigado. Meio dia, um banho longo pensando no roteiro das cenas; depois, separar um figurino todo branco, roupas que não uso e com aspecto do abandono: um blusão de réveillon, camisetinha sem manga para ficar em casa, uma camisa básica para mascarar o rosto, uma calça reta, um tênis com cadarço, uma cueca e par de meias. Levei um blazer caqui que fica no carro. Na sacola, o cheiro das roupas encardidas, empoeiradas, mordidas, com as traças sacudidas. Sapatos sem brilho nem cor. Na farmácia, gel para o cabelo, três potes de 350 ml com Leite Magnésia (uma textura branca, de efeito muito peculiar enquanto seca na pele). Tomei duas caixinhas pequenas de Nescau gelado, no fim da tarde. Não comi, receoso de vomitar. Quase 18h, a Silvia ligou, pedindo que a fosse buscar. Parti, enfrentando o trânsito de quase uma hora, avenidas principais... chegamos 19h, nós dois, e fomos para uma sala de aula convencional. Um pequeno cubo, de janelas com cortina, fria e sem frechas de luz. Era apenas um lugar de apoio para os organizadores do tal evento. Decidimos que ficaríamos lá para a nossa apresentação, enquanto a última conferência encerrava-se no auditório principal, logo próximo. No chão dispostos, nossos poucos elementos cênicos: leite magnésia, o blazer e o tênis. Flores secas, pequenos ramalhetes de plástico, na cor preta. Um pedaço de tábua alta, onde a Sílvia iria equilibrar. Tesoura e uma

fita adesiva de "frágil - cuidado". Um lápis de make-up no chão, de duas pontas, vermelha e preta. Sílvia iria usar no próprio corpo, talvez eu escrevesse algo. Vela acesa, próxima a uma máscara de gás e o recipiente descartado de um projétil de gás. Meu botão exige tipos de máscaras, e você trouxe a sua, de respiração mecânica na UTI. Minha unha do polegar pegou fogo com a vela, uma dança de lesões começou. E você? Ela só vestiu a batinha e o tênis de meio cano, frouxo e desproporcional. Não havia ensaio, apenas um roteiro. Não era teatro, situação única e impossível de antecipar os efeitos. Como uma droga que não se provou antes. Não tínhamos maquiagem nenhuma. Estava de barba e garras por cortar. Luzes fechadas. Comecei deitado, me contorcendo e debatendo ao chão. Abatido era a minha condição. Tentando situar-me. Tentando suportar. Tentando lidar com a corrosão. Enquanto as pessoas chegavam à sala, havia risos de estranhamento. Acho que não demorou para que entendessem onde estavam: tornou-se medo... um território de perigo, ou de horror. Sílvia estava recostada em uma parede, com sacos plásticos nos pés e dentro da boca. Pensamos num outro saco vermelho, como que se esvaindo das suas entranhas, do útero da terra. Éramos duas energias, duas imagens para consolidar dois tempos, dois movimentos. Até para contrastar, e oferecer uma referência na destruição completa e iminente. Ela movia-se como espírito da árvore e da floresta, ardendo na queimada e na derrubada. O cabo que derruba é também a madeira: esse é um tempo de dor mais ambíguo, mais longo, das revoadas, dos bichos abandonando e até rastejando. Do caranguejo, tão pequeno e desesperado, no meio fio. Tenebrosamente deslocado. Pode ser esmagado, instantaneamente. Esmagado. Esmagado. Esmagado. Esmagado. Dos saguis saltando para outras árvores. Dos pássaros gritando, mais do que os cachorros. Das cores imediatamente tornando-se outras nos bichos que se protegem. Esmagado. Arrancado. Raízes expostas. Peixe debatendo-se fora da água, a dor que produz o salto, mais dor até a lama que não será córrego. É outro tipo de sensação e de violência. Terra escavada. Esmagado. Esmagado. O caranguejo é pequeno no camburão, levado para a 2ª DP. De lá, vai para uma cela de metal. Quente. Quentura. Morte. Esmagado no calor. Essa sensação das árvores é mais lenta, mais compacta na energia, menos espaço de deslocamentos. Impossível de falar, de mover-se longe. Eu era apenas um desses homens, um desses sonhos pisoteados, solapados. Do chão, golpeado, atordoado. Lento de ardor, de gás, e progressivamente, tomado com os golpes de morte arremessados. Da colisão física e brutal, das viaturas e dos tratores, dos escudos e cassetetes. Eu não conseguia ver ninguém. O gás vai entrando. Interrompe a voz, a fala. As narinas, os olhos. A pele vai urdindo. Cortada na superfície, no volume horizontal que se dilui para dentro

dos poros. Arrancando a pele, imediatamente. Despelando, com os restos de camadas expostas. Couro pendurado. Explodindo, de dentro para fora. O leite de magnésia queima fundo nessa carne viva. Chamas onde se afoga. A água gelada queima. Não há tempo para isso acabar. Roupas brancas, peles brancas do leite magnésia. Não havia ninguém nos meus olhos, no meu desejo. Não há dor. Queda e cair, perturbar e cair, rastejar e cair e colidir, gritar e cair e arranhar, ferir e deslizar, cair e unhas... Não há medo. Não há restrição. Não há nenhum impedimento. Há pura vida para viver? Há fome de espaço. Para viver tudo. De mais espaço. Apertar-se, e aumentar a radiação. Cabelo por arrancar, quebrar. Desmanchar o helenismo, mesmo sob pancada: não é arrancar as unhas, é ferir as paredes do estômago; não é cortar as unhas, é desafiar a tesoura cega... Porta aberta, gritos pelo corredor, invadir o espaço com luzes... Correr feroz com os sons, uivos, grunidos. Esquecer da temperatura, da música e até de enxergar. Produzir uma ética na convulsão da vida, do avesso, do emborcado. Cuidado-frágil, fita de segurança, pedaços de interdição nas vozes. Entrega das folhas mortas para o marejado que acolhe os restos, as sobras, as cinzas, as dobras. A delicadeza de todos os lixinhos recolhidos nos bolsos, memórias estraçalhadas nas roupas para lavar do Acampamento. A perplexidade, de lambar o chão sagrado e um bicho homem da platéia. Os vestígios, duas vezes, arrancada nos tratores. Arrastadas. Ética da fúria intransferível, uma luta indomesticável. Morder para infeccionar a carne, intoxicar esse automático de uma morte irretratável e irretroagível. Não há como voltar! E não há como ficar: não há lugar para ficar. Reminiscências existenciais: "Let people who do not know what to do with themselves in this life, but fritter away their time reading magazines and watching television, hope for eternal life (...) The life I want is a life I could not endure in eternity. It is a life of love and intensity, suffering and creation, that makes life worth while and death welcome. There is no other life I should prefer. Neither should I like not to die." - Walter Kaufmann, o filósofo alemão ([The Faith of a Heretic](#), p. 386). Não me interessava ninguém exatamente. Por vinte minutos na espera, e durante os minutos iniciais, eu tinha um mantra de invocação arcana... emergiu, dias depois da sua morte, com o interromper de um sonho, frase já feita nos outros planos: "há extintores por todos os lugares, menos no meu coração". No dia que eu senti os versos, imaginei como uma frase de amor, no contexto de uma declaração de afeto. Ontem, desde a preparação, o som das letras retornou com o figurino e a música. Era a mesma frase, sempre foi a mesma. Era o mesmo espírito de amor, e depois das cartas que te escrevi (das cartas que te lancei, que te joguei - tarô), acho que se tornou mais claro.

Descobri meu coração em chamas, não era cólera e já não era desespero... É o momento em que você fechou a porta, e não iria sair. Morrer é abraçar o fogo. "(...) senhor director, escrevia, eu não sou a Morte, sou simplesmente morte, a Morte é uma cousa que aos senhores nem por sombras lhes pode passar pela cabeça o que seja, vossemecês, os seres humanos, só conhecem, tome nota o gramático de que eu também saberia pôr vós, os seres humanos, só conheceis esta pequena morte quotidiana que eu sou, esta que até mesmo nos piores desastres é incapaz de impedir que a vida continue, um dia virão a saber o que é a Morte com letra grande (...)" - José Saramago, "As Intermittências da Morte" (2005). Fechou por dentro, e está abraçado com o fogo para consumir tudo que está dentro. Estou do lado de dentro com você. A minha casa está em chamas... como uma guerra, um ataque, um incêndio qualquer: falta de ar! É assim, um ataque de asma, uma pneumonia, uma parada respiratória? Essa era a minha violência, essa era também a minha dor. Ódio, odores, ó-dores. Não havia o que fazer, não havia extintores. "(...) For who today hungers for clarity as if darkness did not send out its own special light, perhaps a solar storm of another order? (...)" - Avital Ronell (The test drive, p. 17). As moradas da alma, em seus cômodos, em chamas do mais aparente ao mais oculto, silente, secreto. Perdemos a disputa contra a máquina de guerra dos governos, das polícias. A Presidenta não expôs nota pública sobre a violência que nós, os manifestantes, sofremos todas as vezes que encontramos as ruas. Ontem, um Coronel policial foi agredido no Rio de Janeiro, e a Presidenta fala de manutenção da Ordem. Posição imediata que o Liberalismo do sistema financeiro internacional exige. República da Direita, a República mascarada de esquerdinha fajuta. Agredidos, rendidos. Tombados, cansados. É o que se percebe desde o final do semestre passado, durante as manifestações contra a Copa, confrontos ao Estado Democrático já absorvido pelo Capitalismo. Vamos sonhar? Anarquia, Simbiocracia? Resistir, reconhecendo que estamos vencidos nesse pacto. Sobreviver na violência do dia e nas perseguições das madrugadas. Não estamos lutando pela Democracia. Estamos só não morrendo. Não morrendo de um todo. Perdoa-me quando chorar por aqui, é que estou escutando Cauby, e nesses dias agitados, eu quase não choro. Deixou de ser apenas saudade, e vai ganhando a constatação, a condição de marco. Dentro do incêndio, não há espaço de lágrimas, não é? É outra configuração: gemidos, urros, contrações..., o cheiro das gorduras pingando no chão quente. Estava com febre, te disse. O cachorro também. Acho que é o calor que se espalha? Não tem beijos, saudades, desejos, despedidas. Estou assim. Tentando fazer algo, dentro do fogo que vai evaporando os nossos líquidos. Os seus, claro. Os meus também. Inanição

dos seus! Penso, depois de três, quase quatro semanas, como você está - sua múmia de poeta também lívida? Não fizeram embalsamento, certo? Então, não há vasos secretos, fechados por força de encantamentos, com líquidos preparados com a benção das luas para acolher na eternidade os seus órgãos. Cães de Anúbis uivam. Os demais fantasmas que pretendiam dançar, nessa noite passada, com o fedor da cidade moderna, foram todos revoltados e machucados para a nossa apresentação; a dançarina, no outro teatro, quebrou o pé. Vieram, e permanecem comigo. Então, qual deve ser a cor do seu cadáver? E se as minhas lágrimas molharem sua pele ressecada, você fica roxo? Com a tesoura cega da apresentação, o ruído das unhas cortadas é intolerável. O risco de cortar os dedos, também. Os riscos. Levantei o tubo de magnésia líquida com os dentes fechados, escorrendo no rosto, no pescoço, na roupa, lentamente... Suspenso. Seus lábios estavam com batom? As águas, o sangue, a saliva, o sêmen... misturam-se com a terra? Há rosas crescendo ao redor? Há uma placa de mármore? Seu cabelo, cresceu. Suas unhas, cresceram. Será que sua tatuagem ainda está visível? Será que um japonês meticuloso conseguiria ir até o seu corpo e retirar essa amostra da pele, um papiro do texto ferido que você escreveu entre quedas de ballet, abalroamentos existenciais, a fórmula da fantasia, a marca da tesoura que picota, o discurso do analista... que mais reside no seu corpo queimado de esperança? Onde encontro a tua sombra se não dançando, reunidos na escuridão que nos absorve? O sol tem vitamina E, e do escuro, o quê alimentamos? Dar luz para um rebento, mas como fazê-lo viver a sombra? Sem água para beber. Águas que limpam não são calmas. Na caverna fria, sem-noite-e-sempre-noite, não há cores. Há o que sopra, toca, tateia, cheira, arranha. Tudo é selvagem, vultos nômades. Sons da incompreensão e do primitivo... Butô, Tirô, Gozô - Lavô, Arrumô, Deitô: Arrazô ou Peidô? Nesse Butô é o Andy com seus afetos, com afetações perdidas - maior do que a profanação literal; do lado de fora, é a performance cotidiana e banal... até bonita, no seu melhor, ou tecnicamente refinada. Não mais. Dançar por todo o nosso escuro, por todos os abusos e lacunas. Esvair-se pela sombra negada, suprimida, sufocada, burlada pelas luzes. Eu vou dançar para cultivar os mortos e os antepassados. Não apenas. O meu voto é que eu vou chorar por quem nunca pôde chorar, eu vou gritar por quem nunca pôde gritar, eu vou morrer por quem nunca pôde morrer. Eu vou dançar por todos, os vivos que já não conseguem chorar. Eu vou dançar por todos, os vivos que já não podem morrer. Viver também os tempos de morte nos vivos e das flores de plástico nos túmulos. Eu vou dançar uma aionética do Butô, entre os mortos que me pedem da vida e vivos que não suportam morrer comigo. Ao final da apresentação, saímos todos juntos, plateia e artistas;

entregaram flores amarelas do campo, para todos os presentes. Deixar-mos o solo do mistério, com a nossa reverência. "(...) Until recently Butoh was still considered in Japan as a form of theatre of an extremely dark nature, allowing images of wilderness, ecstasy, decay and pure physicality through its distorted gestures, fragmented bodies and impulsiveness. Butoh is chaotic, unrestrained, but is not all about excessive and discordant matter. It can also be harmonious, measured and calm. Whether pleasant or painful, Butoh does not exclude any aspect of existence. It comprises the essence of all things and the process of becoming different entities through the medium of dance. (...)"

(<http://www.dajf.org.uk/event/butoh-through-the-lens>). Faço cartas de um morto dançante para a morte, cartas para um morto que dançava, cartas de um morto... (as minhas cartas.) A morte é essa última cartada. Bravo! A minha também. Cartas como resistência. Pensei nas cartas como uma estratégia na qualificação do meu trabalho, um eco do ensaio aberto, eco que atravessa cartas e sombras no papel. Na defesa, caso existamos no futuro idealizado, uma experimentação das sombras, direta. Pensei alguém sensível para ler cartas, e imaginar o que não seja a literatura... o amor, e não ciência ou filosofia. Quando se fecham as luzes, é que começa o nosso espetáculo. Que nos bendiga o Saci, nesse dia prometido ao seu nome...

Fechar os olhos, em vida, é enxergar o escuro...,  
Fechar os olhos, no intransitivo. para enxergar no escuro...,

Fechar os olhos, em definitivo. para enxergar do escuro...,  
Dançar no areial quente do meio-dia: tão desesperador de claro que é escuro em tudo, indiscernível. Quente demais, para não ficar, para lembrar que não posso fincar. Corpo mais para o roxo que o vermelho, um brilho fosco, de fruto maduro, um lilás dos jambos no outono. Sim, a inquietude das cores mudam. O vestígio do meu roxo, enrolado no cordão que impede fluxo. Assim, de nascença. Rosnando, grunhindo, filhotinho chorando, pausada e assustadoramente. Nada disso. De nascença, ganindo, um gemido dos cães: como se ama a terra quase no espasmo, como se toca o coração na sombra... ganindo, um verbo triste, um sussurro, um compasso infinito, que pode durar uma noite... ou uma vida inteira. Pode ser cortante, também. Roxinho, nessa cor que mamãe colaborou, brincando de enforcado. Dentro da barriga tinha estrelas, apesar de escuro. Owntchi! (risos.) Agora, que voltei para o casulo das borboletas, contento-me na brincadeira com bolinhas de sabão.

Quando a intenção é um Butô, uma expressão dessa mente bûtica e da linguagem Butoísta, como escrever sobre a

morte, quando a morte só permite existir de dentro dela? "No seu quarto de hotel, a morte, despida, está parada diante do espelho: não sabe quem é". (Saramago, ainda). A morte nunca será objeto, porque a morte é anterior a quem relata, maior do que uma experiência relatada e supera quem dela fala... Como qualificar um trabalho que pretende dançar com a morte? Cartas de qualificação? Resta escrever uma carta para um morto... e, de outra forma, através do morto, vir a esquecer dele, o morto que é também alguém da morte; de modo a remeter diretamente para ela. Em último grau, ser absorvido por ela, torna-se um olhar que é parte estando com ela. Minha própria morte, é o butô quer... um fantasma, uma poeira, uma cinza, uma fumaça. Nessa aionética que compõe o seu gesto, vale-se de um componente expressivo pessoal que substitua a função normativa do logos na ética convencional. Nesse processo, o Butô funciona como a opção de uma linguagem poética e estésica no que se propõe das minhas sombras. Já não há tema, não tem um recorte de objeto, é uma experimentação de aion-ética, de uma ética do tempo infinito e do presente-potente sempre escuro. E meu suporte de gestualidade-ética, em vez do lógos e de agir/atualizar, é o Butô arcano, um Ankoku Butô (Butô das sombras, das trevas)... Não pode haver tema e objeto, se não houver o ato... e quando se fala de morrer e da morte, não há relação. Há tombamento. Perna esquerda cruzada para trás, e não a direita atravessando para frente. Não é um passo para trás! Entre confiar e trair, há espaço para o anti-confiar? "Aluga-se este terreno." Na placa, achei que era o seu número. Digitei no telefone público, atendeu o Sr. Gustavo. Conhece? Fiquei confuso.

Algum tempo para o restinho de noite hoje, ou Festa do Saci? Sei que em Florianópolis já se tornou tradicional, nove edições. No televisor, eu voltei para Lisbeth. Não é Butô, mas é também escuro. Você ainda não me disse se assistiu, se gostou ou não... Espero que não fique aborrecido se atrapalho a surpresa do filme nos comentários abaixo.

*"O amor é fodido.  
Hei-de acreditar sempre nisto.  
Onde quer que haja amor, ele acabará,  
mais tarde ou mais cedo, por ser fodido."  
-- Miguel Esteves Cardoso*

Não sei (e não sei, ou vou sabendo menos e menos), apesar da insistência na questão. Se pudesse experimentar um desejo forte por Lisbeth Salander<sup>108</sup> (a personagem

---

<sup>108</sup> Personagem emprestada do escritor Stieg Larsson (em seu livro "Män som hatar kvinnor"), aos diretores da Yellow Bird e David Fincher, na criação de dois filmes, respectivamente de nacionalidade sueca e

emprestada na paixão de dois diretores), o que isso significaria em mim? Quero fodê-la, é isso?! Em que é mesmo que consiste, ou que se considere o ato de foder (com) essa moça? Não sei, embora tenha me perguntado. Seu corpo é deveras enigmático para minha sensibilidade gay; rondo e perco-me no vulto dessas possibilidades. Lis tem um corpo suave, muito cândido, um corpo tipicamente das "ninfetas" dos héteros - apenas um volume caracterizado do corpo, e nem posso garantir se a palavra, canastrada pelo senso comum, serve-se de alguma aplicação aos meus sentimentos, ao meu texto gay.

Nesse texto empresto tudo:  
de homem contra homem;  
sem os duelos, pois não há mulheres em jogo...  
apenas os nossos paus,/  
quando já não se busca eternidade, dignidade...  
apesar de uma foda.

Sem convites, sem agradecimentos, sem despedidas - assim é Lisbeth. Não há palavões, não há qualquer faceta obscena, em lugar nenhum. Não há modéstia, e sobra destemor/capacidade de auferir enganos, e seguir na contabilidade quebrada. Mulher de sorrisos e presentes reservados. Lis é excepcionalmente obstinada em viver. Legalmente declarada incapacitada ou incompetente para gerir sua vida. Forjada como uma mulher "insana", dos combates e não propriamente dos romances: como dormir e observar a mais linda e lúcida das mulheres, esta fúria em sua cama? Sua forma de cumplicidade (se é que exista, de "expedição" a dois) é na via prática: é na vida comum onde existe fidelidade a ser fiada, portanto, em afetos que não tangenciam o descontrolo.

*"As mulheres do Norte têm belezas perigosas, olhos impossíveis. Têm o ar de quem pertence a si própria. Andam de mãos nas ancas. Olham de frente. Pensam em tudo e dizem tudo o que pensam. Confiam, mas não dão confiança. Acho-as verdadeiras. Acredito nelas. Gosto da vergonha delas, da maneira como coram quando se lhes fala e da maneira como podem puxar de um estalo ou de uma panela, quando se lhes falta ao respeito. São mulheres que possuem; são mulheres que pertencem. As mulheres do Norte deveriam mandar neste país. Têm o ar de que sabem o que estão a fazer." (Miguel Esteves Cardoso)*

Lis carrega as marcas de inúmeras origens, temores e abusos sistemáticos, aprisionamentos, agressões, cortes e

---

americana, para adaptar a narrativa "Os Homens Que Não Amavam as Mulheres/ The Girl With The Dragon Tattoo". Nas fotografias acima, as atrizes que interpretam a Srta. Salander em ambos os filmes.

cicatrizes - de toda sorte, há uma sensação de uniformidade cremosa que os olhos encontram em sua superfície de resistências. Ela não deixaria que um qualquer se achegasse tão próximo, na lembrança da crueldade que mesmo já não sendo visível, recordam os pedaços roxos que adormeceram em sua carne durante várias noites. Branca, muito profundamente branca - uma camada de neve espessa, um tipo de brancura de neve que se acumula e aglutina; quiçá, a própria nevasca, o próprio inverno branco e de proporções invencíveis. Os dragões também ornamentam com suas cores sóbrias, estas que atravessaram o sangue e a dor. Lis é sedutora, acho que sem esforços: deitada, de braços, tão nua, tão serena; não é do tipo que gosta de cachorros ou companhias, portanto, sempre tão sozinha e tão frágil - em paisagens largas, e seu corpo extraordinário... econômico de qualquer acréscimo, nos pêlos - e, sobretudo, nas roupas, ou das cores, ou da maquilagem. Lis não teria um xampu preferido. O efeito dessa pele alargada na vastidão dos braços abertos, sem travesseiro e sem cobertores, é quase uma lírica ou súplica de contato, de hidratantes telúricos, de óleos que deslizam dos rochedos e fora de qualquer virilidade. Vê-la, assim, quieta, entre um pesadelo e outro, sossegada e nua entre as sedas igualmente alvas e maculadas, com o cheiro das lavandas em suas dobras e das alfazemas conspurcadas ao tabaco... Talvez, sendo uma pintura, sua imagem poderia abrigar um jacinto: resistiria aos socos, amordaçadas, chicotes, estupros, golfadas de sangue? Não consigo saber, ou imaginar qual o cheiro exato dessa mulher: não é uma criatura das florestas, mas também não a vejo na bestialidade dos asfaltos. Uma mulher que está dentro, que está reservada no apurar dos gostos. Também não há espaço ambíguo para imaginar a virgem, a pura que lamenta um primeiro rompimento ou sangramento. Mentira: Lis sabe foder, foder com força, com quem e como quer. Chupa, escarra e escova os dentes. Sua foda não tem som, murmúrio, ou ruído. Deixa uma marca tão inteira na alma, e por isso mesmo, tão secreta, e ilesa de testemunhos. Lis come seus machos, e suas fêmeas - enfia as mãos ágeis na boceta da namorada, na cueca do amante, enfia um vibrador de aço no cú do estuprador - mas também "chuta" - isso mesmo -, ela chuta, e rasga os dutos venéreos, impedindo-o de andar, sentar, trabalhar e viver sem medo. Ela sangra o reto, ou o peito aberto de um homem. Desfalece com o choque, desequilibra um rosto com um taco de golfe, deforma um corpo quase inteiro no fogo proposital, dilacera a perna do pai com um machado de lenhador, atravessa de pregos os sapatos do irmão, enfim: ela sabe (bem) foder e foder bem. Lis é dessas fodas possíveis, tão somente, quando se tem muito gosto e vertigem, muita vontade, muito tesão concentrado - e uma enorme capacidade de silêncio, de espera, de investigação do momento certo e de capacidade

plena para dissolver-se radicalmente com o instante mesmo em que a oportunidade única acena (uma bomba rara). É uma foda bem quente, para ser feita nas circunstâncias desse calor regional e braseiro. Não tem barulho, comentários sórdidos, nem camas rangendo, nem estilhaços, nem ursinhos. Não tem whisky, nem música. Sem subterfúgios, entende? Sem joguinho, percebe? Direto, para entrar, sem desmaios e convites. Direto, na saída limpa. Não tem pormenores, nem preliminares, nem despedidas oficiosas, nem declarações de continuidade. Ela fode com a força arcana, quanto mais fode, mais força emocional, mais excitada move-se. Não há desperdícios. Não há tanto peso material em suas proporções físicas que são reduzidas, mas há intensidade por acúmulos. Alguém teria choques, ou colisões, das mãos que essa mulher possa incidir sobre o pau - com demônios, fantasmas, e mortes demais! Lis é uma moça extremamente, muito severamente, tímida, retraída, camuflada no cotidiano social - marginal, no sentido mais literal de auto-exclusão e distração para um lugar de destaque. Caminha do lado de fora, do lado de baixo, na contramão da escada rolante, no escuro dos metrô, das ruas e das vias. Sua timidez é claramente evidenciada na restrição de afetos e sensibilidades que poderiam ser expressas e permutadas. De outros modos, há bloqueios por completo, que a impedem de considerar alternativas, tatos, falas. O mínimo, do agradecimento, do toque, do beijo, é sumariamente substituído por um olhar dirigido ao chão, por ombros fechados para frente, e um capuz a vedar-lhe o reconhecimento de passantes invasivos, inconvenientes, apenas indeterminados. A timidez que farda em seu despiste e sua proteção, salta e converge, quem sabe, para uma identidade marcante na força do sexo. Não deveria, contudo, haver tantas surpresas, em um cotidiano invisível, e nem por isso, menos previsível. Isso não torna Lis uma alheia do mundo onde está inserida: vivendo e trabalhando, por exemplo. Sua dieta é bastante restrita e repetitiva, embora, sendo preciso, irá dispor de roupas, utensílios e contatos de luxo. Na maior parte do seu tempo, Lis está sozinha ou isolada - embora, virtualmente conectada. Ainda que retraída e reservada para um mundo enigmático, e potencialmente ameaçador que lhe chega, Lis não tem pudor de nenhuma classificação ou medida para agir ou conduzir qualquer tipo de conduta, profissional ou sexual, para citar as duas mais frequentes. Seu corpo em definitivo manda, seu desejo lascina - apesar de permitir certo trânsito simbólico, de participar ocasionalmente nos pactos de sedução, erotização e fetiche. Sedento, seu corpo empresta-se aos rituais que pretendem não reduzir e ofender seus machos ao vazio. Não se trata de um limite fracamente delimitado, apenas, seu modo de responder, de atuar e de não se esquivar, de não sucumbir, de não silenciar, de não

coincidir ao torpe que poderia ameaça-la ferozmente, a isso tudo, existe uma coragem flamejante, nas mãos, nos olhos, na boca. Lis gosta de visitar a quem estima de alguma forma: no hospital, no asilo, no apartamento, na prisão. Porém, ninguém a visita ou a telefona. Não obstante, sua vida transcorre-se por contatos distantes e transações bancárias, mediadas pelo e-mail, com respostas facultativas, apenas aos seus interessados. Sua clandestinidade profissional permite que ela seja um tipo de voyeur da vida privada, dos arquivos confidenciais da cidade. Muito discreta, nesse sentido - viola, mas parece não abusar das informações que usufrui. Acho que, também assim, é com os seus homens - tentando não destruir completamente, não reduzir ao pó, ao dejetos, à poeira. É uma mulher afirmativa da sua condição, sobretudo, na identidade de outras mulheres que estão sendo violentadas. Lis consegue virar-se muito bem com o mundo, é uma mulher extremamente prática, autônoma, focada, resolvida, criativa, combativa, persistente. Fortemente também intuitiva, inteligente acima das médias, joga xadrez sem pressa com seu tutor, de opinião forte quando consultada e critérios bem avaliados, de rara memória visual detalhada, sua imagem construída é apaixonante e paradoxal sob muitos pretextos e signos. Lis é ambígua quando não destrói completamente, sendo a mulher que sabe foder a ponto de dilacerar - a perna do pai, por exemplo, com um machado. É o corpo que não seria menos feminino em nenhum quesito, concomitante, e contrariando, a tudo que por definição é do feminino - Lis desaloja. E, desalojando os fluidos psíquicos outrora barrados, Lis é o desejo ardente que não tem fronteiras. Na rua, suas expressões, passariam como uma alma qualquer, uma pessoa boa, boba ou distraída. Por um lado, poucos homens do circuito regular social teriam a capacidade de aproximar-se e sustentar qualquer forma de laço com essa mulher. Apreender e entender, a um dragão?! Descontados essa ampla maioria de ofertas insignificantes, sexuais, afetivas e cognitivas dos machos pouco felinos, seu biótipo não coincide, exatamente, às vulgaridades das massas e dos comerciais forjados ao "desejo" - ao contrário. Sem encarar diretamente a ninguém, é possível, e talvez por isso mesmo, que um outro seja pegue de inesperado por uma fascinação difusa sobre Lis, e pouco descrita em elementos isolados e palavras. Seu jeito de andar, portar-se, falar e vestir-se é qualquer coisa acentuadamente masculina, nenhum vestígio de poesia e delicadeza do feminino habitual. Foder um rapazinho que tem um corpo de menina? Não, Lis também não alude ao esteriótipo da mulher-macho ou da lésbica-fálica. Novamente, é o contrário... enquanto não está ocupada, o gratuito do seu corpo não poderia ser mais feminino, não poderia, exatamente nesse aspecto, ser mais perigosa,

inesperada, e fatal. (Desalojador, desamparador, devastador... categorias distantes de uma fantasia angelical da "acolhida" feminina, certo?). Talvez, o fato de exótico já emirja desse traço inicial de pouca clareza. Sua concreta timidez afetiva e emocional não a impede de ter uma voz de comando muito, muito firme, uma determinação de fogo, uma perfeita capacidade de negociar, de persuadir, de intimidar, de tirar proveito e de vencer (virtudes clássicas de uma mulher corajosa, desde a literatura, narrativas e romances medievais). A turbidez na personalidade é substituída na precisão ao impor esse querer. Desprovida do calor/da febre das emoções, geralmente é protagonista nas situações onde está envolvida, quando não foi também capaz, ainda quase por súbito, por um grau de alerta permanente, de responder com iniciativas lógicas, de alta resolutibilidade e sonoramente adequadas às exigências particulares dos contextos. O mundo é particularmente difícil... quase inacreditavelmente, quase no automático da guerra, ela segue avançando. Mas não sabemos, ao certo, o que melhor torcer por ela, ou segundo sua expectativa: como imaginar o resultado que melhor afagaria seus sonhos? Talvez não haja sonhos delimitados. Não sendo o perfil da prisioneira ou da vítima, Lis tem um domínio extraordinário de maquinário tecnológico, aparelhos e dispositivos que franqueiam/ampliam sua "mobilidade", tais como: computadores e redes de acesso remoto, câmeras de fotografia, celulares, motos etc. Imbuída com tal senso de urgência e habilidade manual, sua precisão isenta de paixões desviantes permite um grau letal de frieza (o mundo tipicamente do masculino, não só nos conteúdos e temas, mas na agilidade, domínio e manejo técnico), planejamento e execução - de vinganças, por exemplo, mas de ações de reparos (suturas na pele, com pontos, sem material cirúrgico), de cuidados, de confiança. Seu corpo, nitidamente hierarquizado em músculos bastante regulares, pacificamente distribuídos sem calúnias ou clamores por destaques, sem competição ou protuberâncias - é a artificialidade laboriosa e nefastamente sistemática que produz a sensação da "naturalidade"; por trás da nudez, quase performática, quase delirante, há músculos e orifícios (olhos etc etc etc) com enorme e invejável vigor físico (atributo comumente masculino). Lis pode lutar e saltar, por exemplo. Matar, sim, pode buscar, antecipar ou proteger, mas não saberia ressuscitar. Ela não é uma feiticeira, não há qualquer vestígio ou lugar para esse tipo de encanto ou mágica - entretanto, no silêncio que travo com sua aparência, revejo-a, quase inesperadamente, como um tipo de madre grotesca e silenciosa, dos conventos medievais escuros e de torres ao céu: arrasta-se abaixo do seu hábito, dos seus capuzes... escolhendo quem está abaixo, e protegido, na barra longa ou nas entranhas

sexuais da saia. Chaves, ela as teria consigo - uma madre. Não é propriamente um disfarce, ou uma função, é um modo realmente de colocar-se, uma estética que desempenha sua plasticidade clínica, de diagnóstico de cultura, de poder e de existência. Lis não é do mundo dos teatros, ou das declamações. Pode-se dizer, ainda na confiança dos poucos contatos, que Lis tem seus gestos especialmente agressivos - mesmo quando, aparentemente, não reconhece a si em situações de risco. Quer dizer, o inexistir do medo, não finda com sua ansiedade de fundo, que outrora secundária, projeta-se com mais desespero, uma vez que esteja liberada no confuso/aflitivo cenário das falas, dos gestos, das lágrimas, dos abraços e das despedidas amorosas. Sabe, quero te dizer: Lis não fará poesia. Ela assina um cartão de Natal, poupa nas letras. E jamais o entrega... jamais.

*"(...) o amor era para ele não o prolongamento mas a antítese de sua vida pública. O amor era para ele o desejo de se abandonar às vontades e caprichos do outro. Aquele que se entrega ao outro como um soldado se constitui prisioneiro, deve antes entregar todas as armas. E vendo-se sem defesa, não pode deixar de indagar quando virá o golpe. Posso, portanto, dizer que o amor era para Franz a espera contínua do golpe"*

-- Millan Kundera, *A Insustentável Leveza do Ser*.

Lis é visual, preponderantemente: com as fotografias ela distingue seus lugares e cardápios afetivos. É ela que asceticamente tranca a casa, confere e afugenta, assegura os temores de invasão: arranca o seu cinto, abaixa a calça, define o momento sem protocolo que se livra da calcinha e já transborda com seus pelos, quase na boca, na palavra indefesa do seu macho. Ela o escolhe, e não se importa ao ser uma noite em nada recomendada ou bem-vinda, noite de sangue, de cansaço e ameaça para ele: ao macho em pane e exaurido, que murmura sozinho e rapassa a morte quase consolidada, ela parece demonstrar que um jeito de acalmar a própria alma é foder com quem já está muito fodido, em um mundo terrivelmente foda. Manda que ele livre-se da roupa molhada, exige que cesse o eco da rua na boca, desdenha os moralismos bobos e cautelas arbitrarias, empurra o homem forte, agora cordeiro frágil, contra a cama: manda, morde, faz, roça, beija, morde de novo... seu corpo expulsa o inadequado de uma cueca que já deveria ter sido rasgada: tudo atrasado, é como sente-se - ela que enfia seu cú no pau dele, ela que sente, que soa, que senta, que se usa, que soca, que decide, que gira e coloca-se por baixo e, quase ríspida (quase... falsamente polida), convoca a mão pesada continue aplainando suas costas nuas, cessa o murmúrio dele para gozar sem rumores, é ela também que, não exatamente, se apaixona - quase um direito ao palco; diz ao

seu antigo tutor, a quem nutre uma afeição e respeito, que então conquistou "um amigo" que, afinal, ele aprovaria. Conquistar um amigo é isso acima! Há muitos homens que "não gostam" de mulheres, muitos desses conviveram intimamente com Lis, sua mãe e sua namorada, e, tais homens, continuam por certo a habitar o corpo dessa mulher. Ela não descasca disso tudo. Também não resseca. Pergunto-me pelos seios, pela boceta de Lis - e quase, já sei, que não há resposta eloquente, que não há o que buscar ou tomar para mim, que não há sequer mãos cortadas de homens para toca-los; portanto, que não há algo lá para ser tocado, retido, levado como um dom conferido a outra alma (descabivelmente utópico e romântico, para contatos tão mais sutis, prosaicos e crus de cores, sutis porquanto atentos ao estritamente necessário, ao sublime do que é rigorosamente necessário na vida). Novamente, a beleza do inverno, o inverso glacial do frio, do inamovível - do para sempre no tempo, na neve e na morte. Eu acho que Lis masturba-se como um macho qualquer, ela bate uma - não como uma mulher que se toca: anti-santinha, feixe coincidente do habitualmente ilegal e do imoral, sua pele é maleável como um pau qualquer, desde que seja um pau mole que apenas desfila ao léu da não-motivação e do despropósito para temas sérios. Lis é um dos raros homens cuja maleabilidade permite que se chupe ao próprio pau. A mesma entonação que dirige ao homem para foder com ele, é, curiosamente, ao mesmo homem, com a mesma "suavidade" e condição de consulta do feminino ao dispor do seu macho e com este pretensamente negociar, que pergunta se pode matar um assassino de mulheres (montanha russa, incessante tabuleiro da dominação-submissão, jogo da sedução-satisfação também com a morte). Lis caminha, talvez como uma juvenzinha, dessas de olhar fragilizado, e um pouco surpresa com a próxima cena que irá emergir. Poderia, quem sabe, não pelo gosto, lugar ou situação, vê-la em uma fila de cinema. Sua cabeça baixa, seus lábios róseos, suas proporções de pequena, magra, de curvas bonitas - acho que confunde os homens de olhar apressado. Tem piercings na sobrancelha, no nariz, na boca, além do visual punk, suas tattos (costas e pernas, uma especialmente grande, de longas e dolorosas horas de motivos pessoais) e uma coloração de pele distinta por condição metabólica. Lis tem um cabelo bem curto e bem preto, de franja/partinha cortada quase rente a um ponto central da testa. Muito calada, alguém diria - talvez desavisadamente, introspectiva: ora, tipos com baixa sociabilidade, podem, sim, funcionar dentro de estruturas extrovertidas - apelas, optando escolhas menos agregadoras. Em casa, suas roupas são bastante frouxas, camisetinhas rasgadas, acompanhada do cigarro, do sanduiche, da coca-cola e do computador. Um repertório bastante convencional, item por item, apesar de tudo; onde há um olhar de mocinha que procura alguém bacana e

simpático para essa noite... Alguém poderia dizer que o tipo "compacto" de Lis, seu olho ora misterioso, ora assustador, sugere a tentação de alguém que caberia na própria mão e que poderia ser dominada - "sem muitos estímulos a decifrar", engano! Resguardadas as diferenças temáticas e geracionais, Lisbeth é para o seu jornalista um tipo de guarda-costas, como também Whitney Houston encontrou o seu. Desamén. Ambos os protetores, em um filme e no outro, de aparência relativamente comum. Aqui, entretanto, em papéis inversos: o jornalista, o macho de Millennium, é a estrela em foco, perseguida, ameaçada, e ela, a guardiã, mais macho para protegê-lo, cuidar dos seus ferimentos, salvá-lo da morte, desvendar seus problemas de trabalho e chegar a conclusões, e, ainda assim, foder bem com ele... Nada de mamãe, porque o ideal da mamãe não cabe em tal posição escrota. Lis é, sim, um tipo de guardiã: que resguarda a história e o lugar dele, mais do que a ele, singularmente; que guarda as pistas, as cifras, os códigos, os passos, guarda, até, a vida pessoal que ele desconhece de si, guarda o que não fala, guarda e resguarda e esconde; assim como Kevin Costner, o guardião caro e eficiente que protegia a cantora e a música, até o momento em que cede à paixão pela mulher em si. Cuidar, proteger, curar, outra vez reencantar, capturar na tangência da satisfação? Lis é pequena, embora gigante - indubitavelmente colossal, ativa. Lis é cara - o vínculo irá demandar desses outros. No mundo do veludo mais profundamente branco, da pele alva com o céu em manta branca, da neve que recobre telhados, campos e passados, do branco da névoa que cessa o movimento e traz o silêncio do seu corpo, do frio sem celular, da lareira restrita, da comoção de uma estação que hiberna nados, botes, pontes, carros, flores, correntezas, árvores, memórias... Apenas o preto da maquiagem, da roupa, protege-se ao branco irrestrito que predomina, o branco da ausência que se expande, toca, congela e multiplica-se... Preto e branco, tudo ou nada; preto no branco, fode ou vai embora; maquiagem preta, na superfície da pele branca: o poder destacado, o branco dos olhos para seduzir... é apenas "sem querer" um monocromatiza-se? Mágica do esquecimento. Lis é uma paisagem glacial, imóvel, visualmente perfeita, insustável para a vida, secreta da primavera nas montanhas e nos penhascos, das distâncias que fizeram calar o amor dos pássaros: integralmente bela, infinita e gelada. É a plenitude da vida no que está frio e imóvel - Lis pode derreter um corpo morto, e faz isso. Lis desafia os corpos afixados na quase morte e repetição que se impuseram. O seu frio muda forçosamente à temperatura, decai e impõe movimento ao abandono da morte. O seu frio tem estados, fluidos e processos. Na ironia do seu frio, há a cura. Sol no peito, gelo no corpo. Seu inverno é, sim, selvagem, e humanamente criminoso. Mas não haverá traição nos invernos!

Para não esquecer: o sol poente está cravado no seu no peito.

*"foram breves e medonhas as noites de amor  
e regressar do âmago delas esfiapava-lhe o corpo  
habitado ainda por flutuantes mãos*

*estava nu  
sem água e sem luz que lhe mostrasse como era  
ou como poderia construir a perfeição*

*os dias foram-se sumindo cor de chumbo  
na procura incessante doutra amizade  
que lhe prolongasse a vida*

*e uma vez acordou  
caminhou lentamente por cima da idade  
tão longe quanto pôde  
onde era possível inventar outra infância  
que não lhe ferisse o coração"*

*Foram Breves e Medonhas as Noites de Amor  
"O Medo", Al Berto (um poeta, senhor português)*

Mesmo com outros dez sob o teto, ainda assim Lis moraria sozinha. Ela não precisa, então, dividir a vizinhança do seu frio com mais ninguém. Não há critérios para dizer-lhe como uma mulher triste: alguém insinuaria uma criatura isolada, dada aos silêncios e às ofensas intempestivas. Com suave indiferença que não é amarga, a bufonaria de toda gente cafona, careta e covarde, sobriamente não lhe diz nenhum respeito. Por direito, e de fato não é uma cidadã em seus laços. A vida geral da metrópole sueca não lhe convém. Todavia, de muitas formas lisonjeantes, cumpre a personagem adulta (personalidade criança) e despercebida que transita exitosamente nos requisitos do seu mundo. No primeiro filme (de uma trilogia), relembre-se que a Srta. Lisbeth Salander não é personagem principal na trama. Não temos evidência para enquadrar Lis como alguém que pretenda ser uma heroína, ou uma mulher que vislumbre mudar o (próprio) mundo, mesmo interferir na vida alheia de qualquer um ou conquistar excentricidade de nenhuma ordem. Teria, sim, motivos aos vários, mas a vida não se demonstra intolerável, sem sentido ou suficientemente desinteressante, a ponto de ensejar um suicídio. Desejo imortal, apesar da vida literalmente destroçada - ao escárnio pelos demais. Lis não explodiu nenhuma igreja, não ofende a moral pública, não maltrata velhos ou crianças, não é do tipo terrorista a ser monitorada. Lisbeth, entretanto, é oprimida e silenciada em vários contextos da

vida: pertence ao grupo alvo de mulheres cujo desaparecimento, segundo os envolvidos no "desaparecimento" de Harriet Vanger (outra personagem no filme, uma jovem herdeira industrial), não seria reclamado por ninguém - mulheres pobres ou assalariadas, imigrantes ou prostitutas, minorias etc (grande variedade de crimes raciais do pós-guerra). Lisbeth Salander é o rosto de todos os crimes anônimos, e todas as mulheres que não ganharam seus nomes publicados. No filme e na vida real, tantas mulheres veladas com mentiras e perversidades. À Lisbeth outras reminiscências, igualmente legítimas quanto os sonhos de "eau de rose et de rêves romantiques pour vous" - leia-se: o engodo numa vida feliz na completude do amor. Dulces sueños onde realizo o meu origami ao avesso, desdobramentos poéticos de imagens; produzo atalhos experienciais, alças de jornadas desconhecidas. Não é disso que sobrevive a psicoterapia (rogeriana)? Se o amar segundo o evangelho da menina-fogo seguir outro cânone?

*"O amor é uma coisa, a vida é outra. O amor não é para ser uma ajudinha. Não é para ser o alívio, o repouso, o intervalo, a pancadinha nas costas, a pausa que refresca, o pronto-socorro da tortuosa estrada da vida, o nosso "dá lá um jeitinho sentimental". Odeio esta mania contemporânea por sopas e descanso. Odeio os novos casalinhos. Para onde quer que se olhe, já não se vê romance, gritaria, maluquice, facada, abraços, flores. O amor fechou a loja. Foi trespassada ao pessoal da pantufa e da serenidade.*

*Amor é amor. É essa beleza. É esse perigo. O nosso amor não é para nos compreender, não é para nos ajudar, não é para nos fazer felizes. Tanto pode como não pode. Tanto faz. É uma questão de azar. O nosso amor não é para nos amar, para nos levar de repente ao céu, a tempo ainda de apanhar um bocadinho de inferno aberto. O amor é uma coisa, a vida é outra. A vida às vezes mata o amor.*

*A 'vidinha' é uma convivência assassina. O amor puro não é um meio, não é um fim, não é um princípio, não é um destino. O amor puro é uma condição. Tem tanto a ver com a vida de cada um como o clima. O amor não se percebe. Não é para perceber. O amor é um estado de quem se sente. O amor é a nossa alma. É a nossa alma a desatar. A desatar a correr atrás do que não sabe, não apanha, não larga, não compreende. O amor é uma verdade. É por isso que a ilusão é necessária. A ilusão é bonita, não faz mal. Que se invente e minta e sonhe o que quiser.*

*O amor é uma coisa, a vida é outra. A realidade pode matar, o amor é mais bonito que a vida. A vida que se lixe. Num momento, num olhar, o coração apanha-se para sempre. Ama-se*

*alguém. Por muito longe, por muito difícil, por muito desesperadamente. O coração guarda o que se nos escapa das mãos. E durante o dia e durante a vida, quando não está lá quem se ama, não é ela que nos acompanha - é o nosso amor, o amor que se lhe tem. Não é para perceber. É sinal de amor puro não se perceber, amar e não se ter, querer e não guardar a esperança, doer sem ficar magoado, viver sozinho, triste, mas mais acompanhado de quem vive feliz. Não se pode ceder. Não se pode resistir. A vida é uma coisa, o amor é outra.*

*A vida dura a vida inteira, o amor não."*

*-- Miguel Esteves Cardoso, O Amor é Fodido.*

Filmes do cinema novo, ecos do audiovisual com textos e poesias, para tematizar um amor que não se tem. Sem a plêiade dos sonhos e ambições, é com o chão a servir os seus pés (bem diferente dos "pés ao chão") que sinaliza o caminhar do seu destino e do seu coração. Seus próprios compromissos profissionais e interesses pessoais, além do gasto de tempo que a mantém segura dos ataques e perseguições de outros, já ocupam significativamente seus afazeres. Essa vida sem grande ociosidade também não parece exigir uma busca anavalhada por sexo ou compulsão em companhias levianas. Lis seria das bibliotecárias que manejam arquivos digitalizados para obras raras e na introspecção do escritório, não carecem da vida humana regular. Nada em seu mundo sugere pornografia barata, excitação gratuita em posições sexuais diversificadas, modos boêmios ou vulgares em diferentes espaços públicos. Sua vida não é uma ilha segura, mas está longe de constituir-se incendiária na afetação da paz social. A privação do amor e o roubo desinteressado que realiza para as delícias dos corpos (de homens, embora, talvez, prefira o de mulheres) é um delito para as fabulações cristãs hegemônicas? Que se acrescente, ademais, que não foi na acrobacia da cama que vimos o sorriso autêntico em seu rosto - se não durante o assassinato do seu pai no hospital. Qual o perigo iminente que essa mulher representa a si e para os outros, qual a ameaça que justifica a sua perseguição feito bruxa? Esperar-se dela, uma vez confrontada na violência institucional, a parcimônia de comportamentos contra-instintivos de sobrevivência? Ora, sua autêntica resistência entrópica não é qualquer pretexto de uma nova tentativa de correição e intervenção social (especialmente, atenção: da psiquiatria e da psicologia; vide continuações, na trilogia) - há sim espaço de destruição quando as sintropias são brutais. Esse é um dos argumentos a serem reposicionados na omissão ideológica da teoria: destruir, e, talvez, destruir muito é indício de

profunda atualização. Nesse caso, não uma atualização por crescimento e assimilação de novas simbolizações, menos ainda, uma atualização por condição de valia, mas uma legítima contra-atualização (ou atualização formativa). Lis não é das militantes contra a perseguição ao prazer, convivendo bem nas margens frondosas da sua amoralidade. Assim como um homem gay nem sempre é masculino, Lis nem sempre do tipo feminina. Aqui há qualquer nível de atração inevitável, um espaço terceiro de indefinições, onde também um gay deixa seu lugar de feminino... e racai no que poderia ter sido, ou na Lis que também foi. Não conservadora e não católica (afinal, herdeira de outras mitologias, espacialidades nórdicas), Lis também encar(n)a que as grandes fodas, no seu máximo de exultar o corpo, não se dirigem ao amor. A foda do amor é outra coisa, encaminhada ao palato da lembrança e desviando-se nas experimentações das sensações. No sacrifício do corpo encontra-se o sentido: mas Lis perdeu a carência pelos significados últimos. Vive de choques (da capacidade de colidir, de chocar), e não de ofensas. Aos inconsequentes, Lisbeth não deveria jamais ser imiscuída nos objetos inofensivos em brincadeiras e paixões dolorosas, especialmente em se tratando de homens que estão pretensamente seguros na sua capacidade impune de explorar e machucar os corpos de mulheres. A despeito do inaceitável de toda forma de crueldade, alguns traços na aparência de Lis poderiam sugerir o perfil imaginário de vítimas buscadas por esses violadores da licitude. Por que um homem apaixonar-se-ia por seu corpo e encantos aparentemente tão circunspectos: uma aposta de escultura viva sob as vestimentas, ou como ato vivido e modelo de ousadia, ou, quem sabe, máquina de guerra que suaviza/contrasta o delírio nos olhos de "boa menina"? De todo modo, quaisquer que sejam as intenções que capturam o interesse no seu corpo, Lis geralmente não seria a escolha das mais acertadas para quem busca resistência mínima. A questão principal, ao que nos parece, é que dada a descrição nos seus modos cotidianos, não há contatos suficientes para adentrar e acautelar-se do universo labiríntico da sua personalidade (com tramas semelhantemente rebuscadas, ao estilo da infância do psiquiatra Hannibal Lecter/com seus quatro filmes para descrever o enredo; ou de Carl Stargher, o rapaz "auxiliado" pela tecnologia da Dra. Catherine Deane/no filme "A Cela" I). Sabendo realmente quem seja, ainda ousariam infringir o silêncio do seu nome? Aqui, entretanto, vale sublinhar, que não se trata de uma personagem do tipo "assassina", a quem se imputa a distribuição de "maldade" pelo mundo já incendiado. Ao contrário, Lis é absolutamente anônima em seus passos e silenciosa em seus desejos; se, por um lado, não é alguém dada à empatizar as situações corriqueiras da vida,

certamente ela também não está disputando por visibilidade ou criando "problemas" com ninguém - exceção na proporção das suas "generosas" respostas (extravagantes de tão francas) à perniciosidade vil que lhe é direcionada sem motivos. Uma pergunta muito legítima, e instigante, é saber qual das mentes despertaria maior interesse de compreensão: a de Lisbeth propriamente, essa figura cheia de quinas e refratária às adequações rasas, ou dos homens, esses poucos e mínguos - e sorrateiramente corajosos, o jornalista do Millennium é apenas um (!) deles, na multiplicidade de exibições do filme em salas de cinema e salas domésticas via televisão aberta, via livros e até revistas que estão sendo percorridas nas noites dos lobos. Havendo, sim, essa condição de risco e de violência no convívio de Lis, particularmente mais à flor da pele quando se tratar de um vínculo com homens, ao que parece suas condutas não denotam episódios de fúria gratuita com os machos da sua cama. Uma vez com acesso franqueado à nudez-Lis, o que buscam esses homens em tal mulher que não tem seu olhar compatível à submissão do desejo e posse livre do seu corpo entregue ao macho? Poucos homens gostariam, ou sustentariam viver ao lado dessa Lisbeth - pouquíssimos, no cenário especial dos machos heterossexuais convencionais. Lis pode escolher onde encontrar seu prazer, sem pedir ajuda, sem a necessidade de solicitar opinião - menos ainda, permissões, chantagens, ameaças, imposições que, advindas de homens, são recicladas em sua aflição e inconveniência. A boceta de Lis não se justifica para a finalidade de homem nenhum, Lis não se dirige e não se define no pau de nenhum macho. Essa é, talvez, a constatação mais ereta, e mais perigosa, para qualquer dos tais machos vislumbrados. Lis pode não ser a mocinha que fode regularmente o cú retraído dos seus machos (ainda assim, todos subjugados à força do seu olhar), no entanto, ela é a mulher que, tamanho é o medo, instabilidade e desconforto que impõe, não seria facilmente admitida, assimilada e apresentada como a "nova" namorada, companheira, ou mero caso afetivo. Lis pode sangrar, e fazer sangrar. Não, esses machos de currais, que circulam apenas nos mesmos dejetos das porteiras e cercanias morais, podem sobreviver a uma noite de desespero e pesadelo em fuga à regularidade, mas não a uma vida de fronteiras porosas e abertas, incertas e inesperadas. Querem voltar para os braços complacentes de suas mulheres vitoriosamente de bocetas serenas e recatadas, de via única e penetrantemente acolhedoras. Esses machos não gostariam de constatar que está "tudo indo bem" na festa de sua casa, enquanto a anfitriã, Srta. Lisbeth, com a presença discretamente laterada da cena para o banheiro dos fundos, fode e arranha sexualmente um dos rapazes que visitam o feliz casal. Lis não está ocupada de traições - isso também não é um registro de finalidade. Findo o ato de galanteio

tácito, Lis reconduz-se no melhor do seu bem-estar ao convívio com os demais da solenidade entre amigos. Nada, portanto, do "serei apenas tua", e do "somente com você, e no seu pau, estarei completa e satisfeita"; também sem você, acrescentaria, há imensa alegria transbordando na vida. Lis não parece ser a fêmea que busca aceitação, rotina e reciprocidade interpretadas segundo as convenções. Viver, ao seu lado, por quanto seja o tempo estabelecido em sua decisão, exige uma capacidade frouxa de controle, de abandonar bem mais de um domínio apenas levemente (e dificilmente) suspenso por algumas horas de extravagância sexual. Querer Lis por uma noite, por um relance, por uma fantasia solitária de banheiros - é qualquer coisa inscrita na fortuna. Talvez, opção incoerente e inconsistente do eventual macho com a disponibilidade radical que ela provê: afinal, Lis, nesse sentido, só tem ao seu escolhido e ao instante, por completo. Nada de subterfúgios e fraturas cognitivas de prudência! Além desse marco pontual, seria exigido mais do que a sorte vazia de uma foda passageira. De homem para homem, ou de homem para mulher, Lis será o primeiro, o princípio, a força que não renuncia do seu privilégio de silêncio, de sedução, de manobra, de sigilo, de prerrogativa na partida e na omissão, dos segredos, do sexo ao sabor do seu próprio clima e esteio, do sair e vir ao mero convir. Pode ser a mulher que é, mas será sozinha. Suas curvas, silhuetas, sinuosidades e suavidades realmente aludem um romance com o existir, que extravasa do particular e amolda uma vida de percepções mais delicadas? Há uma espera que se guarda em seu seio que não é de músculo, em seus olhos que tem íris e sangue, há uma promessa nessa rara fragilidade que lhe escapa, nesse despropósito de entrega efêmera e sensível que consente, apesar da violência que se utiliza? A possibilidade de uma mamada tenra e macia, desse volume épico que contrasta ao pau de bambu encarvoado e tão emocionalmente rígido, embrutecido e incapaz de giros, de travessias das carnes que usufruem de nova conformação, da pele que se regenera com tamanha maciez? Se é verdade que aos machos não interessa a possibilidade de suas fêmeas encontrarem desejos fartos com outros machos de complementaridades mais instigantes, se não interessa a qualidade do ir e vir de mulheres satisfeitas nas suas escolhas e delitos vivificantes, talvez o limite de atenção desses machos não exceda o intervalo da sua própria pequenez, entre seu umbigo e pentelhos grisalhos. Quantos homens sobrevivem às acusações do tipo imunda, degenerada, vazia, safada e vagabunda? Quantos homens seriam fortes para a altura de Lisbeth? Lis está sozinha: fora da instituição possível: estado, família, religião, prisão, hospital etc.; costumes e sociedades também fracassaram, e homens, enquanto

instituição de masculinidade, não chegam à estatura do sacrifício no paiol do seu desejo. A constatação mais crua é que fêmeas libertas como Lisbeth, tem seios, bocas, ânus e bocetas que querem mais que um rosto ofegante e transtornado diante do enigma que escorre pelo suor.

Não tem um fim.

*"Também a pobre puta sonha.  
A mais infame e suja  
e rasgada e néscia e torpe,  
fodida, manca e surda puta  
sonha.*

*Mas escutem isso,  
autores,  
bardos suicidas  
do dezenove atroz,  
do vinte e de ses assassinos:  
somente sabe sonhar  
ao mesmo tempo  
que se corrompe*

*Essa é a chave.  
Essa é a lição.  
Eis o caminho para todos:  
sonhar e corromper-se a um só tempo."*

*LAMENTAÇÕES POR UMA CADELA  
- Por Eduardo Lizalde*

Algumas palavras a mais, sobre os bastidores afetivos nessa turva relação entre homens e mulheres.

O homem médio rascunhado, entre o papel e as ruas dos centros urbanos contemporâneos, são tipos um pouco diferentes. Basicamente, ao escrever, considere que o próprio jornalista investigativo do filme, Sr. Blomkvist, não está ao mesmo nível dos generalizados em rapazes e homens do cotidiano. O homem médio (digo, heterossexual, casado, trabalhador etc) que também é o mais próximo e caro, e, portanto, uma enorme fonte de diálogo e observações, também não estaria nesse fosso do comportamento comum. Não tenho homens médios, especialmente, porque eles odeiam aproximações com homens gays. Dessa forma, se formos rigorosos ao homem médio das ruas, o homem médio não é tão sensível, sagaz e intelectualizado. Tais homens não precisam conhecer além da sensação que lhe evoca o roçar do corpo terceiro no seu próprio. São os tais que sentem grande virilidade no ato de

possuir a vida - especialmente, o trabalho: orgulham-se de trabalhar suas 44 horas/semanais (se não, mais do que isso), derivando uma estranha satisfação de suportar essa carga de brutalidade. Possesores dos maiores desafios, acreditam, no automático, que também, vitoriosos, possuiriam mulheres como Lis. Enganados, embora mamãe já alertara aos pequenos empreendedores: "se divirta com as erradas, mas tenha cuidado, meu filho - se a mulher enganou o diabo, como você não vai ser engando?". O que seria piada ou advertência, pode reverter-se em maldição. O tal mediano arranja-se de qualquer modo, com qualquer uma que o tome por namorado: irá foder com ela, exatamente como foderia, no que concerne ao seu desempenho e desejo, com qualquer outra. Brutalizado pela vida, desprovido de tamanhas elaborações, o jovem médio, digamos na mesma faixa etária de Lis, não a percebe, não reconhece o seu poder, não a teme porquanto não se deixa afetar/afeiçoar; seu desejo não sucumbe ao medo porque desconhece que Lis não se encaixa no uniforme das castas. Realmente não a percebe. Atribulado ou confuso, é apenas um homem raso e tosco; um modelo que sabe tratar uma mulher com a finalidade restrita que ela queira dar-lhe o que deseja - e basta, do outro lado, observar os tipos (e consequências dos) canalhas que a mulher média refere-se como um tipo que não deixa ileso a sua calcinha. Talvez, sob algum aspecto, Lis seja apenas uma representação comum e extravasada desse homem médio: alguém que enfia naquilo (ou aquilo) que bem queira. De fora, atento e analítico, saber-se-ia que não há receitas honestas para a vida, embora, no tal homem médio, aqueles que nunca se tomam por "objeto" da sua reflexão, não há sofrer consistente para objeto que não constitui existência. Por uma série de atributos sociais, políticos e culturais, essa média de homens não exercita qualquer tematização sistemática sobre os significados a vida, a própria sexualidade, os afetos e sentimentos por mulheres, as relações que constituem etc. Alguém poderia, assim, imaginar uma Lis que não se conjuga ou coloca em perspectiva.

Nas mulheres de amplitude média, a situação também não é simplificada. Não transcrevo exatamente uma cena de Lisbeth, mas a descrição estaria nas possibilidades que também decorrem desse mesmo tipo de presença e de força. Lembro de um amigo querido, também um homem que não se enquadra nas referências médias, a exemplificar-me o inusitado para uma das suas experiências. Dizia-me que uma namorada não gostava de sexo anal (tema do fetiche e dos tabus entre homens héteros com relações mais ou menos estáveis). Eis que numa festa, em nada sugestiva de extravagâncias, a mulher apenas abaixa a calça, joga-se para trás com toda a força, barrando-o contra uma das

paredes, fora da luz direta. “- enfia essa porra que eu quero me sentir completamente sua.” No curso do ato sexual inesperado, a moça descrevia que estava ruim, não gemia mas grunhia de um modo bem marcante e dissolvido na música alta, e insistia para que o namorado não parasse: “- quero sentir isso dentro de mim.”. Mulheres médias, talvez não apenas Lis, sabem organizar o tempo e criar situações com incrível potência. Se é verdade, a sensação que se tem dessas mulheres não é fortuita. A sedução desencadeada é um mecanismo forte para auto-defesa e aproveitamento dos homens, da sua força e posicionamento na vida. Há que se dispor, no corpo da mulher, de um algo que desperte a atenção pela diferença: um cheiro, uma palavra, um movimento, um silêncio, um beijo, um jeito de morder, um semblante aparentemente qualquer e cativante. Lis não é uma sedutora sem querer. Qualquer diferença significativa e imposta, como um timbre ou um olhar, é ato de vontade e de querer: também Lis maqueia-se, veste-se, elege o lugar e o modo de caminhar. Seu jeito de deitar-se como se fosse natural, como se não estivesse preocupada. Seu modo de inocência e indiferença é também parte do modo de colocar-se diferenciadamente para o mundo. Pode não ser para um homem, ou para um homem específico, ou para nenhum homem - a sedução é uma via libidinal bastante selvagem no destinatário. A pretexto de sua dureza e gestos quase brutos, ali também se reconhece um jeito, um modo de caminhar nos tabuleiros - que torna, especialmente, os homens crédulos da imagem que narra. Perigosas são as artimanhas da sedução - fazer um homem “virar a cabeça por uma mulher”, produzir a relevância do olhar mais tímido, carente e (conjugamente) inocente. Percebida como “uma mulher apenas bonita” pelo homem médio de notória ignorância, torna o homem subjugado ao seu afeto - aquele, afinal, que teve o privilégio de ser escolhido dentre todos por aquela mulher, o homem a quem ela escolheu amar. Há muito mais, desconhecido pelo homem médio, entre o aparentemente banal do “anel de brilhantes por meu coração” ou da eficácia de uma “chave de boceta” antecedida por uma demonstração de poder na “surra com o pau (mole) na cara”. Um dos objetivos, com certa naturalidade frequente, é produzir a situação delicada de um homem apaixonado (desmanchado, na verdade), leia-se, os pormenores de uma sensação “louca” (incomum, na verdade) de fraqueza, de debilidade, de fragilidade. Lis, com razão, não precisa dos recursos gracejosos da piranha, da galinha ou da devassa para conquistar metas dessa natureza. Recatada, possivelmente discreta nos usos e quantidades de piercings, não invoca nojos, falsas e pequenas desculpas (seja para tocar “sem querer”, seja para evadir-se) ao que está definida cumprir. Uma mulher média interessada em macho sabe que, em troca de dez-quinze minutos de uma cavalgada

selvagem e uma gozada final (que digam os motéis), um homem faria qualquer coisa. Naquele exato instante, torna-se exemplo do ridiculamente (jocosamente) submisso. Homem incitado e carente de sexo, homem que deseja e busca, cede à sua agressão - ali, opera a dominação média para o então macho autoritário, egoísta, controlador, sedutor e maioral. Embora exausta no jogo inconcluso de forjar mais desejo, enquanto o ciclo é mantido, entre uma breve saciedade e a próxima demanda incitada (e há muitas formas, bem elaboradas, quase anônimas de requinte), então, há um intervalo de proteção (até o retorno do que são, agressivos, insensíveis, brutos, nocivos, desinteressados, perigosos quiçá). Sexo é a arma, do ponto fraco que é o pau. Homens mantidos no desejo são curiosamente mais dóceis. Gostam, e são levados a gostar desse "querer mais, sempre". Mesmo em mulheres com o apelo viril em tipos como o de Lis, sabe-se que a força física também encontra seus limites - apesar do corpo modificado (tatoos etc), trabalhado (destreza, concentração emocional e força física desenvolvida), modelado (comportalmente). Não é preciso arriscar-se em um confronto direto contra um homem. Ao contrário, e nisso não é preciso a excepcionalidade física de Lis, uma mulher média saberia usar essa "força" para ganhar notoriedade e atrair admiração da massa de outras mulheres (a relação entre mulheres é sempre tensa, campo de disputas e rivalidades), enquanto buscam mais proteção e outras trocas afetivas com os homens. Nessa estranha alquimia que enxerga os homens de cima, por efeito de suas artes de seduzir e dobra-lo, ao tempo em que, não estando abrigada nos ombros, braços e músculos de um homem, chora-se, por baixo, da necessidade profunda de ser tomada no afeto do macho. Defendida e ter um colo, conseguir, ao mesmo tempo, afastar-se dos aspectos que machucam, agregar um aliado para defender-se e satisfazer-se emocional e fisicamente. Essa força masculina, então, nos propósitos de uma mulher, expressa como sedução. Curiosamente, no filme, Lis não tem amigas ou confidentes, e seu único amigo, como ela o define, alguém que se preocupa e está próximo, é também o amante.

O estranho verniz dessa mulher que é Lis, um homem médio de atos práticos e estratégia, uma mulher superior no trânsito possível da vida. Penso Lisbeth também como Lizard, em inglês, o lagarto - imagino o dragão. A minha Liz, então, é a Ânima, o arquétipo sombrio do feminino em homens. Não por acaso, na concepção do filme, as figuras que denotam o Ânimus (o masculino) tão frágeis, se comparados ao Complexo que flutua no entorno dessa sombra. Então, Liz pode ser também Lilith, a deusa sombria dos desertos. Se o caminho da Liz ou da Luz exige incluir a Ânima, no mergulho sombrio e sexual, que é sempre erótico, libidinal, pulsional, que é

sempre cama e, sobretudo, divã, então, o razoável é reconhecer que não posso dizer que sei como que é, ou que efetivamente entenda do que se trata - apenas compreendo, em silêncio dos vulgares, e não dos místicos. Nesse sentido, é claro que escrever, em três noites, dezenas de páginas sobre uma "mocinha", já sugere um grau forte de desejo. É claro que, talvez, e somente talvez, se diga que todo desejo é o de foder, apenas, e em último grau, mas não apenas. Talvez, seja apenas outra coisa. Liz fascina-me, de sobremaneira, na poesia que cessa, emudece radicalmente, em sua cama - na cama, a bem das verdades, de uma mulher: a não-formalidade, a anti-obviedade, a civilidade dúbia, certo destemor e descontrole das circunstâncias. A cama de Liz interrompe lirismo, vaidade e gravidade. Atributos que, em nada fruto da natureza, foram cultivados e selecionados nas condutas de Liz. Esse é parte do mundo tido como "insano", a faceta do pós-moderno que se reveste de uma lucidez obscura: assim, loucura, beleza e lucidez projetam-se na minha cama, assim, perigosamente de tão perto. Essas criaturas que enfeitam com a penumbra de um verdadeiramente humano, transparente, de outro mundo (nem da selva, nem do asfalto), formas sedutoras de carne, sensação difusa (e de ilusão fracassada) de natureza, natural, naturalmente incomum... e não menos linda, ainda que fracassada. Uma queda, ou abismo, pelas mulheres profundamente brancas (os homens, claro, em suas peles cruas e bárbaras) e fora de qualquer mundo possível. Foder com Liz é, perigosamente, ser fodido por ela. Fora das massas, fora do seu próprio comum e imaginário, Liz me atrai. Minha cabeça transtornada, ou enlouquecida no desejo por Liz, quando penso e possa ver-me no querer por ela, não me impede da lembrança, no corpo imediato, de todo substrato gay que resiste, cabula e desgosta, mesmo que do fantasiar ao possuí-la. Momento de calma, força e fúria: deixar o mundo preparado! Tática, da própria Liz, com um cigarro, e janelas abertas...

Essa atração quase impronunciável é o anseio de um homem que lhe poupa o esforço a ser desempenhado por outro e melhor dirigido para necessidades particulares alhures, ou minimiza o desconforto de não vir a ser capaz de produzir uma realização que demande maior vigor, exposição e preparo. Se a força, ou o hábito não se faz superior à brutalidade regular dos músculos, deter (e reter) a feição desse homem escolhido proporciona-lhe uma bem-vinda aliança - que a protege e ampara, mas, exatamente nessa força aproximada, seria capaz de machucar com maior intensidade; por outro lado, no eco de um desejo permanentemente nutrido, o interesse do macho aumenta a guarda para não perder sua mulher na distância ou na disputa com outro, e reduz o seu ataque e conflito junto a ela, para não

contribuir ou afasta-la. Porém, de todo modo, Liz não seria uma fração mediana do feminino. Como operam, então, os mecanismos da sedução que ela difunde? Não representa, exatamente, ainda que manobre uma sedução particular, o protótipo da nobreza admitida nos jogos de salões, garbo e galanteios meigos: do ramallete, da companhia, do toque, do perfume, dos abraços, dos beijos, de um tipo de amor. O jogo pressupõe, exatamente, pela arte da repetição disfarçada, consentir que o esforço da base e do corretivo na maquilagem possa fundir-se com o tom suave da pele - dessa maneira, ressaltam a luz e a sombra própria do rosto, em uma ilusão "naturalidade" de que "parece não ter nada". Essa caracterização da magia, que não revela a máscara, ou não abre mão do seu uso camuflado, parece enfeitiçar a brutalidade do mesmo homem que bate forte na vida e a enfrenta no perdão. Em tempos recentes, onde ainda era "feio" dizer que se ama, que era estranho demonstrar afeto por um familiar, uma deusa "naturalmente", ao levantar-se e insinuar a nobreza de sua deferência para um único homem, faria todos os olhares dobrar em suspensão. Entre o rapaz que "só quer explorar", e a menina que "não é dessas coisas", há uma regulação de cumplicidade e códigos epistolares. Liz quebra essa cadeia de estímulos e feitiços, de maneira que, sendo fora da média, provavelmente, também é o caso que um homem médio não seria capaz de fodê-la: diretamente nua, em roupas sem peças íntimas, não saberiam como agir, como falar, como fazer, como pegar, como satisfazer; não há repertório médio de um homem com uma mulher que não joga o feitiço daquela menina-donzela, da sedução bucólica e negociada entre ambos: com suas respectivas esperas e promessas medianas. Mulheres distintíssimas no grau de decência inspiram-se nas coroas das casas reais, rapazes de sorte e de tradição, nos berços herdados de fidalguia. Essa era a imagem transmitida, e de certa maneira cultuada - ainda que desatualizada e diretamente combativa. A tal mulher, de linhas sensuais e de iniciativas muito fortes, que se achega, diretamente, sem rodeios, e engata seu desejo no corpo alheio, também assusta e assombra a rotina média. Não por sensibilidade ou percepção elaborada, mas essa diferença traria dificuldades inesperadas ao tal homem que é malta do troll e do tosco. Um homem inconveniente e mal-educado ou uma mulher exaltada não esperariam as recompensas no convívio e na confiança que o outro proporciona: em último grau de apelo simbólico, a tal fusão no homem no corpo da mulher traria uma sensação de grandeza e feldade que, abrigada no seio que nutre, aquece e afaga, confere-o um lugar mais pleno que só existe em ressonância com a fragilidade e fugacidade menor. Um príncipe, capaz dessa promessa amorosa, dos contos e da literatura oriental distante (Orhan Pamuk, "NEVE", por exemplo), teria ao seu lado a vicissitude que, por um lado,

o torna gigante na eternidade, e mortal da maravilha de cada morte, de cada pétala. Essa é uma das promessas em varejo, de rara investidura poética.

Mulheres do frio são medonhas. Curiosamente, esse é o motivo precípua e o que mais fortemente justifica minha atenção: os homens segundo o estenógrafo de Liz. Entendê-la é também conhecer mais dos homens de Liz, especialmente estes que ela desperta variados desejos. São, portanto, os homens que amam a Liz que vivia com homens que não amavam as mulheres. Esse é um texto sobre homens sentindo mulheres, mulheres que descrevem o funcionamento de homens. Gosto de perguntar aos homens qual pergunta mais profundamente lhes consome suas bocetas - é claro que sabem responder, uma vez que estão em contato junto às suas intimidades. Sendo capazes de saber onde e como ferir tão gravemente as mulheres, estão próximos dos seus próprios intestinos e estômagos. Um dos relatos no filme evidencia a figura de um pai que relega as mais terríveis memórias aos filhos, tanto quanto o genitor da própria Lisbeth, sendo ambos obcecados e covardes nas suas formas de agressão e abuso. Como, ao mesmo tempo, temer e amar o desconhecido que também destrói? Como sustentar a iminente esfacelamento e uma promessa de agregar? Tangenciar códigos de infração/avançar e de traição/violar para o ritmo de uma sedução e seus propósitos, uma posição delicada que flutua e protege, que evade ou apoia, que frustra ou encaminha situações: lugar de infinito mistério que aceita abraçar o invasivo que, por sua vez, aceita-se menor na consciência do abrigo emotivo que se lhe proporciona e que o(s) faz(em), paradoxalmente, maior no conjunto em vista da entrega particular. Liz ensina-me sobre esses tantos machos - especialmente, a respeito daqueles desesperados de amor. O mundo dos homens é sempre fascinante. Podemos, enquanto homens gays, saber do funcionamento do corpo, do desejo e do sexo de um homem - outro, e nós mesmos. Mas as mulheres sabem da cautela persistente que deveríamos resguardar dos homens - disso, os gays pouco foram alertados. Oraí e vigiai, para compreender a profundidade desses olhos do macho que acompanha o corpo da mulher passante. Nessa ginecologia experiencial, Liz percorre ambos os tipos de homens: dos inimigos dos meus inimigos que se filiam como meus amigos; e dos inimigos dos meus amigos que são investidos como meus inimigos. Para além, ademais, dos superlativos que ilustram quem é Liz, essa mulher abriga e acolhe estórias de homens que suportaram amar essa mulher de homens que não a amavam; estórias, também, de homens que foram amados por essa mulher que não foi amada - quais os significados valiosos, de ambos os casos?

Então, fora da dominação rasteira, dos moralismos e dos preconceitos; fora dos sumiços, contradições, vazios e ciúmes, da paixão e sedução habituais pelo homem que escolheu; fora das virgens juramentadas da Albânia - daquelas mulheres que sobrevivem no mando, que ocupam e disputam o lugar na vida pública como homens, que são chefes de família, que usufruem da liberdade enquanto proprietárias... Liz é um pouco de cada aspecto, de cada mulher. Ela é a mesma que porta armas, e sabe matar com revólver ou máquina de choque para defesa pessoal. Mas, se fosse coagida, imagino que também poderia ferir na gilete do barbeador ou no alicate de unhas. Às vezes, espanta; outras, encanta - perdidos, ou fodidos seriam os homens! Ardilosas, ou vingativas, quem sabe perigosas - guardiãs de outra coisa, do que traz a diferença, de uma promessa de superação e de inesperado aos homens. Diferentemente dos pactos, com seus elementos acordados que prevalecem, o imprevisível gera desacordo, movimento e desejo - pode ser maior do que o imaginável, além de não haver condução ou guiança claras. Homens regulares teriam suas dificuldades para lidar com os gracejos e constrangimentos dessa parábola-Liz - e quanta insegurança cabe no coração de uma mulher?! Lindo, tão e muito lindo pode ser o amor - na proporção em que também são tristes, deveras tristes serão as experiências. Ao mesmo tempo que poderia ser uma mulher dyonisiaca, também não se encaixa facilmente na aparência da criatura ferosa - ao contrário, não convida para entrar, evita cumprimentar outros. Ora, foder com seus machos é uma forma de também desequilibrar o mundo, res(s)entir por mais desejo, certo? Mas peço segredo desse assunto?! Quando o veneno da sedução é tornar invisível a conquista, um ato voluntário de dominar sem permitir que o outro tome ciência, então, assim responde a velha preta do atabaque: segredo dado às faluas do Tejo...

sangro de impulso, ressurreição de hemácias e anti-corpos - mortal sim, apesar d'alma que suplica o não viver para sempre.

seja comigo um primata - quero você; sexy e feroz.

consiga disso que homens não tem - e você não merece estar nessa terra!

transforme-se comigo, verás - que o mundo não é o nosso lugar.

escorre do altar florido, uma fantasia tão necessária quanto a arte que nos salva do mineral e do vegetal no corpo.

memórias telúricas, baile de Johann Strauss:  
Wien, Vim, Vinho.

Estado da arte, dessa produção entre tácito com o  
simbólico, do abstrato tátil com o corpo de esfumaçada  
sensibilidade, do estético com o intuitivo, a fruição do  
acréscimo. Amor como arte e invenção. Mário de Andrade, o  
poeta das ventanias, questiona: "aceitarás o amor como eu o  
encaro?..." Essa é a questão de Liz para a vida  
(especialmente, para os Humanistas-Rogerianos...).

*"Adoro pau mole.  
Assim mesmo.  
Não bebo mate  
não gosto de água de coco  
não ando de bicicleta  
não vi ET  
e a-d-o-r-o pau mole.*

*Adoro pau mole  
pelo que ele expõe de vulnerável e pelo que encerra de  
possibilidade.*

*Adoro pau mole  
porque tocar um pressupõe a existência de uma intimidade e  
uma liberdade  
que eu prezo e quero, sempre.*

*Porque ele é ícone do pós-sexo  
(que é intrínseca e automaticamente  
- ainda que talvez um pouco antecipadamente)  
sempre um pré-sexo também.*

*Um pau mole é uma promessa de felicidade sussurrada  
baixinho ao pé do ouvido.*

*É dentro dele,  
em toda a sua moleza sacudinte de massa de modelar,  
que mora o pau duro e firme com que meu homem me come."*

*PAU MOLE  
- Por Maria Rezende*

Os heróis (e heroínas) sabem que a nobreza do  
reconhecimento geralmente se encaminha como tributo à  
coragem e à lealdade de causas, juramentos e valores  
intransponíveis. Para os mais românticos, é o ato de  
colocar-se em perigo e à prova do amor, de padecer o risco,  
em último grau, de submeter e empenhar a própria vida -  
morrer, desfiladeiro e sequela derradeira, onde não há

volta, onde não há desistência, onde se cumpre a exatidão trêmula do verbo, onde símbolo e palavras esgotam-se na demonstração perpétua. Morrer no tempo, matar-se na distância, ou ser morto da saudade, em uma circunstância qualquer de amor, de lascívia, de desejo, é fato que faz tremer de emoção e de soluço. Raro, embora mágico quando se sucede. Lisbeth, a poetisa Liz desse texto, é tão suja, medonha e sanguinária quanto os heróis em seus corcéis brancos, trágicos ao empunhar sua espada na honra de uma devoção. Ela é exatamente forte e sublime, quanto um herói a defender a premência do seu amor. Essa Liz (Lisbeth Salander) que vejo é, portanto, uma variação audaciosa e obscura de Calâf, um dos nomes desconhecidos para o amor - o príncipe na Ópera Turandot de Giacomo Puccini. Com uma história verdadeiramente complexa e passional, a Ópera foi escrita no final dos anos de 1920 e transcorre-se na ambientação da China Média. Aparentemente, a narrativa prevalece sob o foco da princesa Turandot, retratada como uma regente fria e cruel, que marca seu governo pelo sangue e pela discórdia crescentes. Um dos aspectos centrais nesse contexto de tantas ofensas à paz social é o fato que Turandot não aceita casar-se - a princesa sabe que uma das suas antepassadas, tomada e levada em casamento, acabou por ser assassinada. Apesar da coação dirigida por seu pai e pelos ministros de governo, a exigência da princesa é que todos os pretendentes à sua vida e ao seu trono deveriam responder corretamente a três das suas charadas, três desafios. As perguntas são tentativas de assegurar que nenhum homem possa levá-la consigo, uma vez que o erro é punido com a morte. Três outros príncipes já foram executados diretamente a seu mando, em praça pública. Na ocasião de morte para o último deles, certo príncipe da pérsia, muitos do povo estão reunidos para acompanhar a punição conduzida pela princesa. Dentre as centenas de anônimos, vagueia um rei deposto do tártaro, homem cansado que fugiu para o exílio - acompanhado pelo seu jovem príncipe, um herdeiro igualmente desconhecido em terras outras e distantes, e uma única serva que permaneceu fiel ao trono decaído. Eis que o jovem rapaz, ilustre desconhecido, sem nenhum qualitativo visível e desprovido de quaisquer glórias para aquele mundo, vislumbra o relance da princesa Turandot... e apaixona-se. Decide que irá apresentar a sua candidatura ao gongo dos pretendentes - outros tentaram demovê-lo da iniciativa, mas resoluto ele convoca o nome de Turandot e o desafio está selado. Liù, a escrava que voluntariamente os acompanha, canta sua bela e intempestiva ária para impedi-lo; assombrado com a insistência do pedido, o jovem príncipe questiona a razão de tamanha preocupação: Liù confessa que, em uma única vez, ele sorriu para ela. Inamovível das suas paixões, serva e príncipe não chegam a consensos possíveis. Dirigindo-se ao

trono do rei, que também pretende afasta-lo da vã tentativa com tão dura consequência, ele permanece disposto ao desafio. E Turandot lança suas questões. (1) O que nasce em cada anoitecer e morre a cada nascente? "Esperança", pensativo, responde Calâf. (2) O que pulsa rubro e aquecido feito chama, e não é o fogo? "Sangue", após um momento de pausa, responde Calâf. Duas perguntas respondidas acertadamente, e a princesa está apreensiva, ligeiramente desesperada. (3) O que é tal frio como gelo embora queime? "Turandot", responde Calâf, chorando triunfantemente. Esperança, sangue, Turandot são as provas que Calâf conquista, ao preço de sua própria vida em risco. (É possível assistir à intensidade das perguntas, localizando a exibição a partir dos primeiros 50 minutos - início do Ato II da Ópera, no seguinte link: <http://www.youtube.com/watch?v=6GmOKRDvjCs>). No gongo dos metais e das tempestades, o sangue de outro inocente será inevitavelmente derramado. Entretanto, apesar dos enormes desafios que Turandot interpõe, e até mesmo dos seus apelos para que o pai impeça/interceda para que ela não seja levada pelo homem que acertou às perguntas, o príncipe desconhecido torna-se o detentor da mão e da vida da princesa. Percebendo a resistência/hesitação da princesa em acompanhá-lo (o quinto desafio: colocar-se em paixão, logo de início; as três adivinhações, e o desafio seguinte para a princesa), ele propõe uma alternativa: fará, por sua vez, um último desafio para que ela acerte - a punição, caso erre, será finalmente acompanhá-lo. Trocará a liberdade da princesa com o sacrifício da sua própria vida, caso então a princesa acerte. Descubra qual o meu nome até o amanhecer. Essa é a quarta vez que o príncipe aceita percorrer os veios da morte, a princípio por uma desconhecida que se apaixona distante e discretamente, e gradualmente, se decide por conquistá-la na inteligência e na afetuosamente, renunciando à força. Príncipe na rendição de um amor que vai lhe cobrar tudo - tudo, e sua própria vida: esperança, sangue, e o próprio amor de Turandot (todos levados pela morte, novamente ameaçado). Desesperada, a princesa ordena por decreto real que, durante aquela noite, nenhuma criatura do reino durma - que tudo que for vivo parta à busca de descobrir o exato nome do desconhecido. (Na mesma Ópera, 1h23 minutos de exibição, é o início da cena - uma das mais potentes na história.) A princesa manda prender o pai e a serva que acompanhavam o príncipe, encarregando-se de torturá-los. Descobre que o antigo rei do tártaro desconhece o nome verdadeiro do príncipe e que, apenas a serva, poderia saber. Mesmo com o aumento da dor, a escrava torturada ainda não confessa - dramaticamente impressionada, Turandot pergunta o que a faz obstinadamente resistir com silêncio a uma simples pergunta que pode custar-lhe a miséria da sua vida: "amor". Contra a ameaça

da morte ao príncipe desconhecido, Liu, a serva apaixonada, responde à tortura com um punhal dos guardas e mata-se para não dizer. A noite já está profunda e suspensa no incerto desfecho, Turandot realmente desesperada porque não irá descobrir a resposta correta. Esse é o contexto de *Nessun Dorma*, a ária do príncipe desconhecido, a ária do amor, cantada para as estrelas.

*...il nome mio nessun saprà! / No, no, sulla tua bocca lo dirò, / quando la luce splenderà! / Ed il mio bacio scioglierà / il silenzio che ti fa mia.*

*...o meu nome ninguém saberá! / Não, não, sobre tua boca o direi, / quando a luz brilhar! / E o meu beijo quebrará / o silêncio que te faz minha.*

(Então, as estrelas do céu protestam...)

*Il nome suo nessun saprà... / E noi dovrem, ahimè, morir, morir!*

O seu nome ninguém saberá... / E nós teremos, oh!, que morrer, morrer!

(O príncipe desconhecido responde...)

*Dilegua, o notte! Tramontate, stelle! Tramontate, stelle! / All'alba vincerò! / Vincerò! Vincerò!*

Parta, oh noite! Esvaneçam, estrelas! Caiam, estrelas! Ao amanhecer eu vencerei! Vencerei! Vencerei!

Ao infinito dos céus, o príncipe decide que, por amor, irá confessar seu nome aos lábios da princesa, ainda que a consequência do seu ato seja a liberdade da bem amada e o definitivo da morte para si mesmo. O dia levanta-se, e com a surpresa de um beijo forçado, a princesa responde com o mais inusitado sentimento de suave desejo. Secretamente, aos lábios dela é revelado seu nome e libertada torna-se a princesa do compromisso de acompanhá-lo contra a vontade do seu destino, escolha e coração. Salva à liberdade de qualquer futuro, o jovem príncipe também renuncia estar vivo e ao lado dela se o custo for o da maldição na força. O príncipe quebra à violência do controle, as regras que a princesa mesmo impôs, colocando a força heroica dos sentimentos que nutre em um patamar acima da disputa. Com o nome já murmurado, basta Turandot anunciá-lo ao dia cheio. No momento de apresentar a resposta, ela diz que o nome dele é "amor". Ao declarar sua perda no jogo, Turandot abdica à frieza do seu coração e acolhe o amor do príncipe Caláf.

Liz não é Calàf (de Puccini), Liz não é Pi (do filme As Aventuras de Pi). De todo modo, parece que há algo de Liz que é a força de doçura em Pi e em Calàf - ambos, criaturas que matam, lutam, abrem mão de si na disputa. E que, provavelmente, não chegariam a tanto se não fosse por alguma entrega amorosa. Liz por qualquer motivo de relance apaixonou-se por um jornalista que não a ama, que a desconhece e que tem outra vida sentimental, que a insulta e provoca quando sabe que Liz vasculhou sua vida... mesmo assim, ela aceita ajudá-lo no seu trabalho, arrisca-se por ele, poderia ter sido morta ou gravemente ferida - por um tipo de laço crescente que vai dirigindo a ele, e, de alguma maneira, ele por ela. Uma desconhecida, uma Calàf que se arrisca no precipício de uma aposta corajosa (em Calàf, em Pi, um tipo de disponibilidade, de chances ao novo "amigo" - que ofertam mais e mais de si, na capacidade de generosidade e de correr perigo em nome de terceiros). Seja na realidade 3D (Pi, Hugo Cabret, Pina, Avatar etc), seja no tempo dilatado das Óperas (Turandot), esse corpo-Liz é de mistério, de lagarto, de salamandra.

"(...)

*Não há mais sublime sedução do que saber esperar alguém.*

*Compor o corpo, os objectos em sua função, sejam eles a boca, os olhos, ou os lábios.*

*Treinar-se a respirar fluorescentemente.*

*Sorrir pelo ângulo da malícia.*

*Aspergir de solução libidinal os corredores e a porta.*

*Velar as janelas com um suspiro próprio.*

*Conceder às cortinas o dom de sombrear.*

*Pegar então num objecto contundente e amaciá-lo com a cor.*

*Rasgar num livro uma página estrategicamente aberta.*

*Entregar-se a espaços vacilantes.*

*Ficar na dureza firme.*

*Conter.*

*Arrancar ao meu sexo de ler a palavra que te quer.*

Soprá-la para dentro de ti

.....

..

..... até  
que a dor alegre recomece.

(...)”

-- Por Maria Gabriela Llansol Nunes da Cunha Rodrigues  
Joaquim (poetisa portuguesa; “O começo de um livro é  
precioso”, 2003)

...

(só me diz qualquer coisa).

Saudades, e medo.

.

.

.

.

.

.

.

**Andy B.**





SEM/DATA, UTILIDADE NENHUMA.  
APENAS RASCUNHO DE VIRILIDADE.  
NÃO HÁ AUTORIA OU DESTINAÇÃO.  
CARTAS, EPÍSTOLAS RASGADAS...  
NÃO FOI ENVIADO; APENAS ESQUECIDO.

"TODA TEORIA É UMA CONFISSÃO SUBJETIVA", Herr C. Jung.

Ouvindo "Like a Prayer"<sup>109</sup>, a sua Madonna. Estou no carro, ela com um vestido sem flores.

(...)

I hear your voice, it's like an angel sighing  
I have no choice, I hear your voice, feels like flying  
I close my eyes, oh, God I think I'm falling  
Out of the sky, I close my eyes, Heaven, help me

When you call my name, it's like a little prayer  
I'm down on my knees, I wanna take you there  
In the midnight hour I can feel your power  
Just like a prayer, you know, I'll take you there

Like a child you whisper softly to me  
You're in control just like a child, now I'm dancing  
It's like a dream, no end and no beginning  
You're here with me, it's like a dream, let the choir sing  
(...)

Não estamos de mãos dadas. Parados além dos minutos inóspitos, quero o prazer do cinto não apertar. Gradualmente se reconhece o diminuir na velocidade quando o já lento surgir das construções antigas quer-se afastado no relógio atrasado dos nossos compromissos. Trata-se das contradições desidratadas em trajetórias urbanas de visceralidade fantasmática, distâncias que se ampliam. O luminoso vermelho arrefece a minha ansiedade nas tardes insones de outubro. Bloqueio, desvios, congestionamento nas passagens, volume dos transportes. Esse cheiro dela que ficou na barra amassada da minha camiseta. Observo uma longa fila de automóveis, cinco ou seis quarteirões contínuos à nossa frente, bancos vacantes que perfazem o corredor de ausências maquinarias, em diferentes tonalidades que flutuam no asfalto, formas do repetido exótico ladeando o concreto verticalizado, vidros foscos em

---

<sup>109</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=reMbyC4GHvQ&hd=1>

curvas da mesma poluição densa que afugenta o pretérito das estrelas tímidas. Estamos perdidos e não há rotas de fuga. Sem apitos, sem música. Ao lado esquerdo, um flamboyant vermelho ultrapassa o limite de uma propriedade, denunciando o inimaginado de um bosque oculto. No retrovisor, a fina alça direita está caída, enquanto se automassageia da picada acima do peito. Seu peso acomoda-se na diagonal do corpo, com uma trouxa circular do lenço para a cabeça no banco de trás. Meus ouvidos não escutam, minha pele não sente, meus olhos não vêem diretamente, todavia, folhas são movidas acima da cerca elétrica e da malha pública que o robusto espécime facilmente ultrapassou. Não há pássaros e frutos no caminho, se não a presença da solidude anil que adormece vagarosamente. A rua não cresce feito os baobás ou meu pau no zíper aberto. O murmúrio que dela não se identifica expele amoras e pitangas incompreensíveis, um cesto inteiro com seus perfumes no piso e no assento. Tenho a impressão que vultos bicolores passam na quina dos meus olhos. Perder o controle é agradável. O que me diriam as raízes no ainda-calor daquela terra acerca da injusta brisa fresca que se delonga no mais alto da velha copa? Invadido da reflexão semiótica, chegamos à praia com duzentos graus de abertura vazia, de areia branca no açoite do vento para as dunas, claridade acesa em temperatura tropical e incandescência mediterrânea no caiado das barracas, com o mar de plácido verde sem pedras e ondas, sem inconvenientes ou quaisquer preocupações humanas, de um morno salino com a qualidade do eterno conforto, o gosto do mar nas trocas submersas dos orifícios e o cheiro de consciência alterada no barro viscoso de algas, assim transparente, um tudo como a extensão do céu limpo de assombrosa profundidade azul... A brutalidade no trânsito ocasionalmente me oferta essa vivência prolongada junto ao mágico, um véu de silêncio que me desloca para fora dos ruídos e da manipulação sensorial de mundo-canteiro-de-obra-nenhuma, que recorta de penumbra o existir breve da matéria putrefa e inverte de suave aquela crueldade na paisagem citadina. Não são gestos bonitos, é o próprio encantamento, é o próprio instante arquetípico. Os místicos concebem seus mantras não como falas que representam ou que abalizam o entendimento do buscador, ao contrário, a experiência que se partilha é da própria realização, é o portal em si mesmo vivido e incluído: a propósito das águas, para além da metáfora ou da ilustração, minha fala seria capaz de manifestar todas as propriedades aquosas naquele que me escutasse, uma capacidade de realizar o destino do oceano no corpo inundado. Ela dorme, parece sorrir sem o batom. Corpo branquinho e lábios quase roxos, de olhinhos vibrantes e piscando, um travesseiro no ursinho que fica em casa. Insano, ou insone. Não é o touro arcano, é o pequeno Ewo,

deslumbrante e traiçoeiro de memórias. Lentamente as buzinas rebocam os cubos estacionados, com os gestos inábeis que saltam da troca entre os pedais do piano, as marchas que já não encaixam propriamente nas engrenagens de corpos amolecidos, dos cavalos ébrios numa charrete de cortinas fechadas para o caminho. Apenas há suor dentro do carro, uma tensão de movimentos incautos e de não saber, um para-brisa embaçado nesse soluço de não retribuir o seco do frio para a umidade da saliva confusa e dos poros solidários. Pode ter sido, não-sendo; pode não ter sido, sendo: na imprudência de uma fala apressada, como aprimorar ou limpar o gesto? O que é a pretensão de não inibir nada quando se busca habitar o corpo poético? É rápido demais: onde foi e de onde veio; surge e esvanece, sem rastro e sem vestígio, nenhum resto ou registro. Não há foco possível de luz, não há trilho. Vulnerável e introspectivo, sozinho. Vejo um pé meio descalço dos sapatos, ainda fascinado com a beleza que descansa. Corpo surrado de padraço e de carências, pés machucados do calçamento. Um ipê amarelo que se modifica na composição geométrica da parede, um movimento seguinte da partitura iniciada há dezessete minutos, no corpo rubro daquele parceiro vegetal que deixamos passos trás. Da instalação-metal com aros e faróis, não me ocorre se não esse delírio que também é cegueira do óbvio: um amarelo poente que dança, que se despede imperceptível dos aviões e dos transeuntes alheados. O que me diriam os comandantes, as turbinas e os controladores de vôo a respeito desse tecido mágico-mítico-místico que não é carta de vôo? Esse "e", "ev", "vento" que apenas a minha fantasia alcança, que vive comigo e produz a série de consequências relacionais, (ele) é real (mesmo e sobretudo) quando não o vejo, não o escuto, não o sinto? Não basta descrever as sensações, é preciso distingui-lo da pura virtualidade (então isso, "apenas sensações", deve produzir afectos e perceptos?); ou descrever o ato imanente e sua potência materializada em atualização da realidade? Então, (ele) existiu mesmo? O real é mais legítimo que a condição de potência/despotência intrínseca ao virtual? Nesse invisível (e no enxergar o próprio escuro), penso em Agamben e sua camada de sombra. O real é mais cogente que a fantasia, o simbólico, o imaginário do irreal? Nesse intangível (e no seu eclodir criativo de presentes), penso em Jung e sua camada de sombra. Basta-me as sensações para conferir o estatuto de vivido, de verdadeiro e de realidade? Sensações avulsas que não se coligam em circuitos coordenados de organicidade ou de funcionamento organísmico, sensações que produzem, ao seu melhor, um corpo sem órgãos? Sensações que apenas se traduzem (ou se justificam) por novas sensações - nunca por uma explicação? Ela roncava despreocupada, enquanto o ipê sumia após dois cometas. Ninguém mais viu o tal rufar que acariciava o

amarelo e o vermelho de folhas com os últimos raios do sol? Silvos, chiados, assobios. Parece um sonho, enquanto perco as referências claras. Seu corpo não tem o bronze, não há músculos definidos, nem bunda ou pau sugestivos. Seus olhos são baixos e refratários, não há expressão própria no seu rosto, seu corpo não elicia sedução ou sexualidade. Delicadinho ou aprisionado, reservado e discreto, compactado, enxuto e econômico de tudo. Não se vê consciência corporal, apenas um sobrevivente. Não há palco adequado, iluminação especial, tratamento sonoro ou equipamento de som qualificado, maquiagem, penteado e figurinos apropriados, roteiro, cenário ou conceitos aprofundados. Um lugar meio galpão de cimento, pé direito triplo ou quádruplo, contexto árido e inóspito, um hall de um prédio qualquer ocupado, com a pintura desbotada e banheiros com odores. Há gatos e potes com ração, outros de água. Há vigilantes, e uma agência bancária em horário regular de filas. Há carros de burocratas na entrada. Lâmpadas de escritório, uma mesa com café, açúcar e água. Há sacolas, caixas e mochilas dos participantes. Os corpos que dançam não são técnicos ou aprimorados de cultura artística formal, não há flexibilidade, alongamento ou resistência dos músculos, não houve ensaio ou trabalho prolongado. Não há dinheiro na produção, não há apoio institucional - "essas coisas não são eixo principal dos saberes disciplinares ao corpo, aos esportes etc". Há provocações e desejos significativos, certamente, estreias ou iniciações seriam prováveis no quadro sempre único das referências pessoais. Uma planície desfavorável com o lugar feio, o chão sujo, as condições precárias, não há plateia formada ou sequer cadeiras ao público. Um movimento do coletivo é iniciado a pretexto de uma massa humana que comunica possibilidades. Um rapaz toca gentilmente o corpo de um colega de turma. Esse segundo está com uma venda nos olhos (um lenço preto), portador de uma imobilidade curiosamente sinestésica, respirando nessa geografia escura que se vai produzindo, tateando e relacionando-se. Outros corpos chegam da área externa até o espaço, enquanto um tambor silencia após notas ferozes. Embora não haja elementos destacados no seu mover, há qualquer coisa na sua alma que não me deixa escapar os olhos. Ele transpira outras sensações do seu desconhecido, algo de uma curiosidade no experimentar do mundo. Os gestos de quem o toca incidem diretamente sobre a sua pele jamais antes disponível, mãos talvez frias ou trêmulas de quem, todavia, afaga com graciosidade na superfície parcialmente nua, com a intimidade necessária para mover um por um de músculos capturados por nada mais que o desejo de apreciar e quase-sorver algo desse corpo fincado-e-trancado. Dá-se o manipular com uma afetuosidade disfarçada para um denço apenas sinuoso, de um corpo receptor que desconhece a

multiplicidade que se desvela nas intensidades das mãos de um homem, da convocatória que quase excita ou apenas devolve o calor para as chances oleosas subtraídas com os pêlos. Afloresce o cheiro mais incomum do feminino que se insinua entre os dois jovens rapazes, os dois bichos seqüestrados na intermitência dos seus hormônios, lançados no desconhecido de um bem querer para seus tão diversos recônditos. O garoto inicial desaparece com esse corpo-conto-contato que o segundo partilha. Do breu e do bruto, da rudeza e da crueldade, salta não o gesto por si, mas o reflexo somaestésico que dispara o movimento ilusório, quimérico, fantasioso de uma criatura etérea, surgem os marcadores de um corpo bioartístico que se dirige em milhões de anos de adaptações, os transformadores bioenergéticos em um ser de buscas entre células, átomos, energia, memórias e conexões, um bicho telúrico em sua rara passagem estésica. Não era o garoto a ser filmado, era ser a própria filmagem, ser em poética dilatada e corporal, ser-em-potência e co-autor na obra que nele se instaura. Essa obra-monumento que não apreendemos, mas que desfigura os reconhecimentos possíveis. Os gestos não são extravagantes, apenas um contorcer que espreme seiva. Não há tentativas de saltos, de pulos e de velocidades, ou de pernas e braços ampliados. É o tempo lento das florestas escuras. Ao redor do seu tyrso, todos somos um cortejo de bacantes. O foco está na mão, nos dedos espalmados, como quem é afetado no toque de contato e por meio do qual transfere suas volições. Uma experiência que necessariamente sente, não que propriamente dança. Não é o corpo do sagrado nem do sacrilégio, é a palma que acaricia o silêncio. Um Fauno e não uma homenagem para Apolo. Sensual e etéreo, esse novo corpo responde: o esqueleto é abandonado como vestimenta, não há sangue, nem príncipe, nem homem quando surge o espectro de outra transação, desconhecida na alquimia da quase música, do quase sono, do quase escuro, do quase outro amor, do quase outro estímulo... Apenas uma calça de um branco plástico e justo, uma cueca boxe que não se deixa revelar preta. Pés e mãos livres. Não há qualquer ereção, e assim, cada vez amolecidos, dissolvidos, liquefeitos, outra sensualidade corrói de eletricidade bioquímica as nossas marcas prévias. Além da primeira cena a movê-lo na sucessão de contatos e respostas espiraladas, há uma configuração seguinte, onde os mascarados pretendem roubar-lhe o gesto, seguram seu corpo em pontos de força e o rapaz destrava, resiste, contorce. O terceiro ato é o da improvisação em coletivo, onde o moço adentra o campo da visão a partir da plateia, como um bicho altivo (com o porte de uma garça) e de movimentos lentos em quatro patas - mistura de gafanhoto e de cavalo-centauro. A sensação é de uma penetração interna, das vísceras, dos uivos, da cólera, quase dos opióides, ou

do circuito anti-atualizante, do contra-relógio na circulação venal e também venérea, da letalidade que absorve o saudável, que traga o mais puro, drena as saídas... e adormece com a prata tóxica da lua, da maldição que se infiltra suavemente, que se debate e asfixia. A sala toda é fria, o equipamento faz seu barulho, embora a impressão quase anuncie outro tempo-lugar. Quem move pretende esculpir gestos mínimos que apenas ressoam as figuras conhecidas no corpo movido, impulso que eclode dos músculos em ressonância e prosseguem alguns parcos segundos absorvidos, cedendo para outra potestade que parece nascer das lápides ou das cavernas. Rasgadas com o fôlego dissipado, caem também as nossas roupas, e o sereno, e o suspiro, e a melodia, e o absoluto de qualquer futuro. O corpo movido responde os gestos com prolongamentos de um rito secretamente carinhoso, são apenas gemidos inaudíveis; um caminho de nutrição sobre o espaço trincado, sem qualquer precisão ou direção, como se um líquido, um hidromel na forma de fumaça, pudesse compor a materialidade tácita para um sonho delicado e faminto. Ele não substitui o espaço por um chão transcendente, não traz um valor que pretenda instituir. Não foge do presente para garantias, seguranças e salvações. Contudo, ele não cria espaços, na verdade, fratura-se a distância, como errância e quem arranca, mais de que abrigar virtualidades, potências, atos, realidades inventadas e atualizadas de imanências. Ele quebra, e costura um tecido mágico, um véu alquímico de outras pontes entre o carbono dele e meu, entre nós e as estrelas. Olho para o meu colega, procurando respostas. Estamos há muito em choque, logo no início desse intervalo nas cenas que ele integrou. "Você está percebendo o que estou vendo?", ele pergunta. Caem lágrimas que califigram apertos, suspensões e nós em árabe. Não é que ele constitua desenhos belos, como nos raros momentos que eu mesmo não sou o gesto sombrio - e quando apenas os dentes e os olhos são os da própria morte, enquanto oscilo entre câimbras e dormência completa. Imprevisível, o garoto retorna ao seu mundo e aquela beleza seguiu ao meu lado. Momento quase regressivo, se não for completamente agressivo - com a mudança das músicas e da proposta que se construía. O Fauno apenas desapareceu. **Guimarães Rosa: "Narrar é resistir"**. O tecido foi rasgado, o deserto retorna. Sem vocabulário e repertório prévio de corpo, essa é a carne róseo de bôto, a mesma carne crua (e não cruel) de um salmão - molhada e quase adocicada do suspiro e do gemido sufocado; é a mesma carne na boca dos lobos, da sensação no braço ou no torso, dos ombros para as costas fleumáticas de um branco leitoso, do sangue que escorre dos dentes para os pelos abaixo da boca, e ainda que os pigmentos seja removidos no processo granular dos pratos areados, há o cheiro e o eco do hábito, do hábito, do hábito, do hábito, do hábito. Aquele corpo

situa-se mas não é propriamente do chão - são qualidades ambíguas, ou paradoxais que se desdobram: por um lado, a estabilidade de uma sequóia, onde há vida por milênios em processos no barro, embora, ao longo dos nichos possíveis e diferenciados, outras relações acoplam-se ao seu tronco que busca o infinito. Por outro lado, assim mesmo estabelecido, o troco curva-se, bifurca-se, retorce em si mesmo, e ainda quando cessa, seus brotos apontam, e perseguem, e enunciam porções, delimitações, regiões extravasadas de si mesmo no vazio. Não se trata de uma árvore encantada que se localiza no espaço, é outra coisa: é uma expressão de vida que deforma, esfacela e curva o espaço e as presenças. Ela não cresce e desenvolve, não ocupa o espaço - ela quebra, e aproxima regiões diferentes, em dobras. Walter Benjamin<sup>110</sup>, em "O carácter destrutivo" (publicado em Nov. de 1931): "(...) quase todos os vínculos mais profundos que nela [na vida] lhe aconteceram partiram de pessoas cujo «carácter destrutivo» era unanimemente reconhecido. (...) O carácter destrutivo só conhece um lema: criar espaço; apenas uma actividade: esvaziar. A sua necessidade de ar puro e espaço livre é maior do que qualquer ódio. O carácter destrutivo é jovem e alegre: destruir rejuvenesce, porque remove vestígios da nossa própria idade; e alegre, porque toda a remoção significa para aquele que destrói uma redução total, e mesmo uma radiciação da sua própria situação. (...) O carácter destrutivo não tem ideais. Tem poucas necessidades, e muito menos a de saber o que ocupará o lugar da coisa destruída. (...) O carácter destrutivo não está nada interessado em ser compreendido. Considera todos os esforços nesse sentido como superficiais. A incompreensão não o afecta. (...) O carácter destrutivo apaga até os vestígios da destruição. (...) O carácter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas por isso mesmo vê caminhos por toda a parte, mesmo quando outros esbarram com muros e montanhas. Como, porém, vê por toda a parte um caminho, tem de estar sempre a remover coisas do caminho. Nem sempre com brutalidade, às vezes fá-lo com requinte. Como vê caminhos por toda a parte, está sempre na encruzilhada. Nenhum momento pode saber o que o próximo trará. Converte em ruínas tudo o que existe, não pelas ruínas, mas pelo caminho que as atravessa. O carácter destrutivo não vive o sentimento de que a vida é digna de ser vivida, mas de que o suicídio não compensa." É uma supernova entrópica que, também no garoto, ecoa de ternura com o estímulo inicial absorvido, retornando para uma qualidade/grandezas de silêncio mais do que apenas se adequando à inércia. Assim, e quiçá por isso mesmo, seu corpo esmaga o vazio, seu corpo destrói as diferenças

---

<sup>110</sup> Ver: <http://www.revistapunkto.com/2011/06/o-caracter-destrutivo-walter-benjamin.html>

esvaziadas, e como um buraco negro, tudo é absorvido na sua própria circunferência. O garoto é apenas uma explosão irradiada de energia que percorre o universo, que transforma em poeira a presença ao seu redor. É apenas isso movido por tais forças do encantado, capaz de quebrar a espacialidade do banal e do cruel, tudo que retorna em matéria prima sugada na sua poética elementar, mais basilar e telúrica, na sua condição obscura de anti-matéria ou excesso de energia escura. Ele não faz nada, porque não há como saber-fazer. Apenas se move como esse Fauno que desperta no pântano de gestos empobrecidos e desprovidos de qualquer potência, e desse abismo onde nunca esteve, seu corpo escorre em leite, orvalho, mel e seiva para a fome das criaturas, emana-se inesgotável e sem receios da eternidade que alimenta todos os possíveis reinos. Há apenas restos de gestos, pedaços de corpos que disputam som, no jogo de cena e luz onde surge um Fauno que se revela tanto quanto se resguarda: uma transação de deleite, de contemplação, de provar e de perder, de assustar e não reter, de vir e partir, de jamais ficar, ecoar, permanecer ou ficar, de não ter... a condição mesma de qualquer poética, na sua aproximação inicial. Gestos por gestos que ele decompõe e fragmenta, que retornam à fuligem e à poeira cósmica do seu anti-movimento, e, dele mesmo, em seus giros de anti-gravitação. São as nossas colisões experienciais que o criam na condição de Fauno? É um momento mágico e inesperado, casual e fortuito para o seu corpo? É uma possessão que apenas se reveste de um corpo biológico? O real diz que não iria acontecer, o virtual contradiz que ele não cria espaços, onde está o garoto entre o mágico e o irreal? Vibração poética anterior aos reflexos que impõe um dado corpo. Esse garoto reúne a propriedade capaz de banhar-se na eternidade longínqua da vida boba. Será possível habitar e mover-se desse lugar? Onde estão os faunos, os elfos, os seres elementais e seus projeções de encantamento não instituído? Não grite perto do beija-flor que sonha...

"Vous êtes une manière, vous êtes une manière d'être. Ça veut dire, vous êtes un ensemble de rapports de vitesse et de lenteur entre molécules pensantes, vous êtes un ensemble de rapports de vitesse et de lenteur entre molécules étendues. Et tout ça c'est l'inconnu du corps et c'est l'inconscient de la pensée."

G. Deleuze, Spinoza

*("Você é uma maneira, você é uma maneira de ser. Isso quer dizer, você é um conjunto de relações de velocidade e lentidão entre moléculas que pensam, você é um conjunto de relações de velocidade e lentidão de moléculas esparsas. E*

*tudo isso é o mistério do corpo e também do inconsciente do pensar.”)*

Pode não ser difícil te encontrar, quando há uma caixa de papelão com janelinhas recortadas para um carneirinho. O pequeno príncipe é discípulo do Agamben, enxerga no escuro. O mistério: outro-presente no mítico, mágico, místico. Mesmo assim, enxergar a sua dança era difícil: precisava de alguém com quem contracenar, não bastaria um corpo qualquer para acessar o meu afeto por você. Eu precisava te ver dançar, te sentir uma vez perto, antes de você ir embora completamente. Dançar no seu aniversário, daqui a pouco. Vale qualquer amanhã que se cumpra a si mesmo? Um amanhã que ninguém precise ver, que não deixa passado ou registro, que não constitui futuro e pode ser esquecido, perdido, queimado? Mas eu ouvi o quão importante era você continuar dançando. Seu Murilo Mendes:

“A música do espaço pára, a noite se divide em dois pedaços.

(...) Alguém anda a construir uma escada pros meus sonhos. Um anjo cinzento bate as asas em torno da lâmpada. Meu pensamento desloca uma perna, o ouvido esquerdo do céu não ouve a queixa dos namorados.

(...) A outra metade da noite foge do mundo, empinando os seios. Só tenho o outro lado da energia, me dissolvem no tempo que virá, não me lembro mais quem sou.”

Retomar depois de anos, com o joelho machucado, fora das aptidões do corpo, ser capaz de manter o ritmo dos ensaios, persistir, apenas e apesar... Um ballet que te salvou da normalidade qualquer. Um tempo-Brèal que se realizou em outro presente. Dançar atingiu-me de maneira especial e íntima. Não era o Butô que intoxica a realidade, era outra coisa. Quando meu fantasma bateu à porta, não abri, deixei as luzes apagadas. Recusa ao imediato, potência do não. Já perdi minha juventude, você e o que me resta, nessa década estranha? Caiu a minha revolução, o amor, e o que falta, além de ver partir o filho que não tive? Do que importa quem era, o que dançou exatamente, de onde veio e porque um Fauno? Que me importava quem o fazia e o que fez, se era apenas você que eu procurava?! Nesse ano, ainda durante os meses iniciais, perdi uma amiga que, em uma fase específica dos meus velhos sonhos, foi bastante importante: estávamos juntos, todos os dias, ao longo de alguns anos... e descubro, assim, que morreu como um raio, de um câncer que não sabíamos... morreu, entre sangue e dor. Depois disso tudo, quiseram-me chamar de exigente com a vida crua, com essa desertificação do imaginário no tempo-espaço colonizado, com esse estágio de zemblanidade em que nos encontramos? Dizem que só há amor na luta, nesse único

presente que disputa: forças, fluxos, potências, atos. Fora da luta, há o delírio. Mas há outras esferas de participação, tangentes à colisão virtual e real? Aqui, exatamente, o galo é a potência do não, é o canto ainda escuro, 2h, 3h, 4h da manhã, canto sozinho que é a potência do inconveniente, retornar do não ser e do não fazer para a inércia e a continuidade. Não mais sacrifício, embora um necessário sacrilégio. *"Um pouco de possível, senão eu sufoco"* (Foucault segundo Deleuze), ou *"Il tuo unico dovere è salvare i tuoi sogni"* (Amedeo Modigliani). Ser como o tecido-anjo que declina sua imortalidade para cair na malha das sensações, ou ser como quem se encontra no verde, a grinalda de hera na coroa da sua própria experiência? Wim Wenders (Cidade dos Anjos) ou Fernando Pessoa? Sombra da arké no coletivo político de Agamben ou Sombra da arké no inconsciente coletivo de Jung? "Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura." (Riobaldo de Guimarães Rosa, em Grande Sertão). Eu precisava de algo que não fosse um vídeo ou uma fotografia. Precisava de você, outra vez; que não fosse, apenas, a água gelada, no começo de um dia com prenúncios... Nem era nada muito sério, você jura?! Tipo, essa falta de ar costumeira, uma crise de asma que não preocupa...? Depois a tosse, uma moleza no corpo... pegou uma gripe?! Com febre, e esses calafrios do clima que baixou de repente... se cuide, se cubra direitinho! Acamado, sem vontade para o café, assim fraquinho ou apenas dramático...? Na radiografia o plantonista não observa nada de importante, além da moleza e sensação do corpo maltratado. "O que é que você quer? Por que veio aqui? - É a natureza! (Outro, outra vez: 'É o carinho!')". Barthes, em Incidentes. Sim, incidentes? Um sopro congelado e uma vida suspensa. Um sopro retido, como um susto, uma retirada. Mas se o ar não volta, a vida não continua? Desliga a chave. Quando atravesso uma avenida, a mesma rua desaparece: como eu também faço para mudar, assim, de nomes, de destinos, de filiações, de vizinhos? Na rádio, outra música especial, Led Zeppelin cantado por Heart (Ann e Nancy), lembra de Stairway to Heaven<sup>111</sup>...?

"(...) Oh, it makes me wonder  
Oh, it makes me wonder

There's a feeling I get when I look to the west  
And my spirit is crying for leaving  
In my thoughts I have seen rings of smoke through the trees  
And the voices of those who stand looking

---

<sup>111</sup> Aos quatorze minutos, a música:  
<http://www.youtube.com/watch?v=wJIuYKIPzWo>

Oh, it makes me wonder  
Oh, and it makes me wonder (...)

And as we wind on down the road  
Our shadows taller than our souls  
There walks a lady we all know (...)"

Retorno da casa dos meus pais. Três horas para deixar o trânsito sumir. Trago um sanduíche com dois queijos na mão. Ir embora para também alimentar uma pequena tartaruga - de quem menos sei a respeito da vida que leva. Um pouco de tomate e alface, água e ração, limpar e devolver seu caixote. Nenhuma carícia, interação, demonstração especial de convívio. Na rua desobstruída de carros parados ou trânsito constante, o eco dos meus passos busca um veículo com adesivo no meio do quarteirão. Caminho sem pressa abaixo de linhas que se cruzam nos postes, meus pés quase rentes à fronteira de um palmo que divide a calçada do asfalto. As chaves deparam-se com a gravidade. Salvo-me de uma queda da própria altura, é o vento e não a hiperinsulinemia. Na extrema do condomínio onde um muro seguinte projeta a edificação com seus bouganvilles, percebo o foco intermitente de um amarelo que pisca lentamente sobre a via pública. Por segundos que se repetem inúmeras vezes, não tenho sombras comigo, ou tudo é apenas um dilatado sombrio de mim. Nevoeiro de chuva, sem as águas que turvam e passam. Do outro lado, quatro bandeiras de cortes medievos flamejam com o brasão da Alliance Française. As cores vivas daquele império exigiram um projeto exclusivo de iluminação sofisticada. Assim posicionadas indiretamente, a transação de luzes e sombras valorizou o patrimônio do imóvel, na aparência global que se destaca para um modesto casarão com cinquenta, setenta anos. Dentro do carro ainda silencioso, observo um palacete sem ornamentos históricos, com o muro liso das reformas apressadas, baixo o suficiente para incentivar a curiosidade dos invasores e de um branco convidativo às palavras de ordem dos inimigos colonos. Mas já não há batalhas e territórios disputados nessa rica zona de uma cidade pobre, embora, na sensação desprovida de guaridas óbvias, o escuro de poucas estrelas dissolveu qualquer exatidão nos movimentos do jardim. Imagino quem morou naquele lugar, nas festas, nos acidentes, nos quase afogamentos, nas quase overdoses, nas quase rupturas, nas brigas lamentáveis. Quanta morte nos carrega, entre as sombras do que não pedimos e desconhecemos; quanta morte nós carregamos, arrastando a nossa própria história que se impõe sobre a marca do tempo. Quão gulosos nós que carregamos e quão incautos para o que nos carrega? Imagino Viena antes dos austríacos, Wien antes dos Habsburgos, Vindobona como um lugar dos pretéritos: que veio antes dos

romanos, e quem sabe anterior aos celtas. Viena de agora, ou de antes, nos outros ou para mim, não é uma conversa qualquer. Penso as primeiras flores que surgiram naquele sítio arqueológico, ou nos animais e pessoas que a circundavam musicalmente. O fato de não os conhecermos nega o registro das suas mortes? Considero os abortos e as famílias que se constituíram a posteriori. A morte sempre ganha um rosto dos nossos conhecidos? Minha avó, aquela senhora dos seus quaisquer noventa, "perdeu" uma mãe, um filho, uma amiga e um marido. Também me disse que a "laika", sua cachorrinha, e, depois, também o seu pé de orquídea na varanda foram "perdidos". Perde-se a quê/quem se contava a participação nos costumes ou no projeto de uma vida... Ora, porque enterrar, funeral coordenado? Se a morte não pode ser tomada como símbolo - enterrar e organizar, um tipo (quimérico) de controle que, embora imposto ao cadáver do morto, não redime a morte que intensifica sua ação... o cadáver move-se, age como movimento para contradizer a feição de morte como mística, mágica, mítica. A morte é poética. Há que se morrer antes de ressuscitar? Morrer. Então, do acontecido ao imaginado e vivido, do lógico ao simbólico e à fantasia... Sonhar com a passagem fora do abismo, ou ficar no abismo para ver ao escuro? O sentir-morte parece mais largo do que minha avó ensinou; a morte como uma sensação ou uma intensidade, como matéria inicial de um plano que desliza até da imanência, e de lá avante no desconhecido. Não é chorar como um sentimento de não aceitar perder, de não aceitar por orgulho. Não é chorar por um senso de não deixar partir, de não deixar como vaidade. Não é chorar por intolerância à dor, não é a arrogância dos princípios arbitrários. Não é chorar por desorganização do cômodo repetido, pela manutenção do inaceitável ou da mediocridade exigidos na volição conhecida. Não é chorar por não dispor de privilégios, não é a percepção da boçalidade ou da indignidade no que sobra como um pouco. Não é chorar no pânico, por um tempo que não deveria ser no agora. A morte aqui como uma passagem importante, que leva para outro lugar; morte como deslocamento, e não como o que fixa ou finaliza. Um deslocamento que não exige a presença e o sol, onde sombras também se movem durante a noite e entre nuvens. Uma passagem que não pode entre as luzes e que não é preciso falar no dia, ainda assim, uma passagem. A sombra não é morte, mas no meu oculto, há travessias no rio da morte. As imagens, as músicas, as poesias, as pinturas, as cartas... A intensidade do amor, me permitiu ir nessa morte. A minha, e não a sua. O imediatamente esperado é ouvir de quem sofreu um golpe, há poucas semanas, desse tempo em que está intenso... do sofrer algo como uma ruptura... dessa falta, dessa hora, desse dia imediato... e descobrir, no seguinte, e nos posteriores, que nunca

mais... essa perda quente: onde não há calma da saudade, apenas a dor da falta! Mas não parece exatamente assim comigo, como se o próprio André, de alguma maneira, já morreu há muito tempo... O meu, e não o seu obituário. Dos grandes choques, soluços e mortes. Preciso citar? O dia em que ficamos sozinhos, e não havia ninguém. Os dias que a babá agredia, e não havia ninguém. Os dias que meu irmão foi deixado sozinho no berço, e não havia ninguém. Os dias de medo, em tantos lugares, e não havia ninguém. Os dias em que foram embora, e não havia ninguém. Dos vários atos e protestos durante a Copa, das três tentativas de despejo na Ocupação. Não há cartazes, pedidos, negociações possíveis. É um começo já pelo desfecho, com a briga e a crise... os conflitos de um fim, antes de qualquer início. Cão, cavalo, tiro, cacetete, bloqueios, procurando, caçando, intimidar, fugir, esconder, helicóptero, viatura, motocicleta, ambulância, o Choque... sem fala, sem palavras... exercícios calistênicos do ataque deles. Anúbis caminheiro. A dimensão oculta dentro de qualquer potência, a sombra de uma potência de não-ser e potência de não-fazer. Potência do não como liberdade para enfrentar a compulsão do ato e da atualização onde se impõe/administra o controle dos corpos; potência do não como resguardo à capacidade imaginal que perfura o presente e o real. O galo de Asclépio é a nossa potência do não, do que recusa ao óbvio que se atualiza na imanência, bem como se atualiza no trilho organísmico ou transcendental. Uma lição dos pintores de genialidade mais sutil, de um projeto ou trabalho de arte exclusivamente do preto no preto, onde a distinção apenas se revela no brilho ou na textura: outra condição fora do tempo, e não apenas outra relação; outro vagar/vaguear/vacância, outro ritual que não é apenas virtual. Um blend, cerimonioso e de estranheza ritualística, excêntrica e não somente relacional. Recomendo (de) substâncias afrodisíacas com seus efeitos desconhecidos: beber-se de uma vontade misturada com sede irreduzível, banquete humano e absurdo, ladeado com o desespero de não se apoiar. De novo, a morte como o que evoca/convoca passagem, e não determina permanência. De novo, a morte como trânsito do arcano-arké em um tempo de mistério, e não de uma intensidade em um tempo presente. Tempo dos Faunos, e da errância mítica, dos cipós, das passagens entre copas-imaginiais, élficas. De novo, o aprendizado na ponta machucada dos dedos de pintores: trabalhar para quem já está morto. Pintar com esses mortos, nessa ligação com outros fazedores, outros atuadores, outros tempos. De uma magia coletiva, onde somos imorais na imortalidade do nosso coletivo humano. É um criar mágico, que não se basta fabuloso e fantástico, não é fantasia induzida ou singular. É preciso liberar o espírito do tempo, a potência do não arké, do não fundamental, potência

do an.arké fora da hierarquia e classificação. A fumaça que recusa, que escapa ao controle e não se segura. Outras estruturas, de campos insuspeitos e inesperados. A morte como essa passagem de uma intensidade arcana para o real, não apenas uma passagem qualquer da sensação ou da intensidade, uma passagem como imanência, e nem por isso, lugar de transcendência ou de organicidade. Uma profanação que fissura o real de dentro dele mesmo, um arké, um giro de an.arké, uma anti-sombra. Não é tocar o morto, para ressuscitar em outro presente. Há que se morrer para ser possível velar e chorar seu morto, certo? Há que se morrer da morte e do nascer, certo? O morrer não cede ao monopólio específico das nossas biografias, há também sombra (por mover) dentro da morte. Para além do que nos sugere uma "falta", específica ou difusa, morrer não nos faz mal. A morte indiferentemente fisga e causa-nos alguma febre? Não nos importamos exatamente com a morte, não a entendemos. A tristeza, o pesar, a dor, é a morte de um projeto, de uma trajetória, de uma continuidade, no melhor dos casos de um valor a ser retido, defendido. A morte é outra coisa respeitável, que supera os potes vedados das compotas em vidro. Descobri que não tenho medo propriamente de morrer, e com o Butô, gradualmente, também a dor não me assombra. A dor é essa mesma dor dos vivos, somente os vivos podem morrer. Dor é o atributo dos vivos. Há meses, contados em suas dezenas, que eu não pensava nas ruas solitárias de Viena. Prédios cinzas, pedras, silêncio, bosques, neve. Nessas últimas semanas, por volta dos Finados e do seu aniversário, as imagens começaram a surgir fartamente. Procuo Viena antes de você. Não sei o que isso quer dizer. Quando você chegou, tornou-se de imediato o seu lugar, o seu assento. Talvez não foi uma coincidência. Era o melhor sonho que eu dispunha para abrigá-lo, a minha versão do suco de acerolas frescas do pé com o biscoito caseiro de champagne. O sonho mais afetivo onde eu já estava. Provavelmente, desde minha adolescência e dos catálogos de universidades. Cheguei, por meus méritos e o acúmulo do meu terror que me demandava. Estava sozinho, mas você não foi comigo! "(...) André que além de humanista e psicólogo, suporta minhas crises, os silêncios, os não, por me oferecer Viena, sempre logo ali. (...) Ao Sr. Bréal pelo francês, ballet, desenho e outras pequenas delicadezas. E aqueles que posso ainda ter esquecido.../...Obrigado." - dos seus agradecimentos na dissertação sobre o Mário e o Modernismo. Luzes para esse pote vazio que você deixou, um perfume que desaparece sem causas explícitas. Eu havia declarado não retornar. Não sei quando decidi nesses termos, quando cortei a esperança de voltar. Havia acatado a pena de não ver o Danúbio, nem a valsa, nem a poesia escura. Era o razoável para ser feito, uma vez que recebi o convite para trabalhar com orientador (doutorado-direto

antes de concluir a graduação), traduzi todos os documentos para o alemão, inscrevi-me como candidato, anexei recomendações e produções acadêmicas, fui até lá (passagens, pensão etc) para resolver as questões administrativas, recebi a carta formal de aceite, paguei e efetivei a minha matrícula (número 104.9115), como mais um dos estudantes de doutorado na cidade. Chorei sozinho, naquela tarde, porque ninguém entendeu o que significava participar daquela Universidade. Conseguir uma das vagas escassas em uma universidade pública europeia com extraordinária reputação, o esforço para diferenciar-me dos outros concorrentes europeus melhor qualificados técnica-tecnologicamente, outra língua, estrutura de pensamento e cultura, enfrentar a hegemonia exportada do Brasil que só há pensamento no Sudeste... então, lá estava, da América Latina, Nordeste, sem nenhum apoio de família! E acho que ainda não chorei o momento de abandoná-la por uma esquina escura. Não era um desafio pessoal, ou prova de estima e talento - seria pouco, e mísero para justificar todas as minhas dificuldades; por menos, eu teria desistido. A promessa de uma carreira a partir da Universidade com seu prestígio acadêmico de seis séculos, uma sensação de valor próprio oriundos na conquista e na superação, depois de anos de feridas familiares ("você não quer fazer nada", "você não presta para nada", "vagabundo", "preguiçoso", "irresponsável", "malandro"...), dos anos de homofobia, chacota, perseguição, violência nas instituições (família e escola, sobretudo) e na própria Cidade. Mas não tive a coragem de ir embora. Eu não tive. Não há outra explicação. Não fui atrás do visto, embora pudesse entrar nos três meses iniciais. Não era o dinheiro para custeio, que poderia sobreviver como qualquer outro estudante. Tentei a bolsa de doutorado pleno do CNPQ, em tempos anteriores ao tal Ciência sem Fronteiras. Mas eu não tinha o mestrado - uma etapa indispensável para os critérios daquela administração pública e da burocracia universitária brasileira. Tentei ir com algum familiar, não consegui. Propus que fôssemos estudar juntos, em um grupo de amigos próximos, não convenci. Eu iria sozinho, então, para estudar e trabalhar como assistente de docência. Dizia respeito, sobretudo, a estar sozinho, comigo mesmo. Eu já era um rapaz assumido como gay, desde antes da graduação. Mas era preciso não acreditar no eco daquele temor que o "sem ninguém" produziria... Fiquei, no lugar árido. Fiquei, em nome de um canalha que me demitiu do trabalho e projeto de outra carreira. Fiquei, em nome de um mestrado em Psicologia e inserção da psicoterapia (e daí?), e, agora, por esse mais recente na Saúde Pública. Fiquei também porque havia uma história e um futuro. Depois de tudo isso, não sei se era apenas um não querer sair dessa cidade e ir para outra, se era um não querer pelo doutorado e o mundo

estéril universitário, se era um não conseguir ficar, suportar e viver de outra forma, se era um não aceitar ir sem ele, se era apenas um não querer ir sozinho. O que foi mais desastroso? Fiquei, em nome de uma sociedade que nunca me fez sentido, de prioridades que não serão as minhas. O erro necessário da minha vida, o pior, certamente, o mais equivocado e nem por isso desnecessário ao seu momento. Porém, um erro desse porte também irradia suas consequências equivocadas no tempo. "Não coloque essa culpa em mim", já ouvi tantas vezes. Não me atribua os seus erros, acho. Sem implicação, sem participação. Jogo de espelhos, muitas ausências e profundo silêncio: apenas eu mesmo. Reflexos, pedras, estilhaços, pedaços. Narciso-Black Bloc. Vitrine da instituição quebrada, instituição identitária moderna. Apenas o não-vivido pode ser manipulado na plástica dos sonhos românticos. Não são os ossos enterrados, nada de sacralidade abrupta ou homenagens. Não é ancestralidade molecular, é experimentar como-outro lugar: aionofágico! Sair do ritual e do cotidiano, do sagrado e do profano. Deslocar no tabu, deslizar em outra sensação de pureza no escuro? Escrever como dançar, escrever como sentir. Não é o cotidiano popular, ou o extra-sensorial de uma forma idealizada; não é o imanente, nem o representativo; nem o naturalista-metafórico, nem o primado do simbólico para o uso imediato; é outro processo, um presente alargado de experiências que vai sendo transbordado - e ao mesmo tempo, apagado, borrado, deteriorado. Presente com menor grau de arké-origem (estrutura/começo, como na arke-ologia), de arké-início (condução/comando, como na hier-arkia), arké-guarda (como no arquivo e arquivamento, arkeheion)? Presente mais esquecido (na-arkia) e por isso mais alargado? Não é morte e pulsão de morte, apenas como deixar-se transparecer dos sentidos ou dos sentimentos. Não é uma expressão de prazer pessoal, porquanto machuca, tortura, alucina. É uma qualidade de mover, de empurrar algo enquanto responde à tradição e prospecta um futuro... mas não é arte que trespassa o tempo. De onde vem? Porque não desistir, antes? Ainda no processo de inscrição? Porque gerar a expectativa da orientadora que aceita, que participa engajada no processo inteiro, que insiste para que eu vá conhecer o lugar antes de decidir tudo. Viena era a tentativa de esquecer, de recomeçar. Joel Birman<sup>112</sup>, numa bela passagem onde traduz o pensamento de Derridá sobre essa morte:

"Como potência de produção do silêncio (Freud, 1920g, capítulos VI e VII), a pulsão de morte, enunciada que foi por Freud como pulsão de destruição, apagaria as marcas e

---

<sup>112</sup> BIRMAN, Joel. Arquivo e Mal de Arquivo: uma leitura de Derrida sobre Freud. *Nat. hum.* 10 (1), 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v10n1/v10n1a05.pdf>

os traços arquivados. Derrida positiva deste modo a pulsão de morte como mal de arquivo, pois seria aquela que possibilitaria tanto o esquecimento quanto a renovação do arquivo pelas novas consignações que seriam, portanto, a condição de possibilidade de acrescentar novos arquivamentos (Derrida, 1995, pp. 23-29). Enfim, a pulsão de morte seria denominada por Derrida como arquiviolítica, apagando então os traços inscritos e possibilitando que novas inscrições pudessem ser realizadas no arquivo. (...) Com isso, o arquivo seria necessariamente marcado na sua materialidade discursiva pelo mal de arquivo, pelo apagamento e esquecimento promovido pela pulsão de morte. Enfim, o mal de arquivo seria necessariamente o outro lado do arquivo, frente e verso de uma mesma superfície de inscrições, onde se realizariam as trocas e as circulações discursivas."

E porque não desistir, agora, no curso de tantos tumultos? Você era o pretexto dessa coragem para outros sonhos, meus e também seus. Depois das mágoas, dos infortúnios, das humilhações, das relações, enfim, era o tempo para desejar algo mais pacífico e respeitoso aos nossos espíritos machucados. Mas eu não fui. Ir sozinho, mesmo. Para outro lugar, outra vida, outro contexto. A possibilidade de Viena era, concretamente, a carta final. Eu quis ter a escolha nas mãos. Quis a janela aberta da pensão, olhando para uma rua de outro mundo. Dois semestres após a matrícula não renovada, um novo processo de admissão seria necessário. Em jogo, no plano mais concreto, estava abdicar da estrutura social que me permite criar e escrever. Esse era também o ponto crítico. Ser capaz de perder os mecanismos que disponho para sobreviver mesmo com algum sentido debilitado; e do confrontar o abismo, da possibilidade a ser inventada, construir outro destino - não mais seguro, embora, quem sabe, mais legítimo com os meus sentimentos. Não rechaçar o gosto da imanência, por um hábito do paladar que te arrasta? Perder, e arrancar a promessa de qualquer feita transcendente ou com pretensão de última. Morrer dessa encruzilhada que monopoliza a invenção, o desvio, o plural. Levou um tempo para descobrir que morrer não era a questão. Retomar, Viena, agora, já não é esquecer as trevas que, a princípio, seriam perdidas no vínculo com o tempo, o passado, a cidade deixados. Nem o mundo idealizado de Viena surgiu para mim, nem houve a distância necessária para afastar-se da violência com perseguição, intimidação, homofobia. As feridas antigas permaneceram, com esse novo fantasma que surgiu da "oportunidade perdida". Não há como sentir afeto pelos lugares e instituições (incluídas também família e lugares de ensino) que, durante a infância e adolescência, foram responsáveis por abusos e agressões emocionais de toda ordem. Viver essas sombras, com o passar

dos anos; que muito recentemente, muito lentamente, tornou-se uma opção sem fuga, sem escapatória. Perguntei, então, Yiro, o melhor amigo: "...porque fechar um livro de amor?!"; que me respondeu também no celular: "...para que outros possam ser abertos?!". Estou, aqui, com a sua morte íntima ao que respiro, e a nova chance dessas questões que se abrem a partir de você. Quem esperava um embrulho dos correios, não poderia imaginar algo dessa natureza, advindo do tal pote vazio, esvaziado. Sua morte desocupa uma configuração que estava sedimentada comigo, na impossibilidade de Viena, na impossibilidade de você, na impossibilidade, a bem da verdade, de livrar-me desse nódulo incomunicável de mágoa e de ressentimento com esse tempo-vida que passou. Desde nascer quase estrangulado e roxo, e sem ar, ainda por toda uma vida. Antes, a expectativa era a de buscar outros horizontes, através de um mecanismo de deslocamento físico, e da provocação decorrente de outra temporalidade existencial, submetida a novos laços. Agora, o deslizamento é possível, suportável que ocorra em linguagens diferentes - talvez com os recursos mais adequados. Outro momento da minha vida, da minha idade, da minha capacidade de ler e compor na escuridão. É uma escuridão particular de morte que posso evocar e intervir junto a outros? Há Butô, inclusive nas palavras, que vão e voltam como uma gestualidade que confunde raízes, estátuas e obeliscos fixados. Uma escrita como magia, um tipo de encantamento desses antigos, que se mistura e faz reviver os mortos, sendo também capaz de matar os vivos. Um céu da mesopotâmia, com a morte nessas cartas e nessas danças, para mover as forças arcanas, para fazer dos vivos e dos mortos um lugar diferente. Infectar de palavras esses corpos brutalizados na repetição afônica, toxinas suficientes para danificar de modo permanente essa continuidade do banal. Essa é a diferença entre o tipo de escrita utilizada, por exemplo, em bestiários, e, no outro polo do argumento, em grimórios, considerando que a qualidade "mágica" do segundo, não se contempla nisso que, mais recentemente, chamaríamos de literatura fantástica e que integraria o gênero de ferocidade imaginária do primeiro. Importa, assim, dizer que há um traço de dignidade implícita nas letras aqui emprestadas, qual seja, em seu mínimo de respeito, tratadas com a solenidade das evocações nas bocas iniciadas. As equipes de saúde lidam, sim, o tempo inteiro e continuamente, com a proximidade biológica e material da morte; todavia, os médicos de sobremaneira, dificilmente são capacitados para enfrentar a morte com todos os seus demais abismos, tudo o que não se esgota no fugir de uma dor aparentemente física. Evocar a morte, fora do contexto asséptico dos hospitais e do controle/redução/isolamento de variáveis intercorrentes (sociais, existenciais etc), não é um procedimento mais

simplório que o de tomar a carga de um nome enquanto conjunto de letras. Certamente, aqui, eu não escrevo sobre a morte como quem descreve uma situação de romance. Sua alma reconhece a morte aqui. A morte como sonoridade, como pendência, como transparência, como amplificação. Não basta ler, é preciso traduzir o esconjuro do Butô em túnica da vida. "Nós nunca nos realizamos. Somos dois abismos - um poço fitando o Céu." (Fernando Pessoa). Quantos foram os mortos que não lembramos? Dos mais recentes aos mais remotos, os mortos da polícia interessa? Os mortos midiáticos, as celebridades, os cantores, os políticos? O garoto da minha infância, vizinho do nosso amigo de escola... é mais importante que o Amarildo (RJ)? O outro garoto, irmão do nosso amigo de sala... vale mais que o Douglas Martins (SP)? O moço que lê a minha mão e fala de maldições familiares: meu padrinho morrendo jovem, com desgosto do pai; o pai dele, meu avô materno, perdendo o próprio pai, em crime de pistolagem, e a sua própria morte, quase inconveniente... a minha avó materna, abandonada por um pai... minha mãe e minha madrinha, tão novas e sentindo o pai ir para longe... o meu lugar, sempre tão difícil com o meu pai... e, ao mesmo tempo, meu avô paterno, meu pai e uma família inteira, desde crianças, trabalhadores na caridade com os espíritos... os fantasmas da minha infância, os barulhos, os sons, as luzes, as comunicações em mesas brancas... os mortos que escuto na psicoterapia, na vida de outros que me procuram... o tarô que eu jogo, as intuições... a mensagem da Preta Velha ("izzi filho sabe que é conversador, né?")... Quantos mortos e o que fazer desses mortos? Dançar um Butô com esses mortos, onde me incluo. Escrever necessariamente afetado com esse horizonte de intercessores e da morte. Fico pensando nessa ideia da carta como resistência na intimidade, da palavra que se converge em gesto encantado: quem assistiu Butô sabe que a morte envenena, permite desarticular a matéria, desestabilizar o átrio. No Butô, o gesto que faz cair a rigidez do espírito, nas suas letras também corrói a aura de proteção ao funcional, ao mundo da matéria somente organizada. Quebrar isso é mágica, é feitiço, é encanto. Basta estar vivo para interferir, respirar, modificar. É morte. "O que está vivo é apenas uma variedade daquilo que está morto, e uma variedade bastante rara", para não distanciar do Nietzsche. Esse ano que não se acaba, mesmo com o seu aniversário na lu(t)a nova. Sensação de não conseguir fechar o tempo, desacelerar para fechar o ano e o ritmo; sem projeções de futuro. Essa carta que não se acaba...

Quiséreis no dia se comigo de amanhã fosse,  
alhores de tudo não fotografado para você um hoje.  
Diria ainda o cinquenta e cinco há trinta anos,

na costura feita jeans da gravidade para o rasgado naquele poente:

quase ou quais mesmos, os trinta?

Noite de infinito com dois passos, ou teria quase o sonho bazar de 56 no mês a frente. Um fio para corroer, distância com penumbra e alguma segurança; vagões de reveillon, aniversários e carnavais - não descarrilhados, somente anti-horário dos trilhos! Trás-indo-avante...

Saltei tanto e de tão alto, embora tão pouco e ainda contigo; muito, apesar de tão rápido - então dormente na poeira de trinta avos, e tão fora do tempo, com pneumonia e tuberculose, tifo e peste na (al)cova do século XVIII.

Mortos tentaram entrar pela janela. Meus trinta suspensos, ou os seus trinta dias; minhas trinta horas, ou os seus trinta anos? Falta-me a incompletude habitual: planície de esquecimento, que não é praia, nem plinciplizinho; você que era sui generis, quero dizer, sem gênero?

Um chá entre saci e finados, brincaríamos com afetos juvenis: dias consecutivos que nos antecederam esse porvir inalcançável, enquanto trufas escuras sobram e erram, que extrapolam a urgência de ciclos extintos no passado em quaisquer dos nossos futuros. Lua nova em escorpião (a sua lua), intervalo para um eclipse total do sol (poderes ocultos de escorpião ampliados). Irrefutável de tão palpável, existência impossível no antigar. Tempos que mudam, uns trintas espelhos que não viram o rosto, que não (vi)vi, não (sem)ti(, não) chorei... o golpe e o acúmulo no contar a dor em dias?..... uns trinta, tudo isso?

Budinhas não simpatizam com a febre emocional, quiçá a desmesura desses poetas obscuros. Vacuidade não é imanência, não é potência. Os Budistas não sabem o que é imanência. (Contemplar a morte dissolve a imanência. Os artesãos dos afetos alegres contemplam aquela vida que não é sagrada ou universal.) O que faço da minha poesia sansárica: letal, melancólica, fúnebre? Vale a Iluminação por uma vida imanente-e-necessariamente-imunda? Pensamento Anti-Budas.

Eve... Eve... E vem.

Aquí, ã-eve.



**Da Paz, 02.11.13**

**Cher Monsieur,**

**Ev. BRÉAL**

Caixa Postal 9012

Desterro (vulgo Florianópolis)

Santa Catarina

88.010-973

Venta-se, e nada seria mais encantador. Sombras, outrora contidas pelo gás da lamparina, vadeiam quando cessa o branco-flâmula das jangadas. Tardinha, mas ele não estava com o seu kipá de outrora fresco vermelho. Era longe, nas certezas apagadas daquela semana barrenta. O calor depurou o veludo do chapéu no desgaste macio de dedos alongados. Há gaiotas que fogem dos pedestres; em guitarras inaudíveis do condado portucalense, ciganos interpretam motivos amantes do cais. Seu peito arfante e desinteressado, completamente à mostra do sal, resguarda-se no trapézio casual e de botões caqui em tecido quadriculado. Aspergiu, imediatamente à chegada, o tonel de ardor solvente no azul que era murcho - mar, céu e janelas bradaram seu encanto, com o firmamento longínquo dominado pela vitória-régia, ou feito a graúna que percorre esse imenso vau onde os mortos foram consumidos. Em sua aquarela estrangeira não florescem pêlos, o peito magro é como a nuvem limpa, sem ferros, cortes ou nuances de quaisquer cuidados, não se vê a marcha dos brutos ou as linhas dos músculos comerciantes. Pés ao mar e concha de tamanho médio no balcão da cama, zumbido no deserto monocromático, bafo indelével da cachaça que não se intimida. Outro lugar. Por aqui, na mercearia esfumaçada da Tonha, vejo os teus chinelos caramelizados a borrar um piso de tacos soltos. Cigarros, quem sabe. Objetos decorativos de toda ordem povoam o recinto. Há também machos que não exigem nenhuma cumplicidade, potros sem curral e de piroca na mão, boné de propaganda e mandados de açoites. Estavas de mocassins venezianos e a serigrafia do tigre descascando na camiseta, passeava numa motocicleta velha, embalado no i-pod com a vibe do momento. Na alucinação rápida do meu breu, lavei o piano como se fosse o teu corpo/ em casa, te toquei, sem jamais possuí-lo com todas as notas, e de olhos lacrados, escutei a respiração grave e melódica das cordas marteladas/ eu também rezei em você, uma novena inteira do fervor e desassossego. Prometo-te, Kaiser sem arreios, que meus dentes não iriam ferir. Venha, ata-me aos mundos, meu

nobre de alma, e pela minha boca eclodem faraós  
embrionários, dos goles aquecidos por homens em sarcófagos  
como o teu/ Sem o bigode, basta um fio contorcido desse  
pau/ embora, como promessa, também aceite meia rolha, ou  
essa rôla por inteira nas fendas e orifícios que tomei dos  
arcanjos. Olho minha faca, aquela da prima. Onde escorre o  
desejo que furo? Percorro lojas modestas com os seus heróis  
vencidos. Amores vingados nos ateliês-galerias. Cafés e  
porta-retratos imunes às paragens e enchentes. Vejo que o  
pau dele não é lá grande, mas poderia, no estalo e no  
improvável da terra erma dos romanços, ser meu-e-dele. Não  
peço tanto: meus lábios urticantes dissolvem tecidos,  
fluidos, impulsos elétricos e proteínas do sêmen em um  
manto todo-amarelo suave e adocicado do mais espanhol dos  
melões. Do pé d'água que escorre, misturo e pinçelo com  
cerdas de porco, revela-se o opaco silencioso daqueles  
prédios, seis, oito, apenas e escassos; dois ou três,  
pavimentos artesanais e cômodos reduzidos. Deixa-me no frio  
da estiagem, não tem encontro; logo à frente do açougue,  
entre fados com essas mulheres acasaladas, busco-te nas  
estrelas. Recuo da janela carpideira, e não permita que o  
frescor inchado dos violoncelos alcance-me, calque-me.  
Madrugada, noite sem o banho nu: "Seu Ôgún, Beira-Mar, o  
que me trouxe o mar?" (...)

Estreitas serão as vielas, as cavalgadas. Tenho fome. É  
noite de baile no Solar. Cambeio a sapatilha gasta no couro  
de jegue, a terceira nos tamanhos que localizei para o  
mercado dos dias. Calçado na pele de cobra esverdeada, bico  
fino retangular, pequeno luxo manual. Um cravo branco no  
alfinete, linho com bordados de renda da madrinha. Reflexos  
intraduzíveis no céu que omitem o sinal do futuro. Não me  
tocas, mesmo, e, sobretudo, com o teu olhar de relance. Há  
passos silenciosos no escuro da lua. Não me ame,  
especialmente e, por favor, não me queiras com tuas loas.  
Sigo, sem qualquer confiança no caminho impreciso.  
Obsequiosamente, me afasta o beijo que foi só teu. Desde  
outros tempos, no mesmo salão de poucos livros mofados,  
escuta-se ao mar assustado. Sua Graça, o anfitrião  
irreconhecível das narrativas épicas, transita com  
familiaridade entre os seus poucos convidados, alguns de  
família - vê-se aquele homem ornado por uma casaca, o mais  
fino capote real em pescoço de raposa. Qualquer coisa  
discreta, lenço cortês de seda no bolso, pequeno broche na  
lapela, cálice pintado, prataria a perder a data e seus  
bordados renascença. Era o secretário da então Viscondessa  
ao telefone, no desjejum, sete meses atrás. Caíram-lhe os  
títulos com a revolução dos meus pais. Hoje, vestida com a  
neblina, e suspensa pelos nossos destinos amaldiçoados,  
abraçamo-nos por uma valsa enternecida e triste. Minhas  
pernas raspadas com a sua fina meia de seda. Outra vez, é a

lembrança do punhal que nos buscou e, agora, tange os nossos reencontros pelo toque da cavalaria. A mais formosa, e única irmã, cujo singular do amor arrastou-me para a ilha ensolarada dos jaguares. Ele também veio, trouxe rosas holandesas no cesto de ofertas. Seu convidado de cachos elegantes, um homem Askhenazi, o dourado encaracolado da orelha direita, ou um dread estilizado pela história. Perdeu a mãe logo cedo, a filha do Duchí. Cresceu longe dos ortodoxos, e no brinco esquerdo ímpar, tem um puro diamante cor-de-rosa, que de uso-diverso pertencia ao anel do seu avô. Fugiram no entre-guerras de algum tempo. Aqui, ali, e mesmo acolá, ele preza a liberdade de não ser ninguém. Desertor, com porte marcial. Chegou recente ao ilhote de modestas proporções. Sabe-se noivo, viajante e anestesiológico: observa, como nas horas livres de fotógrafo, as criaturas e os objetos postos a dormir! Veste um colete sóbrio de pele, aberto e peito tricotado. Anel, botinhas, botões, fivelas, ferrolhos: friagem nas costelas. Com as velas dispersas ao caminho, seus olhos revelam-se tristes como a doçura crística d'além mar. Sem cruces. Sou dele. Estamos molhados, bêbados e trazemos o mar e os roçados conosco. Disse que eu poderia aguardar as procissões da manhã nos sofás das instalações que ocupa. Não me importo - dizemos um ao outro. Às vistas, próximo ao abajur, estão os abotoadores e seus prendedores. Troco as minhas com as dele. Senta-se numa cadeira larga de confortável madeira crua, varanda com portas abertas e talhadas, ele traga à sua própria fumaça. Absorto e cansado do fiteiro, com as pernas cruzadas, talvez jogada sobre a outra sem qualquer esforço. Você continua lindo, penso. Dias na praia que não passaram. No banheiro, o rosto onírico, cheiro de algas arenosas, vejo que perdi algumas gemas da camisa. No espelho de um palmo largo e redondo, ele está com a minha abotoadura - carregada de séculos, vidas e bruxarias. Achas que tenho cara de veado?! Aparentemente, hora de dormir. Contenho-me da risada. Pensei no cú dos príncipes - no dele, em especial -, como tapete de pigmentação fleumática, felpudo e impoluto, a ensejar uso e passagem das bigas de Cícero e carruagens de Louis. Gosto dos homens Romanos, fosse o caso. Mas só pensei. "De onde tu vens, afinal?", chancela-me. "Do Sertão, no pau-de-arara", replico. Ele sorri, de um modo pouco familiar, quase arisco. Sem nenhuma pressa. Um ventilador uiva com a quentura desconfiada e idiota. Saudades desse olhar puto que me enxerga em outro mundo. Pergunta se me reconheço nos códigos da África-Mãe, ou dos mouros. O que te sobra de prudência, bebe, quando perder a roupinha e o cabaço com esse mestiço da colônia rebelde? Um sopro longo do mar... (...)

Souvenires em línguas que não me interessam. Há pelicanos como que de vidro incandescente, é o nascer do sábado. Bicos longos, pés abertos com gentileza e equilíbrio - manhã onde o cavaleiro-bailarino desliza ereto e saciado nas areias. Revoam antes da queda que ele provoca nos encaixes daquela vila de paredes escamadas. As pedras não se acostam pelo acaso da morte, adornam as ruínas abandonadas e sustentam os afrescos desbotados na contracapela do padroeiro. Vais mexer com o santificado? Ainda ébrio, deixa-me salivá-lo como ao teu saxofone. Sem ar, fora do ar. Queria te beber, como insinuo minha traqueia pela cauda espessa do vaporoso. Degusto, pelas migalhas do vagar; do excesso que roça minha garganta, cuspo o remanescente na taça, oleosa e já sem função na cozinha matinal. Organizo a colher do plástico sujo, ângulo reto com o pires vulgar de supermercado que te fiz o favor de quebrar. Leva-te com o sol já plenamente refletido, porque o cabra não deve ter medo do pedido. Resta-me o sal que alastra o imperturbável e despeça a magia. Caminho, assento-me ao lado de uma sanfona com triângulo enferrujado: emboscada lírica do meu baião! Na tarde, sou parte no lamento entre o gradil sujo, flores poluídas na maresia e a vendedora com o lilás cansado no avental. No descampado desse telhado, sozinho, ainda reparo nos jasmins abundantes e selvagens. A cabeça do meu pau escapa ao pijama listradinho de algodão - não quer coisa alguma, senão brincar junto aos passarinhos do teu poente. O caseiro foi embora, é feriado. Meu irmão não virá - sem descanso fácil. (...)

.  
. .  
.

Em suspiros. Acordei. Distante, toca o telefone. Novamente. Desligava, e insistia. Parecia incômodo, tanto para o meu cansaço, como o desejo de retornar ao sonho. Salut mon chou. Seria apenas um telegrama. Resolvi escrever mais linhas. Do outro lado da cama, onde foram todos para ninguém atender a recorrência? Sensação de casa maior. Não sabia do horário, mas estava claro e bonito. Era de manhã, não estava quente. Vontade sua de chimarrão para conter o vento frio. Imaginei como um dia de semana, talvez ainda cedo. Não tinha aula na Universidade. Alguém pegou lá embaixo, quase sincronizado ao tempo que puxei o aparelho lentamente, no andar de cima. Meio dormindo, sem entender, apenas encostei o ouvido bagunçado pelo lençol... Voz de ressaca a trocar palavras breves com outra embargada. Não distinguia quem eram aqueles, não me esforcei. Tratavam a respeito de um homem, em vista do artigo definido masculino. Ocorreu no km 28 da rodovia federal, o

motoqueiro avisou. Sentia como um estado de sonhos, um ambiente líquido... Na lateral esquerda do vidro, o sol baixava em um horizonte bonito com a serra ao fundo. Céu azul prateado, com laranjas e dourados. Voltei de Porto Alegre com uma quase pneumonia de nove dias... roupas, meias, lençóis, sem voz. Um pijama com botões, manga e calças compridas. Tossindo, tossindo, tossindo, tossindo... tossindo... Achei que era um sobrevivente da gripe forte. Mas tremia, sozinho, no meu banho. Assombradíssimo. De onde vinha? Falei a respeito com o melhor amigo. Estava com os medos inclassificáveis. No carro, de óculos escuros, retornava de uma visita ao sítio do pintor. Carla Bruni suavemente cantava, e o céu da tardinha perfeitamente melódico. Senti ventar na abertura do teto, um convite para dentro do céu, procurando inspiração... me lembro que acordei e o abajur do quarto ficou aceso. Não sabendo os detalhes, imaginei que perdi o começo de mais uma fantástica cifra onírica. Os postes de cores amarelas ainda não iluminavam, eu retornava para casa e... lamentei deixar fugir um registro tão delicado. Não sabia, porém, onde estava o meu caderno, geralmente próximo ao travesseiro. O que me perseguia desde o banho? Entendi que era você, partindo. Sim, você indo embora. Pelo telefonema dessa manhã, soube que foi um acidente. Você pode estar vivo, fora desse meu pesadelo. Se eu morri, há chances de que essa tormenta seja apenas uma versão confusa do que sinto. De todo modo, o fato é que eu morri naquela mesma tarde. "Estava vendo um silêncio que tem a profundidade de um abraço" (Clarice Lispector, "A Paixão segundo G.H."). Não sei se te avisaram. Não sei as datas. Claro que, agora, eu poderia estar em uma floricultura, ou qualquer lugar mais simpático do que essa condição desconhecida. Não sei dizer melhor, vou tentar aprender novas conjugações. Estou bebendo um chá de bergamota branca, parece uma estrutura de ferro. Alguém passou com um buquê de lírios e jasmims recentemente colhido. Eu gosto desses cheiros, uma moça de cabelos vermelhos, como os da minha irmã. Não sei para onde seguiram. Minha tia está ao piano como na minha distante infância, vejo-a na sua melhor juventude, quase uma fotografia além do tempo, mas ela está à minha frente; lembro de você novamente. Gosto do seu corpo econômico, bailarino sem o peso das paixões. Queria encontrar um dourado elegante para emoldurar seu corpo nu, mas não vejo nenhuma mobília próxima. Sentir que, talvez, você esteja vivo é um razão de alegria, mesmo por aqui. Os anti-afetos de alegria de outro morto, o Espinosa. O bom de estar morto é que posso ter um afogado servido em uma xícara de expresso: não há proporções. A bola do sorvete parece mais extravagante, e as sobras de chocolates, que não cabem, derramam infinitamente. Não há pressa nenhuma, e a calda permanece quente. Às margens também do amor, às margens da

claridade e da clareza, às margens do rastro de luz e da luz ao fim do túnel: pequenos e desprezíveis são os vagalumes, os vagamundos... Um jardim inteiro com eles. Meu corpo é todo um risco transparente, com variação da cor bege; tatuagem meio fantasma, do não-ver que só é visto no escuro dos olhos. Mas o corpo troca de cores, e dos momentos. Você gostaria de ver. Não sou o capítulo final. Não sei dizer mais. Há baratas na Penha? Por aqui, tudo muito limpo. As rosas, pensei que fossem de Finados...

Contei seis tampinhas de long-neck, eu fiquei na Coca-cola e no quiche. De toda forma, sensação de náusea. Parece que realmente não passou o tempo. Não apenas lentidão, ou relógio quebrado... A comida estava ruim, um amigo concordou. Comida de gosto envelhecido. Acho que, também naquela tarde, tudo foi difícil de engolir. Eu não sabia exatamente o que acontecia ou sentia. Não imaginei que voltaria hoje, não havia um motivo particular. Nem a perspectiva de retornar, retomar. Não sei como voltei para casa naquele dia. Trouxe o guardanapo comigo, onde ele desenhou uma caixinha para mim: disse que o meu Brèal não é o Eva. do Lattes, dos artigos científicos e das pesquisas, disse que se eu quisesse encontra-lo, eu poderia sempre observar pelas janelinhas...

"(...) Desenha-me um carneiro. Então eu desenhei. Olhou atentamente, e disse: - Não! Esse já está muito doente. Desenha outro.

(...) E arrisquei: - Esta é a caixa. O carneiro está dentro.

Mas, fiquei surpreso de ver iluminar a face do meu pequeno juiz:

- Era assim mesmo que eu queria! Será preciso muito capim para esse carneiro?

- Por quê?

- Porque é muito pequeno onde eu moro...

- Qualquer coisa chega. Eu te dei um carneirinho de nada! Inclinou a cabeça sobre o desenho:

- Não é tão pequeno assim... Olha! Adormeceu...

E foi desse modo que eu travei conhecimento, um dia, com o pequeno príncipe. (...) "

Veja que bonito: uma caixinha para travar um conhecimento, com o príncipe. Para travar, assim, outra forma de conhecimento: nem filosofia, nem ciência, nem religião, nem arte. Outra caixinha. Na parede do lado dentro, anotei com o autor, Derridá:

"3 de junho de 1977

e quando te chamo meu amor, meu amor, é que te chamo ou o meu amor? Tu, meu amor, é a ti que nomeio assim, a ti que me dirijo? Não sei se a pergunta está bem formada, faço-a com medo. Mas, certo que a resposta, se me chegar um dia, me virá de ti. Tu somente, meu amor, tu somente o terás sabido.

nós pedimos o impossível, como o impossível, ambos.

‘Ein jeder Engel is schrecklich’, bem amado.

quando te chamo meu amor, meu amor, eu te chamo, a ti, ou te digo o meu amor? e quando te digo meu amor é que declaro meu amor ou é bem que te digo, a ti, que tu és meu amor. Eu quereria tanto te dizer”

É um texto que o Eva. traduziu: está público, inclusive (<http://issuu.com/pausa/docs/pausatres>). Essa frase acima do Rilke, que “todo anjo é terrível”, lembrou-se de outra, do Manuel Bandeira, que você me enviou:

“(...) As dádivas dos anjos são inaproveitáveis: Os anjos não compreendem os homens.”

“Eu sei morrer. Morri desde pequena. E dói mas a gente finge que não dói. (...) E agora vou morrer um pouquinho. Estou tão precisada.” - Clarice Lispector.

Trouxe a carta para o cemitério. Li para os demais, com a atenção silenciosa das lágrimas.

Beijos, apenas.  
Andy Bréal.

PS: dos sonhos que me chegam (contigo)...

(segunda-feira)  
Andy, acho melhor pararmos de nos falar...  
eu amei mesmo te conhecer, eu gosto muito de ti...  
eu sonhei com ele...  
e, sei lá, me senti muito mal...  
por favor.

(sábado)  
parei de falar contigo porque sonhei que o Eve. estava casando contigo, e eu estraguei tudo...  
aí, ele conversou comigo, numa sala, nesse casamento, e pediu para eu ficar longe de você...  
eu sou muito espírita, sabe, e para mim, sonhar com quem desencarnou, é como conversar...

eu acredito que ele pediu, e eu não consigo realizar o desejo dele...  
ele pediu que eu me afastasse, que você é dele...  
no sonho, eu "estraguei" o casamento de vocês...  
porque, no caso, você desistiu dele para ficar comigo.  
e ele me levou, num tipo de sala, para falar que era para eu deixar você, e não atrapalhar em nada.  
eu só queria realizar o desejo dele...  
apenas o desejo dele, meu poeta.

...

ligações não se acabam, assim, de um dia para o outro

...

e espero que o Eve. me perdoe,  
porque eu não posso abandonar você.  
eu não queria te falar do sonho, porque acho algo, assim,  
desnecessário - mexer com o passado.

(quanto se abriga no coração?)

...





## Da Paz, 12 ou 17

Snhr

**Evndr Ss**

Straße der Sieger.

Desconhecido.

Eu também falo de mulheres, para tentar chegar até você. Não tenho as sensações do que seja um corpo ou os afetos de uma mulher em suas relações cotidianas. O contato direto pelo gesto carinhoso ou de provocações sensuais, assim como o que se decorre na superfície de um corpo (do meu corpo, por exemplo) ou do que se provoca/evoca a partir do estímulo feminino no contexto de uma relação íntima, eu também não tenho a potência dessa referência/reverberação.

Portanto, o universo recluso de duas mulheres que concomitantemente padecem e proporcionam esse tipo de "vibração" mútua de prazeres, de toques, fricções e gemidos, em fruição contínua e de via dupla para cada envolvida, essa amplitude eu certamente nunca saberei. A questão, contudo, não trata de uma curiosidade branda ou inofensiva, formula no coração de um homem.

O meu isolamento estético para esse domínio "oculto" do feminino, inalcançável (se não fortuita e ocasionalmente) a partir de qualquer esforço empático cognitivo e/ou experiencial, também impede, bloqueia ou veda que eu possa contemplar um aspecto do sagrado e misterioso na realidade humana.

Vou explicar(-me) algumas linhas, provocado com as 3h de duração para o filme "Azul é a cor mais quente" (dirigido por Abdellatif Kechiche). É um filme sobre a jovem Adéle, entre seus 15 e 18 anos. Eu diria, talvez, é um filme sobre o desejo. Embora a namorada de Adéle, a estudante de Belas Artes e pintora Emma, seja a personagem emocionalmente mais próxima, aquela bem mais quista nos meus sentimentos, é sobre Adéle que vou escrever.

Talvez, escrever sobre um desejo, o infinitivo de Adéle, já me situe na própria impessoalidade ou dilema existencial que eu próprio, um homem gay, tenho em relação a esse conceito abstrato - ou quem sabe, visceral e perigoso demais. De uma forma grosseira e superficial, eu posso situar que um tipo de olhar que me constitui como homem

gay, homem que procura outras experiências com homens e outros corpos de homens, não usufruiu alguns minutos completos de um rapaz nu dividindo a cena com Adèle.

Por alguns breves segundos, especificamente quando seu corpo gira a posição a cama, o expectador contempla o pênis do rapaz (Jeremie Laheurte), apenas como uma exceção que se revela bonita, ereta e suficientemente contrastante, em um filme com a erótica predominante do feminino, seus usos e seus corpos.

Adèle, para mim, está inseparável de outras duas mulheres, ainda próximas e assombrosas, Lisbeth ("Os homens que não amavam as mulheres", a versão sueca dirigida por Niels Arden Oplev) e Justine ("Melancolia", dirigido por Lars von Trier). Já escrevi sobre ambas, em outras oportunidades. De toda forma, parece que o "enigma" permanece inaugural, o lugar do feminino com o qual não sei dispor... alguém diria, suportar a redução de si como um objeto terceiro.

Quando retomo Adèle na imaginação, meu pensamento vaga indistintamente para os mundos de Lisbeth e Justine - quase confundo todas as cores e situações, quase tudo se torna apenas um cinza de constância. Na verdade, estou, ainda e persistentemente, sozinho e em "um" mesmo lugar, quando pretendo enunciar qualquer coisa a respeito dessas três mulheres, ou desses três enigmas - que são apenas fosso e teia nada plural.

Se comecei tateando a palavra "desejo", esse vocábulo deveras arredio ao enlace de "qualquer" e indiferente texto lógico, posso talvez sublinhar que a minha exposição com letras, a pretexto de compartilhar ideias e impressões, seja apenas, e não veladamente, um registro da ansiedade e aflição com a qual eu busco lidar... diante dessa ruptura ou ausência de organização que demarca o feminino em mim.

A própria inteligência do filme trouxe-me novas pistas, quando um galerista importante, a convite das protagonistas, expõe suas percepções durante uma conversa elogiosa de jardim. Diz-nos, o referido especialista em pinturas, que após o surgimento das mulheres nas telas, somente depois e jamais antes, da mesma forma, em figuras masculinas, foi reconhecer "uma imagem" de transcendência que, antes, não fora intuída, tematizada, detalhada, investigada.

Mesmo nas expressões andrógenas de homens ou anjos, há algo de único que se revela no semblante, em algumas expressões do feminino. Não se trata apenas de Monalisa (La Gioconda), ou de todas as grandes e incomparáveis pinturas sobre

mulheres e suas vidas. De todo modo, desde que foi "identificado", esse traço mágico e não apenas técnico, tem sido a busca contínua de uma tradição de pintores.

Exatamente "nesse" aspecto que estou aprisionado, ou suspenso - incapacitado de avançar, ou valer-me de novos contornos para ampliar a experiência. Eu não sei exatamente observar o feminino, minha impressão é que eu não sei como senti-lo.

Claro, me falta contato, falta-me repertório tácito. Essa lacuna, até então silenciosa, nunca antes se demonstrou tão relacionada a dois fatos, pelo menos: o primeiro, minhas restrições e resistências para lidar com a minha própria âni<sup>ma</sup>/as imagens do meu feminino; o segundo, derivado em muito do aspecto anterior, a falta de elementos para sentir do que trata o encantamento, o maravilhamento, o sublime que se deixa oferecer nas imagens do feminino.

Eu diria que essa condição de *bless-bliss-awe*, ocasionalmente apontada em trabalhos singulares e sensíveis do feminino, não estão dispostos em recortes e relações do masculino. E cito um exemplo, bastante nítido e contrastante ao meu espírito:

- se eu tomar, de um lado, um dos planos do filme "Azul é a cor mais quente", com duas mulheres deitadas no gramado, abaixo das flores de outono, e toda uma situação de olhares e sorrisos até um beijo roubado;

- e, do outro lado, um plano do filme "Um estranho no lago" (dirigido por **Alain Guiraudie**), com dois homens que se deitam à sombra de um bosque, próximos de lago de amplo e sem ondas, com águas mornas de verão, refletindo um céu perfeitamente azul, claro e radiante...

- embora haja o realce "comum" de condições ambientais exóticas e predisposição emocionais para uma explosão/pegação sexual (que efetivamente se cumpre, para ambos os filmes/corpos, de formas, prazeres e intensidades nada "aleatórias" ou acidentais - eu diria, corpos potentes ao seu melhor e desejos sem maiores reservas/restrições), não há muito de "semelhante" naquilo que se vive, como experiência observada e transmitida, em um e no outro. Qualquer comparação outra, inclusive, soaria forçada e distorcida para o que ambos vivenciam.

A negociação visceral para os homens é bem mais prática e direta, embora os corpos das mulheres não sejam mais brandos que os primeiros. É oportuno seguir na posição de expectador de um filme cuidadoso sobre o universo afetivo e

corporal de duas mulheres lésbicas, especialmente, no que diz respeito às cenas complexas de contato sexual, quando não se trata de produzir meramente um filme estereotipado para as "fantasias sexuais de homens" - que eventualmente inclua a presença de mulheres, tornadas objetos e reféns de uma linguagem imediata para a sedução fácil.

Nestes últimos, a ênfase é no imaginário do homem, e geralmente atinge seu clímax na participação postergada ou consentida para o mesmo. É bem diferente, e com uma dose bem maior de orfandade para a centralidade de poder no masculino, constituir-se testemunha de uma experiência sinestésica tão intensa que, em absoluto, não recorre ao corpo do homem para sentir prazer, e ser produzir jornadas frenéticas de longo gozo, sussurro e mistério.

As diferenças são inúmeras, com o fato já notório, por exemplo, que as mulheres parecem demandar envolvimento emocional de alguma ordem, enquanto o aspecto imediatamente visual é suficiente para a "aproximação" entre os homens. Não que os homens héteros saibam o que é o universo feminino (talvez outras mulheres, amigas-confidentes ou mulheres lésbicas - talvez, nem elas próprias), contudo, são esses homens que cedem e "estremecem" (não encontro melhor verbo), que buscam resguardar-se no "oculto" comunicado pelas mulheres.

O que poderia ser inicialmente o brilho, e até a sugestão de algo lindo e alegre como experiência, salta para uma sensação de "nebuloso". A força que pode conduzir a outro lugar, transmutar-se em condição incomum no encontro com esse feminino, essa mulher. Entretanto, com o sublime aproximado do feminino, é possível imaginar o feminino "como-vastidões" e o feminino "como-ausências".

Quando retorno para Adèle, Lisbeth e Justine, eu, um homem gay com severas limitações para reconhecer e identificar os elementos desse mistério feminino (bless-bliss-awe, desamparo e devastação conjuntas), só consigo, rudimentarmente, perceber a faceta de loucura e devaneio, especialmente, nas três personagens acima: a condição de um abismo melancólico, que não obstante a súplica de salvação, é apenas incapacidade de suportar amar, de suportar a consistência de um outro/de uma alteridade que se imponha como terceiro diante do seu expediente de um mundo convertido em mera funcionalidade "prática" - a satisfação é acúmulo dos afazeres e repetições concretas, não é enlace simbólico.

Essas três mulheres até mencionam "um amor", até ousam falar de um laço de amor, até se esforçam para comer, lavar

os pratos, cuidar de uma casa e de um jardim, fazer comida, levar a frente o casamento e manter sua rotina sexual, ir e voltar de um trabalho/emprego que gostem/estimem... e nada mais. Nada mais que seja pedido, ou solicitado, ou tentativa de sustentar.

Nada mais além dessa dose "autenticidade", dessa trajetória forjada como temporalidade e fronteira do suportável. Mas não substancialidade emocional, ou consistência e profundidade afetiva - não por se tratar de uma "mentira", mas por não haver experiências suficientes que permitam esse salto de proximidade, cumplicidade, intimidade.

Ah! Surge a pergunta jamais esquecida, a pergunta com a melhor das motivações, apreço e bondade pelo futuro do outro: "eu só queria que você se realizasse na vida, fazendo algo que te trouxesse alegria, que você pudesse ser feliz com algo". Então, realização, vida, alegria e felicidade caem para destruir o suportável - já intolerável! O "pedido" que o outro dirige (travestido de "cuidado") é a tentativa de construir uma identidade, de conferir uma faceta tangível para essa intensidade material, sensorial e/ou sexual que não encontra limites.

Em outras palavras, atribuir um rosto finito e gerenciável com o qual se saiba como relacionar e conviver - na medida exata do paradoxo que se aproximou do infinito e usufrui do encanto no mesmo. Mesmo na tempestade de imanência, como afetos, afetações, sensações e emoções presentes, o que dizer do caos interno que se tenta operar e gerenciar? Da vida que se busca manter, calma e forte, delicada, leve, florida, singela, amorosa... extraordinária, incomum, arrebatadora?

Há lágrimas e medo no corpo de Adéle, há tremores, gritos, desmaios e pedidos. Sua fala é honesta naquilo que explica e solicita, mas não há densidade pessoal. Não há confirmação, apenas impulso. As palavras não ganham amparo de outras linguagens, tornam-se frágeis. Adéle afirma amar e não querer abandonar Emma que, por sua vez, se posicionando de outro contexto emocional, parece exigir mais do que demonstrações de carinho, provas de amor e fidelidade.

Esse é um tipo de lealdade quase obscura, está nos olhos sempre desconhecidos de Adéle, nos olhos também de Justine (a quem pertencem aqueles olhos, onde estão, o que vislumbram?), ou nos olhos de Lisbeth. A primeira cena de amor, aproximando-se da cama, o modo como encara, como se despe, como desprende prazer na utilização do corpo do outro... é absolutamente vazia de densidade emocional,

embora não seja fria ou indiferente. É autêntica, mas não é pessoal. E falta-lhe muito, como singular e imanência.

Porque esse é o limite, e, talvez, nem mesmo esse compromisso seja possível de manutenção. Cedo ou tarde, é para o desespero infinito que cedem, que as consomem - seja nos braços de outros homens, a quem se referem como "insignificantes", seja nos olhos "alheados" de uma vida mecânica e sem um propósito singular, pessoal. Quando dizem que amam há, ali, um pedido de não abandono, de não se perder na própria solidão densa, inesgotável e incapacitante.

É o "amor" impermeável ao invólucro passional, que se leva concretamente no "tocar a vida", dia após dia, arrastado no esforço das mãos e da possibilidade evitada de saturação. É o amor das tentativas, das tentativas, e das despedidas, impassível de sustentar-se em algum lugar.

No espectro dessas mulheres, que não se confunde ao romântico, onde é bem mais difícil encontrar o traço óbvio da suavidade, há outra dimensão do tal mágico, potente ou insuperável, quiçá do próprio insuportável, que dirigido de outra forma, seria uma reverberação capaz de modificar o mundo cotidiano em mágico, a partir de dentro dele, com os seus objetos e percepções sensíveis, corporais, digamos reais. Via de regra, mulheres assim potencialmente capazes de irradiar esse atributo, são as mesmas que, instáveis, destroem o tal sonho de enganar a aparência do mundo cru, constituindo algo de dentro dele que o supere.

É o tempo cinza, não apenas dessas mulheres, mas de Paul, o advogado de sucesso profissional (no filme "Deixe a luz acesa", dirigido por Ira Sachs), cujo vício em cocaína/heroína e sua vida gay clandestina, permite que chame, por exemplo, o seu namorado/parceiro há dez anos até um flat para "segurar a sua mão", para não o deixar sozinho e não ir embora, enquanto um garoto de programa conduz uma penetração nada delicada ou silenciosa.

É o tempo ainda cinza (externo e interno), aparentemente descolado ou deslocado, que faz Lisbeth "solicitar permissão" daquele namorado/amante para ir matar quem há pouco tentara matar-lhe. Novamente frio, mas não é indiferente.

Não tenho respostas claras e admissíveis para todas as questões, não sei se há como eu perceber esse aspecto duplo para o feminino, "como-vastidões" e "como-ausências". Perceber em-duplo, no sentido de não apenas recortar o segundo, quando é possível, também no exemplo dessas três

mulheres, vislumbrar a combinação de ambos - ou, pelo menos, exercitar vislumbrar o primeiro aspecto.

Não há como desconsiderar que o meu feminino, povoado de mulheres geralmente assustadoras, e nada delicadas (pensando na minha família), contribui para as categorias que posso dispor para identificar essas ou aquelas categorias; mulheres, via de regra, nada mágicas ou simpáticas, nada místicas ou sublimes, nada "vastas". Será que eu suporto viver, encontrar e ter o meu corpo atravessado por outra referência de feminino? Suporto o sublime do feminino no meu corpo machucado de mundo?

Essa virtualidade do feminino, com seus olhos e cabelos azuis tão secundários, é o que se desperta em homens e mulheres afetados por seus mistérios, e o que uma mulher enxerga em um homem? O que um homem enxerga em um homem? Há mistério no homem? O homem que não reconhece/suporta o sublime do feminino é gay?

Delicado, sublime, devir-feminino, ainda assim, músculo, vigor, cheiro de homem, suor, cansaço, pau e pelos: há os Faunos, os Elfos, mas eles não são (essas) mulheres. Penso neles, tentando chegar próximo delas... Mas a força, os choques, os encaixes, os solavancos, as cavalgadas, as relutâncias, as resistências, os olhos virados dos homens - isso tudo, eu sei como não é na mulher.

Ei. Não foge!  
Resta-me o pouco de ti...

(...)

o pensamento distorcido, a demanda de pensar mesmo quando o pensamento não quer, quando não se consegue, quando não se pode. e penso em você, Andromaque, estrela equidistante e reluzente que me captura o olhar. tu, que como viajante descuidado, navegando em águas perigosas e turvas, nestas águas impalpáveis que escrevo como no fundo de um espelho, tu, é em ti que penso. e viro as páginas.

(...) 20/02/2013

(...)

se eu acreditasse nos signos seria triplamente maldito: escorpião com ascendente em escorpião e lua em escorpião. alguém me explica o que isto significa? não escrevo mais bilhetes. não tenho destinatário para minhas cartas. escrevo como quem abandona as palavras órfãs. nunca mais abri a recherche. Proust me deu as costas. talvez devesse voltar a Racine, Andromaque.... o que acha disto? eu pintei dois quadros, prometi um terceiro.

(...) 08/10/2011

(...)

o corpo dói, deveras, o peso de um não como um livro atirado na cara. eu te olho, de longe, você vem até mim, meio de lado (sempre te imagino na esquiva) e me sussurra aquilo que não posso ouvir. talvez eu já saiba um pouco. desisto do divã. não acredito no apocalipse, mas apenas tenho sono. nenhuma fome. não sei fazer versos. não sei o pra quê da poesia. violoncelo que corta pulsos, não toca a alma. tem muito ruído, não penso direito. a rua não para. hora de uma última carta. aquela que você nunca me disse se recebeu, mas também não faria sentido. não teremos Paris, embora possamos ter Viena.

(...) 26/09/2011

(...)

ainda em exílio. acordei com um peso, respiração ruim, corpo arrastando mais do que os ossos. precisava de ar, mais do que de ar, da liberdade na curva dos ventos. não dormi esta noite. não comi. não consegui. mandei selar minha égua. para além do trote e do relâmpago dos pensamentos, o galope, o vento frio como navalha no rosto. eu pensei em ti, Andromaque, e nos motivos pelos quais não houve nada, senão silêncio. tu nunca te perguntou do meu silêncio?

(...) 13/04/2011

(...)

Poderia te roubar um verso de Racine e o faço: "Exercité d'un désir curieux". Tomaríamos talvez, quem sabe em que tempo ou praça, um café para ferimentos superficiais, tocando o tecido não-tecido da mesa. Eu deixo minha luva e um livro. Te convido ao desafio. Ao delírio. Trago enganchado no salto vermelho-sangue dois deuses antigos já superados. Quando vais parar de contar as estrelas e perceber que elas não regem o destino. Talvez os deuses pudessem jogar os dados, mas se existissem. Estamos abandonados numa cúpula em que as estrelas são apenas fotografia do passado. O mínimo de poesia esta assim em queda. Em que acreditas. A carícia de uma luva poderá ser tão verdadeira quanto a de uma mão? Sua clínica de flores em cores talvez não faça matemática, talvez eu veja o numero atrás da letra, os valores e incisões, mas quem de nós poderá enfrentar o rosto no espelho? Quem se abandona a si, ao nu da vida, é porque tem medo ou porque, diante do limite do abismo apenas saltar tenha sentido. Sempre se pode ter a perigosa poesia dos cabelos ao vento.

(...) 26/02/2011

(...)

Andromaque, je pense à vous... mas são 6 horas da manhã, já passadas, aqui neste lugar que não é meu com este calor de verão, com seu horário de verão... mas não quis, não poderia te acordar. talvez seu silêncio diga e insista. você ao menos consegue dormir como um pequeno anjo barroco numa cidade perdida.

(...) 27/01/2011

(...)

é hora de contabilizar os danos. o dado já rolou. o correio não veio. eu espero. eu apenas espero. você num interior colonial, queijo & café. eu aqui: champagne e caviar de aparências. queria estar contigo, neste outro nome suposto. o corpo dói. o anti-histamínico vence doze horas depois. mas isto não significa nada. queria romper este silêncio. esta dor repleta de quilômetros. fevereiro é tão longe e logo ali. quando tudo finda. quando tudo afunda. você jogaria uma bóia para me salvar? craniectomia occipital seguida de punção direta de fístula dural do seio... que me importa a anamnese. não tenho você. aí, nesta terra quente, quase central do brasil. me vejo andando até o final da velha estrada de ferro d. pedro II e te encontro nas velhas minas. talvez eu seja como o trinta-réis-ártico sempre à procura do último lugar. talvez eu só valha estes trinta réis mesmo. bico longo para abrir fechaduras. me diz deste seu segredo. me diz desta tua ausência. não me deixa sentir sua falta. é tão mínimo o de ti que lateja aqui, mas tão importante. como uma imagem borrada de monet, que nunca é somente um borrão, mas camille que se desvenda à impressão do nascer do sol. te aguardo na escadaria di duomo di milano, luvas brancas, lenço em seda vermelha amarrado no punho. promete que não demora?

(...) 26/12/2010

(...)

não tive tempo antes de correr para cá de pegar minhas cartas. se é que eu tinha alguma. eu nunca tenho. eu apenas envio. letras cheias de letras. cheias de mim. apagando as laterais, borrando a ponta dos dedos. Andromaque, amanhã te envio minha carta tão longe de paris. mas ainda penso em ti. aqui, chuvas de verão, sonhos outonais. o cheiro da manhã que poderá vir é tão forte que dói.

(...) 17/12/2010

(...)

tomo meu sonho, bruxa medieval, espero as pupilas mudarem de cor. você ainda me deve uma foto para seu retrado. a mala aberta ao pé da cama. o pijama rosa. Valentino com seu laço vermelho cochila e ocupa toda a cama. 3h33: já é amanhã. escrevi um postal para você. "Andromaque, je pense à vous...". espero que não se perca. espero não te perder. odeio silêncios.

(...) 17/12/2010

"Vento no Litoral"<sup>113</sup>, música de Dado Villa-Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá; cantada por Leila Pinheiro...

(...)

*De tarde eu quero descansar,  
Chegar até a praia e ver  
Se o vento ainda está forte  
E vai ser bom subir nas pedras  
Sei que faço isso pra esquecer  
Eu deixo a onda me acertar  
E o vento vai levando tudo embora*

*Agora está tão longe  
Vê, a linha do horizonte me distrai:  
Dos nossos planos é que tenho mais saudade,  
Quando olhávamos juntos na mesma direção*

*Aonde está você agora  
Além de aqui dentro de mim?*

*Agimos certo sem querer  
Foi só o tempo que errou  
Vai ser difícil sem você  
Porque você está comigo o tempo todo  
E quando eu vejo o mar,  
Existe algo que diz,  
que a vida continua  
E se entregar é uma bobagem*

*Já que você não está aqui,  
O que posso fazer é cuidar de mim  
Quero ser feliz ao menos  
Lembra que o plano era ficarmos bem?*

*- Ei, olha só o que eu achei: cavalos-marinhos  
Sei que faço isso pra esquecer  
Eu deixo a onda me acertar*

---

<sup>113</sup> Trilha sonora: [https://www.youtube.com/watch?v=p\\_6PdhDlPeQ](https://www.youtube.com/watch?v=p_6PdhDlPeQ)

E O VENTO VAI LEVANDO TUDO EMBORA  
(...)

...  
Andromaque, le jeune  
fleuve.....  
É seu aniversário.

...  
Pediram-me, em oração, que eu te deixasse morrer. Obedeci.  
Sem catarse, não haveria fim. Sem Butô, não haveria fim.  
Sem o último capítulo, não haveria fim.  
Morrer é tão preciso. Ao sétimo dia, ele descansou em seu  
escuro.  
Devo escolher entre o seu dia, mesmo em datas diferentes?  
Ou deixar para trás?!  
Hoje é o aniversário do meu avô, noventa e seis. Vamos nos  
encontrar...

...  
Bizoudou,  
A. Brèal





## Havia uma última Carta.

Escreveria para acordar-nos das mortes que carregamos. Mas não tive a força, ou coragem de escrevê-la, ou imprudência de assumi-la. Naquelas linhas, saberíamos que todas as Cartas eram formas do signorino Brèal elaborar a morte do Andy. Silencioso para o mundo, embora vivo; compondo o romance da sua vida - e não apenas um desaparecido na sombra. Escrevendo, afinal, sobre o que lhe importava, como imaginava em tantas ocasiões. E assim, o fantasma, o personagem imaginário seria o Andy - talvez uma companhia apreciada, ou, de fato, morto e apenas buscado pela saudade ou audácia; quem sabe, apenas objeto literário para ultrapassar a vertigem cotidiana. A Carta dele. Naquele último texto que o amigo proibiu-me de subscrever, já não haveria retorno. Eu seria o espectro, um elemento da memória alheia. Eu estaria morto, para manter a breve sensação de vida emprestada ao terceiro, nas possibilidades irrevogáveis das artes que se infiltram nas palavras. Afinal de contas, o Andy narrado era também uma invenção dessas multiplicidades que o Brèal construiu - ora sozinho, ora conjuntamente. Era adequado (e até conveniente) imaginar que o sentimento de dor, essa ficção para os contemplativos Budistas, era apenas uma ferramenta literária onde o Brèal elaborava outra camada do seu desespero existencial. Outro empreendimento que sucederia o seu Blog. Eu tinha dúvidas se, tangenciando essa posição derradeira, haveria outro lugar a ser vivido, suportado com dignidade e não apenas alienação dos conflitos no meu corpo. "La pérdida del amado es como la pérdida necesaria de lugar de los místicos." (Amador Vega, no "Libro de horas de Beirut"). Queria saber, desde o princípio do texto, se o movimento desse corpo em parágrafos traria-me alguma resposta do Brèal, qualquer indicação. Mantê-lo vivo, na duração dos meses de escrita, e, no final, como um autor transposto-vestido-suposto das palavras conectadas, representou a alternativa mais duradoura naquele período, embora não completamente validada pela consciência. "O espírito da profundidade ensinou-me inclusive a considerar como dependente dos sonhos meu agir e meu decidir. Os sonhos preparam a vida e eles te determinam sem que entendas sua linguagem. Nós gostaríamos de aprender esta linguagem, mas quem é capaz de ensiná-la e aprendê-la? Pois só a erudição não basta; existe um saber do coração, que dá esclarecimentos mais profundos. O saber do coração não é possível encontrá-lo em nenhum livro e em nenhuma boca de professor, mas ele nasce de ti como o grão verde, da terra preta. A erudição pertence ao espírito dessa época, mas este espírito não abrange de forma nenhuma o sonho, pois a

alma está em toda a parte onde o saber ensinado não está.”  
(Carl Jung, n.º “O Livro Vermelho”, pg. 233). Eu queria um  
sinal de companhia. O medonho desse mundo. Não havia  
esperança clara. É mentira dizer que aguardei. Mas também é  
falso considerar que abandonei a expectativa. Perdi-me no  
tempo, no intervalo que não passou. Jean-Luc Nancy<sup>114</sup>:  
“(…) L’amour suffit par lui-même, il plaît par lui-même  
et à cause de lui-même. Il est à soi son mérite et sa  
récompense. L’amour ne demande pas d’autre cause que soi,  
ni d’autre fruit. Son fruit est son exercice. J’aime parce  
que j’aime ; j’aime afin que j’aime (...)”. Suficiente e  
agrada por si mesmo, para si mesmo e sem outra demanda -  
amar para que se ame. Das minhas Cartas até a Qualificação,  
seguida pela Defesa com uma Banca sugerida e por mim  
desconhecida - um ano depois do movimento das Cartas e do  
que motivou a escrita das mesmas. Então, a última Carta  
apareceu. Não era a minha, não estava perdida, mas aguardou  
para trazer-me sentimentos dele. Entendi, naquele momento,  
que esse trabalho foi concluído. Uma pintura de longos 26  
meses, out-12 a dez-14... agora, formato, moldura,  
exposição, galeria, críticos etc. Chegou e me disse, com  
uma intervenção selvagem, precisa e sem distrações aos  
elogios): é hora de lavar os seus pincéis - agora, Andy.



---

<sup>114</sup> Ver:

[http://cri.histart.umontreal.ca/cri/fr/intermedialites/p4/pdfs/p4\\_nancy\\_text.pdf](http://cri.histart.umontreal.ca/cri/fr/intermedialites/p4/pdfs/p4_nancy_text.pdf)

# PARTE II

## Os ecos





## **PARTE II**

### **Os ecos**

**“When compassion fills my heart,  
free from all desire,  
I sit quietly like the earth.  
My silent cry echoes like thunder  
throughout the universe.”**

Rumi, Whispers of the Beloved

**“For as long as space endures  
and for as long as sentient beings remain,  
may I continue to dispel  
the miseries of the world.”**

Shantideva, A Guide to the Bodhisattva Way of Life

#### **2.A. Compaixão em perspectiva**

Na Monarquia Parlamentar do Butão (o reino asiático no entorno do Himalaia, com população menor que 750 mil habitantes, sem contato com televisão até 1999 e atualmente 110 mil usuários de internet móvel), um recente texto Democrático de 2008<sup>115</sup> formulou o conceito de “Felicidade Interna Bruta” como um instrumento constitucional daquelas Políticas Públicas Nacionais. Em outras palavras, a felicidade migrou dos princípios abstratos para constituir o ordenamento positivado, na experiência das últimas duas eleições nacionais.

Nesse enquadre administrativo do bem público, 33 indicadores foram distribuídos entre 9 domínios de operacionalização e de avaliação holísticos para o respectivo princípio (quais sejam: Psychological wellbeing; Health; Time use; Education; Cultural diversity and resilience; Good Governance; Community vitality; Ecological diversity and resilience; Living standard).

Visitas ao país são organizadas com os princípios de “low-impact travel” e “low-volume tourism”, com experiências, por exemplo, assim descritas<sup>116</sup>: “bucolic scene” e “sumptuous views”, “a moment up there when time stopped”, “the silence of the spaces – inside and out – but it makes you feel quiet and careful”, “slow down for five furry yaks (...) we stare at them and they stare at us, profoundly confused”, “each valley

---

<sup>115</sup> Texto original: [https://www.unodc.org/tldb/pdf/Bhutan\\_const\\_2008.pdf](https://www.unodc.org/tldb/pdf/Bhutan_const_2008.pdf) ; ver comentários: <http://www.judiciary.gov.bt/html/education/high%20court%20book.pdf>

<sup>116</sup> Matéria de Kim Brown Seely para “Virtuoso Life” (the traveler’s guide to inspired pursuits), Jan-Feb 2014. Disponível em: <http://www.nxtbook.com/nxtbooks/virtuosolife/20140102/#/106>

feels more silent and enclosed”, “the rhythm and turn of prayer wheels, the chirp of birds, the flap of prayer flags in the breeze” etc.

Nessa inspiração de uma Felicidade Pública Genuína<sup>117</sup>, onde também a “Saúde” compõe o quadro de pilares que orientam a construção de referências e o exercício dessa dimensão pública altruísta, a Compaixão (snying rje, em tibetano, ou nobre/grande coração; Karuna, em sânscrito e pali) e o Amor (byams, em tibetano; Maitri, em sânscrito; metta, em pali) são entendidos como operadores transversais advindas daquela herança cultural transhimalaica para as normas e relatórios técnico-políticos daquele país.

Curiosamente, a incidência desse conceito não se confunde às premissas habituais do Ocidente, expressas nos ideais, por exemplo, de Dignidade ou de Justiça. Resguardadas as proporções, teríamos como imaginar as ações dos nossos Judiciário e do Legislativo, em torno, por exemplo, de um princípio como o de Caridade? É plausível conjecturar outra sociabilidade que não os usos vigentes, outra sinergia de horizontalidade e de reciprocidade, de solidariedade e cooperação para lidarmos uns com os outros em comunidade?

Em recente artigo<sup>118</sup> de 2013, com o título “Differential pattern of functional brain plasticity after compassion and empathy training”, os pesquisadores O. Klimecki, S. Leiberg, M. Ricard e T. Singer decompueram a experiência da compaixão em seu histórico de complexos experimentos de monitoramento cerebral. Segundo os autores, categorias como empatia e compaixão, apesar de relacionados em aspectos sociais, deflagram registros e consequências bem diferenciadas.

Mais do que estar em contato horizontal e “empatizar” com as aflições/necessidades de terceiros, essa experiência de uma relação compassiva inclui aspectos bem diferenciados, porquanto entendida como um modo que se deixa afetar sem recusar um compromisso que busca reduzir o sofrimento vivido pelo outro:

“(…) watching others' suffering after empathy training was associated with activations in a network spanning insula, aMCC, temporal gyrus, DLPFC, operculum and parts of basal ganglia. These results align with and extend previous cross-sectional meta-analytic findings on a crucial role of insula and aMCC in empathy for pain (...), as well as their involvement in self-experienced pain, and negative affect in general (...)

---

<sup>117</sup> Ver minha Dissertação (Mestrado em Relação de Ajuda e Intervenção Terapêutica), com o título “FELICIDADE PÚBLICA GENUÍNA: CIDADE COMO CONCEPÇÃO DE ORGANISMO COLETIVO NA TENDÊNCIA FORMATIVA DE CARL ROGERS”, defendida na Universidade Autónoma de Lisboa, em fevereiro de 2010.

<sup>118</sup> Ver: <http://www.matthieuricard.org/en/articles/differential-pattern-of-functional-brain-plasticity-after-compassion-and-empathy-training>

(...) On the neural level, compassion training increased brain activations in mOFC, pregenual ACC and striatum\_a network previously associated with positive affect (...), affiliation (...) and reward (...) this distinction is paralleled by recent neuroscientific evidence which indicates that social connectedness is typically associated with activations in brain regions that comprise ventromedial prefrontal cortex and ventral striatum, whereas social disconnection is rather associated with activations in AI and dorsal ACC (...) training empathy not only induced a stronger sharing of painful and distressing experiences, but also increased the susceptibility to feel negative affect in response to everyday life situations.

(...) compassion training counteracted this effect: it increased positive affect and decreased negative affect back to baseline levels. (...) finding adds to the observation of a previous study in which a similar compassion and loving kindness training increased general levels of positive affect in daily life (...) the generation of compassion in response to distressing situations is distinct from other emotion regulation strategies, such as suppression or reappraisal, which involve an active down regulation of negative affect (...) the generation of compassion focuses on strengthening positive affect, while not ignoring the presence of suffering or changing the negative reality.

(...)On the neural level, we obtained evidence that short-term empathy training (...) induced functional plasticity in a network spanning insula, aMCC, temporal gyrus, operculum, DLPFC, posterior putamen, pallidum and head of caudate. The observed activation increases in DLPFC and middle temporal gyrus align with previous findings on emotion regulation (...), cognitive control (...) and pain processing (...) the activation changes stemming from empathy training were not limited to AI, but instead spanned the entire insular cortex.

(...) contrast to empathy training, cultivating feelings of kindness [compassion training], warmth and concern induced non-overlapping brain changes in mOFC, pACC and striatum. (...) In general, mOFC, pACC and ventral striatum activations have been shown to be centrally implicated in reward processing (...) as well as in the experience of pleasure and positive affect (...) this convergence with previous neuroimaging findings on positive affect and reward, activations in prefrontal cortex and ventral striatum have been related more specifically to maternal affiliation (...), as well as to maternal and romantic love (...) studies in rodents and other mammals suggest that the formation of affiliative memories relies on a circuitry comprising mOFC, ventral striatum and ventral tegmental area (...) animal models distinguish between different affective and motivational systems such as panic and care systems that rely on distinct brain networks and neurotransmitter systems (...) results suggest that empathy and compassion indeed rely on antagonistic affective systems and that even short-term training of compassion has the potential to counteract empathic distress."

Além de conteúdos transversais na formação geral biomédica, Empatia e Compaixão são temas particularmente relevantes em domínios profissionais, como os de Hematologia e Hemoterapia, Cuidados Paliativos e Tanatologia, dentre outras especialidades. Também acerca dos profissionais de saúde, fala-se em Fadiga por Compaixão e Burnout, em contextos laborais extremados.

Imerso e/ou isolado na sua própria dor, compaixão é pretexto de movimento e imaginação de alternativa, ao passo que simpatia e empatia (vide também as pesquisas do cérebro, acima) atrelam-se aos elementos percebidos e desgastes para um vivido.

Desta forma, compaixão é concomitantemente sair de si e produzir diferença enquanto deslocamento na realidade do outro (empatia é contaminar-se do outro, comunicar-se a partir do outro), compaixão é a prática mesma de gerar diferença que não abandona o outro no seu sofrimento.

Sendo diferença nesta última, é alteridade e não confinamento subjetivo, é plural e não apenas observação terceira: "...as linhas da compaixão... são as torcidas e cheias de nós que simplesmente não consigo distingui-las...", é o que também afirma o Chuang-Tzu, filósofo taoísta, na coletânea de "Ensinos Essenciais" (poema "Sendo todas as coisas iguais", publicado pela Editora Cultrix). E complementa:

"(...) – Então nada sabe nada? – Como eu saberia? Embora seja assim mesmo, vou tentar explicar. Se digo que entendo, como posso saber se não sei o que digo que entendo? Se digo que não entendo, como é que posso saber que aquilo que digo que não sei de fato sei? Veja bem: quando as pessoas dormem molhadas, pegam pneumonia e morrem. Mas será que o mesmo acontece com os peixes? Se alguém tentasse morar numa árvore, viveria constantemente temeroso, mas o macaco? Dos três, quem sabe o lugar certo de viver? As pessoas comem carne de animais que se alimentam de feno e cereais. O cervo come grama. As centopéias acham que a cobra tem sabor doce. Corujas e corvos comem ratos. Dos quatro, qual sabe o melhor sabor? Macacos se acasalam com macacos, machos com fêmeas, peixes com peixes. Todos os homens consideram Mao Chiang e a dama Li modelos eternos de beleza, mas quando os peixes os vêem, mais que depressa mergulham ao fundo; quando os pássaros os vêem, voam para longe; e quando os cervos os vêem, fogem às pressas. Dos quatro, quem é que conhece a verdadeira beleza debaixo do céu? Para mim, as linhas da compaixão e da retidão, as trilhas do certo e do errado, são as torcidas e cheias de nós que simplesmente não consigo distingui-las (...)"

Compaixão, ainda que neste prisma dualista (eu e outro), não é fundamentação moral (como diria A. Schopenhauer, por exemplo), menos ainda é paternização ou comoção quaisquer, enquanto piedade ou paixão.

Se pudesse ser grosseiramente aproximada, "o ser qualquer" de Giorgio Agamben, como uma dimensão da potência (impotência como profanação) ao estagnado/padronizado, deixa o seu qualitativo de indiferença para tornar-se, aqui, equanimidade que deixa a mudança frouxa – de toda forma, para ambos, procedimentos diferentes para não se identificar às capturas habituais. Acrescento Walter Benjamin, a propósito da impotência: "Nunca ninguém se torna mestre num domínio

em que não conheceu a impotência, e, quem aceita esta ideia, saberá também que tal impotência não se encontra nem no começo nem antes do esforço empreendido, mas sim no seu centro.”

Essa compaixão também não é a “commiseratio” de B. Spinoza, não é pragmatismo monista, não é a “compassio” onde alguém é o forte e outro é o fraco: essa pseudo-compaixão de base individualizada/egoísta (assentada nas preferências de uma identidade particular), apenas se confunde à negação completa do altruísmo genuíno<sup>119</sup> (generalizada na prevalência de comportamentos mais particularizados/egoístas do que altruístas em circunstâncias diversas da experiência).

As perguntas dirigidas para Jean Yves-Leloup<sup>120</sup>, um monge (e padre) Hesicasta, talvez possam melhor caracterizar as premissas de investigação:

“No final de uma sessão zen, um amigo budista acabou de me explicar que o não-apego, a não-realidade do sujeito (anatta), a vacuidade ou vazio (sunyata) e a atenção ao instante ‘sem objetivo nem proveito’ eram para ele o essencial daquilo que a postura e a meditação zen lhe haviam ensinado. Ele me apresentou quatro perguntas:

- Pode um cristão estar sem apego, sem desejo, sem dependência, mesmo em relação a Deus e a Cristo?
- Pode um cristão aceitar a não-realidade do sujeito?
- Pode um cristão fazer sua a experiência da realidade última como vacuidade?
- Pode um cristão viver na descontinuidade, instante após instante, sem memória, sem projeto?” (p. 14)

Os seres migratórios no campo dos fenômenos compostos (cujos elementos reúnem-se e dissolvem-se) valem-se da Compaixão Incomensurável, Karuna que se manifesta de uma consciência primordial comum para todas as direções e envolvidos, com o objetivo de realizar quiescência, equanimidade, equilíbrio emocional e bem-estar mental. Milarepa, o sábio Budista, recomenda: “All meditation must begin with arousing deep compassion. Whatever one does must emerge from an attitude of love and benefiting others.”

De origem não dualista e de expressão não discricionária, a ação desse aspecto luminoso da mente, que não se modifica por aquilo que se concentra e ilumina, promove tais estados que repousam na forma que não é diferente do vazio e no vazio que não é diferente da forma (Sutra do Coração<sup>121</sup>); ou “Nothing exists inherently, yet everything exists dependently” (Khangser Rinpoche).

---

<sup>119</sup> Ver: <http://www.youtube.com/watch?v=oFGAeDWkiHo&hd=1>

<sup>120</sup> “A Montanha no oceano” (Vozes, 2002).

<sup>121</sup> Ver: [http://www.youtube.com/watch?v=3\\_hqeHEhEjg&hd=1](http://www.youtube.com/watch?v=3_hqeHEhEjg&hd=1)

É difícil traçar “equivalências” para a Compaixão uma vez que pode ser vislumbrada como um estado próprio. Em sua tese de doutorado<sup>122</sup>, Kennyston Lago observa que há três grandes eixos para o conceito de Compaixão, conforme a principal literatura científica vigente:

“A primeira abordagem considera que a compaixão é apenas outra forma de se referir ao estresse empático. (...) do ponto de vista empírico, este tipo de abordagem implica na elaboração de estudos que buscam relacionar a ocorrência de compaixão a comportamentos expressos ou respostas fisiológicas semelhantes entre vítima e testemunha.

A segunda abordagem defende que a compaixão não é uma emoção em si, mas uma variação ou uma mistura de emoções básicas (...) encontra suporte em investigações lexicais com falantes da língua inglesa. (...) de forma que a compaixão compartilharia as mesmas propriedades de experiência dessas emoções, ou seja, eliciaria os mesmos comportamentos expressos e respostas fisiológicas.

A terceira abordagem entende que a compaixão é um estado afetivo distinto. (...) Os estudos que dão suporte a essa abordagem são os que entendem a compaixão a partir da perspectiva evolucionista. (...) Esta abordagem, por sua vez, apresenta três linhas de argumentação/pesquisa: 1) argumento da prole vulnerável; 2) argumento da seleção sexual; 3) argumento da relação de cooperação entre não parentes (...) Dentro da perspectiva evolucionista, a compaixão é um estado emocional que tem a função de reduzir o sofrimento de um indivíduo que necessita de ajuda. É um traço desejável dentro do processo de seleção sexual e responsável por tornar possível relação de reciprocidade entre indivíduos sem laços parentais. A compaixão é distinta de outros estados emocionais, tais como estresse, tristeza e amor. A compaixão também se distingue da empatia. Ser empático ou ser capaz de sentir empatia refere-se à capacidade de ser impactado pelas emoções de outros indivíduos. Todos os seres que possuem algum tipo de organização social são dotados de capacidade empática. Sendo assim, havendo a capacidade empática há experiência do estresse empático quando um indivíduo observa o sofrimento do outro. No entanto, na empatia, não é necessário a existência da distinção eu-outro. O observador é apenas capaz de ser impactado pelas emoções daquele que ele observa, mas não é capaz de distingui-las como sendo um sofrimento vivenciado por outro indivíduo. (...) Dito de outra forma, o estresse empático resulta em comportamento egoísta de autoproteção enquanto a compaixão resulta em comportamento altruísta de heteroproteção (...) a compaixão não precisa estar necessariamente acompanhada de amor – apesar de o amor atuar como catalisador da compaixão”. (pp. 16-17, 21-22)

Nessa perspectiva evolucionista, o ato de “colocar-se no lugar do outro” (empatia) é possível com uma fronteira tênue entre o que o “outro” e o que “eu” próprio sinto. Dessa forma, a expressão empática, por exemplo, surge porque sou diretamente afetado e mobilizado pelos elementos suscitados em mim a partir da experiência do outro.

Empatia não necessariamente se refere ao “sofrimento”, por exemplo, quando esse lugar do outro que me afeta de alegria ou de realização –

---

<sup>122</sup> Ver:

[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14514/1/2013\\_KennystonCostaLago.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14514/1/2013_KennystonCostaLago.pdf)

para tal aspecto da relação , o enfoque “tradicional” de compaixão não alcança em seu aliviar o “sofrimento”. Não há compaixão da alegria?

Na compreensão do pesquisador Keith Dowman, em seu livro “The Flight of the Garuda: The Dzogchen Tradition of Tibetan Buddhism”:

“(…) compassion is much more than the virtue of loving kindness. Nor does the word compassion in the Dzokchen context denote its English etymological meaning, ‘suffering together’ or ‘empathy,’ although both these meanings may be inferred. Essentially, compassion indicates an open and receptive mind responding spontaneously to the exigencies of an ever-changing field of vibration to sustain the optimal awareness that serves self-and-others’ ultimate desire for liberation and well-being. The conventional meaning of compassion denotes the latter, active part of this definition, and, due to the accretions of Christian connotation, response is limited to specifically virtuous activity. ‘Responsiveness’ defines the origin and cause of selfless activity that can encompass all manner of response. On this nondual Dzokchen path virtue is the effect, not the cause; the ultimate compassionate response is whatever action maximizes Knowledge – loving kindness is the automatic function of Awareness.”

Tal nível de cumplicidade/reciprocidade/sintonia empática, ao (re)produzir um espectro semelhante à emoção compartilhada no padecimento de um outro (é disso também que os estudos recentes no cérebro apontam, quando se trata de um vínculo com a aflição de um terceiro, áreas de intenso pesar e dor são ativadas naquele que expressa atitudes empáticas), convoca à minha própria experiência para uma intervenção mais calorosa (presumível, acurada).

Na Compaixão, diferentemente da empatia, exatamente por haver um reconhecimento do outro e do seu lugar distinto de percepção, embora seja um vínculo de proximidade, esse campo intermediário de liberdade entre um e outro percebe o sofrimento do terceiro e, ao mesmo tempo, vale-se de todos os recursos como estratégia de superação (com áreas do cérebro que reconhecem dor, sem extinguir uma sensação de bem-estar e capacidade de ajuda). Por não estar identificado, imobilizado ou confundido pela dor terceira, a compaixão age.

Sobreviver (e não sucumbir) à emoção que padece um terceiro é uma operação não equivalente àquela que se funde (e amplia-se junto) à mesma, respectivamente, os descritores para compaixão e empatia. Ainda segundo Kennyston Lago:

“(…) Goetz et al. (2010) apresentam um modelo dos processos avaliativos que resultam no surgimento da compaixão. (...) De acordo com o modelo, a compaixão é uma emoção que surge em resposta a um evento que resulta em sofrimento/dano. (...) Se o sofrimento ou dano não for direcionado a outra pessoa, mas tem como alvo o próprio Eu, a resposta será o surgimento de outras emoções – tristeza, raiva, vergonha – e não a

compaixão. (...) é crucial para o surgimento do sentimento de compaixão a capacidade de separar quais experiências são vividas em primeira pessoa e quais experiências são vividas em terceira pessoa. Se essa capacidade não está presente, diz-se que há ocorrência apenas de um processo empático, pois o indivíduo será capaz de perceber e ser impactado pelo sofrimento vivenciado por outro indivíduo, mas não será capaz de identificar que o sofrimento vem de uma fonte externa ao Eu e, portanto, adotará alguma estratégia para interromper o sofrimento, não incluindo necessariamente o socorro. (...) quanto mais preparado um indivíduo percebe-se para intervir na causa do sofrimento alheio ou capaz de lidar com a situação de sofrimento do outro, mais intenso será o sentimento de compaixão. Por outro lado, a avaliação de que os recursos, as habilidades, estão aquém do que é necessário para intervir ou lidar com o sofrimento do outro, não provocam compaixão, e sim estresse, ansiedade e medo (...)" (pp. 23, 25)

Empatia, por conseguinte, é uma das funções pró-sociais, assim como o domínio do amor e sua neuroquímica específica para vínculos, de base ocitocinéica, dentre outros neurotransmissores ativos, para contato físico e psicológico duradouros que torna alguém maior. O marco da empatia, por exemplo, nas artes e fruições estéticas, é uma capacidade de ser tomado ou invadido no seu corpo (não necessariamente de vincular-se, mas ser levado, misturar-se), com as sensações e sentimentos que acometem o artista (partitura musical) ou, aparentemente, emanam da própria "obra" (dança).

Segundo certa perspectiva do conhecimento, compaixão é um estado de afecções que orbita na instabilidade, na vulnerabilidade e na fragilidade, de modo a sugerir, por exemplo, comportamentos etologicamente não previstos (vide exemplo da onça que mata o chipanzé, e demonstra-se "enternecida" diante do filhote sobrevivente) quando exposto a situações de risco ou dor. A compaixão é prioritariamente o campo da ação imediata sobre o outro (bem mais do que a empatia e o amor), como uma intensidade que confronta a própria "densidade" do que ameaça o outro.

Oportunamente, uma condição auto-centrada para bloquear/interceptar e não demonstrar qualquer vulnerabilidade, respondendo a uma condição de valia pessoal assimilada (por um respectivo funcionamento idealizado para si-mesmo que suspende atualizações congruentes de si), é também impedimento, no mesmo fluxo de experiência bloqueada, à possibilidade de reconhecer e auxiliar na vulnerabilidade do outro.

Por subcepção, essa hipotética proximidade relacional à fragilidade terceira evocaria imagens censuradas pelo medo e angústia ao "meu" projeto de funcionamento cristalizado. Imagine-se, portanto, a quantidade (e violência) de energia psíquica que é mobilizada nessa regulação que suprime um cotidiano de emoções compassivas.

De todo jeito, Karuna, Grande Compaixão não é um tipo de experiência restrita aos aficionados nos rumores do sofrimento alheio (digamos, fofoqueiros e congêneres), a quem “sofre” ou cativa de quem se avizinha do “sofrimento” (imaginando, por exemplo, de um lado, usuários de hospitais e profissionais de saúde da mesma instituição, e do outro, pretensamente isento, um turista de férias em algum paraíso mediterrâneo).

Esse nível convencional de sofrimento, sofrimento dito real e material, é pré-requisito e objeto para uma experiência compassiva? Compaixão seria o perfume das sombras nos corpos?

Uma vez aprisionados às reações obscurecidas e incapazes de usufruir qualquer senso liberdade perante o surgir dos fenômenos, a Compaixão Incomensurável (Karuna) não é uma qualidade da “alma”, não é uma posição “identitária” e, menos ainda, uma acolhida para a substancialidade (pretensamente) inequívoca e inolvidável das “razões” para quem exhibe sofrimento.

Nesse prisma, alma/psiqué, ego/eu/identidade e as (tidas) emoções auto-referentes/-inerentes/-existentes são apenas descritores da atualização/atualidade deludidas, instâncias mesmas afeitas às tristezas repentinas dessa existência confusa. Regular-se por tais mecanismos já responde por circuitos de desapontamento, frustração e sofrimento.

Compaixão não é um senso de otimismo, para superar o pessimismo. Compaixão não é um tipo fixado de comportamento que se dirige para aqueles desprovidos de oportunidades, submetidos à miséria ou à falta de recursos. Compaixão não é um modo fabricado de “escuta” (empática) que se empresta para aqueles afetados pelo infortúnio, pela morte, pelo pior, pelo estresse e dor emocionais.

Compaixão não é um estado moral idealizado de comiseração que o bem-afortunado oferece à desventura, ao padecimento e enfermidade alheios. Compaixão não é um sentimento “deslocado”/descabível para experiências festivas ou de entusiasmo, ou de intensa criatividade, beleza, encantamento, ou de estados inefáveis, ou mesmo na atenção pura equânime (onde já não há sensações agradáveis ou desagradáveis).

É possível compaixão ao bebê que nasce sorrindo e saudável?! Compaixão aos jovens nubentes apaixonados?! Compaixão ao êxito acadêmico e sucesso profissional?! Compaixão pela vida suave, zelosa e respeitosa?! Compaixão do poeta, do músico, do pintor, do dançarino?! Compaixão do acadêmico que pensa, escreve e compartilha?!

Imaginar compaixão pela realização espiritual?! Compaixão daqueles que desaprovam a infelicidade alheia espraiada em seu meio de convívio, portanto legitimada como estado privado e de consequências públicas, mas não vislumbram a possibilidade igualmente duradoura de felicidade?!

Reconhecendo o sofrimento dos infinitos seres que não repousam no espaço aberto e luminoso da sua própria natureza básica, a Compaixão Incomensurável (Karuna) age sobre a ignorância fundamental e seu apego às flutuações/tempestades emocionais, em estados de prazer, dor e indiferença experienciados por um senso de eu.

Segundo Chögyam Trungpa, em “Mindfulness in Action: Making Friends with Yourself through Meditation and Everyday Awareness”:

Compassion is not logical. It's basically spacious and generous. A compassionate person might not be sure whether he is being compassionate to you or whether you are being compassionate to him, because compassion creates a total environment of generosity. Generosity is implied; it just happens, rather than you making it happen. It's just there, without direction, without me, without “for them.” It's full of joy, a spontaneously existing grin of joy, constant joy. (p. 76)

Destarte, Compaixão Incomensurável está relacionada às condições para o “sofrimento” que parece obstar uma vida de paz. Certamente, Compaixão Incomensurável não deve ser traduzida como outra variante das atitudes de incidência pontual e passíveis de mensuração: qual “sofrimento”, afinal, nos arrasta fora da tranquilidade perfeita e do equilíbrio duradouros?

Meditadores experientes mencionam suas práticas de “meditação sem objeto” – compaixão sem intencionalidade, sem a relação de sujeito e objeto? Há camadas pouco visíveis, quase secretas da compaixão?

Independente do tipo de aparências ou reflexos que emergem da mente, com mais ou menos cores ilusórias de apreço e desejo, a Compaixão Incomensurável (Karuna) é vasta por dirigir-se a todos os seres imersos nesse processo constante de frustração, insatisfatoriedade e descontentamento (dukkha).

A partir de um artigo<sup>123</sup> de 2012, “Measuring happiness: from fluctuating happiness to authentic–durable happiness”, essa vasta qualidade compassiva pode ser melhor elucidada a partir do funcionamento mental a que se vincula:

---

<sup>123</sup> Ver: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22347202>

“(...) studies presented in this paper is the development of two such scales: the Subjective Fluctuating Happiness Scale (SFHS) and the Subjective Authentic–Durable Happiness Scale (SA–DHS).

The development of these two scales is intimately linked to a recent theoretical model: the Self-centeredness/Selflessness Happiness Model (...). According to this recent theoretical model, the attainment of happiness is linked to the self, and more particularly to the structure of the self. This model proposes that the perception of a self as a permanent, independent, and solid entity leads to a self-centered psychological functioning that favors a fluctuating happiness. A selfless psychological functioning emerges when the perception of the self is flexible, strongly connected with the environment including others, favoring an authentic and durable happiness.

(...) Thus, by trying to maximize pleasures and avoiding displeasures, self-centeredness induces a fluctuating happiness in which phases of pleasure and displeasure alternate repeatedly. Happiness can thus be, at least partly, characterized by the alternation of positive and negative phases that provoke fluctuating happiness.

(...) Authentic happiness is understood here as an optimal way of being, a state of durable contentment and plenitude or inner-peace (based on a quality of consciousness which underlies and imbues each experience, emotion, and behavior, and allows us to embrace all the joys and the pain with which we are confronted).

The SSHM (...) proposes that authentic–durable happiness is intimately linked to selflessness, a psychological functioning characterized by benevolent affects (e.g., compassion, empathy). These affects enhance emotional stability and generate a feeling of being in harmony that favors for example the experience of durable inner-peace and serenity, some markers of authentic–durable happiness. (...) while contentment has been the focus of much research (...) plenitude or inner-peace has rarely been taken into account. (...) the ‘durable’ dimension would also be an important marker of authentic happiness. (...) focus on the authentic–durable happiness that is characterized by both durable contentment and durable inner-peace.

(...) fluctuating happiness seems not to be simply the reverse of authentic–durable happiness. (...) While the SA–DHS was more closely related to positive affectivity and life satisfaction, the SFHS was more closely related to negative affectivity. Thus, fluctuation of happiness, despite the experience of phases of pleasure, seems to be more linked to emotional negativity than to emotional positivity. (...)”

Então, por esclarecimento do Lama Thubten Yeshe (adaptado, “Universal Love” p. 76), uma prática efetivamente compassiva alcança dimensões de inserção bem mais abrangentes:

*My practice is my job, a full-time job.  
Because this is serious, "you do it, you act".*

A Bhikkuni Zamba Chözom também complementariza:

*Life is practice. Practice is life.*

*The path is our own confusion.  
(Full-time job, one's life itself).*

Compaixão é transformação para outra consciência? Compaixão é mudar um estilo de vida? Compaixão é um novo lugar físico ou interno? Compaixão são velas, flores, incensos, fontes de água, estátuas tailandesas, ofurô, música instrumental e tranquilidade, em um dos hotéis (com diária de R\$ 700) no "circuito/roteiro de charme" do Ceará?

Compaixão é brincar de camuflagem ou de sujeito cindido, oras agressivo e oras gentil? Compaixão é uma técnica, um aprendizado com protocolos cognitivos e check-list? Compaixão é o mugido "OM" dos rebanhos em seus mesmos pastos? Compaixão é respirar, olhar o céu?

Compaixão dirigida aos corpos saudáveis, esportistas e bem alimentados, não rancorosos e com humor: qual finalidade? Compaixão da noite prolongada com nove ejaculações? Compaixão dos aposentados com plano de saúde e qualidade de vida? Compaixão dos pacatos ou daqueles que usufruem a vida com destemor?

A "estranheza" inicial sugere que os alvos costumeiros da "compaixão" são de um tipo específico, ou não? Às vezes, uma "compaixão" por medo ou rancor, quase uma punição inversa para aqueles que nos feriram diretamente, ou que podem vir a machucar outros? Outras vezes, o impensável da "compaixão" como uma jornada por Hádes?

Visitar os tais "lugares que nos assustam", de modo a "mergulhar" no sofrimento humano, não é movê-lo com novos "sentidos" construídos, somados na ampliação do espectro anterior. Não é, outrossim, desdobrar aquela intensidade "aprisionada" em outras sensações, geradoras de potência e novos fluxos de duração, liberar em acontecimento e singularidade. Isso já é Hádes e o mar de sofrimento, ou Hádes é buscar e não conseguir se mover, ou Hádes é o aspecto da luta e do enfrentamento?

Implícito acima reside um pacto de aceitação, apreço e valorização da própria "dor", como biografia ou como impulso, elemento de um vivido que perdura, como faceta que integra um si-mesmo (self), ou personalidade, ou identidade, ou subjetividade – todos existentes, e, se não reforçados, submetidos à cadeia de processos tidos por constitutivos para esse algo "fundamental".

Nesse enquadramento, compaixão e bondade soam como "afetos", ou constituintes emocionais. Se a vida é uma promessa de não-decepções, infinitas e tão imperfeitas nos emissores ou condições que

se transformam, empoderar o preciosismo da individualidade ou enfatizar de ressalvas as indicações rudes para experiências alhures antecipadas de valia/valorização, é somente um capítulo reduzido (ou ridículo, porquanto, talvez, modesto) dessa enorme hipnose sensorial por um contínuo irrealizável de diversão, prazer e saciação.

Não obstante a proporção sensível de apego e desespero sob a aparência de maior intimidade e calor pessoal, serão precariedade todas as escolhas e direções auto-definidas em padrões emocionais de funcionamento, uma vez que é o surgimento obscurecido na dualidade que marca indelevelmente as suas premissas de origem e consequências derivadas.

Compaixão de um ato/atualização específica, ou compaixão dos tesouros jamais usurpados do coração-mente, imunes à flutuação e insatisfação? Compaixão é consumida após as tentativas ou realização dos atos? Compaixão pelas rubricas do atual/da atualidade, ou compaixão como ação que desvela outra articulação entre a potência e o virtual? Qual é o Hádes da compaixão, se é que possa assim estar relacionada? Dzongsar Khyentse Rinpoche observa:

“Se não pudermos ser comprados por elogios ou derrotado por críticas, nós teríamos uma força incrível. Nós seríamos extraordinariamente livres, não haveria mais esperanças e medos desnecessários, suor e sangue e reações emocionais.”

Todavia, é plausível entender um campo amplo de ação compassiva por um afeto? É possível, no Ocidente, falar de “emoções” sem objeto; ou “emoções” desprovidas de um sujeito que é acometido, padecido ou afetado; ou “emoções” sem um real destinatário a quem a energia é direcionada; ou “emoções” que não aderem ao reconhecimento atribuído de algo “verdadeiro” para quem as expressam?

Embora involuntários, esses constituintes relacionais não são percebidos, via de regra, como agregados psicofísicos (skandhas) e condicionados a uma série de vetores e transações da mente. Ao contrário, as tais “emoções” são grosseiramente absorvidas e “reagidas” automaticamente como uma sensação inquestionável, cuja pertinência emocional (embora nem sempre acompanhada de sobriedade/adequação entre gestos e contextos), não suscita qualquer relutância de “fidedignidade” para o seu emissor (de fato “sou” ou “estou” desse modo?).

Assim, “emoções” não dificilmente são percebidas como energias de enfeitiçamento que “carregam” os sujeitos como uma música que explode em memórias e disparadores somáticos. Se essa for a descrição possível de uma “emoção”, então, Karuna, a Grande Compaixão, busca gerar dúvidas, fissuras, abrir espaço de reconhecimento e

liberdade nesse funcionamento “repetitivo”, desse sintoma de misturar-se e elaborar emocionalmente para qualquer fenômeno, para um vislumbre de repousar no estado mesmo da consciência.

Emoções, portanto, são prisões. “All emotions are suffering”, conclui Dzongsar Khyentse Rinpoche, em seu livro “What makes you not a Buddhist”. Todas (!) as emoções são raízes de insatisfatoriedade (dukkha), todas as emoções são enodamentos que pretendem reter e prometem manipular fenômenos transitórios e compostos.

Deste modo, todas as emoções são expressões fixadas de uma mente obscurecida que atribui permanência e solidez/consistência/substância/realidade a processos mentais – estes últimos, com sucessivas e necessárias condições de aparência como tal, jamais “emoções” independentes que parecem dotadas com a força de invadir e sequestrar, emoções que parecem alcançar um “sujeito”, dominá-lo e impor seu funcionamento dual.

“All emotions are suffering” foi a afirmação mais contundente (!) que eu ouvi, uma navalha-formativa, ainda durante a Graduação em Psicologia, logo em um dos primeiros workshops que organizamos com Ani Zamba (que é discípula de Dzongsar Khyentse). Sofrimento, emoções, dualidade e fenômenos compostos, foram os elementos que nunca me deixaram ir embora.

Apesar da publicação ainda recente em livro, a perspicácia do ensinamento<sup>124</sup> (com tradução dos significados em uma linguagem de efeitos contemporâneos) já estava sendo ministrada, pelo menos, desde o final da década de 1990:

“The definition of pain is all the things you have said like impermanence, something you don't want, something unpleasant and all of that. But on the top of that, something that does not have an inherently existing quality. That's what Buddhists add. That's a good one, actually, because it's like a mirage. You are thirsty here, you understand? You're in the desert and finally you see this big mirage, you know, like water. And you feel relief. "Ah, there's the water." And then you go there. The closer you get, the more the true quality of this water, this mirage, will disappear. And that's the ultimate disappointment, isn't it? That's it. That's one quite important aspect of the definition of pain according to Buddhism. Something that does not have anything that is essential. Something that does not have independent existence. Therefore, now that you have heard the definition of pain, you can see why Buddhists conclude that all emotions are pain. Because they're impermanent, which means they're uncertain. And because there's hope and fear, which is always in itself a bit of a paranoia, (quite a lot of a paranoia in fact). And then towards the end it never has inherently existing nature. So there's nothing that is worthwhile, so to speak. Almost every effort that we create by this emotion, at the end it's for something completely futile. That's why it's pain.”

---

<sup>124</sup> Ver: <http://www.siddharthasintent.org/gentle/GV12.htm>

Parece que o “sentimento” de afogar-se, ou até de chorar, é o “brilho” (critério) que demarca algo interior, profundo, revelado apenas na experiência, mágico e resguardado da vida comum. Mais do que legítimo (enquanto passageiro), esse tipo de confirmação “emocional” é veiculado como a porta “mais verdadeira” para o que é “meu” (ou “só” meu, talvez “meu” além das variáveis externas, o inefável que “eu” experiencio).

Essa “comoção”, para além da gentileza, da brincadeira e do carinho honestos, é o “sentimento” com o qual também sinalizamos, para os demais (geralmente um, outro, ou poucos), como uma expressão de boa fé, afetuosidade e de afetividade.

É com esse tipo de “sentimento” partilhado que nos “vinculamos” e definimos as nossas “escolhas” de vida. E se não houvesse apego particular? E se não fosse necessário esse tipo de emoção dual para deformar o senso de pertencimento e de proximidade com todos os seres?

Consideremos o espectro contrário a tal convulsão “emocional”, aquilo que se nos parece corriqueiro, repetitivo, difícil ou pouco estimulante, enfadonho e até exaustivo; eventualmente, o que se considera sem propósito ou utilidade imediatas, que nos gera desconcentração e não prazer (so what, babe?): se não “toca” emocionalmente a febre de insegurança que exige confirmação pelos apegos ocultos do ego, parece que as direções emocionais, aquelas só confirmam os conteúdos dos sentimentos e paixões, são as experiências “mais confiáveis” como bússola.

Imediatamente por não (me) servir, por não estar a serviço do “meu”, de mim e do eu, mesmo que possa “convir” para a liberação espiritual e destruição desses apegos obscurecidos, é secundária ou desnecessária. Parece, assim, que o único domínio de “relevância” são as camadas sólidas e grosseiras percepção sensível dual, onde há febre/ignorância, torpor/apego e sintoma/insatisfação; embora, o que não seja familiar, talvez, nem sempre represente o pior:

“(…) Possa eu claramente perceber todas as experiências como sendo tão insubstanciais quanto o tecido do sonho durante a noite e imediatamente despertar para perceber a manifestação de sabedoria pura no surgir de cada fenômeno (...)”<sup>125</sup>

Nesse prisma, é no mínimo contraditório encaixar o conceito de Karuna (Grande Compaixão) nesse mesmo horizonte das “emoções” e dos “afetos”, ou da maneira para “lidar” com o próprio sofrimento, tais

---

<sup>125</sup> Prece de Dedicção na prática de Tara Vermelha, segundo a tradição de Chagdud Tulku Rinpoche.

como os termos referidos no Ocidente, especialmente quando os Budistas referem suas práticas em outra direção de conhecimento. Ainda com Dzongsar Khyentse Rinpoche, e sua aguçada fenomenologia Budista:

“(...) 1. All compounded things are impermanent.  
2. All emotions are pain.  
3. All things have no inherent existence.  
4. Nirvana is beyond concepts.  
(...) If you cannot accept that all compounded or fabricated things are impermanent, if you believe that there is some essential substance or concept that is permanent, then you are not a Buddhist.  
If you cannot accept that all emotions are pain, if you believe that actually some emotions are purely pleasurable, then you are not a Buddhist.  
If you cannot accept that all phenomena are illusory and empty, if you believe that certain things do exist inherently, then you are not a Buddhist.  
And if you think that enlightenment exists within the spheres of time, space, and power, then you are not a Buddhist. (...)”

Se Karuna, por absurdo, fosse mais um “afeto” que se inscreve na mente deludida, por ser grande, vasta ou incomensurável, já não seria a tal “compaixão” que seleciona seu alcance preferencial nos inválidos, abandonados, suicidas etc. De todo modo, ainda como um “afeto” que a experiência humana pode dirigir ao sabor dos seus vínculos e desejos, seria possível uma expressão de compaixão por uma flor, pelo mar, por um arco-íris?

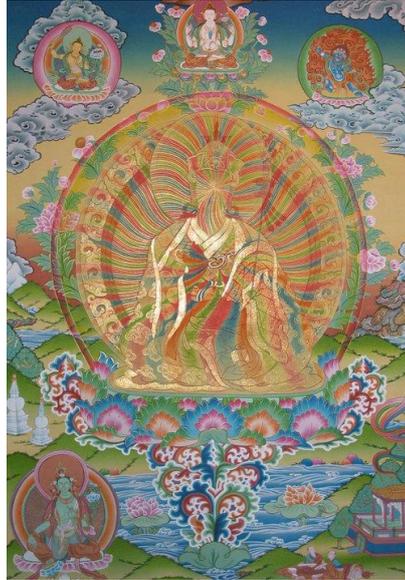
Ora, sendo um “objeto” que surge da realidade de um “sujeito”, o tal “afetamento” compassivo também poderia tomar uma flor para o investimento emocional do seu apreço. A pergunta não é apenas metafórica, uma vez que, a princípio, segundo a visão comum dos “objetos” e o funcionamento da mente, é “bom” aumentar sentimentos e emoções boas, é “bom” investir de bom-grado e bem-querer fenômenos pré-selecionados da percepção.

Se bondade e compaixão fossem apenas tais “emoções”, ao ver um arco-íris seria possível expressar compaixão? Compaixão de quem está sorrindo, ou inveja? Compaixão dos gurus? Compaixão dos gatinhos, cachorrinhos, dos peixinhos, dos passarinhos adoravelmente bem cuidados? Compaixão de um corpo de luz de arco-íris<sup>126</sup> (jalü, em tibetano), forma translúcida de um arco-íris, reflexo de luz que se manifesta na realização de um yogui<sup>127</sup> (de dzogchen)... apenas ilustração, ou provocação ao pensamento?

---

<sup>126</sup> “(...) corpo de arco-íris é a liberação do corpo físico na essência dos cinco elementos, uma das realizações espirituais mais elevadas do Dzogchen – reconhecido como o nível supremo do Budismo Tibetano”. Por Chögyal Namkhai Norbu, em “Rainbow Body: the life and realization of a tibetan yogin, Togden Ugyen Tendzin”, publicado em 2012.

<sup>127</sup> Ver: <http://bodhiactivity.wordpress.com/2013/11/29/rainbow-body-practitioner/>



(Figura 1. Fotografia para a dissolução em arco-íris do corpo, em domínio público)  
(Figura 2. Pintura de Guru Rinpoche na forma de corpo de arco-íris do corpo, em domínio público)

Para o caso do que se percebe como uma flor, talvez, esse “método” (da compaixão) não seja adequado ou não produza o efeito imaginado pelo emissor – qual seja, reforçar a natureza sólida e pesada do conceito. Talvez, nutrir uma “sensação” de beleza, de prazer ou de ternura, por um objeto percebido como inteiro e independente, nomeado de “flor”, não represente exatamente o tipo de alcance que Karuna (Grande Compaixão) estabelece. A questão não são as “palavras”, mas denominar “objetos” por meio das mesmas.

Não se trata, ademais, de uma “compaixão” pelo sofrimento de alguém ou por um motivo específicos, uma vez que as ocorrências e estatutos de funcionamento da personalidade, por quaisquer esforços de consistência e significados nela atribuídos, não serão reforçados ou confirmados – a pretexto de “remover” distorções e obscurecimentos, eles mesmos vazios de realidade própria. O silenciar, nesse caso, é a contraprova da mera euforia, da sedução, da satisfação, do gostar demandado na “personalidade”.

Não há uma “arké” para retornar, ou abandonar a sensação aprisionada, deslocando-se da circunstância de incômodo para outra aprazível. Apenas não há onde “recuperar” algo que jamais esteve fincado como materialidade e substancialidade. Onde está a (sensação de) velha bruxa, por exemplo, que “vejo” no sinal do trânsito, e parece retornar-me uma sensação difusa das velhas tibetanas, com seus rosários, rodas de orações e círculos de caminhadas em suas recitações?

Não é preciso ornamentos e instrumentos do Himalaia, se eu pudesse reconhecer que a minha interpretação sobre ambas, sobre a velha tibetana e sobre a velha no sinal, na verdade, são vazias, e, aparentemente duas percepções, a rigor, são (uma só e) inseparáveis do vazio. Não há, portanto, o meu lugar fixo de “contentamento”, grosseiramente associado aos supostos “olhos” ou ao “espírito” dos tibetanos no exílio.

Se não houver o apego à “minha” versão tida por desconfortável (e frágil, uma vez que é passível de mudança) para a velha na rua, se não houver o apego à “minha” versão tida por confortável (e frágil, uma vez que pode ser ampliada) para a velha em círculos numa praça, posso eventualmente reconhecer, naquela velha de sorriso humilde do sinal, as qualidades “sublimes” que eu também vejo nas velhas tibetanas. Uma vez que tais qualidades são interpretadas por “mim”, porque não extendê-las/reconhecê-las em todos os fenômenos?

Isso, afinal, que é o “sentimento” que percebo de “olhos de bondade”, isso que é “meu” e que são apenas as “minhas” emoções em funcionamento febril-convulsionante, são atributos largamente impostos como densidade para todos os fenômenos transparentes e não sólidos. Sendo percepção e experiência emocional projetada, porque não todas as velhas, todas as mulheres, todos os homens, todos os seres com os mesmos “olhos”? Se para cada olho que eu vier, qualidades sublimes e auspiciosas forem despertadas?

É curioso, nesse enquadramento acima, a diferença entre conduções/intervenções possíveis realizadas. Por exemplo, o que parece um “orgulho ferido” do pai e inadequação correspondente no filho, ou a sensação difusa de ser preterido/ter sido negado o amor do pai apesar dos esforços de proximidade do filho, no contexto da psicoterapia ganha uma expressão aparentemente “nítida” – atividade que pressupõe oferecer consistência e elaboração sistemática de fundo emocional, buscar “organizar” sensações com o objetivo de dirigir afetos para construir e manejar emoções como blocos sólidos de uma personalidade autônoma.

Embora percebida como mais “nítida” (na verdade, mais real, mais pesada, mais concreta, mais sólida, mais legítima, mais fiel a quem a possui, a quem a sente), não é o caso da potência compassiva ter sido subtraída no aumento de confusão interna? Confusão ou ignorância por reforçar essa percepção de que os fenômenos da mente são de tal maneira consistentes, a ponto de constituírem uma ameaça sólida a ser manipulada?

É possível conquistar um espaço de abertura e frescor, em vez de seguir fanaticamente o monopólio sensorial do ego e suas percepções de tirania emocional que reverberam mais sofrimento?

Compaixão, talvez, seria reconhecer que, apesar de intrinsecamente vazios de existência própria, o vapor do ego/do apego às expectativas sobre quaisquer fenômenos causa dor e distribui mais conflito.

Ao contrário, sendo capaz de proporcionar um espaço mais aberto que reconheça a natureza de mudança, os fenômenos poderiam dissolver-se no campo de impermanência onde sempre residiram.

Lama Zopa Rinpoche<sup>128</sup> exemplifica:

“(...) People in the world are very scared of cancer, except for those who have a very good heart and who know that they can experience the cancer for others, for all sentient beings. (...) Experience these for numberless sentient beings and let them be totally free (...) Give sentient beings all your happiness – not only temporary happiness, but also liberation from samsara, the blissful state of peace, and the peerless happiness of full enlightenment; and give them all the causes of happiness – your virtues of the past, present and future. (...) Especially when you use suffering for tong-len, the practice of taking and giving, and bodhicitta, this is the best healing, the best purification and the way to collect skies of merit, or good karma, the cause of happiness. (...) Using suffering in this way is the best way to achieve full enlightenment, the fully awakened state, for others.”

Assim, a compaixão é uma manifestação inseparável da mente vazia, uma ação vazia para fenômenos igualmente vazios. Vazia e luminosa. Compaixão é ação vazia e luminosa, não é um processo moral e pedagógico. Compaixão não é particular, não surge de “mim” ou de “alguém” para outro, não há uma dimensão de reserva onde esteja abrigada, não há uma instância onde se origine e mantenha, não é dar ou proporcionar, não é textura afetiva, emocional, não há conteúdo. É apenas sopro, verbo, realização que se fez forma/carne e cumpre-se nela mesma.

Compaixão não é um estágio de revitalização e regeneração para “fenômenos” que, em sua base, não desprovidos de auto-existência. Compaixão é ação que se desprende em todas as direções, um casaco transparente que torna aquecido um universo frio, um facho transparente que torna claro um universo escuro; nem aquecido, nem claro, nem frio, nem escuro, nem casaco, nem facho, nem universo com substância, nem mente, apenas ação em todas as direções (e não apenas uma, ou para uns) que se desprende, livre, aberta, radiante, calorosa.

---

<sup>128</sup> Ver: <http://www.lamayeshe.com/index.php?sect=article&id=978&chid=2405>

É desse contexto que se torna possível entender um tipo de compaixão enquanto “método”, uma ação inseparável da natureza vazia de todos os fenômenos, uma ação que dissolve as percepções obscurecidas da mente dualista. “(...) Now the healer, the healed, and the healing process are not three separate entities.” – assinala a médica Dang Nghiem<sup>129</sup>. Ou ainda, novamente a citação de Pema Chödrön: “Compassion is not a relationship between the healer and the wounded. It's a relationship between equals.”

## 2.B. Compaixão entre contextos

Recentemente, também no Brasil, as categorias de Amor e de compromisso amoroso/bondoso diante do padecimento humano, passaram a integrar oficialmente os norteadores éticos para o exercício das Práticas de cuidado em saúde.

Em 20 de novembro de 2013, o Diário Oficial da União (DOU 20/11/13 No. 225, Seção 1, Págs. 62-63) publicou a Portaria No. 2.761 que inaugura o conceito de “Amorosidade” no cenário do cuidado das Políticas Públicas brasileiras, especialmente na interface com as Práticas e Cuidados em Saúde.

A propósito de instituir a “Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde” (PNEPS-SUS), a referida Portaria aprofunda a efetivação dos grandes princípios de “universalidade, equidade, integralidade e participação popular”, inserindo um conjunto de novos orientadores político-pedagógicos em suas práticas, quais sejam: diálogo; amorosidade; problematização; construção compartilhada do conhecimento; emancipação; construção de um projeto democrático e popular.

Lê-se na § 2º do Artigo 3º que: “Amorosidade é a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocias emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas”. Amorosidade pressuposta é amorosidade? Amorosidade definida por força pública é amorosidade?

O documento eletrônico, também divulgado em 2013, pelo Ministério da Saúde, com o título de “Política Nacional de Educação Popular em Saúde”, melhor explicita as dimensões que integram essa perspectiva de afetividade nas ações populares:

---

<sup>129</sup> Ver: <http://www.prevention.com/mind-body/emotional-health/lessons-healing-after-loss>

“O diálogo pressupõe o amor ao mundo e às pessoas, a crença na natureza de ser mais do ser humano, a esperança e o reconhecimento das diferenças sem negá-las, contudo promovendo sua compreensão. (...) As práticas populares de cuidado, enquanto práticas sociais ocorrem no encontro entre diferentes sujeitos e se identificam com uma postura mais integradora e holística que reconhece e legitima crenças, valores, conhecimentos, desejos e temores.

Uma dimensão importante presente nas práticas de educação popular em saúde é a espiritualidade, entendida como a motivação profunda que orienta e dá sentido às opções de vida mais fundamentais das pessoas, que pode se assentar em valores e perspectivas religiosas ou não. Está fortemente presente na luta dos movimentos e nas práticas populares de cuidado. (...) A consideração da dimensão espiritual permite que motivações subjetivas, profundas para o trabalho e para a luta pela saúde, possam ser elaboradas e ampliadas coletivamente através do diálogo. (...) Permite também que a elaboração, não claramente consciente das pessoas em sofrimento desencadeado pelos problemas de saúde, possa ser trazida para as ações educativas e para a construção de novas práticas de saúde. (...) A valorização da espiritualidade significa uma inovação epistemológica da educação popular em saúde, na medida em que supera a usual redução das ações educativas e das práticas de cuidado ao que é compreendido e orientado de forma racional e lógica. A mística desenvolvida por muitos movimentos sociais em suas reuniões e encontros é uma estratégia pedagógica da valorização da espiritualidade e cria condições para que o diálogo educativo inclua também a linguagem simbólica da sensibilidade, emoção e intuição.

(...) Por meio do vínculo afetivo, se fortalece o reconhecimento e o acolhimento do outro enquanto sujeito portador de direitos e construtor de saberes, cultura e história. (...) A amorosidade é, portanto, uma dimensão importante na superação de práticas desumanizantes e na criação de novos sentidos e novas motivações para o trabalho em saúde. (...) Enquanto referência para a ação política, pedagógica e de cuidado, a amorosidade amplia o respeito à autonomia de pessoas e de grupos sociais em situação de iniquidade, por criar laços de ternura, acolhimento e compromisso que antecedem às explicações e argumentações. Assim, traz um novo significado ao cuidado em saúde, fortalecendo processos inovadores já em construção no SUS como a humanização, o acolhimento, a participação social e o enfrentamento das iniquidades em saúde”. (pp. 12-13, 16-17).

Também na seara ampliada da “integralidade” em processos da saúde, compreendendo políticas e práticas que lidam com uma experiência humana necessariamente multifacetada, e particularmente relevante em comunidades social e emocionalmente vulnerabilizadas/invisibilizadas, as últimas décadas produziram contextos de acolhimento e de aconchego para a experiência de ajuda e cuidado, vislumbrados em propostas, tais como: “Aconselhamento em HIV/DST/AIDS” (1997)<sup>130</sup>, “Programa Humanização do Parto: Humanização no Pré-Natal e Nascimento” (2002)<sup>131</sup>, “Política Nacional

---

<sup>130</sup> Ver: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/aconselhamento\\_dst\\_aids.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/aconselhamento_dst_aids.pdf)

<sup>131</sup> Ver: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/parto.pdf>

de Humanização” (2004)<sup>132</sup>, ações para reduzir “violência obstétrica/no parto” (2012)<sup>133</sup> etc.

Nesse leque de esforços entre governos e sociedade civil, também se insere a “Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde” (Portaria No. 971 de 26/05/2006) que, ao mencionar a Medicina Tradicional Chinesa (MTC) em sua faceta mais evidente, aquela que contempla a intervenção da acupuntura, não deixa de registrar que “MTC inclui ainda práticas corporais (lian gong, chi gong, tui-na, tai-chi-chuan); práticas mentais (meditação); orientação alimentar; e o uso de plantas medicinais (fitoterapia tradicional chinesa), relacionadas à prevenção de agravos e de doenças, a promoção e à recuperação da saúde.” (p. 15).

Ainda na referida Política de 2006, observa-se no tópico “4. IMPLEMENTAÇÃO DAS DIRETRIZES”, Diretriz MTCA 2, o seguinte texto:

“1. Incentivo à capacitação para que a equipe de saúde desenvolva ações de prevenção de agravos, promoção e educação em saúde – individuais e coletivas – na lógica da MTC, uma vez que essa capacitação deverá envolver conceitos básicos da MTC e práticas corporais e meditativas. Exemplo: Tuí-Na, Tai Chi Chuan, Lian Gong, Chi Gong, e outros que compõem a atenção à saúde na MTC.” (pp. 29-30)

Em que pese o reducionismo materialista, utilitarista, produtivista, positivista, técnico-instrumental que esgotam seu campo polisêmico de sabedoria perene, que absorvem as práticas tradicionais orientais nos contextos/protocolos da biomedicina ocidental, as meditações que visam, por exemplo, desenvolver estados integrados de compaixão e de bondade-amorosa entre mente-corpo-meio, constituem repertórios tradicionais de conhecimentos e Práticas transmitidos nas culturas orientais, especialmente nas linhagens antiquíssimas de ensinamentos Budistas.

Também nesse espectro dos saberes orientais, Sri Sri Ravi Shankar (na conta do autor no facebook<sup>134</sup>, em 25.12.13) amplia essa condição “paradoxal” do exercício amoroso, conforme o seu prisma não-Budista:

---

<sup>132</sup> Ver: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus\\_2004.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_2004.pdf)

<sup>133</sup> Documentário produzido por estudantes da USP e da UFSC:

<https://www.youtube.com/watch?v=eg0uvonF25M&hd=1>

<sup>134</sup> A forma de transmissão oral para os ensinamentos espirituais está mantida em várias tradições, onde mestre e discípulo podem interagir. No mundo contemporâneo, alguns jovens mestres budistas estão valendo-se de ferramentas da internet (especialmente das mídias sociais), para compartilhar suas instruções e esclarecer dúvidas – aspectos que se demonstram como desafiadores em livros e publicações das mídias convencionais, onde o diálogo não é possível.

“(...) However strong you are, in love you are the weakest, yet love is the strongest force in this universe. Since love makes you weak, it is also scary. (...) Love makes you weak, but brings you the kingdom of heaven.”

Acima referido, Amor está relacionado à mística de “Ananga”, personagem no rol sagrado da mitologia Indiana. O vocábulo, literalmente traduzido, sugere aquele “sem-corpo” ou “sem-forma”. A transformação que o conduz para essa “caracterização do intangível” emerge de Shiva (a divindade da renovação, da destruição), em uma interpretação que se vislumbra como punição ou como purificação, dependendo de quem a enxerga/avalia.

De uma narrativa profunda acerca dos caminhos da devoção e da obediência, “Kama Deva” torna-se o “Ananga” através da mediação de dois princípios femininos (Parvati e Rati) que comparecem naquela mítica, ao lado do fogo sagrado que se irradia do terceiro olho de Shiva: elemento da consumação e do que ativa, da presença e do que se ilumina, do que aquece e também protege. A respeito daquele ensinamento<sup>135</sup>, ouve-se que:

“(...) Shiva said, “Spring, Rati, because of your devotion I’m giving you a boon, your husband [Kama Deva] will be eternal, and he will be unmanifest, he will be Ananga. Everyone will fall to the power of love, and everyone will rise to the power of love, but they won’t ever be able to see him. Everyone will be affected by love, he will be the strongest of the Gods, he can subdue anyone, but he remains Ananga (without a body, can’t see him). (...)”

Novamente, o lugar invisível do Amor é decifrado por sábia gentileza poética, emprestada nas indicações de Sri Sri Ravi Shankar (na conta do autor no facebook, em 4.12.13):

“FIVE ARROWS OF LOVE: (...) means ‘one who has no parts of the body at all’. It is so because love has no parts, no shape, and no form. It is formless. He has a bow and five arrows. These five arrows are made up of five flowers – the five senses. He hits you with the five flowers and it is through these five senses that you experience something that is beyond the five senses. What gets created is a wave of beauty deep inside you. It produces a sweet honey inside you! And when you experience such a wave, your eyes close, you’re not in form but you dissolve into the formless. You come back to your nature.

When you experience something so great, so wonderful, and so beautiful be it music, a fragrance or touch automatically your eyes shut and you sink into that ocean of beauty. The power, the energy inside you starts moving in a new direction.

Like in the spring, the entire creation just springs up. The birds sing, trees blossom. Like that when energy is kindled in you, it creates awe. You spring out of dullness, out of the inertia, out of the routine... New life springs up.”

---

<sup>135</sup> Ver: <http://www.shreema.org/story-of-how-kamadeva-became-ananga/>

Os antigos também aclamavam esse Amor desprovido de forma como o Ser ou a Consciência Primordial, "Eloheim"... Traduzido na percepção de Sri Prem Baba<sup>136</sup>, essa corporificação do Amor renuncia à forma e compreensão aparentes, de modo a realizar/manifestar suas qualidades em situações as mais variadas e improváveis:

"(...) Todas as forças contrárias - ceticismo, o ódio, a obstinação, o orgulho e o medo - todas lançando flechas na direção Dele.  
E nesse momento Ele disse: 'Pai perdoa-lhes, porque eles não sabem o que fazem'. Eu sinto que esse é o maior milagre possível para um ser humano encarnado nesse planeta.  
Por isso, eu digo que Ele é, para mim, a Luz do Amor que está nos ensinando através desse exemplo. Ele está apontando o caminho da Compaixão. E a Compaixão é o único remédio para esse planeta."

Trata-se, assim, de signos formulados naquela geografia experiencial para responder às interrogações existenciais que também nós, aclimatados em outras realidades, podemos tropeçar: quais são as condições que uma vez cultivadas ou reunidas permitem desenvolver emoções positivas? Como proporcionar engajamento em Práticas sociais de bem-estar e felicidade genuína, como facilitar letramentos pertinentes à saúde mental e física?

Para outros contemplativos orientais, via de regra o que se entende comumente por "cuidar" e "amar" relaciona-se aos hábitos de apego às visões de permanência (delusiva enquanto um aspecto de substancialidade própria) e seu repertório de percepções fixadas. No que também diz respeito às expectativas de significado e exercício amoroso pelo outro, geralmente se fazem acompanhar de antecipações e condições impostas como requisitos ao compartilhar/fruir do próprio senso de amor. Em outras palavras, é uma perspectiva relacional que, de ambos os lados, substitui a experiência dieta e sua abertura, por um diagrama fechado de cobranças, esperanças e rigidez.

Talvez, a compreensão de "amorosidade" e de "espiritualidade", embora aproximadas em um mesmo documento público, queiram sugerir, em um plano hermenêutico inicial, um tipo de relação sensível e afetuosa imbuída, quem sabe, no seu melhor, de uma qualidade de proximidade e generosidade diante dos sentimentos vividos pelo outro.

Mais do que uma perspectiva que verga a espiritualidade como escolha meramente individual, delimitada no domínio privado dos usuários que buscam serviços de saúde, talvez mais relevante, no âmbito específico dessa política pública, é a covalidação por parte dos técnicos para a vasta produção dos movimentos sociais e populares em termos de mística coletiva e comunitária.

---

<sup>136</sup> Ver: <http://www.sriprembaba.org/pt-br/satsang/251211>

Nesse âmbito da partilha sensível, de sentido e social, quer-se reconhecer outros aliados para construção solidária de processos de saúde. Com a adoção de uma postura de respeito e calorosidade humana, não é necessário o exercício de nenhum gesto “surpreendente”, enquanto exercício das possibilidades e facetas do sagrado, se não apenas acolher e legitimar as manifestações de vida compartilhadas pelos usuários.

Parece até uma solicitação de vanguarda, estranha ou desmedida, postular uma condução profissional que reconheça a “espiritualidade” dos usuários como elemento do processo de cura e de saúde, entretanto, não obstante a realidade materialista das sociedades atuais, a amplitude dessa operação é perfeitamente plausível – de certa maneira até simplificada e modesta, no que convoca ao trabalhador da saúde e seu conhecimento do espiritual.

“Amorosidade”, acima recortada, por exemplo, não quer escavar/evocar, necessariamente, uma aspiração de felicidade intrínseca, autêntica-duradoura ou genuína. Todavia, seria razoável pensar em um diálogo com essa dimensão mística do Amor e do exercício da bondade-amorosa, entendida enquanto propensão a uma vida de maior sentido e emoções positivas?

A contraproposta da investigação contemplativa é outra forma de “amar”, que se articula entre dimensões interdependentes: de um lado Maitri, a bondade-amorosa ou afabilidade, e de outro, Karuna, a Grande Compaixão – como duas mãos que se “tocam” levemente, e no espaço vazio do suave encontro entre seus gestos, emerge uma dimensão própria de realização e de crescimento, de complementaridade entre forças (de masculino e feminino, de entropia e sintropia), ao mesmo tempo vazia e capaz de beneficiar os desejos de todos os seres, em tempos e mundos distintos.

Maitri e Karuna não são propriamente experiências de um sujeito, ou de uma subjetividade - não são qualidades de uma personalidade, de uma individualidade, de uma personalidade, com sua história, biografia ou narrativa. São qualidades da natureza primordial onde repousa a própria mente, e que se irradiam, ou se expressam gradualmente com maior “liberdade”, a medida que obstáculos ou obscurecimentos para uma percepção iluminada sejam removidos (ou pacificados).

São pares de qualidades básicas que se desprendem, como a própria expressão magnânima do sol, que esclarece os trânsitos e caminhos, que aquece e protege, que se oferta sem apegos e beneficia indistintamente ao convívio pelos seres.

Amar é responsabilizar-se pelas condições que permitam felicidade temporária e relativa aos estímulos/necessidades práticas do mundo compartilhado, bem como uma fruição duradoura e intrínseca de felicidade ao próprio coração.

Se pessoas e circunstâncias podem “evocar” essa felicidade condicionada aos diferentes fenômenos, que também a própria alma seja capaz de “invocar” suas próprias qualidades de potência, de paz, de despertar. Amar é, pois, contribuir nessas condições de uma vida onde as raízes de insatisfação possam encontrar as causas da felicidade. Ensina Gyalwang Drukpa, em “Iluminação Diária”:

“Happiness is what bonds us together. We all have the equal desire to have happiness and at the same time we don't want to feel pain or sorrow. And yet this is something we rarely think about or truly understand. By remembering that every single other person wants the same thing, we can begin to understand happiness as something full of compassion and generosity, rather than a selfish search for pleasure, for fulfilling our own desires.”

Para buscar vestígios dessa experiência, os velhos sábios ou santos Budistas, dedicados às suas contínuas experiências meditativas, utilizam o conceito de “attachment” em outro contexto de sistematização para o Saber, diferente da Psicologia Tardo-Moderna no Ocidente.

Ouve-se, por exemplo, de um ciclo específico de ensinamentos que são transmitidos com o nome de “Doze Elos da Originação Dependente”, cuja sessão conclusiva das instruções, versa mais ou menos assim: “(...) do desejo (craving) ao apego (clinging), do apego à existência, da existência ao nascimento...”.

No âmbito dessa longa discussão, já se fala de uma forma específica de “apego” que não está aplicado no sentido do que é “civilizatório”, naquele âmbito da etologia e da psicologia que John Bowlby explicitou, para a relação de “confiança” entre mãe-bebê.

Em outro ensinamento da oralidade ancestral, “Quatro Pensamentos que Transformam a Mente - em direção à Iluminação” (quais sejam, o nascimento humano precioso; a impermanência e a morte; carma, a lei de causa e efeito; o sofrimento nos ciclos da existência condicionada), diversas reflexões são apresentadas acerca da natureza transitória e mutável de todos os fenômenos (impermanência), em um contexto particular que se refere à experiência de “a mind free from attachment” (uma mente livre de apegos à permanência delusiva, livre dessas experiências delusivas que reforçam um senso de “Eu” substancial, auto-referenciado, independente, inerentemente-existente, tido como permanente e identitário, desacoplado das consequências de emoções aflitivas correlacionadas).

Nos apontamentos de Kyabje Dungse Thinley Norbu Rinpoche, publicados em "White Sail", recorta-se o fragmento abaixo:

"The only difference between samsara and enlightenment is attachment. (...) if we have recognized that all phenomena are the unattached, free, and open appearance of awareness, everything is liberated (...) Just as we can use any samsaric phenomenon to create new phenomena, through practice we can transform the ordinary attachment of love into the positive appearances of deity. In this way, the energy of the passions of ordinary love can be used with faith to increase wisdom qualities so that we can attain enlightenment. When the attachment of ordinary love and ordinary passions is changed through practice into the attachment to sublime phenomena and sublime qualities, self-seeking love can become the extraordinary love of seeking selflessness. (...) Wherever there are samsaric phenomena, there is enlightenment; we only have to change our ordinary phenomena into wisdom appearance (...) So instead of grasping, we must be released into light. (...) Attachment is the seed of all obscurations. (...) As long as there is attachment, there is experience. All practice has the intention of increasing new experiences in order to release us from former experiences until we are released from all experiences to the natural quality of enlightenment. (...) Whatever is beyond worldly phenomena cannot be understood by worldly reasoning." (pp. 110-111, 118, 122 e 130)

Essa Compaixão, na experiência encarnada dos seus praticantes mais diligentes, do corpo de realização de um mestre para o discípulo, não é metafísica ou conceitual, abstrata ou apartada dos encontros reais, junto a cada um dos seres e suas demandas concretas; não é um lugar fixo, qualquer ou sagrado, não é um imperativo ou uma doutrinação de funcionamento, não é um parâmetro de invenção universal.

Essa Compaixão é tão-somente, e tão profana, quanto o devolver dos pés descalços à terra, ao contato e à fricção, o tornar-se contato e abertura ao que se mobiliza, que se evoca, que se desencadeia uma vez permeável ao frio e ao calor de todas as relações:

"When we tour the Gangtey Monastery [Butão], a sixteenth-century temple perched above the valley, young monks in scarlet robes horse around the courtyard as they have for centuries, while a gray-haired woman prostrates herself at the entrance. Between each prostration she draws her arms wide, like she's gathering up the air, raises them to her head, then presses them to her heart. 'She's collecting all sentient beings who are suffering in the world – all human beings, animals, insects,' Wangchuk explains, 'they praying for the past' (hands above head), "praying for the present" (hands at head), "and praying for the future" (hands at the heart) (...) where the rhythm of the modern world feels far away and the pulse of all sentient beings feels near" (pp. 106-107)<sup>137</sup>

A Compaixão não são afazeres moralizantes, embora sua expressão esteja transversalizada em todas as "Seis Perfeições" (Paramitas)

---

<sup>137</sup> Ver: <http://www.nxtbook.com/nxtbooks/virtuosolife/20140102/#/106>

adotadas por um sincero praticante Budista. Contra a captura, classificação e controle nos tecidos de quimeras instituídas, a Compaixão não é resistência, posto que nunca houve materialidade para temores oponentes; não é invenção, nessa arena da insubstancialidade, da impermanência e da vacuidade de qualquer aparência.

Se considerarmos uma potência (e não um “potencial” fixado em qualquer dimensão, seja pelo lógos, pela história, pela cultura etc), não é uma Potência de Si, nem uma Potência da Vida (nem vida, nem o si-mesmo, como substancialismo, animismo, eternalismos). Potência do quê, afinal? A Compaixão é uma ação, é um verbo, é uma estratégia, é uma atividade... é dita como os raios do sol que brilha, o brilho aparentemente imutável e seus raios que se manifestam da mente primordial.

Novamente, são as palavras de Thinley Norbu, em “White Sail”, que esclarecem antecedentes e consequências de uma Prática compassiva, no lastro de sua realização correspondente:

“Love and faith have the same essence of deep caring. The only difference is that love is aimed toward sentient beings, including those who are less fortunate than we are, and faith is aimed toward sublime beings, including all Buddhas and enlightened guides. The nature of love is to give positive energy to others in order to benefit them and to release them from suffering. The nature of faith is to trust in sublime beings in order to receive the blessings of wisdom energy that benefit oneself and others. True faith creates the vast love of compassion that benefits countless beings (...). Unlike the temporary aim and duration of ordinary love, our love for others can be for ultimate benefit. The intention of love can be the same as the intention of faith, to lead to enlightenment, which releases us from the suffering of worldly, superficial love. We can create this basic motivation for all of our connections to others. We can aspire to follow the Bodhisattvas who, through great compassionate love for others, vow to empty samsara. As it is said, ‘Until the miserable wailing of the suffering of all beings ceases, the illness of the Bodhisattva is never cured’ (...). There are many methods for increasing positive energy, but the most powerful of these is to create love and faith which arise from original, intangible wisdom energy. If we connect through faith to the vast, profound continuity of mind, the deep, smooth, soothing, light qualities of wisdom energy can flower. The essence of love is the compassion of sublime beings which always gives energy with inconceivable, positive qualities. (...) It is necessary for us to create an object of love through the great wisdom cynosure of sublime beings’ presence. Then, we can make the wonder of spiritual qualities blossom through faith, including the incomparable love of compassion. By becoming the same as the Buddhas through their blessing, many beings will be drawn to our love-giving qualities, just as bees hover around the sweet-smelling scent of a lotus although the lotus itself has no idea or wish to attract bees. Even though growing from samsara’s mud, the lotus is unobscured and unaffected by it, opening its perfumed petals and giving its fragrance without expectation. When love is interwoven with faith, it is a manifestation of spiritual energy that benefits other sentient beings and is a natural offering to sublime beings.” (pp. 106-107, 109, 112-113 e 133)

O espectro da Compaixão, enquanto atividade que realiza a si mesma, é assim detalhado por aqueles que se disponibilizam às fronteiras da capacidade humana<sup>138</sup>:

“In the Madhyamakavatara by Chandrakirti, three types of compassion are described: compassion focusing on sentient beings, compassion focusing on the nature, and compassion free from focus.

The first type is compassion as it is developed by an ordinary being. It still goes along with the perception of duality and with attachment in terms of belief that sentient beings truly exist.

The second type is compassion that arises in recognition of their impermanent nature, while the third type is the compassion of a noble bodhisattva who has realized that sentient beings do not truly exist. All these three types of compassion, however, are given rise to by means or progressively subtler thoughts.

As opposed to that, the great compassion of a buddha manifests without any thought or deliberate effort, since upon reaching buddhahood one undergoes a complete transformation of state.” (p. 387)

Poderíamos ilustrar algumas expressões já codificadas nos debates budistas para essa Karuna (compaixão) que se deixa revelar, por exemplo, através de intervenções sobre o psiquismo de yoguis/praticantes tântricos, quais sejam, os herdeiros de Práticas meditativas sobre estados compassivos.

Além de conduzir visualizações estabilizadas, enquanto se recita textos e sons diversos e/ou manipula objetos (como tambores ou sinos, dentre inúmeros outros), medita-se, sentado, andando, caminhando e dançando, ou deitado, sobre a “personificação” dessa compaixão a partir de um corpo translúcido, irradiando luz branca de enorme calor e esplendor.

Nessa forma, a um só tempo completamente vazia e perfeitamente iluminada (um dos elementos que se agregam em nossa percepção é apenas “luz” que incide na retina, posteriormente interpretada como objetos diversos de uma consciência), carregando cores, sinais e ornamentos específicos para familiarizar o praticante com aspectos/funções transformadoras da sua própria mente, observa-se dos muitos detalhes e significados, por exemplo, um par de mãos que se encontram como em uma posição de concha: com os dedos tocando suavemente seus correspondentes da mão complementar, demarca-se um espaço interno vazio, na altura do coração, para aquela imagem criativamente visualizada.

---

<sup>138</sup> Arya Maitreya; Jamgön Kongtrül Lodrö Thayé; Khenpo Tsultrim Gyamtso Rinpoche. Buddha Nature: The Mahayana Uttaratantra Shastra with Commentary. Ithaca, NY (EUA): Snow Lion, 2000.

Desse corpo sereno, com a força da realização e o esplendor da juventude, completamente luminoso, sem órgãos internos e qualquer densidade, cada um dos dois braços, na condução dessa meditação específica, representa uma atitude ou qualidade que pode ser cultivada/aprofundada, quais sejam, Karuna e Maitri, ou compaixão e bondade-amorosa (amor).

Reunidas na linha do coração (que sugere o domicílio dos processos mentais para o conhecimento dos tibetanos), as duas palmas radiantes e insubstanciais, são ditas como portadoras de uma joia realizadora de desejos auspiciosos, um intervalo de encontro sutil capaz de beneficiar e satisfazer as aspirações por uma vida de sentido duradouro.

Vida, portanto, resguardada das raízes e consequências do sofrimento/insatisfação, e aproximada das raízes e consequências da felicidade/realização – respectivamente, qualidades da compaixão e da bondade-amorosa, da Karuna e da Maitri que se fundem.

É importante sublinhar que ambas as qualidades, de Karuna e de Maitri, também emanam visualizações próprias, onde se aprofunda o exercício das mesmas – “Chenrezig” (snying rje'i lha, em tibetano, Senhor da Compaixão) e “Maitreya” (byams pa, em tibetano, Aquele Amoroso).

Descrevendo a “corporificação” dessas qualidades, o Lama Zopa Rinpoche<sup>139</sup> explana os sentidos que emanam do Amor e de Maitreya:

“(…) How does loving kindness guide us? It frees us from the lower realms and brings us to the higher happy realms. It not only frees us obscured, pitiful sentient beings from that, but also frees us from so much samsaric suffering, the whole of samsara, and brings us to ultimate liberation. Not only that, this great loving kindness, which creates omniscience, even frees us from lower nirvana and subtle defilements, and brings us obscured, pitiful sentient beings to full enlightenment. Each of the buddhas' great loving kindness protects us from all undesirable conditions, all those sufferings, and gives us the collections of goodness, all desirable conditions, and all happiness. Loving kindness uses perfect power to free us from all those sufferings and gives us all temporary and ultimate happiness. Great loving kindness directs the perfect power each buddha has. There are countless buddhas, and that loving kindness makes each one benefit us. So, each buddha has this great loving kindness for us all the time. There is great loving kindness in the heart of the Buddha for us, from time without beginning, as the continuity of our life is beginningless. So, until full enlightenment is achieved, the Buddha has loving kindness for us. Maitreya Buddha is the embodiment of each buddha's loving kindness, and the symbol of all the bodhisattvas' loving kindness for all sentient beings. Peace experienced throughout the entire universe, global peace, national peace, and each individual's peace comes from the good heart, loving kindness. Maitreya Buddha is a symbol of this. (…)”

---

<sup>139</sup> Ver: <http://www.lamayeshe.com/index.php?sect=article&id=963&chid=2385>

Também Maitreya, apenas como ilustração das inúmeras correlações às suas qualidades, está conectado às experiências dos peregrinos entre os altares na ilha de Shikoku<sup>140</sup>, no Japão. Trata-se de um caminho sagrado, iniciado no Monte Koya (próximo a Osaka), pelo monge Kukai (séc. IX-X), e desde então percorrido em sintonia espiritual para o desenvolvimento daquelas qualidades amorosas:

"Traditionally, a pilgrim wears (...) sedge hat (...) bears six lines of calligraphy.

In the front is the Sanskrit letter Yu (यु) which is a representation of Kōbō Daishi "holding a five pointed Vajra in his right hand and a nenju, or juzu (a rosary), in his left hand, sitting on a lacquer chair and showing salvation."



In addition, this Sanskrit letter represents the Maitreya Bodhisattva, known as Miroku Bosatsu (弥勒菩薩). Kūkai believed strongly in the salvation of Maitreya and in the Goyui-gō, Kūkai's final Will, he spoke on his passing into eternal meditation, "But you need by no means grieve, for my spiritual force will still be alive here. Even after entering into the eternal meditation, I will save all sentient beings, accompanied by Maitreya Bodhisattva in the Tusita Heaven. Surely I will return here again with the Bodhisattva, 5.6 billion years later." One can see the strong connection between the two.

---

<sup>140</sup> Ver: <http://shikokuhenro.10-yen.net/info/thesis.php##equipment>



On the back of the suge-kasa is written dōgyō ninin (同行二人), reinforcing the sense that throughout one's pilgrimage and religious practice, Kōbō Daishi always accompanies one.

In addition, there are also 4 other lines that are on the diagonals. Together, these four lines form a poem that "radiate[s] ... in the four directions:" (...)

*Though lost in the three worlds;  
We cannot know the emptiness of the ten directions.  
Originally East and West do not exist,  
So where does North and South exist?*

In Buddhist thought, the three worlds refer to the world of desire, the world of form and the world of formlessness. There are the worlds "in which unenlightened beings live: the world of desire-driven beings, the world of beings with form; the world of beings without form." As an unenlightened being, one wanders through these worlds trapped in one's attachment to the concepts contained within or rejecting all of them and living in a world of paradox, unable to reconcile the mutually exclusive ideas of world rejection and world acceptance. In the end, one wants to be free of these dichotomies but cannot believe in things and not believe in things at the same time. Thus, one remains trapped. However, upon learning about and experiencing the teaching of Buddha, one comes to understand the illusory nature of the world. Indeed, all three worlds are just illusion and in reality, the ten directions of the universe that one thought were full of paradox are actually empty. One realizes that West and East do not truly exist; they are merely arbitrary designations created by humanity to help with navigation and understanding but truly mean nothing. If they do not exist, then how can one say that North or South exist? (...)"

O que se abriga, ainda no espaço entre as mãos vizualizadas, também se revela como uma amostra do que está fora e espalhado por inteiro nessa fronteira pictórica, essa claridade infinita que assume a silhueta de um corpo de luz, com a intensidade de mil sóis concentrados que se

deixam gratuitamente partilhar, sem qualquer existência inerente ou substância própria, desprovido de origem e de fim, além de flutuação e de interferências.

Apenas com esse pequeno recorte nas mãos de Chenrezig (ou Avalokitesvara, em sânscrito), observando o detalhe das suas mãos postas em saudação (ou oração), já há o que ser melhor interpretado nessa condição particular de compaixão, e que se empresta à nossa discussão. Do "Mani Kabum", Rei Songtsen Gampo (descoberto por Atisha): "One thousand arms are the thousand universal monarchs. One thousand eyes are the thousand buddhas of this Fortunate Aeon. Emanating as needed for beings, Lord Chenrezig, To you I pay homage."<sup>141</sup>

Cumprir registrar que o mesmo Chenrezig, em suas diferentes emanações/traduições relacionais para alcançar os seres e as diversas necessidades dos mesmos, pode manifestar-se com mil braços para socorrê-los, ou através do seu pesar (que se manifesta como Tara Branca, Kuan Ying e outras formas femininas de socorro e conexão auspiciosa junto aos seres), pode irradiar inúmeros aspectos do seu auxílio na forma pacífica de Jhambala Branco, ou um protetor de aspecto irado tal qual Mahakala, ou ainda, o próprio Dalai Lama etc.

Todos abrigados sob um mesmo Chenrezig, que se multiplica infinitamente em diferentes aparências de sabedoria iluminada e corporificada. A visualização, por conseguinte, estabelece um laço de "familiaridade" entre tais aspectos não percebidos da mente e sua aplicação nas funções e contextos "regulares" do praticante. Em tibetano, "gom"<sup>142</sup> é o vocábulo referência da prática de meditação – que no seu original quer dizer "familiaridade".

Thinley Norbu, oportunamente, dilata o contexto e a finalidade dessas Práticas, sob a perspectiva de beneficiar os seres incontáveis:

"If we rely on ordinary, dualistic mind, we cannot have deep and lasting love either for our equals or for less fortunate beings, because ordinary, dualistic mind depends on the uncertainty of temporary circumstances. (...) Ordinary love that arises from the karmic results of habit can seem to have the qualities of being genuine, loyal, and stable, but these qualities only mask the potential for the opposite qualities of insincerity, disloyalty, and instability to arise if circumstances change. Because ordinary love has no depth, it is automatically limited. (...) This is not enduring and continuous love. It does not cause the impartial compassion of Bodhisattvas because it depends on our personal, selfish desire. (...) If we only react with self-interest to whatever circumstances appear we will make choices based on trying to find temporary satisfaction. But this effort is always ultimately hopeless,

---

<sup>141</sup> Citado por Tsewang Rinpoche (Light of Fearless Indestructible Wisdom: the life and legacy of HH Dudjom Rinpoche).

<sup>142</sup> Vide Alan Wallace, "A Revolução da Atenção" (p. 142).

since everything within samsara is uncertain because it is changing. (...) Vajrayana practitioners are especially able to develop love that is independent of external phenomena by transforming all beings and circumstances into immeasurable, loving deity phenomena through visualization and determined mind. Because of the influence of stainless wisdom, these practitioners have no expectation of obvious, ordinary, dualistic love from others since they are already complete with nondual, desireless love that does not grasp at self or others. When the limited love of previous nihilist habit expands into the great kindness of Bodhisattva's munificent love, it is unendingly compassionate even when extended to all beings, giving positive energy to them whether or not anything is received in return. This great love comes from the faith which connects us to the blessings of sublime beings' wisdom mind so that everything, including love and faith, becomes deep and pure. Then ultimately, without any expectation, conditions, or intention, love becomes unobstructed emanation of the limitless, aimless, natural love of the great compassion of enlightenment." (pp. 107 e 133-134)

A Compaixão não se constitui, deste modo específico, enquanto uma Potência que se realiza no tempo-presente? Potência afirmativa que não abdica o mundo imperfeito e de lamentos por nenhuma promessa de eternidade alhures, afirmação de um presente do qual não se renuncia por nenhum futuro ou passado elaborados, presente que exige desdobramentos infinitos para relacionar-se às contingências de cada novo encontro com os seres?

Também é oportuno registrar que mesmo o Senhor da Compaixão, o Nobre Chenrezig, derramou lágrimas do seu próprio sofrimento diante do oceano de desconforto, insatisfação e tormentas que todos os seres vivenciam, em todos os reinos dessa existência condicionada (Samsara) e sujeita à contínua mudança. Ademais,

"Samsara não é um lugar, não é o planeta Terra, não é a existência humana, não é nada disso. O Samsara é esse jeito de ser, em que ficamos perambulando por aí, feito cachorro de rua, sem rumo, fundamentalmente deludidos, agindo a partir do desejo e da hostilidade. Sem amadurecer, sem florescer, sem cultivar a verdadeira felicidade, saltando de um lado para o outro, até a morte finalmente chegar." (Düdjom Lingpa).

Até a perfeita realização da vacuidade (Shunyata), da liberação e da iluminação, essas serão também as lágrimas Daqueles que aspiram proteger e liberar os seres, que se responsabilizam pelo vasto sofrimento como seus mesmos (Bodisattvas).

Acerca da vacuidade, esclarece Pema Khandro Rinpoche<sup>143</sup>, no ensaio "The four essential points of letting go in the bardo":

"(...) 'The precious pot containing my riches becomes my teacher in the very moment it breaks.' (...) shunyata is sometimes translated as "voidness," "open spaciousness," and even "boundlessness"; Nyingmas such as

---

<sup>143</sup> Ver: <http://www.lionsroar.com/four-points-for-letting-go-bardo/>

Longchenpa explained emptiness in positive terms inextricably associated with presence, clarity, and compassion (...) no longer any use manufacturing artificial security (...) We hold pictures of our ideal self in an ideal world. We imagine that if we could only manipulate our circumstances or other people enough, then that ideal self could be achieved, and in the meantime, we try to pretend to have it together (...) when we are no longer able to manage our outer image, no longer able to suspend ourselves in pursuit of the ideal self (...) Thinley Norbu Rinpoche wrote, "Fish play in the water. Birds play in the sky. Ordinary beings play on earth. Sublime beings play in display."

Também o mestre Phakchok Rinpoche, "(...) everything you think, say, and do is your responsibility... The responsibility is definitely in your hands, and if you don't take responsibility you have samsara" (na conta do autor no facebook, em 26.12.13). Dudjom Rinpoche conclui: "(...) All this is the display<sup>144</sup> of one's own single awareness of dharmata, the true nature. Within the space of dharmata, benefit and harm are nonexistent. So-called nirvana and samsara are labels corresponding primarily to hope and fear."<sup>145</sup>

No livro "Realizing Emptiness", assevera Gen Lamrimpa que a compaixão é tanto resposta para a dor testemunhada como o impulso de aperfeiçoamento seguinte para a capacidade de responder mais:

"(...) by falsely grasping onto the 'I' as being truly existent, then other mental afflictions arise, such as attachment and anger. Verbal and physical actions are aroused by such afflictive mind states. These in turn leave habitual propensities upon the mind, and these habitual propensities are catalyzed by conditions (...) if the mental affliction of attachment or anger does arise, suffering is produced (...) By reflecting upon the manner in which other sentient beings are brought into suffering and by seeing that they are dominated by mental afflictions such as attachment and anger, compassion arises. Attending to the suffering of others and not being able to bear their suffering and afflictions is the mental state called compassion. From compassion for others naturally arises the wish to bring others happiness and to relieve their suffering. But then, when one reviews one's own abilities, one sees that one is not in a position to be effective in relieving the suffering of others (...) As a result the aspiration for spiritual awakening arises since that is the way to be of greatest possible service to other beings" (pp. 121, 122, 123)

---

<sup>144</sup> Em português, pelo menos segundo os interesses poéticos, "display" é um vocábulo de sentido muito particular. Assim como "dishonest", "dispose" ou "discard", temos "display", como revelar, exibir, desocultar. Originalmente, nos termos etimológicos, "play" está associado ao verbo "plicare", qual seja, fechar, dobrar, embrulhar. De forma que, na sua vizinhança linguística, também se encontra "plicas", de quinas, de cantos - por exemplo: "im-plicar", "ex-plicar", "re-plicar"... e, talvez, "des-plicar" (display): retirar as curvas, as dobras, tornar legível. Naturalmente esse não é o sentido empregado nos textos sagrados - o arco-íris é um "display" do cristal quando a luz incide, atravessa.

<sup>145</sup> Citado por Tsewang Rinpoche (Light of Fearless Indestructible Wisdom: the life and legacy of HH Dudjom Rinpoche).

Aprofunda Gen Lamrimpa, acerca da relação entre essa compaixão e os demais mecanismos de funcionamento da mente:

“Compassion is a state of mind intent on protecting others from suffering. It is a priceless quality of awareness. (...) One attains the full awakening of buddhahood exclusively by cultivating compassion and by following a path of compassion. This does not mean that compassion alone is sufficient, but rather that compassion is necessary; there is no spiritual path apart from the cultivation of compassion (...) Having recognized how sentient beings suffer from confusion, the bodhisattvas and the buddhas have revealed numerous avenues of understanding for gaining realization of emptiness (...) the opportunity to hear teachings that allow one to cultivate the realization of emptiness, which is the direct antidote for cutting the root of suffering (...) one makes a distinction between what is simply called mind (Tib., *sems*) and the ground into which the mind, or all mental events, vanishes. That ground is called awareness (Tib., *rig pa*) (...) in order for the innate mind to manifest, it is necessary to bring an end to all conceptualization. Following the complete cessation of thoughts, a most subtle degree of awareness called clear light manifests (...) since one has identified the ground of the mind, awareness, the wisdom that realizes emptiness rises up like a flame” (pp. 18-19, 29, 128, 130)

Gen Lamrimpa, finalmente a respeito dos efeitos da compaixão, assevera:

“(...) The root of attaining spiritual awakening is compassion, and once one has attained that state one shows others the way to liberation in accordance with their specific, individual capacities, predilections, and interests (...) So, in that sense it is said that the root of all well-being is compassion. Under the influence of great compassion, if one is motivated to cultivate the wholesome and abandon the unwholesome for the sake of other sentient beings, then by means of such practice one is able to eradicate what are called the cognitive obscurations (...) Moreover, compassion protects one from the extreme of quietism. The extreme of quietism is nirvana (...) Cultivation the two, both skillful means [compassion] and wisdom (...) These two are indispensable for bringing the path to its culmination. As much as one is drawn to the realization of emptiness, so should one complement that with an emphasis on the cultivation of compassion.” (Gen Lamrimpa, pp. 118-119)

Dos seres realizados que traduziram essa aspiração compassiva para os corações nihilistas ou pessimistas, talvez, dentre os mais poéticos e não menos lúcido e sublime, está um canto difundido sob o título de “Por favor, Chama-me pelos meus verdadeiros nomes”<sup>146</sup>.

É um poema sobre três pessoas: a primeira delas, uma garota de doze anos, em um bote fugitivo que cruzava o Golfo do Sião. Essa jovem lançou-se ao mar, incapaz de suportar a violência de um pirata – que é a segunda pessoa, nascida em uma vila da Tailândia. Impactado com

---

<sup>146</sup> Há um CD gravado por Maria Goretti Rocha de Oliveira (Tâm Vãn Lang), onde o poema está disponível em forma de música – “Ameixas de Plum Village, Grown in Brazil”.

a história, Thich Nhat Hanh<sup>147</sup>, o suave monge vietnamita (fundador da Vila das Ameixeiras, na França), emprestou-se como terceira pessoa, como qualquer um dos muitos que também gostaria de ter escrito essa carta-poema, em 1988:

“Não diga que partirei amanhã,  
pois hoje mesmo estarei chegando.

Olhe profundamente: eu chego em cada segundo,  
para ser um botão de rosa num galho da primavera;  
para ser um passarinho, com as asinhas ainda frágeis,  
aprendendo a cantar em meu novo ninho;  
para ser uma lagarta no coração da flor,  
para ser uma jóia se escondendo em uma pedra.

Estou chegando para poder rir e chorar, para temer e ter esperança.  
O ritmo do meu coração é o nascimento e a morte de tudo o que é vivo.

Sou a efemérida metamorfoseando-se na superfície do rio,  
e sou o pássaro que, quando chega a primavera,  
vem a tempo de comer a efemérida.  
Sou a rã nadando alegremente no lago límpido,  
e também sou a serpente que, aproximando-se em silêncio,  
se alimenta da rã.

Eu sou a criança em Uganda, só pele e osso,  
com minhas pernas finas como varas de bambu,  
e sou o vendedor de armas, vendendo armas letais para Uganda.

Sou a garota de doze anos, refugiada num pequeno barco,  
que se joga ao mar depois de ser estuprada por um pirata,  
e sou o pirata, com meu coração ainda incapaz de ver e amar.

Sou um membro do Politburo [Núcleo Político do Comitê Central do Partido Comunista], com enorme poder em minhas mãos,  
e sou o homem que tem que pagar sua ‘dívida de sangue’ ao meu povo,  
morrendo lentamente em campo de trabalhos forçados.

Minha alegria é como a primavera,  
cujo calor faz as flores brotarem  
em todos os jardins da vida.  
Minha dor é como um rio de lágrimas  
que, de tão cheio, enche os quatro oceanos.

Por favor, chama-me pelos meus nomes verdadeiros,  
para que eu possa ouvir todo o choro e todo o riso de uma vez,  
para que eu possa ver que minha alegria e minha tristeza são uma só.

Por favor, chama-me pelos meus nomes verdadeiros,  
para que eu possa despertar  
e, assim, deixar a porta do meu coração aberta,  
a porta da compaixão.”

---

<sup>147</sup> Ver ensinamento completo em:  
<http://textosbudismoengajado.blogspot.com.br/2007/09/textos-classicos-do-budismo-engajado.html>

Não será fortuito o entendimento dessa compaixão como uma qualidade de estar-presente, com sua própria escuridão a ponto de também mover-se na escuridão de outros: "Compassion is not a relationship between the healer and the wounded. It's a relationship between equals. Only when we know our own darkness well can we be present with the darkness of others. Compassion becomes real when we recognise our shared humanity." (Pema Chödrön)

Um aspecto pertinente nessa interculturalidade semiótica alude, por exemplo, o laço de admiração que, resguardada a distância no apelo emocional, presta homenagens ao lugar público de homens como Mandela, Gandhi ou Francisco de Assis. Lendo suas biografias, um nível de compromisso e de tributo é ofertado ao legado concreto dessas figuras.

Outro nível de aproximação, que se dispõe em terrenos diferentes de busca e de relação, especialmente no que diz respeito ao nome e memória daquele humilde Francisco, é o anseio que faculta voz à peregrinação da santidade, da epifania, do êxtase sagrado – especialmente, na tangência ao óbvio, quando circundada pelas seguintes questões: como viver uma experiência direta com Deus, como figurar-se na própria mística alcançada por Francisco (os Budistas aqui se perguntariam, como adentrar a "Mandala" Franciscana)?

Francisco, um dos sons para o eterno que preenche os corações e orienta o caminho de muitos, é respeitado entre católicos e grupos espíritas, admirado por variadas denominações espiritualistas e tornou-se exemplo de correção para homens sem religião. Como ser capaz de nutrir essa mesma compaixão por todos os seres e aspectos (sol, lua, morte) da criação?

Seguir, então, os mesmos passos e visitar os lugares? Bastam os votos de pobreza, a entrega ao imaterial e ao espiritual, a vida de abnegação e de renúncia alegres? É suficiente estabelecer um vínculo direto com outro na partilha de afetos verdadeiros e no convívio imediato junto à comunidade de vida? Como viver em paz e no exercício da gratuidade?

Inicialmente, na percepção do que está separado entre o sagrado e profano, trata-se de aplicar a "Palavra" (das Escrituras bíblicas, como referência de transformação e de transcendência) como inspiração de exemplo a ser vivido, até mergulhar propriamente numa faceta do sagrado, quando o verbo faz-se carne...

No Budismo, o que se refere como uma "Prática" seria entendida como um modo de intervir diretamente nos tipos de processos que ocorrem

na “mente”. Um método, de toda forma, que incida sobre o espaço onde os ventos internos/sutis encontram-se – afinal, por mente, os Tibetanos vislumbram essa região do coração.

Prática não é uma viagem, não é o mudar de ideias, é “apenas” descobrir como funciona a mente; a Prática é norteadada para destruir o apego, espaço neurotizante onde há amigos, inimigos e estranhos – assim delimita, Lama Thubten Yeshe, em “Universal Love”.

Prática é uma realização que cessa o estado obcecado (quicã obsediado pelo) pelo próprio contentamento, prazer e gratificação, com alucinações fantasiosas que se originam da auto-indulgência e indisciplina mental.

Entender o contexto de uma Prática, ou praticar Compaixão-Karuna, por exemplo, a partir de “A Essência dos ensinamentos de Buda”, pode ser esclarecido por Thich Nhat Hanh<sup>148</sup>,:

“Praticar é ir além das idéias, para chegar à coisa em si. A não-idéia é o não-conceito. Enquanto houver uma idéia, não haverá realidade nem verdade. A expressão ‘não-idéia’ na verdade significa a não existência de idéias ou de conceitos errôneos. Não significa ausência de atenção plena. Por causa da atenção plena, nós sabemos quando algo está errado e quando algo está certo. (...) Falando de forma relativa, existem pontos de vista corretos e incorretos. Mas se olharmos com mais profundidade, veremos que qualquer ponto de vista é incorreto. Nenhum ponto de vista pode realmente representar a verdade. Ele é o inverso, ou seja, a visão a partir de um único ponto, por isso é chamado de ponto de vista. Se nos posicionarmos de forma diferente, passaremos a ver as coisas de outra forma, e acharemos que nosso primeiro ponto de vista não estava certo. O budismo não é uma coleção de pontos de vista. É uma prática que nos ajuda a eliminar os pontos de vista incorretos. A qualidade de nossos pontos de vista sempre pode ser melhorada. Olhando a partir da realidade maior, a Visão Correta é a ausência de todos os pontos de vista.”

Nesse condão, os Budistas Vajrayana não equivalem que esse inexplorado ou desconhecido (qual seja, da mente incondicionada) seja necessariamente extravagante ou inapropriado para o reconhecimento na vida comum, notoriamente com o auxílio de uma Potência para dissociar os acordos implícitos da individualidade isolada e fragmentada da vida.

Essa mesma “Prática” pode ser discutida como uma instrução detalhada, uma performance ou uma partitura de maestro que inclui várias camadas simultâneas, de corpo/gestos, de fala/sons e de mente/movimentos internos. Um tipo de codificação anterior ao moderno (e, portanto, também ao contemporâneo), para investigar

---

<sup>148</sup> Ver: [http://www.viverconsciente.com/textos/compreensao\\_correta.htm](http://www.viverconsciente.com/textos/compreensao_correta.htm)

espaços da realização incomum antes da prerrogativa ideológica da espontaneidade, da autonomia ou da singularidade.

Uma letra de música, quando ganha a interpretação de uma Maria Betânia, com seu fôlego e timbre, com sua ocupação de palco e a intensidade de suas emoções, com uma voz que recita ou invoca, que entoia e até declama, embora seja a “mesma”... e a exata música na pauta de outro músico/maestro, é também uma Potência que se expressa no compromisso de poucos: uma Potência que abrem sombras e dispersam comparações.

Essa Potência ao incomum (não está reservada numa perspectiva restrita ao “talento” ou “potencial” de uma única artista), cujo resultado final supera e surpreende qualquer apreciação estética, que parece tocar e mover camadas do espírito humano e da vida, não existe somente como objeto de consumo, de repetição e de captura: onde se localiza, com precisão, o efeito do que Betânia empresta a uma mesma folha de partitura? É somente estético?

Phakchok Rinpoche (na conta do autor no facebook, em 27.12.13), mais uma vez, a partir de ensinamentos transcritos (em Agosto de 2013), distingue aspectos bem tangíveis na condução de um exemplo de Prática:

“When you practice compassion, don't ‘feel’ the pain. When you feel the pain, you don't have any space left to practice compassion to anybody. Whenever you practice compassion keep very detached with attachment... do you understand? This takes balance. ‘Compassion is something you hold, equanimity is how you detach.’ Without these two together, only holding, holding, you will get so sucked into the pain of others that you don't have the will and strength to continue to work. It's energy draining, you're already losing energy, you're tired, you lose the energy to work.

These kind of things, honestly speaking, it's not in the books, it's something you have to practice practically. When I practice compassion, I say ‘Oh nyingye poor guy’ (snaps) then in that very moment I bring up equanimity, emptiness meditation, equanimity. Right away I detach, without feeling the pain which drags you in. If you wallow in the pain you feel regret, you feel guilt, like you can't do anything, you feel so bad, then, you start blaming everybody (...). Compassion is something to do, something good, not blaming others. That is practicality, my dears, practical, practice, it's not theory, Dharma practice is not theory... go in to practice.”

Decorre-se também dessa posição que as práticas Budistas, mais do que “súplicas” de espera e busca de salvação pluriponte, ao contrário, não tratam do que se consegue “extrair” da vida e do mundo, mas do que se deseja proporcionar, irradiar e transformar; especialmente ilustrada naquela atitude de oferta e dedicação (de gratidão) para

qualquer fruição de liberdade e de bem-estar, de modo que todos os seres possam satisfazer as suas necessidades imediatas e duradouras.

É nesse horizonte que se insere uma perspectiva de florescimento humano ou de uma felicidade intrínseca, uma felicidade que não está formatada, genuína enquanto ato deliberado e laborioso de autotransformação e mudança progressivas.

Os ensinamentos de Lama Thubten Yeshe, em “Universal Love” (pp. 13, 8, 18, 24, 36), podem descrever alguns dos elementos mais sutis dessa ponderação:

“(…) You can organize your life with wisdom. How? One way is by trying to make it beneficial to others rather than by living it simply for your own enjoyment. When your life is integrated and you’re a wise, knowledgeable person giving a beautiful, peaceful vibration to others, it’s so worthwhile. That’s not attachment. (...) renunciation isn’t a physical giving up (...) from the Buddhist point of view charity is not what you give but why and how. True charity depends on motivation - giving without attachment or the expectation of anything in return. Such giving automatically frees the mind. (...) In Buddhism, charity doesn’t mean just handing something over to somebody else. What often happens is that we hear that it’s important to give (...) Perfect charity is made with the right motivation and awareness of the ultimate nature, or emptiness, of three things: you, the donor; the recipient of the gift; and the action of giving. (...) Lord Buddha’s charity is a psychological method of eradicating attachment and bringing the realization of inner peace. You can see how it works. If you give with an understanding of the ultimate reality of the object you’re giving and the circle of the three - donor, recipient and action - there’s no danger of a negative reaction. (...) Helping others has to be understood as rather more than, ‘I want to share my furniture with others’ and then sawing it up into little pieces and distributing them (...) It’s just another ego trip. It’s impossible to achieve true equality just by saying ‘Everybody should be equal,’ with ego, attachment and no mind training. You can’t control people’s minds with guns (...) It’s psychological, mind training, and very different from the communist idea of equality (...)”

Das infinitas aparências que povoam a superfície de um lago como projeções (displays), todas como ornamentos insubstanciais e imateriais dessa consciência primordial luminosa, diferentes práticas são oferecidas para adentrar a natureza de vacuidade dos fenômenos. Assim comenta Thinley Norbu Rinpoche, em “White Sail”:

“(…) love inconspicuously connects us to the ones we love with continuous positive energy, so that even tangible separations between people who love each other do not reduce the intangible power of love. This love is automatically enduring since it is not easily affected by circumstances. (...) By believing in the continuity of mind, we acknowledge the continuity of all circumstances, including our experiences of love, which are not just for one moment or for one life. (...) beings are born through parents who give love to their children. First, we must acknowledge this love and try to love all sentient beings (...) Second, we must give tremendous kindness to them. Third, if they have positive qualities and their lives are happy, we must

rejoice instead of being jealous. Fourth, we must be loving, kind, and rejoice for all beings equally. These are the four boundless wishes.” (pp. 108 e 110)

Desprovido de obstáculos e de formas aparentes, como um céu vasto que a tudo permeia, tal espaço luminoso pode ser percebido/intuído nos limites agitados e barrentos que uma porção de água reflete, através das bênçãos, práticas, transmissões e tradição de um professor qualificado. É dessa forma que alguns aspectos dessa grande compaixão tornam-se admissíveis na prática pessoal.

## 2.C. Compaixão em seus domicílios

Ao longo de uma vida de práticas, um tibetano médio (no exílio, posterior à invasão Chinesa no Tibete; residindo em Dharamsala, na Índia; em Kathmandu, no Nepal; em Thimpu, no Butão; ou fora da vizinhança do Himalaia, em qualquer comunidade de refugiados, na Europa, no Canadá, ou nos Estados Unidos) irá dedicar um tempo substancial do seu cotidiano para vivenciar recitações de um som ou melodia que evoque compaixão.

“Om Mani Padme Hung”, grafado nas transliterações de línguas ocidentais, ou ainda preservado nas línguas remotas (sânscrito, tibetano etc), é certamente um patrimônio cultural que percorre o imaginário compassivo de povos e séculos.

Na tradição budista, um mantra ou um dharani<sup>149</sup> (ambos, sons), assim como um yidam (essa presença visual-sensorial que acompanha um praticante), não são “representações” que pretendem indicar/traduzir/comunicar algo posterior ou alhures, e não devem, ainda, ser compreendidos enquanto conceitos ou paisagens da elaboração cognitiva.

Mantra, em sânscrito, é literalmente traduzido como “proteção” (-tra) da “mente” (man-). Estão incluídos, portanto, no rol de manifestações atemporais da mente iluminada de todos os Budas (essa qualidade primordial que não cessa ou deforma-se), são atividades que se expressam dessa condição búdica perene – como formas, emanações ou qualidades particulares que visam pacificar as aflições (kleshas) e

---

<sup>149</sup> Dharani da Mente da Grande Compaixão: “NAMO RATNA TRAYAYA / NAMO ARYA JNANA SAGARA, VAIROCHANA / BYUHARA JARA TATHAGATAYA / ARAHATE SAMYAKSAM BUDDHAYA / NAMO SARWA TATHAGATE BHYAY ARHATA BHYAH / SAMVAKSAM BUDDHE BHVAH / NAMO AVALOKITE / SHORAYA BODHISATTVAYA / MAHA SATTVAYA / MAHA KARUNIKAYA / TADYATA / OM DARA DARA / DIRI DIRI / DURU DURU / ITTE WE / ITTE CHALE CHALE / PURACHALE PURACHALE KUSUME KUSUMA WA RE / ILI MILLI CHITI JVALAM / APANAVE SHOHA”. Recitações em:

[https://www.youtube.com/watch?v=8xcmWCrf\\_6c&hd=1](https://www.youtube.com/watch?v=8xcmWCrf_6c&hd=1) ;  
<https://www.youtube.com/watch?v=d8R3psUzsc4&hd=1>

beneficiar os seres, a partir das capacidades amadurecidas na realização daqueles dedicados à liberação.

Embora também vazia (uma expressão da vacuidade), a recitação do mantra<sup>150</sup> cumpre a si mesmo, realiza a qualidade ou o propósito que irradia – como se, ao falássemos o “som” do mar ou do oceano, evocássemos dentro daquele que recita uma qualidade arcana/arquetípica do “aquoso” que vai se expandindo/inundando.

Não por acaso, são considerados transmissões preciosas ou “tesouros” que brotam espontaneamente, proporcionados no enlace desse campo aberto de iluminação e o grau de compromisso para a expressão do mesmo na experiência de corpo, fala e mente de um dado praticante sublime que o compartilhou.

Em outro aspecto, ressoar prolongadamente com esse estado de abertura e conexão compassiva ao sofrimento físico, mental, existencial, material ou espiritual dos demais seres, proporciona uma condição ampliada de consciência, de partilha e de pertencimento, um estado de oração que se cultiva ao longo do tempo.

A intensidade prolongada em um único mantra também contribui para a convergência da mente para a respectiva órbita de símbolos atrelados àquela memória. É possível ainda considerar, após recitações na grandeza das centenas de milhares ou milhões para uma mesma vibração/intenção/motivação, que se reconheça mudanças comportamentais e atitudes menos aparentes, como efeito dessa prática contínua<sup>151</sup> e sua força de desenvolvimento pessoal.

---

<sup>150</sup> Ver: [http://www.amitabhahospice.org/public/spiritual\\_support/compassion.php](http://www.amitabhahospice.org/public/spiritual_support/compassion.php)

<sup>151</sup> Por exemplo, acerca dos benefícios para a recitação do Vajra Guru Mantra: “The Vajra Guru Mantra is the very heart essence of Guru Padmasambhava, the Lotus-Born Guru. Guru Padmasambhava, when teaching this mantra to Yeshe Tsogyal, said the following: If this mantra is recited a hundred times a day, merely a hundred times a day without interruption, one will become attractive to others and will effortlessly come by food and wealth and the necessities of life. / If one recites it a thousand or ten thousand times on a daily basis, one is able to literally overwhelm others with one’s brilliance, in the sense of becoming very charismatic and influential in exerting a positive influence over others, and one will gain unhindered force of blessings and spiritual power. / If one repeats it a hundred thousand or a million times on a regular basis one will become capable of effecting an immeasurably great benefit for beings, exactly as one would wish to. / If one recites the mantra three or seven million times, one is never separate from the Buddhas of the three times and one becomes inseparable from me. All the gods and demons of existence will attend to one and offer their praises.” Disponível em: <http://www.drukpa.com/component/muscol/G/1-the-gyalwang-drukpa/3-a-collection-of-common-mantras/11-the-vajra-guru-mantra>

Sobre os estados humanos que se desenvolvem a partir da compaixão, explica o Sakya Trizin<sup>152</sup>:

“(...) Omniscient knowledge has compassion [Karuna] as its root; it has the enlightenment mind [bodhicitta] as its nature; it has the vow of the Bodhisattva as its motivation and it contains the means for the result. These coefficients of wisdom and compassion are identified with the perfections of the Bodhisattva and the intermingling of nirvana and samsara, so that when this wisdom is combined with the means, it no longer is passive but appears in its fully active form.

(...) In the Buddhist tantras, the union of prajna and Karuna, insight and compassion, produces the fullness of cosmic awareness through the meeting of opposites. It is central to the notion of sacred and profane when these are viewed in the mirror of the clear light of mind itself.

(...) Mahayanists believe that we should enter neither samsara nor nirvana, but that we should follow the middle path. Through the power of our wisdom we do not remain in samsara, and through the power of our compassion we do not remain in nirvana. When we attain enlightenment, which we call non-abiding nirvana, we are free from suffering but we remain in samsara out of compassion for beings who are trapped in it, and we help them.

(...) As was mentioned earlier, generation of the enlightenment mind is central to both Mahayanist and Vajrayanist practice. Their three foundations are love, compassion and the generation of enlightenment mind, or bodhicitta. All practice must arise from selflessness.

LOVE means that we want all beings in all realms of existence to be happy, COMPASSION is the wish that sentient beings should depart from suffering, and the generation of the ENLIGHTENMENT MIND is the pursuit of enlightenment for the sake of all sentient beings. Without love and compassion, the enlightenment mind will not arise; and without the enlightenment mind, liberation cannot be attained. If the enlightenment mind is like a seed that we plant, love and compassion are like the water that we pour on it while it grows to fruition.

Chandrakirti wrote in the Madhyamikavatara that the Sravakas and Pratyekhabuddhas are born of the Buddha, while the Buddha is born of the Bodhisattva, and the Bodhisattva is born of love and compassion - especially from compassion. And so he paid special homage to compassion, without which the root cause of enlightenment cannot arise. This then, is why we meditate on some father and mother tantras wherein the deities are in union, the union of wisdom and compassion. (...)”

Também chamadas de Quatro Moradas Divinas (um espaço para residir, e não apenas visitar) ou Quatro Amigos, além de Maitri e Karuna, bondade-amorosa e compaixão, o segundo par de qualidades são alegria empática (dga' ba, em tibetano; Mudita, em sânscrito) e equanimidade (btang snyoms, em tibetano; Upekka, em sânscrito).

---

<sup>152</sup> Remarks on The Essence of Buddhist Tantra: A Teaching by His Holiness the Sakya Trizin. Melody of Dharma, 2013, n. 12. Disponível em: [http://www.hhthesakyatrizin.org/pdfs/Melody\\_of\\_Dharma\\_12.pdf](http://www.hhthesakyatrizin.org/pdfs/Melody_of_Dharma_12.pdf)

Interrelacionadas por uma arquitetura de diligência mental, cada aspecto de um dos pares afins são complementados entre si nas suas respectivas abrangências, e os quatro aspectos perfazem um circuito de interações auto-regulatórias que busca equilíbrio-dinâmico (não-apego) dos fatores.

Alan Wallace, nesse propósito para o desvelamento de um estado intrínseco de paz, assim explicita as quatro atitudes<sup>153</sup> tidas como incomensuráveis:

Grande/Vasta Equanimidade não é indiferença desinteressada (apenas uma cópia falsa), contrapondo-se ao auto-centramento, à aversão e ao apego / e balanceada-equilibrada pela Compaixão;

Grande/Vasta Alegria-Empática (Regozijo) não é prazer frívolo (cópia falsa), contrapondo-se à melancolia, ao cinismo e à inveja/ e balanceada-equilibrada pela Bondade-Amorosa;

Compaixão-Karuna, Grande/Vasta Compaixão não é desespero (cópia falsa), contrapondo-se à indiferença e à crueldade/ e balanceada-equilibrada pela Alegria-Empática;

Amor-Maitri, Grande/Vasta Bondade-Amorosa não é apego (cópia falsa), contrapondo-se ao ressentimento e à malícia/ e balanceada-equilibrada pela Equanimidade;

Desta feita, e ainda na aparência de Chenrezig, duas mãos para Compaixão e Bondade-Amorosa e outro par com Equanimidade e Alegria-Empática. Ademais, a prática de Compaixão influencia a prática de Equanimidade que influencia a prática de Bondade-Amorosa que influencia a prática de Alegria-Empática que, por sua vez, influencia a prática de Compaixão.

Em texto distribuído no mês de Agosto de 2011, com o título "COMPASSION IS OF THE UTMOST NEED"<sup>154</sup>, Lama Zopa Rinpoche descreve aspectos importantes na contemplação dos benefícios de uma prática amorosa e compassiva:

"1. The Destroyer Qualified Gone Beyond One (Bhagawan) said, "The bodhisattva does not follow many Dharmas. The bodhisattva holds one Dharma well and realizes it well. The whole Buddhadharma will be in the hand of that person." What is that Dharma? It is great COMPASSION. (From the Chenrezig Sutra Well-Condensed Dharma.)

2. What differentiates Buddhism from other religions is COMPASSION for every single sentient being.

---

<sup>153</sup> Disponível em: [http://omafrey.com/Omafrey/The\\_4.html](http://omafrey.com/Omafrey/The_4.html)

<sup>154</sup> Ver: <http://shop.fpmt.org/Compassion-is-of-the-Utmost-Need--Pecha-Downloadable-File- p 1527.html>

3. What really pleases all the buddhas and bodhisattvas is COMPASSION.
  4. COMPASSION is what makes all sentient beings happy.
  5. STRONG COMPASSION is the foundation that causes you to achieve full enlightenment most quickly. If you want to achieve full enlightenment in order to liberate all sentient beings from suffering and bring them to full enlightenment, the quickest way is to generate strong COMPASSION.
  6. Chandrakirti said, "At the beginning, COMPASSION is like a seed; in the middle, it is like water; at the end, it is like a ripened fruit. Achieving the result of full enlightenment is all due to COMPASSION."
  7. Even for non-believers the best thing and only way to create merit (good karma) is COMPASSION, as well as making offerings and prostrations to holy objects and circumambulating them, even by chance. What gives all beings a happy, satisfied, meaningful and successful life is COMPASSION.
  8. From the Sutra Request by Lodro Gyatso: "The thought of complete enlightenment, preserving Dharma, practicing Dharma and having love and compassion for living beings: these four dharmas have infinite qualities—the limit of their benefits is not seen by the Victorious Ones. It is said that preserving Dharma and protecting the lives of living beings has limitless benefits." This shows that if we have COMPASSION for sentient beings, from those we can't see with the naked eye but only under a microscope up to creatures the size of a mountain, then the Buddha has never explained the limits of the benefits of the compassion we generate for them. It's the same as saving the lives of human beings, animals and insects; we must understand that it has limitless benefits.
  9. A Kadampa geshe said, "Holy beings of the land of Dzambu (this world) respond to harm with good actions." When ordinary people are harmed they retaliate with harm. Holy beings repay harm with positive actions. Whoever sees the enemy as the virtuous friend is happy wherever that person is. The great Indian scholar bodhisattva Shantideva said in the first chapter of his *Bodhicaryavatara*: "I bow down to the body of him in whom the sacred precious mind is born. I seek refuge in that source of joy, who brings to happiness even those who harm him."
  10. The extensive benefits of bodhicitta, which are like the sky and the depthless ocean, are also the benefits of generating great COMPASSION for all sentient beings. Without great COMPASSION there is no way to achieve bodhicitta, which has limitless benefits.
- The conclusion is that COMPASSION is the most important practice in life."

Embora compaixão e bondade-amorosa estejam localizadas como pilares de uma jornada que pode ser longa, nenhuma experiência tântrica secreta ou transmissão mística rebuscada é necessária para que os tibetanos e outros inspirados em suas práticas tradicionais mantenham o hábito de oferecer esse mesmo mantra, em recitações, ou impressões em rodas de orações ou bandeiras coloridas, para que o vento transmita essas aspirações para outras realidades distantes.

Se um determinado praticante, por exemplo, no século V, e outro no século XV, ou um terceiro, no século XXI, alcançam a marca de um milhão de recitações do referido mantra, e observam qualidades semelhantes desveladas em seus processos mentais e comportamentais; é possível entender Karuna (compaixão) enquanto uma “potência” que agrega força e valor para a vida?

A hipótese de tal(tais) “potência”(s), que concorre(m) para o acesso, a familiarização e o suporte de um estado de não-dualidade e de abertura, de tal modo assimilado como domicílio inseparável da própria consciência (primordial), não deveria ser reconhecido como um modo com outras capacidades legítimas para vislumbrar os fenômenos da vida?

Sob uma primeira análise, os mantras são exatamente os mesmos, inclusive na sugestão minuciosa do contexto exato para o transcórrer de uma prática a ser realizada. Por outro lado, quanto maior for a “implicação” do aspirante na referida prática (superação e renúncia dos seus obscurecimentos), menor será a captura/sujeição do seu funcionamento ao controle da personalidade, do ego, da identidade, de um projeto de humanismo ou de subjetividade privatizada.

Ainda nesse lastro de dedicação, será observada uma capacidade de emanar a pluralidade de novas formas para alcançar e proporcionar alívio ao sofrimento dos seres, do sofrimento que se mantém preso ao que não é permanente: “só perdes aquilo a que te apegas” (alertou o Buda).

Os gestos desses praticantes não serão submetidos ao mero campo das sensações e afetos fixados, não se trata, ademais, de uma configuração singularizada do existir, que se vale de uma potência irreproduzível para confluir a partir de um lugar solitário do seu desejo compartilhado no mundo.

Não condiz, outrossim, a um mundo de hiperrealismo, materialismo e substancialidade dos fenômenos, ou que se constitui apenas no instante-mesmo do seu processo de reverberação intra-inter outros corpos de virtualidades e de atualizações, entre outros corpos sem órgãos, sem controle, sem organicidade a priori. Não é desse lugar.

O que dizer para um conjunto de práticas que fragmentam o senso de consistência, repetição, reprodução e substancialidade de quaisquer identidades e instituições, retornando para um saber da vacuidade que se avessa da multiplicidade-mística?

Se a investigação assenta-se diretamente na experiência em primeira pessoa do corpo (todas as meditações exigem corporificação, e

eventualmente a movimentação dos ventos sutis no corpo), não reivindicando uma Metafísica ou Universalismos que abandonem esse imediato processual, é possível falar de uma potência que não se inscreve no binômio imanência-transcendência?

É possível entender Karuna como uma ação que profana o realismo evocando possibilidades perceptivas do mundo em suas características então pouco exploradas (quicá inimaginadas)? Como referir a relação de Karuna (compaixão) na produção de um Corpo de Arco-Íris (Corpo de Virtualidades não-atualizadas) e não de um Corpo Sem-Órgãos (Corpo dos presentes em via de atualização), de toda feita, ambos distantes da individualidade, da pessoalidade, da subjetividade, dos humanismos modernos?

Uma forma de aproximação considera suspeitar, ou, pelo menos, sustentar uma não-completa identificação para um "presente" que foi já capturado, na repetição dos acordos em instituições e modelos sociais de controle. Dessa capacidade de gerar uma leve indiferença, proceder com a atividade de escavar esse "presente" óbvio e enrijecido, e das suas fendas/feridas atravessar o obscuro, vê-se às sombras em um trânsito que busca confrontar a "arké" dos momentos, de cada gesto ou pensamento mecanizado.

Por "sombras", nessa tradução acima de G. Agamben, que não se omite de tudo "esquecido" no hegemônico e no majoritário, especialmente os objetos, fenômenos e realidades que não coincidem ao projeto das Luzes, da Razão, da Modernidade, da Individualidade e do Capitalismo, herança do Lógos, percorrendo Iluminismo e Esclarecimento, até os dispositivos perpetrados da tecno-ciência.

Por "arké", talvez, uma qualidade-atemporal ou uma potência-atemporal, o ruído da morte ou do amor, para ilustrar com um exemplo próximo, que não se deixa tocar ou aproximar, forças que não são assimiladas por completo e convertidas em passado já-acabado, que não se reduzem na descrição e apenas se distanciam continuamente dos buscadores ávidos. Ah!, o amor... esse filho do Cáo (no relato de Platão).

Atravessar, por conseguinte, essas sombras banidas, suprimidas porém jamais esgotadas, em busca de uma "arké" não passível de realização, para assim, outra vez, desdobrar os incontáveis repertórios de sensações do que não foi experimentado, quicá ofertado ou imaginado nas restrições daquele "presente" imposto que intercepta ferozmente o desconhecido.

Segundo a jornada dessa tradição de pensamento, emerge um território aberto de invenção e de possibilidades, de investigações e de

singularidades que se valem de práticas e exercícios da imanência; são dessas intensidades, afinal, que se bifurcam em movimentos que afirmam sonhos em momentos, alegrias e machucados:

“O que é a imanência? uma vida... Ninguém melhor que Dickens narrou o que é uma vida, ao considerar o artigo indefinido como índice do transcendental. (...) Entre sua vida e sua morte, há um momento que não é mais do que aquele de uma vida jogando com a morte. A vida do indivíduo deu lugar a uma vida impessoal, e entretanto singular, que desprende um puro acontecimento, liberado dos acidentes da vida interior e da vida exterior, isto é, da subjetividade e da objetividade daquilo que acontece. (...) Trata-se de uma heceidade, que não é mais de individuação, mas de singularização (...) A vida de tal individualidade se apaga em favor da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora ele não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida...” (Gilles Deleuze<sup>155</sup>)

Intervenção que se constitui como um "tempo" de abertura e de ludicidade, como expressão de alteridade e de multiplicidade, ainda, G. Agamben demarca que o virtual que paira sobre o tempo-objetificado, não está subjugado à verificação do empírico e do ato.

Justapondo que o virtual não cede à exigência de uma realidade cativa à atualização, aquele filósofo observa, em outras palavras, que o alcance e a amplitude do virtual não se deixam constranger na materialidade da correição homogênea para a qual se dirige o controle exercido pela moral e seus valores, sobre objetos e produções submetidos à observação.

Mesmo para G. Deleuze, e o que ele considera o nosso funcionamento humano, enquanto seres lentos com suas respectivas matrizes de conhecimento, é possível também afirmar diferença-enquanto-resistência, a partir de horizontes/planos de agenciamentos da imanência, capazes de suportar/reter espectros distintos dessas operações velozes da vida.

A partir daquele desgovernado temível e caótico para um tipo de sempre-precário equilíbrio na lentidão dos tais seres, estes mesmos que, não obstante, ainda se movem entre faixas da velocidade – quais sejam campos de porosidade às turbulências do paradoxo, da ambiguidade, da superposição e da contradição, desde a ciência (menor velocidade), passando pela filosofia, até a arte (maior velocidade)...

As três modalidades de "implicação" ao presente-atualizável (assim, um tempo, não esmagado pelo caos e não invisível no virtual), assim afirmadas e entrecruzadas, com possibilidades de invenção, de

---

<sup>155</sup> DELEUZE, G. L'immanence: une vie... Philosophie, 47, 1995. Disponível em: [http://www.ufgrs.br/faced/tomaz/imanencia\\_i.htm](http://www.ufgrs.br/faced/tomaz/imanencia_i.htm)

singularidade e de imanência, embora com suportes, redes de intercessores diferenciados e operadores distintos (funcionivos/referência, conceitos/consistência e monumentos/composição); ainda como devir e acontecimento, não pretendem e não condensam o virtual, esse campo infinito da potência, domínio não diferenciado e sem forma com deslizamentos (não propriamente deslocamentos). Vazio, embora não iluminado.

É possível entender Karuna como potência que não-é-acontecimento, Karuna como insurgência e pura compaixão... avesso-do-acontecimento ou insurgência porquanto não pretenda constituir ordem para o caos:

“O que define o pensamento, as três grandes formas do pensamento, a arte, a ciência e a filosofia, é sempre enfrentar o caos, traçar um plano, esboçar um plano sobre o caos. (...) Pedimos somente um pouco do ordem para nos proteger do caos.” – Gilles Deleuze.

Se o virtual inspira, mas não organiza, embora também veloz com seus giros próprios, o virtual não é caos, o virtual não é velocidade de infinito esfacelamento... o virtual é outra relação com o tempo: também para G. Agamben, o virtual, além de permeado ou confundido/contaminado de potência, seria, sobretudo, “a liberdade humana”... deste prisma, não fosse a qualidade indissociável da “não-potência para”, o homem estaria fixado ou apenas se justificaria na expressão-posterior, na realização, na experiência, no crescimento, no desenvolvimento, na atualização. Uma vez fixado no predicado, enfim, há “homem” para ser descrito, analisado, interpretado, diagnosticado, julgado e aprisionado.

Na sombra do presente, na potência do não-ser, não-fazer, não-ter, não-viver etc, as intensidades e sensações “não tendem a” um projeto específico de sujeito, homem, humanismo, humanidades, humanidade... como potência, as sensações podem desbravar-se em novas sensações; de combinações e colisões entre as diferentes sensações, outras e mais intensidades, podem constituir móveis em blocos de sensações, estabelecer circuitos de interferência e de ressonância em instalações sensoriais, ou até sustentar fluxos ou personagens-vitais (a esse respeito, das “instalações-experienciais” e dos “personagens-vitais”, ver o trabalho de Yuri de Nóbrega Sales<sup>156</sup>).

---

<sup>156</sup> Ver Dissertação (Mestrado em Psicologia), com o título “INCURSÕES METODOLÓGICAS EM PESQUISA DE TENDÊNCIA FORMATIVA NA EXPERIÊNCIA DE PSICOTERAPEUTAS CENTRADOS NA PESSOA: NA VANGUARDA DO QUE CARL ROGERS CONCEBEU”, defendida na Universidade de Fortaleza, em maio de 2010; Ver livros “Humanismo de Funcionamento Pleno” (Ed. Alínea, 2008) e “Humanismo Vital” (Ed. CRV, 2013).

Tudo como movimento nessa vida, e não fora dela, transitando, sobretudo, entre inorgânico e anorgânico, para bifurcar “impactos experienciais” sobre a organicidade não-tão-organizada, sobre a perspectiva de uma mônada de sabedoria auto-dirigida, ou núcleo hipotético de realização auto-referente. Especialmente depois de G. Deleuze, quando o inorgânico (o metal, o cristal etc) e o pós-orgânico (o devir-carbono-silício, por exemplo) adentraram como protagonistas do pensamento, não há um valor próprio e perene de gente-pessoa que se “resgarde” do mundo:

“Fala-se, vive-se, morre-se. Sim, existem sujeitos: são os grãos de areia dançantes na poeira do visível, e lugares móveis num murmúrio anônimo. O sujeito é sempre uma derivada. Ele nasce e se esvai na espessura do que se diz e do que se vê.” (Gilles Deleuze)

Já não é o “anthropos” que empresta vida e informações afetivas às coisas, nem o humano dos humanismos, nem o homem das humanidades: enquanto C. Rogers menciona o inorgânico (e sua Tendência Formativa) para inundar de cosmos-mais-ampliado a experiência humana desse “crescimento”, a geofilosofia de G. Deleuze possibilita um rizoma de potências “artísticas” inumanas<sup>157</sup>, composições de tempo (acelerações e lentidões) com ramificações de micro-cérebros entre rochedos, plantas e até aranhas que atravessam as espirais da imanência.

Se o virtual não produz ou não se dirige necessariamente à sucessão de atos, se o virtual não se desloca no tempo (com objetos, vestígios etc), o virtual também não é o nada/nulidade e o virtual também não é o cáos... o virtual é margem dessa “liberdade tão humana” que antecede a afirmação de qualquer imanência, de qualquer transcendência... o virtual não é a liberdade-por-acúmulo (atualidade) e mudança de sentidos, de desejos, de comportamentos... o virtual não é propriamente a multidão de afecções, sensações e singularidades anti-atualizantes... o virtual é migração: domínio dos seres lentos, nômades, insatisfeitos e migratórios.

Considerando que o espectro da vida não é monopólio de qualquer prática ou conhecimento que emerge de um presente-acontecimento ou presente-imanência, se o virtual não precisa acompanhar o hegemônico, também não está confi(n)ado ao minoritário. Desse virtual, que não é velocidade infinita, que não é o esfacelamento do tempo no cáos, há outro registro de temporalidade...

Dos instantes que não constituem sucessão ou duração, onde o devaneio-nômade não afirma/atualiza uma potência, onde a sensação não se desdobra como imanência, onde os acontecimentos

---

<sup>157</sup> Ver: <http://cfc.ul.pt/biblioteca/online/pdf/catarinanabais/homemanimal.pdf>

não instauram presente, a fixação cede para a ficção, e da vida-sem-cósmos irrompe uma vida-sem-acontecimentos<sup>158</sup>: o avesso-da-arké, ou o avesso-do-presente, um domínio das propulsões... não como atributo de um virtualidade-mesma, mas como sombra no próprio virtual para um histórico de abandono coagido em atos; em vez de apenas residual, o virtual também como inversão do fluxo, como um apelo contra-atualizante, como potência anti-correnteza: piracema que se esgota apenas com a morte!

Um grito de profanação ao lugar instituído, do recuperar à caminhada apagada naquela sombra de um domínio tombado como imóvel pela fixação moral ou protegido do movimento pela devoção/veneração "sacer" de qualquer ordem. Não se trata de pensamento da diferença, mas um duplo da (anti-)diferença para o pensamento da própria imanência, um pensamento anti-pós-moderno... Não sendo um tempo específico, é deslizamento estésico antes do tornar-se, do sentido, da vontade, da pessoa, da realização – e daí, por exemplo, voltarmos ao amor (éros, o rebento do cáos), às potências escuras atemporais ou nelas mesmas.

Lembrando Gen Lamrimpa, para quem "(...) it is possible to realize emptiness even if one is not a Buddhist" (p. 122); se no âmbito da virtualidade, com essa modesta "liberdade" no exercício de uma potência-do-não, for possível questionar uma percepção habitual/familiar/reforçada de qualquer realidade externa, sólida e independente, esse lugar insolvente da dúvida já se empresta a um propósito gradual e compassivo de auxiliar os seres:

"Even if one does not have such a nonconceptual realization, one may have a conceptual realization of emptiness, in which one's experience of emptiness is mixed with a generic idea of emptiness (...) Aryadeva, the great Indian philosopher, declared that if one even questions the true existence of reality, this shakes the foundations of samsara (...) if you hear that there is another road, then a doubt is sown in your mind (...) the doubt will grow (...) As soon as you find it you can totally change direction" (Gen Lamrimpa, pp. 19-20)

Dessa potência para um não-tempo, ou de uma anti-potência, desse pulso (e não pulsão) que, na virtualidade, é vazia... onde anti-tempo não é oposto, é o inverso, é o avesso, é o duplo: vibrante mas não brilhante, volta que se revela apenas vulto, sem conteúdo firmado; do que ultrapassa nos pontos mesmos atravessados com o mundo; do que avessa como épica e não avança em continência; como sombra (o imediato) e anti-sombra (o que não se media), e não a luz (o esforço

---

<sup>158</sup> Não se trata daquela concepção grafada por G. Bachelard, onde o arquétipo risca o contínuo da vida e não se extingue, jamais reduzido às vivências ou às imagens a ele recorrentes.

mediado da razão); como a indisciplinaridade e a anti-indisciplinaridade, e não o disciplinar.

Ao postular que o homem é definido pelos seus "atos", o aparente entusiasmo do que convencionou por "decisão", "liberdade" e "responsabilidade" omite o (vício) que reduz essa experiência humana à sucessão (brutal) do "atual" e suas condições para "atualização": precárias, insatisfatórias e passíveis de captura para uma modelagem social especializada ou massificada. Por "realidade", nessa verve de aparências relativas, apenas subsiste o choque entre repetições ou ocasionais diferenças.

Se o tal homem é (compulsão ao) ato e (impulso à) realização, jamais os sentidos temporários ou afetos intempestivos serão capazes de forjar qualquer experiência "livre". Nem o homem resignado de propensões e tendências, nem o homem amortizado na variedade de suas banais invenções, podem encontrar alívio das inesgotáveis tormentas nisso que lhes parece uma abertura mais sensível ou poética, uma mudança de valores ou de consciência: ambas, as primeiras e também as segundas com seus respectivos acréscimos, quando emergem do mesmo lugar de conflito e aflição, serão apenas material especulativo das personalidades.

Nada que o homem possa vir a perceber como uma faceta ainda não considerada do mundo sensível, seja como objeto no cotidiano visível de terceiros, seja como um elemento de rara aparição ou surgimento; seja, ainda, como fenômeno de experimentação sensorial e produção de si mesmo como diferença, nada que se oferte para a subjetividade ou adquira existência temporária como afeto da multiplicidade e da multidão; nada que esteja submetido ao domínio do ato, nada que decorra efeitos de atualizações ou suporte ecos da imanência, pode extinguir a fragilidade e dor inseparável na "atualidade" partilhada dos fenômenos.

O ponto de referência mantém-se como aquele de um observador que acredita experimentar, fazer escolhas e decorrer consequências a partir dos seus objetos sensorialmente construídos/percebidos. Ainda para G. Agamben<sup>159</sup>, esse domínio do Ato, do Atual, da Atualidade, do Atualizar e da Atualização não substituem, absorvem ou superam o domínio do Virtual, da Potência, da Liberdade, do (Would Prefer) Not-to: noTO.

Potencialidade e Potencial (dynamis) são irredutíveis e não estão circunscritas no campo do Atualizar (energeia). O homem é, portanto, o único dos animais capazes de exercitar o não-ser, o não-pertencer, o contra-atualizar. Deste modo, Potencialidade é não-atualidade, é

---

<sup>159</sup> Ver comentários de Paul Nadal:

<http://belate.wordpress.com/2010/04/04/agamben-on-potentiality/>

sombra (skotos) e não se fazer visibilidade como prescreve a tradição, especialmente na contramão do pensamento que considera, por Ação, Desenvolvimento ou Crescimento Humano, a teleologia de converter Potencialidade em Atualidade.

E acrescenta o mesmo filósofo italiano que “toda potencialidade é impotencialidade”, de modo que o potencial não se transfere completamente (não é consumido) para a atualidade (tornando-se passado e objeto de captura), mantendo-se a possibilidade de um enxergar no escuro, a experiência de uma potencialidade-em-si (a experiência da restrição, da incapacidade, do não-ser).

Gerardo Muñoz<sup>160</sup>, em seu texto “Potencia y deconstrucción”, complementa:

“(…) Agamben construye lo que [Kevin] Attell se aventura a llamar una “potenciología”, donde la cuestión obviamente no es dicotomizar una vez más dunamis vs. energeia, sino mostrar como en el libro Theta de la Metafísica de Aristóteles encontramos algo así como una valencia en donde la dunamis (potencia) no solo no conlleva a la energeia (la realización o actualización), sino que escapa la negatividad al inscribirse como modalidad de “impotencia” (potencia). Este segundo registro es realmente lo que signa el “gesto” fundamental de Agamben, puesto que de esta manera pareciera afirmarse una forma que no opera a partir de la negatividad (dunamis no es energeia, pero la adunamia es dunamis sin realización, esto es, como puro acto que acontece). En uno de los momentos de mayor claridad expositiva del capítulo 3, Attell nos dice:

‘At stake in Agamben’s impotential reading is his broader critique of the primacy of actuality in the philosophical tradition, which we already saw an element of his more or less heideggerian affirmation of potentiality over actuality....for Agamben, in energeia, it is not only potentiality but also and above all impotentiality that as such passes wholly over into act, and if this the case, then actuality must be seen not as the condition of impotential and the fulfillment of potentiality, but rather as the precipitate of the self-suspension of impotentiality, which produces the act in the far more obscure mode of privation or steresis. It produces the act not in the fusion of a positive or negative ground, but in a paradoxical structure of privation that is not negation’.

Sobressai, aqui, a dança entre potências que surgem e evanescem, entre intensidades e sensações, entre espadas que jamais se tocam, da luta que não tem início e fim, no Budô japonês; ou uma dança vazia - em japonês, Butô-Ma, espectros que se movem fora do reflexo e da reflexão, ainda capazes de beleza e de gentileza. O amor, a compaixão como sentimento entre sombras partidas: nem é aconselhamento, nem psicoterapia, nem psicologia, nem saúde, nem práticas difusas em relações de ajuda.

Algumas outras hipóteses no diálogo entre esses campos e experiências aparentemente distintos:

---

<sup>160</sup> Ver: <https://infrapolitica.wordpress.com/author/gerardomunoz/>

1. Karuna enquanto uma Potência recusa às posições já fixadas e antecipadas por qualquer juízo ou paixão, sejam da tradição e dos costumes, da cultura, da história, da moral e religião da sociedade etc. Justificadas em padrões de controle e de disciplina, esgotando a amplitude da vida em mera captura, repetição, submissão e dominação a um projeto qualquer de humano, humanismo e humanidade, as “potências” abrigadas no resistir constituem um domínio de “liberdade” em fruição do “não-ser” e do “não-fazer” em face dos identitários ou dos universais. Em sua concepção mais radical, essa perspectiva do noTO (“would prefer not-to”, preferir que-não) contrapõe uma exigência compulsória para a realização e do esgotamento da abertura em precipitação do ato, da forja de legitimidade para o virtual somente no atual-performático, da rendição do virtual, da potência e da liberdade à gestão dos corpos em seus valores, da conversão instituída do virtual indiferente em atualização submetida à classificação e adequação conforme dado enquadramento utilizado numa esfera do “presente”.

2. Karuna enquanto uma Potência que não se adéqua ao eternalismo ou ao nihilismo, enquanto uma Potência-do-Averso ou do Presente-ao-Averso, é uma prática que dissolve o “presente” experimentado (seja como repetição identitária, seja como presente-acontecimento), e com ele também se dissipa no espaço do não restrito ou não diferenciado – awareness of awareness itself. Além de todas as experiências mediadas no “presente” da individualidade, além de um único ou de um coletivo de corpos, além da percepção, da personalidade e da meditação, além da invenção, da singularidade e do devir, há campos da virtualidade sem forma que insurgem cumplicidade no avesso-do-presente, um campo de legítimo acesso ao contemporâneo. É Potência que não se reduz às traduções da existência, da não-existência, de ambas ou de nenhuma, Potência desprovida de um sujeito ou de uma subjetividade, Potência não-relacional (e, portanto, o avesso da imanência, embora não transcendente, posto que não trata de objetos permanentes), Potência que não promove identidades ou enunciados universalistas, sejam materialistas ou metafísicos, dentre outros.

3. Karuna não se reclina aos domínios do micro- ou do macro-hegemônico/majoritário, seja das confissões ditadas por um si mesmo, seja pelos valores assumidos em determinado recorte do espaço, sem a esfera do micro- ou do macro-minoritário, seja em uma prática efêmera, seja numa trajetória singular de vida. O tempo da Karuna como Potência-Presença (wangthang) é o campo aberto de possibilidades, jamais os objetos tornados-possíveis e jamais os objetos emprestados à conquista de um tornar-se passado (textura a seguir como um passado), é uma Potência arcana (não da arké imaterial, posto que não há densidades que migram) e não das sensibilidades circunstanciais,

condicionais, conceituais. Karuna é o incompreensível prístino, é o movimento no céu amplo e sem-forma que não se confunde aos usos incontáveis que a pretendem refletida nos seus limites de superfícies ou espelhos, mesmo que de águas emocionalmente transparentes. Reflexos não distorcidos em águas calmas ainda são apenas reflexos, ou se confundem ao tamanho do céu

4. Karuna é Potência que não adquire consistência com o momento, embora dispondo de vários recursos constelados para ação, não é uma sensação de algo construído como meu, enquanto emocional, biográfico ou pessoal; não é condição de afetamento, de afetar-se ou de afecção, não se resvalando substância ou propriedade, nem da afeição, nem do afago, nem do afeto. Potência do trânsito, onde fluxo e processo, movimento e mudança são apenas o desequilíbrio das inversões ao regime fixado (mas não invenções ou sentidos).

5. Karuna não subscreve à prerrogativa de cumprir a si mesmo como experiência única ou singular, nem contribui para os elementos e mecanismos (das artes, por exemplo) que visam sermos “qualquer um”, em narrativas da cena ou puros acontecimentos. Enquanto Potência, não se trata de decompor afetos e desejos para admitir lugares, objetos e movimentos não frequentados a um “presente” mais significativo, não se trata de arguir o preciosismo e virtuosismo de uma simetria, sinestesia ou coreografia postuladas em troca de contestação no repertório, mas de atravessar a sombra do ruído, do resíduo e da sensação fixada por um-presente, em qualquer tipo de especificação temporal. É avessa, avesso.

6. A Potência da Karuna adentra a imposição do gosto e do preconceito em sua violência decorrente na regulação de faixas monosemânticas da realidade, dirigindo-se às condições que desdobram aflições, conflitos e delusões. Produzindo um tipo de abertura, confiança e coragem quando há percepção de desconforto ou insatisfação diante de qualquer fenômeno aprisionado na posse, na recusa ou mesmo no esforço da indiferença, a Potência de Karuna não afirma/confirma que há Buda, que há Ensinaamentos, que há Caminho, que há Mestre, que há Seres, nem mesmo que há Compaixão.

7. Expressões humanas que também ilustram essas qualidades incomuns, os Sherpas Compassivos (vislumbres intuídos originalmente por Maria Constança Villas-Bôas Bowen) não são funções ou profissões, se não apenas disponibilidade que se observam no agir de auxílio para grandes travessias experienciais. Sherpas são figuras de fronteira/nômades, daqueles que se deslocam entre os picos e o nível do mar; de certa maneira, como os facilitadores de outros processos, o Sherpa percorre momentos de sentido e de tácito, bem como instantes do cósmico e do inefável. Em Jornadas Formativas situadas além das

fronteiras do sentimento, do sentido e da personalidade, acima dos horizontes baseados em potencial, atualização e crescimento, a Potência de Karuna acompanha a instabilidade, o risco e o medo, assimilando flutuação e vertigem nessa abertura como infiltração à sensação de fardo e de pesar, de sombra e de sofrimento no “presente”.

8. Denomina-se por Plantão Iminente o campo de atuação desses Sherpas Compassivos, o campo para exercício de escavar as sombras do amor habitual. Sendo o Sherpa uma das figuras épicas que habitam aos pés do Himalaia, caracteriza-se por conduzir, junto ao seu próprio corpo que se empresta, tudo que o viajante julga necessário transportar em sua jornada pessoal rumo ao desconhecido. Efetivamente curvado para carregar esse peso que é do outro, suas costas equilibram um grande cesto de palha, enquanto sua testa/cabeça está envolta por uma fita/corda que, no apoio somado com a força das duas mãos, disputam o fardo-erguido contra o espaço reduzido no cesto, o atrito e a gravidade. A princípio, um Sherpa é “semelhante” na aparência dos trabalhadores, por exemplo, em regiões campesinas do Nepal – sobretudo no que diz respeito ao volume quase exorbitante de material ou de provisões que podem deslocar sozinhos. Talvez, uma importante diferença para os Sherpas, ao subir nas montanhas da eternidade em neve, diz respeito a deparar-se com variáveis e intempéries que, diretamente no solo, um trabalhador com horários regulares não seria exposto. Portanto, há riscos e desgastes bem maiores: além da altura e do ar rarefeito, há curvas ao lado de abismos que se ocultam, onde o frio, o vento e a névoa dificultam a clareza. Não é gratuito que a caminhada do Sherpa, como um componente assimilado no plano de expedição/experiência pelo próprio viajante, traga elementos de uma relação de bondade e amorosidade. Do lado de fora das janelas do avião, há deslizos e precipícios no Himalaia, há pontes que também sacodem com o peso do outro que lhe foi confiado, há paradas e o desconhecido no caminho que o outro estabelece para si. Via de regra, ao nível do mar, as relações querem se pretender duradouras (ou seguras) no tempo, projetando-se continuidade, em um pacto de retornos, de acompanhamento e de adaptações em sucessivas mudanças. O mover-se do Sherpa atesta outra qualidade de disponibilidade, como um tipo de suavidade que se mantém em plantão às necessidades instáveis do viajante. O vínculo de aconchego nômade do Sherpa opera em ciclos de tarefas, não exatamente em marcos formais de tempo. O Sherpa caminha irremediavelmente no “presente” avesso da jornada, imediatamente ao lado de um deslocamento que se constrói como presente e decorrente presença nos corpos dos viajantes. Os Sherpas exigem uma capacidade máxima para suportar e sustentar vínculos de amor em ciclos únicos, ciclos que podem estender-se por algumas horas, dias ou semanas – embora, ciclos, espirais, movimentos únicos. É preciso estar pronto para amar

nesses encontros radicalmente únicos, sem a expectativa de outro tempo, outra semana, outro retorno, outra lembrança, outra palavra, outro caminho, outra melhor intervenção. Amar de um modo que possa perder para sempre, talvez perder o amado para descobrir e repousar com os passos do amor. Amar apesar da partida, ou, mais precisamente, amar exatamente porque haverá uma partida ou mudança iminente. Amar por generosidade e bondade, fora da prisão, da norma e da ordem que se suspendem no mundo de gelo eterno. A força de um compromisso de amor, que se inscreve no corpo tal a rocha cravejada, é que permite um laço tão intenso, onde se está pronto para esse encontrar-se sobre o efeito de bondade-amorosa, onde talvez não haja dia seguinte, e um irá perder ao outro para sempre. Podemos suportar essa entrega compassiva para o benefício terceiro, esse amar sem qualquer devolutiva ou retorno, sem acompanhar o processo ulterior, sem a chance de avaliar os desdobramentos? Abrir e mover-se em um campo de sensibilidade e receptibilidade, de benevolência e amabilidade, onde apenas o eco dessa aspiração permanece compartilhado nas atitudes ao longo da jornada? Trata-se de uma forma de sintonia que estabelece outro pacto-no-tempo, o outro como medida de tempo. Não é um lugar de singularidades, de duração ou de imanências, não é de apoio no desenvolvimento de atitudes ou na transformação da personalidade, porém uma espacialidade de Plantão (e do) Iminente, de Karuna enquanto Presença-Potência.

## 2.D. Compaixão nos Sherpas

A partir da interpretação que seja adotada, Shambala é um domínio misterioso, ou mítico, ou ainda místico. É importante, de todo modo, enfatizar que os Sherpas habitam<sup>161</sup> uma das raras “paisagens” associadas à Shambala:

“(…) A promising candidate for Shambala is the mist-weather gorge of the Tsangpo-Brahmaputra River, where it wraps around the Namche Barwa massif at the eastern end of the Himalaya before wildly plunging onto the lower plains. The Buddhists know this as the prophetic land of Pemako, a place ‘strung with rainbows,’ where ‘fortunate ones attain enlightenment.’ (…) Other scriptural references to Shambala point to its existence in Sikkim; or as tributary valley tucked into the flanks of Mount Kanchendzonga; or in Nepal, among the upper watersheds of Helambu, which the Tibetans know as Yolmo; or in the Khumbu landscape inhabited by the Sherpa people; or, finally, in the upper Tang Valley of central Bhutan, where the revered Himalayan saint Padmasambhava lived and meditated. (…)”

---

<sup>161</sup> David Zurick. Illustrated Atlas of the Himalaya. The Univ. Press of Kentucky, 2006 (p. 145).

Nesse prisma, os Sherpas podem ser entendidos como “guardiões” ou referências do tal lugar “mágico”. Decorrente desse primeiro aspecto, e não tanto óbvio, os Sherpas atendem como “guias” locais – a informação não é evidente porquanto o fato de alguém ou um grupo residir/pertencer a dado local, não o(s) predispõe(s) com a simpatia de percorrer um espaço íntimo/familiar com desconhecidos ou estrangeiros. Não lhes faltam tendas ou trabalho: zeladores do silêncio ou pastores solitários que seguem os rebanhos, os Sherpas não estão à procura gratuita de “visitantes”.

Ainda mais notório é constatar que os Sherpas não são apenas “acompanhantes” desinteressados, mas aqueles que tomam para si o compromisso de auxiliá-lo por toda a jornada (seguir com o propósito de empenhar e compartilhar da sua jornada). Como definir esse tipo de deferência para um estranho, recém-chegado, compromisso sem referências ou vínculos prévios?

Tal qualidade de “pronta” acolhida, gentileza, receptividade, convivência e cumplicidade por quem chega são atributos que “oportunamente” também se vinculam ao imaginário de Shambala, com a motivação dos seus Guerreiros da Iluminação para beneficiar todos os seres.

Então, desse contexto de usos recentes para lugares ancestrais, a brasileira Maria Constança Villas-Bôas Bowen indica que o Sherpa “considera” que Shambala existe – mesmo que o visitante não a veja, ou Shambala não se revele facilmente... o Sherpa sabe, e por isso “confia”, que Shambala está “lá” e que pode ser alcançada – essa confiança radical origina-se na experiência direta e não abstrata.

Não se trata apenas de uma aposta (cega ou fundamentada) nas faculdades, capacidades, talentos e potenciais do viajante. Shambala não é uma prerrogativa que a história de vida ou a autonomia individual seleciona, assimila como uma propriedade, um estado de posse. Shambala também não parece um acontecimento dos afetos imanentes.

Como o próprio C. Rogers, ao expor sua Tendência Formativa, Maria Bowen deixou-nos o eco de sua prática e algumas linhas perdidas. De todo modo, aquela pesquisadora das relações humanas afirmou que o Sherpa conhece bem a sua região... e, por isso, é capaz de mover-se, inspirado nessa experiência com Shambala enquanto possibilidade! O Sherpa enxerga além das circunstâncias que o visitante “concebe”... E, não por acaso, sem muitas certezas e sem nunca ter visto, é ao Sherpa que o buscador sincero procura: não porque ele sabe “apontar” o caminho (não há trilha que conduza até os portões ocultos de

Shambala), mas porque o Sherpa sabe das possibilidades e condições de existência para uma jornada dessa natureza e proporção.

O Sherpa desconhece uma trilha que ainda não existe, porém reúne a disponibilidade para somar-se à jornada compartilhada pelo buscador de Shambala. O Sherpa não apenas vive e confia na experiência de Shambala, como percorre os terrenos possíveis onde o buscador desvenda a si mesmo a partir da sua jornada/peregrinação... O Sherpa não apenas imagina ou fantasia com Shambala, mas a experiência dele na caminhada supera o medo e o tempo desconhecidos: o Sherpa detém um aprendizado tácito desse lugar que, experiencialmente, ele mesmo perscruta em diferentes jornadas.

Além de solidária e dedicada, a compassiva e tenra motivação desse “pastor”<sup>162</sup> acompanha duas outras expressões notórias da generosidade que são transmitidas em narrativas do Himalaia: o “navegador” que cruza a tempestade com tripulação e passageiros, não antes ou depois dos mesmos; e o “cultivador” próspero que desenvolve os conhecimentos e as habilidades para o maior benefício dos semelhantes.

A própria caminhada do pastor é um trajeto que se refaz das jornadas anteriores. Ao empenhar-se nessa busca que é dos viajantes, o Sherpa reconhece em cada jornada a potência de incluir outro número de buscadores no tempo de áion, outra temporalidade constitutiva de Shambala.

Entre paisagens e peregrinações desconhecidas, sabem os pastores do não-tempo e do não-lugar, embora nunca à salvo no entrelaçar de címbalos, conchas, tigelas e sinos, que dessas oportunidades para o encontro, nem de paz fortuita ou descanso inventado, a errância fresca e descampada é a melodia de todos os seres.

Assim como há ensinamentos secretos (protegidos daqueles que ainda não reúnem elementos para compreendê-los), há conhecimentos secretos que apenas Sherpas poderiam manifestar, na ocasião adequada por usos tantas vezes solicitadas. De um trekking como aventura ou a condução para um monastério remoto, o Sherpa caminha entre montanhas de paz e de gelo, mas está preparado com habilidades para contemplar desde a beleza do céu, passar ao lado dos muitos cadáveres congelados no Himalaia ou oferecer ajuda na experiência de quase-morte dos montanhistas.

Esportes “radicais”, no Himalaia, exigem conhecimentos de sobrevivência bem particulares - ou não? Descolar da segurança ao

---

<sup>162</sup> Adaptação livre para os ensinamentos de Gyalwang Drukpa - "Iluminação Diária"; SP: Cultrix, 2013 (pp. 97-98).

chão pode ser uma decisão sem retorno. Para carregar o necessário de uma “expedição” desse porte, dois Sherpas podem custar<sup>163</sup> US\$ 10mil (sem contar as passagens, equipamentos e permissões de subida) – com o bônus para seguir acima dos 8 mil metros, ou resgatar quem “ficou” para trás.

Quanto mais alto nesse lugar inóspito e de difícil sobrevivência, com rotas difíceis mesmo em condição de “bom tempo” e cadáveres insepultos no caminho, viajantes irão deparar-se com tempestades, avalanches, deslizamentos e fendas traiçoeiras. A escalada é abstrusa, com temperatura e ventos extremos, com os riscos de falta de oxigênio, de insuficiência cardíaca, de desidratação, de edema cerebral ou pulmonar, de alucinações, além do frio ou queimaduras ou ferimentos/ossos quebrados. Aqui, o rival não é somente a angústia.

O Sherpa não é propriamente um “guia” com quem se passeia no jardim ou no bosque das maravilhas. Talvez, o Sherpa frustrate expectativas idílicas ou oníricas. Assim como numa jornada pessoal até Shambala, Chenrezig, o Buda da Compaixão, habita sua Mandala da Compaixão Incomensurável. Também nessa jornada, há caminhos para iniciar o viajante naquela paisagem evocativa da Compaixão.

Não há encantamentos que afastem o buscador de alcançar Shambala, mas talvez seja necessário um Sherpa com quem se percorra a sutileza do caminho. Não há propriamente onde chegar, uma vez que a natureza de Chenrezig é dita como “inseparável” da mente de todos os seres, mas o Sherpa percorre as “diferentes” jornadas que os buscadores julgam necessárias realizar com as suas próprias experiências. Chogyal Namkhai Norbu acrescenta: “Realization is not knowledge about the universe, but the living experience of the nature of the universe.”

Chenrezig é assim referido como um aspecto indissociável do buscador, conforme uma das quatro perspectivas/panoramas de treinamento para a mente no Budismo – quais sejam: (1) com o suporte da disciplina correta; (2) com o suporte do benefício aos seres; com o suporte das bênçãos de mantras e tântras; (3) com a visão direta da consciência.

Compaixão é também descrita como uma qualidade que interrompe o fluxo e o ônus/custo das ilusões (percepções equivocadas do eu): pelo reconhecimento que se impõe na desilusão, ou na constatação do caráter delusivo da própria experiência, não há como fugir da condição de precariedade, desconforto e frustração com nossas próprias experiências.

---

<sup>163</sup> Ver: <http://www.mundogump.com.br/cemiterio-everest/http://www.mundogump.com.br/cemiterio-everest/>

Essa relação de abertura diante da insatisfação (dukkha) que caracteriza os objetos do eu e sua percepção é a base mesma da compaixão:

“Somos todos viciados em esperança. Esperança [ilusão] de que a dúvida e o mistério irão desaparecer. Esse vício [de esperança] tem um efeito doloroso na sociedade. Uma sociedade baseada em um monte de pessoas viciadas em conseguir terra firme para pisar [ilusão] não é um lugar muito compassivo.” (Pema Chodron)

Ainda de acordo com aquela quarta perspectiva no treinamento e condução da jornada: “To speak of having a spirit of awakening greater than the vision of great, all-seeing primordial consciousness would be like already having water, then saying you must seek liquid elsewhere.”

Calibrando ferramentas e esforços de viagem mediante os recursos e disponibilidades do buscador, o encontro de pré-disposições constitui os elementos de cada jornada. Alan Wallace<sup>164</sup>, em seus workshops de prática Budista, melhor distingue aqueles enfoques nos seguintes termos:

THE MIND-TRAINING APPROACH OF...	GOAL OF TRANSFORMING ALL EXPERIENCES...
...Śrāvākayāna Vision	...into deepening renunciation and into insight into the three marks of existence.
...Mahāyāna Vision	... into Bodhicitta and applications of the Six Perfections.
...Vajrayāna Vision	... into pure vision and divine pride.
...Dzogchen Vision	... by viewing them as displays of primordial consciousness.

Há, finalmente, uma problemática a ser comentada na relação dos Sherpas. Quando Maria Bowen equipara esse aspecto da produção mesma ou o processo de invenção da jornada para o Himalaia como uma metáfora do “tornar-se a si mesmo”, parece equalizar em tal patamar os desafios implicados no ato “místico” de alcançar Shambala com o ato desconhecido que se realiza no escalar, ou de tatear a si mesmo no construir da sua própria jornada.

Quero sublinhar, de modo particular, essa qualidade dos “atos” e seus conteúdos que se desdobram ou correlacionam (atualizam), a ênfase, portanto, nessa trilha de Bowen que investiga o “caminho” a partir do rastro ou vestígio dos atos e não das potências que originam. Shambala, nessa aproximação equivalente à transitoriedade da pessoalidade e da

<sup>164</sup> Disponível em: [http://omafrey.com/Omafrey/The\\_4.html](http://omafrey.com/Omafrey/The_4.html)

vida boa, tornou-se, no quanto das vezes, uma mudança das formas no céu ao sabor das estações e dos sentimentos evocados nos viajantes.

Evidentemente, no céu contemplado por cada pessoa, há condições, mudanças e há relações mais ou menos significativas para o investimento emocional. Essa é a dimensão dos atos que são elaborados, fabricados, aprimorados e até maturados – “The enlightened mind itself is ‘uncompounded.’ In other words, it is not created due to causes and conditions.” (Dzigar Kongtrul Rinpoche, na conta do autor no facebook, 01.02.14). No céu aberto de Shambala, os fenômenos surgem e cessam vazios de existência condicionada: não há um histórico fixo ou circunstancial que justifique a preferida ou a preterida, naquele recorte do que apenas se apresenta, passa e passa e passa, com suas condições reveladas e dissolvidas.

Budistas não se dirigem a uma perspectiva de existência (eternalismo) ou aquela do seu oposto, qual seja a da não existência (nihilismo) – fala-se, ao contrário, “do vazio de existência inerente”, o avesso, por assim dizer, daquela existência condiciona e, segundo o qual,

“(…) activities, relationships, and functions occur even though phenomena are empty of inherent existence (….) While phenomena are empty of inherent nature, they do exist in a dependently related fashion (….) Although things are empty, their relative functions are still valid (….) please abandon the notion that since all phenomena are empty, there are no consequences of well-being from virtuous deeds and no consequences of suffering from nonvirtuous deeds” (Gen Lamrimpa, pp. 21-22 e 119)

Ainda, em “Realizing Emptiness”, Gen Lamrimpa menciona como “motivação extraordinária” uma liberdade dessa elaboração conceitual/perceptual, uma liberação do surgimento e da cessação de todos os fenômenos que se caracterizam como desprovidos de natureza inerente. Desobstruído e não obscurecido, surge a metáfora de um “céu claro”, espaço aberto e radiante onde:

“(…) one can attain full awakening, the enlightenment of a buddha, which then provides the full capacity for utterly relieving the suffering of others and bringing them to a lasting state of well-being (….) one can gain a nonconceptual realization of emptiness, one can totally eliminate not only all mental afflictions, but also the impressions upon the mind from such afflictions.” (pp. 17 e 19)

Os comentários de Lama Thubten Yeshe (“Universal Love”) são mais uma vez oportunos para localizar a dimensão da Prática Budista:

“(…) we don’t ‘become pure’ with religious training (….) we’re naturally pure, not artificial (….) when we practice Buddhism it’s not as if we’re trying to acquire something that we don’t already have.” (pp. 70, 76)

Esse é um modo bastante peculiar de “manejar” as experiências, de apropriar-se ou torná-las próprias, para iluminar a nós mesmos, com os demais e o nosso próprio tempo. Não se trata de produzir uma doutrina ou conceitos intelectuais, ou de inventar algo que traga sensações melhores e otimistas.

Ao contrário, se busca remover os obscurecimentos (avaranas) e obstáculos que impedem a clareza no despertar pleno: em vez de experienciar um sentido e/ou atualizar a experiência, “go back to awareness of experience” (p. 75). Reconhecer o espaço não-dual e repousar nessa condição primordial (jnana), para desabrochar e florescer uma qualidade que já-é de base:

“(...) how our ego concepts imagine our self (...) how it holds its preconceived imagination (...) your ego thinks that the self must be in there somewhere (...) all phenomena have no self-entity; they are non-self in nature” (p. 71-72)

Um Tornar-se não como espaço de reserva de memórias e depósito contínuo de afetos retidos. Não como bloqueio e interceptação, como insegurança, ameaça, medo, angústia filtradas por subcepção, mas abertura, confiança, impermanência e interdependência às condições que surgem, de modo a ultrapassá-las como liberdade frente todos os condicionamentos. Um Tornar-se que se reconhece vazio de auto-existência, e por isso seu campo de ação é ilimitado e jamais aleatório.

Foi apenas em 2013, ainda nos meses iniciais do ano, quando Ani Zamba Chözom saiu do seu último retiro fechado de um ano (2012/13), que pela primeira vez, vagamente e não sem espanto, os mesmos ensinamentos foram “ouvidos” de outro modo: se os “fenômenos” são apenas displays da mente, pensamentos ruins são também clara luz, mestre, compaixão, renascimentos e iluminação, o universo mental inteiro, “there’s no self-existent continuity of consciousness”. Respire. Respire. Respire.

Zamba ou Jampa é o nome, em Tibetano, para Maitri (por ex, Maitreya), originalmente em Sânscrito, que demarca a aspiração que todos os seres encontrem as causas e condições que lhes permitam expressar um contentamento intrínseco ou do tipo não sujeito às flutuações externas (“sukha”, ou felicidade, contentamento, em oposição à “dukkha”, ou insatisfação, aflição).

Como se tratam de atitudes que emanam, irradiadas da natureza pristínica ou primeva onde se manifesta a “mente” (a natureza de base não é o seu efeito posterior, a mente), são também referidas como qualidades incondicionadas ou incomensuráveis, ou qualidades de responsividade às necessidades dos incontáveis seres aprisionadas no véu da aparência da substancialidade (mais do que crença, cognição)

que se pretende dissociada da máquina psicofísica onde surge a percepção de realidade autônoma, nessa dimensão da mente e suas elaborações.

A máquina também não existe como realidade própria que habita um corpo – portanto, nem a máquina abstrata, nem a máquina biológica, tal como as interpretamos nesse momento enquanto realidades autônomas, possíveis somente conforme nossos pressupostos. Reconhecendo tal confinamento dos seres nos limites de suas percepções, a força dessa aspiração empresta-se como um espelho imaculado das qualidades jamais conspurcadas dessa luminosidade e abertura originárias, que não estando obstruídas por um eu-meu-mim, também não impõe julgamentos sobre a quem é conferida a potencialidade de refletir toda a luminosidade – como o sol que apenas desprende suas qualidades para realçar o brilho de tudo sem distinções.

Essa noção de Jampa não é o que nossa tradição filosófica chamou de “amor”, embora, na frente de um Bodhisattva ou de um lama (mestre) realizado nesse voto de gerar benefícios até que o último dos seres encontre abrigo na gentileza e suavidade, sente-se uma atmosfera física (densificada) de amor, doçura, compaixão, ternura e destemor. É um amor sem autoria, sem autoridade, sem finalidades.

Talvez, outro modo para descrever essa atitude é o de uma coragem para inundarmos a nós mesmos pelo que somos além do que somente nos imaginamos capazes de alcançar, associada ao desapego que não precisa modificar a segurança das verdades que retemos, uma vez que a nossa identidade inexistente apartada das nossas fantasias e projeções – mas, tão somente, constatá-la, no seu melhor, como uma ficção móvel de expectativas, e no pior habitual, um fantasma sem poder próprio.

Há como chamar esse lugar incomensurável de Maitri, dessa bondade-amorosa, como um sinônimo do “amor” na tradição dos gregos-romanos-latinos? Ou Karuna, a compaixão irada de Cherenzi, como equivalente ao projeto de mundo, mística e transcendência segundo o prisma da individualidade no Ocidente Europeu?

Os yoguis Budistas não tomariam como princípio de realidade que o acúmulo de interpretações sobre os eventos culturais passados impõem um senso de identidade fixado no tempo, capaz de capturar e orientar a vida presente daquele que se narra. Também para os Budistas, sua própria filosofia experiencial não é um patrimônio imutável, um tesouro de realidade a ser protegido e defendido – apenas um artifício habilidoso para ultrapassar as impressões condicionadas pela mente.

Chözom/Choezom, o segundo termo para aquele nome composto, refere-se a “Chos” (choe) que correspondente ao vocábulo “Dharma”, ou o foco no Fenômeno, em Tibetano. “Dzyon”, “Dzon”, “Zon”, no Tibetano arcaico, implica dirigir, conduzir, encontrar, congregar... Nessa experiência compartilhada de mundo, atravessada por desconforto, insatisfação, frustração, insuficiência e sofrimento, não é de pouco monte deparar-se com um propósito de vida que tomou para si, há mais de quarenta anos, incluindo mais de uma década no Brasil, o compromisso de contribuir para a expressão dessa felicidade contingencial e duradoura em todos os seres.

Nas suas palavras, esclarece a monja budista:

“(...) Vocês podem saber ou não que Zamba, às vezes falado **Jampa**, ou até **Champa**, é a palavra tibetana para Maitreya, que é o meu primeiro nome. Também significa “puro amor e compaixão”. **Cho** significa “Dharma” ou “Verdade”, e **Zom** significa a “fonte de onde tudo surge” – então, se você colocar junto: “Puro Amor e Compaixão são as fontes verdadeiras de onde tudo surge”. Ou talvez, “A Verdade que são o Amor e a Compaixão Puros é a fonte de onde tudo surge. (...)”

Assim, desde a sua ordenação, em 1971, o nome Zamba Chözom evoca essa bondade-amorosa que transporta à investigação mesma dos fenômenos que julgamos realidade. Em Coreano, seu nome é “Seongwol Sunim” (ordenação em 1982) que significa “Lua Compassiva”, enquanto que, também na tradição Chinesa (ordenação em 1997), o nome que lhe foi conferido é “Hong Reu”, significando “Sol Magnificante”. Sol, Lua, Amor são atributos de luminescência que a experiência revela no corpo dessa vida humana.

Na mesma ocasião, assim como em oportunidades anteriores, os participantes dos ensinamentos foram consultados, a respeito da lista com as suas cinco primeiras ocupações ou prioridades de vida: “quem estabeleceu a liberação ou a iluminação para benefício de todos os seres?” Respire...

Quando Bowen pretendeu convergir que, de um lado, o insight e a mudança da personalidade em psicoterapia assemelham-se, de outro lado, à percepção de mudança no despertar para a consciência primordial nas práticas espirituais, quiçá se tratou de uma aproximação equivocada, ou sua proposta de terapêia (do ofício sagrado, para os gregos) foi bastante “ousada”!

Um marco dessa arcana/arcaica/ancestral terapêia, particularmente quando informada nas longas fases de transformação da alma, vividas por ocasião das antigas jornadas da psiqué, é a rendição para o que não se foge, de onde não se volta por si mesmo: Psiqué ingressa e conclui suas jornadas sagradas a partir de Éros (do amor, da força que aproxima e

compõe os fenômenos), efetivamente é roubada e despojada de si, enfrenta toda sorte de riscos até chegar no inferno, para morrer.

Se o estado de potencial infinito para crescimento e superação de si puder contemplar tamanho esforço de transmutação que a morte propicia aos obstáculos dos vivos, com esforços que assentam o funcionamento regular das escolhas e das percepções em outro plano de relações constitutivas (formativas) mais largas, “talvez” a psicoterapia de Maria Bowen não busque “apenas” uma vida melhor, em termos de experiências mais amplas (abertura e intuição), ou apenas uma vida mais significativa com sentidos compartilhados e “congruentes”.

A partir de experiências de sabedoria orgânica (sabedoria com o funcionamento aberto para relações e potenciais), de confiança nas serendipidades e de não-direção no processo formativo (pela personalidade do terapeuta, pela personalidade do próprio cliente), o Sherpa contribui nessa inscrição de um salto ou dúvida formativa que o outro carrega: caminha ao lado como suporte, proporciona diferentes contextos de assimilação, elaboração e invenção.

Todavia, talvez não haja retorno para aquele mundo onde se vivia, para o tipo de vivência ali estabelecida e que girou completamente. Ngawang Zangpo<sup>165</sup> elucida:

“Nothing is easier than to bring others down to our level, particularly in cultures where it is taken as a sign of keen intelligence to view every person and situation as a challenge to ‘name the ten things wrong with this picture.’ The presence of Guru Rinpoche in so many forms in our world makes us question life in a way pre-1959 persons rarely had to. Life isn’t the same after meeting the Dalai Lama or Khyentse Rinpoche and others. We can’t erase them from our minds, as inconvenient as these open doors to enlightenment might be. We had others plans; we didn’t ask to see so vividly another totally different horizon. The question, How can I integrate this into my daily life? doesn’t plumb the depth of this inquiry. (...) I think the best answer is, You can’t; don’t even try. (...) If you won a 10,000,000 dollar jackpot, if a dear friend dies, or if you fall deeply in love, do you ask, How can I integrate this into my daily life? Some events change us, are earth-shattering, and are not meant to be integrated into what can sometimes feel like a rat race existence.”

Acompanhando somente os “ganhos” previstos nas intervenções de atualização para a organicidade, terapêia e figurinos da morte não estariam entre as personagens obrigatórias de uma reencenação mítica – no máximo, somente tangencialmente confrontados, na medida de cada narrativa. Antes de concordar ou não com Bowen, há pormenores, a mim, pelo menos, suficientemente instigantes.

---

<sup>165</sup> “Guru Rinpoche: his life and times” (Snow Lions Publications).

Logo de início, segundo minha ordem pessoal de relevância, ou a partir da minha dificuldade no tratamento, há que se considerar o efeito desse encontro e o que se desencadeia, entre quem viaja e sua jornada com Himalaia, onde passa a transitar com uma constelação de fatores que supera qualquer fronteira de individualidade, seu manejo e controle, por todos os aspectos.

Não é preciso conduzir a nenhum risco, se não se empenhar para superá-los recorrentemente. Não é preciso, por exemplo, repetir os fatores críticos e/ou de riscos implicados (alguns anteriormente reportados, outros desnecessários, face o surreal do tema) no aporte, na abordagem, na chegada, desde os pés até o cume do Himalaia.

A sensação que conduz aquele deparado com o Himalaia não me parece a exata sensação do buscador que chega até a porta de um simpático contexto clínico e/ou terapêutico. A razão, embora complexa no alcance dos seus efeitos, soa-me relativamente simples para uma exposição inicial: há uma decisão contundente diante do Himalaia, uma decisão inviolável, incontornável e irrevogável, para ambos os eventuais envolvidos – buscador e Sherpa.

Essa decisão ou insight para chegar a “ver” é o mais crucial, um ver com a possibilidade de não-retornar como elemento da busca. É a decisão, em outra esfera, que permite alguém fechar a passagem (de entrada/saída) para iniciar um retiro fechado e solitário, em diferentes cavernas sagradas para os Budistas, por três, sete, doze anos ininterruptos.

Ademais, também lembra algo na sensação do “astronauta” e do foguete, ou melhor, quando esse navegador das estrelas, pela sua janela sideral, enxerga um cometa passar..., e, não exatamente, a mesma do Comandante de vôos civis, na medida em que os “procedimentos de segurança” deste não representam uma garantia consistente de continuidade para aquele (o que são medidas seguranças durante experiências intencionalmente radicais?), face até mesmo elementos que não constam nos “radares”.

De certa maneira, é também um tipo de alegoria hematopoética, não exatamente aquela da perícia técnica em farmacologia com seus protocolos padronizados, que é capaz de administrar a quimioterapia conforme um parâmetro convencional, mas do alquimista ancestral que considera a morte como também uma “direção” intuitiva, ou uma relação de forças no corpo do paciente.

Alguém reconhecedor, por exemplo, que há uma porção do corpo sendo tragada/consumida por uma expansão celular devastadora e com plena sede de eternidade, volume de replicação infinita à

margem das funções e dos tempos em cada órgão, que converte a expectativa de apropriada dissolução em multiplicação facilmente corrosiva de todo o espaço vital; do outro lado, há o poder igualmente devastador do fogo, e sua potência latente de morte para corroer, descascar, queimar e ressecar o corpo, apostando que um funcionamento colonizador seja dragado nessa intensidade de morrer que invariavelmente também destrói as células outrora funcionais.

Tal suposto alquimista opera e manipula com tais energias da morte, capazes de sugar e consumir. A experiência sugere uma dosagem, mas as reações entre carne e espírito são desconhecidas. O volume da morte naquele corpo que estava morrendo torna-se uma bifurcação inesperada na trajetória da vida.

Quem adentra o espaço do Himalaia está considerando, necessariamente, ter que atravessar o véu tangível da morte. Retornar de algo, como quem adentra um círculo de fogo, para ressurgir transmutado. Não menos importante nessa composição do quadro, é a posição única do Sherpa: qual é o preço de vida para novamente suportar não-voltar? O que acontece para tentar apenas outra vez, e voltar novamente, nessa travessia onde nunca houve segurança, onde quase todos morrem?

Poderia imaginar que, talvez por uma vez, por um risco ou por um triz, o Sherpa lança-se ao "perigo" na motivação de capturar "riquezas" (algo do mergulhador no fundo exótico do mar?). E todas as vezes seguintes, persiste atribuindo aos valores monetários uma posição de importância maior que seu corpo diretamente marcado no gelo e nas tempestades, acumulando o frio sucessivo da morte e das suas rondas?

O insight preciso que inaugura o anseio da jornada, o passo inicial em direção ao Himalaia, é do viajante. O Himalaia e o Sherpa não são ilhas à margem, posto que são parte desse mundo percebido – embora também estejam em um desses domínios onde se é capaz de fazer-retirar outros: lugar de aparências imóveis, que camuflam os deslocamentos intempestivos; lugar de renascimentos, uma vez que há como ser plenamente vencido; essa força que é capaz de transmutar o curso do viajante, ou afastar o viajante do curso; essa é a força de intensa colisão e de localização não-identificada, não é verdade?

Assim, posso entender que a busca por Shambala, que pressupõem adentrar aspectos do Himalaia e abandonar as "regras tropicais", pode ser traduzida como um "tornar-se a si mesmo" se, neste último processo, a morte for um elemento de passagem, de eventual retenção e, talvez, de obstrução definitiva (entropia?).

Um modo tal para “sair de perto”, abandonar a sensação de lugar reconhecido e viciado por segurança, e lançar-se na condição de “busca-dor”: do que está longe, não da busca que já está encarnada perante o tempo, ou já alcançável (embora não efetivada) no sopro da mudança, do progresso e do crescimento; do que se aprendeu a esconder do óbvio, do que está distante como invisível, posto que se mantém contemporâneo e fugitivo dos tempos velhos e precários. Potências da jornada.

A morte não apenas como um fato casual, ou como um momento de sintonia ou de coincidência. A morte não privatizada no signo. Se não puder “sentir” voluntariamente, há que “ver” a morte diretamente no Himalaia – se não em si mesmo, certamente nos vários cadáveres ladeados. É, assim, uma condição de transformação muito intensa, a medida que se propõe assimilar a fragilidade da morte e a preciosidade da vida.

Poderia ser descrito como uma condição que favorece desapego e desprendimento, uma condição que não é exatamente o tempo-de-alguém (onde não cabe um qualquer), nem o tempo-de-ninguém (que não cabe um específico).

Morrer, aqui, implica se deparar com elementos infinitamente maiores que a resolutibilidade ou capacidade de gerenciamento da autonomia pessoal, quer mesmo para evadir ou suprimir a relação ameaçadora. Por exemplo, no Himalaia, doses severas ou prolongadas de exposição à finitude promovem desorganização nos acordes e compassos, nas escalas e nos ritmos do tempo, certo? É necessariamente um estado “transcendental”, esse que não pretende negar, deformar, suprimir ou encantar a realidade da morte? Ou é apenas vida e vicissitudes?

Desses lugares-limítrofes, que destroem a linearidade da vida... em lugares mais elevados, onde se enxerga mais largo; curiosamente, é no Topo da Montanha, onde já não há o que temer – Martin Luther King explica, em abril de 1968 e seu último discurso:

“(...) Well, I don't know what will happen now. We've got some difficult days ahead. But it doesn't matter with me now. Because I've been to the mountaintop. And I don't mind. Like anybody, I would like to live a long life. Longevity has its place. But I'm not concerned about that now. I just want to do God's will. And He's allowed me to go up to the mountain. And I've looked over. And I've seen the promised land. I may not get there with you. But I want you to know tonight, that we, as a people will get to the promised land. And I'm happy, tonight. I'm not worried about anything. I'm not fearing any man. Mine eyes have seen the glory of the coming of the Lord. (...)”.

Nesse prisma, o Himalaia é uma aposta formativa, uma imersão mediada nessa rede de conexões que não seguem propósito humano

qualquer. Não se trata de acolher a direção emanada dos conteúdos daquele que busca, mas de padecer outras direções que diretamente influenciam o modo de existir e sobreviver, ou de extinguir conteúdos.

Diferentemente dos monastérios com suas portas abertas, o Himalaia não tem um acesso de entrada ou de saída que, eventualmente, se revele interdito. Quando vai começar, e como saber que foi embora? Todavia, é possível nunca adentrar, ou jamais retornar. Sempre há ocasião e oportunidade para essa solidão, com maior suporte ou menor dificuldade.

Muitos cruzam o imaginário do seu território, poucos voltaram do seu cume. O pico do Himalaia não é ponto final, ou um destino comum para todos os viajantes, assim como o não enfrentar do seu ápice também não "atesta" um retorno pacífico.

Há lugares onde o alto pode incluir estranhamente deslizar para baixo, onde o cume é, na verdade, também abismo, onde o claro da neve é, inseparavelmente, o escuro eterno, onde luz e sombra, talvez, seja apenas uma mesma coisa.

Thomas Merton, em seu "Diário da Ásia" (19 Novembro), adiciona:

"Tive um curioso sonho com Kanchenjunga na noite passada. Eu olhava a montanha puramente branca, absolutamente branca, principalmente nos picos do lado oeste. Vi a pura beleza dos contornos e das formas, tudo branco. E ouvi uma voz que dizia (ou tive a clara ideia de ouvir): 'Há um outro lado na montanha'. Compreendi que ela tinha sido virada e tudo estava desenhado de modo diferente: eu estava olhando do lado do Tibete (...). Em Kanchenjunga, como em qualquer montanha, existe sempre o outro lado: o lado que nunca foi fotografado e transformado em cartão postal. É o único que vale a pena ver (...).

Ó Mãe Tântrica Montanha! Palácio de yin-yang, oposto da unidade! Palácio de anicca, impermanência e paciência, solidez e não ser, existência e sabedoria. Grande acordo do ser e do não ser; convenção que não ilude a quem não quer ser iludido. A total beleza da montanha só aparece quando se concorda com o 'paradoxo impossível': ela é e não é. Quando nada mais é preciso dizer, a fumaça das ideias se desvanece e a montanha é VISTA".

A decisão do Himalaia, que muito antecede Shambala, é a de atravessar uma longa noite de dúvidas, é de atravessar essa morte que não se esgota. Não fugir ou esquecer, mas atravessar! É necessariamente, diante do alquimista, aceitar percorrer a infusão/ilusão da morte como limite da jornada.

Não é uma jornada da morte, embora, se o Sherpa estiver com receio de envolver-se com o sofrimento, seja da ordem física, material, existencial/relacional, emocional e espiritual, porque ousar, porque de

fato começar? Alhures, dentro do Himalaia, há Shambala; e Shambala certamente não é convite da morte.

Diante de si mesmo, o suportar não voltar é também um requisito para, diante do outro, ser capaz de suportar quem/aquele que não volta. Aqui reside uma cifra profundamente amorosa. E como a jornada é do outro, desejar que ele/ela ultrapasse todos os obstáculos. Subir, considerando ficar para trás ao longo do caminho, perder-se ou não reencontrar. E subir, em conjunto. E continuamente, subir e descer, jamais ofuscado em qualquer expressão de grandeza, até que todos que buscam possam realizar as suas próprias jornadas.

Lembra Dzongsar Khyentse Rinpoche (na conta do autor no facebook, 31.12.13):

“(...) By the power of all this merit and virtue, May I not attain enlightenment  
Until every other sentient being has reached enlightenment before me.  
By the power of the merit of not wanting enlightenment ahead of all other  
suffering beings, May I not become enlightened  
Until everyone else has reached enlightenment before me.”

Essa travessia no abismo não é diferente da compaixão: de um adentrar que continuamente aspira e exercita todos os meios para contribuir no retorno das sombras; não uma jornada dirigida às trevas, mas um firme mergulho de cumplicidade ao lado daquele que iniciou a própria caminhada visando desprender-se das raízes de morte e de medo. Mergulho no estranho, no avesso... que continua reverberando, escutado e pronunciado, entre o passado e o futuro...

O Sherpa não se dirige para uma projeção fantasiosa, uma vez que a menor “distração” pode eventualmente lhe custar aquela viagem ou o futuro de quaisquer outras jornadas. Não há outro lugar para agarrar, e não há como escapar de uma caminhada aberta, por inventar e do outro.

Ao mover-se entre altos e baixos, cumes e abismos, o Sherpa interfere no elemento espaço que constitui dada sensação-retida de um presente e vivida na percepção do buscador; seu compromisso de produzir um “mover contemporâneo” não incide diretamente no elemento tempo, embora reconfigure a relação tempo-espaço com seus efeitos práticos, em termos de um esteio “presente” a ser vivido.

Qualquer mediação do Sherpa, nessa experiência conjunta, não se dá por acúmulo de sentidos, por gradual assimilação de personalidade – ao contrário, é o incerto e inesperado que comparece radicalmente ao momento travado. É uma atitude de atenção para a sensação de presente absorvida ou assimilada – sentir um presente que se infiltra, não

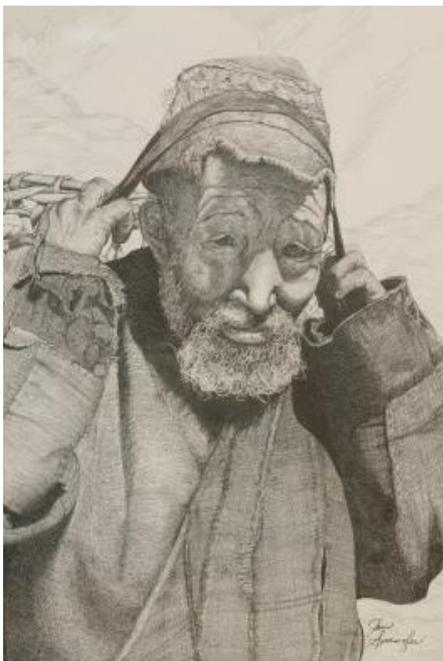
para identificar-se ao seu modo de surgimento, mas oportunamente escavar o seu tempo-espaço de manifestação.

Dessa jornada formativa, o laço do Sherpa é um eco compassivo, do seu próprio corpo respeitando o Himalaia e buscando Shambala na jornada que se inventa sob os pés do viajante. Mais do que os atos próprios de um ou de outro percurso, interessa-me essa potência de acompanhar o Himalaia a partir da sensibilidade do outro.

Phakchok Rinpoche (conta do autor no facebook, 05/01/13) adverte:

"If you do not clearly see your own problems, and know what suffering you have, then how can you have compassion for others? How can you wish others to be free from suffering that you do not even recognize clearly yourself? First you need to see your own problems. If you come to understand your own problems and gain some freedom from them, naturally compassion towards others will arise. This is the key to compassion."

Uma potência que enxerga o rompimento, a mudança, o abandono, a morte, e, por isso mesmo, nesse salto formativo, decide que o outro não precisa enfrentar, sozinho, em tamanho sofrimento – essa é uma pista formativa. E uma vez engajado, continuamente exposto a todos os restos de sonhos, de decisões, de tentativas humanas que ficaram ao longo do caminho, o que fazer delas todas, se não ampliar contínua e infinitamente os recursos dos seres para que possam encontrar em suas necessidades particulares?



(Figura 2. Pintura de um Sherpa, em "[http://janspanglerfineart.com/?page\\_id=22](http://janspanglerfineart.com/?page_id=22)")

Em Maria Bowen, a condução experiencial do Sherpa é bem particular: funciona como um parceiro do viajante, que inicialmente toma para si os vários excedentes (tidas como provisões, suprimentos?) que liberam o espaço interno e o desempenho para a jornada do outro. O Sherpa não corresponde ao entregador de pizza siciliana que reconforta de pequenos luxos a morada hostil do viajante.

Nesse sentido, a figura do Sherpa é um tipo de exteriorização da própria introspecção do buscador: alguém que aprende a deslocar-se com as aspirações que movem o viajante, assegurando-se com uma sólida atitude *mindfull* (atento, vigilante) de preservar o maior espaço de liberdade interna onde o buscador realiza suas travessias.

O cesto do Sherpa (como o “cesto de vazio” onde Milarepa narrou resguardar o si mesmo), portanto, oferece as condições para um tempo de casa vazia ou mais desocupada, mais leve e mais clara, ao longo dos empecilhos no Himalaia. O Sherpa oferece a possibilidade de trânsitos com menos impedimentos e obstáculos internos, como um tipo de cumplicidade que se acopla à sabedoria total (potencial, recursos/esforços e relações em pleno funcionamento) do próprio viajante.

Embora submetido ao inesperado do Himalaia, o costume do viajante é o de manter, reter, deter objetos e percepções, de um modo não diferente que também se transpõe (por hábito) ao contexto de extremos no curso dessa jornada incomum. O Sherpa protege, ao seu melhor, desse flerte ao imobilismo e efetiva petrificação (congelamento de atitudes etc), como efeito de um costume alheio que sempre busca guardar permanências, estabilidades e expectativas.

O Sherpa não é exatamente um vigilante ou um protetor, posto que não há o que ser perdido ou roubado em uma morada que se mantenha (ou pretenda manter-se) vazia. Tomando emprestada a definição de Fábio Hebert da Silva<sup>166</sup>, em sua dissertação de mestrado (defendida em 2008, na Psicologia/UFF), trata-se do “cultivo de uma ação não-centrada” pelo Sherpa.

O Sherpa transita entre as três portas, também mencionadas por Thomas Merton<sup>167</sup>:

“(...) 1) The door of emptiness. Of no-where. Of no place for a self, which cannot be entered by a self. And therefore is of no use to someone who is going somewhere. Is it a door at all? The door of no-door.  
2) The door without sign, without indicator, without information. Not particularized. (...) No signs saying ‘Exit’. No use looking for indications. Any

---

<sup>166</sup> Ver: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp065209.pdf>

<sup>167</sup> The Asian Journal of Thomas Merton (p. 154)

door with a sign on it, any door that proclaims itself to be a door, is not the door. But do not look for a sign saying 'Not-door.' Or even 'No Exit'.

3) The door without wish. The undesired. The unplanned door. The door never expecter. Never wanted. Not desirable as door.

Not a joke, not a trap door. Not select. Not exclusive. Not for a few. Not for many. Not for. Door without aim. Door without end.

Does not respond to a key - so do not imagine you have a key. Do not have your hopes on possession of the key."

Todavia, apesar dos esforços empregados numa circunstância de trânsito, de passagem, de travessia; de inesperado, de incerteza, de insegurança... a motivação de conservar a qualidade originalmente vazia, esse espaço de abrigo interno e criatividade, revela-se uma atividade difícil para a força daquela "rotina" em prender-se, fixar-se, agarrar-se, apegar-se a diferentes sensações.

Da mais sombria prisão, a escuridão do sofrimento que acomete os seres atribulados entre seus fantasmas e ilusões... Dessa orientação fanática por objetos e sensações externas como raízes hipotéticas de felicidade, quais são as capacidades acumuladas e qual é o limite máximo da mente do Sherpa, qual é o nível de confiança para ofertar essas qualidades das quais são capazes?

Que se desprendam os blocos de gelo, que se deixe cair a geleira do que se espera e teme da vida, em favor de uma experiência para familiarizar-se com o espaço vazio e abundante da própria morada... Uma cena do Sherpa com olhos do próprio espaço, feitos portas e janelas completamente abertas, nessa experiência de repouso que acompanha o surgimento e o desaparecimento de estímulos outrora congelados.

Não é inventar, acrescentar ou facilitar qualquer movimento, é apenas não se agarrar ao véu do que somente passa – uma aquisição, embora comentada de outras formas, imediata e possível tão somente à primeira pessoa. Joan Halifax (conta da autora no facebook, 29.12.13), citando Robert Roeser:

"In cultural psychology we note that 'you can't be 'a self' by yourself.' Maybe in contemplative psychology this becomes 'you can't be 'no self' by oneself.'"

A qualidade desse espaço interno não ocupado, com maior possibilidade de arranjos e flexibilidades, de reconhecer-se mais relaxado e mais intuitivo, pode ser decisiva para o retorno ou não em um caminho com Yátis e gelo desértico. Ser capaz de modificar esse repertório relacional, no convívio intenso com um Sherpa e a possibilidade de morada vazia com portas abertas, é transformar a própria direção de vida e modo de confinar-se entre seus objetos de percepção.

Maria Bowen já dizia que o Sherpa não é o guru, não é quem formula uma resposta definitiva. Como mais um Sherpa, (em aprendizado) de mim mesmo, é nítido (e até ridículo), imaginar que as qualidades de um Sherpa estariam no patamar de um ser perfeitamente iluminado para a natureza desperta da sua própria consciência.

Eu gostaria infinitamente de usufruir dessa presença direta proporcionada por Buda, presença sem quaisquer impedimentos e que a tudo permeia, mas não houve mérito para encontra-lo nessas ruas da vida. Apenas imaginando, os homens santos e figuras sagradas, alguns dos que citei e releio em diferentes ocasiões, ou das imagens (ou vídeos) que povoam meu imaginário, com Dilgo Khyentse Rinpoche, entre um deles... apenas lembrar dos seus olhos compassivos, já dissipa o peso ou o atropelo no meu coração.

O treinamento e o desempenho dos parques Sherpas não incluem esse nível auspicioso de realizações afortunadas, desobstruídas e ilimitadas. A ajuda e o cuidado ofertadas pelo Sherpa estão situadas em outro enquadramento, e, não menos necessária, nas possibilidades de encontro e de vivência para cada um, no tempo de cada um e para um.

Sherpa e Maria Bowen são temas há muito próximos do meu coração, bem próximos, afetivamente quente, carinhoso e valioso. São mundos que se aproximaram, chão e céu. Foi onde eu comecei tudo na psicoterapia, e tudo começou mágico. John Wood trouxe a Tendência Formativa, mas foi Maria que me emprestou a eternidade com gosto de suavidade espiritual.

Se o buscador reinventa-se na caminhada, é porque também o Sherpa, no seu esforço de ajuda e de compaixão, transmuta o seu cuidado, presença e gentileza para contribuir no caminho de cada outro. Um laço de parceria que às vezes é tão sutil quanto a respiração, um mesmo ar inalado e o mesmo céu compartilhado.

“(...) Respire por você, respire pelo mundo, inspire compaixão, expire alegria, respire e seja um com o ar que você respira (...) Respire e vá além, do nascer e do morrer, respire para ver que a impermanência é vida (...)” – Thich Nhat Hanh, Vila das Ameixeiras

Himalaia, Himalaia, das insônias, dos temores, das labirintites, das unhas roídas, das crises graves no ouvido, das palpitações, das vozes e da penumbra... Himalaia que vejo-e-não-vejo-para-ver-e-perder-de-vista, o que quer de mim?

A explicação clínica diria que apenas esse (tanto de) mágico “serve” para afastar a crueldade aniquilante do mundo. A clínica, sempre

ambiciosa nas interpretações, não entende o que é “dor” – se não apenas até a fronteira da sua teoria e diagnósticos; não foi bem a clínica, a faculdade dos clínicos, a formação dos clínicos, ou o convívio junto aos clínicos, que sustentou de possível uma vida – porque, então, essa clínica, ainda tão cinza e ocupada com seus objetos, haveria de sussurrar qualquer pista atrasada e (subitamente) acertada?

Tradicionalmente, a kliné, ou, mais enfaticamente, a terapia dos antigos, a psicoterapia busca elaborar uma condição alternativa de viver e (co-)existir, como parte da vida mais ampla dentro de um universo particular (nem a vida, nem a sociedade, abstratas e isoladas; ambas, em seus agregados e desafios sobre os músculos).

Falando de um ponto mais técnico, essa terapia é parte de tradições arcanas e artesanais que visam propiciar condições para uma (mudança de) vida atravessada por novas/inusitadas possibilidades – até então, não consideradas, não afirmadas, não inventadas. Portanto, nessa dimensão de jornada, busca-se construir/talhar um lugar para si dentro de um mundo que caiba/acomode de alguma forma, alguma parte do que se é mais largo.

Não basta representar um contexto para sistematizar outros projetos de vida, explorar ou ensaiar o arriscado ou velejar nas imagens que se inspira, a terapia é também um convite para bancar os sonhos remotos e esquecidos, agora, traduzidos em relações minimamente concretas – assumir o valor e o custo dessa passagem, curiosidade, atualidade, realidade talhada.

Assim, no horizonte recorrente dessa prática e seu cotidiano iniciático, as pessoas chegam, via de regra, por uma dor que “resiste” em problemas, que machuca ou ainda traumatiza, que aprisiona, que desespera e que até desconhecem seu tamanho... as pessoas sofrem, e buscam encontrar suas respostas, seus escapes, suas fugas.

Buscadores tentam dividir a aflição que carregam entre os mais próximos ou com o silêncio, ou buscam alguma “solução” quando surgem instabilidades ou imobilidades mais severas (não dormir, não comer, não trabalhar, não sair de casa, não amar a si ou aos outros, não viver etc).

O que a psicoterapia (do tipo experiencial-formativa) oferece é absorver essa demanda como um ponto de partida, de investigação e recriação, visando a produção de outros sentidos e caminhadas... não se trata exatamente de abandonar essa personalidade e seu histórico de conflitos, mas desdobrar emoções e sentimentos com outras qualidades experienciais de abertura e de confiança. Aqui, o ponto de partida está no cesto do Sherpa.

Pensando em 2013, recupero a sensação de ter uma "vida" roubada completamente de mim. Desde essa crise mais recente, quase tardia, com o final dos meses e a sensação de uma "felicidade" que, sozinha, não viria, e que eu não saberia expressá-la...

Perpassada em um ano que já começou nas lutas contra a homofobia (no Parlamento, e, também, dentro da própria Psicologia, em guerras intermináveis no entorno de Feliciano, Malafaia etc), conflitos de rua e oposição aos governos/poderes constituídos, disputas imediatas com a polícia etc...

E perguntar-se, várias vezes: quando há condições para ser feliz, porque não conseguir ser? Porque deixar a felicidade fugir? Ou, talvez, descobrir que há, ou talvez só possa haver "amor", dentro da luta, dentro do engajamento, dentro da transformação do mundo...

*"(...) Eu não estou interessado  
Em nenhuma teoria  
Nem nessas coisas do oriente  
Romances astrais  
A minha alucinação  
É suportar o dia-a-dia  
E meu delírio  
É a experiência  
Com coisas reais... (...)"*

ALUCINAÇÃO, Belchior.

(Sorrisos, enquanto escuto essa música... Alucinação, noites e sorrisos de paz.)

A terapêcia busca restituir-se um senso pessoal de escolha, de liberdade e dignidade, propor um arranjo de funcionamento mais integrado entre simbolizações e potenciais amadurecidos, proporcionar significado, crescimento e vitalidade para o que antes era vestígio de medo, intercepção e subcepção.

Por conseguinte, uma modesta intervenção de acolhida que se demonstre capaz de empenhar algum conforto e/ou alívio temporário ao sofrimento vivido já é um ato que se multiplica infinitamente como prática de cuidado e de amorosidade, de atenção humanizada, de solidariedade ao espírito humano, de bondade perante a fragilidade.

Encontrar-se e afetar-se tacitamente, fora da interpretação e do julgamento, é uma expressão compassiva que já reverbera nos

contatos e relações que esse outro possa vir a estabelecer, onde, então, se reconhece capaz de nutrir como parte da vida.

Mais do que um dispositivo da modernidade e do seu psiquismo culturalmente correspondente, mais do que uma tecnologia dirigida à individualidade e autonomia do si-mesmo enquanto efeitos de robustas inserções sociais, a terapia dos tempos esquecidos é um ato de respeito à singularidade irreduzível do outro, é um ato que parcialmente abnega ou temporariamente abandona um quadro pessoal de urgências e de referências para “escutar alguém” (especialmente durante os turnos e atendimentos de Plantão).

Na sua atitude mais acurada e menos óbvia de compromisso afetivo, busca escutar o corpo e a vida inteira de um outro inteiro e desconhecido, escuta-lo a partir das suas necessidades, percepções e sentimentos, talvez estranhos ou incompreensíveis alhures.

Ainda que os recursos emprestados incluam as próprias (in)capacidades que não isentam de dor e de aflição quem se disponibiliza, a atitude de colocar-se integralmente a serviço dessa experiência e direção própria do outro já se constitui um impulso que fortemente valoriza o lugar comum dos seres que buscam encontrar bem-estar e fugir da dor.

Talvez menos rígido, quem sabe com menores expectativas acerca dos demais, desenvolvendo uma capacidade mais assertiva para lidar com frustrações, ou minimizar idealizações e fugas imaginárias, essa maturidade e resiliência processualmente conquistadas abre-se para o novo, engaja-se numa luta por sentidos não assegurados e reajusta-se com os percalços do caminho.

Mais do que descomprimir ou descompactar, manejar um aspecto mais doloroso daquela dificuldade, elaborar ou eventualmente desconstruir aquele quadro inicial problemático, mesmo nessa condição de labor da vida boa e do crescimento, a “matéria” do sofrimento permanece concebida enquanto transação que afeta de fora ou por si mesmo, seja ela percebida como um fenômeno interno ou auto-existente no campo externo.

Permanece, assim, uma sensação de circunstâncias que respondem inadequadamente, que modificam as condições para uma satisfação que se impõe como necessidade constituinte, uma vez que “(...) as nuvens estão improvisando sempre, mas a culpa é do vento” (na lembrança do poeta Mário Quintana).

Mesmo que não seja possível identificar os elementos originários nessa expressão do pesar, do desconforto, da insatisfação, do medo, da

angústia, do terror em si próprios ou até nos outros com quem se relaciona, mesmo que não haja alcance para esgotar o sofrimento, todos como percepções externas das formas e tempos da vida, essa possibilidade de auxílio circunstancial, de contribuir para um raio maior de experiência e de ação, de ajuda limitada até que se manifeste uma capacidade ilimitada, já é intransferível e inesgotável nas suas motivações e consequências, tangíveis e invisíveis.

Uma única gota de compaixão nesse oceano vasto do sofrimento representa um brilho potente de esperança na malha interrelacionada da vida, uma única gota de doçura que se multiplica na vastidão interdependente da mente daquele ser em específico, mente que povoa e abrange, por sua vez, o tamanho de todos os mundos e realidades com as quais ele possa vir a interagir...

Embora não seja um domínio restrito da terapia, o campo de ações que visam oferecer ajuda, amparo, auxílio ou alívio para os modos de sofrimento relativos às experiências dos seres ou das condições que geram mais sofrimento para os seres, modestas ou amplas na sua efetividade de benefício, provisória ou temporária, duradoura ou última, são aspirações e práticas legítimas para reduzir as várias formas de misérias e aflições, nos vários lugares, níveis e capacidades com as quais lidamos.

Qualquer ato que se proponha a escutar, essa necessidade particular e finita de um outro, a partir do relato mais íntimo das suas prisões, ser capaz de escutar para aceitar o momento da sua experiência e reconhecer a necessidade do outro a partir do seu quadro próprio de funcionamento (em uma mudança completa de perspectiva de quem escuta), de modo a adentrar os seus obstáculos físicos, emocionais, materiais, existenciais e espirituais; onde houver, portanto, esse nível de desentranhar-se, "outrar-se" como outro-tempo e tempo-do-outro conjugados, já há constituída uma esfera do mistério, um campo do sagrado partilhado.

No que pese a dimensão de auto-cuidado, preparação e silêncio (ascese) do terapón/terapeuta, a qualidade da sua dedicação amorosa, responsabilidade generosa e compromisso altruísta, bem como o espaço intermediário de cultivo para outros potenciais junto a quem o procura, o contexto dessa ampla relação de ajuda com interferência bastante reduzida torna-se um santuário pelo calor que aspira reduzir o sofrimento do mundo, onde se nutre uma forma específica de bondade-amorosa.

Assim, na melhor tradição dos sábios gregos, é um ofício sagrado e arquetípico, uma terapia no enlace de Eros/amor e da psiqué/alma, uma mítica do tomar o outro como parte de si e não como posse ou

objeto, com um desejo de entrega/escuta e oferta de cuidado/acolhida, onde viver é épica e o vivente, epycista, é parte do ritual encantado entre o céu e o chão.

O que o Sherpa realiza, se não, investir de poética uma jornada? Quais seriam os instrumentos do seu trabalho? Um cavalete de pintura? Uma flauta? Uma caneta? Uma panela? Essa é a função do Sherpa, das montanhas ou das florestas, facilitar travessias “perigosas” ao mundo controlado:

“(…) O mundo ‘encantado’ é um mundo arriscado, imprevisto, metafisicamente falando. Não existem só fadas boas nos contos de fadas; pelo contrário. E, afinal de contas, pode ser que a única coisa não humana sejamos nós (...) De um lado, tudo é humano, embora cada espécie não o seja do mesmo modo (exatamente como nós ‘ocidentais’ sabemos que não somos animais idênticos aos crocodilos). A humanidade é universal, o espírito é universal, não o corpo. Para nós, é o corpo que é universal no sentido em que somos todos feitos da mesma substância (...) O espírito, ao contrário, é sempre o lugar da diferença, da singularidade, da particularidade da cultura - o espírito coletivo - ou o espírito individual - o sujeito (...) Se os animais são humanos, se as coisas podem abrigar formas internas humanóides, se o trovão é uma pessoa, então tudo comunica.”  
(Viveiros de Castro<sup>168</sup>)



(Figura 3. Imagem do filme “O Príncipe que Contemplava sua Alma”. Um sherpa?).

Se, por um lado, as “experiências” conhecidas/visíveis do buscador já estão “abrigadas” no cesto do Sherpa – então, onde se transcorre exatamente a jornada?

Dentro do cesto, imaginando um tipo de buscador que se omite da própria jornada, continuamente distraído em remexer e assegurar que seus objetos empenhados estão a salvo?

Fora do cesto, no espaço onde os objetos conhecidos não se demonstram presentes? Mas, do que se trata exatamente “fugir” ou

---

<sup>168</sup> Ver: <http://root.ps/download/estrategiasconjuntas/VIVEIROS-DE-CASTRO-Eduardo-Encontros-1.pdf>

“confrontar”, objetos e comportamentos que são aparências criadas por delusão e apego? Como é que se “transforma” a sensação de violência para um reflexo no espelho? É com um sentir ainda mais forte?

Tenzin Wangyal Rinpoche, no livro “The tibetan yogas of dream and sleep”, afirma:

“If we truly understood and experienced the empty nature of reality, there would be no grasping and therefore no grosser form of the emotion, but, ignorant of the true nature of phenomena, we grasp at projections of the mind as if they were real. We develop a dualistic relationship with illusions, feeling anger or greed or some other emotional reaction to them. In absolute reality there is not separate entity that is the target of our anger, or the object of any emotion. There is no reason to get angry at all. We create the story, the projections, and the anger at the same time. Often in the west, the understanding of emotions is used in psychology to try to improve people’s lives in samsara. That is good. However, the Tibetan system has a different goal and is more intent on understanding emotions so that we hold onto through emotional attachment.” (p. 41)

Também a posição<sup>169</sup> de Alan Wallace recomenda cautela no tratamento das emoções conforme uma perspectiva compassiva:

“(…) Muito parecido com uma pessoa em meio a um sonho não lúcido tentando desesperadamente fazer com que o sonho acabe bem. E o maior perigo é que o sonho pode realmente terminar bem. E então você se sente muito esperto como o ladrão que descobriu o segredo do cofre do banco: ‘Eu descobri um jeito de fazer o Samsara dar certo! Eu ganhei na loteria do Samsara!’. A palavra tibetana para orgulho ou arrogância é ngyal; na significa eu, gyal significa venço. Eu venço! Mas há um momento em que você perde. Tsongkhapa diz que a forma mais fácil de se tornar lúcido em um sonho é quando ele fica realmente terrível. Milarepa tinha sonhos horríveis (...)

Dzongsar Khyentse Rinpoche também enfatiza:

“Never think that you will be able to settle your life down by practicing the dharma. The dharma is not therapy. In fact, it is just the opposite. The purpose of the dharma is to really stir up your life. It is meant to turn your life upside down. If that is what you asked for, why complain? If it is not turning your life upside down, on the other hand, the dharma is not working. That kind of dharma is just another one of these New Age methods; the dharma should really disturb you.”

A constatação não diz respeito aos valores e restrições particulares dessa Psicologia tal como uma Ciência atrelada aos compromissos político-epistêmicos da Modernidade e da Individualidade, um Saber inserido nos projetos das burocracias das Universidades, da tecnociência, da biomedicina etc, um conjunto de práticas com regulações de classe e de profissionais etc.

---

<sup>169</sup> Ver: [http://instidy.com/budismo/p/1171644576952016529\\_194458894](http://instidy.com/budismo/p/1171644576952016529_194458894)

Fundamentalmente, esse campo de investigação psicológica (e suas variações de Psicoterapia, Aconselhamento etc) pretende “melhorar” e “aperfeiçoar” o funcionamento deludido de uma mente auto-existente. A pretexto de gerar “bem-estar” e “equidade”, por exemplo, se conduz como uma prática social que redistribui os equívocos entre um número maior de seres.

Para o Sherpa, temos a impressão geral que o objetivo é o de atitudes a serem cultivadas (“bhavana”), por exemplo, de compaixão ou de bondade-amorosa, como um esforço de proximidade ao vivido de um terceiro.

Entretanto, no âmbito específico das Quatro Incomensuráveis, particularmente as qualidades de maitri e de karuna, não são “experiências” condensadas pelo acúmulo de sentido em camadas, forjadas a partir de uma mente dual/deludida que busca fortalecer as relações entre os objetos e o si-mesmo (self) – como se fossem entidades diferenciadas. Intervenções compassivas não são “facilitadas” como quem “desenvolve” ou “inova” um artefato, um objeto da mente inquieta e confusa de um sujeito.

Não são, ademais, “virtudes” como disciplina moral que busca organizar algo de um “fora” para um “dentro”, nem “atitudes” no sentido de capabilities ou aprendizados cognitivos: não basta resguardar-se de comportamentos tidos por antagônicos aos valores acomodados; não basta “entender” o conceito no plano formal e buscar transpor a especulação no domínio concreto da habilidade, como uma nova atualização da experiência pessoal já confusa e aflita.

Compaixão, alguém talvez diria, como um repertório de procedimentos sobre a vida cotidiana que se recusa à administração fria, vazia e imparcial, que recusa a guiança da repetição mecânica e desinteressada, para sofrer do envolvimento passional e reconstituir um tecido de dignidade e fragilidade, para veicular uma sensibilidade empática maturada e não fingimento formalista, um ser capaz de afetar-se e proporcionar conforto e descanso emocional possível, em meio a tanta indiferença e agressão?

Apesar do senso próprio que é fragmentado da vida e busca maior “inteireza” dos seus processos individuais (composição integrada e satisfação funcional do seu próprio sentir, prazer e realização identitárias), nesse mundo onde parece não caber “tanto” amor há também as escassas circunstâncias onde o tal ego, separado em suas percepções habituais, parece aceitar a responsabilidade mágica de unidade por um/alguns dos seus objetos de percepção.

Farto de sua própria consistência emocional, um self substancial exterioriza-se para a sua alucinação do outro. Embora não haja o outro, o algo, o objeto, o comportamento, o encanto tal como se predispõe para si-mesmo, é nesse efeito de “arrebatamento” e senso de “plenitude” sentimental, que surge um tipo de engano ainda mais fascinante.

Alguém grita, bate, morde, agarra e arranha o corpo de outro, por horas de estimulações bruscas ou fantasias inesperadas, onde os músculos erotizados são investidos com as marcas do desejo visceral e as cicatrizes graduais de um degradé febril do vermelho-lilás-roxo.

O que, muito facilmente, em outro contexto, seria agressivo, violento e indesejado, é referido no dia seguinte, pelos corpos ainda convalescentes e bastante silenciosos, como uma experiência sexual de enorme prazer e intensidades, de sentir-se fortemente desejado, de experimentar e ser experimentado nas possibilidades do corpo.

Tal evento, de tão atípico e não superficial, no entrosamento e na reciprocidade dos afetos, classifica aquele parceiro como um bem “único” – e, dificilmente, ou não facilmente, substituível nas variáveis que condensa. O tal raro amor, que faz rir e chorar, que fez da imagem do amado uma paisagem na pele do amante; para esse amor dos românticos que a morte não leva embora, que desencadeia no amado o efeito de um “sim” para o mergulho e o salto misteriosos: se percebem, é o contraste impensável no seu cotidiano; se perguntam, é o impossível de imaginar, de suportar.

Amar e vincular-se é, nesse prisma, o receber dessa longa massagem que confirma o que se busca emocionalmente? Compaixão seria a transposição desse cansaço de intimidade autêntica para outros contextos e buscas de sintonias? Assim menciona o provérbio indiano<sup>170</sup>:

If you sow a THOUGHT, you reap a DEED.  
If you sow a DEED, you reap a HABIT.  
If you sow a HABIT, you reap a CHARACTER.  
If you sow a CHARACTER, you reap a DESTINY.

Quando se fala da presença do Sherpa, imagina-se algo como essa mesma “plenitude” emocional canalizada para o viajante? Experimentar funcionamentos na periferia das emoções, dos sentimentos, da personalidade, das escolhas subjetivas (de um sujeito), das intensidades, sensações e singularidades? Uma potência de serendipidades?

---

<sup>170</sup> Compartilhado no livro “Medicine Buddha teachings” de Khenchen Thrangu Rinpoche (p. XVIII).

O Sherpa não parece caçar algo-mais da inteireza, mais da realização, mais da vida boa, mais da saúde “emocional” do buscador – quem busca atributos dessa tônica precisa do Himalaia e dos seus riscos? É possível retornar imbuído daqueles fatores emocionais, como um efeito indireto e aleatório?

Quem somos nós para ousarmos falar de compaixão, enquanto um vira-lata passa silenciosamente diante dos nossos olhos – e a compaixão vai embora, com passos sujos, famintos e feridos? Indissociáveis da própria natureza da mente, somos bactérias consumidas em nossas colônias: abrigados e alimentados em um desconhecido corpo vasto e sem fronteiras, bactérias olhando o corpo que não sabem como nú ou admiradas com um céu impossível; a mente olhando para si mesma enquanto vislumbra o universo inteiro; os ecos peregrinantes da realização já compartilhada, dos que aspiram que os seres “percebam”, “despertem”, “pratique”, enquanto mais fragmentação, dissociação, deformação é produzida com o nome de experiência, inteireza e liberdade.

Ah! Falar para desatar esse tanto que se pensa, reprende e repensa. Ah! Silenciar para dissolver o tanto que se pensa, reprende e repensa. Lembra-nos Maria Constança Villas-Boas Bowen<sup>171</sup>:

“(…) Uma pessoa que vive segundo a filosofia centrada na pessoa não tem, necessariamente, que ser rogeriana, da mesma maneira que um rogeriano pode ou não ter uma abordagem centrada na pessoa para a vida (...) Para se relacionar mais com a busca espiritual do homem e com as experiências transcendentais, uma mudança é necessária: em vez de um enfatismo demasiado no processo interpessoal, a abordagem centrada na pessoa deve se dirigir mais para o intrapessoal (...) vou chamar se ser interior aquela fonte de sabedoria, conhecimento e amor que vive dentro de nós e que transcende à mente consciente, embora ela possa ser vivenciada diretamente (...) amor é a vivência daquela interconexão dinâmica do universo, onde as vibrações energéticas se entrelaçam e onde as partes são representações do todo e somente podem ser definidas por meio de sua conexão com o todo (...) tomando a liberdade de fazer associações entre o que entendo serem algumas descobertas científicas modernas e minhas aprendizagens sobre o misticismo oriental, proponho o seguinte: a fonte de sabedoria e conhecimento do ser interior vem do fato de termos, à nossa disposição, conhecimento e experiências que transcendem a tempo e espaço (...) A fonte de amor do ser interior vem de uma experiência de interconexão. (...) Como uma consequência dessa maneira fragmentada de pensamento, perdemos a perspectiva de nós mesmos como uma entidade total e como seres ligados com a energia do universo. Perdemos contato com nosso ser interior, (que é) a vivência de não dualidade, de totalidade e conexão. Vivencio os trabalhos da minha mente, vividamente, na meditação. (...) Gosto de descrever o momento de movimento na psicoterapia como sendo um momento espiritual. Por

---

<sup>171</sup> Cap. VI do livro “Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa”.

‘espiritual’ quero dizer um momento no qual operamos a partir do ser interior e, conseqüentemente, nós nos sentimos interligados com a energia do universo. (...) Essa vivência espiritual, esta vivência do ser interior não é estranha ou misteriosa para muitos de nós. (...) Eu, verdadeiramente, penso que o talento especial de Carl Rogers, como psicoterapeuta, era o de ter condições de vivenciar esses momentos espirituais na psicoterapia e trabalhar o seu ser interior. (...) Sinto que a ênfase em técnicas e habilidades tira a qualidade espiritual da psicoterapia centrada na pessoa (...) nós, terapeutas centrados na pessoa, também estejamos perdendo nosso olhar atento para dentro e não estejamos incluindo nossa ‘alma’ em nosso trabalho (...) escutaram, mas sentiram-se completamente vazios por dentro. (...) O que é importante é a nossa habilidade como terapeutas, para nos deixarmos entrar no mundo da outra pessoa e vivenciar esse momento espiritual (...)” (pp. 112, 113, 129, 135, 136-137, 140, 146-147, 148-149)

Essa motivação altruísta que assume o compromisso de disponibilizar o máximo de recursos para as necessidades dos buscadores, o modo como essa responsabilidade também impacta a caminhada do Sherpa é algo importante de explicitar: pensando nos incontáveis seres, conflitos e necessidades, em vez indulgência ou lassidão, o tempo, a prontidão e a assertividade do Sherpa são recalibradas; há um senso de atenção para o que está disponível mais rapidamente, imediatamente, dado a urgência do muito que se há para fazer durante uma curta vida, em um misto de empenho mais convicto para a afirmação do próprio compromisso (em sua duração, alcance e intensidade de efetivação), além do tempo de contínuo aperfeiçoamento e o que se mantém como prioridade.

Essa é uma dimensão de oferenda e de fronteira, entre o mundo de Shambala e o horizonte antes da caminhada: até que o último dos seres conquiste a sua jornada, ninguém e nenhum ficará para trás do Sherpa: “(...) lembra-te de mim quando entrardes em teu Reino (...) ainda hoje estarás comigo (...)”, assim também foi dito alhures.

Lama Thubten Yeshe, em um ensinamento intitulado “That's the Lam-rim!” (Nov. 1977), recomendou:

“(...) Helping others doesn't simply mean relieving their physical pain. That's not the real meaning of helping others because their body is not the actual source of their suffering. The essential, basic source is the mind. The mind makes us suffer; the mind makes us happy. The mind is the source of all happiness and unhappiness. Everything comes from the mind, from the energy of the mind.

So, if you really want to help others you need to understand the mind. If you don't know the nature of the mind you can't even cure your own misery. As long as you have not cured your own disease of emotional misery, there's no way you can help others do it. That's just dreaming, completely dreaming. (...)”

Se a radicalidade da experiência não-diretiva está evidente nos Plantões e nos Grupões não-estruturados que se tornaram possíveis no empenho constante de profissionais brasileiros, também a dimensão do centrar-se, focar-se, deter-se na pessoa é um fator de relevância na prática do Sherpa, conceito formulado por uma brasileira e guardado em nossa cultura.

Concentrar-se no funcionamento da pessoa não quer implicar submeter-se ou confundir-se emocionalmente – ao contrário: observando a relação emocionalmente agitada que um sujeito estabelece com seus objetos de percepção, nesse enfoque o convite da empatia é o de experimentar esse outro com as relações do seu habitual.

Entretanto, adentrar a morada experiencial do outro (dwelling) não implica aderir, seguir e elaborar com os objetos emocionais que surgem na percepção compartilhada desse outro. É adentrar essa perspectiva de olhar diferentes fenômenos, cores e formatos que só eclodem naquele horizonte pessoal e singular.

Ser capaz de ver os seus movimentos, tempestades e fúrias, de modo a perguntar-se, tacitamente e sem mediações, dentro dessa experiência quieta de percepções ampliadas, quem é vê aquele que enxerga-e-participa das emoções, quem é que vê a própria fruição do equilíbrio ou explosão emocional ocorrendo, quem é que, por trás, testemunha aparências de sujeitos, interações e objetos?

Essa é a função terapêutica do Sherpa: sustentar esse não-lugar e essa potência-do-não. Tal posição do Sherpa não se confunde à atenção-plena (mindfulness) para deter-se aos objetos percebidos no campo da experiência do buscador, e não se restringe ao espaço aberto (awareness) onde tudo surge e desaparece nos movimentos do buscador.

Centrar-se sem se deixar arrastar para dentro da mesma correnteza que habitualmente já captura o buscador – qual utilidade, afinal, de um Sherpa que, esperançoso e temerário, ansioso, inseguro e agitado como o cotidiano do buscador, não é capaz de constituir qualquer espaço de movimento sem ser dragado, arrastado e misturado? Essa é a marca que distingue empatia da compaixão, um grau de liberdade para agir em benefício dos seres.

Centrar-se no outro é não perder o outro do seu campo, e não se perder no ruído e barulho onde o outro se perde. Não se trata apenas de ter o buscador no campo de awareness do Sherpa, como uma disciplina meditativa do segundo. É conseguir residir (dwelling), e não

apenas visitar ou estar de passagem, conseguir familiarizar-se na morada experiencial do buscador.

Residir a ponto de sentir como o primeiro, não para seguir onde o primeiro visita/prende-se, mas para exercitar as faculdades e lugares não explorados na morada do primeiro. Assim instalado no mundo perceptual do buscador e reconhecendo em seus próprios olhos a jornada realizada pelo primeiro (ambos em um mesmo acordo, mesmo fluxo, mesmo processo), o Sherpa realiza a potência de um giro perceptual: se não quem diretamente envolvido emocionalmente com os objetos/pensamentos/sentimentos, quem/qual é a instância que se dá conta para aquele que brinca/sujeito, o brincar/ação e suas brincadeiras/objeto?

Move-se, desta forma, para um avesso da potência-do-não, em outras palavras: o Sherpa observa todas as aparências que se transformam na percepção do buscador, preservando-se à adesão frenética pelo ato/atualidade/atualização (potência-do-não); desse pertencimento compartilhado no estado amplo de awareness, onde viajante-jornada-realizações são inseparáveis da própria natureza básica de Shambala e do Sherpa, este último mantém aquecida, ao longo do vento frio das montanhas, o contato junto a essa percepção do Sherpa para o si-mesmo.

O Sherpa caminha passo a passo com essa qualidade do viajante, uma percepção silenciosa que está nutrida na experiência do navegante e que se compartilha na mente daquele que acompanha a jornada: "Se você tocar uma coisa com a consciência profunda, você toca tudo. O mesmo acontece com o tempo. Quando você toca em um momento com a consciência profunda, você toca todos os momentos." (Thich Nhat Hanh). Tocando a essência do próprio Universo, também diria Carl Rogers.

Continuamente, a percepção do Sherpa centrada na pessoa do buscador mantém esse olhar de awareness daquela própria awareness. Recuperar esse lugar insistentemente vacante (extra-vacante) ou obscurecido na percepção do viajante não seria uma posição amorosa em sua jornada?



(Figura 4. Fotografia de uma estátua para Maitreya em domínio público)

A épicia do Sherpa assenta-se no exercício contínuo de estabilizar sua percepção de awareness para awareness, conseguir manter consigo, um horizonte suave e tranquilo onde as experiências refletidas pelo buscador são indissociáveis da sua própria consciência, e fundamentalmente, ambos, a mente do Sherpa e a mente do buscador, não estão separadas uma da outra e constituem-se inseparáveis da própria natureza não-condicionada. Em se tratando de uma aproximação direta entre o coração do Sherpa e o coração do buscador, os tibetanos também diriam: conexão mente-a-mente.

Não sem razão, as jornadas de terceiros desconhecidos, percorridas com vivacidade pelos Sherpas são oportunidades inigualáveis e insuperáveis de aprimorar sua estabilidade, de aproximar-se da natureza de Shambala através da sua prática de oferenda, de partilha, de solidariedade. Do ponto de vista do buscador, entrar em contato, ainda que residual ou não constante, com um ângulo diferenciado da sua jornada, é a oportunidade de reunir outros recursos na sua ambiciosa travessia do alé´mar, fora da correnteza do eterno, do externo e do interno, além da transcendência, da imanência e da própria mente:

“Even as a mother protects with her life.  
Her child, her only child.  
So with a boundless heart.  
Should one cherish all living beings.  
Radiating kindness over the entire world:  
Spreading upwards to the skies,

And downwards to the depths." (Metta Sutra<sup>172</sup>)

Posso argumentar e discordar, ou até questionar sua materialidade, porém, tenho o privilégio de conhecer homens e mulheres que fazem isso... longa vida para os herdeiros de Maria Constança Villas-Bôas e suas práticas com a Tendência Formativa vislumbradas por C. Rogers.

---

<sup>172</sup> "The Buddhist use of compassionate imagery in mind healing" – Ringu Tulku Rinpoche & Kenneth Mullen. In: Compassion: conceptualizations, research and use in psychology. Edited by Paul Gilbert.

## 2.D.i. UM IMAGINÁRIO PESSOAL DO SHERPA



## 2.D.ii. ESCRITOS DE GAVETA #1

*(Um ensaio não-publicado, meses antes da colação de grau em Psicologia; à época daquele jovem de 25/26 anos, com estágios clínicos e uma Formação profissional em Abordagem Centrada na Pessoa já concluídos. Nenhuma revisão acrescentada/modificada no texto original de abril de 2008.)*

Ainda hoje, pouco sabemos, pouco praticamos e pouco experienciamos o lugar de Sherpa proposto por Maria Bowen (seja como terapeutas, seja como clientes). Está descrito, mas não conseguimos sustentar a experiência de oferecer tal disponibilidade. A referência inicial já é posterior às definições de Tendência Formativa, e seu estudo mais aprofundado não é menos obscuro do que o próprio conceito de Carl Rogers. A atitude que o Sherpa oferece para a “relação” é uma forma de cuidado bem particular, mais “refinada” que não-direção e não-estrutura como um simples abandono intuitivo, o Sherpa interfere no tempo e ciclos formativos a partir das qualidades do seu não-fazer. Por não estarmos nesse lugar de Sherpa, com presença partilhada e vastidão panorâmica não bloqueadas, de acompanhante experiencial nas escaladas íngremes do Himalaia, temos uma “agenda secreta” (uma “torcida” externa) para as direções do cliente: sutil ou explícita, em termos de conteúdo ou de manutenção da personalidade, não importa. Somos não-diretivos em nossa fala, muito embora, nossas posturas, nossos olhares, nossos “suspiros”, denunciem as tentativas e frustrações mais recônditas – sabiamente, “traídas” pela sabedoria cultivada no silêncio do outro. É tão verdade que o *cliente nos trai*: ele, cliente, enfrentando as limitações do seu próprio mundo, afronta-nos por extensão, nós que somos as criaturas também habituadas com os “prazeres” daquele mundo arguido; o cliente interpela a nossa fúria culturalista de condução, auxílio, controle, certeza, apego, técnicas, conversão das “atitudes facilitadoras” em instrumentos de garantia e eficácia, da impetração de uma “filosofia centrada na pessoa” em vez de uma “postura” de confiança de base experiencial-formativa. Não é “sistematização do caos”, “filosofia do escuro” ou “hermenêutica da incerteza”. Não tratamos com “regras”, nossa prática não é uma nobiliárquica. O cliente confronta-nos, sistematicamente, e ao que empobrecidamente apenas visualizamos como estados inadequados de fronteira: em sua ampla organicidade, para sua própria fortuna, destitui-nos de nosso antropocentrismo e individualismo, escapa das nossas “arapucas” e “armadilhas” de uma realidade afetivamente mais segura. Nós criamos “regras”, “procedimentos”, forjamos uma caneleta pelo qual o fluxo está “compreensível”, “amarrado”, “traduzido”. Almejamos um “saber”, encontrar um “apoio”, à custa do fluxo do cliente e de uma relação máxima de abertura. Estamos “confusos” frente o absolutamente inesperado como uma sombra de outro possível – e, por não sermos

organísmicos, não tomamos a “confusão” como experiência nossa; antes, é o sinônimo ideológico-vivencial de fragilidade; antes, tal “dispersão” é apenas para ser remediada, no apenso das categorias mórbidas esperadas no cotidiano incerto. O oposto de não aceitar e integrar essa “confusão”, nossa própria e do outro, é deixá-la para “lá”, deixá-la “longe”, fazer descaso, insistir que não há resquício de ambiguidades, ou impor a “garantia” de clareza. A sala quase como um mergulho no isolamento de estímulos e variáveis. Poucos conseguiriam acionar seus recursos e potenciais mais plenos, num funcionamento ousado de vida boa, onde pode existir clareza e espanto, às vezes, numa mesma relação; às vezes, num mesmo segundo; às vezes, no paradoxo de uma única experiência. O Sherpa não é uma “patente”, uma “condecoração”: Sherpas são de espírito nômades, talvez da relva ou selvagens; talvez não sejam propriamente adequados às convenções. Quando não estão “acompanhando”, estão caminhando com os animais. Não faz sentido perguntar ao Sherpa: “o que você faz quando não está Sherpa?” A resposta seria a mesma de um-sempre..., caminhando, presente consigo mesmo. Nós, arraigados a outro prisma de densidade emocional, não entendemos essa “liberdade” dos Sherpas. Nossa liberdade é para ter mais certezas, de acúmulo de convicções que não se dissolvem, temos e construímos uma liberdade que nos autorize a “prender-se voluntariamente”. Nós temos certezas, propriedades, nós, além de sabermos, queremos ter um “lugar” para onde “voltar”. Os Sherpas mantêm relações de outra ordem com a vida, com os animais, com a agricultura, com artefatos, com fenômenos ambientais, com o universo. Porquanto os Sherpas não tenham para “onde” voltar, *sherpear* ou *sherpar* não é uma topografia, não é um “lugar”, muito embora, sua expressão, ou a qualidade do seu movimento, é um jeito/modo de ser. Maria Bowen escreveu acerca do Sherpa em 1984, numa tradução para o livro “Quando Fala o Coração: a essência da Psicoterapia Centrada na Pessoa” (Santos, Rogers e Bowen, publicada em 1987). O primeiro, ou talvez, o mais famoso Sherpa, que inspirou o Ocidente, e, certamente, fez parte do imaginário de língua inglesa de Bowen, foi o Sherpa que acompanhou Sir Edmund Hillary, o primeiro alpinista dos 8.848 metros do Everest, nos Himalaias. Sir Hillary, um neozelandês nascido em 1919, consagrou-se cavaleiro da Ordem do Império Britânico, e realizou o feito de “conquistar” Chomolungma (“a deusa mãe da Terra”, o Everest) em maio de 1953. O primeiro homem a conquistar as terras fronteiriças que Alexandre, o Grande, vislumbrou como o “fim do mundo” conhecido. Essa experiência de uma chegada acompanhada até os “tetos” do mundo é relativamente bem recente. Óbvio, Sir Hillary “conquistou” um feito anterior e comparável ao que seria o pisar americano no solo lunar, em 1969. Ele também conduziu o imaginário do seu povo até o Himalaia, uma “conquista” que talvez não coincida ao significado daquele Sherpa que o acompanhou, Sr. Tenzing Norgay: “depois de admirar de um ângulo até então virgem o planalto tibetano que se espraiava do

outro lado da cordilheira, Edmund e Tenzing trocaram um longo e emocionado abraço (...) e comeram biscoitos com goladas de chá antes de iniciar a descida de volta ao acampamento” (Viana, 2008, p. 83). Apenas em *um único sítio especializado* (<http://sherwa.de/>), encontramos 150 títulos variados da literatura científica antropológica e sociológica a respeito dos Sherpas, suas comunidades e estilos de vida. Não temos evidências que a associação de Maria Bowen entre o Sherpa e a Psicoterapia tenha advindo daquela literatura especializada. Ao contrário, é também possível imaginar que, em se tratando de uma prática experiencial, acompanhe a referência da experiência também em primeira pessoa daquela pesquisadora: os sherpas (*sherwa*) são povos das vizinhanças do Everest que vivem em clãs, cuja prática espiritual e matrizes culturais predominantes estão em um tipo de Budismo. Não por coincidência, o mestre espiritual da psicóloga Maria Bowen, talvez o mais importante e decisivo nas suas práticas pessoais durante o final de vida, foi Sogyal Rinpoche, um respeitado guru no Vajrayana da Escola Nyingma. Em seu capítulo acerca dos Sherpas, Maria Bowen insere a si mesma no fluxo experiencial e relatos acerca da Shambala, estórias e transmissões que estariam contempladas nos ensinamentos que integraram sua prática espiritual. Shambala é uma referência permanente no legado intelectual e espiritual de Chögyam Trungpa, outro mestre tibetano de notório reconhecimento público que estabeleceu residência e escreveu inúmeras obras a partir dos Estados Unidos. Bowen falava-nos, portanto, das correlações entre facilitação de crescimento na psicoterapia e o desvelar da natureza básica da mente na espiritualidade. O Sherpa aludido por Bowen é uma das *metáforas* mais profundas e instigantes dos últimos 20 anos da literatura psicoterápica humanista-experiencial. Parece óbvio: o *Sherpa Oriental* não pode ser confundido com o *Peregrino Ocidental*. Mesmo que o caminho, para ambos, seja aberto, longínquo, surpreendente e misterioso, o *início*, o *percurso* e o *significado* das “chegadas”, para ambos, é diferente entre si. O Peregrino vai em “busca de”, em seu caminho “atravessa”, “encontra”, “modifica”, “surpreende”, chegando até uma representação mais inteira e “integrada” de si mesmo. O Sherpa é as montanhas, os abismos são ele mesmo e seus medos, os animais são extensões sagradas de si mesmo, a volta, a ida e a chegada integram o mesmo processo, não há “mudança” que se retenha e transponha, se não o próprio experienciar da vida que sempre foi mudança. A Peregrinação se faz sozinha, afinal, se “busca” liberdade para uma forma particular de amarra e certeza vivencial. O Sherpa, sozinho, acompanhado ou acompanhante, é algo que não o seu eu-mesmo, em níveis experienciais mais e mais profundos, não havendo plataforma de “certezas”, lógicas ou vivenciais. Em 1956, Rogers apresentou uma conferência, “*The Essence of Psychotherapy: moments of movement*”, na American Academy of Psychotherapists. De alguma forma, o Sherpa descrito por Maria Bowen é, não apenas o mensageiro da “pessoa do

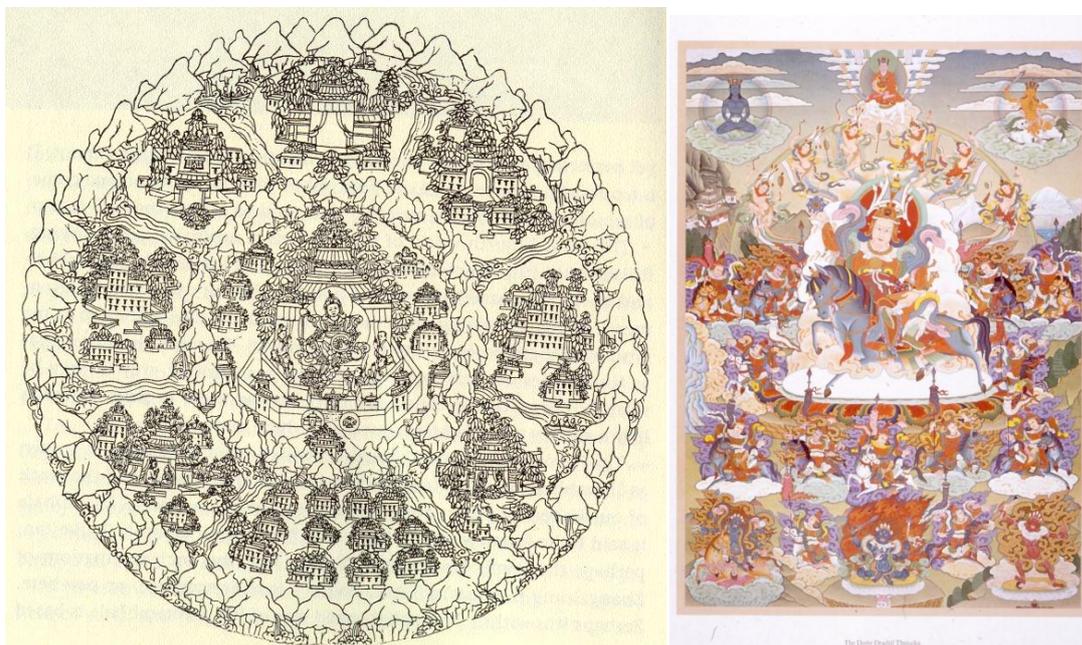
amanhã”, mas, sobretudo, aquela experiência que suporta, em si, a abertura de processos múltiplos para um percurso de auto-realização cuja intensidade é referida como “momentos de movimento” e “essência da psicoterapia” por Rogers. O Sherpa não é um mecanismo aleatório de “sustentação” de “movimento”, antes, ele é o próprio viajador das regiões altas e baixas, das escaladas, platôs, florestas e moradas. O Sherpa não é produto de um “treino” cultural, antes, seu organismo é o fluxo que, como a seiva, atravessa o coração gélido das florestas e fortalezas de neve. O psicoterapeuta Centrado na Pessoa, referido por Carl Rogers e Maria Bowen, não é um profissional da psicologia clínica, copiosamente dedicado ao empreendimento técnico por anos a fio, antes, é o pastoreiro das fronteiras da vida, dos fantasmas e dos monumentos à incerteza; nômades onde a vida desafia crenças e impõe respeito, nas cordilheiras mais altas, mais distantes, mais absurdas, do Planeta Terra. Esse psicoterapeuta da Abordagem Centrada na Pessoa não é um pescador, de superfícies e litorais; não é um engenheiro, de cálculos, equações e garantias; não é um músico ou dançarino, de precisões estéticas; não é um pintor, não é, se quer, um homem de vocabulário erudito. Sherpas são homens e mulheres, mestres da humanidade perene que nós, ocidentais, permutamos pelo saber iluminista. Mestres da Abertura, do Encontro, da Confiança, da Entrega. *A escuta do Sherpa é de corpo inteiro, trata-se de uma qualidade de “(...) ouvir verdadeiramente o que a outra pessoa está dizendo (...) Estar verdadeiramente presente como uma testemunha compassiva permite ao outro encontrar as próprias soluções efetivas e duradouras para os problemas”* (Fundação Chagdud, 2007). Essa é uma questão importante: a ação de oferecer escuta é um testemunho compassivo diante do outro (*posição também ética*). Não existe Sherpa sem esse lugar de compromisso, e, por conseguinte, não adianta confundir-lo com a visão de um “Pastor” ou “Guia”, da forma que entendemos estas definições ocupacionais. Tanto menos, abarcar a noção de “Shambala” como um dos nossos mitos gregos. Não se é preciso, por exemplo, ser Junguiano (Carl Jung, e sua Psicologia Analítica de base Arquetípica) para saber que toda representação de Mandalas não pode ser *reduzida* ao aspecto lógico-interpretativo, na aspiração de conseguirmos imergir em seus conteúdos simbolizados: Shambala<sup>173</sup> é, antes de tudo, *uma Mandala viva no Universo* (quantos de nós somos capazes de decodificar os significados dessa afirmação?). Assim esclarece Maria Bowen: “Se nós somos parte da energia do Universo e se, como um holograma, cada um de nós representa o todo, não é uma surpresa para mim que o processo de transformação individual, na psicoterapia, espelha o processo da autotransformação universal”. Nós, como parte de uma Mandala, e

---

<sup>173</sup> Imagens respectivas: Mandala de Shambala, em:

<http://picasaweb.google.com/DharmatiAstrology/Symbols/photo#5010850557611637330>; e Linhagem (dos ensinamentos) de Shambala, em:  
<http://shambhalatimes.org/2009/04/03/the-shambhala-lineage-by-chogyam-trungpa/>

nossas transformações em relação permanente com Shambhala e outras forças cósmicas.



A noção dos Sherpas não está descontextualizada das linhagens de ensinamentos que Maria Bowen recebeu, especialmente de Sogyal Rinpoche. Não apenas conhecido de Bowen, Sogyal Rinpoche, desde 1970, detinha uma posição de *visiting scholar* no Trinity College, parte da famosa Cambridge University. Realizou, nos anos seguintes, várias atividades na França e Europa, inclusive traduzindo SS Dudjom Rinpoche (à época, chefe da linhagem/Escola Nyingma) e SS Dilgo Khyentse Rinpoche (posteriormente, chefe da mesma Escola). Maria Bowen conheceu Sogyal Rinpoche em 1982, conforme relembra seu filho, Andy Bowen: “pelo menos duas vezes por ano, eles [meus pais] freqüentavam retiros de uma semana com Sogyal Rinpoche. Juntos, eles meditavam e recitavam mantras” (apud Cavalcante Jr., 2008, p. 132). Em 1983, Sogyal Rinpoche participou da conferência “New Dimensions in Death and Dying”, na Califórnia, conhecendo o trabalho de cuidados paliativos e *hospice*, desenvolvidos por Elisabeth Kübler-Ross e Kenneth Ring. Em 1989, em San Jose, na Califórnia, Sogyal Rinpoche organizou a visita do Dalai Lama, para ensinamentos do Dzogchen. Em 1992, publicou o famoso “Livro Tibetano do Viver e do Morrer”. Foi também em 1992 (com dez anos de práticas ininterruptas no Vajrayana), “quando a saúde de Maria começou a deteriorar-se, [que] ela resolveu fazer um retiro de mais de três meses, de 2 de junho a 23 de setembro, em Montpellier, na França”. No “Lerab Ling”, o principal centro de retiro de Sogyal Rinpoche (fundado em 1991), Bowen fez a sua imersão nas práticas para transferência de consciência na hora da morte. Maria falece em 1994, com todos os sinais de realização espiritual na prática

que se dedicou. Também essa linhagem de conhecimento experiencial-espiritual permitiu que Maria Bowen não confundisse o *papel do Sherpa do papel do Oráculo*, ambos existentes na cultura tibetana. E, ao falar da psicoterapia, é do Sherpa, e não do Oráculo (que, literalmente, *adivinha* a intervenção ou a sugere uma interpretação correta para a vida) que Maria Bowen refere-se. É o próprio Sogyal Rinpoche que partilha: “Muitas vezes fiquei intimamente comovido ao ver o quanto se pode ajudar alguém a ajudar-se a si próprio, deixando que ela descubra a sua própria verdade, uma verdade cuja riqueza, doçura e profundidade jamais havia suspeitado.” Sendo o texto dos Sherpas-Psicoterapeutas de 1984 (dez anos antes da sua morte), estamos referindo-se a uma fase madura da experiência e carreira de Maria Bowen<sup>174</sup> (uma mulher com 50 anos, nascida em 1934), enquanto teórica, política e psicoterapeuta no referencial clínico da Abordagem Centrada na Pessoa. Não é, pois, tão fácil cerrar os ouvidos à experiência de uma das colaboradoras mais próximas, e ela mesma, por algum tempo, terapeuta de Rogers. Não me impressiona o desconhecimento para essas facetas espirituais no trabalho de Rogers e de Bowen.

Referências consultadas:

- Cavalcante Jr, F.S. Trilhas de vida e espiritualidade em Maria Bowen: ‘interconexão no universo e na psicoterapia’. In: Olinda, E.M.B; Cavalcante Jr, F.S. *Artes do existir: trajetórias de vida e formação*. (Coleção Diálogos Intempestivos, 51). Fortaleza: Ed. UFC, 2008.
- Fundação Chagdud Gonpa Brasil. A sabedoria de ouvir: uma jóia preciosa com Marilyn Smith-Stoner. Divulgação de palestra em 21 de outubro de 2007, Porto Alegre – RS. Acesso em setembro de 2007: <http://www.chagdud.org>
- Santos, A.M; Rogers, C.; Bowen, M.C. *Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- Viana, A. O homem que viu o mundo a seus pés. *Revista Dufry World (Trip Editora)*, nº. 2, 2008.

---

<sup>174</sup> “O Presidente da República, usando das atribuições que lhe conferem os artigos 149, § 19, letra a, da Constituição (...) resolve DECLARAR que perderam a nacionalidade brasileira e os direitos políticos (...) MARIA CONSTANÇA CALMON VILLAS BOAS, que passou a assinar-se MARIA CONSTANÇA VILLAS-BOAS BOWEN, natural do Estado da Bahia, nascida a 15 de fevereiro de 1934, filha de Jayme Villas Boas e de Maria Julieta Calmon Villas Boas, por ter adquirido, voluntariamente, a nacionalidade norte-americana” – Diário Oficial da União, 26/06/1980 (pp. 15-16), disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3350085/pg-16-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-26-06-1980>

## 2.D.iii. ESCRITOS DE GAVETA #2

*(Recortes de uma madrugada, nas semanas posteriores ao aniversário de um amigo, em janeiro de 2013.)*

PODERIA SER UM SONHO – SÓ QUE NÃO

---

...e eu acordei.

---

hmmm...

*...posso levar uma parte comigo, para o mundo dos meus escombros?!*

*...uma parte que você queira compartilhar...*

*não posso escolher qual.*

*mas posso levar um pedaço grande, se você me confiar.*

---

...mas, eu não entendo.

---

...pense em um sherpa...

---

se você "poderia levar", é porque existe algo, talvez, que eu gostaria de poder ser levado, de não ser perdido... talvez pesado, doloroso... enfim...

---

...conhece?

essa "metáfora" do sherpa?

foi descrita por maria constança villas-boas?

---

como posso querer que leve, se eu não entendo nem o que poderia ser levado?

---

*para subir o himalaia, não necessariamente você precisa dividir o que já sabe e conhece; apenas precisa querer dividir algo...*

*é mais na disposição para confiar algo, e o quanto está disposto a confiar, nesse subir conjunto.*

*indiferentemente, para quem leva, se é algo de valor, ou sem valor, ambos, estão sendo levados porquanto necessários.*

*eu, estou pedindo permissão de levar, e o quanto posso/você gostaria que fosse. são duas perguntas razoavelmente singelas.*

---

absolutamente.

---

*isso quer dizer o quê?*

---

*...que não são singelas as perguntas...*

---

*pergunta um, quer alguém que te leve algo?  
pergunta dois, o quanto poderia ser levado, caso queira?*

---

*sim, quero alguém que me leve algo.*

---

*ok.*

---

*mas, naturalmente, eu perguntaria, o quanto você poderia levar?*

---

*eu posso levar muito, muito porém não tudo, ou não infinito.  
um sherpa leva até 70kg quando sobe uma montanha.  
eu posso levar até essa metade, um pouco mais da metade da minha  
própria sombra e terror.  
levo e não me fará mal.  
posso lidar e ficarei bem.*

---

*leva, nesse momento, aqueles escombros demolidos.*

---

*ok. todos?*

---

*não, são muitos..., do que eu pude ver no meu sonho...*

---

*(silêncio)*

---

*ai, isso é difícil! não quero dar nada para que você carregue.*

---

*.....geralmente, ninguém quer.  
ninguém quer um sherpa... e a jornada.*

---

*não consigo imaginar isso, alguém levando peso por mim.*

---

*mas estou perguntando, caso possa ser assim ou não.  
e isso também significa que você não pode ser o sherpa de mais  
ninguém, se não pode confiar que um sherpa, da sua escolha, qualquer  
um, possa ser útil na vida de alguém...*

---

penso que não é questão de confiança, mas de não querer fazer, do meu sherpa, um burro de carga, entende?!

---

*e para quê um sherpa, então?  
todo sherpa é um carregador.  
isso não é algo sem dignidade.  
e também não é uma companhia sem valor.*

*é a função do sherpa, quando se propõe ao caminho e ao momento.  
quando estiver o cansado, o sherpa não vai ao trabalho.  
agradeço, mas não se preocupe com essa questão.*

---

me parece, algo do tipo...  
“mas porque você mesmo não leva seu peso?” (risos.)

---

*porque você sozinho pode levar o seu peso, se estivesse no chão, na horizontal. você está escalando, buscando algo; é muito alto, é muito frio, o ar é rarefeito, e sua visão é parcial (névoa), o chão é liso e afunda, você se cansa mais rápido fora do seu habitual, e pode deslizar – há fendas, pode haver avalanches.  
ademais, há criaturas míticas que habitam o himalaia.  
claro que você pode ir só. mas pode ir com uma companhia que recebe uma parte das suas necessidades, e aceita subir contigo, no teu caminho.*

---

pois, tudo bem, então.  
pegue esses escombros, mas leve algo mais.

---

*ok, e o que mais, além dos escombros?*

---

existe uma sacola grande de tecido resistente na bagagem...

---

*hmm...  
qual a cor da sacola?*

---

*está pesada, mas não está cheia.  
ela me atrapalha por demais.  
ela é cinza...  
mas cuidado, porque o tecido é áspero.*

---

*ok, escombros, e sacola cinza, com tecido forte e áspero.*

---

pode machucar no seu manuseio.  
o conteúdo é um tanto precioso, mas doloroso.  
e apesar da cor discreta...

---

*ok, entendido, e terei cuidado nesse transporte.  
um transporte discreto e cauteloso...*

---

*...é um objeto bastante visível, o tempo todo solicita atenção.*

---

*ok. atenção redobrada.*

---

pois leve isso...  
quem sabe, assim, quem fique leve seja eu.

---

*ok, levo as duas encomendas.  
podemos, então, descansar por agora, e subirmos amanhã?*

---

*sem dúvidas.*

---

*...até.*

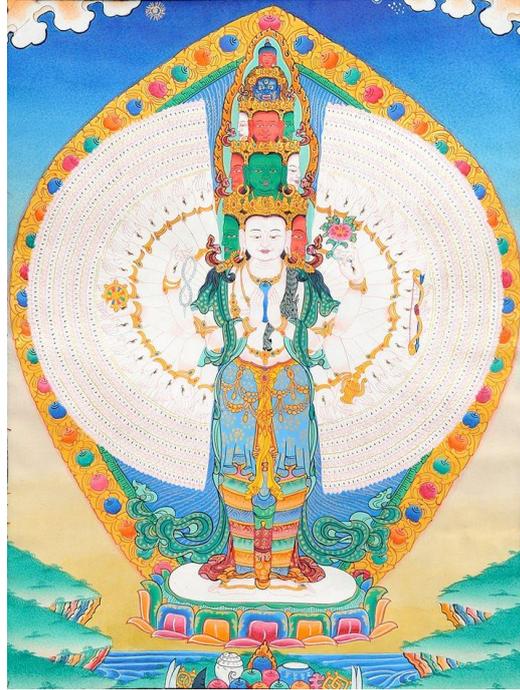
"(...) la vie est plénitude, fondée sur l'intégration des diverses énergies (...) la 'Personne de Demain' est guidée par une recherche spirituelle. (...) De son côté, Rogers, d'une manière plus subtile, expliqué comment le déroulement d'une psychothérapie peut aider à cette prise de conscience de la 'Personne en Devenir' (...) Si nous puisons dans ces sources, notre travail s'orientera sur une voie qui transcende notre compréhension intellectuelle (...) Ainsi, nous deviendrons comme les Sherpas, nous conduisant, ainsi que nos clients vers Shambala, autrement dit vers l'état de conscience de la Personne de Demain."

Maria Constança Villas-Bôas Bowen<sup>175</sup>, Maio de 1984  
LE PROCESSUS THERAPEUTIQUE, LE THERAPEUTE, L 'APPRENTISSAGE.

---

<sup>175</sup> Ver: <http://carl-rogers.fr/le%20processus%20therapeutique.pdf>

## 2.D.iv. UM IMAGINÁRIO PESSOAL DA COMPAIXÃO



Chenrezig com 4-Braços; Chenrezig com Mil-Braços



Mandala de Chenrezig; Dalai Lama (emanação de Chenrezig)

## 2.E. JORNADAS D´ALMA

“Todos estão loucos nesse mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total.”

João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas

No que diz respeito ao contexto de funcionamento dos Sherpas-Terapóns, a tradição Formativo-Experiencial da Psicologia Humanista contribuiu para o desenvolvimento de novas ferramentas e aplicações terapêuticas no contexto do Ocidente científico e tecnológico. Especialmente a partir do legado de Carl Rogers e sua Abordagem Centrada na Pessoa, buscou-se explicitar a vasta heterogeneidade nas relações humanas a partir de ambientes de não-julgamento e cumplicidade afetiva.

Mediante uma diagramação conceitual que almeja maior saúde emocional, em atitudes imbuídas com um senso de resiliência e de bem-estar psicológicos, modalidades de auto-cuidado foram aproximadas de uma dinâmica social contemporânea, que também aspira florescimento humano e espiritualidade outrora reservadas do mundo comum.

Conforme essa poética terapêutica, uma ampliação progressiva das capacidades humanas situa-se em trânsitos criativos para uma malha rica de interações vitais, dentre as quais:

- (1) a abertura sensível para uma vida processual de incertezas e de encontros, por isso mesmo, respectivamente, de inteireza enquanto instante-e-relacionabilidades, e de crescimento enquanto coragem-e-responsividade;
- (2) a sabedoria de uma regulação porosa ao tácito e ao simbólico em cada experiência com os fluxos que movem as intensidades dos corpos;
- (3) a afirmação de sentidos coletivizados a partir dos atravessamentos por serendipidades e das atualizações que se expressam no labor amplo de uma personalidade onde o si-mesmo é laço de pertencimento com a vida;
- (4) o funcionamento coeso de potencialidades significadas e integradas, capazes de sustentar acontecimentos do invisível e do mágico na vida presentificada;
- (5) do orgânico ao inorgânico como testemunhos da multiplicidade vital, da sintropia e da entropia irreduzíveis como forças complementares do ontem cósmico e da Pessoa do Amanhã, a invenção do tempo-vida (áion) surge como reconhecimento afetivo/amoroso da alteridade-formativa.

Mais do que uma mera adaptação para as jornadas históricas da alma, não se tratou de produzir um duplo por hipotética fidedignidade ao funcionamento de um homem no passado, optando-se por um exercício relacional do poder como atributo da pessoa, que transmuta em horizontalidade a solidão e isolamento no investimento requisitado sobre a autoridade (afetiva, profissional, política etc).

Se a proposta de Rogers contempla tais “eventos” do singular como via de transformação refletida no universal, o objetivo de quaisquer intervenções correspondentes não converte a experiência formativa da vida em meros objetos capturados na personalidade, a partir ou a despeito do que o mundo oferece como estímulo. O “acontecimento” e suas consequências desencadeadas são, portanto, maior que a tentativa de passagem a uma finalidade atomizada.

Por consequência lógica, a intervenção formativa também não produz um senso de qualquer segurança absoluta e/ou irrestrita ao frágil processo de inventar-se como participação viva, e jamais assegura um resultado antecipável – seja “transcendente” (como oposição ao imanente), seja “transcendental” (também na acepção rigorosa do termo nas filosofias), seja “transpessoal” (no sentido de espiritualidade de fundo eternalista).

Tendência Formativa, como um operador dessa pragmática terapêutica de contínuo espaçamento ou espacialidade no “sujeito” ou no “indivíduo” enrijecidos, soma-se à cadeia de assertividade experiencial que aperfeiçoa respostas unitárias na fronteira sempre borrada de interações entre organismo, necessidades, meio e incertezas.

Desse contato estésico para elementos somáticos e de sentido desdobrados nas relações onde se constituem, potenciais emergentistas articulam um senso próprio de auto-regulação em redes de cooperação, onde crescimento e atualização estão presentes numa moldura de pessoalidade que se dilata como porosidade.

Ambientes nutritivos de suporte para reorganizações flexíveis de personalidade favorecem novas relacionabilidades formativas efetivadas na micro-política do cotidiano, com percepções, sentimentos e escolhas experiencialmente significados. Dessa jornada (ascL)ética onde o próprio terapeuta realiza-se como sociedade que o desvela, o horizonte fecundo de vitalismo nessa incubação experiencial permite uma alquimia da alma/psiqué nas suas relações humanas.

Não apenas no funcionamento do cliente, mas também para uma tradição específica de conhecimento, com a psicoterapia incluída no

rol das aprendizagens sistematizadas e transmitidas, parece surgir um “bem” ou “valor” a ser retido. Com feição de estar fora das contingências, passa a ser compreendido como pano de fundo no desempenho de quaisquer práticas, e prontamente subalterno à expectativa antecipada de uma condição ou sugestão como necessária.

Impeditivos da singularidade de um vivido (com suas fragilidades e ambiguidades irresolutas), os esforços da tradição no pensamento forjam um espectro de duplos por repetição, semelhança, identidade. Uma vez padronizados, é possível conduzir um tratamento analítico e prescritivo correspondentes (o que ocorre, contrastado ao tipo de formulação vigente, como ser modificado etc), além de corrigir possíveis desvios na trilha conformada.

Ao contrário, no prisma não majoritário, não colonial, não universal, não hegemônico, a intromissão do lúdico, do sensível e do corpo, é frequentemente capaz de profanar hierarquias, cronogramas e consistências, expressando campos de novas intensidades que efetivam/afirmam novas potências, nessa via de resistência para o repetir identitário.

Se, por um lado, a rigidez e solidez nas emoções vivenciadas pelo cliente impedem que outros caminhos e alternativas existenciais sejam vislumbrados, curiosamente, de modo semelhante nos terapeutas, há quem se some à jornada terceira de crescimento, imbuído com a expectativa de experiências mais largas, novos potenciais e atualizações significativas, embora aprisionado a um modo bastante limitante de funcionamento teórico acerca dos objetos da percepção.

Não é somente o cliente ou o terapeuta que “deformam” suas relações emocionais (que se vinculam e tomam para si um tipo de resposta, quando a experiência congruente sugere outra), em seus processos tidos como particulares, mas também a teoria, ela própria como uma organicidade coletiva entre seus enunciados, condições e actantes.

O terapeuta pode estar “congruente” consigo mesmo e seu fluxo relacional circunscrito, embora, ainda assim, submetido ao tipo de frequência emocional condicionada a uma operação teórica como legado do pensamento identitário.

Não se trata, apenas, dos bloqueios no cliente, quando, por exemplo, já não há contexto relacional (de impactos na via dupla e possibilidade de transformações inesperadas) entre ambiente, estímulos, necessidades, regulações, auto-direção, atualizações e vida boa.

Quando o processo, a abertura e a experiência apenas equivalem a uma expansão de coerência idealizada e tornada costumeira, observa-se a captura de fragmentos da complexidade vital adequados ao limite admissível e programado, com a entusiasmada solidez emprestada pelo terapeuta.

No caso do vislumbre teórico do terapeuta sobre o funcionamento das emoções em si próprio ou em um terceiro (e não apenas o conteúdo imediato das emoções apresentadas, uma vez experienciados ou não pelo organismo), com o suporte conceitual baseado em premissas não-formativas, o todo da vida e suas ações tornam-se reféns das emoções e reações de um vivido particular.

Essa visada antropocêntrica reconhece no exercício “elaborativo” de um “eu”, e sua forma de conhecimento derivadas por sujeitos, conceitos e certezas, o parâmetro de “atravessamento” único para um tudo que nos cerca. Em outras palavras, impõe uma forma de “paisagem vedada” que apenas o domínio particular do (meu) “eu” pode acessar, em um enlace de vida que eventualmente me afeta (influencia-me) na dimensão que “eu” julgo ser capaz de interpretar (a partir das vivências prévias do mesmo “eu”).

Embora as pessoas perfaçam suas relações a partir dessas “realidades” que constituem emocionalmente, talvez um pouco de humor e brincadeira ainda promova breves deslocamentos nas figuras estabilizadas, suficientes para recuperar um espaço de possibilidades infinitas, daquelas mesmas qualidades que impuseram os homens do passado mágico no ardor das fogueiras e das luzes.

“A única realidade que me é possível conhecer é a do mundo e universo como eu o percebo e vivencio neste momento. A única realidade que é possível você conhecer é a do mundo e universo como você o percebe e vivencia neste momento. E a única certeza é a de que estas realidades percebidas são diferentes umas das outras. Os mundos reais são tantos, quanto as pessoas.” – Carl Rogers, A Pessoa Como Centro (p. 189).

Uma forma habitual para interpretar essa assertiva recomenda tomar por objetos fixos os “elementos” da experiência, constituindo um inventário de sensações, sentidos e semiótica abrigados como “permanência” de uma identidade – uma pintura (de realidade, ou de possibilidade, ou de conhecimento, ou de mundo, ou de universo, ou de momento, ou de certeza etc) que, no seu melhor, se expande somente por acréscimos.

O próprio senso de “direção pessoal” que seria uma função da mudança, da adaptação e do crescimento, com sua relação em aberto para meio, organismo e necessidades, é substituído pela fixação

daquele “histórico de representações sobre si mesmo” que emocionalmente não se deixa ir embora.

A experiência com facetas desconhecidas da realidade possível é, assim, reduzida ao confinamento de percepções já consolidadas (e reforçadas), que antecipam a recusa no deparar-se com qualquer mistério que habita (e assombra) o mundo.

A “psicoterapia”, ao contrário, é uma arte bastante antiga, daqueles gregos à margem do lógos e banhados da mítica, que ecoa nos percursos que se vale a alma para desvelar a sua própria jornada, em um contexto de busca para realizar-se herói do seu próprio destino.

As tais jornadas transcorrem-se na experiência da psiqué/alma e Eros/amor, o seu par contínuo de superações, ambos ladeados por um facilitador chamado terapón/terapeuta, também reconhecido, nos dias atuais, como um Sherpa – alguém que segue no desconhecido e desafios da jornada terceira.

Nesse prisma, a ênfase na experiência não deveria ser confundida como limitação, apego e isolamento nas próprias imagens cristalizadas da vida, mas, ao contrário, como um mergulho na incessante descoberta.

Quando o foco deixa de ser a experiência como processo em aberto, e torna-se apenas o acúmulo de objetos tangíveis numa vivência particular e circunscrita, ademais generalizados como abalizadores das escolhas e futuros de vida; quando essa vida do mistério abandona o lugar da curiosidade e da exploração, tornando-se frágil convicção e segurança, aguçada resistência e hostilidade para defesa, o invisível e a serendipidade não são percebidos na jornada de uma alma que está sozinha.

Outra possibilidade é a entender que, para qualquer movimento formativo e efetivamente atualizante, para um senso de vida em relação e transformação contínuas, resta apenas o momento, o cultivo de instantes, de presença e de encontros – “epifânicos”, por assim dizer. Deste modo, a relação com os muitos de mim mesmo, bem como, para os muitos de cada outro e das próprias camadas do mundo, só podem encontrar mediação nessa ressonância entre instantes:

“A experiência mostrou-me que as pessoas têm, fundamentalmente, uma orientação positiva. (...) Acabei por me convencer de que quanto mais um indivíduo é compreendido e aceito, maior tendência tem para abandonar as falsas defesas que empregou para enfrentar a vida, e para progredir num caminho construtivo.” – Carl Rogers, Tornar-se Pessoa (p. 38).

Na radicalidade experiencial daquela geração desbravadora de terapeutas-Sherpas, o Brasil viu surgir o ousadia de ambientes não-estruturados e não-dirigidos para compartilhar processos de expressão e amadurecimento dos potenciais humanos, em relações facilitadoras individuais/singulares ou grupais/comunitárias (ilustrados, por exemplo, no Plantão Psicológico e nos Grandes Grupos Residenciais).

Entretanto, porque falar de não-diretividade externa (condições de valia exigidas por terceiros) e de não-diretividade interna (auto-imposição de ideais de eu e imagens de si-mesmo assimilados nas relações com o meio), enquanto se desconsidera completamente um aspecto menos tangível, secreto da não-diretividade?

O que significa “liberdade” e “atualização” (produzir ato, atual, atualidade) quando o intenso assédio emocional e seu envolvimento aparentemente compulsório, inesperado e incontrolado, apenas dirige cada regulação físico-psíquica?

Repentinamente e não menos “violentas” nas suas intensidades, “secretas” porquanto, de muitas formas, somente nos é dado em conta a partir do lastro mesmo de suas adversidades e expressões inesperadas; o que dizer quando somos frequentemente capturados por esse desconforto e insatisfação desdobrado das emoções?

Não sabemos porque surgiu uma emoção específica ou até mesmo de onde virá/qual será uma próxima emoção (suas causas ou tendências) e desconhecemos os detalhes para os contextos que ativam ou circunstâncias que evocam (suas condições) tais emoções.

Habitualmente, somos apenas vítimas das nossas próprias emoções, dessa onda intensa de energia que não “respeita” razão, cognição, interpretação, história de vida ou senso de personalidade.

Quais “potenciais” emergem da contínua implicação e atravessamento por tamanhas densidades emocionais, quais aspectos desdobram-se da “experiência” com essas emoções, uma vez “adentradas” a partir das nossas esperanças e medos, vontades e desejos?

Mesmo com o estranhar-se das emoções “repetitivas”, o que se obtém como “qualidade de vida” para essa textura emocional em cuja dominação persiste? Embora se valendo de práticas que dissolvem o tempo capturado em favor de um presente imanente, o que é mesmo o viver por afetos que desdobram novas sensações (e não apenas sintomas), intensidades que colidem junto a outras sensações e que fazem mover o corpo com aflusos de potências, estas, por sua vez, que produzem singularidades como um modo de habitar a vida?

Submergidos por duas, três, quatro, cinco, sete, dez ocasiões diferentes que orbitam sobre um tema emocional, seja na vida cotidiana ou na experiência clínica, seremos capazes, ao longo da curta vida, de reduzir essa agitação ou proporcionar alguma liberação para “emoções perturbadoras”, “estados mentais aflitivos”, “estados mentais destrutivos”, “estados mentais venenosos” ou “emoções perturbadoras”?

Os budistas entendem que o sofrimento não é aleatório – uma vez que há causas e condições, há também um caminho de possibilidades. Se não houvesse emoções, lembra Zamba Chözom (em seu livro “A Dança das Emoções”, 2013), também não haveria caminho (p. 29). Porque é impermanente em sua natureza, o sofrimento pode ser explorado em diferentes perspectivas.

A respeito da terminologia “Budista”, Khenpo Puntsog Gelek fornece uma interpretação próxima do uso original:

“(…) In Tibetan, the word for a Buddhist is nang-ba sang-gye-ba. These five syllables have an important meaning. (...) So what does nang-ba sang-gye-ba mean? “Nang” means “in” or “inside,” and “nangba” in this case means “internal.” The word “sang” means “clean” or “clear,” in the sense of not being obscured by dirt or darkness. “Gye” means “wide” or “deep.” It can also mean “development.” It has the sense of great size or vastness. So the word for a Buddhist in Tibetan essentially means someone who has great mental clarity or great wisdom. This Tibetan term tells you that being a Buddhist has to do with an internal quality of clarity. The point is that the quality of your mind and being free from kleshas is what makes you a Buddhist, not what kind of clothes you wear, what your hair looks like, or whether you carry around a mala. (...)”

A mesma lição é comentada pelo conhecimento de (Erik) Pema Kunsang<sup>176</sup>, um tradutor “Budista”:

“Being an insider doesn't mean being member of a select group, it means to live with responsibility, to take charge of life and all that entails: every thought, word and deed. Everything we express, every attitude we form, every way we communicate, every movement of our body has a consequence. All these consequences have one director, the will. Will is responsible for all help and hurt. Will is a powerful force. It's the creator of destiny and fate, even good and bad luck. By accepting responsibility for our willful actions, we change our lives. It is in this context that the Tibetan translators a millennium ago chose nangpa as the word for Buddhist and it simply means insider, to accept that mind is responsible for everything. To be a true insider means to change the causes, rather than blaming the effects. Even the smallest hurtful deed, such as slapping an insect, creates tremendous consequences. Once done, it's easier to repeat, it becomes a habit. The many habits rushing through our minds in every conscious moment of life support the illusion of being a someone with ideas and opinions, daily desires, likes and dislikes. This mind with an illusory personality

---

<sup>176</sup> Ver: <http://levekunst.com/the-insiders/>

is usually busy blaming everything that happens on this someone, or other someones, while in fact all that happens are effects caused by earlier moments of willful mind. We can, everyone of us, make a willful decisions to better a situation, to heal a hurt, to refrain from committing a small murder by undermining another mind's worth."

Também sob esse prisma, as emoções são indispensáveis para objetivos mais amplos: se não existisse, por exemplo, alguém para desafiar-nos, como poderíamos aperfeiçoar a prática de paciência (Chözom, 2013, p. 31)? "Amigos, afinal, são aqueles com quem contamos quando precisamos de ajuda. E se vamos trabalhar com emoções difíceis, precisamos desses 'amigos' para nos ajudar a gerá-las" (Chözom, 2013, p. 73)

Apesar da ferocidade que as emoções parecem dirigir-nos, trata-se, nesse âmbito, de cultivar uma distância segura para a irresponsabilidade do impulso e a tempestade emocional por carência – "nossa prática não precisa ser dramática para ser efetiva" (Chözom, 2013, p. 77). De outra forma, um vislumbre de distanciamento experiencial que permite um espaço gradualmente maior diante do assédio emocional e da reação automática.

Não se trata de "indiferença", menos ainda de "apego" ou "aversão", e não se conduz por "fugir" ou "negar", nem por "desistir" ou "confrontar". Pressupõe-se, ao contrário, um tipo de "conexão" sem fusão emocional imediata; uma posição capaz de enxergar não apenas um objeto emocional particular, mas de não ser absorvido a ponto de observar uma paisagem mais ampla; ver onde surge, bem como onde está situada a emoção, sem perder-se na mesma ou perdê-la de vista no contexto da prática.

Essa forma de cultivar uma distância razoável para a turbulência e atordoamento emocionais, por meio de um desengajamento e desinvestimento para reações frente a emoção que surge, também inclui "(...) desapegar do 'desapegante'. Em outras palavras, precisamos nos libertar da fixação na pessoa que se desapega" (Chözom, 2013, p. 104).

Como estratégias nessa familiarização com possibilidades além do imobilismo costumeiro, repertórios de práticas contemplativas minuciosas foram aperfeiçoadas, dentre as quais:

"(...) abertura com atenção plena, visão clara e deixar partir (...) A qualidade da imobilidade da meditação de calmo repousar [shamatha] nos ajudar a criar a abertura com atenção plena, enquanto a meditação de discernimento [vipashyana] nos auxilia a ver claramente as emoções e deixar que elas partam" (Chözom, 2013, p. 105)

Também nos sistemas de psicoterapias, mesmo “emoções” difíceis não são fatores negativos, tomadas que são como suporte para os diversos processos de crescimento e desenvolvimento emocional.

Embora não assimile as qualidades básicas de “espaço básico” (sabedoria) e “responsividade” (compaixão) da mente (Chözom, 2013), a psicoterapia pode manejar uma zona intermediária de auto-cuidado e trabalho pessoal, sobretudo diante da força ou escala de emoções ameaçadoras ou “muito poderosas” – há emoções de tal grandeza que são capazes de esmagar ou aniquilar quem as vivencia, podendo, ademais, “irradiar-se” entre o comportamento de muitos outros, para engolir bem mais do que uma família inteira.

Os diferentes formatos de psicoterapia constituem suas alternativas que permitem o cliente retirar-se um pouco do próprio “caos”. Transcorrem-se como “procedimentos relacionais” de ajuda que delimitam objetos para o esforço da investigação pessoal, com o intuito de promover outra ordem de funcionamento e constituir movimentos/relações significativas com os demais elementos da vida psíquica.

De outra maneira, com o remanejamento e novas combinações entre os blocos afetivos, cessa um sofrimento relativo ao surgimento de condições específicas que o proporcionaram determinada configuração e surge um contínuo de felicidade dependente/relativa às novas condições estabelecidas (Chözom, 2013).

Contudo, lidar sistematicamente com as emoções requisita um tempo para familiarizar-se e passar a conhecer os seus padrões: “(...) nosso relacionamento com as emoções opera em larga medida nos mesmos princípios que nossos relacionamentos com outras pessoas” (Chözom, 2013, p. 80).

Para um nível mais denso de fixação e expectativas emocionais, a psicoterapia (e outras intervenções de saúde mental) pode reconhecer e trabalhar a partir de um mesmo lugar enunciado por quem as vivencia.

Em situações com agitação mental intensa, com dificuldade para um contato imediato com a própria respiração ou sensações ainda mais sutis do corpo, com maiores obstáculos para assumir uma posição calma ou relaxada, a psicoterapia é capaz de trabalhar nesse mesmo horizonte de reciprocidade à demanda vivida.

Quando todas as situações são experienciadas como sólidas, pesadas e reais demais, sufocantes, aprisionantes e até mesmo desesperadoras, a psicoterapia é capaz de constituir relações, promover deslocamentos e, até mesmo, reorganizar esses blocos afetivo-perceptuais. A partir desse

nível de contato, ainda mediado (e não imediato) pela simbolização de transações entre corpo-mente-ambiente, diferentes emoções são processadas e manejadas.

Especialmente, com emoções ocultas, suprimidas ou bloqueadas, "(...) métodos psicológicos ocidentais são particularmente potentes na investigação de emoções suprimidas. Podemos incorporar quaisquer desses métodos que acharmos úteis na nossa prática" (Chözom, 2013, p. 103)

Assim, o processo terapêutico será retomado ou modificado sempre que "novas condições" demonstram-se insatisfatórias, com a expressão correlata de incômodo ou sofrimento para quem as vivencia. Embora as emoções não sejam permanentes ou definitivas, a psicoterapia reconhece esses núcleos afetivos e identitários como parte constituinte no que é a subjetividade e sua faceta de personalidade.

Apesar de a personalidade demonstrar-se como uma função relacional ao meio e diferentes fatores, a sua condição mesma de possibilidade e as consequências do próprio funcionamento a partir dessas categorias, seja de pessoa, seja de sujeito etc, não estão sob questionamento direto na terapêutica.

Precisamos de outra sintonia-percepção emocional, onde reconhecer emoções não signifique uma reação automática para configurações percebidas por um eu isolado: por exemplo, o que é solidariedade, o que é empatia em relações de "pessoa para pessoa":

Como um gafanhoto ou um relâmpago, que é "pessoa" na antropologia de Viveiros de Castro, poderia expressar o seu amor? Como escutá-los? Como facilitá-los centrados em suas necessidades?

Como uma baleia ou um golfinho, que é "pessoa" (não-humana) na ecologia política da Índia, poderia expressar o seu amor? Como escutá-los? Como facilitá-los?

Como a Pacha-Mama, que é "pessoa" de direitos (e não objeto para terceiros) no sistema Constitucional dos povos TransAndinos (Equador, Bolívia etc), poderia expressar o seu amor? Como escutá-la? Como facilitá-la?

E o que dizer dos "actantes" ciborgs, acontecimentos e espacialidades da internet, onde humanos interagem com robôs e algoritmos (facebook, por exemplo); como relacionar-se com "organismos geneticamente modificados" e seus processos de auto-regulação... e quiçá, "organismos industriais" criados por exemplo para despoluir – seriam dotados de potencial de atualização fixada-idealizada?

G. Deleuze quis afirmar que a última forma de alteridade, aquela efetivamente avessa, desafio e radical, é alteridade geológica, química e, portanto, inorgânica: o metal, o cristal... o devir-silício do carbono... Como escutá-los? Como facilitá-los? Também Carl Rogers observou que os flocos de neve, os cristais (e as estrelas) são atravessados pela mesma Tendência Formativa que modula a experiência humana.

*"No mistério do sem-fim  
equilibra-se um planeta.*

*E, no planeta, um jardim,  
e, no jardim, um canteiro;  
no canteiro uma violeta,  
e, sobre ela, o dia inteiro,*

*entre o planeta e o sem-fim,  
a asa de uma borboleta"*  
(Cecília Meireles)

O que essas perspectivas não-antropocêntricas sugerem como personagens do Inorgânico/Tendência Formativa em Carl Rogers?

Em circunstâncias pessoais que desencadeiam um nível muito elevado de ansiedade, de medo, de agressividade, é mais difícil estabilizar a atenção em sensações básicas do próprio corpo, quiçá refinando até os aspectos mais sutis da percepção. Todavia, "(...) se vamos nos livrar do aspecto destrutivo da energia das emoções, não podemos trabalhar as condições que estão presentes em nosso ambiente físico e psicológico (...) em muitos casos, sistemas de psicoterapia trabalham ao nível das condições e não ao nível causal" (Chözom, 2013, p. 49).

Pudéssemos examinar nossas "emoções" a partir da sua matriz intrínseca de funcionamento, além propriamente das interpretações que aferimos dos nossos hábitos e sentidos, seríamos capazes de reconhecer que:

"(...) a essência das emoções não é somente o caminho – é o resultado" (Chözom, 2013, p. 36); "(...) antes de processarmos e entendermos o que nossas emoções estão tentando dizer (...) que é fundamentalmente uma expressão de sabedoria" (Chözom, 2013, p. 66); "(...) quando liberto da fixação, a energia das emoções é a energia da sabedoria iluminada que temos buscado" (Chözom, 2013, p. 110); "(...) genuína experiência das emoções é pura, inalterada experiência da energia dinâmica daquilo que chamamos mente" (Chözom, 2013, p. 119).

É nesse aspecto de transações emocionais mais pacificadas que poderíamos ampliar a perspectiva de "não-diretividade" para as nossas atitudes e liberdades humanas no trabalho dos Sherpas e seus contextos

terapêuticos facilitadores, qual seja: deslocando-se de um horizonte reduzido ao “crescimento humano” segundo a referência fixada de uma personalidade substancial (identitária, biográfica etc), para uma experiência não explorada de florescimento e felicidade duradouros, onde “pessoa” e “emoções” são aspectos legítimos e verdadeiramente inseparáveis da natureza não-condicionada da mente. “Um bom auxílio terapêutico pode ser bastante benéfico. Ao mesmo tempo, há um grande benefício em investigar suas próprias emoções em primeira mão” (Chözom, 2013, p. 103). Como perceber as emoções sob outro prisma?



**tempo 1.** Deixando que as ondas escrevam na minha (a)rêia, que os (e)ventos tornem suaves as minhas rochas... trouxe comigo as cartas – onde céu e mar hão de vagar com suas anotações. Eram os ventos, tão fortes e invisíveis: um tufo pequeno de algas rodopiava dentro de mim, emprestado numa trajetória ligeira, sem curvas e vontades na frouxidão da poeira fina; não havia tempo de subtrações naquela direção ao poente, água sem volta para as dunas que também se desfaziam no precipício, outrora as grandes e insuperáveis montanhas – o que dizer dos solitários e pequeninos, aqueles sem raízes molhadas... calado, demais silencioso, eu observava o instante quase choroso onde as criaturas são abandonadas em sua própria ventania. Calado mesmo, demais silencioso, era o abismo para os tornados azuis e qualquer referência melancólica. Ah! Os nossos ventos, furacões...

**tempo 2.** As gotas respingam no corpo frágil. Chuvisco que se aproxima, uma primeira onda que avança no fim da tarde, ou a ducha que precipita água farta e morna. Atordoada pela ameaça súbita, a pequena estava até pouco entre os seus objetos maiores e atropelos com o vento quente. Sem o apoio de outra formiga, ela vasculha uma área tão minúscula, experimentando opções de saída para o círculo iminente de águas. Apesar de confusa, soube recuperar o seu velho caminho de vestígios, por onde mesmo seguiu, tão apressada e diligentemente. Na trilha para casa, assim empenhada e célere para fugir do volume crescente, sua urgência obriga-lhe manter a exata direção que a trouxe pela manhã. O caminho já funcionou uma vida inteira, exatamente da mesma forma, para todas as demais circunstâncias. Debatendo-se, mais e mais afogada, vislumbra que talvez a enxurrada seja breve como uma nuvem – que esteja forte, afinal, de sacudir e resistir. Mas a formiga, já desesperada e suspensa na água, quer chegar a algum lugar temporário – rápido e

ainda a salvo... Cada passo nas alternativas que esse caminho oferece são apenas outros instantes de submersão.

**tempo 3.** A borboleta já exausta procura um dos galhos no coqueiro ontem visto, um lugar para descanso das rajadas contrárias e do tempo úmido. Ela segue a trajetória mais adequada no sentido da luminosidade que percebe, no brilho forte que se projeta do horizonte em sua direção, em uma nova e acesa aurora. Mais e mais fundo, no imenso e abandonado azul, a borboleta vê flores bonitas de vários tamanhos. Porém, nesse mundo de imagens, miragens, quimeras, sonhos e ilusões, onde tudo se mistura com o avançar fadigado no percurso, já não há terra, nem propriamente vento e correnteza para o tempo que escorre das asas aflitas. No espelho das águas perfeitamente tranquilas, os arbustos refletidos do litoral e tudo mais desaparecem no ritmo que cessa os ruídos por completo – quando nunca haverá casulos dentro do mar. Conchas não são casulos. Estrelas não estão no Mar.

“May I be protector for those without one,  
A guide for all travelers on the way;  
May I be a bridge, a boat and a ship  
For all who wish to cross.

May I be an island for those who seek one  
And a lamp for those desiring light,  
May I be a bed for all who wish to rest  
And a slave for all who want a slave.  
May I be a wishing jewel, a magic vase,  
Powerful mantras and great medicine,  
May I become a wish-fulfilling tree  
And a cow of plenty for the world.

Just like space  
And the great elements such as earth,  
May I always support the life  
Of all the boundless creatures.  
And until they pass away from pain  
May I also be the source of life  
For all the realms of varied beings  
That reach unto the ends of space.”

– Shantideva

**tempo 4.** Sentado o garoto desce lentamente com a jangada, empurrada sem pressa por dois homens que conversam em dialeto local. Imóvel, observa a poeira e os objetos que maresia trouxe, outros que vão se tornando próximos do casco de madeira pintada, para em seguida, ainda no curso longo do caminho até o mar, desaparecer da sua visão. Pedra por pedra vão surgindo, arrastadas no tempo do mar e dos seus labores. Formas, tamanhos, pesos, cores, texturas, brilhos – emerge todo tipo de particularidade, elaboração, pensamento e fantasma. Sem distração, repousam os olhos do tal garoto como a tranquilidade das gaivotas, abaixo da viseira no boné. Sol com esplendor, mar de cabelos dançando livremente. Em cada pequeno objeto, nos detalhes da pedrinha ou conchinha, o garoto reconhece o vestígio do seu mar. A proteção da cabeça é arrancada no corredor de brisa entre duas falésias. Seus olhos erguem-se, para descobrir um campo largo de pedregulhos variados, onde mariscos transitam entre conchas, estrelas, ossos, pedaços de rocha e linha de pesca, cascalhos e até corais. Areia e água, onda e vento, céu e tudo mais é paisagem interdependente nessa abertura sem fronteiras. O mar parece brigar com o vento, o barquinho parece agitado com as primeiras águas rebeldes, e o garoto parece quieto

abaixo de todas as ondas que quebram: atento e relaxado. Porque raiva ou apego, porque outros pensamentos superpostos ao que já é somente aparência de pensamento?

**tempo 5.** Os seres, até os mais pequeninos, os sapinhos de banheiro, as baratas que procuram um tapete durante a noite, as abelhas nos vasos com flores durante a mesa do café, as aranhas no calor escuro atrás da geladeira, os búzios que vagorosamente retornam das marés cheias, as peixinhos que saltam, os elementais do mar refletidos na camisa branca durante a penumbra de lua minguante... todos querem, aos seus modos, aliviar-se da perturbação, do incômodo constante que possa acometer-lhes – vide, no esforço das ostras, onde um único grão de areia a ferir-lhe a carne, inspira seu esforço conseqüente de perolizá-lo! Todos buscam alguma forma de conforto e proteção. Dos animais que procurando seus alimentos percebem uma enseada no buraco do caminho, ou do salto ágil das muitas patas que fiam seu deslizar até o chão, todos os seres movem-se na direção de alguma satisfação temporária, buscam fugir ou evitar algo, bem como reunir, aproximar-se dos fenômenos que lhes parecem atraíveis segundo as condições ao seu redor. Afastados da sua natureza primordial, pequenos e grandes seres, em diferentes reinos e submetidos aos seus infinitos obscurecimentos, todos seguem esse anseio de paz em um tipo de mundo e tempo de realidade que lhes existe como algo separado. A convivência com a morte não apaga esses resquícios de ação e percepção, assim como o viver, arrastado pelos hábitos, não transforma o dia seguinte e sua repetição emocional.

“Whatever our lives are like, our buddha nature is always there. And it is always perfect. We say that not even the buddhas can improve it in their infinite wisdom, nor can sentient beings spoil it in their seemingly infinite confusion.”

– Sogyal Rinpoche (Tibetan Book of Living and Dying)

**tempo 6.** Recostado numa colina de areia, abaixo de uma árvore perfumada com centenas de botões amarelos, os pássaros de cores vermelhas cochicham na confluência dos seus ritmos e apelos inaudíveis: é meio-dia quando meus olhos encontram a vela branca de uma única jangada!

Posso observar suas características, entregando-me ao devaneio criativo de sensações, pensamentos e sentimentos que se manifestam para mim. Em outra relação com menor flutuação, posso, contudo, quase saltar no mar para adentrar a experiência (in-dwell) do pescador. Faria esse mergulho como um processo que lhe seja o mais próximo do seu paciente mover com a rede que coleta a passagem dos peixes, até o repouso da âncora em um segundo momento daquela gestualidade no tempo do mar.

Posso, dessa maneira, também sentir a água morna e mansa, ao máximo da compreensão tácita que meu próprio corpo carrega e reconhece, buscando reunir impressões acuradas daquela vivência terceira, segundo o prisma mesmo do jangadeiro para as suas circunstâncias do mar. Se não estiver na experiência do pescador, posso aventurar-me como explorador dos meus próprios confins e abismos – tradicionalmente, resgatando porções misteriosas que inventam a magia para os dias.

Nessa primeira visada, fortemente envolvido e vinculado como estou, sinto como um perder-me de mim mesmo, vagando como fantasma de sensações incógnitas (de outros campos não-habituais, de outros tempos, de outras vidas etc), ou a perder-me no outro – seja por um senso de vigilância onde não me dissolvo, embora esteja “quase íntimo” nesse lugar de companhia; seja, ainda, por uma qualidade de

arrebatamento, rendido como no amor aos seres náuticos (não apenas sereias, mas também vi-Kings e heróis do oceano).

Então, ainda com o ardor do sol e do sal, posso aquietar-me nos olhos de quem observa o flamejar da mesma vela branca, com uma qualidade imóvel e sustentada, embora se veja isso traduzido por o constante mover, alto e baixo, na recepção do sol, da água e do vento, das interações que ressecam, descascam e até fissuram no tempo mais delicado e aparentemente invisível, mediante as diferentes condições que influenciam aquele bote no mar. Eu lanço-me desse mar onde somente percebo as ondas do vai-e-vém para uma lentidão bastante característica, que me desloca da experiência, por exemplo, no artista e no Sherpa (anteriormente sinalizadas), para um relance típico da contemplação. Por exemplo, de imediato, alguém já perguntaria: “o quê, afinal, flameja naquela vela branca da jangada?”

Para iniciar-me na quietude, das porções sensíveis no corpo de um elefante, detenho-me metaforicamente na qualidade de um movimento total, e não a textura específica do marfim nos seus dentes, ou a largura e o peso de uma única pata, ou a extensão e o cheiro do rabo, ou a força da tromba etc. Parece um movimento do “particular” ao “universal”, embora, diferentemente de ambos permeáveis aos enunciados, tratar-se de uma prática administrada segundo o prisma “relativo” às condições (portanto, do condicionado) no intuito de mover-se para um contato ao “não-condicionado” (por conseguinte, os vultos que refletem o absoluto). São os instantes de uma mística, na minha percepção tão limitada, porquanto a mente rapidamente se devolve à sua perspectiva arraigada no parcial, condicionado, relativo (é provável constatar algo semelhante, na própria tentativa que cada um desenvolver).

Desse mesmo lugar onde a água suavemente refresca o calor dos pés, meus olhos enxergam o contraste no verde do mar e o azul do céu, a vizinhança com as demais embarcações na maré baixa, o corpo de jumbo nu para um jovem que nada ainda próximo, as distâncias para o colchão de areia no continente e as pedras cujas pontas salientam-se dentro da água. Essa é uma “paisagem”, afinal, mais completa onde o barquinho permanece como imagem central, entretanto, referenciado e condicionado nessas outras aparências que me informam, que também comparecem naquela imagem que me povoa.

De onde estou, e nesse modo como me sinto, não há medo – nem da água propriamente, nem dos perigos imaginados no frágil barco. Não sei caracterizar os detalhes do que me ocorre, embora talvez sinta a tudo rápido e confuso demais – como paletas de cores ou de notas que se misturam, imprecisamente. O lugar é bonito, porém há os mesmos latidos e grunhidos que torrencialmente me acompanham no vidro, no cimento, no asfalto, na tal violência urbana. Não são objetos externos, que se fique claro. Embora, nesse contexto radicalmente pacato, revelem-se com maior proeminência.

Tenho emoções e pensamentos diferentes, todos bastante “consistentes” e “convincentes” nas articulações que me anunciam para o estado físico e mental devidamente compatível aos estímulos que percebo. Enquanto me vejo assediado por tantos pensamentos, é de Thich Nhat Hanh<sup>177</sup> que me lembro:

*“The Buddha has a very different understanding of our existence. It is the understanding that birth and death are notions. They are not real. The fact that we think they are true makes a powerful illusion that causes our suffering. The Buddha taught that there is no*

---

<sup>177</sup> Ver:

<http://www.dhammadatalks.net/Books10/Thich Nhat Hanh No Death No Fear.htm>

*birth; there is no death; there is no coming; there is no going; there is no same; there is no different; there is no permanent self; there is no annihilation. We only think there is."*

Praticando um exercício de não "embarcar" nessas versões poéticas, singulares e experienciais, ou tentar não ser "arrastado" pelos atributos que minhas "emoções" e "pensamentos" querem impor a tudo que percebo – respectivamente, como um "gosto" e um "rótulo" daquele singelo barquinho que apenas flutua docemente; a estabilidade da minha concentração, ainda assim, é tão rala e suscetível que um turista respeitoso e desconhecido, de passagem com o seu bugue e câmera fotográfica, apenas resolve mudar a sintonia da sua rádio, e outro tipo de música invade a palhoça, compartilhada pelo vento até o lugar da areia próxima onde estou sentado.

Embora necessariamente precária, estou modestamente "atento" para reconhecer, diretamente em mim, que o "espírito" por completo daquela experiência, naquele momento, naquela praia, dentro de mim, parece impactado na "ação" casual de um terceiro que não me dizia respeito – se estava "ruim" com a música anterior, agora, talvez, o modesto barquinho tornou-se idílico e investido de uma conotação sublime ou quase romântica (segundo as percepções que me surgem); se estava "bom", com a mudança de faixa e estilo no rádio, a exata mesma paisagem de um barquinho torna-se cartão postal ruidoso, desagradável, não-recomendável. Quanto maior a duração do objeto "música" ao lado da minha permanência na toalha sobre a areia, aparentemente também maior será o efeito da influência de sua "ação" sobre mim – valendo-se de novas emoções e pensamentos magnetizados espontaneamente.

Estando nesse mesmo lugar, e não cedendo à "intensa" pressão de abandonar a "presença diante do barquinho", seja pela raiva da música ou na permuta de apaixonar-me pelo mesmo no embalo de uma canção aparentemente bonita, o modo como percebo o mesmo barquinho é "alterado", em sintonia a diferentes emoções evocadas dentro de mim: apego e desejo, com o suporte ou mediante as condições no apreço da tal música; ou aversão e raiva, mediante as condições que estavam anteriormente dispostas e passaram a inexistir.

Manter-me com o barquinho, enquanto tudo isso parece acontecer do lado de fora e do lado de dentro, requista, de mim, uma disposição para não levar "tão a sério" o conteúdo das emoções e dos pensamentos que me invadem. Não se trata de negar a existência da emoção e do pensamento, mas de não me envolver ("não dar bolas", não me deixar "seduzido") com suas narrativas, exposições e expressões.

Não apenas a emoção "muda" por completo, mas uma cadeia de novos pensamentos chega e empurra, esbarra na minha porta, força o trinco, risca com suas garras a superfície de cima a baixo da madeira, e, supostamente, faz muito, muito barulho para conseguir algo. Poderia entender como telegramas, ou torpedos febris (de tormentas e medos, na verdade), pedindo acolhida e passagem da sua violência: para "me alertar", para instruir-me adequadamente sobre como interpretar e proceder, eventualmente até para "me socorrer" (geralmente, os meus pensamentos estão vestidos com essa última justificativa passional).

É um processo (de ataque) quase imediato, se a porta onde estou não for robusta/vedada e não estiver "adequadamente" fechada – trata-se de uma tecnologia bastante sofisticada, onde a fechadura, igualmente automática, mantém-se fechada enquanto houver atenção e "conexão" da minha parte com os tais fenômenos não tão aleatórios.

Esse tipo de "tranca" só é possível de encaixar nas situações com alguma eficácia quando não estou fugindo das minhas emoções, portanto, quando lhes atribuo atenção para o que se sucede, reconhecendo algo do que também "pretendem"

comunicar a mim; dessa maneira, funcionam quando não estou completamente “tomado” por elas e seus pensamentos correspondentes, quando ainda sou capaz de “escutá-las” e não confundir-me em suas explosões.

Desse modo atencionalmente vigilante, há um espaço transparente e suficientemente “impermeável” para toda a carga de percepções equivocadas que carregam, onde observo e não sou invadido, ou afogado pelas mesmas. Posso entender como uma experiência pessoal, na medida em que me relaciono com essas minhas próprias emoções, aquelas mesmas que me acompanham em tantas ocasiões, o tempo inteiro (e até durante os sonhos); entretanto, dada a proximidade conceitual ao que se propõe como experiência tácita, conceitual e poética (novamente, o movimento do artista e do sherpa), vislumbro como uma metodologia de introspecção em primeira pessoa e em primeira mão, cujo funcionamento não exige (ou é obstado diante da) experientiação. Por contemplação, não se trata da posição sensível do esteta, que permanece com seus recursos avaliativos em diálogo com a obra.

Sentado, estive durante a observação inteira, e ancorado, também o barco permaneceu. Não houve intervenções mais grosseiras para aquela “realidade” compartilhada de todos nós. A areia passou, e as águas moveram-se nos cursos de suas próprias interações – quer isso significar, entretanto, que a minha percepção acompanhou a impermanência suave que é característica mesma da vida?! Ou, talvez, reconhecer que o senso de “transformação” foi apenas efeito das minhas referências e percepções emocionalmente isoladas, quase independentes e completamente indiferentes para o senso de mudança que interfere na areia, no barco, no mar e em mim próprio? Essa é uma pergunta muito séria.

Se impermanência é a premissa constatável no campo dos fenômenos, porque, dentro de mim, nesse fluxo das emoções que alteram meus estados físicos e mentais, os processos não também são pacificados ao horizonte irrefutável dessa impermanência? Porque, ao nível do funcionamento de corpo e de mente, não consigo espelhar um ambiente de equilíbrio com todos os demais fenômenos que me circundam?

Como é possível modificar as cores no céu poente, pretender regular a fúria do mar e seus horários, ou fazer que a proporção nos raios da aurora coincida às minhas expectativas já definidas? Porque é preciso interferir, tanto e constantemente, nesse feixe de realidade externa que eu percebo, porque é tão necessário manipular e fixar a sensação evocada de um tipo mundo onde me reconheço parte, a partir das convenções que eu (hábito) ou alguém (moral, cultura, folclore, religião etc) estabeleceu?

Porque ao desejar, tenho medo de perder o que admiro e já antecipo minha hostilidade como proteção do mesmo, ou uma vez afastado do que não desejo, tenho medo de passar a conviver próximo disso que me angustia e para o qual já me asseguro de sobressaltos para evitar; porque afastado do que aspiro embora não possua, todos os recursos de luta, de disputa e de guerra estão mobilizados para conquista-lo, e quiçá, distante do que não quero e espero, mantenho a ansiedade para jamais vir a deparar-me com o objeto de tal medo? De onde surge esse espectro de insatisfação contínua?

Enquanto isso, quase esquecido do simples barquinho que chegou à minha percepção e aparentemente à revelia, o que fazer dele que não me apresentava nenhuma adversidade? Nas quatro possíveis alternativas acima, há estados aflitivos que em mim se vinculam ao tal barquinho, que supostamente gostaria de contemplar sem maiores expectativas e não me interessa em constituir nenhum tipo de ofensiva. O que me sobra como margem dessa curiosa gestão emocional: alhear-me, evadir-me, ou distrair-me?! Criar problemas do meu envolvimento com o barquinho?

Tenho a sensação de quanto mais enfática for a minha tentativa de limitar e retorcer, nos elementos do fenômeno (responsabilizando a vida do lado de fora e não a minha percepção), com um máximo possível dos meus enganos, deformações e confusões (que tomam por realidade o que é somente aparência para mim, e condicionada a partir das minhas emoções), o tipo de estratégia empregada, por um lado, satisfaz um senso de fragilidade e medos que eu carrego, enquanto, por outro lado, me esgota (emocionalmente) sugado, sufocado e reduzido aos meus próprios equívocos. Certamente, eu denomino esse contexto de miserável, espiritual e humanamente.

Um ataque, portanto, contra as minhas próprias motivações e necessidades, por uma via dupla, de algum lugar de mim mesmo, e, geralmente, à margem da minha permissão ou capacidade de recusar. Ao contrário desse expediente "vil" comigo e os demais que compartilho, as emoções transmitem uma mensagem contínua, não exatamente manifestada por esse conteúdo deludido, ou seus aspectos que superficialmente são repassados aos meus olhos desatentos. Trata-se de uma energia mesma que as emoções carregam, e não de uma forma latente (caso não estivéssemos obstruídos com nossa repetida ignorância), junto ao potencial infinito que nos convida um tipo de reconhecimento.

Esse é, provavelmente, o truque final nesse tipo de conexão investigativa comigo mesmo: cada vez mais sutil e menos sensível-sensorial, estou dentro do barco, como quem dirige uma luneta ou um microscópio para seus diferentes predicados considerados; depois, o barco é percebido como que a partir de um farol que também ilumina a sua paisagem constitutiva, com interações e componentes que influenciam sua disposição; em um terceiro momento, exatamente do mesmo lugar, na mesma areia, confrontando o mesmo horizonte com o barquinho... apenas observo que o barco traz o seu próprio ritmo, assim como o jovem que se banha. Em minha direção, saindo do mar, caminha o tal rapaz, com o movimento e as condições para tal realização livre. Tudo está movendo-se, tranquilamente, dentro das suas respectivas possibilidades.

É desse lugar ainda pacífico, que também constato a própria respiração e movimento igualmente livre, no meu corpo e sua mente, de emoções e pensamentos que surgem e passam, que passam em um córrego contínuo de fenômenos. Uma vez quieto e com uma atenção bastante serena, inclusiva e respeitosa de todos esses movimentos que me chegam interna e externamente, esse mesmo "olho aberto", que então observava o movimento sereno dos fenômenos, vai para trás da minha cabeça..., na parte de trás do pescoço, ainda no meu corpo; eventualmente, se move para a região imediatamente ao lado do próprio corpo, e, talvez, com alguma "sorte" (leia-se, estabilidade), mantenha-se no "espaço aberto" – nesse intervalo, por exemplo, entre o corpo sentado em uma duna e os tais objetos que o eu-em-movimento percebe na enseada tranquila do mar (movimentos emocionais e de pensamentos, que atravessam os estados físicos, em processos como a respiração, e os estados mentais, como a concentração).

Essa forma de consciência desperta e silenciosa, que há pouco, ainda sob o prisma dos movimentos-do-eu, contemplava o surgir e o mover de objetos da percepção (barquinho, mar, areia, jovem, ondas, sol etc), agora, contempla o si-mesmo utilizado como referência: é, portanto, a consciência que reconhece os fenômenos em seus movimentos condicionados, incluindo o próprio eu e o funcionamento de suas "aparências" (sujeito-objeto-ação), e tudo mais que se manifesta além das cristalizações do eu.

Ainda que perdue um, dois, três rápidos segundos, não se trata de contemplar o eu como outro objeto, uma vez que, para essa consciência desperta, que apenas repousa no espaço infinito e ilimitado, segundo o seu próprio modo de

reconhecimento, não há “o quê percebe” e “o quê é percebido” – somente o eu constitui objetos de percepção, uma vez que, a partir dos seus objetos sólidos e separados, também a percepção, a própria ação referida e o senso de um agente perceptual tornam-se ilusoriamente sólidos e independentes. Qual é o tamanho do espaço aberto, o quão grande e o quão vasto, por onde se move a consciência?

Quando essa consciência é inicialmente capaz de familiarizar-se e ocupar esse espaço não-delimitado e não-condicionado dos fenômenos, talvez imediatamente a frente ou ao lado do seu ângulo costumeiro, ao mesmo tempo em que se dá conta do tal movimento gerado pelo eu e seus objetos percebidos como separados (e em movimento próprios); então, algo diferente surge, em termos de um senso mais largo de funcionamento físico e psicológico com o espaço básico. Esse é um tipo de prática que gradualmente busca maior liberdade das próprias aflições: um tipo de familiarização não-conceitual com a própria “inatividade”, awareness da própria awareness<sup>178</sup>. Combinada ao reconhecimento da sabedoria intrínseca a cada fenômeno, de fato o que se denomina como a “percepção” do mundo comum deixa de existir.

Quando essa consciência for capaz de ampliar-se no vasto e claro espaço, reconhecendo-se inseparável dessa própria qualidade de abertura e, portanto, não aprisionada aos hábitos e tendências que retornariam ao senso do eu nos instantes seguintes; quando essa consciência repousar e manifestar suas ações a partir desse espaço primordial de todos os fenômenos; quando todos os fenômenos (o próprio senso de corpo etc) forem atravessados por essa sabedoria clara, então, há um tremor na “realidade sólida” onde todos os seres estão/estiveram aprisionados. Essa jornada de familiarização com a própria natureza e sua conseqüente pacificação dos obscurecimentos já será um processo mais amplo que o insight da percepção não-condicionada.

Se não há percepção inerente de qualquer aparência deparada, seja para o que se percebe como “coqueiro”, seja para o que se chama de “corpo”, “praia” ou “mar”; se não há percepção de uma existência própria e definitiva acerca do que é tido como “distância” ou “materialidade”, e todos os demais “objetos” incluídos; então, não será preciso “atacar”, por exemplo, uma realidade percebida como “objetiva” e ameaçadora, no que se expressa como aparência (fixa) de um “coqueiro”, ou de qualquer objeto do eu: o “conceito” necessário para qualquer relação deludida tornou-se apenas um véu transparente de condições aglutinadas. Não há o que não seja ou não esteja como fluxo da mente iluminada que em tudo repousa e a tudo permeia. “Awareness is a mirror reflecting the four elements.” (Thich Nhat Hanh)

Com os objetos relativos ao eu desprovidos da existência atribuída e substancialidade pretensamente incondicional, uma vez que luminosidade e sabedoria pura irradiem plenamente de todo e qualquer fenômeno, com o eu e seus obscurecimentos, hábitos e tendências dissolvidos, um tipo de capacidade de ajuda, cuidado e responsividade torna-se possível, torna-se potência luminosa e espontânea.

Já não é concentração, já não há esforços, já não há obscurecimentos da percepção dual. Surgiu um novo “milagre” para o mundo condicionado! Um novo ator é capaz de manifestar suas atividades iluminadas para os confusos pensamentos e emoções dos confusos seres transitórios. Não há bandeira, não há flamejar, não há quem perceba – embora toda ação de benefício seja possível!

“Eu manifestei um corpo de sonho/

---

<sup>178</sup> Ver “Three Shamatha Methods”, por Alan Wallace:  
[http://virtualsexangha.weebly.com/uploads/5/4/0/8/5408991/three\\_shamatha\\_methods.doc](http://virtualsexangha.weebly.com/uploads/5/4/0/8/5408991/three_shamatha_methods.doc)

para o benefício de seres de sonho/  
imersos em sofrimento de sonho;/  
eu não vim e eu não vou."

– O Buda

"To one who sees the Buddha in a dream, a dreamlike Dharma is revealed, but neither has reality, neither real existence. Hollow, empty, and devoid of self - like this they should be known, as the deep sutras say. Samsara and Nirvana thus are but the play of dreams, and though the Buddhas who appear therein are by their nature pure, they manifest according to the beings to be trained, and through compassion they appear for those who are impure. As long as there is samsara, they will manifest without reprieve."

–Jigmed Lingpa, "Treasury of Precious Qualities"

**tempo 7.** Quando chego ao mar, eu sempre tenho medo. (Eu não vim e eu não vou.) Medo do mar, como tenho medo do escuro profundo. As cidades que conheci ensinaram-me que as luzes são também indícios da poluição. Então, onde havia luzes, eu nunca tive estrelas. Mas no escuro das velas com pedras e cães soltos, sem postes e lanternas, entre curvas no som dos bichos, abaixo das Plêiades, eu tenho medo das minhas visões e fantasmas - tão meus.

Não me recordo de nenhuma oportunidade que tenha sido diferente, não importa o trecho (local) do mar, a minha idade ou a estação do ano, se eu cheguei por vontade própria, ou se fui trazido a convite de alguém. Com o amor, todavia, medo é talvez uma palavra bem difusa, ou volúvel demais para essa situação bastante concreta. Eventualmente, essa tentativa de representar o que sinto é imprecisa ou inadequada porquanto, uma vez exposto à menor variação com os componentes legítimos do universo do mar, o que inicialmente se pretendia camuflar no costumeiro "medo", rapidamente se torna a velha raiva, agressão, hostilidade, belicosidade.

Curiosamente, nesses anos longos de convívio, o mar tem sido sempre generoso e maior que a minha obsessão temerária – de modo que não consigo personalizar a minha dificuldade, porque não há um "culpado" visível, ou suficientemente "sólido" e delimitado, para "investir" o meu ódio e recusa de pretensões permanentes. De toda forma, eu gosto do mar, apesar de ter esse medo. Cresci em férias com o mar, em finais de semana com o mar, em torno de mesas com "frutos" do mar. Brinquei com pranchas e baldinhos no mar. Assim, esperança e medo, desejo e raiva, apego e aversão são as facetas da mesma moeda, são as energias com uma mesma raiz, qual seja: a delusão ou ignorância.

Numa perspectiva descrita pelos sábios das montanhas remotas, essas três emoções de base, desejo-raiva-ignorância, responsáveis por confundir o colorido primordial de todo e qualquer fenômeno da vida, são filtros que obscurecem a percepção direta e não-condicionada dos fenômenos, ou que bloqueiam uma relação ilimitada com a realidade mesma. Se avaliarmos as consequências geradas sob o efeito de estados mentais dessa natureza, sob a ação do medo, por exemplo, ou da frustração, da raiva, da hostilidade, da agressão, do ódio etc, é possível denominá-los de estados aflitivos ou emoções perturbadoras.

Os ventos das emoções que dirigem a percepção dos seres não surgem de um cérebro, embora o cérebro humano seja uma parte das muitas condições, conduções e conexões emocionais para os humanos: conversão de luz em estímulos químicos, neurônios, sinapses, percepção empática acerca de terceiros, neurônios-espelho,

interpretação do mundo além do próprio corpo e transmissão elétrica em cadeia, com multiplicação virtualmente infinita.

Seu potencial de alcance destrutivo não se esgota naquele primeiro que o vivencia ou que por ele foi sequestrado emocionalmente – a raiva em mim, por exemplo, pode desencadear efeitos solidários ou antagonistas, em reverberações na percepção de quem esteja próximo e até distante! Essa sensação de medo e raiva, inicialmente privada, pode desdobrar-se para bem longe, quase infinitamente, foge ao meu controle e capacidade de encerrá-la, parece ganhar uma vida própria em corpos e realidades de outros – efeito cascata, do tipo “comoção”, especialmente em tempos de blogs, celulares, mídias sociais, fotografias e vídeos.

Talvez, no caso dos animais e demais expressões da vida natural, a teoria dos micro-cérebros de G. Deleuze poderia melhor ilustrar essa combinação de processos rizomáticos entre inorgânico e orgânico, amplificando uma rede de fatores que convergem na expressão de alguns fenômenos – de toda forma, não obstante ser uma perspectiva menos redutora, ainda assim, cérebros e micro-cérebros são postulações insuficientes para traduzir essa perspectiva budista para “emoções”.

Os ventos das emoções, por exemplo, manifestam-se para todos os seres sencientes, sem cérebro e não-mamíferos, em um prisma não antropocêntrico e não especista, inclusive das pequenas e até “invisíveis” criaturas, além de considerar que as mesmas classes de obscurecimentos influenciam os demais reinos dessa existência condicionada: dos deuses e semi-deuses passando pelos fantasmas famintos, infernos frios e quentes, junto aos homens e demais animais.

Ademais, o sopro insistente da delusão percorre os seis estados transicionais (bardo) da existência, acompanhando os processos: do nascimento e da vida; do sonho; da meditação; do processo da morte (dissolução dos elementos do corpo e cessação da respiração); da clara luz; do vir a ser/transmigração; e recomeça, continuamente.

Quando meus pés tocam a areia da praia, a impressão não é tão grave quanto outra sensação aparentemente “automática” que explode dentro de mim, para aquela mesma textura granular e molhada, inserida no contexto das águas barrentas, agitadas e desconhecidas do mar aberto. Não me sinto a salvo na areia, embora, no mar, esteja emocionalmente sob risco. Quanto mais tempo, e o quanto mais de vida eu preciso consumir nesse tipo de medo?!

Na percepção habitual que me alcança, “o mar me traz o medo”. Simples, assim, como um aviso de subterfúgios e escolhas para desviá-lo: posso dizer para mim mesmo que não gosto do meu corpo, ou que não gosto do calor e do sol. São as tentativas de não chegar até o mar. Ter medo, do mar e de outros objetos que percebo, é quase autônomo e inevitável, no modo como eu sinto.

Posso, inicialmente, me perguntar onde está o “medo”, o que é o “medo” e o quê/quem sente o “medo” no recorte dessa questão. Essas interrogações aparentemente bobas, criam algum espaço de movimento, que seja desafiando uma aparência de certeza. Ou, talvez, ainda investigando o que me sucede, quais as condições externas que são necessárias na composição dessa “aparência” de medo tão forte que surge para mim?

Ora, se eu puder atentar os diferentes elementos dessa cena, poderia até imaginar que: (1) se as águas não fossem escuras e tão agitadas; (2) se não houvesse algas que passem entre os meus pés; (3) se a areia não abrigasse estrelas do mar, siris e outros mariscos submersos; (4) se não houvesse águas-vivas e caravelas que possam queimar/ferir os pés; (5) se não fosse uma região de peixes pequenos que ferem os pés dos banhistas com o seu veneno enquanto se alimentam dos restos jogados ao mar

das embarcações ou dos pescadores; (6) se não houvesse tubarões e arraias; (7) se não houvesse pedras que me cortassem; (8) se a praia não fosse suja, com objetos e esgotos; (9) se a correnteza não fosse tão forte; (10) se não houvesse buracos/fossas abruptas na areia da região dos banhos; (11) se a areia não estivesse quente demais para queimar os pés... Talvez, ainda assim, se não houvesse as tantas restrições consideradas, a praia não seria “perfeita”.

A lista não é certamente exaustiva. E o importante não é perfazer uma decomposição especulativa – a utilidade precípua é conviver próximo dessa emoção tão feroz. Buscar uma forma de aproximação que não seja captura imediata, ou fazer de conta que não existe. Dentro do mar, especialmente além da faixa inicial para o quebrar das ondas, onde é possível flutuar e descansar os músculos do corpo, nesse território onde estou sozinho comigo mesmo, já não me basta saber nadar ou pensar. Não basta, também, conduzir um inventário objetivo para o comparecimento ou não daqueles elementos externos. Mesmo que não se façam integralmente presentes, a intensidade do medo pode até variar, mas não será extinta de pronto com sua supressão.

Lá dentro, posso valer-me de diferentes métodos com aplicação imediata para transformar emoções específicas: quando eu consigo, por exemplo, visualizar que todos os milhões de seres, possíveis e incontáveis ao meu redor, todos são manifestações inseparáveis da mente de Maitreya, o Buda da Bondade-Amorosa.

O efeito dessa nova percepção, no meu caso, é tão súbito e inesperado, imensamente mais forte, que do medo surge um desejo visceral que aspira ser tocado pelos mesmos seres. Talvez porque funcione tão imediatamente, eu tenha sido capaz de guardá-lo ao alcance das necessidades.

Eu mesmo, por alguns pífios segundos, também estou inseparável de todos os seres que, anteriormente, eram objeto do temor e cuja aparência, ainda que momentânea ou instável, se revela como atividade indelével da Bondade-Amorosa pura e não-obstruída. Ainda não sou capaz de sustentar essa percepção em contínuo, mas já posso vislumbrar um caminho para as minhas próprias emoções.

Assim, uma vez dentro do mar, consigo ter instantes breves de paz (quando estou sozinho, “obrigado” a tomar decisões), ou de distração (quando estou com amigos). Contudo, é no silêncio das ondas que eu posso conquistar algum espaço psicológico gradual para trabalhar com esse tipo medo em mim.

Há, certamente, esse conjunto de (f)atores internos e externos que, na minha experiência, contribuem no surgir dessa “aparência” de medo. Observá-los, atenta e diretamente, em cada um dos seus detalhes, ajuda-me imensamente: em um primeiro nível, a reconhecer que esse “fenômeno” que me “arrasta” emocionalmente, e que tão facilmente projeta uma potência de medo, de ataque, de raiva, de ódio e dor sobre mim... só existe, como “tal”, na presença de muitos elementos, ou dessas condições, a exemplo das poucas que relatei.

Assim, o que é fabricado, que se apresenta por um início de suas condições temporariamente reunidas, inequivocamente encontrará uma duração, para alcançar o seu final, cessação e dissolução. Implica também considerar, na expressão do medo e na relação mesma com o objeto da minha percepção, que não se trata de um bloco sólido e de realidade inviolável tal como apresenta-se.

“Ter medo do mar”, portanto, não é um transtorno aleatório e imune de transformação: é uma experiência condicionada que só existe mediante as causas e condições que a sustentam. Identificar as causas, das mais grosseiras às mais sutis, e não se tratando de um processo que se deixa envolver nas tramas e conteúdos de tais emoções, é um processo de atenção bem mais refinada, uma vez que os padrões,

repetições e tendências cultivadas podem extrapolar o recorte de tempo inicialmente vislumbrado.

Dependendo, entretanto, das condições prévias que também constituíram o meu dia, a presença ou não desses elementos condicionantes reflete, em maior ou menor grau, a intensidade do próprio medo que posso sentir. Além das condições ambientais, internas ou externas, que participam na expressão desse medo, há também os pensamentos nesse palco da minha consciência.

Em algumas ocasiões de inquietação generalizada do medo, não há nem como investigar ou perceber essa paisagem mais ampla, de forma que emoções (de medo, de raiva etc) parecem fusionadas com pensamentos os mais diversos (esse mar não presta por isso ou aquilo, ninguém que eu goste deveria vir se arriscar nesse lugar etc).

No meu caso, há muitos pensamentos, e de toda ordem. Tenho muitas histórias, memórias, lembranças e invenções para compartilhar comigo mesmo. Nem faz sentido classificá-los detalhadamente. Aliás, já faz algum tempo que, também no meu caso particular, em referência às minhas necessidades recentes, não me parece útil compor sentidos a partir de experiências, sentimentos e pensamentos. Não quer dizer que não venham, que não me atrapalhem, que não impeçam o foco que dirijo para outras experiências.

Enquanto estou no mar, com esse medo na companhia, vejo, do lado de fora, um garotinho de três/quatro anos, que brinca na areia branca, apesar do olhar assustado para o mar. Está com seu calção de banho florido, os pais e os irmãos chamam-lhe a partir da área mais rasa, logo na entrada do mar. O garotinho apenas se recusa.

O que ele percebe como o mar é diferente do que eu percebo, mas, ambos, estamos inundados de medo. Do ponto de vista do medo do garotinho e do meu próprio medo, em uma situação que nos vejamos dentro do mar por alguma razão, é irrelevante produzir pensamentos a respeito das nossas diferenças para o mar. Há como cessar ou aliviar o nosso tormento? Há como permitir que nossa experiência com o mar não seja apenas a nossa percepção emocional com o mesmo?!

Meus pensamentos querem me convencer de que eu tenho medo desse grande mar, porque engoli água em algumas ocasiões; ou porque em outras fui arrastado para regiões onde não conseguia pisar no chão; ou considerando que, por três ou quatro vezes, fui ferido nos pés (caravelas-portuguesas, água-viva e os tais "bagres", nas praias da região do Aracati - Ceará); ou que já senti pontadas de siris nos pés; ou porque tive infecções muito severas no meu ouvido, durante toda a infância... etc.

O grau de fantasia e elaboração conceitual não tem fim, nem qualquer parâmetro, especialmente na imaginação de um poeta como eu (que pode tracejar relações entre o mar e qualquer outro objeto), sugerindo, por exemplo, que sempre retorno ao tapete do mar quando preciso saudar com o meu corpo a imensidão do sagrado. Outra explicação, das inúmeras que ocorrem – todas bem vazias de qualidades próprias ao objeto.

Com pensamento e interpretações, a verdade é que minhas emoções perturbadoras não cessam, e fundamental, não dependem dos meus rótulos atribuídos aos objetos. Posso cessá-los por alguns instantes (não me envolver nas suas narrativas), e ainda assim, fora do pensamento, há o calor do medo e da raiva. Bem forte, em alguns momentos. O garotinho não está necessariamente impedido de entrar no mar por um pensamento, embora, seu corpo (como o meu) possa estar afogado com sensações e sentimentos dessa variação do medo.

Se pudesse estabilizar as práticas de atenção a respeito do que me parece o “mar”, como objeto, e o que me parece “medo”, como emoção correspondente, o limite da investigação seria reconhecer que foi preciso construir, na minha percepção, uma realidade chamada “mar”: objeto retido a partir dessa grande energia deludida com fundo emocional, para que haja a sensação de um agente que percebe o objeto, no caso, um senso de eu.

Ah! Se pudéssemos vislumbrar isso que a percepção condicionada enxerga como “mar”, não a partir do senso emocionalmente equivocado de um “eu” e suas camadas de inseguranças, mas a partir da Sabedoria Primordial, Ilimitada da mente. Ainda não podemos, talvez em breve.

Sentir essa raiva foi, nessa perspectiva, uma tentativa de proteger a fragilidade e vulnerabilidade desse “eu”, de garantir a afirmação da sua existência colateral às custas de percepções completamente precárias acerca dos fenômenos. Esse enodamente que surge como uma “aparência” radical de medo, que inclusive controla corpo, pensamento e sentimentos, defere uma redução brutal, contra a realidade ampla dos fenômenos que ali ocorrem, esmagando essa complexidade de interações ao punhado limitado que percebo.

Ademais, esse tipo de funcionamento interpõe a sensação de que essa experiência por completo trata de características “do mar”; de que o perigo está “no mar”; de que universalmente esses atributos produzem uma realidade independente, inerente e intrínseca “ao mar” e que apenas se exterioriza como realidade própria a todos os demais por ela afetados.

Todas as vezes que sinto, confirmo e habito esse medo, mais sólida e verdadeira, embora arbitrária, parece constituir-se a sensação de um “mar” como objeto fixo e permanente – independente se é o mar do meu medo ou do meu desejo. Fatalmente, ainda assim, é o mar percebido por um senso diferenciado desse objeto, um senso de identidade que não o próprio objeto e que pode alimentar-se de outros objetos, em um processo semelhante. Quanto mais subjugado ao espectro perceptual do eu, maior força é adquirida, em termos de hábitos e tendências, grosseiras e sutis.

A própria experiência de manipular essa realidade do mar que evoca medo, tentar organizar as percepções de acordo com os sentimentos (por exemplo, ir para outros lugares ou reduzir os “perigos” que suscitam o “medo”, mover-se externamente como se o “medo” não fosse uma experiência em mim, uma relação, uma percepção; como se o “medo” fosse tão substancial, concreto e de características próprias quanto o “mar”), permite que, progressivamente mais consistente também seja a apreensão do eu, a partir da sua coleção de objetos tornados sólidos emocionalmente e confirmados intelectualmente.

Conforme a fórmula da identidade, que é a prescrição mesma da felicidade condiciona – ou segundo as condições percebidas – se diz assim: “se” (ex: a vida não fosse assim), “então” (ex: eu seria feliz)! De toda forma, nada disso se organiza como um processo intelectual.

É um aprendizado em primeira mão (sem intermediários, sem rapasses do que foi dito por alguém mais e apenas repetido), ou em primeira pessoa (que não é conceitual, abstrato, teórico, mas parte de quem compartilha), mas que exige alguma estabilidade atencional. Não é experiência enquanto envolvimento e perder-se completamente no objeto.

A justificativa dessa estabilidade atencional também é simples: o pensamento conceitual, ao vincular-se com afetos e emoções equivocados de origem, não produz mais do que novos incômodos, novas oportunidades de sofrimento.

Não há medo como substancialidade, é o que ensinam os velhos sábios e yoguis tibetanos. Ódio, raiva etc são apenas as manifestações tumultuadas, emoções cuja energia mesma, uma vez pacificada e reciclada, sempre-foi apenas Sabedoria Pura.

Nesse contexto específico do medo, uma Sabedoria que a tudo reflete (como espelho), representado pelo Buda Akshobya. (A energia incondicional para o obscurecimento do desejo/apego é a própria Sabedoria Discriminativa, que irradia do Buda Amithaba; a ignorância, por sua vez, é a manifestação pura inseparável do Buda Vairochana e da Natureza da Mente).

É possível, nessa experiência direta com o mar, reconhecer na energia que percorre o "eu", um instante dessa Sabedoria perfeita de todos os Budas e que supera qualquer limitação das minhas interpretações sobre vida e morte?

"Afterwards, you should reflect that samsara and nirvana are themselves illusory, just like a dream or a wizard's magical display. Everything is devoid of self-existence. Everything is but the perception of the mind, and where nothing exists, there is no cause for fear, here or in the bardo. Try to remain in that conviction, without any mental grasping."

– Dilgo Khyentse Rinpoche (*Enlightened Courage*)

**tempo 8.** Do mais escuro de um universo frio e distante, onde o silêncio e as trevas esgotam os tempos quaisquer das explosões e da matéria adormecida, uma bola de fogo permite o ver de todas as coisas, um círculo de atividade incandescente cuja essência mesma é apenas virtualidade, brilho e calor. Tudo, então, ganha sua face luminosa, e passa a ser reconhecido. O sol que apenas manifesta sua claridade, penetra o escuro constituindo fenômenos vazios e translúcidos, outrora inexistentes. Não se tornam solarmente-diferenciados, apenas também relampejam. De onde todos os fenômenos surgem, e tornam-se rostos de possibilidade e de relação, por si mesmo, eclode o próprio clarão e calor, o domínio da temperatura para as formas vazias, a lembrança daquele brilho que segue brotando sem empecilhos, a luz que desperta mais luz nas partículas iluminadas. Tudo existe como ação luminosa, sem fronteira de sol ou de objetos. O sol, ele mesmo, contido como ação luminosa. Tudo atravessado por sua claridade é, apenas, efeito luminoso, é sol como um efeito (e não efeito do sol). Tudo é somente raio, atividade, ação expansiva. Não há mundo visível antes de qualquer sol, e desde o instante fundamental, onde o possível foi recoberto pela sua radiação, não houve início para qualquer ponto mínimo luz. O surgir de qualquer luz não é um desdobramento da escuridão. A aurora não está no relógio das trevas, não está no giro do carbono. E outros sóis, explodiram continuamente em seus distantes abismos. E o alcance de um sol, que jamais foi o primeiro, incidindo sobre a luminosidade que se irradia de outro lugar do universo, ambas as presenças luminosas estiveram inseparáveis uma da outra, sem começo ou fim. Não há nuvens de gás para um sol que é gás e nuvem. E quando os sóis dos nossos tempos, todos eles, despertarem como atividades luminosas infinitas no oceano radiante do sem-tempo, não há quem reconhecer, não há o que ser reconhecido, não haverá luz – tudo será o mesmo, desse tudo, embora, naquele momento, de um todo para cada tudo. Da areia, do mar, do poente. Não há tempo, não há diferença...

*"Dois meninos conversaram, um deles fez reticências na fala;  
o outro retrucou e perguntou:  
– Isto é uma pergunta, ou um pensamento?  
– É uma oração.*

*Dois meninos conversam, um deles faz reticências na fala;*

*o outro retruca e pergunta:*

*– Isto é uma pergunta, ou um pensamento?*

*– É uma oração.*

*Dois meninos conversarão, um deles fará reticências na fala;*

*o outro retrucará e perguntará:*

*– Isto é uma pergunta, ou um pensamento?*

*– É uma oração.*

*Qual a diferença do tempo?*

*A resposta continua linda."*

*(E. Freitas Cardoso)*



Para além do nível privado e pessoal, o trabalho com as emoções repercute no alcance de profissionais compassivos. O campo do conhecimento recente das artes e poéticas do corpo foi capaz de reconhecer, na Dança e na Performance, um conjunto de práticas da singularidade, atravessadas pelo conceito de Imanência; portanto, não se trata, apenas, da memória, da coreografia e dos regimes para a disciplina sobre o corpo – mas, ao contrário, da multiplicidade evocada na diferença, do pensamento-corporificado ou da cognição-de-corpo-inteiro.

Nesse prisma, fala-se da invenção do corpo na fronteira das sensações, das intensidades e das potências, como ato de resistência para a identidade; ou da Dança como Imanência, Dança como Pensamento/ um Pensamento Contemporâneo na Dança... ou do Corpo como Imanência, Corpo como Pensamento/ um Pensamento Contemporâneo no Corpo... Porque, então, não ousar o Cuidado como Pensamento, o Cuidado como Imanência? Ou, dizer de um Pensamento no Cuidado, onde pensamento é ato de invenção, é poética, é prática, é presente, é imanência?

Assim, quais estratégias poderiam contribuir para relações genuínas de cuidado? Phakchok Rinpoche (conta do autor no facebook, 22.01.14) recomenda:

“In our lives, it is very important to have balance and genuine caring. Balanced care (...) It's very important to go out of your way to take the time to care for people who need help. People need various kinds of help. People need advice, they need love without conditions, they need to feel cared for, they need to share their experience with others. Use your creativity to discover the different ways you can care for people.”

No âmbito da saúde, a proposta concebida por Júlio Lins, médico em saúde da família e comunidade, gestor de Práticas Integrativas em Saúde da Prefeitura do Recife e fundador do “Programa Atentividade”, pode trazer-nos pistas acerca de algumas inovações<sup>179</sup> no Sistema Único de Saúde, que nos oferecem novas experiências (potências) às semânticas tradicionais de: Autocuidado do Usuário; Práticas de Cuidados Cotidianos; Acolhimento, Integralidade e Humanização do Cuidado em Saúde; Promoção de Saúde; Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (vulgo, “Medicina Alternativa”); Clínica Ampliada etc.

É possível conceber ações singulares de amorosidade e bondade-amorosa, especialmente no que diz respeito ao corpo vivido como experiência e imanência? Nesse horizonte de um “Pensamento do Cuidado”, onde presença, potência e bondade-amorosa estão reunidas, a visão da intervenção conduzida pelas equipes de Júlio Lins reconhece que:

“O desenvolvimento de qualidades mentais e o reconhecimento de nossa própria experiência tem o potencial de aliviar o sofrimento e aumentar enormemente a resiliência e a felicidade. A implantação de programas de ensino de práticas meditativas são maneiras eficazes e baratas de promover saúde mental e física.”<sup>180</sup>

Com atividades realizadas no Centro Integrado de Saúde (CIS), no Núcleo de Apoio às Práticas Integrativas (NAPI), e na Unidade de Cuidados Integrados à Saúde Prof. Guilherme Abath, todos localizados na cidade de Recife (PE), além de oferecer atendimento clínico e orientações específicas (com os diferentes saberes), os profissionais co-facilitam processos de saúde mental e física através da: Yoga, Tai Chi Chuan, Meditação, Biodança, Dança Circular, Arterapia, Contação de Histórias; Homeopatia, Acupuntura, Osteopatia, Terapia Crânio-Sacral, Alimentação Saudável, Massagem, Aromaterapia, Terapia Comunitária, Constelação Familiar, Psicomotricidade Relacional; Circo, Rádio, Escola de Cinema.

---

<sup>179</sup> Ver: <http://www.redehumanizasus.net/node/64003>

<sup>180</sup> Ver: <http://portalfloresnoar.com/floresnoar/palestra-aberta-praticas-meditativas-no-sus-dia-25-de-novembro-no-cis/>

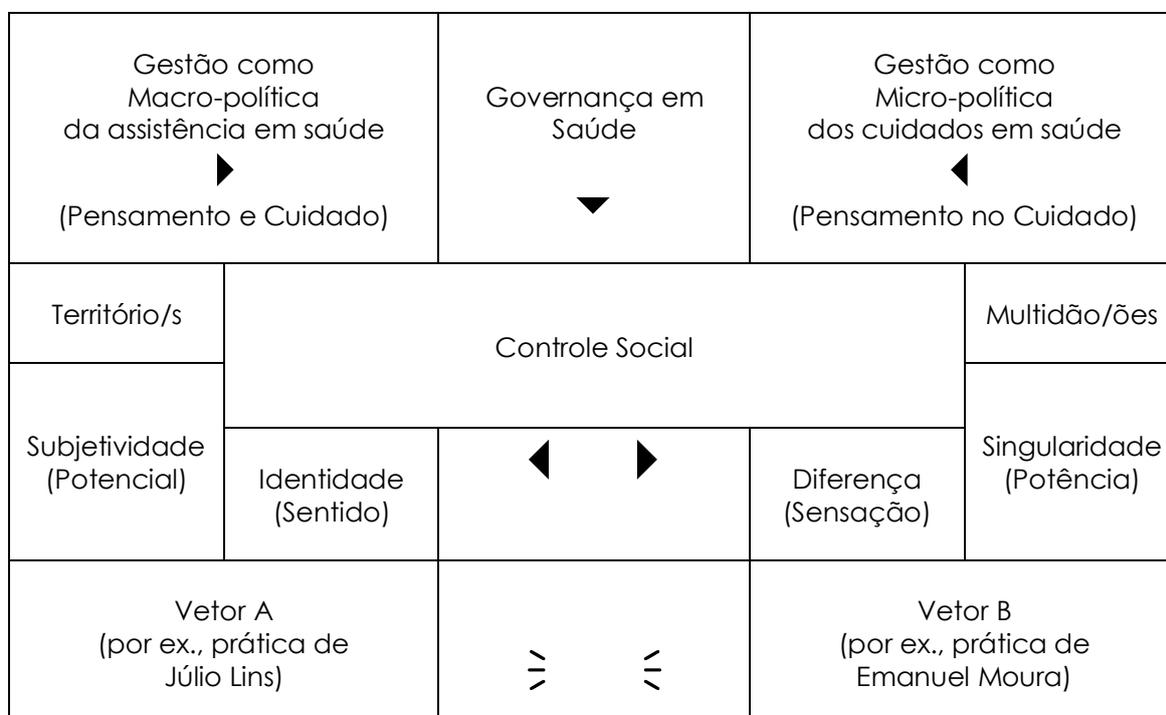
A variedade nos serviços disponibilizados recupera as necessidades plurais dos usuários, oportunizando uma compreensão sensível à micro-política dos cuidados em saúde. Nessa perspectiva adotada de Governança em Saúde, a via para o exercício do Controle Social não se informa pela burocratização das instituições representativas e das instâncias coletivas, com o privilégio da força na voz sobre o impacto dos afetos, se não junto aos processos imediatamente constituídos entre as experiências dos próprios usuários.

Conforme a descrição sugerida por Emanuel Moura, de uma trajetória de ações, que concebe Governança e Controle Social, a partir de:

– um eixo (A) das Macro-Políticas, produzindo (A.1.) “identidades” com maximização do (A.2.) lugar do “sujeito/subjetividade” em (A.3.) um “território” de escolhas majoritárias/democráticas;

...percebe-se a adoção, nas práticas holísticas acima referidas, de

– um vetor (B) das Micro-Políticas, que gera (B.1.) “diferenças” em processos que legitimam a (B.2.) “singularidade” no jeito de viver em uma plataforma (B.3) de “multidão” (de afetos, de desejos, de escolhas não-convergentes, de intensidades do menor).



Esse tipo de Gestão que se estabelece no coletivo das necessidades dos usuários, não apenas promove o compartilhamento de saberes, bem como permite a co-responsabilidade das suas próprias vidas,

extensíveis ao cuidado nos processos de saúde, organização dos espaços comuns e relação horizontal com os profissionais.

O alcance desses processos, ainda segundo o Coordenador daquele modelo integrativo pernambucano, vislumbram:

“(...) uma construção robusta para debater e ensinar ética do ponto de vista laico, ensinando compaixão, a partir da contemplação da nossa situação atual como seres humanos. E nós entendemos laico como princípio ético que diz que se nós estamos equivocados do ponto de vista racional, nós mudaremos de opinião, sem dogmas, sem imposições, mas a partir da contemplação da nossa situação como ser humano. Nós [já] temos todo arcabouço necessário, bem estruturado, para um processo de formação ética. Nós [já] temos tecnologias sutis a partir dos processos de meditação e do processo de vivência das outras práticas integrativas, inspiradas em trabalhos, como do Instituto Mind & Life, da Antroposofia, dos Humanistas, como Paulo Freire, e todo o processo de educação de qualidades humanas. Nós [já] temos tecnologia para ensinar paciência, generosidade, conduta moral para as pessoas, a partir de uma ética laica. O processo de humanização é algo que acontece em nós mesmos, nós precisamos refletir como está o nosso processo de humanização. Precisamos amadurecer muito, para falar adequadamente que somos *Homo sapiens sapiens*.”<sup>181</sup>

Paola Tôres, médica hematologista, doutora em Farmacologia e Professora da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, também no Nordeste, está desenvolvendo uma Proposta Hematopoiética de Clínica Ampliada, capaz de compor diferentes intervenções sob o enfoque de uma Medicina Integrativa.

A partir da reunião de profissionais com diferentes saberes, o Instituto Roda da Vida, sediado em Fortaleza (CE), adota uma perspectiva de tratamento que reconhece outra base relacional para as emoções, particularmente as afecções físicas e mentais decorrentes de emoções difíceis no contexto da recuperação oncológica.

Sua proposta não vislumbra inserir os recortes para as diferentes práticas da sabedoria perene oriental dentro das modalidades tradicionais da saúde ocidental, a partir de uma visão política conservadora da biomedicina. Ao contrário, são as ferramentas, por exemplo, da hemoterapia, da quimioterapia e da radioterapia, que passam a dialogar com uma visão bem mais larga de saúde, a partir da sabedoria dos Alquimistas e da realização contemplativa oriental, em uma perspectiva de natureza humana como potencial e sabedoria infinitas que também inclui o sofrimento e as enfermidades do corpo.

---

<sup>181</sup> Ver: <http://portalfloresnoar.com/floresnoar/medico-julio-lins-fala-sobre-as-praticas-integrativas-e-a-humanizacao-da-saude/>

Processos integrativos dessa natureza visam explorar novas práticas sobre causas e condições (internas e externas) na expressão de quadros emocionais específicos. Porque somos “alvos” das nossas próprias emoções, é possível “controlar” milhares de pessoas através de camadas de equívocos, aflições e conflitos, com a irradiação de uma potência emocional em gerações de contágio e tormenta a partir do que percebemos e de como sentimos as circunstâncias.

Não é difícil ver-se emocionalmente capturado em um domínio sem saída, do tipo “esse é o mundo”, “a vida é assim” etc. Especialmente, quando estamos nesse lugar de espectadores, consumidores e seguidores da opinião formada nas mídias. Elucida o Lama Thubten Yeshe<sup>182</sup>:

“According to our perception, according to our mind, the nature of phenomena that actually exists looks like it doesn't exist. The nature of the phenomena that exists, which is emptiness, according to our perception, according to our mind, looks like it doesn't exist. What exists looks like it doesn't exist. What we believe to exist, according to our perception and according to our mind, actually doesn't exist. So it's completely the opposite to how it really is. (...) The hallucinatory mind actually sees so many things, but they are all mistaken. All these things – I, action and object, everything – are all empty of existing from their own side. Ignorance, the hallucinatory mind, actually sees everything as inherently existent, as real, as appearing from there.”

Nem é preciso citar os personagens extremos de alienação social e consumismo, basta o nível prosaico da “crença” cotidiana na imagem e nas qualidades de um “produto”: adquiridas e transmitidas fora do casuísmo e da espontaneidade, até a capacidade de livremente “escolher” um determinado objeto da percepção como “superior” a outro (mercado livre, democracia livre etc).

Eventualmente nesse processo, somos também capazes de reconhecer que, em algum nível, apenas “produtos comportamentalmente dirigidos” são capazes de expressar uma direção tão precisa junto a outros produtos – nós mesmos, como “produtos” emocionalmente fabricados por vendedores e manipuladores midiáticos.

Trata-se de utilizar a mente dos condicionamentos, a mente da dualidade, a mente dos conceitos, a mente das emoções para observar que não há aleatoriedade, seja para o desconforto, seja para a superação; de investigar como o sofrimento relativo aos objetos da percepção cessa, e a felicidade relativa aos objetos da percepção surge.

---

<sup>182</sup> Ver: <http://www.lamayeshe.com/index.php?sect=article&id=920&chid=2294>

Chokyi Nyima Rinpoche<sup>183</sup> elucida com maior habilidade:

“One of our main tasks as human beings is to seek and to discover what is real and true. We must use intelligence as our main tool and sound reason as the verifier. That is all we have at this point. However, as we go about deepening our understanding, we still carry one problem with us: this mind that reasons so intelligently is still basically confused. Therefore, every ‘insight’ is saturated by confusion. I am sorry to say it so bluntly, but human understanding is confused. It is not unmistaken wisdom, and it is not authentic until complete enlightenment. Can we admit that we are not yet enlightened? (...) What does this confusion consist of? How is it perpetuated? What is being confused and how? How sound is the tendency to maintain a duality of perceiver and perceived? How do we fool ourselves into believing in a self? How does this confusion trigger karmic actions, emotions and further tendencies? These are important topics, and we must admit that we are confused. We are in the middle of a chain reaction that has already begun.”

Ainda particularmente relevante no âmbito do trabalho humanista de Rogers, como falar de apreço positivo incondicional ao potencial inerente (sabedoria interna) e à capacidade de responsividade (uma compreensão inseparável da mente que a tudo permeia e claramente reconhece as necessidades particulares, fora de um senso de envolvimento/elaboração emocional, simpática ou empática) intransferíveis de cada pessoa, se a mente de quem observa está condicionada (ocupada, obscurecida) pelos objetos da sua própria percepção? Como há margem para facilitar qualquer senso de auto-direção e auto-determinação, quando a mente de quem observa está emocionalmente dirigida para quaisquer pensamentos que surjam e modos de afetar-se uma vez que estímulos estejam compartilhados?

“(…) É essencial ver mais precisa e completamente o que são de fato as emoções (...) Será que as celebramos pela riqueza que trazem para nossas vidas ou temos medo de sua energia provocativa? (...) É possível ver e trabalhar com sua intensa energia de maneira progressivamente mais profunda hábil? (...) Elas são consideradas como contendo um potencial tremendo para libertar-nos dos estados de sofrimento (...) Na verdade, a própria natureza de nossas emoções é como sendo sabedoria que contém tremenda clareza, discernimento e responsividade. Por isso, não há necessidade de mudá-las ou transformá-las a partir desta perspectiva, tomamos as próprias emoções como o caminho (...) Se pudermos usar a energia de nossas emoções para pacificarmos a si próprias – se pudermos usar aquilo que já possuímos para atingir nosso objetivo – então o caminho torna-se mais rápido (...) uma genuína compreensão da verdadeira natureza ou da realidade das emoções (...) As emoções carregam tremendo potencial para auxiliar sua visão de iluminação e liberdade para todos os seres sencientes” (Chözom, 2013, pp. 25, 29, 33, 41, 70, 73)

O parâmetro de acordo-congruência e desacordo-incongruência empregado nessa “relação” de ajuda e de cuidado, por exemplo, com

---

<sup>183</sup> Ver:

[http://www.shambhalasun.com/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1673](http://www.shambhalasun.com/index.php?option=com_content&task=view&id=1673)

o Sherpa, também se amplia numa perspectiva formativa, não reduzida ao prisma de personalidade e suas estruturas de funcionamento:

“(...) the mind that nonconceptually realized emptiness, the mode of appearance of emptiness and its mode of existence are in accord with each other (...) for all conventional truths the way things exist and the way they appear are incongruent. How so? For a sentient being, that is for anyone who is not a Buddha, things appear as if they were truly existent, whereas their actual mode of existence is that they are not truly existent (...) Ultimate truth refers to an object of the mind that is authentic and without deception (...) apart from the mind that perceptually realizes emptiness, there is no cognition among sentient beings that is free from deception” (Gen Lamrimpa, pp. 24 e 120)

A estratégia do “not-dwelling” (oposto à perspectiva do “dwelling” ou “indwelling”) reconhece nos “cinco venenos” fatores que obscurecem a claridade natural da mente, quais sejam: paixão, agressão, ignorância são Emoções Básicas ou Kleshas primários (estados de perturbação, veneno da mente ou emoções destrutivas), dos quais se desdobram outros dois principais (ciúme e orgulho), e suas variações para todos os demais.

“When someone insults us, WE USUALLY DWELL ON IT, asking ourselves, ‘Why did he say that to me?’ and on and on. It’s as if someone shoots an arrow at us, but it falls short. Focusing on the problem is like picking up the arrow and repeatedly stabbing ourselves with it, saying, ‘He hurt me so much. I can’t believe he did that.’ Instead, we can use the method of contemplation to think things through differently, to change our habit of reacting with anger. Imagine that someone insults you. Say to yourself, ‘This person makes me angry. But what is this anger?’ It is one of the poisons of the mind that creates negative karma, leading to intense suffering. Meeting anger with anger is like following a lunatic who jumps off a cliff. Do I have to go likewise? While it’s crazy for him to act the way he does, it’s even crazier for me to do the same.” – Chagdud Rinpoche

Especificamente no que trata das emoções<sup>184</sup> básicas,

“The first of these is craving. This mental process is based on an unrealistic, reified distinction between self and others—or between subject and object more generally—as being absolutely separate and unrelated. Craving is concerned with acquiring or maintaining some desirable object or situation for “me” and “mine,” which may be threatened by “the other.” One assumes that desirable qualities are inherent in the object desired and then exaggerates these qualities, while ignoring or deemphasizing that object’s undesirable aspects. Craving is therefore an unrealistic way of engaging with the world, and it is harmful whenever one identifies with this afflictive mental process, regardless of how strong it is or the circumstances under which it arises. Craving is said to be afflictive, for it disrupts the balance of the mind, easily giving rise to anxiety, misery, fear, and anger; and it is unrealistic in the sense that it falsely displaces the source of one’s well being from one’s own mind to objects.

---

<sup>184</sup> Ver:

<http://www.investigatinghealthyminds.org/pdfs/EkmanBuddhistCurrDirPsychSci.pdf>

Hatred is the second of the fundamental afflictions of the mind and is a reverse reflection of craving. That is, hatred, or malevolence, is driven by the wish to harm or destroy anything that obstructs the selfish pursuit of desirable objects and situations for me and mine. Hatred exaggerates the undesirable qualities of objects and deemphasizes their positive qualities. When the mind is obsessed with resentment, it is trapped in the deluded impression that the source of its dissatisfaction belongs entirely to the external object (just as, in the case of craving, the mind locates the source of satisfaction in desirable objects). But even though the trigger of one's resentment may be the external object, the actual source of this and all other kinds of mental distress is in the mind alone.

The third, most fundamental affliction of the mind is the delusion of grasping onto one's own and others' reified personal identities as real and concrete. According to Buddhism, the self is constantly in a state of dynamic flux, arises in different ways, and is profoundly interdependent with other people and the environment. However, people habitually obscure the actual nature of the self by superimposing on reality the concepts of permanence, singularity, and autonomy. As a result of misapprehending the self as independent, there arises a strong sense of the absolute separation of self and other. Then, craving naturally arises for the "I" and for what is mine, and repulsion arises toward the other. The erroneous belief in the absolute distinction of self and other thus acts as the basis for the derivative mental afflictions of craving, hatred, jealousy, and arrogance. Such toxins of the mind are regarded, in Buddhism, as the sources of all mental suffering."

Chagdud Rinpoche também ensina que "nossa primeira tarefa como pacificadores é limpar nossos conflitos internos causados por ignorância, raiva, apego, ciúmes e orgulho." Das frases atribuídas ao Dalai Lama, e que despreziosamente circulam em redes sociais, podemos sublinhar em duas delas, esse mesmo contexto de reciclagem para a energia dos venenos mentais:

"The purpose of religion is to control yourself, not to criticize others. How much am I doing about my ANGER, ATTACHMENT, HATRED, PRIDE, and JEALOUSY? These are the things which we must check in our daily lives."

"O verdadeiro Herói é aquele que vence a sua própria RAIVA e ÓDIO"

Para cada um dos cinco venenos mentais corresponde uma qualidade da mente desperta, obscurecida e inseparável das emoções básicas. Essas qualidades de Sabedorias estão descritas em ciclos detalhados de ensinamentos, sobre as Cinco Famílias Búdicas, os Cinco Budas e suas Consortes, bem como Sabedoria, Agregados, Direção, Elemento e Cor correspondentes etc. Thubten Chodron<sup>185</sup> ilustra diferentes métodos para reciclar a energia obscurecida de cada emoção:

"Let's look at some of the methods the Buddha prescribed to transform specific emotions. Reflection on impermanence and the unpleasant aspect

---

<sup>185</sup> Ver:

[http://www.thubtenchodron.org/DealingWithEmotions/working\\_with\\_emotions.html](http://www.thubtenchodron.org/DealingWithEmotions/working_with_emotions.html)

of a person or thing counteracts attachment. Cultivating patience and love opposes anger, and wisdom demolishes ignorance. Thinking about a difficult topic or reflecting that all we know and have comes from others eliminates pride. Rejoicing prevents jealousy. Following the breath diminishes doubt. Contemplating our precious human life dispels depression, while meditating on compassion counteracts low self-esteem."

No aspecto que tange diferentes métodos, como antídotos das emoções específicas, é possível também citar:

Para o Desejo –	Disciplina
Para a Agressividade –	Paciência
Para a Ignorância –	Consciência discriminativa
Para a Preguiça –	Diligência
Para a Distração –	Concentração
Para a Avareza –	Generosidade

Acerca dos antídotos<sup>186</sup> para as três respectivas emoções de base:

"Quando começamos pela primeira vez nosso trabalho com as emoções, aplicamos o princípio de que o ferro corta o ferro, o diamante corta o diamante. Usamos o pensamento para transformar o pensamento. Um pensamento raivoso pode ter como antídoto um outro que seja compassivo, ao passo que o desejo pode ter seu antídoto na contemplação da impermanência.

Podemos reduzir o apego contemplando a impermanência. É certo que o objeto ao qual estamos apegados, seja qual for, irá mudar ou se perder. Com a redução da autoimportância, diminui também o apego que resulta dela. Quando pomos o foco da nossa atenção fora de nós mesmos, isso nos leva, ao final, a compreender a igualdade que há entre nós e todos os demais seres. Todos querem ter felicidade; ninguém quer sofrer. O apego à nossa própria felicidade amplia-se para se tornar apego à felicidade de todos. (...)

Cada uma das emoções negativas ou venenos mentais possui uma pureza intrínseca que não reconhecemos por estar tão acostumados à sua aparência de emoção. A verdadeira natureza dos cinco venenos – ignorância, apego, aversão, inveja e orgulho – são as cinco sabedorias. (...) Apego e raiva são dois lados da mesma moeda. (...)

Saber que a nossa realidade não representa toda a verdade da existência nos liberta do sofrimento. Deixamos de estar controlados, por nossos medos ou nossos apegos. (...) A sabedoria – o conhecimento da nossa verdadeira natureza – é o antídoto direto da ignorância, do desconhecimento. É a chama que debela a escuridão da nossa mente."

Dessa forma, reconhecer e desenvolver esses processos emocionais são um dos aspectos centrais na prática de compaixão. Para assegurar o efeito de liberação vislumbrado, sempre que a emoção manifestar-se é preciso lembrar a instrução e aplica-la detalhadamente com o antídoto correspondente. Objetivo último é o de reconhecer a sabedoria

---

<sup>186</sup> Ver:

[http://www.gislainedassumpcao.psc.br/site/index.php?option=com\\_content&task=view&id=142&Itemid=41](http://www.gislainedassumpcao.psc.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=142&Itemid=41)

inerente a cada emoção, de modo a percebê-las livre de condicionamentos. A natureza pura é união do espaço básico e da responsividade.

De todo modo, há uma estratégia sempre disponível no intuito de promover uma relação transformadora com as emoções – na verdade, uma cadeia de processos que se antecipa à efetivação do ato. Sua racionalidade de fundo é a de compreender o funcionamento das emoções a partir: causas-semente (aspectos compartilhados em determinado coletivo, as individuais herdadas, hábitos e tendências mais sutis, influências adormecidas e não-aparentes que trazem um potencial de manifestar resultados) e condições/fatores ambientais (físico e psicológico) que, enredados, permitem o surgir do fruto, do resultado ou do efeito.

Nessa perspectiva, ainda segundo Zamba Chözom, são três as atitudes (visões) para compreender as emoções:

Método/Etapa	Compreensão	Foco
Renúncia	Inimigas, tóxicas ao bem-estar	Aspectos negativos, pontos fracos
Energia básica como mediadora na transformação	Amigas, facilitam o desenvolvimento espiritual	Aspectos positivos, pontos fortes
Considerar diretamente como o caminho	Sabedoria iluminada em si	Relação habilidosa

Como técnicas e condições de suporte para o exercício de qualquer prática e mediação a qualquer fenômeno, é possível utilizar as seguintes abordagens, como quem se dirige às projeções da própria mente, ela mesma como o projetor e as emoções como fotografias perceptivas em um data-show:

Manejar sentimentos com...			
Abertura com Atenção Plena	Uma porta resistente, bem assentada e de material transparente, com fechadura regulada pelo senso contínuo de alerta, vigilância e diligência; uma vez trancada, não haverá ataques dos ladrões da atenção que se intrometem e suscitam comportamentos inconsequentes;	Não ser dominado pela emocionalidade, cultivar um espaço psicológico para observar emoções e características específicas;  Lidar com os fatores: sujeito, ou objeto, ou atividade;	Distanciamento;
			Paciência;
			Visão Correta;
Visão Clara	Oposto ao zoom, de um ponto mais longe, enxergar mais amplamente a dança das emoções no palco da consciência;	Ver a paisagem onde ocorre, observar quais interações suscitam quais emoções;  Lidar com os processos que integram uma paisagem completa;	Identificar;
			Avaliar;
			Reconhecer a paisagem;
Deixar Partir	Esvaziar a intensidade do líquido e a força da	Aproximar-se da experiência com a	Repórter investigativo, que descreve mas não interfere;

	fragrância nos frascos de perfume, para abandoná-los;	verdadeira natureza, liberar a fruição física e mental da energia contida nas emoções fixadas;  Lidar com	Relaxar a energia no corpo;
			Liberação mental da emoção;
			Liberação do desapego, do agente e da ação;

Gradualmente, o molde básico de relações emocionais pode reconhecer o pensamento apenas como um-pensamento, que vem e vai (mais um juízo de valor recorrente e arbitrário...); a emoção apenas como uma-emoção, que vem e vai (mais uma sensação fixada e deludida...).

Assim, refinando a atenção para uma relação direta com as emoções e os fenômenos, é possível transformar a experiência de Emoção/Veneno Metal, com Objetos (sólidos, permanentes, inalterados) e Rótulo (pensamento). Uma vez que “nossos conceitos não curam nossas emoções” (Zamba Chözom), quando chegarmos ao mais sutil da consciência da consciência; quando for possível deixar surgir awareness da awareness, não como lampejo mas experiência clara e estável; Jampa (tib) ou Maitri (skt) aguarda-nos desde sempre: o sorriso da bondade-amorosa não obscurecida, não condicionada, não dual, não deludida. o silêncio da sabedoria primordial.

Para experienciar essa esfera de fenômenos livres e transparentes, com percepção da sabedoria pura e ilimitada, com energia incondicionada das emoções obscurecidas, com espaço vasto e primordial da mente, lembra Dzongsar Khyentse Rinpoche (compartilhado por Ziggy Love em 20.01 no facebook, dos ensinamentos de DKR no Butão em 18 e 19.01.14):

“(...) Discipline is so necessary. Chaos arising out of discipline is beautiful  
(...) For the practitioners, fun means Enlightenment... Love and compassion - big part of outrageousness and elegance...”

# PARTE III

# As sombras





**PARTE III**  
**As sombras**



**“...to watch the birth and death of beings is like  
looking at the movements of a dance.”**  
– Buddha

**“Quem não chorou copiosamente,  
não começou a meditar”**  
– Ajahn Chah

(acima, uma fotografia com o recorte da mesa de  
Natal em 2013; ênfase na embalagem do  
refrigerante)

Acho que, também naquele Natal, havia qualquer coisa de um sobressalto que me inquietava. Provavelmente, a nova e terrível faceta do que pode significar amar e perder.

Um Natal que também foi difícil, dos muitos que assim se seguiam: desde quando? Era “o primeiro namorado”, certamente não a primeira paixão ou a conexão por um homem, embora um tempero de amor com o encanto suave e a “verdade” que transborda nos contatos. Tudo comigo, até então, era distante e muito abstrato. A palavra ajudava-me, mas não me tranquilizava. Eu estava reservado do mundo sensível.

Entendo que não era uma “estratégia” de retraimento e discrição para não ser visto/percebido como gay, ou de temor público como reprovação social/familiar internalizada; acho que mais difícil (inclusive

por ser mais forte), era uma sensação persistente de não-saber sobre a vida dos homens (de quem, via de regra, eu tinha um “medo”, bastante real e físico; em se tratando de homens héteros, não importa se conhecidos ou da minha família, da minha idade ou adultos).

Nos encontros de família, eu preferia a biblioteca do meu avô, em vez da sala ou da varanda com os demais (leia-se, as visitas masculinas). Mesmo para a curta distância, na cama ao lado do meu irmão, eu não sabia como “aproximar” os interesses e contatos. Reduzido nas interações, sobrava-nos uma fala escassa e, com o passar dos anos, somente os textos.

Eu havia instaurado uma distância por completo, sem perceber-me “seguro”, sem contato e sem vislumbres do que “era” o corpo de outros homens. Vagamente, tenho as marcas de não saber jogar, de não ir para o vestuário, de ser cobrado para não falar fino, não deixar a cintura mover-se, saber falar firme e sem o timbre fino etc.

Além do meu pai e de um tio, ou do meu avô já na velhice, onde estiveram os diferentes corpos dos homens ao longo da minha juventude? Entrar no banheiro quando os funcionários do shopping trocavam suas roupas, ou no banheiro de um colega de escola que tomava banho com a porta aberta, ou nos primeiros filmes eróticos na casa de um amigo, ou do instrutor que se despe para tomar banho, ou das revistas que surgiam com homens nus, ou no rapaz que se arrumava no vestuário depois da academia?

Os balcões dos homens (comércio, bares...), os espaços dos homens (oficinas de carro...), os banheiros dos homens, os assuntos dos homens eram territórios de iminente desespero. Porque foram tão raras essas oportunidades de ar livre, de rua, de contato com outros corpos e de explorar a vida? É de se estranhar que as memórias foram tão poucas dos outros rapazes e do (esperado) convívio entre moços de cuecas, ou corpos livres das roupas. Era só a “timidez” ou “vergonha” que justificava esse “exílio” do masculino?

Temeroso, e fechado comigo mesmo, não havia brincadeiras da minha parte – sempre sério, austero, compenetrado. Não imaginava como seriam os caminhos e o que deveria ser feito. Embora não exatamente tímido ou introvertido, sendo eu um filho da palavra e do pensamento (um geminiano, filho dos ares), eu não sabia como dizer, não sabia dos assuntos, não sabia como permanecer ou comportar-me da maneira mais ampla.

O nome é ansiedade, se falarmos de um quadro generalizado de fobia social dirigida àquele gênero. Se já não sabia como “tratar” e o que dizer/a forma para dizer, imagine, então, como “beijar”, até,

propriamente, como dispor ou “manusear” o corpo de outro homem nas minhas mãos?

É uma circunstância de medo quase constante, quase na intensidade de um pânico, e ter receios de não ser capaz de controlar essa aflição – por exemplo, querer compartilhar da virilidade e da força no músculo de um homem da minha idade, e ser capaz de não apenas suspender o meu histórico de medo, como sentir-me confortavelmente bem quisto nos seus braços amorosos de outro.

O que fazer desse afeto de querer, mas não conseguir estar perto de outros homens, de não ter intimidade nenhuma com os homens (lugares públicos, cinemas, salões de cabelo etc, ou clubes, jogos, esportes etc) e não me sentir como um desses tipos de homens, de perceber-me interessado por homens e ter que aprender a “ser-homem” no meio de outros homens?

Amar foi profundamente terapêutico (assim como também a escrita), em um aspecto muito mais largo do que o seu efeito imediato nas relações afetivo-sexuais que estabeleci. Não apenas trouxe uma reciprocidade humana e masculina, como permitiu descobrir-me suficientemente a vontade e sem ruídos, sem julgamentos e sem precipitações, para encontrar e experimentar outro corpo, para encontrar a minha posição e encaixe possível em outra vida. Amar e escrever conjugados, escrita que se desenvolve (floresce) pelo amor.

Não sou capaz de recordar nada mais curativo que esse amor exercitado. Penso no sentir-se progressivamente amado, em profundidade emocional e existencial, mas, sobretudo, na “capacidade” de amar, estender e proporcionar uma qualidade amorosa para outros – talvez, os patriarcas gregos complementariam: despertar no coração do amado um senso de curiosidade para investigar as tramas do amor que inspiram a ação de amar no amante, um senso de atração para desvendar a própria relação mágica da qual se serve o amor para nutrir o amar daquele amante... “Love is when you are thinking... ‘how can I make you happy?’; Attachment is when you are thinking... ‘why aren't you making me happy?’”, sublinha Dzogchen Ponlop Rinpoche (conta do autor no facebook, 26.01.2011).

Estávamos juntos naquela época, por ligações e correspondências frequentes; era o primeiro mês de 2002 (últimas semanas de janeiro, Carnaval ainda estava distante) quando nos “encontramos” virtualmente, em mais um desses Natais e tempos novos subsequentes aos fogos de réveillon. Onde estavam os meus Natais, ou desde quando a contagem já não fazia sentido? Eu queria apenas viajar e “descobrir” o que era o mundo – fiz planos, com uma amiga da escola, para “fugirmos” durante os nossos 15/16 anos.

Em 1999/2000, final de Ensino Médio e mudança de Estado, em 2000/01 retorno para Fortaleza, em 2001/02...? Quase um ano depois, o rapaz das letras e fotos veio para conhecer-me (tomou um ônibus e fui buscá-lo, era manhã bem cedo). Ficou por uma semana comigo, em Fortaleza: um “amigo” hospedado no meu quarto, na cama gentilmente emprestada do meu irmão. Em casa, a minha irmã reagia com sua nítida e incontestada desaprovação. Dizia, por exemplo, que meu pai prestasse atenção, que algo trágico sucedia-se...

Quando o conheci, eu era apenas um rapaz com o sorriso dos 19 anos, alguém que tinha morado por um ano em Natal (RN), no ano 2000, e depois retornado (sair para experimentar uma vida longe de casa, e “retroceder”) – na verdade “arrastado”, por um contexto de pressões, incapacitado exatamente de encontrar o “meu” lugar nos velhos hábitos da cidade, da família, dos “conhecidos” etc.

Meu pai dizia que não poderia ajudar-me com os gastos de outra casa, mas o agravante foi meu estágio com “Direitos Humanos” (temática inaceitável, ou perigosa, aos olhos da minha família). Voltei apenas para ser reprovado durante anos, felizmente também para encontrar dois ou três professores brilhantes – e nada mais. Andar, sair e beber pelas ruas.

Estávamos juntos, outubro de 2002, era uma das primeiras Bienais de Livros acontecia em Fortaleza. Tinha em mãos um pequeno origami de papel de colorido, pássaro guardião que oferecia como um símbolo para atravessar a distância física entre nós. Estávamos em uma palestra de filosofia que assistíamos no auditório do antigo Centro de Eventos. Com 20 anos (1982) e estudante de Direito, ele com 22 (1980) e estudante de Medicina, ainda me lembro da sua voz com a qual minhas madrugadas aconteciam em ritmo de ternura, no sofá branco e confortável para todos os nossos sussurros.

Lembro bem dos olhos do meu pai, deparando-se com a minha insistência naquela alegria regulada para o horário avançado da noite, quando ele chegava habitualmente bem tarde em casa, ou acordando-se, para qualquer eventualidade na cozinha ou luzes esquecidas pelo corredor.

Eu acho que meu pai assumia como uma “provocação” velada, um tipo de vadiagem inadequada, pelo horário e também por minhas obrigações “acadêmicas” que já não demonstrava qualquer “interesse”. Ele adentrava cansado, pela mesma porta. Ainda que eu estivesse com expressões e comportamentos “tranquilos”, a cena deitada no sofá não era de seriedade – no mínimo, algo instigante se sucedia.

Pedia-me que eu fosse dormir, ou que não se esquecesse de ter cautela com o valor exorbitante na conta seguinte de telefone. Esse era um vício que, apenas, não havia como abrir mão. A preocupação dele, no que me dizia respeito, circunscrevia o seu limite orçamentário com a eletricidade, a operadora telefônica e a perspectiva que os meus estudos gerassem um emprego. Nada mais, que não estivesse previsto no salário e extrato bancário seria relevante.

Das imagens com o seu próprio pai (meu avô), ou dos mínguos sentidos e conquistas financeiras por seu trabalho, dos contrastes e lamentos no seu casamento, minha mãe não teve uma vida feliz. Disso eu já sabia, logo na infância. Dessa vida conjugal, e as limitações impostas com os filhos, a vida em família e conjugal, também me parece que meu pai não conseguia ser feliz no seu desejo estritamente profano.

A função da maternidade, talvez, foi dos eventos emocionalmente mais significativos para minha mãe – e, possivelmente, a razão que a permitiu continuar (suportar) uns vinte anos sem ter que resolver e haver-se com decisões para sua própria vida. De todo modo, naquela casa, felicidade não era bem-vinda. Perdi a magia do Papai Noel cedo demais, e assumi, naquela dinâmica relacional, a figura de quem poderia ouvir e amenizar os conflitos. Não sei se meus irmãos puderam ser felizes. Eu tinha meus medos, e todas essas tristezas.

Ninguém conseguiu me parar, e os “sintomas” incompreensíveis, nebulosos à época, foram as sucessivas pendências mensais que surgiam com a fa(r)tura de ligações para outro estado, somadas ao próprio consumo de internet, via ligação discada por modem. Quantos e tamanhos problemas foram sublimados nesse período de conversas à distância, tão violentas eram as novas dificuldades criadas quanto a própria realidade que jamais me consentiu com a “liberdade” e a sensibilidade de um homem gay.

Meu pai dizia que nós, especialmente eu, o filho mais velho, éramos “secos” (ásperos) como minha mãe e a família dela, que não tínhamos a mesma “alegria” dele pela vida e o senso de “coesão” familiar. Ainda assim, por ele considerado um “deprimido” sem causas (?!), eu representava-lhe qualquer coisa de um “malandro”, misto inaceitável de irresponsável e canalha. Nessa estrondosa combinação de rejeição e seus gestos rudes, que tipo de comportamento pode surgir?

Nesse mar de dúvidas e de proibições existenciais que se arrastavam por muitos anos, escutar a voz, o humor, a inteligência, o bom gosto, a gentileza, a espiritualidade, os filmes, os livros, as músicas com ele... incluir-se na sua paixão secreta, (hoje realizada) pela matemática... e, depois, quando conheci seus olhos, e mais tarde, com um abraço e um

beijo... um beijo ao amanhecer, outro beijo roubado com gosto de vinho no elevador...

Do rapaz que empresta sua escuta para inserir-se no imaginário das histórias que não eram suas, dos livros que não seriam devolvidos para a biblioteca da escola como tentativa de “costurar”, no real, um vínculo com o tempo e a materialidade: será que é difícil compreender o que significa ter o seu mundo transformado por um amor?

O telefone, sobretudo, me salvou! Ajudou-me também a suportar essa tempestade contínua de humilhações e preconceitos, que descobri não ser uma marca exclusiva da minha biografia. Mas antes da voz e do telefone, havia a internet e outra esfera de relações, que por uma década (desde os 10 anos) já me testemunhava ser também possível amar - e não apenas sofrer, sufocado e oprimido, como naquela dimensão física que me rondava.

O tal computador apareceu como um investimento elevado do meu avô para o meu futuro intelectual. De fato, as letras, as artes e as cores do meu mundo foram todas digitais. O computador e os ruídos para conexão discada trouxeram-se a textura do contemporâneo em outras línguas.

Numa daquelas noites ao lado do apaixonante hóspede, meu irmão (que é quatro anos mais novo) demorou a chegar no apartamento! Meu pai não o viu na rede temporária que estava logo na entrada, ao lado da cama deles, e foi até o meu quarto, para saber se estávamos conversando juntos ou se eu tinha qualquer recado/informação. Apenas e despretensiosamente, o meu pai “invadiu” o escuro inofensivo do “quarto dos meninos”, onde estávamos abraçados e sem camisa, conversando eu e o meu “amigo” recém-chegado.

Era uma cena de amor, não importe como queira ser chamada. Poderia não ser feroz ou sexual, mas qualquer símbolo do amor é autoexplicativo. A tal “relação” que já era bem problemática e hierárquica com meu pai, deflagrou-se intolerável com os anos seguintes. Por três vezes, nos meses seguintes, eu fui expulso de casa (uma delas, com outros amigos), na mais lúcida demonstração dessa incompatibilidade ideológica entre as nossas escolhas de vida. Apesar da tensão naquela noite, nada ademais ocorreu.

O fato é que o tal namorado foi embora na data prevista, viajou de noite e levou consigo sua promessa de “você trouxe de volta esta esperança, você é real, você é meu marido em potencial, com você vou poder chorar e depois estar rindo... podemos ir juntos até Kathmandu e falar sobre o Universo... podemos, infinitamente, para sempre”. Assim está escrito, numa dessas cartas de amor que justificam

uma vida inteira, com a data já longínqua de abril de 2002. Ele foi, e eu fiquei, atordoado ou abandonado em um céu azul com aquelas estrelas, que ele mesmo pintou, no teto do seu quarto.

Tecnicamente, estávamos distantes por muitas horas de ônibus, éramos apenas “estudantes” assustados em famílias por demais tradicionais, e, até então, em nossas casas (na minha e na dele), não haveria qualquer espaço de suporte mútuo, de acolhida ou convívio do outro como o “namorado” de um filho homem mais velho (eu e ele, primogênitos). Enquanto ele esteve aqui, claro, conheceu e participou da minha família (café com a minha avó, por exemplo). Mantivemos o contato, cartas, cartões de natal, fotografias, e-mail com reportagens, telefonemas ocasionais, visitas quando estivermos próximos um do outro etc. De outras formas, ele permaneceu.

Seguiram-se outros contatos, outras ligações para o mesmo Estado dele (das coincidências na vida), para o Sul, e para fora do país. É o tempo! A tal função da telefonia era anterior, e seguiu-se a ele. Já não sei exatamente o que aconteceu para o destino daquelas pessoas todas.

Todavia, o calor das suas vozes e dos poucos amigos que surgiram protegeram-me do longo frio que ficou na minha alma. Até que encontrei um namorado, em Fortaleza. O mesmo com quem vivi o meu primeiro Natal, uma noite com outra promessa de cores vermelhas, música para dançar e beijar, a primeira visita ao motel etc.

Logo em janeiro do ano seguinte, viajei por um mês, outro tempo, cultura e país, uma nova distância que se impunha. Sir Elton John, o concerto no estádio. Voltei para um “namoro” que parecia já não existir (apesar dos meus esforços, com ligações e demonstrações variadas), e segui para os braços de outro rapaz que fugia de um término de relacionamento semelhante, até que fiquei sozinho. Alguns meses. E não tardou para ser novamente “encontrado”. Uma tarde, uma ligação, um jantar, um pedido, um domingo: de uma visita para uma nova vida.

Eu tinha 21 incompletos, era o primeiro semestre de 2003, quando me propuseram um namoro com todas as características de um casamento. Efetivamente, assim aconteceu. Dos meus amigos, eu era o “primeiro”, na idade e na modalidade de relacionamento com tais pretensões de estabilidade. Da velha convivência e mundo, tudo ficou para trás – exceto um amigo importante, um rosto de convivências e sonhos.

Também no Natal de 2003, os fantasmas do inesperado chegavam para atormentar qualquer sonho duradouro de paz: o ano inteiro foi muito difícil, com brigas na Faculdade e disputas de Movimento Estudantil, conturbações financeiras graves e a saída obrigatória da

instituição, com a perspectiva de mudança de curso, novo vestibular... definitivamente, conseguir “sair” do Direito e das prisões familiares no sentido mais amplo (sair de casa e do curso que a minha casa escolheu).

E a mãe do meu marido, com quem há pouco eu também convivía, aproximados em visitas pontuais, atividades familiares e nos almoços de domingo, falece repentinamente, poucos dias antes do nosso primeiro Natal. Em Fevereiro de 2004, curto tempo depois, exatamente o dia em que retorno para a Universidade, com a perspectiva de um Curso novo, foi o meu avô quem faleceu.

O avô que, na verdade, foi das presenças marcantes ao longo da minha infância, o pilar de prestígio em torno das carreiras jurídicas (ele mesmo juiz, politicamente perseguido, e depois advogado), a minha referência intelectual e das humanidades (literatura, música, antropologia etc).

O velório e o enterro dele é consumado, não por coincidência, na mesma tarde em que tenho aula introdutória de Epistemologia à Psicologia. Desde a madrugada estive na casa do meu avô. Consegui sair para o almoço, assisti a primeira aula, no início daquela tarde, e segui para o velório e sepultamento. Flores, o túmulo, o pôr do sol, a finitude com seu esplendor máximo.

Há dez anos, naquele fevereiro, eu chegava com 21 anos (quase 22, após os quatro meses que seguiram) para o primeiro dia de aula na Psicologia: 13h30, uma sala com ventilador e cadeiras brancas no primeiro andar, Bloco K da UNIFOR, lado esquerdo dos corredores. Primeiro dia sem o meu avô Feitosa, que havia morrido, naquela madrugada ainda recente. O sepultamento teria início no curso do horário CD na Universidade, eu fugi no intervalo, antes da aula seguinte! Por todos os anos seguintes, continuei saindo das salas e aulas. Naquela tarde, fui apresentado aos colegas e a professora de sorriso tão inadequado...

Atravessei os jardins e as fontes da Universidade, até me perceber sozinho e de rosto vermelho, em algum gramado do cemitério, admirando as cores do mais incrível que testemunhei: havia silêncio e pássaros. Havia alívio também – e morrer cura. Desde os 17, portanto em quatro anos de peregrinações acadêmicas, eu transitei entre problemas, professores, brigas, cursos, suspensões, instituições, ameaças, confrontos, perseguições e estados diferentes. Na Psicologia o desgaste nunca foi menor!

Assim, se passaram os dez primeiros anos das Psicologias, Psicoterapias, Teorias Humanistas, Mestrados etc. Minha última grande descoberta foi

como homem gay, construir e assumir uma vida de veado e fora dos guetos, desde os meus 20 anos. Não, eu não me “descobri” na Psicologia – mas ela me serviu para distinguir tudo que eu não quero e não preciso nessa vida. Suficiente para afastar-me, e tempo demais nesse lugar poente da Universidade e da Ciência! Não, a “mente” que eu procurei não estava nos conceitos daquelas pessoas, currículos e disciplinas. O que eu preciso manteve-se longe, estranho daquelas ferragens conceituais e tecnológicas. Estou procurando meus próximos 21 anos...

Essa é uma história de amor e despedidas, com episódios marcantes durante o Natal de 2002/03, quando estavam abertas as brechas de “um amor que apenas me deixou”, assim como o singelo ir embora de dois namorados; e um período seguinte, ainda bastante turbulento, por efeito das feridas ainda não cicatrizadas e praticamente duas mortes próximas, durante aquele Natal de 2003/04.

Mudança de casa, de vida, de valores, de convivência. Ajustes sem precedentes, novo Curso e nova racionalidade acerca da vida. Nesse intervalo de 2002, 2003 e 2004, estou nos meus 20, 21 e 22 anos, e quase tudo de mais fundamental que ocorreu, em termos de organização da minha personalidade vigente, veio daí: o gosto do que é “amor”, o difícil empreendimento de assumir-se gay em uma família tradicional, sair e conviver em círculos gays, a difícil arte de construir uma relação emocional e uma rotina/logística doméstica, colocar-se publicamente como um homem gay e casado em eventos sociais, inserir meu marido no convívio da minha família, suportar as escolhas de outro saber e afirmar uma profissão, um tipo realidade adulta que de pronto se instituiu, em continuidade a uma juventude também precoce, a uma infância suprimida de muitas qualidades afetivas.

Foi nesse período de descobertas generosas, e essa é a razão desses parágrafos mais gerais, que eu também encontrei o Budismo, o Dalai Lama e “A Arte da Felicidade”. Meu irmão, o mesmo do episódio “libertário” da rede (ele estava bebendo com amigos) e do encontro decorrente do meu pai para os corpos gays abraços, deu-me o livro naquele ano de 2002. Presente sem muita importância, exceto o valor afetivo de ser algo pensado por ele.

O livro grosso morava, incógnito, e sem qualquer sentido/utilidade, na estante azul na entrada do nosso quarto (ao lado de bonecos, carros e outros objetos), imediatamente ao lado da cama e do armário dele. Talvez eu tenha lido alguma parte e até me sentido tocado, o suficiente para superficialmente recordar seus temas contemplados.

Entretanto, o livro realmente “ganhou vida”, naquele mesmo outubro, com as minhas lágrimas torrenciais, de solidão e orfandade, do amor

que não permaneceria... não sei quando foi, talvez em alguma das manhãs que não fui para aula. Apenas essa experimentação “vigorosa” de assistir um amor com qualidades raras ir embora poderia causar tamanho alvoroço pessoal, com “desconfianças” proporcionalmente intensas a respeito do sofrimento que eu vivia (e parecia não acreditar) naqueles dias.

Outros amores infinitos, grandes cúmplices e parceiros de alma, chegaram nesses anos. Outros também se foram. Todavia, o “curioso” de recordar é que todas as relações afetivas, a partir de então, já seriam atravessadas por esse “novo” repertório de percepções que o Budismo Tibetano trouxera-me – inclusive, no próprio Natal de 2002, com uma situação trágica e emblemática.

Eu, o para-sempre inexperiente Budista, ainda aflito com minhas próprias e recentes dores, digo para esse homem com quem estou intimamente abraçado, depois das confissões amorosas dele numa cama revoltada, que “tenha cuidado para não se apegar comigo, que apego só causa sofrimento desnecessário”.

Estávamos falando de mim mesmo, naquelas primeiras horas de um sábado quente, no melhor exercício de generosidade, e até por gostar do rapaz de muitas maneiras, desejei que, por nenhuma razão, ele pudesse sofrer qualquer coisa a partir da nossa aproximação que seguia tão bonita; eu estava apenas, dentro de mim mesmo, lembrando que esse tipo de laço entre mentes e corações produz, cedo ou tarde, imenso sofrimento... queria poupa-lo, convocar sua atenção ou buscar interceptar o “algoritmo” nefasto que desperta dor onde só havia amor por ele.

O rapaz mais velho findou por entender que eu não “merecia” sua confiança, que eu não gostava dele afinal, que eu não “queria me apegar” e que eu não sonhava mantê-lo por perto (apesar dele estarmos apaixonados), que eu deveria ter comportamentos dúbios ou nutrir afetos por outras pessoas etc. De todo modo, o Budismo, naquele ano, foi a resposta mais ou menos lógica, inicialmente fria e racional, desajeitada e desproporcional, que eu me vali para começar a entender o que são essas emoções de tamanha aflição.

Claro que o meu sofrimento não dizia respeito ao primeiro amor ou ao primeiro namorado, mas estava ressoando uma conjuntura pessoal, histórica e social, onde era impossível amar outro homem, se não submetido aos guetos, à clandestinidade, ao sentimento de marginalidade e suprema desaprovação.

Se começar um relacionamento afetivo-sexual já é difícil sem as informações e cuidados mínimos, mergulhar no universo dos gays era

um exercício ariscado de muitas outras formas adicionais – e “solitário”, por tentativas que mais ensejam deslizes do que acertos. Como, então, imaginar alguma saída ou alternativa plausível no cenário dos rompimentos gays, quando o próprio afeto não há com quem ser falado, vivido e dialogado?

Eu não conhecia o Dalai Lama, não sabia que ele era monge. Meu irmão já apreciava o Budismo como um estilo/postura filosófica, ele que já vinha de outras experiências orientais, como o Kung Fu. Eu já não gostava de qualquer aspecto do “sagrado”, desde os ídos de 1997, durante e após o nosso Crisma (estudei 15 anos em uma escola particular católica), quando entendi que a minha participação não era das mais salutares!

Eu deveria “escolher” entre a minha sexualidade gay (em definhamento e clausura por anonimato) ou a Igreja Apostólica Romana, com meus professores de religião, os diretores e confessores do Colégio etc. Por certo, não haveria “opção”, uma vez que, fora da Igreja, não há Salvação, apenas o Pecado e a danação eterna. Logo, se tratava de uma “determinação”, uma renúncia grande demais para quem ainda não conseguia, pelo menos, falar livremente a respeito de si mesmo.

Ainda não sei como aconteceu, não sei dos bastidores, mas não foi possível avançar nos grupos religiosos entre os jovens da minha escola. Eu tentei, uma vez que tinha amigos, e minha própria irmã, bastante engajada. Tudo se perdeu em algum lugar, e somente lavei o pesar com a morte de João Paulo II.

Havia uma sensação mais ou menos clara, de que ser gay era um inconveniente para todos aqueles ambientes. E apenas os gays, “chamados ao celibato e à vida de abstinência sexual com outros homens”, poderiam estar em perfeita comunhão ao sublime da Igreja.

Não estou falando apenas de romper com a instituição e os votos do batismo, mas também do meu interesse místico e ocultista. Pensei a respeito, e, talvez, em função da minha sede com o mágico e o transcendente, porque não experimentar uma vocação religiosa? Ser padre e usufruir de uma vida, no meu caso, inclinada ao mistério? Tentei, no meu íntimo, acostumar-me com a ideia. Tentei, do ponto de vista prático, e minha família reprovava a iniciativa.

De todo modo, embora não estivesse completamente resolvido, eu não seria um deles. Na prática, eu preferia, muito mais, explorar as sensações de transgressão e de prazer que habitavam meu corpo quando outros corpos de homens, poupados no excesso de suas roupas, estavam por perto. Eram as tais fantasias exorbitantes que a adolescência promove, e que aos poucos fui descobrindo.

Caí, assim, bastante indócil e agitado, nos olhos daquele livro, olhos serenos e sorridentes, o tal monginho com suas vestes de laranja-açafrão. Eu não sabia do Prêmio Nobel da Paz, eu não sabia da luta no Tibete (eu não sabia o que “era” e onde ficava o Tibete), eu não sabia do Exílio, nem da China, nem do Comunismo, eu não sabia o que era Tântro, nem, a qualquer tempo, ouvi sobre meditação. Eu não sabia nada sobre a vida, virgindade integral.

Fundamentalmente, eu não sabia o que era Paz. Eu era apenas um moço ressentido com a instituição Católica, eu era apenas um tipo de jovem que partiu sua adesão com a mística cristã (nas experiências de casa, de família, de escola e pessoais). Talvez eu fosse um Cristão meio ortodoxo, fundamentalista, dogmático na profissão de valores.

Embora o meu Cristo, efeito do meu próprio silêncio, sempre foi transcendência e superação na vida do inefável (vide o Cristo Cósmico de Leonardo Boff, ou do Pe. Tony de Mello), na minha casa já havia um enorme ecletismo, e a minha mãe, católica do ritmo romano, a mesma que nos matriculou na tal escola confessional, optava por uma linha doutrinária mais conservadora. Era com ela, aos domingos, e nos eventos especiais, que eu ia para a Missa.

Não cheguei ao Budismo para encontrar o Nirvana, a Iluminação, a Natureza Vazia de Todos os Fenômenos, para contribuir na Liberação dos Seres Sensientes. Nada disso interessava, posto não existir! Meu foco era bem utilitarista, unicamente aprender a lidar com as minhas próprias emoções. Conseguir recuperar, ou produzir outra coisa menos desesperadora. Barrar, pelo menos, como uma dieta para o incômodo.

Para quem já convivia com toda a opressão (machista e homofóbica), o acúmulo da voz sufocada, uma graduação imposta (como exemplo a seguir-se, e não se desviar, pelos irmãos e primos menores) e o novíssimo cenário de “pratos limpos sobre a mesa”, cartas abertas e saída do armário, eu tinha problemas demais para resolver (perseguição em casa, por exemplo). Precisava estar “forte” para encontrar saídas, e não fragilizado. Mas eu não conseguiria sozinho.

Não fazia sentido ir para um “psicólogo”, se o que eu vivia, naquela percepção, era um produto da minha própria relação com a vida e o amor, e que eu não gostaria de exteriorizar, submeter à voz e à avaliação de terceiros, elementos tão especiais e tão caros, tão particulares dos meus próprios sentimentos. Não gostaria de colocar sob qualquer ameaça de mudança o mínimo que ainda trazia de escolha e sentido sobre mim mesmo, em tempos e contextos com aquele grau de instabilidade.

Tenho uma vaga impressão de datas que, ainda naquele ano de 2002, eu e meu irmão fomos assistir Ensinaamentos Introdutórios ao Budismo. Aconteceu no Salão de Festas, de um Hotel ou de um Flat, no final da Beira Mar, um lugar espaçoso de Fortaleza. Havia um pequeno altar (com estátua) e uma pintura em pano (thangka) que estava fixada na parede. Esse foi o nosso primeiro encontro, durante um final de semana. Roupas, rosários, pessoas e cores diferentes.

Eu lembro com os detalhes mais precisos, era a noite de uma quinta-feira, havia barulho das pessoas que estavam na sala. Acho que viemos de carona, e voltamos a pé – ou o inverso. O elevador abriu-se em determinado momento e aquela mulher de vermelho, de cabelos presos, parecia deslizar ou levitar sobre o chão.

Não havia perfume exatamente, mas eu sinto como um tipo de aura de flores e de eternidade. O tamanho do silêncio naquela mulher fez-me aquietar o coração. Eu já não sabia o que dizer, pensar, ou querer. Sua voz e seus gestos eram muito suaves.

E eu lembrava-me de outras falas do meu pai, a respeito de um cheiro bem específico de “flor de cambraia” (cheiro que, hoje, na minha janela, na noite em que escrevo, está presente) e que, no sertão/interior dele, está associada a revelações ou presságios espirituais – geralmente de morte. Se houver um “cheiro”, era esse... trazido pelo vento, dos dias úmidos. Mas não havia morte... Apenas já não havia!

O contexto era o de uma iniciação de Tara Vermelha, a ser formalmente transmitida no domingo pela manhã. Antes disso, ensinamentos variados foram agendados. Voltei nos dias seguintes, já sem o meu irmão que, acho, não demonstrou interesse de continuar (ou já tinha outros compromissos).

No domingo, eu não dispunha do dinheiro para a doação sugerida ao mestre. Não perguntei, e não apareci. Acho que, no sábado, almoçamos com meu pai. Ele foi buscar-me, e seguimos para um restaurante logo próximo. Eu estava em choque, quieto, “impressionado” com a tal mulher. E recordo-me, ele não soube perguntar nada a respeito. Era um “curso”, respondi de forma mais geral.

E foi assim, meio autodidata e pobremente motivado, com os ecos ainda robustos dos meus próprios temores, que tateei para des-cobrir o que tratavam aqueles textos e ensinamentos. Era uma síntese, a princípio, dramaticamente pessoal, sentimental e emocional: será que eu vou conseguir ser feliz nessa vida? Essa pergunta é assombrosa, de tão real. Amor e felicidade, por muitas circunstâncias, não foram exatamente as pautas de formação pessoal na minha casa.

Descobri que é possível, tanto a felicidade, como ser felicidade. Recompensa dos últimos anos de investigações. Antes, eu não sabia se, de fato, queria ou ansiava por felicidade. Elemento também assimilado, fruto das conquistas. Na verdade, se houvesse, onde estaria, o quê e como seria? Porém, ainda permanecia turva a resposta, acaso se eu conseguiria vivê-la ou não, uma felicidade genuína e duradoura. Se a resposta fosse não, eu teria muitas razões para não continuar as demais buscas.

Pergunta forte, modesta, ingênua e tremenda, já dos meus 19 anos. A questão, em si, parecia uma versão aprimorada de outra, bem anterior, com 8, 9, 10 anos, na saída da praia, em um dia de domingo na família. A praia era das mais bonitas, a mesma que frequentávamos por anos: não tinha pedras, embora de águas agitadas; primos, castelos de areia, bicicletas, pranchas; ocasionalmente, piqueniques, sombrinha de sol; águas-vivas, estrelas-do-mar e siris na areia; carrinho de sorvete, o vendedor de pipas... o horizonte distante, que me interrogava sobre o além-Mar; as profundezas, que absorveram um pingente de ouro e que meu pai insistia procurar, escavar e peneiras o mar, enquanto mencionava experiências da sua fé ou passagens espíritas.

Estamos dentro do carro, no calor do meio-dia. O som do carro deveria estar ligado, assim como a televisão, no costume equivalente de casa. Meu corpo está molhado, e tenho uma toalha nos meus ombros. Eu olho para o “lado de fora” da janela. A cena é recortada nesse movimento sutil de virar a cabeça, de quem busca, ir além, sair, encontrar... Olhos incandescidos pelo sol, e pergunto, ao meu pai, o motorista do carro e destino: “pai, qual é o sentido da vida?”. Eu acho que ele ficou, imediatamente, com raiva. Acho que havia bebido cerveja, mas certamente não estava bêbado. Sua fala era grosseira.

Ele disse, naquela manhã, que essas perguntas não devem ser feitas. Soava como uma bronca – mas não atingi o motivo exato da reclamação. Meu pai, naqueles anos, era um sujeito de comportamentos abruptos, ou que poderia tornar-se assombroso pela exaltação (ou fúria). Aos seus quase 65, ele ainda me “expulsa” do aniversário da minha avó, ao descobrir que estava participando dos protestos nas ruas.

Quieto eu permaneci, com as minhas perguntas quase violentas. Nunca mais, nunca mais, nunca mais, eu indaguei nada ao meu pai – sobre a vida, nem sobre mim mesmo. Não foi mágoa, apenas entendi, fulminantemente, que eu tinha perguntas que ele não se interessava, e que ele não saberia responder. Enxergando apenas os vultos dourados, entendi que estava sozinho no mundo.

Estava, assim, com o sal do mar no meu calção de praia e o corpo ainda molhado com o sol, com o nariz de vermelho sensível e a toalha para cobrir o ardor nos ombros, e, nessa condição, completamente vulnerável e de peito exposto em todas as minhas perguntas, imprensado no assento do meio, entre os meus dois irmãos, permaneci sempre, e sempre, olhando para o lado de fora das janelas, o lado de fora da vida: meu pai aborrecido (comigo e a vida), minha mãe calada, com o semblante fechado perto dele; eu, procurando o mundo, o outro lado, o avesso.

Até que conheci aquela mulher, a mulher de vermelho. Ela falou de temas interessantes, mas não era o pensamento que me interessava. Eu já tinha professores – um professor excelente, na verdade –, de Filosofia, que se tornou meu tutor de vida, com o passar dos anos. Aquela mulher, e, talvez, também aquele “professor”, não desapareceram, quem sabe por seus lugares místicos dentro de mim.

Naqueles anos, eu tinha hipóteses para acreditar, ou suspeitar que não seria possível encontrar-me em uma realidade feliz – a partir da coleção de frustrações que se “desenhavam” ao meu redor. Mas foi um amor que me trouxe os ensinamentos da compaixão. E também foi o amor que me incentivou a procura-los com maior empenho. Não deveria ser uma qualidade perene do amor (éros) impulsionar a alma (psiqué) para um maior viver? Sentir-me amado foi capaz de regenerar as forças de um coração para o mistério.

Depois que me casei, vieram os livros budistas e a participação de um seminário em um Templo no interior paulista (onde também visitei o Centro Budista daquela mulher de vermelho que estive em Fortaleza, no ano anterior); naquele mesmo ano, conheci Ani Zamba Chözom (que se tornou referência, desde então) e acabei influenciado, a partir desse lugar de “curiosidade” sobre o psiquismo, a seguir na Psicologia.

“A Montanha no Oceano: meditação e compaixão no budismo e no cristianismo”, escrito por Jean-Yves Leloup, é provavelmente a bonita recordação que trago desse período com descobertas. Anos depois, em Fortaleza, conheci o próprio Leloup.

“Você será um grande monge humanista no futuro”, disse a Rev. Jue Cheng, a Mestra Sinceridade (abadessa do Templo Zu Lai, em São Paulo), numa daquelas tardes de 2003. Em 2013, em uma aula do Mestrado, a professora (que também é médium espírita) diz que não é a minha “primeira vez” como monge e budista. Essas frases e sentimentos, de alguma forma, aguardaram uma oportunidade de expressão.

Cheguei, em 2004, nessa Ciência ocidental para o comportamento e a experiência. Eu, na verdade, procurava os sábios e os místicos Budistas, em suas discussões acerca da relação entre realidade e consciência. Certamente, eles, os santos e yoguis, não estavam na Universidade – mas eu fui atrás de criar circunstâncias (atividades livres) para trazê-los mais próximos.

Quando descobri a “Psicologia”, na verdade gostaria apenas de parar o mundo; ou parar minhas sucessões de experiências ruins, tentar conseguir algum futuro quieto e com paz. A vocação, portanto, era bem prática, e não tratava de um emprego ou profissão. De modo ainda estranho conforme minhas percepções, o curso de Psicologia transcorria-se entre espaços, currículos e formatos emocionalmente indiferentes, por demais técnicos e formalistas.

Na Universidade, logo que uma professora de sociologia descobriu o meu interesse por Budismo, apresentou-me ao que ela considerava manifestações “equivalentes” nas tradições ocidentais (pirrônicos, solipsistas etc) e, posteriormente, à crítica que Nietzsche<sup>187</sup> ofereceu em “O Anticristo”, “A Genealogia da Moral” e “Assim falou Zaratustra”.

Assim, fui até a livraria do shopping no bairro, e comprei os meus três primeiros livros em um curso (supostamente) de Psicologia. Eu gostei de que li (vinha de experiências anteriores com temas gerais da Filosofia, ou aplicadas ao contexto da Filosofia do Direito e do Estado), e ainda inspirado (excitado, talvez), fiz os trabalhos de conclusão para a disciplina tratando do mesmo assunto.

Por meio das leituras e atividades que participei, fui capaz de distinguir que negar e duvidar filosoficamente do mundo não significa “perceber” a vacuidade dos fenômenos (conforme o prisma dos yoguis budistas), e, ainda mais distante, de uma experiência direta para a natureza primordial da consciência que a tudo permeia.

A mesma professora, nos semestres seguintes, foi quem também me apresentou o Butão e o seu conceito de Felicidade Interna Bruta, além da crítica de Slavoj Žižek<sup>188</sup> sobre o Budismo-Pop/Ocidental<sup>189</sup>. Apenas “não existia” esse tipo de amplitude intelectual no meu pensamento tão insipiente e artesanal.

Se acompanharmos nas datas o alcance dessas intervenções sobre a minha formação, é claro que a tal Professora e o Butão permaneceram,

---

<sup>187</sup> Ver: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/15880/9091>

<sup>188</sup> Ver: <http://zizek.weebly.com/texto-009.html>

<sup>189</sup> Ver: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-antiores/35547-o-budismo-radical-e-o-paradoxo-da-aceitacao>

mesmo e muito mais que a Psicologia tornava-se mais frágil e secundária.

De toda forma, foi a partir daqueles momentos de sincera aproximação (e de acolhida) acadêmica, que surgiu o Canadá para o Congresso Internacional da Felicidade Interna Bruta, os vários seminários organizados sobre Filosofia e Psicologia Budista, dentro e fora da Universidade, no Ceará e visitando outros Estados, e, posteriormente, até Santa Bárbara (Califórnia, Estados Unidos), para um Seminário de Ciência e Meditação com Alan Wallace, outrora monge budista e escritor do livro "Genuine Happiness".

Na Universidade, surgiu a Rede Lusófona de Estudos da Felicidade (RELUS), o ambiente de pesquisa e discussão onde me aproximei dos conceitos budistas – temas como neurociência e estudos do cérebro com meditadores, felicidade genuína e políticas públicas, compaixão e empatia etc.

Esse processo de maturação intelectual culminou nos "Grupos de Florescimento Humano", criado em parceria com o Prof. FS Cavalcante Jr., integrando aspectos da Psicoterapia de Grupo com base Experiencial-Humanista e os Protocolos de Meditação (desenvolvimento de Atitudes facilitadoras) para Florescimento Humano (a partir das práticas que cultivam Shamatha e as Qualidades Incomensuráveis da Mente, investigadas por Alan Wallace).

Se não há Buda, se não há Iluminação, se não há Mente Desperta, se não há Compaixão, se não há Seres Sensientes sob o prisma da realidade última da mente, há certamente a minha gratidão, nessa dimensão dos fenômenos relativos e compostos, pela atenção, cuidado e paciência que a suave (e feroz) professora dedicou-me ao longo daqueles anos. Uma gratidão aos momentos transgressores da Universidade que me deslocaram as perspectivas habituais.

E assim, muito aconteceu ao meu redor! Recebi ensinamentos em diferentes contextos, alguns na própria Universidade de Fortaleza: uma psicóloga de SP que trabalha com Budismo e Morte, uma psicóloga do RJ com doutorado em Budismo e Psicanálise, cursos com um monge e uma monja... Houve também uma fala que me surpreendeu, inesperada para um contexto propriamente clínico – na verdade, um evento acadêmico em que participava, e uma psicóloga de Fortaleza, então desconhecida, que falou de Budismo a partir da sua experiência com os atendimentos: tornou-se um registro que ajudou a escutar-me no sentimento de outro, desdobrando uma sensação confirmatória e de menor solidão para o diálogo.

Recebi minha primeira iniciação em Fortaleza (transferência de consciência na hora da morte), logo depois que o filho de uma amiga querida nasceu. O garotinho foi abençoado por aquela mestra. Deixei com (a mãe d) o bebê a primeira “camisa” que comprei no tal Centro Budista de São Paulo.

Particpei de grupos locais diversos, vinculados a práticas Budistas na minha cidade. Fui para o interior da Bahia, trabalhar voluntariamente com recursos de bioconstrução para levantar uma sala de meditação na Chapada da Diamantina. Ganhei e ofereci (meu primeiro sino de prática foi presente do marido, em uma feira “hippie” no shopping – recordo-me como uma noite que eu estava com febre), adquiri e compartilhei de objetos sagrados os mais variados – talvez os mais significativos nesse registro, seriam as duas estátuas de Maitreya (esculpidas em um projeto do Lama Zopa Rinpoche) que foram dadas como presentes.

No Canadá, por ocasião do evento sobre Felicidade Interna Bruta, encontrei líderes do Butão e vários mestres Budistas. Daqui surgiram aspectos da minha monografia (TCC) e, posteriormente, uma parte da dissertação. Fui para o retiro com Alan Wallace, nos EUA, um meditador altamente qualificado e erudito em dezenas de textos budistas. Conheci mestres, em Fortaleza e outras cidades. Fui para ensinamentos, em diferentes oportunidades, com Mingyur Rinpoche, Dzongsar Khyentse e o próprio Dalai Lama (2006), em São Paulo.

Na Psicologia, eu nunca encontrei o que eu procurava. Embora, sem jamais imaginar, também me deparei com doçura, lealdade e eternidade dos jardins inusitados. Encontrei um amigo, que se revelou alma-gêmea e parceiro dessas tantas incursões. Outros colegas trouxeram-se Carl Rogers, que me ofereceram de volta as estrelas e oportunidades de convivência. A Universidade proporcionou-me artes, pesquisas, conversas e os bancos extra-salas.

Segui na Psicologia, como sugestão da minha mestra Budista (“uma oportunidade de você ajudar e beneficiar outros seres, de conectar-se àquelas pessoas que irão ao seu encontro”). E ao final, em 2008, antes de colar grau, fui para um retiro com uma santa tibetana, Jetsunma (Sakya Jetsun Kusho-La, Chimey Luding Rinpoche), que me aconselhou manter esse lugar de ajuda e alcance às necessidades das pessoas. Pelo menos, até os 50 anos, quando eu poderia retornar, e perguntar o que de melhor poderia fazer. Eu não era ainda um Budista, não era um praticante. Era, apenas, um jovem atravessado de informações e relações com os Budistas.

No melhor, eu tinha inspirações... sem qualquer realização, sem qualquer experiência direta. Eu tinha ouvido diferentes professores, em

diferentes transmissões... mas não havia qualquer consistência prática. Um garoto experimentando outras formas de viver. E o Budismo, em 2008, com a minha graduação e saída da Universidade, aquietou-se. Um período de latência, de silêncio, de recolhimento. De inútil materialidade, eu diria!

Foi assim, até que em 2013, a partir de setembro, com a doença do Brèal, novamente e sem procurar, o que me aflora é a mesma “A Arte da Felicidade” – exatamente o mesmo livro, as mesmas palavras, a mesma edição riscada de 2000, publicada pela Companhia das Letras. Os mesmos blocos de capítulos: "o propósito da vida", "o calor humano e compaixão", "a transformação do sofrimento" etc. As minhas mágoas e memórias, minha dor.

Como no passado, trata-se de um abandono que não há como ser falado, vivido ou dialogado?! Uma ruptura ainda pior?! Daquela vez, em 2002, houve cartas posteriores, de letras, sentimentos que o tempo convertem... E, agora, o que sobrou, qual é o capítulo de desfecho? O diferente, para o sentimento de uma década, foi algum “vestígio” de maturidade que o tempo fez brotar... E que me proporcionou “chegar” até os lugares sagrados do Budismo, na Ásia, em países como a Tailândia e o Nepal. Novamente, o amor que me arrasta a mudar completamente a orientação da minha vida. Nada tão simples de acontecer!

Já usufruí de inúmeras manifestações de amor, apesar dos desafios e das dificuldades emocionais que se impõe no curso das relações mais longas. Na quase totalidade das vezes, meus sonhos foram cuidados, incentivados e apoiados. Nunca fui alvo de nenhuma agressão, violência moral ou verbal.

Mesmo com as discussões mais contundentes, não foram talvez em número de uma mão. Preciso dizer isso, para não perder de vista esse fio de amor que me segue, para não me perder, libado pelas tormentas que também encontrei.

Nesses muitos meses de alguns anos, aprendi a tolerância e exercitei a paciência, descobrimos juntos um espaço de nutrição no silêncio, no descanso, no ócio de todos os verbos, telefones e comunicações. De bons dias, abraços, afagos, pequenas surpresas ou lembranças, cartinhas, copos de água, toalhas, chocolates, livrinhos, lanches e caminhadas até a padaria, passeios de mar, de final de tarde e de poesias, de arte e de sensibilidade, eu tudo isso recebi por generosidade franciscana.

Não por acaso, eu imagino, que também seja abundante a minha oferta de alteridade, de amor, de magia. O meu casamento, por

inúmeras vias, foi esse universo intenso de partilhas, de descobertas, de cooperações... A casa, o jardim (com bandeirolas tibetanas), o cachorro (de raça e nome tibetanos), o colorido das paredes, a reclusão dos pássaros, das flores e das leituras, também, sob os vários prismas, é um tipo de “contentamento” monástico entre músicas lentas, vizinhos de idade, folhas de papel brancas e seus rascunhos, pensamentos e orações não necessariamente religiosas.

Nesse mesmo singelo abrigo, onde concluí essa fase recente e muito importante no meu desenvolvimento humano, pessoal, afetivo, intelectual e espiritual, talvez, exatamente, por isso, foi possível deparar-me com a força da solidão, da limitação e da impermanência. Claro, alimentados por todos os meus desequilíbrios e fricções desajeitadas de sentimentos. Nesses momentos, novamente se evocava a minha estadia na escuridão, longa e anterior... Da carne ainda encharcada, na banha do tempo em reclusão amarga e ofensiva das décadas anteriores.

Ah, tudo leva o seu tempo! E eu descobri-me lento, bem vagaroso, pesado de inexperiências e fragmentos, ou imenso demais para mover com as sombras e cac(t)os que me acompanhavam. Talvez, porque são muitos e os fios, até bem pouco, embora sem as pipas no céu, estavam protegidos numa infusão de cola plástica e pó-de-vidro. Minha intuição suspeita que, desses acometimentos outrora violentamente fragmentadores, isso que entendo por mortes, na verdade e idiossincraticamente, desempenhou um fator protetivo.

O alento derivado das subtrações que a morte provoca, a presença que ela traga (e rasga) de modo anunciado ou súbito, com seu ardor vazio que não deixa imune ou ileso o destino dos homens, especialmente nos meus registros notórios de setênios, tudo isso eu também observei, com a Medicina Antroposófica de R. Steiner e sua minuciosa atenção no transcórre de processos significativos da formação humana.

Por exemplo, aos 21 anos, quando a alma “finalmente encarna”, ao final do terceiro setênio completo (1-7, 7-14, 14-21 anos), com os encaixes não-polidos de elementos ainda pouco desenvolvidos. Daí, ao final do setênio seguinte (21-28 anos), um período de intensa ebulição emocional, com o retorno de Saturno, das cobranças, das pendências e dos compromissos assumidos. Um período crítico, que também gera mortes.

Com o espírito que finalmente nasceu, esse é o período (28/29) que exige uma contribuição visível para o mundo, uma missão assumida, uma busca conquistada... (Talvez, apenas nesses dias, aos 31 anos, esteja conseguindo vislumbrar e sentir com maior clareza.)

Nesse setênio que ainda transito (28-35 anos), há um episódio bem particular, a "idade crítica" (33 anos), quando o homem é "crucificado" em seu propósito corporificado, uma preparação que será aprimorada no setênio seguinte (35-42 anos), para o início das faculdades e potenciais amadurecidos da vida adulta (42 anos).

Basicamente, com essas memórias, estou retomando alguns pontos que relaciono com a minha (justificada e não menos arredia) recusa em "encarnar", pertencer, assumir meu lugar nessa vida, nascer efetivamente para esse mundo etc. Uma bruxa qualquer, no último ou há dois anos (já não me lembro), cortou minhas unhas com uma tesoura cega, recitando orações para diminuir a ferocidade das garras e das guerras constantes. Assim, quem sabe, não pertence a uma vida de ódio.

A experiência de Kathmandu parece também ter cortado algo importante, banuiu as sombras ou amputou minhas asas (de anjo-demônio) para firmar um chão os meus pés. Feito as Walkírias, recebi um chão do (temível) Wotan, uma alma, um senso de mortalidade e finitude.

Precário e limitado, não obstante, parece haver mais doçura e maior leveza. Maior amor e olhos de milagre, exatamente porque o tempo, amanhã, irá desaparecer. Mais bonito, por não ser eterno. Mas não era assim, e levou uns bocados de inquietações.

Na verdade, minha "fragilidade" somada à incapacidade de qualquer perdão ou alquimia profunda, no entorno dos 20/21 anos, ainda resguarda o isolamento e o deserto que iniciei a travessia. Talvez um pouco atrasado nos remos, eu diria que foi a oportunidade da convivência a dois que me instituiu fora dos primeiros fantasmas, oportunidade de trabalhar de outros modos com os monstros da minha infância. São as tais mortes, no Natal de 2003, que me levaram para o lado de "fora", quebraram o vidro da janela no carro em movimento... Eu saltei! Onde estou?

Ainda, tentando experienciar; hoje, mesmo, agora, aprendendo a sentir meu corpo numa relação mais pacífica, mover o corpo dentro e fora em uma relação mais refinada com a minha alma, exatamente no que diz respeito às mesmas perguntas e bloqueios de dez anos atrás.

Delicadamente, mesmo, aprendendo a respirar, diante do meu corpo, diante do corpo de outros homens, diante dos meus textos e do que não é possível ser falado, diante da vida e até das nuvens.

Aprendendo a respirar porque não entendo direito a realidade das flores, aprendendo a respirar com os escritos sagrados, porquanto encarnados de sangue e de vida.

Na presença desses obstáculos emocionais, também se seguiu a minha difícilíssima travessia até os 28, onde meus compromissos espirituais são levemente despertados ou recuperados, embora, ainda assim, não saiba como manifesta-los ou não os "aceitem" comigo, na transição dos meus compromissos imateriais para essa vida tangível.

Eu atrapalho e procrastino o meu próprio caminho – especialmente, admitindo mudanças de posturas suficientemente plausíveis e necessárias, embora tão vigorosas e radicais, que se torna insustentável a adequação ao tempo. Meros enganos de uma inteligência opaca.

A impressão é apenas-estava, ou apenas-seguia, ou apenas-fazia, sem um tipo de querer ir, sem pertencer, sem consequências.

O cenário de ápice, então, da guerra e da trincheira, é o que se observa, na minha experiência, entre os 28-30... período sombrio, umbral, mais do que soturno. E mais ou menos uma tentativa posterior, já nesse momento em que escrevo, de preparação dos meus 32 (em 2014), e aproximação ao terreno para os 33 (em 2015). Onde estarei?

"É preciso sorte para que as coisas não aconteçam como desejamos", ensinou o Dalai Lama. Estava escrito, de próprio punho, nas paredes do quarto que dividia com meu irmão. Eu fui contemplado nessa zona escassa de mérito.

Concentrei-me, a partir de 2008, nisso tudo que se anuncia como "fundamental" para o realizar-se da coletividade. Viver um amor, manter um casamento, construir uma família, a segurança de uma casa e a oportunidade de uma profissão digna, um carro e viagens culturais, saúde e amigos, com respeito e admiração dos colegas (dedicação à carreira e reputação).

Tentei adequar-me ao circuito previsível, não ganhei muito (nem próximo do que meu coração imaginava), não me tornei uma pessoa excepcionalmente melhor, não adquiri um sentido coerente ou duradouro para minha própria vida. Agora, refaço o caminho.

Então, logo na primeira luta desse nosso momento histórico contra os privilégios de classe que, agora, os meus amigos e colegas usufruem, o que, então, se chamava a "amizade sólida" de 20/15 anos desmanchou-se na poeira. Todos silenciaram, especialmente os (três) mais antigos, nenhum apoio quando nos vimos de lados opostos nos confrontos.

Eu entendi que não haveria retorno! Nem com eles, nem com a minha família: conservadora com orientação política à direita, tradicionalmente religiosa, apoiadora da violência nos regimes de exceção, entusiasta de mais polícia como política.

2013, portanto, foi um ano dessas mudanças sérias. Mesmo o atendimento às pessoas, em contexto de sofrimento psíquico intenso, não me bastou. Recuperei a força e coragem de amar, uma sensação novamente muito especial que deixa acesa todas as estrelas do mundo para clarear o impossível, esse nome desconhecido do amor na boca impura de uma princesa arrogante. Assim, como transcrito dos sonhos inesperados, parecia grafado numa ópera de Puccini:

“Muitas vezes um belo rapaz de lábios rubros  
me<sup>190</sup> pergunta sorrindo: – qual a tua religião?  
Eu lhe respondo: em teu amor encontro minha fé,  
meu paraíso, meu Deus e minha eternidade.”

Eu ouvi a “Nessun Dorma” de Turandot, várias e várias vezes, e fui até o fim do mundo, fui ao mar além e abaixo da China, para entender a beleza de um Calàf. Na verdade, um campo de emanações do amor, desde o convívio silencioso entre os lábios, até as qualidades públicas que o amor engaja nas ruas, nas avenidas, nos parques.

O amor apenas não coube em um lugar definido! E recorri à sábia, de inscrições do ofício antigo no seu corpo esfumaçado, em noites para suportar comigo esse ônus do amor, de ser amante, de ser verbo e amar. Por horas, líamos as borras do nosso café e tudo fluía como poesia.

E aos poucos, reencontrando os amores importantes, saudando a quem apenas nesse momento aproximou-se e despedindo-se de quem acena à distância, entre os deslocamentos mais difíceis para o invisível. Um ano e tanto! Possa eu retribuir essa imensa dívida de amor com tantos seres.

O rapaz que me leu as pistas na mão falou de amores e de abismos, de uma vida marcada por ambos. Lembrei-me da sua perspicácia, contemplando os vários amores (homens também, mas não apenas eles) e o que me ensinam, ou o que poderiam melhor ensinar-me, se eu pudesse escuta-los com maior atenção e gratidão.

E quanto à morte e aos abismos, a morte é norteadora enquanto outro estado de funcionamento e de consciência; a morte (re-)lança-me.

---

<sup>190</sup> Por Abu Ishaq Ibrahim Ibn Sahl al-Isra'ili al-Ishbili (1212-1251). Tradução de Paulo Azevedo Chaves, in "Nus" (Editora Comunicarte, 1991).

Recebi, afinal, muita generosidade e oportunidade, e também fui demandado e confrontado em uma faixa de responsabilidades muito distante e acima dos compromissos vividos por colegas da minha idade.

Esse modelo “ampliado” de educação in situ amadureceu, em mim, outras qualidades e um lugar de conhecimento social bem outro, via de regra com elementos místicos e mágicos, se não, pelo menos, artísticos – enquanto uma mítica ou uma poética na vida comum.

Por onde passei, havia espiritualidade, da casa mais remota até as casas futuras. “Izzy filho sabe que é um conversador, né?”, lembraram-me os Pretos-Velhos (Salve, Vovó Catarina de Arunda). Aproximar-me do outro e do ainda desconhecido pode ser um propósito condutor que se encoberta em alguns momentos, apesar de também se resguardar em camadas mais subterrâneas da minha alma. Morrer, feito um terremoto, eclode com esse vapor do que ainda brilha.

Eu não havia “parado” com o Budismo porque ele “deixou” de funcionar. A bem da mais honesta verdade, foi o meu compromisso que, já frágil de início, rompeu em mim. Em determinado momento da vida e dos anos, parecia já não existir amor possível em mim, eu já não conseguia suportar ou acreditar no “amor”.

Como o Budismo atravessou-me nessa vibração dos afetos amorosos, qualquer oscilação nesse campo, embora não soubesse, acabou interferindo de modo colisivo. Ademais, é difícil “escutar” sobre os conceitos que você busca esquecer.

Depois da minha formatura (disse acima, na metade de 2008), desdobrando-se até esse ano que agora finda (2013/14), eu fui “trabalhar” e tentar ganhar a vida (depois de anos como bolsista na Universidade), inicialmente como consultor de uma empresa (paguei um mestrado na Europa com esse dinheiro), e, posteriormente, como professor de ensino superior. Nessa outra empresa educacional (onde permaneci três anos, 2009-2012), retomei uma psicologia imagético-poética do sertão.

O tempo de 2009 era lento ou difícil, solitário e frio, com o melhor amigo residindo em outro país, um pedaço da vida e da carne nas paisagens do gelo. O começo de 2010 trouxe a minha Defesa de Dissertação, em Lisboa, e, posteriormente, a dele próprio, de volta a Fortaleza.

No final do mesmo ano, estava no Rio de Janeiro, para ministrar um curso breve de Psicologia. Tinha comigo vários contos poéticos, na minha bolsa e de minha autoria, somente esperando que o mar viesse corrigi-los. Reencontro amigos fundamentais, e conheço outros olhos que ficaram desde então.

Algo desse tempo é o que retorna: o propósito do meu trabalho (que se deixa representar nos apontamentos da dissertação, nos temas do curso e o lugar disso, na minha vida de hoje), os meus amigos e parceiros de jornada, os rostos que desconhecia, que me chegam atrasados e necessários, e que os reencontro, ou me despeço, em outro momento de suas vidas (que não 2010), nesse ano de 2013.

O final daquele ano era um tempo de renovação, ainda que sem alardes. Já estava na Faculdade, como professor, e tudo meio estático. Nesse intervalo, ensaiei retornar para a graduação (bacharelado em dança), em um curso no Instituto de Artes e Cultura. Processo traumático, porque adentrei outras camadas da minha sombra e silêncio, diretamente marcadas no corpo e no movimento, além das dificuldades institucionais.

No ano de 2011, com a dança, as viagens (de treinamento) para espetáculos, festivais e oficinas incorporaram uma perspectiva única ao meu pensamento: imanência, potência e afecções, de meros capítulos teóricos, desde as leituras iniciais em G. Deleuze (a partir de 2008), tornaram-se operadores de uma vivência.

Antes de qualquer Missa Deleuziana (com todos os rituais poéticos, desde então), antes, portanto, do Helton trazer-me "O Que é Filosofia", durante nossas reuniões para a Liga de Estudos (em 2008), já havia "Enlouquecer o subjéctil" do J. Derridá, desde 2003, na minha estante... Depois vieram todos os Outros e suas alteridades: dantescas potestades...

De corpo, eu tinha apenas meus estudos teóricos sobre Body-Art e Body-Mod, ainda em 2006/07. Agora, mais do que um corpo investigado na imanência do espaço, eu havia descoberto o gesto, no diálogo com a letra.

É o tempo, por volta de agosto do mesmo ano, que concluo a escrita do "Manifesto da Vaca Misteriosa" (uma épica dedicada ao Príncipe da Luz Infinita), quando também o meu corpo expressa cartografias das mais terríveis, até então ocultas, da minha dor e desespero acumulado. Enorme purgação, também sem horizonte de um fim. Um workshop meio desastroso, uma ilha e náuseas, desencontros, confrontos e desentendidos. Cansaço e gosto pela morte, longos meses que me arrancaram dos velhos sonhos estagnados.

Eu orbitava, no pensamento e na carne, em torno da angústia e da devastação... dos abismos arquetípicos da sombra e da escuridão, eu mergulha em processos que me pouparam do aniquilamento a custo de muita repressão. Daquele momento, até o Natal do ano seguinte,

em 2012 (o mundo não era para acabar?!), eu ainda estava na mesma vibração e tentativa de custosa elaboração. Dor para saber perder as raízes do medo e da esperança, processos mais exigentes e que apenas o convívio foi capaz de produzir.

Confiar no processo, para ir até a fronteira dos batimentos cardíacos e punhaladas durante o sono. Tentar retornar, quando me percebesse com falta de ar. Correr o risco de não suportar, e desejar que a palavra alcançasse a eletricidade obscura. Escrevi sobre Lisbeth Salander, e minha lembrancinha de Natal foi o livro “Barba ensopada de sangue” (Daniel Galera).

O fim daquele ano, e de alguma maneira também desse movimento, é instaurado com a minha demissão, das aulas e da Faculdade, do meu afastamento súbito dos projetos de investigação que eu conduzia, compromissos agendados para os seis meses seguintes, o meu envolvimento com sonhos ali também estabelecidos.

No dia exato do meu afastamento, eu ministrava um seminário sobre aspectos da luta nos Movimentos Sociais Contemporâneos. Eu perdia de muitos lados, muitos. Desde então, o que era planejamento conceitual, tornou-se espaço de lutas, de encontros, de buscas e de perdas. Mesmo para “ganhar”, ninguém adentra uma guerra para voltar ileso. Eu perdi.

Invariavelmente, meu pensamento também orbitava pelas sombras da psique humana: ensinar, do que se vive ao que não se sabe. Afastar-me disso tudo, “obrigatoriamente”, foi um dos gigantescos baques da minha vida recente, e sobre o meu corpo. Talvez o mais radical, ou a mais necessária e facilitadora ruptura.

Dessa supressão, completa destruição de laços e de escritas, de rotinas e de convívios, eu retornei para a Universidade, agora, em outro mestrado, na Faculdade de Medicina, no programa de Saúde Pública. Outros textos para inventar novos momentos.

Foi aqui onde o destino girou, mais uma vez gira e com velocidade: meu projeto de ingresso foi uma proposta de investigar os componentes de “saúde”, especialmente o lugar da medicina tradicional e da medicina budista, no funcionamento das políticas públicas de saúde e das políticas de felicidade pública no Governo do Butão.

Inverossímil acreditar no êxito desse tipo de proposta, alocada naquele Departamento, notoriamente dos mais conservadores. Eu fiz a inscrição, apenas, seguindo o protocolo. Como também havia me inscrito, um período antes, no programa de Educação Brasileira, sem nenhuma esperança, apesar de pontuação e um projeto bacana. Agora, no

entanto, eu fui aprovado com a nota mais alta, o primeiro lugar daquela seleção rigorosamente disputada.

A minha monografia, no trabalho de conclusão de curso, já era uma discussão sobre Felicidade e Saúde. No mestrado, da velha Lisboa, escrevi sobre Felicidade Pública Genuína. E, agora, novamente, o Budismo retorna ao meu pensamento... Inesperadamente, em um momento de trevas bastante espessas. A pergunta, ainda constante, talvez uma questão essencial e orientadora de vida: sou capaz de ser feliz nessa vida? Por quais expedientes?

Embora com o tema aprovado, sobre um aspecto da cultura e política do Butão, o projeto foi adormecido quase totalmente. Por doze meses, deixou de existir. Outras direções afloraram na relação de trabalho e admiração com meu orientador, talvez mais próximas da minha experiência adensada nos anos anteriores.

Havia uma perspectiva de qualificação marcada, já em dezembro (coincidindo ao final de uma disciplina). E tudo corria bem organizado: até que, em setembro, o Brèal fica doente, é internado (e rapidamente, conduzido até a UTI) e falece.

...2 de Outubro. "O amor é para heróis." (Valter Hugo Mãe)

Setembro, então, era também o mês que nos conhecemos, anos atrás, e torna-se o tempo da aflição e da ausência de respostas. Outubro, o mês da imersão absoluta na minha tristeza e dor, o mês do recolhimento ao meu desespero e das grandezas da finitude.

Quando o Brèal foi embora, ele não me deixou com a saudade e a solidão, ou com um restante de mundo mais ou menos funcional onde apenas o lugar dele estava vazio e faltava-me. Não foi exatamente um buraco que ficou, tanto quanto não foi ele quem partiu: foi aquele mundo-possível que ele levou, o próprio mundo dele que se dissolve com ele, e um grande pedaço do meu próprio mundo na interface com os sonhos nutridos por e com ele. Mundo de muitos afetos, de muitas possibilidades, e que se tornaram completamente fragmentados, apenas escombros naquilo que residualmente permaneceu e de que essencial partiu: rastros d'ele.

2 de Novembro, o dia dos finados e um mês de atípicas turbulências, tenho cartas prontas e olheiras tão fundas. Eu também estava morrendo, e sentia-me próximo dele. Cartas que escrevi, onde falei, perguntei, chorei e pedi o impossível a um morto. "O que importa quantos amores você tem se nenhum deles te dá o universo?" (J. Lacan)

Quem ficou para trás, nunca foi embora sozinho: não deixei um pouco de mim, sempre levaram tudo, quem eu era, quanto estive e foi possível existir. Deixar levar, assim, quem amaram: gosto de pensar a generosidade dessa forma - com o passado que me absorve continuamente e incógnito para o futuro a ser inventado, que eu possa encontrar-me essa coisa diferente e ainda quente. Hoje mesmo, mais tarde, e ainda desconhecido. Amanhã, no café atrasado, arrancar os olhos como um ramalhete de imagens viscerais. Fita laranja com o meu cheiro da madrugada, antes de ir embora nu com os pedaços da maçã entre os dentes. Levaram-me a tudo, e do montante na fome dos anos, nem cães guardaram cinzas em banhos de sol. Onde estou, garoto? Não sei. Quando me identificar, uma placa, palpíte ou presságio; saiba que o mosaico arrancado não me diz respeito - procure nas cercanias dos que se foram, somente por lá, talvez, é que pode haver a sombra do zelo nos personagens. Isso daqui que me sobra, é horizonte que já não quer ser novamente. Não querer é uma força, mais forte que o eu.

2 de dezembro, o “Diwali”, o festival das luzes onde os Hindus retiram seus mortos da escuridão, quando estou desembarcando em Kathmandu, a capital do Nepal. Tudo rápido demais, ou urgente demais. Não é fuga, mas preciso de distância. Levei os mortos comigo.

2 de janeiro, outro tempo... A afilhada do Brèal nasce no dia 24 de janeiro... outra textura...

“Pois é pela escrita que nos tornamos animais (...) ao mesmo tempo animal e imperceptível: amoroso. Mas a arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar as linhas de vida, isto é, todos esses devires reais, que não se produzem simplesmente na arte, todas essas fugas ativas, que não consistem em fugir na arte, em se refugiar na arte, essas desterritorializações positivas, que não irão se reterritorializar na arte, mas que irão, sobretudo, arrastá-la consigo para as regiões do a-significante, do a-subjetivo e do sem-rostos.” (Deleuze & Guattari, Mil Platôs, 3).

E, talvez, como parte dessa orquestração surreal, uma disciplina optativa de Espiritualidade, no mestrado em Medicina, com uma médium experiente (kardecista) ocupando a função docente. Essa mulher, desconhecida para o meu convívio e da minha linha de pesquisa, logo na aula da minha apresentação, intervém dizendo que eu “não posso” ceder para uma enorme pulsão de morte que me tomava conta.

E, doravante, em todas as aulas seguintes, irá utilizar-se dos seus múltiplos recursos, pedagógicos e espirituais, para recuperar o que ela considera uma esperança afirmativa da vida, a minha conexão espiritual. Numa das aulas, sem qualquer constrangimento, a professora solicitou que começássemos, em silêncio, com um mantra... e pediu-me

que eu fizesse a oração. (Há quanto tempo, quão longe tempo, eu não fazia qualquer recitação pública?). Meu corpo estranhou a mudança brutal de frequência... Ela pede, que em sala de aula, eu recite um mantra budista, para modificar a vibração espiritual do lugar (da sala de aula, do prédio).

O momento crítico para os meus sentimentos, outrossim, aconteceu quatro ou cinco semanas que a conheci, em um enunciado que ela dirigiu-me, também em sala, bastante forte e solene:

"...você não sabe porque você entrou aqui, você não sabe o que está por trás de todos esses caminhos. Você fez uma proposta sobre Budismo, e comprometeu-se, perante o Espiritualidade e o Universo, a levar essas ideias para frente e nesse contexto, nessa Faculdade, nesse momento. Você não tem permissão de abandonar o que você comprometeu-se com a Espiritualidade e os planos mais elevados da realidade. Você não sabe avaliar as consequências dessa decisão na sua vida... Tenha muito cuidado! Você acha que pode recuperar depois, que pode ir para um Doutorado e retomar quando convier: e quem disse, meu rapaz, que você ainda terá a vida, e estará vivo até lá? Quem disse que haverá quem aceite orienta-lo? Quem disse que a Espiritualidade vai proporciona-lo outra chance? Nós não sabemos, e não somos nós quem decidimos. Você empenhou seu tempo, você pediu ajuda, orientação e intervenção, tudo lhe foi dado, e, agora, é a sua vez de comunicar o que você apresentou como proposta".

Com o melhor amigo, descrevi as palavras e sensações fortes que me acompanhavam. O que aconteceria? Consoante o fluxo dos textos e obras já estudadas, ele sugeriu que provavelmente não haveria espaço de mudanças drásticas – "...a menos", também acrescentou, "que aconteça um reviravolta por completo...".

Foram as palavras da professora que me levaram para a Ásia. Palavras que me trouxeram de volta, e para as quais foram acrescentadas: "Não é a primeira vez que você é Budista (...) Mas você precisa descobrir o que te trouxe para cá, o que você veio fazer aqui, no Ocidente, e porque não nasceu lá. Descubra, e não se esqueça da Caridade." Assim também concluiu a professora. Era o fim do nosso semestre letivo.

Da Tailândia e do Nepal, trouxe comigo uma riqueza espiritual de sítios arqueológicos e lugares de peregrinação (Lumbini), de altares em palácios e templos, estupas e monumentos sagrados, objetos e imagens da rua, sons e recitações, toques para bençãos, perfume de incensos e flores, prostrações e outras práticas sagradas compartilhadas.

Voltei com um tipo de "destemor" espiritual que nunca tinha existido comigo. Voltei com os olhos de monges e santos, voltei com os olhos de

Boudanath, da estupa. Alguma coisa destravou, ou rendeu-se dentro de mim, enquanto estava no Nepal... No último dia, no último minuto, descobri um portão desconhecido e aberto; apenas no último instante, nas últimas orações antes de um taxi, descobri o Altar de Maitreya...

...Entrei... (Ainda não sei dizer. Não sei dizer.) Não sei o que disse, pedi, ou aconteceu.

Voltei com sentimentos que nunca experimentei. Retomei os textos de oração que eu tinha, e fizemos um mini-retiro de sexta-feira, logo anterior ao Natal, uma semana depois do meu retorno, eu e um amigo querido.

No sábado imediatamente posterior, eu deparei-me com o óbvio, em uma crise profunda de felicidade que "não chega" e não pode ser postergada. Crise de lágrimas quentes. No domingo, um filme asiático e, no jantar, o projeto de Dissertação que toma outro caminho. Exatamente esse projeto que surge, na madrugada do dia 23, a segunda, e prossegue, nos dias 24 e 25.

Se felicidade não viria sozinha, onde surge a raiz da felicidade para todos os Budas? Compaixão é a resposta honesta. A professora ainda havia dito que as minhas decisões não poderiam passar o momento do Natal. Eu não me lembrava desses comentários, mas assim (também) foi cumprido. De alguma forma, é para o Budismo que a minha mente retorna, quando eu não estou ocupado com as distrações da minha ignorância sobre a vida e as pessoas.

Ver e viver com essas imagens da iluminação, mulheres velhas e de saias modestas, tibetanas recitando durante as madrugadas, lamparinas acesas, rodas de orações girando, mendigos silenciosos que recebem moedas e o agradecimento daqueles que exercitam a oportunidade de doar...

Então, eu descobri que o coração ferido é a porta de entrada e de entrega por compaixão, de partilha e de auxílio ao sofrimento de todos os seres que é também o meu sofrimento: o mesmo sofrimento, o mesmo lugar de procura, meu e dele, de nós todos no anseio, aspiração, desejo... o sofrimento de todos os seres, mães e pais uns dos outros, interdependentes, interrelacionados, uma fagulha que deseja paz.

Alhures, alguém se também dizia: "...quero conhecer as 7 bilhões de pessoas do mundo para tentar amá-las" (Roberto Mendes, 26.12.13, na conta do autor no facebook). Por meio do que seriam os desgastes da compaixão, aprendi a sintonizar com esse Universo.

Posso não ser capaz de permanecer, estável e tranquilo, como quem repousa indissociável desse lugar. Mas há o lugar! Talvez, agora, eu consiga imaginar que meu caminho espiritual começou. Começou uma estadia diferente.



Lição (nem tão óbvia): 自由

em chinês (acima!), a grafia de liberdade: zì-yóu

... “zì”, si-mesmo; “yóu”, a partir de, por causa de; ou seja,

... “liberdade”, “a partir de si mesmo”...

... não é por obrigação, não por expectativa, não é por medo...

... liberdade...

As duas palavras fizeram-me pensar longamente. Rashes de madeira como uma oferta de respeito, uma vez que na mesa onde senta um amigo, não deve ser permitido o uso de instrumentos de corte (como as facas), ou objetos que podem ferir/machucar (como os garfos).

Esses mesmos rashes, objetos da delicadeza e do apreço, dispostos nas mãos com habilidade, podem manusear pequenos grãos, ou separar pedaços maiores.

Rashes, enquanto instrumentos de cândido auxílio nas funções cotidianas, só podem desempenhar seu papel quando estão completamente livres no espaço.

Rashes, nesse sentido, são objetos mágicos, como instrumentos de travessia, apenas se estiverem livres.

Eu não me lembro de nenhum outro Natal, nos últimos 15 anos, em que eu estivesse tão bem, tão sereno e tão tranquilo como em 2013 estive. A sensação de agora, pela qual não fiz algo ou não movi exatamente um esforço direcional, é que encerro um longo ciclo de mortes e de escuridão...

Um período de invasão e de sequestro, de sobrevivência e de imersão, que posso localizar, de alguma forma, entre a morte do meu avô (2004) e a morte ainda recente do Brèal (2013). Ganhei ferramentas e construí esse caminho pouco-imaginado no mundo de onde eu vim – e, segundo o qual, meu futuro já estava hipoteticamente configurado, delimitado de tantas formas.

Estou pensando 15/20 anos talvez de modo “arbitrário” porque, ao longo da minha adolescência, e mesmo retroagindo até a minha infância, não guardo lembranças generosas – em parte, eco dessas expectativas e cobranças que me forjavam aquele destino pretendido (mistura de um homem hétero com reputação, dinheiro e conhecimento).

O medo era grande demais (ainda hoje, sonho com as recuperações na escola, divergências pessoais e uma dose de pânico internalizada). Não era apenas essa aridez no mundo externo, se não, de sobremaneira, as minhas próprias dúvidas, incertezas, onde conseguiria “abrigar” os propósitos que me mobilizam.

Eu tinha perguntas em excesso, e solitariamente fui construindo respostas... acompanhado de maior ou menor proteção, conforme era também capaz de percebê-las. Minha alma era frágil e delicada, incompatível com um tipo de mundo hostil.

A verdade, se eu puder afirmá-la ou designá-la com alguma segurança, é que eu não posso encontrar, no meu passado das últimas décadas, esse gosto suave e sereno, de alegria e de felicidade, que a noite de hoje me trouxe.

Não me faltava nada ou ninguém, não havia outro lugar, outros destinos, outros pensamentos. Sem grande festa, sem grandes barulhos, sem grandes perguntas. Não faltou algo para arrumar na árvore, nas velas, nas flores, na televisão. Apenas a vida estava no seu lugar, e eu estava apenas quieto, embora de uma forma contente e disponível.

Nem valente, nem lágrimas. Nada para modificar, nada para esquecer. Nem prolongar, nem retornar. Nada de sândalo, nada de sangue. Nem oásis, nem deserto. Nada de repressões, nada ausências. Tudo estava, onde todos poderiam estar naquelas horas: nenhuma

resistência e nada por descobrir. As pessoas e as trilha sonora, as mesmas conversas... dos tais últimos 15 anos. Mas ao final de um ciclo, quando todos finalmente se movem, algo já não é o mesmo.

Nem ansiedade ou medo, apesar de uma saudade forte: não apenas dos que se foram, mas dos que passaram, e, agora, circunstancialmente ou há muito distantes, não os vejo. Lembrei dos beijos sinceros que, nesse tempo de estrada, salvaram-me do impossível. Essa é a saudade, como riscar um prato – percussão, repercussão, carinhos.

Meus fantasmas da juventude, todos aqui comigo, arrumadinhos e próximos, em um banco de madeira – sentadinhos e necessários, testemunhas das marés de sal e sortilégios, vagalumes e pirilampos. Ouvi Betânia, Andréa Bocelli (ainda os mesmos do longínquo passado), e tudo parecia quase sobrenatural de tão poético.

Não havia exatamente família, trabalho, estudos... Minha avó apenas dormia, depois de um ano que se arrastou com um problema severo na sua coluna (dor e impedimento de mover-se). Atravessei cada um desses contextos e suas respectivas propostas de identificação, para saber que nunca estive propriamente em nenhum deles. Obrigado, mas não me acolhem no que posso contribuir.

Talvez, tenha sido um momento-travessia mágico ou de encanto, tão singelo, singular ou secretamente, porque vi o que eu preciso para seguir com pouco e deixar de apenas “suportar” a vida entediante, uma vida onde apenas vagava... eu preciso de uma “imagem”, que poderíamos chamar de “sentido”!

Que não surge com uma roupa ou música nova, que não é rápida e que não é fortuita. Já sabia que não viria sozinha, mas entendi, tardiamente, que não irei buscá-la em alguma circunstância: não estará aguardando-me em uma caixa escondida!

E, daí, aos poucos, vou conseguindo subtrair minha carne desse longo interstício de luto, de frio, de trevas e de terror. Recuperando a força, e imaginando que posso “sair”... para esculpir, para manifestar! Não porque eu tenha descoberto que o escuro é menor do que o claro – hoje, talvez, eu possa enxergá-lo infinitamente abissal, ancestral e irreduzível, útero de muitas noites e pesadelos.

Mas, talvez, se a força do claro não é maior ou capaz de esgotar toda a penumbra do universo, pelo menos, ela pode ser estável o suficiente, em torno da qual surge o possível da primavera.

Então, eu dizia, gradualmente, que vou aprendendo a migrar disso tudo

que a vida cobrou durante os meus 28, 29, 30..., e que não parecia (!) ter qualquer fim. Mas teve! Com tantos fios enodados de pendências emocionais, hoje, me despedi, me despi.

E que, outrora, a face obscura da perda, da partida, da finitude e da morte, tornou-se, curiosamente, um registro de outros começos: a morte do meu avô, para libertar-se do medo longo, da culpa, da reserva, do assombro, da perseguição de uma infância dramaticamente marginal; e, agora, não menos desorganizadora, a morte do Brèal para levar embora, para sempre..., esgotar esse mundo sozinho que (me) deixou, e onde, em definitivo, eu não poderia mais existir – mundo cru, de tantas perspectivas reduzidas!

O mundo sem o Brèal é certamente mais triste, embora, também por causa dele, não apenas se tornou mais leve, elegante, sensível e bonito.

Libertar-me de um corpo velho, aos 28; libertar-me de um amar aprisionado, aos 29; libertar-me de um trabalho rígido, aos 30; libertar-me do mundo-delírio remanescente, aos 31... Tomado, para entender como deixar ir, e abrir mão.

Eu não voltei dessas mortes, embora, de outra forma, talvez uma outra vida esteja começando. E o ano parece iniciar com a promessa de um futuro peculiar, ou de um perfume de futuro que eu nunca senti... de liberdade, outra liberdade; de amor, outro amor; de outro esquadro para o que significa viver. Um perfume de cerejeiras... Inconfundível, inolvidável.

Nada de especial ou estranho aconteceu nesses dias, embora a percepção do sublime, do ligeiramente mágico esteja marcante: parece que um instante começa (cultivar instante por instante, sempre presente), onde finalmente eu sinto o calor da confiança, do risco de trilhar o caminho que apenas não existia ou não enxergava. Estou sozinho! Sim. Estou bem.

De repente, se eu puder ensaiar uma nova frase, eu imaginaria que estou preparado para começar um destino de alma, conseguir oferecer uma imagem para a carta do tarô que me aguarda na casa do meu destino. Quero começar!

O mundo que eu coletei até os 21, com o mundo que eu vivi até os 31... e toda a "revolução" que coube entre eles, agito, disputa e conquistas, talvez apenas caibam no sentimento pacífico de gratidão. Uma ressonância muito profunda, de conexão às vivências de amor que pude encontrar e que me nutriram ao longo das nuvens de desespero.

Tudo foi difícil em 2013, não apenas em mim, mas também no entorno, nos lugares onde transitei e nos amigos que encontrei. Governo, Polícia e outras instituições. Lutas, afastamentos e perdas. Rebeldia, rebuliços e revolta, mundos do grito, da fúria e dos terremotos.

Um pouco menos dos abusos, da raiva, da vingança e das frustrações que encontrei. Distâncias, e, quem sabe, distanciamentos. Rupturas, e, possivelmente, espaço livre para mover-se em outras direções. Dançar irremediavelmente com as sombras, os escombros, as poeiras. Dançar à flor da pele, aflorar: ...hinjin datsuraku..... (até) deixar cair o corpo e a mente...

Nesse prisma: "(...) Um poeta deve deixar pegadas de sua passagem, não provas. Só os vestígios fazem sonhar. (...) Os pássaros livres não suportam ser observados. Em sua proximidade, sigamos obscuros, renunciemos a nós mesmos." – René Char. Ou ainda: "Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente." – G. Agamben, "O que é o contemporâneo".

Houve, sim, um Natal, em algum tempo quase-remoto, que finalmente eu poderia ser um homem gay nessa cidade onde morava – ainda a mesma, entre ídas e vindas. Uma noite, duas taças e uma garrafa barata e roubada, um sorriso, um encontro, luzes e som. Guardei os olhos, como estrelas daquela noite com um semblante de liberdade.

Descobri-me uma euforia, então incauta, uma urgência do inesperado, ou do inusitado, da experimentação pessoal e social porvir, em devir. Tanto desde então se transcorreu, antes e a partir daquela noite, enquanto maturação de afetos e de cognição, de corpo e de abraços.

O que eu sinto hoje não é propriamente uma sede, uma busca, um querer. É mais próximo, se eu puder traduzir, se um sussurro – não um ruído, ou um murmúrio. Parece uma melodia, baixa e clara no que transmite, reconfortante, embora não pareça uma oração. Se houver um texto ou uma confissão nessa música-tesouro, talvez as letras expressem o banal de uma vida modesta, de passos bobos e simples. Um som reconfortante, um convite. Posso ainda não estar de pé, mas já acordei. Dê-me suas bençãos!

E, finalmente, eu consigo escutar, abaixo de tantas camadas de fissuras, de despedidas, de cinzas e de esfacelamento. Não é o que me sobrou, é o que não me foi tirado. Não é o remanescente, nem imagino como o fundamental e permanente: é tão somente um vestígio do útil, por meio do qual há como ingressar no tempo e na vida, é uma aposta mais do que um achado.

Sinto, então, que eu consegui chegar. Estou bem fraco e frágil de tantas maneiras. Poderia ser um nascimento, mas a jornada/labor foi maior... Preciso de uma dose imediata de silêncio e de atenção comigo mesmo, de relação porosa/amorosa e de assimilação/alimentação com outro funcionamento então desconhecido.

Mas cheguei, se posso assim dizer – apesar das náuseas, dores na cabeça, cãimbra, cansaço etc. Não para continuar, mas chego para verificar o que eu sou capaz de inventar, com isso que trago e tenho, no encontro e desafios com tudo que recebo e alcança-me.

Rodei, rodei, para chegar no ponto de partida. O óbvio estranhado, para ressurgir como novo – até inusitado. Parece absurdo reconhecer, mas eu não já lembrava (até esse momento da escrita) que o meu nome Budista tem algo dessa jornada. É um nome que é oferecido, depois do Refúgio, pelo mestre... que adentra um tipo meditação para reconhecer qualidades a serem desenvolvidas no discípulo aspirante. É o nome que eu uso, diariamente, e várias vezes no mesmo dia, para a minha conta de e-mail mais pessoal.

Rodei, rodei, para descobrir algo mais do que esse nome convoca, especialmente se o objetivo for alcançar todos os seres, com o máximo das capacidades e realizações. O nome que me foi dado, ainda em 2003, é Zamba Özer: “Özer”, os raios (do sol), a atividade, a manifestação; “Zamba” (Jampa), bondade-amorosa, ou amor-compassivo; juntos, como uma aspiração de vidas, “a atividade do amor-compassivo”.

Que os incontáveis Budas manifestem para cada Milarepa a compaixão infinita de um Marpa! Que a despedida de 2013 leve consigo as raízes do samsara, que a iluminação chegue com a suavidade do reconhecimento da vacuidade para que os seres encontrem auxílio magnífico em suas necessidades.

Possa, no melhor das minhas capacidades, utilizar-me de quaisquer sinergias, complementaridades e ampliações que surgir nos horizontes, de modo a ser também capaz de permear as flores e os jardins com esse perfume que me acompanhou das estrelas. Felizes sejam os renascimentos dos seres! Um bom começo, nessa madrugada de um dia 25 qualquer!

# PARTE IV

## Os sonhos





## **PARTE IV**

### **Os sonhos, também chamados:**

HÁ EXTINTORES POR TODOS OS LUGARES, MENOS NO MEU CORAÇÃO –  
SOMBRAS DE UMA DANÇARTA NA RESISTÊNCIA<sup>191</sup>

“Gira e gira no vórtice crescente/ Não escuta o falcão ao falcoeiro;/ As coisas vão abaixo; o centro cede;/ Mera anarquia é solta sobre o mundo (...)”

William Butler Yeats (1865-1939), “The Second Coming” – tradução<sup>192</sup> de Adriano Scandolara em 2013



(Fotografia de circulação nas redes sociais, autoria desconhecida)

“(...) É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi/ Da dura poesia concreta de tuas esquinas (...) E foste um difícil começo/ Afasta o que não conheço/ E quem vem de outro sonho feliz de cidade/ Aprende depressa a chamar-te de realidade/ Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso” – Caetano

“(...) no fundo das trevas/ sei de alguém que me chama/ pra onde me levas/ vou de rainha a cigana/ mas a noite é escura/ e o caminho é longo/ e me leva a loucura (...)” – Mautner

Não é de pouca monta gerar potências com sensações frescas, ou tornar o pensamento e a própria dimensão da escrita *um ato* inventivo e singular, quando se sabe o custo emocional para enfrentar os temores

---

<sup>191</sup> Uma versão desse texto foi publicada no formato de capítulo para o livro “Corpos Anárquicos”, em 2014. Disponível em:

[http://www.editoracrv.com.br/?f=produto\\_detalhes&pid=30693](http://www.editoracrv.com.br/?f=produto_detalhes&pid=30693)

<sup>192</sup> Ver: <http://escamandro.wordpress.com/2013/09/01/a-segunda-vinda-de-yeats-na-eutomia/>

mais secretos, nessa fronteira do que se remete como adequado ou descabível. O que fazer do que apresenta como intocável e impronunciável?

Se, por um lado, Giorgio Agamben caracteriza por “sacer” o elemento sacralizado e ritualizado nas referências manejadas da sociedade-cultura, ou a condição subtraída<sup>193</sup> das adulterações no convívio, resguardada em posição “moralmente” altiva das impurezas, misturas e tumultos nos agitos casuais/cotidianos; por outra perspectiva menos aparente, qualquer resistência como presente-imanente e não apenas tradição continuada, de invenção, afetos e potências, conseqüentemente de interrupção à pretensão de pureza no isolamento e mera transmissão, não se dirige somente àquela dimensão que adjetiva os atos nas prisões dóceis ou atrevidas.

É na força das alegrias e das sensibilidades que, afinal, se produzem colisões para a marginalização e hierarquização impostas à vida, nos vetores de classificações: curiosamente, o mesmo “sacer” que pretende margear o efêmero e transitório da vida está relegado à sua própria sorte para haver-se com o imediato arbitrário de potestades que superam quaisquer normatividades sociais.

Extraviado da vida comum (fora da lei, da obrigação, do impedimento, da proteção, da liberdade, da existência política etc), o elemento camuflado na condição “sacer” torna-se um bem avulso (anômico) das interações e mediações sociais, submetido integralmente às forças (ditas, por supra-sensíveis) que arregimentam/confrontam os seus atos não passíveis de parâmetros (o impuro e o tabu, por exemplo).

Em outras palavras, não basta imprimir de movimento pontual às circunstâncias imediatas do ato-qualquer para já vislumbrar futuros apartados da exclusão e do controle. Por conseguinte, uma força diagonal do “would prefer not-to” (preferir que-não), energia de recusa à interdição e à submissão, insistiria para além do enfoque propriamente nos atos enrijecidos (dito, “sacralizados”), de modo a tensionar o hálito imobilizador no agente daqueles enlaces.

No prisma do léxico antigo, “hiera” alude os “ritos sagrados”, enquanto “arkhein” é empregado no sentido de “conduzir, comandar”. Assim, “hier-arké/ia” é o processo do quê/de quem inicia ou conduz os ritos –

---

<sup>193</sup> Vânia Sequeira acrescenta: “(...) uma figura enigmática, obscura, porque contém em si sentidos contraditórios: o sagrado, o impuro e o não sacrificável (...) na dupla exclusão do terreno dos homens e dos deuses. Surge uma dupla subtração, que se abre entre o profano e o religioso (...) é simplesmente posto para fora da jurisdição humana, sem passar para a divina (...) Sua morte não é sacrifício, nem sacrilégio”. Ver: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v26n4/v26n4a12.pdf>

geralmente, no arcano mundo grego, corresponde à função mesma de um alto sacerdote no ofício (sagrado) de um santuário.

A corrupção lúdica (sinestésica) que se expressa na vida comum, o “avesso” da ordem e da sabedoria como anti-sacer geodésico, é a desconfiguração promovida nas instabilidades desse caráter de retenção, tanto do fixado-banido como estatuto do “consagrado”, e por isso mesmo amaldiçoado, relegado fora do zelo e interferências nas coletividades (ambos, como papéis de “sacer” investidos sobre os objetos e fenômenos do presente-estático, função do sacramento distribuído e imobilizante).

Assim como no vocábulo “sacer”, há também um duplo aspecto nessa concepção de “arké”: o primeiro como “origem-estrutura”, e o segundo, por “início-condução”. Não é fortuita, conseqüentemente, essa correlação entre o sagrado-imposto como “sacer” e o “arké”, ou seja, aspecto considerado “sagrado” e como prosseguimento do mesmo, uma condução habilitada em nome do “sagrado” e com o intuito de perpetuá-lo.

A dimensão de “An.Arké/ia” implicada nesses parágrafos busca avessar as premissas de “arké-origem” e “arké-condução”, além de profanar os objetos “sacer” e suas exceções/excepcionalidades subjacentes, em favor de outro tempo, qual seja, de uma aionética. Distingue-se, por inferência semântica, da “Arké-lógos/ia” entendida como veio de “potência-atemporal” (arké) no escavar de temporalidades outrora “banidas” em um presente segmentado da vida-em-mutação.

Essa feição da “An.Arké/ia” realiza, por conseguinte, outro giro com a semântica dupla da “arké”, de modo a ressoar os “bandos de intensidades” (multidões) que foram “abandonados”<sup>194</sup> na direção (início) e na justificativa (condução) do “sacer-dócio” (atitude-sacer). Apenas secundariamente, nessa via de profanação da “arké”, é que novos movimentos alcançam o elemento fixado, estabilizado e instituído como sagrado (sacer).

“Enculée” foi um dos verbos adotados na prática inspirada em Gilles Deleuze, aquela mesma que se apetece em criar os seus monstros por trás: fazer um filho na enrabada (enroscada), ou deformar uma tradição no surgir do pensamento; ser capaz, assim, de fecundar os

---

<sup>194</sup> Novamente, Vânia Sequeira explica: “(...) um termo hebraico - bando - *herem* - entendido como pecador ímpio, como inimigo da comunidade, aquele que deveria receber a total destruição. O verbo banir tem relação com consagrar, e envolve a destruição de tudo que uma pessoa possa ter. O termo bando não quer dizer inteiramente dentro ou fora do ordenamento, em italiano - *in bando* ou *a bandono* significa à mercê de, a seu talante, livre, e *a bandono* e *bandito* quer dizer excluído, posto de lado (...) Bando e tabu estão implicados nessa ambigüidade do sacro, assim como na exclusão-inclusão do puro e do impuro.”

conceitos em uma aproximação suficientemente bizarra para liberar intensidades bestiais (devir-animal, devir-inorgânico etc).

Eduardo Pellejero<sup>195</sup>, em sua exposição lúcida de 2011, intitulada “Para além do princípio de fidelidade: uma aproximação à historiografia filosófica deleuziana”, sublinhava certa verve da transgressão que se tornou possível com ensaios pós-modernos aos planos tradicionais do conhecer:

“A versão deleuziana da inversão da lógica dos precursores proposta por Jorge Luis Borges em 1951 é talvez um dos textos mais polêmicos (mas também um dos mais citados) de toda a sua obra. Em 1973, em resposta à carta provocativa de um crítico do seu trabalho (Michel Cressole), e falando especificamente do problema da história da filosofia, Deleuze dizia conceber os seus trabalhos historiográficos como uma prática muito especial da sodomia, que tinha por resultado uma espécie de imaculada concepção (Deleuze, 1990, p. 14-15). O texto produz um secreto escândalo cada vez que é citado, e, de algum modo, é esse próprio escândalo o que suscita a sua reprodução. É verdade que Deleuze fala provocativamente de ‘enrabar’ (*enculer*) os autores aos quais se aproxima, e de fazer-lhes um filho (um filho monstruoso, em virtude das vias da concepção), (...) Tal como para Borges, para Deleuze não se trata de retomar uma tradição, mesmo quando a sua filosofia se reclame de figuras e conceitos da história, mas de dar-se (inventar) os próprios precursores (como a possibilidade de uma tradição futura ou por vir) – ou, para utilizar uma linguagem que lhe é mais própria, os *intercessores* necessários: (...) ‘É necessário fabricar os seus intercessores. É uma série. Se não se forma uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu tenho necessidade dos meus intercessores para expressar-me’ (...) Deleuze propõe o deslocamento da relação do pensamento para com o seu passado: da dialética e da hermenêutica para a falsificação e ficionalização. Isto é, de um passado objetivo ou objetável, a um passado que, não tendo sido nunca presente, funciona de todos os modos como fonte ou horizonte estratégico para a criação de novos conceitos. (...) é o produto de uma instituição (criação) e não de uma restituição (reconhecimento). (...) Deleuze põe em conexão coisas que a história da filosofia mantinha à distância. Autores que não se parecem entre si, mas que encontram na obra que os reúne um ‘laço secreto’ (e, acrescentemos, paradoxal). Ou, melhor, autores que não se parecem entre si senão porque partilham o gesto mínimo da divergência (não os unem senão as suas distâncias a respeito de uma linha genética ou de filiação maioritária). Pontos singulares através dos quais, por um momento, se manifesta certa resistência à tradição que se pretende pôr em questão a partir da obra, do discurso ou dos conceitos que se reclamam destes.” (pp. 106-108, grifos nossos)

---

<sup>195</sup> Ver: <http://www.periodicos.ufrn.br/principios/article/view/1717>

O grau “exotérmico” naquele procedimento deleuziano contribuiu aos anseios de visceralidade ao final de um século com enormes pesares e incertezas, sobretudo, no intuito de produzir lugares e trânsitos não contemplados em uma esfera do mundo aparentemente “livre”, embora mais árido e instrumental.

Tardiamente, nos embates contra o exercício generalizado do ressentimento e da desesperança como ferramentas de dominação social, uma geração seguinte encontrou nos trabalhos de Deleuze a insistência que não renuncia ao desejo, alegria e potência em contextos políticos-estéticos-acadêmicos.

Foi um tipo de conexão sem esforços, com a dedicação dos anos e de imenso significado compartilhado por aquele filósofo francês, que afetou modos de construir poéticas da reflexão e seguir a condição intelectual.

Se houveram estudiosos, professores e pesquisadores do legado percorrido nas obras de Deleuze, certamente poucos adiante se infligiram com tal fúria e intensidades diante do mundo, de modo a entrar no ambiente das perguntas, conseguir produzir algo como diferença, a ponto de sair já modificado.

Também nos ventos locais dos últimos trinta anos, a temporalidade de experimentações fez-se revelar no trabalho de novos artistas e linguagens, dentre os quais, surgiu uma perspectiva gerúndica do “mastigando-humanos”, segundo Daniel Peixoto<sup>196</sup>.

Muitas pessoas dizem saber algo sobre “Daniel Peixoto”, esse nome com interface nas linguagens das artes nacionais, especialmente da música e da performance. Suas fotografias e, mais recentemente, seu clipe abundam de imagens, cores e sensações: universo semiótico que inclui Electro, Technobrega, Macumba, Forró, Batucada e uma nova brisa tropical.

Do seu Cariri, fundou o projeto Montage em Fortaleza, percorreu diferentes países da Europa (em longa turnê), reside em São Paulo há quase uma década e desenvolve novos projetos no Ceará. Para descrevê-lo, há quem adote a perspectiva incomum das facetas na sua beleza e corpo riscado, das suas paixões ou das suas raízes, em recortes de vídeos e entrevistas (Gabi Quase Proibida, também incluída), nos diferentes suportes de mídia.

Há quem traceje um perfil técnico dos shows (Folha de S. Paulo - Melhor Show do Brasil em 2005 e 2006, Melhor Show pelo HellCity em 2008), dos

---

<sup>196</sup> Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=NOhjzm0xwak>

discos e box de remix, dos prêmios (London Burning de Melhor Artista em 2007, Prêmio Dynamite de Música Independente, melhor álbum eletrônico de 2012), dos elogios (J.Timberlake, The Guardian, "Príncipe brasileiro do electro" pela MTV-NYC etc) ou da participação em trabalhos notórios (trilha da novela da TV Globo, faixa-cover para "O VIRA" nos 40 anos do Secos & Molhados, Aberturas para The Prodigy, Bjork, The Cardigans etc).

Cantor, compositor, intérprete, performer, ator, ele é o pai capricorniano do petit-Dani com quem desvenda a ternura e o exercício de amar a vida: "(...) Tudo que é diferente incomoda o que é igual, minha religião é o amor e cada coração pode ser templo. Dançar é um tipo de oração. (...)".

Seu lugar é o daqueles, por assim dizer, que dissolvem a pasta homogênea do convencional, meio que na resistência dos antigos Cariris para seus vasos e filtros coloniais; em vez de buscar o traço da pureza e de mais um passado oco, Daniel ocupa-se do presente não-capturado, da zona ainda-estranha como sua potência.

Foi, assim, meio que de repente, no kosmopolitismo dos seus sertões, que sua antropofagia e semblante de tropicalismo puderam ganhar essas cores recentes do techno-brega e sua versão do "engolindo o underground", um tipo de raspagem de vestígios e odores aderidos à palmilha do submundo.

Não por acaso, Daniel mergulha nas sombras dos ruídos inaudíveis e dos resíduos de aparente solidez, em uma exploração que, também na perspectiva filosófica de Agamben, é o relançar do espectro contemporâneo e suas trevas.

É necessário enfatizar do trabalho do Daniel, sobretudo, essas cores que incendeiam os olhos mornos, forças que desalojam (descolam, deslocam) e tracionam as estranhezas do comodismo; foi assim, que talvez ainda lentamente, também outra camada de "dúvidas" foram tracejando o céu, ao tipo convencional de pensamento da diferença, da multiplicidade, que se deixava chegar à transmissão das leituras e professores.

O mar que avança e recua, que demarca horários e orações na sucessão dos dias, que se finca no sol e conflui seus volumes como ritmo da mudança; o espaço aberto do anil em turnos vigilantes, que não obsta a chegada em lotação máxima das estrelas com seus fulgores borrados entre si; o dedo nos pés com a água tranquila do tempo e transparente de passagens: tal entregar-se ao chão, abandonado ao sem esforço, parece ornamentar o olhos silenciosos com outras mediações para um falar como diferença não contemplada.

Mais do que se apoderar ao seu modo singular, no lastro instituído e da lei assimilada como teoria abalizadora, há também um intervalo para essa função no desdobramento da diferença, um lugar de vida onde a "(f.)Lei" é questionada. Eis que, numa madrugada de provocações quaisquer, as mídias sociais compartilham a seguinte ponderação:

"...o desagradável no vocabulário das filosofias da alteridade, a começar pela palavra 'outro', é que essa palavra é sempre relacional e referencial AO MESMO, o que faz com que SÓ se possa pensar o outro como 'diferença', na 'diferença'... puta que pariu vai ser narcisista assim lá em Paris..." (José Maria Arruda, na conta do filósofo no facebook, em 18.01.14).

A partir do fô(le)go em céu prateado, esse texto foi constituindo-se como um sacudir nas paixões da tarde-juventude, de modo a provocar, diretamente no corpo da autoria, características historicamente ainda turvas para uma distância (não apenas diferença) que se coloca para as tensões específicas que Deleuze intumesceu e irradiou.

Nesse momento da vida que escreve, parece que entre um personagem do escuro e os rostos pintados com Deleuze observam-se problemáticas distintas: a angústia clínica do segundo está na "vida boba", enraizada e impotente, domesticada na semelhança e na identidade. O caminho seria o do menor e do minoritário para o confinamento da vida nua, autoritariamente esmagadora e majoritária.

A dificuldade cínica, por conseguinte obscura, é um pouco mais sensual e secundária (secundária, e não minoritária), diz respeito à aflição que gera o estatuto do fixado, perpassando os conteúdos óbvios da "vida boa", atualizada, vitalizada e significada, mas, também se interrogando sobre a hegemonia "última" de certa direção com sensações, afetos, intensidades e emoções a respeito da experiência humana. Os passos, aqui, são o do folião que se despede da sua condição tanto melancólica como de intensidades emocionais.

Uma vez partilhando dessa vibração existencial da diferença, os resultados da vida produzida observam-se no entorno da alegria no efêmero e da potência no hedônico. A bem da justeza com os fatos, interlocutores incríveis e práticas de vida surgiram como redutos quase insuperáveis nessa aliança ao tátil: o corpo como residência, a pele como hábito, a carne como ministério, os cheiros como linguagem. A poética na biologia do cotidiano.

Com as lições transmitidas, tornou-se mais fácil o abrir mão do universal e da metafísica, do sujeito e do humanismo, dos deuses (todos) e das jornadas da alma nos gregos, da transcendência, do transcendental e do transpessoal, mas ainda não se pronunciou o que fazer do mundo

quando o eu segue como um fantasma tão indelicado, e de efeitos tão desprezíveis (para além de mera categoria linguística).

Para tal modo de operação habituado, embora circunstancialmente desviado nas conquistas de um tempo-presente como singularidade e potência, para além das aparências grosseiras no regime da vida desatenta, o eu segue até nessa orquestra dos sonhos e das relações mais fundamentais. Não há como ignorar, embora não se queira obrigatoriamente permanecer vinculado ao mesmo funcionamento.

Deleuze está preocupado com o ofício das institucionalizações sobre as intensidades e potências reduzidas a mera encenação do já-conhecido. No espectro ruidoso desse panfleto, o incômodo, entretanto, que inicialmente ocorre é o regime compulsório de auto-realização para todos os orifícios; uma verdadeira homilia dos atos e da conversão de um-todo possível ao plano do empírico, do mediado, ou do observável – no melhor dos casos, também das relações. O corpo, nesse prisma, torna-se ultrapassagem, sucessão ou ruptura – mas não mágica. Nunca o invisível! (Risos.)

O transtorno que se amarga com o eu que nos habita, de outra maneira aproximada às tentativas inspiradas nas infrações morais de Deleuze, apontam o inesperado da experiência como produção de cartografias nômades. Sob uma primeira fronteira do eu, rege-se a experiência como intimidade, pessoalidade e acúmulo de pertencimentos; no segundo, como alteridade, geografia com inorgânico e porta do fundo-civilizatório; ainda na primeira regulação, busca-se maior pertencimento da zoé para a bios; com o segundo, se engraça pelos afetos que fissuram partituras.

Parece um jogo que cansa de todo modo, apesar do que, em tempos e propósitos diferentes, serviram para acomodar os repertórios de possibilidades em muitos. Como tratar mais diretamente com a esfera do silêncio, de ser capaz de explorá-la com as pistas que chegam até o corpo?

Migrar de um horizonte do puro desconfiar, dismantelar, desconstruir essa diversidade dos pensamentos ainda confusos, das emoções empilhadas... para um desconhecimento dos próprios limites, o repousar no espaço ilimitado da mente e conseguir mover-me indissociável com o processo de todos os corpos e fenômenos?

Deixa de ser ética e poética, para uma atividade de outra direção que, talvez, possamos melhor comentar. Uma garotinha, em certa passagem do filme *X-Men: Primeira Classe*, afirma docemente – e não menos, perigosa: “Quero ser chamada de Mística”. Foi essa decisão sensível e

visual que trouxe uma imagem híbrida para o gesto de Daniel Peixoto com o pensamento de Giorgio Agamben.

Assim esclarece aquele filósofo italiano<sup>197</sup> para sua amplitude do contemporâneo:

“(...) A potência que está em questão aqui difere essencialmente da potência genérica que compete à criança. A criança, escreve Aristóteles, é potente no sentido de que deverá sofrer uma alteração por meio do aprendizado; aquele que já possui uma técnica, ao contrário, não deve sofrer uma alteração, mas é potente a partir de uma *exis*, que pode não colocar em ato ou atuar, passando de um não ser em ato a um ser em ato (...) o arquiteto é potente enquanto pode não-construir, e o tocador de cítara é tal porque, diferentemente daquele que se diz potente apenas em sentido genérico e que simplesmente não pode tocar a cítara, ele pode não-tocar a cítara.

(...) Uma das figuras mais significativas dessa presença privativa da potência é, no *De anima*, o escuro (*skotos*). Aristóteles (...) se limita a postular sua existência (*esti ti diaphanes*, há o diáfano); ele afirma, porém, que o ato dessa natureza como tal é a luz e que as trevas são a sua potência (...) E se a luz é, como ele acrescenta logo depois, a cor do diáfano em ato (...) então não seria errado definir o escuro, que é a *steresis* da luz, como a cor da potência. (...) A escuridão é realmente a cor da potência, e a potência é essencialmente a disponibilidade de uma *steresis*, potência de não-ver.

(...) Em seu comentário ao *De anima*, Temístio nota com singular perspicácia todas as implicações dessa passagem. ‘Se a sensação não tivesse uma potência tanto para o ato como para o não-ser-em-ato, se ela fosse sempre e somente em ato, ela não poderia jamais distinguir o escuro (*skotos*) nem ouvir o silêncio; da mesma forma, se o pensamento (*nous*) não fosse capaz tanto do pensamento quanto do não-pensamento (*anoia*), não poderia jamais conhecer o sem-forma (*amorphon*), o mal, o sem-figura (*aneideon*)... Se o pensamento não tivesse algo em comum com a potência, não conheceria a privação (*steresis*)’. A grandeza - mas também a miséria - da potência humana está no fato de ela ser, também e sobretudo, potência de não passar ao ato, potência para as trevas. Se se considera que *skotos*, no grego homérico, é antes de tudo as trevas que invadem o homem no momento da morte, é possível medir todas as conseqüências dessa vocação anfíbia da potência. A dimensão que ela destina ao homem é o conhecimento da privação, ou seja, nada menos que a mística como fundamento secreto de todo o seu saber e de todo o seu agir (...) Se a potência fosse, de fato, apenas potência de ver ou fazer [de passar ao ato, de atualizar, de constituir-se atualidade], se ela existisse como tal apenas no ato que a realiza (e uma potência assim é aquela que Aristóteles chama de natural e destina aos elementos e aos

animais alógicos), então nunca poderíamos ter a experiência do escuro e da anestesia, nunca poderíamos conhecer e, portanto, dominar a *steresis* [a privação]. O homem é o senhor da privação porque mais que qualquer outro ser vivo ele está, no seu ser, destinado à potência. Mas isso significa que ele está, também, destinado e abandonado a ela, no sentido de que todo o seu poder de agir é constitutivamente um poder de não-agir e todo o seu conhecer; um poder de não-conhecer (...)

(...) Toda potência é impotência do mesmo e em relação ao mesmo (do qual é potência) (...) Adynamia, impotência não significa aqui ausência de toda potência, mas potência de não (-passar ao ato), dynamis me energiein. A tese define, assim, a ambivalência específica de toda potência humana, que, na sua estrutura originária, se mantém relacionada com a própria privação, é sempre - e em relação à mesma coisa - potência de ser e de não ser, de fazer e de não fazer. É essa relação que constitui, para Aristóteles, a essência da potência. (...) o homem é o ser vivo que existe em modo eminente na dimensão da potência, do poder e do poder-não. Toda potência humana é, cooriginariamente, impotência; todo poder-ser ou -fazer está constitutivamente relacionado, para o homem, com a própria privação. E essa é a origem da incomensurabilidade da potência humana, muito mais violenta e eficaz que aquela dos outros seres vivos. Os outros seres vivos podem apenas a potência específica deles, podem apenas este ou aquele comportamento inscrito na vocação biológica deles; o homem é o animal que pode a própria impotência. A grandeza da sua potência é medida pelo abismo da sua impotência." (grifos nossos)

Centrar-se nessa conduta do corpo é reconhecer o "poder-não", uma atitude, por exemplo, de não ser refém das emoções, de não ser arrastado como impotente e suprimido, um corpo da potência e da potência-do-não. Daquele que *não pode exercer* para quem *pode não-exercer*, há essa larga experiência de investigação e ampliação somáticas, uma capacidade para expressar, no ínfimo de cada ato (quase no eco do ínfimo, e não mais do ato conhecido), as qualidades irreduzíveis da potência-do-não.

Esse fator mesmo da "incomensurabilidade da potência humana" é o que também permite indagar o espectro dessas qualidades não diagramáveis, quais sejam, as práticas ou exercícios dessa "incomensurabilidade", na ampliação de outras expressões na potência humana. Que não haja, por exemplo, apenas o campo visível do "fora", como um antagonista, mas o de-dentro-para-fora no dentro, o avesso do dentro – esse movimento que não é a superfície, nem a profundidade.

Quando o lado pivete, moleque, malandro pensa na expressão "aí-dentro!", está posicionando o avesso dessa faceta banal do dentro, e não sucumbindo ao oposto, o fora, o excluído. Ir para dentro ou fora,

mover-se no habitual, não precisa de um tom quase ameaçador, de uma sonoridade quase agressiva de quem efetua um registro quente, uma marca de inverter, que invertebra no gesto e no efeito do receptor. O ímpeto que assombra é, justamente, o atributo “vulgar” de não se saber por onde caminha o “aí-dentro!”, aparentemente distante da nobre interioridade ou profundidade autodirigidas. Parece assim cortar, ou costurar às avessas.

Com essa ilustração, é plausível observar que o “aí-dentro!” não é propriamente um tom que se enleva uma postura agressiva junto ao processo comunicado: a profanação não é atualização para um não-convencional, não é atualização por acúmulos e mediação a partir do já-esperado, não é mudança de significado/ressignificação do ato meramente pretérito.

A profanação de inspiração Agambeniana dá-se por aquilo que está do lado de fora, fora do parâmetro, fora da questão, fora da medida, que está imobilizado e fora do campo de interações, que está isolado e sacralizado (sacer). A profanação é sorrateira, e em seu vídeo<sup>198</sup> mais recente, os dançarinos com o próprio Daniel são, ao mesmo tempo, sincréticos e serpentários... fundem realidades, espaços e paisagens com seu mover; e dançam como línguas que machucam, e assim ferem, porquanto forjem emboscadas com signos envenenados.

Se fôssemos imaginar um baile funk, com sua moral da transgressão igualmente explícita, é fácil reconhecer o lugar-atribuído pela sociedade, que oscila entre o “vulgar” e o “afrente” como julgamento. Ainda assim, o apelo da profanação não se caracteriza primariamente como “repulsa” ou “escracho”, nesse “confronto” ou no “contraste” ao instituído (uma atualização radical, já faria isso) – embora sejam elementos também presentes; diferentemente do espectro “atual” e da “atualidade”, a profanação é contra-atualização por excelência!

Outra música<sup>199</sup> que, por exemplo, orbita com um tipo de funk, sobre um conjunto semelhante de temas, produz um efeito estésico, todavia, radicalmente distante da aproximação que se tateia com o Daniel; até o jeito com o qual a informação é comunicada, literalmente abordado no texto do funk referido, embora, também na formulação do Daniel, o último acaba sendo mais enfático pelo número recorrido de vezes do que naquela letra do funk. Todavia, no clipe do “fleí”, um processo outro de sensibilidades surge com o uso que se vale para cenários, corpos e música.

O baile e a pista, dependendo dos seus propósitos, são capazes de recrutar intensidades para “atualizar” sentidos os mais variados –

---

<sup>198</sup> Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=mc2ul82hnJ0>

<sup>199</sup> Ver: <http://letras.mus.br/bonde-do-role/bicha-velha/>

embora, nem sempre, profanar ou deslizar ao ato. O que parece tão somente um “estilo” próprio, ou modo estranho ou intransigente de apresentar-se e comportar-se, já é inserção mesma do Daniel nessa espiral de vertigem, nesse paradoxo que desloca a primazia do mero ato.

Talvez, por essa relação de sutileza conceitual, Daniel Peixoto foi o convidado para uma Semana de Psicologia (das Faculdades Nordeste/FANOR, em Agosto de 2013), enquanto, talvez, no mesmo contexto e a propósito de uma mesma temática, seria impensável (impenetrável) um funkeiro de gestos, falas ou conteúdos semelhantes. O efeito da música com a sua performance conduziu-se para outro campo de significação?

Ainda para uma interpretação habitual no trabalho de Agamben, o “sacer” representa essa condição de abandono sociológico e de marginalidade nas relações políticas que constituem a Civitas/a Pólis. Como uma metáfora, entretanto, ampliada e emprestada para diferentes fenômenos locais (o magistrado brasileiro é “sacer”?, ou o médico brasileiro é “sacer”?), é como uma face ou máscara – que permite o exercício do ator, mas não configura o ato singular.

Recluso das ambiguidades no mundo concreto e relegado à própria sorte, completamente absorvido na esfera arbitrária (caprichosa) das divindades (onde não há direito, ética, diálogo ou instituições de apelo/recurso) e sua respectiva dimensão de transcendência (oposta à imanência polifônica); sob tal condição imobilizante e o caráter de inviolabilidade decorrente, o atributo “paradoxal” de consagração-e-amaldiçoamento que se investe no “sacer” é também o objeto da profanação com a admissão do cotidiano.

Nesse prisma de reinserir o mundo, a convivência, o relacionamento e a possibilidade, requisita-se um horizonte de presença e de criação onde cada Ato expressa dinâmicas particulares, experiências e formas de vida. Dessa passagem entre o Virtual para o Atual, ou da conversão entre Potências diferentes que passam a manifestar-se como Atualidade e Atualização, especialmente se valendo desta última sucessão de encadeamentos, é que a rotina da Civitas é constituída: garantias e obrigações, direito e políticas públicas, também a saúde e suas demais instituições.

A potência do ser, do fazer, do conhecer etc. tornam-se definidas na realização (regulação) do Ato e sua investidura ideológica de reconhecimento social – afinal, é sobre o Ato que incide o controle e a modificação dos comportamentos humanos; os sonhos e a poesia, por ilustração, não se filiam ao dever-ser. Diante, por exemplo, de uma experiência de realidade, que se irradia de “afetos” tristes ou

desagradáveis, a vida comum oferece duas alternativas de cooptação: (a) negá-los, ou recusá-los; e (b) submeter-se, ou assimilá-los.

Podemos imaginar uma circunstância de raiva, medo, dor e morte, com seu espectro particular de situações e sentimentos. De um lado, a reclusão temerária ao aparente, e do outro, o crepúsculo por identificação radical ao aparente – ambos, reclusão e crepúsculo, como a não circulação de outros afetos. Certa tradição no Pensar Contemporâneo intuiu que, desse aprisionamento ao imediato dos afetos tristes, novas sensações e intensidades seriam capazes de tensionar um presente de gestos singulares, de vida, de imanência.

Dos afetos tristes para os afetos alegres, a questão não é tanto a condição própria dos Atos, mas a rigidez outrora de Atos segmentados (historicamente capturados), de um presente como possibilidade que cedeu à interpretação de um passado que não se pretende impermanente.

Para um Agamben também recriado na imaginação dos poetas, escavar as sombras daquele passado oportuniza outra via de pertencimento e sensações com a vida: em cada potência constituída do ser, do fazer, do conhecer etc, paralela e indissociavelmente, há uma potência-do-não frente os instituídos.

Se, por um lado, as borboletas (ou mesmo as batatas no porão) tendem ao Atual e à Atualidade, na medida em que percorrem sua jornada “pessoal” de transmutação (“pessoa”, aqui, no sentido de Eduardo Viveiros de Castro), de larva rente ao chão até ser um alado que se mistura ao céu, então, assim como em Carl Rogers, também para Agamben, a Atualização é a(penas) frequência das expressões orgânicas da vida.

Entretanto, se no projeto Humanista de Rogers o homem é sinônimo da “inteireza” com esse processo de Atualização, para Agamben, a liberdade que caracteriza o homem, ou que melhor define a condição humana por excelência, não se deixa vislumbrar no anseio de “esgotar” a Potência em Ato-passível de captura e clareza – ao contrário, é na mística do escuro, nessa eclosão do obscuro, que uma potência-do-não resguarda o novo, o surgir, o inventar, o criar, o inesperado.

Portanto, adentrar o escuro de um afeto tipificado como triste não exige projetar o pensamento e o corpo para a expectativa de novos atos, atos que recorram às intensidades e sensações do alegre como vida e afirmação de vida – um trânsito possível da interpretação anterior como penumbra para um novo lugar de força, de luzes.

Recusar o estatuto fixado do afeto dito como triste, para além da diferença, da multiplicidade e dos afetos singulares (novos atos como absorção e precipitação da potência e da virtualidade), pode também incluir como estratégia de mover um passo-atrás do ato, um would-prefer-not-to, em direção ao escuro e ao silêncio.

Escavar o opaco da luz, não significa procurar o translúcido ou o claro. Assim como o par de correspondência ao próton não é o elétron (mas, respectivamente, o anti-próton e o anti-elétron, de acordo com a física mais contemporânea), uma investigação pode adentrar o escuro não para singularizar (produzir minoritário ao majoritário/hegemônico/supremacia/imperial/colonial etc), mas em vista do anti-escuro; ou ainda, tomar o ato para avessá-lo: da morte, por exemplo, um anti-ato ou uma potência-do-não evidenciada a partir daquela expressão mesma hiper-identificada ao ato da morte/atuação da morte, por exemplo.

Inventar um afeto-pelo-avesso não é outro-Ato, seja como Ato-contrário (contrário da música é a não-música, talvez o grito), seja como Ato-contraditório (contraditório da música é o silêncio). O Anti-Ato não é Ato-Tese ou Ato-Antítese, nem contrário (por exemplo, em Hegel) ou contraditório (por exemplo, em Marx). Se o poder é relação (por exemplo, em Foucault), aqui o poder é arké (potência atemporal), domicílio da potência-do-não e do skotos (escuro).

O Averso da Terceira Força em Psicologia (Humanismos, como o de Rogers) não é a Primeira ou a Segunda Forças: é o tempo caracterizado pelo escuro, pelo inorgânico, pelo formativo; é o tempo dos fazeres e das práticas, da aionética. Nem como actantes, nem como incorpóreos: em vez dos atuados, apenas os cambonos – que se movem no escuro.

Assim, produzir um Pensamento, e não propriamente uma Filosofia que problematiza (probale, lançar algo a frente, expandir a fronteira), é também avessar o Ator, bem como o Ato singular, é avessar o pós-moderno para um domínio anti-contemporâneo. Aversar não apenas a dor e a morte, mas também a vida e o amor, como atos por emborcar, para revirar ambos, o dito positivo e o dito negativo: avessar a Atualidade, ou produzir Contra-Atualização e liberdade na potência-do-não.

O que se relewa como essa dan.ça-movimento-dan.iel é a condição inescapável de um tipo de som e linguagem na pista, na praça, no campo aberto, de um baile que parece um afeto extraviado da mercearia<sup>200</sup> central do Crato ou de qualquer sertão inimaginado... O

---

<sup>200</sup> Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=01aCcYfZsfA>

avesso é o lugar dessa profanação, é o escavar para todo o ato... o avesso é condição profanatória: é "fleí", é o anti-ato, é potência-do-não.

Agir nessa perspectiva da liberdade humana, não é uma coação por assédio emocional, mas a necessidade imperiosa de um tipo próprio de existir – o avesso do ato, ou a potência-do-não que se afirma/desvela quando a condição do outro é invisibilizada ou tornada objeto, ou quando a alteridade e suas experiências mais particulares são aniquiladas/solapadas.

Ainda G. Agamben, no mesmo texto anterior:

"(...) Autenticamente livre, nesse sentido, seria não quem pode simplesmente realizar esse ou aquele ato, nem simplesmente quem pode não realizá-lo, mas aquele que, mantendo-se relacionado com a privação, pode a própria impotência. (...) Se uma potência de não ser pertence originalmente a toda potência, será verdadeiramente potente apenas quem, no momento da passagem ao ato, não anulará simplesmente a própria potência de não, nem a deixará para trás em relação ao ato, mas fará com que ela passe integralmente nele como tal, isto é, poderá não-não passar ao ato

(...) Aquilo que a tradição filosófica habituou-nos a considerar como o vértice do pensamento e, ao mesmo tempo, como o próprio cânone da *energeia* e do ato puro - o pensamento do pensamento - é, na verdade, a doação extrema da potência a si mesma, a figura completa da potência do pensamento."  
(grifos nossos)

Considerando a dimensão avessa da potência, ou a potência-do-não (salve Agamben que nos atentou do confinamento aos atos, seja atualizantes e identidade, sejam contra-atualizantes e diferença), quais cores e paisagens imaginadas podem desdobrar-se desse processo de anti-envolvimento da singularidade e da atualidade? Uma nova pista-percepção-perturbação está nas areias e rádios de praia: "a onda agora é fazer o fleí", profetizou Daniel Peixoto, com sua música, vídeo e lambe-lambe (um fleí) nas ruas de Fortaleza.

"Fazer-o-fleí" é intercessor para uma "condição-virada" que essa arte híbrida contemporânea ofereceu-nos, em sua maior porosidade-caótica: "(...) Não me importa se o fleí é proibido (...) eu vou lhe ensinar/ A nova moda que vem do Ceará (vem do Pará) (...) Bote essa língua pra balançar/ Como uma cobra toda pra picar (...) Fazendo o fleí devagar/ Até o olho revirar (...)".

De onde começou as primeiras frases do que seria a provocação musical, lê-se ainda em 2009: "...como vocês estiveram lá, vocês vão me entender; 'lá onde?' Belém (Pará) (...) eu ganhei uma música, eu quero que você regrave isso (...) eu fui ouvir: 'a onda agora é fazer o

flei”<sup>201</sup>. Até propriamente o vídeo completo de 2014, em matéria divulgada pela revista<sup>202</sup> Rolling Stone Brasil e a MTV-Brasil<sup>203</sup>.

Tecnicamente, “flei” é sonoridade emprestada nas adaptações regionais e populares: *fleur de rose*, beijo na rosa... Mais do que eventual discrepância aos duplos por identidade, confinamento e captura, mais do que um “acaso” fonético ou falta de coincidência à suposição de original/matriz, o “flei” é sempre invenção: não há coreografia ou regime disciplinar, hierárquico ou gesto instituído.

Potência como fricção no escuro, potência na exploração à sombra, potência do não e do gemido, do tato à margem do segmento e diagramação, o flei é o desconhecido que arde e perturba, é contravenção, é disfunção: é potência de recusas à *pétale de rose*, à *feuille de rose*.

Se a vida não está reduzida às definições particulares dos atos (atual, atualidade, atualização etc) e suas instituições de controle/dominação/facismos; então, de possibilidades e diferenças é que se constitui o viver: abertura, infinito, virtualidade, visceralidade.

Com um corpo de investigação e experimentação tropical, assim, colorida, eletrônica e quente, de tantos possíveis e outrora bloqueados ao que se repetia, instituía e submetia, um flei tudo, flei a tudo... como quem zoa, como quem não leva a sério o gesto, a interpretação, a representação banais. Uma explosão de potências, um ritmo do imediatamente-corpo, os afetos do gueto para o clubber de verão: “dê flei, quer dizer, play”<sup>204</sup>!

É soltar-se, um render-se ao anti-le-fleur, flêi... f’lei como quem disse tudo, sem falar nada... sem ter que sugerir o contato ou *rapport* oral-anal. Então, se engana quem acredita tratar-se apenas de uma letra sem contexto para a música: a póstica que envolve o mundo é mais que a aparente sensibilidade rasteira no brincar de letras!

Distante da potência meramente justificada no ato/atualidade/atualização, a potência-do-não é lance no escuro, é flei, fleimamento... é ter olhos abertos na penumbra, é deixar o claro sem cair no sono, é suor e odor: fazer o flei é sempre escavar no escuro, é ter o rosto salgado com lágrimas ardosas.

---

<sup>201</sup> Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=e2b7gmcFUy0>

<sup>202</sup> Ver: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/veja-flei-novo-clipe-de-daniel-peixoto/>

<sup>203</sup> Ver: <http://www.mtv.com.br/noticias/daniel-peixoto-lan%C3%A7a-novo-clipe/>

<sup>204</sup> Ver: <http://www.quedelicianegente.com/2014/01/o-hit-do-carnaval-estamos-viciados-em.html>

Já no vídeo do Daniel é um “perder-se” entre o aparentemente habitual nos pontos de locação do comércio popular: propositalmente a sensação de luminosidade plena em lugares pretensa/socialmente cagativos (segundo a norma culta, “irrelevantes”), manhãs para canários em gaiolas, gemidos e urros no sexo das esquinas, paredes de colorido descascado, fios elétricos, transeuntes, trabalhadores, automóveis e caminhões, sk8, moto, prancha, quadra de futebol com tela rasgada; dos centros comerciais com seus prédios e ruas sujas, salão de beleza, feiras e barracas ao ar livre, bancas de comida e produtos variados, das Praças do Ferreira e José de Alencar, do Beco da Poeira, até as cercanias do Pirambu (favela), na Avenida Vila do Mar, da areia, mar e céu. Um “fleii” pode conter o mundo da Praia de Iracema à Praia do Futuro... pode conter o universo inteiro?

Dar um “fleii”, oferecer essa experimentação tácita como mediação, para além da mera imaginação ou da informação a respeito, não é qualquer coisa como quem lambe um prato de comida ou o resto quente de um doce na parede da panela, ou mesmo quem lambe, como beija, afaga e excita, as carnes, o músculo do pescoço, a orelha de outro alguém. Dar um fleii é abrir passagem, sujar-se, misturar-se, poluir-se... esse fleii, por excelência, é uma imagem do norte-nordeste, do que se transforma no contato e nos (nossos) gemidos matutos.

Enquanto para os dançarinos no videoclipe, vemos disparadores únicos, na medida em que os vetores dos seus corpos desdobram-se de sensações, intensidades e afetos que transacionam com a vida, o presente, o instante... Ainda no vídeo, entretanto, o Daniel provoca com inteligência e delicadeza, na sua posição emborcada ou invertida: parece yoga (um asana), mas não é o contexto; pode ser percebido como um estar parado, mas é movimento e (re)torção; diria-se como um ato em diálogo com a dança dos outros, mas segue para outras direções, compõe junto a outras forças... um fleii, no/com o vídeo!

Um deslocar-se tanto de Fortaleza como do lugar Universal... Deslocar-se das duas forças de atração e de repulsão, de apego e de aversão, de sintropia e entropia – no caso do Daniel: eletro-rock e technobrega-pop... A própria câmera, para sentir-se nesse plano alterado de sensações e contorções, revira-se com o próprio evocativo: ora, não é disso que trata o “fleii”, uma tontura de perspectiva? Descamar e desnortear os corpos (do outro e de si) sob o efeito de outras gravitações?!

Parece que essa intensidade que sorve do gosto no outro, não tem direção, nem orientação, nem território disciplinar: também no vídeo, Daniel sublinha o ícone de uma língua roxa de tanta rosa, de tanto lambe, chupar e foder com esse músculo que fala do seu próprio desejo. O movimento da dança também sugere desde FaceSitting até

experimentações variadas de composição corporal, quase por atrás e na frente... acima, e fora do corpo: sinalização de um "fleii" não pertence a lugar nenhum!

Se os dançarinos, do mesmo vídeo, da rua, da vida, extrapolam o gesto banal e padronizado, com seus atos singularizados, o fleii é anti-arké na medida que não busca entranhas, nem permanece nas extremidades. Quando se transcorre ao nível do inesperado, e não apenas como ato mecânico ou ato singular, então, quando os lábios que mordiscam a superfície da pele, são parte de uma mesma boca que desliza sobre poros e orifícios, se não for apenas um idiota afogado na saída mais próxima, há possibilidade de não ser apenas um "beijo grego" para tornar-se um intempestivo "fleii": de potência como ato, para potência-do-não.

Não há, também por ilustração dessa inversão, como impedir as intensidades que surgem acopladas às remixagens (vide a pluralidade do "soundcloud.com" etc), a partir das novas sensações adaptadas a um trabalho concebido e divulgado... O "Daniel", por exemplo, que muitos venham a ter contato, já será possivelmente uma "velocidade" retraduzida e replicada, de entidade situada espalha-se como virtualidade pura. Dessa forma, o que deva talvez sublinhar não é o caráter de atualidade/atualização da obra, mas a potência que surge de novas sombras.

Se remixar é tomar para outro-de-si uma produção singular de terceiro, de modo a bifurcar/derivar um trânsito inesperado, a ponto inclusive de facilitar que o autor inicial reconheça outro território de composição, que assimile e torne-se esse processo maior que sua produção original... Imaginemos, então, o colidir para duas pinturas, ou pretender remixar as cores da música: abrir e transformá-la, um *mashUP* que interfere entre suportes/linguagens, entre timbres e qualidades do som.

Esse tipo de remixagem conceitual expande-se no corpo de outros tantos, assimilando diversas influências ao campo de fruição melódica: esse mundo pop é um grande remix, é também um mundo suave para Deleuze... Até conceber, ademais, o remixar de uma música para convertê-la em ensaio com letras harsh-anárquicas: flutuar entre o "não-disse-que-não-sou-eu" e o "disse-que-não-fui-eu-quem-o-fiz"... deslizar do ato colado (original e apenas repetido) para o seu duplo-escuro, gerar uma potência-do-não em contato-exercício... remix<sup>205</sup>, beibe!

Agamben e Daniel Peixoto, como feixes de intercessores remixados, proporcionaram um tipo de escuro-tropical, do silêncio, do sem-forma,

---

<sup>205</sup> Não deixar de ver esse remix entre tempos, linguagens e culturas; entre força, velocidade, explosão e suavidade no molejo:

<https://www.youtube.com/watch?v=l65BI3VnDK0#t=220>

do sem-figura, do não-ver, sobretudo do não-agir e do não-conhecer: uma potência com o imanifesto (o não-dito embora audível com o escuro, o não-visto embora visível com o escuro, o anti-ato que é diferença para a simples nulidade, ou ato-nenhum etc).

Essa condição propriamente anfíbia, da ambiguidade entre terra e água, da dynamis e adynamia, da potência e potência-do-não, do poder e do poder-não, preserva um raro lugar do pensamento ocidental onde é legítimo o não-ato, a não-atualidade, o não-atual, a não-atualização, o não envolvimento pelas sensações e suas aparências.

Profanação por excelência, deslocamento para o "sacer" impedido com todas as suas claras demarcações, o "fazer o flei" não é o enfiar algo para gerar, seja no tubo, seja na tuba... porque é ainda na prancha, é na superfície que se busca o mais profundo, é na pele que os deleuzianos rasgam o server da potência que vislumbra.

A "(f.)Lei" não é um ato de oblação ou evaporação no escuro, embora, para além das identidades e intensidades, constitui uma forma de abismar-se<sup>206</sup> no sem-forma e no sem-imagem. Se rabeir é potência, a "(f.)Lei" é potência-do-não; se puder chamá-la de uma mística, onde cessa todo o palco reconhecido e inventado, então, essa é a condição inseparável de Daniel Peixoto... e também Jorge Vercillo, ou Maria Bethânia: "O mais importante do bordado, é o avesso, é o avesso (...) É como me foi passado o ensinamento".

Em vez do ato, da atualidade, da atualização que se ejeta como a sinalização irreproduzível do excremento, o que era constituído apenas como saída, passagem, ou lugar de nada e ninguém; é invertido, subvertido e avessado, ocupação trêmula com potência-do-não. Não é retornar, não é ficar, é emborcar-se ou girar a língua todas as vezes das vezes, até que não há o dito e a gramática.

Ao avesso dos lugares, das pessoas, dos corpos... o avesso da semelhança, da identidade, e do comum – sobretudo, da atualização que realiza... o avesso da atualização que continuamente projeta: um "fleir" também no virtual. Ui! Cuidado, nesse ponto: uma "(f.)Lei" não é um flerte. O que sucede quando um "conceito" é fleitado? Não há agenciamentos – apenas traquinações-f.Lei! Um brinde aos intercessores tropicais, Dan´gamben!

---

<sup>206</sup> Ver: <http://www.sedentario.org/internet/exposicao-de-arte-o-olho-do-cu-4918>

# PARTE V

## Os espaços





“(…) se o estudo e a razão vigilante são a alucinação própria dos Brancos, **a escrita é o seu xamanismo**”  
– Viveiros de Castro

“O essencial é o abismo que arrasta consigo esta pluralidade de mundos. Não podemos imaginar um acordo entre nós e os outros se não medimos primeiramente o abismo do desacordo, que vibra em tudo que nos circunda: a definição de Deus, o mercado, a eficácia técnica, o mundo científico possível, ou aquilo que chamo multinaturalismo. A profundidade desta pluralidade (...) é o metro de avaliação de todo contato. Por esta razão, sustento que não se pode fazer paz sem antes passar pela guerra. E é claro que os modernos nunca passaram pela guerra”.  
– Bruno Latour

“Que canto há de cantar o que perdura?  
A sombra, o sonho, o labirinto, o caos  
A vertigem de ser, a asa, o grito. (...)  
Que canto há de cantar o indefinível?  
O toque sem tocar, o olhar sem ver  
A alma, amor, entrelaçada dos indescritíveis. (...)”  
– Hilda Hilst, Da Noite

Uma imagem que não vai embora, as sensações que invadem e o não saber do que se trata exatamente; enigmas, escritas, angústias que a escrita não dissipou. Ainda o desenho no guardanapo, a obsessão por dois círculos sob os olhos do Herr Doktor... um ponto frágil, como uma pergunta não-simbolizada para a caneta imóvel e defensiva!

Um ponto dos infinitos pontos e improváveis direções, um ponto de infinitas retas e caminhos, avanços e retrocessos, contornar e desfazer; um ponto no espaço-intervalo de ambos os círculos, e, para os quais, visível e aparentemente, não haveria nenhuma intercessão. O ponto foi uma interrogação gráfico-visual, quase um sinalizador de gravidade – dos movimentos cessados, das idas e vindas breçadas!

Na secção horizontal, como quem defere um corte anatômico para um tubo, apenas duas superfícies circulares fracamente delimitadas. Olhando de cima, são dois vestidos abertos em torções-espaciais que, plausível e indefinidamente, transparentemente, não limitam a visão a um mesmo plano de atravessamentos. Imagens lindamente arredias, que não submetem a delicadeza para a errância.

Dois cilindros onde percorrem os movimentos das espir(itu)ais: os três planos imaginados das Casas, das Cidades, das Comunidades, por

exemplo. Superfícies anti-planas, que bem poderiam ser três galerias-experimentais, três campos instauradores de performances: MoMA, Guggenheim, The Kitchen. Ou pedaços de mim, do meu transtorno, da minha vivência chuvosa. Círculos em aberto, para cima e para baixo, verticalidade frouxa como saudade não especificada.

Questões de pele na cumplicidade, na convivência e no pertencimento – aspectância ternária em um mesmo (con)domínio, ou difusos entre jardins (e não três campos) de problematizações cruzadas; talvez, questões de maior preponderância em domicílio específico com distribuições bastante aleatórias para os demais; talvez, intensidades não simétricas, de efeitos não paralelos, com seus vetores percorrendo e/ou coletando, atravessando de uma camada para outra, com incidências maiores numa e não gotejadas para outra. De novo, (h)á saudades que trago – de tragar e não apenas levar-trazer... elas borram os tecidos diversos, de um para o outro, até o seguinte também.

Poderia ter considerado algo fugaz, embora ainda não tenha retornado daquela experiência: lá fui deslocado (um choque) de alguma forma que não sei, nem como, ou do que me privaram etc. A imagem, por si só, dos tais círculos, não está separada dessas inquietações com a chegada de viagens e a gestação ainda não assimilada dos velhos mundos deformados. Sensações bastante turvas. Em cada círculo há um ponto central que não está desenhado, e de cada ponto há um tracejado de outros pontos equidistantes em raio; na sombra de cada círculo explicitado, há modos ser (em círculo) e modos de não-ser (em círculo), ou todas possíveis outras geometrias por emergir.

Se o Comprimento da circunferência é aferido na fórmula “Pi multiplicado por 2 vezes o Raio” (ou, simplificadamente: Comprimento é igual a Pi vezes o Diâmetro), ao visualizar o perímetro dos tais círculos, se eu suportar (nutrir a coragem existencial) de propor uma divisão do “Comprimento pelo Diâmetro”, qual será a minha resposta? Olho para um pequeno tablado circular, um palco de modestas apresentações artísticas no Sertão. “Onde está o infinito que o perfeito círculo-finito abriga?”, pergunto-me com o mesmo olhar de curiosidade nas crianças.

Então, se falo desse “infinito” no Pi, estou referindo-me a um número irracional e transcendental (que não é raiz de nenhum polinômio), cuja amplitude dos seus elementos não-enumeráveis (tanto como número irracional como transcendental) é maior do que outras grandezas “infinitas” – por exemplo, nos intervalos admitidos por números naturais, inteiros e racionais. Destarte, há infinitos maiores e menores, diferentes-infinitos ou “diferença nos infinitos”, que possuem mais elementos em seus conjuntos quando comparados uns aos outros (aspecto de cardinalidade, ou comparação dos objetos entre conjuntos).

E o que significa, ademais, pensar que dado intervalo de um infinito não-enumerável (portanto, obviamente, ele próprio infinito), venha a constituir uma bijeção (correspondência entre o número de elementos) com o infinito não-enumerável daquele conjunto como um todo (portanto, uma relação entre dois infinitos)? A quantidade de elementos entre “0” e “1” é a mesma quantidade de números dispostos na totalidade da reta real...

Trata-se do surgir de diferenças-infinitas que não são místicas ou espirituais, mas formuladas/ou percebidas (a depender da interpretação) na Lógica/no Lógos de uma sequência determinística. De todo modo, para mim, essa experiência do infinito (e não sua compreensão) segue mágica: o Sertão povoado com diferenças-infinitas?

Nos infinitos-possíveis que o Pi abriga, há todas essas possibilidades numéricas, data, hora, localização do nascimento e morte, de todos os seres humanos, com os registros de documentos, o momento em que encontros significativos ocorreram, a despedida para o amor que ainda não conhecemos etc.

Convertendo-se essa sequência numérica de infinitas combinações para um código bitmap (tabelas mapeadas de cores), teremos uma sequência de imagens, ou um filme com todas as combinações de vida e morte, minha e de todas as vidas possíveis, e além delas todas. Infinito, assim, que transborda ao inconcebível, constituindo outras fronteiras do inefável e do inefando, em quaisquer circunferências do cotidiano: um anel ou o disco na barraca de sol na praia.

Sinto arrepios, nessa tentativa experiencial de estabelecer contato com o infinito camuflado de vida comum: afinal, o que significa “dividir”? Para todos os círculos do Universo, grandes ou aparentemente invisíveis, o que é mesmo esse agir-dividindo quando a (única?) resposta possível é uma constante-infinita, um número absolutamente caótico e irracional:

**3,1415926535897932384626433832795028841971693993751058209749445923078164062862089986280348253421170679821480865132823066470938446095505822317253594081128481117450284102701938521105559644622948954930381964428810975665933446128475682337867831652712019091456485669234603486104543266482...** (com milhões de outras casas decimais, e segue... e segue...)

Sei que fiquei pensando, inicialmente com esta e uma matemática dos conjuntos, depois com estatística (como se a probabilidade de um dado desfecho fosse a única possibilidade de qualquer intercessão/interceptação entre arte e ciência, por exemplo; ou, da

sensibilidade com as políticas públicas etc; de campos, afinal, irreconciliáveis). Com as semanas que se passaram, observei-me mais enfermo, corporalmente falando, como se escaras da memória-abrupta-ruptura, se os dois círculos ampliassem a paisagem desconhecida sobre o meu corpo... mais e maior superfície absorvida dentro de um enigma sensorial que, em mim mesmo, completamente desconheço.

Fui conjecturar tardiamente como imagens de duas moléculas, ato contínuo, como duas células... até que me chegou esse convite-arcano das tais imagens da trindade (onde, por ossatura-cognitiva de Euclides, duas coisas – meus dois círculos – são iguais entre si – como substância – se forem iguais a uma terceira – o tal deus, como princípio unitivo e transcendente aos dois, expressão da pura imaterialidade ideativa). Axioma 1, nos Teoremas de Euclides: “Duas coisas iguais a uma terceira, são iguais entre si.” Dos gregos e assim também, as três pessoas como deus-trino-indivisivo.

Surgiu um terceiro círculo de tracejados espaçados, um terceiro atravessamento, um ponto incólume, um princípio lógico de passagem: nos Doutores da Madre Igreja, apreende-se que conhecer esse princípio unitivo é viver o amor. Lê-se a propósito de Agostinho de Hipona, em “De Trinitate”:

“A menos que o amemos agora, jamais o veremos” (quem tamen nisi iam nunc diligamus, numquam uidebimus, De Trin., VIII, 4, 6) (...) o movimento (...) muito em especial, do amor (...) que é ‘insinuação’ em nós daquilo que o Espírito Santo é na Trindade. É preciso então reescrever a primeira fórmula do Profeta: não apenas crede ut intelligas mas também ama ut intelligas. O amor é em si mesmo um poder de conhecimento (...) A menos que o amemos agora, jamais o veremos (...) que ninguém diga: não sei o que amar. Ame o irmão e ame o próprio amor (...) Convocando São João - ‘Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor’” (Rosa<sup>207</sup>, 2008, pp. 10 e 30)

Quase uma análise de eventos que se catalogam fora de mim! Inventário abstrato de transformações, de onde também não escapa a representação igualmente “remota” (impessoal?), ancestralidade dos círculos como totalidades-psíquicas: um duplo com seu avesso conectado, 3 e 3 (idade crística), infinito e transcendência: conexão na via do amar... como um salto! Pensei que se tratava de uma oportunidade da criatividade, da minha inspiração, das minhas poéticas, de um conteúdo a ser trabalhado como fruição literária. Tentei esgotá-lo com o papel digital, mas não se emprestou aos textos, nem à meditação.

---

<sup>207</sup> Rosa, JMS. Introdução. Disponível em: [http://www.lusosofia.net/textos/agostinho\\_de\\_hipona\\_de\\_trinitate\\_livros\\_ix\\_xiii.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_de_trinitate_livros_ix_xiii.pdf)

Tardiamente, com as leituras da madrugada, chegou-me Santo Agostinho, com a sugestão de um amar integrativo e não a opção de entender. Dessa bifurcação, a muito custo de insônias, imagino-me como quem está sendo invadido (com ameaça de destituição): a imagem fixada é a de dois círculos, que nas representações arcanas seriam dois Ouroboros, dois Ciclos, dois Tempos – nas Psicologias Profundas, duas representações (das mais) poderosíssimas da Totalidade Psíquica (Si mesmo, e não o-fora).

Eu as vi, ainda no meu conturbado retorno para o Brasil, na mesa dos Cafés atemporais, desenhadas por uma imagem do meu próprio Velho Sábio, arquétipo que comparece na minha (difícil) transição de mundos. É uma visão que remete, mobiliza, convoca, desperta, evoca: dois círculos, duas paisagens, Ocidente e Oriente, duas vidas afetivas para adentrar, dois temas inoportunos que agora me parecem insuportáveis – essa cidade onde moro, e onde não me reconheço; e a qualidade dos relacionamentos afetivos com os quais lido cotidianamente.

Observo que há um procedimento não-metódico para o meu trabalho sui-generis, embora não seja a barca-terra que alcança seus novos postos de saber-colonizado, nem a barca-água que afoga (inunda ou penetra) os tesouros no azul-fágico do oceano. Sob um prisma de quimeras avaliativas, minha barc´ar-te não se reconhece na função de apontar problemas que, talvez- apenas por ela, seriam hipoteticamente transpostos – ao contrário, seus atributos de ar, de arte e de um “te”-imperativo-afirmativo confrontam os dispositivos de referência, de consistência e de composição... criando mais problemas, admitindo mais variáveis e forçando mais velocidades.

Balizando-se por um Hérmes-pirata, com suas qualidades de ar na trapaça, no saque e no sotaque-loquaz, trata-se de desestabilizar a análise-imagem produzida em resíduos de si mesmo (inclinação ao “tu” ou “te”, em vez do “eu”), ou de criar as bases expressivas para vedar essa própria voz-eu (“-te-ás” em vez de “-me-ei” na conjugação-metáfora do “lançar” em quaisquer dos futuros simples inventados).

Inventa-se, desta forma, porquanto inscrita na moldura afirmativa do conflito: sua deliberação de incômoda, provocativa, impertinente, inconveniente etc., extrai potência-do-não e avesso-da-potência-do-não de uma dor qualquer (não-potência), intensidades e ant´intensidades (insistências) no avesso-de-sentimentos.

Contrária aos vetores institucionais do Capitalismo, do Estado, da Polícia, da Ciência, da Saúde, da Universidade, do Professor, da Autoridade, da Hierarquia etc, essa barc´ar-te não subscreve o manejo adequado dos conceitos e das categorias; não se filia à determinada

tradição de coerência e de pensamento; não se empresta à organização literária, com seus versos que nem pretendem sentir-comunicar. Trata-se de uma barca que suspende, como quem beija – não retira, mas administra ar e ar; um sexo tântrico, que não ejacula vida (sêmen) onde se absorve néctar (sangue, secreções femininas).

Faz-se, portanto, como uma terapêia do pensar: na sua bandeira, lê-se PIRAtERAPY (TERAPIrATARIA); nos seus lemas, a inspiração de um pensar que não é refém dos métodos da ciência ou da filosofia, uma vez que os *temperamentos da vida* são intensidades além do conhecimento (daí sua qualidade terapêutica, e não propriamente aquela orientação para inteligibilidades).

Dizia-se, parágrafos ou tempos alhures, como uma intervenção onde algo se “produz” – embora, já não seja o destino dos mares e das águas profundas. Se não é a melancholia originária dos que sacrificam o real pela fantasia, a mover culturas e superfícies (em desejo) para buscar a falta (irrealizável) que lhes recai constituinte, não é, outrossim, a variante melodiosa das Sereias em Ulisses (na Odisseia), que enterram no profundo, à salvo do ruído, da luz e do calor (mas não do tempo), objetos, embarcações e homens – três nobres classes de tesouros.

“Ele confiava totalmente no punhado de cera, nas cordas que o prendiam, e no prazer inocente de confrontar as sereias, que possuem uma arma ainda mais terrível do que seu canto, que é o seu silêncio. Pode-se conceber, embora tal não aconteça, que alguém possa escapar de sua música, mas certamente não de seu silêncio. (...)” (lembra-me, Kafka<sup>208</sup>).

Acima e abaixo do mar, com o desejo ou o sonho, respectivamente, há lemes e regimes do tempo. Bem sabe o clamor que esbarra nos tapumes de cera-real para os ouvidos dos marinheiros, a tormenta das marés-loucas que o canto-sedução faz introduzir como beleza calcinante de alegrias e tristezas: no fundo bem distante dos abismos, no meio de um mar infinito (e de metades, medidas impossíveis), a sensação de abandono faz perder a solidez e presença, a pressão move e desfragmenta.

Embora sempre pequeno e remoto, os rastros não deixam de existir... Ali mesmo, outra forma, e com outro tempo, faz surgir coisa-outra: já não barco, moedas e cadáveres – mais habitat do profundamente-frio-e-escuro-e-silencioso, na malha de relações entre outros seres e outras grandezas.

---

<sup>208</sup> Disponível em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero11/robson.html>

Nessa tormenta oleosa do naufrago, não há propriamente falta e registro, não há desejo e explorações de superfícies que se desdobram, uma vez que a sensação do que afunda não suprime a localização de um real vertiginoso... submetido ao tempo, às distâncias, mundo-sem-ar que o torna sensação empalidecida.

No reino propriamente dos altiplanos, a melancholia do naufrágio não é possível – posto que o seu útero aquoso traduz-se deveras-denso para as ventanias e inconstâncias sem confluências no espaço etérico; terra e água sugam/concentram, opostos à volatilidade/dispersão de fogo e ar.

Nos altos, falta densidade – não propriamente líquida, mas a textura/rede do silêncio. Afunda-se para comprimir o ruído com a pressão do silêncio absoluto. Eleva-se, na inversão-avesso-reverso do compacto, para espaçar e dissolver, especialmente densidades emocionais.

Do grau de silêncio que imanta qualidades sonoras aos “volumes” cúbicos, um tecido que se torna espacialidade aquosa-condutora do sutil-saber-sentir, a problemática do mais-leve e acima do sopro-comum transmite uma propriedade anti-naufrago do ar: domínio do flutuar-vagar, antagonista agitado da profundidade silenciosa.

Em vez de afundar, sublima. Igualmente deslocado dos sentidos originais, o ato de sublimar indica uma mutação no traço-sublime, um atributo de velocidades emprestado do balonismo: aquecimento dos ares por aumento excessivo do entusiasmo (do movimento e não dos quantitativos), um reter menos para liberar qualidades-dáimones que habitam os espaços do espírito.

A mudança, conseqüentemente, passa a orbitar no eixo das feições: ar diminuto, escasso, esparso, raro. Não um fazer ou feitura raros (artesanais, únicos), mas do que se move quando as estruturas condutoras do silêncio podem ser suprimidas. Não se trata de uma opção por outros sons, mas desabilitar usos habitados nesses trilhos. Em vez de naufragar, e produzir devir-naufragos-naufrágios, o firmamento é domínio da propulsão anti-gravitacional, do que rarefeita para deslocar (e não sedimentar outras formas), do que inverte-espalha-cabisbaixa na interface dos rarefeito-rarefeição.

De raptar, o rapto; de rarefazer, o raro; assim como satisfazer, o sexo. Então, o raro. Não como definição de frequência, mas atinente ao insustentável, ou raro a ponto de impraticável no espaço comum: especialmente, refratário de qualquer generalização e universalização. Ambiência, deste modo, não-obstruída com a manutenção do silêncio

(condição precípua na tensão-canto, da melodia e não-melodia, do expor e guardar) em favor de uma imagética das vastas alturas.

Quando me dirijo a um autor, Deleuze ou Agamben, dentre alguns dos mais recorridos, não há pretensão de salvar-me de impasses – ao contrário, seria o gesto-ápice na rebelião do pupilo. Leio sem o desejo da intersecção, da interpretação, ou da compreensão. Leio sem contemplar, sem perscrutar ligações, existências e tradições. Gosto de profanar, e sempre performatizar (e não perguntar) o que está por trás. Trata-se de emprestar ar, ou “dar-gás” para rarefazer os laços de pertencimento do autor ao seu universo de trabalho, deixa-lo flutuar e acompanhar suas novas alturas.

A Teoria que João, o Evangelhista, empresta à Trindade, é um dos exemplos desses passeios das alturas: são os duplos de apostasia, aos contemporâneos que rigorosamente não aceitam universais (bíblicos, sobretudo), que dizer absolutos-unitivos-na-abstração, e aos castos da revelação, que não concebem a “verdade” ladeada pelo tecido inorgânico que surge dos monumentos (de delírios-sensações-afectos-perceptos etc).

Recorro à Trindade na mística cristã (arké ou fundo das culturas ocidentais): o arquétipo do pai (o Pai-Eterno) não é o arquétipo do filho (o Salvador) que não é arquétipo do Espírito Santo (o Consolador). O Pai não é o Filho, o Filho não é o Pai – embora, “ninguém vai ao Pai” se não pelo Filho; ou ainda, somente no lugar/sob a condição de Filho é capaz de atestar o amor/a relação direta com o Pai.

João, assim como Agamben e Deleuze, celebram-me ideias-bueiros onde posso escorrer e lavar conteúdos pegajosos. Performatizar com João, por exemplo, nessa via outrora-Euclidiana que se interroga “por trás” de dois eventos com pretensão de semelhança, com a hipótese de haver um terceiro de igualdade. Ir atrás com o João, aqui, é também “pegá-lo por trás”: em territórios de “semelhanças”, não há como esquecer do rabear-Deleuziano... embora não exatamente no mar e no caldo da onda, mas das correntes de ar e dos zeppelins no papel.

Com João, não foi necessário, de toda feita, haver qualquer enodamento ou ponto de intercessão entre dois Mundos distintos: seja aquele do Filho que realiza as obras e seja aquele outro, do Espírito que esclarece (oferta) valores; entre o Científico e o Artístico que se interpõem ao mundo do pensamento-místico Joanino, não há ponto de conexão uma vez que estão constituintemente no plano não-empírico.

Ora, está bem claro, para João-balão-teimoso: entre o Universo-do-Filho e o Universo-do-Espírito, há um princípio de pura imaterialidade – qual

seja, o Deus –, que apenas se dá a compreender na função-transcendente e por excelência integrativa dos opostos – qual seja, o Amor.

Completamente distintos embora inteiramente relacionados, de forma que uma dimensão não interfere ou se quer “complementa” a outra, entende-se que: o Filho dirige-se ao Pai que envia o Espírito para o lugar deixado pelo Filho no coração dos homens.

Em nossa semiótica Ocidental, trata-se de uma solução tangiversa das três expressões por meio das quais o Absoluto revela-se ao mundo; separadas enquanto ação e ligadas como pluripotência: seja como pintor, seja como velejador, seja como motorista; são três aspectos de incidência sobre o mundo de um mesmo Absoluto, são três “Pessoas” (Prosopon, Prosopa) de um mesmo Absoluto-Trino.

Assim, Pai, Filho e Espírito são chamados de PESSOAS DA TRINDADE: um Deus-Trino que se revela em três pessoas distintas, inseparáveis e eternas. Pessoas (face que individualiza) superpostos em feixes relacionais, embora ainda separados como manifestações específicas.

EXCERTO DO APÓSTOLO JOÃO, CAPÍTULO 14  
NOVO TESTAMENTO (BÍBLIA CRISTÃ)

(fonte grega: <http://biblehub.com/whdc/john/14.htm>;  
E versão em português: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/14>)

6 Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, se não por mim.

7 Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis, e o tendes visto.

(...) 9 Disse-lhe Jesus: Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostranos o Pai?

(...) 11 Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras.

(...) 13 E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho

(...) 16 E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre

17 O Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós

(...) 20 Naquele dia conhecereis que estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós.

(...) 28 Ouvistes que eu vos disse: Vou, e venho para vós. Se me amásseis, certamente exultaríeis porque eu disse: Vou para o Pai; porque meu Pai é maior do que eu.

Embora Pai e Filho sendo manifestações diferentes de uma mesma substância (ou substância semelhante, a variar nas interpretações), conhecer/ver o Filho implica conhecer/ver o Pai porquanto o Filho está no Pai, e o Pai está no Filho.

Não é um princípio exatamente sob o escrutínio do rigor, é “noção comum”, um axioma da geometria do triângulo equilátero. Do tipo, onde se  $a=b$  e  $b=c$ , então,  $a=c$ . Então, Potência-do-Não e Avesso-da-Potência-do-Não são inconectáveis? Mesmo avessa ou reversamente? Coincide o prisma de quem observa de cima (a verticalidade de quem está em posição analítica, superior ao que abaixo se mistura como afetos e cores, quem vê dois separados), para quem observa de lado (e constata um mesmo plano)?

No prisma da lógica antiga (Euclides), os dois primeiros aspectos, Filho e Espírito, só podem usufruir do estatuto de igualdade divina entre si, se forem iguais a um terceiro por trás de ambos: vê-se ao Filho (caminhar, ensinar, curar, ressuscitar etc) que ganha corpo; sente-se ao Espírito (que é enviado, descende como fagulha divina, em Pentecostes) que habita em todos nós; intui-se acerca do Pai (o Criador).

Acerca do último, ninguém chega ao Pai, que é maior, se não através do Filho, que é menor? Maior e menor da mesma substância divina?! O Filho dirige suas orações ao Pai, o Filho chama por seu Pai na cruz... Embora, quem vê ao Filho, assim como suas palavras e obras, já enxerga, já escuta e já convive ao lado do Pai; amar ao Filho deriva o Amor retributivo do Pai em sua direção.

O mundo não pode receber/ver/conhecer o Espírito que o Pai enviou e que já está dentro de nós. Ademais, tanto o Pai honra o Filho (crer no Filho habilita a realizar obras maiores, uma vez que o Filho estará com o Pai), como o Filho honra o Pai (solicitar do Pai por intermédio do Filho será realizado para glorificar o Pai).

Perguntar-se “o que está por trás” do Filho e do Espírito, não significa buscar uma relação necessária entre substâncias invisíveis. Não precisa significar, apenas, a pretensão de origens para um e outro, Filho e Espírito – não há origem possível quando, os três, Pai, Filho e Espírito já são facetas inseparáveis (aspectos em ação) de uma totalidade numinosa. Perguntar o que está por trás não me sinaliza a origem (contemplar), mas permite inverter, avessar.

Vagueio sobre aqueles dois universos – onde há relação sem que haja trocas/misturas: não há trânsito eletroquímico e eletrofísico, não há fluxo de partículas, substâncias, biologia, química, física... Um tipo de charada mágica: duas formas pertinentes à Physis, relacionadas ao mesmo mundo/substância embora não fusionadas/separadas entre si? Girar o mundo de todas as metáforas e imagens remotas, para concluir o óbvio: que as “pessoas” são estes universos paralelos, nas suas tentativas de precários e irreduzíveis encontros, com tentativas de aproximação e de compartilhamento afetivo.

Para sonharem outro espírito entre si, duas substâncias-pessoas colocam-se ao lado de cada outra: sem reagir (densidades), sem misturar (solubilidades) e sem dissolver (miscibilidades). Par de moléculas, todavia, que transacionam no intervalo estésico dos seus anti-orbitais: percorrem as distâncias infinitas que não efetivam itinerários da eletroquímica e da matéria escura.

Na aproximação de combustões mútuas, vê-se o despertar gradual do que era apenas solução homogênea (de fase única): os volumes que colidem entre si, as bolhas que tendem ao vapor, uma vigorosa experiência estética de instabilidades; direções opostas no subir e descer, agitar e quiçá transbordar, a vertigem da H<sub>2</sub>O (água) e do Hg (mercúrio).

Assim, um “monumento” vivo com sensações ígneas, micro-afectos e perceptos difusos, como matéria plástica e instalação de um tecido enervado com os micro-cérebros da arte (pessoas não-humanas): nesse móvel de afetos aparentemente estati(sti)záveis, o inorgânico também cria o volume, as cores, os materiais, o aconchego sensível de um único ninho que não se repete como os vôos... as escavações com as quais as forças do tempo infiltram-se e talham os grandes rochedos, as teias que rasgam e predem os desejos aracnídeos etc.

Quais palavras reverberam das ameaças e das promessas, do distanciar e do invadir, do entrópico e do sintrópico, dos contrastes tão insolventes: água que apaga fogo que evapora água, ou valsa com as bolhas da água e as dores remexidas do mercúrio? Que tipo de pensar atravessaria tal Universo de intensidades para desdobrar sensibilidades (e não problemáticas) de uma saúde que ultrapassa a segmentação qualitativa-quantitativa, uma mistura paradoxal do verde e do cinza no sertão?

Experiência da arte como endereço-incerto, das vidências-intensas (kósmos) para o desvairio-impulsivo (kháos): sem talidades, sem unidades, sem até fragmentos disparadores. Choques permanentes, desafios irrefutáveis, ranhuras (e não recursos) inexploráveis: um redário

sentimental sem conservação, sem crescimento, sem desenvolvimento, sem edificação...

“(...) para Aristóteles, a arte é uma técnica do orgânico artificial, daquilo que, criado pela habilidade humana (téchne), tem todas as características do ser vivo – singularidade, totalidade, autonomia, finalidade interna. No século XX, Deleuze foi o filósofo que mais profundamente rompeu com a visão aristotélica do homem. (...) Como Deleuze (...) afirma: ‘A arte não é privilégio do homem. Messiaen tem razão em dizer que muitos pássaros são, não só virtuosos, mas artistas (...) As qualidades expressivas – escreve Deleuze em Mil Planaltos – as cores dos corais, são auto-objetivas, ou seja, elas encontram uma objectividade no território que elas traçam (...)’ A arte começa com o animal, pelo menos com o animal que talha um território e faz uma casa (...) A criação artística, atravessada por forças não humanas, projeta-se no universo, no cosmos, na vida inorgânica. (...) micro-cérebro, como existência de um pensamento presente em todas as formas da Natureza, mesmo ao nível das plantas e dos rochedos (...) O pensamento encontra-se nas existências mais elementares, nas mais embrionárias, como pura faculdade de sentir. (...) ‘É o cérebro que pensa e não o homem, o homem é só uma cristalização cerebral (...) A filosofia, a arte, a ciência não são objetos mentais de um cérebro objetivado, mas os três aspectos segundo os quais o cérebro se torna sujeito (...)’” (Nabais<sup>209</sup>, 2009)

A invenção artística dos micro-cérebros que se emaranham do inorgânico afirmam possibilidades de conexão em aberto e circunstanciais. Potências e singularidades na composição de riscos iminentes, tecido refratado na via “do sentido/da representação/da subjetividade”, do que se arregimenta como os placebos anestésicos desse “periri” (perigo da experiência) no iminente da regulação, preservação, sobrevivência e atualização.

Em vez de resiliência (essa volição de maior coesão-coerência-congruência) e sua gestão dos desejos (forças submetidas a finalidades quaisquer, quando a virtualidade da potência encontra-se reduzida ao espectro-do-ato), no avesso dos valores últimos e/ou universais (dentre eles, a tal vida-a-qualquer-custo, vida crua, vida nua etc), surgem relações intransitivas com as velocidades infinitas de colisões, de rupturas e de invenções: “(...) Porque o CsO [corpo sem órgãos] é tudo isto (...) necessariamente um Plano, necessariamente um Coletivo (...)” – G.D. e F.G.

Na condição de facilitadora de “potências/intensidades-corpo” e não apenas lastro de “potenciais/circuitos-organismo”, se houvesse tal proposta interventiva no horizonte dos sabores contemporâneos, *a empatia seria ferramenta performativa da multiplicidade e suas forças alegres* (tempestades que não se afogam no lugar fixado, e apostam

---

<sup>209</sup> Nabais, CP. (2009). Homem/animal: arte como anti-humanismo. In: KOHAN, O. ; XAVIER, W.; XAVIER, M. (Org.). ABeCedário de criação filosófica. Disponível em: <http://cfc.ul.pt/biblioteca/online/pdf/catarinanabais/homemanimal.pdf>

na cigania, errância e nomadismo). Em vez de um fenômeno capturado na significação e na identidade, empatia-como-experiência (e não solidariedade experiencial) apontaria ao não-lugar, à jornada-ao-contrário, à terra que-esvaziou (e não desterritorializou):

"It is there that emotional experience , which should help us to extract the evidence of our relationship to the world, is not a simple model of apprehension of other experiences, it is a performative modification tool of experiences: **changing rhythm in order to allow oneself to be inhabited by an experience**, slowing down; accepting that one no longer knows what thought one knew , hesitating; there is no way around an experience in which I can no longer know what is the world and what is I, an experience in which the 'I' is in the world and the world is in me (another way of saying that since the I and the world have dissolved or do not yet exist as such), being moved. The theory of emotion as a proposition of experience is a theory that is then defined **as a practice inducing movement, perplexity, and affect**" (Vinciane Despret)

Empatizar como amplificação experiencial das perplexidades? Lamber os tons acres do sertão para escutá-lo com todo vagar, cheirar o blue-hell para escutar melhor o ritmo dos centros urbanos, até conseguir esbarrar nas interfaces sólido-subatômicas dos nanocristais<sup>210</sup> que tornam dois líquidos imescláveis (entre água e óleo, por exemplo): empatia como aquecimento do béquer.

Então, já não seria empatia com a individualidade, já não seria uma compreensão/contemplação afetiva, já não seria empatia com o ente do ser: a empatia, assim, como prática do "sempre-outro-amar-qualquer", joga como instituinte de duplos por diferença-irreduzível onde houver expectativa do uno por semelhanças...

A empatia apenas como um incômodo na corrupção do caminho, do fluxo, da direção: não a experiência de um si para um outro, mas a contra-atualização empática para qualquer referência fixada no instante. Há razoabilidade no perigo e dosagem de morte?

Apenas um corpo-linguagem em cortinas de areia que respigam de enturvecimento, e suor que não apanha o vestígio-vendaval que escorre de beleza granular... Um brèal-de-areia-em-movimento-dançado-pelo-vento... uma "dança-breal": de areia fina, ampulheta do tempo... areia leve, fruição do vento... meio borboleta, meio redemoinho sem funil... apenas, casaca de areia, sem fundo e sem fim.

Essa amplitude do vazio, também foi percorrida, por exemplo, nas palavras de Giangiorgio Pasqualotto, em sua "Estetica del vuoto" (1992): o vazio no taoísmo; o vazio no budismo; o vazio no chanoyu; o

---

<sup>210</sup> Ver:

<http://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=interface-solida-entre-liquidos#.U8bEVJRdUul>

vazio no sumie; o vazio no haiku, o vazio no ikebama; o vazio no karesansui e o vazio no teatro nô.

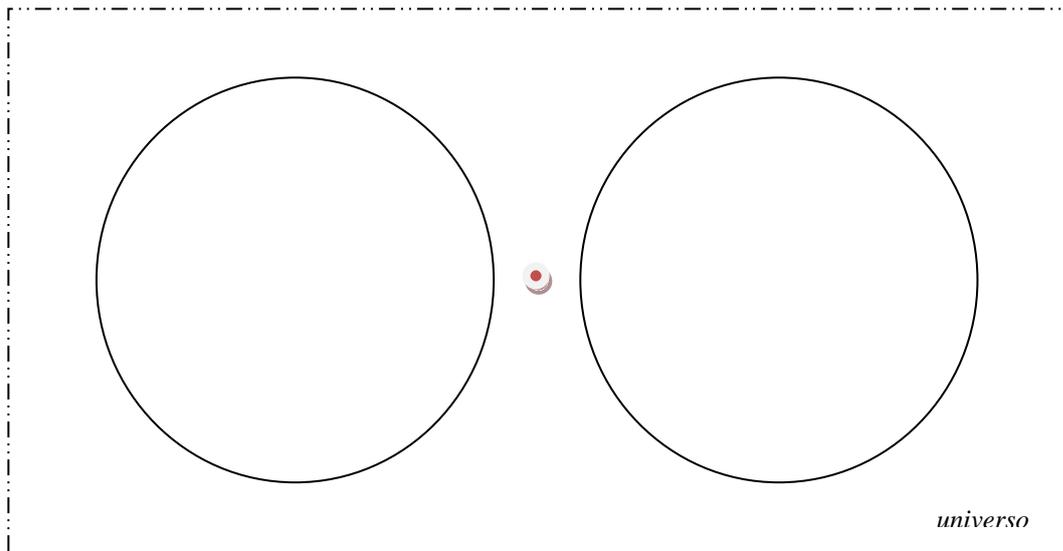
Acrescendo um brèal-movimento-vento, tempestade vazia que não chega e não voltará... Balancear e invenção, construção-de-areias-e-tempo-de-poeiras, que se deixa levar ao próprio obscurecido. Que fronteira será essa? Sombra que não se pinta, onde se deixa pintar. lábios secos, pórticos ainda molhados, onde não se segura: qual teu apelo-brèal? EMPTINESS, EMPTY, EMPTY LIFE.

Desta feita, também remissão ao arcano, buscar o inalcançável somente para transgredir das suas vagas impressões, mergulhar na semiótica da relação de ajuda e da experiência oracular, em um contraste sépia para tanto os avulsos do "que não é" como o "que não lhe é próprio", e, talvez assim, tracejar um lugar contemporâneo para a terapêia ancestral... das sombras esquecidas (perdidas ou invisibilizadas) no presente, até inventar um movimento que não seja, propriamente, aquele ofício das Jornadas da alma! Embora, ainda no sem-tempo: à guisa (um guisadinho, nada de guisos-maiorais) do Tempo de Áion, antes da interpretação (captura) dos Modernos. Não é coaching, não é modificação cognitiva, não é treinamento de alto rendimento, não é consultoria de resultados mas também não é o sagrado dos gregos e seu cosmos: "Beijar em série, beijar muito, reconfigurando temporalidades antes submetidas ao crivo da cadência amorosa e sentimental (...) O beijo assume um caráter performático. Existência única no tempo e no espaço. 'O primeiro beijo é também o último' (...)" (Fleck<sup>211</sup>, 2010, p. 12).

Eis que, nesse ponto de abstração, um orientador aproxima-se do orientando, pós-encontro e transações de meses com a produção estética do segundo. O cenário é o de um café, com discussões que se alargam por quase cinco horas. Chega o limite de um phatos intransponível ao pensamento: uma aporia imagética: conta já paga, chapéu e chaves em mãos... no guardanapo, um mapa?

---

<sup>211</sup> Fleck, GS. (2010). Juventudes trans-viadas e suas performances de afeto. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29263/000776291.pdf?sequence=1>



Do lado esquerdo, um universo do Mestrado... abstrato, como toda generalização. Do lado direito, um universo do Mestrando... relativo, como toda escuta. Um pingo da tinta esferográfica, quase visível, quase nublado de intenção: o (que) fazer na posição de Orientador?

“Como estabelecer pontes entre os tais mundos?”, imagina-se. Não é o que se fala.

Há o tal ponto, com o bico da caneta que permanece vertical... no entre de “Universos”: especialmente na teoria dos conjuntos, essa é a classe que abriga todos as entidades em dada situação. Universo da Medicina, da Ciência, do Estado Capitalista?! Universo também da Estatística: que se origina, por exemplo, do vocábulo Status (Estado) e de uma necessidade qualitativa de inventariar nascimentos e mortes. Um saber que, desde John Graunt e William Petty, ainda no século XVII, surge como preocupação exaustiva do lugar da morbidade nos fenômenos sociais e políticos (uma “aritmética política”, título da obra de Petty).

Foi assim, ingenu(in)amente, que um Orientador cumpre a sua função de desorientar, portanto, de potencializar: dos Universos no bico da sua pena, aponta ao escuro de todos os demais, com o borrão da Matemática-avessada como território onde se deslocam as sombras e as forças também da morte.

A questão dos Universos, conforme inicialmente formulada, não é a pergunta da multiplicidade, seria apenas uma interrogação do vigiar: quiçá uma questão-retórica das respostas já estão concebidas, concêntricas, contidas, convexas, não-contíveis etc. Interrogação-captura, que se vela ao silêncio dos ruídos na televisão e nas mesas de refeições, dos afetos e sensações fermentados.

A pergunta não-é, os saltos tra(i)riam as/às perguntas... de todos os demais pontos invisibilizados e potenciais, supostos como ainda não fecundados, pontos eclipsados em um tipo de olhar para um centro. Olhar habituado, apenas.

Tomar da palavra uma deixa, uma flutuação; que, na verdade, tratou de pegar os desenhos de dois círculos como letras de um assombro.

Se, em vez do ponto central e pontifex, for também possível considerar uma potência que não se reduz ao ato imediato/imaginado do ponto-central já esperado? Se, em vez de círculos, espirais?

O que há de potência-do-não, de escuro, de saltos, de não-pontos, de não-pontes?

O que salta de um ponto para outro ponto, para outro mundo e mundo seguinte, para outros círculos e demais geometrias, para outros territórios e experimentos de espaços?

Arquitetura afetiva. Alquimia.

Poesia dos (expoentes) matemáticos, e/

Matemática dos poetas, das letras que também falavam números:

“O poeta é aquele que ouve uma linguagem sem entendimento. Isso fala, mas sem começo. Isso diz, mas isso não remete a algo a dizer (...) Essa fala é essencialmente errante, estando sempre fora de si mesma. Ela designa o de fora infinitamente distendido que substitui a intimidade da fala. Assemelha-se ao eco, quando o eco não diz apenas em voz alta o que é primeiramente murmurado, mas confunde-se com a imensidade sussurrante, é o silêncio convertido no espaço repercutente, o lado de fora de toda a fala.” (Maurice Blanchot)

Uma redação mais recente foi desdobrando-se da relação entre forças opostas e suas capacidades de mover o escuro, energias khaóticas no termo dos seus encontros: a Terra, como um princípio alquímico do feminino; o Ar, como um elemento arcano masculino; o primeiro que empresta forma, abriga as intensidades; o segundo como fluxo, ou vetor para o deslocamento.

Outro tempo de café, outros intercessores. Três semanas que distam para aqueles círculos de perguntas, e sua adesão retroativa para o investimento intelectual das sensibilidades como labor/or/oratorium (laboratorium, labor e oratorium). Enquanto suporte de vitalidades performatizadas no âmbito de uma escrita expressiva, denominaram-se as três centenas de páginas como “tessitura de profanação sensível”.

Para incorporar outras reverberações e multiplicidades na própria vertigem estética, incluiu-se um setor poético adicional que pretende contrabalancear a necessidade objetificante de qualquer análise imparcial. Por conseguinte, aquiescendo às forças que pretendem

coagir a fruição na dureza da letra, havendo prefácio ou apostilamento institucional que busque explicar o que seria apenas movimento, não obstante, também haverá resistência, trapaça e dissidência de uma própria arte que se avessa.

Assim, as forças intrínsecas ao processo criativo também oferecem sua leitura própria a partir da sua condição errante, das velocidades infinitas que não se fixam e dos significados imaginados para uma análise que se reconhece inseparável da enfermidade artística – qual seja, a partir de figuras, desenhos, rabiscos, gráficos, dados visuais e ainda sinestésicos em texturas-cores-etc.

Desse prisma que não é presencial e não é metafórico (representativo), em um processo alquímico que busca do chumbo, o ouro; e do carvão, o diamante, a experimentação estésico-imagética faz colidir forças criativas de Mercúrio em Virgem (intensidades telúricas, da terra e do sensível) e de Mercúrio em Gêmeos (intensidades celestiais, do ar e do inteligível): ao primeiro, o senso prático, o detalhe, a lógica; ao segundo, a curiosidade, a descoberta, o raciocínio.

Inicialmente, se configurou como um sequestro para algumas metodologias hegemônicas ao campo de pesquisa quali-quantitativa, entretanto, aqui (não-sempre, mas sempre) bifurcada dos compromissos identitários (originários) com uma ciência e sua produção respectiva de saber, ou uma sistematização que se diz filosófica (philia), embora apenas refém do punho epistêmico que a anuncia.

Trata-se, em outras palavras, de um experimento estético onde se busca descrever/caracterizar tipos de possibilidades-sensoriais para o cruzamento das abstrações conceito-numéricas, enquanto (ainda) figuras de sensações, com as abstrações das poéticas, enquanto figuras de intensidades. Essa proposta de Curadoria Alquímico-Estatística surgiu do encontro entre territórios e suas possibilidades de fecundação analítica.

Ainda nas paisagens compartilhadas por Gilles Deleuze, o esforço da ciência, que se concentra na produção de saberes mediados por “funcionários”, e somente passíveis de afirmação no seu plano (de conhecimento) respectivo – qual seja o do tipo “referência” –, desloca-se, aqui, ao plano (de conhecimento) do tipo “composição”, o horizonte de expressão das tantas artes.

Neste último, a materialidade vital do artista é sequestrada por uma sensibilidade que atravessa o fazer, capaz de imantar o objeto inanimado como um ser de realidade própria, um “monumento” selvagem, capaz de afetar a temporalidade-espacialidade humana,

de desdobrar história e duração em relações tão singulares que jamais foram previstas à história de vida imediata do seu criador.

Nesse sentido, portanto, o processo de expressividade (de gestação) do que virá a ser um tecido de vida na arte (“monumento”) captura essa tempestade de intensidades que, no autor, são dadas como as suas percepções acerca da vida, os afetos que o mesmo implica e recebe das interações com o mundo, somadas ao conjunto maior de sensações que percorrem seu corpo enquanto a vida ali habita.

Drenadas do artista, como alguém que cede placenta, vida e nutrição ao rebento, que enfraquece e se fragiliza, que pode minguar e morrer, é a própria visceralidade do criador que padece (e que se enferma), que se oferece ao projeto-de-objeto em lapidação inventiva – a pintura, ou a música, mesmo uma estátua, por exemplo, fluxos que absorvem em suas linhas de expressividade o que antes era apenas afeto de um homem, para converter-se em “afectos” na potência da obra; o que antes se demonstrava uma percepção, incorpora-se como “perceptos” na potência da obra; e, finalmente, o que eram as sensações que percorriam carnes e sonhos do artista, passam a habitar a virtualidade da própria obra.

Eis que, tendo a presença física do autor esvanecido, incluindo talvez a sua identidade/biografia desaparecida, a obra enquanto “monumento”, enquanto investimento capilarizado nos grandes veios de um plano de composição (das artes), erige-se com a sua própria instalação de sensibilidades, ergue-se como força para dialogar com fenômenos, objetos, espaços e corpos variados, surge como um campo de retenção e expulsão das presenças físicas de um terceiro humano.

Assim, o que era matizado como um objeto da criação humana, em dado instante, emerge, ele mesmo, não como “sujeito de direitos” (vide a Pachamama, na Constituição do Equador), mas como “(su)jeitos de intensidades”: sublime, como um poema; feroz, como uma performance... incontáveis!

Ao longo do século XX, observou-se radicais transformações nas artes, que se insinuam das suas práticas institucionalizadas aos circuitos decorrentes de narrativas, dentre os exemplos possíveis, cita-se os experimentos plásticos, com Duchamp; ou visuais, com Pollock; ou no palco, com a dança de Bausch.

Se é possível algo de “comum” nesse feixe de linguagens tão próprias, a desconstrução do ritual fixado (também no teatro, ou na fotografia, ou na poesia), para um tipo de expressão que surge com as singularidades do tempo, do corpo e do ato – assim, de uma potência que se inventa.

Arrancar o bidê, ou o sanitário, para subtrair a louça branca do terreno “privado” e inseri-la em outra moldura relacional: das sensações, o que se provoca como devir? Cohen<sup>212</sup> (2002) explica algo mais desse enfrentamento à dominação:

“(...) a performance é basicamente uma linguagem de experimentação (...) existe uma identificação com o anarquismo que resgata a liberdade na criação (...) O trabalho do artista de performance é basicamente um trabalho humanista, visando libertar o homem de suas amarras condicionantes, e a arte, dos lugares comuns impostos pelo sistema. Os praticantes da performance, numa linha direta com os artistas da contracultura, fazem parte de um último reduto que Susan Sontag chama de ‘heróis da vontade radical’, pessoas que não se submetem ao cinismo do sistema e praticam, à custa de suas vidas pessoais, uma arte de transcendência. (...) A performance não é, na sua essência, uma arte de fruição, nem uma arte que se proponha a ser estética (...) está ideologicamente ligada à não-arte (...)” (pp. 45-46).

Em termos de acontecimento, o que se sucede quando me aproprio de ferramentas metodológicas de uma bio-estatística, não para chegar às margens/vias seguras em seus parâmetros de confiabilidade enunciativa, mas produzir tensões-dados/tensores em bio-arte, uma arte marginal dentro desse tipo de vida (Bios)? Dados, tabelas, cruzamentos, um novo idioma – como as vísceras do bicho que amamenta, no berçário da normatividade, da polícia, da universidade, da ciência, dos modelos etc; “Écraser l’Infâme”, ainda Voltaire?

É possível contorcer a estatística para uma máquina de escuros-confiáveis (ainda escuros e incertos, mas estatisticamente-confiáveis no escuro que irradiam)? De uma estatística interna ao “monumento” da arte, fazer dados escuros para uma artepenia, ou arte fora do ato – que investiga a amplitude do seu anti-ato e da sua potência-do-não? Escuros vinculados a dado corpo de fenômeno (sem perder uma coerência interna imagética), ainda assim, de pessoalidadescuras – sem indivíduo/sem sujeito/sem singularidade?

Trata-se, aqui, de uma pesquisa que certamente não envolve os seres humanos, embora, inevitavelmente, é uma pesquisa inserida no domínio da vida, dos processos e dos actantes vitais. Não pode ser classificada como um estudo clínico, ou pesquisa in-vitro (de embriões, de aconselhamento genético etc); entretanto, inserida no domínio das coisas vivas e individualizadas (do Bios, e não do Zoé – reino do mineral, vegetal, animal, orgânico-inorgânico), de que forma viva, afinal, estamos “pesquisando”? Como entender a experiência de saúde nesse “(su)jeito de intensidades”? Como falar de ética com esse “(su)jeito”?

---

<sup>212</sup> Cohen, R. (2002). Performance como linguagem: criação de um tempo-espço de experimentação. Disponível em: [http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/82649/mod\\_resource/content/1/COHEN%20Renato%20-%20Performance%20como%20linguagem.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/82649/mod_resource/content/1/COHEN%20Renato%20-%20Performance%20como%20linguagem.pdf)

Para avançar nessa experimentação sensível, que tateia o escuro das respostas simplificadas, o nosso colaborador é um “monumento” de escrita em metamorfoses, vislumbrado como “instalação de expressividades” – tal como, de modo similar, há estudos segmentados para facetas específicas da personalidade no sujeito.

Dentro dos múltiplos enfoques de aproximação dessa realidade vivencial não-antropocêntrica dos jeitos-colaboradores dessa pesquisa, pretende-se construir um questionário de ressonâncias vitais que apresente/comunique outras narrativas possíveis do “(su)jeito de intensidades” com a especificidade do seu plano de conhecimento nas artes, em particular, na escrita expressiva de cunho performativa.

Do cruzamento da arte com metodologias de inspiração nas bases da bioestatística, busca-se, deste modo, produzir um anteparo/suporte de coleta e análise de dados acerca da experiência vivida do “monumento”. O recorte nessa complexidade do “(su)jeito de intensidades” serão apenas “as cartas” (dentre outras três paisagens-acervos de leituras possíveis: “os ecos”, “as sombras”, “os sonhos”).

De modo operacional, em cada unidade-lauda que compõe a totalidade-carta (20-30 páginas, ou 20 folhas-de-rosto, ou 20 unidade-lauda para cada totalidade-carta), serão identificadas categorias de relevância teórico-significativa (por exemplo, potência, sombra, amorosidade etc), conforme determinado desfecho investigado (qual seja, saúde no âmbito da poiésis). Pretende-se investigar, no caso particular desse “(su)jeito de intensidades” enquanto forma de vida transcrita sobre um plano de composição, se tais variáveis demonstram-se estatisticamente poético-significativas.

Percorrendo cada unidade-lauda que perfaz a totalidade-carta, espera-se identificar palavras-chave daquela unidade-lauda específica, inseridas no conjunto maior de elementos que se justificam teoricamente ao campo de investigação e permitem a explicação de um sistema de perguntas/respostas que será dirigida para aquela intensidade-poética.

Em outras palavras, será desenvolvido um questionário global cujas perguntas/respostas (questionário por meio das variáveis identificadas, questões nominais dicotômicas do tipo sim-não) foram produzidas a partir de uma lista de elementos teoricamente sublinhados em cada unidade-lauda.

Uma vez finalizado, esse questionário global de aspectos teoricamente relevantes irá percorrer novamente cada uma das unidades-lauda (ao longo das 10 totalidades-cartas existentes, imaginando cerca de 20 unidades-lauda por totalidade-carta), com o objetivo de quantificar a

experiência do “(su)jeito de intensidades” – e não mais de suas unidades-lauda ou totalidades-cartas isoladas.

No lastro desse trabalho, cada unidade-lauda que integra uma das 10 totalidades-cartas será percebida como variável populacional dessa grande paisagem-arte a ser investigada. Enquanto “(su)jeito de intensidades”, trata-se de uma experiência única que apenas se deixa revelar nessa paisagem-arte das relações entre todas as variáveis das cartas (outras paisagens-acervos não contempladas: “os ecos”, “as sombras”, “os sonhos”).

Desse modo, ao final de 10 totalidades-cartas (compostas, em média, de 20 unidade-lauda), terá sido possível investigar a percepção de 200 aspectos que participam nessa experiência total do “(su)jeito-intensidades”. Em outras palavras, 200 variáveis independentes, por meio de questionário específico para obter valor significativo ou não-significativo, como hipótese explicativa ao desfecho delimitado (fenômeno a ser investigado).

Caracterizar os elementos que compõe essa paisagem-acervo e cruzar suas variáveis com o desfecho, em um tipo de investigação que considera com exatidão todas as unidades-lauda que participam desse “(su)jeito de intensidades” (um recorte único de uma experiência de arte sem cópia), representa uma tentativa híbrida de aproximação quantitativa que se soma aos esforços qualitativos para melhor comunicar elementos poético-sensoriais em dada paisagem-acervo da estética.

No que diz respeito à tinta-óleo para esse desenho metodológico acima, em uma proposta de cruzamento entre bioestatística e bioarte, faremos um estudo do tipo seccional/transversal com análises univariada (descritiva); bivariada e tentativa de uma regressão logística com Curva Roc (aliação do ajuste do modelo). Para efeito da análise bivariada, utilizaremos dois testes qui-quadrado e exato de Fisher.

Para estudar a complexidade de um fenômeno vital que passa a orbitar no tempo de Áion, propõe-se uma instalação artística de escrita performativa a partir de uma concepção transversal epi-poético com inspiração numa perspectiva epidemiológica. Entende-se que, ocorrendo nos domínios da arte, todo e qualquer referência subtraída da ciência ou conceito filosófico extraído, abandonam seus compromissos de conhecimento originários, para desdobrar efeitos da sensibilidade e da estética.

Quer esse registro também considerar que, os dispositivos da profanação e da potência-do-não, bem como do rabear e do surfar-por-trás, enquanto forças do pensamento num tipo de arte contra-

hegemônica, afirmam que se houvesse “resultados” esperados, uma vez desacoplados das narrativas da ciência e da filosofia, essa pesquisa não se reconhece incomodada com a eventualidade de monstros-multidões de sensibilidades, ou espaços de anarco-vacâncias não identificáveis.

Amplificado por Agamben<sup>213</sup> (1999):

“O limite último que o pensamento pode atingir não é um ser, não é um lugar ou uma coisa, mesmo despojados de qualquer qualidade, mas a própria potência absoluta, a pura potência da própria representação: a tabuinha para escrever! Aquilo que até aí julgara pensar como o Uno, como o absolutamente Outro do pensamento, era, pelo contrário, apenas a matéria, apenas a potência do pensamento (...) aquilo que não podia deixar de se escrever era a imagem daquilo que nunca deixava de não se escrever. (...) Aquilo que nunca poderá ser primeiro permitia-lhe aperceber-se, difusamente, do vislumbre de um início.” (pp. 25-26)

Ensina tanto a sabedoria popular como a voz de autoridade dos mais velhos: “menino, vai pela sombra”; ou ainda, “fica por aqui, desse lado da sombra”; e, talvez, “a rede já foi armada na sombra do alpendre”. À sombra de árvores ou dos arbustos, aqui, o gosto não está sob a luz:

“Onde acaba a linguagem, começa, não o indizível, mas a matéria da palavra. (...) É como o caso daqueles que regressaram à vida depois de uma morte aparente: na verdade, de modo nenhum morreram (senão não teriam regressado), nem se libertaram da necessidade de ter de morrer um dia; libertaram-se, isso sim, da representação da morte.” (Agamben, 1999, p. 29)

O apelo está no tempo escuro que se abriga nos lugares: em cada cômodo, uma passagem, uma outra-época. “É da profundidade das suas raízes e na escuridão”, lembra Jean-Yves Leloup (em *O Absurdo e a Graça*), “que a árvore obtém a sua segurança quando se trata de ir para o alto e de apresentar os seus frutos na luz (...)”.

Nada, portanto, de muito estranho ao cotidiano dos amantes, estes que, imersos no escuro que lhes parece o amado, ainda ensaiam distinguir os cheiros, as texturas, os gostos... e até as vontades; essa fome que o amor dispersa por todas as entranhas do amante, é a mesma volição que infunde tremores nos quaisquer pontos de contato junto à materialidade fugaz do amado...

De olhares dados até mãos suadas, perfumes ou lábios que se misturam, camisas ou carnes que se amassam, suor que farta ou ar que falta, dores que lavam ou até marcam; um único desejo, sonho ou fantasia, extravasa de tremor nas musculaturas em choque com a memória do amado; pensando com os avessos e superfícies do próprio corpo, é possível, assim, /

---

<sup>213</sup> Ideia da Prosa.

no arisco exercício do pensar-como-paladar:/  
os grânulos invisíveis em cada perímetro ínfimo do conhecer e do vir-a-ser nesse mergulho de sensações no corpo amado, um reconhecer os sabores-no-saber.

São texturas degustativas para além do senso de cozimentos proporcionais ou dos condimentos harmoniosos; são forças, compostos, temperaturas, líquidos, contrastes, que aguçam todas as engrenagens dos sentidos: tal habilidade de causar fome, desprendida do corpo amado que se aproxima em sua transparência despúdica, não resume, todavia, a capacidade de (sa)boreá-lo em suas intensidades!

Lembra (ou observa) Agamben<sup>214</sup> (1999):

“O seu gesto é o de uma potência que não precede o seu acto, mas se lhe segue e o deixou para todo sempre atrás de si: é o gesto de um Talmud que não só renunciou à reconstrução do Templo, mas pura e simplesmente o esqueceu (...) não a obra, mas a inspiração, a alma que se alimenta de si própria.” (p. 56)

É preciso não hesitar no inconveniente, no urticante, no desconforto, no contumaz, no extenuante; um provar que se rende à experiência e ao adstringente. Somente ali há também o sabor da morte,/ e não os potes e estoques, dos tais sabores fixados e capturados no triste aguarneado; por exemplo,

“Acendo a luz num quarto escuro; é um facto que o quarto iluminado já não é o quarto escuro, que perdi para sempre. E no entanto: não será ainda o mesmo quarto? Não será o quarto escuro o único conteúdo do quarto iluminado? (...) se volto a atenção para a própria luz, se a recebo - então aquilo que a luz me dá é o mesmo quarto, o escuro não hipotético. O único conteúdo da revelação é aquilo que é fechado em si, o que é velado - a luz é apenas a chegada do escuro a si próprio.” (Agamben<sup>215</sup>, 1999, p. 117)

Por mais ilustrativa que sejam as indicações na embalagem,/ são apenas o mesmo do que... absorve e esmaga um número de propriedades na indiferente viscosidade pastosa e compactada, um caldo disforme onde características já não expandem, mas apenas dissolvem, encolhem possibilidades: onde se extingue o prazer, a companhia e as propriedades nutritivas, tão explícito quanto a higienização dos pratos serializados – no menu gourmet de poucas mesas, até o cardápio uniforme da lanchonete com assento nenhum...

“O desejo que move os poetas não é ensinar, esclarecer, interpretar. O desejo que move os poetas é fazer soar de novo a melodia esquecida.” (R. Alves, outrora um psicanalista).

---

<sup>214</sup> Idéia da Prosa.

<sup>215</sup> Idéia da Prosa.

A alegria do churrasquinho, da pinga e do futebol, para determinado cenário, é antídoto da pasta desonerada que colapsa potências e devires, e tão urgente quanto a chegada inesperada, do amado nu.

Tal sombra não pode ser confundida com a dimensão soturna ou nebulosa dos funcionamentos já tipificados... sombra, portanto, como extra-vacante, extra também como exagerado, um exagerado-vacante de sombra nas silhuetas não definidas.

Desiludidade, não é desilusão. É o contrário da espera por mais luzes e suas borras de ilusão. Desiludidade, é a atitude no campo extra-vacante. É o "ler às escuras", é o anti-delusão. Ensina Agamben<sup>216</sup> (1999):

"Viver na intimidade de um ser estranho, não para nos aproximarmos dele, para o dar a conhecer, mas para o manter estranho, distante, e mesmo inaparente – tão inaparente que o seu nome o possa conter inteiro. E depois, mesmo no meio do mal-estar, dia após dia não ser mais que o lugar sempre aberto, a luz inesgotável na qual esse ser único, essa coisa, permanece para sempre exposta e murada" (p. 51)

Campos de Plantação de Tulipas  
.....(multicoloridas),  
terra preparada da manhã;

Plant(aç)ão nos Campos de Tulipas,  
semente espalhada da tarde;

Tulipas de Plantão nos Campos,  
colheita à vista da noite;

deslocamento anti-metafísico,  
do menor subordinado ao maior,  
o Ente (em função) de um Ser;

para a singularidade,  
do maior submetido ao menor,  
o Ser (em função) de um Ente;

até, despropositalmente,  
o não-Ser (em função) do ant´Ente:  
Nascimento! É madrugada.

Quando eu digo que os velhos mundos, dentro de mim, foram amassados, deformados, interceptados na sua fruição tão comum; ou descontinuados, destruídos ou barrados na sua expressão-(então-)vital, estou afirmando, então, que me tornei "incongruente" – certo?!

---

<sup>216</sup> Idéia da Prosa.

Sempre que bloqueio ou estabeleço uma ruptura (radical) para algo que poderia seguir fluindo, estou em desacordo e menos-autêntico – certo?! O que importa é preservar o verdadeiro ou resguardar-se do falso?

Então, o lugar primário e prioritário (autoritário?), é o de buscar manter alinhado “pensar-sentir-agir”, pressupondo que sob tal “coesão” (hierarquização?), o Self dispõe dos meios adequados para responder às necessidades por-simbolizar do meio – certo?!

Com maior congruência e acesso aos potenciais-emergentes (recursos-relações do Organismo) para auto-regulação, há condições mais propícias no desempenho de funções e na facilitação do atualizar-se – certo?!

Desse modo, há mais força do Organismo para preservar-se e ampliar dado “funcionamento pleno” (com aprendizados sucessivos, crescimento etc), naquilo que é sua prerrogativa de resguardar vida-como-sobrevivência como enquanto valor último (jamais ameaçável) – certo?!

“(…) Mesmo que os cantores sejam falsos como eu/  
Serão bonitas, não importa/ Serão bonitas as  
canções  
(…) Saiba que os poetas como os cegos/ Podem  
ver na escuridão  
(…) Mesmo que os romances sejam falsos como o  
nosso/  
São bonitas, não importa/ São bonitas as canções  
(…)”

- Edu Lobo e Chico Buarque, Choro Bandido (1985)

Surge, portanto, a questão do inautêntico como faceta do mistério-mágico (não o sideral, não o transcendental, mas o não antecipado ou não antecipável – melhor dito, um fazer-inventar que também inspire criar novas referências e percepções), do que não se empresta ao sentido ou à confiança, mas nutre sensibilidades pela experiência, pelo imprevisível, pelo risco, pelo escuro: do ato ao virtual, da potência-como-ato à potência-do-não, da realização ao pêndulo/móvil-no-escuro, da identidade à diferença, do unitário à multiplicidade/multidão, do íntimo ao imanente, do reverso ao avesso; segundo Vinciane Despret, pela “versão” e não a “visão” de humano, de homem, de humanidade, de humanidades, de mundo (exemplos dos humanistas).

Acomodação, reprodução, convicções, transmissões, seguranças, práticas engenhosas-obsobletas... É o cardápio, não é?! A Singularidade

machuca (resguardada, seus ocassos dos oportunismos – vide, arte contemporânea, sem corpo, sem potência, sem vida...), assim como já incomodava a exigência da especialidade vagorosa: mundo que impunha seus desafios do investimento emocional e intelectual, do nível aguçado de técnica, de elaboração, de maturação, de depuração, de refinamento conceitual, de sofisticação no processo, de definição... estes últimos, todos, efeitos que certa resistência intelectual, de um saber aristocrático (aristoi, de excelência, convocar o melhor de si – a superação do herói) na vida do sublime, do atemporal, do arquetípico, do olhar introspectivo, do olhar impermeável, da obra que se destaca/supera autor-crítica-críticos, das questões entre paisagens-influências-escolas, do diálogo entre criadores e seus mortos destinatários, do alcance da língua e sua tradução poética da vida, do espírito do lugar (genius loci), do espírito do tempo (zeitgeist), da contemplação... ambas, ferem à fogo: seja o rigor da ilustração, seja a intensidade do singular...

Tudo isso, no caldo prático onde a vida é derrotada pela existência, foi substituído por certo desdenho, deboche, descaso e até afronte, onde não há beleza e também não há singularidade, ou de uma singularidade generalizada como superficialidade-cotidiana e flanco de autoridade que aniquila completamente os traços de ipseidade no campo das artes. Paradoxalmente, nunca foi tão difícil falar de “outros modos de ser e de viver” – capazes de incluir das fogueiras aos vaqueiros, passando pelos indígenas e suas epistemologias, até reconhecer um lugar/uma proposta/um apelo em sintonias neo-renascentistas.

Se, por um lado, não há metanarrativas enquanto universais, princípios, certezas e verdades fora da linguagem... cedendo-se espaço à imanência, invenção, corpo, afetos, potência, política, singularidade etc... Por outro lado, é apenas no meu corpo que observo diferença entre amorosidade e amabilidade? Há contexto para traduzir a primeira como exercício de maitri (bondade-amorosa) e a segunda, como prática de karuna (grande-compaixão)? Não como sentimentos individuais ou laços empáticos com terceiros, quiçá alteridades (no binômio com a subjetividade), mas, talvez, aproximadas ao qualitativo mágico-mítico-dramático do kumã indígena (mundo anti-Logos, anti-Lógos, anti-Palavra)?

“(...) Yo estaba en aquel día cuando los Nombres no existían, ninguna señal de existencia estaba dotada de nombre” (Yalal al-Din **Rumi**, “Poemas Sufíes” – Madrid: Hiperión, 1988, p. 30)

“(...) El mundo era tan reciente, que muchas cosas carecían de nombre, y para mencionarlas había que señalarías con el dedo.” (Gabriel **García Márquez**, “Cien Años de Soledad”, p. 1)

O que pensar dessa textura imediata auferida na fibra da arte (e não da posição de curador, ou crítico, ou filósofo de trabalhos artísticos), a incompreensão transversal de uma obra sem apelo coletivo-democrático-comercial, outro registro do gênio, do talento, do estilo e da persistência; de tempos, de ritos, critérios e problemáticas no lastro de letramentos e linguagens específicas, de uma arte que sufoca-constrói outros mundos-projeta outros reconhecimentos...? Da pedra que, outrora submetida ao brutal da temperatura e pressão, retorna ao instante do magma ou da pele mais crua; uma obra, afinal, que formule outras perguntas, que se apresente enquanto densidade, entidade, profundidade, espiritualidade...

O que implica questionar o lugar de potência e de impotência no contexto imediato de um fenômeno que se apresenta atual? Se qualquer tema empresta-se à investigação sobre os modos de relaciona-lo ao tempo-contemporâneo, então, o que significaria (tentar) deslocar o "cômico" ou o "popular" do seu registro atual (atualidade, atualizado) nas televisões, para um conjunto dos seus outros duplos/variantes, quais sejam o não-estar, o não-saber, o não-fazer, o não-ser? O que implicaria absorver os conteúdos de uma ciência que, também enunciada como narrativa midiática, interfere com seus enxertos-ideológicos<sup>217</sup> nos corpos:

"(...) Há que conhecer a estrutura dos tecidos e recriá-la artificialmente, tornando-a um meio propício para a proliferação celular. E essa espécie de esqueleto tem de não ser rejeitada pelo organismo e acabar por se dissolver, quando o órgão estiver completamente formado e funcional. (...) Esta estrutura será coberta de miócitos - células do músculo estriado que constitui a quase totalidade das paredes do coração - e outras células cardíacas. Esta cultura será depois colocada num biorreactor, com todos os nutrientes necessários à proliferação celular. Mas é preciso também controlar a forma como as células se dividem. Por exemplo, as células do coração estão alinhadas de maneira uniforme, para que possam pulsar em conjunto e bombear o sangue. Hoje em dia é já possível cultivar células cardíacas em laboratório, mas o problema é que elas proliferam ao acaso, e pulsam individualmente, cada uma para seu lado. Parte do trabalho desta equipa será o de estabelecer ordem neste caos - por exemplo, dispondo proteínas com propriedades adesivas ao longo da estrutura, de forma a que as células se alinhem, formando fibras semelhantes ao tecido cardíaco natural que trabalham em conjunto. A finalidade é criar enxertos ou novos órgãos compatíveis com o sistema imunitário do paciente, utilizando as suas próprias células, cultivadas em laboratório. (...)"

Pelo direito de matar-me dos muitos, da estiagem vagabunda, da errância por outros ermos e das colheitas improváveis que só encontro na alucinação (e não atuali-a-zação, de "azar" para os acasos brindativos e serendípicos, da organização, da identidade, da captura). Os bosques humanistas estão cheios de abelhas! Digo, vespas e não singelos ferrões da morte! Polinizadoras... das tais singularidades –

---

<sup>217</sup> Ver: <http://www.publico.pt/ciencias/jornal/coracaoproveta-144371>

inclusive, como horizonte máximo da experiência humana: nada além, nada mais?!

O que significa, do limite absurdo do emborcar as carnes, do seu avesso para o lado de fora da pele, torcendo o visível habitual como um tecido de ritmos escuros e batimentos alterados? Das células-tronco adultas para outras bifurcações que nascem com intensidades da vida, de um coração-de-proveta para uma coragem-de-reposição (e não corações da vida-sobrevivência qualquer).

“(...) É a primeira vez que um músculo desenvolvido em laboratório contrai tão fortemente quanto um músculo esquelético neonatal (recém-nascido) nativo (...)”, afirmou Nenad Bursac<sup>218</sup>, em 2014.

“(...) Ninguém tinha tentado utilizar essas células para regeneração cardíaca antes. Nós descobrimos que a matriz extracelular do coração – material a partir do qual é feita a estrutura do coração – emite sinais que guiam as células MCP para que elas se tornem as células especializadas que são necessárias para o funcionamento correto do coração”, afirmou Lei Yang<sup>219</sup>, em 2013.

“(...) é possível tomar células cutâneas de um paciente ancião com insuficiência cardíaca avançada e terminar obtendo no laboratório células que pulsam, saudáveis e jovens, equivalentes às suas células cardíacas logo que nasceram (...)”, afirmou Lior Gepstein<sup>220</sup>, em 2009.

“(...) Uma válvula viva [válvula cardíaca] antecipa os movimentos do sangue e reage ao mudar de forma ou tamanho (...)”, afirmou Magdi Yacoub<sup>221</sup>, em 2007.

É possível, no laboratório das virtualidades, nessa ambiência isolada à captura imediata dos atos, construir algo de uma fibra cardíaca que esteja tanto fora da finalidade orgânica (de atualização, de sobrevivência) como fora da direção organísmica (de inteireza, unificação), de maneira a inventar outra pulsação já não submetida ao órgão e aos seus compromissos biológicos (a propósito das transações elétricas, do bombeamento suficientemente forte de substâncias nutritivas com o sangue, as vias de conduções para o ar puro/impuro etc)?

---

<sup>218</sup> Ver:

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140401\\_musculo\\_regenera\\_sozinho\\_an.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140401_musculo_regenera_sozinho_an.shtml)

<sup>219</sup> Ver: <http://www.incor.med.br/?p=630>

<sup>220</sup> Ver: <http://www.acidigital.com/noticias/cientistas-convertem-celulas-da-pele-em-musculo-cardiaco-29315/>

<sup>221</sup> Ver: <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2007/04/02/cientistas-britanicos-criam-valvula-cardiaca-a-partir-de-celulas-tronco.jhtm>

Se inventarmos um exercício contemporâneo para a arke-saúde (e não aderir aos prismas do crescimento, do desenvolvimento, da atualização etc), o que significa pensar a tal “saúde” nos fluxos (descontínuos) pós-modernos? Nem tanto submeter os temas (clássicos) da saúde às práticas legitimadas no campo da estética e das práticas corporais etc, a um repertório técnico, formas de contágios e de infiltrações desestabilizadoras; menos ainda, vislumbrar a arte como uma série de instrumentos que se acoplam às racionalidades vigentes de saúde e suas políticas públicas (no Brasil, especialmente, algum vestígio utilitarista das artes nos campos da Saúde Mental, da Humanização e, em menor escala, circunscrita a setores da Educação Popular em Saúde; jamais enquanto saber próprio)...

Do que trata um pensar contemporâneo acerca da saúde, ou deixar-se atravessar pelas intensidades do campo-saúde e produzir um jeito próprio de mover a saúde como potência? Do que trata experienciar a saúde como fluxo performático numa escrita expressiva: sem uma instância psicológica centralizadora, sem padrões narrativos e de corpos; sem personagens, identificações e causalidades; sem precisão, correspondência, razão unívoca?

“Escrever deve ser uma necessidade, como o mar precisa das tempestades - é a isso que eu chamo respirar.”

-- Anais Nin (1903-1977)

“De todos os espartanos e théspios que combateram com bravura, a maior prova de coragem foi dada pelo espartano Dienekes. Dizem que antes da batalha um nativo da Trácia lhe disse que os arqueiros persas eram tão numerosos que, quando disparavam seus arcos, a massa de flechas bloqueava o sol. Dienekes, no entanto, completamente impassível diante da força do exército persa, simplesmente comentou:

‘Ótimo. Combatermos, então, a sombra’.”

-- Heródoto

Observo que os meus esforços da atenção não se convocam para a força do que se formula das sensações, dos afetos mobilizados, da espacialidade delimitada na obra artística... Não me relaciono com instalações (das tais vertigens e flutuações que jorram a experiência, o risco e as invenções), estou propriamente nos andaimes: com os saltos entre o não-instalado e os elementos-do-instável que posso fazer mover. Minha recorrência de interesse no processo artístico sugere acoplar esse “scaffold estético” (andaime) na obra imediata, que passa a funcionar como um “navegador” ou um “cover estético” – armação ou caixa estéticas que me permitem vasculhar e avessar o escuro.

Basta lembrar que arké é o domínio privilegiado da tensão-contemporânea em qualquer presente homogeneizado (por universais, por verdades etc). Em vez de habitações ou residências temporárias que se derivam do contato sempre parcial com elementos da arké, investigo o fator instabilizante do que orbita enquanto anti-instalável nas obras singulares; do que me fala, de muitos modos, sobre rupturas das velocidades muito caóticas (mais do que intensidades em negociação).

Não havendo contato pleno com a arké, sua fonte jamais se empresta à conversão-em-passado via captura/conservação/diagramação porquanto seu parco vestígio de luz é apenas distanciamento-atrasado e incorpóreo: fuga que não produz conceitos, nem ontologias; desequilíbrio que não se submete à história, sem à política... Adentrar essa dissonância-arké produz novos tempos no presente, embora sempre e sempre, inacessível como “totalidade” cada vez mais remota.

Se o pensamento (Nôus, para Agamben) deriva movimentos, por exemplo, no reconhecimento do instalado/instalável em tempo-instante e força de imanência, no tempo-intensidade e no tempo-singularidade, portanto, nas fronteiras do ato com a dimensão soma-psiké (corporemente); também o mesmo pensamento-Nôus, reclinando para direção não-habituante/habitual, pode vislumbrar o não-instalado, numa dimensão mais escura, onde a arké mantém-se expressão de vida não-segmentada (Pneuma).

Outrora referido como um princípio de coesão e de contemplação/inteligibilidade para o Kósmos, o pensamento (Nôus) é por excelência, na contra-mão da Modernidade, a faceta não-representativa da experiência-de-pensamento-criador, quando se propõe, em vez dos registros-representados de Kronos (obrigação) ou de Kairos (oportunidade), do tempo do sujeito e da singularidade, deslizar no eixo de Éros-Psiké-Áion (as forças mais arcanas do ligamento-movimento-tempo, antes da segmentação e da individualidade particulares). Éros é o desdobramento mais próximo do Cáoos, o primevo à inscrição de qualquer Lógos.

Tal seria o mundo semiótico que antecede os Sóphos que exerciam Phílias nos templos de Asklépios, os tais Filósofos-que-sendo-Médicos instituem um vocabulário médico-etiológico para forjar outra matriz política de interpretação – que se afasta da imagética mítica difusa-coletiva para delimitar uma racionalidade localizada e singular. Se o prisma de análise considerar os saltos de potência na história daquele pensamento humano, podemos observar que Platão conhecia o Corpus Hippocraticum, bem como Aristóteles, ele mesmo filho de médico e contemporâneo de outros Médicos-Filósofos, pupilo de Platão e tutor de Alexandre, O Grande.

No que pese a força da narrativa em *Ilíada* e *Odisséia*, não foram Homero e Hesíodo, a exemplo do texto “Da Medicina Antiga”, que forjaram uma *Physis* singular do humano (não mais cósmica). No lastro destas revoluções hermenêuticas, a “doença sagrada” (epilepsia) converteu-se em enfermidade do cérebro. Também desse momento ideativo, surgem as correlações entre espaço – água – ares, entre doenças e lugares. E, não menos relevante, para o impasse dúbio do ser-que-é (Parmênides) e do tudo-que-muda (Heráclito) que chega da tradição, Platão toma emprestado o vocábulo “hélix” (uma disposição da *physis* orgânica) para inscrever sua “méthesis” (quem está aqui/quem participa do que está aqui). Surge, deste modo, uma tradição seminal para, no Lógos e na gramática, descrever o Ser que se diz/se expressa de vários Entes/modos (que se representa, por exemplo, na Episteme – Práxis – Poiésis).

Quando a potência do pensar-nôus recolhe-se de tal compromisso imediato com o ato/ação/atividade, seria também capaz de sorver do escuro na impotência (potência-do-não) e seus avessos, domínio onde potência não se descreve pela finalidade assumida. Ilustrativo dessa opção, a moldura-vestígio que duas obras de arte visual delimitam como imanência, embora não estabilizem permanências na relação provocada ao seu público, também sugerem uma duração de fronteira singular com o escuro que as entorna. Em tal experiência-estética, por exemplo, de duas pinturas/fotografias na parede de uma galeria ou café, formula-se dois perímetros de “foramento” ao escuro, espaços disbordados onde o escuro-avessa-de-si-mesmo (não se tornando singularidade, embora se contrastando ao indiferenciado).

A potência infiltrada na obra faz, por conseguinte, destacar duas zonas de escuro – posto que a pintura esboça o que lhe confere de singular, concomitante à propositura de um escuro-avessado pela obra tangenciado em sua cadência-cometa de imanência contingente-circunstancial. Nesse prisma quiçá profético, o abismo da obra clama por mais abismo: em hebraico, “sheol” – o mais profundo; ou também o mais-distante do litoral, da polícia, da instituição, da côrte, da civilização, do projeto de Modernidade Ocidental. Para tal exegese profanadora, Sheol é a nossa paisagem do Sertão: o nosso escuro arkano, ambiência do anti-ato e deslizamento no avesso-do-escuro, espaço performático do não-instalado.

A minha relação com o Brèal, por exemplo, aludia em certa perspectiva todos os sonhos de viver e de pertencer ao mundo renascentista-literário-institucional (i seculi bui, das trevas?!) que nele se sustentava. Percorrê-lo na minha escrita não produz um tema para mim, embora repasse como um filme de pedaços-fragmentos, como um “Pinta” (2013, dirigido por Jorge Alencar, produção audio-visual que

encerra 15 anos de dança-teatro-performance do grupo Dimenti – Bahia). Mais importante do que a materialidade (introspectiva, íntima) das cartas, é também a possibilidade de um “scaffold<sup>222</sup> estético” que me proponho dentro das cartas... algo que me faça ouvir os batimentos (cardíacos), marteladas ou ruídos daquele escuro!

Mais do que o aparente das cores ou das letras na obra, atento-me ao conjunto de forças invisíveis (vários estados distópicos) que podem sussurrar-se um tipo de onda ou código elétrico, eventualmente números ou gráficos... como a batida, dos processos vivos-inorgânicos-artísticos da própria obra: das intensidades possíveis de expressão matemática, e o número como uma imagem/salto da imaginação. Há fantasmas dos amplos desertos até às frestas da alma, entre uma carta e outra – no correio, entre uma carta e outra – no casino... entre uma e outra... em outro de mim e eu mesmo.

A carta como uma fibra elétrica inaudível, por ser auscultada em batimentos ou marteladas... Onde o que importa, à sensibilidade desse pianista atormentado, não é o piano, como instrumento, nem a afinação com os martelos, é a música que se faz dele... ou as falas/o rolar pedras e dos espíritos dentro das cartas, incrustados de Éros, Pã, Moiras, Tânatos etc. A arte de produzir um eletro(cardio)grama, e uma bioestatística específica...

Enquanto se questiona bio(\$)ética e bio(\$)estatística com um “scaffold” estético, a tal psicologia em letra portuguesa encerrou-se com os dias que antecederam Maio de 1968: “(...) na impossibilidade de resgatar o passado em sua vitalidade e força simbólica, resta-nos apenas o luto do mundo que já se foi, e o triste consolo de nos definirmos numa identidade reativa pelo expediente oblíquo do prefixo ‘pós’: seríamos então a era ‘pós-industrial’, ‘pós-metafísica’, ‘pós- dever’, ‘pós-

---

<sup>222</sup> Ver: “(...) O ‘scaffold’ é uma rede de tecido não vivo, composto de proteínas e carboidratos à qual as células aderem e crescem. (...) Inseridas neste andaime tridimensional, as células precursoras cresceram e desenvolveram músculo cardíaco e, após 20 dias sendo alimentadas com sangue, o órgão reconstruído da cobaia ‘começou a se contrair novamente (...)’”. Disponível em:

<http://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/afp/2013/08/13/cientistas-desenvolvem-tecido-de-coracao-humano.htm> ; Ver: “(...) As células precursoras do coração geradas foram ligadas à “armação” (rede composta por proteínas e hidratos de carbono) de um coração de um rato, ao qual os investigadores tinham retirado todas as células cardíacas (...)”. Disponível em:

[http://www.jn.pt/PaginalInicial/Sociedade/Saude/Interior.aspx?content\\_id=3370332](http://www.jn.pt/PaginalInicial/Sociedade/Saude/Interior.aspx?content_id=3370332) ; Ver: “(...) As células cardíacas primitivas foram, assim, ligadas à ‘caixa’ do coração de um rato, da qual os investigadores tinham removido todas as células cardíacas (...) A caixa funciona como uma rede de tecido não-vivo composto por proteínas e hidratos de carbono a que as células aderem e onde crescem. Colocadas na caixa cardíaca de três dimensões, as células precursoras cresceram e transformaram-se em músculo cardíaco (...)”. Disponível em: [http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id\\_news=650311](http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=650311)

moderna' ou, na ironia poética, o tempo do 'pós-tudo'" (Drawin<sup>223</sup>, 1998, p. 13).

Aquele pensar-psicologizado, desde então fechado diante do incêndio, não permitiu rupturas incendiárias para suas ficções: Anti-Humanismo e Pós-Subjetividade significa uma Pós-Psicologia? Ah! Saberes e Sensibilidades da Pós-Modernidade: ou cenas de um Psikismo-Contemporâneo... construção de um saber que ainda busca aproximar-se daquele mundo há 50 anos passado e, que depois, já transitou das categorias Modernas para o Contemporâneo, para uma experiência Pós-Moderna e Pós-Subjetiva. O que se chama de Psicologia, em tantos lugares, é apenas Laboratório que, em absoluto, não tem porque discutir Pós-modernidade mais do que um físico, ou um químico teriam. Uma Psicologia que não tem relação com a história, com as humanidades, com as artes, com as filosofias, com as míticas ancestrais etc.

Um cardioscópio onde palavras ainda são vivas: onde palavras não são fixas, são imagens; onde palavras não são coisas, são movimentos; ou ciclos com variação na intensidade do coração-não-muscular, dos períodos de batimentos (como unidades de potência) – um pulso, e depois de determinado ponto, em picos ou depressões, outro ciclo e outro ciclo e outro. Cardioscópio como invenção para um conjunto de forças invisíveis químicas e fisiológicas, que se traduzem em eletricidade cardíaca... Um novo modelo de arte, onde se reforça a carta como matéria prima, quando a melodia cardial é o que se deseja.

Reatroagindo daquela espectância dianóica habitual, desse campo-espelho onde razão e representação operam (nas vias da teoria/contemplação e da produção/práxis-e-poiésis), há um largo espaço de fora, de sublime-como-transtorno, do não-limitado que não se reduz ao silêncio da beutitude. Tal campo do pensar-nôus, longe da vocação monástica que apenas transcreve com iluminuras, interroga outros-potências do sem-fundo e do não-lugar: como sugerir o indeterminado da estética, ou da saúde?

Povoado com inspirações deleuzianas, vislumbro a arte como um fazer que não pertence ao sujeito e à subjetividade, mas como um devir-inorgânico difuso e anti-humanista, como agenciamentos de micro-cérebros entrecruzados por vários suportes (ígnero-mineral-vegetal-animal etc) e potências. Nesse horizonte, da arte como uma criação dessas forças com as quais a vida também concorre, seu produto emerge como uma malha de intensidades-vitais. Ou coisa do tipo, difícil de ser nomeada! Assim, uma carta com a qual me relaciono deixa de

---

<sup>223</sup> DRAWIN, C.R. Cultura da ilusão. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.

ser texto, para ser textura; deixa de ser imagem, para ser paisagem; deixa de ser natureza, para ser vestígio geo-sideral etc.

Se uma carta é malha de vida, composição de forças inorgânicas etc, ela está difusa com potências, intensidades, sensações, afectos e perceptos irradiados em superfícies, como um tecido pluriponte, pluricelular, sem centralidade e sem autoria. “A consequência maior do sistema é a de fazer esquecer tudo o que lhe escapa” (Jean-François Lyotard). O que desperta é a capacidade da obra de remeter meu interesse ao que não se instala (do que nunca será possível de atuar e atualizar, uma vez que, conforme Agamben, as facetas da arké distanciam-se continuamente da tradução, do aprendizado, da instrução etc...).

Nessa perspectiva, do ato/atual/atividade/atualização para o escuro, e, talvez, mais do que a potência-do-não e liberdade no escuro, interesse-me pelos seus avessos, nele inclusos o avesso da imanência, o avesso do contemporâneo, o avesso da experiência etc. Das minhas cartas, por exemplo, enquanto teor da expressão-estética, e não assumindo a correspondência das cartas enquanto sílaba, fonema, vocábulo, palavra, gramática, conteúdo, narrativa, discurso, código etc. Como uma tela de pintura, onde já não posso contabilizar o pigmento azul (palavra) que se mistura a tudo mais, luz e sombra plasmada em cores.

Portanto, a carta não da partitura, mas da sensação-de-melodia, e não das pinceladas, mas da sensação-da-tela; carta tal uma escrita expressiva, com o texto enquanto palco e papel como dança-teatro; é o papel que se amassa, se retorce, se move com o texto-palco: uma carta de vôo... ou carta somente como escritura performática, com sombras mas sem vestígio futuro no tempo (apesar das letras).

Uma carta como mais-tarde: (1) inicialmente cartas para a morte, para descobrir que seriam (2) cartas para um amor não-morto, e depois, pensando a transversaliade dos conceitos que venho trabalhando, especialmente de potência-do-não (agamben etc), também reconhecer (3) cartas de um amor (não-)morto. Do que não morre, recusando-se para a ressurreição e a cristalização da memória, mas que se formula enquanto ficção aberta – o modo, afinal, de manter uma fronteira borrada ao ser-fazer-saber, diluindo formas anteriores e sugerindo novas interpretações.

Arké como mover-em-distanciamento, mais remoto, de alcance no mais eterno. No ponto talvez oposto, ainda como esvanecimento, o singular que se dissolvendo e afirmando-se, intermitente, contingencial ao seu presente, também mais eterno como fruição descontínua. Para

ambas extremidades do feixe, há encontros no registro mais longínquo do infinito?!

Posso chamar essa rítmica de áion (o inesgotável de curso finito, abertura do eterno que se revela como fruição, expressão do tempo enquanto vida) e seu campo de deslizamentos constituinte do “inefando”, com sua reverberação de uma aionética (uma prática de redes periféricas e circuitos precários, em contraposição aos monopólios e às singularidades em tempo-real). Áion como escuro-do-tempo; digressão dos atos para os afetos – e, mais-tarde, eu já não-estava: arké.

Quando digo, por exemplo, “que venha mais-tarde”, esse “mais-tarde” é prolongação-adverbial de tempo (no mais, o-depois), de intensidade (no mais, o-muito) e de lugar (no mais, nem antes e nem depois). “Mais-tarde” não é o futuro, o amanhã. “Mais-tarde” não é o ápice do instante, mas é o que vem antes do desfecho. “Eu não serei mais um escritor”, não depositarei outros esforços e intensidades de maneira a projetar esse lugar no futuro. “Mais-tarde” é o limítrofe: do último, do próximo, do escuro. Mais-tarde é o que está quase-fora por completo.

-- Vem! Passa Aqui! Me pega!  
-- Quando?  
-- Mais-tarde.  
-- De dia? De noite? Quando?  
-- Agora...  
-- Como faríamos?  
-- No mais-tarde do nosso instante.  
-- (silêncio)  
-- Mais-tarde de nós mesmos.  
-- (silêncio)  
-- (silêncio)

quando o anjo debruçado,  
daquela estrela para o interior da minha noite,  
sussurra: “tu a gestar-me sem Bios?”  
não me pede que o mate... apenas,  
aquiete o meu sorver completo;  
irretroagível à Zóe... sangue de outrora,  
expatriado do seu lugar próprio na vida,  
assim irremediável comigo,  
dos que esperam antes chegar:  
um devir-fora.

talvez;  
sem lente.  
enquanto posam/

- Eu quero.
- (silêncio)
- Não tem objeto definido.
- (silêncio)
- Não acho que seja um tipo quero-tudo.
- O ato em si?! Esse seu querer...?
- Não. Não estou inclinado pelo ato.
- Sejamos práticos?!
- Não. Só posso querer a sombra, o que você não pode me dar – não é seu!
- Partiremos do ato.
- Meu quando-quero, até os atos fracassam.
- (silêncio)

Quando penso em arrancar com os dentes até o suor das próprias roupas, quando a resistência aos vetores do meu puxar quebram pedaços de unhas nesse algo mais do que pele aderida à camiseta, como-posso e como-faço para rasgar o sentido do meu “cuidado-frágil”: como cessar o frio e abandonar a manta do ato, do atuar, do atoador, do atualizar?

Ah, força sagrada do amor: fora do kháos e fora do ato; o amor não é sangue, que só existe em ato, vermelho, em ato, da água, em ato, calor, em ato, respiração, em ato, sem o qual se torna coágulo; o amor é um mover que antecede o circular da atualização, que não respinga, que não será contido e estancado, que não pode ser filtrado e purificado, seja nos rins, seja no dializador; nem puro ou impuro, vil na sua fronteira khaótica.

Da experiência e suas contrapartidas, no corpo ou fora dele, venho tomando as precauções epistêmicas em face dos seus regimes de captura signica (e teleológica). Mas, então, como viver o que não é apenas uma vivência? Como viver fora da singularidade ou fora da presença ou fora da consciência ou necessariamente-fora-das-três? Eu quero um modo viver que não seja uma vivência: nem eu como autor do nada, nem o outro como queda nessa eu.

Eu quero um modo de compartilhar o que fala de mim, mas não seja apenas da minha vivência; um modo de viver também em conjunto, de colaborar e de ser influenciado, que me coloque entre os demais e que minha pertinência não se faça através da minha vivência.

- Marcas pelo meu corpo...
- Não as vejo no meu, não sei em qual corpo procurá-las...
- Onde procurá-las, sim...

- Onde procurá-las, afinal?
- Siga o caminho dos teus dentes...
- Ou da tua fome?

Eu sei que a Arte, assim como outros domínios da vida, pode revelar facetas do arquetípico. Mas o que me convoca não é a filosofia ou a psicologia ou a literatura acerca desses vestígios do mágico no mundo, o que me interessa, quase que monopolizada e obsessivamente, é o arké.

E, talvez, secundariamente, a relação que a arké deriva ao tempo como invenção, a relação de vertigem e distanciamento para sua matriz inacessível, a impossibilidade que indulge os canais de intuição como acesso limitado; isso tudo fala mais de mim, bem mais do falo quando sou algo, bem mais do que o campo do sensível e da sensibilidade poderiam falar de mim. O que eu sou aparece em arké, sou-em-arké e não um sou-em-devir, invenção em-distâncias e insolvências não fixas, embora não como fruir. De um repertório de atualizações em devir, sou presente e sou trânsito de sombras.

Posso reconhecer que há vivências incríveis, por todos os lados da vida, na vida qualquer e comum, nos vários planos instaurados por tais modos de relação com a vida. Eventualmente, posso inclusive senti-los ou partilha-los como parte também do que sou, ou do que me diz profundo respeito, do que atravessa meus orbitais. Contrastadas às experiências banais, essas vivências mágicas são capazes de me afetar – e delas sei, tacitamente, como percepção de uma dor nos ossos, ou como uma falta de ar, ou ainda, uma angústia densa e contínua por longas noites.

Os seres humanos afetam-se entre si e da vida para si mesmos, e não é um mérito difuso ou monopólio exclusivista das propriedades artísticas. O mar sempre esteve para assustar e encantar, e o mar não é uma arte de afetação dos homens. A arte, eu bem sei, dentro de um quadro histórico, pode cumprir um tipo de função/finalidade arquetípica (deslocando-se, ainda no eixo clássico da “produção”, de uma poiésis para uma práxis – e se colocando ao lado da ética, da política etc, no que diz respeito ao encadeamento do Ato para a sua Finalidade).

Entretanto, fora da produção e fora da contemplação (ambos, os dois eixos na representação clássica do conhecimento aristotélico), eu quero saber a bruma-de-textura que os outrora-artistas são capazes de increver: quando abandonando os seus compromissos de uma arte tardia, simplesmente erram (de fracassar e de errância), migram de paisagens-planos e profanam sua tradição; e assim, não produzindo “arte”, entregam-se ao ofício de interferir nas próprias camadas das vivências.

Minha hipótese, quase sinestésica, é que os artistas desatrelados do seu regime original de viver, inspirados em suas ferramentas desviadas do ato-poíesis e do ato-práxis, poderiam inclusive experimentar-se enquanto fora, enquanto fora do Ato. Nesse recorte, tão delicado e de poucas amostras em meus círculos, já não há arte como plano e projeto de conhecimento, e, curiosamente (e, talvez, mais instigante), também não há uma vivência, no sentido do particular, do íntimo, do individualizado por uma história de vida. Anti-arte, anti-ciência, anti-conhecimento, anti-tempo (avesso), em relações do escuro e do fora.

Eu chamei essa travessia de Epycismo, e seu realizador (não autor, não diretor etc) de Epycista – não exatamente uma mítica e sua referência imagética para efeito de deslocamentos, mas a feitura de um tecido épico, ele mesmo uma jornada imaterial e incorpórea, por meio do qual Epycista-em-relação, ele e seus convidados de jornada, Epycista e Inefandos, percorrem os alcances possíveis dentro de um escuro, ou de um Diáfano não expresso como Ato.

Se os recursos com os quais se vale essa travessia, são experimentos precários, desviados, dissidentes e profanados de uma arte outrora vinculada à sua obra, penso em *um tipo de materialidade rebelde que é o contra-peso do infinito para uma modalidade hegemônica de interpretação no físico*. Não sendo também um regime do Ato, é o avesso de toda transparência e congruência – é o não-fugir dos labirintos arcanos, diferente do infungível que se atualiza.

Se o exercício contemporâneo do pensamento busca inscrever o autor-criador no horizonte do singular e da diferença, com seus desdobramentos em um tempo sempre e sempre presente, o processo do Epycista é apenas uma vibração entre generosidade e gratidão pelo mistério, *é uma performatividade com o espaço do ancestral – percepção de um sentir-arké e não indivíduo: deslocamento onde repousa o tempo na vida, anti-tempo (avesso) e deslocamento em áion, deslocamento no eterno*.

Nessa bruma, já não há Esporte. Não se trata de regularidade, frequência e controle; nem de preparação física, a partir de regras e de padrões culturais; não há sistematização do movimento, nem competição, nem rendimento. Não é dança, nem luta, nem jogos. Nesse espaço do turvo, já não há Arte. Não há preocupação com técnica, linguagem, vocabulário, escola, estética ou referências específicas; não é uma preocupação entre discursos em trânsito, não é uma preocupação com o suporte (tela, palco, cena etc), não é uma relação proposta com um público, não é uma inserção nas forças de legitimação do campo – circuitos de pares-artistas, galeristas/exibidores,

curadores, críticos, colecionadores públicos e privados, mercado-merchants-investidores, escritores e pensadores.

Não é arte, na concepção moderna do tempo: concepção histórica, pós-iluminista e pós-renascentista. Não é preparação do guerreiro, nem possessão das musas. É um chamado para dentro do quarto, dentro do corpo, dentro da caverna, um a um dentro das vivências humanas. Não é partilhar as vivências (como quem se revela em um grupo de psicoterapia ou grupo de encontro), não é apresentar um espetáculo no cruzamento das moléculas – é mais dentro da célula, do átomo, da onda, propriamente da “matéria escura” (arké do não-tempo).

É possível construir um suporte do sensível para camadas não-temporais (arké-áion) da experiência humana? Um modo coletivo de constituir noética e não apenas a deliberação individual de um pensamento-Nôus (além de psico-pompoarista das epistemes fluidas)? Um coletivo-noético durante travessias do invisível, realizando e influenciando-se em suas reverberações?

Quando as oscilações de uma (noção de) Potência estão submetidas ao prisma do Ato, decorre-se um conjunto de abalizadores específicos na interpretação daquele “viver em tempo presente”, que se instruem nas categorias do Pensar, Sentir e Agir. Por conseguinte, Mudança/ Crescimento/ Atualização (processos em Ato) surgem como eventos atrelados nessa coalisão Pensar-Sentir-Agir e seus desdobramentos – trata-se de incidências, não por acaso, que se manejam no campo da Ação/ da Atividade (e não do Virtual, para os contemporâneos; ou de uma Faculdade, para os antigos; Potência, dos primeiros, habita o Corpo, e para os segundos, não é um Sentir-mesmo da Alma).

Considerando atitudes de Acordo-Interno/ de Autenticidade/ de Congruência/ de Ser-Verdadeiro/ de Inteireza enquanto “confluências” (arranjos ou modelos privilegiados) no mesmo eixo do Pensar-Sentir-Agir, uma vez situando-se nessa fronteira (cega) da Potência fixada no Ato, obtém-se um projeto de homem e de mundo que a contempla na exigência do valor último/ não-permutável da “Vida-Sobrevivência-Saúde” (requisito para a manutenção do Ato como medida), e uma proposta restritiva de Liberdade-no-Ato (como experiência e não, por exemplo, Liberdade imaginal, ou Liberdade como escuro; e certamente, não é o sentir-arké que referimos); ato, portanto, como prisão do maior da modernidade e dos humanistas.

Se a verdade só professa a sua verdade, qual seja, manter-se soberana; as poéticas, afastadas ou não do corpo, inventam seus modos de comunicar o inaudível. É um tipo de Idealismo e Universalismo, que, por exemplo, não inclui Corpo enquanto afetos e intensidades, enquanto categorias-instáveis de outra Potência que se formula como Diferença.

Não muda o ato essa intensidade do questionar, desse ponto de vista “concreto” ou físico, mas acresce outro registro afetivo, um deslizamento para a engenharia burocrática (do controle que só pode ser exercido, quando a potência delimita-se como Ato). Politicamente, trata-se de uma racionalidade que atribui o sentido de Luz/ Luminoso para o “Diáfano em Ato”; e que projeta como Sombra/ Sombrio o puramente Diáfano.

Vislumbrado ora Numinoso, ora Tenebroso, é importante lembrar que a privação-da-Luz (sterésis) não é o Oculto – uma vez que, conforme aquela tradição esquecida pelo Ato e sua política, no Escuro também há faculdade-sensitiva (aisthésis): em outras palavras, somos capazes de dar-mos conta que estamos no escuro, de ver/perceber da sensação em si mesma e não apenas seus objetos; um escuro não-simbólico.

Essa propriedade de uma “visada escópica” (no escuro, skótos) não é o indiscernível, não é o não-ver: *o deslocamento das sombras, ao contrário, é uma qualidade de noctilucência, são nuvens noctilucentes nessa grande paisagem do escuro. É uma pessoa que se move, ou é o escuro que move a si enquanto sombras? Mover-se no escuro da experiência, no escuro da vivência, no escuro da singularidade, no escuro do corpo, é o mar do Episcista e sua barca-Anúbis.*

Fechar os olhos não implica uma falta de potência em ver. Ao contrário, fechar os olhos é recuperar o aspecto da impotencialidade que constitui toda e qualquer potência humana: escuro de não-fazer, escuro de não-ser, escuro de não-saber, escuro de não-estar fixado. Fechamos os olhos (e os sentidos) para ver o escuro, um escuro inalienável e primevo: lugar da sombra onde se encontra outro tempo e outro presente.

Se as poéticas, habitualmente tratadas como recursos ou conteúdos de uma visão materialista/objetificada do mundo, forem deslocadas no plano enunciativo que confere um discurso de verdade a propósito do mundo físico e racional? O que significa o privilégio de arké-vividos na construção do mágico, do fantástico e do fabular? Ainda há espaço para o imaginativo como intercessor do espaço público?

Quero remeter-me a um trabalho muito delicado (sagrado), intitulado “O Som das Cores” (Cia. Catibum Teatro de Bonecos), recentemente em cartaz (entre 24-27.07.14), no espaço do Caixa Cultural (em Fortaleza). O grupo mineiro elabora sua transposição cênico-poética aos textos “O Cego” (do tcheco Rainer Maria Rilke) e “O Som das Cores” (do taiwanês Jimmy Liao). A relação com o trabalho concebido poderia, em certa perspectiva, ser descrita como arquetípica. Mas há um ranso de exigência de conhecimento, de análise e de finalidade (si-

mesmo, individuação) que, nas teorias psicológicas, impedem a abertura radical das artes.

Talvez seja paradoxal um termo arké-vivido, postulando que nenhum arké torna-se passado, é absorvido ou interpretado, esgotado ou capturado no vivido. De todo forma, é uma tentativa para diferenciar as vivências regulares da consciência, da experiência, das relações individualizadas e atomizadas pela interpretação do íntimo; para outro campo relacional, estabelecido nessa mediação do arké-em-distância e o escuro-em-potências, a transação alquímica de ambos na delimitação de um espectro arké-vivido.

Assim também o sentir-arké do trabalho "Lesados" (Grupo Bagaceira de Teatro): óculos-cegos, corpos/pés amarrados, suspensos no tempo e na luz, sugeriram-me a necessidade de outra referência de escuro que não seja aquela da constatação da não-luz ou de-quem-espera-as-luzes. É um escuro que apenas esconde os adultos das crianças (na Cia. Catibrum) ou os adultos de si-mesmos (no Grupo Bagaceira)? Ou um escuro que revela outras delicadezas-mundos?

Uma baleia no mais profundo do mar.  
Um dragão no mais alto do céu.  
A neblina, o vento, as folhas que caem.  
Os pássaros que falam, os seres dos bancos e das florestas.  
Cair, e bater as asas. Flutuar, em um rio com estrelas ao alcance das mãos.  
Ou simplesmente colocar a mochila nas costas, antes de sair.  
Sábios, enigmas, cheiros, incertezas. Metrô como desertos longínquos.  
Labirintos, cavernas, escadas infinitas, portas fechadas.  
Cansaço, subir e descer, procurar, chamar, cair e cair e cair.  
O cachorro que guarda os olhos. O amor que vive em um cachorro.  
O mundo onde não há linha de horizonte, onde não há profundidade definida.  
Nem esquerda ou direita, alto ou baixo do trem, fundo que se desloca.  
Um cubo mágico onde a vida move-se. O tempo irregular.  
Sombras que controlam o destino dos homens. Mãos.  
Palco escuro, capas escuras que se movem no escuro, cubo que gira no escuro.

Penso em Lúcia, a personagem de "O Som das Cores": pequena, cega, desamparada ou sem referência, a procura de algo/de si. Os olhos.  
Penso em Hamlet (na peça de Thiago Arrais e do Coletivo Soul), o jovem herdeiro de uma coroa trágica: frágil, sucumbindo entre seus fantasmas, enfermo, ameaçado e rodeado com mortes, a procura de algo/de si.  
Penso na textura relacional que ambos estabelecem com seus escuros.  
Penso, de modo mais vagaroso (vertiginoso), nos sentidos de

“Inatividade” e “Impotência”, para ambos – palavras difíceis quando a métrica da interpretação está no Ato.

Penso no que me mobiliza. Não do que aparece como realização, mas uma suave demarcação que salta do invisível – ou o que se ressalta de escuro nessa fronteira com o Ato. Não é a feitura em suportes específicos das artes. Não é a relação com a plateia. Não é mostrar poéticas e potências na configuração de um Espetáculo, de uma Experimentação, de uma Estética.

Meus olhos percebem um corpo do potencial celular? Enxergo um corpo da força como valência mãe da velocidade, da flexibilidade, do equilíbrio, da potência? Porém, no campo imediato da visão... não há rostos, órgãos, partes: os vestidos-capas de Yohji Yamamoto desfilam no palco sem-fundo.

Na derivação que reinventa a poesia (do texto à pintura, por exemplo), onde está o corpo e o físico da metapoética, especialmente quando retiro elementos do palco, da luz, do som, do cenário, do figurino...? Essa é a abertura para dentro do quarto, invocação de um sentir-junto? Quais são as convocações irrecusáveis ao abismo do sentir? (um acessar que remete ao não-ato, inclusive a atuação da vírgula). Imaginação-juntos para além da vivência? Conto de fadas ou fábulas de imaginação radical? Descascar a vivência: atravessar tanto o corpo quanto o arquetípico...

“A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagem sobre a realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobrehumanidade. (...) Terá visões se se educar com devaneios antes de educar-se com experiências (...)”. (Ensina G. Bachelard)

Exercício imaginal, e não das imagens: do que não é representativo. Exercício que não é a psiqué dos modernos, enquanto emoções e sentimentos individualizados.

Sentir-junto, de uma Psiqué na Physis? De uma Physis e de um Kosmos? Não é o tal físico da realidade única por si, da materialidade auto-existente e universal, do princípio geral organizador por meio dos quais outros elementos estão subordinados?

Não é o tal corpo do valor último e fixado da vida-sobrevivência, o corpo orientado pela saúde (onde a morte é sempre antagonista) ou o corpo enquanto finalidade (moral, institucional, do alto rendimento etc)?

Da performance mais rápida, mais forte, menor tempo, de maior impacto e de mais alto rendimento? Há esporte da sensibilidade, da generosidade, da espiritualidade, tipo da garotinha em seu guarda-chuva-Ganso, a buscar lanternas/lampiões e afastar-se da lagoa do nunca mais?

(...) não há nada em cima - céus de transcendência - nem embaixo - brumas da essência.  
O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão.  
E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem.

-- Sueli Rolnik. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2006.

(...) Eu tinha uma teoria:  
atualmente o mito do poeta menor era importantíssimo para nós,  
gente sem deus,  
sem pátria e  
sem rumo cósmico.  
Gente miúda no melhor dos sentidos.  
Abaixo as poéticas continentais,  
sobre-humanas,  
infalíveis! – era basicamente  
o que eu queria dizer.  
Mas hoje não tem teoria (...)

-- Victor Heringer, poeta carioca  
<http://www.revistapessoa.com/2014/07/uma-simples-pergunta-a-queima-roupa-21/>

O trabalho da Cia. Catibrum empresta-se às muitas interpretações, embora eu queira situar, pelo menos, três camadas e suas consequências de modo mais detalhado.

A primeira e, talvez, seu objetivo mais pedagógico na interface com o público infantil, é uma moral de politicamente correto, de inclusão das diferenças, de direitos humanos etc, que explicita essa relação do humano desprovido do sentido formal da visão e seu mundo de dificuldades e superações. Submetida às finalidades desse lastro semântico, há o contraste do mundo que Lúcia defronta-se (quase como refém, vítima), e, supostamente, o mundo de Tobias (do autor, que propõe) – seu parceiro-cachorrinho que, além de enxergar, é apresentado como o guardião dos próprios olhos de Lúcia. São os olhos de Tobias que Lúcia procura durante uma jornada épica e, ao final,

para os olhos de Tobias, como uma testemunha, que Lúcia narra suas experiências. Na cena que antecede o fechamento da obra, são ainda aqueles olhos de Tobias de quem Lúcia questiona sobre as cores e formas visíveis, na praia do céu inacessível para ela, onde ambos se encontram empaticamente. Nessa camada interpretativa, os pais e familiares que estão na peça oferecem uma narrativa para as crianças que legitima os desafios vividos por Lúcia a partir desse enfoque de análise dos videntes (dos povos que vêem, posição que se diga, bastante etnocentrista), desdobrando uma formulação de “respeito”, de “diálogo”, de “tolerância”, entre iguais e diferentes ao comportamento de Lúcia.

A segunda camada, hierarquicamente talvez mais simbólica e refinada, é aceitar o jogo de perspectivas contrastantes, o vai e volta tão rápido (acentuado) entre o mundo exteriorizado, que se deixa apreender nos olhos de Tobias (nós todos, pequenos e perdidos entre nossas próprias visões), e os olhos internos, quase íntimos e tão singelos, referidos como uma visão imaginativa de Lúcia. Embora essa fronteira esteja sugerida, em alguns momentos é difícil saber quem poderia “ver” o quê?! Mundo compartilhado por ambos? Ou apenas de Lúcia? Os tais seres mágicos, que podem encantar crianças e deslocar a sensação habitualmente fixada dos seus pais, estão ao alcance dos (nossos) olhos de “Tomé-Tobias” – como metáfora dessa visão “alheada” ao sentido geral da plateia? Não há diálogos de fundo “realista” e/ou instrutivo (de adultos e seus projetos), abundando à constatação empírica, um silêncio forte, intranquilo e perturbador. Os mesmos pais, que se referem à hipotética sensação de grandiosidade no mágico, provocam olhar-Lúcia ou olhar-Tobias na construção dos mundos dos seus filhos? É uma experiência iniciática (de transformação) com o teatro, ou apenas excepcionalidade-excentricidade-exoticidade (de um espetáculo isolado)?

Curiosamente, a peça é como um frágil “ilhote de cores” no mundo das sombras e do escuro, de elementos em movimento e seus rastros (à berlinda, ou em dissolução escura). Cores que, em absoluto, não se alcança pelo filtro biológico monocromático dos cães que enxergam, mas que estão acessíveis/emanadas de uma garota humana cega (os seus sonhos tem cores e texturas). Aqui, o trabalho cênico é bastante elaborado, a ponto de manejar “rotações não-físicas do plano” concomitantes às “mudanças estratégicas da cena”, operações com movimento dos corpos e do próprio cubo, e travessias de um lado para o seguinte, ou dois seguintes nas faces do cubo, e suas respectivas consequências poéticas.

Ademais do óbvio, das escadas que se percorre à frente, ascendente-descendente e no sentido anti-horário, e das escadas mesmas que se modificam (ou se edificam), há outros elementos desse inusitado que

transborda à realidade física imediatamente compartilhada: entre a queda de Lúcia para quem está vendo de fora, e sua sensação interna, de voar e flutuar; entre a paisagem de um colchão de areia, e a sensação da baleia mágica que atravessa oceanos; entre o guarda-chuva-invertido que salteia nas poças de água gotejadas por luzes intermitentes e a percepção de um ganso mítico que navega entre a bruma de estrelas; entre uma escada fria na estação desconhecida do metrô e o corredor do sem-tempo; entre deparar-se com portas e a ameaça da escolha/decisão que conduz ao lago do nunca-mais (e perder-se completamente de si); entre o chegar na estação (central/final) de múltiplas conexões dos metrôs, e o labirinto de escadas; entre as vozes externamente percebidas, e os significados arquetípicos – o anão do jardim que lhe fala (e entrega um óculos); o ogro-lixo que, apesar de temível, oferece uma ferramenta-sombrinha; o subir até a noite e ver/ouvir um pássaro-lua no céu (que lhe oferece um bastão); chegar aos enigmas-esquife (travessia-porta surda e muda, que circunstancialmente não falava e não escutava, requisitando uma sintonia com a verdade na forma de passagem); ser mordido pelo Dragão etc. Qualquer semelhante às jornadas da Psiqué (Alma) para recuperar o Bem-Amado (Éros) será apenas coincidência hermenêutica?

Há, portanto, sobreposta à primeira narrativa moral, uma segunda superfície, não menos diretiva de certa expectativa comportamental: o que aparentemente era obstáculo intransponível (de lacuna, de falta, de quebra, de fracasso etc), no campo de uma imaginação que vai além da percepção hegemônica de um real único, oferece outras imagens, sensações e referências da conduta. Uma imaginação que pode trazer alegria e tornar a vida leve, um aprender a ver com olhos (da alma e) da imaginação, onde o caminho das metáforas amplifica sentidos e o deslocamento nas funções originais dos sentidos constrói outra rede semântica. O exercício dessa arte em comunicar um tipo de visão de mundo que era então privativa daquela que a imaginava, e torna-se partilhada no sensível (das cores, luzes, músicas, falas etc), já é quase da esfera do sublime em uma cultura histórica de miséria ao invisível.

Utilizando-se de narrativas, personagens, e uma construção dramatúrgica, é ainda a pergunta final no contar que o próprio Pi (filme "As aventuras de Pi", dirigido por Ang Lee em 2012) atribuiu à sua jornada: em ambas possibilidades, dizia-nos o sobrevivente retratado, perco minha família, meus bens e quase a minha própria vida, estou sozinho e no meio do mar – qual é a melhor história, qual é a história mais verdadeira, qual a perspectiva que me confere mais potência e intensidade de vida? Lúcia perdeu os olhos de início (na presença afetiva do seu cachorrinho), depois, adentrando o labirinto final do

Dragão, perdeu o seu bastão (que ganhou do pássaro mágico): qual moral ilustra a força do seu caminhar?

“Let me show you what I see when my eyes closed...”

-- Kanye West, em 'Illest Motherfucker Alive'

De pronto, nada do que aparece como princípio moral evoca meu interesse – embora, se eu tivesse que me posicionar entre ambas, escolheria a segunda: mais líquida, mais passional, mais própria e menos homogênea. Em comum, todavia, parecem narrativas mais próximas do cachorro, do que a potência humana – nada de genialidade para o segundo, apenas a redução às sensações que também o primeiro, desprovido da visão (no caso de animais mais velhos, por exemplo), continua seu modo de existir a partir do cheiro/do faro. O máximo, ou mágico da potência humana está na possibilidade adaptativa ou de sobrevivência que um cachorro também seleciona?

Agamben propõe, e eu irei construir um matiz derivado daquela hipótese, que a potência humana (da arte também incluída) não se deixa capturar no ato, que sua capacidade de (exercitar e ampliar) liberdade não está no visível mas em seu escuro. Essa é uma afirmação com inúmeras dificuldades, a primeira delas, talvez, diz respeito ao escuro como reduto para o indiferenciado e, portanto, refratário de molduras e inferências lógicas. A segunda constatação é que, em sendo escuro, atribuímos no costume a sensação do “imóvel-imobilismo”, segundo o nosso prisma ideologicamente fixado de que apenas “objetos” derivam movimento.

Ainda nessa segunda percepção comum, o escuro está fixado na semântica da morte, enquanto se força uma referência inabalável do escuro somente nos ritmos do claro. Como sugerir “Inanimado” e “Imóvel”, quando o escuro refere-se às velocidades infinitas e caóticas?! Diferentemente no que se presume por equívoco político, as facetas de inatividade e de impotência no escuro, enquanto qualidades marginais do ato e da potência enquanto ato, é o plano do que não se apresenta como Lógos, Kósmos, Ordem, Integração, Coesão, Tempo etc.

De todo modo, minha proposta leva em consideração que o Ato constela/instala um conjunto de realidades-alelas: onde encontro a fotografia do insuportável que estraçalha com a luz de práticas da subjetividade, ou de práticas da singularidade, ou de intercessores humanos com actantes não-humanos?

É o que está em disintonia (contra-relação) com a obra, mas o ângulo da fotografia ou o enquadramento instalados não identificam. O que, do que seu ato e visadas imediatas, é um tipo de sombra que apenas

na instalação do objeto se produz, ou a visão de uma sombra que sem a instalação do objeto não seria perceptível?

Uma poética marginal para o/  
Instalar... e seus Atos.

Seja na relação escura que se desvela ou sugere-se com Lúcia, ou que Lúcia ocupa enquanto lugar-escuro. Seja, também, no que transborda de escuro (de vazio), e não propriamente de luminosidade e definição, no seguinte experimento de arte, realizado por Azuma<sup>224</sup>:

“(...) His latest installation piece, if you could call it that, takes this statement to the extreme. Two botanical objects — “Shiki 1,” a Japanese white pine bonsai suspended from a metal frame, and an untitled arrangement of orchids, hydrangeas, lilies and irises, among other blossoms — were launched into the stratosphere (...) ‘I wanted to see the movement and beauty of plants and flowers suspended in space,’ Azuma explained that morning. (...)”

“(...) He started with an aerial plant tied to a six-rod axis and studiously added peace lilies, poppy seed pods, dahlias, hydrangeas, orchids, bromeliads and a meaty burgundy heliconia. ‘I am using brightly colored flowers from around the world so that they contrast against the darkness of space,’ he said. The scent of the flowers was stronger and more concentrated in the dry desert breeze than in their humid, natural environments, and the launch site was redolent with their perfume. (...)”

“(...) Then he directed his attention to his bonsai. For this particular project, Azuma chose a 50-year-old pine from his collection of more than 100 specimens, and flew it over from Tokyo in a special box. While readying it for space, he kept it moist (...) the first helium balloon that would launch Away 101, as JP Aerospace named the device, was ready (...) went through a final checklist, a cord was pulled and a giant balloon emerged from underneath a tarp. An hour and a half later, the flower bouquet, or Away 100, was off too. (...) Away 101 went to 91,800 feet, traveling up for 100 minutes until the helium balloon burst. (...)”

...qual moldura? espaço.  
...e qual suporte? espaço.  
...mas, em qual contexto? espaço.  
...a partir de qual referência? espaço.  
...em relação com qual lugar? espaço.

...Instalar o quê? sombra.

“(...) None of them had ever seen a landscape like this. (...) The bonsai and flowers, though, were never found.”

Quando o rastro efêmero de uma estrela cadente, para além do visível imediato que seu Ato instala, para além do conjunto de brilho e de

---

<sup>224</sup> Ver: <http://tmagazine.blogs.nytimes.com/2014/07/18/flowers-in-space-azuma-makoto-exobiotanica/>

fragmentos que se desprendem como movimentos próprios numa pulverização incandescente do céu indiferenciado, há algo de um escuro habitado pelo não-saber e pelo não-se-vê, um escuro que se emborça, do seu eterno que não se traduz para algo de uma relação provisória e precária, escuro possível no contraste específico daquela volatilidade-cadente, ou escuro referente ao curso breve da duração para um risco no céu (como a fumaça que dissolve gradualmente sua consistência, no trajeto de um aviação-caça militar). Algo desse escuro revira-se, não como luz, mas se contorce enquanto escuro particular daquele Ato – tudo que, para além do que se instala (afirma) ou constela (agrupa), permanece como não-fazer, não-saber, não-ser em referência à composição. É um escuro que se contorce, ato chamuscado de escuro, ato ferido pelo Quíron do sem-tempo: não apenas do que não foi possível, ou não seria inclusível, mas, sobretudo, os elementos mais distantes do escuro e que, em definitivo, seriam admissíveis enquanto claro. Por definição, então, há traços remotos e tão remotos da arké, que toda a singularidade Atuante/Atuadora/Atual do mundo e da vida não captura no claro, não converte em passado.

A matéria-escura não é algo do que ainda-não-se-vê, ela é, sobretudo, o que não se dá ao ver, conhecer, fazer, falar, possuir. Anti-partículas não é uma nova inscrição, ao contrário: refere-se ao não implicado ou complicado, e menos ainda, explicado – do que não se captura em discurso, nem se quer imaginado; e ao intuirmos, já o fazemos pelo enunciado, vivenciado, experienciado, singularizado. Os horizontes da anti-coisa não sugerem uma relação com o que se põe (nominável ou inominável-fora), mas aquilo que nunca pode se pôr (escuro-skotos e seu movimento-arké). O anti-ato, certamente, não se detém ao juízo de conteúdo “belo” ou “feio” de uma personagem, mas busca extrair do ato uma espiral de incorpóreos e intranscendentes (intransitivos); em outras palavras, não gera “afetos”, mas transborda de “afélios” - os pontos mais distantes do sol/da referência da luz: afélios na relação com o espectro de escuro que um vestígio-cadente sugere como não passível de inscrição na sua instalação e ato decorrentes.

Dois escuros, sugeridos como dois espectros que se referem aos vestígios de duas obras e seus atos, em sendo escuros embora não equivalentes pelo avesso do que particularmente não-instalam e não-perfazem, seriam parte do mesmo infinito ou dos mesmos infinitos? Lembro-me que, no mundo do Ato (?), há infinitos maiores e há infinitos menores – e no domínio do escuro, dos afélios que delimitam espectros de uma instalação, há relações de grandezas (ou de rebeldias) entre seus escuros?

Assim, mais interessante do que as cores que oscilam na peça, é a relação que se deixa desprender entre o escuro e seu Ato-Lúcia. Lúcia não tem olhos, que são apenas espaços onde o escuro enxerga – por

meio do Ato, vê-se ao escuro outrora indiferente e apenas-indiferenciado; mas, sobretudo, a via por meio do qual, o escuro também desvê o claro, onde o escuro dissolve o claro na sua densa matéria escura de referência: onde a relação de insistência escuro e Ato forja um cisma perceptivo, eventualmente capaz de produzir a inquietação do Ato relacionado e retomado (revirado) como avesso do que se considera e instala-se como certa diagramação de tempo e modo de ser-fazer-conhecer.

Não se trata apenas de dizer que Lúcia vê o escuro, mas conjecturar uma fenda por onde o escuro atravessa e exterioriza-se, uma janela desobstruída onde o escuro (e não o sujeito) vê. Se o movimento do escuro tornar-se fotosensível, então, é politicamente admitido? Mas, permanecendo à margem, às sombras, é conceitualmente ilegítimo? Lúcia usa um tipo de óculos, ganha esse objeto mágico que lhe traria “conforto”, que funcionam como dois buracos-negros sobre a matéria escura, o corpo de Lúcia como apenas um tecido onde o escuro incrusta-se e operacionaliza seus movimentos.

Se houvesse atores no palco e personagens na peça, diria que os rostos parecem cobertos de uma burca. Se pudesse reconhecer alguém, se não capas medievais, diria como sombras de alquimistas que manipulam o destino da vida. Entretanto, do ponto de vista real da experiência, não há – não há exatamente garantida ou assegurada, se quer, a própria existência ou identidade de Lúcia que, assim como a nossa própria, é desaparecimento e descontinuidade. Não sei quem são aqueles que não vejo – e de que me importa saber quantos? É mundo imaginário o das crianças que acreditam nos seres mágicos, ou o mundo de ficção dos adultos que acreditam na realidade encantada de uma Lúcia estável?

Contar seis luvas de escuro tocando o corpo de Lúcia em certo momento, uma constatação que implica torná-la fantoche do quê/de quem? Lúcia é o quê, de quem? Um autômata do seu próprio medo? Emancipada do silêncio e do escuro? O que esses números me dizem se não há contrastes, silhuetas individuais, diferenças? Se tudo misturado, afinal, com ou sem mãos, é apenas o escuro envolvendo o corpo tão fugaz quanto o olhar de Lúcia?

Do que se trata, tal camada de irascível que uma garota cega não vê, onde não vê o que proponho como realidade do vivido a ela atribuída, e que não se vê como identidade de ficção contínua em mim projetada; o que é o grau absoluto de tal não viver para o que eu vivo, se não, distante da própria Lúcia, já o meu próprio rito iniciático, deflagrado com o escuro que formula tudo que não se apresenta instalado ou atuado na obra? Ora, minha relação não é com o Ato-Lúcia, sempre foi o infinito e atemporal, do seu próprio escuro (do que

não cabe no claro do Ato). Não projeto o escuro mas, desviado do Ato- imediato (que talvez, apenas nas crianças vivifique-se), somos, todos os demais, matéria já escura, onde o escuro é pessoa e nós, apenas, seus espectros.

Novamente, véus de escuro em jovens nubentes de um regime teocrático. Burcas-pretas e o perfume do *cestrum nocturnum* (os jasmims das noites), porquanto escuras, absolutamente concentradas (e não dispersa, diluída, fragmentada, pulverizada). Mover de Marina Abramovic: fora das grandes narrativas, das grandes manifestações artísticas, do ideário da beleza Burguesa, do lodo fresco da história deslizando para o arké, o inexorável que escapa ao Ato, a impotência indômita; fora da velha herança grega, pega um rato forte/ fura-lhe apenas os olhos/ devolve ao habitat de convívio/ temeroso de todos os demais e gestos selvagens dos ratos/ o rato cego mata-lhes, em uma caça feroz que se justifica na cessação do súbito/ na disputa contínua entre outros, até que um mais forte consegue matar-lhe/ procede-se com a escolha do próximo rato, uma espécime forte/ fura-lhe, apenas os olhos. Nesse instante, Abramovic não está fazendo algo; não está falando algo; não está sendo algo – Abramovic é eterna nesse momento. Não é ato, e não é exatamente um posicionamento como verdade (em ato) mas, ao contrário, é a precipitação indeterminada de tudo que nenhum, nada dos seus atos, virá a constelar. Abramovic, longe do efêmero da performance, é Alma Mater de tudo, ela vive a vida toda. Absorve-se como calor da sua obra queimada, é o escuro do mundo: da obra que não se acaba mas que irá acabar com ela.

Nem desperta, nem inteira – não o Ato, mas tudo que irremediavelmente poderia de outra forma, tudo reunido como não diferenciável. O gesto não como a oferta da ternura em Ato, mas o abraço total do infinito. Densidade máxima de tudo que talvez-seria e não-seria de fato, e que não comporta no Ato. O que excede ao Ato.

Verbete sem citação:  
(quer dizer, o fogo engoliu a página)

“(...) Esteja aqui amanhã quando eu acordar  
Momôzin vamos fazer assim  
eu cuido de você, você cuida de mim  
Não desisto de você e nem você de mim  
Vamos até o fim (...)”  
-- “Mozão”, senhor Lucas Lucco

[quando se lê, no restaurante de domingo, a legenda poética dos tais versos, que me chegam por um Fausto, outro que não aquele de von Goethe; resta-me Agamben, e sua provocação: mais relevante que o Ato constelado (em subjetividade, singularidade, actantes etc), é tudo

aquilo que impotente resguarda a potência mais livre dos homens, o pau mole no mundo dos homens. É precisamente o sublime Ato- "momôzim-vamos-fazer-assim" que me permite resfalar na frondosa amplitude escura dos quantos não-ser, não-fazer e não-saber avessados numa inscrição limítrofe do atual/atuada. Escuta-se não a reminiscência do Ato, e menos a "beleza" ou a "feiura" do seu conteúdo passível-de-Instalação, para um reverberar-se do Arké de captura improvável em sempre-distâncias-maiores, ampliações ancestrais para inaugurar um presente que não se converte em história-"Mozão" e passado-"Mozão". Do brilho fugaz na estrela, observa-se o leve acento que seu Ato distorce ou deforma (desacelerações) para o escuro indiferenciado (velocidades infinitas) que a delimita: do ato e sucessões derivadas por contorções na velocidade-escura, e, assim, de salto em salto no âmago da inatividade e impotência dos Atos, valer-me do quase-completamente fora das pedras/meteoros que riscam uma trajetória de contra-fruição possível nos veios celestes. Vê-se melhor na escuridão-Lucco ou no plano do bom-bom-zinho?]

Quando na verdade, a plateia sucumbe à (sua própria) ilusão do mais real, do colidir contra o poste da rua, como se a sensação de Lúcia-escura fosse a mesma sensação de uma plateia-vidente que experimenta o poste como sentido da visão, é, na verdade, o instante onde a narrativa do mágico-imaginário não comparece, e o motivo da formulação é apenas cumprir a finalidade pedagógica de exhibir uma limitação política segundo o prisma político dos videntes e sua perspectiva acordada de mundo. Não é o mesmo registro da queda que sugere um levantar-se heróico, da coragem de seguir tateante e duvidosa entre suas estações.

# PARTE VI

# Pós-facio

*"(...) As palavras, etéreas, tem poderes muito maiores que o de simplesmente produzir imagens.*

*Dizem que delas escorrem substâncias corpóreas. 'Palavras e coisas sangram pela mesma ferida', diz Octávio Paz.*

*As palavras sangram? Sangram coisas? As palavras são sangue? Nietzsche achava que sim.*

*'De tudo o que se escreveu eu somente amo aquilo que o homem escreveu com o seu próprio sangue. Escreve com sangue, e experimentarás que sangue é espírito.'*

*Guimarães Rosa, o Nietzsche brasileiro, diz coisa parecida ao revelar o segredo de sua escritura:*

*'Para se poder ser feiticeiro da palavra, para estudar a alquimia do sangue do coração humano, é preciso provir do sertão'. (...)*

*Nietzsche e Guimarães Rosa falam sobre uma alquimia parecida em que o sangue é transformado em palavra.*

*Quem lê bebe o sangue de quem escreveu. (...)"*

– Rubem Alves, *Variações sobre o prazer*  
Livro sem Fim (SP: Loyola, 2002, pp. 38-39)

*"(...) A emoção é aquilo por meio do qual entramos em contato com o pré-individual. Emocionar-se significa sentir o impessoal que está em nós (...)"*

-- G. Agamben, "Profanações"

*"Os afectos são precisamente estes devires não humanos do homem, como os perceptos (...) são as paisagens não humanas da natureza"*

-- G. Deleuze e F. Guattari, "O que é Filosofia"



(TEXTO PREPARADO PELO AUTOR, DISTRIBUÍDO COM A PERFORMANCE DA DEFESA PÚBLICA)

## **Chafleidar, um pensamento<sup>225</sup> extravagante no campo da saúde<sup>226</sup>**

André Feitosa de Sousa, dezembro de 2014

### Os setores(S\*) de uma breve exposição

---

(S\*1)

Trata o presente ensaio de um exercício de recriação livre, de influência notadamente estética e pós-estruturalista ao pensamento originalmente desenvolvido pelo Dr. Francisco Ursino Neto, docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (desde 1987<sup>227</sup>), por meio de uma interface entre as Racionalidades BioMédicas e as Humanidades, especialmente no que discorre acerca da BioÉtica como Ética-da-Vida/Áion-Ética. Explicita-se como um percurso de hibridismos entre as forças do pensar-no-corpo (a partir do corpo) enquanto relação imediata com as intensidades da vida e a produção de si mesmo no lastro destas, também retomando aspectos de uma Filosofia Grega (Sócrates, Aristóteles e suas Éticas), conforme problematizações difusas de autores alemães, franceses e italianos, tais como F. Nietzsche (no pensar com martelos, também com os martelos do piano), M. Heidegger (no apreço à linguagem), M. Foucault (na genealogia), G. Deleuze (na imanência), G. Agamben (na arqueologia) etc. No plano acadêmico operacional, refere-se às aplicações desse *pensamento nômade* compartilhadas na Graduação e na Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, a saber: na Matriz Curricular de 2001 para o Curso de Medicina – Fortaleza (UFC), no componente (MF-0507) que consta obrigatório ao 5º. Período, sob o título de “Desenvolvimento Pessoal 5 – Cidadania e Bioética” (64h), ofertado pelo referido docente, desde 2003, e campo da prática eletiva aos estudantes do Mestrado, vinculados ao curso de “Estágio Docência em Saúde Pública” sob orientação do mesmo; no Mestrado em Saúde Pública – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (FAMED-UFC), onde consta o módulo (SDP-7699) eletivo de “BioÉtica e Cidadania” (32h), ofertado desde 2007, bem como o módulo (SDP-7622) “Tópicos Especiais em Saúde Pública – PensArteCorpo” (32h), ministrado pelo mesmo pesquisador.

---

<sup>225</sup> AGRADECIMENTOS: Ursino Neto, Sylvia Leao, Reginaldo Costa, Francisco Cavalcante, Vilma Feitosa, Eliane Pacheco, Tarsiano Malveira, Pablo Manye, Carolina Campos, Filipe Breno Vinhas, Steve Berg, Robson Cruz, Wellington Gadelha, Thales Luz, Liese Cristina, Thiago Beck, Caio Mayrink, Katia Savioli, Emanuel Moura, Herley Lins, Pautylla Lira, Patricia Carla, Sílvia Moura, Aliata Ricelli, Leonardo Albuquerque, Sílvia Cavalcante, Bruno Aboim, Fabiola de Paula, Carla Lima, Ze Neto, Carlos Mourao, Bruno Nobre, Monica Carvalho, Paola Torres, Daniel Peixoto, Helton Thyers, Mayara Carvalho, Clayton de Moura, Tecia Rabelo, Fidel Machado, Adriano Coelho, Vinicius Honesko, Cid Bylaardt, Yuri Sales, Ed Freitas. (Para EveBréal.)

<sup>226</sup> Uma versão desse texto foi publicada no formato de capítulo para o livro “Corpos Extra-Vagantes”, em 2015. Disponível em: [http://www.editoracrv.com.br/?f=produto\\_detalhes&pid=31091](http://www.editoracrv.com.br/?f=produto_detalhes&pid=31091)

<sup>227</sup> De 1987 a 1994, período dedicado aos temas Anátomo-Físio-Patológicos que sofrerá modificações com o início do Mestrado; de 1994 a 2001, a propósito da conclusão do mestrado, em 1997, um movimento de transição gradual para os temas da Ética, da Filosofia e da Educação; de 2001 a 2012, com a proposta do novo currículo médico, a mudança entre Departamentos, áreas de interesse e novas disciplinas, abandono gradual das atividades profissionais de Cito-Patologia, conclusão do doutorado em Educação; desde 2012, amadurecimento de um percurso intelectual próprio que vislumbra novos saltos conceitual-filosóficos, por ocasião do ano sabático/estudos de pós-doc, a partir de 2015. Para saber mais: [http://www.teses.ufc.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=6721](http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6721)

---

(S\*2)

Da relação ancestral do humano com o Rito-Mito no plano das espiritualidades (decorrendo seus respectivos efeitos de Verdade), o momento grego instaurano Ocidente sua Gramática de *abstrações ao sensível* que, na operação complexa de retenção que essa modulação da Linguagem faz incidir sobre a Oralidade vigente, forja as condições para uma *transmissão diferenciada* de saber-realidade, com a possibilidade de uma reflexão sistemática (escrita, verificada, apontada, coercitiva) sobre os conteúdos enunciados. A Gramática dos Poetas-soberanos produz o enunciado de sua Pólis ideal (Ilíada) cujo modelo de Paideia (Educação, com referência em Quíron), de Herói (Aquiles) e de Organização Social gradualmente se infiltra de pretensão material, embora resguardado como objetivo “inalcançável” do perfeito (“exato” posto que abstrato), para uma Cidade e sua Política de ebulição comercial e oportuna necessidade histórica de outro pacto de governabilidade grega – de modo que alguns elementos da Ilíada-Ideal serão conduzidos para a esfera da vida social, norteadores da conduta geral, então capturados por abstrações desprendidas do sensível (da intuição, da fabulação), em uma permuta do corpo imediato (das sensações) na referência admitida pelos valores formulados naquela esfera da transcendência poética. Alternativa de combate: O Fora (Le Dehors) também da Literatura (de M. Blanchot) para confrontar a hegemonia dos Poetas (da Ilíada) e da sua gramática, semelhante cura semelhante, veneno para vacina.

---

(S\*3)

Do corpo então submerso (possuído) pela Divindade arcana, enquanto relação necessária para a Verdade ancestral (imortal e infinita, contemplável quando a finitude-limitação empresta-se de/infunde-se no “olhar” sem obstruções de um deus particular, na circunstância daquela possessão espiritual durante o culto), posteriormente emerge uma operação do Lógos (o Discurso que funda uma Realidade própria, conforme uma concepção da realidade que o homem decifra com as regras do pensamento), onde o Sujeito ensaia/enuncia a “sua” Representação para uma Verdade (divina, sagrada) da qual não será detentor. Em suas inúmeras “práticas de cuidado de si”, anteriormente abrigadas nos campos e disciplinas (ritos) espirituais, mediante o advento desse Lógos cuja narrativa de mundo já não se pretende refém do culto mágico, os acervos da ancestralidade tradicional sofrem uma formatação como “práticas de conhecimento” de si” (inicialmente “epiméleia heautoû”, depois “gnotis eautou”). Ou ainda, enquanto práticas reformuladas a partir dos vetores transcendente-especulativos dessa “nova” possibilidade discursiva (dos mecanismos da Gramática que avançam na estruturação de um Lógos, da linguagem que pretende conceber sem o recurso dos deuses), quando surge uma modalidade de conhecimento a partir da função e das regras lógicas do pensamento. Deste modo, o Sujeito que assimila os pressupostos admitidos naquela prática específica (conversão ao jogo/dimensão do pensar-como-Lógos enquanto vida) busca reconhecer em si a capacidade de conferir um tipo de Discurso (uma *versão* mais adequada, uma ficção mais convincente) sobre uma Verdade total, embora esta última ainda maior ou melhor.

---

(S\*4)

O Sujeito do Conhecimento interpõe a força desse Lógos tanto ao Saber Mágico como ao Saber do Senso-Comum (o tal modo de vida que segue mecanicamente, da crença à deriva da estultícia, do modo não examinado analítica/criticamente), confrontando a Opinião (Doxa), interpretada como expressão baseada na “relação sensível” e imprecisa com os fenômenos do mundo, às formulações abstratas alçadas pelo Discurso e sua experiência correspondente de realidade-linguística. Na caracterização desse Conhecimento particular que então se enuncia pelo Lógos, a relação entre Discurso e Realidade antiga/mágica (em maior ou menor grau, mais próximo ou distante da Verdade dos deuses) esvazia-se entre a nova dimensão legitimada dos Saberes Sensíveis (Discurso/Lógos da Physis) e dos Saberes Supra-Sensíveis (Discurso/Lógos da Meta-Physis) – estes últimos, uma vez abrigados sob o título de EPISTEME, tratam das articulações abstratas/teoréticas que permitem contemplar a Verdade, na estrutura mesma do Lógos e sua Lógica, com o Pensamento enquanto uma força Khósmica, depurado/dissociado das aparências/impressões sensíveis que sugerem juízos “equivocados” na relação com a vida (exemplo fértil do cotidiano, em dias de calor é “melhor” para o corpo beber líquidos gelados e “evitar” ingerir líquidos quentes; entretanto, sob o prisma do funcionamento do corpo, o mais “adequado” seria o contrário). Em paralelo, no âmbito dos Saberes Práticos, desdobram-se dois eixos de investigação para o ato de conhecer: a Práxis (Ação) e a Tekhné (Produção) – sendo a Práxis um Domínio/Fazer de Finalidade antecipada (ex.: Política – o cuidado da Cidade; Economia – o cuidado da Casa; Ética – o cuidado de si etc), enquanto a Técnica responde por um Domínio/Fazer que descreve uma utilidade ou uma beleza cuja Finalidade será atribuída pelo usuário (ex., Artesão, Lutas-Ginásticas, Agricultura, Navegação, Cura-Medicina etc). Nessa dimensão dos Saberes Práticos, para além do Ato/criação pontual, também se enseja o cultivo/aprimoramento de Excelências (Aretés).

---

(S\*5)

A “Ética” integra o primeiro campo da Práxis, ou do Domínio que convoca uma Ação/Finalidade como orientação antecipada do Fazer. A “Ética” como uma dimensão do Fazer e não do Contemplar/Teorizar. Ainda naquela experiência do grego arcano, “Ética” não é substantivo – não se constituindo enunciado da “coisa” fixada/nomeada. “Ethos” seria o substantivo equivalente (e não “Ética”) que nomeia o Ato particular ou comportamento humano. Há duas referências/significados para o “Éthos” humano, em suas respectivas tentativas de mapeamento de origem/arkés (lugares e consequências de poder daquela palavra-realidade): **οε-thos** (com inicial “épsilon”) ou **ἔθος**, na grafia grega original (interpretado nos termos do “costume”, da “regra”, da “convenção”, da “sociedade” etc); e **οη-thos** (com inicial “êta”) ou **ἦθος**, no grego (interpretado nos termos da morada do “caráter”, do “singular”). Assim, do éthos-com-“épsilon” (**ἔθος**) para o éthos-com-“êta” (**ἦθος**) transcorre-se uma “pequena modificação” (nos termos Aristotélicos), um acento/mudança de “singularidade”, por meio do qual salta o Sujeito (ainda do lastro do Discurso). Como exemplos para distinguir ambos, podemos ilustrá-los no comportamento habitual à “mesa” ou em lugares públicos nos contextos de refeição, seja o primeiro, como um VALOR na repetição formal/obediência à expectativa coletiva sem qualquer ressonância pessoal, seja ainda, o segundo, como um VALOR do funcionamento junto ao coletivo assimilado mediante uma

singularização (apropriação) da moral geral. Consequentemente, ambos são VALORES situados/aplicados na função/finalidade da Vida organizada como Discurso (Representações) do Sujeito/sub-jectum, objeto submetido à Lei da Pólis – ademais, ambos circunscritos ao horizonte de uma Vida Humana Qualificada (Bios). Trata-se, por conseguinte, de uma postura Ética situada na Bios, de *um regime de produção de vida atrelado à captura axiológica da Pólis a propósito de uma tipologia legitimada (qualificada) enquanto Lógos – Costume e Lei*, assim, para inferir a norma e o normal.

---

(S\*6)

Se, por um lado, esse *procedimento de fixação* operado no Lógos, através de classificação e ordenamento, permite a subjetivação (a criação do Sujeito), por outra faceta, também (en)clausura as intensidades/intempestividades no referente do mesmo Sujeito, em uma sedimentação de verdades identitárias. Todavia, embora raramente considerada, a dimensão prática do Ethos e seus Fazeres não constituem, necessária e obrigatoriamente, para além do cotidiano de usos e apropriações normativos, um condão de obrigação ao Discurso, à Representação, ao Lógos da Cidadela. Além dos VALORES formulados no campo do “Ethos”, há VALORES que traduzem “Virtudes” – Máximos, Melhores, Excelências que superam o habitual dessa Vida humana, que surpreendem os comportamentos regulares da Pólis (ao mesmo tempo, que confirmam determinada coerção política cujas normas absorvem os tais padrões “excepcionais” como referência), que se aproximam da arcana dimensão do invisível sagrado, deslocados à transcendência do pensamento humano. Valores geralmente associados ao imaginário da “perfeição”, como as qualidades tipicamente divinas: a Coragem, a Harmonia, a Justiça, a Verdade, o Bem etc. Tais Valores-Virtudes (aretés), não sendo particulares do humano, são (posições) maiores que todos os homens particulares – ex., Hércules distingue-se/destaca-se do horizonte comum, quando acata a oferta da deusa Arete por uma vida de glórias, aquisição de liberdade e nobreza apesar das atribulações, tornando-se herói de si mesmo, herói do próprio destino (e consequente “medida” universalizada para os homens). Há tipos de aretés (de excelências) segundo os modos de aquisição para esse “melhor” (superlativo do Ser de algo), de busca para essa condição de permanente superação/movimento: a **excelência intelectual** (Arete diano ethiké), enquanto dimensão do instruível<sup>228</sup> e do instrumentalizado, nas apropriações e acumulação de vivências, submetido ao aprendido e ao ensinado – exemplificado nos esforços de “treinamento” do jovem para um cidadão “integral” no espírito, no físico, na oratória, na retórica, na ciência, na música, na filosofia; bem como, uma segunda modalidade, a **excelência “ética”** (Arete ethiké, longe de uma redundância como poderia soar ao nosso momento histórico, uma “virtude-moral”, uma “virtude-do-caráter”), enquanto uma dimensão não-adquirida (não “conquistada”) por conhecimento/transmissão de terceiro, uma forma de vida que se inventa ou modo de ser cultivado no hábito (no caráter) enquanto uma **ἕξις** (héxis) – originalmente um “estado” (terminologia cedida da Medicina), uma disposição do corpo, o “quase-sempre”

---

<sup>228</sup> J.J. Rousseau, em “Emílio, ou Da Educação” (de 1792) – “Tem [Emílio] um espírito universal, não pelas luzes se não pela faculdade de adquiri-las; um espírito despojado, inteligente, apto para tudo, e como diz Montaigne, senão instruído, instruível (...) porque repito que não é meu objetivo dar-lhe a ciência, senão ensinar-lhe a que adquira ela quando a necessite (...)”. Citado por Nogueira-Ramirez, C.E. Pedagogia e Governabilidade. SP: Autêntica, 2011 (p. 152).

(do hábito) versus “o-sempre” (da Physis). Somente nesse ponto, ao tratarmos de Virtude-do-Caráter, Arete ethiké, estamos apontando a dimensão de invenção de si (da produção, da superação) como excelência da ÉTICA (jamais fixada, jamais antecipada, jamais instruída) e não apenas repetição do Éthos transmitido conforme necessidades de poder.

---

(S\*7)

Para ultrapassar sua condição precária (finita e mortal), a experiência arcana do homem recorreu aos procedimentos que o fariam próximo daquelas qualidades superiores (excelsas, excelentes) atribuídas às divindades imortais. Nessa “máquina divinizante” que também faz descolar do sensível imediato, o homem empenha-se em um conjunto de “práticas de cuidado de si”<sup>229</sup> – onde a dimensão do “si” (da ascese) a ser “cuidada” sugere que esse homem “ocupe-se” (empenhe-se) da Psykhés (da Alma). É importante destacar a Psykhés como um princípio da regulação do Khósmos e força não-individualizada (não confundir aquela “Alma” com os “sentimentos” ou as “emoções” de um indivíduo moderno, se quer na dimensão monista da Alma como Cérebro), tornada *imortal* na Jornada partilhada com o Belo (Afrodite) e o Amor (Éros). “Cuidados de si”, portanto, seriamos métodos para singularização/captura (na via do enlace amoroso) dessa Psykhés anônima/não-individualizada no corpo particular do homem, de “oportunizar” ao “si” (do homem) uma relação especial pelo hábito (héxis) junto ao que supera o próprio homem (Psykhés), na proximidade com as forças Khósmicas. Uma vez singularizada nesse corpo em função da prática, a Psykhés media o trânsito/ acesso da Verdade que ultrapassa a finitude/mortalidade/precariedade, que faculta ao homem a condição de infiltrar-se (ou ser tomado/invadido) pelas forças celestiais. Trata-se, sobretudo, na mediação do Amante e do Amado, onde Éros envolve e convoca a Psykhés para sua Jornada trágica, de oportunizar uma *relação de habitualidade* (familiaridade) com essa Verdade extravagante ao convívio humano regular – e não apenas instruir, e não apenas a pretensão de capacitar, e não apenas o querer transmitir (da pedagogia, do paidagogos, do paiderastes, da paideia, da formação intelectual). Dessa Psykhés que afere uma relação direta (imediate) com qualidades ditas por sagradas, emerge um procedimento “cuidado” (novamente, uma captura das intensidades enquanto definição/localização de Sujeito por meio de um Discurso), uma articulação que toma para si (que sequestra) o Ato/Ethos do homem (do éthos-**ἦθος** com “êta”, e não com “épsilon”, na tal “pequena modificação” de singularidade), de modo que “o homem passa a pertencer” àquela excelência (areté) - um modo de pertencer àquele “movimento”/processo divino (**ἠθική**, **ethiké**) e não a uma coisa/categoria (substantivo fixo); o homem, então, como um “efeito” decorrente daquele movimento onde se filia. Se houvesse uma terminologia mais adequada, esse movimento (**ethiké**) seria o “sujeito” da ação, o agente/actante/a força realizadora do verbo, e não a suposição de um “homem” ou de um “eu”. Uma raptura (rasura, ruptura) inesperada, mítica tal como de Éros para Psykhés, e sem a qual Psykhés não faria jus à sua própria imortalidade.

---

(S\*8)

---

<sup>229</sup> Ver as preciosas lições de M. Foucault, em “A Hermenêutica do Sujeito”.

Originalmente, naqueles termos remotos que antecederam o Lógos, “ocupar-se da Psykhés” não era uma produção do Sujeito (é mais um “dispor-se para”), na medida em que a Psykhés arcana não é um “objeto” do qual o Sujeito abarca (conhece, narra etc), dispõe ou possui (não é uma qualidade do Sujeito). Tratava-se de *um “ocupar-se” com a freqüência de oportunidades para ser atravessado (conduzido) por chamados/convocações da Alma*, para ser conjurado pela errância dessa incógnita força do Khósmos, em suas Jornadas a propósito de Éros. Quanto maior a presença encorpada (encarnada) dessa Psykhés imortal nas ocupações de um mortal, maior a força relacional (de imantação) que essa Psykhés imortal estabelece com as qualidades divinas (as virtudes, as excelências, as aretés, as forças que superam, que excedem, que extrapolam, que ultrapassam a condição média da finitude humana), impactando, por conseguinte, a configuração daquela experiência de realidade correspondente. Dessa maneira que, gradualmente, as aretés tomam (arrastam) o éthos particular na força do hábito, a partir da expressão de novos comportamentos que emergem do seu campo sagrado de atravessamentos – eis que os seres mortais convertem-se em aristoi (os melhores na vida, os nobres de alma, os “representantes” dos valores mais elevados). Ocupar-se da Psykhés, por meio de “oportunizar a si” de forma recorrente (cuidar da Psykhés, em vez de distrair-se nas sensações-aparências ou obscurecer a relação com a Psykhés nas paixões, cuidar da Psykhés em vez de deixá-la submersa aos vícios), implica também possibilitar a *expansão desses hábitos “divinos”* como integrantes/visibilizados/constituintes de modos de vida possíveis – a ponto do Éthos particular (por ex., a capacidade de “confrontar”, de “lutar”) ampliar-se no hábito dessas qualidades sagradas (tornando-se, vg., a “coragem tal como a de Marte”, o Senhor da Guerra) que se tornam organizadoras de “outra” esfera (inimaginável) para a vida humana.

---

(S\*9)

Esse eixo relacional da aproximação amorosa – da Psykhés, da Areté, do infundir o Éthos no hábito “divino” – define tanto um movimento do tipo **ηθικα (ethika)**, um não-substantivo, bem como um movimento do tipo **ηθική (ethiké)**, também um não-substantivo (portanto, movimento nesse aspecto não é coisa definida ou possuída pelo sujeito, mas uma relação que emana/desprende-se da Psykhé e da Areté para ultrapassar a finitude do homem). Desse modo, **é-ethiké** (um não-substantivo) apresenta-se como um tipo ou um qualitativo da **areté** (uma vez que existem as “excelências” não-éticas, por exemplo, as técnicas – *a excelência da medicina é técnica mas não é ética*, e trata, portanto, de uma excelência no campo da produção sobre o corpo e não da ação, da incidência de um procedimento artesanal ou protocolo técnico onde a possível finalidade da cura é atribuída pelo usuário) – assim posto, **ηθική ἀρετή (ethiké areté)**; ademais, **é-ethiká**, como um dativo (à-Nicômaco, à-Alguém), no sentido de um modo particular como a areté “ocupou-se” de (ou sequestrou o) Éthos de uma vida, Éthos de alguém, de uma relação circunscrita e não generalizada. Não há, por conseguinte, “a-ethiká” ou “a-ethiké”, como abstração generalizada ou conceito universal – uma vez que essa proposição “ética” (ex: a ética profissional etc) como um substantivo geral e não situado desvia do aspecto relacional/de movimento onde, sendo a **areté** o maior, o melhor ou a excelência, trata de um homem particular cujos esforços sugerem que foi “tomado pela **areté**”, do homem que “pertence à **areté**”,

segundo a expressão dos conectivos **é-ethiké** (qualitativo) ou **é-ethiká** (dativo) nesse campo de filiação à virtude. Ambos, **Éthos** e **é-ethiké/á**, estão situados no campo do VALOR, embora, o primeiro seja Ato e Substantivo (topografia), enquanto o segundo, Pertencimento-à-Areté (que se lança a frente, que se desconhece ou estranha-se na distância do próprio lançar). Um exceder que não implica um transcender, mas um excesso, um extrapolamento; uma excelência, uma diferença-para-mais, uma ultrapassagem do Lógos, um movimento extra-vacante para o Discurso, a Atualização, a Formação-Transmissão-Ensino. Movimento do “patriota” na Bios para a bruxa “apátrida” que não se trata do Ethos, mas da Ética como invenção desse excesso de inefável (e não de sublime) que a Pólis (desde os poetas e suas Gramáticas) jamais comporta – modos de vida como invenção e relação, sem apelo de representação, sem apelo de transcendência. Das forças que se a-firmam (desestabilizam, não se firmam) a partir da vida – que não respondem às malhas de captura do Ato-Cidade-Estado.

---

(S\*10)

O vínculo entre Éthos e Arété na “ocupação” de “si” (para/pela Psykhés) também aponta um convite de *reinvenção e de superação práticas* dos modos de vida. Opondo-se às camadas e densidades de fixação (aos modos de vida capturados no Lógos), exige-se também informar que, para os sábios do pensamento grego, a “deterioração” da alma estava circunscrita no âmbito da Doxa (Opinião) – daquele estado de espírito incapaz de reduzir (purificar) as paixões ou partícipe na distração da alma em meio às aparências/impressões. Enquanto o mundo antigo concebeu essa prática de (“cuidado” de) “si” onde o Lógos promovia cura/liberdade, todavia, segundo uma perspectiva contemporânea de resistência e apelo à diferença, é necessário interpor outros modos de vida para a naturalização de uma produção de vida (ética) restritiva à Bios/Pólis – não é apenas o aspecto “bio” do biopoder, como um regime de poder que incide/se infiltra sobre o domínio do corpo e da vida, mas a própria condição de vida enquanto vinculação/enquadramento ao transcendente (ao Lógos, ao Discurso, à Representação, à Pólis), de cogente resistência ao enfraquecimento de potências e intensidades vitais a partir de um monopólio orgânico ao campo político (da Pólis). A partir de três metáforas a seguir ilustradas, argumenta-se que não se faz compulsório à “vida” essa condição de restrição/adoecimento (de paixões e afetos tristes, capturados) pelo Lógos: uma primeira imagem do pensamento, interpretada por Nietzsche, é a do Sócrates que se “cura da vida” ao morrer, que se desprende das ilusões e das aparências equivocadas pelas intensidades sensíveis – empenhando um galo para Asclépio, como tributo ao deus Curador; uma segunda interpretação é oferecida por Foucault que, deslocando a “cura” da figura do Sócrates para o seu discípulo Críton, supõe outras condições de um processo de libertação, mediante o feito da morte e lição consequentemente empenhada de sabedoria, a partir da força relacional do grande amor do mestre sobre o discípulo (da parrhesia), da voz “franca” como uma figura de cuidado – desse Éros que vela/conduz à Verdade como um terapón/atendente da Psikhés –, onde o que se foi passível de “curar” era a ignorância do “discípulo” como ato final de liberdade para uma vida sã, da oferta ao discípulo para, enfim, ocupar-se de si mesmo a partir da morte premente e necessária do mestre; e, finalmente, uma terceira ilustração, onde não é o morrer que cura da vida (vida que seria

doença por si), onde também não é a relação de si com a verdade/mestre que cura da vida ignorante, mas uma rubrica de que a vida não é enfermidade (confinamento, deterioração) quando(ou somente) viver é tempo de inventar, quando vida é áion (um peão que gira e gira e gira), quando vida é abertura ao instante, quando os modos de vida não respondem aos aprisionamentos de um tipo de viver nos termos especificados da Bios; ou ainda, da imagem do próprio galo, esse mover-selvagem, já não mais os deuses ou os homens sá-Bios (homens dos asso-Bios), mas um galo como força ctônica, telúrica – ou das forças da própria vida que riscam a terra, que sujam e dessacralizam os lugares inertes, que desenham/desafiam como quem brinca, que joga e ocupa-se da vida-terra; desse galo, finalmente, como uma intensidade lúdica, uma força da vida que abre/escava na terra um mundo de puro acontecimento (“Só o impossível acontece! O possível apenas se repete, se repete, se repete...” – Chacal), de novos modos e relações de vida. Galo, afinal, como força do não-sujeito que transita entre chão e céu, que inventa outras referências/relações de vida; esse galo-Hérmes (o mensageiro, o alado, o psychopompós) como áion(vida e não apenas tempo) que escapa da vida-prisão na Pólis, na Lei, no Lógos, no Ato (na moral, na conduta, no direcionamento). *Um galo para Asclépio, assim, quando a vida é curada da Bios pelo Áion* – curada pelo lúdico, o estésico, o sensível, o profanador, e não apenas enquanto suspensão do tempo capturado nos engendramentos de poder (não como apelo à imanência ou à superfície, não pela via da intensidade ou dos afetos em malha de devir-aranha, mas nas forças telúricas/ctônicas, no escavar do solo-abismo da própria vida), e não apenas pela suspensão do espaço capturado nos arranjos de poder (a profanação como uma mutação que restitui em movimento da Pólis a dimensão ofertada à própria sorte-fortuna/caprichos-arbítrios dos deuses, uma devolução para o mundo sensível daquela condição “sacer”, outrora imobilizada no sagrado e extraviada das impurezas nas sensações). Essa gira-Áion dentro do espaço-tempo: um aspecto de “diferença” para os mocinhos das Teorias Críticas é que os tais Contemporâneos, “profanadores” e menos “analíticos”, não estamos exatamente lutando na seara do pensamento enquanto linguagem ou do pensamento enquanto história... Desde M. Blanchot (!), o que nos interessa é uma experiência (de zona) limítrofe: o Fora da linguagem, o Fora do pensamento... as forças de um pensamento sem sujeito, de um pensamento sem objeto, ou da potência e do escuro no pensamento (para retomar G. Agamben)... uma dimensão, novamente, onde há silêncio, há mistério, há amor, há distância, há estrelas..... e há o corpo-enquanto-avesso (necessário) da palavra, da gramática, da poesia. Se os poetas fogem no “inefável” para cair nos braços do “sublime” (da sua forja na linguagem), se os poetas, sobretudo, buscam efetivar sua teia-de-intensidades-afetos sobre o Abismo do tempo-esvaír/esvanecimento de tudo, gentileza, não nos confundir aos primeiros: a especificidade da nossa problemática são as forças ctônicas-tectônicas-telúricas (os xamãs, as bruxas), uma expulsão ou exílio da Pólis (o exílio do amor, aponta-nos Agamben) – e, jamais, uma concessão que (des)articula o tempo burocrático a favor das intensidades moventes-deslizantes... Daquele desespero por um Káiros (do oportuno) que confronte um Kronos (e faça suspender a violência, a imposição, o deserto etc), nosso Áion (é o Ewo-Eão-Vida) é o atemporal-eterno do menininho sapeca e engenhoso - não é, portanto, um Áion-tempo; é corpo-gesto, e não tempo-espaço. O Fora do Homem: fora do antropocentrismo e do fascínio da

experiência infinita, também não há qualquer homem como “centro” de revolução espiritual nenhuma; o tal homem, do humano e dos humanistas, é o mesmo homem da ciência e das revoluções espirituais – esse homem existiu enquanto houve o deus. e nada mais.

---

(S\*11)

É nessa perspectiva de um Domínio-Fazer (Discurso, Sujeito, Finalidade Ética) que se ocupa de si (da *Psykhés*), dos Modos de Vida enquanto Modos de Invenção/Superação de Si a partir das Aretés (Movimentos, Excelências, das Não-Capturas em Substantivos), que emerge a problemática específica da Vida reduzida ao Sujeito, à Representação, ao Discurso, à Pólis – *dessa Vida definida nos termos dos Atos manobrados como Bios*, das forças da Vida aprisionadas (deformadas, fixadas) como Subjetivação. No curso desses espectros da Vida como Zoé (a vida como forças brutas), da Vida como Bios (a vida qualificada pelo Lógos) e da Vida como Áion (a vida como invenção, como criação, como abertura), opera-se um *deslocamento* nas políticas e práticas de si: ilustrada, por exemplo, no saltar de uma perspectiva de Bio-Ética para uma perspectiva de Áion-Ética, mediante o vislumbre prático (a finalidade) de modos inventivos e não-antecipados de sentido ou orientação ou classificação da vida, um saltar (lançar) para a vida que também comporte essa invenção no Áion (disso que não é o tempo “presente”, mas o mover das estrelas que ainda forjam um firmamento plástico, do firmamento em expansão e de fronteiras não definidas) e não apenas circunscrita pela Bios; uma áion-vida (áion-estética) enquanto dilatação entre re-arranjos de forças, bem mais do que um “áion” como alteração do tempo-poético submetido à vida necessariamente como História, como Cidade, como Pólis (como Cidade-Sublime); conseqüentemente, um Fazer que já não era Ciência/Conceito/Episteme, um Fazer a si enquanto Criar modos de ser que já não era Ato (Éthos social, conduta moral prevista ou antecipada), um Fazer que já não era transmissão intelectual/abstrata (Areté intelectual), mas um Fazer cujos Modos de Invenção (de movimento de Singularização, **ἠθική**, associada a uma Areté enquanto disposição-héxis, ou da superação-movimento/excelência enquanto hábito e construção no corpo banhado com as tempestades da vida) não estão reduzidos ao Lógos e seu Discurso sobre o tempo (um fazer que sinaliza o Fora); Modos de vida que não estão reduzidos às posições da Representação, do Sujeito, da Lei, da Pólis, da Política (ao Corpo-Populacional, à Política Pública, às Identidades na Pólis, às Saúdes Coletiva, ou Saúdes Populares, ou Saúdes Científicas) etc. Torna-se um Fazer do Herói-Eão, ou do Movimento-Etiké que se ocupa da Vida-como-Áion, cuja singularização das excelências (“éros-psykhé-areté-corpo-éthos”) ocorre junto aos demais vetores de uma Vida-Áion. Assim, se migra de uma ocupação na **βίος (Bios) — ἦθος (éthos)** para uma andança na **αἰών (aion) — ἦθος (éthos)**.

---

(S\*12)

Áion do mover-criança descrito por Heráclito, do tempo-Eão onde vida é tempo-todo de instante e de fruição (“Panta Rei”), é o mesmo Heráclito da pergunta ética para/por excelência: “o que é isto, o homem?”; também daquele Heráclito que ensina **ἦθος Ἀνθρώπου Δαιμον** (“éthos anthropoi daimon”), ou do homem como esse “entre-forças”, uentre dois movimentos – de um lado, o éthos como singularidade, como um desvio da regulação social; éthos (**ἦθος**) já

singular que se empresta, no instante de eclosão inaugural da ethiké areté (ἠθική ἀρετή), como modo de vida que supera/excede o próprio homem social/da pólis/da Bios; o homem, assim, ladeado por tal singular (éthos com “êta”) e, do outro lado, o daimon: um “de-dentro-para-fora” em instante-lançar, em pulsação, em constante invenção de destino, em movimento, rastro, vestígio; daimon como uma força, um projétil que se alimenta do tempo de áion, um fazer-se na vida incessante, um pro-ballo (lançar à frente) incandescente, sem resposta antecipada ou convicção de chegada, uma problematização inquietante lançada (uma mensagem, Hérmes) da vida para o Abismo/Fora – não uma zona do Fora permanente (que dissolve finalidade, ética, discurso) mas essa Áion-Ética como um lançar do dentro (da prática) para o Fora. A medida que se expressa como *um Fazer e um Curar da Bios pelo Áion* (é-étika na Saúde como uma radical dessacralização para os modos de vida capturados na Bios a partir das forças desobstruídas na própria vida), não se trata de um exercício na Filosofia da Diferença e dos Pós-Estruturalistas – mediante a admissão contraventora desse Fora limítrofe do Sensível, da Gramática, do Pensamento, da Linguagem; portanto, não apenas um deslocamento do tempo (uma vez que “devir” seja mudar e multiplicidade, a identidade é vista nos termos da captura no tempo, é obstrução do fluxo, é redução do movimento; do ponto de vista da Hermenêutica e da Linguagem, não há como optar pelo Fora quando o “sacrifício”, o galo empenhado, é o preço do risco ou da loucura, da não-palavra, do inefável); nem também, um deslocamento do espaço (vide G. Agamben e o Amor como Escuro, Potência, Arké); Aion-Ética nessa condição do entre-forças, do entre-mundos do Psychopompós (daquele que se ocupa da Psykhés). Pertencimento à Excelência como um Fazer de outras expressões do viver, de outros lugares para o viver – ex., um Prometeu também possuído de Dionísio, a reconfigurar o espaço-tempo da Montanha e do seu Cárcere; Áion-Ética cujo enfoque imaginado recai na “Ordem” aprisionada, e não uma tentativa de Fora (radical) para toda e qualquer Ordem/Khósmos (no apelo hipotético dragão-bruxa-abismo que desfaz a Ética no pós-Éros em termos de sem vínculo, sem coesão, sem agregário, sem aglutinação, sem multidão etc, no sem Fazer-Finalidade-Cura-Vida-Áion).

---

(S\*13)

Esse tipo de homem-sem-kósmos, cujo Fazer de modos inventivos da vida situa-se entre as forças do singular e do projétil (pro-ballo), move-se “de-dentro-para-fora” (jamais fora, jamais dentro – incessantemente lançar, jamais identificado, jamais fixado, jamais capturado, jamais aprimorado, sem o tempo da duração e da continuidade; lançar adiante o problema que mira no Fora, avança o pensamento como invenção, como superação/excelência de “si-vida”, pensamento como aforiainsuperável que delimita/inaugura uma ocupação-efêmera-como-rastro), em uma articulação de Sapere (e não Scire), de **saber-como-sabor**, do que se distingue (conhecer) no gosto (no corpo!) e na relação com a vida, do pensar-no-corpo, de uma Sapiëntia e não uma Scientia, para desarticular “um” tipo fixado de vida com o Áion. Galo da terra, forças (cismas à repetição) e movimentos da vida, Ética como prática de invenção, Ética de-dentro-da-vida para Fora. Artes e Humanidades como perícia desse potencializar (oportunizar), do lançar o pensamento ao Fora.

(Intermezzo)

*Certamente, o modo de proliferação do meu pensamento (que também se expressa na minha escrita) está situado como um Fazer, um Modo de Ser, um tipo ou caso particular de Aion-Ética. Diferentemente dessa escolha para Invenção (Infestação) de Si que me servi (khrésis, uso nos termos de Fazer o que deve ser Feito, Ocupar-se da Psykhé), dificilmente em outro território e compromisso político de conhecimento, seria plausível vislumbrar tamanha confiança e liberdade para um pensamento como potência. “Sapere aude” é também uma relação comigo, um desafio ou incitação para realizar o meu próprio vôo. É um código, uma autorização, foi o que ouvi no gabinete do meu disorientador. Não deixa de personificar, de outro modo, um tipo de engrandecimento, de agradecimento, de reconhecimento público de generosidade, uma dedicação (ocupação, investimento afetivo) e declaração mútua de amor. Ouse. Atreva. Prove, prove-se. Prove, perca-se. Saborear, discernir pelo gosto. De Horácio<sup>230</sup> para o brasão de Gassendi<sup>231</sup> até o corolário de Kant<sup>232</sup>, para o contemporâneo onde nada há mais distante para a tentativa de esquadriñar pela consciência reflexiva ou de instrumentalizar a vida pela razão. Adentre. Comprove. Jogue-se. Arrisque-se. Em tempos de pós-Luzes, pós-Razão, pós-Ilustração, pós-Iluminismo, pós-Aufklärung, o que pode tensionar como um residual interpretativo, como um giro de movimento? Verbo “Audere” (latim). Avidez, Audácia, Imprudência, Destemor, Provocação, Insolência, Risco. Inquieta-te. Busca-te. Faça-te. Paladar como intelecto<sup>233</sup>. Ao Saber-come-Sabor, Inicia a ti mesmo em teus mistérios. Sapere aude. “O licor tinha a mais bela cor de topázio, fina e transparente. E sabia gostosamente a frutos e a doce” (Maria Archer). O licor sabia a frutos, ou seja, lembrava o gosto, remetia ao sabor de frutos. “Esse prato sabe muito bem”. O prato era saboroso, onde o gosto era portador de um estatuto próprio de reconhecimento (de saber). Homo sapiens – “bom paladar, que é conhecedor”. Sapientia – “bom paladar, bom senso”... Provar o gosto. Ousa Servir-se.*

*Inicia-te pelo Sabor.*

*Adentra a arké pelo sabor.*

*Sapere aude.*

Se você esteve na apresentação do Exame Público da Qualificação (em outubro de 2014), e pouco “entendeu” acerca do ocorrido (seja a respeito do Rito, seja a respeito da exposição teórica)... Se você também assistiu essa apresentação durante a Defesa de Dissertação, e, novamente, não entendeu nada... Se nada de realidades duplas concomitantes, ou dupla dimensão superpostas e não-coincidentes, ou superposição de planos e realidades com efeitos simultâneos, ocorrendo lá-e-aqui de piscina-dança-pisca-texto-pisca, como superposição de um mesmo corpo, e, assim, também não entendeu nada... Já imaginando dificuldades dessa natureza, aplicamos um Questionário de duas páginas, consultando os participantes a respeito das experiências individuais naquele modelo de apresentação, durante o Exame de Qualificação.

Obtivemos respondentes voluntários a partir da Lista de Presença, dentre um público geral de 110 pessoas, imediatamente após a apresentação da performance. Dessa forma,

**SE VOCÊ NÃO ENTENDEU ESSA CHAFURDAÇÃO, A ESTATÍSTICA PODE EXPLICAR ALGO!**

O recorte quantitativo apresentado consiste em um estudo exploratório que busca analisar correlações entre as variáveis de um Ethos específico (profanação, com o propósito de estruturar hipóteses a partir de uma abordagem analítica que discuta compreensões da “potência” de profanação a partir dos comportamentos observados durante a apresentação de uma modalidade artística.

Contou-se uma amostra de 78 participantes do Exame de Qualificação, realizado em outubro de 2014. Os referidos colaboradores na investigação foram convidados por meio de cartazes e comunicação eletrônica

<sup>230</sup> “(...) Atqui si nolessanus, curres hydropicus; etnipoyses ante diem librum cum lumine, si non intendes animum studiis et rebus honestis, invidia uel amore uigil torquebere. Nam cur, quaelaeduntoculum, festinasdemere, siquid est animum, differscurandi tempus in annum? Dimidium facti, quicoepit, habet; sapere aude, incipe. (...)” HORATIVS, Epistulae - Liber I. Ver: <http://www.thelatinlibrary.com/horace/epist1.shtml>

<sup>231</sup> “Ayant droit à un blason, son choix se porta sur un blason d’azur au champ d’étoiles illimité accompagné d’une devise ‘sapere aude, ose savoir’ – Ver: <http://alain.calloch.pagesperso-orange.fr/pages/astropenseur7.htm>

<sup>232</sup> “A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria se a sua causa não reside na falta de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo sem a orientação de outrem. Sapere aude! Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento!” – Ver: [http://www.theoria.com.br/edicao0109/O Despertar da Razao no Individuo.pdf](http://www.theoria.com.br/edicao0109/O%20Despertar%20da%20Razao%20no%20Individuo.pdf)

<sup>233</sup> Ver: <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/o-que-o-saber-tem-a-ver-com-o-sabor/>

institucional, além de divulgação oral em atividades acadêmicas variadas, listas de e-mail e mídia social (mural e evento específico de facebook).

Obteve-se um grupo participante com idade acima de 18 anos, de ambos os sexos. No momento da Qualificação, os participantes vivenciaram uma experiência integralmente estético-performativa, conceitualmente denominada Rito/Rítica, com duração de 50 minutos, seguida da solicitação que respondessem um Questionário, sobre o qual se buscou identificar a percepção dos sujeitos quanto às variáveis relacionadas a um Ethos (forma de comportamento) correspondente à Arete-Profanação.

A amostragem pôde ser caracterizada como não probabilística por conveniência, uma vez que se desconhece a probabilidade de alguns ou de todos os elementos da população, no que se refere ao pertencimento à amostra (MASSUKADO-NAKATANI, 2009), e por conveniência, segundo Costa Neto (1977), ao sinalizar uma amostra acessível do conjunto investigado, mediante contato imediato e direto.

Obteve-se como resultado 43 questionários preenchidos a partir de livre adesão dos presentes, tratando de questões categóricas dicotômicas, estruturado em quatro blocos temáticos: 1) campos disciplinares em que se identifica a experiência apresentada; 2) fundamentos percebidos no formato da apresentação; 3) comunicação da apresentação ao participante; e 4) interfaces da apresentação com os possíveis campos da saúde. Além dos quatro blocos referidos, foram adicionadas questões complementares que pudessem caracterizar a adequação da apresentação aos ritos acadêmicos formais.

(MODELO UTILIZADO)

### QUESTIONÁRIO A PROPÓSITO DA SUA EXPERIÊNCIA NESSE EXAME DE QUALIFICAÇÃO

- O PRESENTE INSTRUMENTO É PARTE INTEGRANTE DA APRESENTAÇÃO REALIZADA, COM O INTUITO DE OFERECER DEVOLUTIVAS À EQUIPE ENVOLVIDA NO PROCESSO REALIZADO.

- TRATA-SE DE UMA CONSULTA DE OPINIÃO CUJOS RESULTADOS **NÃO INTERFEREM** NA APRECIÇÃO/NOTAS ATRIBUÍDAS AO MESTRANDO.

- A PARTIR DA **REFLEXÃO SOBRE A SUA EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL**, RESPONDA AS PERGUNTAS A SEGUIR COM O **MODO DE ATENÇÃO QUE LHE SEJA O MAIS VERDADEIRO**.

- QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL PARA MARCAR DE CANETA.

- AS QUESTÕES DE **NÚMERO 1, 5, 6 e 7** APRESENTAM AS SEGUINTE **OPÇÕES**:

EM CASO AFIRMATIVO, 1-  SIM; EM CASO NEGATIVO, 2-  NÃO; EM CASO DE "NÃO SABE RESPONDER", 3-  NSR; EM CASO DE "NÃO QUER RESPONDER", 4-  NQR

- AS QUESTÕES DE **NÚMERO 2, 3 e 4** PERMITEM QUE SEJA MARCADA **UMA OU MAIS DE UMA OPÇÃO**.

1. **VOCÊ ASSISTIU POR COMPLETO O EXAME DE QUALIFICAÇÃO DE UM PROJETO DE MESTRADO ACADÊMICO**, apresentado pelo estudante André Feitosa de Sousa e ocorrido no dia 8 de outubro de 2014 na Sala E (Bloco Didático, 1º. Andar) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (FAMED-UFC)?

Resposta: 1-  SIM 2-  NÃO 3-  NSR 4-  NQR

2. **QUE(AIS) CAMPO(S) VOCÊ IDENTIFICA COMO DIRETAMENTE RELACIONADO(S)** à sua experiência nesse Exame de Qualificação de um Projeto de Mestrado na FAMED-UFC:

2.1. ( ) Às **Ciências Biológicas e da Saúde** (alguns exemplos incluídos, mas não restritos a: Anatomia, Fisiologia, Semiologia, Cinesiologia, Microbiologia, Histologia, Bioquímica, Biofísica, Genética, Epidemiologia/Estatística)?

2.2. ( ) Aos **Modelos de Gerência do Setor Saúde** (alguns exemplos incluídos, mas não restritos a: Governança, Economia, Formação de Capital Humano, Planejamento, Avaliação, Controle e Regulação de Serviços)?

2.3. ( ) Aos **Modelos/Políticas Institucionais da Saúde** (alguns exemplos incluídos, mas não restritos a: BioMedicina, Medicina Social, Saúde Comunitária, Saúde Pública/Sanitaristas, Saúde Coletiva, Sistema Único de Saúde; incluindo políticas, tais como: Atenção Primária em Saúde, Estratégia de Saúde da Família/ Atividades de Promoção e Prevenção em Saúde, Humanização)?

2.4. ( ) Às **Ciências Sociais e Ciências Humanas** (alguns exemplos incluídos, mas não restritos a: Educação, Psicologia, Linguística, Sociologia, Antropologia, Comunicação Social, Ciência Política, Direito; incluindo as problemáticas do Estado Capitalista, da Judicialização da Saúde, das Interações Compulsórias – crack, psiquiatria, epidemias contagiosas, da Criminalização da Pobreza, da Juventude e dos Movimentos Sociais)?

2.5. ( ) Às **Práticas Populares em Saúde** (alguns exemplos incluídos, mas não restritos a: Grupos Comunitários de Bairro, Rodas de Auto-Cuidado – tais como Terapias Comunitárias, Práticas Integrativas em Saúde; incluindo as metodologias das Rodas de Diálogo e Conscientização, instrumentos da Cultura Popular para trabalho em grupos – tais como Cirandas e outras Dinâmicas, Grupos de Saúde Mental, Massoterapia)?

2.6. ( ) Às **Militâncias e Ativismos Políticos** (alguns exemplos incluídos, mas não restritos a: Proposições das Religiões enquanto Instituições do Estado, Articulações Partidárias, Causas Supra-Partidárias, Lutas Reformistas no sentido amplo – Democráticas ou não, Posicionamentos Anarquistas contra Instituições, Poderes e Governos)?

2.7. ( ) Às **Artes e Humanidades** (alguns exemplos incluídos, mas não restritos a: Dança, Teatro, Música, Cinema, Fotografia, Literatura/Poesia, Línguas Antigas/Filologia, Mitologia, Filosofia, Epistemologia; incluindo Linguagens de Vanguarda/Experimentais e Estéticas Periféricas/Marginais/Não-Classificáveis)?

2.8. ( ) Às **Místicas e Espiritualidades** (alguns exemplos incluídos, mas não restritos a: Ritos Mágicos ou Iniciáticos, Práticas de Curas Ancestrais ou Sagradas, Sistemas Oraculares ou Divinatórios; incluindo as metodologias da Alquimia, Paganismo, Curandeirismo, Pajelança e Sabedorias Perenes)?

2.9. ( ) **OUTRAS**. Qual(is):

---

2.10. ( ) **NÃO SOUBE RESPONDER À PERGUNTA DO BLOCO**.

2.11. ( ) **NÃO QUER RESPONDER À PERGUNTA DO BLOCO**.

3. Durante a sua experiência nesse Exame de Qualificação de um Projeto de Mestrado na FAMED-UFC, **VOCÊ CONSIDERA QUE O FORMATO DA APRESENTAÇÃO ESTEJA BASEADO EM:**

- 3.1. ( ) Uma gestualidade aleatória que desfaz as representações instituídas da sociedade?
- 3.2. ( ) Um pensar no corpo em termos de improvisação livre e experimentação conceitual?
- 3.3. ( ) Uma experiência pacifista, dialógica, contrária à ruptura/violência?
- 3.4. ( ) Uma dimensão de confronto, desobediência, resistência?
- 3.5. ( ) Em sentimentos difíceis e afetos tristes ao delimitar um espaço de ação a partir do mórbido/macabro/grotesco?
- 3.6. ( ) Em intensidades incomuns segundo uma percepção cotidiana que as interpretam como sombrias?
- 3.7. ( ) Em práticas que enfraquecem objetivos éticos para o humano, sua vida qualificada e relação com a finitude?
- 3.8. ( ) Em modos inventivos de existir por meio de potências que abrigam novas experiências?
- 3.9. ( ) No resgate de memórias passadas em vista de enfraquecer qualquer orientação para o desenvolvimento futuro?
- 3.10. ( ) Em estratégias de desmecanização sensível que admitem os desvios rejeitados por uma vida enquanto ferramenta de resultados fixados?
- 3.11. ( ) Em uma condição radical de precariedade física e psíquica no intuito de explicitar outros sentidos para vitalidade e dinamismo?
- 3.12. ( ) Em um circuito de potências, linguagens e composições por meio das quais se desafia à concepção de uma vida sem ânimo (desanimada) e sem estesia (anestesiada)?
- 3.13. ( ) Em uma percepção das sensações entrecruzadas nos manejos das “cartas de amores (não-)mortos” solicitadas aos participantes previamente inscritos?
- 3.14. ( ) Em um ambiente aberto e colaborativo no inesperado?

3.15. ( ) **OUTRAS**. Qual(is):

---

3.16. ( ) **NÃO SOUBE RESPONDER À PERGUNTA DO BLOCO**.

3.17. ( ) **NÃO QUER RESPONDER À PERGUNTA DO BLOCO**.

4. Durante a sua experiência nesse Exame de Qualificação de um Projeto de Mestrado na FAMED-UFC, **VOCÊ PERBECEU UMA APRESENTAÇÃO QUE REFLETE:**

- 4.1. ( ) Uma perspectiva de um conhecimento que busca didática, acessibilidade e aplicabilidade?
- 4.2. ( ) Uma perspectiva de um conhecimento que busca sensações, intensidades e desejos?
- 4.3. ( ) Uma finalidade para homogeneizar metodologias em face de avaliações externas que demandam o volume de produtos acadêmicos simplificados?
- 4.4. ( ) Uma finalidade para interpelar saberes instituídos a partir das inquietações das artes e de um pensamento com afetos múltiplos?
- 4.5. ( ) Um compromisso que se abstém das identidades, interesses e privilégios para ratificar saberes hegemônicos e seus mecanismos correlatos de regulação?
- 4.6. ( ) Um compromisso de reduzir opressão social ao não se reconhecer nas categorias de identidades, de culturas, de histórias, de revoluções?
- 4.7. ( ) Um exercício de pensamento que traduz o mundo a partir de classificações de enfermidades e suas respectivas causas/origens?
- 4.8. ( ) Um exercício de pensamento que se propõe a partir do inconcebível, do não-representável, do abismo, do fora?
- 4.9. ( ) Uma relação de poder que sugere rigorosidade, verdade e hierarquia?
- 4.10. ( ) Uma relação de poder que sugere singularidade, expressão e afeto?
- 4.11. ( ) Uma postura que mantém uma percepção de presente moralmente satisfatória?
- 4.12. ( ) Uma postura que inventa percepções singulares de presente a partir de uma relação criativa entre necessidades e contextos?
- 4.13. ( ) Uma construção de homem que pressupõe neutralidade, controle e racionalidade?
- 4.14. ( ) Uma construção de homem que pressupõe corporeidade, sensibilidade e inquietação?

4.15. ( ) **OUTRAS**. Qual(is):

---

4.16. ( ) **NÃO SOUBE RESPONDER À PERGUNTA DO BLOCO**.

4.17.  NÃO QUER RESPONDER À PERGUNTA DO BLOCO.

5. Durante a sua experiência nesse Exame de Qualificação de um Projeto de Mestrado na FAMED-UFC, EM QUAL(IS) INTERFACE(S) DA PRODUÇÃO DE SAÚDE VOCÊ AVALIA QUE O TRABALHO APRESENTADO CONTRIBUIU:

- 5.1.  Dimensão biológica (considerou a fisicalidade)?  
5.2.  Dimensão conceitual (considerou a racionalidade)?  
5.3.  Dimensão procedimental (considerou a metodologia/técnica)?  
5.4.  Dimensão de paz pública (considerou a tolerância e estabilidade sociais)?  
5.5.  Dimensão de segurança jurídica (considerou a continuidade institucional)?  
5.6.  Dimensão de controle social (considerou os mecanismos de participação democrática)?  
5.7.  Dimensão educativa (considerou a instrução, lazer)?  
5.8.  Dimensão infraestrutura (considerou o saneamento, transporte, habitação)?  
5.9.  Dimensão ocupação (considerou o trabalho, geração de renda)?  
5.10.  Dimensão sentimental (considerou a emotividade)?  
5.11.  Dimensão crítica (considerou a problematização/questionamento)?  
5.12.  Dimensão corporal (considerou a expressividade/invenção)?  
5.13.  Dimensão relacional (considerou a vinculação/pertencimento)?  
5.14.  Dimensão política (considerou o engajamento público/coletividade)?  
5.15.  Dimensão existencial (considerou o sentido/orientação de vida)?  
5.16.  Dimensão ética (considerou o valor/modos de viver)?  
5.17.  Dimensão estética (considerou o tácito/sensível)?  
5.18.  Dimensão ancestral (considerou o rito/conexão/arké)?  
5.19.  Dimensão multilinear (considerou a intuição, sincronicidade, serendipidade)?  
5.20.  Dimensão pós-humanista (considerou o mágico/mistério/espiritual/sem-tempo)?

5.21.  OUTRAS. Qual(is):

---

5.22.  NÃO SOUBE RESPONDER À PERGUNTA DO BLOCO.

5.23.  NÃO QUER RESPONDER À PERGUNTA DO BLOCO.

6. Você considera que essa apresentação para Exame de Qualificação do Projeto de Mestrado demonstra-se apta à aprovação?

Resposta: 1-  SIM 2-  NÃO 3-  NSR 4-  NQR

7. A partir da sua experiência com esse modelo de apresentação para Exame de Qualificação do Projeto de Mestrado, você considera uma prática viável a ser reproduzida no campo da Saúde?

Resposta: 1-  SIM 2-  NÃO 3-  NSR 4-  NQR

8. A partir da sua experiência nesse Exame de Qualificação, você considera que o estudante soube posicionar a sua apresentação no âmbito de um Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu segundo um Mestrado Acadêmico de Saúde Pública de uma Faculdade de Medicina que é parte das Instituições Públicas Federais de Ensino Superior?

Resposta: 1-  SIM 2-  NÃO 3-  NSR 4-  NQR

Informações Complementares – IDADE: \_\_\_\_\_

MARQUE se (Estudante de Grad/Pós) ou (Graduado/Pós-Grad), **descrevendo** em que(quais) área(s):

---

MARQUE se (Bolsista/Estagiário) ou (Empregado/Autônomo), **descrevendo** em que(quais) área(s):

---

(ENCERRAMENTO DO QUESTIONÁRIO UTILIZADO)

Adotou-se como desfecho dicotômico (presença/ausência) uma premissa de respostas positivas quanto às variáveis:

- 1) identificação de elementos da mística e da espiritualidade (resultado obtido: 76%);
- 2) formato de apresentação combativo (resultado obtido: 93%);
- 3) formato de apresentação de resistência (resultado obtido: 72%);
- 4) formato de apresentação potente (resultado obtido: 72%);
- 5) formato de apresentação provocador (resultado obtido: 58%);
- 6) indicação de pelo menos 10 das 20 interfaces com a saúde (resultado obtido: 46%);
- 7) indicação de Aprovação no Exame (resultado obtido: 95%);
- 8) indicação de viabilidade no campo da saúde (resultado obtido: 81%);
- 9) indicação como trabalho acadêmico (resultado obtido: 76%).

Trata-se um conjunto hipotético de variáveis que sugerem uma apresentação de ethos-profanador (19 dos 43), caracterizado como fora das práticas da ciência e atinente às práticas de relações contra-hegemônicas dos saberes utilizados, embora legitimados ao campo da saúde e da universidade, conforme a percepção dos entrevistados.

A análise dos dados procedeu-se a partir do software SPSS 20.0, com a realização inicial de uma análise univariada (descrição dos dados, nos termos das porcentagens de respondentes para cada variável/questão). Em seguida, a análise bivariada (análise simultânea de duas ou mais variáveis cruzadas, que permite estabelecer relações, ou seja, determinar se as diferenças entre a distribuição de duas variáveis são estatisticamente significativas, com o objetivo de pesquisar influências, causalidades ou coincidências).

Esta fase da análise construiu-se a partir dos Testes do Qui-Quadrado (para valores esperados maiores do que 5 nas caselas) e Exato de Fisher (valores esperados menores do que 5 nas caselas). Calculou-se a Odds Ratio bruta (que permite identificar uma possível associação causal), sendo considerados estatisticamente significantes os resultados que apresentaram valor de ( $p < 0,05$ ) e intervalo de (confiança=95%).

Variáveis	Profanação				OR	IC 95%	Valor p
	Sim		Não				
	n	%	n	%			
<b>IdentfCienciasSociaisHumanas</b>							
Sim	17	60,7	11	39,3	10,05	1,89 - 53,41	0,003
Não	2	13,3	13	86,7	1,00	-	
<b>FormatoApresResistencia</b>							
Sim	18	58,1	13	41,9	15,23	1,74 - 133,11	0,003
Não	1	8,3	11	91,7	1,00	-	
<b>FormatoApresPotente</b>							
Sim	19	61,3	12	38,7	-	-	<0,001*
Não	0	0,0	12	100,0	-	-	
<b>ApresRefleteNaoConvencia</b>							
Sim	11	73,3	4	26,7	6,88	1,68 - 28,1	0,005
Não	8	28,6	20	71,4	1,00	-	
<b>ApresRefleteSingularidade</b>							
Sim	14	63,6	8	36,4	5,60	1,48 - 21,13	0,009
Não	5	23,8	16	76,2	1,00	-	
<b>ApresRefleteCriatividade</b>							
Sim	11	64,7	6	35,3	4,13	1,13 - 15,1	0,028
Não	8	30,8	18	69,2	1,00	-	
<b>ApresRefleteSensibilidade</b>							
Sim	19	50,0	19	50,0	-	-	0,056*
Não	0	0,0	5	100,0	-	-	
<b>InterfaceSaudecomParticipacaoSocial</b>							
Sim	7	70,0	3	30,0	4,08	0,89 - 18,81	0,079
Não	12	36,4	21	63,6	1,00	-	
<b>InterfaceSaudecomVinculacao</b>							
Sim	15	57,7	11	42,3	4,43	1,13 - 17,34	0,027
Não	4	23,5	13	76,5	1,00	-	
<b>InterfaceSaudecomEngajamentoPolitico</b>							

Sim	12	66,7	6	33,3	5,14	1,38 - 19,11	0,012
Não	7	28,0	18	72,0	1,00	-	
<b>InterfaceSaudecomSentidodeVida</b>							
Sim	16	53,3	14	46,7	3,81	0,87 - 16,67	0,067
Não	3	23,1	10	76,9	1,00	-	
<b>InterfaceSaudecomModosdeViver</b>							
Sim	13	59,1	9	40,9	3,61	1,01 - 12,89	0,044
Não	6	28,6	15	71,4	1,00	-	
<b>InterfaceSaudecomTacitoSensível</b>							
Sim	18	51,4	17	48,6	7,41	0,82 - 66,74	0,059
Não	1	12,5	7	87,5	1,00	-	
<b>InterfaceSaudecomRitoAncestral</b>							
Sim	18	52,9	16	47,1	9,00	1,01 - 80,04	0,055
Não	1	11,1	8	88,9	1,00	-	
<b>InterfaceSaudecomIntuitividade</b>							
Sim	12	60,0	8	40,0	3,43	0,97 - 12,09	0,052
Não	7	30,4	16	69,6	1,00	-	

(\*) Teste Exato de Fisher

Por fim, gerou-se um modelo de regressão logística (análise multivariada), que é definido como uma técnica estatística para desenvolvimento de modelos que visem entender ou prever a relação existente entre uma variável categórica, que assume um entre dois valores possíveis (ex., “sim” e “não” etc), e um conjunto de variáveis explicativas (HOSMER; LEMESHOW, 2000).

No curso da geração desse modelo, utilizou-se o método Stepwise, definido como um processo de estimação de modelos estatísticos onde variáveis independentes são movimentadas (adicionadas ou retiradas) conforme o poder de discriminação que agregam ao grupo de variáveis preditivas (Hair Jr. et al, 2005). As variáveis utilizadas neste método foram aquelas identificadas na análise bivariada com associações estatisticamente significantes em um nível de até 0,300 (30%).

Para atestar a adequação do Modelo formulado, utilizou-se o teste de Hosmer-Lemeshow e a curva ROC. O Teste de Hosmer-Lemeshow é uma ferramenta que afere a acuracidade do poder preditivo do modelo, por meio da avaliação da variável dependente, do agrupamento dos dados e da comparação ao valor calculado (Hair Jr. et al, 2005). A Curva ROC é um gráfico de sensibilidade (ou taxa de verdadeiros positivos) versus taxa de falsos positivo. A área sob a curva ROC é uma medida do desempenho de um teste (um índice de exatidão do teste – por exemplo, um teste incapaz de discriminar indivíduos doentes e não doentes, teria uma área sob a curva de 0.5 (seria a hipótese nula); acima de 0,70 é considerado desempenho satisfatório; Margotto, 2010).

MODELO EXPLICATIVO TESTADO:

**[Apres Reflete NaoConvencia]**

4. Durante a sua experiência nesse Exame de Qualificação de um Projeto de Mestrado na FAMED-UFC, VOCÊ PERBECEU UMA APRESENTAÇÃO QUE REFLETE:

4.6. (\_\_\_) Um compromisso de reduzir opressão social ao não se reconhecer nas categorias de identidades, de culturas, de histórias, de revoluções?

**[Formato Apres Resistencia]**

3. Durante a sua experiência nesse Exame de Qualificação de um Projeto de Mestrado na FAMED-UFC, VOCÊ CONSIDERA QUE O FORMATO DA APRESENTAÇÃO ESTEJA BASEADO EM:

3.4. (\_\_\_) Uma dimensão de confronto, desobediência, resistência?

**Variáveis na equação**

Variáveis	Valor-p	OR ajustada
Apres Reflete NaoConvencia	0,025	5,94
Formato Apres Resistencia	0,026	13,15

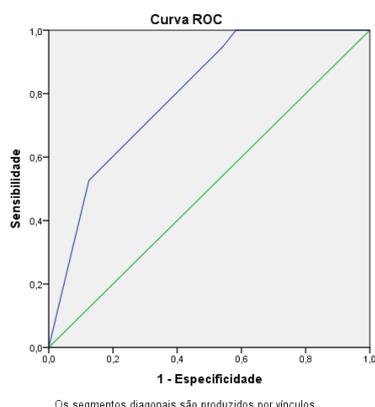
Constante	0,010	0,05
-----------	-------	------

**Teste de Hosmer e Lemeshow**

Qui-quadrado	Valor-p
1,449	0,485

**Resumo do modelo**

R quadrado Nagelkerke
0,408



**Área sob a curva**

Variável(eis) de resultado de teste:	Probabilidade prevista			
Área	Modelo padrão <sup>a</sup>	Sig. assintótico <sup>b</sup>	Intervalo de confiança assintótico 95%	
			Limite inferior	Limite superior
	,797	,067	,666	,928

A(s) variável(eis) de resultado do teste: Probabilidade prevista tem pelo menos um nó entre o grupo de estado real positivo e o grupo de estado real negativo. As estatísticas podem ser enviesadas.

- a. Sob a suposição não paramétrica
- b. Hipótese nula: área real = 0,5

O presente estudo exploratório<sup>234</sup> rejeita a  $H_0$  (hipótese nula, qual seja de que a apresentação não reproduz/não representa um Ethos correlacionado a Arete-profanação) e aceita a hipótese alternativa  $H_1$  de que existe um ethos singular entre comportamento-poder-saúde nos termos de uma arete-profanação.

Com 95% de significância e 5% de Erro Admissível (confiança), implica considerar que, naquele público investigado, em 100 vezes que o mesmo rito-dança possa ser replicado (uma apresentação com os mesmos elementos), para 95 vezes (variando entre 90 e 100 vezes) o mesmo resultado será encontrado (referente às associações identificadas, novamente repetidas com a mesma relação forte entre os dois elementos identificados); em 5 das vezes “todas as outras coisas que não é” o mesmo resultado poderão

<sup>234</sup> REFERÊNCIAS: COSTA NETO, P.L.O. Estatística. São Paulo: Edgard Blücher, 1977. MASSUKADO-NAKATANI, M.S. Métodos e técnicas de pesquisa em turismo: Amostragem. 2009. Disponível em: <http://www.turismo.ufpr.br/drupal5/files/Aula%2022%20-%20Amostragem.pdf> HOSMER, D.W.; LEMESHOW, S. Applied logistic regression. 2. ed. New York: John Wiley & Sons, 2000. HAIR JR.; J.F.; ANDERSON, R.E.; TATHAM, R.L. et al. Análise multivariada de dados. Porto Alegre: Bookman, 2005. Margotto, P.R. Curva ROC: Como fazer e interpretar no SPSS. 2010. Disponível: <http://www.paulomargotto.com.br/documentos/Curva ROC SPSS.pdf>

ocorrer. Independente de você acreditar, concordar ou entender, esse é o resultado estatístico para a análise dos dados.

---

(Dobra\*14)

---

Cair na ex-periência (“peri”) do Áion-Vida implica suspender o registro e o ordenamento, para instaurar um deslizamento no contemporâneo – implica ser tomado pela sombra, ser absorvido na potência; e, posteriormente, como no processo onde o universo cria a si mesmo, desse movimento que segue expandindo suas fronteiras, “assistir” os atos que se desencadeiam sob a força das colisões. Uma brevíssima transcrição do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (por sua vez, seleção de trechos apresentados em “The cosmic Perspective”), que *inequivocamente* estaria em sintonia às referências do contemporâneo na Filosofia de Giorgio Agamben a partir das estrelas – sempre as estrelas:

A luz viaja extremamente rápido pelos padrões terrestres: a velocidade da luz é 300000 km/s, uma velocidade com a qual é possível dar 8 voltas em torno da Terra em apenas 1 segundo. Entretanto, mesmo a luz leva um tempo considerável para viajar as vastas distâncias no espaço. Por exemplo, a luz leva 1 segundo para viajar a distância entre a Terra e a Lua, e leva 8 minutos para viajar a distância entre a Terra e o Sol. A luz das outras estrelas leva anos para chegar até nós, por isso medimos as distâncias entre as estrelas em unidades chamadas anos-luz. Um ano-luz é a distância percorrida pela luz em 1 ano, em torno de 10 trilhões de km. Note que o ano-luz é uma unidade de distância, e não de tempo. A estrela mais brilhante do céu noturno, Sírius, está a 8 anos-luz de distância, o que significa que quando enxergamos Sírius a vemos como era 8 anos atrás. A nebulosa de Orion, uma região de formação estelar visível a olho nu como uma pequena nebulosidade acima das Três Marias, na constelação de Orion, está a 1500 anos-luz da Terra. Portanto, nós vemos a nebulosa de Orion como ela era há 1500 anos, mais ou menos na época da queda do Império Romano. Qualquer evento que tenha acontecido nebulosa de Órion daquela época para cá não pode ser observado por ninguém, pois a luz desses eventos não pode ainda nos alcançar.

Alguns destaques: “(...) medida de distância, e não de tempo (...) [antes, ontem, hoje, agora, amanhã, depois, talvez... como distâncias] quando enxergamos Sírius a vemos como era 8 anos atrás (...) visível a olho nu (...) vemos a nebulosa de Orion como ela era há 1500 anos, mais ou menos na época da queda do Império Romano (...) não pode ser observado por ninguém”. Não poderá (por ninguém) ser observado por ninguém que está aqui, nesse momento, uma vez que decorrida a travessia da Luz até o nosso domicílio sideral, já teremos morrido depois dos 1500 anos transcorridos. Na fotografia operada pela Voyager 1<sup>235</sup> em 1990, indicando esse “pálido ponto azul” (Carl Sagan) que pela primeira vez foi vislumbrado por registros humanos depois de Saturno, distante há 6,4 bilhões de quilômetros: vê-se uma terra aparentemente sólida que é feita desse vestígio de Luz que se distancia na imensidão, na devastação onde “...em um grão de poeira suspenso em um raio de sol – a terra é um palco muito pequeno em uma imensa arena cósmica...” (ainda Sagan). Buscar “isso” que chamam por Órion no céu é bastante simples. Difícil, porém, diria Agamben, é conseguir manter-se no contemporâneo dessa ex-periência de jamais “encontrar”; difícil, afirmaria Carl Rogers, é conseguir não deformar a abertura dessa experiência radical na permuta sôfrega

---

<sup>235</sup> Ver: [https://www.youtube.com/watch?v=4\\_tiv9v964k#t=105](https://www.youtube.com/watch?v=4_tiv9v964k#t=105)

(cotidiana) por Condições de Valia (de segurança, de cristalização psíquica, segundo Carl Rogers) internalizadas em funcionamentos já capturados (identitários). Quais as implicações ao ato de enxergar (de confiar na visão), se a própria Luz (condição mesma da visão) não habilita ao presente (quiçá ao contemporâneo) no homem? Do que se trata, exata ou rigorosamente, essa referência ao “agora” de uma estrela que vemos, quando tratamos, na verdade, de 1500 anos-luz distantes? E para além de uma constelação ou aglomerado estelar específico, o que implica considerar que, dessa vida e desse universo partilhados, vida em acontecimento, vida em contínua produção de si, de universo em trânsito de expansão que decorre rearranjos próprios em cada sucessão de instantes; quais as implicações desse “agora” que, de todos os meios, é impossível de capturar, que nos é inalcançável, que nos é implacável, que nos é inapreensível como estrela infinitamente fugidia, domínio que é “extrela-estrema” (a “estrema do terreno”, do limite, do estremecimento; que salta, que se move, que não se contém) a distar-distanciar? Consideremos, pois, Sírius e Órion – dois espectros, duas sombras, dois vestígios, dois passados que vagueiam no firmamento dos meus olhos, dois mortos-fantasmas das minhas percepções; dois vestígios que, não obstante o tecido quimérico, apresentam-se como emissores precários que ainda se afastam (em vez de aproximarem-se, mais e mais distantes) do prisma desse planeta-referente, situado em um dos setores quaisquer do universo; emissores-estrelas que confundem e tornam mais improvável qualquer tentativa de aproximação, em função das suas relações/posições enquanto parte-mesma no mecanismo de expansão do universo como um todo. Imaginemos, não obstante, uma distância entre ambos os pontos no céu, Sírius e Órion – não se trata de um percurso de quem se desloca para chegar/aportar/conduzir, ou uma trajetória de deslocamento como transporte de pessoas ou objetos com destinatário. Entre Sírius e Órion, nessa tal hipotética distância de não-trânsito (de potência-do-não que ratifica o aspecto do “não” redutível) que é formulada em unidades de extrela-estrema (u.es), temos o afastamento nômade/errante para o qual a bruxa lança-se entre tais dois espectros. Trata-se, afinal, de uma mesura do impossível entre estrelas que estão no Fora; de uma posição (vôo-bruxa) que se empresta meramente como demarcador a percorrer um rastro de sombra – sobretudo, considerando que o fantasma do Fora não se reconhece pela luminosidade-tardia que nossos olhos quaisquer (nossos e da bruxa) capturam deformadamente; ao contrário, o Fora não diz respeito ao espaço e ao tempo, mas à distância que não se fixa em nenhum dos dois pontos-estrelas, que jamais se fixa no radical, uma vez que não se converte em passado. Esse é o aporte conceitual que Agamben enfatiza para as estrelas, enquanto ilustração do contemporâneo. Enquanto se realiza o vôo-bruxa, as estrelas concomitantemente distam da bruxa e destoam (maximizam as assimetrias) entre si, a partir de suas respectivas trajetórias próprias de afastamentos (universo em expansão, em dilatação de fronteiras). De modo que não apenas o espectro das estrelas no céu é borrado, mas o próprio fantasma do deslocamento (falso deslocamento, deslocamento deformado, deformação na percepção da Tendência Formativa – utilizando o jargão de Carl Rogers) no vôo-bruxa é apagado-enquanto-mesmo-realizado: não se trata como um não-feito ou não-realizado, mas *somente-realizável enquanto concomitantemente apagado* ou impotente-do-ato performatizado (potência-do-não formativa, **ou ainda perFORAatizar**). Não há pontos fixos, de modo que o vôo-bruxa transita

como potência escura – e não como presente discernível. Uma vez que a velocidade de expansão (coincidindo ao efeito mesmo de criação do universo) é mais célere que a travessia hipotética do vôo-bruxa entre quaisquer dois espectros (travessia entre um nada observado, um passado que inexistiu de uma estrela, para um coisa nenhuma da estrela seguintes, ambos, apenas como alucinações de formas desprovidas de presente), as unidades de distância presumidas entre os dois pontos na miragem (visagem, alucinação) sempre aumenta tendendo ao impossível – uma vez que também variou a distância entre as mesmas enquanto movimento próprio da vida, de modo a ultrapassar a distância aproximada na escala/trajetória rasante do vôo-bruxa. Outra noite surge com as rotações fugitivas do sol, e o vôo-bruxa lança-se, “novamente” como esforço de hipotética “continuidade”, embora traceje um vetor de direção completamente diverso e não acumulativo, uma vez que a *distância moveu-se* (superou, apagou, o deslocamento do “tempo” anterior). Embora também sempre se movendo, a bruxa, efetivamente, ao longo do seu Áion-vida (medida de vida, de Peão girando), não reduziu qualquer distância para qualquer estrela – sempre instaurou o novo, o notável, o inaugural, o exuberante – o fulgurante como a própria finalidade ética: o vôo-bruxa não pretende alcançar porquanto não há nada fixado. O vôo-bruxa está fora do tempo e fora do espaço, não é Pólis e jamais efetivou (efetivará!) qualquer distância – seja de aproximação, seja de distanciamento para as estrelas. Como a própria experiência do amor, o vôo-bruxa é potência, é escuro por inteiro. Não é teia, não é superfície de imanência, não é fio de afeto e sensação, não é vibração por intensidade como oferta de alternativa – é pertencimento intransigente ao Abismo. Os Terapóns, diferente dos látrikos (os Médicos, situados no Fazer da Tekhné, ao lado dos Agricultores), sabiam que seus ofícios estavam apartados do núcleo urbano, em ritos desconhecidos para o Lógos. Servos do escuro e do Chamado/Convocação, os ofícios da alma (da Psykhés) eram cultuados sob a vigilância Khaótica do amor (de Éros) e seus ritos arcanos da imortalidade. Não se trata, por conseguinte, de desviar do horizonte da Singularidade, da Invenção para Modos de Si, dessa proposição de uma vida como Áion em sua ferramenta mais imediata de uma Áion-ética. Entretanto, a pro-blemática (o pro-ballo) que perfaz esse campo do Fazer-Ethos-Ético diz respeito, sobretudo, à distância (extrela-estrema) e ao amor (escavação-arké-sombra). Diz respeito, especialmente, à condição de “aristeuem”, do verbo “praticar-areté” (“excelentificação”, o novo-melhor, a superação, o nosso impensável que não sugere o verbo para um pronome de tratamento), que se dirige como *uma posição ética* (o melhor) frente “o-mais-amável” (erasmiotaton). A questão não se empresta ao eixo “erastes-eromenos” (mestre-discípulo), nem ao eixo “himeros-anteros-photos”, mas ao esforço de suficiência no deixar-se (abandonar-se ao) conhecimento pelo Amor, a ponto de ser tragado pela força compressiva dos seus orbitais; habitar no espaço esmagado do escuro, do vôo-bruxa que segue pela distância e o distar borrados; sempre-vivendo o escândalo, algo que não pode existir em si como fixado, localizado, capturado; de modo que, ao interpelar “a quem esse rapaz pertence?”, surja uma resposta que se incorpora como areté amorosa, como verbo-areté que expresse o ser tomado e o ser rendido por Éros, nessa busca, do “qual o valor máximo, maior do ser”, no que se desafia o destino pronto (*Prét-à-Porter*, pronto a vestir), faz pular os cercados das psicologias, das subjetividades e dos humanismos, ousa também amar no escuro próprio

ao corpo herança das estrelas. Se o “chafurdar” não tem objeto-destinatário, o “chaFLEldar” tem uma finalidade, assume um tipo de Fazer-Ético. Seja um Flei<sup>236</sup> com língua amarga de café, ou um Flei com língua mentolada da pastilha Halls, é tanto um ficar cego com o gelo no cu, do gelo como um dedo submerso, da lombrá que chega pelas beiradas, concomitante à estratégia profissional que é anti-overdose (gelo na redução de danos), que define a zona limítrofe para a dissolução na bad-trip escura. Uma experiência da distância no vôo-bruxa a partir de uma Erótik-Áion. O Fazer-Flei (Ética) é uma provocação (de Daniel Peixoto<sup>237</sup>) que tangencia o Ato no escuro que ultrapassa suas fronteiras de definição, que borra suas Arkés. Para certa percepção, Arkés é uma autoridade, terminologia que dirige, que enuncia, evocativo da primeira voz, da voz do mestre; por outra trajetória, Arkés é sugestão de um Início, que fornece tanto uma “estrutura” – via da Ordem, da Lei/Nomos como Ordenamento, do Khósmos como Ordenação –, um “comando” – um horizonte de continuidade, não de retorno mas de abertura que se prolonga... tão longe, tão distante, tão esgaçado: expansão, talvez, enquanto entendimento borrado, enquanto distar... A tal ponto que a própria Arkés realiza seu movimento sobre si mesma, onde o próprio “si” é apenas sombra da Arkés: “arché sauton” para Nicocles<sup>238</sup>, “auton heauton archein” para Cálides<sup>239</sup>, arché sobre arché como ativa-te (estrutura), inicia-te (comando), invoca-te (autoridade). Observa-se, nesse prisma de reticências lógicas, um deslocamento entre os movimentos do cuidado (“epiméleia heautoû”), do conhecimento (“gnotis eautou”) e da vitalidade (“archés autou”). Poderia também ser entendido como um movimento de *chinfrindação* – os menores não legitimados na Pólis, os chinfrins das excelências.

---

#### (Dobra\*15)

Por excesso, por abundância, por excreção, por corrimentos – por tudo que extrapola, pela desmesura, pelos orifícios... que incorporam a impotência (a potência em aberto) e não o imobilismo (potência-desfigurada em identidade preservada). Orgia (anarquia) de todos os preceitos da Dinda-Doxa, uma empanada nos miolos dos conceitos em assadeiras rigorosas. O rito afeiçoa nas entrâncias displicentes do excedente, a partir das alianças entre forças que refutam laços de coerência-totalizante no significado. O rito confunde a soberba no teatro do juízo/julgo linear. Despercebido em suas nuances, extenuações, luxações, é preciso lembrar que o excesso dista quaisquer mundos do desinteresse, do cair frouxamente, da fragilidade, da estultícia – e assim, por reverberações, procede enquanto uma mistura, uma síncope que confunde. É uma profanação dos(as)le(s)ões aprisionados(as) à Pólis, que obsta o processo da matéria-prima a ser encaixada como sujeito e subjetivação, ao resguardar a dimensão apodrecida na carne sem Ordem. É um desvio também para S. Žižek, de quem se interpela na afirmação do radicalismo nas cobranças democrático-Políticas – não se trata de convocar o “impossível”, antecipa aquele filósofo Esloveno, no lastro da exigência máxima como enfado do legalismo insuportável, do explicitar para as contradições inerentes ao funcionamento das instituições e mecanismos Democráticos. Sob o prisma do

---

<sup>236</sup> Ver capítulo específico, na obra “Corpos Anárquicos” (Curitiba: CRV, 2014), organizada por FS Cavalcante Jr.

<sup>237</sup> Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=VOCNoe45gvk>

<sup>238</sup> M. Foucault. História da Sexualidade II – O uso dos prazeres. (p. 216)

<sup>239</sup> M. Foucault. História da Sexualidade II – O uso dos prazeres. (p. 80)

Khósmos, e o mundo da história e sociedade habitualmente esquecem, filósofo e polícia, ambos, resguardam a Ordem, com suas doses metodológicas de violência, de autoridade, de hierarquia (“quem você é, de onde vem...”, inquirirem). Contra ambos, os anarquistas – contra ambos, mesmo para o Norte da América Canadense, mesmo para o Norte da Europa Nórdica, contra ambos, Pólis, do filósofo, da polícia, dos heróis. Enquanto herdeiro das foices que riscam o mormaço do Sertão, das bruxas (as feiticeiras, da voz dos encantamentos – em Red Emma; dos olhos incendiários em Perséfone, ou da voz de Mãe-Biú) e, sobretudo, do pensamento urbano mais selvagem (dessa *verve mais violentamente contemporânea*, que sorve sua fúria do Choque, da Polícia Militarizada, da Relação com os Militares responsáveis pela Tortura etc), esse é um rito que também se inspira no Agonistarka – é um ofício agônico, do distar em agonia que fragiliza a localização, a identidade, a fixação. O Agonistarka (emprestado das potestades nos ginásios, os filhos suculentos de Afrodite) é uma função-parente do Asclepiades (os sacerdotes de Asclépio), no território largo das práticas que apontam a invenção de si e do mundo (em vez da revelação, do consumir-se na verdade decantada). É um Flei, meu bem; e todo o Flei, diferente de um beijo no esfíncter(da boca) alheia, ou da lambida felino-granular no esfíncter, jamais se torna um “beijo” – explico, brevemente. A boca é apenas um dos quarenta esfíncteres distribuídos pela evolução, uma entrada e saída de informações; mas o gesto banal de “lamber a boca”, especificamente, sorver as bactérias (150 milhões de bactérias por mililitro de saliva), gratuitamente, como o faz meu cachorro na minha boca, não é um Flei. Beijar é apenas um ato amorfo regularizado nos contextos e proibições, desses predicados/prejudicados com o desejo que supõe diferenciar, distinguir, classificar como regiões de significados particulares o que é, apenas, uma replicação da temperatura, do gosto e, muitas vezes, até da textura de uma mesma outra superfície – entre lambar o músculo do pescoço e o músculo do braço, talvez, haja mais proximidade, ressaltado o delírio, que a pretensão de valores, sentimentos e sensações ao lambar o bico do peito ou o lambar do saco escrotal. Lamber os lábios é, sobretudo, uma projeção desse delírio de proximidade (intimidade) no anteparo da “língua” que movimenta sentidos, significados, significantes, sensações das mais estranhas. De toda forma, quando se conjectura o raio de um Flei, não há exatamente o recorte na geografia da superfície, não há a zona erógena definida. O Flei é apenas um mergulho no escuro (o quão dentro, ou o quão fora, parece uma questão que desconhece o referenciar do corpo), que faz revirar os olhos, de quem fenece como inapreensível e de quem se oferece como língua incomensurável. *Não ver, e, sobretudo, não encontrar, é uma condição do Flei. É buraco, é abismo. É rito sem passagem, sem travessia.* É um rito de avessar – não o avesso do emissor ou o avesso do receptor, mas o avesso da relação, da travessia, da migração que a língua empreende no escuro; da língua pêndula, ardida, urticada no Fora. É avessar o corpo para não-saber, não-ser, não-reconhecer. Não se trata de substituir a visão do corpo por estrelas que se distanciam, estrelas mais e mais herméticas, como resposta ao projétil que busca rastreá-las. O Flei não é uma estrela, ou a produção mesma das estrelas – as estrelas são apenas um rastro tardio de quem se esqueceu no céu que jamais chega ao presente: entre “...devemos um galo a Asclépio” (Sócrates ao dileto Críton), há também Heiner Müller para todos os seus filhos espirituais: “...devo um morto ao mundo”. Um corpo morto, em dívida, empenhado,

instalado como reparação ao sacrifício. O Flei é uma máquina de avessar o corpo morto do Ato-Pólis em cinza de potência. Fazer-cansar, por isso uma Ética. O excesso do Flei não está retido pela saliva, nem pelo corpo. O Flei desfigura as camadas da fixação nos modos de comportar-se, restitui os cheiros urticantes (confusos) das carnes entre seus vermes. Impregnação degustativo-olfativa. O Flei é Ética no corpo. O Flei inaugura o Paquetão onde só existia um mero corpo. Fulana “está de pacote” (de regra, sangrando) – de quem oportunamente também infere a “regra” como sinônimo de “perder o próprio sangue” (a regra como um padecimento/acometimento/sujeição ao corpo). “Pacote”, de “packetboat”, ou dos “navios de pacotes”, das travessias a vapor das encomendas e dos passageiros (a lá Titanic) – “estar de pacote”, assim, das travessias realizadas *a pleno vapor no mistério da mulher menstruada*, ou dos 28 dias de travessia a intenso vapor (logo com o início do século XIX<sup>240</sup>), entre o Rio de Janeiro e Liverpool – Inglaterra (coincidindo aos tais 28 dias, quando o ciclo menstrual aporta-retorna-desloca-impede ou surpreende): um “grande pacote”, ou grande navio de presença irrevogável, trata do que se impõe ao tempo e que (se) arrasta no espaço, que arranca as forças da inércia, que aporta e forja suas consequências, da aproximação e do afastamento do que demove grandes volumes de água, que aproxima porções e produtos distantes nos continentes. Esse “paquetão” também como um fluxo menstrual intenso – que se achega forte, inesperado, destruidor, que reverbera de modo não antecipado. O “paquetão” é um descontrole à Pólis-Iliada-Idílica. Em espanhol, “pacote” ou “paquetote” é também uma gíria, o “pacote” (o pênis avantajado ou marcado) dos homens. Em Português, especialmente com os desdobramentos de gênero no Nordeste brasileiro, ouviu-se alhures: “você está um paquetão...”, ou “elas são duas paquetão...”; ou ainda, no sentido mais específico, uma saudação: um “simborapaquetão!” (do evento que se apossou, que possuiu, que convocou, que arrastou – da força que não foi capaz de administrar, controlar, submeter à norma). Paketão é a invasão da regra que fura de Contra-temporâneo o mundo da norma. Paketão seria esse tal avessamento do corpo-enquanto-Ordem, avesso pela força/força da regra (não o fugir da regra, da língua, da lambida, da saliva da gramática, mas a condição de absorvido na sua espessura, tomado em profundidade pela desmesura do escuro que sempre retorna molhado) – uma força-forma-outra, o avesso do corpo diagramado em órgãos são de expedientes funcionais. Nesse timbre do argumento, não pode haver esperança numa expectativa de isenta tranquilidade mental ou das amenidades do pensamento sereno de riscos, uma vez que se trata de uma intelectualidade nas vísceras: é no corpo que se recebe a crueldade das entidades – os tiros, as surras, os conflitos e as ameaças; no corpo que os rapazes violentam, em arrastão, na madrugada qualquer de tropeços desumanos; no corpo atiram à queima roupa, salvo na imperícia sem abono sagrado ou piedade nas lágrimas; no corpo a polícia revista no tato, no tácito, na invasão do cuspe tão quente e canino. *O corpo é o mundo caótico e absurdo, é aqui onde se treina para amar como resistência* – um amor que insiste quando não se suporta, amor que não cabe nem em três corpos, mas está abrigado por um, e cujos excessos migram, talvez, para as três próximas vidas. Amar até que o último ame, ao passo que se segue construindo-se com esse amor nas estadias seguintes de nascimentos. E ser

---

<sup>240</sup>Marco, “Antigas Ternuras” (16 de outubro de 2006). Disponível em: [http://antigasternuras.blogspot.com.br/2006/10/o-pato-e-o-pacote\\_16.html](http://antigasternuras.blogspot.com.br/2006/10/o-pato-e-o-pacote_16.html)

capaz de assumir essa violência no corpo, dos gemidos e dos registros, dos encantos com vela, azeite, mel, cachaça, água nas folhas de dracena, de cana do brejo, de guiné; sofrer isso como solvente, e produzir uma força disso tudo – processos que a Dinda-Doxa requisita uma lupa de esforços para entender tal avesso da finalidade. Se a esfera da Ação, do Cuidado é definida como uma aplicação/atribuição/especificação da Ordem (Khósmos) na dimensão da Finalidade, então, o Cuidar de Si (Ética), o Cuidar da Cidade/Governo (Política), o Cuidar da Casa/Contas (Economia) – e até o Cuidar do Corpo-dos-Modernos (BioPoder) –, diferem da Tekhné (da Agricultura, da Navegação, da Medicina etc), a medida que, por ilustração, o Fazer dos Médicos-Asclepiades aguarda, observa, espera que a Natureza (Physis) atribua uma finalidade emergente à Arte (da Terra, dos Mares-Céus, da Cura etc). Trata-se, portanto, de um procedimento artesanal, que adota um sofisticado protocolo de experiências acumuladas que se destinam a uma intervençãoem-final. Enquanto o papel do látrikos desliza entre o Rito e a Cura no Saber Médico, não há cadáver-do-mágico, um “corpo” (aparelho) individualizado (uma aparente unidade biológica e independente, para os Modernos), objeto desajustado em sua constituição ou funcionalidade de sujeito, a ser realocado em uma finalidade antecipada. Quando a “cura” é objeto primevo da prática, emerge uma reorganização das forças na Pólis e no Khósmos, distante da perspectiva de um “corpo”(Moderno) cujos órgãos internos padecem de uma enfermidade singular (conforme a tal perspectiva Anátomo-Patológica que deriva do Saber Médico-Illuminista e sua perspectiva de Intimidade-Interioridade-Privacidade-Individualidade). Embora certa compreensão da Áion-Ética proponha-se confrontar/resistir aos Modos hegemônicos do Fazer-Cuidado (que sugere uma finalidade) e do Fazer-Cura (que acolhe uma finalidade), não está vislumbrada, todavia, a alternativa de aniquilamento para toda e qualquer “finalidade”. De uma escrita que decanta mais tempo no embriagar do Fora, uma escrita de causa própria, por exemplo, que é um processo em si mesmo (e não mais uma atribuição de finalidade), e não um recurso para “dissertar” (representar) ou “explicitar” um Discurso; uma escrita que não é substantiva do material citado, uma escrita que não sistematiza o pensamento; escrita que não supre o Estado (a Pólis) de memória, de autobiografia, de cartas, de verdade etc; escrita que também fere o Tártaro e o Labirinto, como modelos-Hefésticos para o desvio, o margear. Onde não há serventia para a “função” e a “finalidade” como desenrolar de vida, nas trajetórias mais escuras da alma, tanto um Fora do Fazer, como um Fora da Episteme, no fora da Pólis e no fora do Lógos; no fio condutor de um Fazer para uma Étika (Estética e Clínica, enquanto perspectiva de crítica sensível e tensionamento da repetição/aprisionamento) que cede para o Intuir de uma condução Erótika. Da orgia no corrimento de serendipidades: “Simbora-Paketão”! Desta forma, a problemática da “Mágicka” é o que circunscreve o alcance do Ritus: da fantasia somente-enquanto fantástico e fantasma (*phantom*) no escuro; da fábula apenas-se ângulo rítico das forças perturbadoras no imperceptível, das forças do oculto que incidem sobre as criaturas terrestres. Excedente, excesso, exagero, extrapolação, paquetão que recria a sensação da realidade na ultrapassagem do corpo que se revira, que se avessa pelo gesto. A “Mágicka”, assim, como uma prática que não é aquela das finalidades, seja antecipada, seja atribuída, mas uma prática iniciática: que borra as margens na via do “supernaturalístico”, e não do “sobrenatural” – usar

a “língua” no Flei(nem o poeta, nem o gramático; nem o flâneur-pedestre da Pólis, mas um sem-chão no Flei como actante-escuro), movimento de trair (trepar) e trapacear o compromisso de função/finalidade/performatividade no Fazer. O Ritus como uma arké reclinada sobre arké, do Inicia-Te, do Instrui-Te; do contemporâneo não ao presente onde não há estrelas, mas ao espírito-da-era (zeitgeist), ao novo-da-era (neuzeit), ao zero-da-era (urzeit). Recusar a Pólis na potência-do-não (adynamis), e confundir o retorno para o Ato, para a Energieia – a partir de uma exótica, de uma erótica, de uma mítica da potência. Um amor de papelão, um amor Contra-temporâneo. O amor naquela Mandala do Fim do Mundo (em giros horário e anti-horário, em fusos verso e anverso). Embora não se aprecie citações longas, especialmente no mosaico do próprio texto, as anotações de Daniel Barber<sup>241</sup> são oportunas a respeito desse escuro no amor:

(...) The qualification is that potentiality must not be seen as the potentiality for actualisation. On the contrary, potentiality must be understood as utterly autonomous, separate from actuality. This is why, for Agamben, the power of thought belongs to nothingness. Only nothingness, as that which is irreducible to actuality, which does not draw on the potere of what is, preserves the autonomy of thought's potenza. Accordingly, Agamben is concerned throughout his work with the notion of potentiality as something other than a means to actualisation. He conceives a potentiality that fulfils itself not, as is generally presumed, by being actualised, but rather by not being actualised – that is, by retaining the potentiality of nothingness against the actuality of what is. Put otherwise, this potentiality actualises itself precisely by refusing actualisation and maintaining itself as potentiality.

(...) Concomitantly, love – as such a modality – is not an intersubjective matter, a trafficking between two (or more) subjects, nor is it possible for the lover and the beloved to assume the respective roles of subject and object. (...) a sense that what is happening cannot actually be, that it is impossible—and yet it is happening. Such experiences bear particular resonance for Agamben because they make apparent a potentiality that is irreducible to the order of actuality (...) It is in view of this potentiality to remain in potentiality that Agamben speaks of love's 'impotentiality' (P, 181) – understood as a potentiality that refuses the potentiality-for-actuality. In the experience of love, passion becomes not a weak relation to the actual, but a strong relation to the potential, the potentiality that 'gives itself to itself.' Love's essential impropriety, then, is that it falls short of actualisation, of its proper end, remaining instead within the nothingness of potentiality (or impotentiality).

(...) it is a potentiality that belongs to experience and experimentation rather than to contemplation. It must be practiced, for example, by lovers who 'go to the limit of the improper in a mad and demonic promiscuity.' (P, 204). As this is a field of nothingness, its practice proceeds without any initially referenced ground. Indeed, the practice of love is pushed 'to the point of revealing [the lovers'] essential abyss' (P, 204), or non-relation. There is only the circuit between the practice of potentiality and nothingness. The power here remains abyssal precisely because one cannot fix its coordinates apart from this experiential and experimental practice. (...) But if the field of nothingness may be experientially and experimentally practiced, independently of actuality's determinate placing, then the potential for displacement remains. This displacement is an exile from actuality – it has no determinate place to go, yet the exilic journey in itself possesses the means to make a place.

---

<sup>241</sup> Barber, D.C. (2011). The power of nothingness: negative thought in Agamben. Disponível em: <http://www.artsrn.ualberta.ca/symposium/files/original/e201154950237b79144a587991bcb600.pdf>

(...) One must distinguish between the beloved and the attributes or properties of the beloved – not because it is possible or advisable to separate the beloved from its properties, but because one loves the properties precisely insofar as they belong to the beloved. ‘The moment when I realize that my beloved has such-and-such a quality, or such-and-such a defect, then I have irrevocably stepped out of love, even if, as is often the case, I continue to believe that I love her, especially after having given good reason for continuing to do so. Love has no reason.’ (TR, 128) The nature of love is to seek no ground outside of itself, for love is groundless. Love is measured only in terms of itself – that is, only in terms of its experience of the beloved. This is why to love the beloved in virtue of something outside of the lover-beloved encounter – such as the beloved’s properties – is to cease loving.

(...) If love names an encounter of singularities, if it regards singularity independent of its actual placement, then exile names the mode of relation between singularities. Exile names the practice by which novel relations between singularities are generated – generated out of nothing, or out of nothing but singularities. Importantly, it is a matter of ‘exiling oneself to the other as he or she is.’ (CC, 24) Exile does not impose conditions; its hospitality is ‘irrevocable’ (CC,33), its love endures whatever, it is impassioned by all. This absence of preconditions for relation is what makes such relations exilic. There is no condition by which one mediates one’s relation to the other, there is only the relation itself, generated by an unmediated encounter between singularities. In the practice of exile, the only condition is ‘whatever,’ i.e., the other’s ‘as he or she is,’ the other’s ‘as such.’ Love is concerned not with the placement of the beloved, but with the beloved’s singular taking-place. If love is ‘the experience of taking-place in a whatever singularity’ (CC, 25), then exile gives determinacy to the relations made possible by love. Exile prolongs these relations and thus constitutes a new spatial configuration, one driven by the potentiality of spatialisation. The spatial configuration is immanently generated by exilic interaction between singularities dispersed by love. Exile does not arrive in a preconfigured space, for exilic interaction is spatialisation itself.

(...) Agamben’s philosophy is, in fact, more constructive than critical, though this will be missed if we forget that the Potenza bound up in nothingness is very much a power, a kind of force. Potentiality, in other words, is not abstract. To posit potentiality against the actual order of being is not merely to criticise this actual order, as if to call to mind that there are potentialities not permitted in a given order. It is, much more significantly, to practise and experiment with a power that does not submit to the accords legitimated within the given order. The thematic of space brings this out: potentiality in exile breaks with the given order of space, it wanders into nothingness, but in doing so, it exercises a power that generates novel connections (between singularities) that do not simply negate what is given, but construct new spatial relations out of nothingness. This discovery of a power at the heart of nothingness is what makes Agamben’s negative philosophy – his insistence on thinking and practising that which is nothing in relation to the actual order of being – fundamentally constructive.

Da bruxa apátrida, um racha das paredes: do Lógos, da Finalidade, da Prática, da Pólis, do Ato, do Khósmos... Uma Instituição Pública Federal, / Uma Universidade, / Uma Ciência, / Uma Faculdade de Medicina, / Uma Saúde Pública, / Uma Qualificação Pública, / Um Mestrado (Mercado) Acadêmico, / Uma Base de Dados da CAPES, / Uma Banca, Poder, Autoridade, Hierarquia, Disciplina, Descritores em Ciências da Saúde, Profissão, / Mestrandos, Plateia, Mortos, / Ir para o lado de fora, do Fora, da força, um Rito.....Amor que carrega para outro lugar. Amor como força de outro lugar. G. Agamben diria como Potência que não se justifica pelo Ato, Escuro que não enseja, aguarda ou dirige-se para o Claro. Estrelas...ereminiscências.

## POSFÁCIO 2

AINDA ECOS...

(RASCUNHO DE INSÔNIA ENTRE FANTASMAS)

Caro Andy Zamba,

Antes de iniciar a leitura desta carta, escrevo e leio o poema que, quase durante toda a leitura de seu texto-experimento, não parou de me atormentar. A hora cósmica do Búfalo, de Roberto Piva:

O século XXI me dará razão, por abandonar na linguagem & na ação a civilização cristã oriental & ocidental com sua tecnologia de extermínio & ferro velho, seus computadores de controle, sua moral, seus poetas babosos, seu câncer-que-ninguém-descobre-a-cause, seus foguetes nucleares caralhudos, sua explosão demográfica, seus legumes envenenados, seu sindicato policial do crime, seus ministros gangsters, seus gangsters ministros, seus partidos de esquerda-fachistas, suas mulheres navio-escola, suas fardas vitoriosas, seus cassetetes eletrônicos, sua gripe espanhola, sua ordem unida, sua epidemia suicida, seus literatos sedentários, seus leões-de-chácara da cultura, seus pró-Cuba, anti-Cuba, seus capachos do PC, seus bidês da Direita, seus cérebros de água-choca, suas mumunhas sempiternas, suas xícaras de chá, seus manuais de estética, sua aldeia global, seu rebanho-que-saca, suas gaiolas, seus jardinzinhos com vidro-fumê, seus sonhos paralíticos de televisão, suas cocotas, seus rios cheios de lata de sardinha, suas preces, suas panquecas recheadas com desgosto, suas últimas esperanças, suas tripas, seu luar de agosto, seus chatos, suas cidades embalsamadas, sua tristeza, seus cretinos sorridentes, sua lepra, sua jaula, sua estricnina, seus mares de lama, seus mananciais de desespero.

Hoje escrevo, André, ciente de sua figura, e, portanto, faço-o em forma de carta. O que é uma carta senão um mapa? Permita-me um primeiro excursão inicial neste mapa que a você endereço.

Todo mapa está desenhado desde o princípio e como princípio daquilo que procura representar. Aliás, nenhum mapa reconstitui ou representa algo (um espaço, um domínio, uma dimensão); não grafa senão a forma daquilo que é salvo da não existência, salvo na falência e, portanto, sempre em erro. Em busca de refúgio, tentamos escrever mapas a todo tempo. Murilo Mendes desenhou seus delírios de desconjuntado colado ao tempo na expectativa de cartografar-se: deixou apenas traços. Mário Quintana, talvez encantado, sonhou em seu mapa uma rua que nem em sonho podia traçar: sobrou poeira. Borges, inventariando a infâmia, pensou os mapas desmedidos e inúteis: restaram ruínas.

Não restam senão traços. Tudo é traço: as letras das cartas que endereçamos à amada (e não são as cartas o mapa impossível do amor?), as marcas nesse pequeno livro que preencho despreocupado em uma sala de espera qualquer, o tetragrama sagrado. Esse deus – que, como lembra Gershom Scholem, pode ser chamado, mas não pronunciado – que se tornou letra para, na arca da aliança, seguir a cartografia errante do povo que havia escolhido. A sós no deserto, os hebreus corriam os olhos pelo rolo sagrado para tentar decifrar, nas letras, o caminho para a terra prometida (e a promessa? Não seria a promessa o mapa impossível do porvir?). Clamando no deserto, os profetas, esses megafones da promessa do divino, mapeavam os trilhos para a salvação. Salvamos, nos toques transformadores da pena sobre o papel – no *grafema* –, nossa perspectiva de permanência nos *lindes* (e não lides) que são as letras – abstrações minimizadoras que tornam macroscópica nossa imagem *grafada*.

Nenhuma redenção comporta mapas. Estes, como cartas que são, não passam de espaços meio, em trânsito, a caminho de alguém que não sabemos se os lerá. Aprofundados, nossos mapas deslocam-se pelos espaços que tentam marcar, tal como as quatro letras divinas, e, perdidos na impossibilidade de gravar-grafar uma verdade (espacial e histórica – e, lembra-nos Derrida, mesmo a verdade sobre algo teria sua história falseável), lançam-nos na interdição absoluta: não é possível fazer fronteira no deserto, não é possível salvar o que se deixa tocar apenas como *linde*, limiar, entre determinações. Assim, só nos resta perceber a miséria do inóspito de todo mapa: sua condenação à errância.

Nos meandros sombreados das formas indiretas, das leituras anônimas, do desconhecimento absoluto transmutado em “amigos virtuais”, talvez sua figura a mim já se mostrara em outras oportunidades. Entretanto, nesse distanciamento e desconhecimento que outrora havia nos vieses das trocas virtuais, nenhum modo de identificar a sua “classe de ser”, para lembrar Leibniz lido por Deleuze, era a mim possível: não havia nenhum grito seu para se deixar reconhecer, e Andy Zamba era apenas mais um dos nomes a preencher o livro dos rostos (pálidos como os de Lady Wakasa – dos *Contos da Lua Vaga*, de Mizoguchi –, e que, por vezes, também anunciam a morte, inscrita em Sânscrito nas costas de todos estes *viventes que possuem a linguagem*). E hoje, depois de tocar as errâncias de suas cartas, talvez perceba as sombras de suas indagações.

O grito, “o urro, o bicho que a dança pode convocar (p. 22)”, faltava-me até a leitura, nas últimas semanas, deste seu grito que hoje, de forma protocolar, tentamos avaliar sem nenhum protocolo (uma espécie de tentativa de apagamento do sânscrito de nossas costas, de “brincar com as pedrinhas” tal como o menino de que nos fala Heráclito: aiôn). Avaliar, mas o que? Aliás, qual a função, “para além de certo sorriso desinteressado e aniquilador”, da avaliação de um trabalho em que a vida aparece empenhada/embrenhada? Há função possível ou, ao modo agambeniano, não nos seria melhor um novo uso da *função* avaliador? (um esvaziamento de todo conteúdo normativo/normal da forma avaliação em prol do dar ouvidos ao seu grito? Quero dizer, diante da sua “profanação como delinquência epistêmica” seria possível outra forma possível de “avaliação” senão um escrever para despedir-se, um ouvir seu grito e tentar senti-lo como, para roubar um título blanchotiano, *une voix venue d’ailleurs?*)

O grito aparece por tudo na sua dissertação e, mesmo que você não queira falar em nome da vida de ninguém, lembro que há sempre um em *nome de*, há a borda que é a linguagem, a referência que é a linguagem pois, como lembra Derrida, “nunca há nada a não ser referência, uma referência irreduzível,” e, assim, “pode-se também concluir que o referente – tudo, salvo o nome – é ou não é indispensável.” O nome é o do endereçamento, é o remetente que assina e o destinatário (o sempre desconhecido que perturba Maltes Laurids Brigge no confinamento de seu apartamento). Você diz: “Não quero falar em nome da vida de ninguém, embora, a respeito da minha própria vida, queira reivindicar o primado da minha experiência e da minha interpretação, como uma conquista mínima de legitimidade (dignidade) que afirma meus sentimentos sobre a realidade onde estou inserido.”

Seu grito ecoa, André, e, por vezes, parece-me que seu exercício de desaparecimento soa, mais uma vez lembrando Derrida, como uma teologia negativa – um esvaziamento que quer chegar ao mistério do calar-se, tal qual uma iniciação nos moldes eleusinos. Lembro de um texto de Agamben – seu referencial sombreado – em que o filósofo trata de Perséfone (outra protagonista de seu texto). Partindo da etimologia do termo mistério, ele diz que a questão do silêncio que envolve o mistério dos iniciados não envolvia algo velado ao qual teriam acesso somente iniciados, mas um silêncio que dizia respeito aos próprios iniciados.

Retomando os diálogos exotéricos perdidos de Aristóteles, nos quais o estagirita traça uma distinção entre ensinamento (o que é gerado no homem a partir da escuta) e iniciação (quando o intelecto sofre – do verbo *paschein*, e daqui *pathos* - uma iluminação), e os conectando com o *De Anima* e a *Metafísica*, o Agamben explica que a

diferenciação proposta por Aristóteles – na sua teoria da consciência – dá-se justamente porque *paschein* compreende dois significados: o primeiro, que diz respeito àquele que ainda está aprendendo, significa a destruição em ato de um princípio contrário (da *potência de aprender* anterior); o segundo diz respeito ao sujeito que já tem o hábito de um saber e que, mesmo tendo o saber em ato, conserva junto de si a potência de aprender que lhe é anterior (e, em certo sentido, o que é trazido à tona é o motivo da conservação da potência no ato de conhecimento).

Assim, “os dois modos de acesso ao ato da *theoria* aqui descritos correspondem exatamente aos dois gêneros de conhecimento”, o que se dá pelo ensinamento e o iniciático. Desse modo, Agamben interpreta a experiência mística em Elêusis como um êxtase do *iniciado* que, entretanto, não é um processo psíquico inexplicado, “mas uma visão análoga à *theoria*, ao conhecimento supremo do filósofo. Essencial, em ambos os casos, era que não se tratava mais de um aprendizado, mas de um dar-se a si mesmo e um cumprir-se do pensamento”. O acesso ao mistério concedido pelo iniciado é, desse modo, um tocar o silêncio do lugar do discurso. Agamben, tecendo considerações sobre a *Metafísica* aristotélica, conclui:

Na *Metafísica* (1051 b, 22-24), portanto, Aristóteles diz que, no conhecimento das coisas não compostas, o verdadeiro consiste no *thigein kai phanai*, no ‘tocar e nomear’, explicando logo em seguida que a “nomeação” (*phasis*, o proferir palavras não ligadas na forma do juízo) não é a mesma coisa da “proposição” (*kataphasis*, dizer algo sobre algo). O conhecimento adquirido em Elêusis podia, portanto, ser expresso por meio de nomes, mas não por meio de proposições; a “moça indizível” podia ser *nomeada*, mas não *dita*. Isto é, no mistério não havia espaço para o *logos apophantikos* (*de interpr.*, 17b, 8), mas apenas para o *onoma*. E, no nome, acontecia algo como um “tocar” e um “ver” (AGAMBEN, 2010b, p. 15).

Conhecimento e mistério juntos na nomeação: em nome de, André. No mito criacionista judaico-cristãos, o deus jamais nomeia, mas dá à sua criação o dom da nomeação de todas as coisas e, nessa língua prístina, o homem fala apenas por nomes, em nome de. Mas eis que, no mesmo mito, a criatura que nomeia decide descolar os nomes das coisas e, nesse movimento, a fúria divina abate-se sobre sua cria, punindo-a, mais do que com a expulsão do paraíso, com a perda da língua pura que, como lembra Walter Benjamin, não comunicava senão a si mesma.

Esta, a língua dos nomes que até então estava incólume e era especular à língua da criação divina (“Deus não criou o homem a partir da palavra, e ele não o nomeou. Deus não quis submetê-lo à linguagem, mas liberou no homem a linguagem que lhe havia servido, a *ele*, como *meio* da Criação” – BENJAMIN), essa linguagem totalmente congoscível (que na transparência transmitia a própria comunicabilidade), decaí junto com o homem. A entrada nesse nível inferior é a expulsão do homem do *Éden* e sua entrada no conhecimento do bem e do mal.

O saber sobre o que é bom e o que é mau não tem a ver com o nome, é um conhecimento exterior, a imitação não criativa da palavra criadora. Nesse conhecimento, o nome sai de si mesmo: o pecado original é a hora de nascimento da *palavra humana*, aquela em que o nome não vivia mais intacto, aquela palavra que abandonou a língua que nomeia, a língua que conhece, pode-se dizer: abandonou a sua própria magia imanente para reivindicar expressamente seu caráter mágico, de certo modo, a partir do exterior. A palavra deve comunicar *alguma coisa* (afora si mesma). Esse é realmente o pecado original do espírito linguístico. A palavra que comunica do exterior, expressamente mediada, é de certa forma uma paródia da palavra imediata, da palavra criadora de Deus; é também a queda do espírito adâmico, do espírito linguístico bem-aventurado, que se encontra em ambos (BENJAMIN, 2011, p. 67).

Estamos numa língua decaída em que pretendemos falar *em nome de*. Mas o interessante dessa queda da língua – e que, na leitura de seu *experimento de linguagem (que é a sua dissertação)* muito me lembrou essas passagens benjaminianas – é também o que ressalta Dante no seu *De vulgare Eloquentia*: as línguas históricas sempre começam com um grito, um grito de dor, uma interjeição no momento da expulsão do paraíso. Diz Dante:

Quanto à palavra que a voz do primeiro falante pronunciou pela primeira vez, é um ponto que não hesito em considerar mais que claro para uma pessoa com a mente lúcida: foi o equivalente de “Deus”, isto é, *El*, dito em tom de pergunta ou de resposta. À razão parece de fato absurdo e horrendo que o homem tenha nomeado algo antes de nomear Deus, tendo sido criado a partir Dele e por Ele. É portanto razoável que, como depois da transgressão cometida pelo gênero humano, todo homem comece a falar dizendo “ai”, de modo que aquele que precedeu tal transgressão tenha, ao contrário, iniciado com alegria (ALIGHIERI, 1986)<sup>242</sup>.

O que Dante parece evocar é o fato de que, após a Queda, a linguagem humana só pode ter início por meio de um grito de dor e desespero (uma interjeição, portanto, nem uma enunciação, nem uma pergunta ou uma designação; ao contrário da alegria paradisíaca, é o sinal da condenação ao vir a ser). A marca da passagem entre eternidade e tempo histórico, assim, é o arruinar-se da língua alegre dos nomes em exclamação no grito de dor que assinala toda língua histórica. Não há volta ao mundo edênico dos nomes; a condenação é inexorável. E, na tradição judaico-cristã, desde a primeira língua, a língua pré-babélica, qualquer tentativa humana de reencontro de uma língua dos nomes está condenada (e talvez não só na tradição judaico-cristã, mas mesmo nas quase inefáveis montanhas do Nepal...).

Talvez seja por isso que Dante, no Canto XXXI do “Inferno”, condene Nemrod - um dos gigantes descendentes de Noé, apresentado no Gênesis como um “valente caçador” (Gn. 10,9), e cujos sustentáculos de seu reino foram Babel, Arac e Acad (Gn. 10,10) e a quem a tradição atribui o projeto de construção da torre de Babel - à perda da linguagem significativa. A condenação, entretanto, não é ao silêncio, mas à fala desarticulada, ao pronunciar glossolálico de sons que não produzem sentido. Na condição infernal, Nemrod perde a capacidade de uma *voz articulada* (a *phoné enartros* aristotélica) e, com isso, todo *logos* lhe é interdito; porém, não só a capacidade de articular a voz perde Nemrod.

Acrescento que, para além da perda do *logos* (que aqui não é apenas uma referência à razão), em sua condenação está também a perda da própria capacidade de gritar (nenhuma interjeição parece possível, nem mesmo enquanto *avesso* do *logos*, isto é, enquanto grito). Como sugere Daniel Heller-Roazen, a proposta dantesca de que as línguas históricas surgem de uma interjeição deve ser lida como uma condição da própria língua. Isto é, “assim como pode haver uma exclamação [...], pode haver uma língua [...]; uma língua na qual alguém não possa gritar absolutamente não seria uma língua humana”.

Talvez sua aposta numa ética negativa seja aquilo que nesta carta me faça esboçar um sorriso de alegria (ainda que, como seu texto, sem nenhuma esperança): essa certa “toxicidade que garante a vitalidade, que você lê na linguagem do Butô (e que, de tomo modo, suscitou-me a noção de *pharmakon*).

Toda a longa citação que você faz (e endossa) de Bensusan – a ética negativa como elemento de ingovernabilidade – me lembraram o princípio da *iniquivalência* que Jean-Luc Nancy (outro autor que a você será interessante no rol de seu experimento) brada como possibilidade de uma *an-arké*, de entrada em um tempo (que,

---

<sup>242</sup> Todas as citações de textos em outros idiomas que não o português foram traduzidas pelo autor.

lendo seu texto, posso pensar numa associação ao que você denomina *aionética*) nem de *construção*, nem de *desconstrução*, mas apenas de *strução*. Diz Nancy:

Quero dizer que depois de longas e potentes construções, seguidas de também longas e massivas destruições, e por meio de desconstruções que abriram o caminho para desmontagens e suspensões, um tempo chega para considerar a ou as *strução(ões)*, isto é, a partir do latim, os montes, as pilhas, os elementos não construídos, sem arqui-tetura, conjuntos an-árquicos, ou seja, *an-arquistas* como a verdade de nossa situação. É preciso que pensemos dentro disso. Não está construído, edificado, nem é edificante. É an-árquico.

Ainda na mesma entrevista, ele pensa um comunismo da inequivalência (que me seu texto aparece no amor de Alain Badiou) que ele retoma em *Verdade da democracia* nos termos da afirmação de um valor incomensurável que, ainda que aparentemente idealista, é um princípio de realidade:

Jamais de um “tudo se vale” – homens, culturas, palavras, crenças –, mas sempre de um “nada se equivale” (salvo o monetário, que pode sempre tudo se tornar). Cada um – cada “um” singular de um, de dois, de muitos, de um povo – é único de uma unicidade, de uma singularidade que *obriga* infinitamente e que *se obriga* a ser colocada em ato, em obra ou em trabalho. E, ao mesmo tempo, a estrita igualdade é o regime em que se partilham esses incomensuráveis.

Ao que você bem sinaliza como Estado-Capitalisata que “cuida” das necessidades distribuídas no tempo, reabilita os vícios dos presos e drogados em vista de retê-los no exaurir dos corpos que produzem-e-consomem (p. 119), contrapomos (e sua dissertação-grito é isso) o inequivalente e singular: e na carta de 31/10/13 você diz: “Tudo é selvagem, vultos nômades. Sons da incompreensão e do primitivo... Butô, Tirô, Gozô – Lavô, Arrumô, Deitô: Arrazô ou Peidô?”

Nesse Butô é o Andy com seus afetos, com afetações perdida – maior do que a profanação literal; do lado de fora, é a performance cotidiana e banal... até bonita, no seu melhor, ou tecnicamente refinada. Não mais. Dançar por todo o nosso escuro, por todos os abusos e lacunas. Esvair-se pela sombra negada, suprimida, sufocada, burlada pelas luzes. Eu vou dançar para cultivar os mortos e os antepassados. Não apenas. O meu voto é que eu vou chorar por quem nunca pôde chorar, eu vou gritar por quem nunca pôde gritar, eu vou morrer por quem nunca pôde morrer.”

Em nome de... em nome de... e gritando, André. E essa carta já era uma carta a alguém que jamais poderia lê-la. E, como ecos das cartas (ainda não li todas elas), talvez essa sua vontade de evasão que constato, por vezes, no texto. Uma tentativa de debanda da contenda entre os mortais (ainda que, bem o sei, você é um contendedor incansável): “não quer contribuir, especialmente com meus textos, para o entendimento e operação desse mundo. As lutas não me seduzem, não me revolvem, não me encantam: dos gregos aos modernos, sejam as lutas pela Ordem (universal), sejam as lutas pelo Desejo (singular) (p.28).” Mas o seu grito e sua dança são uma luta – e, mais, uma luta pela vida para além da enalacrada *bioética* dos debates médicos (muitas vezes inócua e aprisionada nas cadeias de *Cronos*: um lamento pela perda, uma exortação da *posse* sobre o *dom* que é a vida).

Mas, volto à carta e me dou conta do nome, do destino, o que me remete aos meus anos insulares (2005-2013). Em outubro de 2006, durante a Semana de Pesquisa e Extensão da UFSC, pela primeira vez ministrava um minicurso: “Topografias modernas da exceção”. Éramos, meu amigo Jonnefer e eu, mestrandos terminando o segundo ano de pesquisas às vésperas de defesa de dissertação. Com isso, e como é comum nesses grandes eventos, o minicurso atraiu poucos alunos e, dentre eles, estava seu destinatário: Evandro Brèal. Se o seu texto podia surtir/fazer um sentido (não protocolar, não propedêutico, não formal, mas, de fato, missivo e intensivo) era, como você o diz, pelo espanto e assombro.

Evandro era ainda um graduando e, por interesse em Agamben, foi fazer o minicurso no Centro de Ciências Jurídicas (onde Jonnefer e eu fazíamos o mestrado em filosofia do direito). Nunca nos tornamos amigos, mas, anos depois, quem migrou para o Centro de Comunicação e Expressão para fazer o doutorado em Teoria Literária fui eu. Lá Evandro fora meu colega em algumas disciplinas e sempre nos encontrávamos pelos corredores e cafés. Meu assombro nestes dias de leitura de sua dissertação não poderia ter sido mais significativo. Não significativo como um sentido, como uma verdade revelada, mas mais um desses eventos do mistério que, como diz Agamben, é a própria vida.

Muito pensei sobre o que lhe falar e sobre como (se é que possível) avaliar seu trabalho. Depois do assombro – de ver um pouco mais de traço de estrelas no escuro céu de Curitiba –, não me restava outro modo senão esta carta que hoje leio para você e que, agora, entrego como agradecimento pelo convite para participar deste seu *experimentum* tão próprio e, ao mesmo tempo, tão comum, como é isto, indecível e incindível, a que chamamos vida.

Obrigado,

**Vinícius N. Honesko.**

(Carta lida em 11 de dezembro de 2014)

Membro Avaliador da Banca Examinadora

UM TEXTO PARA A DEFESA DO ANDRÉ FEITOSA

O texto que tenho em mãos, em sua primeira versão, provocou, evidentemente, perplexidade, estranhamento, e uma imensa dúvida, acarretada pela situação singular que ora se apresenta: este trabalho pretende fazer-se passar por dissertação, e reivindica um título de uma instituição que o autor despreza, ou condena, ou odeia, ou tudo isso junto.

Caberia então ao examinador portar-se como juiz dessa ação e seus desdobramentos, usando as prerrogativas que o sistema lhe confere? Esse juiz, se lhe atribuirmos tal investidura, teria o direito, ou dever de coibir manifestações de desordem no seio da Universidade? Tal dissertação de mestrado poderia ser considerada uma manifestação de desordem? Uma demanda se ligaria a outra, e teríamos uma discussão filosófica e ética sem fim. Que fazer então?

Uma outra questão que contribui para a dificuldade de se assumir uma atitude: isto é uma poética? Um texto filosófico? Um hibridismo? Num momento em que os discursos em geral são tomados por imagens, em que a comunicação virtual toma conta dos relacionamentos, surgem as dificuldades de se estabelecerem fronteiras entre os gêneros textuais. Numa das epígrafes de seu trabalho, André Feitosa cita um trecho de *Stanze* de Giorgio Agamben, que fala da antiquíssima cisão entre poesia e filosofia, entre a palavra poética e a palavra pensante.

Segundo Agamben, há uma tendência a se considerar da seguinte maneira a cisão: a poesia possui seu objeto sem o conhecer, e a filosofia o conhece sem o possuir. Em outras palavras, a poesia torna a linguagem seu próprio objeto, enquanto a filosofia não possui seu objeto por não poder representá-lo. A questão do gênero discursivo ressoa sem respostas definitivas na cultura pós-moderna, e evidentemente este texto do André Feitosa navega nessa discussão sem chegar a um porto.

Por um lado, o texto tende ao conhecimento, mesmo porque o estatuto do presente discurso pressupõe essa direção; por outro, a presença da palavra artística aponta para a linguagem-objeto, para a linguagem-poesia, mas afinal nenhuma das duas situações se define totalmente, permanecendo a tensão, a contradição, a indecidibilidade, conforme declara o autor: “Gosto de imprecisões, ambiguidades e, sobretudo, contradições. Gosto quando os mundos demarcados são ameaçados na alteridade, no estrangeiro” (p. 55).

Uma dissertação, uma tese, conforme definições estabelecidas institucionalmente por um conjunto de saberes a que denominamos academia, ou universidade, tem seus parâmetros geralmente definidos. Em seu livro *Como se faz uma tese*, Umberto Eco esboça alguns passos para se elaborar esse tipo de texto:

- identificar um tema preciso,
- recolher documentação sobre ele,
- pôr em ordem esses elementos,
- examinar o tema em relação aos documentos recolhidos,
- dar forma orgânica às reflexões daí derivadas, e
- “empenhar-se para que o leitor compreenda o que se quis dizer e possa, se for o caso, recorrer à mesma documentação a fim de retomar o tema por conta própria”.

E conclui:

- “Fazer uma tese significa, pois, aprender a pôr ordem nas próprias ideias e ordenar os dados: é uma experiência de trabalho metódico; quer dizer, construir um “objeto” que, como princípio, possa também servir aos outros” (p. 5).

Admitamos que Umberto Eco não seja o mais rigoroso dos argumentadores acadêmicos e que seus ensinamentos tenham sua autoridade reconhecida pela média dos que se submetem às exigências da Academia. Assim, podemos tentar verificar na dissertação do André Feitosa os traços propostos por Eco como constituintes deste gênero textual.

Penso que podem ser identificados aqui

- um tema,
- uma pesquisa,
- uma certa organização dos elementos pesquisados,
- uma forma final, enfim,
- um “objeto” construído linguisticamente, de forma metodológica,

ainda que seja uma metodologia em desacordo com os pressupostos que tradicionalmente orientam esse conceito, ancorados evidentemente numa visão iluminista e racionalista, que predomina na universidade do mundo ocidental. Não obstante, uma mente enraizada nas metodologias preconizadas pelo templo iluminista poderia contestar com argumentos consistentes a condição de dissertação do texto apresentado.

Particularmente, penso que os procedimentos acadêmicos tendem à cristalização, há uma enorme resistência à novidade, à diversidade, à mudança. Acho inclusive que essa resistência se torna um agravante quando se pensa no Departamento de Literatura, ao qual pertenço, onde se esquece com surpreendente facilidade que a literatura, antes de ser um saber, é uma arte.

Assim, o discurso oficial sobre a literatura aponta para conhecimentos, metodologias, análises, conclusões, atribuições de significados, em sua recusa sistemática do intangível. Beleza, sabor, emoção, paixão são palavras e conceitos normalmente abominados na crítica literária. Às vezes ponho-me a refletir sobre duas palavras que povoam nosso mundo de atuação: Academia e Universidade.

Utilizamos frequentemente a ambas como equivalentes, às vezes sem perceber o quanto elas se contradizem, quanta tensão provocam. Universidade em geral aponta para a abertura, para a discussão de ideias, enquanto a palavra Academia soa como algo mais metódico, cristalizado, impermeável a possibilidades e diversidades.

Obviamente, a utilização dos dois termos no presente discurso tem valor meramente operatório, metodológico, em atenção ao sistema binário que organiza o pensamento racionalista-iluminista. A rigor, a dissertação do André Feitosa seria recusada na Academia, mas certamente seria acolhida na Universidade. Resta-nos então a escolha do operador. Opto pela Universidade, a despeito de suas vicissitudes.

O texto de André Feitosa é realmente questionador. Ele usa o espaço da Universidade, segundo ele próprio parceira e cúmplice da Modernidade Ocidental Iluminista, ele utiliza a linguagem humanista e dentro da casa da razão promove o abalo, o estremecimento, o insólito. Sua proposta é o de conceber um “saber-experiência” tecido em linguagens híbridas para, a partir daí, “descrever fatores protetivos de uma concepção integral de saúde” (p. 13).

O abalo é provocado pelo deslocamento, ou pela profanação das funções originais dos recursos utilizados, a partir do próprio espaço da Universidade e do código linguístico utilizado. Ressalte-se que esse hibridismo resulta em algo bem realizado, no sentido de ser inquietante, abalador, iconoclasta. Essa fatura do texto já foi apontada na qualificação: o manejo consistente da linguagem de esclarecimento, a utilização criativa da linguagem poética, o jogo de afetos e emoções que pulsa em seu discurso.

Bem, eu poderia falar mais um pouco do medo e da dor que a condição de desistente, silenciado e excluído provocam no autor, mas ao mesmo tempo das paixões alegres, da experiência do amor, da experiência da paixão (que constitui, em minha opinião, a parte mais bela de seu texto); poderia falar da abdicação da luta, uma vez que os embates não o seduzem, em sua condição de índio velho a ouvir os balbucios incompreensíveis do homem branco, e que, sendo assim, não pretende contribuir para o entendimento e a operação deste mundo, nem para a funcionalidade do Estado Ocidental,

Moderno, Capitalista, Democrático, Cristão; poderia falar de sua saída para o rito, para o delírio, para o mundo do impoder.

Mas parto direto para a consideração final.

André Feitosa, você declarou na qualificação que é contra todas as instituições, que é contra todas as pessoas que representam as instituições, como juízes e professores universitários. Não obstante, seu discurso é produzido dentro da instituição que você despreza e condena.

Penso na concepção de tese sugerida por Umberto Eco, e citada no início deste texto: “construir um “objeto” que, como princípio, possa também servir aos outros”. Considerando que você faz parte de um Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, que você reivindica o título de Mestre em Saúde Pública, considerando ainda que seu texto “declara conflito de interesses às problemáticas de sua época” (p. 8), considerando enfim que a ética é o diálogo com o outro, a alteridade, pergunto: que tipo de reação você espera com sua ação, que tipo de repercussão você imagina que seu texto e suas performances vão ter no terreno da BioÉtica, Aion-ética, ética da vida?

**Cid Ottoni Bylaardt**

(Lido em 11 de dezembro de 2014)

Membro Avaliador da Banca Examinadora

